



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

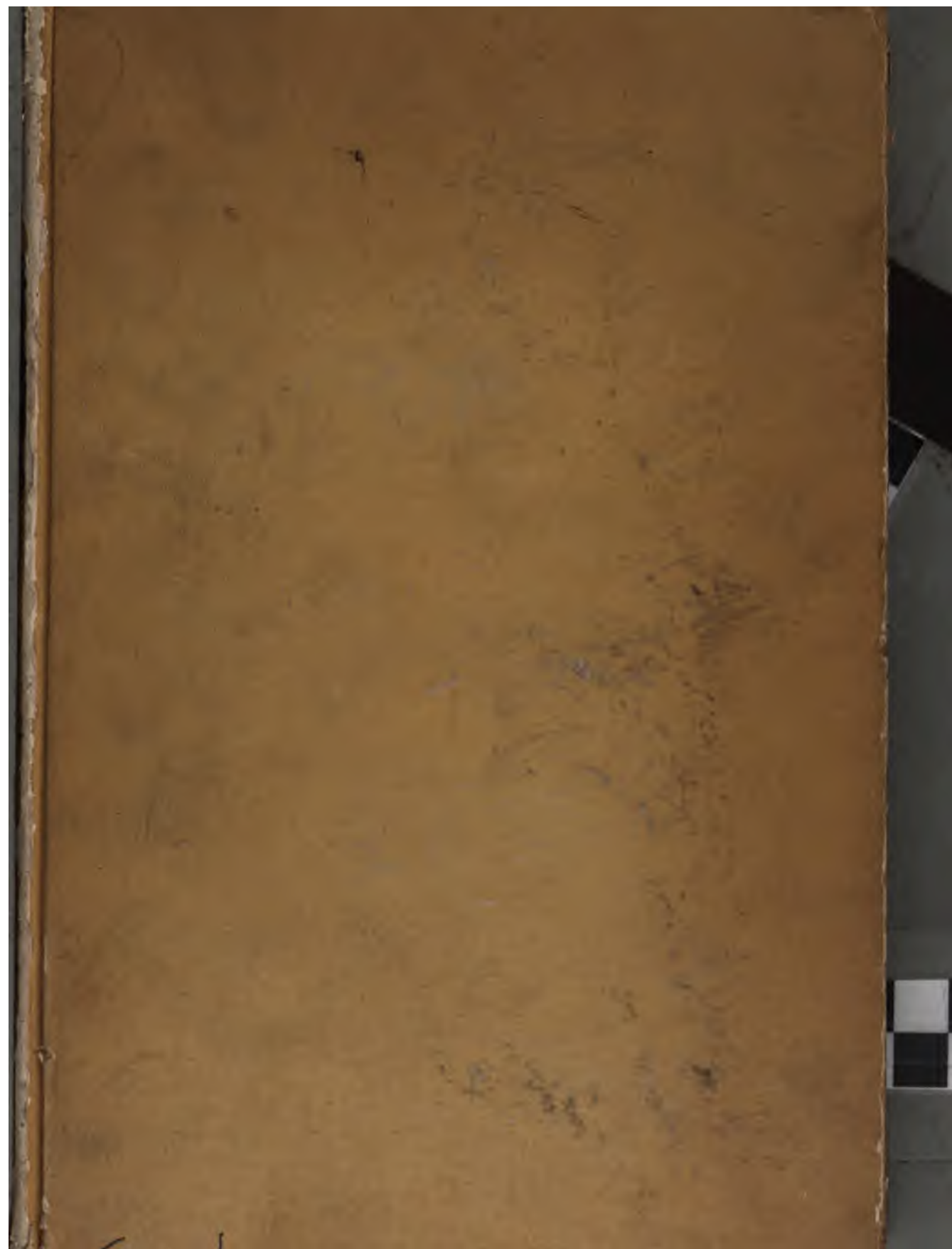
O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

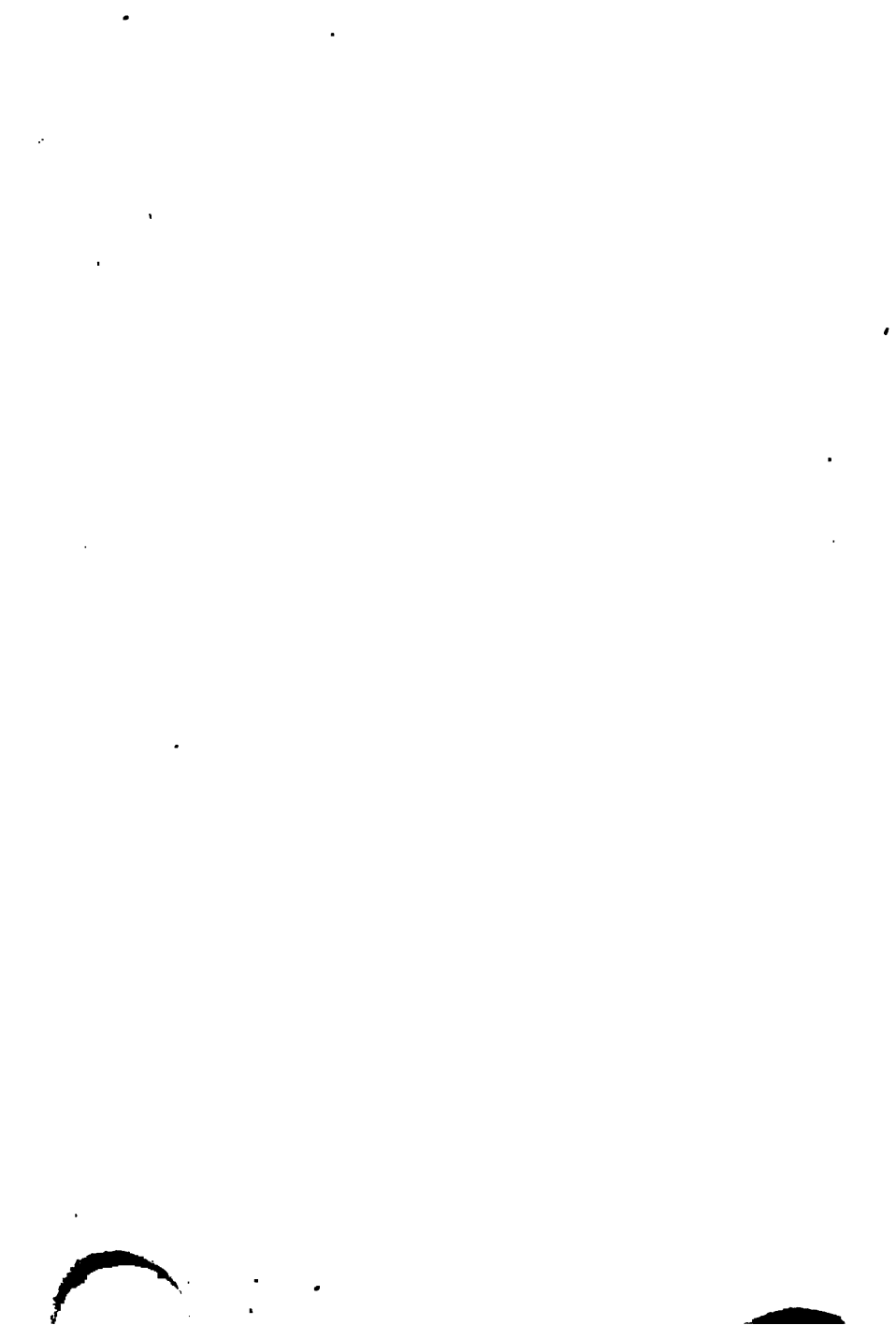
A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>





STANFORD UNIVERSITY LIBRARY
BRANNER BRAZILIAN COLLECTION





COROGRAPHIA HISTORICA.

OBRAS DO DR. NELLO MORAES (*).

QUE SE ACHÃO À VENDA NO SEU CONSULTÓRIO À RUA DAS VIOLAS N. 39, E EM CASA DOS SRS. EDUARDO
E HENRIQUE LAEMMERT, À RUA DA QUITANDA N. 77, NO RIO DE JANEIRO.

<i>Materia Medica ou Pathogenesis Homœopathica</i> 2 v. em 8º, 2ª Ed.	16\$000
<i>Repertorio de Medicina Homœopathica</i> 1 v. em 8º.	6\$000
<i>Nova Pratica Elementar da Homœopathia</i> com um Dictionario tecnico de todas as palavras de medicina e cirurgia 1 v. em 32.	4\$000
<i>Guia Pratica da Homœopathia</i> 1 v.	2\$000
<i>Physiologia das Paixões</i> , contendo estudos philosophicos relativos á mulher, ao homem e particularmente ás paixões humanas 3 v. em 8º.	10\$000
<i>Doutrina Social</i> 1 v. em 12, 2ª Ed.	2\$000
<i>Elementos de Litteratura</i> contendo a Arte Poetica, a Mythologia, a Historia da Litteratura portugueza e brasileira, a Grammatica Philosophica da lingua portugueza, a Logica e a Rhetorica.	5\$000
<i>Ensaio Corographico do Imperio do Brasil</i> 1 v. em 12.	3\$000
<i>Os Portuguezes Perante o Mundo</i> em 2 v. em 8º estando o 1º já publicado	6\$000
<i>O Educador da Mocidade Brasileira, extrahido das Escripturas Santas</i> 1 v. em 8º.	2\$000
<i>Memorias Diarias da Guerra do Brasil</i> , por espaço de 9 annos, 1 vol.	4\$000
<i>Discurso sobre a historia universal</i> 1 v.	1\$000
<i>Luz de Camões levantando o seu monumento ou a Historia de Portugal</i> justificada pelos Lusiadas 1 v.	2\$000

(*) Inedito—Dictionario de Medicina, Cirurgia, Historia natural, etc., etc.

COROGRAPHIA
HISTORICA, CRONOGRAPHICA, GENEALOGICA, NOBILIARIA, E POLITICA
DO
IMPERIO DO BRASIL

CONTENDO

NOÇÕES HISTORICAS E POLITICAS, A COMEÇAR DO DESCOBRIMENTO DA AMERICA
E PARTICULARMENTE DO BRASIL, O TEMPO EM QUE FORÃO POVOADAS AS SUAS DIFFERENTES CIDADES,
VILLAS E LUGARES; SEUS GOVERNADORES, E A ORIGEM DAS DIVERSAS FAMILIAS BRASILEIRAS,
E SEUS APPELLIDOS, EXTRAHIDA DE ANTIGOS MANUSCRIPTOS HISTORICOS E GENEALOGICOS,
QUE EM ERAS DIFFERENTES SE PODERÃO OBTER :
OS TRATADOS, AS BULIAS, CARTAS REGIAS &c. &c.
A HISTORIA DOS MINISTERIOS, SUA POLITICA, E CORES COM QUE APPARECERÃO;
A HISTORIA DAS ASSEMBLÉAS TEMPORARIA E VITALICIA,
E TAMBEM UMA EXPOSIÇÃO DA HISTORIA DA INDEPENDENCIA,
ESCRITA E COMPROVADA COM DOCUMENTOS INEDITOS, E POR TESTEMUNHAS
OCULARES QUE AINDA RESTÃO, E DOS OUTROS MOVIMENTOS POLITICOS :
DESCRIPÇÃO GEOGRAPHICA, VIAGENS, A HISTORIA DAS MINAS E QUINTO DO OURO &c. &c.
AFIM DE QUE SE TENHA UM CONHECIMENTO EXACTO NÃO SÓ DA GEOGRAPHIA DO BRASIL,
COMO DA SUA HISTORIA CIVIL E POLITICA;

PELO

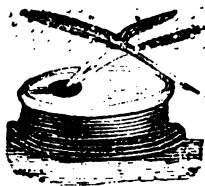
Dr. Nello Moracs (A. T. de)

(NATURAL DA CIDADE DAS ALAGOAS)

AUTOR DE MUITAS OBRAS LITTERARIAS E SCIENTIFICAS

TOMO IV.

Eu desta gloria só fico contente
Que a minha terra ame a minha gente.
(FERRERA P. L.,



RIO DE JANEIRO.
TIPOGRAPHIA BRASILEIRA—EDICTOR J. J. DO PATROCINIO,
Rua das Violas n. 39.

1860.



330813

STANFORD LIBRARY

COROGRAPHIA

HISTORICA, CHRONOGRAPHICA, GENEALOGICA NOBILIARIA, E POLITICA

DO

IMPERIO DO BRASIL

Annuaes do Padre Antonio Vieira.

O Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre, secretario do Instituto Historico Geographico Brasileiro, e um dos mais salientes vultos da nossa litteratura, e de presente (1860) consul geral do Brasil na Prussia (1) nos communicou ter a Revista do Instituto no tom. 5º, pag. 335 a 339 do anno de 1843, publicado as Annuaes do Padre Antonio Vieira, e verificando, apenas encontramos a das *Missões dos Mares Verdes*, e a da *Capitania do Espirito Santo*, e como as possuimos todas extrahidas das originaes, as transcreveremos princi-

(1) Nos Annaes da Historia Patria, é sempre glorioso ao chronista, fazer sobresahir em relevo, as boas qualidades dos benemeritos do paiz, que por seus feitos e nobreza da alma, são dignos de particular menção. O Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre é um dos grandes vultos da nossa terra, já como litterato, como poeta (1) e como artista. Escriptor eloquente, o Sr. Porto Alegre, encanta por seu estylo elegante, por sua facundia, e pelo enunciação seductor. Como homem privado possui tão eminentes predicaes, que o tornão digno do juizo vantajoso que delle fazemos, e de entre elles por sobre todos sahe, o sentimento profundo de gratidão, aos serviços que recebeu, e mais ainda, a nobre franqueza de os apregoar, na mais solemne oportunidade. O Sr. Porto Alegre quando se foi, como artista aperfeçoar na Europa, não-lhe faltando longe da patria, os recursos à vida, e então

(1) Como poeta o Sr. Porto Alegre vai dotar a litteratura brasileira com um Poema heroico de merecimento incontestavel, que intitulado, Colombo, e para darmos ao leitor um conhecimento delle, copiamos do original manuscripto o fragmento seguinte:

[FRAGMENTO DE UM POEMA.]

Colombo está no Genitalio, donde vê Roma; descripção archeologica desta cidade. Colombo, que já viu Tiberio em uma das salas do Palatino, pede a Pamorphio para que lhe faça ver o primeiro triumpho da igreja. Pintura do palacio de Nero, chamado a casa de ouro.

Pisão nas salas da estupenda regia:
Entre o luxo e grandeza oscilla o nauta
Com insolito pasmo! A nova Italia,
Com seus Doges, seus Duques e os seus Papas,
Era um pobre paiz, e Brunesco,
Michelozzo e Orcagna, e Dioto Salvi,

piando pela Annua da provincia do Brasil, mandada á cidade de Roma, ao
geral da Companhia de Jesus do anno de 1624 e 1625, em que o famoso
Antonio Vieira contando os acontecimentos do anno, começa: — *Pax Christi*.

Ainda que a guerra algumas vezes não impede a pena, com que se es-
crevem os successos della, contudo, outras vezes é ella tal, como esta, em
que nos achamos, que tudo perturba, e não dá lugar a escripturas, pelo

no fastigio da grandeza, alli se achava o eminente brasileiro o Exm. conselheiro Antonio
de Menezes Vasconcellos de Drummond, que sciente do estado do joven artista, estendeu-lhe
a mão sempre generosa e boa, a abriga-lo das tristes privações em terra alheia. Mudarão-
se os tempos, e o grande homem, que dignamente representava o Brasil no estrangeiro, cahio
da grandeza, porém cahio coberto de gloria; e como Belisario, atirado á margem, o illustre
diplomata Drummond, Sr. Araujo Porto Alegre, dando conta ao Instituto Historico Geogra-
phico Brasileiro, em presença do imperador do Brasil em sessão solenne de 15 de Dezembro
de 1839, se exprimio assim:

O zelo que nos ha mostrado desde a fundação do Instituto o nosso benemerito consocio
o Sr. conselheiro Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond, se acha completado da
maneira a mais ampla e a mais generosa com as offertas de manuscriptos e autographos
que nos tem feito. Ao encerrar-se os trabalhos do anno passado, e quando já não era pos-
sivel ao meu illustre predecessor no lugar de primeiro secretario, dar conta ao Instituto,
recebemos quarenta e tres maços de manuscriptos e autographos da parte do muito respei-
tavel Sr. Drummond, nos quaes se notão documentos importantes sobre a creação do Erario
do Rio de Janeiro; despachos do Sr. D. João VI, feitos no Brasil; os originaes do tractado com

E Bosohetto, cahirão, como infantes
Que artefactão de argila infantis moles;
Fronteiro ás maravilhas que o ferião,
So vio Granada pleitear com Roma;
Tão bella fôra a habitação do Mouro,
Tão grande ha sido e primorada em luxo!
Que immensa vastidão? Cimbres dourados,
Fandos sophitos pelo ar suspendem,
Donde roreção por eburneos peros
Essencias de mil flores! Perde a vista
O numero e compasso ante os mil fustes
De polidas columnas, que se estreitão
Em longa perspectiva! Quanto a mente
De Calimaco, Ictino, artefactario
Em Corinlio e Athenas resplandece,
E as formas do Pandrosio, consagradas
As deusas protectoras da Pelagia,
O que houvera Adriano junto as faldas
Tiburtinas, ruidosas, nesse imperio
Onde as artes o mundo resumirão,
Em mais alta materia ali se via!
Pedra, architectura, altares, deuses,
E as estatuas, cem povos revelavão:
Ali, entro pilones e obeliscos
Memnon saudava a luz; Isis pousava
A' sombra impervia de flabellos de ouro;
Naquellas pedras parecia ouvir-se
O mago egypto, e o Thomyris sacro
Esotericos psalmos harpejando,
Entre touros alados, Babilonia
Seus vergeis suspendia, e Baal sangrento
Rutlava n'um throno. Aqui se via
A famosa Persepolis, dobrando
Nas oquestres columnas as espiras,
Que a Jonia hellenea eternizou no marmor,
Nem tu pesada Etruria ali faltava,
Nem a pedra varada do Kaibea,
E as grutas de Salsete, e nem as torres
Que o bonzo erguera no azulado rio.

menossão mais largas, e requerem tempo, e algum descanso. Por esta causa, até agora se não escreveu, nem mandou Annuia a V. Paternidade, desde o anno de 1624 para cá, e também, porque não vierão relações dos outros collegios, e casas, e algumas vierão tarde, por falta de embarcações, e difficuldades das navegações, que neste tempo tão trabalhosas forão, e maiores, que nunca; pelo que, sou forçado dar a V. Paternidade conta nesta, do que

a Inglaterra em 1787, e os das missões de D. João de Almeida, primeiro conde das Galveas; muitos papeis que forão de Alexandre Rodrigues Ferreira, e muitos outros autographos e manuscritos de homens de estado e notabilidades scientificas e litterarias, que deixo de mencionar por não entrarem nas vistas e empenho do Instituto.

Nestes papeis se encontrão algumas obras começadas, outras promptas para o prelo, mas que pela inesperada morte de seus autores ficárão no esquecimento; erão filhas do pensamento que devião rutilar á luz do sol, cortar os mares e engrandecer-se com o tempo, mas que á semelhança dos mancebos formosos e intelligentes, arrebatados pela morte na flôr da vida, deixão de existir, e levão para a sepultura os sonhos e almejos, a realisação de seu ser entre os humanos.

Na sessão de 7 de Agosto do corrente anno, recebemos mais do mesmo Sr. Drummond onze maços, contendo trezentos e setenta e sete documentos, entre os quaes encontramos os trabalhos de gabinete de Martinho de Mello, sobre os limites do Norte e Sul do Imperio, acompanhado de mappas; um autographo de Berredo; a correspondencia de D. Diogo de Sousa, governador do Rio Grande do Sul, com o governo do Rio de Janeiro, versando sobre os negocios do Rio da Prata; e um aviso original de D. Rodrigo de Sousa, pelo

Pisão na estancia em que repousa Nero:
Como pregas mimosas e pudicas
Da tunica espartana, a sala adornão,
Estriadas columnas, onde em fachas
O lume e sombras pelos fustes correm,
E no lucido chão se reproduzem:
Nos angulos, em nichor, gesticulão
Estatuas achilleas;
Brotao gemmas e mimoso acantho
Pelas zonas que annellão seu contexto;
Vases murrinhos e crateras de ouro;
Babilonios tapetes, veos do Egypto
Recamados de perlas, aureas tripodes,
Donde adejão em ondas perfumadas
As resinas do Ganges; nas paredes
Paineis sem preço, que adorara a Grecia,
E exornarão seus templos e os triumphos
De Paulo Emilio e do guerreiro Cesar;
Aqui flammeja a opala em mar de leite,
Alli fluctua o corydon phebeu,
E o berylo, que a noite resplandece.
Marchelados suggestos, leitos, mensulas
De raro cedro e de nocturno ebano;
Vasos que entornão pelos curvos labios
Quanto flora resplende. Refulgindo
Pendem, no encruzar das architraves,
Hellios topasios, incendidos pyropos,
Manando sóes das naturaes facetas;
A esmeralda, que as selvas transparece;
O rubim, que não teme o horror da noite,
E o brilhante que bebe a cór das flôres.
Vasos que em zonas reverberão cantos,
Historião no bojo amor, e os deuses,
E o vicio elevão pela mão das artes,
Por toda a parte, na cezarea regia,
Concurso divinal corporifica
Em formas idéicas a formosura
Que infundira na mente creadora,
De tantos semi-deuses—tantos Dedalos!—

succedeu nos dous annos de 1624, e 1625, e ainda não de tudo, porque em todas as partes do Brasil, houverão taes sobresaltos, que impedirão o notar, e não derão lugar a escrever.

Sustenta esta Provincia do Brasil, pouco mais, ou menos cento, e noventa Padres da Companhia, noventa sacerdotes, dos quaes trinta e um, são professores de quatro votos; de tres solemnes, dous; e coadjutores espirituaes

qual se declara que o principe regente não largará os territorios da fronteira de que está de posse; muitos documentos importantes sobre Mato-Grosso, Minas-Geraes, S. Paulo, Pará, Rio Grande, e alguns sobre a independencia, sendo de notar um que tem appensa uma nota escripta a lapis pela letra do proprio ministro, que esclarece perfeitamente a causa que motivou as chibatadas na tropa lusitana!

Encontráram-se mais nesta preciosa collecção oitenta despachos originaes do marquez de Pombal, e dezanove ainda comprehendendo a defesa que Alexandre de Gusmão fizera ao tractado de 1750, copiada pela mão de Thomaz Antonio de Villanova Portugal, e o parecer deste ministro sobre a mesma defesa; o projecto da Companhia Oriental, e o parecer de Sebastião José de Carvalho e Mello, marquez de Pombal, escripto em Vienna no anno de 1748; cartas de D. Luiz da Cunha, com reflexões sobre a governação do reino, e o Compendio Historico sobre os limites com a Guyanna Franceza, por Manoel José Maria da Costa e Sá, que fórma tres volumes in folio.

Ao prepassar a vista por esta curiosa collecção de documentos, ao ver as assignaturas de homens tão eminentes, uma triste ponderação veio acabrunhar meu animo e mostrarme a fragilidade das cousas mundanas; nomes que fazião tremer de medo ou exultar de prazer, assignaturas que levarão o homem e o Estado á ventura e á desgraça, erão por

O céo benigno, e a natura prodiga.
Se a vista sobe, extasiada pasma!
Se falla aos muros, emudece attonita!
Se os passos mede, petrifica os passos!
Amulio e Ludio pelos tectos vagão,
Pamphilo e Zeuxis nas paredes vivem;
No chão a pedra multicolor desenhia
Primorosos paineis, ledos grotescos;
Por toda a parte, com dedaleo accento,
Homero canta aos avisados olhos:
Em cada objecto redivive um fasto,
E em cada fasto se eternisa Roma.
Penetrão no aposento magestoso!
A' luz, que pende do rasgado tecto,
Tudo se anima e multiplica em brilho.
Parrhasio falla c'o as divinas côres:
Archiloco desmaia, Perseo vive
Melnagro e Alcides; neste quadro,
Onde um raio estampára o seu trajecto,
A gloria do pintor Jove assellára.
Fronteiro ao mestre da loquaz palheta
Timantha brilha, revivendo Ajace
Que a Ulisses pede as bellicosas armas
Do filho de Peleo. Entre pilastras
Do vitreo serpentino está Campaspe.
A escrava de Alexandre, premio da arte
Do venturoso Apelles, que fronteiro
Pintara a venus, que venceu Protogenes,
Em meandros se cruzão, se entrelação.
De Thasos, Chio e da Laconia os marmores,
E as gemmas da Carthania e da Thebaida
Formando o socco e pavimento regio;
Em alvos plintos, tressuando lume,
Rutilão vasos de formoso electro,
Movem-se bronzes, pensamentos bellos
De Appolonio, de Phidias, de Agesandro:
A Phryne diva, e o amor querido
Que houvera Cesar, e voltara a Grecia,

formados vinte, e sessenta e dois estudantes: coadjutores cincoenta, e destes trinta formados: estão todos divididos em tres collegios, seis casas, e treze aldeas, annexas ás mesmas casas, e collegios.

No collegio da Bahia residem communmente oitenta; no de Pernambuco quarenta; trinta e cinco no do Rio de Janeiro; na residencia do Espirito Santo doze: na de Santos cinco: sete na de S. Paulo; na casa dos Ilhéos quatro; quatro em Porto Seguro; e quatro

mim olhadas com indifferença, como outr'ora nos muséos da Europa contemplava, coberto, a imagem de deuses que havião colhido oblações de tantos povos, e que hoje só lhe resta o culto das artes: tanto póde a morte, tanto podem os tempos!

Nos mesmos manuscriptos encontramos as *Memorias de D. Luiz da Cunha*, em dous volumes in folio; e em quarto do mesmo formato, o *Registro do Conde de Tarouca*; e muitos outros manuscriptos e autographos que deixo de enumerar para não cansar vossa paciência, e porque mais interessão a Portugal e seus dominios do que ao nosso Brasil.

As actas da *Revista do Instituto* estão cheias do nome do nosso benemerito consocio, que nas differentes missões diplomaticas de que o eucarregarão por espaço de tantos annos, nunca se esqueceu do Brasil; porque naquella peito onde assenta a venera do Cruzeiro desde a independencia, bateu sempre um coração brasileiro.

Herdeiros, em vida, do Sr. conselheiro Drummond, de todas estas preciosidades, colligidas com o tempo, com numerosos empenhos e dispendios, somos-lhes sobremaneira obrigados; são ellas o espolio de um homem laborioso que cegou, de um varão veneravel de muitos titulos.

Permitti, senhores, que una ao vosso agradecimento geral o meu particular; e que eu possa nesta publica solemnidade, neste ensejo augusto, e em face do bemfazejo monarcha, do pai universal de todos os desvalidos e desgraçados, agradecer tambem ao Sr. Drummond a hospitalidade que delle recebi, quando ausente da patria, e com limitadissimos recursos, procurava instruir-me. Ha vinte e dous annos que isto se passou na capital do mundo christão, e o tenho tão presente como se fosse agora.

Não faria certamente esta oblação do peito, se o meu amigo estivesse ainda no fastigio das grandezas humanas, e na senda de uma risonha prosperidade; faço a um cego sexagenario, a uma realidade decahida pela sorte, á sombra de um varão illustre e generoso, que do alto da felicidade tinha o mesmo sorriso que hoje tem para os amigos, e aquella urbanidade, gentileza e bizzarria das almas bem formadas. Comigo deverião fallar agora numerosos Brasileiros e muitos illustres Portuguezes, que elle amparou nas tempestades mundanas. Perdoai-me ainda esta vez, senhores, e desculpai um coração que ama a grandeza na desgraça, e que se compraz todas as vezes em que paga um tributo á verdade.

Rebaido por Nero, em que Praxiteles
Do bello eterno revelou as formas!
Em amplo nicho de virente agáthio
Braceja a pedra em que o divino escopro
A dor gravava do superno antísto
Vitimado por Pallas. A seu lado
Saggita Apollo com divino garbo
A serpente de Jano e d'outra parte
O arco doba nos vergens de Delos
A casta irmã na divindade e arte.

Reclinado, com vestes appollíneas,
Sobre punico leito meste pousa
O cezareo canior, algoz de Roma;
Na fronte joven, pantheão de crimes
Endeoados por elle, pende o ovante
O neutro imperial; nas lisas faces
Ressumbra a pallidas noites de orgias,
Auroras de turpar, dias de crimes.
Nadão-lhe as phrases no corrupto balito.
Que tedio e medo em derredor incutem.
Ao luzir das espadas, baqueavam
Troncadas virgens, pelo chão rolavam

no Maranhão (1): todos elles se occupão em alcançar a salvação, e perfeição propria, e das almas, que é o fim da nossa companhia.

COLLEGIO DA BAHIA.

Com o grande trabalho, e má vida destes tempos, cahirão enfermos quasi todos, os deste collegio, mas de tal maneira os repartio a Divina Pro-

(1) Para irmos documentando os trabalhos de Vieira sobre as varias missões, aqui transcreveremos a cópia de uma carta extrahida das Noticias Historicas e Militares da America, colligidas pelo abbade Diogo Barbosa Machado, para el-rei de Portugal; sobre as missões do Ceará, Maranhão, Pará e do grande rio das Amazonas.

Senhor. — Obedecendo á ordem geral e ultima de Vossa Magestade, dou conta a Vossa Magestade do estado em que ficão estas missões, e dos progressos, com que por meio dellas se vai adiantando a fé e christandade destas conquistas; em que tambem se verá quão universal é a providencia, com que Deos assiste ao feliz reinado de Vossa Magestade em toda a monarchia, pois no mesmo tempo, em que do reino se estão escrevendo victorias milagrosas ás conquistas, escrevemos das conquistas ao reino tambem victorias, que com igual e com maior razão se póde chamar milagres. Lá vence Deos com sangue, com ruínas, com lagrimas e com dôr da christandade; cá vence sem sangue, sem ruínas, sem guerra e ainda sem despezas; e em lugar da dôr e lagrimas dos vencidos, (que em parte tambem toca aos vencedores) com alegria, com applauso e com triumpho de todos, e da mesma igreja, que quanto se sente diminuir e attenuar no sangue que derrama em Europa, tanto vai engrossando e crescendo nos povos, nações, e provincias que ganha, e adquire na America.

Trabalhão este anno nas missões desta conquista vinte e quatro religiosos da Companhia de Jesus, os quinze delles sacerdotes, divididos em quatro colonias principaes do Ceará, Maranhão, Pará, e rio das Amazonas. Nestas quatro colonias, que se estendem por mais de quatrocentas leguas de costa, tem a Companhia dez residencias, que são como cabeças de differentes christandades a ellas annexas, a que acodem os missionarios de cada uma em continua roda, segundo a necessidade e disposição que se lhes tem dado. O trabalho sem encarecimento é maior, que as forças humanas; e se

Do heirophante a cabeça, do archonte
Os gemidos, os ais, e as agonias
E o barbaro furor,
A seus ouvidos echoavão.
Pende-lhe ao flanco a criminoso cythara
Com que outr'ora cantava a luz do incendio
De Roma, o caso da famosa Troya.
Veilada, junto ao leito, transluzia
As fórmas divinas a bella Eucmene
De Strongilon, estatua inseparavel
Do filho de Agrippina. Nero se alça,
Vagacia os olhos pela regia inteira,
De immoveis cythas, de silencio envolta;
A seus pes genúflexo e mudo finje
Tigellino dormir. Conculca-o Nero,
E a fronte lhe une ao pavimento, e o monstro
Alça-se ledo com esgar medonho,
E c'os olhos traidores interroga
Se ha um novo crime a perpetrar em Roma?

NERO:

Tu dormes junto a Cesar, miseravel ?!

TIGELINO:

Junto a Cesar não dorme o bom amigo,
Aquelle que mil vidas trocaria

videncia, que nunca faltarão são que servissem aos doentes no corporal, e no espirital, e acudissem aos proximos. Destes enfermos passou a melhor vida o Padre Fernam Cardim, natural de Vianna de Alvito, Arcebis-pado de Evora, professo de quatro votos, varão verdadeiramente religioso, e de vida inculpavel, mas afavel, e benigno, em especial para com seus subditos, a todos parece desejava, e queria metter no coração, e na alma, de todos se compadecia, a todos amava: prova estas suas grandes entra-

não fôra ajudado de particular assistencia divina, já a missão estivera sepultada com os que nella por esta mercê do céu conservão e continuão as vidas.

O fructo corresponde abundantemente ao trabalho, porque é grande o numero de almas de innocentes e adultos que d'entre as mãos dos missionarios, por meio do baptismo estão quotidianamente voando ao céu, sendo muito maior a quantidade das que recebidos os outros Sacramentos nos deixão tambem certas esperanças de que se salvão. Porque se bem ha outras noções de melhor entendimento para perceber os mysterios da fé e passar da necessidade dos preceitos á perfeição dos conselhos da lei de Christo; não ha porém nação alguma no mundo, que ainda naturalmente esteja mais disposta para a salvação, e mais livre de todos os impedimentos della, ou seja dos que traz consigo a natureza, ou dos que acrescenta a malicia. Estes são os fructos ordinarios que se colhem e vão continuando nestas missões, em que ha casos de circumstancias mui notaveis, cuja narração e historia se offerecerá a Vossa Magestade quando Deos e Vossa Magestade fôr servido de que tenhamos mãos para a seara e para a penna.

Vindo ás cousas particulares, fizeram-se este anno tres missões, ou entradas pelos rios e terras dentro, e fôão a ella tres Padres com seus companheiros, professos todos de quatro votos, e os mais antigos, e de maior autoridade de toda a missão, por serem estas as empresas de maior trabalho, difficuldade e importancia, e todas por mercede de Deos succederão felizmente.

O Padre Francisco Gonçalves, provincial que acabou de ser da provincia do Brasil, foi em missão ao rio das Amazonas, e rio Negro, que de ida e volta é viagem de mais de mil leguas, toda por baixo da linha equinocial no mais ardente da Zona Torrida. Partio do Maranhão esta missão em 15 de Agos. o do anno passado de 1658. e atravessando por todas as Capitánias do Estado, foi levando em sua companhia canoas e procuradores de todas, para o resgate dos escravos, que se faz naquelles rios; e foi esta

Por um dia de Nero; o que em seus labios
Vê o céu entreabrir-se em harmonias,
E nelle Apollo endeosando a terra.

NERO :

Em teus olhos bandosos a amizade
Me embelleza e deifica....

TIGELLINO.

Nego ó Cesar ;

Por Jove, que á lisonja sou avesso,
Não foi ungido com perfumes aulicos
O berço do teu servo e.... teu amigo,
Tu que o ar santificas com teu habito,
E o céu revestes de ineffavel brilho,
E a terra exalças com teus pés divinos,
Deifica do universo, ha! não confundas
A voz alleita ás emoções do peito
Com a mentira de argutos lisinjeros....

NERO:

Alt ! em mim se revela o grande Apollo,
O reranigo, o disse a Italia e Grecia
Nas c'roas triumphaes que me offerirão,
Sei que o mundo retraihe-se a um meu aceno,
Que a terra e meu Olympo, e que se os astros

nhas, o que poucos dias antes da sua morte, por occasião de reprehender um subdito, disse, que nunca, depois que entrara na Companhia tivera má vontade a pessoa alguma, nem escrupulo de tratar seus subditos com paixão, o que bem considerado tanto mais é, quantos forão os annos, que viveu na Companhia, em os quaes ordinariamente governou, e só os annos em que foi provincial, e reitor passão de vinte.

Estendia-se esta sua caridade, tambem aos de fóra, como experimen-

a primeira vez em que o resgate se fez por esta ordem, para que os interesses delle coubessem a todos e particularmente aos pobres, que sempre, como é costume, erão os menos lembrados.

Haverá quatorze mezes, que continúa a missão pelo corpo e braços daquelles rios, donde se tem trazido mais de seiscentos escravos, todos examinados primeiro pelo mesmo missionario, na fórma das leis de Vossa Magestade, e já o anno passado se fez outra missão deste genero aos mesmos rios, pelo Padre Francisco Velloso, em que se resgatárão, e descêrão outras tantas peças, em grande beneficio e augmento do Estado, posto que não é esta a maior utilidade, e fructo desta missão. Excede esta missão do resgate, a todas as outras em uma differença de grande importancia, e é, que nas outras missões vão-se salvar sómente as almas dos Indios, e nesta vão-se salvar as dos Indios e as dos Portuguezes: porque o maior laço das consciencias dos Portuguezes neste Estado, de que nem na morte se livravão, era o captivoiro dos Indios, que sem exame, nem fórma alguma de justiça, debaixo do nome de resgate, ião comprar, ou roubar por aquelles rios. E a este grande damno foi Sua Magestade servido acudir por meio dos missionarios da Companhia, ordenando Vossa Magestade, que os resgates se fizessem sómente quando fossem missões ao sertão, e que só os missionarios pudessem examinar, e approvar os escravos em suas proprias terras, como hoje se faz, e depois de examinados, e julgados por legitimamente captivos, os recebem e pagão os compradores, conseguindo os povos por esta via, o que se tinha por impossivel neste Estado, que era haver nelle serviço e consciencia. Assim que, Senhor, por mercê de Deos, e beneficio da lei de Vossa Magestade, se tem impedido as grandes injustiças, que na confusão e liberdade do antigo resgate se commettião, que foi a ruina espirital, e temporal de toda esta conquista; sendo certo, que se o fructo deste genero de missões se

Me podessem ouvir, se estacarião
Na orbita celeste! Sei, amigo,
Que igualo na grandeza a piedade,
No valor á belleza, e no engenho
Aos proprios deuses! mas eu soffro agora...

TIGELLINO:

Ciosos deuses tua gloria impedem....

XERO

Ciosos deuses, minha gloria invejão!
Vejo em mim perecer a diva essencia,
Pesar-me a vida, deslebrar a gloria,
E viver como tu, como um escravo....
O incendio de Roma em mim se ateia,
Aqui dentro do peito, e sem que eu possa
De uma vez extingui-lo! A cada instante,
Como ingentes trovões, na minha fronte
Ruem columnas, inflammas lectos;
Estão prantos, maldições, vagidos,
Que me ferem de morte. Fecho os olhos,
E nos olhos a flamma se espadeia
Papilando o horror! Se a fronte encosto,
Num chaos de sangue voelcar parço!
Este bello palacio que o meu genio
Caeader levantara, e um precipicio

tarão, e mais particularmente os presos da cadeia, e os pobres do hospital, porque a estes, visitava a miudo, remediando suas necessidades com esmolas, por aquelles intercedia, solicitando suas causas, como proprias, e a todos finalmente ajudava com muito grande amor, e ardia tanto o divino no seu peito, que por Deos os servia, em Deos os representava, e a Deos nelles.

A seu corpo tinha odio santo, castigava-o com disciplinas em cada dia,

computar e medir, não só pelos bens que se conseguem, senão pelos males que se impedem e se atalhão, se deve estimar cada uma dellas, por uma das grandes empresas, e obras de maior serviço de Deos, que tem toda a christandade. Além destes bens espirituaes e temporaes se conseguem muitos outros, por meio da mesma missão, em todas as terras por onde passa, porque se baptisão muitos innocentes, e adultos que estão em extremo perigo da vida, que logo sobem ao céu e se descobrem novas terras, novos rios e novas gentes, como agora se descobrirão algumas nações onde nunca tinham chegado os Portuguezes, nem ainda agora chegarão mais que os Padres. E assim como nas nossas primeiras conquistas se levantavão padrões das armas de Portugal em toda a parte onde chegavão os nossos descobridores, assim aqui se vão levantando os padrões da sagrada cruz, com que se vai tomando posse destas terras por Christo, e para Christo.

Foi companheiro nesta missão o Padre Manoel Pires, bem conhecido neste reino com nome do clérigo de Paredes, o qual depois da ermida e fonte milagrosa, que o deu a conhecer naquelle sitio, estando retirado em um ermo de Roma, fazendo vida solitaria, por particular instincto do céu, veio a pé a Portugal, e pediu ser admittido na Companhia, para servir a Deos nas missões do Maranhão, e já tem feito nesta e na do anno passado pelo mesmo rio das Amazonas, com grande zelo das almas.

A segunda entrada se fez pelo grande rio dos Tucantins, que é na grandeza o segundo de todo o Estado, e povoado de muitas nações, a que ainda se não sabe o nascimento. Foi a esta missão o Padre Manoel Nunes, lente de prima de theologia em Portugal e no Brasil, superior da casa e missões do Pará, mui pratico e eloquente na lingua geral da terra. Levou quatrocentos e cincoenta Indios de arco e remo, e quarenta e cinco soldados Portuguezes, de escolta, com um capitão de infantaria. A primeira

Funesto e movedico! tudo é ouco:
De cada pedra maldições rebentão,
Em cada letra um homicidio leio!
As estatuas se animão, vociferão;
O fogo as lambe, calcinadas cahem,
E de novo s'erguem para mim filando
Uns olhos que não vi, olhos que matão
Como o ethiopo e inerte Catoblepas
Como os olhos da serpe cyrenaica,
Da morte curvada, cujo halito
Quebra as rochas, fenece os arvoredos,
E ao longe mata o cavalleiro armado.
O longevo pocciro, filho d'Adria,
Do grego amado, e preferido ao pramnio.
Que junto ao Nigris c'o olhar trucida!
Mas isto é nada....

TIGELLINO

Não é nada Augusto

São ligeiras visões, fructo da mente;
As tive um dia, mais de um dia, amigo,
Amiz-me a ellas, e ao depois cessarão:
H'je durno tranquillo, e é meu somno
O somno da innocencia.

orphãos de pai, e mãe, nelle tudo tinhão; porque como pai os criava com sua doutrina, e exemplo, e como mãe piedosa entranhavelmente os amava; com tudo por outra parte, sendo que lhe querião como filhos, ainda que com perda sua, se alegrãrão de o vêr fóra deste desterro. Entrou na Companhia, no anno de 1555 de 15 annos de idade; viveu nella sessenta, e falleceu de 75. aos 27 de Janeiro de 1625.

Teve a mesma sorte o Padre Gregorio da Rocha, natural da Capitania de

assaltar os Indios christãos em suas aldeas, ainda naquellas, que estavam, mais vizinhas ás nossas fortalezas, matando e captivando: e até os mesmos Portuguezes não estavam seguros dos Nheengaibas dentro em suas proprias casas, e fazendas, de que se vê ainda hoje muitas despovoadas, desertas, vivendo os moradores destas Capitánias dentro em certos limites, como sitiados sem lograr as commodidades do mar, da terra, e dos rios, nem ainda a passagem delles, senão debaixo das armas. Por muitas vezes quizerão os governadores passados, e ultimamente André Vidal de Negreiros tirar este embarço tão custoso ao Estado, empenhando na empresa todas as forças delle, assim de Indios, como de Portuguezes, com os cabos mais antigos e experimentados, mas nunca desta guerra se trouxe outro effeito mais, que o repetido desengano, de que as nações Nheengaibas erão inconquistaveis, pela ousadia, pela cautela, pela astucia, e pela constancia da gente, e mais que tudo, pelo sitio inexpugnavel com que os defendem, e fortificou a mesma natureza. E' a ilha toda composta de um confuso e intrincado labyrintho de rios e bosques espessos, aquelles com infinitas entradas e sahidas, estes sem entrada, nem sahida alguma, onde não é possível cercar, nem achar, nem seguir, nem ainda ver ao inimigo, estando elle no mesmo tempo debaixo da trincheira das arvores apontando, e empregando as suas flechas. E porque este modo de guerra volante, e invisivel não tivesse o estorvo natural da casa, mulheres e filhos, a primeira coisa que fizerão os Nheengaibas, tanto que se resolverão á guerra com os Portuguezes, foi desfazer e como desatar as povoações em que vivião, dividindo as casis pela terra dentro a grandes distancias, para que em qualquer perigo pudesse uma avisar ás outras, e nunca ser acommetidos juntos. Desta sorte ficarão habitando toda a ilha, sem habitarem nenhuma parte della, servindo-lhe porém em todas, os bosques de muro, os rios de fosso, as casas da atalaia, e cada Nheengaiba de sentinella e as suas trombetas de rebate. Tudo

Um esguicho de sangue vem cegar-me....
Ah! lava-me esta fronte.... não é sangue,
Do Mongibello e fogo.... eu desallego....

TIGELLINO:

Pasmo de ver-te emmeninado agora!
Tu, que disseses no festim de Flora:
« Se a terra inteira uma cabeça fosse....
E o punhal levantado a par da taça
Foste mais alta que a aquilina serve
Do filho de Saturno! E todos vimos
Em teus olhos divinos, e do ferro
Na lamina fulgente um firmamento
Pomposo raliar. Se eu fóra, amigo,
A formosa Cyprina, com meus labios
Tua alma serviria em almos beijos,
Ou morria em teus braços d'essa morte
Em que a phenix do amor feliz se abraça.
Com tua alta razão, com teu imperio,
Domina o vão terror.... fita meus olhos,
Os olhos da amizade, onde teu rosto
Com amor se reflecte, amor immenso,
Qual tu és grandioso, bello e divo!
O nome tutellar tu és de Roma:

as ondas das adversidades, mas como rocha viva sempre se conservou em paz, esteve muito firme, e conforme com a vontade Divina. Na sua ultima enfermidade além das dores, e grande fraqueza, padeceu muita falta de todo o necessario : chegou pois aquella ditosa hora de se partir, a que elle todos os dias convidava sua alma, repetindo com muita devoção, o *proficiscere, anima christiani*, exercitando-se, e actuando-se na lembrança da morte; falleceu com grande dôr, e sentimento de todos, por se verem juntamente

os padres, mas acháão, que estavam divididos em dous braços do mesmo rio, um dos quaes, por ser na força do verão, se não podia navegar. Avistáão-se com estes por terra, e deixando assentado com elles, que se descerião para o inverno, tanto que as primeiras aguas fizessem o rio navegavel, com os outros, que erão quatrocentos se recolherão ao Pará, tendo gasto oito mezes em toda a viagem, que passou de quinhentas leguas. Deixáão tambem arrumado o rio com suas alturas, diligencia que até agora se não havia feito, e acháão pelo sol que tinham chegado a mais de seis grãos da banda do sul, que é pouco mais ou menos, a altura da Parahyba. Os Indios, assim Tupinambás, como Itoquiguáras, se puzerão todos nas aldeas mais vizinhas á cidade, para melhor serviço da republica, a qual ficou este anno augmentada com mais de dous mil Indios escravos, e livres, mas nem por isso ficarão, nem ficarão jamais satisfeitos seus moradores, porque sendo os rios desta terra os maiores do mundo, a sede é maior que os rios.

De mais destas duas missões se fez outra á ilha dos Nheengaibas de menos tempo, e apparato, mas de muito maior importancia e felicidade. Na grande boca do rio das Amazonas está atravessada uma illa de maior comprimento, e largueza, que todo o reino de Portugal. E habitada de muitas nações de Indios, que por serem de linguas differentes e difficultosas, são chamados geralmente Nheengaibas. Ao principio recebêrão estas nações aos nossos conquistadores em boa amizade, mas depois, que a larga experiencia lhe foi mostrando, que o nome de falsa paz com que entravão se convertia em declarado captivo, tomáão as armas em defesa da liberdade, e começáão a fazer guerra aos Portuguezes em toda a parte. Usa esta gente canoas ligeiras, e bem armadas, com as quaes não só impedião e infestavão as entradas, que nesta terra são todas por aguas, em que roubáão e matáão muitos Portuguezes, mas chegavão a

NERO:

Bebi-o ha pouco e redobrou-me os males !
Locusta, a infame, me illudio traidora.
Daria um reino por um copo d'agua
Do Estige fatal, ou das tres fontes
Que o Libroso derrama em Chersonesa;
Ou da gruta de Apollo colophonico,
Da veia sybilina, que ao Averno
Em preclaras visões conduz a vida.
Daria a Galia e a formosa Iberia
Pelo mystico anel do antigo Gyges;
Invisivel de Roma sahiria
Tê que o tempo abrandasse meus remorços;
Mas não, ficava em Roma, sim ficava.
Por artes de Simão, e de Apollonio,
Ao céu me elevaria junto á noite;
Faria crer ao povo, que do empyreo
Junto a Marte velava sobre Roma,
E então, entre romanos, invisivel,
Mór justiça faria! o pensamento
Seria igual ao crime no castigo....
Ai de mim, Tigellino, ei-la que volta!....
(Delirando convulso grita o monstro).
Alli está, minha mãe, exangue, livida,
Em seu leito, em Baia? de seu ventre

orphãos de pai, e mãe, nelle tudo tinham; porque como pai os criava com sua doutrina, e exemplo, e como mãe piedosa entranhavelmente os amava: com tudo por outra parte, sendo que lhe querião como filhos, ainda que com perda sua, se alegrarão de o vêr fóra deste desterro. Entrou na Companhia, no anno de 1555 de 15 annos de idade; viveu nella sessenta, e falleceu de 75, aos 27 de Janeiro de 1625.

Teve a mesma sorte o Padre Gregorio da Rocha, natural da Capitania de

assaltar os Indios christãos em suas aldeas, ainda naquellas, que estavam, mais vizinhas ás nossas fortalezas, matando e captivando: e até os mesmos Portuguezes não estavam seguros dos Nheengaibas dentro em suas proprias casas, e fazendas, de que se vê ainda hoje muitas despovoadas, desertas, vivendo os moradores destas Capitánias dentro em certos limites, como sitiados sem lograr as commodidades do mar, da terra, e dos rios, nem ainda a passagem delles, senão debaixo das armas. Por muitas vezes quizerão os governadores passados, e ultimamente André Vidal de Negreiros tirar este embarço tão custoso ao Estado, empenhando na empresa todas as forças delle, assim de Indios, como de Portuguezes, com os cabos mais antigos e experimentados, mas nunca desta guerra se trouxe outro effeito mais, que o repetido desengano, de que as nações Nheengaibas erão inconquistaveis, pela ousadia, pela cautela, pela astucia, e pela constancia da gente, e mais que tudo, pelo sitio inexpugnável com que os defendem, e fortificon a mesma natureza. E' a ilha toda composta de um confuso e intrincado labyrintho de rios e bosques espessos, aquelles com infinitas entradas e sahidas, estes sem entrada, nem sahida alguma, onde não é possível cercar, nem achar, nem seguir, nem ainda ver ao inimigo, estando elle no mesmo tempo debaixo da trincheira das arvores apontando, e empregando as suas flechas. E porque este modo de guerra volante, e invisível não tivesse o estorvo natural da casa, mulheres e filhos, a primeira coisa que fizerão os Nheengaibas, tanto que se resolverão á guerra com os Portuguezes, foi desfazer e como desatar as povoações em que vivião, dividindo as casas pela terra dentro a grandes distancias, para que em qualquer perigo pudesse uma avisar ás outras, e nunca ser acomettidos juntos. Desta sorte ficarão habitando toda a ilha, sem habitarem nenhuma parte della, servindo-lhe porém em todas, os bosques de muro, os rios de fosso, as casas da atalaja, e cada Nheengaiba de sentinella e as suas trombetas de rebate. Tudo

Um esguicho de sangue vem cegar-me....
Ah! lava-me esta fronte.... não é sangue,
Do Mongibello é fogo.... eu desfalleço....

TIGELLINO:

Pasmo de ver-te ommeninado agora!
Tu, que disseses no festim de Flora:
« Se a terra inteira uma cabeça fosse....
E o punhal levantado a par da taça
Foste mais alta que a aquilina serva
Do filho do Saturno! E todos vimos
Em teus olhos divinos, e do ferro
Na lamina fulgente um firmamento
Pomposo ralar. Se eu fóra, amigo,
A formosa Cyprina, com meus labios
Tua alma serviria em almos beijos,
Ou morria em teus braços d'essa morte
Em que a phenix do amor feliz se abraça.
Com tua alta razão, com teu imperio,
Domina o vão terror.... fita meus olhos,
Os olhos da amizade, onde teu rosto
Com amor se reflecte, amor immenso,
Qual tu es grandioso, bello e divo!
O hume tutellar tu és de Roma:

Pernambuco; tinha ao tempo, em que Deos o levou para si 30 annos de idade, entrou no anno de 1611 de 15 annos na Companhia, e nella viveu outros quinze com satisfação, e observancia religiosa: sabia Bem a lingua da terra, e melhor a exercitou nas aldêas, cultivando os Indios: era enfermo de ordinario, e nas enfermidades mui animoso, e paciente, em especial na ultima que foi mui trabalhosa, e de grandissimas dôres entre as quaes com muita devoção, e consolação da sua alma, recebeu todos os Sacramentos, e falleceu a 9 de Maio de 1625.

isto referimos pela relação de vista do Padre João de Souto-Maior, o qual com o Padre Salvador do Valle no anno de 1655 navegou e pison todos estes serções dos Mheengaibas, entre os quaes lhe ficou uma imagem de Christo crucificado, que trazia ao peito, e qual mandou a um principal Gento, em fé da verdade, e paz com que esperava por elle; o que o barbaro não fez, nem restituiu a sagrada imagem. Foi este caso então mal interpretado de muitos e mui sentido de toda a gente de guerra daquella entrada, de que era cabo o sargento-mór Agostinho Correa, que depois foi governador de todo o Estado; o qual refere hoje, que lhe disse então o Padre Souto Maior, que aquelle Senhor, que se deixára ficar entre os Mheengaibas, havia de ser o missionario, e apostolo delles, e o que os havia de converter a sua fé.

Caeu finalmente no anno passado de 1656 o governador D. Pedro de Mello, com as novas da guerra apregoada com os Hollandezes, com os quaes algumas das nações dos Mheengaibas ha muito tempo tinham commercio pela vizinhança dos seus portos, com os do Cabo do Norte, em que todos os annos carregão de peixe boi mais de vinte navios de Hollanda. Entendendo as pessoas do governo do Pará, que unido-se os Hollandezes com os Mheengaibas, seriam uns e outros senhores destas Capitánias, sem haver forças no Estado (ainda que se juntassem todas) para lhes resistir; mandarão uma pessoa particular ao governador, em que lhe pedião soccorro e licença para logo com o maior poder que fosse possível, entrarem pelas terras dos Mheengaibas, antes que com a união dos Hollandezes não tivesse remedio esta prevenção, e com ella se perdesse de todo o Estado. Resolvida a necessidade, e justificação da guerra, por voto de todas as pessoas ecclesiasticas, e seculares, com quem Vossa Magestade a manda consultar; foi de parecer o Padre Antonio Vieira, que enquanto a guerra se ficava prevenindo em todo o segredo, para maior justificação, e ainda justiça della, se offere-

Alvo da terra, equiparado aos deuses,
Nos céos se estampão teus editos sacros.
A Curia inteira innocentou-te, e Roma
Submissa emudeceu! Perdoa, amigo,
Se as virtudes de um filho agora opponho
A paz do imperio e a justiça eterna:
Na balança do justo, o orbe inteiro
Contra ella clamava;... foi justa;
Bem severa talvez, porém precisa:
Seneca o disse, e o senado unanime!
Executa, agora a voz d'intimo oraculo, um pensamento,
Voz que desce do empyrio a meus ouvidos:
« Aos olhos do porvir Nero está puro;
« Salva o orbe romano, e dedicado
« A's aras sobe, que usurparão deuses
« Tão frageis como o lenho que os figura,
« Tão leves como o verme que em carcoma
« O seu lino reduz.... »

NERO:

Es meu palladio,
Minha guarda e razão, poder e gloria!
D'ora avante, Prefeito das cohortes,
Soe em teus atrios a trombeta angusta
De pretorio invencivel. Nessa frente,

No mesmo anno levou Deos para si, ao irmão Antonio Fernandes, natural da Ilha da Madeira, coadjutor temporal, com vinte e nove annos de idade, e desde a Companhia, da qual entrára de dezenove, no anno de 1615: neste tempo viveu uma vida tão perfeita, e exemplar, com as paixões do corpo, e alma tão mortificadas, e sujeitas á razão, que não parecia homem, mas como muitos lhe chamavão Anjo encarnado. Neste collegio foi perto de oito annos enfermeiro, com caridade espantosa; trabalhava de dia, e noite sem descansar, assistia, e acudia com maravilho-

cesse primeiro a paz aos Nheengaiabas, sem soldados nem estrondo de armas, que a fizessem suspeito-a, como em tempo de André Vidal, tinha succedido. E porque os meios desta proposição da paz parecião igualmente arriscados pelo conceito, que se tinha da fereza da gente, tomou á sua conta o mesmo Padre ser o medianoiro della, suppondo porém todos, que não só a não havião de admittir os Nheengaiabas, mas que havião de responder com as flechas aos que lhes levassem semelhante pratica, como sempre tinham feito por espaço de vinte annos, que tantos tinham passado desde o rompimento desta guerra.

Um dia de Natal do mesmo anno de 1658 despachou o Padre dous Indios principaes, com uma carta patente sua, a todas as nações dos Nheengaiabas, na qual lhes segurava, que por beneficio da nova lei de Vossa Magestade, que elle fôra procurar ao reino, se tinham já acabado para sempre os captiveiros injustos, e todos os outros aggravos, que lhes fazião os Portuguezes: e que em confiança desta sua palavra, e promessa, ficava esperando por elles, ou pelo seu recado, para ir ás suas terras; e que em tudo o mais dêssem credito, ao que em seu nome lhe dirião os porta-dores daquelle papel. Partirão os embaixadores, que tambem erão de nação Nheengaiabas, e partirão como quem ia ao sacrificio (tanto era o horror, que tinham concebido da fereza daquellas nações, até os de seu proprio sangue), e assim se despedirão, dizendo, que se até o fim da lua seguinte não tornassem, os tivessemos por mortos, ou captivos. Crescen e mingnou a lua aprazada, e entrou outra de novo, e já antes deste termo tinham prophetisado o máo successo todos os homens antigos, e experimentados desta conquista, que nunca promettêrão bom effeito a esta embaixada: mas provou Deos, que valem pouco os discursos humanos, onde a obra é de sua providencia. Em dia de cinza, quando já se não esperavão, entrãrão pelo collegio da Companhia os dous embaixadores vivos, e mui contentes, trazendo

Thesouro infindo de leaes recursos,
Uma c'roa porei. Escolhe o reino,
Satrapia ou provincia? tudo cedo
Ao amigo fiel.

TIGELLINO:

O' novo Apollo,
Eu vontade não tenho, eu te obedeco;
Sei que o teu pensamento iguala, excede
Aos destinos do fado. Escuta, amigo:
Temos em Roma uma serpente occulta
Que ameaça tragar todo o imperio,
Uma seita brutal de nazarenos,
Ao verbo escrava de um judeo, que outr'ora
Em Solima Pilatos condemnára.
Avesa a Roma, desconhece a Cesar....

NERO:

A mim, Augusto! protector da terra?

TIGELLINO:

Em antros vive, menos presa os deuses,
Não tem altares, o atheismo segue;
Immersa em trevas, evocando mortos,
Profana o solo da felix metrópoli

sa, e incansavel continuação a todos, sendo, como era, fraco de compleição.

Neste ultimo trabalho da Bahia se apurou mais, e resplandeceru sua caridade, entre tantos enfermos, e tanta falta do necessario mostrava,quão engenhosa era, porque sendo, além dos doentes da casa, que forão muitos, muitos mais os Portuguezes sahidos da cidade,e os Indios da aldêa do Espirito Santo,onde residio, e para todos dava mézinhas, a todos acudia, e a todos visitava; finalmente fazia-se, com tal espirito, que ainda os mes-

comsigo sete principaes Nheengaibas, acompanhados de muitos outros Indios das mesmas nações. Forão recebidos com as demonstrações de alegria, e applauso que se devia a taes hospedes, os quaes depois de um comprido arrazoado, em que desculpavão a continuação da guerra passada, lançando toda a culpa, como era verdade, á pouca fé, e razão,que lhe tinham guardado os Portuguezes, concluirão dizendo assim: Mas depois que vimos em nossas terras o papel do Padre grande, de que já nos tinha chegado a fama,que por amor de nós,e da outra gente da nossa pelle,se tinha arriscado ás ondas do mar alto, e alcançado de el-rei,para todos nós as cousas boas; posto que não entendemos o que dizia o di-o papel, mas que pela relação destes nossos parentes, logo no mesmo ponto lhe demos tão inteiro credito, que esquecidos totalmente de todos os azgravos dos Portuguezes, nos vimos aqui metter entre suas mãos, e nas bocas das suas peças de artilharia, sabendo de certo que debaixo das mãos dos Padres, de quem já de hoje em diante nos chamamos filhos, não haverá quem nos faça mal. Com estas razões tão pouco barbaras desmentirão os Nheengaibas a opinião que se tinha de sua fereza, e barbaria, e se estava vendo nas palavras, nos gestos, nas acções, e affectos com que fallavão o coração, e a verdade do que dizião. Queria o Padre logo partir com elles a suas terras, mas responderão com cortezia inexperada, que elles até aquelle tempo vivião como animaes do mato debaixo das arvores, que lhe dessemos licença para que logo fossem descer uma aldêa para a beira do rio, e que depois que tivessem edificado casa, e igreja em que receber ao Padre, então o virião buscar muitos mais em numero, para que fosse acompanhado como convinha, signalando nomeadamente, que seria para o S. João,nome conhecido entre estes Gentios,pelo qual distinguem o inverno da primavera. Assim o promettê-ão, ainda mal cridos, os Nheengaibas, e assim o cumprirão pontualmente; porque chegarão ás aldêas do Pará cinco dias antes

Que em venturas diarias, em delicias,
Aditas generoso e benfazejo.
Millipedes serpente, occulta, abraça
De Roma as portas e a muralha ingente;
C'o a fronte lacrimosa alui as aras
Protectoras do imperio! — O monstro chora
Se Roma exulta vencedora....

NERO:

Morra.

TIGELINO:

Foge do circo, do theatro e foro;
Não tem patria na terra, nem familia;
Seduz os pobres com occultas dadivas,
Proclama a caridade, iguala os homens;
Nivela-te ao mendigo, ao vil escravo,
E a magia professa; illude os nescios
Com fingidos milagres, com promessas;
Perturba a ordem, o futuro obumbra,
E estado no estado constitui-se!
Cresce, e já conta no palacio e hostes
Fanaticos aos mil.

mos Índios, com serem menos entendidos, se não escondião, e lhe chamavão santo.

Não cuidava, nem curava só com remedios humanos seus enfermos, mas igualmente lhes applicava os divinos, fazendo devoções particulares, por cada um, e assim fazia curas, mais que naturaes, como depois de sua morte se achou apontado em um livrinho seu, que o Santo Anchieta dera saude milagrosa a um Padre, o qual estava tão perigoso, e em taes termos, que ninguem julgou poder escapar. Faltando a falla, para se con-

da festa de S. João com dezasete canoas, que com treze da nação dos Combocas, que tambem são da mesma ilha fazião o numero de trinta e duas outras tantos principaes, acompanhados de tanta e boa gente, que a fortaleza, e cidade se poz secretamente em armas.

Não pôde ir o Padre nesta occasião, por estar mortalmente enfermo, mas foi Deus servido, que o pude-se fazer em 16 de Agosto, em que parto das aldeas do Cametá, em doze canoas grandes, acompanhado dos principaes de todas as nações christãs, e de sómente seis Portuguezes com o sargento-mór da praça, para mostrar maior confiança. Ao quinto dia de viagem entrão pelo rio dos Mapuaezes, que é a nação dos Nheengaiibas, que tinha prometido fazer a povoação fóra dos matos, em que receber aos Padres; e duas leguas antes do porto, sairão os principaes a encontrar ás nossas canoas, em uma sua grande, e bem equipada, empavesada de pennas de varias côres, tocando buzinas, e levantando pocémas, que são vozes de alegria, e applauso com que gritão todos juntos a espaços, e é a maior demonstração de festa entre elles, com que tambem de todas as nossas se lhe respondia: conhecida a canoa dos Padres, entrão logo nella os principaes, e a primeira coisa que fizerão foi apresentar ao Padre Antonio Vieira, a imagem do Santo Christo do Padre João de Souto-Maior, que havia quatro annos, que tinham em seu poder, e de que se tinha publicado que os Gentios a tinham feito em pedaços, e que por ser de metal a tinham applicado a usos profanos, sendo que a tiveram sempre guardada, e com grande decencia, e respeitada com tanta veneração e temor, que nem a toca-la, nem ainda a vê-la se atrevião. Receberão os Padres aquelle sagrado penhor com os affectos que pedia a occasião, reconhecendo elles, os Portuguezes, e ainda os mesmos Índios, que a este divino missionario se devião os effeitos maravilhosos da conversão, e mudança tão notavel dos Nheengaiibas, cujas causas se

NERO:

Oh! Morra, morra.
E' preciso extingui-la, sem piedade.
A Níroeris imita. Quando afoga os impios
Quando immersos em suas heterias,
Conjurarem á noite embora o Tibre
Em seus antros, a negue a vil escoria,
Os que a salvo vagarem, prende, fere;
A uns no leito de Procusto estende,
A outros mande delirar nas cruzes,
E o ruto a flamma; sabes se elles cantão ?

TIGELLIN:

Judaicos psalmos, e orações hereticas.

NERO:

Da-lhe as cordas do equitico em vez de lyra.

TIGELLIN:

Audaz ja falla de um futuro reino,
Que de Augustonão ex alto consora!
Se o deixas livre, preta o império,
Quem vês, como eu, a-propagar do incendio,

fessar a uma Índia, que estava na hora da morte, com suas orações lh'a alcançou de Deos. Não foi menos admiravel sua grande paciencia, e mortificação, entre outros muitos, que curou de chagas asquerosas, foi um Indio ferido de um pelouro, com uma chaga tão pôdre, e de tão máo cheiro, que ninguém, nem o mesmo doente podia soffrer, nem seus parentes se atrevião a cural-o; mas como a graça é mais poderosa, que a natureza, tinha este irmão tão vencida a sua, que com suas proprias mãos, tratava aquella podridão, mostrando tão pouco asco, antes,

ignoravão. Logo disserão, que desde o principio daquella lua estiverão os principaes de todas as nações esperando pelos Padres naquello lugar, mas que vendo que não chegavão ao tempo promettido, nem muitos dias depois, resolverão que o grande Padre devia ser morto, e que com esta resolução se tinhão despedido, deixando porém assentado antes, que dalli a quatorze dias se ajuntarião outra vez to los em suas canoas, para irem ao Pará saber o que se passava; se fosse morto o Padre chorarem sobre a sua sepultura, pois já todos o reconhecião por pai. Chegados enfim á povoação, desembarcárão os Padres com os Portuguezes e principaes christãos, e os Xheengaihus naturaes os levárão á igreja, que tinhão feito de palha, ao uso da terra, mas muito limpa e concertada, a qual logo se dedicou a sagrada imagem, com nome da igreja do Santo Christo, e se disse o *Te Deum Laudamus*, em acção de graças. Da igreja a poucos passos trouxerão os Padres para a casa que lhe tinhão preparado, a qual estava muito bem tracada com seu corredor, e cubiculos, e fechada toda em roda com uma só porta, enfim com toda a clausura, que costumão guardar os missionarios entre os Indios. Mandon-se logo recado ás nações, que tardarão em vir mais, ou menos tempo, conforme a distancia; mas enquanto não chegárão as mais vizinhas, que forão cinco dias, não esteve o demónio ocioso, introduzindo nos animos dos Indios, e ainda dos Portuguezes, ao principio por meio de certos agouros, e depois pela consideração do perigo em que estavam, se os Xheengaihus faltassem á fé promettida, taes desconfianças, suspeitas e temores, que faltou ponto para não largarem a empreza, e ficar perdida, e desesperada para sempre. A resolução foi dizer o Padre Antonio Vieira, aos cabos, que lhe parecião bem as suas razões, e que conforme a ellas se fossem embora todos, que elle só ficaria com seu companheiro, pois só a elles esperavão os Xheengaihus e só com elles havião de tractar. Mas no dia seguinte começou a entrar pelo rio em suas canoas a nação dos Mamayana-

Quando a flamma vence a luz do dia,
Esses vis galileos com brigo ardente
Mey paço conflagrar, e pelas ruas,
Simulando tristeza, apuridarem-se,
Begando as faces do vulgacho ignobil;
E não culparem com nefando intento...

NERO:

Te viste-os atear aquelle incendio,
Ou mentes p'ra salvar-me desse opprobrio?

TIGELINO:

E a guarda scytha, que os feio de morte,

NERO:

Pereção todos em cruéis torturas,
Pereção lentos, com aquella morte,
Que Percy o encontrou no touro ardente,

FRISTELINO

Entre luz, pusha e sua morte
Morime o tempo e me liar um'hora.

tanto gosto, como se a materia fosse de rosas, e flores mui cheirosas.

E na verdade, como taes, estimava elle todas as cousas de mortificação, porque só a estas se pegava, com muito gosto, estas erão seus passatempos, suas delicias, e já com o continuo exercicio dellas, parecia totalmente insensivel em particular nas mãos, as quaes tinha tão callejadas, que quando o assucar estava no ponto mais alto, mettia os dedos nelle, como em agua fria; e como se admirassem alguns, elle para dis-

zes, de quem havia maior receio por sua fereza; e forão taes as demonstrações da festa, de confiança, e de verdadeira paz, que nesta gente se virão, que as suspeitas e temores dos nossos se forão desfazendo, e logo os rostos e os animos, e as mesmas razões, e dis-cursos se vestirão de differentes côres.

Tanto que houve bastante numero de principaes, depois de se lhe ter praticado largamente o novo estado das cousas, assim pelos Padres, como pelos Indios das suas doutrinas, deu-se ordem ao juramento de obediencia, e fidelidade; e para que se fizesse com toda a solemnidade de ceremonias exteriores (que valem muito com gente, que se governa pelos sentidos) se dispoz, e fez na fórma seguinte: Ao lado direito da igreja estavam os principaes das nações christãs, com os melhores vestidos que tinham, mas sem mais armas, que as suas espadas; da outra parte, estavam os principaes Gentios despidos, e empenados ao uso barbaro, com seus arcos e flechas na mão, e entre uns, e outros os Portuguezes. Logo disse missa o Padre Antonio Vieira, em um altar ricamente ornado, que era da adoração dos reis, á qual missa assistirão os Gentios de joelhos, sendo grandissima consolação para os circumstantes vê-los bater nos peitos, e adorar a hostia, e o calice, com tão vivos effeitos daquelle preciosissimo sangue, que sendo deramado por todos, nestes mais que em seus avós teve sua efficacia. Depois da missa assim revestido nos ornamentos sacerdotaes, fez o Padre uma pratica a todos, em que lhes declarou pelos interpretes a dignidade do lugar em que estavam, e a obrigação que tinham de responder com limpo coração, e sem engano a tudo o que lhes fosse perguntado, e de o guardar inviolavelmente depois de promettido. E logo fez perguntar a cada um dos principaes, se querião receber a fé do verdadeiro Deos, e ser vassallos de el-rei de Portugal, assim como o são os Portuguezes, e os outros Indios das nações christãs, e avassalladas, cujos principaes estavam presentes: declarando-lhes juraamente,

NERO:

Já me sinto melhor, respiro alegre.

TIGELLINO:

Roma, a ingrata Roma, pôde acaso
Prestar valia ao generoso intento
Que tu, divino artista, em mente houveste
Quando a flamma entregaste os pardieiros,
Brasões ignobeis da rudeza antiga ?
E' grande o povo que abomina as artes,
Permuta Athenas, e Corintho, e Thebas
Pela choça de Numa, e por cabanas
Que infamão inda a capital que reges ?
De ti merece concessões e indulto
Quem volúvel se alia a estranhos deuses
E nas aras paternas, livres, nobres,
Do escravo assenta as divindades barbaras,
Que o não poderão libertar na patria ?
Eu treço do futuro....

NERO:

Quando a lamina
Da segure descança, e não se adorna
De sangrenta folhe, então se treine.

simular, respondia com sua costumada prudencia, que lhe procedia do uso, e continuação do fogo; mas que isto fosse graça mais, que natural, deixo ao juízo, de quem o considerar, sendo experimentado; nunca ao doente por mais importuno, e mal soffrido, que fosse, disse uma palavra, antes a todos consolava, condescendendo com elles, no que não encontrava a saude. Por embaraçado, que estivesse, e afogado com occupações, estava sempre sua alma tão livre, e pouco perturbada, que por outras muitas, que sobreviesse no mesmo tempo, a todos acudia, o me-

que a obrigação de vassallos era haverem de obedecer em tudo as ordens de Sua Magestade, e ser sujeitos a suas leis, e ter paz perpetua e inviolavel com todos os vassallos do mesmo senhor, sendo amigos de todos os seus amigos, e inimigos de todos os seus inimigos, para que nesta fórma gozassem livre e seguramente de todos os bens, commodidades e privilegios, que pela ultima lei do anno de 1655 eram concedidos por Sua Magestade aos Indios deste Estado. A tudo responderão todos conformemente. que sim, e só um principal chamado Piye, o mais entendido de todos disse, que não queria prometter aquillo. E como ficassem os circumstantes suspensos na differença inesperada desta resposta, continuou dizendo: que as perguntas e as praticas que o Padre lhes fazia, que as fizesse aos Portuguezes, e não a elles, porque elles sempre forão fieis a el-rei, e sempre o reconhecerão por seu senhor desde o principio desta conquista, e sempre forão amigos, e servidores dos Portuguezes; e que se esta amizade, e obediencia se quebrou e interrompen, fôra por parte dos Portuguezes, e não pela sua: assim que os Portuguezes erão os que agora havião de fazer, ou refazer as suas promessas, pois as tinham quebrado tantas vezes, e não elle, e os seus, que sempre as guardarão. Foi festejada a razão do barbaro, e agradecido o termo com que qualificava sua fidelidade e logo o principal, que tinha o primeiro lugar, se chegou ao altar onde estava o Padre, e lançando o arco e flechas a seus pés, posto de joelhos, e com as mãos levantadas e mettidas entre as mãos do Padre, jurou desta maneira. « Eu fulano principal de tal nação, em meu nome, e de todos os meus subditos, e descendentes, prometto a Deos e a el-rei de Portugal, a fé de Nosso Senhor Jesus Christo, e de ser (como já sou de hoje em diante) vassallo de Sua Magestade, e de ter perpetua paz com os Portuguezes, sendo amigo de todos seus amigos, e inimigo de todos seus inimigos, e me obrigo de assim o guardar e cumprir inteiramente para sempre ». Dito isto, beijou a

TIGELLINO:

Apresta a lyra, que a teus labios chama
Divinal harmonia. Canta! canta:
O cco aclara, felicita a terra,
Exorna a patria, e divinisa Roma;
Enche o espaço em que minha alma adeja
Das olympicas flores, d'esses hymnos
Que um novo apuro sobre a vida infundem,
E a aurora vencem no fulgor jucundo,
Se em teus olhos divinos tremulasse
Uma lagrima só, nella euxergara
Cataclysma funesto o mundo inteiro,
Tanto amor te consagra o orbe escravo!
Apague os restos do incendio o sangue
D'esses vis nazarenos, que nas cryptas,
A luz de cyrios, mil heterias formão,
Onde novos Lysandros genuflexos,
Humildes, refálcados, pranteando,
Conspirão contra ti, contra a republica!
Tenho um meio infallivel, já previsto,
Contra o mal que te punge, immerecido!
Hontem, à hora em que se mostra vesper,
Surgio em hostia, com festivas galas,
A bireme que o nome consagrado

lhor, que era possível, sem mostrar enfadamento algum, antes com a maior alegria, e a mesma tinha, quando erão muitos os enfermos.

Nunca se pôde enxergar nelle um mínimo signal de pouco soffrimento, ainda nas occasiões, em que corria perigo qualquer, boa paciencia; e se por ventura algu m, em alguma coisa o encontrava só, para com este se mostrava particular, porque com particular vontade, e amor buscava occasiões de o servir. Com ser tanto, e tão continuado o trabalho deste irmão, quando as occupaões lhe davão algumas breves tregoa, não o

não do Padre, de quem recebem a bênção, e forão continuando os demais principaes por sua ordem na mesma fórma. Acabado o juramento vierão todos pela mesma ordem abraçar aos Padres, depois aos Portuguezes e ultimamente aos principaes das nações christãs, com os quaes também tinham até então a mesma guerra, que com os Portuguezes; e era cousa muito para dar graças a Deos, ver os extremos de alegria, e verdadeira amizade, com que davão, e recebião estes abraços, e as cousas, que a seu modo dizião entre elles. Por fim, postos todos de joelhos, disserão os Padres o *Te Deum Laudamus*, e sahindo da igreja para uma praça larga, tomãrão os principaes christãos os seus arcos e flechas, que tinham deixado de fora; e para demonstrar publico do que dentro da igreja se tinha feito, os Portuguezes tiravão as balas dos arcabuzes, e as lançavão no rio, e disparavão sem bala, e logo uns e outros principaes quebravão as flechas, e aticavão com os pedaços ao mesmo rio, cumprindo-se aqui á letra: *Arcum conteret e confringet arma*. Tudo isto se fazia ao som de trombetas, buzinas, e outros instrumentos acompanhados de um grito continuo de infinitas vozes, com que toda aquella multidão de gentes declarava sua alegria, entendendo-se este geral conceito em todas, posto que erão de mui diferentes linguas. Desta praça forão juntos todos os principaes com os Portuguezes, que alli tirão ao acto a casa dos Padres; e alli se fez termo juridico e autentico de tudo o que na igreja se tinha promettido, e jurado, que assignarão os mesmos principaes, estimando muito, como se lhes declarou, que os seus nomes honvessem de chegar a presença de Sua Magestade, em cujo nome se lhes passarão logo cartas, para em qualquer parte e tempo, serem conhecidos por vassallos. Na tarde do mesmo dia, deu o Palae seu presente a cada um dos principaes, como elles o tinham trazido, conforme o costume destas terras, que a nós é sempre mais custoso, que a elles. Os actos desta solemnidade que se fizeram fo.ão tres, por não

D'Argos conserva, e rememora um fasto:
Trezentas jovens de Corinto importa,
Mais bellas, mais lascivas do que Laïs,
E Puryne a diva, que ao sair do banho
Vio Athenas bradar: Renata e Venus!
Sao de sangue real, beberão todas
Nas sacras ondas de Pyrene o estro;
Sobre a escuma do mar brincão serenas
Como o livre aleyon, ou como o cysne
Do Eurotas, que amou Leda formosa;
Na dança vencem as aereas aves,
E no canto a suave philomella!

NERO:

Meus alad os corceis á via ostiense,
Sem perda vôem com trezentos plaustrs;
Renascem-me a alegria! o ceo te inspira!
Sessenta e'roas, das que deu-me a Grecia,
Em aureo thyrsos cada uma ostente
Nas choreas gentis, nos dithyrambos
Que as filhas sôem da amorosa Ephyra
Com alto accento festejar Eumater.
E's o meu salvador. Oh! vê se exumas
Do p'sado Oriente um espectáculo,

acharião senão na capella de joelhos, e aqui sem duvida ganhava forças, para outros trabalhos maiores.

Na modestia, e recolhimento já raro, porque além de em casa ser um espelho de compostura religiosa, quando convinha sahir fóra enxergava-se-lhe no rosto um grande pejo, fazia-se, como uma papoula, em tudo se perturbava, e o mesmo padecia, quando em razão do seu officio acompanhava o medico, até a portaria se era adiante de gente, e dava por causa disto sua pusilanimidade, que com esta, e semelhantes capas cobria, o disfar-

ser possível ajuntarem-se todos no mesmo dia; e os dias que alli se deliverão os Padres, que forão quatorze, se passarão todos, de dia em receber, e ouvir os hospedes, e de noite em continuos bailes, assini das nossas nações, como das suas, que como diferentes nas vozes, nos modos, nos instrumentos, e na harmonia, tinham muito que ver, e que ouvir. Rematou-se este triumpho da fé, em se arvorar no mesmo lugar o estandarte della, uma formosissima cruz, na qual não quizerão os Padres, que tocasse indio algum de menor qualidade, e assim forão cincoenta e tres principaes, os que a tomá-rão aos hombros, e a levantá-rão com grande festa e alegria, assim dos christãos, como dos Gentios, de todos foi adorada. As nações de diferentes linguas, que aqui se introduzirão forão os Mamayanás, os Aroaus e os Anayás, debaixo dos quaes se comprehen-

Uma festa que iguale a Nero em lustre,
Que o mundo a inveje e o porvir a guarde.

TIGELLINO :

Com ella irás á eternidade, ó Nero.

XXI.

Pelas curvas sonoras das arcadas
Transluz a festa, e das canoras flautas
O som avulta; e a harmonia em ondas
Vai o vulgo alentar, que inunda os atrios
E o vasto accesso do neroneo paço.
Com tacito pavor, vencida a turba
D'innato ardor pelas festivas horas,
Escuta immovel do concerto augusto
O ledo arpejo das consocias lyras,
E a voz que voa n'amplidão dos ares.
Na regia orbicular, que odoras lampadas
O dia entornão, sobre leito eburneo
E em purpureos coxins Nero se encosta,
A lyra ostenta, e magestoso canta
Da invicta Pallas, do arteiro Ulysses,
O triumpho, a injustiça dos Atrides,
E a furia insana do valente Ajace.
Fulgem seus olhos, no volver sinistro,
Como o ferro do algoz lampos mortiferos !
A seu lado, orgulhosa, está Pompea,
E em torno Scythas com desnudas armas.
Simula a corte na composta face
Sorriso e pismo; na intenção de o corpo
Poupar a virga de crueis lorarios,
Bastarda estirpe do immortal Quirino !

COLOMBO:

Como pôde aliar a natureza
Em tal verdugo tão sublimes dotes ? !

PAMORPHIO :

Foi obra minha: fi-lo vão e fraco,
Cruel e louco, intolerante e perido.
O throno avulta, como espelho concavo
As maldades dos principes.

çava suas virtudes: destas, e de muitas outras, que sua humildade nos encobria, tinha lavrada sua corôa, que a 13 de Junho, dia de S. Antonio, cujas pisadas com o nome seguira, foi possuir a gloria.

Entre as cousas mais notorias, que deste bemaventurado se contão, foi uma, que se partindo daquellas aldeas, em que estivera, como se chegassem a elle alguns Indios em reconhecimento, do que da sua caridade receberão, elle se perturbou; e perguntada a causa, respondeu, que era porque os não havia de ver mais; e assim succedeu, porque chegando

dem Mapuás, Paucacás, Guajarás, Pixipixis, e outros. O numero de almas, não se póde dizer com certeza; os que menos o sabem dizem, que serão quarenta mil, entre os quaes tambem entrou um principal dos Tricujis, que é provincia aparte na terra firme do rio das Amazonas, defronte da ilha dos Nheengaibas; e é fama, que os excedem muito em numero, e que uns e outros fazem mais de cem mil almas. Deixou o Padre assentado com estes Indios, que no inverno se sahisses dos matos, e fizessem suas casas sobre os rios, para que no verão seguinte os pudesse ir ver todos a suas terras, e deixar alguns Padres entre elles, que os comesassem a doutrinar: e com estas esperanças se despedio, deixando-os todos contentes e saudosos. Pareceu aos Padres trazerem consigo a: é tornarem, a imagem do Santo Christo, a qual por common applauso e de-

COLOMBO:

Passemos

Aos triumphos da igreja.

PAMORPHIO:

Agora mesmo.

Não ouves a cadencia dos applausos,
Que ora imita das ondas o murmuro,
Ora a saraiva, lapidando os tectos,
O tinido das conchas, o pipilo
Floreado das aves amorosas?
O Jo triumphal, e o borborinho
D'alegria do povo, o estampido
Do trovão nos convalles reboando?!
Olha o senado da devassa Roma.
A prole regia de Anco, Servio, e Numa,
De Hostilio e Rémo e do Tarquino prisco,
Como beija submisso, escravizado,
A alparca d'ouro da manceba infame,
Que em cada poro lhe tressua um crime?

COLOMBO:

Tanta cegueira, castigada ha sido.

PAMORPHIO:

A mór pena que Deos inflige a um povo
É cega-lo; a não ver no proprio principe
Tanto mais alto leva o lume a fragoa,
Tanto mais breve se consome e morre.
Grandes crimes, grandes agonias:
O cadaver de Clito, o de Menandro,
São avantos ultrizes, que o destino
Inflexivel escuta. Quando o principe
Pompea impune a iniquidade e o vicio,
E o povo o soffre, como a ovelha o ferro,
Supino raio já lhe pende, e em breve
Lhe abrirá com a morte a sepultura.
No fundo do salão rasgão-se as tellas.
Pelos olhos, as almas convergidas
Na scena estão. Universal silencio.
Em choragicas vestes se apresenta
Tigellino, e arroja aos pés a c'roa

à cidade cahio enfermo, e disse, que aquella era a ultima da sua vida, como foi, e só sentia, o que os enfermos havião de padecer.

Tres dias antes da sua morte, perguntando-lhe se queria confessar-se, pois estava no ultimo, respondeu, que o escusava quanto por via de escruplo, porque depois que entrára na Companhia, todas as confissões, que fizera, como se cada uma fôra a ultima da sua vida, sendo ainda novigo, andava um nosso mui atribulado, e de modo, que bem mostrava no exterior, o que no interior trazia; vio-o este irmão, e entendendo seu en-

voção do clero, das religiões, e da republica. foi recebida na cidade do Pará, em solemnisimo triumpho, dando todos a gloria de tamanha empreza a este senhor, e confessando que só era, e podia ser sua.

Esta é, senhor, por maior (e sem casos particulares, e de muita edificação por brevidade) o fructo, que colhêrão este anno na inculta seára do Maranhão os missionarios de Vossa Magestade, e estes os augmentos da fé, e da igreja, que conseguirão com seus trabalhos, não sendo de menor consideração, e consequencia as utilidades temporaes e politicas, que por este meio accrescêrão á corôa, e Estados de Vossa Magestade; porque, os que considerão a felicidade desta empreza, não só com os olhos no céu, senão tambem na terra, tem por certo que neste dia se acabou de conquistar o Estado do Mara-

Olivaria que cinge. O chão beijando,
Humilde e respeitoso, falla a Nero :
Expõe-lhe a peça, as variadas scenas,
E a sorpresa final; celebra as graças
Das filhas do Corintho, e pede indulto
Para quem estrear em Roma tenta
Ante o filho de Apollo, o que no berço
Embalarao as Musas e as Graças.
Os atrios eleusinos se aligirão
No pulpito e proscentio. As luzes cessão.
No sacro asylo a escuridão domina ;
Em silencio penetra gente immensa.
A turba intima, autorizado arauto,
Do altar fugir, se coração impuro
A leva ao templo da terrivel deusa,
Que aos bons sómente suas leis outorga.
Em duplas alas os actores movem-se,
Discos de fogo pelo ar descrevem,
Brandindo fachos de sombrio lume.
O sagrado hierophante e o pio archonte
A um throno sobem: com sonoro accento
Os mysterios da deusa patenteião ;
Cantão-se os hymnos, desfallece a flamma,
O silencio e as trevas se avizinhão;
Emerge a noite toda a scena e regia ;
Um sinistro rumor percorre em torno,
A terra ronca, o pavimento treme,
E o ar se envolve de sulphurio fetido.
Gladios ardentes, golpeando o fumo
Que a scena abafa, pelo ar rebombão
Como ingentes trovões; transluz ao fogo,
Recusados em mil teias movediças,
De luzidos espectros as carrancas,
Os osseos membros, o esgar medonho,
E a postura sabanica ! No fundo,
Legiões de phantasmas phosphoryão,
Como errante lampro; horridos grupos
Aqui e alli, a furto, ululão, voão;
Serpentiferas gorgonas sibilão
Pela fronte ouriçada e venenosa !
Aves sinistras, sacudindo as azas,

nas mais sciencias, particularmente, em materias espirituaes dava tão acertados pareceres, que parecião de homem de muitas letras. A todos estes dous ajuntou o da pureza virginal, que guardou inviolavel até á morte, com a qual mereceu assistir agora diante do throno de Deos, seguindo ao cordeiro, para onde quer, que vai.

A estes tres foi o Senhor servido dar na outra, o premio das obras, que nesta vida fizerão. Os mais todos se occuparão nos ministerios da nossa Companhia, segundo a vocação, e talentos de cada um; e pela divina bon-

estas nações tinham comunicação com os Hollandezes, e vivião de seus commercios, já se vê os damnos, que desta união se podião temer, que a juizo de todos os praticos do Estado, não era menos, que a total ruina. Mas de todo este perigo e temor foi Deos servido livrar aos vassallos de Vossa Magestade, por meio de dous missionarios da Companhia, e com despeza de duas folhas de papel, que forão as que de uma e outra parte abrirão caminho á paz, e á obediencia com que Vossa Magestade tem hoje estas formidaveis nações, não só conquistadas, e avassalladas para si, senão inimigas declaradas juradas dos Hollandezes, conseguindo Deos por tão poucos homens desarmados, em tão poucos dias, o que tantos governadores em mais de vinte annos, com soldados, com fortalezas, com presidios, e com grandes despesas sempre deixá rão em peor esta-

Como um cabello da mimosa Venus
Entre os dedos de Amor, que o beija, adora,
Sorrião todas c'um sorrir que encanta,
E a vida attrahe mysteriosamente !
Pelo ar volteando os aureos thyrsos,
E as corôas, que a medo dera a Grecia,
No ar tercião moveiças flores,
Fontes de luz, irradiadas fórmãs,
Arcos, capellas e festões moventes;
Filigranas de amor, grupos lascivos,
Painéis divinos, que não vira Nicias,
Nem Pamphyló; e Glicera, que entre os dedos
De um novo esmalla coroava as flores,
Não erão carne, mas divinos genios,
Visões amáveis, seductaras sombras;
Erão rolas do ceo, circumvoando
Em cada peito, que um volcão abraça,
Harmonias....

Nero se alça,
Pede vinho em furor, bebe, e mais vinho
Inda pede, e arremêça a taça plena:
Qual bronze mortuario, tñe o vaso
No regio pavimento. Todos gelão-se !
No leito eburneo, contorções fazendo,
Retrahe-se o monstro tremebundo e pallido;
Treme, qual treme da serpente a cauda,
Quando a morte das presas já distilla;
O monstro offega, toda a corte o flecta
E na face poreja a côr da morte;
Sobe as alturas do ideal horrendo;
O manto rasga, despedaça a lyra,
O triclinio fronteiro arroja em furia;
C' o pé direito a barrega jucunda
Do leito arranca, e com a fronte exanime
O marmor beija, vomitando sangue.
Pelos Seytas ferozes brada iroso:
« Pereção todos, corra o sangue impuro
« Do infame e d'ellas. Não é esta a festa
« Que o traidor prometteu-me ! Quero sangue,
« Quero em sangue afogar tanta perfidia,
« E aos olhos do universo innocentar-me,
« Onde está Tigellino, o vil escravo ?

dade, com proveito seu, e dos proximos. As quarenta horas do primeiro destes dous annos, se celebrarão com o costumado apparatus, e grande concurso de confissões, e comunhões; as do segundo, conforme o estado trabalhoso das cousas; mas umas, e outras com notavel fructo das almas; e como o principal fructo espirital destes tempos se colheu na tomada, e recuperação da cidade da Bahia, é necessario relatal-a brevemente, e dizer tambem a certeza, do que passou na realidade, para que a verdade tenha lugar, e se não creião algumas falsidades, que do caso se contão.

do, para que acabe de entender Portugal, e se persuadão os reaes ministros de Vossa Magestade, que os primeiros e maiores instrumentos da conservação, e augmento desta monarchia, são os ministros da prégão e propagação da fé, para que Deus a instituiu, e levantou no mundo.

O que agora representamos, Senhor, prostrados todos os religiosos destas missões aos reaes pés de Vossa Magestade, é que seja Vossa Magestade servido de mandar acudir-nos, e acudir a estas almas com o soccorro prompto que é necessario, para que se conserve o que se tem adquirido. Toda a conservação destes Indios, e perseverança

« Quero ve-lo morrer, pisar-lhe a face,

« É esta afronta vingar.... »

Ei-a, soldados,,

Que a victoria é nossa.

No proscenio

Os Scythas pulão, quaes bravios potros

Em mimoso jardim: e celeumando

Hyrcanas copias, que o furor alentão,

Abrem rios de sangue no tablado.

Que horrivel confusão! Nero, sorrindo,

Vê troncadas as virgens baquearem,

Rolar a fronte do hierophante; e a face

Da assemblea estampar o medo e a morte.

Com a espada na mão, aos atrios voa

Fronteiros ao jardim e ao lago immenso,

De flammantes reflexos abrasado.

Em altos postes, margeando as aguas,

Envoltos em resinas combustiveis,

Suspensos ardem, como ingentes fachos,

Mil christãos, sem gemer! Carne de Scevola,

O fogo vencem e'o poder divino.

« Eis a luz dos meus olhos;—diz o monstro,—

« Eis o premio dos reos, que a altiva Roma

« Conflogarão, e a mim, piedoso augusto,

« Do crime infame genitor fizerão! »

UM VELHO :

Mentes, Nero, foste o proprio archote

Que Roma incendiou, foste tu mesmo;

E não estes, que em chamas ora sobem

A' morada celeste, a Jesus Christo.

NERO :

Quem ousa desmentir-me, quem delira ? !

Se houver cem vidas, que cem vezes morra.

O VELHO EM FACE DE NERO :

Eu, que a Deos e a Christo devo tudo.

Eu, Pedro o Galileo, em quem o Mestre

A pedra basilar da sua igreja

Do Golgotha assentou; o que em Solima

Houve as chaves do céu.

Carvões ardentes,

Christãos ha pouco, recobrai a vida,

Abre esta costa do Brasil em 13 grãos da parte do Sul uma boca, ou barra de tres leguas, a qual alargando-se proporcionadamente para dentro faz uma bahia tão formosa, larga, e capaz, que por ser tal, deu o nome á cidade, chamada por antonomasia Bahia. Começa da parte direita em uma ponta, a qual em razão de uma Igreja, e forteza dedicada a Santo Antonio, tem o nome do mesmo santo, e correndo em meia lua, espaço de duas leguas, se remata em uma lingua de terra, a quem dão o nome de Nossa Senhora de Monserrate, uma ermida consagrada á mesma Senhora;

na fé, e lealdade que tem prometido, consiste em assistirem com elles alguns religiosos da Companhia, que os vão sustentando, e confirmando nella, e desfazendo qualquer occasião ou motivo que se offereça em contrario, e sobretudo que sejam sua rodella, como elles dizem, contra o máo tracto dos Portuguezes, de que só se pôde desconfiar, e de que só se dão por seguros debaixo do amparo, e patrocínio dos Padres. Podem vir Padres do Brasil, podem vir Padres das nações estrangeiras, mas os mais promptos e effectivos são os que podem vir de Portugal em menos de quarenta dias de viagem. A materia é tão importante, e de tão perigoso regresso, que não soffre dilação; e assim

Dizei comigo junto a Christo o symbolo:
Creio em Deos Padre Todo Poderoso....
E as flammaz s'elevárão té as nuvens,
E á uma responderão os cadaveres:
Que creou ceo e terra, e em Jesus Christo....
E voárão c'o vento em pó desfeitos,
Deixando em renque os abrasados postes !

NERO :

A' cruz do escravo seja o vil pregado,
E morra infame ! Grocitando em torno
Esqualidos, nojentos, corvos fânicos
As carnes lhe espicacem, te que alveje
O misero esqueleto. A' cruz o levem.
No ceo rutila, rechagando a noite
Luminoso cometa, aguia inflammada !
Brada o povo romano: Jo, triumphe !
Eis o astro de Cesar, Roma impera !
A' cruz se arraste o Galileo ousado,
Que estulto affronta do sagrado Nero
A virtude sem par, o divo imperio.
Bate as azas no ceo o ingente passaro,
Troveja no remigio, as pennas voão
Em serpentes de fogo transformadas ;
O corpo afina, e a ossada ardente
No ceo figura luminosa cruz !

PEDRO :

Eis o astro de Roma, o signo eterno,
A cruz que o mundo adorará p'ra sempre.
Salve madeiro redemptor do mundo !
Meu Deos, e meu Senhor, eu te agradeço.
A eterna mora e do martyrio a palma.
Precipites, nas aguas abatidos
A uma os postes, levantarão nuvem
De cahotica noite ! Immersa Roma
No bulcão tenebroso emudeceu !
A scena foge, e nos pasmados olhos
De Colombo renasce o Genitalio,
E a imagem queda de Pamorphio, tétrica
Junto ás estatuas, parecia estatua.

COLOMBO :

Cançada esta minha alma: assaz hei visto.

no meio desta enseada com igual distancia de ponta a ponta está situada a cidade no alto de um monte ingreme, e alcantilado pela parte do mar, mas em cima chão, e espaçoso; rodeão-na por terra tres montes de igual

esperamos sem falta até a monção de Março o soccorro que pedimos. Sirva-se Vossa Magestade, Senhor, de mandar vir para esta missão um numeroso soccorro destes soldados de Christo, e de Vossa Magestade, e por cada um promettemos a Vossa Magestade muitos milhares de vassallos, não só que nós iremos buscar aos matos, senão que elles mesmos venhão buscar-nos. de que cada dia temos novos embaixadores. Tanto tem importado á fé, a fama das novas leis de Vossa Magestade, e dos missionarios que a prégão, e as defendem. A muito altá e muito poderosa pessoa de Vossa Magestade guarde Leos, como a christandade, e os vassallos de Vossa Magestade havemos mister.

Maranhão, 11 de Fevereiro de 1660.

PAMORPHIO :

A morte sorprendendo vossos passos
No caminho da vida, vos atira
No sepulchro, e inhuma mil verdades;
() que fica na terra, o que sabeis
E' a crosta mendar do pensamento,
Porque Deos escondêra no arcabouço
() coração humano. Os olhos vêm
De um fructo eivado a dubiosa crosta,
Mas o amago, não:

COLOMBO:

Abandonemos
As aras do passado, onde a esperança
Delicia já não tem. Mostra-me a terra
Que afouto busco, e consagrei de ha muito
A Deos, e a Isabel, e após entrega-me
A frota errante, que por mim almeja.

PAMORPHIO :

Não vês no fundo desta immensa estancia,
Entre veos azulados mil estrellas,
E aquelle monte sobranceiro aos ares?
E' o formoso Pandorio, é a atalaia
Da vigia infernal que tudo observa;
Não vês mais longe, qual ceruleo globo,
Volvendo em torno horisontadas massas,
E nellas manchas, prateados veios,
Pontos de luz, irradiadas fórmas?
E' o transumpto fiel da terra inteira,
Onde tudo se vê, onde tu mesmo
Tua imagem verás, e as tuas naves.

COLOMBO :

Caminhemos, que é longe e tenho pressa
De ver agora se a sciencia é certa.
E seguro aproar ao chão que almejo.

PAMORPHIO :

Não te affanes, espera. Ao meu commando
Buscará nossos pés o monte em breve.
Aqui tudo se move intelligente;
A pedra voa, a flôr discorre, e as aves
Com os peixes do mar se consorcião:
No seio da panthera vela o agno,
O raio dorme, emudecido, escuro
No amago da rosa, e a serpente
Co'a infancia brinca e compartilha o berço.
Eis do monte Pandorio o viso ethereo :
A teus pés, e a terra, os mil planetas,
O sol, o firmamento, e o infinito!

altura, por onde estende seus arrabaldes, dos quaes o que fica ao Sul tem como remate o mosteiro de S. Bento, e no que lhe responde ao Norte está situado o de Nossa Senhora do Carmo; o terceiro está a Leste, e menos povoado; é a praia da cidade em baixo estreita, defendem-na tres fortes, dous em terra, e um no mar avantajado aos mais em razão do sitio, e fortaleza.

Alguns dias antes da chegada dos inimigos, estando no coro em oração dous nossos, vio um delles a Christo Senhor Nosso, com uma espada desembainhada contra a cidade da Bahia, como quem a ameaçava, e a outro, appareceu o mesmo Senhor com tres lanças, com que parecia tirava para o corpo da Igreja. Bem entenderão os que isto virão, que prognosticava algum grande castigo, mas de qual houve de ser, estavam incertos, quando no dia da apparição de S. Miguel, que foi a 8 de Maio de 1624, apparecerão de fóra na costa, sobre esta bahia 24 velas Holandezas de alto bordo com algumas lanchas de gavêa, as quaes fizerão crêr aos cidadãos costumados a viver em paz, o que lhes não persuadirão de todos os avisos, que dous annos antes mandára Sua Magestade, nem a não Capitania desta mesma armada, que quasi todo o mez passado tinha andado na barra, e roubado um navio, que de Angola vinha carregado de negros para o serviço, e meneio desta Capitania.

Mandou logo o Sr. governador Diogo de Mendonça Furtado, dar rebate, ajuntou-se a gente, que forão pouco mais ou menos tres mil homens, e armados cada um, como pôde, se repartirão companhias, derão cargos, e assignalarão distancias. Na mesma tarde sahio o Sr. Bispo D. Marcos Teixeira, com uma companhia de ecclesiasticos armados, não só para animar a gente, mas para com a espada se defender, e offender, se fosse necessario, ao inimigo; e correndo todas as estancias, exhortava a todos, como bom prelado, e pastor a pelejar até a morte por sua fé, e rei, que morrendo, ou vencendo por esta causa sempre vencerião.

Sahirão com a mesma pressa os Padres pelas ruas, casas, e fortalezas a animar, e confessar os soldados, e o mesmo fizerão muitos dos outros religiosos. Prepararão-se não com menor cuidado as almas para a morte, que os corpos para guerra; aqui tiverão fim os odios mais antigos, descobrirão-se peccados encobertos com o silencio de muitos annos, e na verdade foi tal a mudança presente, que só pela razão della pareceu a muitos conveniente dar Deus este castigo.

Com a luz do dia seguinte appareceu a armada inimiga, que repartida em esquadras, vinha entrando; tocarão-se em todas as náos trombetas bastardas ao som de guerra, que com o vermelho dos pavezes vinhão ao longe publicando sangue; divisarão-se as bandeiras hollandezas, flamulas, e estandartes, que ondeando das antenas, e mastaréos mais altos, descião até varrer o mar com tanta magestade, e graça, que a quem senão temera podião fazer uma alegre, e formosa vista. Nesta ordem se vierão chegando muito a seu salvo, sem lli'o impedirem os fortes, porque, como o porto é tão largo, tinham lugar para se livrar dos tiros.

Tanto, que emparelhou com a cidade a *Almiranta*, salvou sem bala, e

despedio um batel com bandeira de paz, mas á salva, e embaixada, antes de a ouvirem, responderão os nossos com pelouros: o que vendo os inimigos, se puzerão todos a ponto de guerra: virarão logo as náos enfiadas sobre a terra, e perpassando, descarregávão os costados na cidade, forte e navios que estavam abicados na praia, o que continuárão segunda e terceira vez, até que depois do meio dia puzerão todas as prôas em terra, e as tres dianteiras com determinação de abalroar a fortaleza, mas impedidas dos baixos, lançarão ferro, e a arvores secas, como se o forão todas de fogo, e ferro começarão a se desfazer nelle, que parecia pelejava nellas o inferno.

E foi tal a tempestade de fogo, e ferro, tal o estrondo, e confusão, que a muitos, particularmente aos poucos experimentados, causou perturbação, e espanto; porque por uma parte os muitos relampagos fusilando ferião os olhos, e com a nuvem espessa do fumo não havia, quem se visse; por outra, o continuo trovão da artilharia tolhia o uso das linguas, e orelhas, e tudo junto de mistura com as trombetas, e mais instrumentos bellicos, era terror a muitos, e confusão a todos. Respondia-lhe da terra o forte, e as nossas náos, e ainda que desigualmente por ser a artilharia pouca, e andar já quente com avantajoso emprego.

Mas enquanto nos occupavamos á defender a praia, duas ou tres náos hollandezas, que ficavão na retaguarda, despejarão na ponta, que dissemos de Santo Antonio, muita gente, e dizem serião quinhentos, para seiscentos soldados: vendo isto duas bandeiras nossas, que lá estavam em guarda, não aguardarão que chegassem, antes não se atrevendo a resistir voltárão para a cidade, esquecidos daquelle nome Portuguez, que ainda em nossos tempos fez temer, e fugir exercitos inteiros; e posto que um Padre nosso os animava, que tornassem, adiantando-se com animo de verdadeiros Portuguezes, e verdadeiros soldados de Christo, até chegar rosto á rosto com os inimigos, armados só da cantiança em Deos, comtudo estavam tão frios de medo, que não foi parte para os esperar o fervor e espirito do Padre.

Entretanto, não cessava a bateria, antes cada vez mais se ascendia. Entendendo pois o inimigo, que os nossos largavão as náos, que estavam mais ao apêgo, e se metterão nas que estavam junto a terra, para dali pelejarem mais seguros, botou hom numero de bateis, providos de soldados, e marinheiros, para que senhoreassem as que estavam sem gente. Começarão do subir a ellas, adiantando-se um soldado para arvorar a bandeira hollandeza, um homem do mar, Portuguez, que estava em uma não das mais viziuihas a praia, não lhe soffrendo o animo ver tal ouzadia, leva o arcabuz ao rosto, e fazendo tiro, dá com elle morto, e com a bandeira no meio do convés: o mesmo fez ao segundo, e terceiro, que pretenderão executar na bandeira o mesmo intento, que o primeiro, e fez-lo tão destramente, que não errando nem um só tiro, todos tres empregou.

Emquanto os tres acabarão desta maneira, começarão os de mais, uns a levar para o apêgo, outros a defender-se com os mosquetes, o que vendo os nossos, e que não lhe podião ser bons, acudirão ao ultimo remedio, que foi arrombar umas, e queimar outras, carregadas como estavam, tendo por

melhor entregal-as ao mar, e fogo, que ao inimigo, e isto foi causa de se estender o dia, e a guerra; porque ainda que era noite, vencia as trevas della a claridade do fogo, que ateando-se no breu, e assucar lançava grandes laharedas, as quaes embebendo-se, e transformando-se nas nuvens, que lhes ficavão em cima, davão tão grande luz a todo o porto, que se podião mui bem ver, e tirar de parte a parte, como fizerão em quanto durou o fogo.

Com esta occasião o inimigo, a quem o incendio das náos acendera mais determinou render a fortaleza, que como ainda então não estava acabada, e só igual com as ondas, sem mais outro reparo, que uns cestões, parte cheios de terra, parte vazios, era a entrada facil. Sahirão logo das náos inimigas muitos bateis com os soldados em pinha, e cercando o forte, depois de muitas cargas de mosquetaria, abordarão para entrar com os nossos, mas elles resistirão valorosamente não os deixando pôr pé em cima, antes os lançarão a todos fóra, matando e ferindo a muitos, e soldado houve, que com a espada em punho foi de mergulho atrás do inimigo, que por debaixo da agua lhe fugia.

Não desistio com isto o Hollandez, antes animado com o novo soccorro do mar, insistio com maior força, e carregarão tantos uns sobre outros, que não podendo os nossos, por estarem já cansados, ter o recontro depois de mortos alguns, se retirarão para a terra, donde amiudando os tiros de tal maneira sacudirão os inimigos, que em breve tempo cederão da fortaleza, a qual se forão logo dous soldados lançar ao mar a artilharia, que naquelle entre meio tinham elles cravado.

Era já nesse tempo alta noite, quando de improvizo se ouviu por toda a cidade, sem se saber donde teve principio uma voz: já entrarão os inimigos: já entrão: e como no meio desse sobresalto viessem outros dizendo, que já vinhão por tal, ou tal porta, e acaso pela mesma se recolhesse neste tempo alguma bandeira nossa com mechas caladas (como o medo é mui credulo) verificasse esta temeridade, e assim pelejando a noite pela parte contraria, ninguem se conhecia, fugião uns dos outros, e quantos cada um via, tantos Hollandezes se lhe representavão: instava entre tanta confusão o cançado, e affligido governador nesta noite, como outro encarnado incendio, ajuntando, e animando os soldados a morrer antes com honra, que a ter vida com ella; mas não aproveitavão estas vozes, porque estavão já do medo, e das trevas da noite tão cegos, que não vendo quanto se inflamvão a si, e a todo Portugal, desampararão totalmente a cidade, fugindo cada um por onde pôde, deixando todos suas casas, e fazendas, e muitos para mais ligeireza, as proprias armas, que parece cuidavão, que estas se havião de converter contra elles, como escreveu o chronista d'el-rei de Macedonia em semelhante caso dos soldados Persas, que *pavor etiam auxilia formida*.

Vendo este estado de cousas o Sr. Bispo, veio ao nosso collegio, e deu conta do que se passava, e ainda que dous Padres lhe lembrarão, que ninguem esperaria, se tivessem noticia da sahida de sua senhoria; contudo ouvindo a outros dous Padres, e a muitas pessoas do fóra, que a cidade estava

já occupada dos inimigos, e vendo que só já não podia defende-la, sahio. Consumidas pois algumas formulas do Santissimo Sacramento (porque as mais erão já levadas para fóra da custodia) com a devoção, que o tempo, e occasião pedia, e tendo já tirado a mais da prata, e os ornamentos mais ricos, postos em cobro, que não deu o tempo lugar para mais, seguirão o prelado os nossos, que estavam em casa, e os que se recolhião do forte, e mais estancias, onde até então assistirão de pé quêdo animando, e confessando a gente.

Detiverão-se na quinta do collegio, meia legua da cidade; e não havendo esperança de defesa, se puzerão demadragada a caminho. Mas quem poderá explicar os trabalhos, e lastimas desta noite? Não se ouvirão por entre os matos, senão ais sentidos, e gemidos lastimosos das mulheres, que hão fugindo, as crianças choravão pelas mães, ellas pelos maridos, e todos segundo a fortuna de cada um lamentavão sua sorte miseravel; accressentava-se a este outro trabalho não menor, que como forçadamente para passarem avante, hão demandar um rio, a que chamão rio vermelho; aqui se vião no aperto, em que os filhos de Israel no outro mar vermelho, quando fugião de Pharaó, porque o medo lhe representava os Hollandezes já nas costas, o rio lhes impedia a passagem, a noite difficultava tudo, e cegava a todos. Pelo que vendo-se em tanto aperto, e perplexidade sem tomar conselho, tudo era romper em ais, e gemidos, com que ferião o céo, e os corações dos que os ouvião.

Tanto que o sol sahio em dez de Maio, julgando os Hollandezes da muita quietação da cidade estar sem defensores, deliberão-se a entrar, e entrão, não sem receio de algumas siladas, mas a cidade, ou para melhor dizer deserto, lhe deu entrada franca, e segura indo logo tomar posse das casas reais, onde estava o governador, desemparrado de todos, e acompanhado só de um filho, e tres ou quatro homens. Presos estes, e postos a recado na *Almiranta*, correm todos os despojos, que tanto a mãos lavadas lhes offerecião liberalmente as casas, com as portas abertas, tudo roubão, a nada perdão, empregão-se no ouro, prata, e cousas de mais preço, e despedaçando o mais o deitão pelas ruas, como a quem custára tão pouco.

Saqueadas já, e destruidas as casas, vão-se aos templos os sacrilegos, e aqui fazem o principal estrago: arremetem com furor diabolico ás sagradas imagens dos santos, e do mesmo Deos a esta tirão a cabeça, aquella cortão os pés, e mãos, umas enchem de cutiladas, a outras lanção no fogo, desarvorão e quebrão as cruzes, profanão os altares, vestiduras, e vasos sagrados, usando dos calices, onde hontem se consagrou o sangue de Christo, para em suas desconcertadas mesas servir a Bacho, e des templos, e mosteiros dedicados ao serviço, e culto divino, para suas abominações, e herezias; tal foi a misericórdia do nosso Deos, que quiz então tomar em si a maior parte do castigo, por não nos castigar com outro maior, como nossos peccados merecião.

Depois desta entrada não se occuparão todos nos despojos, mas alguma deu ousadia a nossa fugida, para sahirem da cidade, e entre estes vierão ter á nossa quinta sete, mas sem armas de fogo; estava aqui um Padre grave, que se deixára ficar em companhia de alguns enfermos, com esperança de

uma gloriosa morte por seu amor, se Deos fosse servido; este não deixou passar a occasião de se confessar a si, e aos companheiros em presença de hereges, por catholicos romanos, que elles tanto aborrecem, como foi, que indo um com a espada nua, para um crucifixo, o Padre lhe foi á mão dizendo, que aquella era a imagem verdadeira do filho de Deos, Jesus Christo, digna de toda veneração.

E pedindo elles carne lha negou, e disse, que a igreja catholica, e romana a prohibe a seus fieis nas sextas-feiras, qual aquelle dia era, e por tanto lha não havia de dar: deu-lhe porém outras cousas de comer, e antes no benzer da meza, e depois no dar das graças, nomeou distinctamente as pessoas da Santissima Trindade, ao que elles cobrirão o rosto, e logo com grande furia quebrando tudo, e deitando com desprezo por terra as imagens, reliquias, e ornamentos dos altares, fizeram presa nos calices, e lampadarios, mais prata, e a levarão consigo. Sabendo, porém, o caso dous, ou tres escravos nossos, e não soffrendo, que fossem tão carregados, os determinarão aliviar, sahindo-lhe ao encontro com arcos, e flechas, e tanto que elles as começãrão a sentir, vendo, que lhes sahia mui caro comprar prata por sangue, quizerão antes largal-a, que as vidas.

Emquanto os Hollandezes se occupavão nestas sacrilegios, cobrião os matos, e praias os desterrados, que só de Portuguezes surião dez, ou doze mil almas, servindo de casa a uns as arvores silvestres, e a outros o céo, sem mais algum abrigo da calma, chuvas, e sereno da noite, todos apé, muitos descalços, e despidos, mortos á fome, e sede, aquelles que a pouco havião deixado casas tão ricas, e abastadas de tudo, que mais parecião servir ao regalo, que á necessidade. Mas não ha que espantar, serem vencidos os que vivião nesta abundancia. Bem ensinava Alexandre Magno a seus soldados, que a pobreza era a unica mestra da miliciã, e por isso os Macedonios vencião tudo, porque nada tinhão, que as cidades com ferro se defendessem, e não com ouro, com homens armados, e não com casas armadas, como depois de bem experimentado, o confessou el-rei Dario.

Não coube deste trabalho a menor parte aos Padres, particularmente aos velhos, e enfermos, que não podião aturar o caminho, nem suportar a calma; os mais osforçados chegarão naquelle dia á aldêa do Espirito Santo, distante seis, ou sete leguas da cidade, e pouco a pouco alli se ajuntarão todos com muito trabalho. Quanto aqui fosse o aperto, e incommodidade bem se deixa ver, pois moravão setenta em casas feitas, e repartidas para quatro. A esta aldêa se acolheu, e recolheu naquelles primeiros dias a maior parte da gente, á qual acudiu a caridade dos nossos, com o que podia, não faltando a ninguem carne, nem fariuza, que é o pão da terra, e neste tempo era o maior regalo.

O mesmo fizeram todos os moradores da Bahia, que tinhão fazendas fóra; agasalhãrão com muita caridade, por muitos dias, quer cem, quer duzentas, trezentas, e mais pessoas, dando-lhe todo o necessario até buscarem remedio; e por esta grande piedade, e misericordia pôz Deos seus piedosos olhos em nós, para nos acudir, e temperar o rigor de seu castigo. Depois que a gente despejou, e foi menos, nos repartimos nes-

ta e outra aldêa, e alguns curraes com assás incommodidade, porque a casa era estreita, a cama o sobrado, e quando boa uma rede, e mesa tão apertada, e pobre, que muitas vezes não havia mais, que ervas e legumes, e estes ás vezes sem sal, nem azeite, cosidos sómente na agua.

A procissão se passou para a aldêa de S. João, mais afastada uma legua, e como as casas dos nossos aqui não estavam mais, que armadas, foi necessario aos irmãos noviços por suas mãos levarem-nas por diante até onde o remedio da necessidade requeria, e aqui com todo recolhimento possivel se conservou a ordem do noviciado, que no collegio se guardava. Tudo isto leváramos bem, comtanto que escapasse das mãos dos inimigos o Padre provincial Domingos Coelho, e o Padre Antonio de Mattos, que lhe havia de succeder com nove companheiros, que do Rio de Janeiro trazião; porém ainda nisto foi Deos servido castigar-nos, porque além de os tomarem, nunca os largarão, sendo assim, que a todos os mais religiosos, e seculares derão liberdade.

E a causa, que disto davão, era porque os nossos em suas terras, lhes fazem muita guerra, com a prégação do Sagrado Evangelho, daqui os embarcãrão para Amesterdam, com o senhor governador, e os mais captivos, que atrás dissemos, dando-lhes o mão trato, a que o odio de muitos annos concebido contra os da Companhia os incitava. Ditosos elles, que por tal causa padecerão, e padecem.

Depois da cidade tomada ao quarto dia vierão doze ou treze Indios, parentes de alguns, que na bateria do forte forão mortos, deliberados a tomar vingança de suas mortes nas vidas dos Hollandezes, e assim o fizerão em alguns, que andavão desgarrados por fóra; porém um destes, em cujo peito vivia a memoria do pai morto, e o amor do mesmo o obrigava a mais; foi com seu arco e flechas á porta da cidade, com animo avantajado ao do outro Plutão Penense na guerra de Italia, porque se este rompeu por meio dos inimigos, para livrar a vida do pai captivo, o nosso para vingar a do pai morto, accommette a cidade desafiando a todos, e depois de ter bem vendida a sua vida, melhor vingada a morte do pai, o acompanhou com a sua, cahindo traspassado de uma balla.

Não erão mais em numero que doze, nem trazião diferentes intentos outros Indios, que achando além da Villa Velha, em uma casa de palha alguns soldados Hollandezes, os accommetterão, e tendo elles por mais seguro defender-se com a casa, atirando de dentro, que defendel-a com suas pessoas, sabindo, ao disparar pegou o fogo na palha, e onde cuidarão que o evitavão, se lhes dobrou o perigo, porque os que fugião do fogo não escapavão ás flechas, e os que temião estas, morrião abrasados, esta foi a causa dos inimigos desampararem logo aquella fortaleza de Santo Antonio. O mesmo damno fizerão ao inimigo não longe de S. Bento, uns poucos de Portuguezes, com alguns frêcheiros, captivando dous, e matando sete, ou oito, entre os quaes foi um capitão de nome. Não forão só estes: semelhante fim tiverão outros tantos da parte do Carmo, quasi no mesmo tempo.

O Sr. Bispo, que com os nossos se recolhêra á aldêa do Espirito Santo, ajuntou alguns desembargadores, e officiaes da camara, e com elles fez

conselho sobre o governo da Bahia, visto, que a fortuna do governador preso o tinha em tal estado, que ainda que vivo, se havia de reputar por morto; e por isso se abriu logo a primeira via, em que Sua Magestade nomeava para governador deste Estado, a Mathias de Albuquerque, que ao presente era de Pernambuco, mas como pela distancia de cem leguas faltava a sua presença, e os soldados sem capitão presente andavão, como se o não forão, desanimados, e desgarrados por diversas partes, pareceu que convinha, e era necessario nomear-se capitão-mór para os ajuntar, animar, e resistir ás salidas insolentes do inimigo.

E logo foi eleito para este cargo o Dr. Antão de Mesquita de Oliveira, chanceller da relação, o qual fez tudo que pôde, mas impossibilitado do estado das cousas, não pôde chegar ao muito que pretendeu. Passados alguns dias o Sr. Bispo, que não se esquecia do seu rebanho, antes como outro Argos vigiava sobre elle, e como piedoso pai, chorava seus males, vendo que não se ordenavão as cousas á medida de seu desejo, e o inimigo desenfreado, não se contentava já sómente com a cidade, mas que com grande ousadia se desmandava por fóra, sem haver quem lhe puzesse freio a tanto desaforo, e que alguns Portuguezes se mettião, e fazião-se amigos com elles, para recuperar o que já perderão, ou para não perderem, o que possuíão, depois de ver bem e considerar os meios, com que segundo o estado das cousas se podia acudir por nossa santa fé catholica, e lealdade á corôa real, reprimindo as entradas dos inimigos, e as salidas dos mesmos, lhe pareceu bem e determinou trocar o baculo com a lança, o roquete com a saia de malha, e de prelado de ecclesiasticos, fazer-se capitão de soldados.

Foi este feito digno de seu animo, não menos pio, que esforçado; o que vendo o povo, e reconhecendo nelle agora mais, que nunca um extremado zelo, não só para as cousas da honra de seu Deos, mas tambem para as do serviço de seu rei, todos a uma voz o acclamarão capitão-mór, e que a elle seguirião, e obedecerião em tudo. Eleito, que foi nesta fórma, manda logo sobre pena de vida, que ninguem trate com o inimigo, antes se ajunte toda a gente, e preparem armas contra elles, e tanto que teve um moderado numero de soldados, assignalou capitães e repartio companhias com animo de tornar a entrar, e cubrir a cidade aos 13 de Junho.

E parece, que o Céu se punha da nossa parte, porque no mesmo tempo vio S. S. no ar uma bandeira com Christo crucificado de uma parte e da outra Santo Antonio, cuja festa naquelle dia celebrava a Igreja. Para mais commodidade do assalto quizerão tomar primeiro alguns rebeldes Portuguezes, que no mosteiro do Carmo estavão aposentados: estes antes que amanhecesse forão presos, mas antes que o fossem vendo-se acommettidos derão com um sino rebato aos Hollandezes, cujas espias erão. Vendo pois os nossos, que lizerão esta boa presa, (e não passavão de cincoenta, e delles a maior parte Indios) que erão sentidos, arremettem sem conselho á cidade, e soldado de cavallo houve, que daquella feita se adian-

tou até pregar a lança na porta da cidade, ferindo, e atropelando as guardas della.

Mas sobrevindo os inimigos, e disparando algumas rouqueiras se retirarão. Com este successo pareceu vir a cousa a pareceres, e forão os mais acertados, que além da grande difficuldade de entrar na cidade era maior a da conservação della, porque estava o inimigo com as forças inteiras no mar, e os nossos poucos, e desarmados, que melhor seria pôrem cerco por terra, impedindo-lhe as saídas com assaltos, que aventurar tudo em uma hora, pois os que antepuzerão o certo ao duvidoso forão sempre mais prudentes. Em todas estas cousas acudirão os Padres a S. S. com todos os Indios das aldêas: assistirão-lhe com conselho, acompanharão-no em todos os caminhos, e até o Padre reitor, que era Fernam Cardim, sendo tão velho, o fez algumas vezes, e o servirão em tudo com muita vontade, como tínhamos de obrigação, e tão honrado prelado nos merecia (1).

(1) SERVICIOS QUE LOS RELIGIOSOS DE LA COMPANIA DE JESUS, HIZIERON A S. MAG. EN EL BRASIL.—(DOCUMENTO EXTRAHIDO DA COLLECÇÃO DO ABBADE BARBOSA MACHADO).

Senor.—Los servicios que la religion de la Compania de Jesus tiene hechos en el Brasil a V. M. y a su corona catolica son tan antiguos como aquella conquista: pues desde sus principios fue aquella tierra cultivada con zelosos trabajos de muchos santos varones, e apostolicos predicadores del evangelio, y aquellos mares santificaron sus aguas con la gloriosa sangre de cinquenta y un inclitos martyres, que la vertieron a manos de los hereges, que como de una misma causa eran enemigos a un mismo tiempo de la religion catolica, de los senores reys predecesores de V. M. y desta minima compania, mostrandolo en todas sus invasiones, pues como quien derriba las principales fuerças que alli tiene la corona de V. M. han desterrado de toda la jurisdiccion de Pernambuco a la Compania, permitiendo las demas religiones: los Portuguezes dezian, que por terneros especial miedo; nosotros sentimos, que por tenerlas maior reverencia. Los hereges dixeron, que no podiã tener senorio de aquel Estado, mientras que dava en el algun religioso nuestro, como vendiendolo por honda razõ de estado a los de su secta, se lo dezian sus cabeças politicas, que ansi consta del testimonio que dá jurado el conde de Banolo, maestre de campo general de las armas de V. M. en aquellas costas. Crecieron los servicios desta minima religion con las mismas obligaciones en que los favores de V. M. la han puesto, despertando nuestra solicitud los desvelos del Exm. conde duque, los quales ha sido tan asistentes a aquella guerra, que en la disposicion de nuestras armas, y en el pavor del enemigo les parecia a aquellas costas, que era presencia, y no era, senor, sino providencia solo. Nuestra provincia del Brasil ofrece, pues a los pies de V. M. una suma de los deseos que ha mostrado de servir, para que ya que no de nuestras fuerças, cobren algun valor y precio de solas sus reales plantas.

El año de 624 tomó el Olandes la ciudad de san Salvador, Baia de todos los santos, los religiosos de la Compania que residian en nuestro colegio de Jesus, salieron a acudir a la demas gente de la campana, procurando cumplir con las obligaciones de buenos religiosos, y vassallos de V. Magestad que todo era lo mismo. Assistieron siempre en el real, que alli se formó; erigieron altar, consolavan a los fieles, predicando, confesando, administrando los Sacramentos a los enfermos, y socorriendo a su costa a los necesitados que podian. Ofrecimos para la guerra los esclavos que cuydã de nuestras labores, y los Indios de nuestras doctrinas, que fueron de grande importancia para el servicio de las armas, y para los assaltos que se dieron al enemigo: y viendo por entonces a los Tapuyas, gente barbara, y la esclaveria de Angola, que rebelados, solo scribian de hurtar los viveres, y hazer dano a nuestra gente, y hazienda, advirtieron

Estando pois tudo isto nestes termos, manda o prelado como capitão-mór, assentar arraial com sua Igreja, uma legua da cidade pouco mais, ou menos; faz ajuntar aqui a gente de guerra, os clérigos, os religiosos, e officiaes de justiça, que pôde; aqui se recolhem todos em choupanas, ou

los cabos de V. M. que en solo los Indios que estavam a cargo de la Compania durò tanto la fidelidad como la guerra; hasta que despues mirando tambien que dos religiosos lenguas, siguiendolos muchas leguas dentro de la tierra, los reduxeron, creyeron que no podia huirsele a la Compania Indio alguno del servicio de V. M. pues adonde no llegava la criança, alcançava la persuasião.

Los Padres que residian en Pernambuco, assistiendo a Mathias de Albuquerque, governador de aquel Estado, (como en emulacião de los Padres de la Baía) sobre la eficacia de las lenguas, anadieron el trabajo de las manos, obrando en la fortificacion de las trincheras por si mismos, por los Indios que dotrinavan, y por los esclavos que sacaron de sus granjas. Y queriendo dos Padres, que mientras aquellas tierras estaban llenas de los trabajos de la Compania, no faltasse su cuydado a los mares, se embarcaron en un navio que el dicho governador embió con 200 soldados en socorro de la Baía y en una pelea que travaron con una nave Olandesa de mucha fuerza mostravan el gusto com que ofrecian sus vidas por servicio de Dios, y de V. M., pues las expunian a las balas con igual riesgo, y desigual resistencia que los soldados, confessando, reterando y socorriendo a los heridos.

Por este mismo tiempo tratò el governador del Rio de Janeiro Martin de Saá de embiar en socorro a la Baía con buen numero de Portugueses y Indios, a su hijo Salvador Corrêa de Saá y Benavides; y porque el riesgo del viage (por aver de hazerse en canoas, embarcaciones mal seguras, y que jamas avian navegado aquel golfo) era tal que ponía en duda la execucion, encargò el governador al Padre rector de nuestro colegio, que emblasse dos religiosos en este socorro, juzgando (como tan experimentado de nuestras acciones) que era este el medio mas eficaz para allanar las dificultades, y assegurar el sucesso.

Primero que a la Baía llegó nuestro socorro a la Capitania del Espiritu Santo, y casi al mismo tiempo que el Olandes bolviendo de Angola con seis poderosas naos, repentinamente la assaltò, y la tomara sin duda, sino la hallara a caso socorrida con los del titlo de Janeiro; mientras durarò los còbates assistieron los Padres animando a sus Indios, y acudiendo a todo, hasta que el enemigo que ya avia entrado parte de la villa conperdida de mucha gente boluò a sus navios, y los nuestros en sus canoas a la Baía adonde se incorporaron con el exercito que la tenia sitiada, continuando alli los mismos exercicios.

En el sitio, y restauracion de la Baía servieron los de aquel colegio con tan piadoso y constante zelo, que el general don Fadrique de Toledo, como recurriendo a buscarles iguales mercedes en la noticia de V. Magestad le escribió la carta siguiente.

La religion de la Compania de Jesus ha servido a V. Magestad en esta ocasion de la recuperacion desta plaça cò el zelo, y cuydado que V. M. está informado antes de mi venida: desde que yo llegué a ponerle sitio acudieron luego a mi y al exercito, y embiaron al servicio del cantidad de Indios de los que tienen a su cargo, mostrandose tan afectos, como lo son, a las cosas del servicio de nuestro Señor, y de V. M. de que me ha parecido dar a V. M. quenta, para que V. M. se sirva de honrarlos, y hazerles la merced que tan justo es. Dios nuestro Señor la catolica persona de V. M. guarde como la christiandad ha menester. En la Ri de la Baía de Todos Santos, a 30 de Julio de 625. Don Fadrique de Toledo Ossorio.

La armada de 34 velas que en 625 embiaron los Olandeses en socorro de la Baía, hallando y a rendida la placa por V. M. Intentaron tomar por interpresa a la Parayba, echando en tierra numero de gente, mas opusieronse al enemigo quatro religiosos nuestros, capitaneando a los Indios de sus doctrinas, y aldeas, no juzgando por entonces (tal era la causa de V. M.) que era fuera del instituto de los que son de la Com-

barracas feitas de palma, e do mesmo feitio era a Igreja; aqui se administrão os Sacramentos, e justiça; aqui se curão os enfermos; aqui se guarda e distribue todo o mantimento dos soldados: daqui finalmente sahem para os assaltos, tornando ao mesmo lugar. Fortifica-se este porto com

pania religiosa, hazer-se cabos de las Companias militares, y despues de varias escaramuzas los obligaron a embarcarse con mucha prisa, y alguna perdida.

Hizose a la vela el Olandes, e entrò en la Baia que llaman de la traycion, por si alli donde era ya suyo el nombre, podia hazer proprio el dominio. Echaron gente en tierra, pero bolvieron a hallarse tambien alli los mismos quatro Padres con sus gentes, que les hizieron rostro, admirando-se de que pudiesse estar en tantas partes nuestra fidelidad como su traycion; y despues de dos meses de assaltos vencida de los Portugueses, y de nuestros Indios su industria, y portia, se vieron obligados a embarcarse buelta de su tierra, aviendo perdido mucha gente a manos de los nuestros, y del cielo que peleó por nosotros, lloviendo sobre ellos pestes, y enfermedades. Los Indios de la sierra de Copaoba, y de otras aldeas, que no estaban a cargo de la Compania, persuadidos con embaxadas, y promessas del Olandes (tanto contaminaba la traycion) siguieron su parcialidad, y conjuraron contra nuestra gente, aviendo muchas muertes de ambas partes; pero la solicitud de nuestros religiosos los reduxo a la fidelidade antigua, yendo a recogerlos por dos vezes a la Sierra, a que muchos dellos desamparados ya del Olandes, se avian acogido.

Conociendo con estas ocasiones el governador Matias de Albuquerque, que sin la doctrina, y ensenança de la Compania, no podian conservarse aquellas gentes, faciles por sus naturales a seguir qualesquiera movimientos, obligó a los Padres con las conveniencias del servicio de V. Magestad, a que se encargassen de la aldea de Una de que curavan sacerdotes seglares; y aunque lá hallaron perdida, y casi despoblada, con su asistencia bolvieron los Padres a recoger los Indios, y los conservaron hasta que perdida aquella Capitania, los retiraron a la Baia.

Mas que la experiencia destes sucessos, tenia acreditadas nuestras acciones en esta parte, la satisfacion que mostrò tener dellas el señor rei don Felipe Tercero, padre de V. M. el qual despues de mandar aplicar varios remedios, todos sin provecho, para evitar los danos que las naciones rebeldes hazian en Cabofrio, costas del Brasil, acudiendo alli a cargar sus navios de Palo del Brasil: ultimamente por carta suya ordenó al Padre Pedro de Toledo, provincial que entonces era de nuestra provincia, mandasse situar en aquel paraje una aldea de Indios, con residencia de quatro Padres, encargando lo mismo al conde de Prado que governava aquel Estado: Mostrò el efecto el acierto de la eleccion, porque se quitaron con esto las ganancias al enemigo, y los que bolvieron a intentarlo perdieron las vidas a manos de nuestros Indios, y algunos juntamente los navios.

Por el Febrero de 629 fue tomado el Recife, e villa de Pernambuco por los Olandeses. En primeros combates desta guerra, y en todos sus progressos por espacio de diez anos, han obrado grandes fuezas los religiosos de la Compania, siendo de no pequeno exemplo su perseverancia en los trabajos, su constancia en los peligros, y su zelo en la predicacion evangelica, trabajando todos sin excepcion d edad ni ocupacion: tratarão siempre de conservar en la obediencia y servicio de V. M. así a los moradores de toda aquella Capitania, como los Indios que por su natural inconstancia corrian mayores riesgos en las porfiadas diligencias que el enemigo hazia para reduzilos a su amistad.

Ya que los nuestros no pudieron mostrar su fineza en ser solos, la mostraron en ser los primeros que con los Indios de sus aldeas acudieron, a tomar el puesto de San Amaro, haziendo grande dano con su oposicion al enemigo. Formò otras estancias, ya que no el poder de los nuestros, su exemplo, con que se comenzaron a enfrenar las correrias que el enemigo hazia por la campana: assistiamos donde quiera que assestia el riesgo: acodiamos de noche, y de diaa los rebatos, hallandonos en los encuentros que cada hora se travavan con el enemigo, peleando con las manos de todos, porque lo que

cravas, trincheiras, e plataformas nos passos de mais importancia, e nas quaes assentárão algumas peças de uma náó, que escapou das mãos dos inimigos.

Applicarão-se logo aos assaltos seiscentos soldados, determinados de apa-

no podian nuestros braços, lo suplía nuestra persuasión, y aliento. Discurríamos por los ingenios, y feligresias, predicando, y exortando a los vezinos a que no faltasen con sus personas, y haciendas, supliendo con ellas los socorros que no podia por entonces hazer la providencia de V. M.

Dentro en nuestro real hizo el rector de aquel colegio, Leonardo Mercurio, fabricar casa, y capilla donde assistian siempre quatro religiosos para administrar los Santos Sacramentos a los sanos, y enfermos, a quien acudian con la caridad possible. Los mas de los nuestros fueron repartidos por otras estancias, de donde salian acompanando los capitanes, y soldados todas las vezes que era necessario assaltar fortificaciones, y plaças del enemigo: en uno destos encuentros murió, valerosa, y gloriosamente el Padre Antonio Belavia, que por oyr de confesion a un soldado, que avia caydo mal herido de un balazo, au que los nuestros iban de retirada, no pudo el riesgo conseguir de su zelo, y caridad, que los siguiesse, y se quedó con su penitente, hasta que llegando los enemigos, conoció el furor de sus cuchilladas, que no pudo apartar los oydos del confessor de la boca del penitente antes de destroncar en los dos las almas de los cuerpos. Acabó así nuestro Padre dichosamente con su vida, pero no con su milicia, por que, ya que no le quedava cuerpo, deshecho a heridas, se le dexaron los enemigos, vivo el nombre, que invocado despues por los soldados, les parecia que en los siguientes combates, sino les servia de armas, les infundia esfuerço: tal era la devocion confiada que lo cobró nuestra gente. Otros muchos Padres quedaron por prisioneros por no desamparar a los que acompanavan, padeciendo los oprobrios de un enemigo insolente con la fortuna, y hubo alguno que en aquella guerra fui cautivo tres vezes sin desistir ninguna.

En la Isla de Ytamaraca, assistieron siempre los nuestros a las baterias que se dieron al enemigo, lo mismo hizieron por muchas vezes en la Capitania de la Parayba, en el Rio Grande, en el quartel de San Agustin, y en las estancias de Garuçú, adonde por espacio de seis mezes acudieron al sustento de los soldados, con mantenimientos de sus labranças, con los quales tambien socorrieron muchas vezes al real en ocasiones de mayores aprietos, y necesidades. Y todas las vezes que fue necessario (que fueron muchas) passar los socorros que eran embiados a varias partes por las residencias de los Padres, les socorrian liberalmente con el sustento, franqueandoles lo que posselan y por ser frequentes, y numerosos los socorros, fue el gasto grande, pero menor que au desco.

Com igual exemplo y valor se hallaron en los assaltos de San Antonio, en los del fuerte de la barra, en los de la Seca, en el Buraco de Santiago, quando fue desbaratado el general Enrique Lonca, en los Cajuales en siete de Enero de 631 en el acometimiento de la villa de Pernambuco el día de nuestra Señora de la Concepcion; el Lunes Santo quando el enemigo assaltó el real, y fue roto; en los sitios que repetidamente puso al mismo real en 4 de Agosto de 633, y en 30 de Março de 34 en que perdió los combates, y puestos que tenia ganados con grande reputacion de las arms de V. M. En las baterias que por espacio de un año continuo ardian, en el Cabo de San Agostin, assistieron tan constantes, como ellas porfiadas. Y porque no les faltasse oficio humilde alguno en el servicio de Dios, e de V. M. acompanavan los socorros que se remetian a varias partes, marchando a pie, y descalços, sin reparar en las grandes incommodidades, y enfermedades que por tal causa padecian contentos.

Puso el enemigo el ultimo cerco al real de Pernamerin, en Março de 635 y con caridad verdadeiramente religiosa se entró a hazer compania a los cercados, el Padre rector, con dos compãneros, facilitando los extremados trabajos, y miserias que se padecieron, hasta llegar a comer corambres secas. Y el rector personalmente salió a buscar vacas, y harinas con que al principio del cerco socorrió a los hambrientos, perseverando todos, hasta que rendida la plaça los lleuó el enemigo a las Indias con la

gar com sangue Hollandez, a nodoa das injurias passadas, e se dividirão com seus capitães nos lugares mais accommodados para o intento, puzerão-se em todos os caminhos, postas por tal ordem, que do que a primei-

demas gente de guerra, que se rindiò en el ultimo trance de la vida, que no les durò menos el brio para conservar la fuerza que el aliento para detener el espíritu en los coraçones; murió con el mal tratamiento del viaje, un Padre prisionero, y los demas hizieron harto en vivir.

Con el mismo zelo se metieron otros dos Padres en la fuerza de San Agustín, en viendola sitiada, siendo la caxa que los llamó, el peligro, el sustento que les aguardava prevenido, era sola la miseria de los cercados por espacio de quatro mezes que durò el sitio, hasta que la falta del sustento, no el desmayo los rindiò al enemigo, que llevó prisioneros a las Indias.

El Padre visitador Manoel Fernandez, con grande desvelo, y continua asistencia acudia a tantas partes, dando orden a sus subditos, confirmando, ò reduziendo a los Indios al servicio de V. M. que lo mas que se podia estranar entre tantas incomodidades y jornadas fue, que las hiziesse a pie: porque no parece que podia aver pies para ellas; efecto fue desta vigilante prevencion, la retrada que nuestros religiosos hizieron, marchando con mas de mil almas hacia la Bala, por mastorrales desiertos, y breñas enrincadas, padeciendo hambres increíbles, de que se originaron tantas muertes, que no llegaron a recogerse a la Bala la mitad de los Indios retirados; no parecia creyble, que contra la inclinacion que estas naciones, mas que otra alguna, tienen vivir en las tierras donde nacieron, y se criarão, se rindiessen a dexarlas, ya que se determinaron, que no se bolviessen arrepentidos, viendo cada dia morir a manos de la miseria y necesidad los Padres a los hijos, los maridos a las mugeres, ofreciendoles tan presente remedio, sola la buelta a sus propias casas y labranças, prometiendoles el Olandes tan amigables partidos, y desinteresados passajes, que podião presumir, que antes ganavan que perdian, bolviendo a hazerse sus vassallos y confederados: Pero todo lo venció la persuasiva perseverancia con que los Padres les representavan, quanto mejor era perder las vidas en la fuga, como firmes catolicos, y leales vassallos de V. M. que irse a vivir entre herejes, para ayudarlos en las guerras que contra la fé de Christo, y contra su natural señor avian de mantener: Quitò con este servicio la Compania al enego (ganandolos a V. M.) mucho numero de soldados, que pudieran hazernos el dano que los Indios que el Olandes pervirtiò, hazen agora a nuestra gente.

Fue tambien de grande importancia, el socorro de Indios con que los de la Compania acudieron, quando en la campanha de Puerto Calvo fue desbaratado el enemigo assaltado en la principal fortificacion que alli tenia, y sitiado en otras tres en que se rendieron al general Matias de Albuquerque 547 Olandes que la defendian como aventureiros se hallaron los nuestros en las Vanguardias animando a los Portuguezes y Indios de sus residencias, y porque no faltasse nada a su cuydado en el mismo campo se ocuparon otros Padres en el retiro del comboy.

En el año de 635 entrò a gobernar las armas el general don Luis de Roxas, y bolviendo a marchar para la campana de Pernambuco, le acompañaron nueve religiosos de la Compania con los Indios que avian retirado, venciendo la aspereza de caminos fragosos y muy llegados a las fuerças del enemigo; llegados a la campana formaron sus aldeas, y alojamientos, adonde muerto nuestro general a arcabuzaos, assaltò el enemigo con gran poder nuestras estancias, y los Padres trabajaron mucho en escapar su gente con solas las vidas.

Por Febrero de 36 por orden de V. M. partiò de la Bala el governador Diego Luis de Olivera para desalojar a los Olandeses, que ocupavan la Isla de Curaçao, falleron en su compania dos religiosos nuestros que para los sucessos del viaje, y de aquella guerra previno el mismo governador, por aver experimentado en otras ocasiones la utilidad de su compania. En altura de 12 grados envistieron nuestros navios, que no erau mas de dos, y un patache, ocho poderosas naos de Olanda, durò la refriega sin interrumpcion dos dias enteros, igualando el valor de nuestra parte al aventajoso numero

ra dêsso fê, soubessem facilmente as outras, e avisassem aos capitães subordinados, e ultimamente ao maior de todos. Erão os capitães vinte e sete, e as companhias de vinte e cinco até quarenta soldados, porque a mul-

de la otra; en quanto durò la pelea acudieron estos dos religiosos puntualissimamente a quanto fue necessario; e animando a los suyos, ya assistiendo con sus regalos, y ayudado a la cura de los heridos, y faltando lieucos, por ser grande el numero, llegaron a rasgar las camisas que tralan vestidas; entre otras muchas dio una bala en el almiranta entre dos agnas, y entre la turbacion perplexa del peligro se perdió la atencion para buscar con que tapar la abertura, por donde cogia mucha agna el navio, fue mayor la advertencia de uno de los Padres, que la misma confusion del riesgo, pues quitando su sotana misma, la dio para remediar el dano, y assegura del navio.

Governando el Estado del Brasil el governador Diego Luis de Olivera, tratò de fortificar la ciudad de San Salvador, y el colegio de la Compania hizo a su costa en la ribera maritima mucho dentro del mar una trinchera de mas de cien braças de largo, toda de canteria fortissima, en que despendio 75500 ducados, atendiendo aquel colegio mas al servicio de V. M. y conservacion de aquella plaça, que a los empenos con que de presente se hallavan por ocasion de tan continua guerra.

En 16 de Abril de 638 entrò en la Baia el conde de Nasao con 40 navios, y cinco mil hombres, puso sitio a la ciudad, en que hallò valerosa resistencia, y perdiò en varios rencuentros con la reputacion lo mejor de su infanteria: levantò afrentosamente el Cerco, y viendo a sus navios, se bolvio a Pernambuco. Todos los que se hallaron en este sitio confiesan, y muchos lo juran en sus certificaciones, que al zelo, y fidelidad con que los de la Compania sirvieron a Dios, y a V. M. se deven en parte no pequena la conservacion de aquella plaça, y victoria que en ella se alcançò del enemigo.

Podrè aqui como testigo de vista las palabras que en su certificacion dize el Obispo del Brasil don Pedro de Silva y Sampayo, por ser sentimiento de prelado que sabe estimar lo que es servir, por los provechosos trabajos, y desvelos que esta ocasionle costò, no solo como a pastor vigilante, sino como a capitan esforçado: « Era tanto su zelo, y cuidado del servicio de Dios, y de Su Magestad, y del bien de la ciudad, que afirmo, que lo puedo mal declarar aqui, e que por mas que diga me parece que será menos de lo que en ellos he visto, y bien creo que demas de la paga que tendran de Dios Nuestro Senor, que tambien Su Magestad, teniendo noticia de lo sobredicho se dará dellos por bien servido, y se lo mandar à premiar: Y porque es justo que todos se consuelen y edifiquen, mandamos passar la presente.

« El conde de San Lorenzo, governador que fue de aquel Estado, en carta de veinte de Enero de 639 escrita a V. M. dize: Aunque el zelo con que los religiosos de la Compania sirven a V. M. y al bien comun de sus vassallos en este Estado se a tan generalmente experimentado, las ocasiones que se ofrecieron en el tiempo de mi gobierno fueron tan particulares, que me pareció devia representarlo à V. M. para mandarles premiar, porque en todo el tiempo que el enemigo tuvo sitiada esta plaça fueron iguales a los mas poderosos en las ofertas, y contribucion de la hazienda; en el trabajo, y asistencia, igualaron a los soldados que mas se senalaron; e en la varidad con que acudieron a los enfermos con el remedio espiritual, y temporal, cumplieron igualmente con las obligaciones de su profession, y con su exemplo se acrecentò el animo, y diligencia de los que sirven a V. M. con que se les quedò a dever mucha parte del buen successo que hubo en esta ocasion, y en todas las demas que yo los ocupe para servicio de V. M., los hallè siempre con gran prontitud, y assi será justo que en sus pensiones les haga V. M. toda la merced que devemos esperar de su grandeza, que Dios Nuestro Senor, conserve, Bai 20 de Enero de 639.

« El proveedor mayor de la real hazienda de V. M. Pedro Cadena Villasantí, cavallero del abito de Avis, en su certificacion jurada de 16 de Setiembre de 638, dize: Certifico, que viniendo el conde de Nasao a poner sitio a esta ciudad de la Baia este ano de 638 en 16 de Abril, con intento de entrar en la dicha ciudad, y hazerse señor della. Los religiosos de la Compania de Jesus, demas del cuidado, y zelo con que

tidão em matos, e caminhos estreitos não impedisse ou dificultasse a peleja.

Entre todos os capitães só dous crão os principaes, a que obedecião todos

acudieron a todas las fortificaciones animando, y confessando la gente de guerra sin excepcion de tiempo, y peligro; con particular demonstracion me assistieron siempre, assi en la casa de los quentos, como en las demas partes a que era necessario acudir, ofreciendo liberalmente los esclavos, y sirvientes de su colegio, y sin embargo de averse despendido grande parte de sus ganados, y crias para sustento del exercito de Pernambuco en la retirada que hizo de aquella Capitania, sabiendo de mi la falta que se padecia de carnes en el tiempo del cerco, y la impossibilidad para poder traerse de partes mas remotas, mandaron entregarnos grand cantidad de vacas, con que se ayndò a aliviar la opression que en esta parte sentian los cercados, y siendo assi mismo necessario para fabricar, y reparar las fortificaciones, erramientas, maderas, y espuelas, ofrecieron, y dieron liberalmente todos estos generos, de que yo me vali, en grande utilidad del servicio de Su Magestad, en ocasion de tanto aprieto, en la qual tambien dieron de su hazienda un subsidio de dinero, de que constará de los libros de la camara desta ciudad, para ajuda de sustentar los soldados, y largaron liberalmente grande cantidad de harinas, y plantas della, para que los soldados, y gente del Pueblo tuviesen remedio de sustento, y en verdad fue de grande remedio, porque teniã muchos mantenimientos sazoados, y no podia esta ciudad ser socorrida de fuera, como solia por causa del cerco, y por sus proprias personas levantaron un grande lienço de trincheras en el lugar que les fue señalado, trabajando en ella los mas graves, y mas doctos sin excepcion de personas, acudiendo a todas partes de dia, y de noche, estando desde el principio del cerco destinados los que avian de acudir a una, y otra parte, segun la necessidad, pedia lo que servio de grande alivio, y animo a los soldados, porque llegaron en tiempo de grande calor, y estando los soldados fatigados a llevar personalmente acuestas canastos de agua para refrigerarse de la grand sed que padecian, y com mucho mayor cuydado en 21 de Abril, y 18 de Mayo, quando el enemigo intentò assaltar nuestras trincheras con todo su poder, corriendo el riesgo que corrian los soldados, y los que entre la gente de guerra mas se señalavan, y de los que quedaron heridos en estas ocasiones, pidieron y llevaron a su colegio muchos que curaron, y curan aun oy a su costa, no se olvidando por esso de otros que por varias partes de la ciudad se curaron, ayudandoles con las consolaciones espirituales, y temporales con grand piedad, siendo a todos de exemplo el zelo, y caridad que en ellos se veia para todo lo que el tiempo pedia en servicio de Dios, y de V. Magestad. De los estudiantes que estavan a su cargo, y podian tomar armas formaron una compania, los quales en las ocasiones que se ofrecieron sirvieron con valor, peleando con el enemigo fuera de las trincheras, como los mas diestros, y experimentados, lo que todo, vi y me consta y passa en la verdad, y lo juro por el abito de Avis de que foi professo, y por me ser pedida passe la presente firmada de mi mano, y sellada con el sello de mis armas. En la Bala 16 de Setiembre de 638.

« El teniente general de la artilleria Francisco Perez de Soto, cavalleiro del abito de Santiago, en su certificacion jurada de 10 de Setiembre de 638, dize: Certifico, que en el sitio que el enemigo puso la Bala de Todos Santos, ciudad del Salvador, en 16 de Abril de 638 por mar con quarenta navios, y por tierra con cinco mil hombres, general el conde de Nasao, donde vino marchando hasta ponerse a tiro de arcabuz de la dicha ciudad, poniendo tres baterias, levantando muchas trincheras, y redutos. En esta ocasion tan apretada, en defensa de plaça de tanta consideracion en las prevençiones que de nuestra parte se hizieron para a la oposicion del enemigo en discurso de quarenta dias, acudieron los Padres de la Compania de Jesus, como tan grandes religiosos, zelosos del servicio de Dios, y de Su Al, y con sus proprias personas, y gente de su casa hizieron una grande trinchera tomada por su quenta, y trabajo, que fue de grande importancia, y a su exemplo lo hizieron otras personas, assi mesmo acudiendo de noche y de dia continuamente otros muchos religiosos de su casa de Jesus

os outros, um dos quaes linha á sua conta a parte de S. Bento, e outro a do Carmo; para sustentar toda esta gente erão necessarios grandes gastos, e para elles estava a fazenda de el-rei nesta Capitania impossibilitada; porém

a las trincheras, fuertes y redutos, con grande riesgo de la vida, no solamente a las muchas confesiones de soldados y oficiales que se ofrecian en las continuas escaramuzas con el enemigo, en que siempre se empenavão con grande fervor christiano, sino ayudando al trabajo, exortando y animando a los soldados a la defensa de la fé de su rey, y de su patria, con grandes exemplos. Por lo qual los soldados recibian grande animo, y consuelo, y a los que matava el enemigo los retiravan y enterravan con mucha decencia, y oficios divinos, y a los heridos capitanes, y soldados, llevaron muchos a su casa, y con gran caridad los curavan, y assistian con todo lo necessario en lo temporal, y espiritual, con los soldados se aventuravan a las escaramuzas, y facciones, acompanandoles los dichos Padres de la Compania, particularizandose en todo, hasta cargar a sus hombros muchas materiales de maderas, faginas, piedras y otras cosas para las trincheras, cantaros de agua para dar de beber a los soldados en las escaramuzas, lo que era grandissimo alivio, hasta que el enemigo despues de aver perdido en las escaramuzas y dos embestidas que hizo en 21 de Abril, y 18 de Mayo dello ano mas de 2 mil hombres muertos, y mas de 600 heridos los mejores de su exercito, se retirò y embarcò y salió de la dicha Baia, dexando la artilleria con que la batia pertrechos, y municiones, en que ganaron las armas de Su Magestad grande reputacion, devriendosele a los dichos Padres grande parte deste buen sucesso, por su asistencia y trabajo en todo con particular exemplo; y despues del enemigo retirado hizieron y dieron dichos Padres muchas gracias a Dios con fiestas solemnes, y sermones en alabanga de Dios, y de los oficiales mayores, capitanes y soldados, y de muertos y heridos, con que todos quedaron muy satisfechos, y animados para otras mayores cosas. Por lo qual merecen los dichos Padres y casa, que Su Magestad les dê las gracias de tales demostraciones, y trabajos, con las honras, y mercedes que acostumbra. Y juro a los santos evangelios ser verdad todo lo referido, por lo qual di esta, à peticion del Padre Francisco Manso, procurador general del reyno de Portugal en esta còrte. Em 10 de Setiembre de 638 años. »

En la armada que salió de la Baia en 10 de Noviembre de 639 para restaurar a Pernambuco, general el conde de la Torre, fueron embarcados quatro religiosos de la Compania para assistir al exercito, y dos dellos salieron en tierra y acompanaron al maesse de campo Luis Barballo Bezerra, que con mil y quinientos Portuguezes dende los baxios de San Roque iba a socorrer la Baia, marchando por la tierra adentro mas de 100 leguas padeciendo muchas incommodidades y trabajos, por la aspereza, y fragosidad del camino, resistencia del enemigo, y falta de bastimentos, de que murieron algunos, a los quales los Padres assistieron como suelen, y a los vivos fueron de grande alivio, y consuelo, assi en el camino, como en varias batallas que dicho maesse de campo travò con el enemigo, con poca perdida de su gente, y mucha del Olandes, talando, y senoreando grande parte de la campana, adonde su larga experiencia : y conocido va lor, prometen aventajados sucessos.

Todo lo referido en este memorial consta de cartas, y certificaciones juradas, de un Obispo, de tres capitanes generales, quatro maesses de campo, muchos capitanes de infanteria y otros oficiales mayores, las quales todas se presentaron en el consejo de Portugal, y la principal sea la satisfacion misma de un consejo, cuyos ministros dende aqui, y de Portugal han acudido mas a las necesidades de aquellas fronteras con sus desveladas juntas, y providas disposiciones, de lo que podion desear sus propios moradores.

Las certificaciones agenas, señor, son las passadas, esta minima Compãnia, empero y en su nombre la provincia del Brasil, dichosa por la fertilidad de trabajos, solo certifica a V. M. que el empacho la cubre el rostro, porque el poder se queda tan atras de los deseos de servir, que casi es tan grande como el conocimiento de las obligaciones en que V. M. la tiene, como oprimida en la impossibilidad misma de igualarlas

Sua Senhoria deu traça, com que houve todo o necessario, obrigando-se a si, e a sua renda, por maneira, que não faltou nada. (1)

Repartidos os capitães, e soldados pela dita ordem, o primeiro encontro, em que derão a conhecer sua apostada determinação ao inimigo, foi, que vindo defronte de S. Felipe, vizinho de Nossa Senhora do Monserrat o seu coronel, ou governador, homem intrepido, e afamado em uma, e outra guerra naval, e campal, assim em Flandres, como nas armadas, acompanhado de cem soldados de guarda, arrebentarão os nossos de uma emboscada contra elles, e um arremetteu com o governador, que vinha a cavallo e o derribou.

Tanto, que este cahio, cahio com elle o animo aos pés dos soldados, que o

con sus servicios. La liberalidad de V. M. tan pundonorosa en el premiar, que qual ô qual servicio de otros religiosos en esta guerra no ha podido passar sin honrarle con mercedes casi iguales a la grandeza de sus reales manos, puede ya darse por satisfecha con los particulares de nuestra religion, pues tiene premiados abundantemente a todos los que sirvieron con la gloria de aver servido, supliendo los que quedan vivos, lo que padecieron menos con la pena de una santa embidia de 11 Padres, que de 22 que llevaron cautivos los rebeldes murieron a força de los malos tratamientos que les dieron, irritados quiza de la libertad de su predicacion evangelica, y fidelidad que ellos valdo navan por servidumbre fatal a la catolica corona de V. M.

La comunidad sola se arroja oy a los reales pies de V. Magestad, luzida con la purpura de tanta sangre derramada; hacterrojada en las prisiones, y cadenas de tantos hijos cautivos, arruinada en sus colegios, que asolô tanto, ella misma con la caridad para con los soldados, como los sacos, y quemas del enemigo, pero muy contenta, pudiendo dezir en tanta perdida, que le queda la esperanza sola en la magnanimidad y piedad catolica de V. M. cuya real persona guarde el Cielo muchos anos como la christandad ha menester, y estos sus minimos capellanes en nuestras oraciones, y sacrificios todolos dias suplicamos, y pedimos.

(1) DO ACONTECIDO NA GUERRA DOS HOLLANDEZES PARA RECUPERAR A CIDADE DA BAHIA EM 1625 PELO PADRE BARTHOLOMEU GUERREIRO, DA COMPANHIA DE JESUS. (ESCRITO EM 1625) —DA CONQUISTA DO BRASIL.

A dura contumacia de Hollandezes hereges e rebeldes a Deos na fé, e a Sua Magestade na sujeição que lhe devem, como a seu natural senhor, os traz tão esquecidos de obrigações divinas e humanas, que são hoje os maiores inimigos da igreja catholica, e da paz politica das corôas de Hespanha. E com tão ousado atrevimento (ou com favor, ou sem elle de potentados catholicos, e hereticos) infestão com piraticas armadas, as provincias do Oriente e Occidente, costa d'Africa, Guiné, Angola, Congo e Mina, com extraordinarios proveitos, de que sustentão sua rebelião. E ou que confiem na industria de sua marinhagem e força de artilharia, em que se lhe não pôde negar industria, e saber; ou que estribem no nosso descuido e emprego de chatinar, subirão a pensamentos maiores do que podia dar uma tão limitada ilha, como é Hollanda, mais para pastores, que para capitães.

Tentarão em odio de Sua Magestade (a quem apregoão por mortal inimigo de sua infidelidade) tudo o que ha da corôa, e conquista de Portugal, ora com má fortuna, ora no mais Oriental da India, ora no coração della, ora na costa d'Africa, aquem e além do Cabo da Boa Esperança. E começando a descahir na reputação das armas, e na firmeza, e verdade da contractação com os povos do Oriente, achando-se atrazados nos proveitos da companhia, que tinham da India Oriental, ordenarão nova companhia de novecentos, mais ladrões, e corsarios, que tractantes e mercadores, para infestarem a quarta parte do mundo, Hespanha nova, Perú, e Brasil. E para este effeito, se apresentou no Burgo de Haia, no anno de 1623, um discurso ao conde Mauricio, feito na villa de Amsterdam, por um João Andre Moertecan, Hollandez. Provava o discurso em vinte capitulos, o evidente damno que receberia a fazenda de Sua Magestade, e a reputação de suas armas, se lhe tomassem a provincia do Brasil. Punha nos olhos os grandes proveitos que a republica de Hollanda teria de se fazer senhora de quatro centas leguas de costa, que o mar lava na do Brasil; e da vastidão de provincias, que pela terra dentro são povoadas de barbaros, que excede, como elles dizem, os espaços que occupão Allemanha, Flandres, França, Inglaterra, Escocia, Irlanda, e Hespanha; esperando de tanta

acompanhavam, como bem se viu no effeito, porque faltando-lhe as mãos para resistir, só nos pés lhe subejou para fugir. Vendo isto os que estavam dentro, dali em diante não sahirão, como dautes, poucos, e com poucas armas, mas muitos bem armados, e sempre em ordem de guerra, com o que tanto maior gosto davão aos nossos, quanto melhor era a occasião de empregarem suas forças e desejos, e assim, estavam alerta, e tanto, que os acolhião fóra, invocando o nome de Jesus, davão nelles, ao principio com flechas, e pelouros, e logo lhe fazião conhecer, e sentir o ferro Portuguez, se antes de chegar a este ponto, como muitas vezes acontecen, não tinham por mais barato o voltar, pois o esperar lhe custava tanto.

Além destes soldados, e capitães, havião outros no reconcavo da cidade,

largueza de terras, ainda quando se não fizessem senhores de outras maiores, um largo e opulento imperio.

ARMADA QUE FIZERÃO PARA A BAHIA E SUCCESSO DELLA.

Pelo governo desta nova Companhia das Indias Occidentaes, se aprestou, no anno de 1623 uma armada nas ilhas de Hollanda e Zelândia de 26 navios: treze proprios do Estado rebelde; treze fretados de mercaderes. Era general dos treze navios do Estado, e de toda armada, Jaque Guithelmo, Hollandez de sessenta annos de idade, bom soldado e marinheiro. Era almirante da armada, Pero Perez Inglez de nação. Dos treze navios de contractadores vinha por cabo João Dori, que também vinha nomeado pelo conde Mauricio por governador do Brasil por tres annos, e juntamente vinha por mestre de campo, e era natural de Izutifel junto a Hollanda. A quarta pessoa em autoridade, que na armada vinha, era Francisco Duches, a quem Martin Corrêa de Sá tomou no Rio de Janeiro, e estando preso na cadeia da Bahia fugio della. Vinha mais por capitão de um navio, um Rodrigo Pedro morador que foi na Capitania do Espírito Santo, e estando preso e condemnado a morte, se sobresteve na execução por ordem de Sua Magestade, em tempo do governador D. Luiz de Sousa. As despezas da armada forão iguaes do estado, e mercaderes. Lançou-se fama de ser para as Indias de Castella, nem se entendem quita e usa enquanto ella não sahio. A gente erão tres mil homens de mar, e guerra escolhidos e de valor, com boas municiões, artilharia e melhor resolução para effectuar a empreza. Sahio de Hollanda a 21 de Dezembro de 1623. Na Bahia de Pleamva, porto de Inglaterra, teve uma tormenta que a dividiu; e no mez de Janeiro se tornarão a ajuntar no Cabo Verde, na ilha de S. Vicente, onde se detiverão dez semanas; e abrindo alli o regimento, e cartas que de Hollanda levavão, ficou certo a todos que ião a Bahia de Todos os Santos, na provincia do Brasil. E conforme as ordens de Hollanda, armarão alli oito chalupas grandes, de gavia, que ião abatidas em peças nos navios, para se servirem dellas na empreza com dois berços de bronze cada uma, e duas rouqueiras de ferro. Era o regimento do general que de improviso saltasse a Bahia, como cabeça do Estado; e esta rendida, saltasse Pernambuco, havendo que rendidas estas duas forças, o mais daquelle provincia ficaria ao alvedrio de suas armas. Tractando mais ser a Bahia cabeça e praça de armas geral para a conquista, e conservacio de tudo o mais, de que naquelle Occidente se fizessem senhores. E se bem em Hollanda disensarão o successo da empreza, melior se aprestarão para elle.... Partirão, chegaram, desembarcarão, e fazendo-se alguma resistencia do forte de Santo Antonio, com algumas poucas peças, não lhe forão de damno. Erao os que desembarcarão mil e quinhentos mosqueteiros, que para fazerem recolher os que tractarão de os impedir, levãro nas chalupas alguns flecheiros, com que os fizerão retirar. E marchando para a cidade bem ordenados, levavão diante encarretadas algumas peças maldas para o que a necessidade pedisse; e assim fei a entrada, sem resistencia, pela parte de Santo Antonio, onde só se acharão alguns negros e dois homens velhos; fugida a mais da gente, ainda que fosse de guerra. Desorte que não houve da parte dos combatentes, nem dos defensores, prezas que relatar neste papel: mais que a felicidade de uns, e a máfia de outros; entãrem uns sem resistencia, outros fugirem sem honra. O governador Diogo de Mendonça Furtado, desamparado de todos, foi preso dentro em sua casa, e levado á Capitania da armada. E fora de ser tão subita a entrada do inimigo, que anticipasse o cuidado dos naturaes, para maior defensão; ordem pareceu foi de outro governo mais alto, entregasse a Bahia a inimigos da fé, na conjunção em que a cidade foi entrada; e não faltarão razões, para Deos o querer assim.

DO QUE PASSOU NA BAHIA, DEPOIS DE TOMADA.

Bem se deixa ver a confusão, e tumulto em que ficaria aquella cidade, entrada com tão subita força e derivada com tanto e accordo, desgoverno e desbarate, que nem houve providen-

que estavam prestes a socorrer a qualquer necessidade, e divididos pelos portos, donde os inimigos podião sabir, em tal ordem, que em qualquer parte, que desembarcavão, já os nossos erão com elles, e por boas vindas o recebião com uma salva de arcabuzes, e frecharia, que, ou lhes impedia o passo, ou lhes tiravão as vidas. Tihão elles sabido na Ilha de Itaparica, fronteira á Bahia, e aquí levados do furor heretico derão muitos golpes em uma cruz, que a porta de uma ermida estava arvorada.

Tornando poucos dias depois os nossos, como era costume, os esperarão, e encontrando-se com elles ao saltar em terra, a cruz, que antes estendia os braços de Leste a Oeste, se foi torcendo do meio para cima, ficando o pé

cia para se impeller a desembarcação, onde fo-se de proveito; nem para socorrer a duas companhias, que a esse effeito mandarão; nem para armar os que podião servir para a defensão; nem para se darem as mãos, e pólvora, a quem com fructo pallas e gastalhas; nem para se pôr a artilharia onde fizesse dano ao inimigo; nem para mais que para salvar as vidas sem respeito das honras, e não por muitas cartas foi Sua Magestade bem avisado. Nesta retirada buscou cada um o lugar em que a ella mais conveniência e sua conservação. O Bispo D. Marcos Teixeira se recolheu a uma aldea de Indios, residência dos Padres da Companhia de Jesus, com alguns dos arbagallares, e o ouvidor geral do Estado Antão de Mesquita de Oliveira. Aquí acorreu para, que com os officiaes da camara da Bahia, que esquivo refugia los na Pitanga, termo da cidade, tractassem de dar cabega ao Estado, para acudir ás necessidades della; e abito-se-as vias, que por ordem de Sua Magestade nomeavão successor ao governador, quando por morte faltasse. E porque o estado de Diogo de Montano e Partido era tal, que para o governo do Brasil o poñião ter por morto, a todos pareceu que as vias se abrissem e o governador se nomeasse. Feitos os autos, e ceremonias, que no caso se fezão, se tomou a primeira via, em que se achou por governador do Estado a Mathias de Albuquerque governador que de presente era de Pernambuco, em lugar de seu irmão Duarte de Albuquerque donatario daquelle senhorio. Avisado logo por particular correo Mathias de Albuquerque do que Sua Magestade era servido, tratou logo da necessidade de presente daquelle sitio. E vendo que importava haver uma cantilheira, que ardisse com alguma gente a que o inimigo se não fizesse senhor dos termos da cidade, como o estava della; pelos mesmos foi eleito para este officio Antão de Mesquita de Oliveira ouvidor geral do Estado do Brasil. Isto feito avisarão a Sua Magestade o Bispo, o ouvidor geral, e a camara da cidade, do miseravel estado em que se achavão, pedindo socorro de armada contra o poder dos rebeldes.

SENTIMENTO QUE SUA MAJESTADE E A COROA DE PORTUGAL TIVERÃO DA TOMADA DA BAHIA.

Foi o primeiro aviso mandado de Pernambuco por Mathias de Albuquerque, chegou a 26 de Julho de 1624. E por um trasordinario se mandou logo a Sua Magestade, e lhe chegou no ultimo do mesmo a meia noite. Não se pode encarecer o que Sua Magestade sentiu a perda desta praça, como o significam os senhores governadores, na que lhe esteve em 11 de Agosto de 1624. Tendo nesses breves dias com o ferido por si, e por seus conselhos de Estado, e guerra, os danos publicos, e secretos, as perdas dos senhores e vassalagens, e direitos da sua real fazenda, não só a coroa de Portugal, mas muito mais na de Castella; e a quebra da reputação das suas armas, poder, e grandezza, se os inimigos sustentassem com firmeza a praça que ganharam. Bem se deixa ver quanto o nome de Portugal sentia esta desgracia dos Holandezes, magoado tão de fresco de outras das Inglozes, e Persas, na tomada da fortaleza de Ormuz; e o fardo que se sentia era a perda da fazenda, e da reputação da grandeza. Mandados parecendo faltar aquelle valor antigo com que em melhores tempos não largavão os Portuguezes as fortalezas que uma vez se ganharam. Multas se virão cercadas, Dio, Malaca, e Goa, voltando sempre os inimigos com as mãos na cabeça arrependidos de tentarem o que não puderão levar. Com uma armada de dezasete velas em 24 de Junho de 1622 quizerão os Holandezes levar a cidade de Macão, aberta praça e não fortificada, e lançando illoentes mosqueiros em terra; com menos de duzentos homens foram rebatidos pelos moradores Portuguezes com morte dos melhores quatrocentos soldados, que Hollanda naquellas partes trazia. Sabidos são outros cercos antigos e modernos, bem famosos em Africa, e Asia, que a nação Portugueza sustentou, com credito, e gloria de seu valor. E não ha muitos annos que os Holandezes experimentarão duas vezes em Mocambique, que sabem os Portuguezes conservar o que possuem. No de 1607 cuidou Paulo Vancarden general de treze velas de força que levava para a India, que tinha por fim certa a praça de Mocambique, que com grande insciencia deus della menagem a soberbia de Hollanda, e com maior insania lha acceitou a senhoria, mas experimentou a sua custa o valor de D. Estevão de Alde, e dos soldados Portuguezes que o acompanhavão, deixando o cerco com muita perda de gente, e reputação. O mesmo succedeu na mesma praça o seguinte anno a Pedro Biens, general hollandez de outra armada para a

immoavel, até que os braços se puzerão de nôrte a sul, abertos, para os que pelejavão, parece dava mostras de que os ajudava a vingar suas injurias; e se bem experimentárão os nossos este favor, melhor o sentirão os inimigos, porque ficando quasi todos mortos, deixarão um batel, e uma lancha, com tres roqueiras, e a não, em que vinhão, logo deu volta, temendo que chegasse ao mar a morte, que em favor dos nossos triumphava por terra.

E' esta santa cruz, agora mui venerada, e celebrada dos moradores, porque além do primeiro milagre, obra Deos de presente muitos outros por seu meio. Não foi bastante esta ruim aventura do inimigo, para se aventurar outra vez na mesma ilha; porém se da primeira lhe foi mal, não sahio bem

India, que entrou no porto de Moçambique com bandeira de paz e festa, como se entrasse em Hollanda, persuadido que o Vancardem tomara a praça de que tinha dado menagem; mostrando a fortaleza de Moçambique a um e outro, que a povoava gente que a não sabia largar. Mais chegando a nós em sitio, e tempo, sentirão os Hollandezes, ô como os Portuguezes sabem defender suas casas. Quando tentárão tomar o forte da Mina, sendo governador daquelle praça D. Christovão de Mello. A quem estando enfermo mandou o general da armada do inimigo pedir a fortaleza. Que estava frangendo lhe respondeu D. Christovão, quem tal petição fazia. E levantado da cama, não esperou dentro dos muros e torredes do forte a quinhentos mosqueteiros que o general guiava. Não passavão os Portuguezes de oitenta e alguns negros da terra. Foi tão determinado o valor de todos em accometter ao inimigo, que ficarão na briga muitos mortos com o seu general; e no alcance da victoria quasi todos. Successo foi de que a Magestade de el-rei Felipe II. fez grande estimação. E morrendo D. Christovão de Mello no mar, vindo da Mina a este reino, lhe gratificou depois de morto. Sua Magestade tão valoroso serviço, fazendo mercê por elle da commenda de D. Christovão, a D. Jorge de Mello seu sobrinho, e seu herdeiro. Que ain li faz muita estima da commenda, como fructo da victoria de seu tio; mas estima a espada do general hollandez, que seu tio lhe deixou em memoria de o vencer, e matar. E quantos mais successos destes sabia a nação portugueza de seus passados, tanto mais se magoava em tempos presentes, ver filalgos degolados na India, e outros castigosa quem faltou na obrigação do valor; e no presente caso por ver perdida a cabeça de um Estado, sem que em sua defensão corresse pelas ruas da Bahia rios de sangue portuguez e hollandez.

ORAÇÕES QUE SE FIZERÃO A DEOS, PELA DESGRAÇA DA BAHIA.

Mas como não estava o remedio de tão grande danno no sentimento delle, senão em se procurar soccorro no favor do céu, e no valor das armas da terra. Começando pelo primeiro, não se poderá dizer o fervor e zelo do piissimo principe que Sua Magestade mostrou neste particular, escrevendo sobre elle aos Srs. governadores a 9 de Agosto, a 20 de Setembro, a 2 de Outubro, e a 3 de Dezembro de 1624, e como se nenhuma outra cousa mais lembrasse a Sua Magestade em primeiro lugar, que ter o céu por si para suas resoluções, e intentos, e como quem bem entendia o grande respeito que Deos tem a principes que zelão em seus Estados, justiça e pureza de consciencia em seus vassallos, diz assim aos senhores governadores. Tendo consideração ao muito que Deos Nosso Senhor se offende de que haja descuidos no castigo dos peccados publicos, e escandalosos, e quão necessario é tractar-se mui de proposito de ter mão no rigor da divina justiça, para que levante os castigos e disponha para maior seu serviço, bem commum da igreja catholica, e de meus reinos, e vassallos o fim de meus intentos, e particularmente esta empreza do soccorro do Brasil, me pareceu encaminhar-vos muito, que com toda a applicação, e cuida lo devi lo vos informeis dos peccados publicos, e averiguando-se, se proceda com os culpados na mesma e informidade, advertindo que com volo ordenar assim, descarrego a obrigação de minha consciencia, e espero que cumprireis com a vossa de maneira, que se dê inteira satisfação a justiça com exemplo, e emenda. E sobre esta resolução de se emendarem vidas escandalosas, mostrou Sua Magestade nesta carta, que ainda que applicava poder para se recuperar a Bahia, importavão favores Divinos, para ser com mais suavidade, e assim diz:

Conhecendo quão certa é, que as forças e disposição humana são limitadas, e de nenhum fructo, ain li para alcançar successos de cousas menores, me pareceu que o que convém, é acudir a Nosso Senhor por todos os meios possíveis, para que se sirva de encaminhar tu li como mais for do maior seu serviço, e gloria: escrevendo aos bispos e prelados maiores de todas as religiões dos reinos de Hespanha, para que em suas igrejas nos lugares principaes de suas dioceses; e nos conventos de frades e freiras, se tenha particular cuidado de encomendar a Deos Nosso Senhor affectuosa, e instantemente o bom successo em particular, e em geral de todas as minhas resoluções, quanto se dirigem na paz, e guerra ao maior serviço, e gloria de sua Divina Magestade, e ao bem publico de toda a igreja catholica, e desta monarchia,

da segunda; indo pois um patacho para fazer carnes, investirão-no da nossa parte alguns frecheiros, e com machados, o começarão a abrir, metendo-se debaixo da artilharia, donde nem esta, nem alguma outra arma os podia offender, porque estavam continuamente com a frecha no arco, e os olhos no bordo, para que em chegando algum a elle, antes que fizesse damno, o recebesse; mas como sobreviesse ao Hollandez soccorro, e o que os nossos esperavão faltasse, foi necessario largar a presa, levarão porém uma lancha com duas roqueiras, ficando o navio, e alguns delle maltratados.

Sahirão mais os inimigos em bom numero a Sapetiba, legua e meia da cidade, a roubar uma fazenda, que está naquelle porto, e provavelmente hou-

e sua segurança. E que os ecclesiasticos e seculares concorram em cada lugar principal da diocese a uma novena na igreja que se assignalar onde se digão nove missas, a que o povo acuda com toda a devoção, concedendo para isto os prelados as indulgencias que puderem: eno fim das missas se faça a ladainha particular com sua oração e collecta, que em semelhantes occasiões se costuma. E em um dos dias da novena haja procissão geral pelo lugar com toda a quietação, e devoção. E nos conventos religiosos pelas crastas: e nas sacristias das igrejas se ponha uma memoria para todos os sacerdotes nas missas encomendarem a Nosso Senhor estes intentos. E na minha capella se faça a mesma demonstração tendo particular cuidado que se cumpra pontualmente, avisando-me como se fizer.

Não duvido que em toda a Hespanha se guardaria a ordem santa que Sua Magestade dá nesta carta sua, e que haveria em cumpri-la cuidado singular. O que sei é que em Lisboa a executarão com grande perfeição, o Illm. D. Miguel de Castro arcebispo, com todo o secular, e universal cleresia; e o Illm. D. João da Silva capellão-mór, com tudo o que ha na capella real de Sua Magestade. E o Illm. Antonio Albergati collector nestes reinos pela santidade do Papa XV com todos os conventos de religião. Tendo-se em todas as igrejas maiores e menores o Santissimo Sacramento descoberto, adorado, e venerado com grandes concursos do povo, e singular devoção. De sorte que foi geral prognostico de ser indubitavel o bom successo dos intentos de Sua Magestade, sendo o Divinissimo Sacramento o protector de todos os seus desenhos, para que não só a jornada da Bahia succedesse com felicidade, mas que a mesma houvesse em todas as outras empresas, em que a causa de Sua Magestade é tão catholica, e tão justificada.

PRESSA COM QUE SUA MAGESTADE TRACTOU DE ACUDIR Á BAHIA.

Batido o céu com devoções e rogos, foi necessario tambem acudir-se ás armas para se refrearem as insolencias do inimigo. Como de um leão real offendido se tornou o animo de Sua Magestade com a nova de tão inesperada desgraça. E feita com seus conselhos a necessaria consideração sobre tão pesado negocio: a primeira cousa com que sahio, foi com escrever aos Srs. governadores, a 7 de Agosto de 1624 e lhe diz. Houve por bem de resolver, que da armada do mar Oceano, se ajunte a maior força que for possivel, ficando só para a guarda da costa dez ou doze navios, e que os mais hão de ir ao Brasil levando para a empresa tres mil infantes. E que nessa corôa se ajunte toda a maior força que poder ser, com presuppôto que ha de estar tudo prestes para o dia 20 do presente mez. E avisando Sua Magestade nesta carta de outros particulares tocantes ao apresto da armada, não só na leva da gente que havia de ir, mas nos petrechos necessarios, grossos e miúdos que importassem para desalojar ao inimigo, mostrou qual estava no caso seu real coração, assim para acudir ao bem da monarchia, como para confiar em todo serviço da lealdade dos vassallos da corôa de Portugal. De propria e real mão e letra como vimos, acrescentou as seguintes palavras: « Concluyo que no dudo que tales vassallos en obligaciones, amor y valor acudiran en esta ocasion a servirme y a bolver por si mismos con tales veras, que aya de aver mayor trabajo en astajar a que no vayan, que en animarles pera esto. Pues es cierto que yo los estimo, y amo tanto, que bolgar ir con mi persona en esta jornada, pera mostrarles quanto deseo no solo la conservacion de essa corona, sino augmentarla, y engrandecerla como tales vassallos merecen.

De sorte que o primeiro pensamento real de Sua Magestade foi ir em pessoa á jornada e partirem as armadas a 20 de Agosto de 1624. Da parte da corôa de Portugal havia uma difficuldade, que mal podia vencer-se; e era andar a sua armada esperando nas ilhas dos Açores, dar guarda ás naos que do Oriente neste tempo costumão aportar a Lisboa: comtudo estava Sua Magestade tão cheio de fervor, para esta expedição se fazer com toda a pressa, que de qualquer modo que fosse, mandava se fizessem extremos, e se puzesse a armada a ponto du navegar, ainda que a da guarda das naos se detivesse com ellas. E para que os Srs. governadores se não embaraçassem nos gastos; por outra do mesmo dia os avisa, que tudo o empenhassem da real fazenda de Sua Magestade para o apresto desta jornada em virtude de tal carta, o havia bem feito, valioso e firme.

acompanhavam, como bem se viu no effeito, porque faltando-lhe as mãos para resistir, só nos pés lhe subejou para fugir. Vendo isto os que estavam dentro, dali em diante não sahirão, como dautes, poucos, e com poucas armas, mas muitos bem armados, e sempre em ordem de guerra, com o que tanto maior gosto davão aos nossos, quanto melhor era a occasião de empregarem suas forças e desejos, e assim, estavam alerta, e tanto, que os acolhião fóra, invocando o nome de Jesus, davão nelles, ao principio com flechas, e pelouros, e logo lhe fazião conhecer, e sentir o ferro Portuguez, se antes de chegar a este ponto, como muitas vezes aconteceu, não tinham por mais barato o voltar, pois o esperar lhe custava tanto.

Além destes soldados, e capitães, havião outros no reconcavo da cidade,

largueza de terras, ainda quando se não fizessem senhores de outras maiores, um largo e opulento imperio.

ARMADA QUE FIZERÃO PARA A BAHIA E SUCCESSO DELLA.

Pelo governo desta nova Companhia das Indias Occidentaes, se aprestou, no anno de 1623 uma armada nas ilhas de Hollanda e Zelândia de 26 navios: treze proprios do Estado rebelde; treze fretados de mercadores. Era general dos treze navios do Estado, e de toda armada, Jaque Guilhelmo, Hollandez de sessenta annos de idade, bom soldado e marinheiro. Era almotacante da armada, Pero Perez Inglez de nação. Dos treze navios de contractadores vinha por cabo João Berti, que também vinha nomeado pelo conde Mauricio por governador do Brasil por tres annos, e juntamente vinha por mestre de campo, e era natural de Izutifel junto a Hollanda. A quarta pessoa em autoridade, que na armada vinha, era Francisco Duches, a quem Martin Correa de Sá tocou no Rio de Janeiro, e estando preso na cadeia da Bahia fugio della. Vinha mais por capitão de um navio, um Rodrigo Pedro morador que foi na Capitania do Espírito Santo; e estando preso e condemnado á morte, se sobreteve na execução por ordem de Sua Magestade, em tempo do governador D. Luiz de Sousa. As despesas da armada forão iguaes do estado, e mercaderes. Lançou-se fama de ser para as Indias de Castella, nem se entendeu outra e usa enquanto ella não sabia. A gente erão tres mil homens de mar, e guerra escolhidos e de valor, com boas municiões, artilharia e melhor resolução para effectuar a empreza. Saliu de Hollanda a 21 de Dezembro de 1623. Na Bahia do Plainva, porto de Inglaterra, teve uma tormenta que a dividiu; e no mez de Janeiro se tornarão a ajuntar no Cabo Verde, na ilha de S. Vicente, onde se detiverão dez semanas; e abrindo alli o regimento, e cartas que de Hollanda levavão, ficou certo a todos que ião á Bahia de Todos os Santos, na provincia do Brasil. E conforme as ordens de Hollanda, armarão alli oito chalupas grandes, de gavia, que ião abatidas em peças nos navios, para se servirem dellas na empreza com dous berços de bronze e da uma, e duas rouqueiras de ferro. Era o regimento do general que de improviso saltasse a Bahia, como cabeça do Estado; e esta rendida, saltasse Pernambuco, havendo que rendidas estas duas forças, o mais daquella provincia ficaria ao alvedrio de suas armas. Tractando mais ser a Bahia cabeça e praça de armas geral para a conquista, e conservação de tudo o mais, de que naquella Occidente se fizessem senhores. E se bem em Hollanda discursarão o successo da empreza, melhor se aprestarão para elle.... Partirão, chegaram, desembarcarão, e fazendo-se alguma resistencia do forte de Santo Antonio, com algumas poucas peças, não lhe forão de damno. Erão os que desembarcarão mil e quinhentos mosqueteiros, que para fazerem recolher os que tractarão de os impedir, levãrão nas chalupas alguns flecheiros, com que os fizerão retirar. E marchando para a cidade bem ordenados, levãvõ diante encarratadas algumas peças mórdes para o que a necessidade pedisse; e assim foi a cidade entrada, sem resistencia, pela parte de Santo Antonio, onde só se achãrão alguns negros e dous homens velhos; fugida a mais da gente, ainda que fosse de guerra. De sorte que não houve da parte dos combatentes, nem dos defensores, prezas que relatar neste papel; mais que a felicidade de uns, e a malina de outros; entrarem uns sem resistencia, outros fugirem sem honra. O governador Diogo de Mendonça Furtado, desamparado de todos, foi preso dentro em sua casa, e levado á Capitania da armada. E fora de ser tão subita a entrada do inimigo, que anticipasse o cuidado dos naturaes, para maior defensão; ordem parece foi de outro governo mais alto, entregasse a Bahia a inimigos da fé, na conjunção em que a cidade foi entrada; e não faltarão razões, para Deos o querer assim.

DO QUE PASSOU NA BAHIA, DEPOIS DE TOMADA.

Bem se deixa ver a confusão, e tumulto em que ficaria aquella cidade, entrada com tão subita força e deixada com tanto e accordo, desgoverno e desbarate, que nem houve providen-

que estavam prestes a socorrer a qualquer necessidade, e divididos pelos portos, donde os inimigos podião sahir, em tal ordem, que em qualquer parte, que desembarcavão, já os nossos erão com elles, e por boas vindas o recebião com uma salva de arcabuzes, e frecharia, que, ou lhes impedia o passo, ou lhes tiravão as vidas. Tinhão elles sabido na Ilha de Itaparica, fronteira á Bahia, e aqui levados do furor heretico derão muitos golpes em uma cruz, que a porta de uma ermida estava arvorada.

Tornando poucos dias depois os nossos, como era costume, os esperarão, e encontrando-se com elles ao saltar em terra, a cruz, que antes estendia os braços de Leste a Oeste, se foi torcendo do meio para cima, ficando o pé

cia para se impedir a desembarcação, onde fosse de proveito; nem para socorrer a duas companhias, que a esse effeito mandáron: nem para armar os que podião servir para a defensão; nem para se darem as munições, e pólvora, a quem com fructo podesse gastá-las; nem para se pôr a artilharia onde fizesse danno ao inimigo; nem para mais que para salvar as vidas sem respeito das honras, e não por muitos cartões foi Sua Magestade bem avisado. Nesta retirada baseou cada um o lugar em que achou mais convenienti a sua conservação. O Bispo D. Marcos Teixeira se recolheu a uma aldea de Indios, residência dos Padres da Companhia de Jesus, com alguns desembarcadouros, e o ouvidor geral do Estado Antão de Mesquita de Oliveira. Aqui acorrião, que com os officiaes da camara da Bahia, que esquivão retirá-los na Pitanga, termo da cidade, tractassem de dar cabeça ao Estado, para acudir as necessidades delle: e abrissem-se as vias, que por orfão de Sua Magestade nomeavão successor ao governador, quando por morte faltasse. E porque o estado de Diogo de Mendonça Furtado era tal, que para o governo do Brasil o podião ter por morto, a todos pareceu que as vias se abrissem e o governador se nomeasse. Feitos os autos, e ceremonias, que no caso se rezei, se abriu a primeira via, em que se achou por governador do Estado a Mathias de Albuquerque governador que de presente era de Pernambuco, em lugar de seu irmão Duarte de Albuquerque donatario daquelle senhorio. Avisou logo por particular correo Mathias de Albuquerque ao que Sua Magestade era servido, fructo da necessidade de presente daquelle sítio. E vindo que importava haver um capitão-mór, que acudisse com alguma gente a que o inimigo se não fizesse senhor dos termos da cidade, como o estava de lá; pelos mesmos foi eleito para este officio Antão de Mesquita de Oliveira ouvidor geral do Estado do Brasil. Isto feito avisarão a Sua Magestade o Bispo, o ouvidor geral, e a camara da cidade do miseravel estado em que se achavão, pedindo socorro de armada contra o poder dos rebeldes.

SENTIMENTO QUE SUA Magestade E A COROA DE PORTUGAL TIVERÃO DA TOMADA DA BAHIA.

Foi o primeiro aviso mandado de Pernambuco por Mathias de Albuquerque, chegou a 26 de Julho de 1624. E por um trascorinario se mandou logo a Sua Magestade, e lhe chegou no ultimo do mesmo a meia noite. Não se pôde encarecer o que Sua Magestade sentio a perda desta praça, como o signifi- cáram senhores governadores, na que lhe escreveu em 3 de Agosto de 1624. Tendo nesses breves dias considerado por si, e por seus conselhos de Estado, e guerra, os dâmnos publicos, e secretos, as perdas dos senhorios e vassallagens, e direitos de sua real fazenda, não só na corôa de Portugal, mas muito mais na de Castella; e a quebra da reputação das suas armas, poder, e grandeza; se os inimigos sustentassem com firmeza a praça que ganháram. Bem se deixa ver quanto o reino de Portugal sentia esta desgracia dos humilhez, magoado tão de fresco da outra dos Inglozes, e Persas, na tomada da fortaleza de Ormuz; e o menos que se sentia era a perda da fazenda, e da reputação dava grandes cuidados parecendo faltar aquelle valor antigo com que em melhores tempos não largavão os Portuguezes as forças que uma vez se ganháram. Muitos se virão cercados, Dio, Malaca, e Goa, voltando sempre os inimigos com as mãos na cabeça arrependidos de tentarem o que não puderão levar. Com uma armada de dezasete velas em 24 de Junho de 1622 quizerão os Hollandezes levar a cidade de Macão aberta praça e não fortificada e lançado oitocentos mosqueiteiros em terra; com menos de duzentos homens forão rebatidos pelos moradores Portuguezes com morte dos melhores quatrocentos soldados, que Hollanda naquellas partes trazia. Sabidos são outros cercos antigos e modernos, bem famosos em Africa, e Asia, que a nação Portugueza sustentou, com credito, e gloria de seu valor. E não ha muitos annos que os Hollandezes experimentarão duas vezes em Mocambique, que sabem os Portuguezes conservar o que possuem. No de 1607 cuidou Paulo Vancardem general de treze velas de força que levava para a India, que tinha por tao certa a praça de Mocambique, que com grande insolencia deu della menagem a senhoria de Hollanda, e com maior insania lh'a acceitou a senhoria, mas experimentou a sua custia o valor de D. Estevão de Ataide, e dos soldados Portuguezes que o acompanhavão, deixando o cerco com muita perda de gente, e reputação. O mesmo succedeu na mesma praça o seguinte anno a Pedro Biens, general hollandez de outra armada para a

immoavel, até que os braços se puzerão de norte a sul, abertos, para os que pelejavão, parece dava mostras de que os ajudava a vingar suas injurias; e se bem experimentarão os nossos este favor, melhor o sentirão os inimigos, porque ficando quasi todos mortos, deixarão um batel, e uma lancha, com tres roqueiras, e a não, em que vinhão, logo deu volta, temendo que chegasse ao mar a morte, que em favor dos nossos triumphava por terra.

E' esta santa cruz, agora mui venerada, e celebrada dos moradores, porque além do primeiro milagre, obra Deos de presente muitos outros por seu meio. Não foi bastante esta ruim aventura do inimigo, para se aventurar outra vez na mesma illia; porém se da primeira lhe foi mal, não sahio bem

India, que entrou no porto de Moçambique com bandeira de paz e festa, como se entrasse em Hollanda, persuadido que o Vancardem tomara a praça de que tinha dado menagem; mostrando a fortaleza de Moçambique a um e outro, que a povoava gente que a não sabia largar. Mais chegando a nós em sitio, e tempo, sentirão os Hollandezes, o como os Portuguezes sabem defender suas casas. Quando tentarão tomar o forte da Mina, sendo governador daquelle praça D. Christovão de Mello. A quem estando enfermo mandou o general da armada do inimigo pedir a fortaleza. Que estava framengo lhe respondeu D. Christovão, quem tal petição fazia. E levantado da cama, não esperou dentro dos muros e torreões do forte a quinhentos mosqueteiros que o general guiava. Não passavão os Portuguezes de oitenta e alguns negros da terra. Foi tão determinado o valor de todos em accommetter ao inimigo, que ficarão na briga muitos mortos com o seu general; e no alcance da victoria quasi todos. Successo foi de que a Magestade de el-rei Felipe II. fez grande estimação. E morrendo D. Christovão de Mello no mar, vindo da Mina a este reino, lhe gratificou depois de morto, Sua Magestade tão valoroso serviço, fazendo mercê por elle da commenda de D. Christovão, a D. Jorge de Mello seu sobrinho, e seu herdeiro. Que ain li faz muita estima da commenda, como fructo da victoria de seu tio; mas estima a espada do general hollandez, que seu tio lhe deixou em memoria de o vencer, e matar. E quantos mais successos destes sabia a nação portugueza de seus passados, tanto mais se magoava em tempos presentes, ver fidalgos degolados na India, e outros castigosa quem faltou na obrigação do valor; e no presente caso por ver perdida a cabeça de um Estado, sem que em sua defensão corresse pelas ruas da Bahia rios de sangue portuguez e hollandez.

ORAÇÕES QUE SE FIZERÃO A DEOS, PELA DESGRAÇA DA BAHIA.

Mas como não estava o remedio de tão grande d'anno no sentimento delle, senão em se procurar soccorro no favor do céu, e no valor das armas da terra. Começando pelo primeiro, não se poderá dizer o fervor e zelo de piissimo principe que Sua Magestade mostrou neste particular, escrevendo sobre elle aos Srs. governadores a 9 de Agosto, a 20 de Setembro, a 20 de Outubro, e a 3 de Dezembro de 1624, como se nenhuma outra cousa mais lembrasse a Sua Magestade em primeiro lugar, que ter o céu por si para suas resoluções, e intentos, e como quem bem entendia o grande respeito que Deos tem a principes que zelão em seus Estados, justiça e pureza de consciencia em seus vassallos, diz assim aos senhores governadores. Tendo consideração ao muito que Deos Nosso Senhor se offende de que haja descuidos no castigo dos peccados publicos, e escandalosos, e quão necessario é tractar-se mui de proposito de ter mão no rigor da divina justiça, para que levante os castigos e disponha para maior seu serviço, bem commum da igreja catholica, e de meus reinos, e vassallos o fim de meus intentos, e particularmente esta empreza do soccorro do Brasil, me pareceu encaminhar-vos muito, que com toda a applicação, e cuida lo devi li vos informeis dos peccados publicos, e averiguando-se, se proceda com os culpados na mesma conformidade, advertindo que com volo ordenar assim, descarrego a obrigação de minha consciencia, e espero que cumprireis com a vossa de maneira, que se dê inteira satisfação a justiça com exemplo, e emenda. E sobre esta resolução de se emendarem vidas escandalosas, mostrou Sua Magestade nesta carta, que ainda que applicava poder para se recuperar a Bahia, importavão favores Divinos, para ser com mais suavidade, e assim diz:

Conhecendo quão certo é, que as forças e disposição humana são limitadas, e de nenhum fructo, ain li para alcançar successos de cousas menores, me pareceu que o que convém, é acudir a Nosso Senhor por todos os meios possiveis, para que se sirva de encaminhar tudo como mais fôr de maior seu serviço, e gloria: escrevendo aos bispos e prelados maiores de todas as religiões dos reinos de Hespanha, para que em suas igrejas nos lugares principaes de suas dioceses; e nos conventos de frades e freiras, se tenha particular cuidado de encomendar a Deos Nosso Senhor affectuosa, e instantemente o bom successo em particular, e em geral de todas as minhas resoluções, quanto se dirigem na paz, e guerra ao maior serviço, e gloria de sua Divina Magestade; e ao bem publico de toda a igreja catholica, e desta monarchia,

da segunda; indo pois um patacho para fazer carnes, investirão-no da nossa parte alguns frecheiros, e com machados, o começarão a abrir, metendo-se debaixo da artilharia, donde nem esta, nem alguma outra arma os podia offender, porque estavam continuamente com a frecha no arco, e os olhos no bordo, para que em chegando algum a elle, antes que fizesse damno, o recebesse; mas como sobreviesse ao Hollandez soccorro, e o que os nossos esperavão faltasse, foi necessario largar a presa, levarão porém uma lancha com duas roqueiras, ficando o navio, e alguns delle maltratados.

Sahirão mais os inimigos em bom numero a Sapetiba, legua e meia da cidade, a roubar uma fazenda, que está naquella porto, e provavelmente hou-

e sua segurança. E que os ecclesiasticos e seculares concorrão em cada lugar principal da diocese a uma novena na igreja que se assignalar onde se digão nove missas, a que o povo acuda com toda a devoção, concedendo para isto os prelados as indulgencias que puderem: eno fim das missas se faça a ladainha particular com sua oração e collecta, que em semelhantes occasiões se costuma. E em um dos dias da novena haja procissão geral pelo lugar com toda a quietação, e devoção. E nos conventos religiosos pelas crastas: e nas sacristias das igrejas se ponha uma memoria para todos os sacerdotes nas missas encomendarem a Nosso Senhor estes intentos. E na minha capella se faça a mesma demonstração tendo particular cuidado que se cumpra pontualmente, avisando-me como se fizer.

Não duvido que em toda a Hespanha se guardaria a ordem santa que Sua Magestade dá nesta carta sua, e que haveria em cumprila cuidado singular. O que sei é que em Lisboa a executarão com grande perfeição, o Illm. D. Miguel de Castro arcebispo, com todo o secular, e universal cleresia; e o Illm. D. João da Silva capellão-mór, com tudo o que ha na capella real de Sua Magestade. E o Illm. Antonio Albergati collecter nestes reinos pela santidade do Papa XV com todos os conventos de religião. Tendo-se em todas as igrejas maiores e menores o Santissimo Sacramento descoberto, adorado, e venerado com grandes concursos do povo, e singular devoção. De sorte que foi geral prognostico de ser indubitavel o bom successo dos intentos de Sua Magestade, sendo o Divinissimo Sacramento o protector de todos os seus desenhos, para que não só a jornada da Bahia succedesse com felicidade, mas que a mesma houvesse em todas as outras empresas, em que a causa de Sua Magestade é tão catholica, e tão justificada.

PRESSA COM QUE SUA MAGESTADE TRACTOU DE ACUDIR À BAHIA.

Batido o céu com devoções e rogos, foi necessario tambem acudir-se ás armas para se refrearem as insolencias do inimigo. Como de um leão real offendido se tornou o animo de Sua Magestade com a nova de tão inexperada desgraça. E feita com seus conselhos a necessaria consideração sobre tão pesado negocio: a primeira cousa com que sahio, foi com escrever aos Srs. governadores, a 7 de Agosto de 1624 e lhe diz. Houve por bem de resolver, que da armada do mar Oceano, se ajunte a maior força que for possível, ficando só para a guarda da costa dez ou doze navios, e que os mais hão de ir ao Brasil levando para a empresa tres mil infantess. E que nessa corôa se ajunte toda a maior força que poder ser, com presupposto que ha de estar tudo prestes para o dia 20 do presente mez. E avisando Sua Magestade nesta carta de outros particulares tocantes ao apresto da armáda, não só na leva da gente que havia de ir, mas nos petrechos necessarios, grossos e miúdos que importassem para desalojar ao inimigo, mostrou qual estava no caso seu real coração, assim para acudir ao bem da monarchia, como para confiar em todo serviço da lealdade dos vassallos da corôa de Portugal. De propria e real mão e letra como vimos, acrescentou as seguintes palavras: « Concluyo que no dudo que tales vassallos en obligaciones, amor y valor acudiran en esta ocasion a servirme y a bolver por si mismos con tales veras, que aya de aver mayor trabajo en astajár a que no vayan, que en animarles pera esto. Pues es cierto que yo los estimo, y amo tanto, que bolgar ir con mi persona en esta jornada, pera mostrarles quanto deseo no solo la conservacion de essa corona, sino aumentarla, y engrandecerla como tales vassallos merecen.

De sorte que o primeiro pensamento real de Sua Magestade foi ir em pessoa á jornada a partirem as armadas a 20 de Agosto de 1624. Da parte da corôa de Portugal havia uma difficuldade, que mal podia vencer-se; e era andar a sua armada esperando nas ilhas dos Açores, dar guarda ás naos que do Oriente neste tempo costumão aportar a Lisboa: contudo estava Sua Magestade tão cheio de fervor, para esta expedição se fazer com toda a pressa, que de qualquer modo que fosse, mandava se fizessem extremos, e se puzesse a armada a ponto de navegar, ainda que a da guarda das naos se detivesse com ellas. E para que os Srs. governadores se não embaraçassem nos gastos; por outra do mesmo dia os avisa, que tudo o empenhassem da real fazenda de Sua Magestade para o apresto desta jornada em virtude de tal carta, o havia bem feito, valioso, e firme.

verão de tomar o senhor della, por ser mui velho, e quasi entevado; mas neste perigo uma filha sua, a quem a piedade deu animo de Enéas, o tomou às costas, e poz em salvo; entrarão os Hollandezes nesta fazenda, e a roubarão, porque a nossa gente os aguardava em outra parte mui distante, e não pôde logo acudir; acudirão porém alguns, que lhe fizerão rosto, até que lhe chegou o soccorro, e ainda que tarde não deixarão de matar perto de vinte.

Ajudavão muito para os nossos saberem as saídas dos inimigos tres Portuguezes, que o Sr. Bispo trazia na cidade, um delles bem exercitado na lingua hollandeza, os quaes com passaporte, que tinham do Hollan-

CUIDADO COM QUE SE ACUDIO PARA A JORNADA, NA COROA DE PORTUGAL.

Mal podia ser, que fazendo o primeiro movel da monarchia de Hespanha tão ligeiro movimento, para menos damnos e grandes proveitos do mundo Occidental, fizessem em sua correspondencia as espheras menores do governo da corôa de Portugal, e sendo avisadas por Sua Magestade por varias vezes os Srs. governadores, D. Diogo de Castro, e o conde D. Diogo da Silva, ambos do conselho de Estado de Sua Magestade, que a armada de D. Fadrique de Toledo, seria no porto de Lisboa, para delle fazerem jornada as armadas das corôas de Portugal, e Castella, não se pôde imaginar a presteza e vigilancia em que se applicaram a tudo o que fosse pressa e pressa e muito mais pressa, de se pôr em ponto navios, artilharia, munições, armas, mantimentos e gente que para tão devida jornada era necessaria, despendendo capitães para as provincias do reino, a fazerem gente de guerra, e outros officiaes aos portos maritimos a alistarem a do mar, dividindo entre si os lugares do trabalho, tomando o conde D. Diogo da Silva o cuidado do que pertencia ao apresto do mar, e o governador D. Diogo de Castro o que dependia da terra: menejando as cousas de maneira, que se não vencerão um ao outro entre si ambos se vencerão a si mesmos na continua applicação, e pessoal trabalho em dispor, e ordenar as cousas, e reduzi-las a se fazer a jornada com a brevidade que Sua Magestade efficazmente queria. Não invejou tão puntual servico, e zelo da reputação deste reino, o conde de Miranda Diogo Lopes de Sousa, governador da casa do Porto, porque tendo carta de Sua Magestade, para virem de entre Douro, e Minho, os navios que dos seus portos podessem ser de proveito a jornada; se foi em pessoa a ver o que os portos podião dar; e na cidade do Porto fez apuntar dez navios providos de gente de mar, e guerra, munições, e mantimentos, com que muito se adiantou a armada desta corôa. E não podemos deixar de dizer, o que na verdade foi quasi milagroso, o apresto de tantas cousas quantas erão necessarias, para em tão breve tempo se pôr uma armada a vela; porque não era de menos importancia vencer-se a dificuldade do tempo, que a da despeza e gasto; porque estando a facenda real atrazada, pela falta dos direitos do commercio, e o tempo breve e a necessidade por de avante urgente, e o feroso desejo de Sua Magestade ardendo, e apertando a que tudo se aprestasse a ponto; assim foi, que em virtude da cabeça fizerão os membros extremos, mais que ordinarios.

DO SOCCORRO QUE OS SRS. GOVERNADORES MANDARÃO AO BRASIL, ANTES DA ARMADA.

Tres soccorros forão da corôa de Portugal ao Brasil, ainda que pequenos, de mui importancia para o tempo. Porque fazendo-se guerra ao inimigo, de sorte que estivesse fechado na cidade que tomara, e se não estende-se ao Reconheço da Bahia, porque nisso podião perigiar as grossas fazendas dos engenhos de assucar, de que tantos proveitos recebem as alfandegas de Sua Magestade, importava favorecer os que no campo acompanhavão aos capitães, ou eleitos pela camara da Bahia, como foi o ouvidor geral Antão de Mesquita de Oliveira, e o Bispo D. Marcos Teixeira, ou mandados pelo governador do Brasil, e Sua Magestade, como forão Francisco Nunes Marinho de Sá, e D. Francisco de Moura. E assim a 8 de Agosto de 1624 mandarão os Srs. governadores duas caravellas em direitura a Pernambuco, para dali seguirem a ordem que o governador Mathias de Albuquerque, lhe desse em soccorro da Bahia. Erão os capitães Francisco Gomes de Mello, e Pero Cadena, um e outro de experimentado valor, e bem vistos nas costas do Brasil. Levavão de soccorro o que em tão pequenos navios podia ser: cento e vinte homens de guerra, cincoenta quintaes de polvora, mil e cem pelouros de ferro de toda a sorte, vinte quintaes de chumbo em pão, mil e trezentos arcabuzes de Biscaia apparelhados, quatorze quintaes de chumbo em pelouros, duzentas lanças, e picos de campo, quatro arrobas de murrão. Chegou Francisco Gomes de Mello, a Pernambuco nos ultimos de Setembro, onde foi recebido com extraordinario alvoreço e repiques da cidade, sabendo por elle ficarem fervendo Portugal, e Castella em seu soccorro. O capitão Cadena chegou mais tarde por dar de caminho avisos na ilha da Mattema: e foi de tanta satisfação a Sua Magestade este soccorro, que os Srs. governadores mandarão, que não quiz que o vencessem

dez entravão e sahião livremente, mas sendo-lhes achada uma carta, em que Sua Senhoria mandava perdão aos rebeldes, que se quizessem sabir, depois de mortos na cidade, os pendurarão em S. Bento, em uma picota por cadeas de ferro, e em cima a sentença escripta em pergaminho, a qual dizia que condemnavaõ á morte a Manoel Gonçalo de Almeida, e Francisco de Figueiredo, por serem trédos ao conde Mauricio, e com seu passaporto entrarem, e sahirem da cidade, a tratar negocios dos Portuguezes.

Mas não se passarão muitos dias, sem que pagassem as vidas destes

no cuidado que tiverão de tão acertada determinação. E assim em carta de 3 de Agosto de 1624 sabendo já do soccorro que se ficava aprestando, escreveu aos Srs. governadores repentinas, e extremadas ordens para se engrossar o soccorro com que os rebeldes não tomassem pé no Estado, nem lançassem fóra dos limites da cidade, ordenando a que se fizessem todas as diligencias para se dispoem os soldados praticos, e de confiança a fazerem a jornada, encommendando se mandassem caravellas ligeiras, homens experimentados, munições no maior numero possível, e juntamente alvará a Mathias de Albuquerque para governador do Brasil; visto que estava na primeira via, e o impedimento e prisão de Diogo de Mendonça Furtado. Com esta tão determinada resolução com que Sua Magestade approvava o primeiro soccorro, traccarão os Srs. governadores de mandar logo o segundo em conformidade do que Sua Magestade na sua carta ordenava; e assim mandarão tres caravellas, capitão-mór D. Francisco de Moura, pratico e natural do Brasil, os mais capitães, Jeronymo Sarrão, e Francisco Pereira de Vargas. Approvou Sua Magestade a escolha que os Srs. governadores fizeram de D. Francisco de Moura, para capitão-mór do soccorro, e do Recôncavo da Bahia, abonando em carta particular de 30 de Agosto, as partes deste fidalgo, e a confiança que tinha de seu bom serviço, mandando aos Srs. governadores lhe agradeceassem o dispor-se tão pontualmente para a jornada. E porque tinha o governador Mathias de Albuquerque mandado a Bahia para capitão da guerra que alli se fazia ao inimigo, a Francisco Nunes Marinho de Sá, sendo pessoa de tão conhecido valor, antigo soldado da India, de grande procedimento em tudo, e muito mais do serviço de Sua Magestade. Teve Sua Magestade tanto respeito ás partes deste capitão, que lhe escreveu uma de 13 de Setembro, como em desculpa, que quando lhe chegara aviso de Mathias de Albuquerque, da sua ida para a Bahia estava já D. Francisco de Moura em Belém aprestado, e despachado a partir, encommendando-lhe tambem a sua assistencia, favor, e conselho a D. Francisco de Moura, para o fim que se esperava. Levou este soccorro, cento e cincoenta homens de guerra, trezentos arcabuzes de Biscaya aparelhados, cincoenta quintaes de polvora, dez quintaes de murrão, oito quintaes e tres arrobas de polvora de arcabuzes, vinte e nove quintaes de chumbo em pau, cento e cincoenta fôrmas de fazer pelouros. Com este soccorro chegou D. Francisco de Moura a Pernambuco em cincoenta e dois dias de viagem, com gente sã, e as caravellas juntas, como escreve a Sua Magestade de 16 de Novembro. De Pernambuco partio em seis caravelhões da costa para desembarcar na torre de Garcia d'Avila, onde chegou a salvamento, e com tudo aqui se partio para o arraial dos Portuguezes, como consta da carta do governador do Brasil para Sua Magestade de 14 de Dezembro. E de quanta importancia fossem estes soccorros para enfrear o inimigo, se verá no discurso desta relação. Foi o terceiro soccorro ao Rio de Janeiro, terceira praça de muita importancia daquelle Estado. Partio em 19 de Agosto de 1624 em companhia de Salvador Correa de Sá, no navio NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA; erão oitenta homens armados de guerra; demais cem arcabuzes de Biscaya, quatorze quintaes de polvora, oito de chumbo em pelouros, dous de murrão; não faltarão os Srs. governadores no quarto soccorro que mandarão ao reino de Angola em companhia do capitão Bento Banha Cardoso, no navio NOSSA SENHORA DO DESTERRO, em que forão cento e trinta homens de guerra, cento e cincoenta mosquetes de Biscaya aparelhados, vinte e cinco quintaes de chumbo, cincoenta quintaes de polvora, quatro quintaes de pelouros de mosquete encaixados, quinhentos pelouros de quatro e cinco libras, dous quintaes de murrão.

SUBSIDIO DE DINHEIRO, QUE OS VASSALLOS DA COROA DE PORTUGAL DERÃO PARA O APRESTO DA ARMADA.

Não soffrêrão os vassallos de Sua Magestade da corôa de Portugal, que por sua real fazenda estar delgada, deixasse de ir soccorro grosso como convinha á reputação da corôa, e segurança do successo da jornada. E entendendo que podia ser de satisfação a Sua Magestade fazer-se este serviço em tão opportuno tempo, a cidade de Lisboa offereceu com effeito cem mil cruzados, tirados com igualdade da nobreza, igreja, e povo, do pequeno tributo que ha nas carnes e vinhos, applicado ás obras publicas, pelo presidente do senado, e deputados delle. O Exm. Sr. D. Theodosio II duque de Bragança por uma brevissima carta, fez significar ao secretario de Estado, soubesse dos Srs. governadores, a quem se haviaõ de entregar vinte mil cruzados em reales, que mandava para munções e polvora. O duque de Caminha, Marquez de villa Real, D. Miguel de Menezes com o procedido de 300\$ de juro, que pedia licença para vender, sendo

tres, com morte de quatro, em Itapagipe um, e junto á porta de Santa Luzia da parte de S. Bento tres, que estavão de guarda com alguns escravos, e dahi a pouco tempo tiverão o seguinte castigo mais severo de nossas armas. Sahirão a Villa Velha, mais de duzentos, fóra grande numero de negros, encontrarão-se com uma bandeira nossa, e posto que mui desigual em numero, e armas, no que estas fallarão, suppria o animo, e esforço Portuguez, que vencia todas as desigualdades, ainda que com muito risco: porém mandando aviso com toda a pressa forão soccorridos de mais tres

de vinte o melhor, deu dezaseis mil e quinhentos cruzados. O duque de Villa Hermosa conde de Ficalho, presidente do conselho de Portugal D. Carlos de Borja, deu dous mil e quatrocentos cruzados, que tanto vale a paga de duzentos soldados por conta da fazenda de Sua Magestade. O marquez de Castel Rodrigo D. Manoel de Moura Côrte Real, do conselho do Estado, deu tres mil trezentos e cincoenta cruzados, que tanto vem á valer o gasto que fez na companhia que mandou levantar no Porto de cem soldados, a quem deu cinco pagas adiantadas, a razão de quatro cruzados cada paga; com mais cem mosquetes com que vierão armados, e soccorridos por sua conta, até chegarem a Lisboa. D. Luiz de Sousa alcaide-mór de Beja, senhor de Bringel, e governador que foi do Estado do Brasil, acudio com tres mil e trezentos cruzados, e trinta moios de trigo para biscuito. O conde da Castanheira D. João de Alhaide, servio com dous mil e quinhentos cruzados. Francisco Soares não com ter bens da corôa, e ordens, deu mil cruzados. D. Pedro de Alcaçova, mil e quinhentos cruzados. D. Pedro Coutinho, governador que foi de Ormuz, servio com dous mil cruzados. E com outros dous mil servio Antonio Gomes da Matta correio mór. Constantino de Magalhães senhor da ponte da Barca, com quinhentos cruzados. Tristão de Mendonça Furtado, com um navio de trezentas e cincoenta toneladas, vinte peças de artilharia, duzentos homens de mar e guerra, pagos de seus soldos, e providos de mantimentos á sua custa, com polvora, e munições, estimou-se tão illustre serviço, em nove mil e quinhentos cruzados. Não sollrêrão os Ilms. prelados, que a empreza tão chegada ao zelo da fé catholica, faltasse o seu favor. O Ilm. e Revm. Arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro de mui estimada lembrança, servio com dous mil cruzados, não seus, mas dos pobres da sua igreja cuja era como de patrimonio a fazenda deste santo prelado mais que de sua Ilma. e Revma. pessoa, que viveu sempre com tal parcimonia, como se fosse um mui reformado e pobre religioso. O Ilm. e Revm. Primás de Hespanha, senhor de Braga D. Affonso Furtado de Mendonça mandou dez mil cruzados. O Ilm. e Revm. metropolitano de Evora D. José de Mello acudio com quatro mil cruzados. O Ilm. Bispo eleito de Coimbra, e conde de Arganil, D. João Manoel deu de serviço quatro mil cruzados. O Ilm. Bispo da Guarda D. Francisco de Castro, dous mil cruzados. O Ilm. Bispo do Porto D. Rodrigo da Cunha, mil e quinhentos cruzados. O Ilm. Bispo de Algarve D. João Coutinho, mil cruzados. Acudirão tambem particulares pessoas de bom zelo do serviço de Sua Magestade. O capitão João Ferreira de Vianna de Lima, provedor da fazenda do Brasil, indo em pessoa na jornada, deu de frete do seu navio de que era capitão, mil cento e vinte e cinco cruzados. Domingos Gil de Siqueira, em munições, mantimentos, e armas que deu no Porto, fez serviço de mil e quatrocentos e cincoenta cruzados. Manoel Dias Guedes, com o frete e apparelho do seu navio, mil cruzados. Affonso de Barros, com o frete do seu navio, seiscentos e vinte e cinco cruzados. Antonio Bravo de Tavora de Vianna de Lima, com vinte homens pagos á sua custa, duzentos e quarenta cruzados. Os mercadores italianos, quinhentos cruzados. Os allemães dous mil e cem cruzados, que em tanto se estimão cincoenta quintaes de polvora que derão, e cem quintaes de polvora de pelourros. Os filhos de Heitor Mendes, quatro mil cruzados. Os homens de negocio de Lisboa e reino, trinta e quatro mil cruzados: entrão nestes trezentos cruzados da nação franceza. Monta todo este subsidio, duzentos e trinta e quatro mil e trezentos cruzados, que foi o gasto da armada, sem entrar nelle a fazenda de Sua Magestade.

DO SOCCORRO DE SUAS PESSOAS QUE OS SENHORES E FIDALGOS DA COROA DE PORTUGAL DERÃO PARA A ARMADA.

Não foi tanto para estimar o subsidio da fazenda, quanto o foi das pessoas em que na corôa de Portugal, se vio uma novidade já mais vista em tempos passados. Porque ainda que não forão nunca os Portuguezes escassos em servir a seu rei com fazendas e pessoas, quando em varias occasiões fizerão jornadas fóra do reino. E ainda que foi necessario a rainha D. Catharina, governando o reino por D. Sebastião seu neto, mandar pôr justiça nas gales e galeões, que ião soccorrer a praça de Mazagão, cercada pela pessoa do Xarife rei de Fez, com duzentos mil homens de pé. e de cavallo, para que não deixassem embarcar os fidalgos, que sem ordem sua se ião nadando metter na armada, contudo não se alcança que deste reino, não indo a pessoa real á empreza, sabissem tantos senhores, e fidalgos juntos, tantos morgados de casas illustres sem comerem rendas da milicia, nem terem officios de entretentidos, nem obrigação alguma que os forçasse a jornada tão perigosa pela distancia de mil e quinhentas leguas

capitães, e como a diligencia na guerra é tudo, para com effeito se alcançar victoria, havendo aquella, não podia faltar esta, como não faltou, porque se houverão de maneira, que ficando no campo quarenta e cinco, e um

de mares, em variedades de climas, em perigos de terra, com inimigos destros e tambem fortificados. Derão grande occasião a emulação valorosa que houve de fidalgos, e senhores para esta jornada. D. Affonso de Noronha do conselho de Estado de Portugal, general e capitão-mór que foi em varias armadas, ou na costa de Hespanha, ou na viagem da India, governador de Ceuta, e Tangere fronteiras de Africa ao reino de Fez; governador do reino do Algarve; declarado, partido e arribado vice-rei do estado da India, sem obrigação de filhos, mais que a de D. Miguel de Noronha conde de Linhares, herdeiro da sua casa e governador de Tangere; nem outro motivo mais que o do serviço de Sua Magestade, reputação e credito da coroa de Portugal. O segundo senhor foi Luiz Alveres de Tavora conde de S. João, e senhor da casa do Mogadouro, que se não contentou de que fosse seu filho herdeiro da casa, sendo dos maiores senhores do reino, mas que em propria pessoa se fez aventureiro da jornada sendo já entrado em idade. Não foi de menos estíma o offerecimento de Luiz da Silva, do conselho de Estado de Sua Magestade, e veador de sua fazenda, que fez aos Srs. governadores de dois filhos seus, João Gomes da Silva, herdeiro da casa de seu pai; e Antonio Telles da Silva, do habito de S. João. Com o fervor destes fidalgos, se picou o valor de sorte em todos que com mais razão podera o senado de Lisboa representar a Sua Magestade, fosse servido não se despovoar tanto o reino de morgados e nobreza, como o representou a el-rei D. João III de gloriosa memoria, quando esteve a pique para ir á India o infante D. Luiz seu irmão, com sessenta náos, a prevenir o primeiro cerco da fortaleza de Dio, que o capitão Antonio da Silveira defendeu a oitenta galés de Turcos, e oitenta mil homens de el-rei de Cambayaz; porque é justo se saiba o numero e qualidade das pessoas, que sem viverem de officios de milicia, forão nesta jornada por aventureiros, os nomearemos aqui, para que possão em futuro seus filhos e netos segui-los, e imita-los em tão honrada nobreza.

DOS AVENTUREIROS CASADOS, QUE DA COROA DE PORTUGAL FORÃO NA JORNADA DA BAHIA.

D. Manoel de Menezes, general da armada real. D. Francisco de Almeida, almirante e mestre de campo de um terço. D. Affonso de Noronha, do conselho de Estado. Luiz Alveres de Tavora, conde de S. João, senhor da casa do Mogadouro. D. Affonso de Portugal, conde do Vimioso. D. Duarte de Menezes conde de Tarouca. Martim Affonso de Oliveira de Miranda morgado de Oliveira. Duarte de Albuquerque, senhor de Pernambuco. D. Henrique de Menezes, senhor do Lourical. D. Alvaro Coutinho, senhor de Almourol. Antonio Corrêa, senhor de Bellas. D. Antonio de Castello Branco, senhor de Pombeiro. D. Lopo da Cunha, senhor de Sentar. Ruy de Moura Telles, senhor da Pavia. D. João de Sousa, alcaide-mór de Thomar. D. Francisco de Portugal, commendador de Fronteira. Pero da Silva, governador que foi da Mina. João da Silva Tello de Menezes, coronel de Lisboa. Alvaro Pires de Tavora, filho herdado de Ruy Lourenço de Tavora, governador que foi do reino do Algarve e vice-rei da India. D. Antonio de Menezes capitão da infantaria, filho unico de D. Carlos de Noronha. Luiz Cesar de Menezes, filho herdeiro de Vasco Fernandes Cesar, provedor dos armazens de Sua Magestade. Pero Cesar de Eça, filho de Luiz Cesar. Francisco de Mello e Castro, filho de Antonio de Mello e Castro. D. Rodrigo da Costa, filho de D. Julianes da Costa, governador que foi de Tangere, presidente da camara de Lisboa, e do conselho do Paço. Tristão de Mendonça Furtado, filho de Pero de Mendonça Furtado, do conselho de Estado da India. Estevão de Brito Freire. D. Rodrigo Lobo. Ruy Barreto de Moura. Nuno da Cunha, filho herdeiro de João Nunes da Cunha. Jeronymo de Mello de Castro, filho de Pero de Mello de Castro. João de Mello, filho de Christovão de Mello, que chamarão de S. Thome.

DOS AVENTUREIROS SOLTEIROS DA COROA DE PORTUGAL, QUE FORÃO NA JORNADA DA BAHIA.

Antonio Moniz Barreto, mestre de campo de um terço. Antonio Luiz de Tavora, filho herdeiro do conde de S. João, e senhor da casa do Mogadouro. Lourenço Pires Carvalho, provedor das obras de Sua Magestade. Martim Affonso de Tavora, filho de Ruy Pires de Tavora, reposteiro-mór de Sua Magestade. D. João Tello de Menezes, capitão da infantaria, filho do general da armada. D. Alvaro de Abranches, capitão da infantaria, herdado de seu pai D. Francisco Coutinho, e neto do conde de Villa Franca. Gongalo de Sousa capitão da infantaria, filho herdeiro de seu pai Fernão de Sousa, governador do reino de Angola. Antonio Telles da Silva, do habito de S. João, filho de Luiz da Silva do conselho do Estado de Sua Magestade, e veador de sua fazenda. D. Affonso de Menezes, herdado da casa de seu pai D. Fadrique de Menezes. D. Francisco de Faro, filho do conde D. Estevão de Faro do conselho do Estado de Sua Magestade, e veador de sua fazenda. D. Sancho de Faro, capitão da infantaria, filho do conde do Vimieiro. D. João de Lima, filho segundo do visconde de Villa Nova da Gerveira. D. João de Portugal, filho de D. Nuno Alveres de Portugal governador que foi deste reino. Antonio da Silva, filho de Pero da Silva.

tares requerem. Tanto que se assentou arraial, assistirão sempre os nossos duos, e quatro vezes, confessando, pregando, exhortando, e animando a gente, no que colherão grande fructo, não só do esforço dos soldados,

na terra algum dos tres irmãos, para cuidado das familias dos mais, nenhum delles o quiz ter, por não faltar na empresa. E por entender o conde de Miranda, importava ficar algum, por sorte de dados, se resolveu a contenda; sendo assim, que os dous que forão ambos na jornada, acabarão, um em Lisboa, outro em briga com o inimigo, como adiante se dirá. Forão estes, o capitão João Ferreira, que indo na jornada por provedor da fazenda de Sua Magestade no Brasil, e por capitão de um navio, morreu em Lisboa de uma febre aguda. E em seu lugar, foi seu irmão, o capitão Diogo Ferreira, que no cerco da Bahia, foi morto pelos inimigos com uma peça de artilharia, estando de guarda com a sua bandeira. Mas para estimar foi a contenda que entre a natureza e a honra lidou no peito de uma dona Viannesa, que tem pouca razão de invejar o valor das matronas romanas. Tendo em sua casa um só filho, em cuja companhia tinha a sua consolação e governo, se viu com elle em grande fadiga: apertava o amor de mãe para elle não ir armada; apertava o da honra para não ficar na terra. No meio desta batalha entra o filho por casa, acompanhado de amigos e parentes para a consolação de ficar alistado no serviço da jornada; com o fogo no coração e agua nos olhos, lhe lançou mil benções, rejeitando os alívios que lhe davão da sua s'ndade: dizendo, que ainda que não negava o affecto de mãe em ficar sem filho; estimava te-lo para nesta occasião fazer d'elle sacrificio á honra, que o era servir a seu rei, em tal jornada. Era esta dona, mãe do capitão João Casado Jacome, que na jornada o foi do navio *S. Bom Homem*. Nem pararão nestes casos as contendas sobre quem serviria a Sua Magestade. Assentou-se por soldado Gaspar Caminha Rego, ao assignar-se no livro, o tomou seu filho Affonso Caminha Barros, para se assignar a si, sentindo o pai o atrevimento do filho, e usando de sua autoridade, se abraçou o filho com o livro, para ser elle o que ficasse no serviço de Sua Magestade, veio o caso a demanda diante do conde de Miranda. Alegava o pai ter-se embarcado muitas vezes e ter experiencia das cousas de guerra que a seu filho faltava, por se não ter embarcado. Dizia o filho, que era razão que seu pai não faltasse ás obrigações que tinha de casa, mulher e filhos, pois dependia d'elle o remedio de todos. Resolveu o conde governador, tocar mais a jornada ao filho, que ao pai, e os deixou conformes na preferença da honra que cada um para si queria. Não merece menos lembrança Pero Lopes mareante, vizinho do mesmo lugar, que sendo perguntado onde queria que o alistassem; respondeu com grande valor, que era bom marinheiro e bom piloto, mas muito melhor soldado, que o assentassem naquello officio em que fosse de mais proveito ao serviço de Sua Magestade. Nem tambem é razão se cale mandar Manoel Bravo de Tavora, um filho seu de doze annos de idade, com vinte soldados pagos á sua custa, estimando tantos annos tão lenhos o serviço de Sua Magestade na jornada, que dizendo-lhe os Srs. governadores, seria bom voltar-se a seu pai, lhe respondeu, que não era aquella a mercê que elle esperava de tão grandes senhores. E porque é justo que haja memoria de tão honrado zelo, como Vianna teve do serviço de Sua Magestade, e reputação da corôa de Portugal dando tres náos para a armada, e trezentos homens de mar e guerra, é bem se saiba dos nobres, que na jornada forão. João Ferreira, provedor da fazenda de Sua Magestade no Brasil. O capitão Diogo Ferreira seu irmão. O capitão Gonçalo Lobo Barreto. D. Antonio de Lima, filho de D. Francisco de Lima. João Barbosa de Almeida. Manoel de Lima. Francisco Pedroso. Bernardo Velho Botto. Manoel Caminha Corrêa. José de Gouvea Corrêa. Antonio Pinto. Manoel do Rego. Jacome da Silva. Quatro fillos de Pero Velho Travessos. Antonio de Morim Sarrão. João Barbosa. Diogo Jacome Bezerra. Domingos Ferreira. Belchior Pretes. Thomaz Fernandes. Francisco Munhos Corrêa. Gabriel Fajardo Bezerra. Valentim de Sousa. Domingos Pereira Jacome. Domingos Borgueira. Bento Range. Antonio Bravo de Tavora. Simão Salgado. Manoel Dias. Manoel de Faria. Gaspar Maciel. O capitão Affonso Caminha Barros. Lourenço de Morim. Antonio Borges Pacheco. Antonio Velho Godim. Affonso do Porto. Manoel Corrêa. Jorge Pinto. Jacintho de Alpoem. Gaspar Sizio. Balthazar Sizio Cogominho. Luiz Pinto Pedroso. O capitão João Casado Jacome. O capitão Bento do Rego. Antonio de Magalhães. Diogo da Rocha Brandão. Simão Fagundes Jacome. João da Rocha Fagundes. Estevão Rodrigues da Rocha, sacerdote, por capellão. Junta no Porto toda a esquadra, que era de dez velas, a mandou o conde de Miranda a Lisboa de baixo da Capitania de Tristão de Mendonça Furtado. O que Sua Magestade agradeceu ao conde de Miranda, e governador do Porto, por carta de 25 de Novembro, que diz: «Tenho entendido com quanto cuidado, trabalho e assistencia continua aprestastes os dez navios que neste porto se armãrão para o soccorro do Brasil, vencendo em tão breve tempo as difficuldades que se offereçião para o conseguir, de que tudo estou com a particular satisfação que merece a importancia deste serviço. E vos podeis ter por certo, que hei de ter sempre d'elle a memoria que é razão, para folgar de volo agradecer e fazer em tudo mercê e favor.»

ORDENS DE SUA Magestade PARA SE AJUNTAREM AS ARMADAS, ONDE E QUANDO.

Não se pode imaginar os acenos cuidados com que Sua Magestade acudia a tudo o que fosse trem ás armadas a buscar o inimigo. Foi o primeiro pensamento real de partirem a 29

mas tambem de muitas confissões, umas geraes, outras de muitos annos, outras de muita importancia, desarreigando odios, torpesas, e outros muitos peccados.

de Agosto, escrevendo a D. Fadrique de Toledo, estivesse neste tempo em Lisboa com a sua armada. E pelas difficuldades que havia para a armada de Portugal não poder ir em tão breve tempo, e avisarem os Srs. governadores a Sua Magestade a 10 de Agosto, que no conselho de Estado parecera importar ao seguro successo da empreza, irem as armadas juntas, respondeu Sua Magestade por carta de 26 de Agosto, se conformava com o parecer do conselho, e encomendava com encarecimento, se não perdesse hora de tempo de execução e apresto. E diz mais: « A D. Fadrique de Toledo se está dando toda a pressa, para que com os navios que ha de levar sua armada, se vá logo a essa cidade. » E por carta de 31 de Agosto, aos Srs. governadores, que tinha dado ordem a D. Fadrique de Toledo para sahir a navegar, ate 20 do seguinte mez de Setembro; encomendando-lhe mais, que pois tinham tão largos poderes para usarem dos meios necessarios, á resolvida e breve expedição, lizessem vir navios de todas as partes do reino e se aprestassem a ponto de sahir, tanto que D. Fadrique chegasse a Lisboa, e lhe respondessem ao que parecera ao conselho de Estado, ácerca da instrução, regimento, e ordens que se devião dar a D. Fadrique para a jornada, pois assim lhe tinha pedido, e lhe fosse resposta no mesmo correio. Mil annos parecião a Sua Magestade qualquer dia que se dilatasse a partida das armadas, lembrando muitas vezes a importancia da presteza da jornada e segurança do successo della, havendo que toda a dilação seria em muito damno a empreza, dando tempo ao inimigo a fortificar-se e socorrer-se de Hollanda. Mas como os reis por mais poderosos que sejam, não possão ter tão prestes os effeitos, como os desejos por maiores e mais efficazes que fossem os de Sua Magestade, não lhe respondião as cousas como em seu real peito se desejavão, e assim avisou por carta de 3 de Outubro, aos Srs. governadores, que quando não fosse possivel estar a armada de Portugal aprestada, para sahir a 20 de Outubro, em que D. Fadrique estaria sem falta alguma sobre a barra de Lisboa, para se ajuntarem ambos os poderes, que levava ordem para não esperar, se não estivesse a armada a ponto de partir; mas que sentiria succeder que a armada de Portugal, faltasse em jornada tanto sua, e se perdesse o cabedal que nella se tinha mettido: e que fosse D. Fadrique com menos forças para a segurança do successo da empreza. Não podia deixar de dar grande cuidado aos Srs. governadores tanto aperto, tanto mais quanto Sua Magestade significara por carta de 13 de Setembro, estar a armada da corôa de Castella a ponto de navegar, esperando só estar no mesmo a da corôa de Portugal. E por carta de 28 de Setembro, aos Srs. governadores dizia Sua Magestade, que determinando-se D. Fadrique a não esperar as tardanças da armada de Portugal, lhe mandassem de Lisboa pilotos, contramestres e guardiões, e homens praticos na costa do Brasil, para os partir pelos navios de sua armada. Não descansavão os Srs. governadores em todo este tempo, até que elle deu haver, que a armada da corôa de Castella, não partiria sem a da corôa de Portugal, por mais pressa que houvesse em Cadiz, e vagares em Lisboa, e assim começaram a vir de Sua Magestade avisos em outra fórma, escrevendo a 19 de Outubro, agradecimentos aos Srs. governadores, do muito que se tinha feito no apresto da armada, significava não ser tão conveniente, entrar D. Fadrique com a sua armada no porto de Lisboa, pelo damno que ambas alli podião ter; mas que sahindo a armada da corôa de Portugal, demandasse o Cabo de S. Vicente, onde acharia a da corôa de Castella. E por carta de 27 de Outubro, ordena Sua Magestade o mesmo, e que não achando no Cabo a D. Fadrique de Toledo, passe a armada de Portugal a Cadiz, porque se não vá sem elle.

DA MACHINA POR MIUDO DA ARMADA DA COROA DE PORTUGAL.

O numero dos navios da armada de Portugal, erão vinte e seis, quatro urcas com mantimentos, uma das quaes era de Duarte de Albuquerque, senhor de Pernambuco, os mais navios de guerra maiores e menores. O galeão S. João, Capitania da armada real, general D. Manoel de Menezes; o galeão SANTA ANNA, ALMIRANTA, capitão, D. Francisco de Almeida. Galeão CONCEIÇÃO, capitão Antonio Moniz Barreto. Galeão S. José, capitão D. Rodrigo Lobo. NAO NOSSA SENHORA DO ROSARIO, capitão, Tristão de Mendonça Furtado. NAO SANTA CRUZ, capitão Constantino de Mello. NAO CARIDADE, capitão, Lançarote da Franca. NAO S. JOÃO BAPTISTA, capitão Manoel Dias de Andrade. NAO NOSSA SENHORA DO ROSARIO MAIOR, capitão Ruy Barreto de Moura. NAO NOSSA SENHORA DO ROSARIO MENOR, capitão Christovão Cabral. NAO NOSSA SENHORA DAS NEVES MAIOR, capitão Domingos Gil da Fonseca. NAO NOSSA SENHORA DAS NEVES MENOR, capitão, Gonçalo Lobo Barreto. NAO S. BARTHOLOMEU, capitão Domingos da Camara. NAO S. JOÃO EVANGELISTA, capitão Diego Ferreira. NAO NOSSA SENHORA DA AJUDA, capitão, Gregorio Soares. NAO NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA, capitão Domingos Varejão. NAO NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM, capitão Bento do Rego Barbosa. Navio S. BOM HOMEM, capitão João Casado Jacome. Caravella CONCEIÇÃO, capitão, Sebastião Marques. Caravella ROSARIO, capitão Manoel Palhares Lobato. Caravella REMEDIOS, capitão, Roque de Monte Rey. Caravella S. JOÃO, capitão, Cosme de Couto. A gente que ia na armada, ao todo, fazia numero de quarenta mil homens de mar e guerra. Sete mil e quinhentos quiliaes de biscouto. Oitocentas e

de Albuquerque o officio de capitão-mór da Bahia. Entregou-lh'o logo em chegando, o Sr. Bispo, largando-o com tanta vontade no tempo já mais prospero, com quanta o acceitara no mais adverso, e trabalhoso

Luiz Mendes de Vasconcellos, governador que foi do reino de Angola, que com uma manga de soldados, e por caminhos não seguidos, atravessou a ilha, até dar com os naufragantes. Não faltarão os feitores e pastores de João Coelho da Cunha, com tudo o que podia dar uma ilha tão deserta, e falta de provimento para remedio da gente que se perdera, não perdoando aos gados de muitos que na ilha tem o senhor della. Com os naufragantes se usou vindo á ilha de Sant'Iago de toda a humanidade e fidalgnia; curando-se com grande cuidado os enfermos, e feridos das pedras do baixo, rachas, e pregaduras do galeão. Entre os que se assignalarão na caridade com tão necessitados hospedas, não foi menos, Alvaro Pires de Tavora, que tomou á sua conta os mais desamparados, e por tal modo, que não quiz soubassem, que lhe acudia á sua necessidade; para esta entregou ao capellão-mór da armada cem cruzados, para remedio daquelles que visse mais lhe faltava: e que não bastando esses, levaria outros. Nobre termo de fazer bem, o que não respeita mais que a satisfação do bom coração com que se faz, e ao effcaz remedio de quem padecer, desprezando o gosto de que o soccorrido, conheça quem lhe foi tão bom feitor. E como no galeão perdido não tantos fidalgos e gente nobre, a quem seria grande desamparo os convés dos navios, as invejas andavam os fidalgos da armada, a quem mais havia de acolher a si os que estavam sem gazalhados. Não faltou neste primor (como nem em outros falta) Lourenço Pires Carvalho, comprando gazalhados de officiaes com muito custo de sua fazenda para os fidalgos que os não tinham. E havendo-se em tudo satisfeito com grande honra, ao que pedia a necessidade presente: não era justo que o general Manoel de Menezes, se esquecesse ao que convinha á sua reputação o saber nas cousas de mar e guerra. E a ilha de Maio paragem, porque muitas vezes passam os navios rebeldes, para a costa de Guiné, e não era razão que vissem aquelle despojo da nossa desgraça: ou da pouca vigilancia do governo do galeão e menor sciencia e marinhez dos officiaes delle: nem tambem se perdessem dez peças de formosa artilharia de bronze e oito de ferro, que o galeão levava, nem as munições, que ainda podião servir: nem as fazendas dos particulares, que podião aproveitar: fazia-se impossivel o proveito e fructo que se podia esperar do immenso trabalho que promettia a diffiuldade deste negocio. Nada teme, nada desespera, quem tem valor para commetter as cousas diffiultosas, que as manuaes e facéis não são para grandes animas. Tudo facilitou, tudo requereu o auditor geral da armada, o licenciado Antonio Rodrigues de Figueiredo. Para o requerer o obrigava seu officio, porque por elle, e particular provisão era provedor da fazenda de Sua Magestade em toda a parte, onde na jornada a houvesse, e com esta obrigação requeria não ficasse a artilharia (tão necessaria fazenda de Sua Magestade nestes tempos) mettida no mar nos baixos dos Medões de Santa Anna na ilha de Maio. Para o immenso trabalho que todos vião haveria em desencalhar as peças do galeão perdido, o segurava o seu animo, que para as cousas de trabalho, e guerra não era de letrado. Offerece-se á diffiuldade, tendo nella por companheiro, João de Loureiro seu primo, se bem letrado jurista, tambem soldado e mui valoroso. Com esta coragem resolve-se o general a não ficar no baixo final de que fizera alli a ossada o galeão Concorção; nem que triumphassem rebeldes, de que n'is maltratassem os mares, quando iam a maltracta-los a elles. Com esta resolução parte o auditor geral da armada, com caravellas, e todos os petrechos necessarios, para se tirarem do mar pesos tão graves, forão officiaes para tudo o que fosse no trabalho necessario: Francisco Duarte, capitão do mar do navio de Tristão de Mendonça Furtado, pessoa de muita intelligencia e experiencia de cousas daquelle porte, e muitos marinheiros de serviço. Foi o Condestable Teixeira, com muitos artilheiros. Forão para outros subsidios, João Coelho da Cunha, senhor da ilha, e Egas Coelho seu irmão, com cuja assistencia podião ser de grande favor no serviço, seus criados e escravos.

Venderão-se com este cuidado todas as diffiuldades, que se julgavão por impossiveis: volta o auditor a armada, com a artilharia, munições, enxarcas do galeão, e outras cousas tocantes á fazenda de Sua Magestade, fazendas de particulares, que se derão a seus donos, e se pôz o fogo ao mais do galeão, até o cobrir o mar, e com isto se conclue a estancia do Cabo Verde, onde passou a armada da corôa de Portugal cinquent e dous dias, com saude geral, paz e quietação da cidade, pela grande compostura, modestia, justiça e militar disciplina, que em todos se enxergou, sem querela de ninguém.

DO ESTADO EM QUE NESTE TEMPO ESTAVA O BRASIL, POR MAR.

Emquanto a armada da corôa de Portugal espera no Cabo Verde a da corôa de Castella, e temo tempo antes della chegar para dar uma vista ao Estado do Brasil, bem será dizerem-se os casos varios que os Hollandezes e Portuguezes passarão em mar, e terra, até a chegada das armadas. E começando pelo mar: delle estava o Hollandez tão senhor, que ou por boa fortuna, ou por má violencia e guerra, trazia a seu poder tudo o que navegava. Sem veljar nem peljar se lhe forão meter n'is mãos grandes presas na Bahia: porque sendo emporio tão conhecido em todo aquelle Occidente, e tão buscado; e ignorando os navegantes o successo da desgraça, buscavam a bons amigos, se metião nas mãos dos inimigos. Taes forão o principal da Compa-

varão, verdadeiramente de coração generoso, e animo igual em tudo, pois em tempo que podera buscar quietação, que o estado, e inclinação lhe pedia, tomou uma resolução tão pesada para a sua pessoa, e tão proveitosa para todo o Estado, levado sómente do zelo commum, e da gloria de Deos.

nhia de Jesus, com nove companheiros que consigo trazia, vindo de visitar as partes do Sul. E chegando estes Padres á Bahia em boa paz, se acháram com os inimigos feitos senhores da cidade, onde presos, e recolhidos nas náos, os levarão a Anstardão e Zelandia, onde até agora os tem, e a outros dous que tomáram, vindo requerer por parte do Estado a Sua Magestade conveniente soccorro para a expulsão dos rebeldes. Na mesma Bahia, se veio metter em boa fé, D. Francisco Sarmiento, governador que foi de Poossi, com sua mulher, filhos, filhas, genro e toda a sua familia, e com alguma outra gente de quidade; e muita fez nã em prata e ouro, como quem vinha de terra, onde estes metaes se colhem. E sabendo os Holandezes que contra elles trazia, um passageiro da ná de D. Francisco Sarmiento cartas para Sua Magestade sobre as cousas de Chile, o matáram e lançáram por uma janella fóra. Outros muitos navios, vierão á mão do inimigo de Portugal, Sevilha, Canaria, Ilhas dos Açores, Angola, posto que muitos desviáram os Portuguezes de seu poder, por avizos da torre de Garcia d'Avila, e outras partes da costa, para que se resguardassem dos navios ligeiros, que na boca da Bahia os inimigos trazião. Tentáram entrar pelo reconcho da Bahia, aos eng. nãos de assucar, e o fizeram com uma ná, dous patachos, e tres lanchas; e não tendo aos nossos descuidados es rebaterão sem damno seu, e morte de dez Holandezes; e a ná em secco, que os nossos tractáram de queimar; e os inimigos com maior diligencia a activáram de artilharia, que nos patachos e lanchas recolherão com que a ná sahio do buxo, e tornou para a Bahia. Entrou uma ná de Viana, por meio da armada do inimigo, e se metteu por um dos rios que á aquella Bahia desce, por onde nunca entrou outra; e ainda que o inimigo pôz em ordem embreções, para poder-se fazer senhor da ná, viu tal defensão nos nossos, que não ousou commette-la. Achando-se faltos de mantimentos, mandáram uma ná e algumas lanchas, ao Camamú, que dista dezoito leguas da Bahia para o Sul, onde tractáram de saltar os curraes das criações das vaccas, de que naquelle sitio ha muitas; mas foi com tanto seu damno, que por oito vaccas que trouxeram, deixáram com os arcabuzes e flechas dos Indios, mortos outros tantos Holandezes. Depois de tomada a Bahia tractáram de dar a ver a Hollanla, o fructo de sua jornada, e de fazerem outras empresas por mar, como trazião em seus regimentos. A 15 dias de Maio de 1624 depois de tomada a cidade, despacháram um patacho de aviso a Hollanla, de ser tão feliz o successo, que fizesse sem custa de sangue, nem gastos de munições, ficando mui inteiros em tudo para outras empresas que logo fariam, pois estavam seguros não poder Sua Magestade de Hespanha impedir aquelles damnos em menos tempo de um anno, em que elles podião já ser senhores de outras praças, ou vizinhas da Bahia, ou correspondentes com ella; e por este respeito, estando tão senhores do mar, não temerão alongarem da Bahia tantas náos que ficassem com sóz quatro das que de Hollanda trouxeram, como confessáram Holandezes captivos e Portuguezes fugidos do inimigo. A 28 de Maio mandáram para Hollanla uma ná grossa de oitocentas toneladas, chamada Raposa, com carga de assucar, tabaco, coutrama. No mez de Junho, mandáram quatro náos, com a mesma carga; e o governador Diogo de Mendonça Furtado, e o provincial da Companhia com seus companheiros, como confessáram Holandezes que os nossos captiváram.

DE OUTROS SUCCESOS POR MAR, QUE OS HOLLANDEZES TIVERÃO.

Como os Holandezes não temião armas de Hespanha, antes de um anno tractáram de aproveitar-se dos navios que tinham bem armados, para qualquer jornada que dali podião fazer, ou na costa do Brasil, ou na contra costa d'Africa, por Angola e Congo. A 27 de Julho de 1624 se partio o general Jacques Guilaerme, com onze navios e toda a gente de mar, e nenhuma de guerra, com toda a artilharia das náos que trouxeram para a empresa. A Capitania levava quaranta peças de bronze, e ferro; as mais de vinte e seis até trinta como de Hollanda vierão; e ainda que era secreto o fim da jornada, por um piloto se soube irem carregar de sal. A 6 de Agosto, sahio outra armada de seis náos, e dous patachos, por cubo della um Pero Perez Ineroz, almirante da armada que veio de Hollanda. O porte da artilharia em todos estes navios, era de cento e vinte peças, e da gente de guerra cento e vinte mosqueteiros; tirados a oito e dez de cada companhia, das que lixáram para a guarda da cidade. E é bem que saibão os nossos, que a guarda dos piratas, não está em mais que na destreza com que sabem carregar e disparar a artilharia; porque tudo o que é vir ao valor humano e desenvoltura no jogo das armas, e brio nas que se meneão de pessoa, em duelo, ou fóra delle, a maior destreza que a natureza lhe deu, foi nos pés, para voltarem as costas, a quem os quizer ferir como neste papel muitas vezes se dirá. O desenho da armada de Pero Perez, era ir ao reino de Angola, como praga que muito servia para responder com escravos e mais commercio á Bahia que tinham tomado. Bem entendeu Sua Magestade, que podia ser este o primeiro pensamento do inimigo depois de tomar a Bahia; porque no primeiro aviso que teve dos Srs. governadores do successo da desgraça,

E' bem verdade, que determinou S. S. vendo as cousas desta Bahia em tão máo estado, retirar-se a cidade de Sergipe, distante daqui dez leguas, para com mais quietação, em companhia de seus conegos, e clérigos governar suas ovelhas; mas dizendo-lhe os nossos Padres, que se S. S. se ausentava destruiria o inimigo esta Capitania em um tal gráo, que

em carta de 9 de Agosto diz assim: « Porquanto a respeito da facilidade com que se navega da Bahia a Angola, e da muita importância de que é aquelle reino, para a conservação do Brasil, e Indios Occidentaes, em razão das escravas que delle se tirão; se deve temer que os inimigos intentarão apoderar-se delle, como o considerastes em uma que trouxe o extraordinario do 1.º ao presente, vos encomendo e encargo que procureis avisar logo ao governador Fernão de Sousa, e em uma caravella que se havia tractado, enviar-lhe o maior soccorro que fór possível, e procurando que peria com toda brevidade, para que no melhor modo que o estado das cousas permittir se possa ao dano que se póde receber não havendo aviso e prevenção. » A tudo isto acudirão os Srs. governadores com bom secreto e o capitão Bento Banha Cardoso, de máo sab da experiencia e valor. Partido pois Pero Perez com sua armada, com animo de se fazer senhor da cidade de Landano no reino de Angola, aportou á sua vista a 30 de Outubro de 1624 perseguido na empreza sem desembarcar, até os 30 de Novembro, que se fez á vela sem outro effeito mais que tomar uma não de Sevilla, que ia entrando no porto, e dous navios pequenos. Porque o valor do governador Fernão de Sousa, e o grande cuidado e vigia com que tudo este mez, de noite e de dia, assistio armado no campo com seus capitães, não deixou lugar a se aproveitar o pirata saltar em terra, onde em breves horas tivera certa sua perdição; mas posto que não levou aqui o castigo que merecia, não lhe falkou na Capitania do Espirito Santo, cem leguas da Bahia para a banda do Sul, onde aportou a 12 de Março de 1625. E por conselho de um Rodrigo Pedro Francenço, que naquelle lugar fóra morador e de sorte malficior, que esteve e condemnado a morte, quiz commetter o lugar de que é capitão e senhor Francisco de Aguiar Coutinho. Entrou o corsario com asséis náos e patachos, pelo rio da povoação, com tanta confiança e festa, como se entrara pela barra de Amsterdã. Em áltas vozes gritava um de um bote para os moradores, paz, paz, mas respondião em consequencia ás que soavão das bombardas, e mosquetes do inimigo; e fóra desta salva da guerra tão encontrada com a paz, que apregãoarão, se aprestarão em brevissimo espaço, setenta lanchas, nellas os cento e vinte mosqueteiros, e oitenta homens de mar, que servião do mesmo e começaram a marchar para a povoação. Tinha Deus alli acaso e de passagem, ao capitão Salvador de Sá, filho de Martim Corrêa de Sá, governador do Rio de Janeiro; vinha este capitão, mandado por seu pai, a soccorrer os moradores do reconcavo da Bahia, para os assaltos que davão ao inimigo, e atentar se podia quemar-lhe as náos. Trazia duas caravellas e quatro canoas, com duzentos e cincoenta homens brancos, e Indios de arcabuzes e flechas; Francisco de Aguiar Coutinho, com a gente da terra; e Salvador de Sá, com alguma da sua, sahirão ao inimigo, e ainda que os nossos tinham armas de fogo, pelo mandar assim Francisco de Aguiar, as largarão e investindo com singular valor a espada e flecha, lhe deu o inimigo de improviso as costas, que os nossos seguirão matando e ferindo á sua vontade. Forão os mortos no lugar da briga, vinte e cinco Hollandezes, e os mais dos vivos feridos da espada e flecha, fugindo com tanto desaccordo, que largando os mosquetes, não puxavão das espadas. Assim se recolhêrão os nossos carregados dos despojos das armas do inimigo. Foi grande entre elles o sentimento da desgraça, e recolhidos nas náos tal era a ingrezia, que se ouvia em terra, que parecia comerem-se uns aos outros. Quizerão no seguinte dia melhorar a fortuna do passado, e tomar satisfação nas fazendas, da perda que lhe derão nas pessoas. Foi o capitão Salvador de Sá, espera-los em uma emboscada, e pelo sentirem, não quizerão segunda vez experimentar seu valor. E tomando com as lanchas uma barcaça, se metteu o capitão Sá em suas canoas, e pelejou com elles com tal successo, que lhe matou quarenta homens Hollandezes, tomando-lhe uma lancha, e escapando a outra a força de remos; indo todos feridos, lançando as armas no rio. Dos nossos morreu um homem branco e um Indio, e cinco feridos sem perigo. Confessarão dous Hollandezes dos que tomáráo vivos, que as náos, dos máos successos de Angola, vinhão desbaratadas de mantimentos e agoa. E indo reparar-se á Bahia, acháráo já nella as nossas armadas, e feitas na volta de Pernambuco, apparecerão naquella paragem, a 4 de Maio, e se fizerão ao mar na volta do Norte.

DO ESTADO DO BRASIL NAS COUSAS DA TERRA.

O Estado do Brasil na terra até chegarem nossas armadas, foi que depois de tomada a cidade se recolheu a gente della pelas fazendas e engenhos do reconcavo da Bahia, que é a mais formosa enseada de mar e varios esteros, que se sabe no Oceano; porque retallhou a natureza com rios que vem beber nesta enseada, mais de vinte e cinco leguas de roda, sendo a terra que nella bate de excellente frescura de agoas, arvoredos, cannaes de assucar, engenhos de muito prego. Por ellas se recolheu a gente da cidade, ficando alguns com os Hollandezes, ou por as intelligencias que com elles tinham, ou por segurem a fortuna dos vencedores. Lá se disse no cap. 33, a resolução que na aldêa do Espirito Santo, residencia dos Padres da Compa-

nunca, ou com muita difficuldade se restaurasse, mudou de parecer, e apparellhando-se, como quem ia a morrer, fazendo testamento, e tudo mais, que para isso era necessario, voltou sobre a cidade, como fica dito.

E assim, a elle se deve, depois de Deos, o conservar as fazendas, a elle o apertar, e intimidar o inimigo, sendo a uns freio para o não seguirem,

nhia, se tomára pelo Bispo D. Marcos Teixeira; e o ouvidor-geral. Antão de Mesquita de Oliveira, e pelos vereadores da comarca da cidade; em se declarar governador do Estado, e em se acudir a que o inimigo não sahisse da cidade; porque seria ficar com tudo o que ha de preço naquella Capitania. Elleo Antão de Mesquita por capitão-mór, lhe assignarão seis capitães, para partirem o trabalho da vigia, e assaltos que importava haver para terem o inimigo enfreado. Forão estes capitães, Lourenço de Brito, Lourenço Cavalcante de Albuquerque, Francisco de Barbuda, Belchior da Fonseca, Belchior Brandão, Diogo da Silva, e porque o ouvidor geral, se achava pejudado da idade, e achaques della, pareceu aos officiaes da camara que residia na Pitanga, termo da cidade, que importava ao serviço de Sua Magestade, allivarem do cargo de capitão-mór ao ouvidor-geral, e escolherem dous coroneis, a cujo cargo e cuidado tocassem todas as cousas de guerra. Forão estes, Antonio Cardoso de Barros, e Lourenço Cavalcante de Albuquerque, e porque sempre foi rara a união de duas cabeças; e virão os vereadores, o grande valor, e zelo do Bispo D. Marcos Teixeira, não só para o bem de sua igreja, mas para o serviço de Sua Magestade, e guerra do inimigo, o elegerão por capitão-mór. E assim foi necessario deixar o lugar em que estava da aldea de Espirito Santo, e mudar-se ao Rio Vermelho, uma legua da cidade, para com maior commodidade poder fazer seu officio. E porque se seguiu ao Bispo por capitão-mór, Francisco Nunes Marinho de Sá, manda o de Pernambuco, pelo governador Mathias de Albuquerque. E a Francisco Nunes Marinho, D. Francisco de Moura, mandado por Sua Magestade de Portugal, diremos distinctamente, o estado da Bahia no tempo destes tres capitães.

DO QUE SUCCEDEU NA BAHIA, SENDO O BISPO CAPITÃO-MÓR.

Aceltou o Bispo D. Marcos Teixeira, o officio de capitão-mór, e o fez, como se tivera muitos annos de exercicio de milicia em Italia, ou em Flandes. Nem desdiz em casos urgentes, saber pôr o morrião, e tirar a miúda, tomar a lança, e largar o bago. Que não perdeu o credito de bom prelado em Portugal. D. Garcia de Menezes, Bispo de Evora, por acceitar ser general de uma armada, que el-rei D. Alfonso V. mandou em soccorro de Laha, quando a ella desceu o Turco, e tomou Otranto, no reino de Napoles; nem por dar uma batalla de campo nas Veigas de Merida, sendo general de um exercito Portuguez. Nem em Castella, por dar a reputação de abatida pessoa, o fundador da universidade de Alcalá, D. Fray Francisco Ximenes de Cisneiros, Arcebispo de Toledo, e cardeal da Ordem Seraphica, por ser de tal valor e sciencia militar, que passou em Africa com quatorze homens de guerra, e depois de tomar o porto de Mersalabir, cuja fortaleza havia oito annos o conde prior, D. João de Menezes combatera, indo por mandado de el-rei D. Manoel, por general de uma armada em soccorro dos Venezzeanos, entrá por força a cidade de Oram, que deixou a corda de Castella, e a hoje fronteira sua. Por onde entre tres disticos, que se pizerão na sua sepultura, diz este:

Pretextam iunxi sacco, galeamque galero

Frater, Dux, Præsul, Cardineusque Pater.

Por estes, e outros actos de valor, que o burel lhe não tirou, o deixou el-rei D. Fernando o catholico, em testamento, por governador dos reinos que tinha em Hespanha, até se vir entregar delles seu neto o imperador Carlos V, como se declara no seguinte distico, que tambem se pôz na sua sepultura.

Quin virtute mea, iunctam est diadema cucullo

Cum mihi regnanti paruit Hesperia.

Tal se mostrou o Bispo D. Marcos Teixeira, que na modestia e compostura que tinha de homem bom religioso, não perdeu o valor de soldado e capitão. Levantou seu estandarte com a insignia da cruz, porque se visse, que o serviço da fé catholica, e rei catholico, o obrigavam a tomar as armas contra inimigos da fé, e de Sua Magestade. Para impedir o commercio o que muitos tinham com os rebeldes, no tracto do assucar e tabaco, prohibio a lavra de um e outro. Assentou o arraial formado no Rio Vermelho, uma legua da Bahia, e não ousou o inimigo a desaloja-lo delle. Teve o Bispo muitas vezes pensamentos nobres de saltar ao inimigo dentro na cidade, e desapossar-lo della, como os officiaes da camara esrevêrão a Sua Magestade, em carta de 26 de Julho de 1624, e pela muita arilha que o inimigo tinha pela parte do sertão, por onde podia ser combatido, deixou o Bispo de o invadir. Erão os soldados que comisso tinha, mil e quatrocentos brancos, duzentos e cinquenta Indios, como escreveu a Sua Magestade. Fortificou o arraial com cavaes, e trincheiras dobradas, sendo o primeiro, que para as

e a outros espora para o perseguirem. Gastava ainda o pouco que tinha, em premiar aos esforçados, a tudo acudia sempre em pé, e incansavel, a uns animava, com outros chorava, e a todos mostrava grandes entranhas, e excesso de amor com palavras, que significavão bem os santos intentos, que tinha, e como taes forão sempre mui favorecidos de Deos.

fazer tomou a enxada, e cesto. Aceitou em roda do arraial seis peças de artilharia, seis roqueiras, tres falcões de bronze, que tirou com algumas munições de uma não port. gueza, que apesar do inimigo entrou em um rio da Bahia, por meio da sua armada. Quatro mezes durou o B.spo em este offi. to e exercicio com gastos da fazenda empreziada, que a pouca propria que tinha, lhe ficou na cidade na mão do inimigo. O fructo deste valor, e zelo do serviço de Deos, e de Sua Magestade, foi matarem os nossos no tempo da Capitania do Bispo, cento e tres rebeldes. Captivárão trinta, fóra muitos feridos dos pe. ouros, espadas, e fl. chas, que dentro a cidade se recolherão. Os primeiros que começaram a sen. ir o nosso ferro, forão quarenta Hollandezes, que sahindo pelo Carmo, com guia da terra, cinco dias depois da desgraça, para roubarem as alampadas e calices, que os Padres da Companhia tínha recolhido em uma quinta sua, uma legua da cidade, derão os Indios dos Padres nel. es, e fi. arão no campo tres mortos, fugidos todos, feridos muitos, que d. is flechas venenosas morrerão na c. idade. Dahi a poucos d. as uns Indios e criados de Antonio Cardoso de Barros, em outro assalto que fizerão no inimigo, matárão nove, e captivárão tres. O capitão Manoel Gonçalves, em um assalto que lhe deu no Carmo, matou oito Hollandezes, e ferio a muitos, e mais matara, e ferira, se lhe não fugissem. A 15 de Julho de 1624 sahio o mes. re de campo, João Dort, a dar um assalto nos nossos, não lhe recusou o encontro o capitão Francisco de Padilha, antes investindo com elle, e matando-lhe o cavallo em que vinha, ficou a briga á espada, que em breve se resolveu com o Padilha cortar a cabeça ao Dort, e a um trombete seu, dando nos mais com tanto valor, que os foi matando, e ferindo, a e os fe. har na cidade, onde os Hollandezes e. egerão por mestre de campo, outro capitão hollandez, chamado Alberto Scott. No 1.º dia de Agosto de 1624, tomárão os nossos vivo, ao capitão do forte de Itapagipe com matarem e captivarem alguns outros. Este capitão foi trazido a este reino, onde em confissão juridica, disse muitas cousas, das que aqui apon. amos. E a 3 de Setembro, tiverão um recontro, com um c. rpo. de gente hollandeza, os cap. tães Francisco de Padilha, Antonio de Moraes, Francisco Brandão, Antonio Machado. E sendo os nossos mui desiguaes em numero, pe. ejarão com os Hollandezes, com tan. o valor de rosto, a rosto, que ficarão no campo mortos quarenta e cinco inimigos forão n. u. tos mal feridos, que forão morrer á cidade, depois de en. errados nella. E deu-se o B.spo por tão obrigado, ao valor destes quatro capitães que os armou cavalleiros, como capitão-mór que era, e passando-lhes seus alvarás de cavallaria, p. diu a Sua Magestade fosse r. vido de lh. os confirmar. Em 24 de Agosto, se lhes fez uma en. b. os. rda ao mosteiro do Carmo, a que sahio uma companhia de Hollandezes, derão nelles os capitães. Manoel Gonçalves, e Luiz Pereira de Aguiar, com tão determinada coragem, que sendo os nossos muito menos, elles lhes derão com desord. m. as costas, perdendo o sargento, e outros companheiros; e e. egando muitos feridos á cidade donde lhes sa. u. rão com a artilharia. Buscando os Hollandezes prov. m. ntos de carnes na ilha de Itaparica, o capitão Affonso Rodrigues Adorno, os investio de sorte, que ficarão mortos treze, captivos dous, e uma lancha com um batel, com tres roqueiras, e os mais embarcados com pressa, com a agua pela barba, e muitos mui mal feridos. Não invejou este successo, o capitão Pero de Campos, em cujas mãos ficou uma lancha, com duas roqueiras fagindo muitos com as mãos na cabeça; e com estes successos, parou a jur. sdicção do Bispo na sua Capitania-mór; e dahi a poucos dias, lhe parou a vida, digna de mais largos annos, em que puder. lograr as mercês que a Sua Magestade merecia, por seus loaes. e. rviços; mas nos deos gozará das mercês da gloria, que soube merecer por suas grandes virtudes.

DO QUE SUCCEDEU NA BAHIA, SENDO CAPITÃO-MOR FRANCISCO NUNES MARINHO DE EÇA.

Ainda que sabia o governador Mathias de Albuquerque, quão bem provido estava o lugar de capitão-mór na Bahia, na pessoa do Bispo, pelo accordo, valor e vigilancia, com que o bom pastor se desvelava a fazer guerra ao inimigo, pedia toda a razão o al. v. ias. se de tanto trabalho, para com maior cuidado o ter no governo para sua igreja, porque doutrinas hereticas, não tivessem entrada nella. E ate deste particu. ar, se não esqueceu Sua Magestade, que o não encomendasse aos Srs. governadores, Bispo e governador do Brasil, vigassem com grande cuidado, não espalhassem os inimigos alguns livros de seus erros. Por este respeito, se resolveu o governador Mathias de Albuquerque, em mandar por capitão-mór da Bahia, ao capitão Francisco Nunes Marinho de Eça, do habito de Christo, pessoa de muita confiança e experiencia da guerra na India e fora della; e que fóra capitão-mór, na Parahiba, em cujos arrabaldes ap. senta. lo vivia. Levou socorro de munições, quanto se lhe podia dar, em tempo tão necessitado dellas. Levou poderes, não só na sua Capitania, mas na de Sergipe, Ilhéos e Porto Seguro, para se valer dellas em toda a necessidade que tivesse de socorro e mantimentos.

Chegou ao arraial, onde o Bispo lhe entregou o offi. c. o, e quiz acompanhar, para faver e

Bem claro se vio isto nos evidentes perigos, em que os nossos se acham, matando, e ferindo muitos contrarios, sem damno algum seu; e aconteceu muitas vezes darem os pelouros nelles desarmados, e cahirem-lhes aos pés, como se os peitos de carne, em que davão forão de aço, ou de diamante; o que tudo procedia dos merecimentos de seu bom capitão, e

conselho. A primeira cousa que ordenou, foi chegar-se mais á cidade do inimigo, não com o arrastal que o Bispo tinha muy bem alojado, mas com abreviar o caminho, um terço de legua, de sorte, que tivessem os nossos menos que andar para sa tea-o. Continuãrão os assaltos com o mesmo fervor, que se não perdeu com a mudança dos capitães: nelles matou no mez de Outubro, o capitão Manoel Gonçalves, dezaseis Holandezes, e ferio a muitos, acudido a um engenho, que os inimigos querião roubar, e em morte do capitão e de outros, e ferir a muitos, os rebateu; e queimou uma lancha, junto ao forte de Itapagipe.

O mesmo valor mostrou o capitão Francisco de Padilha, que não só matou no mosteiro do Carmo alguns Holandezes, captivando quatro, mas que desafiou todos a campo para o seguinte dia. Aceitãrão os Holandezes o desafio no campo, e sahirão duzentos bem concertados, e uma companhia de cem negros. Erão os nossos metade menos em numero mas tantos mais em valor, que em começando o jogo os arrancãrão do campo; e como voltarão com demasiada pressa, ainda que forão muitos os feridos, dos mortos só quatro ficarão no campo, sem dos nossos morrer algum. Que deu occasião a dizer-se, que houvera desafio entre quatro Portuguezes, com quatro Holandezes; e que todos os Holandezes acabãrão na contenda. O caso foi o que digo, e não é novo em desafios de Portuguezes, e Holandezes, pedirem os nossos ser o numero dos inimigos dobrado; certos, que ou fiãrão no campo, ou sairão delle com apressado cuidado. No primeiro cerco, que os Holandezes puzerão á foraleza, de Mocambique, no anno de 1607, sendo seu general Paulo Vem Cardem; e governador da fortaleza D. Estevão de Athaide, desallãrão do muro vinte e cinco Portuguezes, a cincoenta Holandezes, que ficasse a fortaleza aos que na briga tivessem melhor successo. Segurava D. Estevão de Athaide, o campo; dava refens ao cumprimento da palavra; e a escolha de armas, e dia fosse do alvedrio holandez. Não aceitou o inimigo part do tão valoroso, em que tinha por certo dar também as costas, como deu a capitão Francisco de Padilha, Dall a poucos dias em dous assaltos que deu a S. Bento, o capitão Lourenço de Brito Corrêa, matou dezanove Holandezes.

No engenho de Estevão de Brito Freire, e na ilha de Itaparica não só os fizerão retirar, e fugir, mas ferirão e matarão a muitos, que nas lanchas fiãrão. Em 2 de Outubro, investio o capitão Antonio de Moraes, com cincoenta Holandezes, e oitenta Tapanunhos, junto a Villa Velha, e lhe matou dezasete soldados, e seis Tapanunhos, e tomou um sargento vivo. Com estes e outros assaltos sentidos os Holandezes, de os nossos lhe matarem tanta gente ás portas da cidade, se occupãrão com grande cuidado em roçar o mato em toda a distancia, a que sua artilharia pudesse chegar para se defenderem dos nossos assaltos com menos damno. Os nossos lhe acudirão com o mesmo cuidado, a impedir este beneficio, e em um dos encontros, que com elles aqui tiverão, lhes matãrão treze Holandezes, e ferirão trinta.

DO QUE SUCCEDEU NA BAHIA SENDO CAPITÃO-MÓR D. FRANCISCO DE MOURA.

Partio D. Francisco de Moura, no principio de Setembro, com o segundo socorro, que os Srs. governadores mandãrão em tres caravellas. Chegou a salvamento a Pernambuco. Dallí partio em seis caravellões em que chegou á Torre de Garcia d'Avila, e dali ao Rio Vermelho, onde Francisco Nunes Marinho, lhe entregou o officio de capitão-mór, a 3 de Dezembro de 1624. Fortificou D. Francisco, as partes em que os inimigos pudessem desembarcar no reconcavo, e nelle fazer damno a engenhos, e fazendas, e assim o fez pelo capitão Manoel de Sousa de Eça, que o fez com grande cuidado. Fez cabo a João de Salazar de Almeida, das embarcações que entendeo serem necessarias para defenderem do inimigo as que trouxessem mantimentos, ou gente em qualquer necessidade.

O capitão Manoel Gonçalves, com quarenta soldados deu no Carmo, em um esquadão de Holandezes e os fez voltar, com morte de cinco, e ferimento de muitos, morrendo da nossa parte um só homem, o que raramente succedeu. E com estas quebras tão continuadas de reputação e gente, chegou o inimigo a tanto temor de sahir fóra da cidade, que lançou bando, sob pena de morte, contra os que della sahissem; e assim cessãrão os assaltos, em que os capitães e soldados fizerão singulares proezas, de que se não póde fazer particular menção. Os tres coroneis desta guerra, forão Lourenço de Brito Corrêa, que servio nas estancas do Rio Vermelho, donde se davão perpetuos assaltos ao inimigo, Francisco de Padilha, que foi o que matou de pessoa, a pessoa o coronel holandez, Manoel Gonçalves, que assistia nas estancias de Itapagipe, onde fez extremos; e se offereceu a esta guerra sem ser chamado. O mesmo fez o capitão Pero de Campos. O capitão Antonio de Moraes, veio de Pernambuco á sua custa, com uma companhia a quem fez a despeza, e assistio sempre nos mais arriscados assaltos, que ao inimigo se derão. Os mais capitães forão, o capitão Jorge de Aguiar. O capitão

santo prelado, porque enquanto elles com armas combatião ao inimigo, elle dizia missa todos os dias, e em oração, qual outro Moysés, com lagrimas, e suspiros lhes negociava o favor do céo para alcançarem victorias, quasi milagrosas em todas as occasiões em que entravão.

Mas como Deos nos quiz ainda castigar, e premiar a elle, foi ser-

Diego Mendes Barradas. O capitão Antonio Machado. O capitão Antonio Carneiro Fialto, que de Pernambuco fôz-se a servir nesta guerra. O capitão Gabriel da Costa. O capitão Azsilio de Paredes. O capitão Francisco de Castro. O capitão Antonio Terrença e muitos outros que servião nas estancias vizinhas da cidade, e guarda do arrabal, e foi esta guerra de maior importância, do que imaginar se pôde para a congrua da empresa da Bahia, porque o valor com que os n. osos se comportarão nos assaltos, não só desengano o inimigo que he não convinha sair da fortificação da cidade, mas que nem com socorro de Hollanda poder a sua entalhar, e arruinar as nossas armadas. E terem os assaltos dos n. osos tão pouco ao inimigo, e das portas a dentro da cidade, forribar-lhe o poder, e segurar-lo, para não poder escapar do das armadas de Sua Magestade.

DA CHEGADA DA ARMADA DA COROA DE CASTELLA, AO CABO VERDE, E NAVEGAÇÃO DE AMEAS, ATÉ A BAHIA.

Partio de Cadiz o general D. Fadrique de Tol de Ozorio, com a armada da corôa de Castella a 14 de Janeiro do fôz. A d. e mandar a da corôa de Portugal, que no Cabo Verde se fôz ancorar a escorava. Uma e outra se salvarão em estrondo de artilharia, e mais instrumentos de guerra, e com outras demonstrações de contentamento, que em semelhantes occasiões ensina a boa corteza, e amizade, e passados os contrariamentos e visões de parte a parte, que entre si guardarão os generaes e aventureiros de uma e outra armada, se fizeram ambas a vela na mesma conserva, e companhia, em 11 de Fevereiro e ainda que poderes de diversas e distantes e rãas o império de uma só real pessoa, e as achas erão, as receava entre si mais que unidas e conformes. A navegação ate o Brasil, não teve contras e, nem em outro, nem successo que neste lugar o possa ter, mas que passarem as calmaras da linha, e trajecto da guerra por ella navegar, haver falta de agua, mais que ordinaria e presentes deida, de uns capitães a outros, como que se fôz fora de nave, em calmas de esio. Em 3 de Março passaram a linha, em 29 virão a terra do Brasil, em altura de doze grãos e quarenta minutos. Seis leguas da Bahia, se mandou reconhecer a terra, e tomar lingua. Deu-se o cuidado desta diligencia, ao capitão José Furtado, e ao piloto Sebastião Loureiro, que o fizeram com singular pontualidade. Nem esta faltou a torre de Garcia d'Avila, don'te se mandou aviso aos generaes das armadas, do estado em que o inimigo se achava. Este se tinha e dilido no arrabal, assim de Hollandezes presos, como de Portuguezes cativos, que da cidade fogirão. A fortificação que danno na representação do fóra, mais prometia, do que por dentro era; e com successo o inimigo não estive o seu em fortificar-se, o tempo em que foi senhor da cidade, e não lhe pareceu, que faltaria poder que d'a tomasse, e conforme ao grande que esperava, se empregou no trabalho da defesa; porque não perdoou a tudo o que podia reparar de damno, e fize-lo a quem viesse. Erão noventa e duas peças que em varios lugares estavam acastadas, com serviço de trinta condstaveis, de grande destreza; e seis em a bombardeiros, em que estes miras trazem posta toda sua força, e successo de sua boa fortuna. E fóra das machões, que correspondião ao numero das peças, para serem as ba's, que j. gas em de mais vi. l. neta; t. n. no forte novo da praça, uma fornalia com tres bocas, duas por onde se lhe dava fogo nella aquetavão de sorte os pelouros, que abrasades penetrassem mais com o tiro, e acendessem fogo onde quer que tocassem. Nesta mesma fornalia, fazião outros artilhos de fogo, para damno das nossas armadas. Nas ruas da cidade, fizeram trincheirões, tão fortes alguns, que erão capazes de peças, como um que se f. z. junto a S. Bento, onde estavam tres acastadas. Na praça acastarão oito. Na praça vinte; em lugares accomodados a nosso damno, fizeram sete baluartes de terra, e capazes alguns de reterem cem mosqueteiros; alguns a tres peças de artilharia, outros a sete. Fizerão mais tres travessas fortificadas com peças. Tres est. e. das com cortaduras de muita defesa; tres cortinas, uma de quinze pés de largo, e oitenta passos de comprido. Outra de doze pés, e cem passos; a terceira, de o to pés e doze; nos pass. s. com suas travessas, e peças de a. liliaria. Fizerão quatro reductos, em varias partes e um delles, a modo de meia lua, de capiz de cento e noventa mosqueteiros) formados todos de peças; e outro fora dos muros vellos, com sua praça de armas, e dez peças de artilharia, as no l. res que tinham. No mar tinham vinte e dois navios, seis de guerra e for. de seiscenta a setenta toneladas, e alguns delles de quarenta, trinta e trinta e seis peças de ferro e bronze. Desses tinham vindo de Hollanda por varias vezes cinco, e uma não com mantimentos e gente, e estava para a fortificação. E como por um destes navios, que tomara um pat. e. o nosso de aviso de partida das armadas, entendessem que ho. pe. les lhes vinhão, aprestarão tres navios com artilhos de fogo, para damno da nossa armada. Outros tinham a ponto para trincheirarem com elles as suas machões; porque as nossas não abordo sem; e com todas estas aprestes,

vindo de o levar para si em 8 de Outubro de 1624, poucos dias depois de largar o cargo, cahio o bom pastor D. Marcos Teixeira em cama, mais de cansaço, e trabalho, que de doença; nella esteve oito dias, e em breve foi gozar da corôa, que em menos de seis mezes mereceu fosse tão acabada e perfeita, como são as de outros grandes no céu; deixou todos seus sub-

a sua determinação era embarcarem os capitães, officiaes, gente de mar, e guerra, e a fazenda pessoal, e item-se a Hollanda, deixando a praça aos nossos: o que tudo se lhes impedio, com verem sobre si o poder das armadas, e a impossibilidade de poderem escapar dellas. E este era o estado em que o inimigo se achava, quando as armadas chegarão.

DA CHEGADA DAS ARMADAS DA COROA DE PORTUGAL E CASTELLA Á BAHIA.

Anotarão as armadas á cidade da Bahia, a 29 de Março de 1625, vespera da resurreição de Christo, festo dia para esperar victorias e triumphos; em que surgirão na boca da Bahia, defronte de Santo Antonio. No seguinte dia que foi o de pascoa, se assentou em conselho das pessoas delle, de ambas as armadas, se puzessem em terra quatro mil homens, quinhentos Italianos, de que era mestre de campo, o Marquez de Juracussa. Dous mil Castelhanos, de que era mestre de campo, D. Pedro Ozorio, e D. João de Orellana. Mil e quinhentos Portuguezes, dos que tão na armada, de que era mestre de campo, D. Francisco de Almeida, ammirante da armada da corôa de Portugal; e Antonio Muniz Barreto. Fora mil e quatrocentos Portuguezes, que consigo tinha em terra, D. Francisco de Moura, capitão-mór do recanavo da Bahia, e quatrocentos Indios de arco, e flecha; que por todos es da corôa de Portugal, fizeram numero de tres mil e trezentos homens. Sobre esta resolução que se tomou, de se lançar gente, e formar quartéis em campo, não faltou parecer no conselho, que se fizesse entender ao inimigo na cidade, que a toda a nação que não fosse Hollandesa, se perdoava o delicto, para se poderem sair vivos da terra. Viu pelos Hollandezes tão formosa frota, se dividirão nos juizos do que era. Uns tinham por soccorro de Hollanda, outros por poder de Hespanha, de sorte, que houve apistas por uma e outra parte. E nesta perplexidade, ou por festa de serem seus os que vinhão, ou por brio de serem nos os, assim cobrirão navios, e muros de bandeiras, e flammeas, no mar e terra, como se tivessem, ou muito que hospedar nos amigos, ou nada que temer no poder dos inimigos. Tractou o general D. Fadrique de Toledo (que naquella ponto o ficava de mar, e terra) de se reconhecer o sitio e estado do inimigo, como a primeira coisa que pedia a providencia do bom capitão. Elle se achou fechado na cidade, donde havia muitos dias não sahia pessoa a guma, sob pena de morte, porque a não tivessem da mão dos nossos, e tambem fortificado, artilhado e trincheirado nella, que pudesse custar muito de sangue e vidas, a quem do sitio o lançasse. E porque a boa resolução, depois do conselho, nem gasta, nem perde tempo tomou um e outro, nenhum se perdeu em lançar gente em terra, formar-se campo, designar-se quartéis, para as baterias, que forão os primeiros os de S. Bento, e Carmo, que o inimigo escolheu tambem, quando entrou a cidade. Nem por mar, nem por terra, tractou o inimigo de resistencia, a desembarcar a gente, que com mais pressa se puzera a ponto de combater, se logo se soubera pelo reconavo, fazendas e engenhos, da chegada das armadas; porque tanto que houve noticia, não faltarão os moradores, com tudo que puderão, para o necessario serviço do campo, acudindo a tudo o capitão-mór D. Francisco de Moura, com toda a pontualidade. O primeiro dos moradores, que acudio com carros, barcos, e dazentos escravos de serviço, foi Estevão de Brito Freire, a quem nem a velhice, nem a enfermidade, impedirão ser um dos aventureiros da armada, que acima se nomearão. E enquanto não houve bastante serviço, para se pôrem a ponto as baterias dos quartéis, era muito para ver o fervor, e militar confiança dos senhores e fidalgos portuguezes, que nenhum delles isentou idade, nem qualidade, título, nem senhoria, para deixar de puxar pelos carros de artilharia, como se fossem mui calejados soldados, e mui exercitados em tão trabalhoso serviço. Prova desta confiança, forão com custa sua, o morgado de Oliveira, e Jorge de Mello, filho de Manoel de Mello, monteiro-mór, e D. Diogo da Silveira, que experimentarão em suas pessoas, quanto pesava um carro, com uma peça de artilharia, que sobre elles voltou, e malhiactou.

SITIO E CERCO DA CIDADE DA BAHIA.

Em cinco partes houve fortificação do nosso exercito, com trincheiras e plataformas, para combate do inimigo. A primeira foi no quarel do Carmo, em que assistia o general da empreza, D. Fadrique de Toledo. Neste sitio, teve consigo o terço de Portuguezes, de que era mestre de campo Antonio Muniz Barreto, onde assistirão os mais fidalgos e senhores da corôa de Portugal. E o terço de soldados Castelhanos, de que era mestre de campo, D. João de Orellana.

Da gente destes dous terços, se formou segunda bateria no sitio das Palmeiras, ou como dizem os naturaes na horta do Correeiro. Neste sitio, mandou o general assistir os dous mestres de campo, deixando consigo os sargentos-móres destes dous terços, como o escreveu

ditos tão saudosos, que senão sabião lembrar, nem fallar, senão de suas virtudes, de suas palavras tão santas, e lagrimas tão continuas, e de sua vida em tudo tão exemplar, trazendo a memoria o muito, que padecera e enternecendo-se agora mais, do que quando o vião pelos matos, sem comer, nem beber, vestido de burel, com a barba crescida, e com as armas

a Sua Magestade, em carta que anda impressa. Cresceu o terceiro lugar do combate, que o general assignou (como se vê na mesma carta) a D. Francisco de Moura, capitão do reconheço que tinha consigo mil e quatrocentos Portuguezes e quatrocentos Indios, e entre estes, servião d'zentos soldados, que Jeronymo Cavalcante de Albuquerque levou consigo em uma não á sua custa, indio de Pernambuco servir a Sua Magestade na jornada, e porque nada faltasse a Sua Magestade, por fazer ingratião do serviço de bons vassallos, com carta particular, de 11 de Agosto de 1625, agradeceu a Jeronymo Cavalcante, o serviço que lhe fizera. Neste sitio de D. Francisco de Moura, assistio Duarte de Albuquerque, capitão-mór e governador de Pernambuco, com trinta e sete criados sem soldo de Sua Magestade, e mais de trezentos vassallos de sua Capitania, e em todo o tempo do sitio, se deu mesa á sua custa, a todo o soldado Portuguez, ou Castelhano, que a quizesse aceitar. E ainda que o general D. Fadrique de Toledo, tinha a superintendencia absoluta da empresa, que o é esta gente de D. Francisco de Moura, e sobre a mais da armada da corôa de Portugal, superintendia o general D. Manoel de Menezes, conforme a uma carta de Sua Magestade de 29 de Outubro de 1624, para D. Francisco de Moura, em que depois de lhe encomendar o cuidado de ter prestes, carros, barcos, e gente para o serviço do exercicio, lhe diz: «advertindo que esta empresa vai a emmetti-la a D. Fadrique de Toledo, e que tudo ha de estar á sua obediencia; porém vós, com o que tiverdes a vosso cargo, haveis de estar á ordem de D. Manoel de Menezes, general da armada da corôa de Portugal, que ha de fazer em tudo o que tocar a ella, o mesmo officio, ou seja no mar, ou na terra. E conforme a isto, enquanto elle ali estiver, cessará a jurisdicção que daqui levastes, que ha de ficar nelle para usar della, conforme aos regimentos que lhe mandei dar.»

A quarta parte, e mui principal da fortificação, para fazer damno ao inimigo, era o sitio, o quartel de S. Bento, em que assistia o mestre de campo general, o Marquez de Cerpani. Neste sitio se alojão tres terços; um de Portuguezes, com seu mestre de campo, D. Francisco de Almeida, almirante da armada da corôa de Portugal, em cujo lugar ficou no mar, Jorge Mexia, sobrinho do Bispo, conde governador, que fidei estes reinos.

Este terço de D. Francisco de Almeida, se sitiou no corpo direito do alojamento, e vanguarda de todo elle.

O segundo terço, era de soldados Castelhanos, com seu mestre de campo, D. Pedro Ozorio. O terceiro terço, era de soldados Italianos, mestre de campo, o Marquez de Tornezza. O ultimo sitio, e praça donde se batia com muito damno o inimigo, era pela parte da marinha, onde D. Manoel de Menezes, general da armada da corôa de Portugal, fez com a sua gente tres plataformas, donde se bateu a armada do inimigo, com tão rigorosa força, que puzeram seis dos navios a giveas no mar. E se dous dias mais lhe durára bastaria, todos tiverão o mesmo fim. Das mesmas se batia parte da cidade, o lugar do corpo da guarda, e as casas do coronel. Outro beneficio se alcançou da industria do general D. Manoel de Menezes, que foi a facilidade de se levarem os quarteis, artilharia, munições, e bastimentos. Reconhecerão o general da armada da corôa de Portugal, e o almirante da de Castella, um caminhamal seguido da marinha, a S. Bento, e não forão com tanta segurança, que os não buscassem as balas dos inimigos. Venceu a industria e trabalho, e difficuldade; e a marinha a que dantes chamavão resaca, e costa brava, tem hoje nome de porto novo: e o que dantes era barroca, ficou em estrada larga, com facil e communicação dos quarteis, com as armadas.

VALOR DOS FIDALGOS E CAPITÃES PORTUGUEZES NOS QUARTEIS DO CARMO E S. BENTO.

Não se pó le bem dizer, quanto se assignalasse o valor dos senhores e fidalgos portuguezes, no quartel e trincheiras do Carmo; onde parece igualarão a confiança com as forças; trabalhando de sorte por suas mil e tres pessoas, como se viverão daquelle exercicio. E ainda que é difficiloso nomea-los a todos: todos se podem dar por assistidos neste lugar; houve muitos dos fidalgos portuguezes, que se não obrigirão a particulares companhias, que por gyro acuçião quando lhe tocava o serviço das trincheiras, vigia, e guarda: mas que se fizerão vagos para se acharem com tobas, em todo o trabalho militar. Destes forão o conde do Vimioso, e seu primo D. João de Portugal; até que sabendo o general D. Fadrique, que lhes mandou assentassem praça em bandeira certa, e nella acuissem, por turno ás obrigações militares do trabalho, vigia e guerra. O mesmo ain ta com mais fervor, succedeo a Lourenço Pires Carvalho, que por espaço de quatorze dias, assistio dia e noite para todo o exercicio, em todas as companhias, castelhanas, e portuguezas. E o general lhe mandou, o mesmo que ao conde do Vimioso, se unisse a bandeira, e acuisse a obrigação, quando nella lhe tocasse. Foi este cuidado e trabalho singular dos senhores e fidalgos portuguezes. E não havendo este estylo nos fidalgos da

às costas, dizião levados do grande sentimento, que mais os castigára Deos com a morte de seu prelado, que com a tomada da cidade.

E com muita razão, pois esta se restauraria, como restaurou, e aquella não poderia jámais ter remedio. Os Indios das nossas aldeas em particular choravão mais sua morte, porque de todos elles era pai, deffensor,

armada da corôa de Castella, foi, porque sendo os mais delles capitães entretenidos, e não aggregados a particulares companhias, não os obrigava o seu cuidado a guardas e vigias, se não á assistencia da pessoa do general, e á obrigação da briga, quando a occasião a dêsse.

No quartel de S. Bento, havia em todos o mesmo fervor e cuidado. E para que em tudo o houvesse maior, não faltou em chegando os terços áquelle sitio, um excesso de confiança mal desculpavel em vizinhança de inimigos. Porque gente destra nas armas, de longe adivinha damnos que pôde haver. E já pôde ser, que o que neste passo houve, teve seu fundamento; do temor que o inimigo tinha de sahir aos nossos fóra da cidade; e com isto pareceu aos soldados Castelhanos, que podião tomar algum allivio do cansaço e calma com que chegarão ao quartel de S. Bento, e algum cuidado de se accommodarem, cortando madeira e rama para barracas do seu alojamento. No meio deste descuido, não o teve o inimigo, para se aproveitar da confiança dos nossos (ou fosse por aviso de uma espia negro, como se disse ao general, ou mais certo por um branco, que do inimigo veio dissimulado). Sabe o Hollandez a elles, com trezentos mosqueteiros: que derão a primeira carga, antes dos nossos sentirem o damno della, e a retirada de muitos passos. Sentio primeiro a quebra do valor, o mestre de campo, D. Pedro Osório, e com animo de valente soldado que era, não só tractou de ter, mas de seguir ao inimigo, acudindo mais ao valor de sua pessoa, que á obrigação de seu officio. Tornando os nossos em si, com o exemplo de seu mestre de Campo, e com o soccorro de D. Francisco de Almeida, com os fidalgos portuguezes do seu terço, voltarão ao inimigo, e chegando a briga a se conversarem de perto, começou o jogo a ter nova fortuna. Correu D. Francisco de Almeida, com os seus, a tomar uma rua, com que ficasse o inimigo no meio e sentisse, que só descuidados podião aquellos soldados padecer qualquer desgraça; mas que em accordo sabião seguir, e ferir ao inimigo. Voltarão os Hollandezes (de seu costume) seguidos dos nossos, até ás portas das suas trincheiras já muitos delles mortos, já feridos. Nem foi menor o nosso damno; que pudera ser maior em tal descuido: quarenta forão os nossos mortos, e oitenta feridos. As pessoas que neste rebato morrerão, de mais nome, foi o mestre de campo D. Pedro Osório, que o era de grão valor; com tres capitães nobres Castelhanos. Dos Portuguezes, foi o alferes do mestre de campo D. Francisco de Almeida, e cinco soldados da sua companhia. Feridos de nome, Castelhanos, quatro: Portuguezes tres. Pero Cesar de Menezes; Henrique Henriques de Miranda, filho mais velho de Luiz de Miranda Henriques. E entre os que neste assalto se mostrão valerosos soldados, que o forão todos, os que acudirão a elle, se deixou ver mui cavalleiro, D. Francisco de Faro, filho do conde D. Estevão de Faro, do conselho de Estado de Sua Magestade, e veador de sua fazenda: que com um pique nas mãos, fez sentir ao inimigo o damno, e affronta que aqui recebeu dando as costas, aos que buscou dormindo. Resultou deste assalto, ficar D. Francisco de Almeida, senhor do convento de S. Bento, que dantes tinha o inimigo; e alojar-se nelle, e defende-lo com extremado valor, assistindo á sua defensão, duas companhias do seu terço, com os capitães, Gonçalo de Sousa e Manoel Dias de Andrade. Recolhidos os nossos e feitos os officios que se devem, a mortos e feridos, se reportarão em diante de sorte, que o inimigo os não saltasse descuidados, que também se acautelou de maneira, que não quiz experimentar outro dia, o valor com que neste foi rebatido. Porque ainda que no quartel do Carmo, tentou uma noite se havia descuido, recolheu-se sem ter effeito, por achar que se vigiava. O general D. Fadrique de Toledo, com grande cuidado, visitava muitas vezes os postos, para com isso o terem, os que estavam de vigia, e guarda: chegando-se tanto aos lugares mais ariscados, que lhe ficava igual o perigo de sua vida, com o valor de sua pessoa.

Não vivião sem elle, os que assistião nos quartéis, onde erão mui ordinarias as balas do inimigo, com que os mais dos nossos, andarão empoados, e ainda que foi Deos servido serem poucos os mortos da artilharia inimiga, houve comtudo, alguns feridos, e iados de Lourenço Pires de Carvalho, e seus camaradas, levando-lhe uma bala a sua cozinha. E ainda que não seria grande o damno dos guizados soldadescos, não era pequeno o perigo, em tão proxima vizinhança; pois os alojamentos, não davão largos quartos, para estarem semelhantes officinas alongadas das camaras dos senhores.

DA MORTE DO MORGADO DE OLIVEIRA.

Não foi comtudo a fortuna tão grandiosa, em sustentar o nosso campo, livre de perda de grandes pessoas, que não magoasse todo aquelle exercito, armadas e corôas de Portugal e Castella, onde Martim Affonso de Oliveira e de Miranda, era conhecido por sua qualidade, partes e valor de cavallaria. No quartel do Carmo, onde se alojava, com o conde de S. João, seu cunhado, o ferio uma peça de artilharia inimiga, quebrando-lhe uma perna, de que em tres dias morren, com tanto valor e christandade, como se esparava de tão qualificada pessoa :

e protector. Nós os da Companhia, tivemos razão de a sentir, como sentimos mais, que todos, pois na paz, e na guerra se ajudou de nós amorosamente com benevolência, e íntima afeição, e nós o servimos, e acompanhámos até à morte, como tínhamos de obrigação.

Vendo-se os soldados sem tal capitão não ficarão desanimados, antes

que o mais que sentio de sua morte, foi ser, não sentindo o inimigo, o valor de tão esforçado soldado. Bem se podia prognosticar morrer a golpes de infelizes, quem vivia em tanto zelo de debella-los. Porque só quem conhecia o morgado de Oliveira, sabia delle o fogo bellico que no peito lhe ardia: porque nada mais lhe occupava o pensamento, que artilharias, galeões, armadas, emprezas e conquistas. Em seus meoires annos se ausentou deste reino de Portugal, contra vontade de sua mãe e parentes, e se foi a Africa, e de caminho, andou alguns mezes nas galés de Hespanha, sendo general, D. Pedro de Toledo. Depois se passou a Tângere, donde a Magestade de el-rei Felippe I de Portugal, o mandou vir por consolação de sua mãe, que o pediu a Sua Magestade, e foi tal o fervor militar que alli mostrou, e gosto da vida de fronteiro, que não bastou a primeira carta de Sua Magestade, para deixar Africa, senão, que foi necessaria com alguma força a segunda. Dalli a alguns annos repetio a segunda ausencia do reino, mãe e parentes, e contra vontade de todos, se foi a Sevilha, e dalli a Cadiz, levando consigo tambem fugido, seu sobrinho, Pero Lourenço de Tavora, filho de Ruy Pires de Tavora; reposteiro-mór, que depois morreu em Frandes.

Não soffrendo o morgado de Oliveira, que seu irmão, Diogo Luiz de Oliveira, viesse da corte, a embarcar-se na armada de D. Luiz Fajardo, general do mar Oceano, pela corôa de Castella, sem que elle por mais velho se achasse naquella empreza, em que na Bahia da Goleta, em Tunez, se queimáram dezoito navios ao inimigo; ficando tão satisfeito do exercicio militar, que sendo casado com uma das mais principaes senhoras deste reino, irmã do conde de Sortelha, e tendo muitos filhos, não deixou, jornada alguma das que lhe forão possiveis. Indo seu irmão Diogo Luiz de Oliveira, por capitão-mór da armada da corôa de Portugal, o acompanhou, com navio e gente á sua custa: e o acompanhára sempre em todas as occasiões, que teve de grande capitão, entre os que Sua Magestade trazia em seu serviço, se bem por mar, melhor por terra: no mar em varias armadas: na terra, no exercito de Frandes, cerco de Bargas: mestre de campo do terço portuguez mostrando em tudo o valor de sua pessoa, e o de grande capitão na briga que teve, entre Dumquerque, e Dobla, com sós quatro navios, a quatroze de Hollandezes, sentindo o inimigo o damno de muitas mortes dos seus: de sorte, que se deixou bem mostrar, que era tão irmão do morgado de Oliveira no valor, como no sangue. E era com razão, que quem tão boa mão tinha para rebeldes de Hollanda, se lhe entregasse o cuidado de governador do Brasil, para Sua Magestade ficar sem ella na segurança daquelle Estado.

E tornando ao morgado de Oliveira, foi por capitão-mór de uma armada, com grandes gastos de sua fazenda, sendo vice-rei destes reinos, o marquez de Alemquer. Esteve aprestado para ir a Ormuz, com cinco galeões e não ficou por sua parte, não se acudir á aquella praça, que não fôra do Persa, se elle lá fôra. Acompanhou ao general D. Fadrique de Toledo, ao canal de Inglaterra, dando tanta satisfação de si aos soldados estrangeiros, que desejávan em grandes emprezas, terem-no por general.

Por fim, estando enfermo, com seu perigo, ao partir da armada da corôa de Portugal para a Bahia, lhe advertirão parentes e amigos, não tractasse da jornada: respondeu que ungido havia de ir nella, e assim o fez, que mui enfermo se entregou ás descommoidades do mar, com zelo do serviço de Sua Magestade: que tem bem significado, quanto estima a vontade e o valor de tão bom vassallo, sentindo sua morte, como bom rei, que devemos os que o são, sentir muito faltarem-lhe em suas corôas as perolas que as ornão; e não as pôde haver de maior estima, que vassallos fieis, e valorosos. Não esperou Sua Magestade muitos dias, que não significasse a senhora D. Elena de Lencastre, o muito que sentira a morte de seu marido; quando consolando-a de o perder, em carta de 25 de Julho de 1625, lhe diz:

Da pessoa e merecimentos de Martim Afonso de Oliveira e de Miranda, vosso marido, que Deos perdoe, fiz sempre particular estimação, e ao mesmo respeito tive muito desprazer com a nova de haver sido morto no sitio da cidade da Bahia, onde me foi servir imitando o que fizirão seu pai e avós, nas occasiões do serviço dos Srs. reis meus predecessores. A certeza de que elle cumprio com as obrigações de quem era, e a esperanza de que estará na gloria, vos deve obrigar, a que modereis o sentimento de sua perda, assim vol-o encomendo e rogo muito. E podeis estar certa, que hei de ter particular lembrança de vós e de vossos filhos, para folgar de fazer a todos favor e mercê.

Não faltou na obrigação de seu officio, o Exm. Sr. Gaspar de Gusmão, conde de Olivares, em sentir a morte do morgado de Oliveira, e consolar sua mulher de tão grande perda, em carta de 4 de Julho de 1625, que lhe escreveu; depois de significar com palavras de muita cortezia, a grande perda de tal fidalgo, a sua casa e filhos, ao serviço de Sua Magestade, a honra da corôa de Portugal, e de se offerecer a tudo o que fosse servi-la; ajuntou de propria mão, Vossa Mercê achará em mim quanto deve um ministro obrigado, e escravo de seu rei, a

mais confiados, esperando lhes alcançasse o defuncto, de Deos no céo, maiores victorias, quo as que com elle houvera, vivendo na terra. Nem se enganarão, porque dalli por diante estiverão sempre nos mesmos perigos o mesmo successo; estavam em cima da fonte nova emboscados em uma illha de mato uns poucos dos nossos, forão sentidos dos inimigos, e sahi-

mulher de homem de tal qualidade, que assim soube viver e morrer por seu rei: e eu em particular seu captivo, por mil razões e particular inclinação. Bem justo é, que neste lugar se agradeça ao Sr. conde de Olivares, saber consolar viúvas, de maridos, que tambem souberão servir a seus reis; e saber lembrar-se de orphãos, cujos pais forão prodigos da vida, mais para o serviço dos reis, que para o amparo dos filhos. E obrigação é de validos nas maiores puridades, que com os reis tracião, e nos mais secretos colloquios de sua valia, lembrarem-lhe, que ficao Suas Magestades ás viúvas, em lugar de maridos, e de pais a orphãos, cujos pais morrerão em seu real serviço. E indo avante mais nas advertencias, que não devem reis guardar em thesouro, para bons vassallos demonstrações de amor; gastem dellas com largueza, que custão pouco, e rendem muito: e fazem com que os reis sejão de seus vassallos intimamente servidos e amados. E um valido de Alexandre Macedonico, que o desejava grande rei de sua monarchia, e bem visto, e amado em toda ella; não traciava de outros meios mais poderosos, que os da benevolencia e os da grandeza, e magnificencia, que Alexandre com os seus guardava. Assim o sabemos ter feito com Sua Magestade, para com os seus vassallos portuguezes, o senhor conde de Olivares: nem pudera cuidar-se em tempo algum, que não foi dos maiores acertos que teve este seu cuidado, pois professão os vassallos portuguezes, por natureza, e herança de seus avós, não ter o mundo outros, nem mais leaes, nem mais affectuosos: que elles, ao serviço de seus reis. A maior prova que eu de presente deira, se fôra necessaria a verdade tão segura, erão os reaes olhos de Sua Magestade, no que virão no reino de Portugal, em serviço e amor da Magestade de Felipe II, seu pai. Firmara mais a prova com o que Sua Magestade confessa por cartas e decretos de sua real mão, que tem experimentado em tão bons vassallos na jornada do Brasil, que é o mesmo que os senhores reis antecessores a Sua Magestade, experimentarão sempre em jornadas de igual e maior perigo. E para que se veja a singular responlencia de vassallos, com rei; e de rei com vassallos; e a particular satisfação com que se achão os vassallos portuguezes, em Sua Magestade saber tambem acudir ao bem particular de mortos e vivos, é razão se declarem neste lugar as larguezas e grandezas que Sua Magestade tem usado com os vassallos da corda de Portugal.

GRANDEZAS DE SUA Magestade COM OS VASSALLOS PORTUGUEZES, QUE SE ACHARÃO NA JORNADA DA BAHIA.

Era bem razão, que quando Sua Magestade puzesse os olhos nos serviços que os vassallos Portuguezes fizeram nesta jornada, fossem os mortos na primeira lembrança, sendo em tantas outras occasiões tão esquecidos. Deu a ver Sua Magestade, que os Srs. governadores lhe fizeram esta memoria a 22 de Novembro de 1624. Para os que na empresa acabassem, como pessoas que já por si não podião requerer, nem replicar nos despachos, nem tinham melhores certidões que dar de seus serviços, que terem a morte nelles, aos vivos, ficava tempo e lugar para requerer, e por este respeito fallou Sua Magestade só dos mortos, na carta que escreveu aos Srs. governadores, em 17 de Junho de 1625, e diz assim:

« Havendo visto o que me escrevestes em 22 de Novembro passado, sobre os fidalgos e gente nobre que se embarcãõ a me servir na armada do soccorro do Brasil, me pareceu dizer-vos, que hei por bem se passe provisão, declarando, que aos filhos cujos pais fallecerão na jornada, havendo cumprido com sua obrigação, farei mercê do que por elles houver vagado da corda, ou das ordens militares. E aos que não tiverem dispensação para receber mercê nesta forma se lhe fará outra equivalente a seus serviços. »

E para se dar execução a esta real vontade, em se apresentando a Sua Magestade a petição e consulta da Sra. D. Elena de Lencastre, mulher do morgado de Oliveira, foi Sua Magestade servido, que indo o requerimento por um ordinario, veio pelo seguinte despacho. E por que pareceu a Sua Magestade, que ficava aquem da real grandeza, que de tão grande monarcha se esperava, e do que tão leaes e valorosos vassallos merecião, tendo provido no que tocava ás mercês dos mortos, estendeu sua grandeza a engrandecer os vivos, com tão paternal effeito, que cuida Portugal, terem-lhe resuscitado em Sua Magestade, aquelles reis serenissimos tão verdadeiros pais de seus vassallos, el-rei D. João II, el-rei D. Manoel, el-rei D. João III, de gloriosas lembranças. Porque sem proposta e memoria dos conselhos desta corda, seu consulta do Estado, só pela do amor, e confiança, com um movimento proprio e deliberado espirito de paternal governo, foi Sua Magestade servido formar um real decreto em favor da corda de Portugal, que mandou aos Srs. governadores em carta que diz assim:

« Governadores amigos. Eu el-rei vos envio muito saudar, como aquelles que amo. Havendo-se entendido o bem que tem servido os fidalgos portuguezes que forão cobrar a Bahia de Todos os Santos e desejando que e muiço, quão agradável me foi seu serviço, e quão satisfeito me

rão logo muitos em numero, cuidando que tinham a presa na mão, mas sabio-lhe bem ao revés, do que cuidavão, porque além de morrerem muitos foi necessario a alguns largarem os arcabuzes, para tomar ás costas, os que de mal feridos, não podião fugir.

Com esta occasião mandarão logo muitos negros roçar aquelle mato,

acho de suas pessoas, hei por bem, que em primeiro lugar, que se executem as mercês geraes que fiz, para os que morressem nesta jornada, nos filhos de Martin Affonso de Oliveira, e que se me consulte, em que outra cousa poderia eu mostrar-lhe meu agradecimento, e sentimento da morte de seu pai, por ser tão honrado fidalgo, e tão zeloso de meu serviço, não reparando para o fazer, em nenhum particular seu, ficando sempre, se pôde ser, tão satisfeito do seu modo de servir, como dos seus mesmos serviços. E aos mais fidaes, me pareceu se lhes declararem e dêem por feitas, todas aquellas mercês, que se lhes fizerão, para em caso que morressem na jornada, pois da sua parte não lhes ficou mais que fazer. Desejando eu infinito que saibão os que me servem, que gratifico o animo de faze-lo, como a mesma obra; e que não hão mister mais solicitação, negociação, recorde, nem passos, que dados em meu serviço. E por esta razão sem consulta nenhuma, o quiz resolver assim. »

Escripta em Madrid, a 18 de Setembro de 1635. — Rei.

Não se pudera ver maior demonstração, de Sua Magestade ter herdado (com a monarchia de Hespanha) de el-rei Felippe I de Portugal, seu avô, aquella rara prudência e entendimento, que neste decreto se mostra; sobrepujando nelle o saber, aos annos que Sua Magestade ditosamente logra. Pois em não esperar considerações e vagares de conselhos, nem mais que a determinação de seu animo real: e o que podia haver de secreta puridade de camara, e valia: se deliberou a declarar na mercê, o caminho de favor, e confiança, por onde os Srs. Reis seus antecessores, como naturaes, sabião levar seus vassallos. E por estes meios, de paternal, e de filial governo, souberão sempre os vassallos Portuguezes, beber por seus reis a morte com gosto, fazendo-os a troca de suas vidas, ricos na fazenda, e com perda de seu sangue, poderosos no imperio. E pois Sua Magestade soube tambem acertar no meio, por onde podia obrigar aos vassallos da corôa de Portugal; saiba sempre, e queira continuar em tracta-los com favor e confiança; porque terá certos (nesta grande parte da sua monarchia, por Europas, Africa, e Americas) milhares de Alexandres e Scipões para as emprezas da guerra, e Catões e Fabricios para os negocios da paz. Que não cansou a natureza em Portugal de dar talentos perfectos na paz, e guerra; mas tra-los a fortuna sepultados vivos na desconfiança, inveja, e dissabor. Mas já agora, não podem temer os Portuguezes successos de má fortuna, venho o mundo tão efficaç e claro o amor de Sua Magestade, a corôa de Portugal: e o vigilante cuidado do Sr. conde de Olivares, em não soffrer que chegassem as armadas da empresa da Babil, para se saber dos generaes, o que cada um mereceu na jornada; nem esperar requerimentos dos servios que nella se fizerão; nem lembranças dos conselhos de Portugal e Castella: senão que com um animo mui portuguez, quiz que os Portuguezes entendessem, que tinham em Sua Magestade mui acorrdado rei de seus serviços, e no Sr. conde uma poderosa e lembrada valia, para lhe procurar, sem requerimentos, mercê. Deixando-se tudo ver no paternal decreto de Sua Magestade, a quem se deve (e se terá) immortal gratidão e memoria.

DA FORÇA QUE OS NOSSOS FIZERÃO AO INIMIGO POR TERRA, E DOS ARDIZ QUE ELLE FEZ POR MAR.

Comearão as batarias da nossa artilharia, dos quartéis do Carmo, S. Bento, Palmeiras, e praia, com tanta furia e continuação, quanto era nos nossos o desejo de resolver a empreza em breves dias. Era notavel o damno que o inimigo recebia, de tão continuadas tormentas de fogo e chuveiro de balas, sobre a cidade, e navios do inimigo. Nem elle perdoava, as que podia fazer com tanto numero de peças como tinha, para sua defensão e damno de nosso exercito: que fôra muito, se a Divina Providencia não mostrara que era a nossa causa justa; e que não era razão, que quem pela fé e justiça pelejava, padecesse de inleis e rebeldes: porque em todo o tempo do cerco, parece que houve um perpetuo milagre, de não morrer muita gente de nosso exercito, com as infinitas balas do inimigo que sobre os nossos cahião; nem erão menos as nossas que cahião sobre elle. Duas mil e quinhentas e dez balas de artilharia, nos lançarão os inimigos; quatro mil cento e sessenta e oito, receberam de nossa boa vontade, que tinhamos de o servir. Foi o inimigo entendendo, de tão agra resolução, como no nosso campo vião, que nem na terra terião vida, nem no mar navios para escapar da morte. Porque a sua fortificação, se desfazia; a sua artilharia, se descavalgava pela nossa; os navios se fundião; os defensores acabavão com tanta violencia, que lhe morreu muita gente em toda a parte, e não podendo dar a todos sepultura na terra, a muitos a derão no mar. Com tanta força, como recebia dos nossos, começou a desconfiar de sua fortuna, e a temer muito a de tão grande poder. Tractarão alguns Allemães e Francezes, de transferir-se ao nosso campo; onde derão noticia do que entre os cercados passava, que era desconformidade, entre as nações que na cidade se achavão. Sentião-se Inglozes, Francezes e Todescos, de que per engano os levasssem os Hollan-

e em defesa delles, muitos mais mosqueteiros; tiveram os nossos disto noticia, e sem serem vistos esperavão boa conjunção de os accommetter, mas como pegou fogo a um arcabuz antes de tempo foi sentida, e descoberta a cilada; contudo, ainda que o inimigo os não via, porque não cuidasse, que era falta de animo a retirada naquelle passo, arremettem com os ro-

dezes aquella praça, mais para povoá-la, que para defende-la; e para lograrem a doçura de suas drogas, e não para morrerem na furia daquellas balas; accusando com graves queixas, a insana confiança do discurso que derão ao conde Mauricio no Burgo de Haia, em que presuppunhão as armas de Sua Magestade, mas dormindo que pelejando e vencendo. Com todos estes apertos e desares da fortuna rebelde, como lhe é mortal, e entranhavel o odio a Hespanha, temendo sempre della o castigo, que sua contumacia merece: não se deliberarão a sustentar pertinazmente o sitio, mas a intentar damno ao poder das armadas. E como toda a sua puerilidade e força consiste em serem os maiores mecanicos do Norte; por sua arte, se resolverão a lançarem tres navios de fogo nas nossas armadas, com que abrazassem as reaes e almirantas dellas: que estando juntas em corôa, e roda, da do inimigo, antes de ser chegada a nossa guarda das faluas, que se mandava saber se havia algum movimento, se despedirão ao entrar da noite dos navios, despedindo por toda a parte muitas bombas e foguetes. Confusão houve entre os nossos, a que deu favor ser a noite escura, apertando mais o perigo, as almirantas de Portugal e Castella. Fizerão-se alguns nossos a vela, resguardando-se do incendio, e porque houve temor de que o inimigo fizesse lugar com o fogo, para fugir aos nossos, voltou logo o general da real de Portugal, a tomar o seu posto, a quem todos os mais seguirão. Em respondencia de nos querermos abrazar a armada, tractarão alguns capitães de consideração, de lhe abraçar a sua: e estando o negocio resolvido, por mui arriscado, o contrariou do mar o general D. Manoel de Menezes, havendo que não teria effeito, mas que seria de damno, assim pela continuação do tempo, que era em opposição da lua, em que ella podia dar luz ao inimigo do nosso desenho, e perder-se o feito d'elle; como por ser mais seguro metter as náos no fundo com a nossa artilharia; e o que melhor pareceu, por pouparmos fazenda, que o erão nossa, as náos do inimigo estando as cousas tão a ponto, que as faluas a bordo da almiranta, com camisas, lanças e outros petrechos de fogo. Era o marquez de Corpani autor deste ardil; escreveu o general D. Manoel de Menezes, ao general D. Fadrique, os inconvenientes e perigos, que alcançava podia ter este negocio. Cuja resposta me veio a mão, desculpendo-se nella de ser de tal parecer, diz assim, em 23 de Abril de 1625.

« Passa senhor la mejor cosa del mundo, en la buena de la quema destes navios, que parece que soy yo quien la dispone; y he sido quien lo ha contradicho, y si oy se estan viendo a fondo, quitó dellos, visto es, que los que estan entremedios, an de estar bien mal parados. A noche me vi en gran trabajo, para deshazer la orden que se avia dado, sin avisarme della: quiso Dios, que acertamos a disponerle, sin que mi buen viejo aya quedado mal conmigo, que me es poca dicha. E assi se escusou empreza, que pudiera ser mui duidosa. »

CASOS DE VALOR QUE ENTRE OS Nossos SUCCEDERÃO.

E' bem natural em sitios de soldados valorosos, haver casos de fama e memoria. Não faltarão neste sitio onde tanto se empregou o valor dos que batião e dos que se defendião. O primeiro caso foi, que tendo o inimigo uma bandeira sobre o muro, se offerceu um soldado Aragonéz a seu capitão D. Alfonso de Lencastre, filho do duque de Aveiro, para toma-la ao inimigo e traze-la ao nosso campo. Não podia deixar de gabar o capitão, tão deliberado valor, e animar o soldado a que seguisse e executasse tão honrado pensamento. Com este favor, e com o que lhe dava o espirito de cavalleiro, remetteu o soldado à bandeira; em cuja defensão, se não descuidou o inimigo; nem os nossos na defensão do nosso.

Por fim do caso, o soldado por entre balas trouxe a bandeira ao seu capitão; e d'elle ao general; que ainda que sentio fazer-se a sorte sem ordem sua, recebeu o caso como o merecia o valor d'elle, fez acrescentar ao soldado oito escudos de vantagem. O inimigo não só ficou mal engrado do feito, mas quebrantado na defesa, que pela bandeira fez; que sendo muitos os rebeldes a tirar do muro ao aventureiro; não foram poucos os nossos que com artilharia e mosquetaria, fizeram sentido damno ao Hollandéz. Que repetindo com outra bandeira no mesmo lugar não soffreu um soldado Portuguez, de D. Francisco de Moura, nem a portão dos rebeldes, nem que outrem lhe levasse a gloria de quebranta-los. Exemplo tinha no Aragonéz para commetter a façanha; mostrado estava o caminho para começar a fazer-la; mas também estavam vistos e sabidos os perigos do muito que o inimigo havia de fazer, por não ver a segunda affronta, que nunca os segundos casos tiveram menos louvor, sobre a experiencia do perigo dos primeiros. Nem o segundo aventureiro, ficou do primeiro vencido em valor; antes mais digno de favores, em não commetter os inimigos em descuido, mas já uma vez feridos, e para outra prestatados. Casos de que os Hollandezes começaram a prognosticar sua ultima ruina; pois nem lhes escapavão os navios no mar; nem suas pessoas na terra; nem as bandeiras no muro. E para que nada neste cerco faltasse de casos honrados. Blafemou hereticamente um Hollan-

çadores, e a sua guarda, e aqui se virão juntas, o que raramente succede, temeridade, e boa ventura.

Chegarão os Portuguezes em seguimento dos Hollandezes, que fugião, e sendo assim, que estavam as trincheiras cobertas de defensores, e das roqueiras chovia ferro em abundancia, brigarão com o peito descoberto

dez da virginal pureza da Senhora, affirmando que parára no parto do seu menino. Não soffreu Francisco de Mello de Castro, tão impia affronta da Virgem pura, e se deliberou a ser defensor da Virgem, por armas como Santo Idefonso o foi por letras. Não pôde negar este fidalgo andar mui assignado da artilharia hollandeza, na ilha de Santa Elena, vindo da India em seus menores annos, com seu pai Antonio de Mello de Castro, capitão-mór da viagem, como tambem o anda seu irmão Diogo de Mello de Castro, em um successo de Malaca, onde foi abrazado no galeão de Alvaro de Carvalho, e no de D. Francisco de Noronha, mal ferido com uma peça. Contudo isto, não temeo Francisco de Mello, que o braço hollandez o tractasse como o tractou o fogo. E tendo por si causa tão justa, e consigo espirito tão cavalleiro, tractou de desallar o Hollandez, e matar-se com elle, se se não desli-cesse. Pede licença ao general D. Fadrique de Toledo, que com muita cortezia lh'a negou. Replicou pelo conde do Vimioso, que em favor de Francisco de Mello, e seguro de sua gloria, lhe desejou a de matar ao inimigo no campo. Sobre rogos e valias do conde, se resolveu o general, que havia desconveniencias, em conceder o duelo. E ainda que foi materia de sentimento, negar-se a Francisco de Mello, o que com tanto valor e christandade, pedia, não lhe negará ninguém o que no caso ganhou de reputação de cavalleiro.

RENDIMENTO DO INIMIGO.

Muitas razões tinha o inimigo de desesperar do successo da empreza. Ver-se sem artilharia porque a nossa lh'a descavalgára toda. O soccorro duvidoso na chegada, e quando certo, mais se podia temer, que fosse para presa de nossas armadas, que para desbarata-las. A deliberação do general experimentada com tantos dias de sitio. O valor dos nossos conhecido em tantos casos. Tudo isto obrigava a dar a casa a seu dono, com bom concerto; e não a defende-la com manifest perigo. Não parecia mal este pensamento ás nações que dentro estavam: não parecia bem ao coronel hollandez, temendo que pagasse a sua vida, a entrega da cidade. Pesadas porfias houve entre os cercados, sobre o acerto da deliberação que no caso tomariam. E os que dizem que se chegou a termo, que sentio o coronel hollandez em si as mãos dos seus não desacertão. Por fim seja, que ou medo ou prudencia, trouxeram a hora de se deliberarem no melhor acerto, que era conhecer o poder das armas de Sua Magestade, a razão e a justiça, de lhe entregarem o seu. O mais certo principio da execução deste rendimento, parece o que direi, que das plataformas, que o general D. Manoel de Menezes, fez pela parte do mar, com as peças grossas, e sagres que nellas poz, matou ao inimigo em um baluarte, e um corpo de guarda muita gente, a 27 de Abril. E o mesmo se fez no forte novo do mar. E sendo as baterias em todas as partes, com grande determinação e rigor; o alferes Ignacio de Mendonça, da real de Portugal, e o sargento da sua companhia, e João de Loureiro de Andrade, com noventa soldados, se chegarão a um baluarte do inimigo, começando a subir por elle. Os Hollandezes, que parece estavam já deliberados ao rendimento, mandarão um soldado, a entreter o alferes, sargento, e João de Loureiro com os mais soldados com cumprimento de paz; e um capitão hollandez, de cima do baluarte, pediu ao alferes delivesse os soldados, e se fez, e entrando no baluarte o alferes, sargento e João de Loureiro, forão a Flamengo recebidos dos Hollandezes. E no mesmo tempo chegou o coronel hollandez, com até cem homens de armas e o almirante da armada com dous capitães de infantaria, e perguntarão aos tres Portuguezes se trazião ordem de se fallar em concertos? responderão-lhe que não; e que se os tractavam de os fazer, mandassem ao quartel do Carmo um tambor a render-se ao general D. Fadrique de Toledo. E neste particular, fundarão os Hollandezes e disserem que do nosso exercito se lhe dera recado que fosse o tambor, que appareceu em cima do muro, vestido de branco, com um papel no chapéo, e muitos Hollandezes pela muralha, fazendo meneios de quem se rendia. Caminhou o tambor pela muralha, tocando a caixa direito ao quartel do Carmo, onde estava o general, e não sendo os Hollandezes entendidos dos nossos, lhe derão uma carga de mosquetaria, com que matarão a muitos. Repetirão os Hollandezes os signaes do rendimento, e insistio o tambor em fazer sua embalsada, a que acudio Antonio Muniz Barreto, mestre de campo de um terço portuguez, que estava de guarda, e para lingua, levou o sargento-mór Murga, que o era do terço de D. João de Orelhana. Sabido que queria, o levirão ao general, a quem com boa cortezia deu a carta, que dizia. Que porque do nosso exercito se chamára um tambor para se fallar com elle, se mandava a saber o que queria, e esperavão que a bom uso de guerra, lh'o tornassem sem damno, a 28 de Abril de 1625. E ainda que era a carta do coronel, e conselho, só o nome do coronel vinha assignado Hans. Ernst. Riffnamelt, coronel. A resposta do general, foi que daquelle exercito, se não chamára tambor, que se como cercados tinham que parlamentar, não sendo contra o serviço de Deos, e de Sua Magestade, cortezmente os ouvirião. 28 de Abril de 1625. Passou palavra pelos nossos quartéis, do accordo do

sem espaço de tempo, ficando ferido só um, que já tinha morto dous. Com estes, e outros favores da fortuna, e com o applauso universal de todos, se forão animando tanto os nossos, que de todo vierão a desprezar o inimigo: matando, e captivando fóra de S. Bento alguns Holandezes, e negros de Guiné, a um destes depois de ter as mãos cortadas, mandarão

inimigo; suspendem-se armas; chega a confiança dos nossos a quererem entrar de paz na cidade: não leve o inimigo tanta, que o soffresse com olhos abertos. Nem Tristão de Mendonça Furtado, que os soffresse fechados; ainda que o soffrerão, o capitão Lançarote de França e o sargento-mór dos Italianos, não sem sentimento do general. Voltou o tambor aos seus com alguns Holandezes, que o acompanhavão: e dos nossos o fizerão também e sargento-mór com alguns fidalgos Portuguezes e Castelhanos: aos que chegarão á porta veio fallar o coronel holandez, pedindo tres horas para responder, que se lhe derão com segurança e suspensão de armas. A entrada da noite deste mesmo dia de 28 de Abril, veio outro recado do coronel holandez, ao general, pedindo pessoas por refens de outras, que querião mandar a tractar negocio. Chamou o general a conselho, as pessoas principaes que alli se acharão mais perto, como forão D. Affonso de Noronha, o conde de S. João, Duarte de Albuquerque, Lourenço Pires Carvalho, o mestre de campo general, o seu tenente e osargento-mór Murga, que o era do terço de D. João de Orelhana. Resolveu-se no conselho, que fossem em refens, o tenente do mestre de campo general Diogo Rodrigues, e o governador João Vicente de S. Felix. Da parte dos Holandezes ficarão no quartel o capitão Masfelt, e o capitão Quist.

SEGUNDA INSTANCIA DO INIMIGO, COM CAPITULAÇÕES E RESPOSTA DO GENERAL.

No seguinte dia, 29 de Abril de 1625, escreverão os Holandezes, a segunda carta ao general, que confiando-se da nobreza de sua pessoa, em conselho se resolvião a entregar a cidade, com as condições, que com a sua serião em papel particular, de que esperavão resposta. O coronel, etc. Erão as condições tão confiadas, como se nos não estiverão debaixo dos ferros dos piques, e nas bocas dos mosquetes e bombardas.

Primeira, que entregando a cidade, lhe darião tres semanas de espaço, para concerto de mãos, provimento de bastimentos, e agua para a jornada, e as faltas destas cousas supriria o general.

Segunda que lhe darião mais quatro navios de trezentas toneladas, para poderem accommodar a muita gente que tinham.

Terceira, que sahirão da cidade, no cabo das tres semanas, com toda sua fazenda, artilharia, munições; e os capitães e soldados, com suas armas, bandeiras soltas, murtões acesos; balas na boca; capitães e marinheiros, em suas náos.

Quarta, que no cabo daquelle tempo se recolherião as armadas reaes detraz do forte de S. Felipe, para que sahisses suas náos sem perigo e damno.

Quinta, que os seus ministros ecclesiasticos, sahirão com todos os seus livros e fato, sem molestia alguma.

Sexta, que a nenhum delles, nem em commum, nem em particular, se pederião bens conquistados, nem pilhados, na conquista da cidade, ou depois della.

Setima, que os Portuguezes que por sua vontade ficarão com elles na cidade, não fossem molestados.

Oitava, que consentindo nas capitulações, darião sem resgate a D. Francisco Sarmento, governador de Potosi, e a seus filhos, D. Francisco, e D. Agostinho; e a D. João seu genro, e a mulher, filhas e mais familia de D. Francisco. E a D. Affonso Bamba, e a Frei Vicente Palha, da ordem de Santo Agostinho, e seu companheiro, e que os presos de ambas as partes, fossem livres sem resgate.

Nona, que para se concluirem estas capitulações, se dessem refens de uma parte e outra: e o exercito se não chegasse mais á cidade; nem se entrasse nella, senão depois delles partidos á vela, nem lhe impedirão sua viagem com seguimento de navios das armadas.

A esta insolencia de capitulações, respondeu o general D. Fadrique, que elle guardára com elles toda a boa correspondencia militar; e que não se contentando com o que concedia, tornarião ás armas, e se destrocarião os refens. Que o que respondia era; que se achava com um exercito poderoso e grossa armada, o com isto, senhor de mar, e terra, e com tanta gente, que estava por desembarcar muita parte da que tinha, e que para elles cercados, não podia haver socorro que fosse de effeito com tanto poder, que se via sobre a praça, batendo-a com trinta e tantas peças de artilharia; e por quatro partes, com as trincheiras sobre a cava; e conforme a isto e o uso da guerra, nem elles cercados podião pedir tanto, nem elle general conceder-lho. Mas que mostrando a benignidade que Sua Magestade usa com todos, lhes concederia ás vidas, passagem á sua terra; roupa de seu vestido; mantimento necessario, dando segurança á paga delle, restituição de todos os presos, e no primeiro lugar, o governador Diogo de Mendonça Furtado.

A resposta do coronel, e conselho foi, que elles a mandavão em papel diverso, e lhes pare-

a cidade, com um escripto ao pescoço, em que desafiavão o inimigo, dizendo, que se querião provar as forças, elles esperavão em campo descoberto, fóra dos matos, e emboscadas.

Aceiton o Hollandez, e ao seguinte dia vierão a S. Pedro, fóra da cidade, com esquadrão formado, pouco mais, ou menos quatrocentos soldados

cia pedião justo e esperavão em Deos lhes daria soccorro. O que o papel continha, era que elles não podião fazer outra cousa mais, que o que tinham nas capitulações, representando para a commodidade da sua viagem, e defesa, nem tinham intento de deixar aquella praça tão fortificada, sem sahirem della armados: antes estavam resolvidos a defende-la como soldados, enquanto tivessem sangue e vida. E que darem a pessoa de Diogo de Mendonça Furtado, não estava em sua mão, por estar em Hollanda. A esta resposta do coronel e conselho, a deu o general D. Fadrique, que ao sargento-mór D. Felice, se remettia no que podia servi-lhos em resposta do seu papel, que como general de Sua Magestade, que tambem tinha tractado aos Hollandezes que tivera em seu poder, estava desculpado em tornaras armas depois de ter tantas cortezias. O coronel, e conselho, replicão: que tendo entendido pelo sargento-mór, os desenhos do negocio; para tomarem resolução nele, mandarão duas pessoas do seu conselho, para declararem sua tenção, e intentos: e que sabião bem os cargos, que o general tivera de Sua Magestade, e o bem que sempre se houvera com os Hollandezes que tivera em seu poder, de que astavão com satisfação, e esperavão, que sempre usaria o mesmo termo, como pessoa tão generosa.

E com esta resposta de 30 de Abril, mandarão outra carta de crença, para se fazerem os concertos, e diz assim:

Nós o coronel e conselho, damos poder, e havemos por bem, que os Srs. Guilherme Stop, Hugo Antonio, Francisco Duchs. Pessoas de nosso conselho, vão a tractar com o marquez D. Fadrique de Toledo, sobre a entrega da cidade do Salvador, e concertar com o dito senhor as capitulações apresentadas por nossa parte, na melhor forma que podermos. E o que os ditos senhores tractarem, daremos por bem feito, e o cumpriremos pontualmente com sinceridade.

Feita na cidade de S. Salvador, em 30 de Abril de 1625.

CAPITULAÇÕES DA ENTREGA DA CIDADE.

Com esta resolução a tomou o general D. Fadrique, de se fazerem capitulações, com sciennidade de escriptura publica, e presença de pessoas do conselho. Da parte dos Hollandezes, assistirão Guilherme Stop, Hugo Antonio, Francisco Duchs. Da parte do Sua Magestade, o marquez D. Fadrique, o marquez de Cropani, D. Francisco de Almeida, almirante da armada real da corôa do Portugal, e mestre de campo de um terço portuguez; Antonio Muniz Barreto, mestre de campo de outro terço portuguez; D. João de Orelhana, mestre de campo de um terço castelhano; D. Jeronymo Quijada, auditor general da armada castelhana; Diogo Rodrigues, tenente do mestre de campo general; João Vicente de S. Felix, todos do conselho: conferirão, tractarão, assentirão, concluirão as capitulações seguintes. Da parte dos Hollandezes, que elles entregarião a cidade do Salvador, ao general D. Fadrique de Toledo, em nome de Sua Magestade, no estado em que se achava, a 30 de Abril de 1625.

A saber com toda artilharia, armas, bandeiras, munições, petrechos, bastimentos, navios, dinheiro, ouro, prata, joias, mercancias, negros, negras, escravos, cavallos e tudo o mais que se achar na cidade de S. Salvador, com todos os presos que tiverem. E que não tomarão armas contra Sua Magestade, até se verem em Hollanda. Da parte do general, que em nome de Sua Magestade lhe concede, que os coroneis, ministros, capitães, officiaes, e seus criados, toda a gente do mar e todos os Hollandezes, Flamengos, Inglezes, Francezes, Allemães, possam sahir da cidade da Bahia livremente, sem impedimento algum, com sua roupa de vestir e dormir. Os coroneis, capitães, e officiaes, a poderão levar em bahús e caixas, e não outra cousa: os soldados em suas mochillas. Que o dito general, lhe dará passaporte para os navios de Sua Magestade, não os achando fóra da derrota da sua terra, e lhe darião embarcações, em que commodamente possam ir; e mantimentos necessarios para tres mezes e meio. E sahirão da cidade todos juntos: e serão visitados por pessoas que o dito general assignalar, para se ver se levão cousas fóra do capitulado. Que lhe darão os presos que se acharem vivos, e os instrumentos nauticos, para sua navegação: e os tractarão sem aggravo; e lhe darão armas para sua defesa na viagem: e sahirão sem armas, até os navios; podendo os capitães sahir com suas espadas. E o coronel daria aquella noite, uma porta com seu corpo de guarda ao general, dentro dos muros, e o general daria refens a seu contentamento, para segurança de se cumprirem estas capitulações. Assignadas no quartel do Carmo, a 30 de Abril de 1625. — D. Fadrique de Toledo Osório, Guilherme Stop, Hugo Antonio, Francisco Duchs.

ENTRADA DA CIDADE.

Resolvidas estas capitulações, derão os Hollandezes a entrada na cidade, forão os primeiros que entrarão o marquez de Cropani e D. João de Orelhana, a quem não tocava a entrada.

escolhidos, e armados para desafio; sahirão-lhes os nossos logo intrepidamente, e na verdade vendo-se tão poucos em numero, e tão inferiores nas armas, se resolverão, que estavam em um de dous extremos mui perigosos, ou de largar a vida pelejando, ou perder a honra fugindo; e postos neste aperto, como se forão Portuguezes antigos, com extraordinario

e tocava a Antonio Muniz Barreto, mestre de campo de um terço portuguez. Entrarão os officiaes de D. João de Orelhana, com cinco companhias postas nas casas que melhor lhe parecerão, ficando D. Alvaro de Abranches, com a sua companhia em guarda da porta da cidade, com bando lançado, que ninguem entrasse; e que os que tinham entrado, não sahissem das casas que lhe forão designadas, sob pena de vida, e traição a Sua Magestade. Entrarão as companhias de D. João de Orelhana sem bandeiras por estylo de guerra, em praças entradas com concerto. Não lique por dizer neste lugar, pois é tanto seu que no trabalho e perigo do cerco da Bahia, e nos mais perigos tiveram os Portuguezes a vanguarda; e a retaguarda e guarda das portas na entrada da cidade. E se esta confiança dos capitães da corôa de Castella, foi fundada em desejo de proveito, razão era que alcançasse este, quem tanto alcançou o trabalho. Mas o certo foi que a milicia portugueza, se não deu por achada de outros interesses mais, que do serviço de Sua Magestade, honra e reputação da corôa de Portugal. E digna cousa é de ter aqui sua lembrança, que naquella conjunção de se aproveitarem do que havia na cidade por fructo do seu combate, os despojos que vierão a dous Portuguezes, foi a um, um quadro de Nossa Senhora; a outro uma cella hollandeza. Mas houve ainda para não esquecer neste lugar: que quando o teve a lembrança, dos que tanto fizeram naquella cerco, com as mais humides mecanicas de Flandres, se derão por satisfeitos, os que merecião thesouros. Do que na cidade se achasse de proveito, não pôde constar o certo; que as relações portuguezas, de pessoas mui qualificadas, não tractarão de fazenda, podia ser, que porque a não vião, o mais certo, que porque a não cobiçáram. Quatro relações impressas houve de pessoas castelhanas. Uma de pessoa qualificada, que na jornada se achou, deu por nada o que a cidade tinha. Um fidalgo castelhano que se não achou na empreza, falla em ser o porte da fazenda, avaliado em 400 mil cruzados. Dous que se acháram no sacco, imprimirão em Sevilha e Cadiz, que arribára a fazenda a 3 milhões: não creio o muito destes; nem o pouco dos outros. A gente que se achou na defensão da praça, erão mil e novecentos homens de mar e guerra, estes se renderão vivos ás armas de Sua Magestade. Os mortos nas batarias, arribáram de trezentos Hollandezes. Gente era luzida e devia ser esforçada, que tal a pedirão ao conde Mauricio os autores da companhia de Hollanda, no 4º e 5º capitulo do seu discurso. Acháram-se seiscentos negros, uns fugidos de seus senhores para o inimigo, com amor de liberdade; e destes havia uma companhia de guerra, bem formada. Outros erão de presas que tomáram em navios, que de Angola os leváram ao Brasil e Cartagena; outros forçados sem culpa. Alguma gente pouca e da fêz da republica, havia de lingua portugueza: e que tractou mais de seguir a fortuna vencedora e outros respeitos de nobreza e honra, que a natureza lhe não communicou. As insignias militares de que os nossos ficarão senhores, forão dezasseis bandeiras de companhias: o estandarte do campo, que estava na torre da Sé; e o da não CAPITANIA. Peças de artilharia, duzentas e dezanove; navios, vinte e um; quintaes de pelouros mil. Balas, bombas, granadas e outros artificios de fogo mais que muitos. Bastimentos em abundancia: mosquetes, dous mil e cem; escopetas de varias sortes, cento e setenta; grande quantidade de cobre em pasta: quinhentos murrões; duzentos peitos de prova; grande quantidade de outros e de espaldares: cem quintaes de murrão; muitas prevenções de aparelhos de cavallo.

GRAÇAS QUE SE DERÃO A DEOS PELA VICTORIA.

Recuperada a cidade da Bahia, em que Sua Magestade foi tão bem servido da corôa de Portugal, como elle devia a tantas demonstrações de benevolencia, quantas no real animo de Sua Magestade reconhece; e os vigilantes cuidados de se lhes restituir a praça, que a força hollandeza lhe usurpára: e agora perdeu com grande damno da sua republica, como na Bahia confessáram os rendidos; e Hollanda sentem mais os rebeldes. E não foi esta perda só, a que em breves dias deste anno tiverão, que a morte do conde Mauricio, lhe foi de grande sentimento, faltando-lhe em sua rebellião um dos melhores capitães que estes tempos derão: e pouco depois a perda de Breda, que não devia quebrantar-lhe pouco sua contumaz insolencia crescida por ventura da nossa pouca vigilancia, e demasiada indulgencia.

Derão-se na Bahia as graças á Divina Magestade, pela mercê da victoria. A 5 de Maio de 1625, se celebrou na Sé o santo sacrificio da missa, de que aquella santa casa podia ter intimas saudades, achando-se um anno sem elle. Nella se juntáram os generaes da empreza, com todos os senhores e fidalgos, que na jornada se acháram, de Portugal e Castella. Disse missa com grande solemnidade, o Rev. Vigario geral do bispado do Brasil, que todos aquelles senhores ouvirão, com singular devoção. Prégou o Rev. Padre Frei Gaspar, da sagrada ordem dos pregadores, que D. Affonso de Noronha levava por seu confessor, dando a todos singular satisfação de suas letras, religião e talento, obrigando a reconhecer a grande mercê divina,

brio acharão, que lhes era mais soffrivel perder a vida, que pôr em risco a honra: com esta determinação a porfia investirão o inimigo, e com uma força tão impetuosa, que a não poderão soffrer os Hollandezes, nem se atreverão a sustentar o campo, e logo virarão as costas, para que se entenda, e veja bem, que tomarem uma vez a cidade foi mais fraqueza nossa

e que podião esperar victorias de outras empresas, sujeição de inimigos, e gloria das corôas de Portugal e Castella.

Chegada a nova da restauração da Bahia a Sua Magestade, a estímulou com mui avantajado prazer, como facilmente se pôde crer, dos desejos em que ardia de se recuperar. E como para bem da empresa, se empenhou Sua Magestade tanto porque do favor do céu viesse o bom successo della: depois da victoria, quiz que se conhecesse, que do céu viera, com ordenar que se dessem a Deos Nosso Senhor, em Madrid, publicas graças por tão grande mercê. O mesmo fizeram em Lisboa os Srs. governadores, mandando se ordenasse uma procissão solemne na cidade, a que assistirão com apparato real, indo da Sé, á Misericordia, com toda a cleregia, religiões, cabido e capella de Sua Magestade, onde houve missa com solemnidade, e pregou o Padre Frei Pedro Calvo, prior do convento de S. Domingos.

DO MAIS QUE PASSOU NA BAHIA, RECUPERADA DOS NOSSOS.

Passados s'is quinze dias depois da victoria, chegou á Bahia uma caravella de aviso, mandada por Francisco de Vasconcellos, governador do Cabo Verde, ao general da armada da corôa de Portugal, D. Manoel de Menezes: dizia ser passado por aquella paragem o soccorro dos Hollandezes: que avullavão trinta e tres velas, quinze parecião de força, e nãos do Estado, as mais de mercadores e fretes, e o mesmo aviso veio ao general D. Fadrique, por via das Canarias. Confirmou-se em certo o aviso, por um patacho ligeiro hollandez, que no morro de S. Paulo, tomou dous navios nossos, um de mantimentos para a armada da corôa de Portugal, que ia de Lisboa: outro da Ilha da Madeira, com vinhos que se mandavão a armada e ao conde do Vimioso, da sua companhia de Machico. Porque mandando o general D. Manoel de Menezes, a cobrar estas presas, por Tristão de Mendonça Furtado, que se não negou para a jornada, como o não fez para nenhuma occasião que houvesse nesta empresa de difficuldade, trabalho perigo e gasto, por mar e terra, foi tambem o capitão Gregorio Soares no seu navio *NOSSA SENHORA DA AJUDA*, que a teve tanto em seu favor, que aboridou e rendeu o navio dos mantimentos, ficando-lhe em seu poder com os Hollandezes, que o senhoreavão, e com tudo quanto de Lisboa trazia, com que tornárão á real de Portugal. Dares e tomares houve em consequencia deste successo, e a publicidade delles nas conversações, escusa dar-se-lhe aqui lugar: se forão ou não acertados, fique ao juizo de quem os viu, e sabe pesar as circumstancias do successo. Não ficou o navio dos vinhos nas mãos do inimigo, que tambem veio a nosso poder por um patacho, e Tartana que D. João Fajardo mandou a cobra-los.

Dos Hollandezes que se tomárão nestes dous navios constou mais ao certo a vinda do soccorro, e desta e de outros que se tomárão depois na bahia da Traição, se colheu ao justo o porte daquella armada, e do fim della. A verdade é que entenderão os rebeldes de Hollanda, importar-lhe muito soccorrer com força e pressa, a praça da Bahia, se a querião segura do poder de Hespanha, que se apressava, e reforçava para recupera-la. Fizerão com o bom cuidado, seus aprestos; e no tempo em que a armada real da corôa de Portugal sahio de Lisboa, sahirão de Hollanda as que forão neste soccorro, e por fortuna dos tempos não puderão sahir tão cedo da costa de Inglaterra, nem desembocar o canal, senão em principio de Março. Era general de trinta e quatro velas, um Hollandez, a quem a idade e a experiencia de usos militares, na India e Europa, deu aquelle lugar, que não tivera por nascimento, sendo de solar tão sem nome, que nem os seus o souberão, para delles o sabermos. Quinze destas nãos, e que mais força tinham, erão dos Estados e conde Mauricio. As mais se derão por contribuição das oidades, e mercantis e de fretes.

Fama havia entre os soldados desta armada, que se esperavão nella mais sete nãos, detidas com uma desgraça, de que na barra de Tesel de Anstardam, quebrára ao sahir o masto a uma, e tocou outra, abrindo muita agua. E as ordens que o general desta armada deu na viagem mostravão ter fundamento, á fama que destas nãos havia. Avistou a armada, as Ilhas do Cabo Verde, e por dous patachos, se proveu de refresco na ilha de Maio, sem as mais lançarem ferro. Daqui despedia a Capitania um patacho ligeiro, para a ilha de S. Vicente, com ordem que esperasse oito dias, a sete nãos que faltavão. E não vindo neste tempo; lhe deixasse em parte onde a vissem uma carta que levava de aviso, de ter a sua armada passado aquella paragem. Despedido o patacho, velejárão em direitura da Bahia, onde já tinha feito as presas de nossos navios, quando a sua armada chegou. Ella constava de duas Capitania, uma das nãos do Estado, outra das do frete e mercancia. Tres mil infantes, gente escolhida. A maior não trazia cinquenta peças, sós quatro de bronze. As mais de guerra, a quarenta e cinco, quarenta, e quarenta e seis peças, e a duas, e quatro de bronze: na costa de Guiné, tiverão muitas doenças, de que lhe morreu muita gente.

causada de pecados, que esforço seu, pois os que então uma vez, se...
lejar, lhes fugirão agora tantas vezes os fazem fugir pelejando. Considerando pois os inimigos o ruim successo, quo por esta via tinham, mudarão as saídas, mas nem por isso mudarão a ventura

Levarão uma não com um patacho, e lanchas ao Camamú, e alli no engenho do Collegio tomarão algum gado, mas não tornarão muito mier-

DA CHEGADA DO SOCCORRO INIMIGO Á BAHIA.

Os avisos que os generaes tiveram do Cabo Verde, e canarias, e Hollandezes tomados do patacho ligeiro, se fizeram de todo mais que certos, com apparecer o soccorro do inimigo á vista do forte de Santo Antonio. Parecia aos praticos, que se o soccorro floasse inteiro, ficava o Brasil com o mesmo perigo em que se achára na primeira desgraça. Não deixarão os capitães e soldados, de acudir a seus navios, tendo o inimigo no porto, em risco de nos buscar, se o não buscassemos. Não era a confusão pequena; e grande a expedição de bateis, para cada um acudir a seu lugar. No meio desta bulha, se retirou o inimigo do porto, a barra, e tornou a entrar no porto, brioso e enbandeirado de guerra; duas Capitaniaes diante em par, uma de outra, mostrando que o erão; enfiados os mais em feição de briga; já entrava nos nossos favela em uns, e pejo em outros, de verem a confiança do inimigo. Gritavam em uma parte e outra, os fidalgos portuguezes, por desamarrarem e chegarem ao inimigo de perto: respndiã os capitães, não terem ordem do general, para desamarrarem sem elle. Entre os que mais bramão era Francisco de Mello de Castro, desejoso de vingar o serviço, que lhe fizerão os Hollandezes na ilha de Santa Elena, e cuidava o poderia bem fazer naquella dia, do castello de prôa da almiranta da armada real da corôa de Portugal, de que o almirante D. Francisco de Almeida o fizera capitão, donde com muitos fidalgos, que consigo tinha, esperava sentir o inimigo, quanto pôde o valor nobre, na occasião da honra. Com o mesmo desejo estava D. Francisco de Almeida, de se cortarem amarras e não se perder maré; mas tudo impedia a ordem do general, que mandára, se não commettessem os inimigos, sem expressa sua. Desamarrarão os nossos, investirão o inimigo, entendendo ir o jogo de sisó, se foi na volta de Itaparica largando a capa ao touro, com tanto desaccordo, que alijarão bateis, arcas e muitas outras cousas; deixando tanto de escapar, que tocou nos baixos uma Capitania sua. E com a fervor de os seguiem, liverão os nossos galeões o mesmo perigo: não sem damno do galeão SANTA TEREZA, da corôa de Castella, que tocando, cortou mastro e se lançou gente ao mar. E fazendo alguns galeões volta ao forte de Santo Antonio, para da outra com barlavento, travarem com o inimigo, se lhe tirou da Capitania do general D. Fadrique, uma pega a recolher. Na obediencia dos nossos, fundarão os inimigos uma grande confiança, entendendo lhe fazião ponte de praia, os que tendo-os na mão, os não seguirão: lanção ferro, havendo que lhe seria de menos pejo a retirada de noite, que de dia. Contudo, ao despelir da barra, quizerão de noite queimar o galeão que tocara. Foi o successo, não o terem a seu desejo, e perderem lanchas com instrumentos de fogo. Amanheceu o dia de 27 de Maio, sem se ver que derivata o inimigo aquella noite tomara. Não o seguirão os nossos, dizem, que por não estarem as armadas providas de lastro, mantimento e agua. Tenho esta razão por mais certa, que as que philosophão, os que se não embarcãõ. Por aviso de D. Francisco de Moura, se entendeu ser perdida a Capitania do inimigo, que tocou em Itaparica. Os signaes erão farol, pedaços dos castellos de pópa e prôa barris de manteiga, peças de mecanica flamenga: posto que tambem podia ser cortarem-se estes castellos, para escapar o navio de fazer a sepultura. Considerações houve, se se buscaria o inimigo, e devião vencer as razões, para o deixarem ir; as que podia haver, para o irem buscar.

DERROTA QUE LEVOU A ARMADA DO SOCCORRO DO INIMIGO.

Depois dos Hollandezes verem o estado em que os seus estavam na Bahia, e do poder que havia nas nossas armadas, satisfeitos da vista que de si derão, mostrando aos nossos, que erão soldados, e aos seus, que desejavão soccorrer-los, e que lhe não faltarão para lhe saírem do proveito, se as cousas estivessem em outro estado, se derrotarão ao Norte: com fundamento de tomarem algum porto, onde aliviassem os muitos enfermos que trazião, e tomassem agua, de que vinhão muito faltos. Com 28 nãos, derão vista de si a Pernambuco, e fazendo prôa á cidade com a tormenta da noite, amanhecerão a sotavento della, espalhados quatro leguas ao Norte. Não faltou o governador Matheus de Albuquerque, á obrigação de seu officio, e valor de sua pessoa: nem os capitães e soldados da cidade, em acudir com presteza aos rebates; e as estancias assignaladas; proverão-se os passos dos caminhos e se esperou o inimigo com as armas na mão. Perdido o assalto de Pernambuco, que o inimigo não dera sem perigo de perder-se; quiz da-lhe a Capitania da Parahiba, cuja barra o dia de antes sondára. Quatro nãos entrãõ nella, ficando já trinta ao mar, para o mesmo effeito, se com a tormenta se não sotaventãõ, para não poderem tomar o porto, nem parar onde tinham dado fundo. E assum-se

cadores, porque sabindo tres, ou quatro Indios a um batel seu, por sete bois, que levávão, matarão sete Holandezes. Tambem entrarão de paz na Villa do Cayrú, para contractar com os moradores, mas responderão-lhe, que nem querião, nem podião ser tredos; porém se quizessem por força fazer o contracto, que seria de polvora, e pelouro.

Na boca de Matuim, rio do reconcavo da Bahia, accometterão um en-

levantarão velejando a barlavento da barra, e o mesmo fizeram os quatro que tinham lançado ferro; e juntas todas em ala, forão surgir seis leguas mais ao Norte, em uma bahia deserta, que chamão da Traição, larga, mas de pouco fundo. O general lançou bandeira de paz, a que um Gentio acudio com seus cumprimentos della. Significou o Holandez, que a necessidade o obrigava a tomar porto, por prover-se de agua e refrescar os enfermos. O Gentio lhe offereceu boa amizade e ainda para tudo, e se recolheu com os seus com alguns resgates. Desembarcá-rão seiscentos homens em terra, uns se agazalhãrão na aldéa do Gentio, que os visitou e fizê-rão corpo de guarda, e forte com seteiras, para defenderem a igreja do lugar. Outro corpo maior de gente, se alojou junto ao mar, roçando mato e fazendo trincheiras em sitio de cem braças em quadra. No meio da fortificação, sitiãrão as barracas dos enfermos, de que uns dias por outros, lhe morrião quinze e vinte, e melhorando com os ares, vierão a cinco e seis. Os Indios, que se lhe congraçãrão, erão duzentos frecheiros, mas por fastio da vizinhança dos nossos, que por proveito da do inimigo: cujas armas erão mosquetes, terçados e piques. E tenendo poderem ser buscados das armadas, com extraordinarias diligencias, tractãrão de alimpar os navios e fazer aguada, e lenha. Deste lugar despedirão um patacho a Hollanda, com cincoenta caixas de assucar, que alli achãrão. Fez o inimigo por persuasão dos Indios, duas entradas pelo rio Mamanguape, e das fazendas, e curraes vizinhos, trouxe algumas vaccas para os seus enfermos, que passãvao de duzentos, os que estãvao em terra. Requerião os Indios trezentos Holandezes, e promettião com este soccorro, entregarem a Capitania da Parahiba, ou a do Rio Grande. Foi avisado o governador Mathias de Albuquerque, do lugar em que o inimigo mostrava querer fortificar-se, e houve por de tanta importancia, o desaloja-lo dalli, que determinou faze-lo por sua pessoa, e assim o fizera se os capitães e officiaes do governo da cidade, lho não impedirão com graves requerimentos, protestos e razões para se não ausentar daquella praça, fazendo de seus protestos autos publicos, que se mandãrão a Sua Magestade. Supprio o governador o impedimento de sua ida, com cuidado de mandar outros soccorros, que obrigassem ao inimigo a deixar o posto em que se alojara. E porque com a união de outras tres aldéas de Gentio, crescia o poder ao Holandez, com que já fazia sahidas, e danino nos engenhos vizinhos, se resolveu em mandar Francisco Coelho de Carvalho, governador do Maranhão: que com singular vontade e desejo do serviço de Sua Magestade, aceitou a jornada, e se partio logo por mar em um caravellão, com parte da gente que levou de Lisboa, e outra mais em tres caravellões, com dezeito peças de artilharia, munições e mantimentos, e artilheiros bastantes, quantos em tanta pressa, e lugares faltos das cousas se podião aprestar. Tambem se mandou, fossem dous Padres da Companhia, aos Indios Tabajares, para os fazerem descer em soccorro dos nossos. Sobre toda esta providencia, avisou o governador Mathias de Albuquerque, aos generaes das armadas, para que na Bahia soubessem, onde tinhã o inimigo, e quão arriscado ficaria aquelle Estado, se lhe ficasse em casa, vindas as armadas a Hespanha. Pedia o governador assistencia das armadas na Bahia, emquanto o inimigo se não declarava em deixar, ou firmar-se na costa do Brasil. Pedia mais mil infantes de soccorro, com peças de bater, artilheiros e munições necessarias, com que o inimigo se pudesse desalojar do sitio; e baterem-lhe as naos de terra, para que deixasse o porto. A res-posta destas instancias, levarão, João Vicencio de S. Felix, e Francisco de Vaeililha, pessoas praticas, para terem tomado noticia de fundo, e sitio da bahia da Traição, para onde dizia o general se partiria a demandar o inimigo, e pedia estarem em Pernambuco, aprestados carrus, para se levar artilharia, a bahia da Traição.

DO QUE SUCCEDEU AOS SOCCORROS QUE O GOVERNADOR MANDOU CONTRA O INIMIGO.

Deu Deos melhor successo á costa da Parahiba, do que se lhe deu soccorro das armadas, que ainda que o general D. Manoel de Menezes, desejou buscar o inimigo, e pelear com elle; como esta determinação, não pareceu ao general D. Fadrique, tudo parou na demonstração de apparelhos, que os capitães Vicencio e Vaeililha, fizeram em Pernambuco. Chegou Francisco Coelho de Carvalho á bahia da Traição, onde o inimigo tinha as naos no mar, e em terra tres alojamentos. Formou Francisco Coelho o seu arraial junto ao rio Mamanguape, duas leguas do inimigo, tinha nelle sete companhias de infantaria, que vierão de Pernambuco, e a gente que havia na Capitania da Parahiba, e os Indios que trouxerão consigo os Padres da Companhia, que erão trezentos frecheiros. Havia no arraial muitas munições, e muita abundancia de mantimentos, que o governador mandou de Pernambuco em onze caravellões. E ainda que o inimigo tinha tres alojamentos, não sahia delles com temor dos nossos, que lhe andavão mui

genho com náos e lanchas, acudirão-lhe os nossos, e depois de uma travada e porfiada briga, se recolherão os Hollandezes, com alguns mortos, e muitos feridos, os Portuguezes todos sãos, e vivos. Com o mesmo damno forão rebatidos da entrada de outros dous engenhos, um no Rio Jaguapire, outro na Ilha dos Frades; costumavão elles ter junto ao forte de

perto das suas trincheiras, e porque de uma sahida que fizerão, guiados pelos Indios a Cunhan Capitania do Rio Grande, e derão em um engenho de Antonio de Albuquerque, e com algum damno matarão duas pessoas, sendo seguidos, lhe fugirão até se recolherem nos seus quartéis. Em outra conjunção os commettêrão os nossos em esquadrão formado de seiscentos homens e se reportarão tão valorosamente, que ficando com alguns feridos sem mortos, lhe matarão quarenta Hollandezes e trinta Indios. E por desejar o governador lingua do inimigo, para se saberem seus desenhos, se tomarão quatro, de cuja confissão se colheu o mais do que aqui temos dito; e que se praticava entre elles, mandarem as náos de frete para Hollanda, e repar-tirem as mais, umas para Angola, outras para Indias de Castella.

Ao 1º de Agosto de 1625, levou o inimigo ferro, e se fez na volta do Leste, forçando quanto podia, para o Sul, e não podendo, lançou ferro tres leguas do mar, á vista da terra, onde se deteve até 4 do mesmo, em que tornou a fazer a mesma derrota do Leste, mostrando querer voltar ao Sul, e ficar no Estado. Levava muita agua, e lenha feita, e melhora dos seus enfermos; e com a vinda das nossas armadas, não fica aquelle Estado seguro de sobresaltos: porque ainda que o inimigo leva pouca gente, e não ouse tomar terra, pelo máo tractamento que della sempre recebe; basta sua instancia no mar, para destruir um Estado, que só vive do commercio. Ficarão os Indios mui escandalizados do inimigo, vendo que lhe não ficara mais de sua amizade, que inimizade, e guerra com os nossos. E tractando de fugir ao nosso castigo, o não puderão escusar, mandando Francisco Coelho de Carvalho, tres companhias das que trouxe de Pernambuco, e quatrocentos Indios Tabajares, em seu alcance; e depois de não escusarem a briga, onde morrerão cento e cincoenta Indios alevantados; captivárão duzentos e cincoenta. Dos nossos morrerão dous brancos e alguns Indios, e ficarão muitos feridos. Os que escapárão deste deburite forão todos mortos, e captivos por outras tres companhias de soldados, que Francisco Gomes de Mello, capitão do Rio Grande, mandou contra elles, e houverão esta victoria, em dia de Nossa Senhora das Neves, a 5 de Agosto de 1625. E no mesmo dia, deu Antonio de Albuquerque, capitão da Parahiba, em outro terço de Indios levantados, e lhe matou e captivou quatrocentas pessoas. Forão todos estes successos singulares para a quietação daquelle Gentio, que dá grande cuidado ao Estado do Brasil, se começara a ter coragem para levantar-se contra elle: como já tinham feito umas aldeas da serra da Copaoba, matando quinze ou vinte brancos: a que o governador tinha acudido com pessoas praticas, e gente de guerra. E este é o successo do soccorro hollandez, e os effeitos delle naquella, até 4 de Agosto de 1625, que partirão as nossas armadas.

DA PARTIDA DAS ARMADAS REAES DAS COROAS DE PORTUGAL E CASTELLA DA BAHIA.

Partirão da Bahia as armadas das coróas de Portugal e Castella, a 4 de Agosto de 1625. Fizerão sua derrota ao Norte, para tomarem o porto de Pernambuco, onde esperava grande numero de navios de carga, que com assucar vinhão a Portugal. Não foi o tempo tão favoravel, que soffresse companhia nas armadas, pois foi a tormenta tal, que nem as armadas se acompanhá-rão uma a outra; nem as que vinhão sujeitas ás Capitánias reaes puderão acompanhá-las; e alguns galeões da coróa de Castella, vierão seguindo a real de Portugal: outros galeões de Portugal seguirão a real de Castella. Particular razão havia, para uma e outra tomarem Pernambuco. A de Portugal, pela frota que alli esperava, para acompanhar-se com ella: e pela particular razão, de vir nella Duarte de Albuquerque, capitão-mór e governador de Pernambuco, a quem os vassallos esperavão, naquella Capitania com grande alvoroço, e o governador Mathias de Albuquerque, seu irmão o não esperava com menos. A particular razão que tinha a real de Castella, de tomar aquélla praça, era o empenho que de si tinha feito o general D. Fadrique, para saber do estado da armada do inimigo. Tambem obrigava alguma necessidade de acudir aquelle porto, onde esperavão quatro urcas de mantimentos, que de Cadiz alli forão demandar, para provimento da armada. E a falta em que por ventura ella se achava de mantimentos, fez com que o general da coróa de Portugal, acudisse com elles a muitos navios da coróa de Castella, na jornada para Hespanha; e ao general D. Fadrique, com mil quintaes de biscouto, e cincoenta pipas de vinho, quando partio da Bahia; onde os mantimentos nunca fallarão em grande abundancia, pelas singulares diligencias com que se procurárão; e pelos muitos, que de Pernambuco mandou, o governador Mathias de Albuquerque; que em nada faltou as obrigações de seu officio, como se herdára o valor, a experiencia, o governo o cuidado incansavel do serviço de seu rei, do grande Affonso de Albuquerque, seu tio, conquistador do Oriente. Mandou o governador Mathias de Albuquerque, á Bahia duzentos e setenta barris de biscouto; quatro mil e duzentos alqueires de farinha da terra. Sessenta e tres terços, e cento e vinte quartos de farinha de trigo; quatrocentas e trinta e cinco sacos de farinha das

Itapagipe, que está a uma legua da cidade, uma lancha sobre latexa, em que se servião de ir, e vir da mesma cidade; cuidavão, que estava bem segura, por lhe ficar á porta da fortaleza, e nas bocas das bombardas, mas não bastou isto para a livrarem de um soldado nosso, o qual a nado a tomou com duas rouqueiras, e um barril de polvora, e só a trouxe ao

ilhas. Quinhentas e dezanove pipas de vinho. Sessenta e sete barris, e mil e setecentas e oitenta e oito botijas de azeite. Vinte e nove pipas de sal. Quinhentas e cincoenta chucinas. Doze mil e quinhentos e cincoenta peixes seccoos.

Fôra muitos outros mantimentos, com que sempre soccorreu aos que fazião guerra ao inimigo, antes de chegarem as nossas armadas, e o mesmo soccorro fizera a armada da corôa de Castella, se o não liverão presente nas quatro urcas de Dinamarca, que pretendião voltar com carga, que o governador não consentio, por ser contra expressas ordens de Sua Magestade.

DA JORNADA QUE A ARMADA REAL DA COROA DE PORTUGAL FEZ DE PERNAMBUCO A LISBOA.

Como a tormenta impedio ao general D. Manoel de Menezes, o poder tomar Pernambuco, fez sua derrota a Lisboa, como fizeram outros navios, de uma e outra armada, e navegando á paragem da ilha de S. Miguel, fronteira á dos Açores, em 24 de Setembro de 1625. Se deixarão ver tres velas, a que o general mandou arribar, e achou serem de guerra, com bandeiras de Capitania e Almiranta, e por se fazer noite, mandou acender farol. Na manhã se acharão todos mais vizinhos; mal soffrêrão a vizinhança do inimigo, o general, fidalgos e senhores, que na Capitania vinhão; arribão ao inimigo, e elle aos nossos em som de guerra, postos pela quadra da real a tiro de canhão e tomarão seus velachos, astingirão a vela maior, ferrarão a cavadeira, esperando com toda a boa ordem a determinação dos nossos. Esta foi chegar-se a elles, e servi-los poderosamente com a artilharia. Responderão com desenvoltura. Apres-tando-se mais com elles, se foi a sua Capitania sahindo; e alongando da briga, entendendo não poder ter della, mais que perigo e balas. Não se esqueceu a nossa artilharia das outras companhias, parando tal a almiranta, que virada e aberta, com pressa, acudio ás bombas, já quasi rendida. E deixando-a o general por segura, voltou a seguir e tomar a Capitania, como peça de maior porte. Vinha na esteira do general, o galeão SANTA ANNA, das quatro villas, em que vinha o mestre do campo D. João de Orelhana, que vendo a briga se chegou mais aos nossos, que occupados em seguir a Capitania, lhe derão lugar para amparar a almiranta, rendida já e rota da nossa artilharia: a Capitania hollandeza, sahindo-se com maior velejar de velachos e monetas, tirou a esperança á Capitania real de a poder abordar como queria; e voltando á almiranta que deixava rendida, por escacear o vento, chegou primeiro a ella D. João de Orelhana, e a abordou sobre bandeira branca levantada, e mãos ao cêo. Entrou D. João de Orelhana o navio hollandez e o capitão D. Francisco de Anduega, sentindo já fumo: entrãrão de tropel os mais do galeão SANTA ANNA, de sorte, que os Hollandezes, deixarão o seu navio, e se mudirão ao nosso, confessando que a carga era ouro, marfim, malagueta, algalea, e alguns escravos, e que a sua viagem era da Mina, a Hollanda, e se entregarão todos em boa guerra; menos dous, que se não quizerão salvar, nem sahir do seu navio. Cinco quintaes de ouro, confessou um negro ladino, que trazia o navio, e trezentos de marfim. Chegando-se um pouco mais a nossa Capitania real, aos dous navios que estavam abordados e atacadados, vio que o galeão SANTA ANNA, se afastava da HOLLANDEZA, e que o HOLLANNEZ ardia e SANTA ANNA fumegava; e logo começaram a sahir flammias da pópa, com tão grande desamparo de se acudir ao perigo, que não havia no galeão mais que dez homens, a quem a fome e sede do ouro, não levasse a morrer em fogo e agua. Em muito grande cuidado se achava a real portugueza, com a vizinhança em que se vio, do incendio dos navios: e ainda era maior do perigo da artilharia, quando lhe chegasse o fogo. E assim se fez na volta de Lesnordeste, até esbravejar a tormenta, sem perigo de a metter no fundo.

DO MAIS QUE PASSOU A CAPITANIA REAL DA COROA DE PORTUGAL ATÉ ENTRAR EM LISBOA.

Disparada a artilharia, largou o general a fragata, e se chegou aos navios. Para se salvar a gente que o pudesse fazer. Lançou ao mar muitos cabos, jangadas, taboas, bancos, mesas e tudo o mais que podia servir, para se valerem contra a morte, os que fugindo do fogo, andavão na agua perigosos, salvando a real muita gente, por estes meios, salvou a fragata mais: que com hora e meia de noite, chegou na ultima batelada com vinte pessoas. Os afogados do nome forão D. João de Orelhana e D. Antonio de Luna de Menezes e outros a quem afogou a pressa de se lançarem ao mar. Não se precipitou assim o capitão Domingos Biogo, que o era do mar, sendo o ultimo que se lançou do navio, e se veio na fragata á real. Elle e outros derão fé de não haver mais gente a que se pudesse acudir. Pela volta do Nordeste fugirão os dous navios hollandezes; e ao pôr do sol, já não se vião. Gastou o general aquella tarde em varias occupações a principal foi, em acudir e recolher os perdidos; sentir e ver um espectáculo tão lastimoso, de arderem dous navios, iguaes na desgraça: desiguaes no porte e forças. Trazia em si SANTA

seu capitão, escapando venturosamente dos pelouros, que enquanto poderão alcançal-o, o perseguirão.

Tanto que os nossos virão, que elles forçados da falta da lancha, haviam de vir por terra á cidade, forão esperal-os ao caminho, para lles fazerem o serviço, que costumavão; porém elles, que o não temião menos,

ANNA, muita e mui boa gente, e fidalgos de muitas partes: duas andanas de artilharia de bronze, com vinte quatro peças grossas. Trazendo a Hollandeza cincoenta Flamengos baixos, e uns poucos de negros, com quatorze peças miudas de ferro.

Caso foi de cobiçosa fortuna, para lastimosa perdição de tão boa gente. Cento e quarenta o oito pessoas, forão as que se pôde valer. Os officiaes de guerra, erão, o capitão Domingos Diogo, o capitão D. Francisco de Andueça, o capitão João de Orosco, o capellão-mór D. Diogo de Medrano, o auditor Jose de Pucha, o ajudante D. Luiz, o ajudante Sandoval, o alferes Francisco de Arça, e alferes D. Luiz de Castro, o alferes Diogo Tamaio, o alferes Domingos Munhós, o morlomo da artilharia da armada, João Saens Delponton, o escrivão do auditor Raphael de la Granda, o escrivão da não, João Lopes, o escrivão da campanha, João Tornos, o cirurgião mór Vicente Sancho, o barbeiro Silvestre de Soberana, os officiaes do mar, o contra mestre Sant-lago, o guardião Barnabé de Pamenes, o mestre da enxarcia, João Delhanos, o piloto Manoel Pinto, o contra mestre Tonbro, o tanoeiro Diogo de Maresilha. Os soldados forão da companhia de Domingos Diogo, o cabo João Luiz, e o embaixado João de Maracao, com mais dezasete soldados. Da companhia de mestre de campo, o cabo João Peres, D. Afonso de Castilha, D. Thomaz Munhos, Diogo de Pineda, Diogo de Sepulveda, com mais quinze. Da companhia de D. Antonio de Luna, Gaspar dos Reis e o embaixado, João de Mendonça, com mais sete soldados. Artilheiros se salvarão oito, marinheiros vinte, gurumetes sete, pagens tres, moços sem praça quatro, Hollandezes dezanove, escravos dezasete. Multo foi para ver a grande humanidade, com que o general, senhores e fidalgos que na real vinhão, recebêrão tão lastimosos hospedes, como estes chegarão do mar, e fogo. Não ficou quem não mandasse logo abrir barris e caixas para se vestir tanta nueza, estimando todos ficarem sem mais vestidos, que os que tinham em si; repartindo todos os mais pelos necessitados. Nem faltou caritativo remedio aos escravos e gente baixa, pela singular industria, e humanidade do ouvidor geral, Antonio Rodrigues de Figueiredo, que com ordem do general, a todos mandou prover e dar razão de todo o necessario. E a mesma humanidade experimentarão os do galeão SANTA ANNA, antes da sua perdição; e a Capitania de Hollanda, em que vinha D. João de Gaviria, capitão de infantaria, a que se acudio com soccorro de mantimentos.

DILIGENCIA JURIDICA QUE O OUYDOR GERAL FEZ COM OS DO INCENDIO.

Porque era razão constasse a verdade do infortunio passado, e se soubessem as circumstanças, e fundamento do successo. Fez o ouvidor geral, dous autos judiciais, para por elles em forma de direito, se saber o que passava. E como não podia melhor constar, que por summa-rio fosse, de testemunhas que o podião saber, como forão o capitão Domingos Diogo, almirante das quatro veillas. João Saens de Ponton, morlomo da artilharia da armada, D. Francisco de Andueça, capitão entretenido do general D. Fadrique; o capitão João de Orosco, tambem entretenido. Todos estes capitães jurarão tudo quanto se tem dito nos dous capitulos precedentes.

A segunda diligencia se fez com os Hollandezes, e com um negro ladino da serra Leoa; e com Henrique Jaime. E Diogo Simon, naturaes de Austardam, sendo lingua Jacques de la Marque; e com Nicoláo João, mestre da almiranta hollandeza. Depuserão todos, ser sua viagem da Mina; serem as mercadorias, ouro, marfim, malagueta, algalea. Que cuidarem ser de Hollanda a Capitania real, foi razão de a buscarem. A briga, porque o quizera assim o general hollandez. O fugir, porque foi elle o primeiro que o fez. E por ver ser a nao de grande força, e que o primeiro tiro, lhe matara tres homens; um o segundo na camara do capitão. O terceiro, lhe abria a sua almiranta, de sorte, que não podia escapar de perder-se. Que de fogo não sabião se fora caso, se industria. Nem tambem como se pegara ao galeão SANTA ANNA: a quem os seus não acudirão, por andarem occupados com as caixas da fazenda. Que a almiranta queimada, trazia mais de quatrocentas libras de ouro, oito lastros de malagueta, oito de marfim, que as outras naos levavão outra tanta carga destas fazendas. Que a Mina tinha cada seis mezes, tres navios de Hollanda; e Hollanda outros tres da Mina. Que os lugares do resgate, erão varios: pela costa, onde em paragens estavam surtas, duas, tres naos grandes, o correndo a costa para Norte e Sul, tres ou quatro patachos resgatando; e trazião ás naos o resgate. Sobre esta industria de resgatar, tinham mais uma fortaleza, o sitio se chama, Mort; o forte Abure. Com dezoito peças de ferro, quarenta ou cincoenta soldados: que á sua partida ficava o governador Portuguez vivo na sua fortaleza.

E com esta diligencia feita, aportou a Capitania real da armada da corôa de Portugal, ao porto de Lisboa, a 14 de Outubro, havendo dez mezes e vinte e dous dias que tinha sahido delle, em serviço de Sua Magestade.

do que os nossos o pretendião, engenharão uma jangada, em que mandarão dous homens; contra esta sahio logo outra da nossa parte, com outros dous, mas não teve effeito, porque antes della chegar, chegou uma lan-cha dos mesmos Hollandezes, a qual, para que estivesse segura, prenderão com uma corrente; porém se esta bastou para nol-a tirar do nosso

DO QUE PASSÁRÃO OUTROS FIDALGOS DA VOLTA DA BAHIA, A PORTUGAL.

Não teve tão boa fortuna o galeão SANTA ANNA, almiranta da armada da corôa de Portugal, por mais cuidados que delle teve, para bem o aprestar, o almirante D. Francisco de Almeida; que para que nada faltasse no galeão para a volta da viagem, se recolheu a elle, no dia que se entrou a cidade da Bahia, dando por feito o officio de mestre de campo em terra; e tornando ao de almirante no mar: partio com as armadas, trazendo consigo muitos fidalgos; e não deixando as tormentas continuar em conserva, forão taes por tantos dias, as que na viagem tiverão, que andarão muitos em manifesto perigo, com o extraordinario rigor dos mares, e ventos: que obrigarão a lançarem ao mar, até algumas peças de artilharia. Nem as ondas soffrêrão ficar cousa no galeão, que não sentisse sua violencia; pois nem os mantimentos, nem a polvora, escaparão da corrupção, ficando todos em tanta estreiteza e necessidade, que a força della morreu D. Antonio de Castello Branco, senhor de Pombeiro, pessoa dignissima de muito se sentir sua morte; e o Padre Antonio de Sousa da Companhia de Jesus, que em todo o discurso da viagem, fez extremos nas obrigações de sua prolessão. Animados os mais pelo Padre Damião Botelho da Companhia, que no galeão foi e veio, chegarão com elle aberto e destróado do tempo, á ilha de S. Jorge, onde o deixarão, e se vierão á Ilha Terceira, e dahi a Lisboa, em varias embarcações. Os fidalgos que passarão esta rigorosa ventura, forão o almirante D. Francisco de Almeida. D. João de Sousa, alcaide-mór de Tomar. D. Francisco de Portugal, commendador de fronteira; D. Alvaro Coutinho, senhor de Almourol. Pero da Silva, governador que foi da Mina. Rui de Moura Telles, senhor da Povoia. D. Antonio de Menezes. Nuno da Cunha. Antonio de Abreu de Sousa, e Fernando Alvares de Toledo, filho de Pedralves de Abreu. Francisco Moniz da Silva. Simão Mascarenhas. D. Lourenço de Almada. Antonio Pinto Coelho, senhor de Ilgueiras.

E porque não faltasse occasião alguma, em que os fidalgos portuguezes mostrassem seu valor no serviço de Sua Magestade, vindo alguns embarcados do Brasil, na armada da corôa de Castella, derrotou com o rigor do tempo, a mór parte della, avante mais do estreito, á cidade de Malaga, situada já na ribeira do mar mediterraneo. E fazendo alguns destes fidalgos sua jornada, de Malaga, a Portugal, souberão de um correio de Sua Magestade, ser aportada a Cadiz a armada ingleza. Não houve mais detença para estes fidalgos voltarem a Cadiz, que virarem as redes das mulas, e desandarem o caminho, havendo ser aquelle mais proprio de quem elles erão, que o que depois de tão larga jornada levavão a suas casas. Forão os que fizerão esta volta, João da Silva Tello, D. Duarte de Menezes, conde de Tarouca; Francisco de Mello de Castro, D. Lopo da Cunha, senhor de Santar; D. Francisco Luiz de Faro, filho do conde D. Estevão de Faro; Antonio Taveira, D. Nuno Mascarenhas, filho de D. João Mascarenhas. Levarão estes fidalgos seu caminho de Sevilha, a Xeres, onde o duque de Medina Sidonia, fronteiro de Andaluzia, pelo que tem de cavalleiro, e de Portuguez, neto de Rui Gomes da Silva Portuguez, e principe de Eboli, lhes fez singulares demonstrações de gazalhado, e estimação, que merecia tão primoroso valor. Tractarão logo do fim de sua vinda, que era metterem-se em Cadiz, para a defenderem; pretendêrão do duque, uma galé para nella passarem por meio da armada do inimigo, e entrarem na cidade. E pelas difficuldades que o duque representou, não puderão levar avante esta sua deliberação. E assim se forão á defensão da ponte de Suasso, onde assistião quatro mil homens. Na ponte se mostrarão os que erão, em uma sahida que se fez a uma parte, onde se dizia lançava o inimigo gente, porque na providencia que houve de gente, para se acudir a este perigo, forão os fidalgos portuguezes, os primeiros que se acharão na vanguarda. E logo que entenderão não terem aqui tão perto o que desejavão, pretendêrão em outra galé, passar a Cadiz, e estando já embarcados, e confessados pelos Padres João Nunes da Companhia de Jesus, que do Brasil os acompanhava; chegou de Cadiz recado de D. Fernando Girão, para que naquella noite, lhe mettessem na cidade, trezentos homens escolhidos. Forão os fidalgos portuguezes, os primeiros que na vanguarda, com seus piques partirão a este soccorro, caminhando tres leguas a pé, com chuvas e ventos, e a agua em muitas partes, pelos joelhos, até entrarem na cidade ás 11 horas da noite. Onde D. Fernando Girão os foi buscar as suas pousadas, significando com palavras e abraços, que sentiria muito fazer o inimigo leva da sua armada; pois com favor de taes cavalleiros, podia esperar desbarata-lo. Em Cadiz assistirão como valorosos, a todo o trabalho e perigo militar, até o inimigo deixar de todo sua pretensão. Não merecêrão menos estimação, D. Alfonso de Noronha, do conselho de Estado de Sua Magestade; Antonio Muniz Barreto. Henrique Henriques, que ainda que quando chegarão a Cadiz, estavam já os inimigos retirados, menos lhe custára lidarem com elles ás lançadas, para ou deixarem a terra, ou as vidas; do que lhe custou a afflicção dos espiritos cavalleiros, entre os desejos animosos de chegar; e a impossibili-

poder, não bastou para a livrar do fogo ; porque a seguinte noite, querendo-a os nossos levar, e não podendo em razão da corrente, a queimaram debaixo das peças do inimigo valorosamente.

Todas estas victorias succederão governando Francisco Nunes Marinho

dade de partir, pela descommodidade que tinham, para vencerem a distancia do caminho, antes que o inimigo se retirasse; e com maior trabalho de suas pessoas, que se os tiverão em briga, chegarão ainda a tempo, que o inimigo não era de todo partido. Por fim, livre a cidade do sobresalto em que se vira, e parecendo a estes fidalgos, não ser mais necessaria sua detença naquella praça, se voltarão ao caminho de Lisboa, onde outros tinham chegado: a quem como a estes, não encontrou a nova: porque com maior facilidade voltarão do caminho a Cadiz, do que o fizeram de Malaga, a Portugal. E até de Lisboa, estiverão a pique para se partirem a esta empreza. Diogo Luiz de Oliveira, mestre do campo de Flandres, e governador nomeado do Estado do Brasil, e do conselho de guerra de Sua Magestade. D. Vasco de Mascarenhas, seu soldado tambem de Flandres: e Martim Affonso de Tavora, seu sobrinho, que da empreza do Brasil viera ao galeão S. José. Mas como Lisboa tinha tambem seu perigo de poder o inimigo visita-la, entendeu-se ser contra toda a boa conveniencia, dar-se licença a estes fidalgos, para se partirem a Cadiz, pelos muitos que já tractavão de os acompanhar, ou fugirem na jornada.

ÉPILOGO DE TODA A RELAÇÃO.

Com o que está dito, se vê fazer-se a jornada dos Hollandezes á Bahia, com consideração, e discursos, dos que governão aquella rebellião; e a armada da empreza, com gastos de particulares e dos estados, sendo vinte e seis as velas, com oito chalupas de gavia. Ser a chegada dos rebeldes á Bahia com felicidade sua, e pouca dita nossa: ficar-lhe a cidade nas mãos, e os naturaes fóra della; com cuidado de darem cabeça ao Estado, vendo captivo Diogo de Mendonça Furtado, governador; abrirão as vias, em que acenarão por governador a Mathias de Albuquerque, que o era de Pernambuco. Avisarão a Sua Magestade da desgraça, e tractarão de fazer crua guerra ao inimigo, para que preso na cidade, não se estendesse por fóra. Sentio Sua Magestade a perda de tamanha praça; sentio a corôa de Portugal, por damno de patrimonio e reputação. Tractou Sua Magestade em primeiro lugar, da reformatão das vidas de seus vassallos, e de aplacar o céu, para encaminhar seus intentos. Ordenou soccorros para o Brasil e Angola, acudindo a tudo os Srs. governadores. Ajuclarão com subsidio de dinheiro, senhores, fidalgos, prelados, e outros muitos vassallos: com soccorro de suas proprias pessoas, senhores titulares, e de solares mui conhecidos, e muitos em numero, casados e solteiros. Fez Sua Magestade singular estimação, de tão deliberado serviço de vassallos, agradecendo-o a todos com cartas particulares. Deu pressa ás armadas das corôas de Portugal e Castella, ordenando lugares e tempo, onde podião ajuntar-se, pelo que convinha á segurança, irem os poderes juntos. Partio primeiro a armada da corôa de Portugal, esperar a de Castella, no Cabo Verde; onde em naufragios, se virão nos senhores, e fidalgos portuguezes, muito valor em uns; e muita humanidade em outros. Neste meio tempo, houve no Brasil diversos successos em mar, e terra, e fortunas varias com os Hollandezes, e nossos, até a chegada das armadas; que se esperavão na Bahia mui fortificada com artificios e petrechos de guerra. Ordenarão-se e varios sitios, para se bater a cidade, em todos enxergou grande valor nos capitães e soldados. Sentio-se a morte do morgado de Oliveira, que foi a pessoa de maior consideração, que na jornada faltou: e mostrou Sua Magestade quanto a sentia; e em consequencia della usou mil grandezas em favor da corôa de Portugal. Por fim, rendeu-se o inimigo ás armas de Sua Magestade com capitulações, e concertos de se entregar a cidade e tudo o que nella havia. Derão-se publicas graças a Deos, pela victoria, houve occasião de outra mais gloriosa, com o soccorro do inimigo; que não podendo ser de proveito aos seus, deu a-lou as Capitánias do Norte, Pernambuco e Parahiba, soccorrendo a tudo o governador Mathias de Albuquerque, com grande valor e cuidado. Obrigando os nossos a deixar o inimigo a bahia da Traição; e a conhecer o Gentio que lhe deu favor, que tinha quem o castigasse de seu atrevimento. Por fim, partirão-se as armadas, a que os tempos não derão lugar de virem na conserva em que fôrão, apartando muitos navios de uma, e outra, sem a derrota de seus generaes, tendo varios casos da fortuna, ou por guerra ou por tormenta, chegando finalmente a varios portos de Hespanha, a quem Deos dará occasião e poder, para outras emprezas de maior gloria sua, e sujeição de rebeldes, á fe Divina e humana, e se nesta relação se acharem menos algumas cousas, que pedia o bom fio da historia, saiba-se que não houve esquecimento dellas: mas como o fim da relação, foi tractar das razões que Sua Magestade tem, de estima e confiança da lealdade, e valor dos vassallos portuguezes: e do que elles entendem, Sua Magestade sempre fará com sua grandeza, por lhes fazer favores e mercês, como fez nesta occasião; não houve lugar para se tractar de outras cousas que nesta relação puderão ter, para ella cumprir com todas obrigações de certa e verdadeira. Como foi o estado em que se achou aquella cidade, nas materias da fazenda, e nas da justiça, com a assistencia do nosso exercito, e qual ficou nas da fortificação, com a despendida das nossas armadas.

de Eça, para lhe succeder no cargo, chegou neste comenos mandado por el-rei, D. Francisco de Moura, fidalgo bem conhecido na guerra, e na paz, na India, e em Cabo Verde: nos successos do seu tempo, veremos logo a sua boa fortuna. Não houve no animo dos nossos mudança com a dos capitães, antes com a mesma, e porfiada continuação forão sempre avante.

Entre as embarcações, com que o inimigo sahia pelo reconcavo a melhor em ligeireza de remo, e concerto de falcões, era um bergantim, que fôra do Sr. governador Diogo Furtado de Mendonça; por ser tal se determinou um nosso capitão, a lh'o tirar das mãos; e tendo já de dia marcado o lugar, em que entre as náos estava, no meio do silencio da noite toma a espada na boca, vai nadando a elle, e não sentindo gente volta a chamar quatro soldados de esforço, que para o effeito trouxera: começarão então todos a levar-o á cirga, e depois, que se virão afastados, saltão dentro com as espadas empunhadas; mas faltando, em que as empregar, em lugar dellas, empunharão os remos, e trazem o bergantim a um porto nosso.

Esta foi a primeira embarcação, com que os nossos sahirão a receber a armada, apregoando as victorias passadas, e prognosticando as futuras. Entre estas não foi de menos louvor, a que alcançarão ao Carmo depois da vinda do novo governador alguns nossos. Encontrarão-se com os Holandezes, e por causa da muita agua cessou logo o fogo, não tiveram lugar os arcabuzes, e houve de vir o negocio a espada, e ficou de cima, como sempre a Portugueza; cerrarão com os inimigos, matando, ferindo á vontade; não ousarão elles resistir a pé firme, mas pelo terem mais ligeiro, escaparão alguns, indo muitos mal feridos, e ficando muitos mortos.

Da nossa parte só um cahio, e não errão os que dizem, que foi morto pelos nossos, por andar muito mettido entre os Hollandezes, e cuidarem, que era delles; ficou no campo, grande numero de armas com que os soldados se aproveitárão igualmente, e honrarão. Com estas perdas, e desgraças, ficou o inimigo opprimido, e tão receioso de ter sempre adiante a peor sorte, que mandou lançar bando, que ninguem puzesse mais pé fóra da cidade, e assim com duas penas de morte ambas certas, os ameaçavam, de dentro suas justiças, e de fóra nossas armas, e os tinham como em estreita prisão dentro dos limites da cidade.

Mudarão-se os capitães no arraial, mudarão-se tambem os nossos Padres, porque se revesavão, forçados das enfermidades, em que cahirão, em razão do trabalho intoleravel, que padecêrão estando nelle, porque dormião em casas de palha, as camas erão redes com pouco fato, ou nenhum, para se abrigar do frio da noite, que no Brasil é mui nocivo; os comeres erão poucos, fracos, e ruins; e finalmente padecião tanto, que parecia milagre poderem aturar a prégar, e confessar, como fazião com igual admiração, e edificação de todos, especialmente na quaresma se applicarão mais pelo tempo ser mais santo.

Accrescentarão então ladainhas, procissões, e mais prégações, e fizeram celebrar os officios da semana santa, desencerrando o Santissimo Sacra-

mento, assim, e da maneira, que o fizerão, se estiverão na cidade, cousa, que consolou muito, e animou os verdadeiros catholicos, vendo, que se os hereges infeccionavão a cidade, com suas abominações, e ritos hereticos, nós em orações, procissões, e officios santos santificavamos os matos, com o que Deos era mui servido e honrado.

Neste lugar parece, que convém ponderar algumas circumstancias mais particulares, que realçarão as victorias passadas, e as fizerão mais admiraveis, e dignas de memoria; porque tanto mais é de admirar, e estimar, o valor, e animo destes soldados portuguezes, quanto maiores forão as incommodidades, que no necessario para a vida, e para a guerra igualmente padecerão: vigiavão todas as noites sem cessar, passavão os dias sem descanso, tinham por casa o céu, e a terra por cama, expostos ao frio, e a calma, padecendo muitas fomes, e sedes muitas vezes, particularmente ao principio, se sustentavão só de farinha de guerra, sem mais que uma pouca de agua, e isto de quando em quando faltava; as folhas das arvores lhes servião de pratos para comer, e de pucaros para beber.

Menos sentião esta falta, que a de armas, e de munições, a qual era tanta, que o soldado, que disparava o segundo tiro, não tinha com que atirar o terceiro; e não poucas vezes aconteceu levarem o arcabuz ao rosto em vão por não terem carga, e por não mostrarem ao inimigo sua pobreza, que chegou em não haver em todo o agraal mais, que um barril mui pequeno de polvora, com o qual se sustentou o capitão Francisco Nunes Marinho muitos dias apregoando fingidamente, que havia muita polvora em umas barricas, que em casa tinha cheias de arêa, além de que o inimigo cuidasse estavão bem providos, e os nossos matavão uns Hollandezes, para poder matar outros. servindo-se da polvora, que tomavão aos primeiros, para poder atirar aos segundos.

E com ser tão grande esta falta, nunca faltou o animo; de sorte que fossem os Hollandezes poucos, ou muitos, sem armas, ou bem armados, quando sahião da cidade, sempre tornavão menos, e menos contentes. Finalmente tambem se houverão, que parece refizerão a quebra passada, em que incorrêrão, quando largarão a cidade aos Hollandezes; e é certo, que folgára muito de aqui os nomear a todos, os que o fizerão esforçadamente, dando a cada um o louvor devido; mas porque nem sei o certo, do que todos fizerão, nem tambem é do meu intento, por isso o não faço.

Não ficarão áquem nesta empreza os Indios frecheiros das nossas aldeas, antes erão a principal parte do nosso exercito, o que mais horror mettia aos inimigos, porque quando estes sahião, e andavão pelos caminhos mais armados, e ordenados em suas companhias, estando o sol claro, e o céu sereno, vião subitamente sobre si uma nuvem chovendo frechas, que os traspassavão, e como lhes faltava o animo do outro Espartano (que disse pelejaria mais a seu gosto, quando as selas do Persa fossem tão espessas que cobrindo o sol lhe fizessem sombra) não se atrevião a resistir, porque emquanto elles preparavão um tiro de arcabuz, ou mosquete, já tinham ho

corpo despedidas do arco duas frechas, sem outro remedio senão, o que davão os pés virando as costas.

Mas nem este lhe valia, porque se elles corrião as frechas voavão, e descendo, como aves de rapina, fazião boa presa, e ainda que não matavão algumas vezes de todo, todavia, como muitas erão ervadas, hia o veneno lavrando por dentro até certo termo, em que lhes dava o ultimo da vida. Entre estes Índios se avantajavão uns na destreza de atirar, outros no animo de acommetter, mas em geral se experimentou em todos os desta capitania grande odio aos contrarios, e maior fidelidade aos nossos, porque sendo assim, que muitos negros de Guiné, e ainda alguns brancos se mettêrão com os Hollandezes, nem um Indio houve, que travasse amizade com elles.

O que foi mais particular, e especial mercê de Deos, e industria tambem dos nossos Padres, os quaes sempre, e agora mais que nunca, e com mais efficacia os instruirão na fé, intimando-lhes o amor, que devião ter a Christo, e lealdade a Sua Magestade; grande bem espirital, e não menor temporal para os moradores deste Brasil, porque sem Índios não podem viver, nem conservar-se, como todos confessão.

Tornemos aos inimigos: enquanto presos, e encerrados na cidade não estavam ociosos, porque entendendo, que haviamos de ser soccorridos com a armada de Portugal, todo o seu cuidado era fortificar-se quanto mais podião contra ella: para reforçar os muros da cidade, e das suas portas, que estavam fracos, levantáráo uns montes de terra tão altos, que mais parecião creados com poder da natureza, que levantados á força de braços, e a mesma terra que tiravão, abria uma cova tão profunda, quanta era a altura dos baluartes.

Fizerão sobresahir por cima umas pontas de páo tão agudas, e unidas entre si, que difficultavão notavelmente a subida, se a intentasse alguém pelas quebradas dos tres montes que dissemos, cingião a cidade, representarão a corrente de algumas fontes e fizerão um tanque tão largo e alto, que bastou para impedir a passagem a qualquer força ordinaria; levantarão o forte da praia que estava imperfeito; por toda a cidade em roda assentáráo artilharia nos portos, e postos mais importantes, e porque lhes não faltasse cousa com que podessem impedir-nos a entrada da cidade, semearão ao redor della, e dentro nas bocas das ruas uns estrepes de ferro, feitos por tal arte, que de qualquer parte que cabião, assentavão tres pontas no chão, ficando outra para cima, e estes em tal distancia uns dos outros, que caminhando ainda em boa paz, não é bastante qualquer tento para assentar o pé em salvo, e errando o passo, fica um homem preso, e engravado sem remedio.

A' vista destas prevenções crescia muito em todos os nossos o desejo de ver já o soccorro que esperavão; nas aldêas onde estavamos os da Companhia, além das orações, e penitencias, que se accrescentavão todas as sextas feiras, e sabbados, se fazia uma procissão com ladainhas cantadas, pedindo a Deos misericordia, até que o mesmo Senhor no dia da Redempção do mundo, nos quiz mostrar a nossa, antecipando-nos as alleluias com a primeira vista da nossa armada, a qual, dia de paschoa

da resurreição, 1º de Abril de 1625, amanheceu toda dentro na bahia, posta em ala, para que as velas inimigas, que no porto estavam não podessem sahir, nem escapar.

Vinhão todas juntas as armadas de Hespanha, e de Portugal, a real de Castella, e a do estreito, e a capitania de Napoles com outros galeões e navios: por todos erão sessenta velas pouco mais ou menos; por generalissimo de todas, vinha o Sr. D. Fradique de Toledo, general da real de Castella, e bem afamado pelos annos que é general, e pelas victorias que houve ainda contra Hollandezes; esta armada foi a mais poderosa que até agora passou a linha, e nella pudera vir a pessoa real, conforme a fidalguia que de Portugal vinha.

Começou a desembarcar a gente em terra sem resistencia, porque os nossos de cá tinham tudo por seu, até a cidade; que a não ser assim havia de custar as vidas de muitos o desembarcar, mas esta facilidade, e segurança foi causa da desgraça que direi: os que vinhão na armada, vendo que erão tantos mil, e que quatro homens tinham em tanto aperto o Hollandez, fizeram pouco caso delle, não advertindo que o inimigo quanto mais desprezado, mais ousado, e assim se começaram a alojar nas casas de S. Bento, desarmados, e como quem estava descansando do trabalho que tiverão em mandar e andar uma legua de caminho até aquelle posto: vendo os da cidade o inimigo, deitou uma manga de duzentos ou trezentos arcabuzeiros, que de repente os acommettêrão, estando bem descuidados de tal ousadia; sahirão logo cada um com as armas que a pressa lhe offereceu, e investirão os mais com piques.

Os inimigos disparando os arcabuzes, se ião retirando para a porta da cidade, e os nossos seguindo-os, mas tanto que os descobrio a artilharia da porta, recolhendo-se em salvo os Hollandezes, derão fogo a umas peças, que espalhando um chuveiro de balas, pregos, e ferro miudo, fizeram grande estrago em muitos soldados, e alguns fidalgos castelhanos de muita importancia, e valor na guerra; entre estes o mais illustre foi um Hespanhol mestre de campo, chamado D. Pedro Osório, o qual fazendo uma confissão geral com um Padre nosso, foi tão venturoso, que sendo absolvido, foi immediatamente morto no mesmo conflicto; parece que Deos o quiz salvar em lhe trazer o Padre alli naquella occasião, sendo que o chamavão para outra parte, e elle se escusou com intento de concluir aquella confissão.

Desembarcados que forão todos, dividirão-se juntamente com os soldados da terra nos tres montes, onde se recolherão uns em algumas casas, que havia, outros em barracas de palha: aqui trabalharão todos e forão levantando trincheiras de terra, e fachina, servindo na obra além da soldadesca ordinaria. os melhores do campo, entre os quaes se assignalarão muito os fidalgos portuguezes, que na armada vinhão, particularmente os que vinhão por soldados ordinarios, que então resplandecia mais nelles a nobreza, quando carregados com os feixes de rama, ou restos de terra, andavão servindo entre os plebêos pela gloria e honra de seu Deos, e rei. Verdadeiramente que nos alegramos, e

todos nos enterneceamos de ver os condes, e senhores titulares, feitos mariolas nesta empreza gloriosa, como se forão daquelle primeiro Portugal o velho.

Não nomeio aqui a todos, dando a cada um os grandes louvores que merece, porque nem posso nem tambem pertence a meu intento, além de que cada um delles merece por si uma relação inteira; esta alegria nos auguava o muito damno que os inimigos nos fazião, não cessando todo o dia, e toda a noite de jogarem da artilharia, á qual os nossos fazião pontaria, por andarem muitos amontoados, e em montes altos, e encobertos.

Sobretudo nos magôou a morte do morgado Martim Affonso de Oliveira, fidalgo tão illustre, esforçado, conhecido, e bemquisto; tratou-o tão mal uma bala, que no espaço de dous, ou tres dias concluiu a vida, mas consolou-nos, que recebeu todos os Sacramentos e morreu verdadeiro christão, como sempre foi. No mesmo tempo quasi botou o inimigo uma noite, duas náos abrasadas em fogo, para que levadas da maré dêssem pelas nossas, e ateando-se em uma fossem saltando nas outras, e desbaratasse todas.

Mas como estavam prevenidas, e preparadas escaparão largando amarras, ancoras, e velas, ainda que com grande perigo das mais vizinhas, das quaes livrou Deos uma, ou duas, quasi milagrosamente; por esta occasião se temerão os nossos, que desesperados os Hollandezes de se poderem defender intentassem acolher-se nas suas náos; porque ainda que as nossas tinham bem tomada a barra, com facilidade, particularmente na revolta da noite podia escapar alguma; pelo que chegando-se mais as nossas ás inimigas, e ajudadas tambem da nossa artilharia de terra desapparelhão a umas, mastros e enxarcias, mettêrão no fundo outras, de sorte, que todas ficarão mancas para navegar.

Impossibilitada ao inimigo esta fugida, estavam já as trincheiras levantadas, e as plataformas; plantarão nellas a artilharia, e aos dezeseis pouco mais ou menos da chegada, que forão outros tantos de Abril começou a bateria formada, e mui furiosa; varejavão de todas as partes a cidade, derrubando grande parte do muro, e muitas casas, que com sua ruina davão a morte a muitos, porque quantas pedras se batião, e cahião, tantas ballas se despedião, as quaes não erão de menos effeito se acertavão, que as de ferro.

Respondião-lhe os de dentro com animosa continuação, assestando umas peças com pontaria contra os combatentes, e atirando com outras a montão, que como era muita a gente não montavão meenos, que as primeiras; nem lhes acobardava os animos a destruição de seus anteparos, e baluartes, porquo punhão tanta diligencia em os refazer, que quando anoitecia derrubado com a bateria do dia, tanto amanhecia ao seguinte reedificado com o trabalho da noite. E não só renovavão o cahido, mas fazião novas, e mais grossas trincheiras por dentro, que atravessavão as ruas abocando nellas peças para fóra; em tudo trabalhavão debalde, porque a nossa artilharia erão meios canhões, e mui reforçados, que com

muita facilidade quebravão, e arrazavão tudo, e a seu impelo não havia força, que resistisse, nem reparo, que parasse.

Proseguindo sem descansar o combate á sombra da artilharia se ião os nossos chegando com trincheiras, para serviço, das quaes fazião primeiro cavas na terra, por onde podessem caminhar, sem o inimigo dar fé delles, porque o mesmo era serem vistos dos olhos, que pescados dos pelouros; por momentos se vião cada vez mais apertados, porém maior aperto era, o em que os punha a destreza dos nossos bombardeiros, que embocando umas balas pela sua artilharia delles, e outras pelas ruas, com as primeiras descavalgárão as peças, matando os que as governavão, com as segundas levavão quanto havia diante, exercitando grande mortandade, e carniceira cruel.

Passados doze ou treze dias de bateria, vendo o Hollandez por terra toda a sua artilharia, e os mais dos artilheiros mortos, em quem principalmente confiára, e que estavam já quasi abarbadados as nossas trincheiras com as suas, considerando, como o resistir lhe custava tanto, e rendia tão pouco, e que se quizesse sustentar o cerco se arriscava a serem metidos a espada, e acabarem miseravel e cruelmente todos, houve por bem render-se, e vir a concertos.

Pelo que depois de varias propostas, e replicas de parte a parte se assentou que entregarião a cidade com todo o recheio, e os rebeldes, e que em suas pessoas, e no que sobre si tivessem se não boliria, e que para tornarem ás suas terras lhes darião embarcações, algumas armas, e mantimentos, pagando elles Hollandezes tudo por seu justo preço; determinadas as cousas nesta fórma, dia de S. Felippe e Sant-Iago, que foi no 1º de Maio de 1625, entrárão os nossos a tomar posse da cidade, e abatida a bandeira Hollandeza se arvorou a de Portugal, e Castella.

Gratificou-se a Deos Nosso Senhor o bom successo de tão importante empreza, desencerrando-se na Sé e no nosso Collegio o Santissimo Sacramento com prégações em ambas as Igrejas, e procissão solemne, a que se achárão presentes todos os generaes, capitães, senhores, fidalgos, e mais gente da armada; na nossa Igreja se concertou logo o Sacratio, e nelle se poz o Santissimo Sacramento primeiro, que nas outras Igrejas, um anno depois de o tirarmos do mesmo lugar, quando se ião, e nos iamos da cidade, e o levamos connosco.

Depois de chegada a nossa armada, e sitiada por ella a cidade, e porto da Bahia, como era muita a gente, erão necessarios muitos Padres, e assim se veio das aldeas do Espirito Santo, e S. João, o Padre reitor com onze sacerdotes da nossa Companhia, a uma quinta deste collegio meia legua da cidade, donde se dividirão, e andarão no cerco os Padres repartidos pelas estancias, exercitando muitas obras de piedade, e administrando os Sacramentos de confessor, dizer missa, e commungar para ganharem jubileu, que Sua Santidade concedeu a todos, que se achassem neste cerco, a tudo acudião com grande fervor, e trabalho, e não menos perigo de vida, por serem as balas muitas, e os reparos poucos.

Muitas vezes escaparão milagrosamente dos pelouros grandes, e peque-

nos, que ora zunindo-lhes pelas orelhas, ora cahindo-lhes aos pés, e nos lugares aonde havia pouco tinham estado, mostravam bem a particular protecção, com que Deos os guardava: os que ficariam nas aldeas não deixariam de ajudar, trabalhando por terem o Céu propicio com orações diante do Santissimo Sacramento, que nesta occasião tiveram lá desencerrado.

Em especial nos edificarão muito os quatro Padres portuguezes, que vierão na armada de Portugal, e os dous de Castella, que vierão na sua armada, porque não só não faltaram um ponto à sua obrigação, que tinham de verdadeiros filhos, e obreiros da Companhia, mas trabalharam tanto, que só o trabalho com que as incommodidades corporaes, e falta do necessario, bastava para lhes acabar a vida, se durava mais o cerco.

Bem prova isto, que digo, a morte sempre gloriosa do nosso bom Padre Antonio de Sousa, o qual, como nos escreverão, voltando para esse reino, teve tão grande caridade para os muitos enfermos da sua nação, que de puro cansaço em lhes acudir, e servir expirou, para gozar no Céu da corôa, que cá e lá tão valorosamente mereceu.

Ao cerco da cidade vierão tambem mandados pelos Padres todos os Indios das nossas aldeas, e trabalharão sempre mui bem, assim como o fizeram em todo o tempo, que duraram os assaltos, e arraial: mas como todos eram, e são poucos, e não passavam muito de trezentos, nem chegavam a quatrocentos, entre a muita gente da armada, que cuidavam haviam de ter milhares delles para trabalharem, no desembarcar o feto, e puchar a artilharia, não appareciam nem avultavam muito.

Até os escravos do Collegio, que por estarem tão desbaratados, eram bem poucos, e assás necessarios para o serviço, e sustentação dos Padres trabalharão o que poderão no que tivemos assás de fadiga, e oppressão; esta foi muito maior depois de entrados no Collegio, porque como estava infeccionado dos hereges, adoecerão os Padres, e irmãos quasi todos, e com as enfermidades, e falta de comerem bons e capazes padeciam tanto, que aos saos cortavam as entranhas, e até de quem os servisse havia falta, e de puro cansaço em os servir em todas as suas enfermidades e lhes acudir, adoeceu o enfermeiro, e morreu, como fica dito.

Tambem os nossos capitães, e officiaes da fazenda real, que no Collegio se achou dos Hollandezes, nos derão bem de enfado, por nos tomarem metade do Collegio, e nos metterem, onde nós moravamos, guardas com grande tumulto, e inquietação; mas fez-nos Deos mercê, que por bom modo os fomos arrumando todos para uma parte do Collegio, e com theas de madeira, postas nos corredores, nos separámos de maneira, que ficamos com quietação, e clausura religiosa accommodada ao tempo.

Alliviava-nos tudo a alegria, que tinhamos de estar de posse da cidade, e do collegio, senão quando a 26 de Maio chegaram trinta e tres, ou trinta e quatro velas Hollandezas em soccorro dos que já se tinham entregues; demos graças a Deos pelas desviar e deter de maneira, que chegassem antes da nossa armada, que então custava muito mais sangue a restauração da cidade, e nos alegramos cuidando, que nos accrescentasse Deos Nosso

Senhor a mercê passada com nos dar a segunda victoria no mar depois da primeira, que se houvera na terra.

Mas não merecêrão nossos peccados tanto bem, porque vindo entrando as náus inimigas, cuidando que a terra estava pelos seus, lhe sahirão os mais dos galeões da nossa armada, á vista dos quaes elles voltárão as costas, e indo-lhe já ao alcance alguns dos nossos para abalroarem, pelos reccios, que houve de darem em uns baixos, se deu signal com uma peça a recolher, e na verdade um galeão nosso deu em um baixo, e esteve a risco de se perder.

Desgraça foi esta, que muito sentimos, e choramos, assim em razão do successo, como por haver de ficar ainda a costa infestada destes inimigos; ficou por isso esta Babia opprimida com mil soldados de presidio, e para os sustentar com tributo lançado aos moradores; mas Deos Nosso Senhor nos fez mercê de lançar as trinta e tres velas para as Antilhas, castigando-as lá como elles merecião: comtudo ainda esta cidade padece muito, e tarde tornará ao antigo, por falta de navios, e não acabar de vir o novo governador; tudo causão peccados, que agora são mais, que nunca.

Deste collegio se faz o possivel pelos desterrar com prêgações, doutrinas, confissões e conselhos; e porque ha entre os soldados muitos Italianos, se dedicou um Padre Italiano para lhes acudir a suas necessidades, e para os doutrinar, e confessar, o que faz com muito fructo, e esperamos em Deos, que se tire tanto de todos os da terra, que se mude de vida, e ponha o mesmo Senhor os olhos da sua misericordia em nós (1).

(1) CELEBRE DISCURSO DO PADRE ANTONIO VIEIRA. PREGADO NA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA AJUDA DA CIDADE DA BAHIA, PELO BOM SUCCESSO DAS ARMAS DE PORTUGAL, CONTRA AS DA HOLLANDA, NO ANNO DE 1640.

Por quinze dias continuos, em todos os templos da cidade da Bahia, se fazendo deprecações ao Supremo Deos e Senhor, para acudir com a sua misericordia, os effeitos da sua justiça, subio por ultimo ao pulpito da igreja da Ajuda, pequeno templo, e o primeiro na cidade construido, tendo o Santissimo Sacramento exposto, o famoso Antonio Vieira, e sem nenhuma outra preparação se dirige a Deos nesta substancia.

Exurge, quare obdormis, Domine? Exurge, et ne repellas in finem. Quare faciem tuam avertis, oblivisceris inopiam nostram, et tribulationes nostras? Exurge, Domine, adjuva nos: et redime nos propter nomen tuum. Psalm. 43.

§ 1º Com estas palavras piedosamente resolutas, mais protestando, que orando, dá fim o propheta rei ao psalmo quarenta e tres. Psalmo, que desde o principio até o fim não parece senão cortado para os tempos, e occasião presente. O doutor Maximo S. Jeronymo, e depois delle os outros expositores, dizem que se entende á letra de qualquer reino ou provincia catholica destruida e assolada por inimigos da fé. Mas entre todos os reinos do mundo, a nenhum lhe quadra melhor que ao nosso reino de Portugal; e entre todas as provincias de Portugal, a nenhuma vem mais ao justo, que á miseravel provincia do Brasil. Vamos lendo todo o psalmo, e em todas as clausulas delle veremos retractadas as da nossa fortuna; o que fomos, e o que somos.

Deus auribus nostris audivimus, Patres nostri annuntiaverunt nobis, opus, quod operatus es in diebus eorum, et in diebus antiquis. Ouvimos (começa o propheta) a nossos pais, lemos nas nossas historias, e ainda os mais velhos virão, em parte com seus olhos as obras maravilhosas, as proezas, as victorias, as conquistas, que por meio dos Portuguezes obrou em tempos passados vossa Omnipotencia, Senhor. *Manus tua gentes disperdidit, et plantasti eos: afflicisti populos, et expulisti eos.* Vossa mão foi a que venceu e sujeitou

COLLEGIO DO RIO DE JANEIRO.

Ainda que a tempestade da Bahia nella mesmo quebrou toda a furia, contudo em tempo, que a cabeça padecia tanto, não podião os mais membros estar folgados; fortificarão-se todos os lugares deste Estado, esperando pelo inimigo, o qual estava já senhor do principal, segundo as novas certas, que corrião, particularmente na cidade do Rio de Janeiro se pôz todo o cuidado para não perder agora o bom nome, e reputação, que antigamente, e ha poucos annos em outras occasiões de guerra alcançarão.

A este fim determinou o governador Martim de Sá, fortificar em primeiro lugar o recebimento da praia, e para isso pediu aos nossos Padres ajuda de Indios: forão chamados com toda a brevidade, com a mesma chegarão, e se distribuirão pelos moradores, para que cada um com elles trabalhasse na parte, que lhe coube; mandou o Padre reitor em particular intrincheirar a testada do nosso collegio, e ajuntar grande numero de arcos e flechas, para no conflicto acudir, e prover os que estivessem faltos de armas.

O mesmo cuidado houve da nossa parte em fazer ajuntar os Indios para o edificio de uma fortaleza, que no mesmo tempo se levantou na barra; gastarão-se nella alguns mezes, e do collegio se deu a maior parte dos mantimentos para os trabalhadores, até que de todo se acabou, e dizem é a melhor, ou das melhores de todo o Estado: foi tal a obra, que todos a estimarão, e estimão muito, e os da camara com os mais principaes da

tantas nações barbaras, bellicosas e indomitas, e as despojou do dominio de suas proprias terras, para nellas os plantar, como plantou com tão bem fundadas raizes; e para nellas os dilatar, como dilatou, e estendeu em todas as partes do mundo, na Africa, na Asia, na America. *Nec enim in gladio suo possederunt terram, et brachium eorum non salvavit eos, sed dextera tua, et brachium tuum, et illuminatio vultus tui; quoniam complacuit in eis.* Porque não foi a força do seu braço, nem a da sua espada a que lhes sujeitou as terras que possuem, e as gentes e reis, que avassallarão; senão a virtude de vossa dextra Omnipotente, e a luz, e o imperio supremo de vosso beneplacito, com que nelles vos agradastes, e delles vos servistes. Até aqui a relação, ou memoria das felicidades passadas, com que passa o propheta aos tempos e desgraças presentes.

Nunc autem repulistis, et confudistis nos, et non egrediens Deus in virtutibus nostris. Porém agora, Senhor, vemos tudo isto tão trocado, que já parece que nos deixastes de todo, e nos lançastes de vós, porque já não ides diante das nossas bandeiras, nem capitaneais como dantes os nossos exercitos: *Avertisti nos retrorsum post inimicos nostros, et qui oderunt nos, diripiébant sibi.* Os que tão costumados eramos a vencer e triumphar, não por fracos, mas por castigados, fazeis que voltemos as costas a nossos inimigos (que como são açoute de vossa justiça, justo é que lhe demos as costas) e perdidos os que antigamente forão despojos do nosso valor, são agora roubo da sua cobiça; *Dedisti nos tanquam oves escarum et in gentibus dispersisti nos.* Os velhos, as mulheres, os meninos, que não tem forças, nem armas com que se defender, morrem como ovelhas innocentes ás mãos da crueldade heretica, e os que podem escapar à morte, desterrando-se a terras estranhas, perdem a casa e a patria: *Posuisti nos opprobrium vicinis nostris, subsanationem, et dirisum his, qui sunt in circuitu nostro.* Não fóra tanto para sentir, se perdidés fazendas e vidas, se salvára ao menos a honra; mas tambem essa a passos contados se vai perdendo: e aquelle nome Portuguez tão celebrado nos Annaes da fama, já o herege insolente com as victorias o affronta, e o Gentio, de que estamos cercados, e que tanto o venerava e temia, já o despreza.

Com tanta propriedade como isto descreve David neste psalmo nossas desgraças, con-

terra agradecerão muitas vezes aos Padres, e com razão, porque na verdade ou se não houvera de fazer, ou no menos não sahira tão boa, e forte, se elles além de trazer e sustentar os Indios não estiverão presentes, nem assistirão com suas pessoas em todo o tempo, que nella se trabalhou.

Não forão estes Padres que então se acharão presentes de muito prestimo e proveito sómente para aquella fabrica material, mas tambem, e muito mais para a espirital dos soldados, evitando com sua presença, boa doutrina e bons conselhos, jogos mui ruins, e continuos juramentos, brigas e murmurações, assim os preparavão melhor para a guerra, que os capitães com as armas e exercicios militares.

Por momentos esperavão ao inimigo, já repartidos em suas estancias os nossos Padres, soldados, e Indios, para que (não digo já) a rebatê, mas a um minimo signal acudissem com summa diligencia. Vendo todos aos nossos Padres tão de dentro nestas preparações para guerra, e que de dous em dous tinham tomado a seu cargo todas as estancias, animados com taes companheiros, não só se exhortavão e provocavão uns aos outros, com muito

trapondo o que somos hoje ao que fomos emquanto Deos quera; para que na experiencia presente cresça a dôr por opposição com a memoria do passado. Occorre aqui ao pensamento o que não é licito sahir á lingua; e não falta quem discorra tacitamente, que a causa desta differença tão notavel foi a mudança da monarchia. Não havia de ser assim (dizem) se vivera um D. Manoel, um D. João III, ou a fatalidade de um Sebastião não sepultára com elle os reis Portuguezes. Mas o mesmo propheta no mesmo psalmo nos dá o desengano desta falsa imaginação: *Tu es ipse rex meus, et Deus meus, qui mandas salutes Jacob.* O reino de Portugal, como o mesmo Deos nos declarou na sua fundação, é reino seu e não nosso: *Volo enim in te, et in semine tuo imperium mihi stabilire*; e como Deos é o rei: *Tu es ipse rex meus, et Deus meus*; e este rei é o que manda e o que governa: *Qui mandas salutes Jacob*; Elle que não se muda, é o que causa estas differenças, e não os reis que se mudarão. A' vista pois desta verdade certa, e sem engano, esteve um pouco suspenso o nosso propheta na consideração de tantas calamidades, até que para remedio dellas o mesmo Deos, que o allumiava, lhe inspirou um conselho altissimo, nas palavras que tomei por thema.

Exurge, quare obdormis, Domine? Exurge, et ne repellas in finem. Quare faciem tuam avertis, oblivisceris inopiam nostram, et tribulationis nostrae? Exurge, Domine, adjuva nos, et redime nos propter nomen tuum. Não préga David ao povo, não o exhorta ou reprehende, não faz contra elle invectivas, posto que bem merecidas; mas todo arrebatado de um novo e extraordinario espirito, se volta não só a Deos, mas piedosamente atrevendo, contra elle. Assim como Martha disse a Christo, *Domine non est tibi cura?* assim estranha David reverentemente a Deos, e quasi o accusa de descurado. Queixa-se das desatensões de sua misericordia, e providencia, que isso é considerar a Deos dormindo: *Exurge, quare obdormis Domine?* Repete-lhe que acorde, e que não deixe chegar os damnos ao fim, permissão indigna de sua piedade: *Exurge, et ne repellas in finem.* Pede-lhe a razão porque aparta de nós os olhos, e nos volta o rosto: *Quare faciem tuam avertis*; e porque se esquece da nossa miseria, e não faz caso de nossos trabalhos: *Oblivisceris inopiam nostram et tribulationes nostrae?* E não só pede de qualquer modo esta razão do que Deos faz, e permite, senão que insta a que lhe dê uma e outra vez: *Quare obdormis? Quare oblivisceris?* Finalmente depois destas perguntas a que suppõe que não tem Deos resposta e destes argumentos com que presume o tem convencido, protesta diante do tribunal de sua justiça, e piedade, que tem obrigação de nos acudir, de nos ajudar, e de nos libertar logo: *Exurge Domine, adjuva nos et redime nos.* E para mais obrigar ao mesmo Senhor, não protesta por nosso bem, e remedio, senão por parte de sua honra, e gloria: *Propter nomen tuum.*

Esta é (todo poderoso, e todo misericordioso Deos) Esta é a traça, de que usou para render vossa piedade, quem tanto se conformava com vosso coração. E desta usarei eu tambem hoje, pois o estado em que nos vemos, mais é o mesmo, que semelhante. Não hei

esforço, mas também com mui grande alegria, para quando chegassem às mãos inimigas, e já não sabião a hora, em que havião de chegar.

Alguns signaes, e rebates falsos se derão neste tempo, e foi muito para ver a diligencia, com que todos os Padres do collegio, e os Indios de suas casas corrião, ou para melhor voavão e se punhão cada um em seu lugar. Como esperavão cada dia pelos inimigos, e temião todos o perigo, em que se podião ver, foi extraordinaria a moção, que houve nas pregações, doutrinas e confissões, que os da nossa companhia fazião: um havia cinco, outro doze, outro vinte e quatro, e outro mais annos, que encobrião peccados gravissimos, com que o demonio trazia entecidos, estes movidos e guiados pelos nossos, se confessarão bem, o inteiramente, e commungarão com tanta devoção e taes propositos, que se puzerão, e continuarão dalli por diante no caminho da sua salvação.

Havia entre certos homens uma contenda de interesse grosso, e cegos com elle não podião ver a verdade, que a todos persuade a união, e amizade christã, antes pertinazmente levavão adiante o negocio com mãos in-

de prégar hoje ao povo, não hei de fallar com os homens, mas alto hão de subir as minhas palavras ou as minhas vozes: a vosso peito Divino se ha de dirigir todo o sermão. E' este o ultimo de quinze dias continuos, em que todas as igrejas desta metrópoli, a esse mesmo throno de vossa patente Magestade tem representado suas deprecações: e pois o dia é o ultimo, justo será que nelle se acuda também ao ultimo e unico remedio. Todos estes dias se cansarão de balde os oradores evangelicos em prégar penitencia aos homens: e pois elles se não convertêrão, quero eu, Senhor, converter-vos a vós. Tão presumido venho de vossa misericordia, Deos meu, que ainda que nós somos os peccadores, vós haveis de ser hoje o arrependido.

O que venho a pedir ou protestar, Senhor, é que nos ajudeis e nos liberteis: *Adjuva nos, et redime nos*. Mui conformes são estas petições ambas ao lugar, e ao tempo. Em tempo que tão opprimidos e tão captivos estamos, que devemos pedir com maior necessidade, senão que nos liberteis? *Redime nos*? E na casa da Senhora da Ajuda, que devemos esperar com maior confiança, senão que nos ajudeis? *Adjuva nos*? Não hei de pedir pedindo, senão protestando e argumentando; pois esta é a licença e liberdade que tem, quem não pede favor, senão justiça. Se a causa fôr só nossa, e eu viera a rogar só por nosso remedio; pedira favor e misericordia. Mas como a causa, Senhor, é mais vossa, que nossa, e como venho a requerer por parte de vossa honra e gloria, e pelo credito de vosso nome: *Propter nomen tuum*: razão é que peça só razão, justo é que peça só justiça. Sobre esto presupposto vos hei de arguir, vos hei de argumentar; e confio tanto da vossa razão e da vossa benignidade, que também vos hei de convencer. Se chegar a me queixar de vós, e a accusar as dilacões de vossa justiça, ou as desattenções de vossa misericordia: *Quare obdormis, quare oblivisceris*: não será esta vez a primeira em que soffrestes semelhantes excessos a quem advoga por vossa causa. As custas de toda a demanda também vós, Senhor, as haveis de pagar, porque me ha de dar vossa mesma graça as razões com que vos hei de arguir, a efficacia com que vos hei de apertar, e todas as armas com que vos hei de render. E se para isto não bastão os merecimentos da causa, supprirão os da Virgem Santissima, em cuja ajuda principalmente confio. *Ave Maria*.

§ 2.^o *Exurge, quare obdormis, Domine*? Queror argumentar com Deos, e convence-lo com razões, não só difficiloso assumpto parece, mas empreza declaradamente impossivel, sobre arrojada temeridade. *O Homo, tu quis es, qui respondeas Deo? Nunquid dicit augmentum ei, qui se finxit: Quid me fecistis?* Homem atrevido (diz S. Paulo) homem temerario, quem és tu, para que te pouhas a altercar com Deos? Por ventura o barro que está na roda e entre as mãos do official, poe-se ás razões com elle, e diz-lhe: Porque me fazes assim? Pois tu és barro, homem mortal, se te forinirão as mãos de Deos da materia vil da terra, como dizes ao mesmo Deos: *Quare, quare*: como te atreves a argumentar com a sabedoria Divina; como pedes razão à sua Providencia do que te faz, ou deixa de fazer? *Quare obdormis? Quare faciem tuam avertis?* Venera suas permissões, reverencia, e adora seus

teus, sem dar oulhas, nem ás admoestações de vós, nem aos rogos de outros; entrou com elles um nosso, e ainda que com trabalho, depois de lidar largo tempo, os concertou e pôz em paz.

Não foi de menor serviço de Deos, o que outro dos nossos atalhou entre dous principaes do governo, porque travando-se sobre materias de jurisdicção vierão a tanto rompimento, que ajuntando cada um da sua parte muita gente de armas, o menos que com fundamento se receiava, era a morte de um delles; mas acudio um dos nossos e com muita edificação, e consolação de todos os da terra, os aquietou e apaziguou.

Além destes soccorros espirituaes, em que a caridade dos nossos se empregou com os moradores, tambem lhes acudio com todo o corporal, que pôde nestes annos, porque deixando as esmolos ordinarias, que se fazem aos pobres, e necessitados da terra, como por causa das guerras faltarão navios no reino, houve geral falta das cousas delle, á qual se acudio da nossa parte, com o que tinhamos, remediando a todos; e o mesmo fizeram aos soldados, que vierão em soccorro da Bahia, um Padre

occultos juizos, encolhe os hombros com humildade a seus decretos soberanos, e farás o que te ensina a fé, e o que deves a creatura. Assim o fazemos, assim o confessamos, assim o protestamos diante de Vossa Magestade infinita. immenso Deos, incomprehensivel bondade: *Justus es Domine, et rectum judicium tuum*. Por mais que nós não saibamos entender vossas obras, por mais que não possamos alcançar vossos conselhos; sempre sois justo. sempre sois santo, sempre sois infinita bondade; e ainda nos maiores rigores de vossa justiça, nunca chegais com a severidade do castigo onde nossas culpas merecem.

Se as razões e argumentos da nossa causa as houveramos de fundar em merecimentos proprios; temeridade fôra grande, antes impiedade manifesta, querer-vos arguir. Mas nós, Senhor, como protestava o vosso propheta Daniel: *Neque enim in justificationibus nostris prosternimus preces ante faciem tuam, sed in miserationibus tuis multis*: Os requerimentos e razões delles, que humildemente apresentamos ante vosso divino conspecto, as appellações ou embargos, que entropomos á execução, e continuação dos castigos, que padecemos de nenhum modo os fundamos na presumpção de nossa justiça, mas todos na multidão de vossas misericordias: *In miserationibus tuis multis*. Argumentamos, sim, mas de vós para vós: appellamos; mas de Deos para Deos: de Deos justo para Deos misericordioso. E como do peito, Senhor, vos hão de sahir todas as setas, mal poderão offender vossa bondade. Mas porque a dôr quando é grande, sempre arrasta o affecto, e o acerto das palavras é discredito da mesma dôr, para que o justo sentimento dos males presentes, não passo os limites sagrados de quem falla diante de Deos, e com Deos, em tudo o que me atrevo a dizer, seguirei as pisadas solidas dos que em semelhantes occasiões, guiados por vosso mesmo espirito, orarão e exorarão vossa piedade.

Quando o povo de Israel no deserto commetteu aquelle gravissimo peccado de idolatria, adorando o ouro das suas joias na imagem bruta de um bezerro; revellou Deos o caso a Moyses, que com elle estava, e accrescentou irado e resolute, que daquella vez havia de acabar para sempre com uma gente tão ingrata, e que a todos havia de assolar e consumir, sem que ficasse rasto de tal geração: *Dimitte me, ut irascatur furor meus contra eos, et deleam eos*. Não lhe soffreu porém o coração ao bom Moyses ouvir fallar em destruição, e asolação do seu povo: põe-se em campo, oppõe-se á ira Divina, começa a arrazoar assim: *Cur Domine irascitur furor tuus contra Populum tuum?* E bem, Senhor, porque razão se indigna tanto a vossa ira contra o vosso povo? Porque razão Moyses? E ainda vós quereis mais justificada razão a Deos? Acaba de vos dizer, que está o povo idolatrando: que está adorando um animal bruto: que está negando a Divindade ao mesmo Deos, e dando-a a uma estatua muda, que acabarão de fazer suas mãos, e attribuindo-lhe a ella a liberdade, e triumpho com que os livrou do captivo do Egypto: e sobretudo isto ainda perguntais a Deos, porque razão se agasta? *Cur irascitur furor tuus?* Sim. E com muito prudente zelo. Porque ainda que da parte do povo havia muito grandes razões de ser castigado, da parte de Deos era maior a razão, que havia de o não castigar: *Ne quæso* (dá a razão Moyses)

e um Irmão, que com elles vinhão mantendo os mais delles do necessario, que para si trazia.

Nas aldeas que pertencem a este collegio, além do grande trabalho de ajuntar e mandar Indios para a fortificação da cidade, tiverão os nossos outro muito maior, o foi, que sendo mandados os Indios homens de forças para a guerra, e por isso faltando nellas, ficavão os velhos, mulheres, e crianças sem o necessario para passar a vida, que aquelles cada dia lhe buscavão, e davão; mas a caridade dos Padres, ainda com padecerem, a todos remediou com a sua pobreza, tirando muitas vezes da boca, para lhes dar, o de que precisamente tinham necessidade para sua sustentação.

Particularmente na aldêa de S. Barnabé, se servio Deos de permittir muitos doentes, e a todos se acudio com grande cuidado, e por vezes, não podendo elles de fraqueza levar o comer á boca, os ajudarão os nossos servindo-os em tudo, em lugar dos parentes, que então por asco nada quizerão fazer, e muito menos o officio de enfermeiros.

Um destes considerando depois de são, o estado, em que estivera ás

ne quæso dicant Egyptij, Callidè eduxit eos, ut interficeret in montibus, et deleret et terra. Olhai, Senhor, que porão macula os Egyptios em vosso ser, e quando menos em vossa verdade e bondade. Dirão, que cautelosamente, e á falsa fé nos trouxestes a este deserto, para aqui nos tirares a vida a todos, e nos sepultares. E com esta opinião divulgada e assentada entre elles, qual será o abatimento de vosso santo nome, que tão respeitado, e exaltado deixastes no mesmo Egypto, com tantas e tão prodigiosas maravilhas do vosso poder? Convém logo para conservar o credito, dissimular o castigo, e não dar com elle occasião áquelles Gentios, e aos outros, em cujas terras estamos, ao que dirão: *Ne quæso dicant.* Desta maneira arrazoou Moyses em favor do povo, e ficou tão convencido Deos da força deste argumento, que no mesmo ponto revogou a sentença, e conforme o texto Hebréo não só se arrependeu da execução, senão ainda do pensamento: *Est penituit Dominum mali, quod cogitaverat facere Populo suo:* E arrependeu-se o Senhor do pensamento e da imaginação, que tivera de castigar o seu povo.

Muita razão tenho eu logo, Deos meu, de esperar que haveis de sahir deste sermão arrependido; pois sois o mesmo que ereis, e não menos amigo agora, que nos tempos passados, de vosso nome: *Propter nomen tuum.* Moyses disse-vos: *Ne quando dicant:* Olhai, Senhor, que dirão: e eu digo, e devo dizer: Olhai, Senhor, que já dizem: Já dizem os hereges insolentes com os successos prosperos, que vós lhe dais, ou permittis: já dizem que porque a sua, que elles chamão religião, é a verdadeira, por isso Deos os ajuda e vencem; e porque a nossa é errada, e falsa, por isso nos desfavorece, e somos vencidos. Assim o dizem, assim o pregão, e ainda mal porque não faltará quem os creia. Pois é possível, Senhor, que hão de ser vossas permissões argumentos contra vossa fé? E' possível, que se hão de occasionar de nossos castigos blasfemias contra vosso nome? Que diga o herege (o que trema de o pronunciar a lingua) que diga o herege, que Deos está Hollandez? Oh não permittais tal, Deos meu, não permittais tal, por quem sois Não o digo por nós, que pouco ia em que nos castigasseis: não o digo pelo Brasil, que pouco ia em que o destruísseis: por vós o digo e pela honra do vosso santissimo nome, que tão imprudentemente se vê blasfemado: *Propter nomen tuum.* Já que o perfido Calvinista dos successos, que só lhe merecem nossos peccados, faz argumento da religião, e se jacta insolente, e blasfemo de ser a sua a verdadeira; veja elle na roda dessa mesma fortuna, que o desvanece, de que parte está a verdade. Os ventos e tempestades, que descompõem, e derrotão as nossas armadas, derrotem e desbaratem as suas: as doenças e pestes, que diminuem e enfraquecem os nossos exercitos, escalem as suas muralhas, e despvoem os seus presidios: os conselhos que, quando vós quereis castigar, se corrompem, em nós sejam allumiados e nelles enfatuados, e confusos. Mude a victoria as insignias desaffrontem-se as cruces catholicas, triumphem as vossas chagas nas nossas bandeiras: e conheça humilhada e desengañada a perfidia, que só a fé romana, que professamos, é fé, e só ella a verdadeira e a vossa.

portas da morte, e já ungido, agradeceu muito aos Padres o cuidado, que puzeram em o curar, estimando-o como cousa nova, e que só a elle se fizera; mas, mais novo foi nelle o agradecimento, o qual para que não fosse só de palavra, pediu ao superior da casa licença para elle só varrer a igreja certos dias, obra, que fazia muito a ponto, e com muita diligencia, consolando os nossos, e edificando os seus.

Occupados em tão boas obras quatro dos nossos, na aldêa de S. Barnabé, se servio Deos de os livrar de um evidente perigo, e foi, que descendo do sertão grande multidão de Goytacazes, gente feroz e barbara, que sustentando-se de carne humana, sem perdoar a seu proprio sangue, ainda aos filhos sacrifica ao appetite da gula, vierão ter á nossa aldêa, que estava por causa de rebates, despovoada, e sem resistencia alguma nem defesa.

Não deixarão de temer os Padres, mas recorrendo com todo o coração, a Deos, com a esperança no mesmo Senhor, tomarão animo, sahirão ao encontro a estes barbaros, conduzirão-nos e receberão-nos com muita festa,

Mas ainda ha mais quem diga. *Ne quæso dicant Egyptij*: Olhai, Senhor, que vivemos entre Gentios, uns que o são, outros que o forão hontem: e estes que dirão? Que dirá o Tapuya barbaro sem conhecimento de Deos? Que dirá o Indio inconstante, a quem falta a pia affeição da nossa fé? Que dirá o E'hiopie boçal, que apenas foi molhado com a agua do baptismo sem mais doutrina? Não ha duvida que todos estes, como não têm capacidade para sondar o profundo de vossos juizos, beberão o erro pelos olhos. Dirão pelos effeitos que vêm, que a nossa fé é falsa, e a dos Hollandezes a verdadeira, e crerão que são mais christãos, sendo como elles. A seita do herege torpe, e brutal concorda mais com a brutalidade do barbaro: a largueza, e soltura da vida, que foi a origem e é o fomento da heresia, casa-se mais com os costumes depravados e corrupção do gentilismo: e que pagão haverá, que se converta á f', que lhe prégamos, ou que novo christão já convertido, que se não perva, entendendo, e persuadindo-se uns e outros, que no herege é premiada a sua lei e no catholico se castiga a nossa? Pois se estes são os effeitos, posto que não pretendidos, de vosso rigor, e o castigo justamente começado em nós, se atea, e passa com tanto damno aos que não são complices nas nossas culpas: *Cur irascitur furor tuus*: Porque continúa sem estes reparos o que vós mesmo chamastes furor; e porque não acabais já de embainhar a espada de vossa ira?

Se tão gravemente offendido do povo Hebréo, por um que dirão dos Egypticos, lhe perdoastes; o que dizem os hereges, e o que dirão os Gentios, não será bastante motivo, para que vossa rigorosa mão suspenda o castigo, e perdoe tambem os nossos peccados, pois, ainda que grandes, são menores? Os Hebréos adorarão o idolo, faltarão a fé, deixarão o culto do verdadeiro Deos, chamarão Deos, e Deoses a um bezerro: e nós por mercê de vossa bondade infinita, tão longe estamos, e estivemos sempre do menor defeito, ou escrupulo nesta parte, que muitos deixarão a patria, a casa, a fazenda, e ainda a mulher e os filhos, e passão em summa miseria desterrados, só por não viver, nem communicar com homens, que se separarão da vossa igreja. Pois, Senhor meu, e Deos meu, se por vosso amor e por vossa fé, ainda sem perigo de a perder, ou arriscar, fazem taes finezas os Portuguezes: *Quare oblivisceris inopiam nostram et tribulationem nostram*: Porque vos esqueceis de tão religiosas misérias, de tão catholicas tribulações? Como é possivel que se ponha Vossa Magestade irada contra estes fidelissimos servos, e favoreça a parte dos infieis, dos excommungados, dos impios?

Oh como nos podemos queixar neste passo, como se queixava lastimado Job, quando despojado dos Sabões e Caldêos se vio, como nós uos vemos, no extremo da oppressão, e miseria: *Nunquid bonum tibi videtur, si calumnieris me et opprimas me opus manuum tuarum, et consilium impiorum adjuves*? Parece-vos bem, Senhor, parece-vos bem isto? Que a mim que sou vosso servo, me opprimais e afflijais? E aos impios, aos inimigos vossos os favoreçais, e ajudeis? Parece-vos bem, que sejam elles os prosperados, e assistidos de vossa Providencia: e nós os deixados de vossa mão; nós os esquecidos de

elles vindo a som de guerra, se tornarão tão brandos, que de crueis inimigos ficarão amorosos e agradecidos. Por varias vezes forão ao mar pescar, e ao mato caçar, e depois do que trouxerão dêrão aos Padres com muito e muita affabilidade (cousa que jámais se vio nesta gente) destes ficarão na aldêa acima dita alguns, os quaes se accomodão já a tratar e viver com os christãos, queira Deos abrir-lhes os olhos, para que conhecendo-o, e buscando-o se salvem.

MISSÃO DO RIO DOS PATOS.

Para a parte do Sul entre o Rio do Janeiro, e S. Vicente corre um famoso rio chamado vulgarmente Laguna dos Patos; é cercada de uma outra ribeira com terras tão ferteis de trigo; que ainda as arcas dellas não têm inveja ás melhores da Europa, e por suas praias, e serão tem espalhado muito gentio, dividido em aldêotas, de duzentos até trezentos Indios.

Para acudir ao desamparo destas pobres almas partirão do collegio do

vossa memoria, nós o exemplo de vossos rigores, nós o despojo de vossa ira? Tão pouco é desterrar-nos por vós e deixar tudo? Tão pouco é padecer trabalhos pobreza e os desprezos que ellas trazem consigo, por vosso amor? Já a fé não tem merecimento? Já a piedade não tem valor? Já a perseverança não vos agrada? Pois se ha tanta differença entre nós, ainda que máos e aquelles perfidos; porque os ajudais a elles, e nos desfavoreceis a nós? *Nunquid bonum tibi videtur*: a vós, que sois a mesma bondade, parece-vos bem isto?

§ 3.º Considerai Deos meu, e perdoai-me, se fallo inconsideradamente. Considerai a quem tirais as terras do Brasil, e a quem as dais. Tirais estas terras aos Portuguezes, a quem no principio as destes: e bastava dizer a quem as destes, para perigar o credito de vosso nome, que não podem dar nome de liberal mercês com arrependimento. Para que nos disse S. Paulo, que vós, Senhor, quando dais, não vos arrependeis: *Sine penitentia enim sunt dona Dei*? Mas deixado isto a parte, tirais estas terras áquelles mesmos Portuguezes, a quem escolhestes entre todas as nações do mundo para conquistadores da vossa fé, e a quem destes por armas, como insignia e divisa singular, vossas proprias chagas. E será bem, supremo Senhor, e governador do universo, que as sagradas quinas de Portugal, e ás armas e chagas de Christo, succedão as hereticas listas de Hollanda, rebeldes a seo rei e a Deos? Será bem, que estas se vejam tremular ao vento victoriosas, e aquellas abatidas, arrastadas e ignominiosamente rendidas? *Et quid facies magno nomini tuo*? E que fareis (como dizia Josué) ou que será feito de vosso glorioso nome em casos de tanta affronta?

Tirais tambem o Brasil aos Portuguezes, que assim estas terras vastissimas, como as remotissimas do Oriente, as conquistarão á custa de tantas vidas e tanto sangue, mas por dilatar vosso nome e vossa fé, (que esse era o zelo daquelles christianissimos reis) que por amplificar e estender seu imperio. Assim fostes servido, que entrassemos nestes novos mundos, tão honrada e tão gloriosamente, e assim permittis, que sáiamos agora (quem tal imaginára de vossa bondade) com tanta affronta e ignominia. Oh como recio, que não falte quem diga o que dizio os Egyptios: *Callide eduxit eos, ut interficeret et deleret e terra*: Que a larga mão com que nos destes tantos dominios e reinos, não forão mercês de vossa liberalidade, senão cautela e dissimulação de vossa ira: para aqui, fóra, e longe de nossa patria nos matares, nos destruires, nos acabares de todo. Se esta havia de ser a paga e o fructo de nossos trabalhos, para que foi o traba har, para que foi o servir, para que foi o derramar tanto e tão illustre sangue nestas conquistas? Para que abrimos os mares nunca dantes navegados? Para que descobrimos as regiões e os climas não conhecidos? Para que contrastamos os ventos e as tempestades com tanto arrojo, que apenas ha baxio no Oceano, que não esteja infamado com miserabilissimos naufragios de Portuguezes? E depois de tantos perigos, depois de tantas desgraças, depois de tantas e tão lastimosas mortes, ou nas praias desertas sem sepultura, ou sepultados nas entranhas dos alarves.

Rio dous Padres, os quaes em certo sitio distante das principaes povoações trinta ou quarenta leguas, fizerão uma pequena casa, onde pudessem dizer missa, e dalli mais commodamente tractar com esta gente, a fim de os reduzir, e ajuntar a todos em um lugar, onde recebendo o sagrado baptismo vivessem christãmente, porque é impossivel fazerem-no estando tão divididos.

No anno pois de 1624, se partirão desta sua estancia para a laguna, com determinação de os abalarem, e trazerem consigo para aquella igreja, e chegados á primeira das aldêas, ainda que ao principio se mostrárão os Indios mais duros, e menos tractaveis, contudo em um dia solemne, lhes fez um dos nossos Padres uma pratica sobre a importancia do santo baptismo, e do que para elle se requer, mostrando-lhes tambem de uma parte as penas do inferno, e da outra os bens da gloria, e como depois delles partirem ficavão arriscados a morrendo perder esta, e ser condemnados áquellas, pois não terião ordem, nem occasião de serem baptisados, ainda que muito o quizessem.

das feras, dos peixes; que as terras que assim ganhamos, as hajamos de perder assim? Oh quanto melhor nos fôra nunca conseguir, nem intentar taes emprezas!

Mais santo que nós era Josué, menos apurada tinha a paciência, e comtudo em occasião semelhante não fallou (fallando comvoseo) por differente linguagem. Depois de os filhos de Israel passarem ás terras ultramarinas do Jordão, como nós a estas, avançou parte do exercito a dar assalto á cidade de Hay, a qual nos echos do nome já parece que trazia o prognostico do infeliz successo, que os Israelitas nella tiverão; porque forão rotos e desbaratados, posto que com menos mortos e feridos, do que nós por cá costumamos. E que faria Josué á vista desta desgraça? Rasga as vestiduras imperiaes, lança-se por terra, começa a clamar ao céu: *Heu Domine Deus, quid voluisti traducere populum istum Jordanem fluvium, ut traderes nos in manus Amorrhæi?* Deos meu, e Senhor meu que é isto? Para que nos mandastes passar o Jordão, e nos mettestes de posse destas terras, se aqui nos haviéis de entregar nas mãos dos Amorreus, e perder-nos? *Utinam mansissemus trans Jordanem!* Oh nunca nós passamos tal rio! Assim se queixava Josué a Deos, e assim nos podemos nós queixar, e com muito maior razão que elle. Se este havia de ser o fim das nossas navegações, se estas fortunas nos esperavão nas terras conquistadas? *Utinam mansissemus trans Jordanem?* Provêra a vossa Divina Magestade, que nunca sahiramos de Portugal, nem fiaramos nossas vidas ás ondas e aos ventos, nem conheceramos ou guzeramos os pés em terras estranhas. Ganha-las para as não lograr, desgraça foi e não ventura: possui-las para as perder, castigo foi de vossa ira, Senhor, e não merecê, nem favor de vossa liberalidade. Se determinaveis dar estas mesmas terras aos piratas do Hollanda, porque lh'as não destes emquanto erão agrestes, e incultas, senão agora? Tantos serviços vos tem feito esta gente pervertida, e apostata, que nos mandastes primeiro cá por seus aposentadores, para lhe lavrarmos as terras, para lhe edificarmos as cidades, e depois de cultivadas e enriquecidas, lh'as entregares? Assim se hão de lograr os hereges, e inimigos da fé dos trabalhos Portuguezes, e dos suores catholicos? *En queis consecimus agros:* Eis aqui para quem trabalhamos ha tantos annos. Mas pois vós, Senhor, o quereis e ordenais assim, fazei o que fores servido. Entregai aos Hollandezes o Brasil, entregai-lhe as Indias, entregai-lhe as Hespanhas (que não são menos perigosas as consequencias do Brasil perdido) entregai-lhe quanto temos, e possuímos (como já lhe entregastes tanta parte) ponde em suas mãos o mundo: e a nós, aos Portuguezes e Hespanhões, deixai-nos, repudiái-nos, desfazei-nos, acabai-nos. Mas só digo, e lembro a Vossa Magestade, Senhor, que estes mesmos, que agora desfavoreceis, e lançais de vós, pôde ser que os queirais algum dia, e que os não tenhais.

Não me atrevêra a fallar assim, senão tirára as palavras da boca de Job, que como tão lastimado, não é muito entre muitas vezes nesta tragedia. Queixava-se o exemplo da paciência a Deos (que nos quer Deos soffridos, mas não insensíveis) queixava-se do tesão de suas penas, demandando e altercando, porque se lhe não havia de remittir, e afrouxar um

Pôz Deos nestas palavras tal efficacia, que rendidos muitos com grandes desejos no coração, e lagrimas nos olhos, começaram a pedir, que os fizessem christãos, de modo que em espaço de oito dias forão sufficientemente catechizados, e receberam a agua do sagrado baptismo perto de duzentas almas, e tal affeição tomárão, depois de serem baptisados, ás cousas divinas, que morando muitos delles uma legua distante da igreja, continuárão com muito fervor a ouvir missa todos os dias santos, o ainda em tempos de grandes frios, e chuvas, não obstante a declaração, que se lhe fez, ficarem totalmente desobrigados.

Entre os convertidos o mais assignalado foi um, no qual se vê claramente, que tem Deos em sua mão a chave dos corações dos homens, para os abrir, e entrar nelles, quando é servido: era este Indio mui afamado por seu esforço, e o principal nos assaltos, que todos os destas partes costumão dar aos Guayanazes contrarios seus, e Gentio, o qual corre por detraz das serras, que cingem esta costa, e quando menos se esperava, mudado totalmente, pedio de joelhos o santo baptismo, e no tempo, que

pouco o rigor dellas: e como a todas as replicas, e instancias o Senhor se mostrasse inexoravel, quando já não teve mais que dizer, concluiu assim: *Ecce nunc in pulvere dormiam et si manè me quesieris, non subsistam.* Já que não quereis, Senhor, desistir, ou moderar o tormento, já que não quereis senão continuar o rigor, e chegar com elle ao cabo; seja muito embora; matai-me, consumi-me, enterrai-me: *Ecce nunc in pulvere dormiam:* Mas só vos digo, e vos lembro uma cousa, que se me buscareis amanhã, que me não haveis de achar: *Et si manè me quesieris, non subsistam.* Tereis aos Sabéos, t-reis aos Caldéos, que sejão o roubo e o açoute de vossa casa; mas não achareis a um Job, que a sirva, não achareis a um Job, que a venere, não achareis a um Job, que ainda com suas chagas a não desautorise. O mesmo digo eu, Senhor, que não é mnito rompa nos mesmos affectos quem se vê no mesmo estado. Abrazai, destrui, consumi-nos a todos; mas pôde ser, que algum dia queirais Hespanhóes e Portuguezes, e que os não acheis. Hollanda vos dará os apostolicos conquistadores, que levem pelo mundo os estandartes da cruz: Hollanda vos dará os prégadores evangelicos, que semeem nas terras dos barbaros a doutrina catholica, e a reguem com o proprio sangue: Hollanda defenderá a verdade de vossos sacramentos, e a autoridade da igreja romana: Hollanda edificará templos, Hollanda levantará altares, Hollanda consagrará sacerdotes, e offerecerá o sacrificio de vosso santissimo corpo: Hollanda enfim vos servirá e venerará tão religiosamente como em Amsterdam, Meldeburg, e Flisinga, e em todas as outras colonias daquelle frio e alagado inferno se está fazendo todos os dias.

§ 4.º Bem vejo que me podeis dizer, Senhor, que a propagação de vossa fé, e as obras de vossa gloria não dependem de nós, nem de ninguém, e que sois poderoso, quando faldem homens, para fazer das pedras filhos de Abrahão. Mas tambem a vossa sabedoria, e a experiencia de todos os seculos nos tem ensinado, que depois de Adão não criastes homens de novo, que vos servis dos que tendes neste mundo, e que nunca admittis os meus bons, senão em falta dos melhores. Assim o fizestes na parabola do banquete. Mandastes chamar os convidados, que tinheis escolhido, e porque elles se escusárão, e não quizerão vir, então admittistes os cegos, e mancos, e os introduzistes em seu lugar: *Cæcos, et claudos introduc huc.* E se esta é, Deos meu, a regular disposição de vossa Providencia Divina, como a vemos agora tão trocada em nós e tão differente connosco? Quaes forão estes convidados, e quaes são estes cegos e mancos? Os convidados fomos nós, a quem primeiro chamastes para estas terras, e nellas nos puzestes a mesa tão franca e abundante, como de vossa grandeza se podia esperar. Os cegos e mancos são os Lutheranos, e Calvinistas, cegos sem fé e mancos sem obras, na reprovação das quaes consiste o principal erro da sua heresia. Pois se nós, que fomos os convidados, não nos escusamos, nem duvidamos de vir, antes rompemos por muitos inconvenientes, em que poderamos duvidar: se viemos e nos assentamos á mesa; como nos excluís agora, e lançaes fóra della, e introduzís violentamente os cegos e mancos, e dais os nossos lugares ao herege? Quando em tudo o mais forão elles

o havia de receber, abominou publicamente todas as suas valentias passadas, prometendo de nunca mais tornar a ellas, do que se espantarão muito os outros, porque não podem jámais acabar comsigo o fazer o mesmo.

A outra e maior difficuldade, que nestes contra a lei christã reina, é o haverem de deixar suas muitas mulheres, que têm, mas todos, os que se baptisarão, repudiarão as que tinham, recebendo a primeira segundo o uso da santa igreja romana. Donde se póde inferir, que assim como estes romperão por esta difficuldade, assim a vencerão os outros, e que a pertinacia, que se vê em uns, não é impedimento á conversão dos outros.

Bem se experimentou isto nesta occasião, além de muitas, em que não se podendo acabar com certo Indio acceitasse o baptismo, dizendo queria comer mais, (como se os baptisados não comessem) sua mulher, filhos, e toda a mais familia, sem os nossos lhe fallarem, o pedirão com muita instancia, e forão baptisados com grande alegria, e consolação dos

tão bons como nós, ou nós tão máos como elles; porque nos não ha de valer pelo menos o privilegio e prerogativa da fé? Em tudo parece, Senhor, que trocáis os estylos de vossa providencia, e mudais as leis de vossa justiça comnosco.

Aquellas dez virgens do vosso evangelho todas se renderão ao somno, todas adormecerão, todas forão iguaes no mesmo descuido: *Dormitaverunt omnes, et dormierunt*. E comtudo a cinco dellas passou-lhe o esposo por este defeito e só porque conservarão as alampadas acesas, merecêrão entrar ás vodas, de que as outras forão excluidas. Se assim é, Senhor meu, se assim o julgastes então (que vós sois aquelle esposo Divino) porque não nos val a nós tambem conservar as alampadas da fé acesas, que no herege estão tão apagadas e tão mortas? E' possível, que haveis de abrir as portas, a quem traz as alampadas apagadas, e que as haveis de fechar a quem as tem acesas? Reparaí, Senhor, que não é autoridade do vosso divino tribunal, que sãão delle no mesmo caso duas sentenças tão encontradas. Se ás que deixarão apagar as alampadas se disse: *Nescio vos*: se para ellas se fecharão as portas: *Clausus est janua*: quem merece ouvir de vossa boca um *Nescio vos* tremendo, senão o herege, que vós não conhece? E a quem deveis dar com a porta nos olhos, senão ao herege que os tem tão cegos? Mas eu vejo, que nem esta cegueira, nem este desconhecimento tão mercedores de vosso rigor lhe retarda o progresso de suas fortunas, antes a passo largo se vem chegando a nós suas armas victoriosas, e cedo nos baterão ás portas desta vossa cidade. Desta vossa cidade disse; mas não sei se o nome do Salvador, com que a honrastes, a salvará e defenderá, como já outra vez não defendeu; nem sei, se estas nossas deprecações, posto que tão repetidas e continuadas, achárão accesso a vosso conspecto divino; pois ha tantos annos, que está bradando ao céu a nossa justa dôr, sem vossa clemencia dar ouvidos a nossos clamores.

Se acaso fôr assim (o que vós não permittais) e está determinando em vosso secreto juizo, que entrem os hereges na Babilã; o que só vos represento humildemente, e muito de v'ras, é, que antes da execução da sentença repareis bem, Senhor, no que vos póde succeder depois, e que o consulteis com vosso coração, emquanto é tempo; porque melhor sera arrependei agora, que quando o mal passado não tenha remedio. Bem estais na intenção e allusão com que digo isto, e na razão, fundada em vós mesmo, que tenho para o dizer. Tambem antes do diluvio estaveis vós mui colerico, e irado contra os homens, e por mais que Nós orava em todos aquelles cem annos, nunca houve remedio para que se aplacasse vossa ira. Romperão-se enfim as cataratas do céu, creceu o mar até os cumes dos montes, alagou-se o mundo todo: já estará satisfeita vossa justiça. Senão quando ao terceiro dia começaram a boiar os corpos mortos, e a fugir, e apparecer em multidão infinita aquellas figuras pallidas, e então se representou sobre as ondas a mais triste e funesta tragedia, que nunca virão os Anjos, que homens que a vissem não os havia. Vistes vós tambem (como se o visseis de novo) aquelle lastimosissimo espectáculo, e posto, que não chorastes, porque ajudai não tinheis olhos capazes de lagrimas, enternecerão-se porém as entranhas de

Padres. Com este fructo se partirão elles, deixando mui saudosos os Índios já christãos, os quaes com lagrimas lhe pedirão, e instarão muito tornassem logo, e não os deixassem de todo.

De passagem entrarão nas terras de um grande principal chamado Tubarão; aqui recebêrão o baptismo vinte e sete, e muitos mais o fizerão, mas faltou o tempo para os catechizar, o qual era necessario para caminhar: desceu tambem o mesmo Tubarão a chamado dos Padres, os quaes lhe derão uma boa bateria para o converter; mas elle endurecido acudio, que o baptismo era para as crianças, e que Deos o não creára para o céu, mas para morador da terra, em testeinnho e prova da tal verdade o puzera nesta e não naquelle.

Parece que lhe tinha o demonio mettido na cabeça aquelle versiculo do Psalmista, mas mal entendido: — *Cælum cælo domino, terram autem dedit filiis hominum*: — e assim ficou pertinaz em seus ruins propositos. Nas mais aldéas, por onde os dous Padres passarão até chegar á ultima do Caybi, seu cuidado principal era fazer a todos uma pratica tocante á im-

vossa divindade, com tão intrinseca dôr: *Tartus dolore cordis intrinsecus*; que do modo que em vós cabe arrependimento, vos arrependestes do que tinheis feito ao mundo, e foi tão inteira a vossa contrição, que não só tivestes pesar do passado, senão proposito firme de nunca mais o fazer: *Nequaquam ultra maledicam terræ propter homines*. Este sois, Senhor, este sois: e pois sois este, não vos tomeis com vosso coração. Para que é fazer agora valentias contra elle, se o seu sentimento, e o vosso as ha de pagar depois. Já que as execuções de vossa justiça custão arrependimentos á vossa bondade; vede o que fazeis antes que o laçais, não vos aconteça outra. E para que o vejais com cores humanas, que já vos não são estranhas, dai-me licença, que eu vos represente primeiro ao vivo as lastimas e misérias deste futuro diluvio, e se esta representação vos não enternecer, e tiveres estranhas para o ver sem grande dôr, executai-o embora.

Finjamos pois (o que até fingido e imaginado faz horror) finjamos, que vem a Bahia, e o resto do Brasil as mãos dos Hollandezes; que é o que ha de succeder em tal caso? Entrarão por esta cidade com furia de vencedores e de hereges: não perdoarão a estado, a sexo, nem a idade; com os fios dos mesmos allanges medirão a todos. Chorarão as mulheres, vendo que se não guarda decoro á sua modestia: chorarão os velhos, vendo que se não guarda respeito a suas caás: chorarão os nobres, vendo que se não guarda cortezia á sua qualidade: chorarão os religiosos e veneraveis sacerdotes, vendo que até as corôas sagradas os não defendem: chorarão finalmente todos, e entre todos mais lastimosamente os innocentes, porque nem a esses perdoará (como em outras occasiões não perdoou) a des-humanidade heretica. Sei eu, Senhor, que só por amor dos innocentes disseses vós alguma hora, que não era bem castigar a Ninive. Mas não sei, que tempos, nem que desgraça é esta nossa, que até a mesma innocencia vos não abranda. Pois tambem a vós Senhor, vos ha de alcançar parte do castigo (que é o que mais sente a piedade christã) tambem a vós ha de chegar.

Entrarão os hereges nesta igreja, e nas outras, arrebatarão essa custodia, em que agora estaes adorado dos Anjos: tomarão os calices e vasos sagrados, e applica-los-hão a suas nefandas embriaguezes: derrubarão dos altares os vultos e estatuas dos santos, deformar-las-hão a cutiladas, e mette-las-hão no fogo; e não perdoarão as mãos furiosas e sacrilegas, nem ás imagens tremendas de Christo crucificado, nem ás da Virgem Maria. Não me admiro tanto, Senhor, de que hajais de consentir semelhantes aggravos, e affrontas nas vossas imagens pois já as permittistes em vosso sacratissimo corpo; mas nas da Virgem Maria, nas de vossa santissima mãe; não sei como isto pôde estar com a piedade, e amor de filho. No Monte Calvario esteve esta Senhora sempre ao pé da cruz, e com serem aquelles algozes tão des-cortezes e cruéis, nenhum se atreveu a lhe tocar, nem a lhe perder o respeito. Assim foi e assim havia de ser, porque assim o tinheis vós promettido pelo propheta. *Flagellum non appropinquabit tabernaculo tuo*. Pois, filho da Virgem Maria, se tanto cuidado tivestes então do respeito, e decôro de vossa mãe, consentis agora, que se lhe fação tantos

portancia da salvação, e visitar logo os enfermos, provendo-os com o que podião, e sangrando-os, se não havia outro sangrador, com suas proprias mãos, e quando estavam em perigo, depois de instruidos, os baptisavão.

Chegados finalmente a esta ultima aldêa começãrão a tractar de seu intento principal, que era ajunta-los em uma igreja; mas muitos delles estavam já embaidos com os embustes de alguns Portuguezes de ruim consciencia, que os querem ver juntos, para que assim mais facilmente os possuão levar, e vender por captivos, a quem lhos mais der, o que costuma fazer esta casta de gente tão perversa.

E' mui grande a difficuldade que já aponteí, nem é de menor ponderação, a que outro magnata, ou principal de muita gente, põem a seus subditos, porque é grande feiticeiro, e lhe tem suggerido o demonio, que no mesmo ponto, e tempo, que os nossos entrarem nos seus dominios, e terras, não terão algum effeito as suas artes.

Este principal, ou primeiro entre os outros, mandou varios mensageiros com recados aos nossos Padres, que não passassem avante, nem fizessem

desacatos? Nem me digais, Senhor, que lá era a pessoa, cá a imagem. Imagem sómente da mesma Virgem era a arca do Testamento, e só porque Oza a quiz tocar, lhe tirastes a vida. Pois se então havia tanto rigor para quem offendia a imagem de Maria, porque o não ha tambem agora? Bastava então qualquer dos outros desacatos ás cousas sagradas, para uma severissima demonstração vossa ainda milagrosa. Se a Jeroboão, porque levantou a mão para um propheta, se lhe secou logo o braço milagrosamente; como aos hereges depois de se atreverem a affrontar vossos santos, lhe ficão ainda braços para outros delictos? Se a Balthasar por beber pelos vasos do templo, em que não se consagrava vosso sangue, o privastes da vida, e do reino; porque vivem os hereges, que convertem vossos calices a usos profanos? Já não ha tres dedos, que escrevão sentença de morte contra sacrilegos?

Emfim, Senhor, despojados assim os templos, e derrubados os altares, acabar-se-ha no Brasil a christandade catholica: acabar-se-ha o culto divino: nascerá herva nas igrejas, como nos campos, não haverá quem entre nellas. Passará um dia de natal, e não haverá memoria de vosso nascimento: passará a quaresma e a semana santa, e não se celebrará os mysterios de vossa paixão. Chorarão as pedras das ruas, como diz Jeremias, que choravão as de Jerusalem destruida: *Via Sion lagen, eo quód non sint qui veniant ad solemnitatem*: ver-se-hão ermas, e solitarias, e que as não pisa a devoção dos fieis, como costumava em semelhantes dias. Não haverá missas, nem altares, nem sacerdotes que as digão: morrerão os catholicos sem confissão, nem sacramentos: prégar-se-hão heresias nestes mesmos pulpitos, e em lugar de S. Jeronymo e Santo Agostinho, ouvir-se-hão e allegar-se-hão nelles os infames nomes de Calvino, e Luthéro: beberão a falsa doutrina os innocentes, que ficarem, reliquias dos Portuguezes: e chegaremos a estado, que se perguntarem aos filhos e netos dos que aqui estão: menino de que seita sois? Um responderá, eu sou Calvinista; outro, eu sou Lutherano. Pois isto se ha de soffrer, Deus meu? Quando quizestes entregar vossas ovelhas a S. Pedro, examinaste-lo tres vezes, se vos amava: *Diligis me diligis me diligis me?* E agora as empregais desta maneira, não a pastores, senão aos lobos? Sois o mesmo, ou sois outro? Aos hereges o vosso rebanho? Aos hereges as almas? Como tenho dito, e nomeei almas, não vos quero dizer mais. Já sei, Senhor, que vos haveis de enternecer e arrepender, e que não haveis de ter coração para ver taes lastimas, e taes estragos. E se assim é (que assim o estão promettendo vossas entranhas piedosissimas) se é que ha de haver dór, se é que ha de haver arrependimento depois; cessem as iras, cessem as execuções agora: que não é justo vos contente antes o de que vos ha de pesar em algum tempo.

Muito honrastes, Senhor, ao homem na criação do mundo, formando-o com vossas proprias mãos, informando-o e animando-o com vosso proprio alento, e imprimindo nelle o caracter de vossa imagem, e semelhança. Mas parece, que logo desde aquelle mesmo dia vos não contentastes delle, porque de todas as outras cousas, que criastes, diz a escriptura que vos parecerão bem: *Fidit Deus quód esses bonum*; e só do homem o não diz. Na

transito pelas suas terras; ao que os nossos responderão, que havião de pôr em execução os mandados e preceitos de seus maiores, que erão de passarem adiante. Nestes termos estava o negocio da conversão a este tempo; quizera Deos por sua misericordia, que tenha bom successo, para que se abra aqui a porta á salvação de innumeraveis almas, que vivem da outra banda do rio.

MISSÃO DA CAPITANIA DO ESPIRITO SANTO.

Tambem esta Capitania do Espirito Santo sentio o poder das armas Hol-landezas, ainda que com melhor fortuna. Sabirão da Bahia oito náos inimigas para o reino de Angola com intento de entrarem á cidade de Loanda como tão importante para o commercio do Brasil, cuja cabeça estava já rendida: mas não respondeu o successo ao desenhio, porque ainda que um mez inteiro trabalhãrão na empreza, como o animo dos moradores

admiração desta mysteriosa reticencia andou desde então suspenso, e vacilando o juizo humano, não podendo penetrar qual fosse a causa, porque agradando-vos com tão publica demonstração todas as vossas obras, só do homem que era a mais perfeita de todas, não mostrasseis agrado. Finalmente passados mais de mil e setecentos annos, a mesma escriptura que tinha callado aquelle mysterio, nos declarou, que vós estaveis arrependido de ter criado o homem: *Pœnituit eum quòd hominem fecisset in terra*: e que vós mesmo dissestes que vos pesava: *Pœnitet me fecisse eos*: e então ficou patente e manifesto a todos o segredo, que tantos tempos tinheis occultado. E vós, Senhor, dizeis que vos pesa e que estais arrependido de ter criado o homem; pois essa é a causa porque logo desde o principio de sua criação vós não agradastes delle, nem quizestes que se dissesse, que vos parecera bem: julgando como era razão, por cousa muito alheia de vossa sabedoria e providencia, que em nenhum tempo vos agradasse, nem parecesse bem, aquillo de que depois vos haviis de arrepender, e ter pesar de ter feito: *Pœnitet me fecisse*. Sendo pois esta a condição verdadeiramente divina, e a altissima razão do estado de vossa providencia, não haver já mais agrado do que ha de haver arrependimento: e sendo tambem certo nas piedosissimas entranhas de vossa misericordia, que se permittires agora as lastimas, as misérias, os estragos, que tenho representado, é força que vós ha de pesar depois, e vos haveis de arrepender: arrependei-vos, misericordioso Deos, enquanto estamos em tempo, ponde em nós os olhos de vossa piedade, ide á mão á vossa irritada justiça, quebre vosso amor as setas de vossa ira, e não permittais tantos damnos, e tão irreparaveis. Isto é o que vós pedem tantas vezes prostradas diante de vosso divino acatamento estas almas tão fielmente catholicas em nome seu, e de todas as deste Estado. E não vos fazem esta humilde deprecação pelas perdas temporaes, de que cedem, e as podeis executar nelles por outras vias; mas pela perda espirital eterna de tantas almas, pelas injurias de vossos templos e altares, pela exterminação do sacrosanto sacrificio de vosso corpo e sangue, e pela ausencia insoffrivel, pela ausencia e saudades desse Santissimo Sacramento, que não sabemos quanto tempo teremos presente.

§ 8.º Chegado a este ponto, de que não sei, nem se pôde passar; parece-me que nos está dizendo vossa divina e humana bondade, Senhor, que o fizereis assim facilmente, e vós deixariéis persuadir, e convencer destas nossas razões; senão que está clamando por outra parte vossa divina justiça: e como sois igualmente justo, e misericordioso, que não podeis deixar de castigar, sendo os peccados do Brasil tantos, e tão grandes. Confesso, Deos meu, que assim é, e todos confessamos que somos grandissimos peccadores. Mas tão longe estou de me aquietar com esta resposta, que antes esses mesmos peccados muitos, e grandes, são um novo, e poderoso motivo dado por vós mesmo para mais convencer vossa bondade.

A maior força dos meus argumentos não consistio em outro fundamento até agora, que no credito, na honra, e na gloria de vosso santissimo nome: *Propter nomen tuum*. E que motivo posso eu offerecer mais glorioso ao mesmo nome, que serem muitos e grandes os

Portuguezes era grande, e a vigilancia igual, nunca lhes foi possível pôr pé em terra.

Voltando pois para a Bahia, antes de chegar a ella cem leguas para o Sul, entrão no porto do Espirito Santo a 12 de Maio de 1625 assaz conchados, que por bom concerto, ou ruim guerra, a villa se lhes entregaria, ou elles a renderião, como bem mostravão na entrada, publicando por uma parte a altas vozes paz, e por outra com o disparar das bombardas ameaçando guerra.

Não havia na povoação defesa de artilharia, pelo que com mosquetes, e frechas se dividio a gente pelas trincheiras, que fechavão as bocas das ruas nos passos mais necessarios, esperando a determinação do inimigo, e foi esta que por entre o fumo, e perturbação dos tiros, apparelliou sete lanchas com o melhor dos soldados, e ainda marinheiros, os quaes sahindo das náos, e saltando livremente em terra, começãrão a marchar para a estancia do capitão Francisco de Aguiar Coutinho, que tambem o era da villa, e senhor della, ou seu donatario.

nossos peccados? *Propter nomen tuum, Domine, propitiaberis peccato meo: multum est enim.* Por amor de vosso nome, Senhor, estou certo (dizia David) que me haveis de perdoar meus peccados, porque não são quaesquer peccados, senão muitos e grandes: *Multum est enim.* Oh motivo digno só do peito de Deos! Oh consequencia, que só na summa bondade pôde ser forçosa! De maneira que para lhe serem perdoados seus peccados, allegon um peccador a Deos, que são muitos, e grandes. Sim; e não por amor do peccador, nem por amor dos peccados, senão por amor da honra, e gloria do mesmo Deos, a qual quanto mais, e maiores são os peccados, que perdoa, tanto maior é, e mais engrandece, e exalta seu santissimo nome: *Propter nomen tuum, Domine, propitiaberis peccato meo: multum est enim.* O mesmo David distingue na misericordia de Deos, grandeza e multidão: a grandeza: *Secundum magnum misericordiam tuam:* a multidão: *Et secundum multitudinem miserationum tuarum.* E como a grandeza da misericordia divina é immensa e a multidão de suas misericordias infinita: E o immenso não se pôde medir, nem o infinito contar; para que uma e outra, de algum modo tenha proporcionada materia de gloria, importa á mesma grandeza da misericordia, que os peccados sejam grandes, e á mesma multidão das misericordias, que sejam muitos: *Multum est enim.* Razão tenho eu logo, Senhor, de me não render á razão de serem muitos, e grandes nossos peccados. E razão tenho tambem de instar em vos pedir a razão, porque não desistis de os castigar: *Quare obdormis? Quare faciem tuam avertis? Quare oblivisceris inopiam nostram, et tribulationis nostrae?*

Esta mesma razão vos pedio Job, quando disse: *Cur non tollis peccatum meum et quare non auferis iniquitatem meam?* E posto que não faltou um grande interprete de vossas escripturas, que o arguisse por vossa parte, enfim se deu por vencido, e confessou, que tinha razão Job em vo-la pedir: *Criminis in loco Deo impingis, quod ejus, qui deliquit, non misereatur?* diz S. Cyrillo Alexandrino. Basta, Job, que criminais e accusais a Deos de que castiga vossos peccados? Nas mesmas palavras confessais, que commettestes peccados e maldades; e com as mesmas palavras pedis razão a Deos, porque as castiga? Isto é dar a razão, e mais pedi-la. Os peccados e maldades, que não occultais, são a razão do castigo: pois se dais a razão, porque a pedis? Porque ainda que Deos para castigar os peccados, tem a razão de sua justiça; para os perdoar, e desistir do castigo, tem outra razão maior, que é a da sua gloria: *Qui enim misereri consuevit, et non vulgarem in eo gloriam habet; obquam causam mei non misereatur?* Pede razão Job a Deos, e tem muita razão de a pedir (responde por elle o mesmo santo, que o arguiu) porque se é condição de Deos usar de misericordia, e é grande, e não vulgar a gloria, que adquire em perdoar peccados, que razão tem, ou pôde dar bastante de os não perdoar? O mesmo Job tinha já declarado a força deste seu argumento nas palavras antecedentes com energia para Deos muito forte: *Peccavi quid faciam tibi?* Como se dissra: Se eu fiz, Senhor, como homem em peccar, que razão tendes vós para não fazer como Deos em me perdoar? Ainda disse,

Estava aqui uma roqueira, que não havia outra na terra, e tanto que foi vista dos inimigos, para evitarem o perigo desfizerão as fileiras, e arimando-se todos ás paredes continuarão a entrada; vendo isto o animoso capitão, manda pôr fogo á roqueira, o que não foi debalde, e logo successivamente salta fóra das trincheiras com poucos, que o seguirão; conjecturarão os Hollandezes, que tanto animo vinha confiado em maior poder de gente, e sem fazer rosto derão as costas e largarão as armas: os nossos lhe forão dando até á praia com tal valor e ventura, que além do grande numero dos feridos, morrêrão muitos, uns em terra á espada, outros no mar afogados.

Ficarão elles com a desgraça mui sentidos e bem mostravão os tristes, e desconcertados gritos, que nas suas náos levantavão. e na nossa villa se ouvião: quizerão no dia seguinte recuperar o perdido nas fazendas, que estão pelo rio acima, mas dobrarão a perda, porque o capitão Salvador Corrêa de Sá, filho de Martim de Sá, governador do Rio de Janeiro, (vinha este fidalgo, por ordem de seu pai dar soccorro ao cerco da Bahia com duas

e quiz dizer mais: *Peccavi, quid faciam tibi?* Pequei, que mais vos posso fazer? E que fizestes vós, Job, a Deos em peccar? Não lhe fiz pouco; porque lhe dei occasião a me perdoar, e perdoando-me, ganhar muita gloria. Eu dever-lhe-hei a elle, como a causa, a graça que me fizer: e elle dever-me-ha a mim, como a occasião, a gloria que alcançar.

E se é assim, Senhor, sem licença, nem encarceramento; se é assim, misericordioso Deos, que em perdoar peccados se augmenta a vossa gloria, que é o fim de todas vossas acções; não digais que nos não perdoais, porque são muitos, e grandes os nossos peccados, que antes porque são muitos e grandes, deveis dar essa grande gloria á grandeza, e multidão de vossas misericordias. Perdoando-nos e tendo piedade de nós, é que haveis de ostentar a soberania de Vossa Magestade; e não castigando-nos, em que mais se abate vosso poder, do que se acredita. Vede-o neste ultimo castigo, em que contra toda a esperança do mundo e de tempo fizestes que se derrotasse a nossa armada, a maior que nunca passou a equinoctial. Podestes, Senhor, derrota-la e que grande gloria foi de vossa omnipotencia poder o que póde o vento? *Contra folium, quod vento rapitur, ostendis potentiam.* Desplantar uma nação, como nos ide desplantando, e plantar outra; também é poder que vós commettestes a um homenzinho de Anathoth: *Ecce constituite super gentes, et super regna, ut evellat, et destruas, et disperdas, et dissipet, et ædificet, et plantes.* O em que se manifesta a Magestade, a grandeza e a gloria de vossa infinita Omnipotencia, é em perdoar, e usar de misericordia: *Qui Omnipotentiam tuam, parcendo maxime, et miserando, manifestas.* Em castigar, vencei-nos a nós, que somos creaturas fracas: mas em perdoar, vencei-vos a vós mesmo, que sois todo poderoso, e infinito. So esta victoria é digna de vós, porque só vossa justiça póde pelejar com armas iguaes contra vossa misericordia; e sendo infinito o vencido, infinita fica a gloria do vencedor. Perdoai pois benignissimo Senhor, por esta grande gloria vossa: *Propter magnam gloriam tuam.* Perdoai por esta gloria immensa de vosso santissimo nome: *Propter nomen tuum.*

E se acaso ainda reclama vossa divina justiça; por certo não já misericordioso, senão justissimo Deos, que também a mesma justiça se pudera dar por satisfeita com os rigores e castigos de tantos annos. Não sois vós emquanto justo, aquelle justo juiz, de quem canta o vosso propheta: *Deus Index justus, fortis et patiens, nunquid traseitur per singulos dies?* Pois se a vossa ira ainda como de justo juiz, não é de todos os dias, nem de muitos; porque se não dará por satisfeita com rigores de annos, e tantos annos? Sei eu, legislador supremo, que nos casos de ira, posto que justificada, nos manda vossa santissima lei, que não passe de um dia, e que antes de se pôr o sol tenhamos perdoado: *Sol non occidat super iracundium vestram.* Pois se da fraqueza humana, e tão sensitiva, espera tal moderação nos aggravos vossa mesma lei, e lhe manda que perdoe, e se aplaque em termo tão breve e tão preciso: vós que sois Deos infinito, e tendes um coração tão dilatado como vossa mesma immensidade, e em materia de perdão vos propoñdes aos homens por exemplo; como é possível que os rigores de vossa ira se não abrandem em tantos annos, e

caravellas, e quatro canôas grandes (não se tendo achado o dia de antes no assalto, por guardar a sua estância), os foi esperar, e tendo elles já tomado uma barcaça, os accommetteu com as canôas, e apertou de maneira as frechadas, que sendo mortos quarenta, largando uma lancha, á força de remos escaparão.

Com estes ruins successos, desesperado já da sua fortuna o general inimigo, mandou ao outro dia, que era o terceiro da entrada, um recado ao capitão, em que lhe pedia um sobrinho seu, que ficára preso entre nós, offerecendo resgate, e que os Padres da Companhia lhe mandassem algum refresco pelo bom gazalhado, que elle fizera aos outros Padres, que na Bahia forão tomados.

Ao que respondeu o capitão, que quanto ao primeiro, seu sobrinho devia de morrer na briga, que o não tinham preso; ao segundo, que não

que se ponha, e torne a nascer o sol tantas e tantas vezes, vendo sempre desembainhada, e correndo sangue a espada de vossa vingança? Sol de justiça cuidei eu que vos chamavão as escripturas. Porque ainda quando mais feroso, e ardente dentro de breve espaço de doze horas passava o rigor de vossos raios; mas não o dirá assim este sol material, que nos alumia, e rodeia, pois ha tantos dias, e tantos annos, que passando duas vezes sobre nós de um tropico a outro, sempre vos vê irado.

Já vos não allego, Senhor, com o que dirá a terra, e os homens, mas com o que dirá o cêo, e o mesmo sol. Quando Josué mandou parar o sol, as palavras da lingua Hebraica, em que lhe fallou, forão, não que parasse, senão que se calasse: *Sol tace contra Gabaon*. Calar mandou ao sol o valente capitão, porque aquelles resplandores amortecidos, com que se ia sepultar no Occaso, erão umas linguas mudas com que o mesmo sol o murmurava de demasiadamente viugativo; erão umas vozes altissimas com que desde o cêo lhe lembrava a lei de Deos, e lhe pregava que não podia continuar a vingança; pois elle se ia metter no Occidente: *Sol non occidat super iracundiam vestram*. E se Deos como autor da mesma lei, ordenou que o sol parasse, e aquelle dia (o maior que vio o mundo) excedesse os termos da natureza por muitas horas, e fosse o maior; foi para que concordando a justa lei com a justa vingança, nem por uma parte se deixasse de executar o rigor do castigo, nem por outra se dispensasse no rigor do preceito. Castigue-se o Gabaonita, pois é justo castiga-lo; mas esteja o sol parado até que se acabe o castigo; para que a ira, posto que justa, do vencedor não passe os limites de um dia. Pois se este é, Senhor, o termo prescripto de vossa lei: se fazeis milagres, e taes milagres, para que ella se conserve inteira, e se Josué manda calar e emmudecer o sol, porque se não queixe e dê vozes contra a continuação de sua ira; que quereis que diga o mesmo sol, não parado nem emmudecido? Que quereis que diga a lua, e as estrellas, já cançadas de ver nossas misérias? Que quereis que digão todos esses céos criados, não para apregoar vossas justiças, senão para cantar vossas glorias: *Celi enarrant gloriam Dei*?

Finalmente, benignissimo Jesus, verdadeiro Josué, e verdadeiro sol, seja o epilogo, e conclusão de todas as nossas razões o vosso mesmo nome: *Propter nomen tuum*. Se o sol estranha a Josué rigores de mais de um dia, e Josué manda calar o sol, porque lh'os não estranhe; como pôde estranhar vossa divina justiça, que useis connosco de misericordia depois da execução de tantos e tão rigorosos castigos, continuados, não por um dia, ou muitos dias de doze horas, senão por tantos e tão compridos annos, que cedo serão doze? Se sois Jesus, que quer dizer Salvador, sede Jesus, e sede Salvador nosso. Se sois sol, e sol de justiça, antes que se ponha o deste dia, deponde os rigores da vossa. Deixai já o signo rigoroso de leão, e dai um passo ao signo de virgem, signo propicio, e benéfico. Recebei influencias humanas, de quem recebestes a humanidade. Perdoai-nos, Senhor, pelos merecimentos da Virgem Santissima. Perdoai-nos por seus rogos, ou perdoai-nos por seus imperios: que se como creatura vos pede por nós o perdão, como mãe vos pôde mandar e vos manda, que nos perdoeis. Perdoai-nos enfim, para que a vosso exemplo perdoemos; e perdoai-nos tambem a exemplo nosso; que todos desde esta hora perdoâmos a todos por vosso amor: *Dimitte nobis debita nostra, sicut et nos dimittimus debitoribus nostris*. Amen.

havia na terra outro refresco, senão o que nos dous dias precedentes elles tinham experimentado, e com esse estava apparelhado para os receber a qualquer hora que viessem: ouvida a resposta, levárão ferro no mesmo dia, e se forão na volta do Norte.

Em um e outro encontro se achárão os nossos Padres; no primeiro, os que residião na villa, no segundo dous, que em companhia do capitão Salvador Corrêa vierão do Rio de Janeiro; e assim uns como outros não faltárão nem á guerra, nem aos soldados antes della. Tambem os que residião nas aldeas, no ponto que souberão, o que passava, se partirão com os Indios a toda a pressa, posto que já quando chegou este soccorro, como a jornada é comprida, não foi necessario; em uma destas aldeas foi Deus servido levar para si o irmão Antonio Fróes, estudante, com uma morte mui repentina, porque andando achacoso o achárão morto.

Sentio-se geralmente esta morte por ser assim apressada, mas muito mais sentida fôra, se o irmão não andára bem apparelhado, como andava; além de que em toda sua vida foi mui edificativo, e resignado na obediencia; e já pôde ser, que por obedecer lhe viesse esta morte, causada das chuvas, passagens de rios, e outros muitos trabalhos que naquella residencia, onde pelos superiores fôra posto, continuamente padecia. Falleceu no anno de 1625, de idade de vinte e seis annos com oito de Companhia.

MISSÃO DOS MARES VERDES.

Os Indios Paranaubis, que em nosso vulgar idioma, é o mesmo, que Mares Verdes, forão buscados por muitos annos, assim dos nossos Padres Portuguezes, como de outros, sem serem achados, senão neste tempo, em que chegada já sua hora, descêrão para a igreja: são em numero perto de quatrocentas e cincoenta almas, gente bellicosa, valente, bem disposta, bem assombrada e de bom entendimento.

Vivião cento e trinta leguas mettidos pelo sertão, e por isso de poucos conhecidos: achára-os ha pouco tempo um Padre nosso, e tinha alcançado dellas palavra, que vindo em sua busca o acompanharião. Intentou-se a missão por varias vezes, mas sem effeito até que finalmente o houve; não faltárão para os impedir grandes difficuldades, não só antes da partida, mas tambem estando já pelo sertão dentro; porém com o favor de Deus, que queria a salvação daquellas pobres almas, todas e algumas milagrosamente se vencêrão.

Foi a viagem parte por rio, parte por terra, de um mez, com mais trabalho, e enfadamento, do que alguém pôde imaginar, por ser o caminho de terra igualmente trabalhoso, que perigoso o do rio. Chegárão os dous Padres, e forão de todos recebidos com grandes signaes de amor, e alegria, e providos de todo o necessario, que é cousa digna de espanto achar tal humanidade em gente selvagem, e barbara, cuja gloria está posta em matar, e comer seus inimigos, uns dos quaes erão os Indios companheiros dos mesmos Padres, e isto accrescenta mais a maravilha, e exalta mais a Omnipotencia.

Tres dias depois da chegada, tendo-se ajuntado a gente, que com o mesmo capitão andava espalhada á caça, se lhe propôz que se lembrassem da palavra que tinham della, e para mais os mover lhe fallarão cinco Indios christãos dos nossos com tanto espirito, que bem se via serem movidos do Divino, o qual queria converter aquelles barbaros, e para isso lhes dava tal efficacia de palavras e tão Divinas.

Acabada a pratica respondeu o principal, que elle estava prestes para guardar a palavra, e desceria com toda sua aldeia; e para mostrar que assim o determinava, deu um signal manifesto, e foi, que estando cingido com uma facha larga, de que pendião muitos fios, cobertos de continhas pretas, com os dentes dos Tapuyas, que elle matára em remate, esta apresentou aos Padres, como peça de maior estima, dizendo: esta me ordenou, que fizesse Araroha (que é um dos feiticeiros, que elles venerão, como a Deus) para que matasse muitos Tapuyas, que tenho mortos dez e alcançados dez grandes nomes.

Outras semelhantes peças trouxerão alguns de maneira, que claramente se via, como pouco a pouco ião renunciando *omnibus pompis diaboli*. Começarão logo a se apparellhar para a jornada, indo com grande festa uns a fazer mantimentos, e outros ao mato a lavar canoas necessarias para o rio, e capazes de toda a gente. Emquanto nos apparelhavamos foi a aldeia molestada de muitas doencas, que particularmente davão nas crianças, e taes, que muitas morrerão, as mais dellas baptisadas, e outras chegarão ao ultimo, e quando estavam nestes termos as trazião as piedosas mães aos Padres, para que elles lhes déssem saude; e o que é mais para dar graças á Divina Bondade, não se arrependêrão com isto, nem lhes vir ao pensamento, que aquelle mal se lhes pegava dos nossos, como é provavel se pegou, antes daqui tomárão occasião para terem suas terras por mui doentias, e as deixarem mais depressa.

Em um mez que aqui houve de detença, forão os nossos tractados sempre dos Indios, e venerados como homens vindos do céu: exhortavão-se uns aos outros com prêgações de dia e de noite, e que se viessem com elles, e confiassem nelles muito, porque erão homens santos e seus libertadores. Perguntavão-lhe depois de os ver dizer missa, que lhes dera Deus a sentir acerca da partida, tendo-os por homens, que tractavão com o mesmo Senhor familiarmente; e muitas vezes, quando no terreiro da aldeia passavão rezando suas oras, vinhão logo alguns delles alli varrer e alimpar o lugar por onde elles andavão; este respeito lhe tinham.

Posto a ponto tudo o necessario para a partida, fez o principal uma pratica a todos, exhortando-os a que o seguissem, com o que se animarão muito: puzerão fogo ás casas, e começarão a caminhar sem mostra alguma ainda pequena de tristeza, por deixarem sua patria, antes com muita alegria, porque livrando-se della, se livravão das mãos do demonio, do qual entendião, que erão perseguidos, e ao mesmo attribuião as doencas, que na aldeia padecêrão, depois da chegada dos Padres, dizendo, que o mesmo demonio se queria vingar, porque se apartavão delle.

Assim como elles o entendião, era na verdade, porque trabalhou muito

o inimigo para os fazer tornar atraz, pondo-lhe adiante os perigos do rio, o comprimento e aspereza dos matos, e caninhos, e outras difficuldades, que elle lhes sabia formar na phantasia; mas logo estas sombras com as razões dos nossos se desfazião, e elles ficavão quietos e consolados.

Postos a caminho começaram a sentir òs trabalhos rigorosos, e perigosos delle, porque o rio é de grandeza e velocidade estranha, mórmente nas cachoeiras, onde estreitando-se a corrente entre precipícios de pedras vai tão arrebatado, que não bastava muito numero de gente com cordas, para ter mão nas canôas e vencer a força impetuosa das aguas, e por esta causa escapárão muitas das mãos, e se fizerão em pedaços, e outras se virárão como foi uma, em que vinha um dos Padres, que correu perigo evidente de se afogar, mas todos escapárão com vida, mais por milagre do céu, que por industria dos pilotos, cuja arte em semelhantes passos não tem lugar.

Não erão nestas cachoeiras menor enfadamento o carregar e descarregar as canôas tantas vezes, quantas ellas erão, e erão muitas, e passar ás costas os duentes e velhos; e vez houve, que foi necessário para evitar um perigo, levar por terra grande espaço as mesmas canôas, que erão quarenta. A estes enfadamentos se ajuntava a falta de todo necessario, que com ser sempre muita nestas missões, nesta foi mais, que ordinaria, até que emfim chegarão todos com saude, e alegria á aldêa dos reis Magos, residencia desta Capitania do Espirito Santo, donde os Padres tinham partido; mas como achárão esta aldêa infestada de bexigas, ateou-se a peste della nos novamente convertidos, e pouco a pouco começaram de morrer; tendo porém todos recebido o santo baptismo, e muito poucas horas antes da morte com certa probabilidade, que o Senhor, o qual por tantos trabalhos os trouxera á sua igreja, lhes daria gloria mais depressa, do que elles poderão imaginar.

COLLEGIO DA CAPITANIA DE PERNAMBUCO.

Entre os outros, que o Senhor visitou com doenças neste collegio, levou para si ao Padre Manoel de Sá, coadjutor espiritual, fornado em setenta e dous annos de idade, cincoenta e dous dos quaes vivera na Companhia. Quão bem gastados estes fossem dá bom testemunho o grande exemplo de suas virtudes; entre todas resplandecia nelle com avantajado grão a caridade, a qual se não estreitava dentro dos limites da religião, nem só se lembrava daquelles com que tractava, mas estendia-se a todos, particularmente aos pobres, para soccorro dos quaes, movido de sua inclinação piedosa, ajuntava pela terra esmolos, dando com ellas a uns o comer, o vestido a outros, e remediando a todos.

Mas se era grande o cuidado, com que acudia ás necessidades corporaes dos proximos, com muito maior se empregava nas espirituaes, sendo o primeiro nas confissões, perseverando com incansavel fervor muitas horas neste santo exercicio; e o que mais é em tempo, que já os annos o desobrigavão deste trabalho, e as intensas dores da sua enfermidade bastantemente o escusavão.

Acompanhou á este Padre na jornada do céu; o irmão Jeronymo de

Côrte Real, estudante, natural de Angola, a quem na primavera de seus annos, que não erão mais de dezenove, e dous e meio de Companhia, cortou o fio a morte com universal sentimento do collegio, e de todos, por se murcharem tão em breve as flôres, do que ao diante se esperava copioso fructo, porque era excellente na lingua latina, e na de Angola, tão necessaria, como proveitosa nestas partes, mas deu-lhe Deos, (que tal é a sua liberalidade), antes do trabalho a paga.

Tambem falleceu o Padre Salvador Coelho, natural da Bahia, professo de quatro votos, que tendo gastado religiosamente quarenta e um annos nos ministerios da Companhia, em dia de Nossa Senhora dos Prazeres, de quem era particular devoto, o chamou Deos para gozar os da gloria, que em cincoenta e oito annos, que vivera, tinha merecido; fez grande fructo nas almas com as suas pregações; disto forão testemunhas as lagrimas, com que muitos chorarão a perda de tal apostolo, que assim lhe chamavão.

Fez lhe grandes honras o prelado da administração de Pernambuco com toda a sua cleresia; entrarão pelo collegio, e o trouxerão com tochas do seu cubiculo á igreja, onde lhe cantarão um officio com toda a solemnidade, e pompa poucas vezes vista, nem praticada com os da nossa profissão e instituto.

Com ser grande o fructo, que dos pulpitos, e confessionarios tirão os nossos naquella Capitania, não é menor o que das praticas familiares se segue, pelo que de um e outro apontaremos alguns casos mais notaveis; travou o inimigo commum da paz, uma discordia de que se temião grandes dissensões, e damnos, por serem as partes homens ricos e poderosos; erão já passados seis mezes, mas não se apartava de seus corações o odio, antes como em materia bem dispasta, cada vez mais se ateava este fogo sempre infernal, e sempre prejudicial á a'mas.

Sabendo isto um dos nossos, logo acudio com toda a pressa, antes que se levantasse maior incendio, e apagado com o favor Divino, por sua boa industria, deixou em seu lugar, o que Christo Nosso Senhor trouxe á terra; entre outros se levantou uma demanda grossa, e como a ambição se acompanhe sempre do odio, seguirão-se daqui grandes inimizades: buscárão meios para as atalhar alguns bem intencionados, interpôz-se a autoridade de muitas pessoas graves, mas tudo em balde; até que finalmente entrou um da nossa Companhia no negocio, e lhe deu o fim desejado, que tanto mais vale para mover corações a caridade religiosa, que a autoridade mundana.

Mas com ser tanta a diligencia, que os obreiros de Christo põem em arrancar a cizania semeada pelo inimigo, comtudo não desiste antes com diabolica astucia, então busca novas traças, e quanto mais perseguido, mais sagaz: bem se vio isto em dous casados, entre os quaes forão crescendo tanto os desgostos de parte a parte, que se vierão a apartar de todo, sem bastarem rogos de alguns, para que tornassem a antiga e devida amizade; mas persuadidos com a boa razão e conselho de um nosso, se reconciliarão, como tambem o fizerão outros dous em semelhante caso, e em outros differentes, se fizerão muitas amizades.

Em dia do Santo Padre Francisco Xavier, veio á nossa portaria, guiado, como elle disse, pelo mesmo santo, um peccador tão esquecido, e descurado até então da vida eterna, quão cuidadoso e lembrado da presente : daquella nenhum caso fazia, para esta deitava largas contas, e não fazendo nenhuma da que havia de dar a Deos, naquellas se empregava, emprego certo para a morte eterna.

Mas agora já todo mudado e contricto se confessou geralmente, largando e grande peso dos peccados de toda a vida, que pouco a pouco o ião abyssmando no inferno. A este imitárão outros tres, que tendo-se uma vez apartado da graça Divina, reteídos pelo demonio no peccado, com os que tinha enlaçado, não buscavão guia para o céo; porém buscados e guiados pelos nossos, e recuperada com a penitencia a antiga amizade de Deos, tornárão ao caminho da sua salvação.

Além disto, como o bem dos Indios da terra é o principal fim da nossa Companhia nesta provincia, se procura mui déveras ajuda-los no corporal e no espiritual, que de ambos são igualmente necessitados. Daqui nasceu que os da aldêa de Uná, os quaes estavam encarregados a um sacerdote secular, que os não ajudava como elles desejavão, vierão tomar o Sr. governador por terceiro, para com o Padre reitor, que lhes dêsse Padres, para residir na sua aldêa.

Alcançou Sua Senhoria, que fossem lá dous nossos em missão, e ficarão tão captivos do seu bom tracto, e conversação, que logo despedirão o clérigo, e tornárão segunda vez a pedir residencia de Padres, mas como o segundo despacho fosse semelhante ao primeiro, replicarão, e repetirão a mesma petição tantas vezes, que finalmente visto seu fervor, e perseverança se lhes concedeu a residencia, que pedião.

O que effectuou, e concluiu de todo este negocio, foi a resolução com que todos protestavão de se tornar para o sertão, se ficassem frustrados do seu intento. Assaz tristes e pensativos andavão os pobres, emquanto não tinham o despacho desejado; mas tanto que o tiverão se deslizerão em festas e alegrias, e vendo os nossos, sahio em procissão a aldêa toda com musicas e danças a seu modo a recebo-los, como triumphando da victoria que tiverão em os alcançarem.

Não forão só estes os que movidos da caridade dos Padres, e zelo de se aproveitarem delles, os pedirão, tambem os da aldêa de Nossa Senhora da Assumpção em Tubueramá, tanto que souberão serem chegados alguns Padres, dos que a furia Hollandeza lançára da Bahia, parecendo-lhe esta occasião boa para alcançar o que á tanto tempo desejavão, forão-se logo ao collegio e pedindo-os lh'os concedêrão com muita consolação sua.

Porém assim como facilmente os tiverão, facilmente os perdêrão, porque recuperada outra vez a cidade, se tornárão á sua antiga estancia : foi tanto o sentimento que os Indios tiverão com sua ausencia, tantos os rogos, com que os tornárão a pedir, que foi necessario para sua consolação condescen'ler com elles; mudando os da aldêa de S. Miguel a estancia para a de Nossa Senhora de Mecugé por algum tempo, imaginárão os de S. Miguel, que os deixavão para sempre, acudirão ao collegio mui quei-

xosos por varias vezes, allegando sua justiça com tanta instaccia, que como possuidores forão restituídos á antiga posse, e se lhes concedeu com grande alegria sua a residencia dos nossos, como de antes; e ficarão os outros de Nossa Senhora, como sempre estiverão, ainda que assaz sentidos e magoados de não terem sempre comsigo os Padres, que tanto amão.

Este amor mostrarão elles bem agora na revolta dos Hollandezes; tanto que em Hollanda souberão, que tinham por sua a Bahia, logo tractarão de soccorro, e mandarão com a maior pressa que puderão trinta e tantas velas, como já disse acima, mas a nossa armada foi Deos servido, que andasse, e chegasse mais depressa, e assim quando os Hollandezes chegarão ao porto, acharão outro maior poder, pelo que virando na volta do Norte desesperados já da do Salvador, e de Todos os Santos, surgirão na bahia da Traição para aguada, tendo primeiro intentado entrar na cidade da Parahyba, mas sem effeito, por andar o tempo verde, os mares grossos, e a barra ser infestada de baixos sabidos, nos quaes ainda que navios pequenos nadem, as náos grandes, como erão as dos inimigos, não podião deixar de tocar.

A esta bahia acudirão os nossos, que poderão, e se intrincheirarão em parte, para impedir o passo ao inimigo, que já tinha gente em terra, e tanto que desembarcárão, procurarão logo em primeiro lugar a amizade dos Indios, e alcançarão de algumas aldéas, mas nenhuma dellas estava a nosso cargo, nem dos da nossa Companhia, porque nos fez Deos particular mercê, que todos os Indios da nossa doutrina fossem fidelissimos.

Desembarcados que forão os Hollandezes com os Indios amigos, todos juntos, formado esquadrão, começarão a marchar com desenho de tomar algum refresco de carnes; mas sahio-lhe mui ao contrario, porque rebatidos dos nossos forão obrigados a se recolher com perda de alguns dos seus. tanto que disto teve noticia o Sr. governador, veio com toda a diligencia a este collegio pedir os Indios, e religiosos, para soccorrer esta necessidade por terra, em quanto mandava o governador do Maranhão por mar.

Ordenou logo o Padre reitor a dous Padres, e um delles mais exercitado na lingua, que se partissem a toda a pressa em companhia dos Indios, os quaes se convidavão uns aos outros para irem pelejar por nossa santa fé, em companhia de seus Padres, e padecer os mesmos trabalhos, que elles padecião; e não forão estes poucos, por ser no coração do inverno.

Chegarão com quatrocentos frecheiros ao nosso arraial, mas nunca se offereceu occasião de provar forças com os Hollandezes; porque dahi a poucos dias levárão ferro e derão á vela, porém receiando-se que o Gentio rebelde, tornando para a sua serra do Copacoba fizesse algum damno, pareceu bem castigar sua deslealdade.

Arremettêrão os nossos com os rebeldes ás frechadas, resistirão elles em o principio com igual valor, mas como as nossas frechas ião guiadas pela razão, sempre acertarão mais e fizeram grande estrago no inimigo; não obstante serem estes e os nossos da mesma nação, e muitos de estreito parentesco, porque o capitão da aldéa de S. Miguel, de tres tios, que tinha

da parte contrária, deixou dous mortos: tanto estimarão a fidelidade, que a antepuzeram ao proprio sangue.

Notavel foi tambem o animo, que mostrou outro Indio capitão, em um caso extremado de tres Indios rebeldes, os quaes amotinavão os das nossas aldeas: vinhão elles ao que parece, mandados de proposito, espalhando fama, que a Bahia, Pernambuco, e Parahyba estavam destruidas, e com este engano procuravão persuadir os nossos, que se rebellassem: ouviu-os o Indio capitão de uma nossa aldeia, e vendo-se só dissimula tendo-os de olho a todos tres, e depois que se vio acompanhado dos seus, prende logo a todos tres, entrega dous ao capitão portuguez da fortaleza do Rio Grande, e manda enforcar o terceiro, (parece que lhe achou mais culpa, para que com a morte pagasse o alvitro de semelhantes novas, mostrando no effeito a lealdade devida a seu Deus, rei, e a boa doutrina, que dos Padres aprendêra.

Quando os Hollandezes, depois de renderem a cidade da Bahia, começaram com raiva heretica, e desatinada a quebrar as imagens dos santos, como já dissemos em seu lugar, forão-se á sacristia do collegio, arremetêrão a um grande e devoto crucifixo, que nella estava, e arrastando o lançarão de uma varanda abaixo, cahio em terra, quebrou-se a cruz de páo, e com a força do golpe, se desfez em pedaços, e a sagrada imagem (cousa maravilhosa) que não era de outro material mais forte, antes mais fraco, ficou tão inteira, como se a terra dura, em que cahio, estivera alcatifada de colchões, e brandos coxins.

Aqui esteve jazendo dous dias á falta de quem o levantasse; nem faltou quem levado de uma furia mais que heretica, e infernal lhe lizesse mil injurias, até que enfim quiz o libertador dos homens, que um homem o fosse seu; passarão por alli acaso dous soldados portuguezes, um delles movido de compaixão, deita-se com piedade christã aos pés de seu Deus, toma-o nos braços com muitas lagrimas, e suspiros, envolve-o em uma capa de baela, passa-se com elle ao lugar onde se recolhe, soffrendo mil injurias e ouvindo mil blasfemias dos hereges.

Parece, que nos quiz o Senhor dar a entender com o luto da baela, o muito sentimento que tinha dos nossos peccados, pelos quaes eramos justamente castigados, e elle quasi obrigado a deixar as igrejas e altares, em que o veneravamos. Dalli a alguns dias, offerecendo-se embarcação para Pernambuco, embarcou-se o soldado levando consigo o Senhor: chegou, e tanto que a terra soube do grande thesouro, que em si tinha, não se pôde facilmente explicar o alvoroço e devoção, com que todos desejavão de o ver e venerar.

Foi depositado na casa da Santa Misericordia, emquanto se lhe restituia a sua cruz, e na primeira dominga de Julho o levirão em procissão com grande solemnidade ao nosso collegio, onde foi collocado na capella de Jesus; prégou o Padre reitor com grande abalo do auditorio, e em razão da guerra estava na villa então junta gente de todas as partes, que concorreu toda, e por isso foi o maior concurso, que de muitos annos aesta parte se vio na terra.

Determinou logo o prelado da administração de Pernambuco, á petição de muitas pessoas do respeito, que esta tão assignalada mercê, se gratificasse a Nosso Senhor, dizendo-se ao santo Crucifixo todas as sextas-feiras daquelle anno uma missa cantada, para o qual effeito se elegêrão por mordomos quatro homens graves, os quaes se tiverão por muito ditosos em serem os primeiros no serviço de tal Senhor: agora com a nova confraria e indulgencias, que Sua Santidade concedeu, se continúa a mesma devoção com grande fervor.

Pareceu conveniente vir de Pernambuco em soccorro da Bahia uma não, e por capitão della Jeronymo Cavalcanti de Albuquerque. O mesmo capitão em pessoa foi ao collegio pedir com muita instancia alguns Padres, que fossem em sua companhia, com o que irião seus soldados, e elle muito mais animados para qualquer encontro, que succedesse: concederão-lhe um Padre e um irmão; e não se enganou o homem, porque indo na volta da Bahia achou uma não hollandeza de maior porte, que a sua, travarão-se ambas e pelejarão das 6 horas da manhã até ás 5 da tarde: no tempo da briga acudia o Padre no espiritual a todos, confessando-os e animando-os com um Crucifixo nas mãos; e o irmão que entendia bem da cirurgia, se occupava em curar os feridos, e em lhe acudir com o comer necessario para se esforcarem.

Succedeu aqui um caso milagroso, e foi que poz o Padre na camara da pópa uma reliquia do Santo Padre José de Anchieta, e sendo assim, que todos os pelouros que derão nas outras partes da não passarão fazendo muito damno, e matando alguns, quantos derão no lugar onde estava a santa reliquia, resvalarão por fóra sem prejuizo da não naquella parte, e das vidas, dos que na mesma estavam, antes dando um de mosquete no peito desarmado de um soldado, lhe cahio aos pés: tudo se attribuiu com muita razão aos merecimentos do santo Padre Anchieta: sua canonisação se deseja, e espera com grande alvoroço de toda esta provincia, assim dos de casa, como dos de fóra; e não duvidamos de haver de ser um grande meio para uns se emendarem, e outros se melhorarem: a este fim ajudou tambem muito a beatificação do santo Padre Francisco de Borja, a qual se celebrou neste collegio de Pernambuco no anno de 1625, com a solemnidade que pôde ser, de vespas, missa cantada, prégação, jubileu, muitas confissões, communhões, e tambem houve algumas luminarias.

Nos outros dous collegios da Bahia, e do Rio se fez quasi o mesmo, e pelo menos houve em ambos vespas, missa cantada e prégação. Isto é o que me pareceu referir a Vossa Paternidade destes dous annos, depois de se fazerem todas as diligencias possiveis para tirar a limpo a verdade, que as guerras de ordinario, não só pretendem esconder, mas sopeão e atropellão tudo. Peço a santa benção, e santos sacrificios de Vossa Paternidade.—Bahia, 30 de Setembro de 1626.

Por commissão do Padre vice-provincial. Filho indignissimo em Christo, de Vossa Paternidade.—Antonio Vieira.

DESPEDIDA DO PADRE ANTONIO VIEIRA.

O Padre Vieira, depois de sua longa peregrinação por entre os Indios do Brasil, despedio-se delles com o *soneto* seguinte, que extrahimos das *Vozes Sandosas*, na parte que corresponde a Voz Metrica.

Humildes valles, levantados montes,
Incultos bosques, verdes arvoredos,
Talhadas serras, asperos rochedos,
Escuros lagos, crystalinas fontes.

Arrebatados rios, firmes pontes,
Vicosos prados, escavados médos,
Sonoras praias, concavos penedos,
Turvados mares, pardos orisontes.

Vou-me, ficai-vos ; não vos digo mais,
Que esta é a cortezia desta terra,
Barbara despedida, ingrata gente.

Mas ai, que já meus olhos dão signaes,
Que outro primor o seu costume encerra,
Que sempre pouco diz, quem muito sente.

NOTICIA DO GOVERNO TEMPORAL DOS INDIOS DO MARANHÃO, E DAS LEIS E RAZÕES PORQUE OS REIS O COMMETTERÃO AOS MISSIONARIOS, E EM QUE CONSISTE O DITO GOVERNO CHAMADO TEMPORAL, QUE EXERCITÃO OS MISSIONARIOS SOBRE OS INDIOS; QUE EXTRAHIMOS DE UM MANUSCRITO INEDITO, REDIGIDO POR BENTO DA FONSECA, NO ANNO DE 1755 (1).

§ 1º Dá-se noticia das repe tidas leis com que os Srs. reis têm concedido e conservado o governo tempo ral dos Indios aos missionarios delles.

Deixadas as muitas leis que houve antigamente o ha ainda hoje para os missionarios dos Indios do Brasil, em que se lhes concede o governo

(1) MEIOS DE DIRIGIR O GOVERNO TEMPORAL DOS INDIOS.

Em uma representação o Dr. Antonio José Pestana da Silva, rico de experiencia, e mais que muito conhecedor dos costumes e viver dos Indios, propóz a el-rei de Portugal em uma luminosa memoria os meios mais convenientes para dirigir o governo dos Indios do Pará. Esta representação manuscrita inedita que temos á vista principia nestes termos:

Não é o interesse, Senhor, que move o meu espirito; o zelo de bom patriota, que se deve empenhar pela gloria da nação; o ardor de fiel, e de christão, que me obriga lastimar-me dos insultos, e damnos da igreja na America Septentrional: esses são os estimulos, que arrancão do meu coração, as vozes e proposições da pura verdade, que com a maior submissão vou expôr a V. Magestade para que pelas benignas e reaes mãos de V. Magestade, cheguem ao throno da soberania. A causa é de Deos ; o seu objecto é a propagação da fé orthodoxa, naquellas terras que estão no dominio Portuguez, e de que dependem os estabelecimentos dos incultos sertões da America para vantagens dos interesses desta corôa.

Pela propria experiencia adquiri conhecimentos de um e outro Estado, quando tive a honra de servir a corôa deste reino nos empregos de ouvidor e intendente-geral dos Indios

temporal delles por evitar extensões, direi sómente as que tem havido para o Maranhão.

A primeira vez que se tractou esta materia da jurisdicção e governo das aldeas dos Indios do Maranhão foi no anno de 1637, em que el-rei Felipe IV, attendendo ao desamparo em que se achavão os Indios christãos, e Gentios daquelle Estado, concedeu ao Padre Luiz Figueira e mais religiosos da Companhia de Jesus o governo temporal dos Indios delle, como tambem a jurisdicção de pai dos christãos, que se pratica na India oriental; e demorando-se o dito Padre em Lisboa, succedeu a feliz aclamação do Sr. D. João IV, o qual confirmando as ditas provisões sobre novas consultas dos seus tribunaes, fez partir ao Padre Luiz Figueira, com dezaseis

na Capitania do Rio Negro, subordinada a do Pará, sendo da minha inspecção a agricultura, e manufacturas do territorio, e provedoria da fazenda (1). Eu vi a meu pesar as justificadas razões com que muitos (2) genios zelosos do serviço de Deos, da gloria portugueza e dos interesses da corda, fizerão chegar as suas vozes, e as suas queixas ao pé do throno dos predecessores de V. Magestade, para se remediarem os damnos do Estado, que ainda não estão atalhados

Depois que no fim do seculo XV, os descobridores molhárão as ancoras nas costas da America, logo com elles entrou a cobiça, e a ambição a fermentar muitas tyrannias á custa do sangue daquelles miseraveis habitantes e senhores do paiz. Sendo a luz do Evangelho um importante e digno objecto da piedade dos senhores reis, e capaz de empenhar os maiores sacrificios, e despezas quasi que a igreja foi pretexto para os primeiros europeos que muito de perto virão aquelle continente. Elles com immensas riquezas fartárão a sua ambição, com o sangue dos Indios saciárão a sede cruel da impiedade, e atraz destes idolos da depravação se enranhárão nos maiores perigos, algumas vezes á custa do proprio castigo. Portugal foi mais bem livrado, mas não de tudo defendido. Hespanha é incomparavelmente muito mais infamada nessa conquista (3) pelos Cortezes, Almagros, e Pissarros.

Desde o pontifice Alexandre VI e seus successores, se enarregárão os principes por uma delegação apostolica e gloriosa, de fazerem plantar na America a verdadeira vinha do Senhor; e á proporção do regio zelo, empenhárão o seu poder, riquezas, e forças, mandando

(1) Cópia da informação e parecer do desembargador Francisco Duarte dos Santos, que sua Magestade mandou ao Maranhão em 1731, para se informar do governo temporal dos Indios e queixas contra os missionarios.

Manda-me Vossa Magestade p. a carta inclusa, que tomando uma exacta informação de que se expõe tanto nas petições que subirão á sua real presença, feitas por Paulo da Silva Nunes, em nome das comarcas e moradores deste Estado, como nas representações em resposta se fizerão por parte dos missionarios, dê conta do que achar, interpondo o meu parecer depois de ouvir uns e outros por escripto.

As petições dos moradores, comprehendem dous assumptos. O primeiro e principal pela sua grande importancia, se termina a que Vossa Magestade mande observar como lei tomada em junta de missões um assento no tempo em que governou este Estado Bernardo Pereira de Berredo, no qual se accordou que attendendo-se a não bastarem os Indios das aldeas para o serviço real e dos moradores, e que a estes para se remediarem e poderem viver, obriga muitas vezes a necessidade, a fazerem nos serlões frequentes desastinas, e deploraveis insolencias que não é possível reprimir, seria util permittir-se que se possão descer com modo e força para as fazendas dos mesmos moradores os Indios bravos, que não se sujeitando a rei ou a superior, nem vivendo em forma de republica, atropellão as leis da natureza, não se rendendo aos seus ditames. Os motivos que deduzem para este fim são os seguintes:

(2) Basta que se vejão as muitas representações e cartas do zeloso Padre Antonio Vieira, que consta estarem na bibliotheca real; e da vida do mesmo, escripta pelo Padre de Barros in f. da Impressão. Olisipon em 1743.

(3) Veja-se a historia ecclesiastica da America, por Mr. Jurón, seguindo a Bartholomeu de las Casas; outros muitos, e assim o sente, e persuade expressamente a bulla de Benedicto XIV de 20 de Dezembro de 1741, expedida para as igrejas da nossa America no reinado do Sr. D. João V.

companheiros, em companhia do governador Pedro de Albuquerque, no anno de 1642, para o Maranhão.

Não teve effeito por então esta jurisdicção, porque permittio Deos, por seus altissimos juizos, que o Padre Luiz Figueira, com a maior parte dos dezaseis companheiros, acabassem a vida na barra do Pará: parte naufragados, e parte comidos barbaramente pelos Indios Aroans na Ilha de Joannes.

Dez annos depois no de 1652, partiu deste reino para o Maranhão, o grande Padre Antonio Vieira com doze companheiros. Concedia el-rei ao dito Padre as mesmas provisões que se tinham concedido ao Padre Luiz Figueira, as quaes o dito Padre por então não quiz accitar, e só aceitou a pro-

operarios satisfazer a santa commissão de dilatar o gremio da igreja, e propagar á fé, como de direito divino é incumbido e intimado aos ministros da religião. (1)

Por todos os lados a ambição tem feito ataques perniciosissimos, e de que a tyrannia tem sido resulta funesta; por cuja razão naquelle continente, não tem sido maiores, progressivos os triumphos do Evangelho. Não tem concorrido menos a falta de desvelos: a inação, e desmazelo dos genios; as intrigas de opposição, e contestações dos governadores, dos capitães-móres, dos ministros e dos missionarios; sendo causa da desordem a necessidade de uns e a cobiça dos outros; opprimindo-se os Indios com injustiças e vexações que tem escandalizado a humanidade (2).

Por este principio se diminuiu a população, depois de se conhererem naquellas terras os estandartes da nação Portugueza, e o dominio dos senhores reis fidelissimos. Os Indios se retirarão para mais longe, e para os vastos e enbrenhados bosques do sertão, afugentados dos crueis exemplos de que tinham noticia, que soffrião os seus parentes e nacionaes. Os que se tinham reduzido, e aggregado ao gremio da igreja, ou acabavão e morrião debaixo do peso de enormes trabalhos, ou apostatavão fugindo para os seus antigos ritos, e commercios, amparando-se da distancia (3) e dos seus compatriotas.

Os fugidos levavão consigo as noticias do seu mau tracto, das fomes, das oppressões, dos trabalhos, e da escravidão a que erão reduzidos: estas noticias enchião de horror os mais Gentios, que inspirados pelos sentimentos da natureza, aborrecião a communicação de nós outros que os buscavamos (4). Por este modo se difficultou a grande facilidade com que se

Que sendo os sertões deste Estado abundantes de generos, e drogas, estimaveis pela sua preciosidade, se não utilisão os supplicantes desta riqueza, pela falta dos servos e operarios, de que procede viverem atrazados nos cabedões. Que a fazenda real tambem e prejudicada, pois seria maior o seu rendimento se os supplicantes se augmentassem em grangearias e lavores. Que autorizado o sobredito assento se extinguirão os supplicantes da necessidade de captivar injustamente Tapuyas, de que resulta serem castigados na forma das leis estabelecidas contra os réos desta desordem, que a maior conveniencia será dos Indios, porque se melhorão no espirital e temporal. Que os missionarios e principalmente os Padres da Companhia se oppõem por seus particulares interesses a que Vossa Magestade facilite o descimento dos Tapuyas.

A câmara desta cidade, e a do Maranhão firmão e renovão a mesma supplica nas respostas que remetto.

Por parte dos missionarios se responde que as nações dos Indios em que se achão os vicios apontados nas leis de Vossa Magestade para se poderem descer por força, são rarissimas, e mui ferozes, e que approvando Vossa Magestade o assento da junta das missões succederá o mesmo que se experimenta no procedimento da guerra, na qual a nação contra quem se des-

(1) Juan, cap. 10 e 12. AA. Apost. 10, e 13 S. Pau. L. 1ª ad corinthi 9º Tertulian. Liv. 4º adversus Marcion. Cap. 43. Marc. et Math. Cap. ult. S. Bern. ad Eug. Lib. 3º de consider.

(2) Assim lamenta o Padre Vieira na sua carta de 6 de Abril de 1654, ao Sr. rei D. João IV, e noutra de 4 de Abril do mesmo anno, e na de 6 de Dezembro de 1655, e na de 20 de Maio de 1653: todas se achão na bibliotheca real.

(3) O sobredito Mr. Turon em muitos lugares, e o referido Vieira na carta de 4 de Abril de 1654, e terminantemente no § 3º, e o alvára de 10 de Novembro de 1647, no seu preambulo, e a lei de 4 de Março de 1697.

(4) O mesmo Padre Vieira no seu voto sobre as duvidas dos moradores de S. Paulo, acerca da administração dos Indios, com a data de 12 de Julho de 1691: que está na bibliotheca regia.

visão que traz impressa Berredo, nos Annaes Historicos folhas 423, em que lhe ordenava tomasse á sua conta todas as christandades dos Indios, deixando á sua eleição os tempos, lugares e modos, com que se haviam de fazer as missões, e estabelecer as aldeas. Chegando o Padre Vieira ao Maranhão, intentou entre outras duas missões, uma no Maranhão no rio Itapicurú aos Indios barbados, outra no Pará no rio Tocantins aos Indios Poquiguaras. Nem uma, nem outra teve effeito, por impedimentos que lhe puzeram os capitães-móres, e governadores do Maranhão e Pará.

Nesta afflicção se resolveu o Padre Vieira, a voltar á côrte, á representar a Sua Magestade os impedimentos que experimentava na reducção daquellas

podia dilatar a igreja, pois havendo muitos milhares de Indios, e muito facéis de se persuadirem, e muito docéis para abraçarem a crença orthodoxa, sendo affligidos e irritados com perseguições, não tiveram constancia para soffrerem, e para se entregarem ao incommodo vindo quebrada a boa fé das promessas, e das convenções que lhe haviam sido feitas (1).

No meio de semelhantes contradições não quiz Deos desamparar o pequeno rebanho daquella igreja nascente, bem como a não desamparou nos primeiros seculos apezar das perseguições dos Caligulas, dos Néros, e Deoclecianos, até a paz universal, no tempo de Constantino e principios do seculo IV.

A Providencia reservou alguns missionarios, cuja probidade, bons costumes, doutrina, e exemplo seguravam a todo o custo o amparo do Gentio convertido, de quem gravavam o amor com allino, e preferencia aos trabalhos, e as injustas vexações de serviços, tendo elles igual, e muito maior respeito ao nome de Sua Magestade (2).

Por estas e outras desolações ficariam as terras sem permanentes lavours, sem agricultores, sem meios para remir a fome, e sem adiantados, e firmes estabelecimentos. (3) Os que governavam, antes querião aproveitar-se de cincoenta Indios nos seus serviços, do que disporem e prevenir lavours e roças para quinhentos, que houvessem de vir, e descer dos sertões. Elles se não embarçaram com a ruina espirital dos que morrião nas trevas, e com que prejudicavam ao estado politico, porque se interessavam com o lucro dos poucos que vexavam: assim clamou o discreto e zeloso Padre Antonio Vieira, escrevendo á Magestade do Senhor rei D. João IV (4).

Estas são sem controversia, as razões porque não crearam raizes os primeiros estabelecimentos do paiz. A falta de moderação e da caridade, fez extinguir os meios da subsisten-

tina é a mais bem livrada, porque ordinariamente foge, e as vizinhas e innocentes são as que padecem os estragos. Que o descer por força para as aldeas os Indios que forem réos dos vícios expressidos nas mesmas leis, é um ponto cheio de duvidas, e os escrúpulos, e que estes prevalecerão com superior efflicacia permittindo-se os descimentos para as fazendas dos moradores. Que neste Estado não tem observancia alguma as leis de Vossa Magestade, principalmente as que acautelam as liberdades dos Tapuyas, e que por esta causa os resgate, se não fazem como Vossa Magestade ordena.

(1) que supposto.

Parece que a mencionada supplica, não é digna de apreço porque não vivendo os Indios na sujeição e vassallagem de Vossa Magestade é evidente que estão isentos do seu justo e real poder, e que seria um procedimento cheio de iniquidade e injustiça reduzi-los por força a descerem das suas terras, e empregarem o seu trabalho, e serviço nos interesses de uma republica estrangeira: mormente sendo as condições que se achão estampadas no referido assento oppositas á sua liberdade, por mais que nelle se segure que hão de servir como livres.

A duvida que poderia ter este discurso se destroe por não haver nestes sertões Tapuyas, que estejam independentes da denominação de principal ou governador, e em que se verifiquem os vícios, e defeitos apontados no assento que se pretende confirmar, o que attestam os depoimentos do summario incluso.

Sendo pois certo que os Indios não podem ser compellidos a deixarem as terras em que habi-

(1) O dito Vieira na carta de 8 de Dezembro de 1655. § 9 e seguinte, e na de 6 de Abril de 1654 no § 24; e o dito Padre Barros lib. 3, § 72, pag. 306.

(2) A sobre-lita carta de 4 de Abril de 1654 § 8, e na de 2º de Maio de 1653 § 15. prope finem, e a de 8 de Dezembro de 1655, no § 6 e 14.

(3) Assim pensa no seu preambulo a lei de 6 de Junho de 1755.

(4) Carta escripta em 4 de Abril de 1654, e no § 5.

christandades. Nesta vinda se expedio a lei de 1655, na qual se diz sobre a jurisdicção e governo dos Indios o seguinte :

Hei por bem que nenhum governador ou ministro, occupem nem repartição Indios, nem ponhão capitães nas aldeas, antes as deixem governar pelos parochos e principaes da sua nação.

Nomeou tambem neste anno el-rei por governador do Estado, a André Vidal de Negreiros, tornando a unir o governo das duas Capitánias, e no regimento que lhe deu, e é o que hoje praticão os mais governadores, lhe ordenou no cap. 44 do dito regimento o seguinte :

Ao mesmo serviço de Deos e meu, convém que os Indios de todas as

cia dos vindouros; como se Deos quizesse punir a ingratidão de uns possuidores que abusavam da sua primeira intrusão, sendo aliás abraçada e querida. Os piratas e as tempestades foram instrumentos da vingança justa, ficando muitas riquezas no golfo dos mares (1).

Eis aqui a terrivel situação em que se puzerão os descobrimentos do Grã-Pará e Maranhão, sem se adiantar, e estabelecer a policia do Estado (2). Os reis predecessores de V. Magestade não perderão de vista o amparar e proteger aquella região, e á proporção dos casos, mudando de systemas, lhe applicarão os remedios, que pela experiencia julgavão competentes e necesarios.

Os mesmos principes com a autoridade da soberania, quizerão satisfazer aos officios da piedade, e aos diversos direitos que são essenciaes á natureza, e caracter de imperantes. A conservação, a tranquillidade, a felicidade do Estado, que são os fins dequella summa preeminencia, e da intrínseca indole da sua constituição, não lhes erão desconhecidos; buscarão saber as raizes do mal que impedião aquelle bem, acharão que a cobiça e tyrannia erão companheiras na desolação. Só por meio de poder legislativo (como persuadem os direitos das gentes, e da natureza) se podião ordenar os verdadeiros usos da liberdade, segurar o repouso commum, unir em harmonia a prodigiosa diversidade de sentimentos, e de inclinações a bem da sociedade civil, e dos interesses publicos, intervindo tambem as regras da execução. Eis aqui as principaes funcções do dever natural da soberania, e do imperio da jurisdicção suprema (3).

Os meios e fins com que se fomentava aquella cobiça, e com que se nutrião as esperanças das riquezas, erão estabelecerem-se fabricas de predios rusticos, com engenhos de fazer assucar, aguardente, feitorias de tabacos, extracções das drogas do sertão com outros trafficos e negociações.

tão, e descerem involuntarios para estas capitánias, e que o serviço que lhes prescreve o mencionado assento respira com uma notoria infracção á sua liberdade, se segue necessariamente que ainda que a falta de escravos, e operarios neste Estado fosse tamanha como os supplicantes segurão, e a sua pobreza maior do que intentão persuadir, não seria bastante toda a força desta necessidade, e miseria a fazer quebrantar a regra do direito natural, e das gentes, e que seria um accordo que excederia os limites da crueldade se se outorgasse a estes moradores poderem remir os seus apertos, e fundar as suas vantagens na oppressão e ruina dos Tapuyas.

Nem a expressão dos supplicantes, emquanto referem, que por falta de escravos, não medirão em cabedades se ajusta com a verdade, se se não medira uma e outra falta pelo affecto da cobiça. Esta cidade se acha actualmente ornada de muitos edificios nobres construidos de poucos annos a esta parte. Os moradores della cujos trages se compunhão de panno, e algodão tinto, e sobressahão em luzimento aos que vestião baetas e chitas, já hoje rompem das melhores drogas que se fabricão nos teares de França e Italia, e eis aqui um argumento da sua pobreza.

Tambem a falta de escravos não é como os supplicantes representão, porque ha neste Estado muitas casas que possuem cincoenta, cem, duzentos, e ainda mais; e destas seria a maior parte se os Indios não fossem tão sujeitos a mortandades, como se experimenta, pois lhes apressa a morte a grande impressão que lhes faz nos animos a mudança de paz, e a quantidade da sua compleição que é nimamente frouxa, e debil, no que se distinguem dos escravos de

(1) Consta das historias, e o lamenta o dito Vieira no seu voto dado á junta, e que se acha na regia bibliotheca.

(2) A lei de 6 de Junho dita, o assevera no referido preambulo.

(3) Burlamaqui, tom. 6, cap. 8. Puffendorf lib. 7, cap. 4. Watel lib. 1, cap. 1. Locke gov. civ. cap. 10 et seg. Mr. Professeur de Felice, tom. 3, lição 5.

aldeas sejam administrados por parochos regulares de uma só religião, e que esta seja a Companhia de Jesus pela muita experiencia que se tem do seu zelo.

Com esta lei e regimento, partirão o governador e o Padre Vieira para o Maranhão no mesmo anno de 1655. Amotinárão-se os povos de sorte, que expulsarião os Padres se o valor e prudencia do dito governador, os não intimidára. No tempo deste governador se fizerão muitos serviços a Deos na conversão dos Indios, e se continuou no governo de D. Pedro de Mello, enquanto este governou o Estado com união e boa intelligencia com o Padre Vieira. Depois de desunido com o dito Padre, aproveitando-se os

Para estas manobras erão necessarios os trabalhos, e quantos mais operarios havião, maiores interesses se amontoavão. Os miseraveis Indios, forão os sacrificados instrumentos daquellas diligencias, e por factos sinistros, e violencias incriveis se captivavão (1) os gentios contra os direitos da sociedade natural e primitiva, e postergando-se as condições da sociedade civil e politica. Até que se denominou o captivo administração; e os senhores se chamãrão administradores.

Para se cohibirem estes males se expedirão os reaes decretos e alvarás (2) que se referem no preambulo da lei novissima, ou sanção de 6 de Junho de 1755, apropriada sómente aos paizes do territorio Americano, e liberdades dos Indios. Ainda assim vencia a iniquidade e a malicia. No reinado do Senhor rei D. João IV, e da feliz restauração deste reino, continuavão os abusos da humanidade, por cuja causa se destruiu a chamada administração pelo alvará de 10 de Novembro de 1647.

Toda a legislação não foi bastante porque no anno de 1655 ainda duravão os captiweiros com infamia cruel dos possuidores. Nas cartas (3) que o Padre Vieira escreveu a Sua Magestade se demonstra esta verdade; na primeira que é de 6 de Dezembro do dito anno se explica assim: «Com esta remetto a Vossa Magestade a relação do que se tem obrado na execução da lei de Vossa Magestade sobre a liberdade dos Indios. Muitos ficarão sentenciados ao captiveiro por prevalecer o numero dos votos, mais que o peso das razões. Vossa Magestade sendo servido as poderá mandar pesar em balanças mais fieis, que as deste Estado, onde tudo nadou em sangue dos pobres Indios, e ainda folgão de afogar nelle aos que desejão tirar do perigo aos mais: contudo se puzerão em liberdade muitos, cuja noticia por notoria escapou das ondas aos julgadores.» Estas palavras parecem dignas de se transcreverem.

Na segunda que é datada em 8 do referido mez e anno, se lastima o dito zeloso Padre da

Angola e costa da Mina, os quaes por serem mais fortes e robustos vivem, e se conservão melhor nestas capitánias, pelo que parece que se se apartasse o sangue dos Tapuyas do serviço deste Estado, e em seu lugar se introduzissem escravos pretos, não só acalmarião as inquietações, que aqui reinão, de que o unico assumpto são os mesmos Tapuyas, mas também sobrogariao interesses temporaes, e espirituaes a estes povos, ainda que ao principio reputarião por dura e fatal, esta inesperada novidade.

Nem era possível que houvesse a penuria dos servos, que os supplicantes intentão insinuar, supposto o barbaro estylo que aqui se observa de reduzir os miseraveis Tapuyas aos vinculos de captiveiro, sem mais titulo ou causa de que o acto de os apprehender, e occupar, que vulgarmente chamão amarrar.

Porque costumão muitos destes moradores que despachão canoas para o sertão carregalas nelle de Tapuyas, que prendem, e occupão por si, se o podem executar a seu salvo, ou por seu influxo, ou dos Tapuyas, a quem os comprão por um limitado preço introduzindo-os nas suas fazendas, e nesta cidade os vendem, e aggregão ao seu serviço com a qualidade de escravos; e porque esta negociação é de maior lucro, que a colheita do cacão e das outras drogas, se applicão muito ao meneio della não se persuadindo a suspender por barbara crueldade a experiencia de que nas referidas amarrações perdem as vezes muitos Indios as vidas, o que succede, quando julgão que têm forças para abater a sobreedita fereza, mas como os engana ordinariamente o desejo de defender a liberdade, pois os não assaltão e acommettem senão

(1) Assim o testemunha o Padre Vieira, e se nota na sua vida pelo Padre Barros lib. 2. § 56.

(2) As leis do anno de 1570, de 1587, de 1609, de 1611, de 1617, de 1655, alem das de 1652 e de 1653, que se refere na do 1º de Abril de 1681.

(3) Achão-se na bibliotheca real.

moradores desta desunião e dissimulando o governador o seu tumulto, lançará fóra os Padres no anno de 1662, prendendo o Padre Vieira e mais companheiros, com as maiores affrontas e sacrilegios que apenas se podem crer.

Chegados os Padres presos a Portugal, no tempo que governava o reino a Sra. rainha D. Luiza, na menoridade do Sr. rei D. Affonso VI, succedeu tomar este a si o governo, e logo fez expedir a lei de 1663 na qual declara, que não tinha havido causa alguma para que os Padres fossem expulsos, e privados das aldêas, antes muitas para que o seu santo zelo fosse alli desejado.

duracão do captiveiro dos Indios não obstante haverem novas leis (1) que franqueavão e repetião a sua liberdade. Reunirão se alguns, e dos resgatados se servirão os missionarios para as embaixadas e justas alliciações dos Gentios. Os da ilha, chamada Joannes, não admittirão as praticas da paz, pelas noticias das injustiças dos Portuguezes; assim tinhão procedido os da nação Guajajarás que retrocederão para os matos; (2) bem como não se alliciarão muitos dos Tupinambás, que habitavão no Rio das Amazonas 300 leguas de distancia, escandalizados do máo trato.

Era tão difficil o evitar-se aquelle abuso, que tendo o dito Vieira adquirido muitos Indios, pela missão que fez ao Rio dos Tocantins, elles se repartirão, e despedaçarão, por onde quiz a cobiça de quem então governava (palavras suas), e ao depois os achou vendidos por captivos (3).

Tantas e tão paternaes providencias se inutilisarão com os pretextos, que escogitou a malicia. A titulo de administração se opprimião os Indios. Elles se repartião pelas pessoas poderosas, sendo violentados para os serviços penosos, sem sustento, sem abrigos, sem vestidos, sem doutrina, sem amparo, e sem caridade.

Separados de suas mulheres; elles, e ellas em máo estado, e os filhos sem terem quem os alimentassem, porque os pais não tinhão tempo para fazerem as suas roças: estando as aldêas por isso em grandissima fome, e miseria; viuhão a morrer os Indios sem lembrança da fé, e da religião, que havião professado, e sem os Sacramentos, por culpa dos ambiciosos administradores que os trazião ausentes e só applicados aos seus interesses (4).

Naquellas destruições ou administrações dos Indios, só tinhão cabimento os ricos; por isso os que não podião agradecer a partilha, morrião de fome, de miseria e desamparo (5).

Para se atallar este damno, e desordem das administrações, fez o Senhor rei D. Affonso VI publicar a lei de 12 de Setembro de 1663, tirando tambem a jurisdicção temporal do

com vantagem conhecida, quasi sempre cabe o azar para a sua parte, e se se livrão da morte, não escapão ao captiveiro. Esta execravel impiedade, que tem cobrado forças na frouxidão de muitos, que deverão applicar remedio util de a reprimir, se exercita aqui tão livremente como se fóra um acto de virtude para o que concorre formarem alguns destes moradores juizo de que os Tapuyas, ou por carecerem de alma racional, ou por os criar a natureza com distincção na cor, e nos costumes nascem para servir os brancos. Que quando assim não seja, que como o Estado se não pôde conservar sem o seu ministerio, basta a necessidade a fazer lleito o captiveiro.

E que dando caso, em que no concurso destas circumstancias se não extingua a mancha da injustiça se lhe compensa vantajosamente o damno, e a injuria com o beneficio de os reduzirem ao gremio da igreja, e de os apartarem de seus barbaros institutos.

Assim se discorre aqui e se regeita com tal impieciencia tudo o que se diz em contrario que os Padres da Companhia, em cuja caridade achão estes infelizes protecção e amparo, por se doerem de sua miseravel e triste sorte, são por este respeito principalmente aborrecidos. E é digna de desprezo a expressão de que os ditos Padres, por seus interesses são officiosos aos Tapuyas, pois se não poderá ligurar caso, em que lhes seja util que aos Indios se faça oppressão.

O numero de escravos que se constituem pelo sobredito estylo, é tamanho, que na casa que possui cincoenta Indios com titulo de captiveiro, apenas haverá dez ou doze de registro.

(1) Assim o diz no § 1. As leis são de 1652 e de 1653.

(2) Assim continúa a carta no § 5 e 6.

(3) Assim o confessa na dita carta, dito § 5.

(4) O Padre Vieira no § 3 da carta de 1 de Abril de 1654, e no § 4, 5 e 8.

(5) No § 1 da dita carta infin.

Attendendo porém as repetidas queixas e molins daquelles moradores, pareceu-lhe conveniente tirar a jurisdição temporal aos missionarios para por este modo suavemente aquietar o tumulto dos povos. Não consentio porém que se puzessem capitães nas aldeas como querião, mas mandou que as aldeas fossem governadas pelos seus principaes *ibi*.

arbitrio dos religiosos; para serem os Indios governados pelos seus principaes da mesma nação.

Na regencia e reinado do Sr. rei D. Pedro II se pretendeu atalhar, e cohibir as simuladas cavilações, com que se tinha deturpado, a observancia das leis anteriores: como von a dizer. As primeiras do (1) Sr. rei D. João IV, só em quatro casos permitião os captiveiros, que de direito se fazião licitos por evitar maior mal: isto é, 1.º, quando em justa guerra erão apprehendidos os Indios; 2.º, quando os mesmos devião ser invadidos por impedirem a pregação evangelica; 3.º, quando estavam presos á corda, para serem comidos deshumana e barbaramente, em sustento de outros; 4.º, quando justamente por outros Indios erão captivados em guerra perpetrada com justiça, a que não déssem occasião, ou intrigassem, ou fingissem os que necessitavão dos escravos.

Porém pela sabia e providente lei do 1.º de Abril de 1680, para de uma vez se fechar a porta ás fraudes e simulações, se prohibo todo e qualquer captiveiro; ainda derivado daquellas excepções, sem valer algum titulo ou pretexto, que se houve por indigno, e reprovado com penas gravissimas, attendendo ás razões contrarias e consequencias funestas.

Para o mesmo fim deu o Senhor rei D. Pedro, um regimento para as missões (2) e no § 2 delle commetteu aos missionarios a jurisdição espirital, e governo temporal, e politico das aldeas; pois lhe havia mostrado a experiencia, que as leis e ordens erão infructuosas pelos novos inventos da malicia, que os moradores oppunhão com prejuizo grave de todo o Estado (3). Eu me atrevera a dizer mais, que a desordem e o damno nascia da má economia na observancia e execução das ditas leis, pelo nenhum desvelo, ou pelo muito interesse dos executores a quem se commettião: assim pensa o Padre Vieira, dizendo que a Magestade era nomeada, mas não obedecida (4).

O mesmo regimento no § 16 considera que a aldeã de Pinaré se achava de menos população por se terem retirado os Indios acossados do laborioso serviço dos moradores; e para se evitarem os incommodos occurrentes, se providenciãrão paternalmente os meios de se

Dizem-se escravos de registros os que se resgatão, e os que se captivão em guerras, porque em um e outro caso se fazem assentos, em que se declarão os nomes dos Indios apresados ou resgatados, os signaes que têm, e a origem do seu captiveiro, e formados estes assentos pelos commandantes das tropas e missionarios dellas, ficão servindo de documentos da escravidão. Supposto este costume é facil de perceber que todos os mais Indios, que se possuem sem o referido documento, ou registro, excepto os crioulos, forão reduzidos ao estado de servos por meio de expressada tyrannia.

Nas guerras não se procede mais justamente contra a liberdade dos Tapuyas, porque o estylo, que inalteravelmente se observa, é que destruido o principal, contra quem se destina, se o medo o não tem fuito retirar como ordinariamente succede, se exercitão nas aldeas vizinhas todas as hostilidades, que serão licitas se os principaes senhores dellas, tambem fossem comprehendidos na determinação da guerra. E porque a sua innocencia os conserva desapercibidos e descuidados de semelhante attentado, vêm de improviso e sem remedio destruidas as mesmas aldeas, perdido o povo de que são senhores, e sobretudo extinta, e acabada a sua liberdade, e a de seus vassallos, sem que as suas lagrimas, e os protestos de sua innocencia bastem a fazer suspender o referido insulto, o que lastima e offende os sentidos da natureza, da piedade e justiça.

Se tivera observancia o alvará de 1688, incerto no regimento das missões, em que se ordena preceda ao rompimento da guerra procurar-se por meios de persuasão, de temor, e de boa paz, que os Indios dêem satisfação condigna ás hostilidades que houverem commettido, o que conforme ao direito das gentes que decreta estes officios, e accomodadamente pacifico, seria menor a ruina destes infelizes, porque ou darião a satisfação, que se lhe pedisse, ainda que se lhe imputasse culpa, de que não estivessem réos, ou fugirião ao impeto das nossas armas, ou se resolverião a defender a liberdade, e não succederia captiva-los debaixo de amizade,

(1) O alvará de 3 de Abril de 1655.

(2) Em 21 de Dezembro de 1686. (Vid. adiante).

(3) Consta do preambulo ao § 1 do dito regimento.

(4) Na carta de 4 de Abril de 1651 § 2 in fin. e § 3, § 9 in fin. § postult. e ultim.

Os religiosos da Companhia, como os de outra qualquer religião, não tenham jurisdição alguma temporal sobre o governo dos Índios, os quaes no temporal poderão ser governados pelos seus principaes que houver em cada aldêa.

Deste modo se governarão, ou não governarão as aldêas até o anno de

estabelecerem os convertidos com todo o amor e caridade, até nas mesmas terras, que elles não quizessem deixar, para se não perder a sua boa disposição, e serem soccorridos na fórma dos pactos e convenções firmadas com o sello da boa fé.

Sem controversia alguma se fez prudente juizo naquelle sabio governo, que os captiueiros erão a causa do atrozamento do Estado; e que erão perniciosas as consequências dos mãos executores das leis; por isso por uma extravagante (1) se confirmarão varias addições que n'uma junta feita em Maranhão, se suscitarão, e se unirão áquelle regimento; e tambem se declarou que os filhos dos Índios casados com escravas, jámais servissem aos senhores destas, ou a seus conjunctos, e que tambem os governadores não deliberassem sobre os contractos dos Índios sem intervir o parecer do ouvidor geral em casos tocantes á justiça (2).

Deste modo se quiz temperar a prepotencia, que até aquelle tempo se não pudera extinguir, estando o poder n'um só governador.

Em todo o tempo sempre vagarão as contradicções, pois a ellas correspondem os fraeos da natureza para se dificultarem os acertos. Por isso appareceu outra extravagante(3) que revogava a sobredita lei do 1º de Abril de 1680, admitindo-se os captiueiros só em dous casos, a saber: quando os Índios em guerra entre si, se captivavam para serem vendidos a outras nações, ou estavam á corda para serem deshumanamente devorados, contando que não fossem apprehendidos para serem vendidos aos moradores de quem se presumisse o influxo para os captiueiros. Para se impedir a fraude e o dolo, se determinarão os resgates á custa da real fazenda, que era resarcida pelos compradores, intervindo a autoridade das camaras, governador, e ouvidor geral.

Não bastarão porém as medidas e cautelas, que tomou a lei debaixo de graves penas para prevenir a iniquidade e máo habito (4), que se tinha graça do no paiz, porque em menos de tres annos, estavam quasi todos os moradores do Estado incursos na gravidade das penas

remunerando-lhe muitas vezes com esta impiedade o beneficio de fornecerem mantimentos as no-sas tropas, e assistirem nellas, em nosso auxilio.

E sendo cousa atrocissima, e especie de barbaridade, que pelo delicto de um principal se debellem e destruição seus vizinhos, se abonão estes attentados de hostilidade, dizendo que assim é necessario para reparar as despesas que da fazenda real se fizerão para armar, expedir e sustentar a tropa. E que os Índios debellados são parentes e amigos do principal sentenciado a guerra, a quem ajudavão e favorecião; porém a verdade é, que os pobres Índios ordinariamente estão quietos, e socegados nas suas aldêas, e que o fundamento do favor e auxilio, que se lhe attribue são vozes que faz espalhar o commandante para cohonestar a sua insolencia: e o peior é que lhe valem, e são bem escutadas dos governadores, dos ouvidores, e destes povos, pois todos concluem do mesmo voto em seu favor. Os governadores e ouvidores, pelo interres e das joias, e do primor dos commandantes, e os povos pela conveniencia de ter escravos não fazendo aprecio da injustiça.

Não são de outra qualidade escravos havidos por via de resgates, accordados pelo dito alvará de 1688, porque ordenando-se nelle se resgatassem os Índios captivos em guerra de outros Índios, ou sejam presos á corda para os comerem, ou captivos para effeito das vendas sómente, e que elles o não repugnem entendendo que por outro modo não podem salvar as vidas, não se guardão estas condições, e o que se pratica é que entregando-se no sertão a Tapuyas os genoros, destinados para os resgates, que elles se obrigão a satisfazer em escravos, empenha aos mesmos Tapuyas a ambição da fazenda recebida, ou a amarrar e prender todos os Índios amarrados, confissão estes, que forão captivos em guerra e referem todas as mais condições, que com medo, e ameaças lhe influem os seus amarradores.

(1) Alvará de 22 de Março de 1688.

(2) Assim o torna a decretar o alvará de 28 de Abril de 1688.

(3) O alvará de 28 de Abril de 1688, e carta regia de 20 de Novembro de 1699.

(4) Já em 20 de Maio de 1653, se queixava o Padre Vieira de semelhantes extorsões, e impiedades com o titulo de resgates, e assim escreveu ao Sr. D. João IV, e se vê do § 4 do seu voto dado, e escripto com mais liberdade, sobre o que se ponderou em junta. Está na bibliotheca real.

1680, em que o Sr. D. Pedro como príncipe regente, tendo notícia do desgoverno e deploravel estado em que estavam as aldeas, mandou escrever a carta seguinte de 30 de Março de 1680, *ibi*—Ignacio Coelho da Silva. Havendo mandado ver com toda a attenção o que me representastes e o Bispo do Estado....Hei por bem que as aldeas dos Indios sejam governadas

por terem abusado da providencia da lei, e captivado os miseraveis Indios, contra as determinações regias, e contra os interesses publicos.

A piedade do Sr. rei D. Pedro II, se forçou para perdoar os delinquentes por ser a culpa universal, e dever o castigo ser geral, e transcendente aos mesmos estabelecimentos das terras, e para isso publicou outra extravagante com (1) perdão e modificação de penas. Este movimento faz ver com evidencia, quanto seria justo sustentar-se a primeira lei; pois os resgates só se fizeram precisos, por nelles se interessarem os moradores, que os fizeram valer com as compras.

Porão incensáveis os cuidados e bem notorio o zelo e piedade do Sr. rei D. Pedro II, afim de melhorar as circumstancias daquelle Estado, a que dirigio muitas e repetidas leis, para cuja observancia, e pelo que pertence a felicitar as condições dos Indios, se faziam sessões ou juntas sobre as missões para que concorrião sujeitos de maior probidade, e prudencia, os quaes reciprocamente vigiavão com zelo pelos interesses daquelle causa commum. Bem se mostra que a referida corporação com autoridade regia, segundo as direcções de repetidas leis, (2) posto que agora só se achão vestigios da mesma por tradição e lembrança que ha naquella paiz, da sua boa conducta e administração. A mesma junta em todo o tempo, tinha a seu cargo os negocios interessantes dos Indios; e pela junta destes reinos, dirigia as representações a Sua Magestade que fazião necessitar de remedio, e providencia os casos occurrentes do mesmo Estado.

Nesta formalidade se conduzia o governo temporal e espirital, economico, e civil daquelle continente, quando no felicissimo reinado do Sr. rei D. João V de gloriosa memoria, se estavam prometendo outras muitas vantagens, já a beneficio da igreja, já em utilidade da corôa. Logo nos annos seguintes entrou a reverdecer a malicia para as oppressões, e para o abuso das leis, a que se occorreu pela provisão de 3 de Julho de 1713, afim do ser reprehendido o capitão-mór José da Cunha de Eça, que tinha feito prender

E sem embargo de que o missionario e cabo não ignorão este estylo, e tem obrigação de saber; que para se comprarem escravos feitos por titulo de despojo, devem os compradores ter a probabilidade da justiça da guerra, e elles os aceitam como se fora legitima a escravidão, não merecendo a seu conceito tão evidente injustiça, nem tão pouco as condições apontadas na lei dos resgates.

De todas as referidas hostilidades, violencias e absurdos, se achão réos estes moradores, como se prova, além da sua confissão, das atestações e do summario incluso, e reconhece tambem no mencionado assento da junta das missões, cuja cópia offerecem na seguinte expressão:—Em razão do que não podemos bem servir aos moradores, e attendendo a que estes para se remediar e viverem os obriga muitas vezes a sua mesma necessidade a fazer nestes sertões frequentes desatinos e deploraveis insolencias, a que se não podem nem, poderão jámais cohibir. — E ainda que os supplicantes dizem que os réos desta culpa se castigão com as penas estabelecidas nas ordens de Vossa Magestade, dista tanto esta circumstancia da verdade, que não tenho achado exemplo que a autorise.

Devendo os mesmos moradores viver sorprendidos de temor, e de receio, por haverem delinquido, e delinquirem tão gravemente, sacrificando a sua cobicia todos os respeito divinos, e humanos, que deixando-se cegar dos seus interesses sobem a presença de Vossa Magestade á confissão da sua culpa, não por modo de arrependimento, mas usando della como de motivo, para que Vossa Magestade lhe depare novos meios, e lhe abra outros caminhos, para exercitarem mais a seu salvo as suas desordens.

E' bem verdade que alguns dos moradores dizem que Paulo da Silva Nunes, ou por seu capricho particular, ou por influencia dos seus adherentes foi o autor desta representação, e que se as camaras destas Capitánias approvãrão o seu empenho enviando-lhe os poderes

(1) Alvará de 6 de Fevereiro de 1691.

(2) No tempo do Sr. rei D. João IV, chegou a haver junta estavel em S. Roque, como diz o sobredito Barros, liv. 2, § 99 e seguinte pag. 171. Que havia a junta das missões, se vê pelo § 3 do regimento das missões, de 21 de Dezembro de 1686, e no § 23 se promette regimento á junta e desta tracta a lei do 1.º de Abril de 1680; o alvará de 20 de Novembro de 1699, commettere os resgates a arbitrio da junta das missões; o mesmo se demonstra pela carta regia de 15 de Março

pelo seu principal e parochio, sem se dar outro algum administrador de capitão.

Com esta ordem, e com outra lei do mesmo anno, que prohibia o captivo dos Indios, se começou a alterar o povo, mas não chegarão a executar a expulsão dos Padres no tempo do governo de Ignacio Coelho, por

ao procurador dos Indios, e contra os seus privilegios, requerendo o mesmo a favor daquelles miseraveis a respeito de quem, não passando para o esquecimento as providencias regias e paternaes.

Em 9 de Março de 1718 se repetirão as determinações, que devião ser observadas com exactidão, não só em favor da liberdade dos Indios, mas tambem para que fossem com tranquillidade e mansidão persuadidos a descerem para as nossas povoações sem violencia e sem constrangimento, por se contemplarem de uma diversa jurisdicção, enquanto os mesmos vivião debaixo de certos preceitos, e seguindo os politicos ditames do seu chefe, (1) aos quaes se devia pr'gar o evangelho, afim de receberem aquella nova luz de alliança, ainda nos mesmos sertões, onde estivessem congregados em republica, e se unissem a este imperio portuguez, para firmeza e conservação da religião que abraçarão.

E para se conseguirem aquelles fins espirituaes, fez aquelle augusto monarcha dividir o bispado do Maranhão e a sua instancia, crear-se a do Pará em 1720, no tempo de Clemente XI, para que vigiasse um pastor proprio sobre as obrigações daquella igreja nascente

Mandão-se missionarios com escoltas em sua guarda, para emprehenderem e aperfeiçoarem aquella grande obra; ainda que se dão diversas regras, para se proceder contra aquelles Gentios, (2) que vivendo em bandos, sem vinculo de leis, contra os direitos naturaes das gentes e estabelecem por ditames o viverem sem ordem com horror da humanidade, e contra os honestos sentimentos do proprio pejo, e com escandalo até dos primeiros impulsos e obrigações da natureza; pois se fartão de carne humana, para o que em dura guerra atacam aos conaturaes do paiz, e nutrem a sua lascivia impiamente, sem differença das proprias mãis, e das proprias filhas.

O nunca assaz comprehendido zelo, e a eximia piedade (3) daquelle grande e solícito rei, se fez ver em muitas providencias a favor da propagação da fé catholica, e segurança da-

necessarios, o fizeram instados dos seus rogos, e da segurança do bom successo das suas negociações. Porém eu entendo que estas diligencias são effeitos da Divina Providencia, para que sendo Vossa Magestade informado do modo com que se procede com os Tapuyas, os restaure das successivas oppressões que os tyrannisão. E o reparo do tropel de sem razões que deixo ponderado, deve principiar prohibindo Vossa Magestade geralmente o captivo dos Indios, acautelando de tal maneira a sua liberdade, que não soffrão violencia alguma, pois tenho mostrado que dos muitos milhares de Tapuyas, que vivem no jugo da escravidão, por acaso haverá alguns que não sejam livres.

Vendo este povo que as diligencias de Paulo da Silva Nunes, não puderão conseguir que Vossa Magestade lhe differiasse sem informação, e que tomada ella é inacessivel o seu designio, diz agora no papel incluso assignado por quarenta moradores dos principaes e da governança desta cidade, que quer utilizar-se dos trabalhos dos Tapuyas imitando os Padres da Companhia, e mais religiosos deste Estado no modo de servir-se delles, que é sem titulo de servidão, no que tambem concordão os officiaes da camara na conclusão da sua resposta. A mim parece-me justo, que Vossa Magestade lh'o outorgue, contanto, que nem elles, nem os referidos

de 1696, e pela carta regia do 1º de Fevereiro de 1701 e expedida ao governador do Estado Antonio de Albuquerque Coelho, como consta do liv. 2 do registro da secretaria do Estado a fls. 72, n. 288, a fls. 168 v., se acha outra com a data de 3 de Fevereiro do dito anno, dirigida á junta das missões do Maranhão em resulta da representação feita pela deste reino: o mesmo confirma outra de 11 de Abril de 1702 a fls. 207, e fls. 213 v., se achão mais duas tractando da referida inspecção a 1ª datada em 21, a 2ª em 22 de Abril de 1702. Além das sobreditas resoluções houve outra carta regia, com data de 6 de Dezembro de 1705, pela qual se receitou a proposta de quererem os vereadores do Pará assistir ás juntas das missões.

(1) Assim pensão Burlamaq. tom. 6, cap. 1. Grot. disc. prolim., e lib. 1, cap. 1, § 14, Puffendorf. lib. 2, cap. 3. De Felice tom. 3, parte 2ª do direito das gentes. Lig. 1ª.

(2) Mr. De Felice no dito tom., e nas cinco primeiras lições do direito natural, citando e seguindo a muitos juriconsultos de direito publico e natural.

(3) Assim se explica o santissimo Padre Benedicto XIV, na sua encyclica aos Bispos e Arcebispos das Indias Occidentaes da America, datada em Roma aos 20 de Dezembro de 1741.

temerem o seu valor e resolução. Succedeu-lhe no governo Francisco de Sá e Menezes, em quem conhecerão mais frouxidão, e capacidade para executar o motim. Tomarão por motivo deste tumulto, um contracto que neste tempo se tinha introduzido no Maranhão, de fazenda por estar que. E a fim de tirarem o dito, negarão a obediencia ao governador, e com

quelle Estado, tanto pela continua promoção de missionarios, e ministros da igreja, como pela recommendação, que successivamente recebião, os que tinham a seu cargo as interessantes obrigações da jurisdicção, já para se firmarem os estabelecimentos, já para se civilisarem os Indios. Para continuarem as transgressões e contravenções das leis, no reinado do augusto rei D. José de saudosa veneração, se publicarão as sanções de 6 e 7 de Junho do anno de 1755, nas quaes se suscitaram outras dos Srs. reis D. João IV e D. Pedro II, a fim de se libertarem os bens, o commercio, e as pessoas dos Indios, inhihibindo-se as repartições e administrações daquelles miseraveis, cujos direitos simuladamente se tinham de turpado com prejuizo publico: e juntamente na conformidade dos canones, e constituições apostolicas, forão inhihibidos os missionarios a ter intendencia no governo temporal, pois somente era da sua obrigação o espiritual.

Por uma incontestavel lembrança, consta que no anno de 1753, passarão para o Pará dous regimentos de militares pagos; e esta foi a primeira vez que naquelle continente se vio tanta cópia de tropa habitando o paiz. Nunca a propagação da fé, necessitou de tantos instrumentos para a sua conquista, e para a plantação da boa doutrina. No tempo do Padre Vieira, somente seis soldados erão escolta de sobejo nas acções de maior empreza, e conversão; porque os Indios se cobrião de grande desconfiança, parecendo-lhes ser atarados por invasão (1); e muitas vezes aquelle zeloso missionario se deixou ficar entre elles sem perigo, e só com seu companheiro. O mesmo Padre clama na sua carta de 4 de Abril de 1634, dirigida ao Sr. rei D. João IV, que aquelle paiz pela figuração do terreno e disposição da costa, se não defende com fortalezas e com exercitos, combinando as regras com a experiencia dos successos.

Porém como se tinham repetido muitas leis, a favor da liberdade dos Indios, e este peccado original não tinha sido arrancado pelas raizes, parece que a introdução daquelles regimentos militares, se encaminhara a servir de respeitoso freio a execução das mes-

Padres possam descer senão por autoridade publica os que quizerem sujeitar-se ao onus de os servirem.

E supposto se possa dizer, que os Indios que servem aos Padres da Companhia, e mais religiões não vivem em sua liberdade, pois se lhes não consente que mudem de amo, e se acaso desamparão os collegios e conventos os obrigão a restituir a elles, comtudo, como os mesmos Padres salvem este escrúpulo, dizendo que nos descimentos concertão com elles a condição de os servirem por toda a vida, não deve entrar em duvida que pelo mesmo modo se poderão discernir, e domesticar a favor dos supplicantes, nem este concerto se deve condemnar supposto o juizo dos doutores que segurarão ser permittido a cada um poder alugar o trabalho de toda a vida, além de ser este um meio para evadir os inconvenientes, que ficão ponderados: mas contra o que os moradores pedem, e costumão as religiões, parece estar que os Tapuyas ordinariamente se não deixão convencer de respeito algum para deixarem por vontade a habilitação que a natureza lhes destinou; pois quando no seu descimento não concorre a violencia proxima e immediata, sempre é necessario insinuar-se-lhe por meio de praticas, e discursos que degenerão em ameaças, que se não tomarem o accordo descerem para melhorarem de vida, e costumes no estado da liberdade excitará nelles um arrependimento intempestivo a miseria, e os trabalhos do captivo: e como os mesmos Indios observão nos seus vizinhos successivos, e quotidianos exemplos desta infelicidade por amarrações e guerras injustas, medo lhes influe o condescendimento.

Sendo isto certo como ouço aos Tapijaras do sertão, e se collige da resposta do Padre Jacintho de Carvalho, e confessa a camara desta cidade em uma representação, que fez a Vossa Magestade no anno de 1723, em que diz que nenhum Indio desce para estas Capitánias, por vontade e sem violencia, como se mostrou da cópia da mesma representação, que está junta ao papel incluso destes moradores, que acima refiro, se podia duvidar da justiça das concertos, que sobre o seu descimento, e serviço se capitulão com os Tapuyas.

Porque conforme o ditame do direito das gentes, por cuja autoridade se regem os contractos, não fica firme, nem em estado de se lograrem as negociações, quando na liberdade dos

(1) O Padre Andre de Barros na vida do Vieira, liv. 3. § 24. pag. 282, e § 29, pag. 283 e liv. 5. § 111. pag. 574.

esta occasião lançarão também fóra aos Padres, para ficarem senhores absolutos dos Indios. Deu parte de tudo o governador a el-rei, o qual resolveu mandar por governador áquelle Estado a Gomes Freire de Andrade com um desembargador syndicante Manoel Vaz Nunes, com ordem de conhecer as causas daquelle motim, e castigar os principaes cabeças delle.

mas leis, e para que de longe se impedisse algum tumulto do povo, ou absurdo contra as mesmas providencias da liberdade, como já houvera em Maranhão nos annos de 1661, no reinado do Sr. D. Affonso VI (1).

Tambem parece que já desse tempo se lançavão as linhas para o estabelecimento da Companhia do Grão-Pará e Maranhão; o qual commercio em união da sociedade particular poderia enfiurecer os animos dos habitantes, reduzidos á dependencia daquelle corporação, com que se atrazavão os seus interesses. Por isso se pôde dizer que as milicias servirão de apoio á observancia daquellas leis, e a introdução da referida Companhia verificada no anno de 1755.

Como já se não temia arguição alguma contra a observancia das leis; e como se não contestava o commercio da Companhia, ficou sendo quasi desnecessaria a tropa, de maneira que os seus officiaes e cabos, erão applicados em ministerios civis e politicos, e com improporção de suas vidas, costumes e talentos; esta verdade se começa a demonstrar pela applicação dos officios que o capitão general Francisco Xavier Furtado de Mendonça estabeleceu, erigio, e determinou naquelle continente, sendo os militares os que satisfazião aquellas funções em distantes territorios, deixados os principaes sitios de suas praças, e sem ser por destacamento de guarnições: o que tudo se fez da forma seguinte.

Abolida a administração temporal que os resgates exercitavão nos Indios do Estado: se formalisou pelo dito general uma instrução legislativa para o estabelecimento da villa de Borba, a nova, no rio Madeira em 6 de Janeiro de 1736, cuja execução se commetteu ao tenente Diogo Antonio de Castro, e foi confirmada por carta de Sua Magestade de 7 de Julho de 1737, que ordenava se praticasse as mesmas medidas a respeito das mais villas. Naquelle instrução se via em ponto breve o regimento ou directorio, que ao depois appareceu composto de noventa e cinco paragraphos, e com a data de 3 de Maio de 1737, cuja publicação e observancia foi immediata, sem dependencia da regia approvação,

contrahentes, obra impressão de medo, o que deve preceder mais apertadamente nos Tapuyas, pois em lugar de juizo, e conhecimento, por sua barbaridade e fereza, em attenção do que o regimento das missões enuncia que no natural dos Indios pela sua fraqueza, e ignorancia é a persuasão inseparavel da violencia; porém como os Padres da Companhia frequentão os descimentos dos mesmos Tapuyas, e em virtude das condições que estipulão os conservão em seu serviço emquanto vivem, e não seja persuasivel que ao mesmo tempo que mostrão doer-se da sua ruína, e da injuria com que se precede contra a sua liberdade queirão sustentar empenho que tanto a offende, e que os Indios se não desatem delle senão por morte se pôde justamente duvidar que seja assim o que se diz, quando não haja alguma razão politica, ou disciplina theologica fundada em circumstancias do bem publico, que prevalesça á autoridade das leis.

Dirige-se o segundo assumpto a que Vossa Magestade prive os missionarios do governo temporal, que tem sobre as aldeas, e o commetta a cabos brancos casados e b:im procedidos ás causas que os supplicantes allegão para dar fundamento a sua supplica são as que se seguem. Que os missionarios se aproveitão de todos os Indios das aldeas para as suas particulares negociações, e que por esta causa os negão para o serviço de Vossa Magestade e moradores. E os mesmos missionarios mórmente os da Companhia, além do cravo, sabex, e cacão que tirão do sertão, empregão Indios em fabricar canôas, cortar madeiras, salgar carnes e peixes, e em outros ministerios. Que elles extrahem mais de trinta mil arroboys de cacão, e que os moradores não chegão a tirar cinco mil. Que elles comprão muitas partidas de fazendas que tornão a vender publicamente nesta cidade, e mais povoações deste Estado. E que são tão vingatidos, que accumulão culpas phantasticas, aos que lhe estranhão este procedimento, e os conseguem ve-los castigados.

A camara desta cidade, e a de S. Luiz do Maranhão repetem os mesmos rogos e motivos, e accrescentão que os missionarios castigão os Indios sem differença de sexo; que os exterminão para as suas fazendas. E que quando os missionarios descem a esta cidade se dilatão muitas vezes nella largo tempo, e ficão os Indios carecendo de quem lhes administre o pasto espiritual.

(1) O sobredito Barros, liv. 3, §85, pag. 312.

O que executou o dito governador com aquelle valor, talento e capacidade que é notorio.

Aproveitando-se el-rei do talento deste governador, lhe ordenou examinasse com o desembargador syndicante as causas e motivos de tantas revoluções daquello Estado, e do modo mais conveniente com que se

contra o que pedião os direitos de summo imperante, na suprema função de legislar : Sua Magestade se dignou dar-lhe o seu regio beneplacito posteriormente pelo alvará de 17 de Agosto de 1738 enquanto não mandasse o contrario.

Aquelle regimento deu uma diversa figura á particular economia das povoações, e estabelecimentos do Estado ; não só pelo que pertence á civilidade e governo politico dos Indios, mas tambem pelo que toca aos interesses particulares das familias; e com esta resolução se preverterão muitos fins saudaveis das leis, cujas regras erão certas e invariaveis. Mostrou a experiencia que era necessaria a reforma de alguns abusos, e precisas outras introduções: mas nesse critico tempo não podia haver espirito, ou genio algum zeloso do bem publico, que se atrevesse a clamar contra aquelles meios que impedião as utilidades da igreja, e da corôa.

Com aquella idéa escripta, e denominada por directorio, tambem nascerão outros apoios que patrocinão tudo quanto se quer obrar, e vem a ser ora a pratica, ora a autoridade particular, e desta forma como se fará evidente, se transfigurarão os interesses do Estado e se postergarão a execução e a observancia das leis anteriores.

O referido regimento estabeleceu directores, que sem jurisdicção coactiva, e sem despotismo usassem do officio de aconselharem, e persuadirem aos juizes e principaes a bem euchereem as funcções de seus empregos, para se adiantarem os interesses civis e espirituaes.

Que importa que o directorio justamente commetta aos juizes ordinarios, e mais officiaes de justiça o governo temporal de suas villas ; e que os principaes sejam nas suas povoações independentes dos directores (1) se estes têm estirado a sua jurisdicção até aos limites do excesso? Os directores são os que absolutamente determinão tudo: elles não advertem aos juizes e principaes as suas obrigações, mas se fazem superintendentes, e odiosos senhores de todo o governo e de todos os interesses.

Sendo da intendencia das camaras e dos principaes a expedição das canôas, e commer-

Por parte dos missionarios se responde que devendo ficar nas aldéas a metade dos Indios, para sua conservação e augmento; e repartir-se sómente outra metade, para o serviço real e dos moradores, e não dispõe o regimento das missões, se altera sempre esta disposição, e que muitas vezes acontece ficarem desertas de Tapuyas. Que os governadores, para desluzirem a dita contravenção se constituem réos de outra, pois não mandão fazer listas dos Indios pelas quaes na forma do regimento devem governar a repartição, e extracção delles, e que nesta confusão tirão os que querem e despachão quantas canôas lhes parece, de que resulta que negando-os aos missionarios, quando já se tem contrahido maior numero de que o regimento militar, sempre contra elles esta a queixa sem embargo de não haver culpa da sua parte. Que quando os governadores querem Indios, ou seja para serviço real, ou para os seus interesses particulares, que sempre se movem (com o mesmo titulo), não os pedem aos missionarios como determina o expressado regimento, antes os mandão tirar com violencias por officiaes militares, de que emanão infinitas desordens.

Que os moradores tambem tirão das aldéas por força e ás escondidas dos missionarios muitos Tapuyas, e que depois de se servirem nas viagens do sertão tanto destes como dos que se lhes repartem, e introduzem todos os que podem em suas casas e fazeddas, onde se demorão muitos annos, e ás vezes emquanto vivem, o que é opposto ao regimento, e contrario a conservação das aldéas.

E é tão evidente extrahirem-se das mesmas aldéas para serviço dos moradores maior numero de Indios, do que o regimento ordena, que requerendo-se por parte dos missionarios da Companhia ao governador actual mandasse examinar por officiaes militares, e por um official da camara quanto Indios tem cada missão, para se comprehender, que é falso o que diz nesta parte contra os missionarios, lhes não deferira o governador sem embargo das referidas instancias, que se lhe fizerão sobre esta materia, e que para prova offerrecem as mesmas petições e despachos.

Que os supplicantes carregão no sertão muitas canôas de Tapuyas feitos escravos contra as leis, que se assim não obrarão avultaria mais de sua parte a extracção do cacão e das outras

(1) Desde o § 1 até o 5. Assim pensa Solorz, de jur. Indiar. liv. 1, tom. 2, cap. 26, fere peritum et signanter n. 11, 13 e 38.

poderia governar, attendendo-se a justiça dos Indios, e a conveniencia e socego dos povos. Assim o fez o dito governador, e com effeito mandando el-rei examinar os seus pareceres, e informações nos seus conselhos, e por ministros de maior supposição e inteireza, mandou fazer o Regimento das Missões, que anda impresso no anno de 1686, e é o que

cio dos Indios até de nomear cabos de fidelidade, e Indios extranumerarios para irem ao sertão(1), acontece pelo contrario, porque os juizes, camaras e principaes, só tem o nome de seus officios sem jurisdicção, nem exercicio. Os directores os mandão chamar a suas casas com demasiada ousadia, e abatimento(2), são acompanhados por elles á missa, no ar de superiores; determinão a seu arbitrio, e fazem as petições ao governador, para se expedirem as candoas do commercio de suas proprias casas, fazem carcereiros(3) privados para prenderem os miseraveis Indios em troncos, onde os maltractão com penosos castigos de surras, palmatoadas, e até com um pão, pelo que muitos Indios desaparecem, sem se saber do seu destino.

Com esta impia execução se pervertem muitas leis(4), e os fins dos estabelecimentos dos Indios, mas os directores são apoiados, e se protestão, ora com a pratica, ora com a autoridade dos governadores: pois estes na conformidade da sobredita instrucção com força de lei commettem aos directores uma extensão de jurisdicção sem que se possa salvar a contradicção, e entre elles sem a menor intervenção das justicas se fabricão as ordens, e se executão, nem as camaras ou principaes têm refugios, ou meios para de outra sorte procederem, e são desautorizados os Indios do governo(5).

Os directores por propria autoridade, fazem meirinhos, a que chamão bariquaras, para executores das suas determinações. Se o ouvidor geral quer conhecer destes factos, pelo que pertence as justicas, logo é eminente a desordem porque fazendo os directores um corpo impenetravel com os governadores, não conhecem outras ordens; e por serem nomeados por elles, e militares sustentão o partido da separação, sem obediencia, nem execução das ordens da justiça. Ainda achando-se culpados alguns directores, remetidas as devassas para se conhecer dellas na junta da justiça, tudo fica na mesma situação: porque ou o governador os conserva na mesma directoria, ou os remove para outras, como acon-

drogas. Que é verdade que elles missionarios mandão á colheita do cravo, e da salsa, e de cacão, e que tambem mandão salgar carne e peixes, porém que nestes e outros serviços não empregão mais que os vinte e cinco Indios que o regimento lhes limita.

Que o producto desta agencia na falta da congrua applicação, para a sua sustentação, para paramentar as igrejas das aldeas, que estão ornadas com muita decencia, para acudir às necessidades dos aldeanos, e para dispendir nos continuos descimentos, que frequentão, para fornecimento das missões.

Que os missionarios castigão os Indios sim, quando o merecem, mas por modo mais religioso de que observão os supplicantes, e que os missionarios da Companhia exterminão em casos graves alguns Indios das aldeas para as suas fazendas. Que se Vossa Magestade fôr servido, encarregar a seculares a regencia temporal das missões respirarão os missionarios dos ultrages e injurias, com que os opprimem e lastimão os supplicantes, porque nunca se satisfazem nem satisfarão os Indios, que lhe fornecem, que sómente se deve attender se será util, e seguro este projectado governo.

O commissario provincial de Santo Antonio accrescenta que esmola lhe fará Vossa Magestade se desoccupar os seus religiosos do ministerio espirital, e temporal das aldeas, e que sempre estarão promptos a missionar na fórma que costumão do Varatojo e Brancanes. Que os missionarios seus subditos não mandão candoas a extracção de cacão, e que sendo sete as aldeas que administram, e podendo occupar vinte e cinco Indios de cada uma, de todos elles emprega o presidente das missões sómente os necessarios para equipar uma, ou duas candoas, com que manda tirar do sertão generos, de cujo preço em falta de congruas, e de esmolas faz as despesas que lhe são precisas.

E tomado o accordo de encarregar a seculares o governo temporal das missões, se deve prevenir o perigo da venda destes postos, não commettendo aos governadores o provimento delles.

(1) Os §§ 51 e seg. do directorio.

(2) Contra o que dispõe o § 9 do directorio.

(3) Contra a ord. in 5. lib. 96.

(4) O mesmo directorio no § 2 in fin. Solorz. de gubern. Indiar. lib. 1. cap. 27 exn. 44 usq. 48, uma carta regia dirigida ao governador do Maranhão, datada no 1º de Fevereiro de 1701, e registrada a fls. 172 do liv. 2 das missões, que se acha na secretaria de Estado.

(5) Contra o que dispõe o referido § 9 do directorio.

actualmente se pratica. O primeiro capitulo deste regimento é o seguinte :

Os Padres da Companhia terão o governo não só espiritual que antes tinham, mas tambem o politico e temporal das aldeas da sua administra-

teceu ao cabo de esquadra Thomé Francisco Pantoja, ao tenente Francisco da Fonseca Ferreira, e a Paulino da Silva Rego, todos da Capitania do rio Negro.

Isto tambem aconteceu com os prelados ecclesiasticos e diocesanos, porque não podendo soffrer, que os directores sejam instrumentos de muitos damnos espirituaes; se os querem remediar, são repellidos e desgostados (1) como se trabalhassem em seára alheia. Eis aqui pugnando entre si a instrucção sobredita, as leis, o directorio, a execução, a pratica e a autoridade dos que governão.

Determina-se sabiã e justamente, que seja educada a mocidade dos Indios, em escolas da lingua propria portugueza (2) para concorrer a policia e o amor da nação; mas como em algumas povoações têm sido os mestres ordinariamente soldados, e estes por uma licenciosa liberdade, não são capazes de instruir exemplarmente, por isso servem de grande perigo na verdura dos annos aos mesmos discipulos, além de não haverem meios em todas as villas e povoações para as escolas.

Como aquella direcção se recommenda muito amplamente o uso da lingua portugueza, até para se aprender a doutrina christã nas escolas; daqui se servem os directores, pela sua ampla e arrogada jurisdicção, para disputarem aos parochos, que não ensinam a doutrina christã na lingua do paiz: por cujo motivo falta aquelles nacionaes a verdadeira e necessaria união da doutrina, para saberem bem padir, bem crêr, e bem obrar, segundo a religião. Que seja necessario o uso da lingua propria para se civilisarem os povos, é sem controversia; porém se não pôde absolutamente desterrar o uso da lingua do paiz, quando por meio della devem ser instruidos e catechizados os novamente convertidos; pois só a lingua vulgar tem forças para dar o conhecimento da verdade, e dos mysterios da nossa religião, não só pelo que recommenda o Concilio de Trento (3) mas tambem pela pratica dos primeiros apostolos (4), que se cingião ás linguas e capacidades dos que os ouviam. Ainda fóra da occasião de catechizar, tambem na de instruir a mocidade, parece que se deve deixar ao arbitrio dos doutrinadores, ou explicar-se a doutrina christã, ou em um, ou em

Que os governadores são tão difficeis em convocar junta de missões, que será muito util que Vossa Magestade depute um dia de cada semana, em que necessariamente concorrão os ministros della, para darem expedicção, e despacho aos negocios, que se offerecerem.

As attestações do sumario incluso, são de dezanove moradores dos mais principaes, e da governança desta cidade, e supposto o seu juizo e censura não seja imparcial, pois todos os habitantes destas Capitánias são oppostos aos missionarios, e se interessão no requerimento de que se tracta, de que procede, que os referidos depoimentos, não contestão com todas as suas circumstancias, contudo se conclue, que Paulo da Silva Nunes, se houve com pouca sinceridade na maior parte das accusações que fez contra os mesmos missionarios, em nome dos supplicantes. Porque em primeiro lugar se prova, que os missionarios principalmente da Companhia na repartição dos Indios não faltão ao seu dever.

O vice provincial e superior das missões da mesma Companhia, intentou produzir um testemunho authenticico, com que convenesse que os missionarios seus subditos, repartem para o serviço real, e dos moradores maior numero de Indios do que limita o regimento.

Requerreu para este fim ao governador actual, mandasse fazer lista de todas as aldeas, que administram os seus religiosos, e que para se não duvidar da verdade dellas, commette-se essa diligencia a officiaes militares, e a um official da camara, e que á vista das listas, que se fizerem, e dos assentos dos Indios que se empregarão no serviço real, e dos moradores este anno passado, e nos antecedentes se aclaria a verdade.

Não deferio o governador a mencionada supplica, e instando o dito prelado com segunda e terceira petição, que lhe entregou estando em junta de missões, não tiveram estas differente successo da primeira, como se mostra dos despachos nellas proferidos, as quaes na sua resposta offerece o vice provincial. E sem embargo, que o governador tomou por fundamento da escusa que as pessoas apontadas no requerimento não tem experiencia das aldeas, é bem notorio o contrario, pois os mais praticos n'as causas dellas são alguns officiaes militares, não só pelo costume de as frequentarem pela extracção dos Indios por ordens dos governadores, mas

(1) Contra o que determina o § 4 do directorio.

(2) Desde o § 6 até o 8 do directorio.

(3) Na ses. 24, cap. 7 de reform.

(4) Marc. cap. 16 AA. Apost. cap. 2.

ção, e o mesmo terão os Padres de Santo Antonio, nas que lhe pertença administrar.

Depois deste regimento, ficarão os moradores do Maanhão mais socegados até ao anno de 1732, em que as camaras do Maranhão e Pará,

outro idioma, conforme a capacidade e intelligencia dos ouvintes, para que não fiquem inúteis e sem fructo as sementes da divina palavra, e muito principalmente assistindo-se aos moribundos.

Por occasião do referido, se disputou com um religioso seu parochio o director de Souzel, Eugenio Martins da Camara, que resolveu a questão, dando muitas bofetadas no mesmo, de cujo sacrilegio não houve conhecimento, nem se absolveu o sacrilego. Sobre a origem das desordens, deu algumas providencias o general do Estado por carta circular, determinando que os parochos instruissem na doutrina, as raparigas que passassem de nove annos, nas igrejas com assistencia dos directores, e das pessoas a quem por parentesco chegado pertencessem; posto que alguns directores as ensinão em suas casas com escandalo, até a idade de viute e nove annos.

Outra contradição mais parece, que se nota no mesmo directorio, pois determinando o § 2º referindo-se ao alvará de 7 de Junho de 1733, que os juizes ordinarios, vereadores, e mais officiaes de justiça, tractem do governo temporal; se acha no progresso dos mais paragraphos toda a execução do dito governo, commettida aos directores, pelo que têm auctoridade para commetterem a sua jurisdicção directiva, e promotoria, em coactiva e quasi illimitada, e excedem os meios da suavidade e brandura, com que devem ser estirpados os vícios, segundo se lhes recommenda (1).

Dependendo o Estado de solido estabelecimento, só por meio da cultura, e do commercio, communicaveis entre os Indios e os moradores, se podia verificar aquelle importante fim, e no directorio (2) se regularão os meios daquelle proveitoso plano para que os directores obrigassem, e persuadissem aos Indios a fazer plantações, cujos lucros sustentassem suas familias, e os fizesse aborrecer a ociosidade. Determina-se mais, que os directores attendão á accommodação dos Indios, distribuindo-se-lhe as terras para suas lavouras, e que vigiem não seão os mesmos deteriorados em seus direitos pelos moradores, abusando estes da indolencia daquelles; e se não perca o meio delles se utilisarem do virtuoso trabalho da

tambem pelas repetidas jornadas, que fazem ao sertão em tropas de guerra, e do resgato como se prova de algumas attestações do summario incluso.

A causa e motivo principal das queixas publicas contra os missionarios sobre esta materia, procede de não ser bastante a metade dos Tapuyas das aldeas para equipar o grande numero de canoas, que se despachão a colheita do cacão (são com pouca differença duzentas as que se costumão despachar, e no tempo que governou João da Maia da Gama, em que as aldeas estavam mais povoadas, ordinariamente não excedião de oitenta as canoas, a que se dava licença, porque da dita imprporção resulta não se fornecerem a todos os Indios de que necessitam. E como os donos das mal succedidas discorrem que seus missionarios lhe assistirão com os Tapuyas necessarios, não se lhe mallograrão as despezas que fizerão nos aprestos das mesmas canoas, nem perderão as esperanças de lucro da viagem, lhe imputão sempre a culpa desta perda, passando muitas vezes ao excesso de desafoarem a sua raiva em injurias, e offensas que contra elles exercitão, como se mostra do summario junto, não se descuidando de tirarem ou por força ou com dadas, todos os Indios que podem, por cuja causa succede muitas vezes que algumas aldeas fiquem quasi desertas de Tapuyas, o que cede em detrimento grande da sua conservação.

Este danino que é muito consideravel, e aquellas queixas que são successivas e continuas aniquilarião os governadores se em observancia dos § 12 e 13 do regimento das missões mandassem fazer livros, em que assentassem os Indios das aldeas, e pelos assentos regulassem a sua repartição, porque praticando-o assim proporcionarião a quantidade das canoas pelo numero dos Indios, e resultaria que vendo os moradores bem providos de Tapuyas as canoas despachadas, não terião necessidade de os tirar das aldeas por meios illicitos, nem tão pouco motivo para os seus clamores.

Não se rendem os governadores á sobredita resolução, por não conhecerem limites á sua autoridade, supposto ordenar o regimento das missões, se tire somente das aldeas a metade dos Tapuyas. Porque não havendo listas, e clareza nenhuma delles, lhe fica livre poderem conceder licenças a quantas canoas lhe parecer, e extrahirem Indios a seu arbitrio.

(1) E' o § 2 e 14 do directorio, e sente Solorz. de gub. Idiar. lib. I, cap. 24, ex n. 14, e assim o recommenda S. Greg. Mag. liv. 10. Epist. 71.

(2) Desde o § 16 usq. ad. 26.

representarão nesta corte por um seu procurador chamado Paulo da Silva Nunes, que se tirasse aos missionarios a jurisdicção temporal das aldeas, e se puzessem nellas capitães portuguezes que as governassem. Soube este impôr taes razões e falsidades contra os missionarios na pre-

agricultura, e para que se não retirem aos matos, sem continuarem na illustração da G., de que muito necessitam; e tenham estabelecimentos estaveis para o fornecimento das canoas que forem ao sertão colher drogas em beneficio do interessante commercio.

Todo este projecto de estabelecimentos de agricultura, de plantações, de distribuição de terras, de percepção de fructos, de fornecimento de canoas, de colheitas de drogas do sertão, de interessante lucro do commercio; tudo presuppõe que o Estado é cheio de população e sem falta de Indios, que se possam repartir por uma e outra manobra, e sem que se hajão de prejudicar as lavouras cessando o trabalho. A situação presente inhabilita toda aquella execução, porque não se tracta do descimento dos Indios, como logo se dirá mais claramente; por cuja falta cessão os interesses do Estado, e se não augmentão os fieis daquelle igreja, ficando o Gentio nas trevas da barbaridade.

Demais disso, apezar daquelle recommendação, é sem controversia innegavel, que hoje se não fazem pelos Indios distribuições de terras, cujos limites sirvão de barreiras ao cuidado e manobras de suas lavouras. Elles vagão por estas e aquellas roças, tendo occasião de se entranharem nos matos em ranchos a que chamão amocabados, segundo a phrase do paiz, e em razão das distancias, e sem estabelecimentos estaveis, se retirão para os Gentios donde derivarão.

A nenhuma subsistencia dos Indios tem destruido aquelle systema, que promettia a felicidade do Estado. Como os Indios vivem errantes, segundo a applicação dos trabalhos, que lhes destinão os directores, não tomão amor aos domicilios, porque os não tem; não se lembrão das lavouras, porque as não cultivarão; e este desarrancho lhe produz o desapego ao paiz. Ainda que as leis os tenham libertado do antigo captivo, é certo que as ordenanças do directorio, e a sua execução lhes não tem adoptado o peso com aquella reforma e novo governo.

Pouco importa que o terreno seja fecundo: se os directores applicão os Indios a toda a força para a extracção das drogas do sertão, donde tem interesses certos os mesmos direc-

E como nestes termos obrão sem regra, nem medida, expondo a conservação das missões a um desconcerto e risco evidente, o pretendem atalhar os missionarios negando, ou oppoñdo-se a excessiva extracção dos Tapuyas. De cujo procedimento se offendem e doem tanto os governadores e moradores, que um e outros concluem contra os mesmos missionarios, porém o certo é, que a culpa de todos os desmanchos, que succedem a respeito deste assumpto se se refunde nos governadores, principalmente nos que começaram a desestimar a mencionada disposição do regimento.

Não é menos estranha verdade a relação de que os missionarios são difficeis em dar Indios para o serviço real, e que para os negarem os escondem, porque do sumario junto consta, que quando os governadores os mandão tirar das aldeas, vão ordinariamente os ajudantes e sargentos, a quem encarregão estas diligencias, providos de umas taes ordens, que deixão inutil a autoridade dos mesmos missionarios, cujo modo de proceder além de se oppôr ao que Vossa Magestade ordena em carta incorporada a fl. 163 do regimento das missões, tem umas perniciosissimas consequencias entre as quaes são mais notáveis a de fugirem os Indios que se achão nas aldeas e não estão dispersos pelas roças quando chegam os ditos officiaes, e a fugida é as vezes sem regresso. Outra é porque os officiaes lanção mão dos que primeiro encontrão, e por esta causa tirão muitos dos novamente descidos o que cede em prejuizo das missões, e se condemna no regimento.

O superior numero de arrobas de cacão que se allega tirão os missionarios, em comparação dos moradores, é graduado pela phantasia de Paulo da Silva Nunes, e o erro de caloulção se convence da certidão inclus, pois consta della, que o cacão que tiveram os missionarios o anno passado, (que foi o mais fertil deste genero, de que ha noticia) importou oito mil quinhentas e trinta e tres arrobas, segundo os assentos que se fizeram na fortaleza do Gurupá, onde registrão todas as canoas, que fazem viagem ao sertão: em cuja conta não entra a importancia de tres mil e seiscentas e vinte e seis arrobas, que tirarão as canoas dos conventos por serem cousa separada e destinada. Consta tambem que o cacão pertencente aos moradores importou conform: os referidos assentos, dez mil trezentas e setenta e quatro arrobas a que se deve acrescentar duas mil, que transportou a esta cidade o capitão-mór da dita fortaleza Calixto da Cunha Valladares, de que no livro dos assentos se não achou entrada como consta da mesma certidão, e ainda que ao principio se entendeu serem tres mil arrobas.

Mas porque a experiencia faz conhecer haver-se occultado muito cacão ao registro, suppo-

sença de Sua Magestade, que se julgou conveniente mandar áquelle Estado o desembargador Francisco Duarte dos Santos, para que ouvidas por escripto as camaras, povos, e religiões, informasse de tudo com o seu parecer tambem nesta materia.

ttores. As viagens são de longo tempo, os trabalhos de muita fadiga, os lucros proporcionalmente pouco interessantes; os Indios ausentes de suas mulheres e familias, e sem tractarem da propagação, e havendo motivos para divorcios, com as culpas que fomenta o inimigo commun; as povoações sem estabelecimentos, e sem cultivarem nas terras vizinhas fazendas proprias com manibas, pacoveiras, cacaó, café, anil, algodão, e sem haverem feitorias de manteiga, de oleo, de azeite, e outras muitas drogas, que produz o paiz, o interessa o commercio do Estado.

Os directores tudo determinão, pela medida dos seus interesses, sem se atterem com as desordens, desculpando-se com as ordens e com a pratica; como se a pudesse haver contraria á razão em um paiz moderno e ainda não estabelecido em muitas paragens. Aqui temos outra contradição, e vem a ser, persuadirem-se os estabelecimentos por meio das lavouras, e agriculturas nas terras adjacentes e vizinhas, e serem mandados os Indios para a extracção das drogas de remotos sertões, no qual trabalho além de penoso, gastão mais de dez mezes, e apenas se recolhem as povoações, logo são necessitados a tornarem a deixar os seus domicilios, suas mulheres e familias, misturando com lagrimas de puros sentimentos, o dissabor de se verem desterrados sem agasalho, sem lucro e sem liberdade: tudo na verdade faz horror, e faz lastima, apezar das censuras que fulminou o santissimo Padre Benedicto XIV na bulla (1) sobredita, suscitando-se outros decretos de Paulo, e Urbano, seus antecessores, e com reserva da absolvição a si mesmo. E como ha de desta fórma felicitar-se e propagar o Estado, coberto de negras manchas, em que tem incorrido, e actualmente incorrem!

Os directores não perdem de vista a custa de toda a violencia e tortura, de obrigarem os Indios a extrahir as drogas do distante sertão, e isto por dous principios innegaveis e simultaneos: 1º, o terem e lucrarem a sexta parte (2) de todos os interesses daquelle negociação; 2º, de obedecerem ás ordens dos governadores, que tem sido activas, e muito recommendaveis, afim de fornecerem generos, e especiarías para o negocio, e interesse

embarcarem mais de cincoenta mil arrobas, e haver sido escassa a producção do cultivado, declarou o mesmo capitão-mór, sem embargo de ser opposto aos missionarios, que o que se sonheou da parte dos moradores foi em maior quantidade, por excederem as suas canoas o numero das que pertencião aos ditos religiosos. E não ha duvida que avultaria mais a extracção do cacaó dos moradores, se estes não applicassem muitas canoas á carga de Indios, que introduzem nesta cidade feitos escravos contra as ordens de Vossa Magestade, cuja negociação frequentão muito por tirarem della maiores interesses do que da colheita de qualquer genero deste Estado como já tenho expendido.

Das drogas que os missionarios tirão do sertão, ganhão os cabos ou arráezes das suas canoas a quinta parte na fórma do estylo, como se prova da referida certidão, e do resto separada a importancia das despezas dos aprestos da mesma, tirão não só o necessario para sua sustentação, e para os gastos dos descimentos dos Indios com que fornecem as aldeas que ordinariam inte não reclamão; mas tambem para dispendir, nas igrejas das mesmas aldeas, que estão ornadas com asseio e riqueza, e para acudirerem as urgencias dos aldeanos, em cujas ultimas circumstancias se esmerão e distinguem os religiosos da Companhia como se prova do summiario incluso.

E bem verdade que attendendo ao alto preço a que tem subido o cacaó, será como impossivel que a metade da importancia dos generos, que extrahem os ditos missionarios nos annos em que é fértil a colheita não chegue a supprir as mencionadas despezas.

As expressões de que os missionarios comprão fazendas que tornão a vender nesta cidade, e mais povoações deste Estado, e que accumulão culpas phantasticas aos que lhe estranhão o seu procedimento, são effeitos de uma evidente calunnia, pois nem judicial, nem extrajudicialmente achei quem não reputasse e deslizesse a mencionada accusação. Porque supposto seja certo que os missionarios comprão muitas fazendas, consta do summiario incluso que a remetem para as aldeas, e as consomem em despezas, que lhe são precisas, e que se algumas vezes succede largarem parte dellas, nunca recebem maior preço do que lhe tem custado. Nem en-

(1) Esta bulla foi publicda em 29 de Maio de 1757, pelo prelado do Pará D. Frei Miguel de Bulhões, e com beneplacito regio, para que não haja duvida a opinião dos publicistas e realistas.

(2) E' o § 34 e o § 36 do directorio.

Com esta ordem foi o dito desembargador, e feitas as diligencias mais exactas, achou e informou que erão falsissimas todas as razões e calumnias, que aquelles povos impunhão aos missionarios, que de nenhuma sorte convinha tirar aos missionarios o governo temporal das aldeas, porque

da Companhia. Bem entendido, que no dito directorio (1) se recommenda que haja alternativa de Indios; se determina mais que depois de concluida a cultura das terras (2) se faça a expedição das canoas, que se estabeleça o ramo do commercio nas respectivas povoações e terras adjacentes (3) para assim crescer a utilidade com diminuição das despesas, que além dos Indios das esquipações das canoas (que não são mais de vinte), vão mais dez, ou doze de sobrecellente (4).

Tudo porém se altera, 1º, não ha tal alternativa, porque fazem ir os Indios, como já se disse, por não haver população para menos; 2º, não se espera, nem se tracta de agricultura; porque se não faz commercio nas terras vizinhas, e são mandados os Indios a sertões muito remotos, onde se achão mais abundantes drogas, e com despesa de longo tempo; 3º, não só vão os Indios, que devem esquipar as canoas, e os sobrecellentes, mas todos os que os directores podem empurrar, para crescer o empenho daquella negociação, ainda que fiquem as povoações em penuria: esta é a lastimosa verdade do que succede.

Outra consideração mais, vem a proposito de se expôr a respeito dos lucros, que percebem os enganados e miseraveis Indios: faz-se a expedição das canoas, que montão por penosos rios, até a vizinhança dos sertões, donde se hão de extrahir as drogas e especiarias; alli se estabelece a feitoria, ou assento donde todos os dias faz o cabo partir os Indios em pequenas canoas, a dous para cada parte, a colher aquelles fructos, conforme o seu destino, e de que dão conta á noite, quando se recolhem, ou passados alguns dias á proporção da colheita; extrahem-se as drogas á custa de trabalho, de fomes, de perigos da vida, de ataques dos Muras, que são inimigos de corso, e de nenhuma reconciliação, e neste tempo tem os mesmos Indios soffrido muitas violencias e máo tracto dos cabos, que sendo de ordinario soldados, e tendo de interesses o quinto, costumão corresponder com um pão aos Indios que trazem ou colhem poucos generos, por não quererem dissipar as suas esperanças e a sua cobiça.

Passados muitos mezes, e feita a carga da canoa principal com mais ou menos abundancia, á proporção da fertilidade dos annos, se restitue a canoa ao sitio da povoação a

contra o referido o depoimento da testemunha Xavier de Sousa, emquanto jura que ouvira dizer, que um missionario da Companhia e outro do Carmo, vendêrão ha annos fazendas nas aldeas em que residião, e porque caso que assim acontecesse são uns factos, que differem muito do que se representa.

Tambem não houve quem apontasse exemplo, que persuada que, os missionarios por vingança fação accusações phantasticas, antes se lhe attende tão pouco ás verdadeiras, que esta experiencia facilita as injurias, e offensas que contra elles se praticão, e se prova do mesmo sumario.

A accusação de que os missionarios despachão embarcações á extracção do cacão, e mais generos do sertão, a que tambem occupão Indios, em fabricar canoas, salgar carne e peixes, extrahir tartarugas, e outros ministerios é indubitavelmente certo; porém, como não seja informe o procedimento de todos nesta parte, explicarei com distincção o costume que ordinariamente observão. Todos ou quasi todos os missionarios da Companhia occupão canoas em tirar cacão do sertão, as quaes esquipão com os vinte e cinco Indios; que o regimento das missões limita para o serviço de cada um.

Alguns destes missionarios além da canoa do cacão envião outra ao cravo; outros mandão á colheita das tartarugas, e muitos se não furem todos occupão Indios em salgar carnes, e peixes, e em fabricar canoas, que lhe são necessarias para este serviço, das quaes costumão vender algumas. Nestes termos é evidente que os ditos missionarios empregão no seu serviço maior numero de Indios do que lhe são permittidos, porém com esta differença que se o ministerio a que os applicão é nos limites das missões, como salgar carne, e peixes, não recebem damno neste seu procedimento nem os moradores nem as aldeas. Os moradores não, porque como fica mostrado se lhe assiste com superior numero de Indios do que devera ser. As aldeas tambem não, porque os Indios que nellas devem ficar, será util não sahindo das suas casas terem occasião de ganhar jornaes pelo seu trabalho.

Quando porém occupão fora dos limites das aldeas mais Indios do que os vinte e cinco, como

(1) E' o § 49.

(2) O mesmo § 19.

(3) Os §§ 46 e seg.

(4) O § 52.

esta novidade seria a total ruina dellas, e outras muitas cousas que melhor hão de constar de sua informação. Vista no conselho a informação deste ministro, e os pareceres dos procuradores da fazenda e corôa, todos se conformarão com o parecer do ministro, e consultarão a Vossa Magestade que

fazer os manifestos que recommenda o directorio (1) e concluida a diligencia se partem para a cidade capital, sem haver o menor descanso (2) a entregar os generos ao thesoureiro geral, que os trafica com a Companhia, recebendo fazendas em pagamento.

Na mesma capital se tira o dizimo, a despeza, o quinto para o cabo da canôa (3) a 6ª parte que pertence aos directores (4), 3 por cento para o thesoureiro (5) 2\$000 de novos direitos, além do viatico para a igreja. Feita a conta de todo este abatimento, se reparte o resto pelos Indios interessados, e muitas vezes lhes tem tocado pouco mais de 1\$600 na importancia dos effeitos, que lhes distribuem, e lhes dão em pagamento.

Não é pouco sensível em toda esta viagem, e negociação, a grande irregularidade, que ha em damno, e desconto dos miseraveis Indios: 1º já ponderci, o seu máo tracto pelos cabos, o trabalho, e risco das vidas; 2º, vindo as canôas fazer os manifestos ás povoações, se atrasão na viagem, podendo ir em menos tempo á capital, onde poderiam satisfazer aquelle requisito, sem haver o menor desvio; 3º, sendo os contractos dependentes da liberdade, do consentimento, da vontade, da escolha, e da igualdade entre os contrahentes; tudo succede pelo contrario nesta negociação Indiana. Os Indios simulada, e dolosamente são coactos em acceitar (6), o que lhes dão; elles nada escolhem, nem se lhes dão os generos, de que necessitam. O que é mais astuto, não se atreve a contravir; porque sendo sempre acossado de pancadas, teme desafiar outras de novo, e se accomoda. Na partilha das fazendas, cabe por exemplo: um espadim a quem não tem, nem casaca, nem vestidos; umas meias, a quem não traz sapatos, e nunca usou desse abrigo; varias fitas, que só pelas cores enganão; partidas de setim a quem nas suas palhoças, apenas terá uma corda, onde pendurem e guardem semelhantes alfaías; n'uma palavra o melhor modo de se dar consumo áquelles generos, que no negocio se chamão aleaides, é introduzi-los aos Indios na permutação das sobreditas drogas, que a companhia logo recebe, e bem reputa, segundo o estado do paiz.

Já o zeloso, e discreto Vicira em outro tempo advogou esta mesma causa, recommendando que aos Indios sómente se lhes deviao dar pannos de algodão (7) para cobrirem a

na extracção do cravo, e das tartarugas, obrão contra o regimento, e esta contravenção é prejudicial aos Indios e as missões.

As aldeas que administração os religiosos do Carmo, distão muito desta cidade, e se achão fundadas perto dos sitios onde se tira o cacão, cuja vizinhança lhe facilita applicarem á colheita delle, não só os vinte cinco Indios que lhe são concedidos, como quasi todos os que habilão as missões.

Conduz para isto tanto a situação pela referida vizinhança, como tambem a distancia, a qual impede e dificulta que se lhe tirem Indios para o serviço real, e que os moradores os não importunem muito, pois quando as canôas destes chegão á paragem em que se achão as mencionadas aldeas, ordinariamente vêm já povoadas dos Tapuyas de que necessitam. Os missionarios das provincias capuchos não mandão embarcações ao sertão: costumão, segundo o que geralmente se diz, e consta do summario, concorrer com Indios para uma ou duas canôas, que os seus prelados-môres despachão a colheita do cacão, de cujo producto em falta de outro meios, tirão o necessario para as despesas, que são obrigados a fazer.

A esta classe não pertencem os missionarios da piedade, porque se diz que nem o seu prelado-mór manda canôas ao sertão; porém tem nesta cidade a fama de que não dão Indios sem interesse.

As missões que estão á cargo dos religiosos missionarios, além de serem poucas, se achão tão despovoadas de Indios, que nem servem para conveniencia do Estado, nem para proveito dos missionarios.

Supposta a differença que fica mostrada do serviço, dos Tapuyas para com os missionarios, é digno de reflexão, que não obstante serem os Padres da Companhia dos religiosos mais abor-

(1) No § 55.

(2) O mesmo § sobredito.

(3) O § 56.

(4) O § 34 e 56.

(5) O § 51.

(6) Contra o espirito dos §§ 37, 39 e 58.

(7) No seu voto dado na Bahia aos 12 de Julho de 1694, no § ante-penultimo: acha-se na bibliotheca regia.

de nenhuma sorte se devia alterar o governo temporal das aldeas, antes se devião apertar as ordens, para que os generaes não fossem tão absolutos na repartição dos Indios, dando-se providencia para se poder conhecer com evidencia, se a transgressão nas leis da repartição está da parte dos missio-

desnudez em abono da honestidade, e do pejo; 1º, enquanto as canoas se demoram na capital, se não deixão os Indios em o menor descanso, porque são obrigados a outros trabalhos e muitas vezes a irem ao Mato Grosso e a outras muitas distantes e demoradas jornadas, de sorte que se passam annos sem voltarem aos domicilios de suas povoações; 5º os cabos das caoas são pagos e satisfeitos de seus interesses pelo suor e trabalho dos Indios; porém estes são recompensados com deshumanidade no máo tractamento de pancadas, e sem algum agasalho; e o mesmo é applicavel aos directores; 6º, quando os Indios partem para o sertão, e para aquella negociação das drogas, levão de suas pobres casas, tudo quanto podem colher de mantimento, e tudo quanto lhes podem administrar para o viatico, suas mulheres e familia, ficando estas em desamparo, e compensando-se os lucros com as despesas, o tempo e o trabalho com os avanços do interesse, vai uma grande improporção do abatimento.

Com este breve desenho bem claro fica, que de nada servirão as leis aos Indios para serem amparados na sua liberdade. Qu emaior pôde ser a oppressão e captivo de estes miseraveis? Que amor podem ter á nação portugueza; que obrigações ao governo? Como se pôde desta fórma alliciar o Gentio dos matos para se unirem ao nosso imperio, se elles são informados de todas, e das menores circumstancias do seu destino? Como se ha de por esta maneira augmentar o numero dos fieis para o gremio da igreja? não é por este trilho que se hão de satisfazer as ordens regias, e que se ha de cumprir com os ardentes desejos e providencias de piedade que tem dado os augustos monarchas fidelissimos, em um segundo a phrase do discreto Padre Vieira, que teve a experiencia de quatorze annos daquelles paizes, me atrevo a dizer, que por semelhante dictame são os Indios captivos nas pessoas, captivos nas acções, captivos nos bens (1), e por falta de doutrina, e de pregação até captivos na alma. Por este modo bem illudida se vê a definição da liberdade natural.

E' sem duvida que os directores não fazem nem concorrem para as roças das povoações, não só pelas razões já ponderadas, e falta de população, mas tambem porque das ditas roças, não têm interesses tão evidentes como do negocio do sertão; e podendo ser removidos da sua directoria, perdem os lucros, que lhes poderião caber; bem entendido, que na

recidez deste Estado pela circumstancia de punirem pela liberdade dos Indios, confessem estes moradores que elles costumão prover de Tapuyas com maior facilidade do que os outros missionarios, sem dependencia do mais pequeno interesse, e que tambem lhe attribuiu outras singularidades de que se faz menção nos depoimentos do summario referido.

Prova-se mais do mesmo summario, e confessa o vice-provincial da Companhia em sua resposta, que quando nas aldeas ha alguns Tapuyas de tão ruim e escandaloso procedimento, que será nella prejudicial a sua vizinhança os exterminão muitas vezes, para as fazendas do collegio, e que nellas ficam enquanto vivem.

E é outrosim certo que muitos missionarios descem a esta cidade onde fazem alguma demora e que quando nas aldeas que elles administram, não assistem dous religiosos, as deixão encarregadas aos missionarios mais vizinhos; porém como algumas missões estejam com grande distancia de outras, ficará servindo a estas de pouca utilidade a sobredita prevenção.

Do que tenho referido, e se prova dos documentos juntos se conclue, que são abusos contra a verdade, a maior parte das accusações propostas por Paulo da Silva Nunes, para justificar o empenho de se tirar aos missionarios o governo temporal das aldeas.

E supposto seja indispensavel, que se lograrião algumas utilidades estabelecida á remoção pretendida, pois nesse caso seria o aproveitamento, e instrução dos Indios, unico fim a que ordenarião todos as suas atencões, e não somente se suspenderião as disputas, e continuadas differenças, que sobre os mesmos Indios roinão entre governadores, missionarios e moradores, mas tambem farião termo as injurias com que os arraizes das canoas vexão os missionarios, comtudo attendidos outros respeito, seria infausto o sobredito accordo, porque delle resultaria a declinação, abatimento e ultima ruina das aldeas.

A infalibilidade deste discurso é facil de apprehender porque desoccupados os missionarios do governo politico das aldeas, ou se hão de encarregar a Indios, ou a brancos, a Indios não pôde ser, porque elles carecem de disposições para se lhes confiar a regencia de si mesmos, pois são nimiamente pusillanimes, facéis e inconstantes, tímidos e faltos de arbitrio, e resolu-

(1) O sobredito voto do § 15, e na carta de 4 de Abril de 1654 § ult.

narios, ou de parte dos governadores, de que resultou a revolução de 30 de Abril de 1737, o que tudo melhor hade constar da referida consulta.

E porque nesta consulta de 1736, hão de estar todas as razões e falsidades que aquelles povos costumão accumular contra os missionarios, parece

fôrma do directorio, só percebem a 6ª parte daquelles fructos, que se cultivarem, não sendo comestiveis, por isso a propria cobiça conspira para os mesmos desmanchos.

Por occasião do exposto, parece digno de se notar, que as terras adjacentes ás povoações, são muito capazes de serem industrialmente lavradas, e de produzirem com usura as mesmas drogas, que se vão buscar aos sertões; e em abono desta verdade, seja-me licito produzir que na villa de Santarem, antigamente chamada Tapajós, houve um morador branco por nome o Piçanzo alli assistente, o qual plantou um cacao, de que colheu passados poucos annos de cultura, mil e duzentas arrobas de cacao, e fez lavrar outro que deu em dote a uma filha, de que colheu oitocentas arrobas; e hoje alguns moradores lavrão sitios desta especie que por falta de trabalhadores, não tem grandes adiantamentos; e a mesma utilidade terião os Indios se o praticassem, e o Estado floreceria com outra segurança.

Por causa de dar exercicio ao meu zelo, e a minha natural paixão pelo desamparo do Estado, algumas vezes tractei com o governador actual do Rio Negro, para que houvesse uma roça do commum, de cacao, e café, e mais drogas, afim de se poupar com este estabelecimento, a dependencia do sertão: mas o governador, ou por melhores luzes de intelligencia, ou por zelo da gloria alheia, não quiz anuir ao projecto.

Depende tanto o Estado e a sua felicidade do estabelecimento das culturas, que o directorio as prefere ao sobredito negocio do sertão, pois se explira com os directores (1), recommendando-lhes que esse commercio terá lugar concluidas as lavouras, que devem ser o primeiro objecto de seus cuidados. Da mesma fôrma se dirige em outro lugar (2) que se salve sempre o prejuizo do povo, que por meio da distribuição, deve ter Indios para os ajudar nas agriculturas, porém nada importa, negocio e mais negocio, sertão e mais sertão, contra o espirito da lei novissima (3).

Por este importante objecto dos estabelecimentos, se mandão distribuir (4) e repartir os Indios, pelos moradores para operarios e coadjuvadores nas fabricas das lavouras, em beneficio da conservação e augmento do Estado, e tambem se estabelece a ordem, para a solução dos salarios. Seja-me licito reflectir aqui, que o directorio é um labyrintho, ou mistura de determinações que dá causa a muitas illusões, e aos desacertos que hoje se

ção para se opporem ao prejuizo das aldeas, e porque desta mudança resultaria que os missionarios os ficarião governando como dantes, sem encargo de responder pelos excessos suppostos não ser facil que os Indios obrem separados de seu influxo.

Se se commetter a brancos será um descaminho evidente, e em poucos annos restará das aldeas só a memoria. Porque se os missionarios são notados de ambição, tendo menas urgencias que lhe irritem a cobiça, que se deve esperar de uns homens com empenhos de familia. Ninguém prudentemente se deve capacitar, que de quarenta ou cincoenta pessoas que cada triennio serão necessarias, para estes empregos, haja uma que pretenda governar sem esperanças de interesses, e que seja tão moderada, e de rectidão tão inviolavel, que tendo meios para se utilizar os desestime.

Os descimentos dos Indios, que os missionarios frequentão, e são os fundamentos mais essenciais da conservação das aldeas, serão neste caso poucos ou nenhuns. E como as utilidades das Capitancias devem ser precedidas da satisfação dos missionarios, para que os não accusen não será facil se opponhão a que os mesmos missionarios, se sirvão de quantos Indios quizerem.

Ainda que se aponta como razão de congruencia que os capitães hão de estar mais dependentes dos governadores do que estão os missionarios é no meu juizo esta circumstancia a mais opposta a conservação das aldeas.

Pretendem os governadores que se não replique as suas ordens, quando mandão tirar Indios das missões, ainda que dellas se haja extrahido maior numero do que o regimento determina: com os missionarios nem sempre se logra esta contravenção, o que ha de succeder differentemente com seculares, porque estes se não hão de atrever a faltar aos despachos dos governadores, por mais leis que se promulguem sobre o regramento da extracção dos Tapuyas.

(1) O § 49.

(2) O § 52 in fin.

(3) O alvará de 6 de Junho de 1755. no §. E porque.

(4) Desde o § 59 usq. 67 e 73.

que mandando Vossa Magestade examinar as ditas razões, e informações; e pareceres que sobre ella houve, que tudo se hade achar na secretaria do conselho ultramarino, se poderá de tudo tomar a resolução que Vossa Magestade julgar mais acertada, de modo que se não torne a repetir, e a pôr

praticão no Estado. Primeiramente se vêm confundidas as acções, as cousas, e as pessoas, contra o verdadeiro systema, e clareza de legislar na boa e sã opinião dos juriconsultos, e segundo a ordem natural, determina-se a observancia das leis, a que o directorio é contrario, como por exemplo: encarecer-se o commercio do sertão, e observar-se este indistinctamente, quando o alvará de 6 de Junho de 1753, no § — E porque — determina que as drogas dos distantes sertões, sejam extrahidas pelos Indios remotos que os habitão; assim de que se conservem os outros Indios vizinhos, dentro das suas aldeas sem consumirem largo tempo, e despesas naquellas viagens, para o util e proveitoso serviço, e obras de suas lavouras.

Recommenda o directorio que se faça a dita distribuição, mas se não pôde entender com certeza, quem a deva fazer, porque no § 61 diz, que deixando os directores de observar a lei da distribuição, se constituem réos de escandaloso delicto. No § 62, já se houve outro tom, e vem a ser, que os directores applicuem o seu cuidado, a que os principaes a quem compete privativamente a distribuição dos Indios, não falem com elles aos moradores, que lhes apresentarem portarias do governador do Estado. No § 66, recommenda que os directores fação listas dos Indios para se regular a distribuição. A pratica porém introduzida, veio a constituir novo meio entre essas duvidas e vem a ser: os directores não fazem listas, não ha distribuições, não se dão operarios aos moradores, porque são poucos os Indios para o negocio do sertão; e se algum se dá, é por empenho, e particular determinação dos governadores, que se pretextão nos despachos, que seja na conformidade das ordens de Sua Magestade.

Com effeito, o directorio se refere ás leis anteriores, para as distribuições dos Indios; porém reflectindo-se com madureza nesse ponto, se acha que contra a mesma distribuição clama a razão da bem entendida, e catholica piedade, e clama a paternal providencia expressamente dada na extravagante de 6 de Junho de 1753, e clamou em outro tempo o pio, e incansavel Padre Vieira, condoido das violencias que soffrião os Indios, debaixo dos pretextos da administração.

1.º Sendo obrigados os Indios pela particular lei da distribuição a servirem a qualquer morador, contra o proprio arbitrio e vontade, ambos são descontentes: um, porque serve mal, e contrafeito; o outro, porque é mal servido, e com desordem nas suas determinações.

Se isto poderá ser util ás aldeas não é necessario que o diga o successo, desde logo se pôde fazer o vaticinio.

Se se pudesse segurar o impossivel de descobrir para o governo das expressadas aldeas uns homens tão livres de paixões, que só se movessem pela razão, e pela justiça, nem ainda nesses termos seria conveniente a pretendida introdução, pois aos capitães por titulo de ordenado, se havião de conceder ao menos vinte e cinco Indios para cada um, como se permite aos missionarios, e sendo assim restarião poucos para o serviço real, e do povo, ficando nas aldeas a quantidade que Vossa Magestade determina.

Neste sentimento de que não convém capitães nas aldeas, convém hoje a principal parte destes moradores, como consta do papel incluso. Elles deslizerão-se dos designios que estavam inclinados depois de conhecerem o difficil da empresa, e que se havia de perceber que a contemplação do bem publico, pelo qual em seu nome se tem feito tantas representações, lhes sirva sómente de véo para com elle cobrirem os seus pensamentos, os quaes não tinham outro objecto mais, que os interesses particulares, que esperavão tirar das aldeas, sem fazerem apreço da ruina á que se expunhão.

Em consequencia dos motivos expendidos, e de outros que não exponho por evitar superfluidade, sou de parecer que os missionarios administrem as aldeas tanto no espirital, como no temporal, como até aqui costumão.

Tambem parece será conveniente se lhe estabelecão congruas para sua sustentação, e para conservarem as igrejas das missões na perfeição, e decencia, em que actualmente se achão, e assistirem aos Indios nas suas urgencias com a caridade e zelo, que observão.

Porque desobrigados os missionarios de procurar meios para supprir as referidas despesas, se edificarão muito os Indios, vendo-os separados de diligencia que respirão a ambição, e são improprias dos ministros do Evangelho, e observando que todos os seus cuidados, e applicação não tem outro fim mais, do que reger-los, ampara-los, e instrui-los.

Para que isto inviolavelmente se guarde, é necessario que Vossa Magestade prohiba, que os

em duvida nma materia tantas vezes examinada, e resolvida como deixo referido acima.

§ 2º Explica-se que cousa seja o governo temporal dos Indios.

Parece-me explicar que cousa seja, e em que consiste o governo tempo-

O mesmo preceito sobre umas acções que se julgão livres, se faz mais pesado, e exige pelos fracos da natureza a sua transgressão. A experiencia mostra, que quando ha aquelle vinculo de obrigação, os que servem pelo seu desgosto não satisfazem bem; e como os salarios não são ordenados pela liberdade da sua convenção, ou os considerão diminutos, ou intallíveis, quer sirvão bem, quer sirvão mal; e os que são servidos não tractão com toda a humanidade, e amor aos seus servidores, porque julgão desnecessaria a alliciação, havendo outra razão que os obrigue ao serviço, de uma e outra parte ha violencia; porque offendida a liberdade natural, e o direito, que cada um tem sobre as suas obras, ja se esquecerem dos doers effeitos da justiça cumulativa, entendendo-se, que a distribuição é cap-laveiro, e o salario premio em lugar da solução.

2.ª A lei citada não se explica por palavras equivocas, e de custosa intelligencia. A sua litteral exposição é sobreja para realisar o conceito. Ella se dirige para franquear toda a liberdade dos Indios, opprimida com pretextos de repartição e administração. Eis aqui um dos paragraphos da lei.

« Por obviar mais effrazmente as calamidades, que se tem seguido da escravidão e para cortar de uma vez todas as raizes e apparencias della; ordeno que nos Indios que a tempo da publicação desta se acharem dados por repartição, ou ainda por administração, se observem as disposições do alvará de 10 de Novembro de 1647. »

O dito alvará do Sr. rei D. João IV, que se recapitula, manda francamente libertar aos Indios das administrações, porque nellas erão mal tractados, e morrião de fome, e porque essencialmente elles erão livres, como o tinham considerado os reis predecessores, e os pontífices romanos, e que os Indios (são palavras da lei) possam livremente servir o trabalhar com quem bem lhes estiver, e melhor lhes pagar o seu trabalho. Continuando a mesma extravagante, começa outro paragrapho assim: declarando-se por editaes postos nos lugares publicos das cidades de Belém do Grão-Pará, e de S. Luiz do Maranhão, que os sobreditos Indios, como livres e isentos de toda a escravidão, podem dispôr de suas pessoas, e bens como melhor lhes parecer....

Nestes expostos trechos, e não estando derogadas as piissimas e santas determinações da

missionarios mandem cãdas ao sertão, e ordene que fazendo o contrario, se lhes tome por perdidas com os generos e drogas, que nellas se acharem, de que a metade será para a fazenda real, e o resto para o accusador, e que além desta pena os prelados maiores dos que se fizerem réos desta culpa, os tirem logo das aldéas, e os castiguem asperamente despachando outros religiosos em seu lugar.

No papel incluso offerecem os moradores, que nelles se achão assignados, um donativo de cinco arrobas de cacão por cada cem, que tirarem do sertão, para as ditas congruas, porém esta offeria ainda nos annos favoraveis a este povo, tanto pela fertilidade, como pelo preço do dito genero, não pôde deixar de ser limitadissima, supposta a importancia a que hão de chegar as mesmas congruas, e se a colheita for escassa, como a deste anno, em que é notorio que o cacão do sertão não chega a tres mil arrobas, será necessario quasi todo o que se colher para a mencionada satisfação. O que se deve entender do cacão, que não é cultivado, pois desse é que offerecem o donativo.

O mesmo será se o preço deste genero tornar o seu antigo estado, pois nestes termos ainda nos annos em que a produção delle fór abundante, se necessitará da maior parte que se extrahir para pagamento das congruas.

Pelo que se fór Vossa Magestade servido approvar o sobredito arbitrio, deve primeiro que tudo, taxar as mesmas congruas com distincção a respeito de cada missionario, porque uns pela distancia, e outros pelas aldéas serem mais ou menos abundantes de caça, e pesca, e mais ou menos povoadas de Indios, podem necessitar de fazerem maiores, ou menores despezas.

A determinação das referidas congruas, que ha de ser um acto difficil, e impertinente pelos debates, e duvidas que se hão de excitar, deve-se commetter á junta das missões em que tambem para esse effeito devem concorrer os officiaes da camara. Se os votos de todos forem uniformes, e concordies fica livre de disputa este ponto, e será a junta obrigada a participar a Vossa Magestade o seu accordo. Mas se forem differentes, serão obrigados os ministros dellas, a remetter a Vossa Magestade os seus votos, para que delles approve Vossa Magestade o mais bem fundado. Estimadas as congruas, e conhecida a sua importancia resolverá Vossa Magestade donde ha de sahir o seu pagamento. Eu sou de parecer que se tire da fazenda real, e

ral dos Indios que os Srs. reis concedem aos missionarios delles, para que os que vivem entre nações politicas em que os parochos e missionarios não têm mais que o governo espirital, se não escandalisem e o regeitem logo como impróprio das suas pessoas e officios. Explicado porém,

referida lei novissima, se acha o directorio determinando e autorizando as distribuições dos Indios, cuja pratica os conduz contra as luzes da caridade, contra a bulla de Benedicto XIV, para se repartirem pelos serviços que não querem, e cujas violencias abaixo se demonstrarão.

3.º O sobredito Vieira em carta de 20 de Maio de 1653, escripta ao Sr. rei D. João IV exclamou no § 15 que os Indios livres que assistião nas aldeas, erão muito mais captivos, do que os escravos; só com a unica differença, que cada tres annos tinham um novo senhor, que era ou o governador ou o capitão-mór, os quaes se servião delles como seus, e os tratavão como alheios; por cuja causa era peor a sua condição, que a dos captivos, pois elles erão forçados a serviços violentos e cruéis, e contra a vontade, pelo que morrião de puro sentimento; e no § 17 continuou a exclamar contra as repartições coactas, implorando no § 20 por unico remedio, que os Indios mal captivos se libertassem; que os das aldeas vissem verdadeiramente livres, fazendo as suas lavouras e servindo somente por suas vontades e por estipendios que se convencionassem; tudo para bem espirital e temporal do Estado.

Em outra carta de 4 de Abril de 1654, dirigida ao mesmo augusto rei, diz no § 2 que a repartição dos Indios era um nodo curado de os captivar, e vender sem mais differença, que chamar-se a venda repartição, e ao preço agradecimento. Os effectos desta oppressão, erão mais lastimosos que a causa; porque para se evitarem semelhantes ruínas, os mesmos Indios livres, se captivavão, indo casar-se com escravas, e entrando na rota do rigoroso captivo (1), ou se retiravão para as breñas, perdendo a sociedade civil, aquelles individuos, o reino esses va-sallos, e a igreja esses, e outros fieis.

Os damnos de semelhantes distribuições, erão communs e transcidentes aos interesses temporais e espirituales; pelo que se não pôde ouvir sem transporte, os factos e successos lastimaveis, que se originavão daquella pernicioso causa. Muitas vezes os Indios estavam destinados para os disporios, dispostos para se confessarem; os catechumens instruidos para o baptismo, tudo se punha em desordem porque de repente chegavão os commissarios das ordens dos governadores, e immediata e effectivamente arrancavão das mãos dos operarios, e da vinha, todos aquelles fructos da graça. Os Indios para uma, e as Indias para outra parte, com muita pancada, sendo consumidos em fabricas, por muitos tempos e annos (2), hoje é o mesmo.

que os missionarios sejão os primeiros filhos da folha. Mas porque e almoxarifado carece de disposições para supprir e da despezas; tambem sou do parecer, que os mesmos moradores, que são os que a fomentão, e se considerão interessados nella, concorram com a satisfação de toda sua importancia. Estando por sua conta assignarem os effectos que hão de ficar obrigados a este encargo. E se não deve fazer estimação do donativo que offerecem, por ser aém de tenue, sujeito ás fallencias que deixo consideradas.

Como do referido arbitrio não pôde resultar o socorro das queixas contra os missionarios, nem tão pouco o reparo dos damnos, que provém aos Indios, e as aldeas da desordem que se observa na repartição delles, se faz summamente preciso que os governadores em reconhecimento do regimento das missões, não disponhão de Indios, sem que primeiro estejam inteirados da quantidade que habita em cada aldeia, para este fim, devem pedir aos missionarios listas dos mesmos Indios na forma do mesmo regimento, e se acharem que hãas dão diminutas, procurarão have-las exactas por qualquer meio que lhe inspirase o seu discurso.

Conhecido o numero dos Tapuyas de serviço que houver nas aldeas, deve-se separar a quantidade, que nellas ficar, pelo regimento deve ser a metade; bastará que seja a terça parte, das outras duas partes se tirarão os que forem necessarios para o serviço real, e como o resto se pôde applicar aos moradores, se deve tão somente dar licença a quantidade de canoas para cujo fornecimento forem bastantes os Tapuyas que restarem assignando-se na licença e na canoa o numero de Indios, que hão de servir, e as aldeas de que hão de dar cada missionario.

Mas se houver moradores que queirão dispatchar canoas providas com escravos seus, não

(1) Assim pensou Padre Barris na dita villa do Vieira, liv. 2, § 57, pag. 117.

(2) Assim produziu dito Padre Burro, no dito liv. 2, § 56.

o conceito da tal jurisdição e governo, que abaixo direi, é, só serem os missionarios tutores, defensores e curadores dos Indios, não parecerá alheio de espiritos apostolicos, mas muito conforme a elles. O pastor não só apascenta as ovelhas, mas também é proprio do seu officio livra-las dos lobos:

E' certo que o mesmo Vieira admite algumas vezes a distribuição dos Indios pelos moradores, que além de deverem ser tractados com summa moderação e brandura, elle tomou esse partido, como quem tolera um mal, por evitar outro maior; isto é antes a distribuição do que os captiveiros. Esse é o juizo que me predomina, pensando originaria e chronologicamente nos successos e obstaculos, e combinando tudo com a experiencia que tenho daquelle Estado. Os moradores necessitavão de Indios, que os auxiliassem nos trabalhos e lavouras, porém como os tractavão cruelmente, já no captiveiro dos resgates, já por meio da administração e distribuição, passou o mesmo zeloso Padre, a clamar contra aquellas tyrannias, que atrazavão os interesses espirituaes e temporaes do paiz. Nenhum freio bastou para cohibir a malicia dos homens, por isso se expedirão muitas extravagantes a favor dos Indios, que já se recopilirão. Por aperto da necessidade e dos tumultos dos moradores se permittio a distribuição dos Indios pelo tempo de dous mezes (1); como euunciativamente refere o § 14 do regimento das missões, e se ampliou o dito tempo, até seis mezes nas aldeas do Pará, e nas de Maranhão, até quatro pelo mesmo regimento.

Deve-se agora notar, que os regulares que influirão muito naquelles Estados soffrendo tumultuariamente as invasões do povo, se virão necessitados a condescender com a distribuição, e o Padre Vieira, que era superior de um collegio das missões, respondeu a uma proposta do povo, dizendo que elles tinham vindo áquelle paiz com grandissima vontade de servirem ao publico, e como fieis ministros de Deos, e que as razoes que elles produzirão, erão as ultimas até onde se podião alargar as consciencias com justiça, e que na concessão do meos, se poderia considerar aperto; como também seria relaxação o conceder-se mais, e que para o povo se não queixar, elles seguirão as menos apertadas opiniões, declarando o seu sentimento, por serem obrigados pelo mesmo povo (2).

A ponderada exposição também se comprova pela provisão em forma de lei, expedida aos 12 de Setembro de 1663 no reinado de D. Affonso VI, a qual fez tirar dos regulares Jesuitas a intendencia temporal, que elles tinham sobre a administração dos Indios, em razão dos tumultos e populares desordens que tinham acontecido. Isto assim se conduziu até que pelo sobredito regimento das missões, expedido em 21 de Dezembro de 1686 se restituiu aos ditos regulares também o governo temporal.

Resta-me agora ponderar a situação presente das distribuições e violencias, que se praticão com desacerto sensível, como prometti de mostrar. Eu não posso negar por ser in-

se lhe negara a licença. Contanto porém que tirando alguns Indios das aldeas para as navegações ter a o arraas de cada uma de pena tres mezes de prisão na fortaleza da Barra; e o dono será condemnado em 200\$000 para a fazenda real, e no decurso de seis annos não será despachada canôa a seu favor.

Praticada esta farsa que é mui necessaria (se bem que duvido da sua observancia) se conseguem as utilidades seguintes. Tira-se de duvida, e confusão se os missionarios cangarem com os Indios, que o regimento determina, e ficam menos livres para negar a quantidade, limitada no regimento. Atalha-se o escrupulo de poderem os missionarios preferir os seus afilhados na repartição de Tapuyas, e de afazerem por interesse. Salva-se o inconveniente de navegarem as canôas com menos Indios do que demanda o seu tamanho, de que resultará grande vantagem aos donos dellas.

Evita-se o damno de se tirarem Indios das missões contra a vontade dos missionarios, o que da occasião a gravissimos prejuizos. Impede-se que os missionarios estejam sujeitos as solturas com que os opprimem os arraas das canôas, quando lhe não dão os Indios que pretendem.

E ultimamente se consegue que os governadores não mandem tirar Indios com violencia de que nascem os prejuizos já ponderados.

E porque observada a referida farsa ha de abater muito o numero das canôas despachadas, se não deve conceder licença a quem não for morador. E se os Indios não bastarem para o servir aos requerimentos de todos elles serão no anno seguinte preferidos os que no antecedente tiverem sido escusados.

Também será conveniente, que Vossa Magestade estabeleça pena de perdimento de canôas,

(1) Assim o determinou a lei de 1 de Abril de 1680.

(2) Fui conta do Padre Barros, liv. 1 do § 212 e seg.

O Padre Vieira, varão apostolico que procurou este chamado governo temporal, não aspirava á dignidades. Bem notorio é quantas se lhe offerecerão, e quanto fugio dellas, e bem se vê que não procurou esta jurisdicção pela honra e ambição de governar Tapuyas, e só sim pelos converter e reduzir, e remover os impedimentos de sua conversão.

controverso, que a felicidade, conservação e augmento do Estado, consiste na boa união de todos aquelles membros, que constituem a sociedade, e que a beneficio da mesma, devem todos conspirar reciprocamente, auxiliando-se as partes que compõem aquelle todo politico, como estão dictando as leis da natureza. Ainda que por este principio ou regra inalteravel, devam os Indios concorrer e auxiliar aos moradores no trabalho das suas agriculturas, deve tambem ser indubitavel que este justissimo fim, se não deve buscar por meios iníquos, violentos, perniciosos, e impraticaveis, pois em semelhante caso, era mais terrivel o remedio, que a enfermidade.

A essencia de um corpo politico não perle as qualidades moraes, e por isso para ser abraçavel por meio daquella conservação é preciso que lhe não resistão os ditames da justiça: *bonum ex integra causa, malum ex quacumque de fectu. Non sunt facienda mala, a quibus proveniunt bona*. Esta é a sã theologia da nossa religião.

Os meios da distribuição, que o directorio recommenda (1) e a pratica altera, não são justos, antes são violentos; não é violencia, que estando um Indio tractando da sua lavoura, seja obrigado a deixa-la para ir servir a um morador contra a vontade, e a quem o governador concedeu uma portaria? Não é violencia que o Indio deixe o abrigo da sua pobre casa, o agazalho de sua mulher e filhos, o amparo da sua familia, para ir navegar penosos rios, pescar, fazer feitorias, ir ao sertão em beneficio de um morador, a quem se concede uma portaria? Não é violencia que alcançando um morador portaria para ter dous, tres ou mais Indios, creia que tem uma tuitiva para abusar da humanidade, para os espancar cruelmente, para os deixar soffrer a fome sem soccorro, para os cargar de summo trabalho, em todo o espaço do dia e muita parte da noite; e tendo a certeza que o Indio se não pôde retirar, porque está preso pelo grilhão da portaria?

Não é violencia, que os Indios pelo tempo do semestre, segundo diz o directorio, e por muito mais tempo, segundo a pratica, estejam adstritos a servir a um morador fóra da povoação, conforme o seu destino, sem poder ver os seus lares, sua mulher, e seus filhos neste tempo, e sem poder usar da sua liberdade, n'uma pequena parte, e isto porque ha uma portaria? Não é violencia vender o Indio o seu trabalho pela medida, e modo que delle quer dispôr o morador, e o salario não ha de ser a arbitrio do Indio, que aluga as suas obras, e que pôde achar quem mais lhe contribua, e isto porque ha uma portaria?

Não é violencia, ter um morador sentimentos de piedade, de amor e de caridade, tractar a um Indio com muitos agazalhos, fartar-lhe a fome, conservar-lhe a subsistencia, pagar-lhe promptamente, e querendo o Indio conservar-se com este seu bemfeitor, não é impiedade vir uma portaria, e coactamente tirar a este Indio, por mais que clame que quer alli estar, e manda-lo para outro serviço, para outro morador, e para melhor dizer, para um degredo?

Se aquellas terras primariamente são daquelles miseraveis, porque não poderão elles livre-

e dos generos que nellas se carregarem, a metade para a fazenda real, e o resto para o accusador constando que nas mesmas canoas são interessadas pessoas que não estiverem comprehendidas nos despachos dellas, pois nesta forma se evita, que indirectamente as navegue quem não fór morador, e que se utilize de duas, e tres licenças uma só pessoa como se vê succeder.

Ao despacho das mesmas canoas, e repartição dos Indios deve inviolavelmente assistir o superior das missões da Companhia, e as duas pessoas eleitas pela camara que ordena o regimento, que tambem nesta parte se acha sem observancia.

Tambem é preciso que Vossa Magestade defenda que da terça parte das que devem ficar nas aldeas se não possa tirar alguns debaixo de qualquer pretexto, excepto no caso de invasão de inimigos que acomettão o Estado, ou de outra semelhante urgencia. E que os missionarios depois de haverem concorrido com as duas partes, em que se devem comprehender os destinados ao seu serviço, não attendão a despachos alguns sobre a extracção de mais Indios, e que os governadores, quando mandarem buscar os que houverem separados das duas partes para o serviço real, ordene aos missionarios os entreguem, e de nenhuma sorte os committão aos officiaes subalternos que por seu movimento os tirem.

(1) Dedeo e § 59 em d'ante.

Se nas Indias occidentaes se pudesse praticar o estylo que se pratica na Europa, o mais provincias politicas, é certo que haveria muitos varões santos que praticassem este modo de evangelisar; e pelo contrario seguindo todos o mesmo methodo em toda a America portugueza e hespanhola, não se deve duvidar que este modo de missionar, é o que Deos quer, e o pro-

mente ajudarem-se a si proprios com os serviços, e não de haver portarias para ajudar nos estranhos, que muito mal lh'o merecem, e isto não é violencia ?

Na Europa os trabalhos findão com o dia, excepto os domesticos que se podem continuar com moderação em parte da noite; porém naquelle paiz todo o dia e quasi toda a noite por tempos successivos, em um morador tendo a sua portaria, não quer que o Indio durma nem socegue, dão-lhe crueis pancadas, e até lhe deitão pimenta nos olhos para os despertar do somno, como já aconteceu, e isto não é violencia ?

Acossados os Indios deste, e de tão cruel tractamento, eis que fogem, eis que entrão no numero dos amucambados, no retiro do mato; logo o morador avisa ao director, e este em execução da portaria do governador, ou pela amizade que tem com o dito morador, faz um indizível estrepito na povoação, e suas vizinhanças, mandando aos meirinhos, ou bariqueiras, acossar e perseguir ao miseravel Indio, que fugio ao seu damno, e usou da sua liberdade. Não sortindo effeito esta diligencia, se participa ao governador, o qual por tropa de soldados, faz expedições pelos rios a buscar aos fugidos, e se são achados soffrem castigos, calçetas e trabalhos de obras reaes, sem premios, nem salarios, e não é violencia.

Se o morador teve meios para conseguir portarias e ter Indios, nunca foi punido, se os maltractou, já porque os Indios não se queixão, e se se queixão, são duramente contestados, já porque o mesmo patrocínio, e meio que servio para o conseguimento da graça da portaria, lhe serve para o indemnizar de maior conhecimento: e isto não é violencia ?

Se esta formalidade de procedimentos não é captivoiro, não póde haver rouso que mais destrua pela raiz e liberdade. Eis aqui inuteis as sabias e santas providencias das leis em favor das pessoas, dos bens, das acções dos tristes Indios.

Todos estes factos são tão verdadeiramente succedidos que provera ao Omnipotente Deus, que o não fôra. Eu o sei por noticia da minha experiencia, e a meu pesar; e já o Padre Vieira clamou contra elles no seu voto sobredito dado aos Paulistas pelo abuso das suas consciencias; e se acha o mesmo estímulo no fim da carta de 6 de Abril de 1684, asseverando que só o dizer-se aos Indios do sertão que não hão de ser sujeitos aos governadores, bastará para que todos desçam com grande facilidade e se venhão fazer christãos, porque só a fama e o medo dos trabalhos, e oppressões dos que governão, os detem nos seus matos, o que é rouso tão notoria, como digna de se lhe pôr remedio.

Por este titulo de distribuição, bem se póde dizer que são os Indios vendidos muitas vezes; porque os moradores, para os conseguirem, necessitão de premiar com regalos e donativos aos intercessores da concessão; e isto além dos salarios que devem contribuir ao Indio, e tudo se deve recuperar á custa do suor, e do sangue do mesmo Indio: eis aqui o que succede na Capitania do Rio Negro.

A distribuição dos Indios serve para manter as sobreditas violencias, e para estabelecer

E que se acontecer, que algum missionario recuse dar os Indios que se lhe pedirem com despacho do governador, enquanto se não houver esgotado o numero que importarem as duas partes, e não provar na junta das missões algum accident: que o excuse, como v. g. fugida dos mesmos Indios, que o seu prelado-mór o mande logo tirar da aldeia, e que o castigue, e depute para a administração della outro religioso.

Tendo os missionarios congruas sufficientes não lhe serão necessarias todos os vinte cinco Indios, que o regimento lhe destina, e bastará que lhe concedão duze. Mas porque a equipação de uma canõa ordinariamente necessita de maior numero poderão quando vierem, ou mandarem a esta cidade buscar os seus provimentos, ou antes qualquor diligencias tirar os de que necessitarem para este fim.

As expressadas providencias serão tão pouco attendidas, como os alvarás, provisões, e cartas incorporadas no regimento das missões se Vossa Magestade não prevenir a sua observancia ordenando que os governadores, que foram comprehendidos na culpa de as alterar, incorra em perdimento do posto, e da esperanza de tornarem a entrar no seu real serviço. Para se aclarar esta contravenção devem logo imaginar se pelos meios possiveis as representações em que ella se accusar, e inquirir-se tambem nas residencias do procedimento dos mesmos governadores, sobre o referido assumpto Vossa Magestade me fará o que fôr servido.

Para, 15 de Julho de 1735.

prio daquelles paizes. O Padre José da Costa, missionario dos Indios do Perú, diz que seria digno do riso, o missionario que quizesse evangelisar aos Indios como as nações politicas liv. 2º, cap. 8º de *Procuranda Indiorum salute*, e a razão da differença, é porque os apóstolos e mais varões, que annuncião o evangelho a gentes politicas e discursivas, todo o seu em-

os grãos da dependencia, e da regalia entre aquelles que tem a seu cargo concederem Indios para os trabalhos, e os moradores que necessitam daquelle auxilio. Sendo tão odiosa a distribuição, como tenho representado por uma pequena sombra, ainda se faz mais iniqua; porque os Indios não se concedem aos moradores á proporção da sua familia da disposição da sua agricultura, dos meios com que tem disposto as suas feitorias, e da probidade com que tractão aos Indios naquellas suas grangearias, mas sim segundo os seus passinhos que ha para se alcançarem as portarias da concessão.

Ainda no meio deste tropel de desordens, se vai encontrar com outro absurdo, e vem a ser: quando qualquer morador necessita de auxilios dos Indios, não os consegue senão depois de cansados rogos, e requerimentos, e depois de dispôr os meios das intercessões, quasi são os interesses que deste modo se respeitão, os publicos ou os particulares? dos moradores, dos Indios, ou do Estado?

O governador, os ministros, os cabos da tropa militar, os ecclesiasticos, e moradores de consideração, ou pelos seus cargos, ou pelo seu melhor estabelecimento, todos têm Indios assiduamente para os seus serviços, além dos que se empregão em obras reaes: os salarios tenues, os serviços indispensaveis. E serão estes os meios para se conseguir o estabelecimento, e conservação daquelle Estado? E será este o modo com que devem as partes convergir para a subsistencia do seu todo?

São de tal maneira tão mal ordenados os meios, que pela distribuição se dispõe para o estabelecimento, e felicidade do Estado, que hoje em dia toda a Capitania do Rio Negro, não vale quinze mil cruzados; como em outro tempo se lastimou o Padre Vieira, a respeito da Capitania do Pará, dizendo que não valia dez (1); porém que o capitão-mór Ignacio do Rego, tirava por sua industria, mas de cem mil cruzados, do sangue e suor dos Indios. Por uma parte a caridade, por outra a justiça da causa, me ensina a dizer sómente, que pôde ser que na dita Capitania do Rio Negro, se achem os mesmos argumentos, reservando-se para os Indios tudo o que é oneroso, e removendo-se delles tudo o que é util.

Contra estas ponderações se dirá: 1º que os Indios por sua natural constituição são indolentes, rusticos, preguiçosos, inclinados a viverem ociosos; com inconstancia de caracter, e por isso necessitados a serem domados por algum freio, que os contenha em sujeição, e os obrigue a acudir ao util, ao necessario, ao honesto; 2º, que por seu proprio bem, e para se civilisarem, e se desterrarem fundamentalmente da sua rusticidade, e dos seus antigos ritos, se faz necessaria aquella especie de constrangimento, para os conter nos limites da justiça, e não apostatarem para a idolatria; 3º, que de necessidade deve haver aquella distribuição dos Indios pelos moradores, porque muitos necessitam de criado, pelas suas gradações, para se servirem, segundo a constituição da sociedade civil, que não pôde subsistir sem hierarquias, e porque de outra forma se não podem estabelecer as casas, as familias, sem auxilio para as lavouras, e sem soccorro para o gyro do commercio e que esse é o direito, porque cada um é responsavel, para a conservação de qualquer comunidade politica.

Eu vou porém a responder a essas apparentes duvidas, que no directorio se produzem incontrovertas, e com apparato de empoladas palavras para persuadir os projectos. Em quanto a primeira, os Indios não são tão rusticos, e barbaros a excepção dos Múras, que não vivem em communidade, respeitando a um chefe a quem obedecem, e cujas ordens executão, sem perder de vista a sua união, e a conservação da sua civil sociedade, elles tem regras, tem preceitos, tem religião, ainda que no meio das trevas da idolatria, e se conduzem pela força destas obrigações, tirados daquelle independencia e igualdade em que a natureza primitiva havia posto a todos os homens, e se fizeram dependentes, e sujeitos pelo direito natural das gentes (2).

A unica differença que ha entre elles, e nós, é que elles trabalhão por conservar as suas palhoças e cabanas; assim como nós defendemos os nossos edificios, ou ordinarios, ou

(1) É a carta de 4 de Abril de 1651 no § 1.

(2) Burlamaqui tom. 6, cap. 1. Grot. disc. prelim. e liv. 1, cap. 1, § 11, Puffendorf. liv. 2, cap. 3.

penho é convencer-lhe o juízo e discurso, para que convencido este, abra-
sem a lei evangelica movidos da evidencia da sua verdade, e da força da
divina graça.

Pelo contrario, os Indios Americanos são barbaros e brutos sobre toda
a barbaridade, e brutalidade que se tem descoberto no mundo.

sumptuosos. Elles vêm a sua liberdade amparada pelos seus principaes, que cingem as
testas de pennas; como nós vemos a nossa protegida pelos principes, que sobre os thronos
cingem corôas. Elles não conhecem os sceptros, que nos distinguimos nos imperantes,
mas distinguem as diferenças dos arcos, com que maneão as frechas. Emfim elles têm
regras de politica, e se é rustica a respeito da nossa, nem por isso se devem chamar bar-
baros. Elles dão uso á razão, e são habéis para aquellas vantagens que se tirão do com-
mercio dos estranhos. A inconstancia de quo são accusados, nasce da sua sincera flexibi-
lidade, de que os maliciosos europeos abusão. Elles de boa fé estão promptos para crer
tudo que se lhes diz, e quem é assim não necessita de rigor para ser insuportavelmente
domado. O exemplo é mais suave para se imitar do que são facéis as regras para se
obedecerem. Sejam bons os Europeos, que será superfluo o constrangimento para os Indios
seguirem o util, o honesto e o bem.

Alguns ha que dizem serem os Indios imbecéis, e ignorantes na sua mesma rusticidade.
Elles certamente se engañão nessa generalidade, se é que a não fingem, para melhor se
poderem senhorear de todos os seus interesses. Em abono da verdade devo dizer que vi
Indios muito astuciosos, muito habéis, e com talentos para encherem todas as funcões da
vida civil. Na villa de Barcellos ha uma India casada com um morador Europeo, chamado
por alcunha o Gancho: este não tem lição, posto que seja muito habil para traficar, e ella
sabe ler, escrever, contar, e tem a seu cargo o gyro do commercio em uma loja de ne-
gocição, em que vende muitos generos de secco e molhados, além de outros effeitos que
se achão nas lojas de capella desta corte.

Produzirei mais outro facto de que fui testemunha occular: entre as expedições que
fiz em razão do meu officio no Rio Amazonas, estando entre as povoações de Alvarães e
Fonte Boa, me apparecerão duas canoas com vinte Indios, conduzidos do Rio Japurá, que
tem immensas nações, e muitas riquezas de drogas e especiarias; elles vinhão da sua aldéa,
que estava e está nas trevas do gentilismo, e encontrando-se no rio com uma canoa pequena
dos nossos, estes lhe derão parte, que eu e o visitador da igreja, andavamos por aquelle
sítio em diligencia de officios, e que os poderíamos apprehender; elles apezar desta noti-
cia nos buscarão animados, dizendo, que como elles, e seus parentes nunca havião feito
mal aos brancos, que não havia razão para não terem toda a confiança e buscarem-nos.

No encontro os tractei com tanto agasalho, que fazendo toda a distincção do seu prin-
cipal chamado Manacapury, o festejei com dadivas, e até o recolhi comigo na mesma rede.
Por fim o quiz persuadir, a que descesse com a sua aldéa e vassallos, e com os da sua
alliança para as nossas povoações, para se christianisarem, e se estabelecerem com as leis
da nossa sociedade; ello me fez responder com toda a promptidão, e bom discurso, que
elles não devião deixar as suas terras, onde se região havendo subalternos e superiores.
Que elles não repugnávão a nossa amizade, mas antes a aceitavão, e promettião dar-nos
tudo, o que necessitassemos delles: que assim como nós iamos aos Javaris, e ao Mato-
Grosso, que erão paragens summamente remotas, que da mesma podiamos ir ás suas po-
voadões, de donde os velhos e velhas não se querião apartar: que elles estimavão a nossa
alliança, e amizade, porque á sombra della se farião mais temidos, e respeitados dos seus
inimigos. Assim não pensa um imbecil, um rustico, um indolente, um ignorante.

Não devo escusar de referir aqui um tocante e sensível facto, que expõe o autor (1) da
vida do Padre Vieira: partindo este zeloso missionario para a redução dos Nheengaibas,
e Mamayanazes, mas temidos de todos pela sua fereza; conseguio delles o sujeitarem-se á
luz do evangelho, e ao dominio portuguez, e dispondo-os a jurarem pelos seus principaes,
o juramento de fidelidade aos reis fidelissimos, quando o Padre lhes propóz as circums-
tancias, e as clausulas do dito juramento, todos annuirão; mas de entre elles respondeu o
principal chamado Peijé, que elle não queria prometter, o que se lhe propunha, e conti-
nuou a dizer, que aquella promessa só a devião fazer os Portuguezes, e não elles; porque
a sua fidelidade a el-rei, o reconhecimento de vassallos, e a alliança com os Portuguezes,

(1) O Padre Barros, liv. 3. § 23, e expressamente no § 86 e seg., pag. 286.

Os meios que tem mostrado a experiencia para os converter, são, primeiro cuidar o missionario em reduzi-los de feras em homens, e depois de convertidos em homens, é que se podem fazer christãos. Para isto se conseguir, é necessario tira-los dos matos, estabelece-os em aldeas, onde com a communicação dos missionarios e Indios já civilizados, se acostumem á vida politica. E' tambem necessario que os Indios entendão

fôra nelles uma virtude tão robusta, que nunca quebrava da sua parte, que sendo os Portuguezes, os que tantas vezes faltavão ás leis do rei, e ás do mesmo Deos que adoravão; elles devião ser os que promettessem e jurassem. E quem dá uma tal resposta é imbecil, é rustico, indolente e ignorante?

Na historia ecclesiastica da America Hespanhola (1) onde se vê o grande zelo do famoso Bartholomeu de Las Casas, se refere um caso, que até nutre a curiosidade, que foi mais ou menos séria: chegou um Indio a possuir uma cavalgadura, e sendo encontrado por um Hespanhol em jornada, este o quiz enganar, permutando, o dando em troca outra, que era de muito menos valor, e mancava. Resistia o Indio ao contracto, mas não pôde resistir á violencia, com que o Hespanhol lhe tomou o seu bom cavallo, e lhe deu outro arruinado; como pôde, foi o Indio em seu seguimento, e no primeiro povoado, chamou o Hespanhol a juizo, e perante o magistral da terra. Defendeu-se o Hespanhol, dizendo que o Indio era um embusteiro, rustico, e falsario, que com impostura queria possuir o cavallo que nunca fôra delle. O Indio não tinha com quem provar o seu dominio, a posse, e a violencia do esbulho; porém em continente passou para junto do cavallo litigioso, e com a ponta da capa lhe cobrio toda a cabeça, e propôz ao Hespanhol, que visto elle dizer, que o cavallo era seu, devia plenamente saber de todas as suas circumstancias, e que assim discesse, e respondesse, de qual dos olhos não via o dito cavallo: exitou o Hespanhol, mas respondeu com animosidade, que era do esquerdo. Logo o Indio tirou a capa, e mostrou ao juiz a falsidade, e a calumnia do Hespanhol, fazendo crer que o cavallo via bem de ambos os olhos, e que não tinha gota serena em qualquer delles.

O Indio obteve felizmente por esta astuciosa demonstração da verdade, e advogou a sua causa melhor, do que lhe advogaria um jurisconsulto das universidades de Allemanha, com todos os codigos abertos de direito: isto fez o Indio, e se dirá que é imbecil, rustico e ignorante?

São immensos os factos, que se podem produzir em prova das astuciosas idéas dos Indios, e da sua habilidade, e ainda que nesta parte me vou remetter ao silencio, não posso deixar de referir, o que procederão os Indios habitantes da Ilha de Joannes, que está situada na boca do grande Rio Amazonas, os quaes expondo-se á guerra pela cobiça dos Portuguezes, derão clara idéa do seu valor, da sua destreza, e de saberem tomar justas medidas para a sua defesa, segundo a arte da guerra. Elles aproveitando-se dos inacessíveis bosques do terreno, e dos muitos e cruzados rios, se espalharão por toda a extensão da ilha, dividindo as suas povoações, e pondo os seus domicilios em largas distancias, para não poderem ser sorprendidos por uma só invasão, e terem tempo de se avisar no primeiro ataque que qualquer tivesse (2): se este procedimento é effeito de uma idéa clara e militar, só o podem dizer os que bem sabem da tatica, que a mim só me pertence admirar a astucia da defesa.

Estando eu em Barcellos, forão angariados pelo morador Peixoto, á instancias minhas, uns Indios que fizeram admiração a todos, por nunca ter havido noticia da sua nação. Elles erão muito reforçados de constructura, bem feitos, e com umas barbas crescidas até aos peitos; novidade estranha em todos os Indios, que ordinariamente tem a barba limpa. Habitavão no rio Branco, defronte da povoação do Barreiro, e publicamente disserão que havia entre elles a tradição de se não terem avistado com os portuguezes; e que tendo noticia das crueldades e captiveiros que sobre elles obrarão, se tinham espalhado e alongado as suas habitações umas das outras, para evitarem a sorpresa de quaesquer atacantes, isto ouvi por testemunho de facto proprio. Pôr fim se confederarão, e prometterão vir para nós, aproveitadas as suas lavours, e antes disso nos buscarão, trazendo um seu enfermo, para o curar-mos, o qual chegado ao porto da villa de Bar-

(1) Mr. Turon, se rite recordor, tom. 7.

(2) O sobredito Padre Barros, no liv. 2.º §§ 1 e 2.

que têm nos missionarios pais e defensores, que os livrem das violencias dos Portuguezes. Por esta causa concedêrão os reis de Portugal e Castella, aos missionarios dos Indios, com o governo espirital, tambem o temporal, por ser um totalmente dependente do outro, para a conversão dos Indios.

Isto supposto, resta mostrar que cousa seja este tão famigerado governo

cellos, foi baptisado, e se aproveitou da vida. Eis aqui o bom uso que elles dão aos seus conhecimentos.

Os romanos se não reputarão inhabeis e ignorantes, supposto que Numa, com politica e industria, os persuadissem que se communicava com Jupiter, por meio de uma aguiá, acostumada a comer a sua orelha. Sertorio praticou o mesmo com a corça, que fez embaixadora dos deoses Faunos; e os habitantes do territorio, não forão tidos por ignorantes, ainda que se persuadirão da impostura; assim são os Indios flexiveis, mas astuciosos.

Pelo que contém a segunda duvida, devo dizer em poucas palavras, e com evidencia dos successos, que o rigor e o constrangimento, tão longo está de obrigar os Indios a se civilisarem ao nosso modo, e ao nosso gesto, que por isso de nós fogem e retirão-se para os matos, e rilos da idolatria. Uns apóz dos outros, tem buscado as brenhas para fugirem das tyrannias, perdendo-se o bem temporal e espirital, de que havião grandes esperanças. O amor, a ternura, a piedade e o agasalho da caridade, produz muitos diversos effeitos de sorte, que nos agradecidos corações dos pobres flexiveis Indios, faz com que seja doce o mesmo captiveiro, a que se ligão como liberdade mais livre na phrase do Vieira (1). Tem pois sido infinitas as deserções por aquelle principio; não só pelo que consta das repetidas leis, que se tem promulgado para atalhar aquelle damno, mas tambem pelo que continúa, e successivamente está acontecendo.

A respeito da terceira e ultima duvida, tambem direi que é innegavel deverem as partes concorrer para a conservação e augmento do todo; mas deve ser por modo, que se não destruão a si mesmas; porque em breve tempo virão a recahir no todo, os effeitos da ruina respectiva. E' justo e muito necessario que os governadores, os ministros e mais pessoas de graduação, tenham Indios que os sirvão, pois segundo a physica do paiz, e costume dos povos, não podem ter outros criados, e por estarem interessados a bem do Estado, é como causa commum, o serem providos daquelle auxilio, que não só convém ao commodo natural da conservação e sustentação da vida; mas tambem ao civil e politico de que todos os mais dependem para a geral subsistencia. Para mim, e para todos, ainda os semi-politicos, é verdade inexcusavel que o commercio, e agricultura, são as bases em que o Estado póde melhor segurar a sua conservação, e augmento; porém não por meio da distribuição, pelos inconvenientes que tenho ponderado.

Desempenhem-se as leis, seja completa a liberdade dos Indios, sejam livres suas pessoas, suas acções, e os seus bens, que haverão lavouras, domicilios escabelecidos, e o commercio se exercitará, sem o desconmodo, e a violencia das distribuições; sem oppressão, e constrangimento dos miseraveis. Por meio das distribuições, não ha Indios para existirem nas povoações, e fabricarem as lavouras, que deve ser um objecto importantissimo do Estado. Se os Indios são livres como dizem as leis, e recommendão os pontifices romanos, para que hão de ser obrigados a servir a titulo de distribuição? Sirvão embora, mas seja a titulo de convenção, e a titulo de alugarem as suas obras, por meio da brandura, e suavidade. Sirvão os Indios a quem quizerem, e a quem melhor lhes pagar, e melhor lhes merecer. Possão elles estipular o tempo, e acabado passarem para outro serviço, que melhor conta lhes fizer. Haja uma mutua correspondencia, e dependencia entre os Indios, e os moradores, estes para serem bem servidos, e aquelles para serem bem pagos, e satisfeitos nos seus salarios. As justicas podem e devem conhecer das injusticas dos casos, das lesões, das obrigações, dos contractos.

Assim como os moradores podem fazer os seus estabelecimentos com o soccorro dos Indios, porque estes tambem o não farão, sendo auxiliados com os seus nacionaes? Se aquellas terras primariamente são suas, e elles se podem render muitos serviços, porque não terão essa liberdade franca para enriquecerem os seus domicilios, sem o temor das

(1) No voto sobredito § 34.

temporal dos missionários. El-rei o explica com uma provisão a mais moderna nesta materia, para a provincia e missionarios do Brasil, de 27 de Março de 1721.

Com declaração que a tal administração temporal não é jurisdiccional, mas sómente um poder como de curadores dos miseraveis Indios, aus

portarias dos governadores, execuções dos directores. dependencias do secretario do governo, e sujeição dos validos? Todos estes naquelle Estado são reputados por outros tantos regulos, ou tyrannos da flexibilidade, e sujeição dos tristes Indios. Franqueando-se tudo, pagando-se exactamente, havendo amor e caridade, haverão agriculturas bem fornecidas, haverá commercio de interessante negociação; os Indios servirão aos moradores, e estes a aquelles, e tudo se dirigirá pelas regras da igualdade, e sem sombra de violencia e captivo que a natureza aborrece. Eu vou a dizer a razão e o modo.

Os Indios por indole propria, são muito domaveis e flexiveis, de sorte que lhes custa dizer que não querem. São muito agradecidos, e estão promptos e promptissimos para gratificarem e servirem a quem lhes faz bem, e lhes paga. Havendo franca liberdade neste procedimento, e soltos os ferros da distribuição, ficará também o commercio livre, e cada um pela propria industria praticará aquelles ramos de negocio, que mais fizer conta aos seus lucros.

Removida aquella especie de tyrannia e de escravidão, os Indios que temerosamente vivem nos matos, e nas brenhas, soltarão o receio; uns descerão para nós pelo seu mesmo interesse, outros nos conduzirão aquelles generos e drogas, de que abundão os seus vizinhos sertões, para se fazer gyrar o commercio; nós conseguimos as especiarias, sem tanto dispendio, sem tanto trabalho e sem viagens tão arriscadas: o Estado se fornecerá de população, e de individuos, para supprir a todos os socorros ou dos serviços particulares, ou das lavouras. GyRANDO a correspondencia por todos e sem nenhum custo, e com maravilha indizível, se verá brilhando a luz da fé, e a verdade do evangelho por todo o paiz, e se dilatará não só o gremio da igreja, mas também se estenderão os limites do imperio portuguez, por nós nunca d'antes presenciados.

Muitas e muitas leis (1) se tem promulgado, afim de que os Indios não sejam constreados a deixar as suas terras; quando elles não querem descer para as nossas povoações, mas estão aptos para receberem as instrucções, e doutrinas da christandade, nas suas aldeas, e dizem as leis, para que se não haja de perder a sua disposição, e entrem para o numero de fieis. Outra razão de politica mais persuade aquella execução, e vem a ser que elles não desconfião da nossa amizade, conservando-se nos seus lares paternos, abrem-se os melhores canaes para elles nos conduzirem ás immensas riquezas, drogas, e especiarias dos seus sertões, de que elles não conhecem nem o valor, nem o merecimento; e estabelecendo-se pouco a pouco na boa fé das nossas promessas e amizade, elles serão os mesmos que queirão vir para mais perto, e para nós. Além disso o Estado não só necessita de segurar e dilatar os limites do seu dominio, mas também precisa de quem lhe communique aquellas sobreditas drogas e especiarias, que a natureza produz nos sertões; emquanto as mais povoações se occupão em outras feitorias de manteigas, oleos de copaliba, azeites de andirobas, salgas de peixes, e outros muitos ramos de commercio, e tractos da vida humana. Para esse fim, o melhor meio é franquear aos mesmos Gentios que commerciem communco, porque assim se domesticirão, conhecem o bem que lhes falta, e Deos permita que a sua palavra, e o seu evangelho produza os sagrados effeitos da nova alliança, por meio dos maravilhosos prodigios, que communica aos Sacramentos, e o merecimento da redempção: em uma palavra, todo o gentilismo é facil de se reduzir á fé, não havendo a menor sombra de oppressão, e de violencia. Eu me atrevo a dizer, que assim como os captivos, e as oppressões têm sido a causa transcendente de se não adiantar o Estado; assim também as distribuições de hoje, fazem continuar o mesmo damno; emquanto as mesmas durarem, ainda resultará outro prejuizo que logo exporei, e de gravissima importancia. Faz-se tão necessaria a relaxação de semelhantes distribuições, quanto se julgou importante, a abolição das encomendas, ou administrações, que vagavão em todo o resto da America Hespanhola; porque a sombra daquellas introduções, se franquearão os abusos contra a liberdade. Isto deu occasião para que em Hespanha por lei, que refere o

(1) Além de outras extravagantes, a provisão regia de 21 de Outubro de 1652, e o que determina a lei novissima de 6 de Junho de 1755.

quaes a natureza não deu capacidade, nem talento para se governarem, por que a jurisdição pertence á justiça para julgar as suas contendas e os seus crimes, e aos governadores e capitães-móres a jurisdição que lhes compete, é para usarem dos Indios sómente para irem a guerra, e trabalhar nas obras das fortificações, e não a servir a particulares, salvo por sua vontade.

grande Solorzano (1) tractando do governo das Indias Occidentaes, se determinasse, que jámais se taxassem os serviços pessoais dos Indios, nem fossem elles obrigados e violentados a servir em satisfação, ou dos sujeitos, ou dos cargos, ou de tributos, ou devidas contribuições. A mesma lei pondera, que supposto ser de algum descommodo para os Hespanhões, aquella restricta determinação, com tudo que é de maior peso a liberdade e a conservação dos Indios.

As distribuições o que podem ser senão taxar serviços, ou ir contra a vontade, dos que podem alugar as suas obras, quando quizerem, ou como quizerem? Vão os directores para uma povoação, põe-se em ar absoluto de pequenos senhores, dão pancadas, maltracção os Indios a seu arbitrio, e sem causa; não zelão os interesses communs dos miseraveis, são uns transgressores autorizados com o distarre do seu cargo, para fazerem galhardia de serem prepotentes, e obedecidos; trazem com abatimento apoz de si, e ao mando das suas ordens, aos juizes e principaes; fazem-se independentes, cohonestando-se com as ordens de Sua Magestade e do governador; disputão forças com os parochos por conta das suas obrigações; nem os mesmos parochos se atrevem a ir celebrar, sem venia, e permissão dos directores; elles não têm outro trabalho, que estar no meio do seu commando tyranno e prejudicial, e no fim se pagão com os serviços dos Indios, mandando-os violentamente, e de montão para o negocio dos remotos sertões; e para ter a sexta parte de todos os generos, que os mesmos Indios colhem á custa do sangue, das vidas e do suor. Que será isto se não pagar-se o mal com o bem do maior custo? Que será se não pagar com serviços pessoais, e taxados a uns officios que lhes são mais que inuteis?

Hespanha é uma nação civilisada, e tem na America muitas colonias, ou conquistas; porém já ha muito tempo que detestou o uso das encomendas e administrações, que pela uniformidade de razão, valem quasi o mesmo, que as distribuições que hoje em dia se querem autorisar naquelle continente.

Já o Padre Vieira cançado e zelosamente clamou (2) contra o numero dos governadores ou dos que governavão, trazendo a seu proposito exemplos hem torantes, como de se propôr a Catão dous Romanos para presidirem em duas praças, e ambos lhe descontentarem; um porque nada tinha, o outro porque nada lhe bastava. Aquelle missionario se affrontava com dous capitães-móres, ou governadores, que fará agora havendo tantos? Em cada povoação um director, faz um governo de pequena provincia, e á custa da propria experiencia, tenho lido com admiração a verdade, com que aquelle religioso genio fallava de umas desordens, que lhe crão contemporaneas, e hoje se conhecem.

Debaixo daquellas jurisdições tambem estavam as pregações dos missionarios, fazendo-os Deos tão livres, pelo que a salvação dos Indios era tão captiva como elles; e erão os Padres affrontados e desohedecidos: isto dizia aquelle Padre naquelle tempo (3) e hoje em dia se notão os mesmos desacertos. E como hade o Estado felicitar-se?

Vou a satisfazer a promessa que acima fiz de expôr o outro prejuizo de gravissima consequencia, que se segue das distribuições. Já disse que pela falta dos descimentos de Indios, para as nossas povoações, se calculava a diminuição da população, e que disto tem sido a causa a oppressão do corado captiveiro debaixo do véo da distribuição, mas suppunhamos que apesar de todos esses obstaculos, que ha meio de se fazerem descer alguns Indios, como cheguei a promover á custa da minha diligencia, da minha fazenda, e de um animo todo ratholico e christão; quando servi o emprego de magistrado na dita Capitania: eis que a desordem e desamparo, e o custo é grande, porque não ha roças de commum, donde se tirem mantimentos para se sustentarem os novamente descidos, e proximos a se converterem; e apesar de grandes despesas da fazenda real, que se podião evitar, é muito pouco o aproveitamento que ha, porque morrem muitos Indios, já por estarem fóra do seu clima, já por não terem todo o amparo. Se os Indios não estivessem repartidos, e entranhados no negocio

(1) Lib. 1 de Ind. gub. Cap. 1. n. 12 e 14. e cap. 2, n. 4, 8 e 9.

(2) A carta de 4 de Abril de 1654, in princip.

(3) A carta de 1 de Abril de 1654. § penult. e ult. e a outra de 8 de Dezembro de 1655. § 14.

O mesmo pouco mais ou menos, declara el-rei ao superior das missões do Maranhão, em carta de 26 de Fevereiro de 1693. E' pois esta jurisdição chamada temporal dos missionarios, conforme as leis e mente de Sua Magestade, um poder paternal como de pais curadores, tutores, e defensores dos Indios e nada mais. Melhor me explicarei com as palavras pro-

do sertão, haverão lavouras chamadas de commum e de prevenção, em que elles tivessem trabalhado, e se aproveitarião todos os descimentos.

Que são numerosas roças e aldéas de prevenção para os Indios que descerem, bem claramente diz o Padre Vieira (1) e o mostra a experiencia, por cuja necessidade fiz propôr a todas as povoações, que tivessem roças de commum, para dellas se acudirém áquellas urgencias. Esta minha proposta mereceu que o general do Estado, Fernando da Costa de Athayde, por carta circular, e instructiva de 3 de Outubro de 1769, fizesse dizer aos directores que as roças de commum não tivessem menos de duzentas braças em quadro. Não posso escusar-me de dizer em abono da verdade, que aquelle governador era muito proliquo e conhecedor do bem, e dos publicos interesses do Estado, attingindo tudo por força das suas luzes, e das suas pias intenções.

Uma das partes da distribuição é dirigida, como tenho muitas vezes dito, para o negocio do sertão, e recommenda o directorio que sejam conduzidas as canoas, por cabos de conhecida fidelidade, inteireza, honra e verdade (2), e que a sua nomeação se faça pelas camaras e principaes, á contento dos Indios, e que o director tire exacta informação (3) da chegada das canoas; se os ditos cabos forão transgressores em se utilisar dolosamente daquelle negocio. Toda esta determinação é de apparato, porque pelo modo, com que aos directores se lhes amplia a jurisdição, nem as camaras, nem os principaes nem os Indios, têm o menor voto. Os directores e os governadores, são os arbitrios daquellas nomeações e os cabos ordinariamente, ou são soldados, ou têm sido; e por vida, e por costume, excessivos no máo tracto, dos Indios. Antigamente no tempo dos regulares, este officio sempre foi exercitado pelos mesmos Indios sem se admittir, estranho ou morador, e elles, não só davão conta daquellas commissões, mas até achavão abundancias, a cujo respeito se estranhão as diminuições deste tempo, como é notorio; e com este argumento tambem se qualifica de caminho a sua capacidade e diligencia do commercio.

As informações que os directores tirão, é em virtude da determinação referida, e em sua execução se lhes permite a prisão contra os delinquentes: daqui se reconhece mais que o directorio lhes concede jurisdição coactiva, ficando de parte todos os officios da justiça, a quem deveria caber por acção de direito. Pouco importa que no preambulo do mesmo directorio, se considere que a jurisdição dos directores é accessoria, procuratoria, directiva e economica (4), se effectivamente se lhes manda proceder com coacção em multos lugares, e assim o faz entender a instrucção (5) sobredita (que faz um dos angulos da pratica), a respeito dos moradores brancos, que casados com Indias as trocetaem mal, e nesse caso se permite aos directores castigarem a seu arbitrio pela primeira vez, e pela segunda, que os remetterá seguros ao governo.

Estas contradições e misturas de jurisdição, produzirão nada menos que outro phenomeno, que vou a expôr. Na villa de Javary, sendo director um alferes, fez este muitas insolencias com o destino (o que commummente acontece) de ficarem impunes, e entre ellas por motivos muito particulares, sem culpa formada, sem conhecimento de causa, sem suspensão de officio, e sem ordem superior, foi a de fazer prender ao juiz e capitão de descimentos João Francisco da Fonseca, e juntamente lhes prendeu a mulher e filhos, dos quaes alguns morrerão ao desamparo na cadêa; e juntamente maltractou com um pão ao dito juiz, que por não soffrer o incommodo e a injuria, pendurada no pelourinho a vara, e insignias da jurisdição, fugio e desamparou o sitio.

Prenoto que aquelle injuriado era e tinha servido de importante auxilio ao paiz, por ser muito babil, por ter concorrido para muitas reduções, e saber mais de oito linguas

(1) A carta de 6 de Abril de 1654. § 13.

(2) O § 53.

(3) O § 54.

(4) O § 2 do directorio se diz, que os directores não têm jurisdição coactiva.

(5) No § 7 da mesma instrucção, a qual foi approvada por carta regia de 7 de Julho de 1757.

prias do Padre Antonio Vieira, a quem Vossa Magestade concedeu primeiro a tal jurisdicção, respondendo a uns capitulos que contra elles derão aquelles povos, sendo uns delles nesta mesma materia.

Diz o procurador das camaras do Maranhão e Pará, que os Padres missionarios se levantavão naquelle Estado com a jurisdicção de Vossa Mage-

particulares de diversos idiomas de nações, por cujos serviços foi creado em capitão pelo general do Estado.

Estas e semelhantes desordens não fazem demasiado espanto, porque são muito triviaes nas villas e povoações, onde alguns têm sido regulos e prepotentes, atropellando e espancando os juizes e principaes, sem lhe fazer o menor remorso, nem na civilidade, nem na consciencia.

Não são só estes, são outros muitos os abusos. Como por meio das distribuições são os Indios servir, de necessidade devião ser pagos de seus competentes salarios. A isto havia dado providencias, a lei novissima de 6 de Junho de 1735 no § — E para que os moradores—determinando que o governador e capitão-general do Pará, convocando em junta aos ministros e letrados daquella capital, ouvindo ao governador e ministros da cidade do Maranhão, com accordo das duas respectivas camaras, se estabelecessem os jornaes e salarios, que deverião receber os Indios operarios, conforme as circumstancias das terras. Tal junta, e tal accordo nunca se praticou. A primeira determinação que houve, foi feita pelo arbitrio de Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que se fez independente de adjuntos, e esta mesma pratica tem seguido os mais generaes, com igual independencia no particular dos Indios. Daqui se seguiu pagarem-se os Indios operarios, pelo tempo de trabalhar um mez, com duas varas de algodão, que ambas importão em 300 réis, e ás vezes menos. Sempre conheci grande improporção neste pagamento, e o general Fernando da Costa de Athayde, passou a altera-lo por ordem que mandou á Capitania do Rio Negro, e nisso o imitou o general actual; e seria justo que tanto a respeito dos operarios, como dos artifices, se observasse o que tão sabiamente recommenda a lei para os arbitramentos, proporcionando-se com as situações e circumstancias das terras.

Emquanto a especie dos mesmos salarios, parece que o directorio não offerce pequena duvida, porque no § 40 diz, que fique na liberdade dos Indios, o venderem os seus fructos ou por dinheiro, ou permuta-los com fazendas; e só nos §§ anteriores recommenda (1) aos directores que assistão ás suas e semelhantes negociações, para que os contractantes, não abusem da ignorancia dos Indios, e estes não fiquem lesados. No § 72 deixa ao arbitrio dos moradores a dita especie explicando-se pela vontade delles quererem, ou não fazer os pagamentos em fazendas; donde se infere que podem fazer os ditos pagamentos em dinheiro.

No § 58 é muito diverso o trilho, porque encarecendo-se muito a rusticid de, e ignorancia dos Indios, se diz que o thesoureiro geral, não entregue em dinheiro aos Indios, o que lhes couber dos lucros do negocio do sertão por não o saberem administrar, mas sim em fazendas de que elles necessitam.

Esta providencia de se pagarem os generos com fazendas, parece dirigida a interessar ao thesoureiro, que declaradamente nomea, e abona o § 55, e a Companhia (que já se destinava) a qual havia de perceber lucros nos generos que comprasse, e nas fazendas que em pagamento vendesse; e isso se mostra por ser a tal providencia muito restricta, e contra o verdadeiro espirito das leis, porque bem se conhece, que só na capital do Pará, ha thesoureiro para aquella exhibição; e custa a crer, que no Pará tenham os Indios inhabilidade para pegar em dinheiro, e que fóra de lá esteja removido o impedimento, ou que a referida determinação tambem comprehenda os mais territorios, resistindo-lhes as especies dos casos, e das determinações do mesmo directorio.

E' verdade, o que sei por experiencia, que alguns Indios são muito desinteressados; mas outros são de tal governo, que são curtos em demasia nas suas despesas; de maneira que sendo regularmente amigos da aguardente alguns vi, e tractei tão prevenidos, que só usavão della em casos precisos, guardando-a com muita cautela, para a dar nos casos occurrentes, e de maior necessidade; assim tambem a respeito do dinheiro, que com sumo zelo o enthesouravão.

Mas como todas as duvidas têm facil interpretação na pratica, e esta se fórma de repente

(1) Nos §§ 37 e 39.

tade, e devia tambem apontar em que cousas tomavão a dita jurisdicção. Quando fui a primeira vez para o Maranhão, me concedia Sua Magestade a jurisdicção e administração dos Indios, e a de pai dos christãos, que se tinha concedido por el-rei D. Felipe, e pelo rei D. João IV, ao Padre Luiz Figueira. O secretario Gaspar de Faria Severim, póde ainda certificar

pela vontade dos que governão, tudo se põe de plano em execução. Não obstante isso o directorio (1) determina que tomados os Indios na distribuição, se depositem os seus competentes salarios em um cofre, que haverá em cada povoação; porque se os Indios faltarem aos serviços, sejam restituídos aos moradores, aliás que elles sejam pagos daquella caução; porém como o mesmo directorio dá causa a todas as quebras, e os executores delle não se embaraço muito com aquella lei privativa, succede que tal deposito se não faz. Os Indios são entregues para o trabalho dos serviços por meio das portarias, e abandonados á descripção dos moradores, não se sabe se estes excederão o semestre que o directorio prescreve; não se sabe se os Indios forão satisfeitos de todo ou sómente de parte dos salarios para se acudir á sua lesão: e ha na Capitania do Rio Negro, um sabido axioma que como os Indios se não queixão é signal de estarem bem satisfeitos; bem entendido que elles por genio soffrem tudo, e de nada se queixão; e os directores, são os que se descuidão de tudo á excepção do negocio do sertão, de que tenham utilidade, e do que póde ser descommodo dos mesmos Indios.

Se os ministros intendentos dos Indios querem saber da justiça ou injustiça daquelles casos, eis que os governadores se estimulão, e não querem aquella execução, dizendo que se dirige a conhecer das suas portarias.

Consistindo a formosura das leis na igualdade, se averigua que a respeito dos Indios são taxados com muita modicidade os seus salarios, e tomão-se-lhes os generos que vão buscar ao sertão com muito trabalho, sempre pelo mesmo preço, e a Companhia queos toma, lhes altera o das suas fazendas, á proporção do seu custo, com tanto que ganhem quarenta e cinco por cento, na conformidade do seu regimento. E' bem certo que tambem á proporção da esterilidade dos annos, e da abundancia dos fructos, da bondade delles, ou da sua deterioração, e do trabalho, se devião augmentar ou diminuir os seus preços, como é regra geral dos commerciantes para a boa reputação do commercio; mas como nem ha lei que o determine, nem no directorio se prescreve, tudo cede em detrimento dos mesmos Indios, e contra o que em outro tempo tinha prevenido o regimento das missões (2) que se abolio.

Dir-se-ha que faltando aquelle negocio do sertão, e não se extrahindo as suas especiarías haverião dous prejuizos consideraveis: 1º, o não terem os Indios aquelles lucros; 2º, o não haverem aquelles generos para se abastar e fornecer o commercio da Companhia, e passar a mesma abundancia para a Europa. Emquanto á primeira parte já se acha deduzida a resposta de todo o plano desta mesma exposição; pois não póde ser sensivel nem saudosa uma perda de lucros que custarão maiores trabalhos, do que são os interesses, perdendo-se ao mesmo tempo outras vantagens de muito maior consideração.

Emquanto á segunda parte, devo dizer que se não houvesse aquella coacção, e se não fossem obrigados e violentados os Indios a irem ao sertão, é sem duvida e sem contestação que muito menos especiarías terião os da Companhia para o seu commercio de Portugal; mas essa penuria só aconteceria no primeiro e segundo anno, emquanto se fizessem as lavours industriaes nas terras adjacentes, de que resultarião abundancia e profusões.

Além disso, quanto não é mais importante, a liberdade e a conservação dos Indios, que os interesses da Companhia? Quanto não é mais interessante, o estabelecimento firme do Estado, do que os lucros da Companhia? Quanto não é mais attendivel, a causa publica de todos aquelles miseraveis, o beneficio de todo o paiz, a sua felicidade, a sua conservação e augmento; do que os parculares avanços do commercio da Companhia? Quanto não peza mais na balança da consciencia e da religião, a reduccão de muitas almas para o gremio da igreja, que está prejudicada irremediavelmente emquanto durarem as oppressões por amor do negocio da Companhia? Embora que se extraião as drogas do sertão, mas sim por aquelles que lhe estiverem proximos e immediatos, ou por aquelles Indios e moradores, que se estabelecerem nos mesmos cacoes, e sua vizinhança. Seja-me lícito agora

(1) Desde o § 68 até 72.

(2) O § 10 do regimento dado aos regulares, sobre as missões.

isto mesmo. Tudo então renunciei, e só aceitei a provisão para que os governadores me não impedissem as missões, e me dessem toda a ajuda para ellas. Mas depois que vi com a experiencia, que sem esta jurisdição não podia haver conversão de Indios, o que representei a Sua Magestade, não foi que desse jurisdições aos missionarios, mas que lhe desse duas redeas

reflectir em uma determinação expressa, que traz o directorio no § 62, a qual é opposta a todas as luzes da razão, aos artigos de direito publico, e as mesmas leis que se publicam á beneficio dos Indios, e da sua liberdade politica, e christã. Quer o referido § que se faça o distribuição dos Indios pelos moradores, á todo o risco, e ainda á custa do detrimento (são palavras do directorio, da maior utilidade dos mesmos Indios, dizendo que a causa ou necessidade commun, constitue lei superior a todos os incommodos e prejuizos particulares.

Ainda qualquer mediano discurso alcança a força daquella regra exposta; mas não se poderá accomodar com a applicação da especie; pois prefere-se, naquella directorio, a utilidade dos moradores a todo o risco, e detrimento dos Indios. Os Indios são os primarios e naturaes senhores daquellas terras, o Estado depende delles para o seu augmento e conservação. Elles se sujeitam ao dominio e imperio portuguez com os pactos e promessas da sua indemnidade, e dos reciprocos interesses. Elles com independencia dos moradores, podem cultivar as suas terras, e subsistirem, não assim os moradores. São considerados como miseraveis; a igreja os patrocina e protege, para se facilitar a sua redução. Agora pense-se: qual delles tem mais cabimento nas causas publicas? A quem favorecem mais a razão e o direito, ao que tracta de *lucro captando*, ou ao que trabalha de *damno vitando*.

A expressa lei de 6 de Junho de 1753 do §—E para que os ditos Gentios—manda a todo o custo salvar o prejuizo dos Indios, que se lhes não tomem suas terras, nem tenham molestias, até a respeito das que houverem sido dadas a pessoas particulares em sesmarias, porque na concessão dellas se reserva sempre o prejuizo de terceiro, e que muito mais se entende, como a lei quer, e determina, a respeito do direito dos Indios primarios, e naturaes senhores, assim se explica aquella extravagante.

O mesmo directorio o reconhece no fim do § 80, e nos seguintes, precavendo-se com regras a introdução dos moradores entre os Indios (que em outro tempo era vedada e defendida), afim de que os Indios não sejam prejudicados, nem tenham detrimentos, e por palavras expressivas se explica o § 81, que os moradores haviam reposto em má fé aos Indios pelas violencias (1) repetidas, com que os tinham tractado, até aquelle tempo, e se manda dar toda a preferencia aos Indios, até para serem desapossados os moradores.

Combinadas todas estas idéas, que contrariedades se não descobrem? Por isso o directorio dá aoça a que se não faça caso das oppressões, e detrimento dos Indios; por isso hoje em dia concorrem as mesmas evidencias que confessa aquella lei privativa. Por isso se diz naquelle Estado que para Indios panno, pão e pão: bem entendido que é mais o pão do que o panno e panno. As leis, a razão, as bullas e constituições apostolicas, dizem que a causa dos Indios, é a mais publica e commun ao Estado civil e ecclesiastico; o directorio porém no dito § 62, e contradizendo-se a si mesmo em alguns lugares, diz que a necessidade dos lucros dos moradores, constitue artigo publico, sobre os estragos dos Indios. E' muito boa jurisprudencia! Pois asseverto que no Estado, nem se sabe, nem se pratica outra legislação, abonando-se todas as extorsões, e ruinas dos Indios, com o sagrado nome de Sua Magestade pelo que se tem feito odioso contra as pias intenções dos senhores reis fidelissimos.

Já acima propuz, que em Hespanha se havia considerado por lei expressa, que era mais attendivel por causa publica, a conservação e a liberdade dos Indios, contra os interesses e necessidades dos outros moradores, ou ministros, ou governadores: a experiencia mostra que os seus dominios se tem felicitado. Solorzano (2) de Indiarum gubern. transcreve a lei como ponderei, e este tratadista, tractando das preferencias dos Indios aos moradores, traz sempre em razão de decidir o salvar-se o seu prejuizo,

Um dos objectos da policia que se propõe no directorio, para reforma do governo, e para ser bem administrada a justiça naquelles paizes, e serem obedecidas ás leis, e civili-

(1) E o diz tambem em outros semelhantes lugares, e no § 75.

(2) Lib. 1, cap. 23, ex n. 60.

para se refrearem duas violencias, que erão o impedimento total da conversão e conservação dos Indios.

A primeira redea, era para refrear as violencias que se fazião aos Indios Gentios do sertão, e esta foi ordenar Sua Magestade, que na tropa dos resgates fossem varões da Companhia, e que o cabo da escolta fosse a pessoa

sados os Indios com perfeito estabelecimento, é, e vem a ser; recommendar-se aos directores, que apenas chegarem ás suas povoações applichem logo todas as providencias, para que se estabeleçam casas de camaras, e cadêas publicas. São passados mais de vinte annos, que por aquelle directorio se esperava a belleza, e civilidade daquelles povos; a conservação daquellas casas publicas, que são dependencias dos juizes, dos vereadores e principaes; mas até hoje se não tem executado taes estabelecimentos, nem se deu a providencia dos meios para se construirem taes obras. Ainda que se fizessem, tudo seria inutil pelo nenhum exercicio dos juizes, principaes, e camaristas; e porque os directores têm arrogado toda a ampla jurisdicção coactiva, e fazem das suas casas, o carcere, e o patibulo dos Indios, como já ponderei.

Todas e as mais felizes esperanças das utilidades, e interesses do Estado e da igreja, estavão dependentes daquellas regras, que mais facilmente promovessem as povoações dos Indios, os descimentos de seus matos, e sertões, se elles quizessem livremente descer, e juntamente o augmentar-se o numero das mesmas povoações, pelo vasto continente das Capitania, e daquelle Estado. Com este mesmo golpe de politica diligencia, procedendo-se licita, e honestamente se virião à bandeiras despregadas aquellas igrejas com muitas e muitas mil almas reduzidas ao seu gremio e seio. Isto reconhecerão as leis, e o reconhecerem o directorio (1), mas a sua pratica tem sido tão inefficaz, quanto se depreheende, pela falta de população.

Em outro tempo, para a aldêa de Mariuá, onde se achão a villa de Barcellos, e capital da Capitania de S. José do Rio Negro, fez conduzir, e remover o Padre Mathias, carmelita, mais de vinte mil almas. O mesmo Padre, descendo araso pelo Rio Negro, se encontrou com um principal daquella nação, que o levou para a sua povoação, e lhe deu muito bom tracto; e por tempos conseguiu o religioso, persuadi-los áquella remoção, e novo estabelecimento da aldêa. Que se podia querer de tantos Indios, senão que se conservasse a população, e que propagassem? Pelo contrario; pois quando fui servir a Sua Magestade, na dita villa se achirão sómente quatrocentas e cincoenta e quatro pessoas; se bem que no anno de 1751 com os descimentos, e com a restituição de fugidos se augmentarão ao numero de quinhentas e setenta e quatro: tudo consta de relações que conservo. A causa do abatimento, e da diminuição se depreheende, do que se achá exposto. E se a capital está nesta decadencia, qual não será a das mais villas e povoações?

O Padre Vieira no seu tempo, não se contentava reduzir na missão dos Nheengaihas, que povoavão a ilha Joannes, com cem mil almas (2), e por este argumento se conhece a multidão dos que necessitam de soccorro espirital, e que podem augmentar a população. Apesar das noticias, que correm pelo paiz, e que levão os desertores, no tempo que servi a corôa na dita Capitania, descêrão mais de tres mil Indios, com os quaes se fornecerão algumas povoações antigas, e se estabelecerão outras de novo, como forão S. Francisco Xavier de Tambatinga, Santa Isabel, Issá, Japorá, Manacapêrú, Adavá, Caravina, Measerabi, Abecú, Rué, Iparaná, Azamene, nomes todos derivados das nações e principaes daquelles ranchos; o que tudo consta das certidões, que acompanharão um requerimento meu, entregue ás pias, e beneficás mãos de Vossa Magestade, bem entendido, que depois da creação da dita Capitania, até ao anno da minha posse, apenas desceu o pequeno numero que consta da mesma certidão, e de que só me lembro, como meio e argumento, para a facilidade da redução ao gremio da igreja.

Pela boa fé, que diz derramar pelos matos, se farião mais reduções e descimentos, se houvessem os meios, e as disposições; isto é lavouras, mantimentos, casas, e juntamente se não temesse a grande despeza, que a real fazenda vem a fazer com os premios, para serem alliciados os Gentios.

Já ponderei os meios que fazem mais difficeis aquelles descimentos, e que por isto seria muito util, e conveniente ao Estado, e a igreja, que os Indios se estabelecessem nas

(1) Desde o § 75, e 6 o § 2 do regimento das missões, e a carta regia do 1º de Fevereiro de 1701.

(2) O Padre Barros, liv. 5. § 53, pag. 341.

approvada por elles para se evitarem os injustos captiveiros qno até ahí se fazião.

A segunda redea, era para refrear as violencias feitas aos Indios christãos das aldéas. E esta foi, ordenar Sua Magestade, que os missionarios da Companhia assistissem nas aldéas, e que aos Indios se não obrigassem a

suas primeiras povoações, para conseguirmos as grandes utilidades que nos provém. Além disso é muito para notar-se, que um dos impedimentos da reducção, é o mesmo descimento, porque persuadidos alguns Indios, familias ou nações para aquelle fim, elles apparecem na capital, para se segurarem dos pactos, das convenções, e promessas, que lhes fizerão os primeiros persuasores; recebem os premios e sustento à custa da real fazenda, prometendo descerem; mas ou descontentes do tracto (1) dos compatriotas, ou illudidos com os da sua nação, que não querem deixar o seu terreno, vem a faltar; ficão com os premios recebidos, e a despeza se fez inutilmente.

Quanto não seria conveniente permittir-se, que houvessem persuasores de probidade, e consentir-se que elles se introduzão com aquellas nações, para as reduzir á nossa união e alliança da Igreja: e podem entrar nessa feliz conquista quaesquer dos moradores, ou seja Indio de capacidade, ou branco, ou mestiço; porque ha muitos que têm parentes no meio do gentilismo, ou se tem ligado por casamentos, e podem com muita suavidade estudar o genio, o caracter, o costume, e inclinações dos Indios, para serem, ou conservados nas suas ditas povoações, e se lhes fazerem os bons officios da religião, mandando-se catechistas sacerdotes; ou para descerem para as nossas, conforme as suas disposições, conforme os nossos interesses, e conforme os que podemos extrahir licitamente dos seus vizinhos sertões; sem que juntamente elles tenham detrimento nas vidas, pela mudança dos climas. Ainda quando elles fiquem nos seus antigos domicilios, unindo-se e domesticando-se com o nosso tracto, e reciproco commercio, nenhuma difficuldade haverá para descerem, ou em parte, ou em todo, ou a titulo de se estabelecerem, ou a titulo de nos auxiliarem nas nossas lavouras; dependendo tudo do nosso agazalho, agrado, e boa fé das nossas promessas.

Para se introduzirem aquelles persuasores com aquellas nações, pelos referidos fins, tambem parece que seria muito importante, que se não franqueasse essa liberdade amplamente aos que quizessem emprehende-la; senão áquelles que conseguissem licença, e permissão, á vista da sua probidade, e conhecido desempenho de zelo: contando-se por serviços as suas boas diligencias, para serem premiados na forma da real grandeza de Sua Magestade; e para que de outra sorte se não introduzão indignos exemplares da corrupção, da cobiça, da ambição, e de outros fraudulentos commercios, mas sim aquelles que com boa noticia não fizessem promessas lesivas a uma, ou outra parte, e dessem boa conta dos premios, que delles se confiassem, e das instrucções que recebessem.

Este era o verdadeiro modo para se desempenhar as justissimas e qualificadas determinações da lei novissima de 6 de Junho de 1753, afim de se propagar a fé orthodoxa; dilatar-se o dominio, desterrarem-se os barbaros costumes, e introduzir-se a politica christã, e civil; amparar-se a economia necessaria para a sustentação da vida, e para o estabelecimento do util commercio, e plantar-se efficaçmente a boa moral.

Quando tractei de mostrar as funestas consequencias da distribuição, e a necessidade da população; tambem considere, que os descimentos não se podião effectuar, por uma regra tão absoluta, como se premeditava no directorio; e propuz pelo que determinão as leis, que o Gentio se educasse, se amparasse e se regulasse naquellas suas mesmas povoações, e remontados sertões, que elles tenazmente não quizessem deixar (2).

Este arbitrio não é meu: é sim regulado pelas providencias das leis, e por experiencia e facto proprio: conheço serem dignas de se executarem, abolida e removida, toda qualquer pratica contraria e ordem circular (3). A natureza por uma occulta força, persuade interiormente aos homens, a terem amor aquella sociedade: no meio da qual nascêrão, e a olharem com preferencia para os lares paternos, e daqui vem, que os parentes são mais apreciados que os estranhos, porque estes se apartão da communicação das familias, onde não pugna o vinculo do sangue e do tracto.

(1) O dito Barros, liv. 3. § 72, pag. 306.

(2) Para este fim se deixou a escolha ao Padre Vicira, pela provisão regia, que refere o sobre dito Barros, liv. 1, post. § 104, pag. 62.

(3) Consta de uma carta instructiva circular do general do Estado de 3 de Outubro de 1769.

servir mais que seis mezes no anno, e que se lho pagassem duas varas de panno de algodão por cada mez, porque até alli andavão sempre fóra das aldêas, e não se lhes pagavão os seus salarios.... Estas são as chamadas jurisdicções que têm os missionarios da Companhia, dadas por Vossa Magestade em tão repetidas leis sobre esta mesma materia.

De maneira que todas estas queixas, que se formão contra os missiona-

O nome da patria, é suave e doce, ainda que seja rustica a assistencia, que parece dar um segundo ser, ou uma segunda natureza.

Estes sentimentos naturaes tambem são poderosos para se insinuarem no coração dos Indios, e para os arreigar nos seus sertões. Juntamente estabelecendo-se uma povoação, se toda ella não é composta, e feita de Indios da mesma nação, ha muitas diversidades que vencer. Naquelle multidão do paganismo se achão diversas nações, diversas linguagens, diversos costumes, diversas paixões, e humores, a proporção dos diversos climas e territorios; e esta differença de constituições, é muito difficullosa de reconciliar-se e de unir-se.

Este argumento parece attendivel para os Indios, se conservarem nas terras, que não quizerem deixar; aliás ajuntando-se de diversas nações, ha outros tantos principaes no mesmo povo, e confunde a economia do governo e das preferencias. Por conta da sua natural desconfiança, os reductores se canção muito mais, persuadiu-os a descerem, do que christianisando-os, e civilisando-os nas suas primarias terras, e por isso de ordinario são bem succedidos os emissarios destas diligencias, quando são parentes e amigos de quem muito confião.

Em todo o Estado ha povoações, que na sua vizinhança tem muitas manadas de Gentios, que vivem em ranchos dependentes de redução. O lugar do Carvoeiro, que dista da villa capital de Barcellos, pouco mais de um dia de viagem, tem muitos Gentios incultos na circumferencia de seus vizinhos matos, e por todas as campanhas banhadas pelo Rio Branco, em distancia de poucos dias de viagem. Grande utilidade seria ampararem-se aquellos Indios, porque além de serem fertilissimas, e vastas as margens do dito rio, e tambem o mesmo muito cheio de preciosidades, e riquezas por uma tradição certa. Da mesma sorte se achão muitos rios, cujas margens são habitadas por Indios reduzeveis, e são commodas ás suas mesmas povoações para serem nellas instruidos.

Aquelle Rio Branco, é de tanta expectação, que por força do meu natural zelo, fiz participar os seus interesses por uma conta, que dei ao general do Estado Fernando da Costa de Athayde, o qual recommendou o seu estabelecimento, havendo moradores, que o quizessem fazer verificar, e não havendo contrarias ordens de Sua Magestade.

Antigamente quando os regulares tinham debaixo da sua inspecção as temporalidades e espiritualidades dos Indios, praticavão o particular e genuino methodo de se introduzirem nos ranchos, e habitações dos Gentios; e depois de lhes estudar e sondar os genios e os costumes, lhe facilitavão todo o uso da liberdade licita e natural, dando-lhe uma idéa toda contraria á violencia e á coacção, e suavemente firmavão os seus projectos, não lhes multiplicando preceitos para lhes evitar o desgosto, e o desenho de os quebrantar. Pouco a pouco insinuavão o util e honesto, e com semelhante prudencia fez grandes progressos o sobredito frei Mathias, na redução dos Gentios em Mariuá, e todos os mais missionarios nos seus respectivos destinos.

Na conformidade deste plano, isto é de conservar os Indios nas suas (1) povoações, fez o grande Vieira muitos serviços uteis a um e outro Estado, tendo e havendo ordens regias para a sua execução, a qual positiva e directamente, faz um dos importantes beneficios do publico, além de se evitar a ruína, e mortes dos Indios, sendo conduzidos a sitios estranhos, como tenho exactamente ponderado, e consta de muitas relações do continente.

Em consequencia da conservação dos mesmos Indios, havião os regulares conseguido pelo regimento (2) das missões, que não houvessem nas suas aldêas moradores diversos, ou fossem brancos, ou mamelucos, que vem a ser os nascidos de Indios e brancos. Esta odiosa separação foi abolida pelo directorio (3), por lhe ser repugnante o principio da civilidade, do commercio, e da boa sociedade; pois pela communicação, e alianças, não só se

(1) O dito Barros, liv. 4, § 191, pag. 465. Greg. Lop. assim o persuade fallando dos Indios. verb—Vivir—o Padre José da Costa, liv. 3 de procurada Indiarum Salute cap. 8.

(2) E o § 5 do regimento.

(3) No § 89.

O sangue e suor dos Índios, é a sede insaciavel daquelles moradores. Ordenou Vossa Magestade que deste sangue, se desse áquelle Estado só o licito, que são os resgates dos escravos justos: e que só se lho permittisse o suor licito dos Índios christãos, que é o serviço de seis mezes no anno, pagando-se-lhes o salario.

Nada disto lhe satisfaz a sede insaciavel deste sangue, e deste suor,

de Deus e de Vossa Magestade; e se não houver nenhum, como até agora parece que não houve, não venha nenhum que melhor se governará o Estado, sem elle, que com elle. Se para a justiça, houver um letrado recto para o politico, basta a camara; e para a guerra, um sargento-mór, e esse dos da terra, e não de Elvas, nem de Flandes, porque este Estado, tendo tantas leguas de costa, e de ilhas, e de rios abertos, não se ha de defender, nem pôde com fortalezas, nem com exercitos, senão com assaltos, com canoas, e principalmente com Índios, e muitos Índios, e esta guerra só a sabem fazer os moradores, que conquistarão isto, e não os que vêm de Portugal, e bem se vio por experiencia, que um governador que veio de Portugal, Bento Maciel, perdeu o Maranhão; e um capitão-mór Antonio Teixeira, que cá se elegeu, o restaurou, e isto sem soccorro do reino. Aqui ha homens de boa qualidade, que podem governar com mais noticia, e mais temor; ainda que tratem do seu interesse, sempre será com muito maior moderação, e tudo que grangarem ficará na terra, com que ella se irá augmentando, e se desfructarem a herdade, será como donos e não como rendeiros.... uma vez que os Índios estiverem independentes dos governadores, arrancada esta raiz, que é o peccado capital, e original deste Estado, cessarão todos os ontros, e Deus terá mais motivos de nos fazer mercê.»

Assim se conduziu o zelo daquelle missionario, querendo persuadir que os governadores, e a tropa militar, não erão convenientes; e em outra (1) carta anterior, já havia deliberado por igual conceito desta fórma:

« As causas deste damno, bem se vê que não são outras mais que a cobiça dos que governão; muitos dos quaes costumão dizer que Vossa Magestade os manda cá para que se venhão remediar, e pagar de seus serviços, e que elles não têm outro meio de o poder fazer senão este.»

Talvez que por se engravecerem as mesmas causas, com o progresso do tempo, se expedisse a lei extravagante de 31 de Março de 1683, além dos governadores não terem culturas, nem fabricas, nem commercio, nem cobrar dividas alheias, nem seus criados, nem serem procuradores; providencias estas que lhe cortarão todos os vinculos da interessante, e particular dependencia que elles podião ter no paiz.

Espalhados os militares, ou junta a tropa em qualquer villa, uns com a licenciada conducta dos costumes, outros com pequenas administrações de governos, todos a se utilisarem, todos a opprimirem e a tyrannisarem, não formão nada menos que os horrores, que têm sido pouco decifrados.

Porém como os Índios, e até as nossas mesmas povoações são invadidas e roubadas pelos Muras, Gentio de corso, arranchados em bandos, barbaros por constituição, e de nenhuma reconciliação; por isso parece que absolutamente se não pôde repellir toda a tropa; ainda que quaesquer militares com Índios auxiliares, ou moradores, farião um corpo de sobejo, para se repellirem aquellas invasões, segurarem a defesa, escoltarem os rios, ampararem os reductores dos Índios, e seus missionarios, sem haver a grande despeza dos soldos, e evitar-se aquelle excesso das violencias e temores dos mesmos Índios.

Este meu juizo não se encaminha a que na cidade capital, não deixe de haver mais alguma tropa, donde se tirem as escoltas por destacamentos, porém pelas mais povoações mostra a experiencia que se faz desnecessaria e prejudicial n'um paiz, cujos estabelecimentos modernos dependem de outra physica, e de outra ordem. Por todas as razões me persuado, que tenho ponderado com exactidão a situação, que teve o Estado, e a que tem presentemente com as desordens e obstaculos, que hão impedido a felicidade progressiva daquelles dominios do imperio portuguez.

Ainda posso asseverar, que se não temesse ser fastidioso com a extensão, e transportar excessivamente o pio e catholico coração de Vossa Magestade; seria muito mais extenso em descrever os desmauchos, e as funestas consequencias que soffrem, e têm soffrido uns

(1) A de 21 de Maio de 1653, no § 16.

querem-no todo, como o tinham antes: viviam antigamente com toda a liberdade de consciencia, captivavam e amarravam os Indios do sertão sem o minimo impedimento, senhoreavam-se dos Indios das aldeas, servindo-se de todos, como se fossem seus escravos; sem lhes pagarem os serviços.

Nesta notoria tyrannia estavam intrusos por mero abuso, sem haver titulo, nem lei que tal jurisdicção lhes desse ou pudesse dar. Para impedir estes

miseraveis que mudamente clamão, e pedem a Vossa Magestade soccorro e amparo, A mesma igreja entra nesta conta, porque sendo os principes soberanos, os protectores della, e os defensores dos canones, e constituições apostolicas, só por meio do zelo de Vossa Magestade, do poder da corôa, e a exemplo do regio fervor, e da regia protecção, se poderão concluir, e esperar os importantes, e saudaveis fins de umas e outras utilidades.

O meu respeito me esta impondo e recommendando o silencio; porém, me estou juntamente persuadindo, que não encheria em todas as funcções da minha officiosa promessa, se não delineasse um projecto para remediar aquelles males na dependencia de Vossa Magestade, ou desatender por inutil, ou dar-lhe algum valor e merecimento, se as sabias luzes de Vossa Magestade o approvarem, e vem a ser:

Sendo a agricultura e o commercio, os braços mais seguros em que descansa qualquer Estado, nenhum promette maiores vantagens, que o do Pará e Maranhão, pelas fertilissimas produções, com que a natureza paga, com muito excesso, aos trabalhos dos lavradores, e pelos muitos interesses que se achão nos incultos sertões, de especiarias, de drogas, e de outros muitos generos, e especies, em que util e curiosamente se poderia entreter e fornecer-se a historia natural, a materia medica, a botanica, e a chimica; cujos descobertos não são desconhecidos, não só para o licito regalo, e conservação da vida, mas tambem para reparo da saúde dos povos.

Descrever todo o plano daquellas fecundidades, é augmentar o fastio; mas sempre direi, que tive a ventura de pôr na soberana presença de Vossa Magestade, uma descripção das viagens, que se podem fazer pelo grande Rio das Amazonas, e pelos mais que lhe são adherentes, e juntamente se relatavam as muitas preciosidades de que abundão os rios. Todos esses interesses, em beneficio do publico, do particular, e da corôa, se não promovem pela innacção do continente, e pelos obices que tenho relatado.

Tudo louvavelmente se poderia conseguir e promover, dignando-se Sua Magestade suscitar alguns arbitrios, que em outro tempo se praticarão, com muita felicidade, e que agora se fazem conhecidamente necessarios, pela presente decadencia do mesmo Estado. O modo mais opportuno, é fazer praticar literal, e expressamente as muitas leis, que desde el-rei D. João IV, até ao tempo do augusto rei o Sr. D. José, se promulgarão a beneficio dos miseraveis Indios, e dos immensos principados que contém aquellas terras da America; abolir-se inteiramente o confuso directorio, o seu systema, e a sua pratica, dar-se um novo tom ao regimen de todas as Capitanias, por meio de uma junta estable e permanente, a quem Sua Magestade se digne conceder a jurisdicção necessaria, para a boa administração temporal e espirital daquelle continente.

Desde que aquelle Estado se poz debaixo do imperio portuguez, só por meio de juntas e conferencias se poderão remediar os grandes males, e promover os maiores bens. Por meio dos votos, e em congresso concorrendo sujeitos de probidade, consciencia e letras se deliberão as dependencias sem despotismo, com grande averiguação, com maiores conhecimentos, e sem o risco de affeição a esta ou aquella parte.

No tempo em que este reino esteve no dominio hespanhol, se mandarão decidir varios e importantes casos do Estado da America portugueza, por junta, ou congregação de sabios e zelosos ministros.

E no governo de el-rei D. João IV, se praticou a mesma inspecção, menos por exemplo, que por se attender ao acerto e gravidade das interesses do Estado. Concorrerão para uma junta sobre a liberdade dos Indios (1) muitos lentes da universidade, e o presidente do conselho geral da inquisição, sendo a mesma presidida pelo duque de Aveiro, presidente que então era do paço. O Padre Vieira, em duas sessões advogou e propoz os argumentos da deliberação, e porque conhecia quanto era importante, que se reduzisse a subsistente aquelle tribunal, representou ao principe, que se na corte haviam tantos conse-

(1) O Padre Barros, liv. 2, § 95, e seg., pag. 169.

abusos, e injustiças, foi Vossa Magestade servido mandar consultar os meios para os remediar, e foi servido resolver que os missionarios da Companhia assistissem nas aldeas para defenderem as injustiças, que se fazião aos Indios christãos, e para impedirem as que se fazião contra os Gentios, que assistissem tambem os missionarios nas entradas dos resgates ao sertão. Dizem agora, ou querem dizer, que os missionarios com isto, lhes

lhos, onde se tractava da policia e conveniencias da vida; seria muito justo que tambem origisse uma junta actual, a quem privativamente pertencesse o conhecimento de todos os interesses das missões, e para quem recorressem e appellassem os missionarios. Aquelle tribunal se fez estavel em S. Roque (1), posto que se alterasse a sua permanencia.

No anno de 1686, se deu regimento as missões, e no § 23 se prometteu dar outro á junta, donde claramente se mostra sua existencia (2). El-rei D. Pedro, não só fez communicar as suas determinações á dita junta por cartas regias, mas tambem nellas declara, que a junta deste reino lhe tinha proposto os requerimentos, que necessitávão da sua providencia. Quando no principio tractei do tempo deste principe, recopillei marginalmente os seus commandos a este respeito, que julgo não dever renovar, mas não deixarei de dizer que o autor que escreveu a vida do Padre Vieira refere (3) que até para a reposição do vigário geral do Maranhão, se fez necessaria uma junta: tal é a sua dependencia e necessidade, que por meio de votos se deliberarão muitos outros embarços (4) no Pará, Maranhão, e Bahia.

Não se podem negar os talentos daquelle religioso genio do Padre Vieira, que mereceu pela sua reputação, e pela boa conta do seu emprego, o nome do zeloso e experimentado missionario dos Indios, e conseguiu da regia approvação, muitos louvores nos seus arbitrios, e como se nota, além de outras, na carta regia de 12 de Maio de 1689, assignada pela rainha regente. Este missionario pois sempre pugnou pela jurisdicção, e intendencia da junta, como muito importante conselho para o Estado.

No felicissimo reinado do augusto rei D. João V, tambem se conservou nesta còrte a mesma junta para conhecer de todos os negocios, e dependencias das conquistas, e missões, e para immediatamente as propôr á regia e soberana pessoa de Sua Magestade.

Deste tribunal sempre forão ministros, sujeitos de muita autoridade, ou seculares ou ecclesiasticos, ornados de virtudes, e letras, servindo alguns a corôa nos tribunaes, e em negocios forenses, de que foi presidente Gregorio Pereira Fidalgo da Silveira, sendo tambem desembargador do paço.

Como as cidades, capitães do paiz americano, se achão em grande distancia desta còrte, muito mais remotos ficão os sertões, as villas, e povoações, que estão estabelecidas e se estabelecerem nas vastissimas terras do seu centro; por cuja razão, faz a distancia crescer os damnos, e os leva a critico ponto, a maldade por se não poderem remediar, sem que da corôa regia, vão determinadas as providencias, havendo grande demora na execução.

Esta é o mesmo sentimento, esta é a mesma queixa do incansavel Padre Vieira, pois em uma carta (5) escripta á Magestade de el-rei D. João IV, se explica por termos bem significantes, rogando que as ordens, que fossem deste reino, não se dirigissem com a clausula de que se dêse nova conta, fazendo-se o contrario, porque os recursos estavão muito distantes, e que nesse meio tempo, se perdião muitas almas, e conclue desta fórma:

« Assim que, Senhor, não ha senão isentar Vossa Magestade as missões de toda a intervenção, e jurisdicção dos que irão tão mal, da que não tem, o libertar Vossa Magestade aos ministros da prégacao do Evangelho, pois Deos a fez tão absoluta e livre.... »

A respeito das mesmas distancias, e difficuldades de recursos já havia ponderado (6) o mesmo Vieira, que os Indios estavão consolados e animados com a carta de Sua Magestade, que elle vertêra na sua lingua; e que se havião desenganado, que a não sereni remedia-

(1) O Padre Barros, loc. cit. § 99.

(2) Existia a junta, posto que o regimento do conselho ultramarino datado em 14 de Julho de 1612, contenha no § 13, e medio que o conselho haja de prover o governo a bem da religião e promulgação do santo Evangelho.

(3) O Padre Barros, liv. 1, § 130, pag. 104.

(4) O sobredito Barros, liv. 2, § 18, pag. 125, e liv. 5, § 110, pag. 574.

(5) A primeira carta de 4 de Abril de 1654 no penult. e ult.

(6) O § 1.º 2 da referida carta de 4 de Abril.

tomão as suas jurisdições como se isto fôra jurisdição, ou como se os ditos abusos e injustiças forão jurisdições que Vossa Magestade lhes tivesse dado, ou pudesse dar.

Até aqui o Padre Vieira explicando o conceito desta jurisdição temporal, mostrou que bem considerada esta jurisdição, não parece ser outra cousa mais, que uma providencia que Vossa Magestade dá para a melhor observancia das suas leis. E se esta jurisdição é alguma cousa mais fôra do que Vossa Magestade explica nas suas ordens, e do conceito que lhe

dos logo nas suas oppressões, era por não chegarem aos reaes ouvidos os seus clamores; e que esperavão os effeitos das promessas, tendo por certo que lhes não succederia com ellas o mesmo, que com as mais: pois as vião firmadas pela real mão. Continuou o mesmo Padre assim:

« Vossa Magestade me faz mercê dizer, que mandou se confirmassem os dispostos, com tudo que de cá apontei; mas temo que aconteça ao Maranhão, o mesmo que nas enfermidades agudas, que entre as receitas e os remedios peiore o enfermo, de mauceira que, quando se lhe vem a applicar, é necessario que sejão outros mais efficazes. »

Por isso estes inconvenientes se remediavão felizmente, estabelecendo-se nas Capitánias, juntas ou conselhos permanentes, com ampla jurisdição para dirigirem todo o bem do Estado, e estabelecimento dos Indios, pela maneira e ordem que me lembra expôr; e esta foi a pratica que produziu as melhores esperanças, como se colhe do regimento das missões, e pela experiencia, e bons successos de outras vantagens do governo.

O Padre Vieira, pede e roga que nas aldêas, não se ponhão capitães (1), e só pelos seus principaes sejão os Indios governados; e que os vice-reis e governadores se não intromettão com os Indios, que devem ser sómente visitados no espirital, pelos Padres religiosos, que os tihão a seu cargo.

El-rei D. João IV, e os seus successores não consentirão, nem quizerão nas aldêas administradores, bem como por Castella se havia abolido semelhante administração; assim o assevera o Padre Vieira no voto dado aos Paulistas (2), e escripto na Bahia aos 2 de Julho de 1694, clamando que ha naquellas administrações perigo, e occasião moral de muitas injustiças. Os directores, mudado o nome, são os administradores com mais ampla jurisdição, e tirado este perigo do mal, podem muito bem as juntas prevenir e acudir a todos os casos.

Porque estabelecidas aquellas corporações com diarias conferencias, tem remedio todos os casos occurrentes, ou respeitem ao sacerdocio, ou ao imperio; a mesma junta deve ser composta do prelado diocesano, do governador ou general da capital, do ministro ouvidor que tambem deve servir de intendente geral dos Indios, como abaixo ponderei; do juiz de fôra, como presidente da camara, do provisor, ou vigario geral do bispado, e dos prelados-môres das religiões, cujos subditos tiverem a seu cargo a administração espirital de aldêas, e Indios; bem entendido que só por molestia, ou impedimentos naturaes, poderão deixar de concorrer ás conferencias, e nesses termos serão admittidos os seus lugares tenentes, para que sempre concorrão os pareceres para o acerto dos casos, e não haver motivo para menor prevenção.

Como os parochos que vigião, e prestão o pasto espirital aos Indios, são, ou presbyteros seculares, ou regulares; estes devem informar, e dar contas particulares aos seus prelados por cujas mãos, ou canaes, pôde a junta instruir-se dos negocios, para sua decisiva e providencial deliberação: de maneira que nos casos espirituaes, e de direitos da igreja, terá o bispo, ou prelado diocesano, o voto decisivo no caso de empate, e o general nos casos temporaes, e da sua jurisdição. E para que não faça duvida pelo concurso da junta não se entenderão, tiradas as jurisdições do governador, do prelado, porque este livremente poderá usar da sua jurisdição, necessaria, e voluntaria na fôrma dos canoes, e só dependerá da junta, no que fôr do interesse commum dos Indios; e aquelle tambem procederá na mesma independencia, no que pertencer á milicia, moradores, e cidade, não havendo, nem dizendo o menor respeito aos Indios; porque no figurado caso de haver ou

(1) No voto e parecer dado nesta côrta. conforman lo-se com o voto do duque no § 7, e posto que não tem data, assim se acha na bibliotheca real.

(2) No § 32.

dá o Padre Vieira, a Companhia renuncia toda outra qualquer chamada jurisdição temporal, e só pede a Vossa Magestade, que lhe conserve esta na forma que fica explicada, por ser muito necessaria para a reducção e conservação da christandade dos Indios do Maranhão, como mostrarei no seguinte parographo.

§ 3.º Mostra-se que é muito conveniente, que os missionarios dos Indios tenham o governo espirital e temporal delles.

Do que fica dito, e de ser este governo dos Indios tão antigo, tão repe-

directa, ou indirectamente respeito aos Indios, e ao estabelecimento do Estado, só em junta se poderão tomar as medidas para as deliberações, e haverá um secretario, que póde ser ou do governo, ou do bispo.

Como pelo direito dos mesmos Indios, deve haver quem advogue, ou procure; por isso haverá indispensavel, que os Indios tenham um procurador geral em cada Capitania, o qual seja de muita probidade, litteratura, e mais autorizada em razão do sangue, e pelo dito officio será isento da jurisdição dos governadores, e só dependente da junta, em tudo o que for pertencente aos mesmos Indios; e o mesmo procurador, será sempre presente na junta, como membro da corporação, com igual assento aos mais deputados, e com voto consultivo naquellas propostas, que forem feitas a requerimento seu, e decisivo nos que occorrerem ao bem do Estado.

Aquelle procurador porém deve ser eleito pela camara, concorrendo os votos dos membros do povo, sendo nomeados tres, para a junta deliberar sobre as circumstancias de cada um, e para ser provido, o que deve ser confirmado. Todos os annos se fará nova eleição para aquelle officio, no caso da junta não confirmar ao que havia servido, sendo constante e muito notoria a sua probidade, e prestimo, contando que não possa ser reconduzido, por mais de tres annos, sem autoridade superior de Sua Magestade.

Por meio das providencias que devem emanar da junta, quasi que ficão cessando os officios da jurisdicção de um intendente geral dos Indios, que separadamente ha na cidade do Brazil; pois reformando-se o governo, e abolindo-se o directorio, de necessidade se dá nova forma aquella inspecção, e se faz escusado o intendente, que serviria para se disputarem jurisdicções. O mesmo ouvidor que nas correções, conhece dos casos criminaes, póde ser incumbido de algumas diligencias, que a junta lhes commetta; e tudo concorre para que a multiplicidade de ministros, não visitem as terras com perturbações nos povos, dependentes de se estabelecerem. Ainda presentemente na Capitania do Rio Negro, se acha unida a intendencia dos Indios á ouvidoria geral.

Para se poderem executar as determinações da junta, pelos ramos da sua jurisdicção extensiva, e comprehensiva do territorio respectivo; nenhum outro meio ha mais proporcionado do que estabelecerem-se mesas, ou sociedades em cada uma das villas, e das povoações, para destas sahirem as representações, que a junta deve providenciar. Essas pequenas mesas devem constar, nas Capitánias subalternas, ou villas maiores, do vigario geral ou da vara, do que tiver a seu cargo o governo politico, do ministro letrado, de um principal dos Indios, do vigario que fór parochos (1) na igreja respectiva, de um secretario, e de um procurador dos Indios; sendo estes tres ultimos eleitos pelas camaras, e approvados pela junta principal.

Nas villas pequenas, ou povoações, constarão as ditas mesas, do parochos, de um principal, e de um secretario, e de um procurador dos Indios, nomeados estes pelas camaras do termo, com dependencia de igual approvação, da junta da Capitania respectiva.

Como estas mesas são destinadas para melhor se empregarem naquelles officios, que os directores havião deturpado, parece que se deverião chamar mesas da direcção util, economica, e civil.

Ellas devem ter a seu cargo, o vigiar em tudo quanto houver nas villas, e povoações, sem acção alguma para mandar, apenas para aconselharem; e logo darem parte as mesas

(1) Para a doutrina ser bem produzida, e os parochos obedecidos no espirital, se faz necessario, de que os mesmos parochos tenham intendencia em algumas acções temporaes, para que as palavras, e as obras concorram ao fim de serem obedecidas e imitadas: assim recommenda o conc. Trid. Ses. 6 de reform. Cap. 2 e ses. 22 de reform. cap. 2 e o diz S. João nas palavras « Filioli non diligamus, verbo et lingua; sed opere, et veritate. »

tido e tão recommendado nas leis de Vossa Magestade, se persuade effizantemente que toda a novidade e mudança deste governo será suspeitosa.

Não só no Maranhão, mas no Brasil, e em todas as partes em que eu posso ter notícia, se pratica este governo dos Indios. Na provincia de Paraguay, na do Perú nas suas missões dos Moxos, nas de Quito, nas missões do rio das Amazonas, e finalmente na do novo reino de Granada, no rio Orenoco praticão os missionarios da Companhia este mesmo governo.

Os maiores governadores e ministros, que os reis têm mandado

das Capitánias, para estas promptamente determinarem a bem do publico, e conforme o seu regimento, que deve haver.

Por conta das distancias, e se poderem remediar os acasos; as mesas da pequena direcção das villas, e povoações serão sujeitas ás corporações ditas das Capitánias, e umas e outras, á junta da capital do Estado. As ordens que se expedirem serão dirigidas ás justiças, e camaras para a sua execução, para se tirar ás mesmas mesas, a occasião de adulterarem a sua inspecção; e as mesas superiores darão providencia na falta, ou no excesso da execução.

Umas e outras corporações terão porteiros, isto é a junta principal, e as mesas das Capitánias, e tambem um continuo, e um meirinho para executores das ordens particulares, ou geraes das mesmas juntas; e as mesas pequenas da direcção, serão só providas de um continuo para o seu expediente; terão conferencias todos os dias, e entre si fiscalisarão o necessario, e o honesto a respeito das agriculturas, do commercio, e de outros estabelecimentos, e assim tambem da policia.

Assim como deve haver uma regular correspondencia entre aquellas corporações, e uma gradual dependencia das menores, para as superiores; parece indispensavel, que neste reino, como em outro tempo, haja uma junta permanente, por meio da qual se communiquem a Sua Magestade, as instantes providencias, de que necessitar todo o Estado. Em outro tempo, como disse, forão deputados della muitos religiosos (1) de autoridade, como forão Frei Manoel Leitão, provincial de S. Domingos, o veneravel Padre Bartholomeu do Quintal, fundador da congregação do oratorio; Frei Manoel Mascarenhas, que tambem havia sido provincial da sobredita ordem, e outros mais ministros autorisados.

A dita junta por ter na sua inspecção o cuidado de fazer espalhar a luz do evangelho, e aggregar fieis á igreja, se deve denominar da propagação da fé, e para a conservação de tão louvavel conquista, deve ter intendencia, em toda a conquista politica das missões, e do Estado, que disser respeito aos Indios; por isso parece que deve tambem ser composta de ecclesiasticos illustrados em virtudes, e letras, além de outros ministros seculares, que tenham iguaes attributos e zelo. O numero delles deve ser de pleno arbitrio de Vossa Magestade, assim como designar-lhe procurador com voto na junta, secretario, e os mais officiaes dependentes.

O lugar para a junta, nenhum parece mais proprio, que o convento de S. Francisco de Paula, tomando-se a este santo patriarcha, para protector da mesma corporação, e de toda a sua intendencia, por serem as suas principaes obrigações, dirigidas pela caridade christã, na qual virtude floresceu muito áquelle santo, juntamente por ser o patrono especial da feliz successão, e dos gloriosos progressos de Portugal, na presença de Deos Omnipotente.

Não pareça fóra de proposito, o ser áquelle mosteiro o lugar das sessões e do congresso, porque além de muitas razões de congruencias, já em outro tempo, se estabeleceu a dita junta em S. Roque (2) desta corte, e se tomou para protector a S. Francisco Xavier, e áquelle patriarcha, já tem sido tomado por intercessor, para proteger as direcções, agriculturas, e fabricas da comarca de Aveiro, e terras adjacentes, onde se promove a caridade politica, e christã. Vou agora tractar das providencias, que podem fazer a felicidade do Estado, por termos concisos, porque só aos direitos da soberania pertence approvar qualquer zeloso arbitrio, e compete estabelecer regimentos.

(1) Assim o attesta o Padre Fr. Pedro Monteiro, da Ordem de S. Domingos, consultor do santo officio, e pregador de sua alteza, academico da academia real, e examinador Sinodal do arcebispo, e do priorado do Crato, na sua obra intitulada, Claustro Dominicano in liv. da impress. de Lisboa no anno de 1729.

(2) Assim o assevera o Padre Barros, já cit. no liv. 2. § 99.

examinar esta importante materia, forão sempre do mesmo parecer, de que ultimamente foi o desembargador Francisco Duarte dos Santos, que na sua informação diz, que se se entregar o governo das aldeas a capitães portuguezes, em poucos annos restarão das aldeas só as reliquias. Esta póde ser a primeira razão que persuade que se não deve alterar este systema do governo sem que haja uma total novidade de razões, e fundamentos que persuadão o contrario, os quaes não tenho noticia que os haja. A segunda razão póde ser, porquanto a administração espiritual dos Indios, é tão de-

A junta deve fazer promover as agriculturas, e estabelecimentos das lavouras, e casas dos Indios, e das povoações. Deve permittir a communicação dos moradores, a conveniencia, e a sua união com os mesmos Indios, e fazer repellir o que for damnos, e prejudicial aquelles miseraveis. Estabelecer as povoações, e fazer conduzir de cimentos de Indios para as mesmas, se elles muito por sua livre vontade, quizerem estabelecer-se nellas. Pelo contrario, não querendo descer, se lhes regularão as aldeas, e povoações, e habitações nas mesmas terras onde elles se quizerem christianisar, unir-se a nós, e civilisarem-se com a nossa amizade, e união dos Européus.

Em semelhantes reduções novas exactamente não permittirá, que se introduzão com os Indios, ou quaesquer Européus, ou moradores brancos, ou mestiços, ou mamelucos, que não tiverem bons costumes, e de boa moral. Logo fará tractar de suas igrejas, provê-las de Padres, e dos mais socorros espirituaes, e temporaes. Fará desempenhar todos os pactos, e promessas que deverem manter a boa fé, sem lesão excessiva, e contribuição desproporcionada dos premios com que se devem alliciar os Indios.

Terá mais a junta na sua mais séria consideração, que as aldeas, e freguezias, e povoações dos Indios, sejam providas de parochos prudentes, e que lhes não falte coadjutores, sendo necessario, e se vigiará que as instrucções sejam de sã doutrina, e pura religião. Da mesma forma serão os missionarios reductores, que houverem de se entraubar pelos sertões, a tractarem da redução do gentilismo.

Pela mesma razão se examinará se quaesquer moradores quizerem persuadir Gentios à nossa união, e amizade, se elles são dignos de tão importante empreza, para se lhes dar soccorro, e licença, de maneira que os ditos moradores, não desacreditem as esperanças, e sejam capazes de se conduzirem com suavidade, moderação, e brandura: de outra forma não se lhes permittirá o subirem aos remontados sertões, si compellidos pela sua cobiça, e ambição. Os missionarios reductores, quando estabelecerem os tractados de paz, farão prestar os juramentos de fidelidade como dantes se praticava.

Introduzidos os missionarios (1) nas povoações, e dos que se pretenderem reduzir, estudarão o genio, e a inclinação dos Indios, averiguarão o seu commodo, a figura do terreno, as utilidades delle, e dos seus vizinhos sertões, para de tudo participarem à junta, e achando que é rude o descommodo da mesma assistencia, sem interesse ao commercio, e a agricultura, para a subsistencia dos mesmos, com permissão da junta os persuadirão suavemente, a descer para as outras nossas povoações, fazendo-lhes ver o prejuizo de umas, e as utilidades das outras.

Para e-te fim a junta lhes mandará fazer roças, para serem providos de mantimentos, e domicilios para se recolherem nas descidas; e assim tudo será prevenido, para que os Indios não soffrão necessidades, e morrão de miseria.

Para se conseguirem os felizes intentos de-te plano, se faz muito importante, que para cada um dos rios naveguem duas canoas continuamente, trazendo sufficiente escolta para defesa dos Padres (2), e das pessoas de probidade, que houverem de se introduzir

(1) O evangelho se introduzirá com toda a brandura, e mansidão, como recommendão os Padres da Igreja, a respeito dos Gentios, que têm vida politica, admittem razão, e guardão boa fé: assim o diz Santo Ambrosio in 2 ad. corinth.; psalm. 33, vers. 11. S. August. in serm. de puer. Centurionis Solorz. de jur. Indiar. tom. 1. liv. 2. cap. 17. n. 1.

(2) Para que não haja discordia nos missionarios e Padres, concorrendo muitos, e sendo de diversas religiões, parece justo que para districtos determinados, vão missionarios da mesma Ordem, sem que uns se intromettão na divisão dos outros, como se acautela por direito canonico no capitulo pastoralis de his que fiunt. à Prelat. Para esse fim deve haver um só catholicismo para não haver diversidade de partidos. A proporção dos Padres, e das religiões, como na Grecia aconteceu a S. Paulo: 1 ad corinth. Cap. 1. — Ego sum Pauli, — Ego Apollini; ego

pendente da temporal que se não pôde conservar uma sem outra, e se os missionarios não tiverem ambas, é impossivel a conservação dos Indios Gentios, e certa a ruina dos já christãos, e aldeados. E' impossivel a conservação dos Gentios, porque a conversão dos Indios não consiste só em os missionarios lhes prégarem os mysterios de nossa santa fé, e lhes proporem o conhecimento do verdadeiro Deos, como se costuma fazer nas gentes politicas; mas é necessario muito principalmente persuadir-lhes

com os Gentios nas suas povoações, e nos interiores dos rios; e as ditas canoas navegarão até aos ultimos confins que poderem alcançar, introduzindo e participando a todos a segurança de nossa boa fé, por meio de embaixadas, e declarando os pactos, e promessas que da junta hão de receber por escripto, para não excederem o methodo. Aceitada a introdução, e confederada a povoação, poderá nella ficar um dos Padres, com algum soldado, ou Indios da sua escolta que escolher, e as canoas continuarão a sua viagem, com o mesmo destino a buscar mais reduções adoçando, e doutrinando aos que se forem confederando, como em outro tempo se praticava; os cabos, escoltas, e esquipação das canoas, tractarão os Padres com todo o respeito, e attenção devida ao seu ministerio, e com elles consultarão as viagens, derrotas, e determinações.

Aquelles a quem se confiarem as canoas, ou como melhor parecer á junta, farão roteiros por diarios, declarando tudo quanto se for vendo mais notavel, descobrindo, e alcançando, e até examinando aquelles descobertos, que se propuzerem de riquezas, mineraes, de pedras preciosas, e de drogas, e especiarias, para de tudo ser instruida a junta, e se comunicar a Sua Magestade. Juntamente na mesma occasião, em que se confederarem as nações, se irão persuadindo as plantações, e colheitas, que por meio do commercio nos podem ser uteis, e de tudo se farão assentos, bem como da receita, e despezas que se fizerem com os premios, ou convites dados aos reduzidos.

Para se concluirem os referidos fins, se poderão as canoas demorar em qualquer paragem, e nesse meio tempo poderão aproveitar as produções uteis da natureza, que se acharem, e poderão commutar os que fizerem conta ao nosso commercio, e os Gentios quizerem vender, pois a experiencia tem mostrado, que o systema contrario de não comunicar os Gentios, não os reduz á necessidade, e a buscar o christianismo, e pelo meio da suavidade, e da paz, será infallivel a sua união, pois elles tambem desejão ter amigos poderosos, para bem se livrarem dos Muras, que são de corso, e inimigos communs.

Enquanto os Padres, e aquelles introductores, se demorão na conversão dos Gentios, darão parte ás juntas respectivas dos seus progressos, em canoas mais pequenas, que conduzirão os generos, as fazendas, e fructos, que tiverem adquirido, ou pela colheita, ou pela negociação, de cuja remessa virá uma guia feita pelo cabo da canoa, e assignada por qualquer dos Padres.

Quando subirem as canoas pelos rios, se farão em distancias proporcionadas algumas sementeiras de legumes, para no regresso se colherem os fructos, ou para a esquipação das canoas, ou para os Indios, se alguns descerem, para que estes vejam a caridade, e prevenção com que nos conduzimos.

Que para se fornecerem as ditas canoas, e escoltas, são desnecessarios militares, é sem controversia, porém como demonstramos, que havendo mnitos, ha tambem muitas desordens; por isso com o parecer do Padre Vieira (1) me parece tambem, que são sufficientes tres companhias, que se denominarão da propagação da fé; sendo os seus cabos e capitães de conhecido zelo, e christandade as quaes estarão sujeitas, ás disposições da junta, sendo da sua activa obrigação concorrer para defender a prégacao do evangelho, e só serão sujeitas ao governador, no caso de guerra, e de ataque inimigo, ficando por'ím por conta dos rendimentos da junta, o pagamento de seus soldos, e ter attenção ao seu serviço.

As escoltas em justa defeza poderão atacar aos Muras, posto que se praticarão anticipadamente todos os meios de os reduzir, e feitos os prisioneiros se remetterão para a capital, para a junta proceder como elles, como pede a humanidade, e recommendão as

autem cepa; por cuja razão Innocencio III rescrevendo ao bispo Livouiense a esse proposito, recommenda que os catechistas tragão o mesmo habito, ainda sendo de diversas ordens, ut. in cap. Deus qui 11 de vit. de honest. der. e concil. limense 2 de providenciis a esse respeito na 2ª parte, can. 2.

(1) Na carta de 6 de Abril de 1654, § 15.

conveniências temporaes, segurar-lhes que hão de viver juntos, e livres nas suas aldeas protegidos dos missionarios. Que os Portuguezes os não hão de captivar, nem lhes hão de tomar suas mulheres e filhos, nem se hão de servir delles, senão voluntariamente, e pagando-se-lhes os seus serviços, porque tudo tem Vossa Magestade acautelado nas suas leis, e lhes tem dado aos mesmos missionarios por seus defensores, e outras semelhantes razões.

leis. E não se perderá de vista o desenfestarem-se os mesmos rios, daquelles inimigos (1), que barbaramente se nutrem, e comem os humanos; furtão as mulheres, e filhos das outras nações para engrossarem as suas bandeiras, e vivem em ranchos dispersos, como se não tivessem chefe, ou republica ao modo dos mais. Para este fim se armará os canoas necessárias com escolta sufficiente, para se obrigarem por força aos ditos Indios barbaros, na forma que prescreve a sabia lei do augusto rei D. João V, de 9 de Março de 1718.

Não obstante se abolir a distribuição dos Indios, mostra a experiencia, que não faltarão os que forem precisos para a esquipação das canoas, se elles forem tractar da redução dos outros; porque elles se offercem voluntariamente, a ir buscar seus parentes, segundo a vizinhança dos rios donde são oriundos, e juntamente o mesmo Gentio, que se reduz, logo está prompto para dar remeiros, e outros soccorros em prova da sua boa fé, e amizade. Nesta forma, em muito pouco tempo se fará uma grande conversão, e por isso se tractará de lhes applicar a instrução necessaria para a politica christã, e civil, como se vai a expôr.

O principal systema será a suavidade, e brandura (2), e os Padres se não descuidarão de fazer todos os domingos, e dias santos as praticas doutrinaes, e muito principalmente aos pequenos, já usando da lingua geral, já da nossa, para que pouco a pouco fiquem bem instruidos na portugueza; de maneira, que sabendo-a todos bem, será a dominante da nação para todas as praticas.

Haverão escolas publicas para a mocidade ser instruida em ler, escrever, e contar; e as meninas se separarão dos rapazes para as mestras, apenas tiverem nove annos. Para mestres serão escolhidas pessoas de probidade, que tambem saibão doutrinar nas orações do cathecismo, e não soldados que tivessem vida licenciosa, e livre; e dependerão da approvação da junta da sua Capitania respectiva; e preferirão os parochos, querendo incumbir-se desse louvavel exercicio; se algum dos Padres fór tão zeloso, que descobrindo talentos (3), e agillidade em algum Indio de poucos annos, o quizer ensinar as latinidades, e outras sciencias, o poderá fazer, e a junta lhes louvará muito, lembrando-se desses effeitos do zelo, para o premiar.

Como o modo mais evidente, e immediato que ha para estabelecer a união daquelles Gentios, é fazer-lhes ver a nossa caridade, e que até elles são habilitados para os empregos civis, e ecclesiasticos das mesmas povoações; se haverá muito cuidado em se prevenir, e educar desde longe aquelles Indios, que tiverem boa indole, e propensão para servir a igreja. Para o que elles se entregarão as comunidades religiosas, para serem instruidos em forma de seminarios, a expensas da junta, e como recommenda a assemblea dos Padres em Trento (4), e encarrega muito aos prelados. Desta forma nascerá uma santa emula-

(1) O Gentio que vive barbaramente, deve ser compellido por força a receber pregadores da lei evangelica, os quaes devem ser escoltados para terem defendidas as vias, enquanto produzem a luz da verdade christã; assim discorre Solorz. de jur. Indiar. tom. 1, liv. 7, cap. 18, n. 1 e 2. A costa liv. 2 de procuranda Indiarum Salute, cap. 8, pag. 238. Posevino in bibliotheca tom. 1, liv. 9, cap. 21, pag. 402. Torquemad. 3ª parte, liv. 18, cap. 4, é a parábola de S. Lucas, no cap. 14 verb. — Compelle intrare. — S. Augusto na 1ª carta a Bonifacio assim pensa.

(2) A suavidade é recommendada a respeito dos infieis ainda quando commettem delictos gravissimos, como se explica S. Paulo, 1ª ad corinth., cap. 5, e S. Anselmo a este lugar. Muito principalmente a respeito das convertidas, posto que tenham alinco aos seus ritos, os quaes se devem permittir não sendo opposta diametralmente a nossa religião; assim pensa Beda, liv. de temperat., cap. 10. Baron no Martirolog. aos 2 de Agosto, onde se permittiu aos Romanos os amphiteatros, que se consagravam ao nascimento de Claudio, e ao templo de Marte, baptizando-se a solemnidade em honra do apostolo S. Pedro nas prisões; o mesmo se praticou a respeito dos Biturecenses, como refere Mornac in l. fin. Cod. de Paganis.

(3) Assim pondera Torquemad. no liv. 2 da Monarchia Indiana, cap. 19. Por ser o arbitrio de ensinar o vinculo mais forte, para ligar a união entre os mestres, que ensinão, e os discipulos e os pais destes.

(4) O conc. trident. sessão 23 de reformat. cap. 18.

Ainda assim parece milagre da divina graça, que homens barbaros e creados sem nenhuma lei, nem ainda a da natureza, se resolvão a deixar as suas terras e abraçar a uma lei, e a um rei que não conhecem, e um tão diverso modo de vida e costumes. Que será porém, se acharem nesta nova vida o contrario do que lhe propuzerão os missionarios, e em lugar do bom tractamento e liberdade, acharem violências e captiweiros, e virem que os missionarios os não podem defender delles?

ção naquelles fies para a geral conversão, se houverem sacerdotes (1) da sua mesma nação que promovão a redução, já pela obrigação da profissão, já pelo maior conhecimento, que tem adquirido para salvarem do abysmo aos seus conaturaes.

Já na cidade do Pará chegou a ser sacerdote, e cura, um Indio, filho da India Marianna Pinta, a quem os Jesuitas instruirão, e insinuarão até o chegarem ao altar, e não só se aproveitarão os seus talentos, mas aquelles Padres beneficiarão aquella tenra planta, em gratidão dos muitos soccorros, e alimentos da vida que o Padre Vieira deveu á India sua mãe, acima referida, quando os povos puzerão em sitio ao dito Padre, e aterravão a mesma India, para que o não soccorresse, o que praticou com fidelidade rara apezar de todos os ameaças (2); daqui a conclusão de que elles são habeis, e fies.

Nas casas religiosas donde houverem de sahir os missionarios, para a conversão dos Gentios, haverão todos os dias conferencias, e praticas da lingua geral dos Indios; pois sem este soccorro preliminar, se não pôde emprehender aquella aggregação de fies; e ás mesmas louvaveis palestras, poderão ir os sacerdotes seculares, que forem inspirados do mesmo espirito, a aprenderem aquelle idioma, de que se necessita para a administração dos Sacramentos, e para a redução do Gentio (3).

Para haverem operarios nesta grande vinha do Senhor, communicará a junta da capital, a deste reino, a situação, e dependencia delles, para que se haja de representar a Sua Magestade, o meio tão interessante daquelle provimento, ou mandando-se missionarios zelosos das muitas ordens monasticas deste reino, para desse modo serem uteis ao Estado e á igreja, ou mandando-se vir da Italia, ou qualquer outro paiz, sacerdotes dignos, como tem ido á China, ao Japão, e á India.

As mesmas juntas escolherão os missionarios mais aptos, para os encarregar do exercicio da missão, havendo as informações, e votos dos seus prelados.

Porque succederá muitas vezes que para se extrahirem as drogas do sertão, se entranhem nelle alguns moradores, Indios, ou como auxiliares, ou como salarizados, e demorando-se nestas viagens muitos mezes, vivem desamparados de todo o pasto espirital, incumbirá a junta aos Padres, que viajarem pelos rios nas canoas de defesa, e de redução, que apascentem as sobreditas ovelhas, ainda que seja á custa de demora de poucos dias, afim de as doutrinar, e lhes dizer missa nos dias de guarda, e de lhes participar os verdadeiros principios para o temor de Deos.

Para que os Indios, e moradores que cahirem na indigencia, por excesso de annos, possam ter algum socorro nas escolas de seus parochos, segundo os officios da caridade, e da hospitalidade, a junta lhes fará assignar papães as suas igrejas, e freguezias, para logradouro e beneficio dos mesmos parochos; attendendo-se á tenuidade de suas congruas; e para que os cultivem, e tenham da mesma igreja o sustento para a vida, já que trabalhão nos interreses da alma dos seus freguezes, e parochianos.

Os mesmos parochos serão incumbidos de zelarem, e promoverem o bom curativo dos

(1) Para o fim de serem os Indios promovidos a sacerdocio, lhes não pôde obstar razão alguma como Solorz. liv. 4, cap. 20 da sua politica; e para serem dispensados na illegitimidade tem os Bispos todo o poder contra direito commun na forma da bulla de Greg. XIII, e de Pio V. que refere D. Alfonso Montenegro. Bispo de Quito no seu itinerario para os parochos de Indios liv. 3, tract. 7, ses. 1, n. 10, e ses. 2, n. 1.

(2) O Padre Barros, liv. 3, § 117 e seg., pag. 327. Que os Indios não devem ser excluidos dos curatos, beneficios, e dignidades, assim o refere o conc. provinc. Mexican., como refere o synodo Montenegro, liv. 5, tract. 1, ses. 10, n. 8, por não serem os Indios reputados neophytos: Solorz. polit. Ind. liv. 2, cap. 29, pag. 242, colum. 1, e o persuade o direito canon. no cap. fin. de cleric. peregrin.

(3) Os curas e missionarios devem saber a lingua do paiz para bem exercitar os seus officios, ita Vbeline de irregul. cap. 46, n. 3 e 4. Sayro de censur. liv. 6, cap. 8, n. 21. Maiol. liv. 1 et irreg. cap. 26, n. 2. Conc. Limens. celebrado em 1583 act. 2, cap. 15.

Bem se vê que não haverá Índios que queirão reduzir-se, e em caso que por engano descessem os primeiros, serão estes os ultimos, e talvez cuidarão estes mesmos de sacudirem logo o jugo, e fugirem para as suas terras, e ainda mais distante por medo dos Portuguezes. Isto que persuade a razão se tem visto mil vezes por experiencia, e é notorio que esta é a principal causa, e impedimento que encontrão os missionarios do Maranhão na conversão dos Índios Gentios.

Índios nas suas enfermidades, e se elles não tiverem com que se curem, já pelo que lhes incumbem os canones, e constituições apostolicas, e já pelas providencias, que dará a junta a semelhantes desamparos; serão os mediatos enfermeiros de suas molestias angariando, e mandando servi-los em tão urgente necessidade, e se os enfermos não tiverem familias, isto afim de se evitar que os Índios pereção á necessidade, como succede continuamente, só assistidos de algum lume de baixo de uma rede, sem sustento, sem remedio, e sem medicina: que lastimosa situação !

Como os parochos não tenham ordinariamente naquelle paiz, e pelas povoações do sertão, esmolas, ou honorarios das missas, e as que dizem nos domingos e dias santos, devem ser *pro Populo*, na conformidade de uma constituição apostolica; por isso a junta terá cuidado de regular a competente congrua dos mesmos, conforme as circumstancias do tempo, e do lugar; para que hajão operarios, e elles se animem a exercer as funcções do officio parochial sem indigencia, ou necessidade.

Além do referido, as juntas farão prover aos missinarios de todo o viatico necessario, e juntamente de todas as providencias, para a celebração dos divinos officios, tanto nas viagens, como nas novas introduções, e povoações que se estabelecerem; e assim tambem do que fôr necessario para as igrejas das freguezias estabelecidas.

As igrejas que se erigirem, devem ser entre tantos, e taes numeros de moradores, que os sacerdotes possam acudir a todos, para a administração dos Sacramentos, e os mesmos Índios possam ir assistir-lhes á missa conventual, sem a menor escusa, e nunca será antes de hora certa, e muito competente.

Vigiará a junta que os Índios sejam permanentes nas aldeas, e povoações, e que não sejam tirados dellas, e das suas lavouras contra a vontade. Sendo abolida a lei da distribuição, por ser opposta á liberdade, poderão os moradores, ou quaesquer outros, alliciar, ajustar, e concertar-se com os Índios, para lhes pagar os serviços, que lhes fizerem, ou sejam domesticos, ou braçaes de lavouras, e obras artificiaes, e mecanicas; comtanto que as povoações sempre fiquem amparadas, e os casados não poderão deixar as suas agriculturas por mais de dous mezes successivos, salvo a beneficio das reduções.

No caso de haverem alguns Índios, que por largo tempo, e por modicas gratificações, queirão estar com algumas familias, em remuneração de outros bons officios, que tenham recebido, e muito por sua livre vontade, sem constrangimento, nem seducção: nesses termos poderão os Índios dispôr das suas obras, e muito principalmente, se uns, e outros forem parentes entre si, e tiverem amor reciproco, e licito por ser esse um captivo doce (1), e liberdade muito livre; e nesse caso poderão tractar-se com mutua dependencia: os moradores tractando bem dos Índios, e estes podendo deixar os amos, todas as vezes que lhes parecerem ingratos.

Se alguns dos Índios forem tão arreigados na ociosidade, que nem á vista do proprio interesse queirão tractar de suas lavouras, e estabelecimentos, serão obrigados os principaes a destina-los para o exercicio de servirem aos moradores, ou quaesquer outras familias por salario; bem entendido que o Indio escolherá a quem deva servir. E os que não tiverem taes estímulos de fazerem roças, e industriarem os seus predios rusticos, serão os primeiros que devão ser destinados para os trabalhos do conselho, e do publico: isto afim de se evitarem vadios.

As juntas, ouvidas as camaras, farão taxar os salarios que devem ter os serviços pessoais, e braçaes, domesticos, e artificiaes, segundo a situação, e physica das terras, pelo modo, e forma, que determinão as leis, que se promulgáão com esse objecto; attendendo-se aquelles serviços que se augmentão, quando se trabalha de dia, e de noite.

O pagamento dos sobreditos salarios, deve ser, ou em dinheiro, sendo o Indio capaz de

1) Assim pensou o Padre Vieira no voto sobredito a os Paulistas no § 36.

Não é menos certa a ruina dos Indios já christãos, tirado este governo aos missionarios, porque governadas as aldeas por capitães, hão estes communmente de tirar todos os Indios sem dependencia alguma dos missionarios, e tarde ou nunca hão de apparecer nas aldeas, pois o estão fazendo ainda no tempo que os missionarios têm esta tal ou qual jurisdicção para os defenderem: seguem-se daqui duas ruinas, uma temporal, outra espirital, a espirital, é porque ficarão os missionarios sem varões a quem

o administrar, ou em panno de algodão, ou em linho, ou em droguete, ou em baetas, ou em camelões; e todos os mais generos tecidos de algodão, lã, e linho, que se fabricarem neste reino; e não menos em instrumentos de ferro, e aço para applicação das lavouras, e manobras dos operarios artifices.

Parce justo, e importante que se ratifique a extravagante de 28 de Setembro de 1688, e a de 9 de Agosto de 1686, esta prohibindo os pannos, e aquella os droguetes forasteiros (1), porque por esse meio, se fará grosso o ramo do commercio de algodões, e lãs, que pôde produzir o continente da America, para fornecer as fabricas deste reino; e crescerá a abundancia á proporção do consumo, e extracção daquelle material nas manufacturas.

Por esta razão deve a junta fazer promover com todo o cuidado, a agricultura do algodão, e a propagação do gado lanigero, nas campanhas que tiverem para isso capacidade; afim de haverem aquelles generos para o trafico da negociação. E como a mesma junta deverá ter um almoxarife, como abaixo se dirá, este se encarregará daquelles materiaes, como lhe fôr mais commodo, e facil para neste reino mandar fazer os tecidos, que se necessitarem para as despesas, premios, convites, e outras mais providencias, destinadas pela mesma junta.

Para melhor se firmarem os interesses do commercio, não só poder-se-ha livremente ir aos sertões vizinhos extrahir as drogas, e especiarias; mas tambem a mesma junta patrocinará aquelle negocio, que o Gentio quizer fazer gyrrar, com as nações já civilizadas nas povoações; pois além do interesse do dito commercio se facilitão os meios de se avizinhar o Gentio, e de se reduzir á fé, sem maior despesa, e trabalho. Comtante porém, que aquella comunicação, e commutação de generos, e comestiveis, se fará debaixo da inspecção do principal da aldeia civilizada, e de qualquer deputado das mesas pequenas da direcção. Nessa occasião serão tractados os Indios com toda a afeição, e soccorros de hospitalidade, sem a menor quebra dos direitos da boa fé, e assim se apagará o temor, e horror, que tinham feito graçar as violencias antigas, permittindo-se a comunicação franca.

O melhor methodo de fazer gyrrar o commercio, não obstante as distancias, e de se soccorrerem mutuamente os povos, é o uso das feiras; e por isso a junta as estabelecerá de mantimentos, e generos de que se poderem fornecer os Indios, não só para o necessario da vida, mas tambem para os vestidos do seu uso, e instrumentos dos seus trabalhos; e a dita junta determinará os lugares, e os intervallos dos tempos a proposito do que julgar attendivel. Nas feiras poderão os Indios traficar por meio de compras, de vendas, e de permutações e para não serem damnificados, sob pena de nullidade de contracto, lhes assistirá a elles o seu procurador respectivo.

Assim como pela lei patria se obriga a haverem regatões para a côrte; tambem a dita junta poderá obrigar á mercadores commerciantes, a fazerem gyrrar o negocio pelas mesmas feiras. E por conta do commum, isto é, dos generos que a junta se tem fornecido: haverão tambem lojas, de que se ha de encarregar um almoxarife da junta, não só para as feiras, e mercados sobreditos, mas tambem para estarem divididas pelas povoações, conforme as medidas que se tomarem para franqueza do negocio, attracção do Gentio, e melhor se desempenhar a boa fé, e a justiça nas commutações.

Nas mesmas feiras, ou praças publicas se poderão alugar (2) os Indios, e ajustarem-se as convenções sobre as obras dos mesmos para os trabalhos, e arífícios, assistindo-lhes o seu procurador respectivo, sendo todas as medidas do tempo, e lugar, arbitradas pela junta da capital. Como das povoações sahirão muitos reductores, e nellas se fará commercio com os Gentios, por estes canaes muito facilmente se saberá quando estarão Indios presos á

(1) Estas leis forão remettidas pelo tractado, feito entre a rainha da Grã-Bretanha e este reino em Dezembro de 1763.

(2) E' conselho de Solorz. de Indiar. guber. liv. 1, cap. 2, n. 8.

administrem a doutrina e o uso dos Sacramentos; a outra é a temporal, da conservação das aldeas, porque andando sempre fóra dellas, faltão a propagação, e não podendo soffrer as violencias que lhes fazem, fogem muitas vezes para os seus sortões com o encargo da fé, e do baptismo que não tinham sendo Gentios. Ambas estas razões ponderou bem em poucas palavras el-rei D. Pedro, na carta de 6 de Fevereiro de 1701, que anda impressa no regimento a fl. 71.

corda, para serem deshumanamente comidos por outros, que barbaramente conservão entre os seus cruéis costumes aquelle abuso. Nesse caso a junta fara expedir o remedio pela providencia seguinte :

Mandara missionarios bem escoltados a persuadirem aquelles miseraveis, e a desabusar os de semelhante deshumanidade, para que por meio da razão, e da doutrina os convença a ceder das presas, e da tyrannia, e se brandamente á força de rogos não quizerem, poderão persuadi-los, dando-lhes alguns premios de muito pouca consideração daquelles que pela côr, ou pelo luzimento, são capazes de lhes allucinar a imaginação, para permutarem com os ditos Indios prisionados. Se porém esta contribuição os attrahir a continuarem no trafico, serão por força obrigados a evacuar o terreno, e serem trazidos para as nossas povoações, do modo que a lei determina e manda proceder com estes barbaros. Com as presas se procederá com toda a caridade, atin de se unirem a nossa crença.

Estes, e outros successos notaveis serão escriptos em um livro, que terão a seu cargo, as mesas pequenas da direcção respectiva; e juntamente lançarão os movimentos, e proveitos, que se houverem feito, para de tudo se dar cópia á junta, com uma lista dos individuos que houverem na povoação.

Pelo relatorio dos successos do Estado, se alcança de plano que as justicas, e principaes das aldeas, camaras, e juizes, é que devem ter a seu cargo, o governo subalterno das suas povoações; e a mesa pequena da direcção servir-lhes-ha de accessores para os acertos, e promotores para insinuar o bem, e fiscalisar o mal; sendo o parochio, e deputados uns olheiros de tudo o que se obrar, para informar como já disse, aos superiores.

Se algum Indio se achar criminoso, e for grande, e capital a sua culpa, que não deve ficar impune, se lhe fará o processo pelos juizes, e havida a informação do principal, e da mesa pequena da direcção, se remetterá o instrumento com o réo, á junta das justicas que se fórma na cidade capital; nos casos porém de correcção, ou de qualquer grave advertencia, ou castigo, nunca os Portuguezes serão os executores, para não serem odiosos ao resto dos Indios, ignorantes da força das leis; mas sim os principaes serão os juizes da execução, e em todo o caso haverá toda a consideração, que permittir a justiça; e assim o deve ficar entendendo o ouvidor geral que na razão de intendente dos Indios é seu juiz privativo.

Se fallecer algum principal sem successores da sua geração que possam pretender aquelle officio, e que tenham direito a elle; se fará a eleição por votos, a que presidirão os juizes, com os vereadores da camara, e a mesa da direcção, e todos informarão com a resulta a junta principal, para o provimento, e investidura do cargo. No caso porém de vagar algum principal, havendo na povoação outros de outras nações, se aggregarão os dependentes ao principal mais antigo; bem entendido que assim succederá, não havendo, ou acabando a geração do principal fallecido, como acima se expoz.

Desde as primeiras linhas com que me dirigi na fiel demonstração dos factos, dos successos, e das providencias das leis; fiz uma exacta prova de que o concurso dos militares era pernicioso ao Estado; pelo que tirando-se de todas as guarnições das capitães, as companhias que devem ser da propagação da fé, pareceria justo, que só na cidade capital residissem os restos dos regimentos, para se fazerem delles os destacamentos precisos, e os provimentos para algumas fortificações; isto na conformidade que approvar a junta das missões, porque todas as vezes que á mesma junta parecer, que se devem licenciar os soldados, serão com effeito relaxados da sua praça, conservando-se sómente aquelle numero de companhias, que forem muito necessarias para a cidade capital, e para os limites confinantes.

Nestes termos vem em consequencia, que nos governos subalternos se faz muito desnecessaria a tropa, com quem consome inutilmente uma grande despeza á real fazenda, e da mesma sorte os governadores, que vão deste reino; porque sendo o primeiro objecto,

Um dos fundamentos principaes, e mais essencial para deverem augmentar, e conservar os Indios é, serem tractados pelos missionarios com suavidade, prudencia e arte.... Procedendo no castigo de suas culpas com a suavidade e caridade que ellas permitem, para que o temor e o rigor os não obrigue a desamparar as aldéas, e sejam occasião de não quererem vir outros para ellas.

A terceira razão pôde ser um conglobado de razões, em que se fundarão

a felicidade do Estado, este mais se arruina por aquellas mãos, do que se adianta, como claramente demonstrei. Seria muito conveniente que os ditos governos os entregassem aos mestres de campo, ou a quaesquer outros de patentes maiores, que residem no Estado, e com amor ao terreno; bem entendido, que so se poderá servir o dito governador de auxiliares em casos, que occorrerem.

E como os ditos officiaes são subalternos, e sujeitos ao general, se enearreguem dos governos para os exercitar, não como de antes, mas conforme as determinações do mesmo general, e da junta nas circumstancias das inspecções. Em resulta de tudo, nenhum militar poderá residir, e estar no officio de milicia em qualquer das aldéas, á excepção de viajarem esoltando as canóas, e Padres missionarios, que passarem para as reduções.

A capital da Capitania do Rio Negro é a villa de Barcellos, a qual está situada muito acima do Rio Amazonas, dependendo de soccorros para o sustento da vida, que os Indios em canóas vão buscar, com a despeza de um mez, por cuja causa ha uma feitoria actual de pesqueiro, para a tropa no dito Rio Amazonas, por ser o dito Rio Negro muito esteril, e as suas terras de menos producção, cujas despezas não fazem luzir os trabalhos.

A Capitania se erigiu por lei de 3 de Março de 1755, que destinava diverso estabelecimento no Rio Javary; porém mudou-se o projecto pelo general que então era Francisco Xavier de Mendonça Furtado, o qual mal persuadido da abundância da aldéa, chamada Mariuá, voltou para ella aquelle destino da lei, fazendo-se continuar até agora o descommodo de se povoar o Rio Negro, menos importante que o Amazonas, e sem abundancia para fornecer os estabelecimentos, que se podião fazer com melhores vantagens neste Rio. Se fôr do agrado de Sua Magestade, parece que seria justo commetter-se á junta, o conhecimento dessa utilidade, para haver de se executar a referida lei, ou conservar-se a dita Capitania em Barcellos, como fôr mais interessante ao Estado.

Se para executarem as sobreditas providencias, e outras muitas addições, são necessarias as referidas corporações das juntas, uma em Pará, outra em Maranhão, outra superior neste reino; é bem certo que não podem subsistir sem fundo, e rendas para as muitas, e muitas despezas, que pedem os sobreditos desenhos, para a felicidade do Estado, e para se encherem todos os expedientes, e juntamente para congruas ordinarias dos mesmos deputados assim de que não trabalhem sómente sem premio, e se podem derivar da fôrma seguinte:

Cessando o directorio, cessão por consequencia os directores, e cabos das canóas do commercio, e thesoureiro geral dos Indios, que reside no Pará, e consequentemente, acerescem os lucros, que os mesmos percebão, que importão em quatorze por cento, como acima ponderei, de todos os generos, que os Indios colhem, e negocião, excepto dos comestiveis, que percebem das suas lavouras, e estes ditos quatorze por cento devem ser applicados para as despezas da junta. E por ser esta contribuição muito praticada, não pôde parecer innovação, nem tributo (1), muito principalmente quando se dirige para dar um novo balanço, ás evidentes utilidades do Estado, augmento, e conservação dos interesses publicos, e particulares.

Esta mesma imposição deve ser inalteravel a respeito de todos os fructos, e generos, que perceberem, ou traficarem os moradores brancos, pois sendo-lhes reciprocas, e communicaveis as mesmas utilidades por terem Indios para suas agriculturas; franquear-se-lhes o commercio, desenfestar-se-lhes os rios, e offererem-se-lhes muitos outros meios para os seus interesses que lucrão, e tirão de umas terras, que originariamente não lhes são proprias, por isso devem ter a mesma contribuição, e as que forem desta qualidade se devem recolher em um cofre.

Como a junta tem na sua inspecção a propagação da fé, a redução do gentilismo, e

(1) Assim praticou Hespanha por l. que refere Solorz. de Indiar. guber. liv. 1, cap. 1, n. 12.

as leis que deixo referidas, e que forão o fundamento dellas. Primeiramente caso negado, que fossem verdadeiras as razões que se accumulão aos missionarios por terem estes o governo temporal das aldeas, para este se mudar para capitães portuguezes, era necessario mostrar-se que estes cabos nas aldeas havião de ser menos ambiciosos que os religiosos, de que havião occupar menos Indios nos seus interesses, e serviços particulares, que havião de ser mais bem procedidos, e que havião de ser mais

outros soccorros áquelles miseraveis, segundo pede a caridade christã, por isso se faz muito attendivel, e natural, que por conta desta corporação, fique o perceber as esmolas das bullas da cruzada, para se applicar o seu producto aos santos, e louvaveis fins, que a mesma concessão da indulgencia considera, e destina, para o que deve haver outro cofre para guarda daquella importancia, e a mesma junta, com as mesas da direcção, conspirarão para que effectivamente não deixem todos de tomar as ditas bullas, cujas results se remetterão para a capital, por conta das ditas mesas da direcção.

Sendo a dita junta inspectora sobre a educação da moridade Indiana, e devendo proteger a mesma, já em seminarios proprios, já em aggregação ás comunidades, para que não indispensaveis as despesas com mestres, e seminaristas; parece muito attendivel, e justo que se lhe aggregue a inspecção de todas as escolas; pois tambem as deve fazer praticar nas povoações. Por isso se lhe deve fazer união do rendimento do subsidio litterario, para ser pela mesma junta administrada a sua importancia, que tambem se guardará em cofre diverso.

A junta pela geral inspecção dos Indios, e de seus interesses communs, e particulares, ha de precisamente ter o cuidado de fazer pagar as congruas dos parochos, fornecer o viatico, ou guisamentos das igrejas, e promptificar-lhes os ornamentos, que devem fazer o decente, e decoroso culto divino dos templos, e da religião; por isso pela sua mesma inspecção, se deve fazer cobrar, e arrecadar os dizimos ecclesiasticos, por serem destinados em todo o direito para aquelles soccorros, e unidos á corôa pela ordem de Christo, sem perderem a constituição da sua indole, muito principalmente tendo, e devendo ter a junta a seu cuidado, o prover as fabricas das ditas igrejas, ministros coadjutores para as mesmas, e acudir aos doentes, e peregrinos, como pedem as leis da caridade, e hospitalidade, na forma da verdadeira, e sempre usada disciplina da igreja, nos primeiros seculos, e determinações de concilios: toda esta importancia se deve recolher a outro cofre.

E como se mostra que devem haver quatro cofres: o 1º se chamará da contribuição; o 2º se denominará do rendimento da bulla; o 3º o titulo do subsidio litterario; e o 4º dos dizimos. Cada um destes cofres terá tres chaves, a respeito das quaes se guardará a mesma ordem que se observa nos da fazenda real e para a arrecadação, receita e despesa, se contemplarão os mesmos officiaes.

Nem pelas determinações consideradas, se entenderá, que a provedoria não deve ter cofre, para a sua respectiva arrecadação dos direitos, que lhes pertencem, e para applicação do seu producto, na forma das ordens reaes; porque com effeito deve continuar a sua inspecção, bem como se dirigia até agora pela junta da fazenda, e della sómente se tirão os dizimos, que devem ser applicados pela junta da propagação da fé.

Pelo que no caso das despesas da provedoria, excederem a receita da importancia, e rendimentos que tem em outros direitos; poderá o provedor representar a junta por escripto, aquella falta, e a necessidade da despesa, para se deliberar o pagamento, por conta dos dizimos: bem entendido, que como a junta toma a seu cargo todas as despesas, que a provedoria em outro tempo fazia com os Indios; lhe pertence zelar a applicação do dito cofre, cabendo na razão do rendimento da dita provedoria a distribuição das outras despesas, que lhe erão d'antes respectivas.

Todos os annos se remetterão mappas, e listas, com receita, e despesa separadamente de cada um dos cofres, para serem apresentadas a Sua Magestade pela junta deste reino; e serão remettidas outras ao real erario; para Sua Magestade conhecer da situação em que se acharem os interesses daquelle Estado.

Já acima se ponderou que as canoas que vagarem pelos rios, nas derrotas da redução, poderão fazer colheitas, e aproveitar as drogas, e especiarias dos sertões, a que se avizinham; e que os ditos generos devem ser remettidos á junta que ha de determinar a sua extracção, por lhe pertencer em razão das grandes despesas, que a mesma fará com

zelosos, e cuidadosos no serviço de Deos, de el-rei, e dos Indios. Isto certamente se não fará crível a homens prudentes. Mas, hão de os cabos portuguezes governar os Indios com mais suavidade, e com mais amor que os missionarios? hão de lhe acudir com mais caridade nas suas doenças; e nas suas oppressões? Póde-se esperar de uns cabos portuguezes, que se sujeitão e procurão este modo de vida, para se utilisarem, que hajão de conservar, augmentar e defender os Indios, quantô o hão de fazer os reli-

aquellas expedições, e por dever pagar aquellas companhias, e tropa de soldados, que se hão de denominar da propagação da fé, na diligencia de escoltar as mesmas canoas, para a introdução dos Padres.

Nesta conformidade deve ter a junta um almoxarife, para recebedor dos generos daquelle importancia; dando a junta todas as providencias, e por conta do mesmo se farão providenciar as introduções daquelles generos que hão de ser negociados nas leiras, ou mercados sobreditas, e nas lojas, que se hão de distribuir pelas povoações: bem entendido que os procuradores hão de conspirar para o zelo, e beneficio de tudo, e juntamente tractarem de vigiar pela boa economia, e boa applicação das aguardientes que se introduzirem nas povoações; tudo como a junta determinar e prescrever.

A junta não poderá conduzir seus premeditados meios, para se chegar aos fins de suas bem fundadas esperanças, sem fornecer um armazem de fazendas, e generos necessários, segundo os sortimentos, que forem conducentes, já para o pagamento dos salarios, já para os premios, e convites alliciadores dos Indios reduzeveis. E para se facilitar esta despesa se poderão mandar buscar a este reino, por via do procurador geral, que receberá os avisos, e insinuações das juntas daquelle Estado, para fazer as remessas ao dito almoxarife.

O dito procurador geral, que deve ser membro da junta deste reino, poderá receber todos os generos, que se remetterem daquelle Estado, para os mandar beneficiar nas fabricas, e faze-los negociar, como fór conveniente; escolhendo com a provisão da junta superior um negociante de probidade, para ser o commissario de todo o trafico, ou para fazer vender em taças, com assistencia do procurador geral, ou para as fazer commutar, ou para as fazer manufacturar, na forma dos avisos; e de tudo será sciente a junta superior, para approvar aquellas diligencias, e dar os arbitrios necessarios.

Para se animar a toda esta produção, e não haver a menor falta no gyro deste abastecimento pareceria justo que Sua Magestade por sua real grandeza, lhes privilegiasse nas alfandegas os generos, que fossem mandados pelas juntas do Estado, e remetidos pela deste reino.

Sendo presente a Sua Magestade a situação da receita, e despesa, que hão de ter as juntas, e não menos a resultancia, e lucros que hão de tirar daquelle commutação, e negocio, será muito facil comprehender-se quães sejão os remanescentes de todos os cofres, e da dita negociação. E a proporção dos estabelecimentos, das reduções, das lavouras, e do commercio, se irá sensivelmente adiantando os interesses do Estado, e diminuindo-se as despesas. Por cuja razão, certificando-se Sua Magestade do calculo daquellas applicações, poderá mandar recolher para o seu regio erario o remanescente, e dar-lhe aquella applicação que bem parecer á sua real soberania.

Aos deputados das juntas das capitães do Estado, se lhe devem conferir ordenados, pela medida do arbitrio de Sua Magestade, attendendo-se á gradação do general, e do bispo, que parece não devem exceder, a quantia de cincoenta moedas por anno; aos ministros porôni, e vigario geral, com mais modificação; e aos prelados religiosos, por terem casas das suas commuidades, e serem considerados os ditos ordenados, como emollos, em razão de seus institutos monasticos, se lhes deve contrabuir com outra modificação. Enquanto porém ao secretario, procurador, e almoxarife, em razão de terem mais trabalho, e não terem emolumentos (que os não devem haver nos dispostos dos Indios) parece, que os seus ordenados se devem alterar.

No que respeita aos deputados da junta deste reino, terão maiores ordenados, considerando-se porém nos que receberem por outros empregos, para haver uma justa modificação; e da mesma forma acerca dos deputados religiosos, procurador, secretario, e commissario acima ponderado.

E como para este reino hão de ser remetidos os generos para se traficarem; por conta delle se tirarão as importancias que forem calculadas para o effectivo pagamento

ginsos, que por amor dos Indios e por servirem a Deos, e a Sua Magestade se desterrarão de Portugal, e deixarão as delicias da Europa pela dilatação da nossa santa fé, e pela redução e salvação dos mesmos Indios? Além disto se deve advertir, que um Portuguez com sua mulher e filhos, posto a governar uma aldêa, de necessidade hade occupar a maior parte dos Indios e Indias no seu serviço. Quando sahir della quantos Indios e Indias não levará comsigo? Quantos não mandará a seus parentes e amigos? A repartição

daquelles ordenados, e congruas sobreditas, além das depezas concurrentes, e ineffectiveis.

Para se guardarem as ditas importancias de dinheiro, haverá um cofre na casa, ou convento, onde estiver a junta, com tres chaves, das quaes uma terá o prelado da communidade, se fôr deputado, e a outra o procurador geral, e a outra o commissario, que servirá de thesoureiro.

Desta maneira se poderá promover a felicidade do Estado, e uma grande vantagem á corôa deste reino; porque dispendendo o erario regio uma grande somma pela contadoria respectiva com aquelle Estado todos os annos, sem adiantarem os progressos temporaes, e espirituaes, se faz ver sensível, e demonstrativamente quanto é util o plano, que se ha ponderado; pois certamente a corôa não fará despeza alguma, nem para ella concorrerá o erario deste reino, e se promoverão pelos tempos vindouros muitos interesses ao patrimonio real, os vassallos terão outros estabelecimentos, a monarchia se fará mais rica, e opulenta; os estrangeiros ficarão dependentes dos muitos materiaes, e generos de que necessitam, e de que abundamos naquelles paizes; e sobre tudo se verá a igreja tão dilatada que Vossa Magestade nos seus felizes dias, que o Omnipotente Deos prospere para nossa vênura, conhecerá os grãos de gloria, que previamente farão a Vossa Magestade um notavel merecimento na presença do Todo Poderoso. Até a consciencia de Vossa Magestade ficará bem livrada de todos os remorsos, descansando sobre os hombros de ministros intelligentes, escolhidos, e illustrados.

Ainda que a junta ponha todos os esforços para persuadir, e promover os grandes interesses do Estado, nada poderá incitar mais, e fazer bem proveitosos os seus meios, do que se Sua Magestade se dignar conceder a mesma corporação, a autoridade de poder prometter em nome de Sua Magestade, aquelles premios que animão licitamente aos corações, genios honrados, a emprehenderem acções grandes, e a desprezarem os riscos, e as demoras, só para merecerem, e conseguirem vantagens extraordinarias para a nação, para a corôa, e para a patria.

Naquelle continente se offercem objectos grandes a esses emprehendedores alliciados, sómente com a esperanza segura de serem bem premiados com aquelles grãos de nobreza civil, que no concerto do mundo politico é autorizada pelos principes soberanos; com a autoridade de crear fidalgos, e dar habitos de Christo, passou D. Francisco de Sousa, senhor de Beringel, ao Estado de America Meridional, com a gradação de Marquez de Minas, e trinta mil cruzados de renda no anno de 1608 e animou aos povos de S. Vicente, do Espirito Santo, e do Rio de Janeiro, a fazerem muitos descobertos, e adiantarem os interesses do Estado, abrindo-se caminhos, e minas pelos vastos sertões de S. Paulo, além de outros muitos serviços, que se promoverão.

Já a essa imitação, se Sua Magestade se dignasse autorisar a junta, ao menos para segurar, e prometter aquelles fóros, e habitos, informando a dita junta sobre os serviços, e os varões, que se fizerem dignos delles; sem duvida seria muito proficua essa providencia porque: 1º se contaria em abono de bons serviços, se se fizessem branda, e suavemente descer Indios para as nossas povoações; 2º se se reduzirem nas suas mesmas terras, á nossa união com tranquillidade e sujeição á igreja; 3º se animarem aos mesmos Indios a fazerem grande commercio, a conduzirem drogas, e especiarias dos seus vizinhos sertões, e estabelecerem industrialmente lavouras, e agriculturas, além de outros ramos de negociação, e de feitorias pelos rios a que estão proximos, e têm propensão para as grangearias; 4º se se descobrirem os rios, e minas de muito ouro, e pedras preciosas que ha naquelle continente com esperanças de notaveis interesses.

Por occasião das ditas minas, e pedras preciosas, devo dizer que no centro das vertentes do rio Capury, se achão os Indios da nação Tariana, os quaes a troco de alguns penachos, comprão a outros muitas folhetas de ouro, de que fazem pendentes para as orelhas, e

dos Indios ha de ser primeiro pelos creados do governador para o conservarem, defenderem e encobrirem os seus defeitos, depois destes, ha de ser aos seus parentes e afeiçoados, e aquelles de quem forem dependentes. O resto que ficar não hade ser dado com igualdade aos moradores, por que a uns se lhe hão de diffcultar até se lhe venderem; e a outros hade ir interessado de meias no serviço o cabo da aldêa, com o da canôa, e finalmente nenhum os ha de levar como Deos quer, e Vossa Magestade

ha suspeita que aquelles sitios são abundantes daquelle precioso metal, assim como as caboceiras de outros rios, que têm diversissimas pedrás de preciosidade e valor.

Os descobridores destas e de outras immensas riquezas, poderão tenta-las para utilidade publica, e juntamente poderão desta fórma estabelecer povoações nos confins, para impedir as nações estrangeiras, que preoccupem sobre nós as terras, que se achão indifferentes para o primeiro occupante.

Pois ha noticia que os Holandezes têm engenhos de fabricar assucar, seis dias de viagem acima do Rio Rupumary, o qual consta que está meio dia de viagem, acima do Rio Tacutú, além do trafico, e negociações que fazem com os Indios de um e outro rio, como asseverou o principal da villa de Barcellos, Theodosio da Gaya; e o praticou Frei Jeronymo Coelho, religioso carmelitano, e missionario da antiga aldêa de Tarumá.

Outra lembrança mais se propõe para beneficiar a todo o Estado com interesse reciproco aos Indios, aos moradores daquellas terras, e a mais negociantes desta cidade, como vou a dizer, e a expôr.

Os interessados da Companhia do Grão-Pará, e Maranhão, são credores a mais moradores daquelle continente; porque tendo afiançado os generos da sua negociação, pôde muito bem ser, que pela revolução dos tempos, e mudança da fortuna, não podessem pagar as suas dividas, que se hão de ter augmentado, á proporção da primeira impossibilidade, e dos juros que têm acrescido.

Para remediar este damno, cujas resultas recahem sobre a praça desta cidade, no caso de fallirem de todo aquellas dividas, nenhum meio se propõe mais util, e evidente, que ajudarem os mesmos credores aos devedores, para suavemente se pagarem as acções, ainda que com alguma mora de tempo.

Permittindo-se a mesma Companhia um novo ramo de commercio, isto é, determinar-se-lhe que introduza em todo aquelle Estado, escravos de Angola e costa de Guiné; os quaes sejam consignados ou dados a lucro aos mesmos moradores gratuitamente para trabalhar e fazerem as roças, as lavouras, e agriculturas industriaes, com a condição de serem repartidos os interesses, colheitas, e fructos pela metade, uma parte para a Companhia, e outra para os moradores deduzidos os dizimos.

Se porém os ditos moradores abusarem daquellas consignações, ou tractando mal aos pretos, ou carregando-os de enormes trabalhos, com que não podem, ou applicando-os para outros serviços da sua unica, e particular utilidade; nesse caso por ser contravenção, poderão ser tirados os pretos para outros com acção aos damnos, e muito mais se morerem por culpa dos ditos moradores.

Como os ditos pretos hão de ser sustentados, e vestidos pelos consignatarios, ou moradores, sem concurso dos consignantes, seja por conta destes o risco, e o perigo de suas vidas; bem como serão do seu commodo, se os mesmos pretos casarem, e tiverem filhos, porque sendo todos os escravos da sua propriedade, devem tambem ser suas as produções, já que têm o descommodo daquelle risco, não perdendo nelles o usufructuario; e este contracto durará, pelo tempo, que fór do arbitrio de Sua Magestade, findo o qual se poderão alienar, e vender os ditos escravos.

Por meio da dita introdução de escravos, serão mais repentinos, e rapidos os estabelecimentos do Estado, em beneficio commum dos moradores, e dos que estiverem opprimidos com dividas; porque se põem habeis para as pagar dos lucros, que não esperavão ter. Daqui vem outra resulta, que é não cahirem todos os trabalhos, e penosos serviços sobre os Indios, que devem interessar-se por si, e para haver melhor lugar na suavidade e brandura de os tractar, e tambem por este modo se dá um grande balanço a tranquillidade de se reduzirem com facilidade as nações infieis. Juntamente os mesmos pretos se aggregão ao christianismo, sahindo da sua barbaridade, por cuja causa são permittidos semelhantes captiweiros.

manda nas suas leis. Também se deve ponderar que estes cabos hão de ter ao menos outros tantos Índios quantos se concedem aos missionários, de que resultará não ficarem Índios, ou muito poucos para o serviço real, e dos moradores.

A quarta razão é, porque os Índios necessitam muito de quem os defenda e acuda pela sua liberdade e privilegios, o que persuadem tantas leis, e ordens passadas a seu favor, e nunca observadas pelos Portuguezes. Agora

Em outro tempo só pelos avanços das lavouras, e extracção das drogas do sertão, se davão até quatro Índios ao procurador delles em S. Luiz do Maranhão, e até seis ao do Pará (1), para se pagar com estas taxas os serviços pessoais, e se compensarem os officios daquellas procuradorias, donde legitimamente se infere, que se os ganhos de quatro, ou seis Índios, são bastantes para satisfazer os trabalhos dos procuradores, também se faz evidente que os lucros dos pretos serão muito interessantes á Companhia.

Este juizo ou arbitrio é apoiado pela prudencia, zelo e conselho do Padre Vieira, que instantemente persuadia aquella consignação, ou distribuição de escravos gratuitos pelos moradores do Estado, a ganho, ou com divisão dos fructos, como acima pondero; porém á custa da fazenda real (2), e intima mais aquelle experimentado, e religioso genio, que a condição, e o partido do contracto seja, que o morador lucre metade dos fructos, e que a outra metade se divida em duas partes, uma para o governador, e provedor, superintendentes do tudo; e a outra para a fazenda real satisfazer, e acudir as obrigações das folhas ecclesiasticas, e seculares, a que não abrangerem os dizimos, e se pagar do empenho primeiro que será de sessenta mil cruzados; tacs serão os avanços que se promettem daquelle commercio.

Diz mais aquelle experimentado e religioso genio, que não havendo naquelle Estado moradores com cabedões, para comprar os ditos escravos, e não havendo por isso mercadores, que os hajão de fazer conduzir áquelle continente, que o unico, e proveitoso recurso é o da sobredita ponderação em que se utilisão todos. Na presente conjunctura não ha trabalhadores, ou sejão pretos, ou sejão Índios, e por isso o Estado se tem deteriorado, havendo faltas de estabelecimentos, pelo que os moradores se têm gravado com dividas contrahidas com os da Companhia actual, e só por aquelle meio, uns e outros se podem restabelecer. Ainda no caso de haverem Índios, segundo o plano que hei proposto, também se faz necessario, que se modifiquem os seus trabalhos, havendo coooperadores, e para os mesmos poderem trabalhar em utilidade propria.

A razão dos significantes interesses, que se devem esperar do dito commercio dos escravos, produz autoridade intrinseca para ser admissivel; porém por ser advertencia do referido Vieira, que foi feliz n'outros projectos, traz a intrinseca autoridade. Elle aconselhou utilissimamente no seu tempo uma Companhia occidental, com cujos interesses se restaurou Pernambuco (3), e Angola no anno de 1641.

Será indizivel o proveniente interesse que resultará daquelle meio á proporção que creecerem, e se augmentarem por industria, e arte, as agriculturas de cado, café, baunilha, quina, anil, cravo, arroz, salsa, canella, e outras muitas drogas de grandes utilidades, e grangearias; e muito mais se se introduzir a plantação das amoreiras, e creação de bichos de seda; porque nos paizes americanos, por calidos, multiplicão muito mais nas sementes, verificão-se sem perigo, e sem trabalho, e com maior utilidade, que nos paizes da Europa. Sendo excellente a seda, como a da Italia, pelo que propoz com experiencias certas João Opman, da cidade do Rio de Janeiro, ao governo passado; e pelos avultados lucros que terá a Companhia, lhe será preciso um juiz conservador, que póde muito bem ser o juiz de fóra da capital, por nunca sahir della para correições, e poder dar providencia em todos os casos occurrentes.

A mesma Companhia actual reconheceu quanto lhe era conveniente a pratica daquelle auxilio, para seus devedores se habilitarem a pagar-lhes suas dividas, e ao mesmo passo se pensou, quanto era util a todo o Estado, a mesma introdução dos escravos; que ha bem poucos annos se fez publico nas capitães do mesmo Estado, que a Companhia seria

1) E' o § 3 das missões.

(2) Assim pondera o Padre Vieira no voto e parecer, que deu nesta corte, concorrendo o do duque como elle declara, e está na bibliotheca regia.

3) O sobredito Padre Barros, liv. 1. § 49, pag. 28, e liv. 5. § 236, pag. 640.

vejamos se os cabos portuguezes, que são os mesmos que derão causa, e motivo a tão repetidas leis, os hão de defender, e se no caso de não serem elles mesmos os refractarios das ditas leis, se hão de ter valor, e animo para subirem o odio dos governadores e povos, na defesa da sua justiça e liberdade; quando a Companhia por esta causa padeco e tem padecido tantas perseguições naquelle Estado, e ainda nesta côrte, e podendo mal uma religião sustentar a sua defesa, é certo que o não poderão fazer os taes capitães quando tivessem zelo para isso.

Deixo a contradicção, e summa repugnancia que tem os Indios a este governo de capitães portuguezes, fundada nas tyrannias que delles têm recebido, por cuja causa no alvará de 22 de Março de 1688, impresso a

obrigada a introduzir os ditos escravos, para serem vendidos sem lucro, e sómente rateada a despeza, segundo os seus lotes; para isso se afixarão editaes, que enunciarão a autoridade, e determinação real.

Com effeito se tem introduzido alguns escravos, porém como os moradores são poucos, os que podem paga-los; ou os mineiros os comprão á mesma Companhia, ou aos mesmos moradores, que os revendem com avanços, por não terem cabedaes para menos, e aos mineiros faz conta, ainda que seja maior o preço para a condução das canoas, e suas cargas para o Mato Grosso, Cuiabá, e outras remotas minas. Nesta formalidade o Estado não se interessa, porque ou ha poucos escravos, ou os mineiros os reassumem; e a companhia não querará fiar tantos aos moradores, por não augmentar o risco das dividas, e de fallirem seus devedores, pelo que nesta parte nao é bastante a providencia que se pratica.

Estas são, Senhor, as ponderações, que o meu zelo representa, na soberana presença de Vossa Magestade, e estes os meios que podem dirigir o governo dos Indios, e a felicidade de todo o Estado. Só assim poderão cessar os inconvenientes gravissimos, que terão dado com razão grande cuidado á catholica piedade de Vossa Magestade, e muito principalmente depois que este meu papel merecer, que Vossa Magestade lhe ponha as suas vistas, e por elle se informar das funestas resultas, que acontecem ao Estado, e á igreja.

Para prova do meu zelo, do desinteresse, e da verdade com que vão demonstradas as referidas minhas ponderações, eu não quero outra justificação, que as mesmas reflexões, á vista dos successos, e das funestas consequencias, que resultão da pratica actual. Se por falta de sufficiente digestão, não forem bem demonstradas, eu responderei fielmente a qualquer duvida, e me justificarei com muitos documentos authenticos, que me qualificação, e tenho em reserva.

Neste reino tambem se achão pessoas autorisadas, que podem responder pelos factos que tenho ponderado, consultando a experiencia, que tem do paiz; e ajuizando pela sciencia, e virtudes de que são ornadas, sobre as providencias e planos que tenho recopilado. O virtuoso e sabio prelado do Maranhão, que se acha no seu convento da Graça, impellido da sua diocese por destino; o Dr. Geraldo de Abranches, ministro circumspecto e de muita litteratura, da santa inquisição de Evora, que servio de vigario capitular, e governador da diocese do Pará; Frei José de Santa Ursula, religioso capucho da provincia de Santo Antonio desta cidade, que foi zeloso vigario de varias aldeas dos Indios daquelle Estado; Frei João de Santo Elias, carmelita calçado que tambem exercitou louvavelmente aquelle officio espiritual.

Os mesmos generaes, e ministros que pelo directorio se vião obrigados a seguir aquella lei privativa do Estado, não deixarão pelas suas luzes, espirito de rectidão, e virtudes politicas de dizer livremente, o que é mais util e interessante ao Estado, e o que é mais conveniente á igreja.

No caso de se descobrirem outros meios mais proporcionados, para se remediarem os damnos, eu me darei por muito bem pago, comtanto que se realce a gloria do Omnipotente, se augmentem os interesses do reino, e se firmem os solidos fundamentos da grandeza e gloria da corda de Vossa Magestade. Em execucao da fiel promessa, e por obediencia as pias, rectas, e reaes intenções de Vossa Magestade, se sujeita com o maior acatamento, *Antonio José Pestana e Silva.*

fl. 17, se manda que os Portuguezes que forem as aldêas, se não demorem nellas mais de tres dias; e se não é conveniente mais demora na passagem, que será se fôr perpetua, e com o poder de administradores. A quinta razão, e na minha opinião a mais attendivel, são os descimentos dos Indios, que é necessario fazer nos sertões para fornecimento das aldêas, sem os quaes, estas certamente se não podem conservar. Estes descimentos não hão de fazer os cabos portuguezes, assim por falta de zelo, e industria que é propria de missionarios, como principalmente pelas grandes despezas que se fazem nos descimentos de distantes sertões, a que não podem supprir quaesquer consignações, sem zelo, e industria dos mesmos missionarios.

Estas são as noticias, e informação que posso dar a Vossa Revma., sobre o que me pergunta acerca do governo temporal dos Indios do Maranhão.

**PROTESTO E NOTIFICAÇÃO AOS PADRES PARA SAHIEM DO ESTADO DO MARANHÃO
(DOCUMENTOS MANUSCRIPTOS) (1).**

O povo desta cidade de S. Luiz do Maranhão, tem já expulsado a Vossas Paternidades della tres vezes com esta; não porque Vossas Paternidades lhe tenham dado escandalo algum no espiritual, mais que no temporal, os quaes declararão e forão presentes ao principe nosso senhor, que Deos

**(1) RESPOSTA AOS CAPITULOS QUE DEU, CONTRA OS RLIGIOSOS DA COMPANHIA (EM 1662)
O PROCURADOR DO MARANHÃO JORGE DE SAMPAIO (1).**

Depois que no mundo ha reis, justiça e tribunaes é certo, que nenhum papel se apresentou nelle, nem mais temerario nem mais falso, nem mais affrontoso aos mesmos tribunaes, que este, que apresenta o chamado procurador do Maranhão; porque em todo elle se não diz cousa alguma, que não seja clara, e manifestamente, não só alheia da verdade, mas opposta, contraria, e contradictoria a tudo o que realmente se passou; como se mostrará respondendo em particular a cada um dos capitulos, mas porque será necessario para a dita demonstração, nomear muitas vezes os moradores do Estado do Maranhão e Pará, e dizer geralmente muito contra nossa vontade algumas cousas de menos decoro, que é força se digão para inteiro conhecimento da verdade declaramos, e protestamos no principio desta resposta, que tudo o que nella dissermos se entende dos menos bons, porque ha muitos,

(1) MEMORIAL DE DOZE PROPOSTAS, QUE OS PADRES MISSIONARIOS DO ESTADO DO MARANHÃO, REPRESENTÃO A SUA Magestade, PARA SER SERVIDO DE MANDAR VER, E DEFERIR-LHES, QUANDO LHE PAREÇA, QUE ELLES VOLTEM PARA AS MISSÕES DO DITO ESTADO, DE QUE AO PRESENTE FORÃO EXPULSOS NA CIDADE DE S. LUIZ DO MARANHÃO.

No fim de cada uma destas doze propostas, se deixa papel em branco livre de escriptura, para se dar lugar, a que se fação as perguntas, e ponhão as duvidas, que occorrerem sobre cada uma das ditas doze propostas.

PRIMEIRA PROPOSTA.

E' esta a segunda vez, que os moradores da cidade do Maranhão expulsarão aos missionarios da Companhia de seu collegio, e residencias (m odio da defenza, com que patrocinão a liberdade dos Indios daquela conquista. E isto mesmo, que nos tempos passados, e presentes fizerão, e poderão também executar nos futuros, se Sua Magestade não impedir com effeito para sempre tão arrojadadas resoluções.

A causa dellas vem a ficar a mesma; porque o é a ambição do serviço dos Indios. Os que se não satisfazem com o licito, e moderado uso de seu trabalho, são também os mesmos; porque naquelles moradores não tem limite esta ambição. E ficando a mesma causa, e os mesmos fomentadores della, com a circumstancia de que na proxima conjuração intimidarão aos missionarios com horribis ameaças, se em algum tempo voltassem ao Maranhão, com muito fundamento se pôde recejar a repetição do mal presente e consequencias futuras.

guarda, porque no exemplo com que Vossas Paternidades obrão no espiri-
tual, e bem das almas, não tem que dizer. E porque de presente com a
brevidade, e muito, que tem que fazer nesta alteração, não podem mani-
festar as causas de tudo a Sua Alteza, por ser necessario tempo, protestão,
de que por informação de Vossas Paternidades ou de outras quasquer pes-

que respondendo a nobreza de seu nascimento vivem, e procedêrão sempre muito confor-
me as leis de Deos, de Vossa Magestade, e da honra propria, e ou não tiverão parte no
caso de que se tracta, dissimulando por não poderem obrar outra cousa, ou publicamente
se puzerão em defesa da igreja e das leis de Vossa Magestade, padecendo por esta causa
grandes trabalhos, que Vossa Magestade por sua real grandeza, e piedade, para exemplo
da fé e da justiça, lhes deve mandar agradecer e remunerar com particular favor e merce.

RESPOSTA AO PRIMEIRO CAPITULO.

Leia-se e lei citada neste capitulo, e não se achará nella, que se falle em religiosos do
Carmo, nem mercenários, nem capuchos, nem apostolos, nem que as missões se repartis-
sem, nem que fosse a repartição alternada ou successiva, e do atrevimento desta primeira
falsidade em materia tão publica como uma lei passada nesta mesma corte, e ha tão pou-
cos annos, e pelo mesmo tribunal do conselho ultramarino, em que este papel foi apre-
sentado, e em que ainda hoje estão alguns dos ministros e principalmente o mesmo secre-
tario que então era, e logo se julgará a verdade com que o dito procurador fallara, em
casos, e em materias de terras tão distantes, como as do Maranhão, e em cousas não pu-
blicas, senão particulares, e algumas dellas, de sua natureza muito occultas.

RESPOTA AO SEGUNDO CAPITULO.

Da falsidade deste capitulo é testemunha a maior junta de ministros de letras e ecle-
siasticos, e seculares que ha muitos annos se fez neste reino. A lei sobredita do anno
de 1633 foi subrepticia por ser passada a instancias dos procuradores do Maranhão, em

Pelo que a Companhia sentida do que tem succedido, e temendo o que póde succeder, pro-
põem a Sua Magestade a importancia da seguranca, com que devem ser defendidos seus mis-
sionarios, quando se sirva Sua Magestade de os fazer repôr nas administrações daquellas
christandades, o que é bem que seja com os mais efficazes meios de sua poderosa mão e zelo
catholico.

SEGUNDA PROPOSTA.

A administração espirital dos Indios é tão dependente da temporal, que sem esta se não
póde conservar aquella. E se os missionarios não tiverem ambas, é impossivel a conversão
dos Gentios e certa a ruína dos christãos. Porque o motivo que os traz dos sertões, e conserva
nas aldeas, é o amparo dos missionarios; e como este lhes falta, não sendo governados tempo-
ralmente, por seus missionarios, não querem descer do sertão os Gentios, e fogem para ele os
convertidos.

Para maior intelligencia desta verdade, se deve saber em que consiste a administração tem-
poral dos Indios, de que tanto depende a espirital. Não é outra cousa este governo temporal
das aldeas, mais que uma prudente, e zelosa direcção, com que os missionarios encaminhão a
vida dos Indios, para que no serviço dos nossos Portuguezes não periguem suas liberdades.
E para que vendo elles, que é quem lh'as defende, se sujeitem a viver nas povoações, onde lhes
ensinão a doutrina christã, e não tenham occasião de que desesperados com o intoleravel tra-
balho, rum tracto de vida, e talvez de honra, fujão para seus sertões levando o encargo dos
Sacramentos, que não tinham antes de convertidos, o que tem succedido muitas vezes.

E assim, que sendo este governo temporal das aldeas de pessoas particulares, e não dos
Padres missionarios, ficando só estes com o cuidado da salvação das almas, não podem fazer
este tão importante fructo, o que brevemente se mostra. Porque dispondo os administradores
seculares do serviço dos Indios com independencia dos Padres missionarios, tirão das aldeas
os Indios para seus interesses em todo o tempo, e quantos querem, e sem os trazerem a ellas
senão muito tarde, e ás vezes nunca. E então os missionarios por falta de pessoas, a quem
administrem a santa doutrina, e uso dos Sacramentos, ficam impedidos em seus ministerios, e
por consequencia o fructo da salvação das almas perdido.

Não succede porém isto, quando os Padres missionarios governão temporalmente as aldeas,
porque tem cuidado de que não andem fóra dellas as mulheres, de que não trabalhem os

soas interessadas, e dependentes de Vossas Paternidades, que surrepticiamente as houverem dado, se não obrará cousa alguma, contra o dito povo nem pessoa delle; de que se lhe não dará cumprimento, por tudo se haver por havido por falsa informação, e calada verdade. Na fórma da ordenação liv. 2ª, tit. 43, sem primeiro Sua Alteza os ouvir; e protestão

materias gravissimas tocantes aos Indios naturaes da terra, sem elles serem ouvidos, nem se lhes dar procrador, e por ser outrosim fundada a dita lei em informações não inteiras, dadas pelos procuradores do Maranhão e Pará, que vierão a esta cõrte; e sobre muitas supposições totalmente falsas, que os ditos procuradores por não serem letrados, não podião advertir, da qual falta de verdadeiras, e inteiras noticias resultou irem incertas na dita lei muitas clausulas contra a lei natural, direito commum, e sagrados canones; porque se supponhão vassallos os que o não erão, Gentios os que erão christãos, escravos os que erão livres, criminosos de lesa Magestade os que erão innocentes, e outras circumstancias ou mudadas, ou caladas, das quaes dependia a justiça do que se dispoz, e para exame da lei de 1655 e averiguações dos casos em que lícitamente se podia conceder no Estado do Maranhão o resgate dos escravos, mandou Sua Magestade faver uma junta em que presidio o presidente do paço arcebispo de Braga D. Pedro de Alemcastre, e forão deputados para ella o bispo eleito de Elvas, e o bispo eleito de Lauego, e os tres lentes de prima da universidade de Coimbra o Dr. Marçal Casado, o Dr. Gonçalo Alvo, e o Dr. Frei Ricardo, e das religiões o Padre Dr. Miguel Tinoco da Companhia de Jesus, o Padre Dr. Frei João de Andrade da Santissima Trindade, e o Padre Frei Fernando Soeiro de S. Domingos, e o Padre Antonio Vieira, o qual pedio a Sua Magestade entrassem tambem na dita junta os provinciaes de Nossa Senhora do Carmo, e de Santo Antonio dos Capuchos, por serem estas as religiões do Maranhão, que neste reino tem prelados, para que assistindo os ditos prelados na dita junta, e tendo voto nella, ficassem melhor informados das razões, e justiça do tudo o que se resolvesse, e o mandassem assim observar a seus subditos, e assim mais pedio o dito Padre Vieira a Sua Magestade, que no dito decreto se acrescentasse, que os moradores daquelle Estado fossem favorecidos na materia do resgate, quando em consciencia fosse possível, e teve tanto zelo o dito Padre, de que este favor se conseguisse para os ditos

velhos, os convalescentes, e os que já de cançados não podem mais. Fazem recolher a seu tempo os que andão em serviço de particulares, procurão pela paga de seu trabalho, dão-lhe lugar a tractarem de suas lavouras: e tudo isto lhes falta sendo governados por outras pessoas no temporal, vendo-se sem liberdade, sem descanso, sem o sustento de suas casas, e talvez sem a honra dellas. Eis aqui qual é o governo temporal das aldeas, que os missionarios zelão: e eis aqui, como sem elle fica o espirital carecendo do desejado fructo da salvação das almas, pelo qual unicamente se desterrão de suas patrias e provincias.

A verdade do que fica dito bem o tem provado a experiencia. Na Bahia forão muitas as aldeas que governadas por seculares se extinguirão: e ainda é fresca a memoria da aldeia das Itaporocas, que constando de novecentas almas administrando-a os Padres missionarios, depois se reduziu a oitenta casas, por se dar a um particular a administração temporal dos Indios della. El-rei D. João IV, de gloriosa memoria, por cartas de 27 de Julho de 1644, e de 6 de Dezembro de 1647 pedio aos religiosos da Companhia, quizessem voltar para as aldeas, que no Rio de Janeiro haviam deixado, por lhes mettorem administradores seculares, (dizendo, são palavras suas) que de as terem pessoas particulares seria a total ruina do Gentio, e se virião de todo a distrahir. Por uma provisão de um governador, e bispo da Bahia se tirarão das aldeas de Pernambuco os capitães seculares, em cujo poder se acabavão. E o mesmo, e pela mesma causa, resolverão em outra occasião o senado da camara, e o governador Gaspar de Sousa nesta Capitania de Pernambuco. E na de S. Paulo por uma provisão real forão suspensos de seus officios os do governo daquelle villa, por se opporem contra a administração das aldeas, que estavam a cargo dos religiosos da Companhia.

E descendo a exemplos do Estado do Maranhão, sendo os ditos religiosos expulsos a primeira vez, vendo-se os Indios sem o seu patrocinio, fugirão dos de Mortigura, os Bocas, os Nheengaias, os Girunas assistentes no Xingú, os Tapariguaras no Jaguacuara, os Pacajazes do Camutã já baptisados, e os Tapajós no Tuxiapó. Destruio-se a aldeia do Carnaplo. Os de Mortigura matarão ao seu principal por nome Iamão, ainda sendo seus parentes, por terem para si, que os queria outra vez sujeitar ao dominio, e tyrannia dos brancos, que assim chamão aos Portuguezes. E não se apontão outros casos por escusar extensão.

De presente nesta segunda expulsão dos Padres, fugirão os Tapuyas Caiscaizes e outros mais, que com elles seguirão aldear no Itapucurú. Quizerão fugir os Indios antigos da mesma paragem, e ainda postos em armas matar ao capitão Simão Rodrigues, mandado pelo governo intru-

por todas as mortes, e damnos das pessoas, e fazenda, fazer tudo por Vossas Paternidades quando intentem vir outra vez a este Estado, ou se saiba de alguma parcialidade, que haja contra este povo, ou pessoa delle, porque de tudo Vossas Paternidades são a causa, com as muitas vexações que o povo padece, causado do temporal, pois nunca Vossas Paternidades

moradores, que, tanto que a junta esteve nomeada por Sua Magestade, deu logo um rol de todos os deputados della ao procurador do Maranhão Martim Moreira, para que elle os fosse informar, e allegar todas as razões que fazião a bem de seu requerimento, e querendo fazer a mesma diligencia com o procurador do Pará Manoel Guedes Aranha, não houve lugar por estar doente em cama. Deu-se na junta vista aos ditos procuradores, e se lhes mandou que dissessem tudo o que fazia a bem de seus constituintes, como fizeram em um papel largo, do qual papel como se desse tambem vista ao Padre Antonio Vieira o que respondeu foi, que era muito justo, e assim o pedia a Sua Magestade, que aos moradores do Maranhão e Pará nos resgates, que pedião se lhes fizesse todo o favor, que fosse possível sem peccado, porque erão merecedores de tudo, e porque o dito Padre entendeu que muitos dos casos da sobredita lei, por sua notoria injustiça não podião deixar de ser reprovados, fez de fóra aparte um papel em que apontava outros casos de legitimo captivo, e o deu aos mesmos procuradores, para que elles o apresentassem. E de tudo o sobredito allegamos por testemunho aos ditos procuradores, e nos referimos aos ditos papeis; os quaes vistos na junta, com todos os outros documentos, e leis antigas desde o descobrimento do Brasil até hoje, sem o Padre Antonio Vieira fallar mais palavra, salvo muito em favor dos moradores (de que tambem tomamos por testemunhas os mesmos deputados, muitos dos quaes estão vivos) os quaes todos votarão uniformemente, e de seus votos se fez consulta a Sua Magestade, lançada pelo Dr. Marçal Casado, e Sua Magestade se conformou totalmente com a dita consulta, e o assentado nella se passou por lei, e esta é a lei de 1683 que o procurador do Maranhão diz, que foi passada por informações falsas, e apparentes do Padre Antonio Vieira, fundadas em suas consciencias e commodidades; dadas a Sua Magestade el-rei D. João, que está no céo, e que Sua Magestade pelas ditas informações passou esta ultima lei, e revogou a de 1683, sendo que o dito Padre neste caso pro-

so a desapossar aos missionarios da aldêa, se o Padre Gonçalo de Veras os não socegára. E supposto que por então não fugirão, é muito provavel, que o tenham já agora feito, como consta o flizerão os Indios do Pinaré, tudo por lhes faltar o amparo de seus missionarios, que os defendem da crueldade, com que os brancos os tractão.

Por isso os Srs. reis do reino, pais e avós de Sua Magestade flizerão expedir leis, regimentos e ordens, para que os Padres missionarios tivessem nas aldêas inseparaveis ambas as administrações, temporal e espirital, limitando-se tempo, para que os Indios pudessem estar fóra dellas em serviço, ou publico ou particular, sempre por direcção dos ditos missionarios. E ha poucos annos, que el-rei nosso senhor, que Deos guarde, estabeleceu o mesmo por uma lei nova, que por não quererem guardar os interessados no trabalho dos Indios, independente do governo temporal dos Padres, os lançarão fóra, como consta de sua mesma confissão manifestada em papeis publicos.

Sendo pois tão bem fundadas estas ordens reaes, não pôde a Companhia sem a observancia dellas ter o cuidado das missões, que lhe encarregarem. Porque irem seus filhos aos sertões buscar os Indios com o pretexto da fé, e entrega-los depois a uma vida, que ainda que no nome não é captivo, o vem a ser na realidade, é gravissimo encargo de consciencia, no que a Companhia não pôde consentir, accrescentando-se sobre tão grande mal a falta de conseguir ella o fructo do trabalho dos seus missionarios. E por estas razões tão relevantes tinhão deixado os religiosos da Companhia as aldêas do Rio de Janeiro no tempo do governador Duarte Corrêa Vasqueannes. Sahirão do Ceará pouco mais ha de vinte annos. Deixão actualmente a Capitania de S. Paulo, tudo por ordem do seu geral, que tambem lhes tem ordenado não resolvão a tornada para o Maranhão sem primeiro consentir elle nessa resolução, examinadas as circumstancias, com que se deve fazer.

E assim que os Padres missionarios desta missão propondo a Sua Magestade estas razões, lhe p-dem seja servido ordenar, que em nenhuma das christandades daquelles Indios de que se tem e houverem de ter cuidado, haja separação das duas administrações, temporal e espirital na forma, que se tem dito.

TERCEIRA PROPOSTA.

Não pôde haver nas aldêas o fructo esperado da educação christã, se dellas se tirarem para o serviço dos de fóra os meninos de quatorze annos para baixo, e as meninas. Porque

com o espirital quizerão ser contentes, sem terem um e outro poder: antes procurarem governar tudo, e terem aos moradores sujeitos, como de administração, fazendo-se poderosos e temidos com o seu suor, perseguindo-os com demandas injustas, procurando sempre que o povo os temesse por suas riquezas, e poderosos, do que os amasse por simples e caritativos,

cedeu tanto a favor dos moradores do Maranhão como fica dito, e Sua Magestade não obrou na dita lei cousa alguma, porque não fez mais, que conformar-se com a consulta dos deputados, e estes não se governarão por informações do dito Padre, que não houve senão pelas dos mesmos procuradores do Maranhão e Pará, e pelo theor da mesma lei de 1683, que em presença de todos foi revista, e examinada, aos quaes ditos deputados, e aos mesmos papeis da dita junta allegamos por testemunhas do que fica dito. E a dita lei de 1685 foi aceita sem contradição, recebida e praticada até agora em todo o Estado.

E quanto a se embarcar o Padre Antonio Vieira occultamente, primeiramente é falso, porque o dito Padre se despedio do capitão-mór Balthazar de Sousa Pereira, e do syndicante João Cabral de Barros, e do vigario geral Domingos Vaz Corrêa, e de outras pessoas, e a razão porque o não communicou de publico muitos dias antes foi, porque tendo pedido a algumas pessoas das mais autorisadas, e de maiores cargos daquelle Estado, como forão o capitão João Pereira de Carseres, que depois foi governador do Maranhão, e o sargento-mór Vital Maciel Parente, filho do governador Bento Maciel, e o sargento-mór Antonio Arnan Villela, e Manoel Ayres de Carvalho, Provedor-mór dos defuntos e ausentes, que fizessem um papel em que como pessoas tão principaes daquelle Estado, representassem a Sua Magestade os meios com que os Indios delle podião ser governados sem injustiça, e com utilidade dos povos.

Os officiaes da camara por intervenção de pessoas interessadas na dita injustiça houverão á mão o dito papel sem embargo de ser escripto directamente a Sua Magestade, e começar pela palavra Senhor, e fazendo ajuntamento, e motim na camara publicarão o dito papel, e o condemnarão chamando de traidores e outros nomes affrontosos aos que para elle tinham concorrido. E porque souberão que o tabellião Manoel Jorge, tinha vindo ao collegio justificar algumas certidões, que tinha em sua mão o Padre Antonio Vieira,

com isso vem a faltar os de pouca idade ao ensino da santa doutrina, e exercicio dos bons costumes; não se inclinão de pequenos á observancia da lei de Deos, crião-se entre a soltura de muitos vícios, e ruins exemplos dos que os levão para trabalhar, que depois imitão, e não deixão; perdem a affeição, e obediencia dos pais; e finalmente a sujeição devida aos missionarios, que naquella tenra idade os havião de encaminhar ao fim de sua salvação, a qual não estimão, e ainda desprezão, se se crião fóra de sua coacção religiosa.

E nas mulheres, se as tirão de suas casas para irem ao trabalho de particulares, não é menor o damno, principalmente o das solteiras, pelo risco de sua honestidade. Porque além de faltarem as suas obrigações domesticas, desaffeição-se de seus maridos, e talvez com o perigo de os offenderem; perdem o amor dos filhos, faltando á sua criação com lastima do que ficão padecendo; não assistem ao exercicio santo de suas igrejas, ficando muitas vezes sem cumprirem com a obrigação da missa e Sacramentos. E se acaso é muito o tempo desta ausencia de seus maridos, até a mesma propagação vem a cessar, e a diminuir-se, de que depois se segue a destruição das aldêas, que por tempo chegão a extinguir-se.

Com isto não se tira que por limitado tempo se permitão as sahidas de algumas Indias casadas a dar o leite a algumas crianças dos moradores, no caso que suas proprias mães o não possão fazer, e não por estado e gravidade, como algumas fazem. Porque é contra toda a razão, que a pobre India sustente os filhos proprios, e os alheios, e de caminho sirva tambem em tudo o que as occupão, e isso com lhe darem muito estreito sustento, e ruim tracto.

Pelo que os Padres missionarios representão a Sua Magestade a lastima referida destes miseraveis Indios, e lhe pedem, que ordene apertadamente não saião das aldêas a servir a ninguém as Indias, nem meninos, nem meninas, para se evitarem tao consideraveis damnos, como ficão ditos.

QUARTA PROPOSTA.

São algumas trezentas leguas as que devem de andar os missionarios da Companhia, para serem doutrinadas as aldêas e povoações do Estado do Maranhão, por estarem muito distantes umas das outras, sendo as mais das jornadas por rios, e tempestuosos mares, principalmente no Pará. E como isto se não pôde fazer sem remeiros para as canoas, que devem ir bem equipadas para se conduzirem os Padres, mantimentos, altares portateis, resgats e outras muitas cousas necessarias, forçosamente para cada cauda destas, se requerem quasi vinte Indios:

sem guardarem nesta parte termo algum : antes se consumirão os que haviam feito nas outras expulsões, e muitos mui necessários com que está este povo desenganado a não aceitarem mais a Vossas Paternidades, nem a outros alguns. E no comprometimento que tem feito, e assignado por todo o povo, se tem amaldiçoado uns aos outros, e a seus filhos e mais descendentes, se em algum tempo mais receberem a Vossas Paternidades, ou

de algumas pessoas principaes ecclesiasticas, e seculares daquelle Estado, prenderão ao dito Manoel Jorge, e o metterão na enxovia carregado de ferros, intimidando todas as outras justicas. E esta foi a razão porque o dito Padre não quiz fazer mais publica a sua partida.

RESPOSTA AO TERCEIRO CAPITULO.

Nem este capitulo do regimento, nem algum outro delle, foi feito por el-rei a requerimento do Padre Antonio Vieira, antes com toda a verdade se póde affirmar, que nem el-rei o fez. Quando o dito Padre chegou a esta corte no anno de 1634 estavam nella os dous procuradores do Maranhão e Pará acima referidos, e estava juntamente André Vidal de Negreiros despachado por governador do Maranhão, e em vesperas de partir para aquelle Estado, e querendo Sua Magestade que as cousas delle pertencentes aos Indios, se ajustassem com parecer de todas as partes, e sendo ouvidos todos aquelles a quem de algum modo podia pertencer, ordenou que se fizesse uma junta em que por parte do governo entrasse o dito governador André Vidal, por parte dos povos os dous procuradores, e por parte dos Indios o Padre Antonio Vieira como missionario seu, e que tambem tinha procuração dos ditos Indios, e para escrever na dita junta Gaspar Dias Ferreira, como pessoa mais antiga, e intelligente do Estado do Brasil.

Nesta junta em que se fizeram varias conferencias, se considerarão por parte dos moradores, todas as utilidades, e se lhes concederão não só as licitas, senão algumas de justiça muito escrupulosas, como forão sujeitarem-se os Indios sendo livres, e isentos e senhores naturaes daquellas terras a servirem por obrigação aos Portuguezes seis mezes em cada anno, e a não levarem de estipendio cada mez mais, que duas varas de panno de algodão, que é o dinheiro corrente, e valem 200 rs., sendo, que na mesma terra os Indios escravos, quando se alugão o menos que se paga a seus senhores é 100 rs. por cada, dia com que vem a ganhar tanto um Indio escravo em dous dias, como um Indio forro em um mez, que

e muitos mais, quando as jornadas são por terra, porque os ha de haver tantos em numero, que se possam revezar ao trabalho, em que continuamente andão. E nas occasiões de entradas ao sertão além dos Indios para a condução dos Padres, e seus mantimentos, resgates e ornamentos são necessarios outros desembaraçados deste trabalho, para que armados de seus arcos, e flechas possam resistir aos que nos caminhos lhes poderão sahir com deliberação de guerra, para os roubar, ou impedir-lhes o passo, como já tem succedido.

Tambem são necessarios Indios, que com alguma industria grangeem o que puderem para as despesas necessarias de suas Igrejas. Porque nem os Padres podem supprir estas frabricas, nem Sua Magestade lhes tem consignado para ellas alguma ordinaria. Nas casas e residencias dos missionarios, necessariamente hão de haver serventes, que dentro, e fóra dellas as sirvão: e tambem pescadores, plantadores de roças, e fabricadores de farinhas, para seu limitado sustento, mas necessario e devido.

E por estas razões foi Sua Magestade servido de destinar a terceira parte dos Indios daquellas missões para o serviço necessario dellas, como até agora se fez. Mas para se evitarem alguns inconvenientes que a experiencia descobrio, convém que Sua Magestade faça entender esta sua lei com duas clausulas muito importantes. A primeira, que nenhuma pessoa de qualquer qualidade e estado, que seja, possa tirar Indios desta terceira parte para serviço algum, ainda que seja publico, para se evitar o descaminho destes Indios causado pela potencia dos que os pretendão tirar das aldeas com evidente perda do referido bem das missões, que sem terem Indios a toda a hora promptos, e subordinados á direcção dos Padres, ficarão sem serem doutrinadas, visitadas, e por consequencia perdidas.

A segunda clausula é. Que tambem nas Capitánias por onde houverem de passar os missionarios, ou hajão de ser visitadas por elles, tenham a terceira parte dos Indios para o serviço das missões na forma referida. Porque não é possivel, que os Padres missionarios, havendo tanta distancia entre estas povoações, possam ser a ellas levados por Indios de outras paragens remotissimas com tão intoleravel trabalho, que é bem se reparta entre todos, assim como a todos se administra o bem da doutrina christã e Sacramentos.

a outros Padres da sua sagrada religião. E assim lhe pedem todos pelas chagas de Jesus Christo, se vão, e acabem já de partir; e que nem por si, nem por outrem, intentem vir mais a este Estado, para nos não perturbarem nossa quietação, nem causarem escrupulos, pois nos termos presentes já nos consideramos livres, e com Vossas Paternidades captivos, e desamparados; e de todos os males que succedêrem hão de Vossas Paternidades ser a

é desigualdade que se não achará em nenhuma republica do mundo, e em tudo isto veio o Padre Antonio Vieira, sendo procurador dos Indios, só para ver se podia satisfazer, e contentar o interesse dos Portuguezes, e remir com esta sujeição, e meio captiveiro temporal, a liberdade espiritual dos Indios tão necessaria a sua salvação; e na mesma forma se capitulou tudo o mais pertencente ao serviço, e governo dos Indios livres, em que o dito governador, procuradores, e o Padre Antonio Vieira, se ajustarão concordemente, e sendo apresentados a Sua Magestade os ditos capitulos (de que ficou a cópia na mão dos procuradores) em nome dos ditos procuradores, e de toda a junta, houve Sua Magestade por seu serviço, que na mesma forma em que estavam sem alterar cousa alguma, fossem incertos no regimento do governador como se pôde ver na cópia delle, que se apresenta, e estes capitulos em que Sua Magestade não fez mais que conformar-se com o que tinha assentado o governador e procuradores do Maranhão, diz agora o procurador que o ordenou el-rei a requerimento do Padre Antonio Vieira.

RESPOSTA AO QUARTO CAPITULO.

Para o procurador mostrar, que os religiosos da Companhia se fizerão absolutos senhores de todo o Estado, havia de dizer em que, mas não o diz, atrevendo-se a dizer tantas falsidades, porque é mais claro e patente que tudo, que os Padres não tomáram nunca, nem exercitáram mais poder do que Sua Magestade lhes deu, antes se houverão nelle com grande moderação e remissão, porque o dito chamado poder, todo consistia em poderem os Padres impedir as injustiças que se fazião aos Indios no serviço dos Portuguezes, no qual sempre os Padres soffrêram grandes demasias pelas não poderem remediar, e a maior culpa, que lhes impuzêram os moradores do Maranhão, foi o darem os ditos Padres conta dellas a Sua Magestade, como o dito senhor tinha ordenado, não só de palavra, mas com repetidas cartas ao superior das missões, principalmente na primeira ordem passada no

QUINTA PROPOSTA.

Obrigar aos Indios a servir por força, e trazer-los de seus sertões com violencia para trabalharem, é conhecida injustiça: e ainda maior iniquidade, reduzi-los a tão cruel vida com o rigor do castigo, como muitas vezes se faz. E esta é a principal razão, porque os Padres missionarios se difficultão ás entradas do sertão, evitando prudentemente a occasião, que podem ser, para que os Indios fadados no que elles lhes dizem, se venhão depois a achar enganados, vivendo tão tyrannizados, como o experimentão. Por isso já hoje, ainda que barbaros, não deixão de arguir isto mesmo, dizendo que os chamamos de suas terras, para os fazermos filhos de Deos, e que com esse pretexto os entregamos ao captiveiro. E agora nesta actual expulsão dos Padres, chegarão a dizer, que de pouco effeito erão as leis de el-rei, com as quaes lhes promettiamos muita quietação, se até aos seus Padres missionarios não podião defender da crueldade de seus mesmos vassallos.

É cousa muito digna de reparo, que havendo estes Indios depois de convertidos experimentar melhor fortuna, do que a tinham quando Gentios, se vejão tractados muito pelo contrario. Nos seus sertões vivião livres, gozavão de suas terras, tinham o tempo desembaraçado para tractarem do seu sustento e familias: e entre nós, quando cá são christãos, achão-se sem liberdade, sem dominio das terras em que nascerão, faltos do necessario, e de socorro para o sustento para si, e seus filhos; e isso com o continuo rigor do mão tracto e castigo. E supposto, que sejam christãos; como não deixão viver como taes, obrigando-os talvez a que fujão de nós, ainda estão, e ficam de peor condição, do que quando Gentios; porque levão consigo o encargo dos Sacramentos, e obrigação da lei, que lhes ensinamos, de que dantes não devião dar conta a Deos.

Nas Capitánias, que sendo terras dos Indios, se derão, e dão a particulares donatarios, é mais certa a occasião de padecerem elles o que fica referido, principalmente onde os Padres não assistem sempre, ou os capitães-mores não respeitão o zelo, com que elles defendem estes miseraveis. E assim que nesta proposta se pede a Sua Magestade faça entender a todos os que no Maranhão se servem de Indios, que os não devem obrigar ao trabalho por força; que lhes

causa, e assim esperão que Vossas Paternidades não imaginem tornar a este Estado, nem cousa sua em tempo nenhum do mundo, nem da outra vida, (se mais o podem encarecer) e fazendo-o, serão Vossas Paternidades causa de muitas mortes e peccados. E por elles protestão de não incorrerem em excommunição alguma, nem em desobediencia a seu principe. Caso negado que Vossas Paternidades sejam tão teimosos, e tão temerarios, que

anno de 1655 em que Sua Magestade encomendando as missões, doutrina e conversão dos Indios do Maranhão, aos religiosos da Companhia, lhes mandou juntamente dar a cópia da sobredita lei, e dos sobreditos capitulos do regimento, encarregando-lhes muito litessem cuidado de que tudo se guardasse pontualmente, mas porque as ditas leis e regimento tiravão a soberania tyrannica, e o poder absoluto e injustissimo aos que até então tyrannisavão os miseraveis Indios Gentios, e christãos, por isso diz o procurador, que os Padres se puzerão em soberania, e se fizeram absolutos senhores.

E quanto ao que affirma que chegarão a dizer os Padres, que Sua Magestade não era rei mais, que das praias do Maranhão, bem poderão agora dizer os mesmos Padres, que nem das praias, pois em nenhuma parte daquella terra, nem daquelle mar são as ordens de el-rei obedecidas, nem conhecido seu nome, mais, que para ser desprezado com as maiores inderencias, que nunca se virão em vassallos.

E não é o menor desprezo depois de semelhantes insolencias atreverem-se a vir á sua presença, e com um papel tão de escarneo como este? Mas tornando ás praias, porque não nomea o procurador os Padres, que isto disserão, mas elle o fará com a mesma facilidade com que finge o demais; se esta calumnia teve alguma sombra de fundamento seria, porque ordinariamente os moradores daquelle Estado, quando querem dar alguma cõr as violencias, que fazem aos Indios do sertão, que vivem nas suas terras distantes quatro centas e quinhentas leguas das nossas, como senhores livres e naturaes, que são dellas, dizem os ditos moradores, que os ditos Indios são vassallos de Sua Magestade, e para lhes ensinar o pouco fundamento deste dito, lhes dirião os Padres, que aquellos Indios não erão vassallos, porque para o serem, ou havião de ser conquistados em guerra justa, ou havião de aceitar voluntariamente a sujeição e vassallagem como fizeram os Tupinambás, Nheengaibas, Catingas e outros, que os Padres reduzirão, e esta distincção de serem

paguem pontualmente seu serviço, que por nenhum modo se tragão dos sertões violentados, que lhes não tirem as jurisdições, e mando de seus principaes, para o darem a capitães brancos, porque se offendem muito, vendo aos seus naturaes, que elles respeitão como maiores, tirados do seu posto, e tractados como escravos.

SEXTA PROPOSTA.

Foi Sua Magestade servido consentir, que os moradores do Estado do Maranhão se aproveitassem licitamente do trabalho das duas partes dos Indios para de algum modo atalhar suas continuadas desordens e repetidas queixas, nomeando para a repartição destes Indios, como superintendentes della ao Bispo, a um ministro da camara, e a um religioso capucho. E parecendo isto muito acertada resolução no principio, depois se achou o contrario com a experiencia de varios inconvenientes, que é bem se evitem com muito examinadas considerações.

Quando se concedu esta repartição, suppunha-se nas pessoas a quem se repartissem os Indios, muito cuidado no bom tracto delles, prompta execução em lhes pagar o seu trabalho, e que os não levarião a elle por força, dando-lhes depois tempo para tractarem de suas pobres casas, e familias, isentando do trabalho o velho, o doente, a mulher, o menino, o que ha pouco veio de trabalhar em outra parte, e tambem os seus principaes das aldeas, a quem elles respeitão como seus maiores.

Porém como estes repartidores estão na cidade, não têm o conhecimento dos Indios que ha nas povoações, despachão as suas ordens, a que chamão verbaes, para se darem a um morador todos os Indios, que pede, o qual numero se não pôde encher, sem talvez obrigarem ao trabalho aos que por boa razão erão isentos delle. E para se executar isto, basta alcançar-se um destes verbaes, ou por industria, ou por valia sem exame da possibilidade da aldeia, se é capaz, para se lhe tirarem todos os Indios, que se pedem, para que os miseraveis se vejam levar para fora de suas casas para as fazendas alheias, a trabalhar violentados, e tolerando uma cruelissima vida sem a menor occasião de allivio. E muitas vezes succede, que por não poder o principal da aldeia dar todos os Indios, que o verbal ordena, o mettem em uma prisão, mal tractão, e affrontão por castigo de não fazer o que o pobre Indio não pôde.

aceitem ou procurem vir á terra, donde o povo os tem tres vezes expulsados, sendo com esta duas com effeito, e como em outras partes pela cobiça de Vossas Paternidades pelo que tem de homens, sendo como Christos da terra, de muita edificação, e como a homens os apartão de si por não poderem separar o caracter da natureza. S. Luiz, 18 de Março de 1684. — Os procuradores e mestres do povo, *Manoel Bequiman, Belchior Gonçalves*

du não serem vassallos, aponta Sua Magestade na mesma lei ultima por ser uma circumstancia mui sensivel para a justiça e fóros, que se devem, ou não devem guardar aos ditos Indios, e como tal foi muito examinada, e ponderada na junta das pessoas de letras acima referidas.

E desta verdade tão notoria e de advertencia tão necessaria á justiça das guerras, e governo daquelle Estado, fazem crime aos Padres os que em nada querem justiça, nem conhecimento della.

RESPOSTA AO QUINTO CAPITULO.

Para se entender a calumnia deste capitulo, se ha de suppor que no principio do anno, conforme o regimento, se fazia lista dos Indios que cabião a cada um dos moradores, segundo o numero delles, a qual lista se fixava nas portas da camara, e para que os ditos Indios, que erão ordinariamente menos dos que se pedião, podessem abranger a mais, se repartião na dita lista pelos mezes de modo, que os mesmos Indios podessem no mesmo anno servir a muitos moradores conforme a necessidade de cada um.

Supposto isto succedia muitas vezes, que o morador que tinha os Indios na lista para o mez de Janeiro os ia buscar em Março, e como neste Março estavam os mesmos Indios dados a outro, e não se lhe podião dar a elle, gritava sobre os Padres como se elles tiverão culpa das suas desordens, o mesmo succedia, (e disto se escandalisavão muito) quando tendo-se feito a repartição no principio do anno, pelo decurso delle sobrevinha algum accidente publico por onde era necessario fossem mandados pelos governadores á guerra, ou a outro serviço da republica, e neste caso se lhes não davão os Indios (que não havia) quando os ião buscar, queixava-se tambem disso com a mesma sem razão, como se os mesmos Indios no mesmo tempo podessem estar, e servir em dous lugares, e era tal a

Enestes termos bem se deixa ver, que a repartição dos Indios, visto se não fazer, como se suppunha, é una occasião de se offender gravemente a liberdade dos Indios. Porque tira-los de suas aldeas e casas por força, e violencia a trabalhar contra sua vontade, e a experimentar vexados tão continua, e intoleravel vida, e isto em virtude do verbal, que os reparte na forma referida, bem se pôde receiar, que seja isso leva-los a um captivo pouco dessemelhante, ou em tudo parecido á mais rigorosa escravidão. Pelo que é muito importante, que este ponto da repartição dos Indios se confira com todas as attensões de justiça, para se evitarem os clamores do sangue dos pobres, e temer-se que os possa Deos ouvir.

Os Padres missionarios, para se evitarem estes damnos, propõem a Sua Magestade dous pareceres seus: que ou não haja repartição de Indios, nesta forma, já que se não pôde fazer sem os inconvenientes sabidos, ou que o Padre superior das missões religioso da Companhia, seja um dos repartidores, sem cuja approvação se não passem os verbaes para serem repartidos os Indios daquelle conquista. Se parecer melhor, não haver repartição, ficará á eleição dos Padres missionarios dar os Indios, que se pedirem como julgar ser conveniente, e escusarão os moradores para os pedirem aos ditos Padres, andar com expedições de verbaes, bastando só que cada um represente a necessidade do trabalho, para que os pede; e satisfazendo-se com os que se lhe derem, ou todos ou menos.

E se parecer, que haja repartição entrando no numero dos repartidores o Padre superior das missões, sem cuja informação e approvação especial se não possam repartir os Indios, evitar-se-hão os inconvenientes referidos. Porque como este religioso anda em visita das missões, tem toda a noticia e conhecimento dos Indios dellas, sabe os que são para trabalho; dispõe-nos para elle por bem, e não com violencia, procura-lhes as suas pagas, respeita seus principaes, e attende ao seu sustento, e pobres lavours, dando com isto algum allivio á triste vida destes miseraveis. Isto é o que sentem os Padres missionarios daquelle Estado; e Sua Magestade ordenará o que fôr servido.

SETIMA PROPOSTA.

Em varias e muito distantes paragens umas de outras, se achão algumas aldeotas pequenas de Indios convertidos, a que é muito difficuloso assistirem os Padres missionarios, ainda que

ves, Francisco Dias Deirão, Jorge de Sampaio e Carvalho, Eugénio Ribeiro Maranhão.

E certificamos nós os tabelliães desta cidade, abaixo assignados; que nós fomos ao collegio de Nossa Senhora da Luz desta cidade, e mandando chamar ao Rev. Padre reitor Estevão Gandolf, o Padre Jodoque Peres superior das missões, o Padre João Felippe, o Padre Luizio Conrado, o Padre Pedro Pedrosa, o Padre Gonçalo de Veras, o Padre Manoel Nunes,

cegueira de muitos, que não vêem, ou não querião ver isto, e porque no mesmo tempo vião algumas vezes, que havia Indios nas aldeas, não acabavão de querer entender, que não era injustiça nem sem razão não se lhe darem para seu serviço, e a razão porque o lhes não davão, nem podião dar, era porque conforme o regimento, cada Indio servia sómente seis mezes cada anno, com alternativa de dous em dous mezes, e quando a cada um lhe cabião os seus mezes de descanso que erão outros seis, era força que os taes Indios estivessem na sua aldeia, e seria manifesta injustiça, obriga-los a ir trabalhar no dito tempo, principalmente havendo o mister para suas lavours, e remedio de suas casas; e erão os ditos Padres tão pouco exactos na inteireza do tempo do descanso dos Indios, quasi tão injustos com elles a favor dos moradores, que nenhum Indio houve jámais em todo este tempo que lograsse inteiramente o descanso dos seus seis mezes, e raro se achava, que não servisse oito, ou dez mezes, e algum todo o anno.

Só se poderá dizer, que neste modo de repartição havia alguns inconvenientes (como ha em todas as cousas), os quaes por ventura por outra traça se poderião melhorar, ou remediar; ao que se responde, que esta repartição se fazia na dita fórma por estar assim disposto, e ordenado no regimento de Sua Magestade, e que todas as vezes, que nisto se reparava assim no Maranhão, como no Pará dizia o Padre superior da missão, que elle estava disposto a tudo o que fosse de maior conveniencia para os moradores, com tanto que não intervisse perendo, e que as ditas conveniencias se ajustassem entre si para os offerecerem, e representarem conformemente a Sua Magestade, e que elle tomava por sua conta o cuidado, e requerimento de Sua Magestade, o haver por bem; mas nenhuma destas razões agradou nunca aquelles moradores, porque para elles não havia nenhuma outra razão, nem conveniencia senão a da injusta dominação dos Indios em que dantes estavam, e porque suspiravão sempre; e por esta causa muitas vezes, sem embargo de

seja de visita. Porque como a distancia é muita, e os missionarios não têm só o cuidado destas, mas tambem das demais de sua administração, em que assistem ou visitão, ficam-lhes o exercicio de seu ministerio além de muito trabalhoso, muito arri-cado, por estarem estas aldeas em sitios, a que se não pôde ir, senão pelos rios caudalosos, e horribes mares, para onde os lançou ou o medo dos brancos, de que fugirão, ou talvez a conveniencia de alguns, que assim os ficão tendo mais á mão, para os servirem.

Ficão tambem expostos estes Indios a serem mais facilmente molestados dos que os não sabem tractar com a devida compaixão, e lastima de sua miseravel fortuna; e em alguma occasião arriscados, a se tiverem inimigos serem elles offendidos, sem haver quem os defenda, porque são aldeotas de muito pouca gente, e não tem perto o patrocínio de nossas armas, de que se possão valer, ficando-lhes por isso muito facil a fugida para os matos e sertões, o que tambem é inconveniente grande, que prejudica ao bem de sua conversão.

Para se evitarem estes inconvenientes todos, convém que Sua Magestade ordene, seião estas aldeotas, ou covis de Indios, juntos em aldeas maiores com parecer, e ajuda dos governadores do Estado, e precedendo primeiro considerados exames sobre o sitio e lugar, para onde será bem, que se levem, attendendo-se nisso a conveniencia dos Indios assim espirital como temporal.

OITAVA PROPOSTA.

Succede muitas vezes acharem-se em algumas povoações de Indios Gentios alguns, que elles nas suas guerras fazem captivos, quando entre si têm batalhas, dos quaes usão, como de seus escravos, ou matão por vingança. Estes miseraveis, se os deixão com vida, são tyrannicamente tractados em odio de seus naturaes, exercitando nelles toda a paixão de vencedores.

E' grande obra de piedade resgatar a estes tristes de tão cruel captivo, comprando-os aos que os tomarão, para lhe dar liberdade, o que elles fazem por limitado interesse, ficando os desta sorte resgatados muito agradecidos pela sua redempção. A qual, se se fizer por ordem de Sua Magestade, para serem trazidos a viver com os Indios convertidos, e aprender a santa doutrina até serem baptisados; não sómente será acção de sua real piedade, mas tambem

o Padre Antonio Gonçalves, e não compareceu o Padre visitador Barnabé Soares por estar doente, e presentes que forão; lhe intimamos o protesto referido, e lh'o lemos todo de verbo ad verbum, e outrosim os notificamos para que até 24 deste presente mez, estivessem prestes para se embarcarem; ao que respondêrão todos, que enquanto ao protesto que em nenhum tempo por sua vontade nem leve pensamento tinham de voltar para este Estado, e que assim o promettião; e enquanto á notificação estavam prestes

serem requeridos pelos Padres, ou não querião eleger o arbitro repartidor conforme o regimento, ou punhão outros impedimentos para que não houvesse repartição.

E para que se veja quão desinteressadamente os Padres se haviam nella, pergunte-se no Maranhão a Antonio Dias Jardim, e no Pará a Manoel Guedes Aranha, e a João de Bitencourt Moniz, e a outros que forão arbitros repartidores, e dirão como tendo os missionarios um voto na repartição, ordinariamente o cedião no mesmo repartidor, como quem mais noticia tinha das necessidades de cada um.

Sobretudo em caso negado, que nas aldeas houvera os Indios da repartição, e que os moradores os mandassem buscar aos tempos assignalados, e que os ditos Indios maliciosamente se não dessem a quem estavam repartidos, ainda no tal caso não havia razão alguma de justa queixa contra os missionarios, e parochos das aldeas, porque a obrigação de dar os ditos Indios, por nenhum modo incumbia aos ditos parochos, senão aos principaes das aldeas, como claramente se vê das mesmas listas da repartição, que se mandarão authenticas a este reino em todas as addições, das quaes listas sem se exceptuar alguma se diz, (tantos Indios a tal morador em tal mez que lhe ha de dar em tal aldeã o principal Fulano), de maneira que a unica queixa deste papel em que podião ter justo sentimento os moradores (quando fôra verdadeira) é sobre materia, que de nenhuma maneira pertence aos Padres, e se fazião nella alguma cousa, era de mera caridade, ajudando a parte dos moradores como fica dito, ou acudindo pela razão dos principaes, quando a tinham conforme o conteúdo nas ditas listas.

É tanto isto assim, que no anno de 1636 em casa do governador André Vidal, estando presentes os officiaes da camara daquelle anno, no qual forão juizes ordinarios Agostinho Corrêa e Fernão Mendes Gago, se alterrou o dito ponto com o superior dos missionarios, que a esse mesmo fim se achou tambem presente, e entre todos se ajustou, que

de seu zelo catholico, porque tira do captiveiro e encaminha para a salvação aquelles pobres, que morrendo entre seus inimigos se condemnão sem remedio.

Ha só nesta materia, ou poderá haver alguma razão de escrupulo, quando Sua Magestade chiegue a receiar, que aquelles que resgatarem estes escravos, os tenham em suas casas, como taes, vendendo-os e deixando-os em heranças: porque então não se fica dando a estes resgatados o bem de sua liberdade, e vão sendo captivos seus filhos, o que não consentirá Sua Magestade, visto ter ordenado, que de nenhum modo os Indios sejião captivos de seus vassallos.

Para se evitar este damno, pôde Sua Magestade ordenar, que só os Padres missionarios por si, ou por ordem sua possam fazer estes resgates de Indios, não só dos que se souber de certo, que são escravos de seus naturaes, mas tambem os que o forem em duvida, a que lá chamão escravos de condição, por serem obrigados a servir por limitado tempo a quem os resgatou. E postos estes taes nas aldeas das christandades, do que os ditos Padres têm cuidado, ficam seguros em sua liberdade, e não tem o risco de virem a ser captivos, supposto que Sua Magestade não é servido, de que o sejião nenhuns Indios. Que se permittir o fiquem ao menos os que se resgatarem pelos brancos, constando que erão d'antes legitimamente escravos, poderá declarar, que aquelles, de que não constarem com certeza seus captiveiros, fiquem totalmente livres. Ou poderá ordenar, que até os que erão legitimamente escravos, e os resgatárão os brancos, sirvão só aos que os resgatárão, mas como forros e não captivos.

NONA PROPOSTA.

Sabida é de todos a summa pobreza dos Indios: e sendo tão grande a que padecem quando Gentios, ainda necessitão mais, depois de convertidos. Porque alem de terem menos tempo para tractarem do remedio de suas casas, e pobres lavouras, pois lh'o leva todo o serviço dos brancos, hão mister depois de se converterem, igrejas, imagens, ornamentos, sinos, e outras cousas convenientes, e necessarias ao culto divino. Necessitão de panno, para se cobrirem; de medicamentos para serem curados em suas doencas, e de ferramentas, para trabalharem em suas pobres lavouras e roças, supposta a vida, a que os obrigamos, depois de os trazermos de seus serlões para serem christãos.

para que todas as vezes, que lhes dessem os barcos se embarcarião: e se fosse antes do dito tempo melhor; e de como assim o disserão, e nos pedirão lhe dessemos o traslado, assignarão aqui comnosco todos os sobre-ditos Padres. S. Luiz, 18 de Março de 1684.—O tabellião, *Bonifacio de Brito*, o tabellião, *Affonso Frei Vianna*, *Jodoque Peres*, superior da missão; *Estevão Gandolfi*, reitor do collegio, *Pedro Pedrosa*, *João Felipe*, *A. Luizio Conrado*, *Gonçalo de Veras*, *Manoel Nunes* e *Antonio Gonçalves*.

quando os ditos principaes não satisfizessem as listas, deixando de dar os Indios da repartição a qualquer morador, o dito morador se queixasse ao governador, e o governador mandasse vir preso ao principal, e o tivesse na cadeia publica os dias que merecesse a culpa; entendendo todos, que uma vez que se fizesse esta demonstração, nenhum principal faltaria ao que era obrigado; e no anno de 1660 havendo a mesma duvida na cidade do Pará se assentou que no caso sobredito se lhes desse aos principaes o mesmo castigo, e este assento se fez entre os officiaes da camara, e o superior dos missionarios, e se mandou confirmar pelo governador D. Pedro de Mello, e está autoado nos livros da mesma camara. E para mais abundancia de prova, e evidencia nesta mataria se deve advertir, que os Indios da repartição se davão em todas as aldeas, e que os Padres não residião em todas, senão em parte dellas, e nessas mesmas em que residião não estavam sempre, antes de ordinario fazião muitas ausencias a visitar, e administrar os Sacramentos nas outras aldeas, que cada um dos parochos tinha tambem sua obrigação; assim que aos principaes, e não aos Padres tocava a obrigação de dar os Indios da repartição, nem era possível outra cousa ainda, que elles quizessem.

O certo é, que a queixa dos moradores (se a tinham) não consistia em não se lhes darem os Indios da repartição, mas era verdadeiramente, porque não querião nenhum modo de repartição para se servirem de todos, e sem lhe pagarem como dantes fazião.

E para que se veja como qualquer falta ou desordem, que nesta parte houvesse, nasceu toda dos mesmos moradores, e não dos Padres, se ponão aqui dous exemplos do que o mesmo superior da missão assentou com os officiaes da camara do Pará no ajustamento sobredito, para que o povo fosse bem servido, e os pobres principalmente remedeados.

Fazia-se muito difficiloso ao dito povo, e principalmente aos pobres, haverem de mandar buscar ás aldeas os Indios que lhe pertencião por estarem as aldeas muito distantes, e o caminho ser por mar, e não haver de ordinario embarcação.

Tractou o Padre Antonio Vieira de remediar esta difficuldade, procurando que se alo-

Além disto são tão necessarias como estas cousas todas, as que os Padres missionarios devem ter sempre promptas, para darem a elles, quando fazem entradas aos sertões, andão remando nas canoas, e lhe visitão suas aldeas. E estas cousas são, aguardentes, farinhas, tabaco, facas, machados, anzões, velorios, agulhas, sal, pentes, atacos e outras muitas miudezas, que esperão lhes dêem os Padres, e sem as quaes se queixão, e desalfeição da vida de christãos, e do trabalho della, que com estas dadivazinhas allivião e paixão contentes. E muitas destas cousas não são dadas gratuitas, mas precisas pagas, que se lhes fazem pelo seu serviço, ainda aquelle, que poderia ser obrigado a fazer, por ser tambem em beneficio seu.

Sendo pois necessarias todas estas causas, que sem despezas muito consideraveis se não podem haver; e estando aquellas missões do Estado do Maranhão extenuadissimas, e pobrissimas, representão a Sua Magestade os seus missionarios a lastima destas christandades, para que o impadecido dellas seja servido ordenar, que quando se fizerem entradas aos sertões, se lhe dê para ellas uma ajuda de custo de sua real fazenda, consignando-se para estes resgates referidos alguma ordinaria certa. E tambem, que ao menos por esta vez se mandem para aquelles pobres christãos algumas alfaias para o ornato de suas igrejas, principalmente das que se requerem para os altares, e missas, de que necessitão muito as missões, e a que a pobreza dos missionarios não podem abranger.

DECIMA PROPOSTA.

Esta pobreza da missão do Maranhão ainda agora ficou muito mais limitada com a presente expulsão de seus missionarios. Porque até os barcos, em que os mandarão para Pernambuco, quizerão os conjurados que fossem fretados pelos Padres expulsos, e que fosse sua a despeza do sustento, que havia de levar. E sobre este tão grande damno se segue o que necessariamente hão de ter os ditos missionarios com a perda do que tinham em seu collegio, e residencias, assim como o experimentarão quando foi a primeira expulsão. Nem montará tão pouco tu loisto, que só para se refazerem as canoas, que chamão de visita, e sem as quaes se perde

O qual traslado do pretesto e certidão aqui conteuda e declarada, eu Bonifacio de Brito, tabellião do judicial e notas nesta cidade, aqui trasladei bem e fielmente, sem cousa que duvida faça do proprio protesto, que conferi e subscrevi como tabellião abaixo assignado, e assignei de meus signaes publico e razo dos que uso, que são os que abaixo se vòm e o proprio entreguei ao Sr. procurador do povo deste Estado em S. Luiz. 18 de Março de 1684.—Em testemunho de verdade, concertado e conferido por

jasse perto da dita cidade alguma aldêa ou aldêas. Mas não foi praticavel este meio, o qual propoz e consultou com os officiaes da camara, e outras pessoas experimentadas, em presença do capitão-mór Marçal Nunes da Costa, por ser a terra firme da dita cidade do Pará muito estreita e alagada, e não haver nella sitio capaz das ditas aldêas.

Pelo que sendo forçoso haverem de estar distantes, propoz o dito Padre, com o zelo com que sempre quiz accommodar em tudo aos moradores, que os mezes do serviço usual dos Indios, se computassem de terceiro domingo, a terceiro domingo, que são os dias em que por constituição se ajuntão todos os moradores na matriz, e que nesse dia virião das aldêas á cidade todos os Indios que houvessem de servir no mez seguinte, para se trocarem conforme a alternativa da lei, com os que tivessem servido o mez passado; e posto que pareceu bem a todos o dito meio, e se fez assento delle na camara entre as demais cousas, que se havião de guardar; como os ditos moradores nunca quizerão ordem, justiça, nem razão, cumprio-se a condição do dito ajustamento só da parte dos Indios, os quaes com effeito vierão no dia assignalado, e para maior prova da sua pontualidade, esperarão na cidade tres dias, e depois se tornarão para suas aldêas por não haver morador algum, que quizesse largar (conforme a lei) o Indio, que tinha, e tomar e pagar outro.

Uma das razões, porque se não podia repartir aos moradores tanto numero de Indios como desejavão, era o continuo trafico de canoas do Pará para o Maranhão, havendo mez de dez e doze canoas, sendo, que antes dos Padres terem á sua conta os Indios em seis mezes não ia uma canoa; e para acudir a este grande inconveniente sem se faltar á comunicação e commercio, ajustou o dito Padre Antonio Vieira com os mesmos officiaes da camara do Pará, que houvesse duas grandes canoas da carreira que alternadamente partissem todos os mezes, uma do Pará para o Maranhão, outra do Maranhão para o Pará; e dependendo desta boa ordem o remedio de muitos moradores, bastou, que fosse ordem, e boa, para que a não quizessem guardar.

o fructo das missões, importará a despeza alguns 400\$000, que os missionarios não têm para fazerem provimento tão necessario, como o podem ser outros muitos, de que se devem refazer pelos haverem destruido, e arruinado seus inimigos.

Pelo que pedem os Padres missionarios a Sua Magestade, que consideradas as razões sobre ditas de sua grande pobreza, seja servido ordenar, que lhes satisfação estes damnos tão consideraveis os que forão autores delles. Porque não é possivel, que tão grandes perdas possam ser reparadas pelos pobres missionarios não tendo elles, nem ainda o necessario para sua sustentação, padecendo muitas vezes por falta della necessidades extremas.

E sendo Sua Magestade servido ordenar, que os conjurados desta revolução lhes satisfação estes damnos, deve de ser com uma condição, de que para isso se não hão de interpor demandas algumas em juizo contraditorio. Porque nem os Padres têm tempo para gastarem nessas controversias, nem conseguirão o que pretenderem pela extensão que costumão ter semelhantes pleitos. Bastará somente, que os Padres com juramento, digão e affirmem os documentos, que forem necessarios para constar do que perdêrão, e se lhes deve restituir, no que se evita tambem a nota que seus inimigos lhes põem, de pleiteantes injustos, quando procurão o que é seu.

UNDECIMA PROPOSTA.

A aldêa dos Indios Guajajaras sobre o Rio Pinaré junto do lago do Maré, é uma nação, que os missionarios da Companhia descêrão do sertão com grandissimo trabalho, e forão a elle buscar outras vezes nas occasiões, que fugirão por se verem vexados dos Portuguezes, a cujo serviço se não querem sujeitar, nem jámais o quizerão fazer. E são tão resolutos, e amantes de sua liberdade, que alguns duzentos ou mais, depois que por não servirem, fugirão para os matos, lá se deixarão ficar indo já baptisados, o que é muito para se sentir e lastimar com lagrimas christãs.

Estes mesmos se entende, que hoje, vendo esta segunda expulsão de seus missionarios, tenham de novo fugido, por não ficarem a risco de os obrigarem a servir, e se verem sem os

mim tabellião, e com o tabellião assignado, *Bonifacio de Brito*, e comigo tabellião, *Affonso Frei Vianna*.

INFORMAÇÃO A SUA Magestade SOBRE O SUCCEDIDO NO MARANHÃO EM
FEVEREIRO DE 1684.

O Padre João Felipe Bettendoref, um dos missionarios da Companhia agora de novo expulsos do Maranhão, depois de ser ouvido na consulta

Assim como se allegão estes dous exemplos, se poderão trazer outros de muitas cousas bem ordenadas, com que os missionarios desejáram accomodar o serviço dos moradores; mas ou elles não quizerão ou houve quem não quizesse; assim que se nesta parte houve falta, ou culpa, a queixa é, ou deve ser dos Padres, e não dos moradores.

Quanto ao exemplo da India de leite, nem fóra de seu lugar, porque as Indias de leite não entravão em repartição, como nem os Indios e Indias, que se davão nos casos extraordinarios, e se o superior, que aqui se não nomea, disse, que importava menos a morte da criança, que os peccados mortaes da ama, disse nesta proposição o que era obrigado a dizer, e estamos certos, que o Padre João Maria (de quem isto se referia no Maranhão) não diria nem faria nesta materia cousa que merecesse nome de deshumanidade, nem que fosse contraria ao zelo e caridade, que sendo uma pessoa de tantas letras, e talentos, e de tanto lugar na companhia, o levou de Roma ao Maranhão, e do Maranhão o metteu entre os Nheenguibas, onde por ficar no meio daquellas brenhas, e entre os barbaros sem outro soccorro algum mais, que o da Divina Providencia, fez grandes diligencias, mas não lhe concedêrão os moradores do Pará.

RESPOSTA AO SEXTO CAPITULO.

Muito serve ao procurador não estar vivo el-rei D. João, que santa gloria haja, pois tantos falsos testemunhos lhe levanta; mas no conselho ultramarino é força, que estejam os papeis e consultas de que emanou este capitulo do regimento dos capitães-móres, principalmente sendo a materia delle de tanta importancia como é, haverem-se de tirar aos moradores de todo o Estado os escravos em que consistia todo o seu remedio; e dos ditos papeis constará, que a pessoa que requereu a dita liberdade dos Indios, foi o vigario-geral

sus Padres, de quem se nomeou sempre a sua aldêa por aquelle primeiro conhecimento de os haverem trazido do sertão, e patrocinado sempre sua liberdade. E se o houverem feito, será necessario, que os tornem a ir buscar, para que se não percão aquellas almas, ainda que se póde prudentemente duvidar, que não queirão voltar, como escandalizados tantas vezes, por quererem reduzir ao trabalho, a que não são obrigados.

Mas no caso, que não hajão fugido ou queirão tornar, se o tiverem feito, parece aos Padres missionarios, que Sua Magestade deve ser servido mandar, que esta tal aldêa seja isenta da repartição dos mais Indios, para não ser de nenhum modo obrigada a dar Indios de serviço, salvo, se elles por sua livre vontade o queirão fazer, sem a isso serem constrangidos. Mas com declaração, que quando hajão de querer livremente servir, será sempre com direcção, e ordem dos Padres missionarios, para zelarem o seu bom tracto, e a salvação de suas almas, cujo bem deve ser preferido ao da conveniencia de nos servirem, pois importa mais a salvação de só uma de suas almas, do que todo o interesse de todos os Indios, que se sujeitão a servir. E será muito grande dor de coração perder a todas estas, só por falta de se não isentar da obrigação de servirem a uma unica aldêa, que está nesse foro, e sem esta condição não quer abraçar a lei de Deos, e o deixão ainda depois de o conhecerem por meio da pregação evangelica.

DUODECIMA PROPOSTA.

A missão do Maranhão ainda está até agora sem fundação real; e por isso muito falta do necessario para seus missionarios, e de pessoas, que a possam servir como convém. Porque el-rei D. João IV de santa memoria, só consignou para dez pessoas 35 \$000 cada uma, pagas em duas partes iguaes nos contractos dos dizimos da Bahia, e Rio de Janeiro. E agora tem a missão daquelle Estado cinquenta e seis religiosos, que sustentão nos collegios e residencias, assistindo como fica dito em outro lugar, ao muito do que necessitão os Indios. E porque até agora se não acrescentou mais esta ordinaria, crescendo a tanto numero as pessoas desta missão, repre-

provincial dos religiosos da mesma Companhia, e provincia do Brasil, onde veio fazer presente este successo, por parecer dos mesmos Padres consultores, vai informar a Sua Magestade de todo o facto, e incidentes delle mais necessarios, levando para lembrança do que deve dizer este memorial, que contém summariamente o caso todo.

E' o motivo e origem da perturbação, que inquieta aos ditos missionarios a observancia das novas leis de Sua Magestade, a que repugnão alguns habitadores daquella conquista, por ordenar nellas Sua Magestade

do Maranhão Matheus de Sousa Coelho, ajudado de Ignacio do Rego contra Luiz de Magalhães, governador que então era do Maranhão, por haver tomado as lavouras do tabaco do Camutã, de quem o dito vigario-geral se aproveitava. E como o dito Ignacio do Rego ia por capitão-mór do Pará, independente e como pratico na terra, levava o pensamento em se aproveitar de todos os ludios livres (como se aproveitou), importava-lhe muito ao dito Ignacio do Rego, e a seu companheiro vigario-geral que não fossem só os livres, senão também os captivos para por este modo serem senhores de todos.

E se Sua Magestade el-rei D. João, se conformou com o conselho ultramarino na disposição da dita liberdade, já que a dita Sua Magestade não pôde fallar, digão ao menos os ministros que então erão do dito conselho, se o Padre Antonio Vieira fallou a algum delles, e se é certo que não fallou, segue-se que de nenhuma maneira concorreu para este negocio, pois Sua Magestade não fez nelle senão o que lhe consultárão do conselho.

E é tanto pelo contrario, que publicando-se este dito regimento no Maranhão, escreveu o Padre Antonio Vieira a Sua Magestade contra a execução d'elle, allegando as razões por que não convinha, e a necessidade dos moradores, e como nem elles, nem o Estado se podia conservar sem os ditos escravos, e que muitos dos ditos captiveiros podião ser licitos, e sobre este papel do dito Padre Antonio Vieira se fez a consulta de que emanou a sobre-dita lei de 1653, e bem o sabem os moradores do Maranhão, em cuja camara e na do Pará se receberam cartas do secretario Marcos Rodrigues Tinoco, em que lhes dizia por formaes palavras, importara muito para o sobredito despacho um bom papel que o Padre Antonio Vieira sobre aquella materia enviara a Sua Magestade, do qual papel e das consultas feitas sobre elle constará tudo o que se diz.

Com igual falsidade diz o procurador, que o Padre Antonio Vieira requerêra no Maranhão a execução do dito regimento, porque além de ser certo, que nem em Portugal, nem

sentão a Sua Magestade os seus missionarios esta pobreza, para que seja servido ordenar se augmente mais esta congrua e sustentação, visto ser tão necessaria, como se tem proposto.

Depois no anno de 1680, querendo Sua Magestade, que no Maranhão houvesse noviços, para se crearem pessoas para aquellas missões, foi servido mandar dar-lhes 250\$000, pagos em duas partes nos contractos das baléas da Bahia, e Rio de Janeiro, para sustento de vinte pessoas, de que cabe a cada um 12\$500 réis. Mas porque foi concedida esta mercê com uma condição impossivel, em que se não advertio, no tempo que se fazia, pretendem agora os Padres missionarios, que a tal condição se tire fazendo-se nova provisão: e a condição é a seguinte:

Diz Sua Magestade, que aquelles 250\$000, são para haver sempre no noviciado do Maranhão vinte noviços. Porém como é forçoso, que acabando estes o noviciado, para entrarem nos estudos, hajão outros vinte noviços, que lhes succedão conforme a clausula da provisão, vem a ter o collegio com o segundo provimento de noviços, quarenta pessoas, e no terceiro provimento sessenta; e assim crescendo tanto o numero das pessoas, noviços e estudantes, é impossivel que a limitação de 12\$500 réis, consignados só para os primeiros noviços, possa sustentar aos mais, que lhe forem succedendo, e aos que vão sahindo do noviciado. E por causa desta impossibilidade tão notoria já não houve noviços, acabando os primeiros o seu tempo; e se não cobrança os ditos 250\$000, por falta da condição com que se concedêrão; e os que acabárão o noviciado se repartirão por varias partes da missão, por não poder o collegio do Maranhão sustenta-los no Estado; e com isto veio a cessar o fim, para que Sua Magestade consignou esta congrua, que era o augmento de pessoas para as missões, que queria se criassem na mesma missão, e é impossivel que assim se faça, como o mostra a evidencia destas razões, pelas quaes se conclue, que ou nao ha de haver esta creação de pessoas para a missão, ou se lhe ha de augmentar a ordinaria, para seu sustento.

Estas duas ordinarias sustentações, assim a que se consignou para as dez pessoas, como a destinada para os vinte noviços, forão concedidas com uma condição commum, de se haver de apresentar sempre certidão porque conste haverem as ditas pessoas na missão, e necessita-

o que em repetidos conselhos, e juntas pareceu mais ajustado, afim de se defender a liberdade dos Indios, e augmentar sua conversão, dirigindo-se em parte o serviço dos ditos Indios pelos mesmos missionarios quando os moradores daquelle Estado os pedissem para beneficio seu e da republica,

E porque estes se não satisfazião com o uso do trabalho dos Indios

no mar, nem no Maranhão, teve o dito Padre noticia de tal regimento senão depois de publicado.

Em Portugal está o capitão-mór que então era Balthazar de Sousa Pereira, e diga elle, ou diga outra qualquer pessoa quando e a quem, ou por palavra ou por escripto, fez o dito Padre Antonio Vieira tal requerimento, e se o Padre Antonio Vieira fez este requerimento no Maranhão, quem o fez no Pará, onde publicou a mesma liberdade dos Indios o capitão-mór Ignacio do Rego, que tinha o mesmo requerimento que o capitão-mór Balthazar de Sousa.

O que fez o Padre Antonio Vieira além do papel sobredito, foi tractar em particular com o dito capitão-mór (como elle pôde testemunhar) a suspensão da execução do dito regimento apontando o modo que para isso podião ter, que foi subir ao pulpito da matriz o dito Padre Antonio Vieira dalli a dous dias, que era o primeiro domingo da quaresma, e declarar a todos a verdade do que passava, e o que podião allegar e fazer em consciencia para não demittirem de si os ditos escravos, e esperar nova resolução de Sua Magestade, a qual o dito Padre Antonio Vieira tomava muito á sua conta.

E em conformidade do que estava tractado, e traçado com o dito capitão-mór, fez elle diligencia para que naquella mesma tarde se ajustasse na matriz com elle os prelados das religiões, o syndicante João Cabral de Barros, ouvidor, officiaes da camara, e mais pessoas do governo, e se ajustou entre todos que a dita execução se suspendesse até novo aviso de Sua Magestade, e que no entretanto os Indios, que fossem conhecidamente livres, ou captivos os declarassem por taes: e sobre os de duvida (que era a maior parte) esperassem a nova resolução; e forão nomeados logo para o dito effeito por procurador dos moradores o mesmo Martin Moreira que veio a Portugal e era ouvidor, e por procurador dos Indios o sargento-mór Agostinho Corrêa, que depois foi governador do Estado, fazendo-se assento de tudo, que dictou e mandou escrever o Dr. João Cabral de Barros, e de tudo offerecemos por testemunhas as pessoas nomeadas acima.

E se na publicação do dito regimento houve grandes tumultos, não forão pelo requerimento, que o Padre Antonio Vieira fizesse (ainda que não era grande culpa requerer que se guardassem os regimentos de Sua Magestade) mas o requerimento dos tumultos foi feito pelo mesmo procurador, que isto accusa Jorge de Sampaio, que era procurador

rem elles das ditas ordinarias. E' de muito enfado aos Padres missionarios a obrigação de mandarem todos os annos estas certidões em embarcações do Maranhão a Lisboa, e de Lisboa ao Brasil. E sobre ser de muito penoso cuidado esta diligencia, parece escusada, quando consta com evidencia publica a pobreza daquellas missões, sem terem até agora fundação alguma, e haver nellas muitas mais pessoas do que dez, para quem se deu a primeira ordinaria, e muitas mais do que as vinte, para que se consignou a segunda. E assim parece bastaria que o Padre procurador geral do Brasil, por cuja direcção correm os provimentos das missões, assim de mantimentos, vestiarios, culto divino, e de pessoas, desse juramento como estas ordinarias, e o mais que Sua Magestade fôr servido acrescentar, se gasta em ditos provimentos e em se mandarem, e crearem pessoas para as missões, ou se criem no mesmo Maranhão, ou no noviciado do Brasil, ou nos noviciados desta provincia, que tudo vêm a ser o mesmo, uma vez que se augmentar o numero de pessoas daquellas missões, que é o fim de Sua Magestade, o que tambem poderá affirmar com juramento o mesmo Padre procurador geral do Brasil.

E' assim que os missionarios do Maranhão, lançados aos reaes pés de Sua Magestade, lhe pedem que ponha seus olhos naquella pobre e perseguida missão, em que tanto serviço se faz, e poderá fazer a Deos, e a esta corôa. E lhe rogão seja servido tomar esta missão muito em seu cuidado, pela medida de grande zelo, e piedade catholica, assegurando-se que a liberal mão de Deos, hade remunerar a Sua Magestade, com premios de infinito preço, todo o que expender em fundar esta missão, que até agora o não está, passando só com a limitação das sobreditas congruas seus missionarios, muito miseravel vida, deixando livremente a que podião ter muito abastada em suas provincias, só para virem nesta missão a servir a Deos, e a Sua Magestade, que elle nos guarde.

assim modificado pelas leis de Sua Magestade, como até agora fizeram representar pelas repetidas queixas mandadas a esta côrte, aproveitando-se da furia concebida contra o novo contracto, pelas razões que nos não toção referir, desobedecerão com o mesmo impeto, as leis de Sua Magestade, expulsando do Maranhão aos principaes observadores dellas ; o que se executou na fôrma seguinte:

do conselho naquelle anno e inimigo capital dos Padres da Companhia, o qual subindo a uma janella da camara começou a bradar pelo povo contra os Padres da Companhia, e chamando-lhe nomes affrontosos, e dizendo que os lançassem fóra em uma cança estroncada com que correu o povo amotinado ao collegio e foi necessario o capitão-mór sahindo com uma espada e broquel, mandando marchar para elles a companhia do capitão João de Albuquerque, que estava de guarda, os fizesse retirar.

E para que se saiba a verdadeira causa do motim foi, que fazendo os officiaes da camara uma proposta a Sua Magestade, estando já firmado o dito papel por todos os ditos prelados das religiões, o dito Padre Antonio Vieira recusou a assignatura delle dizendo que o não podia fazer em consciencia de haver no dito papel alguns pontos que continhão manifesto peccado, offerecendo-se a assignar os demais pontos, e qualquer outra proposta em que se pedisse o licito.

Neste meio, succedeu o tumulto do povo, o qual apaziguado, pedirão ao dito Padre Antonio Vieira lhe dêsse por papel, o que tinha por licito naquella materia, e o dito Padre o fez assim: e a sustancia do do dito papel era o que representou a Sua Magestade depois que propoz e assentou na sobredita junta da matriz; e na mesma junta se desdizerão, e escusarão os prelados do que tinham assignado dizendo, que o assignarão sem o ver: tudo foi publico. E além das pessoas referidas estava presente o vigario, que então era da matriz, o licenciado Domingos Vaz Corrêa, que hoje está neste reino.

RESPOSTA AO SETIMO CAPITULO.

E' vergonha responder a tão publicas e enormes falsidades.

Quando se publicou no Gurupá a ultima lei de Sua Magestade no anno de 1648, se levantarão os moradores, e soldados do Gurupá e prendêrão ao Padre Manoel de Sousa missionario da Companhia de Jesus daquella Capitania, e o metterão a elle, e a seu companheiro em uma canoa com soldados de guarda, e os vierão lançar dahi a mais de oitenta leguas na ribeira do Rio Moju, que é da Capitania do Pará.

Chegou este aviso ao Maranhão ao governador André Vidal de Negreiros, um dia pela manhã á mesma hora em que estavam para desamarrar do porto de Araçajt, que é o cas-

Muito reverendo Padre procurador geral Bento da Fonseca, P. C.—E' Deos servido accrescentar trabalhos a esta veneravel provincia. Já Vossa Reverendissima está inteirado dos que tivemos com a missão do Caeté; os quaes continuão e vão em augmento; a estes accresce este anno outro maior, por entender não só com a missão do Caeté, mas com todas as missões e missionarios dellas e com a Companhia; cuidavamos que estarião acabadas ou amortecidas as pretenções do ordinario, sobre o visitar as missões, e missionarios dellas, pelas repulhas que têm padecido nas ditas pretenções; porém neste presente anno resussitarão por novo decreto expedido pela mesa da consciencia, cuja cópia com esta se remette a Vossa Reverendissima. Veio ordem ao bispo para fazer as ditas visitas; ordem ao governador para dar adjutorio á execução da dita ordem do bispo; ordem ao provincial para que recebesse as taes visitas na fôrma conteúda na dita cópia. De proposito, e maliciosamente nos foi intimada a ordem de el-rei, pelo bispo, nas vespas da partida destes navios, de sorte, que nos causou bastante perturbação por não haver já tempo de fazer alguma operação a encontrar directamente a referida ordem. Consultando-se o que se faria neste particular, e nestas circumstancias de tempo, se resolveu se respondesse por carta á ordem que el-rei por carta também nos tinha mandado, e se me commetteu esta diligencia; eu a fiz a toda a pressa, na fôrma que a Vossa Reverendissima com esta remetto assignada pelo provincial; e como eu sou pouco pratico nestes negocios, e nunca tive correspondencia com el-rei, não estou corrente no modo, e rubricas com que se deve escrever ao soberano; por isso e outras razões mais, vai aberta a dita carta para el-rei, com os mais papeis juntos, para que Vossa Reverendissima com as pessoas mais experientes, e politicas que houver nesse collegio, e caso professa de S. Roque, a consulte, e emende no que necessitar de correccão.

Ha presumpções que por parte do principal Mello, irmão do donatario do Caeté, se solici-

Em vinte e cinco de Fevereiro do presente anno, dia do Apostolo São Mathias, estando no Pará o governador do Estado, Francisco de Sá de Menezes, e o bispo D. Gregorio dos Anjos, e havendo concorrido o povo á cidade de São Luiz, para assistir á procissão dos Passos, se ajuntou na noite antecedente quantidade de conjurados em um convento de religiosos, para conferirem a execução, do que já muitos dias antes tinham resol-

caes do Maranhão (um navio e uma caravella, que partião para o Pará, e no mesmo ponto mandou o dito governador embarcar nos ditos navios ao capitão Agostinho Jacome com cincoenta soldados, para que juntamente com o ouvidor daquellas Capitánias Antonio Coelho Gasco, fossem devassar do caso, e prender os culpados) como com effeito forão presos, e entre elles o dito Manoel de Carvalho, e Lourenço Rodrigues; e havendo-se tirado nova devassa no Pará pelo capitão-mór Luiz Pimenta Moraes, e com as ditas devassas forão remettidos ao Maranhão os ditos presos, entregues ao capitão Paulo Martins Garro, e pelo dito governador e ouvidor geral do Estado, e mais adjuntos, que dispõem o regimento de Sua Magestade, tendo precedido todos os termos da justiça e direito forão sentenciados a degredo para o Brasil os ditos Manoel de Carvalho e Lourenço Rodrigues.

E sendo esta a fôrma da sentença, e o delicto um motim contra as leis de Sua Magestade em que os sobreditos forão os cabeças, diz o procurador que forão desterrados por gosto, vontade, e contemplação do Padre Antonio Vieira sem terem culpa.

Ao merecimento dos dous sobreditos se não responde por não ser deste lugar. E quanto a serem respeitdos dos Indios não só poderá dizer, que erão respeitados, senão tambem mui tímido: por serem elles uns dos principaes executores das façanhas que os Portuguezes costumão fazer no Rio das Amazonas na injusta oppressão, e captiveiro dos Indios, de que havia um bem fresco exemplo em Lourenço Rodrigues, e nelle e em seu companheiro muitos modernos e antigos.

RESPOSTA AO OITAVO CAPITULO

Quantas regras, tantas falsidades. Os que forão degradados para a India, e embarcados para este reino, forão alguns soldados do sobredito motim da fortaleza do Gurupá, devassados, presos, e sentenciados na mesma fôrma que os sobreditos. Tres destes por mais culpados forão condemnados a tractos: mas nenhum delles foi tractado: porque estando para isso acudio o Padre Antonio Vieira a interceder com o governo, e lhe alcançou perdão á vista de todo o mundo na praça do Maranhão, onde devia estar tambem o mesmo procurador, que isto afirma.

tasse na mesa da consciencia, com o cardeal da Motta este decreto novamente expedido; e como pelo conselho ultramarino se expedio a substatoria de 30 de Março de 1730, e agora vem a ordem expedida pela mesa. veja Vossa Reverendissima se será mais conveniente que a carta que vai feita para Sua Magestade, se lhe entregue pelo dito conselho ultramarino aonde se veja a contrariedade das ordens expedidas pela mesa, sem se tomar ainda a ultima resolução neste ponto das visitas, que pela ordem do conselho ficarão suspensas até á d'la ultima resolução.

As razões que na carta que vai para Sua Magestade, se dizem que forão dadas por escripto em junta de missões nesta cidade, sobre a ordem de 6 de Abril de 1732, pelo superior que então era o Padre José Vidizal, são as copiadas no protesto que com esta vai, o qual protesto foi o que então se offereceu na referida junta, e mandado a Sua Magestade, pelo governador José da Serra. No dito protesto se requeria ao bispo fallecido, que puzesse parochos nas aldeas; do que na carta que vai, me pareceu prescindir em razão de que o bispo talvez esperava este novo requerimento para nos metter os seus clérigos pelas aldeas, o que de nenhuma sorte nos convém; e nós nos podemos bem defender, e repugnar ao intuito das visitas, sem usar do tal requerimento.

Vão tambem as razões que se offerecêrão á ordem de 30 de Março de 1725, das quaes razões resultou a substatoria de 30 de Março de 1730, porque no caso que lá seja necessario usar de novo das ditas razões, se possa usar, e não haja contingencia de que lá no cartorio da provedoria, ou as não haja, ou havendo-as se não achem; havendo-as lá, como se entende que lá estão, V. Revm. sem falta me torne a remetter essas mesmas que vão, para se reportarem nos lugares donde se tirarão; a saber: o cartorio do provincial, e do reitor, e vão as mesmas por não haver tempo de se trasladarem; e se lá as não houver, V. Rev. mande tirar um traslado para lá ficar.

Este negocio é de muito grande importancia; V. Revm. se não poupe ao trabalho que todo

vido. E para que o caso parecesse effeito commum de todo o povo, o que na verdade não era, porque só o fazião alguns interessados e inquietos, correrão os mais zelesos daquella facção, as ruas da cidade, trazendo com violencia, e ameaços os que recolhidos em suas casas ou não sabião do intento, ou o despresavão, introduzindo-os na sobredita junta e casa do religiosos. E aos que vierão mais tarde e mais repugnantes, como forão

RESPOSTA AO NONO CAPITULO.

Chegando ao Maranhão o governador André Vidal de Negreiros, achou que no sertão do Rio das Amazonas andavão grande quantidade de tropas mandadas e consentidas por Ayres de Sousa Chichorro, que então era capitão-mór do Pará, não só contra todas as leis antigas, senão contra a mesma lei de 1653 tão estimada e allegada. Pelo que o dito governador mandou logo recolher todas as ditas tropas; e indo ao Pará, prendeu ao sargento-mór da tropa principal Manoel Cordeiro Jardim, por grandes desordens, que no dito Rio das Amazonas tinha commettido, como também ao ajudante Manoel da Matta que tinha ido em outra tropa.

E mandando examinar os escravos, que nas ditas tropas se tinhão feito, poz em sua liberdade grande quantidade delles, por serem conhecidamente livres, tirados por força das suas terras, e trazidos a vender ao Pará.

E porque o principal culpado em todas estas desordens era o dito capitão-mór Ayres de Sousa, por haver mandado umas e consentido outras varias, e se tinha outrosim apresentado ao dito governador muitos capitulos em outras materias não menos graves contra o dito capitão-mór. Por estas causas e com as ditas culpas foi remettido pelo governador a esta corte, havendo muitos religiosos da Companhia, que intercederão por elle e sendo certo, que o Padre Antonio Vieira, nem uma só palavra fallou sobre este caso ao governador como elle mesmo pôde testemunhar. Por culpas do mesmo genero foi mandado preso pelo mesmo governador, Antonio Lameira, que era capitão do Gurupá onde captivou grande quantidade de Indios forros, de que só porei aqui um exemplo.

Quiz o governador André Vidal examinar por si mesmo alguns dos escravos destas tropas, vierão ao exame vinte e oito que erão do dito Antonio Lameira, e perguntados, responderão, todos que erão escravos que estavam presos de corda para serem comidos como já tinhão os seus pais, e avós comidos.

Admirado o governador, parecendo-lhe cousa incrível recolhe-se com todos para um aposento interior onde os exhortou a que fallassem verdade livremente, porque elle era

será bem empregado, pois é em bem de toda a vice-provincia, e da companhia; a carta que fiz para el-rei e mando a V.Revm. foi consultada, e approvada; V.Revm.lá a torne a consultar. Sobre esta mesma materia escrevo ao Padre José Ritter, confessor da rainha, por duas vias; V. Rev. poderá abrir uma dellas, e ver o que lhe escrevo, e entregar a outra ao dito Padre.

Não se offerece mais que pedir a S. B. e SS. SS. Collegio do Pará, 30 de Novembro de 1743.
— De V. R. muito seu amigo, JOÃO FERREIRA.

Advirto que esta nova ordem de visitas só a nós foi intimada, e só para nós veio; ao menos não sabemos os que viesse para as mais religiões; porque todos os superiores dellas nos vierão perguntar por esta novidade sobresaltados, esperando que lhes fosse também, e com effeito não foi.

Mi M.R. Padre Bento da Fonseca. P.C. Revm. lakde V.Revm. de 23 de Febrero proximo pasado, celebrando la orasion que en ella me dà de ofrecirme a la disposicion de V. Revm.

Quedo enterado de lo que V.Revm.me dice sobre el Padre Francisco Joseph de Aguirre: y en llegando al V.P. provincial de esa provedoria la orden de V.P. geral me embiará V. Revm. la cuenta de los gastos que ha causado dicho Padre Aguirre.

Las cartas para el Revm. Padre general de la Merzes no se han entregado por hallarse dicho Revm. fuera de esta corte. Manana passará mi agente al lugar de Pinto don eldies halla su Revma. y las entregará en proprio mano.

En orden a lo que V.Revm.me pregunta sobre visita de nrãs micionas, y micioneros, digo que en las de Quito no han entrado los obispos, y ordinarios a vitarlas, en Filipinas lo pretendieron los arzobispos; y se opuzieron las religiones; y asta el presente la cosa no esta dezidida.

En Paraguay visitan los ordinarios nuestras misiones, mas no a los misioneros. En los Curatos (de que habla la historia del Nuevo Reino) se visitan los feligreses, y tambien el cura está sugeto al ordinario, non in omnibus: sed solum in officio efficiendo.

alguns naturaes de Vianna, se admittirão de caminho á companhia dos conjurados, ficando todos comprehendidos ou por vontade, ou sem ella, delhaixo da aclamação do povo.

Formado desta sorte o motim, o primeiro que soffreu sua violencia, foi Balthasar Fernandes, pessoa de satisfação e merecimentos, que servia o cargo de capitão-mór do Maranhão, ao qual prenderão sem lhe admittirem

governador e podia mais que todos, e se não fossem captivos, os mandaria logo pôr em liberdade.

Respondêrão segunda vez na mesma fórma, com que o governador e o Padre Antonio Vieira, a quem logo o contou ficárão mui contentes de que houvesse (contra o que se dizia) tantos escravos de corda, que são os mais legitimos. Sentenciados os ditos vinte e oito por escravos. Vierão dalli a oito dias alguns principaes do Rio das Amazonas ao governador, e pedirão lhes mandasse restituir seus filhos e parentes, nomeando os soldados de Antonio Lameira, que os tinham ido captivar; mostrando com toda a cidade como os ditos Indios erão das aldeas livres do Rio das Amazonas, e vassallos de Sua Magestade; e tinham ajudado a fazer a fortaleza e igreja do Gurupá; e tinham ido em soccorro dos Portuguezes ao Maranhão contra os Hollandezes.

E como o governador lhes dissesse, que fossem pela cidade buscar quaes erão seus filhos e parentes e lh'os trouxessem em sua presença.

Apparecêrão nella os ditos vinte e oito escravos que o dito Antonio Lameira mandára ao exame, arguidos da razão, porque tinham dito que erão escravos não no sendo, e estavam para ser comidos; respondêrão que o fizerão porque o dito Antonio Lameira lhes tinha ensinado, que respondessem assim, ameaçando-os, que se fallassem de outra maneira os havia de matar a açoutes.

Esta é a innocencia do dito Antonio Lameira, e se tendo estes crimes foi sentenciado nesta côrte solto e livre, poderá responder o Padre Antonio Vieira, que não é sua essa culpa

RESPOSTA AO DECIMO CAPITULO.

Em companhia do governador D. Pedro de Mello passou ao Maranhão Henrique Brabo, alferes da fortaleza do Gurupá na boca do Rio das Amazonas, e tanto que chegou á dita fortaleza foi logo pelo dito rio fazer escravos contra as leis de Sua Magestade como com effeito fez, e com particulares violencias, e chegando a nova deste escandalo ao dito governador, elle mostrou estranhar muito, e prometeu diante do Padre Antonio Vieira, que

Eslo que en esta materia puedo decir a V. Revm. Cuya vida guarde Dios dilatados anos como deseo. Madrid y Marzo 13 de 1744.—M. A. S. D. V. R.—PEDRO IGNACIO ALTAMIRANO.

M. R. Padre Bento da Fonseca. P. C. Desejo a V. Revm. sempre saude perfeita para servir da que me fica na sua obediencia. De Bragança se havião de remetter a V. Revm. dous caixotes para irem com a carta que já a V. Revm. enviei, encaminhados ao Rev. Padre reitor do Grão-Pará e este os remetter para Quito ao Padre Francisco Peres, da nossa Companhia; ditos caixotes vierão de Salamanca para o tal effeito mandados pelo irmão boticario; este me avisa agora, que fiando-os eu de pessoa de confidencia os mande abrir nessa côrte, e que os dous se repartão em quatro, affirm de que os Indios os possão transportar por terra do Maranhão para Quito que diz são dez dias de caminho, e que os levão ás costas, e que excedendo o peso de cincoenta arrates, elles mesmos os desfazem, o que não convém; em cujos termos V. Revm. por me fazer favor, e ao dito irmão mande reparti-los em quatro, bem pregados, e em seus encerrados, e na carta por fóra se lhe ponha — Com quatro caixotes — e novos subscriptos nelles e toda a despeza que nesta materia se fizer me avise V. Revm. della, e aponte nas nossas contas, e como não sei se de Bragança os mandou o irmão Pedro Barreto, debaixo do nome de V. Revm., se do Padre procurador geral (como elle me diz) se servirá V. Revm. mandar saber do dito se elles forão encaminhados para V. Revm. tomar posse delles. Cuido me tenho explicado, e deixo tudo á actividade de V. Rev. a quem peço a S. B.

Cóimbra, 24 de Agosto de 1750.—De V. Rev. etc. Francisco da Costa.

Recebo a carta de V. Revm. com o maior gosto não só pelo favor que V. Revm. nella me faz mas juntamente pela certeza que me dá de lograr uma perfeita e constante saude.

Eu tenho padecido algumas molestias mas como até agora pela mercê de Deos me não obrigão á cama, vou ganhando e trabalhando que é a pensão de quem está em um lugar no qual o tempo, e o descanso não é proprio.

Agradeço a V. Revm. todo o favor que não só me faz nesta carta, mas que ate chegou a es-

razão alguma, dizendo que nem a elle, nem a Francisco de Sá de Menezes o reconhecião mais que pelas pessoas e nomes, e não pelos postos que occupavão. Com estes e semelhantes termos molestavão aquelles que lhes querião estranhar o caso, como o experimentou o juiz dos orfãos Manoel Campello de Andrade, a quem quebrarão a vara, quizerão gravemente ferir, e ultimamente prenderão, obrando-se tudo isto debaixo do estrondo

não viria o dito alferes ao Maranhão como se avisava, e o mandaria prender no caminho em qualquer parte onde aportasse, e porque se não sabia lugar certo, e importava muito esta prisão ao exemplo de todo o Estado, assim entre os Indios, como entre os Portuguezes, succedendo partir naquella occasião para o Pará e Gurupá o Padre Antonio Vieira lhe deu o dito governador um papel assignado em branco, no qual se escrevesse a dita ordem dirigida á pessoa, que governasse o lugar onde o dito alferes chegasse.

Succedeu assim no porto do Gurupá, e foi a prisão executada pelo capitão-mór João de Hererira da Fonseca tendo alli chegado na mesma maré o Padre Antonio Vieira, e entendendo o dito Henrique Brabo, que o dito Padre Antonio Vieira, havia concorrido para a dita prisão, começou logo a dizer muitas injurias contra todos os Padres da Companhia, que se attribuirão a estar tomado de vinho, como frequentemente andava, e contra o dito Padre disse elle, e um seu camarada João Nogueira o que se refere neste capitulo; e depois espalhou o mesmo por todo o Maranhão.

Donde sendo avisados os Padres do Pará e resolvendo, que importava ao credito da religião, que este falso testemunho fosse averiguado, e castigado publicamente; commettêrão esta causa ao vigario-geral Belchior da Costa Coelho, conservador dos ditos Padres, por não haver naquella parte outros ministros, e mandando o dito vigario geral tirar de vassa no Maranhão pelo vigario daquella matriz, Valentim do Amaral, e na villa de Gurupá pelo vigario daquella igreja o Padre Manoel de Santo Antonio, religioso de Santo Agostinho. Convencido o dito falso testemunho, e confessada por escripto a falsidade dello pelo dito Henrique Brabo e seu companheiro, sendo presos e levados ao Pará, e precedendo todas as solemnidades de direito forão sentenciados pelo dito vigario geral a de gredo e a ir ouvir a sentença publicamente na matriz, despidos da cintura para cima com uma mordaga na boca, vista a qualidade do falso testemunho, e a da pessoa offendida, que sobre ser visitador geral da Companhia em todos os poderes do Revm. geral, como se elle presente estivera que assim o rezão as suas patentes: representava juntamente o cabido sede vacante da Bahia, cujos poderes tinha no dito Estado; e se nesta côrte forão absolvidos os ditos réos, foi pela desordem de elles partirem do Pará, e ficarem os autos

palhar nas provincias, e estimára eu poder fazer a minha obrigação de sorte que inteiramente desempenhasse a informação de V. Revm.

Pelo que respeito ao negocio em que V. Revm. me falla, vejo que não está completamente informado dos termos delle, e será preciso ter paciencia para que eu lhe diga o que para-mente se passou nesta materia.

Depois que eu puz o cumpra-se na provisão para a fundação dos seminarios, e a mandei registrar me veio buscar o Padre Gabriel Malagrida, e me deu uma petição para fundar o seminario do Cametá, trazendo dentro uma provisão de licença do Sr. Bispo, perante quem justificou que tinha bens sufficientes para a fundação e subsistencia do dito seminario.

Nesta petição lhe puz o despacho ordinario que me informasse o procurador da corôa, o qual requereu que devia declarar o dito Padre Malagrida quantos seminaristas deverião subsistir de graça, á custa daquelles bens no dito seminario, e que para os ditos bens lhe ficarem annexos, se deveria dispensar na lei do reino.

Com esta resposta lhe deferi que declarasse numero de seminaristas que sem pagamento se deverião sustentar á custa daquelles bens no seminario que intentava fundar.

A isto me veio fallar, e trazer-me uma informação confusa sem declarar nada, e só dizendo-me que não tinha subsistencia certa, e que não podia saber os seminaristas que poderião entrar de graça.

Disse-lhe que como me não fazia declaração de certo numero, ou fosse pequeno, ou grande dos rapazes que deverião ser da fundação lhe não podia deferir, como tambem por me declarar que não tinha subsistencia para a dita fundação.

Respondeu-me a isto que o seu animo era (formas palavras) tirar toda a liberdade aos seus de que pudessem converter cousa alguma do rendimento daquellas fazendas, que não fosse para o sustento dos seminaristas, e que esta era a sua intenção, e que como não estava com toda a certeza informado do rendimento que podião produzir as fazendas não queria

das furiosas vozes, que se reunião todas em bradarem pelo povo, e ameaçar com a morte a traidores.

Tocarão logo o sino da camara, e juntos seus efficiaes elegerão procuradores particulares para os expedientes e execuções de maior importancia. Fizerão tambem dous mestres escolhidos, entre os que formavão o corpo do molim, o que servio para se cuidar, que as ações de todos erão diri-

no Maranhão, e não ser ouvida a parte nem haver conhecimento algum das ditas culpas. E para que se veja a falsidade e temeridade com que o procurador diz, que a execução da sentença da mordada fôra executada com grande contentamento do Padre Antonio Vieira, e infamia dos réos.

Primeiramente o dito Padre Antonio Vieira, estando para morrer, e commungando por viatico na aldêa do Camutã perdôou publicamente aos levantadores do dito falso testemunho em presença do sargento-mór Manoel Guedes Aranha, e Manoel David Soutto-Maior, e de outras pessoas que vierão acompanhando o Santissimo Sacramento.

E porque o Padre superior, e mais Padres do Pará, estudando e consultando o caso acharão, que o dito Padre Antonio Vieira não podia perdoar nem ceder pelo que tocava á honra da religião; por seu procurador continuarão a dita causa até a sentença final; e intercedendo os prelados das religiões pelos réos dia de Santo Ignacio perdoarão os ditos Padres tudo o affrontoso da sentença, ficando sómente em seu vigor o degredo; e este perdão foi dado por escripto no corpo dos mesmos autos; e assignado pelo Padre Antonio Vieira como delles consta; e logo os ditos réos de consentimento dos mesmos Padres tiveram ordem para sahir da prisão para fazer seus negocios, quando lhes fosse necessario, nem elles forão á igreja, nem lá se lhes leu sentença, emfim tudo falsidade. E quem isto afirma em materia tão publica, que será no demais?

RESPOSTA AO DECIMO PRIMEIRO CAPITULO.

As causas porque o licenciado Domingos Vaz Corrêa, vigario geral do Estado do Maranhão, prendeu a seu subdito o Padre Vidal vigario da igreja do Pará, tocão ao mesmo vigario geral.

O que só pertence aos religiosos da Companhia neste capitulo é a enorme falsidade com que affirma o procurador, que os ditos Padres com o seu poder e intelligencias alcançarão do cabido da Bahia, que o superior do Maranhão tivesse os poderes do dito cabido, sendo assim que os ditos poderes vierão ao Maranhão quatro ou cinco annos, antes que o Padre Antonio Vieira, e seus companheiros lá fosse; porque por occasião da morte do bispo do Brasil D. Pedro da Silva, ficando a sé vacante dentro nos oito dias conforme o

declarar menor numero para depois se converter á maioria em diversos usos contra a sua vontade.

Ao que lhe disse que como aquella era a sua mente devia fazer um juizo prudente do numero dos seminaristas que certamente se podião sustentar, applicando o mais rendimento que houvesse a maior numero, arbitrando-lhe a congrua para cada um que entendesse que era sufficiente, e que conferisse este negocio com os seus Padres, e me viesse depois fallar. Levou outra vez a petição para o collegio no dia 28 de Outubro em que isto succedeu, e em 1 de Novembro me trouxe outra vez a petição com as declarações, ou condições que se achão incertas na provisão de licença sem que nella haja cousa minha mais do que dizer-lhe que se dispensa na lei por não ficarem tambem estas fazendas no perigo em que V. Revm. sabe muito bem que estão todas as outras que aqui possuem todas as religiões, e esta me pareceu que era a favor da mesma fundação.

Em virtude da dita declaração que fez o referido Padre lhe deferi como pedia, e lhe mandei lavrar a provisão de licença sem cousa nenhuma que fosse inventada, ou posta por mim mais que a clausula da dispensa por que todas as outras estão de letra, e signal do mesmo Padre Malagrida.

Em poucos dias me mandou aqui o vice-provincial dous Padres com a mesma licença dizendo-me que a não podia aceitar com as duras condições que eu lhe tinha posto; não respondi aos ditos Padres mais do que perguntar-lhe se se achava ainda o Padre Malagrida no collegio, disserão-me que sim; mas que no outro dia partia para o Maranhão.

No mesmo instante fui ao collegio, e chamei ao dito Padre; e diante do vice provincial, reitor, e demais alguns Padres lhe perguntei se me tinha, ou não feito da sua letra e signal aquella declaração, e se lhe recomendará eu que conferisse aquelle negocio com os seus Padres. Respondeu-me diante dos mesmos Padres, quo tudo era verdade, e que elle estav a

gidas pelo governo do povo: e a este corpo de amotinados assim composto, não deixarão de seguir com o conselho e aprovação, e talvez com a diligencia, alguns ecclesiasticos e regulares, cujo estado e autoridade fazião reforçar mais os animos de todos, servindo-lhes juntamente este bom zelo de exemplo e de desculpa.

Desta junta da camara sahio ordem a Melchior Rodrigues, por cujo

concilio, proveu a dita sé vacante todos os vigarios geraes de sua diocese, e porque não tinha conhecimento das pessoas ecclesiasticas, que havia no Maranhão, remetteu os poderes para elegerem e proverem ao superior que fosse da residencia de dous ou tres religiosos, que alli tinha a Companhia, não havendo ainda pensamento de se fazer a missão que dahi a tantos annos se fez. Tudo consta da mesma provisão do cabido que está registrada na camara do Maranhão, e o pôde testemunhar neste reino o licenciado Domingos Vaz Corrêa acima referido, que então era cura da matriz, e pelos mesmos poderes foi eleito vigario geral.

E tão alheios estiverão os Padres de pretenderem os ditos poderes do cabido da Bahia, que chegando o Padre Antonio Vieira ao Maranhão no anno de 1633, e achando que tinhamos alli os ditos poderes na primeira carta geral, que escreveu no mesmo anno e se leu publicamente em todos os collegios desta provincia e está nos cartorios da Companhia, uma das cousas que representa, e pediu ao Padre provincial do Brasil, foi que procurasse com o cabido alliviar aos Padres daquella missão deste cuidado, o qual se podia commetter ao prelado de outra religião, que não tivesse tantas outras causas de que dar conta.

E ultimamente fazendo-se diligencia por via de Roma, se tem conseguido como se vio no mesmo Maranhão antes do alevantamento pelas novas provisões de vigarios geraes que vierão da Bahia; posto que sempre lhes ordena o Rev. cabido sigão o conselho e direcção dos ditos Padres.

RESPOSTA AO DECIMO SEGUNDO CAPITULO.

Geraldo Ferreira, foi preso e senteneiado á morte pelo governador André Vidal, e pelo ouvidor das Capitánias do Pará Antonio Coelho Gasco; as causas saberão os ditos juizes, e constarão dos autos, que vierão remettidos com elle.

O que constou e foi publico no Pará, é que no dia em que estava para sahir a enforcar, intercedeu por elle o Padre Antonio Vieira, e alcançou do governador que não fosse executado, e elle confessa em toda a parte, que deve a vida ao dito Padre, o qual além da piedade religiosa fez estas diligencias pelo livramento do dito Geraldo Ferreira, por lhe

pela dita declaração, porém que a elle lhe esquecêra o fazer menção de que o sustento do mestre, e reitor do seminario, se devião sustentar do rendimento dos bens doados, e que assim se devia declarar, o que me pareceu tambem que lhe disse que não tinha duvida que me fizesse uma petição que logo lhe mandaria passar segunda provisão de declaração para que o reitor, e mestre se sustentassem á custa dos ditos bens; respondeu-me que não tinha tempo porque pela manhã partia para o Maranhão, mas que deixaria uma folha de papel assignado em branco para cá se fazer a petição para eu lhe deferir.

Naquella conferencia ralharão os Padres com elle, sendo o que mais se enfadou o Padre Julio Pereira que então era reitor ao que elle sempre disse que estava constante nas declarações, nas quaes se devia entender que o reitor, e mestre, se devião sustentar com os rendimentos dos bens doados.

Quando eu esperava pela petição para se fazer a declaração na fórma em que o Padre Malagrida tinha justo comigo no collegio, me apparecêrão aqui dous Padres com um recado do vice provincial, em que me dizia que visse aquella minuta se estava boa para a mandar copiar no papel que tinha deixado assignado em branco o dito Padre Malagrida.

Logo que vi a tal minuta lhe disse que lhe não podia deferir de fórma nenhuma aquelle requerimento porque encontrava o que me tinha dito o Padre Malagrida, tanto em particular como na presença dos seus mesmos prelados, e como elle tinha ajustado de palavra, e declarado de sua letra, e signal na petição que me fez o contrario do que se me queria requerer por est'outra que me era impossivel o deferir-lhe, porque eu não conhecia a ninguém autorisado por Sua Magestade para estas fundações mais do que ao referido Padre, cuja declaração eu não podia alterar, porque elle era só a pessoa legitima e contemplada por Sua Magestade para esta casta de negocios, como se via do mesmo alvará que estavamos executando.

Passados alguns dias me trouxerão a mesma petição para que eu lhe deferisse, e como era

cuidado estavam as fazendas do estanque, e novo contracto, para que não vendesse mais alguma das que ainda houvesse, e só a polvora repartirão entre os soldados, por ser provimento necessario para a occasião. E para segurança de suas resoluções, puzerão o governo da cidade em tres homens, que julgarão dignos do cargo, os quaes mandarão passar mostra,

parecer cousa muito desigual que fossem enforcados os pobres por obedecerem, quando ficavam sem castigo os poderosos que os maudavam.

RESPOSTA AO DECIMO TERCEIRO CAPITULO.

Ao descommedimento deste capitulo, já fica respondido. Quem nas cousas publicas, e patentes neste mesmo reino se atreve a dizer tão manifestas falsidades, que será nas occultas, indeterminadas e vagas em que se não pôde convencer tão facilmente o falso te-temunho. Para que conste a clausula e cautela com que vivem os missionarios nas aldeas dos Indios, se apresentão as ordens que lá se guardão, confirmadas pelo padre geral, das quaes tambem se conhecêrão os procedimentos dos ditos Padres em tudo o mais.

RESPOSTA AO DECIMO QUARTO CAPITULO

Aposte para que serviços e obras de el-rei se não derão Indios. No principio do anno, antes de se fazer a repartição, é estylo e foi sempre depois que a houve, ir o repartidor saber do governador, e capitães-môres, e provedores da fazenda, os Indios que são necessarios para o serviço de el-rei; e esses se poem no primeiro lugar da lista em todos os mezes; e em casos extraordinarios, forão muitas vezes todos os Indios que havia, e se alguma vez se respondeu aos ditos ministros, que não havia Indios, foi dizendo, que estavam esgotadas as reservas (que sempre se costumavão deixar para estes casos) e que os Indios estavam repartidos pelos moradores, que desses tomasse el-rei os que houvesse mister, pois o seu serviço estava diante de todos: e assim se executou na jornada do governador André Vidal para Pernambuco, na dos Tocantins, Nheengaibas e outras. Quanto mais, que se tantos Indios se davão sempre para o que se acobertava com o nome de serviço de el-rei, como havião de faltar para o que fosse verdadeiramente seu serviço.

E porque encontra posição desta calumnia diz o procurador, que no mesmo tempo tinhão os padres infinitos Indios para suas obras.

E' tanto pelo contrario, que tendo os ditos padres por provisão de Sua Magestade uma aldeia no Maranhão, outra no Pará, outra no Gurupá, consignadas determinadamente para

a mesma que encontrava o disposto e declarado pelo Padre fundador, lhe fez o despacho do que supponho V. Revm. tem lá a cópia, ou o seu original, e delle verá V. Revm. q' e nelle declarei a pura verdade qual era, que não havia clausula nenhuma minha mais do que a de que se dispensassem na lei, e as outras postas pelo Padre Malagrida, expressadas naquelles papeis de sua letra e signal, e rectificados por elle no collegio, na presença dos seus prelados, e na minha.

Como Sua Magestade manda que destas fundações, ou da duvida que tivermos sobre ella lhe demos parte, como se vê do mesmo alvará que estamos executando, puz tudo na sua real presença, para que o mesmo senhor fosse informado dos termos do negocio.

Estos são os fieis e verdadeiros termos com que elle se prosegueu, a mim pareceu-me que não podia mandar lavrar uma provisão contra a formal declaração que aquelle Padre fez nos papeis em que estava requerendo, deferi-lhe como pedia, que era tudo quanto cabia na minha impossibilidade, e nisto não pôde haver a mais leve duvida, porque assim consta nos papeis originaes da letra do mesmo Padre Gabriel Malagrida.

Tenho importunado a V. Revm. mais do que deverei; mas quiz informa-lo da verdade desta facta, para que conheça que em mim não ha outra nenhuma cousa por que me mova mais, do que a pura e recta administração da justiça, que será só o que me possa embarçar para algumas vezes não servir à sua sagrada religião como devo, e desejo, porque nunca me esqueço do muito que não só eu, mas toda a minha casa lhe foi sempre obrigada, cuja memoria em um homem pela bondade de Deus, imagina christão e solidamente, é incentivo bastante para que salve a alma e a honra, deixo de fazer tudo que couber na possibilidade, para satisfazer as suas obrigações, das quaes seguro a V. Revm. me não esqueço.

Se porém for tão infeliz que não possa comprehender a razão de algumas dependencias, não bastará toda a memoria da minha divida para deixar de proceder conforme o de-bil e curto

tados, sahír resoluta a expulsão dos Padres, que além de contentar aos que a pedião, agradou aos ecclesiasticos, que a desejavão.

Com o alvoroço deste execrando decreto, foi um dos procuradores destinados ao collegio de Nossa Senhora da Luz, levando consigo o povo amotinado; e em nome de todos disse ao Padre reitor do dito collegio, e a alguns religiosos mais alli presentes, que como procurador daquelle povo

numero de Indios da dita aldéa para a entrada que se fez ao Rio dos Tocantins, representando o principal da dita aldéa, que por haver muitos doentes nella não podião ir tantos Indios, sem se fazer falta nas salinas, logo o missionario desistio do numero dos ditos Indios, sendo presente o sargento-mór da praça Manoel Guedes Arauha, e o cabo da es-colla o capitão Paulo Martins Garro.

RESPOSTA AO DECIMO SEXTO CAPITULO.

Já não ha palavra, nem admiração com que ouvir, nem responder a tantas falsidades, nunca houve taes 300000, nem tal obrigação, nem taes escolas, nem tal grammatica, nem taes artes, e se não digão, que el-rei nos concedeu isto, e donde consta e quando o recebermos, e quando fizemos tal obrigação, e aonde pode haver paciencia para taes cousas se ouvirem e soffrerem, no Maranhão tivemos sempre uma classe de latim por mera caridade e sem obrigação alguma; e porque os estudantes não tinham artes, nem cartapacios, nem livros, os padres lh'os davão de graça, e a alguns até o papel, tinteiros e as pennas, e esta classe durou desde os primeiros dias que entramos no Maranhão, até o ultimo em que nos lançámo d'elle, e os mais religiosos que ha no Carmo e nas Mercês, aprenderão o latim que sabem nesta escola, e em outras duas que também abrimos no Pará a que ião varios religiosos, e dos das Mercês em communidade; e porque na dita cidade do Para faltarão os discipulos não continuáram os mestres.

RESPOSTA AO DECIMO SETIMO CAPITULO.

Quantas palavras, quantas syllabas, e quantas letras, tantos falsos testemunhos ha neste capitulo como nos mais quando os Padres missionarios chegarão ao Maranhão, acháram a este Indio desterrado d'elle para o Pará, pelo governador Luiz de Magalhães e no Pará, o acháram preso na fortaleza mettido em grilhões, e sentenciado á morte como rebelde, traidor, e por querer levantar os Indios contra os Portuguezes, tudo é publico e constara dos autos, que lá dizão que forão mandados ao conselho ultramarino, não lhe valendo dizer que queria ir descobrir um thesouro, que do tempo dos Hollandezes tinha enterrado no

Não difficulto, que se o Padre João Honorato offerece melhor emprego para as fundações do Brasil, se lhe repartão treze mil cruzados. Advirto só o summo empenho com que os nossos do Brasil me pedem para levantar um seminario no Rio de Janeiro, e outro na villa insignie de Guaratinguetá perto de S. Paulo, porque não se dê tudo para o seminario, tão dispendioso e soberbo que pretendem fazer na Bahia.

De quatro mil cruzados que ainda ficão, dados treze para cá, e treze para lá, parece-me bem empregá-los no melhor rendimento que seja possível para as maiores necessidades do serviço de Deus que se podem offerecer.

Não tenho tempo para mais, se nos virmos, e não tomarmos outro rumo, nos entenderemos melhor.

Pego a sua benção, de V. Revm. Maranhão 13 de Maio de 1753.

V. Revm. me mande essas cartas ao Rev. Padre geral.

O mais indigno e amante servo de V. Revm., Gabriel Malagrida.

Muito Rev. Padre procurador Bento da Fonseca, P. C.: Recbi duas de V. Revm. uma pelo navio da fabrica, outra pelos navios, e também a bocea de premios, producto das duas arrobas de cacão, com tudo o que ella na sua listazinha V. Revm. dizia havia de conter.

Agradeço a V. Revm. o trabalho que tomou em servir este seu indigno creado.

Eu tenho padecido muito com os Gamellas, assim de afflicção de animo, como de trabalhos e doenças corporaes, e tanto que eu o não posso explicar, e só V. Revm. com o seu alto entendimento o poderá comprehender. Saiba V. Revm. que não ha empreza mais ardua, e difficulosa, do que aldéas Tapuyas bravos das partes do Maranhão. Dous religiosos tem investido o ajudarem-me na cultura desta tão agreste vinha, o Padre Pedro Maria Tedaldi, e o padre Francisco Ribeiro, e ambos tornão logo para o Maranhão sem se atreverem. O Padre

os notificava para sahirem do Maranhão, por serem prejudiciaes á terra, no governo temporal dos Indios forros das aldêas, e não por defeito algum de religiosos, ou missionarios, concluindo a sua notificação com lhes intimar a sahida para a primeira occasião; e prohibindo-lhes entretanto a communicação com toda a pessoa de fóra. Em tudo isto consentirão os Padres com modesto sentimento, sem se valerem das razões, que os defendião,

Maranhão, que é grande prova de quão conhecidos erão os seus embustes, desta fortaleza fugio o dito Indio Marapirão, e logo se foi amparar dos Padres, e dahi por via dos mesmos, se passou ao Maranhão, e se metteu em uma aldeota (de que tinha sido seu pai principal) por nome Cojupê sem haver quem lançasse mão d'elle pelo crime, por ser já partido para este reino o governador Luiz de Magalhães, e ser morto Ignacio do Rego, capitão-mór do Pará, que pelas sobreditas culpas o tinham desterrado, preso e sentenciado á morte, para aquietar o dito Indio que da dita aldêa andava mui inquieto o casou o superior, da missão e assim elle como os mais Padres, lhes fizeram sempre o favor que elle não merecia. Porque forão dahi por diante taes os seus procedimentos que o governador Agostinho Corrêa, tinha resolvido de o embarcar para o Brasil, como revoltoso, e só esperava oportunidade de embarcação; mas chegando o governador D. Pedro de Mello, no anno de 1638 ao Maranhão, em Agosto do mesmo anno, se publicou na cidade de S. Luiz que o dito Marapirão se queria levantar com os Indios, e estava unido com os da serra do Ibiapaba que são de sua propria nação, e que outrosim, tinha tracto com os Hollandezes, e por estes Indios (que não houve cousa provada) resolveu o governador de o mandar para o Rio das Amazonas, como com effeito mandou, com pretexto de levar alguma gente sua na tropa de Fernão Mendes Gago, que era para distancia de mais de seiscentas leguas, e indo na dita jornada fugio o dito Marapirão do caminho, e se veio metter occultamente nos matos junto da sua aldêa, o que causou grande confusão, e rebate na cidade do Maranhão, pelos effeitos que desta fugida se temião, e foi mandado buscar pelo governador com grandes diligencias, e foi preso e mettido pelo pe-coço na golilha do corpo da guarda, com dobrados grilhões nos pés, murmurando-se no mesmo tempo dos Padres, por defenderem aquelle traidor, o qual foi sentenciado pelo ouvidor geral, e degradado por tres annos para a terra firme, e provida a sua aldêa pelo governador, no Indio Gaspar Mandioca, e neste seu degredo não teve o dito Indio Marapirão outro remedio, nem amparo mais, que o dos Padres, porque o Padre Matheus Delgado o recolheu e sustentava na aldêa chamada de Sergipe onde residia, e como os semelhantes se unem facilmente, o dito Marapirão como tão costumado a levantar-se, se deixou persuadir facilmente dos Portuguezes levantados, para que elle tambem o fizesse contra os Padres a quem tantas obrigações tinha.

E este é o abalisado D. Antonio Marapirão, grande servidor de Sua Magestade.

RESPOSTA AO DECIMO OITAVO CAPITULO.

O Indio Copauha, principal da aldêa do Maracanã, de que tracta este rapitulo, é o Indio de mais pernicioso exemplo, e mais rebelde á obediencia da igreja de quantos nunca

Francisco Ribeiro não esteve senão tres dias em uma aldêa para que o mandavão, e o Padre Pedro que foi o primeiro companheiro que levei do Maranhão, depois de estar comigo só dous mezes, não podendo soffrer as impertinencias dos Gomellas, as incommodidades, e a muita praga de mosquitos, fortemente me requereu que o mandasse pôr no Maranhão, cuja chegada á dita cidade deu occasião a que se levantasse o boato de que as missões dos Gamellas estavam perdidas, a qual fama, como V. Revm. me diz na sua, até esse reino chegou.

Uma das cousas que mais me amofinão, é o ver-me nestes matos cercado de barbaros, por-brissimos, que me estão pedindo continuamente de comer; porque elles nem para si tra: balhão, e toda a casta de ferramentas, eu não as tenho para lhes dar; porque, o que deu a fazenda real ao principio, que foi em fazendão, carregando por dez o que não valia senão cinco, em o complemento da qual lista que fiz espalharão por toda a parte que tinham gasto sete ou oito mil cruzados, o que nem cinco forão, ainda pelos mais subidos preços da terra fóra do tempo dos navios, como V. Revm. poderá ver do traslado da dita lista que agora envio a V. Revm., e já á frota passada deixei ordem ao Padre procurador Luiz Barreto para que a enviasse para V. Revm. por ella lá poder responder a algum cargo que se lhe fizesse; mas elle, supponho, se desculpou em mandá-la.

O que então (digo) deu a fazenda real, se consumio em o descimento que fiz de uma aldêa de seus matos para a beira do rio onde vivo, e em estabelecimento da dita aldêa, e mais alguma das divas, que dava aos que das aldêas dos matos me vinhão visitar.

cedendo o soffrimento religioso á furia popular. O que visto pelo povo, o seu procurador, vierão dar parte aos tres governadores, deixando guardas ao collegio, para que ninguem sahisse delle, nem tractasse com os Padres sem licença sua.

Vendo pois este zeloso procurador do povo, que ja pelo contrario se não podia temer resistencia, porque o governador estava no Pará, o capi-

houve, não só no Maranhão, mas em todo o Brasil, e não só se leva a si no inferno, mas toda a sua aldéa comsigo.

Ha muitos annos, que está casado *in facie ecclesie*, com uma irmã de outra de quem antes de casar tinha filhos, e depois de casar tem outros, e não só calou maliciosamente este impedimento, mas intimidou a todos os Indios e Indias da sua aldéa, para que não descobrisse o que passava; mas constando finalmente com toda a certeza, e sendo por muitas vezes admoestado, nunca se quiz apartar, nem emendar, continuando com os filhos em ambas as irmãs, desobedecendo igualmente em tudo o mais a seu ordinario e parochos, não os querendo nunca mandar buscar para que lhe dissessem missa, e administrassem os Sacramento como é costume, por ser o caminho por mar, morrendo por esta causa todos os annos muitos sem confissão por sua culpa, e servindo de escandalo aos outros principaes das aldéas, que quando erão reprehendidos, se escusavão com o exemplo e immuniidade do dito Copaua, dando em rosto com elle aos seus parochos.

Pelo que o padre superior da missão, que é ordinario dos Indios das aldéas, como o são em todo o bispado do Brasil os superiores môres da Companhia, resolveu que convinha ser castigado o dito principal, devendo-o fazer assim em consciencia, tanto pelo remedio de sua alma como das dos outros, e pediu ao governador D. Pedro de Mello que elle lho desse o castigo, pois tinha outros crimes de sua jurisdicção em que podia envolver estes. Mas parecendo ao dito governador convir mais que o dito superior o castigasse, e dando-lhe para isso auxilio do braço secular, quando fosse necessario por uma ordem por escripto do capitão-mór do Pará, foi o dito Copaua chamado á dita cidade do Pará, nella preso em ferros, e remetido á fortaleza do Gurupá para estar nella por algum tempo a arbitrio do dito superior, que esperava ver se por esta via achava nelle emenda.

Esta foi a execução de que é accusado o Padre superior daquella missão, sendo tão justa e tão justificada, e houve quem se puzesse da parte do dito Indio, contra seu legitimo prelado, allegando para isso razões todas fingidas e falsas, e o fructo que deste favor e amparo se tem tirado, é estar continuando o dito Copaua com as mesmas irmãs como d'antes.

E quando por esta causa, como accrescenta facilmente o procurador, se retirassem os Indios da dita aldéa, que culpa era de quem fazia o que tinha de obrigação, depois de dissimular tantos annos, e intentar tantos outros remedios.

Mas haverem fugido os ditos Indios para o mato como o procurador afirma, é falcissimo, e notorio como tudo o mais, e a verdade só é, que houve muitos Portuguezes, que lhe aconselhárão que fugissem, mas elles não quizerão, antes indo-os visitar á sua aldéa o superior

Agora não ha com que fazer novos descimentos, nem com que contentar aos que das aldéas do mato me vem ver, mais por buscar anzoes, facas e machados, que por outra cousa.

Estes que descem, ainda nem bem para si trabalhão, Indios domesticos não me dão senão tres do Maracá, e esses inúteis. Diga-me V. Revm. agora que hei de eu fazer mettido em tanta confusão? Todos me dizem que tenha paciencia, porém como a paciencia por mais que seja me não dá farinha, nem facas, nem anzoes, nem machados, que importa a paciencia? As terras dos Tapuyas não têm haveres alguns em que se possa fazer algum dinheiro. O perigo é evidente, porque os Tapuyas pedem, e pedem sem admittir desculpa alguma, e se lh'o não dão desconfião, e se põem quasi em termos de levante.

Quem nos introduzio, e fez vir ordem para estes Tapuyas, que dizem que forão só o Padre João Ferreira e V. Revm., e que tem agora obrigação estricção de orar por elles, representando vivamente a Sua Magestade a sua summa necessidade, e quantas almas se perdem nos matos por falta de soccorros, e dinheiro para elles. Ordens para cá, por mais apertadas que venhão sempre os ministros cá lhe dão alguma interpretação e nunca, ou mal, as cumprem; e só se poderião manter as missões novas, se por espaço de seis annos, desde o primeiro dia de sua fundação, tivessem ao menos 400\$000 de congrua.

Saiu V. Revm. que uma das maiores cousas porque se não acha religioso algum que queira

tão-mór preso, a milícia com cabos de facção, prohibida a venda dos generos que ainda teria o estauque, repartida a polvora para sua defesa, e o povo atemorizado, e que a este bom successo se tinha seguido ainda com mais socego a determinação de lançarem da terra aos Padres da Companhia, porque nem com uma leve razão a havião contrariado, julgou o dito procurador do povo, que era precisa obrigação agradecer a Deos, a

da missão, indo de caminho para o Maranhão, se desculpárão de que não erão complices nas maldades do Copaubá.

RESPOSTA AO DECIMO NONO CAPITULO.

Depois que os Padres entrárão a ter cuidado dos Indios, em nenhuma aldêa se prohibio commerciareem livremente os Portuguezes, excepto sómente na occasião em que se esperavão no Pará os Indios Pochiguáras do sertão, em que por bando do governador e capitão-mór se prohibio que em certas aldêas, nas quaes havião de ser recolhidos os ditos Indios novos se não podesse comprar farinha, para que tivessem que comer quando viessem, posto que a dita prohibição se não guardou como nenhuma outra ordem se guardava, que fosse em utilidade dos Indios e da conversão, e porque os Indios são mui sujeitos a bebedices, e alguns Portuguezes lhe levavão aguardente, pela qual lhe davão muitas vezes até os mesmos machados, e fouces, com o que ficavão sem os instrumentos necessarios para a sua lavoura e sustento, e talvez entravão antes commummente com a mesma aguardente nestes contractos as mulheres e os filhos, vindo-se a rematar tudo em brigas, ferimentos, e algumas vezes em mortes, estranhavão os Padres isto aos ditos Indios, ovelhas suas como erão obrigados, e tambem aos Portuguezes desejavão persuadir levassem aos Indios outra casta de drogas mas esta não, posto que nunca o poderão conseguir.

Em todo o Estado do Brasil é prohibido sob graves penas, ir vender ás aldêas qualquer genero de vinho, e no Pará ainda depois de lá estarmos não só capitães-móres, mas os capitães das aldêas prohibião nellas todo o commercio aos Portuguezes, e disto ninguém se queixava, sendo que aquelles o fazião por seus interesses, e por fazerem elles sós o que prohibião aos outros e não por evitar os peccados e desordens dos Indios, que é o que os Padres desejavão impedir na dita aguardente.

Mas para que se conheça a raiz do sentimento deste capitulo, deve-se advertir que o modo de commerciar dos Portuguezes com os Indios, antes dos Padres irem ao Maranhão, era de um a tres modos.

O primeiro, entrarem nas aldêas e tomarem tudo quanto querião e levarem-no, e se vião qualquer repugnancia no dono, pagarem-lh'o com uma carga de pancadas.

O segundo modo, dos mais timoratos, era tomarem o que bem lhes parecia, e sem aprear, nem contractar, nem saber do dono se queria vender, lhes lançavão aos pés o paga-

vir para os Gamellas, é a summa pobreza delles, juntamente com as importunações de que se lhes dê, e se lhes dê o que pedem, sem o pobre religioso ter de quem o tirar. Muito mais que já agora os nossos têm muito a que se applicar, não se cuida senão de seminarios, de recolhimentos, de casas, etc., para que estas vão em augmento, é que se procurão algumas esmolas, e as almas dos Tapuyas ficão a um canto, não ignorando todos que a salvação dellas é a principal causa que nos traz a este Estado; mas nestes calamitosos tempos todos procurão o allivio e fugir do trabalho.

Quando fui a primeira vez para os Gamellas deixei 11 \$000 em ouro ao Padre Luiz Barreto, procurador das missões, que então era, ordenando-lhe que o remetteste a V. Revm. para me mandar em ferro. Estes navios perguntei pelo ferro, e todos me disserão que não viera, e o Padre Barreto assevera que mandou a V. Revm. o dito dinheira, mostrando ser certo do bórão da sua carta, que escreveu a V. Revm. Pelo que se lá se achão os ditos 11 \$000 V. Revm. me faça graça de me mandar um sininho para a missão, se ficar devendo, pagarei.

Remetto a V. Revm. a relação das cousas mais notaveis que me tem succedido nos Gamellas. Peço a santa benção e SS. SS. de V. Revm. Maranhão, 24 de Agosto de 1753.

De V. Revm. servo muito humilde, Antonio Machado.

Neste arraial recebo a carta de V. Revm. de 15 de Março, e com ella o favor que V. Revm. me faz de dar-me novas suas, as quaes recebi com grande gosto pela certeza que V. Revm. me dá de que se lhe continúa a sua antiga, e costumada saude; permita a infinita bondade continuar-lhe este beneficio pelos largos annos que V. Revm. deseja.

Eu fiz a minha viagem um pouco longa porque o recrutar Indios para supprirem o lugar

fortuna daquelle dia, o que se fez com um *Te-Deum Laudamus*, e missa de acção de graças, que celebrou o vigario da matriz, com repiques de sinos, applaudindo entre si com reciprocos parabens os autores de tão heroicas acções, os bons successos dellas.

Determinarão logo alterar com os mesmos pretextos as Capitánias vizinhas, como são a de Santo Antonio de Alcantara, onde forão os dous

mento que querião que muitas vezes era, um fio de volorios, um anzol, ou uma agulha, em que nenhuma proporção havia com o valor das cousas que tomavão.

O terceiro modo, que se tinha por justissimo, e justificadissimo, se declara pelo exemplo seguinte: no anno de 1632 quando os primeiros Padres desta missão chegarão ao Maranhão, tendo necessidade de uma canôa o Padre Francisco Velloso, que era o superior, mostrou uma que lhe queria vender um Indio ao capitão Bartholomeu Barreiros de Athaide, pessoa das mais antigas e praticas daquelle Estado, para que o informasse como novo na terra do que valia, e o dito capitão lhes respondeu (palavras formaes) esta canôa se a vendêra um branco valia cinco ou seis mil réis, mas como é Indio o que a vende, com quinze ou dezaseis tostões lhe paga Vossa Paternidade, e estes são os tres modos de justiça que o poder dos Portuguezes tinha introduzido no commerciar com os Indios.

E porque depois que os ditos Indios tiverão da sua parte o amparo e patrocínio dos Padres, tiveram também confiança para alguma vez dizer que não querião vender, e para contractar sobre o preço quando vendião e para não consentirem tão facilmente que lhe tomassem por violencia o que era seu.

Isto é o que dóe hoje ao procurador e o que docu sempre a seus constituintes depois que lá virão os Padres.

RESPOSTA AO VIGESIMO CAPITULO.

Nunca no Maranhão houve aviso da perdição de tal navio, e sómente ao cabo de sete ou oito mezes chegou ao Pará uma noticia confusa, que uns Indios disserão a outros, e outros a outros, que abaixo do Cabo do Norte, tinha dado um navio, e outros dizião que dous navios, e outros que tres, e o Padre superior do Para não negou os ditos Indios, que tanto lhe importava irem como ficarem; mas, como indo a dita jornada forçosamente havião de fazer falta aos moradores a quem estavam repartidos, sómente ponderou o dito padre o pouco fundamento, que a nova tinha, e a pouca utilidade que se podia seguir ainda que fosse certa do soccorro que se queria levar em canôas, pois era impossivel ir neste genero de embarcações a taes paragens, além do risco evidente assim dos barbaros, como dos Hollandezes daquelle costa, com este discurso se persuadirão os que nisso começavão a fallar, e o effeito mostrou a verdade do dito discurso, porque quando a incerteza desta nova chegou ao Pará, já os Portuguezes do dito navio estavam em Indias de Castella, como

dos que desertarão, e o refazer-me de farinhas, me fez tudo ter vinte e sete dias de falhas apesar de tudo porem, cheguei a esta aldêa sem mais incommodo que aquelle preciso e natural que se devia esperar, de uma tão larga navegação, feita em uma miseravel canôa.

Aqui me conservo pela mercê de Deos com a saúde que basta para ir dando as providencias que julgo precisas para receber os hospedes que já espero com impaciencia, Deos queira que cheguem, e que concluamos este importante negocio, sem as longas demoras, que V. Revm. diz tem havido no Sul.

O mesmo caracter que V. Revm. faz ao novo bispo do Maranhão lhe dão todas as cartas de Lisboa que me fallão nelle, Deos queira conservar-lhe todas estas virtudes para apascentar o seu rebanho, e dar-nos a todos exemplo.

Não tive mais noticia da fundação do seminario da villa Viçosa do Cametá, do que esta que V. Revm. agora me participa, e como subio a consulta, não deixará Sua Magestade de deferir com ineffectivel justiça, e com a incomparavel piedade que lhe é natural.

Bem creio que meu irmão ha de ter trabalho, porém quem tem semelhantes occupações não deve estar ocioso, o ponto está que Deos lhe dê saúde, porque a lida é precisa nas obrigações do seu officio.

Veja V. Revm. se nestes matos tenho em que possa servi-lo, porque sempre me empregarei neste exercicio com a mais obsequiosa e fiel vontade.

Deos guarde a V. Revm. muitos annos. Arraial de Marivá, 6 de Julho de 1755. — Muito obsequiado venerador de V. Revm. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Revm. Sr. Bento da Fonseca.

procuradores do povo, e á do Grão-Pará, para onde partio outra pessoa de semelhante zelo. E arribando este ao Maranhão, por lhe fugirem os remeiros, os dous procuradores chegarão a Tapuitapera, e intimarão aos da Capitania de Santo Antonio de Alcantara os seus intentos, mas sem o fructo que esperavão; porque o capitão-mór Henrique Lopes, e o senado da dita

podem testemunhar alguns delles, que hoje se achão na cõrte, os quaes acresentão, que não era possível ir do Pará, á paragem donde elles deraõ. O apothema de que quantos menos Portuguezes lá houver, tantos menos inimigos terão os Indios, uão o disserão os apóstolos, mas poderão-no dizer os evangelistas.

RESPOSTA AO VIGESIMO PRIMEIRO CAPITULO.

O dos dizimos é tão falso como o demais, porque nunca subirão a tão alto preço como nos annos proximos ao levantamento, e se alguém disser, que no anno do alevantamento não houve quem os arrendasse no Pará, é falso, porque Manoel David Souto-Maior os quiz arrendar, e mandou lançar nelles por Manoel Guedes Aranha, e foi fama, que não quizerão receber o lance, porque querião alguns ministros, que os ditos dizimos lhes passassem pelas mãos, e de facto se licarão com elles, sem assegurar a Sua Magestade a quantia, que offercia o lançador.

E quanto á carestia, e esterilidade das farinhas, quando os Padres partirão do Maranhão também as fontes não davão agua, e o mar não dava peixe, e quem causava esta esterilidade em um elemento, também o podia causar n'outro. O certo é, que os menos apaixonados attribuião isto aos peccados daquelle anno.

RESPOSTA AO VIGESIMO SEGUNDO CAPITULO.

O Padre Manoel de Lima era commissario do santo officio, e os poderes e segredos que tinha daquelle sagrado tribunal, não lh'os deixou em testamento por sua morte; e assim não respondemos ao que lhe toca neste capitulo.

O sargento Manoel Coutinho, que é cunhado do procurador, no anno de 1683 foi á aldêa de Nossa Senhora da Conceição, que estava dada aos Padres pela provisão de Sua Magestade, e na porta e adro da igreja, prendeu um Indio chamado Custodio, por elle não querer que lhe tirassem de casa sua mulher, e como este crime é um dos que gozão da immunnidade da igreja, disserão os Padres que alli estavam ao sargento, que o largasse por se não excomungar; e quando o superior dos ditos Padres o quizesse prender, exresso era este que pertencia a jurisdicção ecclesiastica, e bastantes erão os poderes do bispado do Brasil, para não haver de recorrer aos do santo officio.

RESPOSTA AO VIGESIMO TERCEIRO CAPITULO.

Em que lei, ou em que regimento são obrigados os Padres a levar escolta, quando vão ao sertão? O que ordena Sua Magestade é, que quando os missionarios houverem mister escolta, e a pedirem, que sejam obrigados os governadores a lh'a dar, porque a es-

Rev. Padre Bento da Fonseca: Novamente protesto a V. Revm. a constancia e firmeza da minha palavra a respeito da pratica, que hontem tivemos, porque em todo o tempo será a veneração a sagrada Companhia de Jesus, especialissima empreza dos meus pensamentos; mas debaixo deste mesmo protesto peço a V. Revm. se não canse em persuadir ao Padre Fr. Francisco queira seguir o partido da união que se tinha ajustado; porque eu olhando para a contumacia destes religiosos, estou evidentemente convencido que só uma determinação regia acabará de vencer a sua teima. Assim o pratiquei hoje ao Revm. Padre José Moreira, ao qual certifiquei, e o mesmo faço a V. Revm. que de todas as ordens, se acaso as houver, ficará sempre isenta essa religiosissima Companhia, e só eu me não eximirei de a venerar em todo o tempo, e de obedecer sempre a V. Revm. que Deos guarde muitos annos.

S. Domingos, hoje sabbado. De V. Revm. mais obrigado, fiel e profundo venerador, Frei Miguel, bispo do Pará.

Ao mesmo tempo que conheço a indignidade do meu merecimento, e que sem embargo della V. Revm. me continúa o estimablissimo favor das suas letras em todas as occasiões que se offerece portador para esta conquista, verdadeiramente me confundo, vendo que não posso cabalmente satisfazer tantas obrigacões; mas servindo-me neste caso de desculpa a minha impossibilidade, se as não satisfazer como devo, o farei como posso, que

Capitania, responderão uniformes, que nem havião de negar a obediencia ao governador do Estado, nem ter parte na expulsão dos Padres da Companhia, promettendo sómente consentir com os do Maranhão na repulsa do estanque.

No entretanto desta ausencia dos procuradores do povo, se ia já elle

colta se dá sómente para a segurança dos prigadores do evangelho; mas em caso que assim fôra, a que sertão foi o Padre Antonio Vieira sem escolta, ou em que parte fez um só escravo para si, nem para outrem? O dito Padre foi quatro vezes ao sertão e sempre levou escolta, e cabo della. A primeira vez, no fim do anno de 1653 ao sertão dos Iquiquaras no Rio dos Tocantins; e foi capitão da escolta Gaspar Gonçalves Cardoso, e não se fez nenhum escravo. A segunda vez, foi pelo Rio das Amazonas até os Tapa-jós, e foi cabo da escolta Manoel David Souto-Maior, e não se fez nenhum escravo. A terceira vez, aos Nheeneaiabas, e foi o cabo da escolta o sargento-mór Manoel Guedes Aranha, e não se fez nenhum escravo. A quarta vez, foi ao sertão da serra do Ibiapaba, e foi cabo da escolta Jorge Corrêa da Silva, e ainda que se fizerão alguns escravos conforme a lei de Sua Magestade, nem um fez o dito Padre, nem para si, nem para outrem, testemunhas de tudo são os ditos cabos, e quantos ião com elles. E para maior prova deste desinteresse dos missionarios da Companhia, e maior confusão das falsidades, que se dizem neste papel; é de saber, que além das quatro jornadas referidas, fizerão outros missionarios da Companhia nove missões diferentes, por diversos rios e lugares, e fazendo nestas missões mais de dous mil escravos, nem um só quizerão os ditos Padres para si, nem para a sua religião, tanto assim, que repartindo-se no Pará em certas entradas, pelos conventos, quatro resgates de escravos a cada um, o superior da Companhia, que era o Padre Manoel Nunes, renunciou o direito dos quatro que cabião ao seu collegio, e o deu ao Padre Frei Luiz Machado provincial do Carmo, que está neste reino. E neste mesmo tempo sendo-lhes necessários nos ditos Padres missionarios alguns escravos para servirem nas obras sobreditas, e em uma roça de mandiora, que tem no Maranhão, e outra que querião fazer no Pará, sendo assim, que cada escravo no sertão se compra por menos de dous mil réis, e no Pará e no Maranhão por trinta e quatro mil réis, e ainda por maiores preços, os ditos missionarios, com exemplo que nunca antes delles houve, nem haverá; depois comprirão todos os que houverão mister no Pará, e no Gurupá, pelos ditos preços como é publico e notorio nestes dous lugares, só porque conhecesse o mundo, que das missões que fazião pelo bem das almas, não se aproveitavão de nenhuma conveniencia, ainda que fosse tão licita. E na mesma forma comprirão ultimamente alguns escravos, que lhe forão necessários no Gurupá, para pagar aos officiaes, que trabalhavão no collegio do Maranhão, e os bois que tinham comprado para carrear a pedra, por não quererem os sobreditos, o pagamento em outra especie senão em escravos, como é tudo publico e notorio, e consta das escripturas.

RESPOSTA AO VIGESIMO QUARTO CAPITULO.

O que se refere neste capitulo foi, que sendo o Padre Francisco Velloso superior da casa do Pará, e juntamente o vigario da vara, com poderes de vigario geral, os quaes delegou

é publicar as continuas honras, que em toda a parte recebo de V. Revm. e de toda a Companhia.

Como na presente fructa se transportão alguns religiosos para esse reino, elles informarão plenamente a V. Revm. de todas as materias respectivas a este Estado, para que V. Revm. se acabe de persuadir que o vaticinio que V. Revm. fez, a respeito do augmento delle no tempo do meu governo, foi um mero effeito daquelle parcial affecto, que devi sempre a V. Revm.

Até agora ainda não appareceu na minha presenca a causa da liberdade, em que V. Revm. me falia. Nella e em tudo o mais que disser respeito á Companhia, pôde V. Revm. suppor que hei de estimar muito ter qualquer occasião de exercitar a minha sincera vontade dentro dos limites da razão, e da justiça.

Não posso encarecer a V. Revm. o quanto vivo obrigado ao Revm. Padre José Moreira, nem serão nunca bastantes as minhas expressões para publicar parte do que lhe devo. Mas é tal a minha infelicidade, que me repoz em uma parte do mundo, onde não pôde ser util o meu prestimo, nem ter o gosto de exercitar a minha obediencia na execução dos seus preceitos. Sempre espero que V. Revm. me felicite com os seus, dando-me repetidas occasiões em que possa servir a V. Revm. que Deus guarde muitos annos.

Pará, 9 de Setembro de 1755. — De V. Revm. mais fiel obrigado e reverente venerador, Frei Miguel, bispo do Pará, Revm. Padre Manoel Bento da Fonseca.

moderando, na determinação de espulsarem os Padres, porque enfraquecida a primeira furia, se dava muito a ver a razão que os arguia. Mais depois de chegados os procuradores, tornou a tomar forças a mesma teima contra os Padres, porque estranharão estes ao povo, as mostras de seu arrependimento, e tornarão a repôr na repulsa começada, servindo-se para isso de terríveis ameaças com que os intimidarão. E receiando os pro-

nelle o licenciado Domingos Vaz Corrêa, e o dito Padre os aceitou em sua ausencia, por serviço de Deos, e pela falta que costuma haver naquella terra de pessoas idoneas para semelhantes cargos. Succedeu que estando publicamente emancipada com um Portuguez uma India de nação Poquiguara, sem bastarem nenhuma diligencia, nem admoestações para se apartarem, o dito Padre obrigou com pena de excommunhão ao dito Portuguez, a que a lançasse de casa, e a puzesse na sua aldeia, onde os principaes da sua propria nação requerendo ao Padre que lhe dêssem licença para acontarem a dita India, para exemplo das demais; o dito padre lhe concedeu a dita licença por ser tão justa, e elles a acontarão sem excessos por estar o dito Padre, em parte que ouvia os acontes, e lhes mandou dizer quando bastavão. Aqui se deve advertir, que semelhante castigo em taes mulheres naquella terra, não tem a indecencia que n'outras partes se pôde considerar, e assim se definiu em synodo que se celebrou em Gôa. Succedeu pois, que depois do dito castigo adoeceu, e morreu a dita India, como pudera adoecer, e morrer a inda que não fôra castigada: se bem houve opinião, que ella emperrára de sentimento, e se matára com pegonha, não em razão dos acontes (que nesta gente não é affronta) mas pela a haverem apartado do amigo, em cujo tracto e tava mui obstinada. E como o successo foi este, ainda em caso, que a morte se seguiu por occasião dos acontes e castigo sendo dado por juiz ecclesiastico, não tinha o juiz ordinario secular que conhecer delle, e foi a causa do Padre lhe escrever com muito desengano.

RESPOSTA AO VIGESIMO QUINTO CAPITULO.

Este ultimo capitulo assim como é mais largo, assim tem mais e maiores falsidades a que responderemos parte por parte, começa o procurador este capitulo dizendo, que pelos excessos acima referidos tão em desserviço de Deos, e de Vossa Magestade, fizeram o que fizeram, nos quæes chamados excessos, deduzidos em vinte e quatro capitulos, se deve considerar as evidentes falsidades com que forão minutados, e escriptos, e apresentados a Vossa Magestade pelo dito procurador, só para ver se pôde dar alguma cõr a uma acção tão exorbitante, tão sacrilega, e tão barbara, como a de tirarem os parochos de suas igrejas, e os religiosos dos seus conventos, e os prenderem e desterrarem juntamente com elles, a doutrina e pragação da fé, só por defenderem as leis de Deos, e quererem que as de Vossa Magestade se guardassem contra a tyrannia e cobiça dos ditos moradores; e para prova de que tudo foi inventado por elles, para darem cõr a tamanho excesso, basta por exemplo levantarem ao Padre Antonio Vieira, e jurarem em devassa como elle era traidor a esta corõa, e que queria entregar o Estado do Maranhão aos Hollandezes, e que tinha tracto com elles para isso, e de facto o mandarão preso como traidor, a entregar aos commissarios da casa da supplicação de Li-boia, ou a quaesquer outras justicas, onde o navio aportasse, e quem se atreve a levantar, jurar, e excusar isto, que falsidade não dirá? Nas respostas dos subreditos capitulos fica particularmente demonstrada uma por uma, a temeridade, e falsidade de todos elles com evidencia notoria: mas dado e não concedido, que as culpas deduzidas nos ditos capitulos fossem verdadeiras.

Deve-se considerar muito em segundo lugar, que nenhuma ou quasi nenhuma das ditas chamadas culpas, pertence aos Padres da Companhia: porque os do primeiro, do segundo, do terceiro, do quarto, do sexto, do decimo sexto capitulos pertencem aos conselhos de Vossa Magestade, que mandou passar as leis, e regimentos do que nos ditos capitulos se tracta. As do capitulo setimo, oitavo, nono, decimo segundo, e decimo setimo pertencem ao governador Andr. Vidal, e ao ouvidor do Estado, que derão a sentença e degradarão, tratarão ou remetterão a esta cõrte os presos. As do capitulo dez, onze, dezoito, vinte e dous, e vinte e quatro, pertencem ao cabido da Bahia, e ao vigario conservador, e aos delegados do dito vigario geral e cabido, que fizeram as execuções ecclesiasticas, que nos ditos capitulos se contém. As do capitulo quinto, decimo quarto, e decimo quinto, pertencem aos principaes das aldeias a quem, e não aos padres (como fica mostrado, incumbia

curadores do povo, que a detença da saída dos Padres pudesse causar alguma variedade nos conjurados, forão repetir ao collegio a ordem da expulsão, apressando as disposições necessarias para se effectuar.

Nesta occasião tendo para si os Padres, que já o tempo teria modificado a fereza daquelles animos, disserão aos procuradores do povo, que visto não ser outra a queixa que delles tinham, mais que o cuidado do temporal

a obrigação de dar os Indios da repartição aos moradores. As do capitulo vinte pertencem ao capitão-mór do Pará, por lhe parecer bem o discurso do superior da Companhia, e não haver possibilidade nem fundamento para se mandar o soccorro de que se tracta no dito capitulo. Finalmente a do capitulo vinte um (que só a innocencia de Deos faltava ser culpada nestes capitulos) pertence ao mesmo Deos, que com sua providencia e justiça, dispensa a novidade dos annos, e as abundancias e esterilidades, como é servido. Assim que as sobreditas culpas não cahem sobre os Padres da Companhia, senão sobre as pessoas ou divinas, ou reaes, ou ecclesiasticas, ou politicas, que fizeram as ditas execuções, e a quem de direito pertencião. E para o dito procurador as perfilliar de algum modo aos Padres da Companhia, cujas não erão, diz que as fez Vossa Magestade, e o governador, e os outros ministros e ecclesiasticos, e seculares, por contemplação, vontade e gosto, do Padre Antonio Vieira, mas se não querião entre si um homem de tão máo gosto, como o dito Padre, por que se não contentarão com o lançar fora do Maranhão, a elle só, e porque lançarão aos demais?

Dado outrossim, e não concedido, que as ditas chamadas culpas fossem verdadeiras culpas, e verdadeiramente pertencessem aos ditos Padres, e fossem elles os autores de todas as cousas, que nos ditos capitulos se deduzem, deve-se considerar em terceiro lugar, que as ditas chamadas culpas por mais, que o dito procurador lhes ponha nome de grandes excessos, e desserviços de Deos, e de Vossa Magestade, nenhuma proporção tem com a verdade, ser expulsada por ellas uma religião, ainda que não fosse uma religião como a Companhia de Jesus, e ainda que não estivessem nella pessoas de tanta autoridade: e ainda que não fosse expressamente mandada por Vossa Magestade, e ainda, que não tivesse a sua conta a doutrina e conversão de todos os Indios christãos, e Gentios, que era razão para se lhe guardar todo o respeito, e respeitos quando por nenhuma outra via o mereçera. O mais que devêra fazer no dito caso negido a camara do Maranhão, era propôr dos superiores da Companhia as queixas, que da sua religião tinham: e se entendião, que as leis e regimento de Vossa Magestade, por sua parte se quebravão em alguma cousa, requerer-lhe e protestar-lhe a inteira observancia dellas: e quando os ditos religiosos depois de advertidos, requeridos, e protestados não dissem satisfação ás ditas queixas, então se podia recorrer a outros meios. Mas nunca, nem neste, nem em nenhum outro caso ao da expulsão. Quatro superiores maiores houve nestes nove annos nas missões do Maranhão, que forão o padre Francisco Gonçalves, o padre Manoel Nunes, o padre Matheus Belgado, e em differentes tempos o Padre Antonio Vieira, e nunca os moradores daquelle Estado fizeram aos ditos superiores o menor requerimento, ou protesto, salvo nos principios destes mesmos levantamentos, um requerimento ao padre Ricardo Careu, superior da casa do Maranhão, com pretexto de que se havião repartir Indias, que era contra a mente do regimento de Vossa Magestade, e outro requerimento no Pará, ao padre Antonio Vieira, com pretexto de que naquelle anno se havia de fazer outra entrada ao Rio das Amazonas, sómente para resgate de escravos, repugnante o superior das missões, e contra a conveniencia dellas, que tambem é, e ainda mais expressamente contra o dito regimento, e estando estas duas causas devolutas a Vossa Magestade, como não tinham nellas justiça alguma, nem fundamento de verdade, quizerão elles antes executar a impiedade da sua sentença, que esperar a justiça de Vossa Magestade.

Finalmente concedido aos ditos moradores livre, e liberalmente, tudo quanto dizem, e quanto podem querer dizer, ainda que os ditos missionarios totalmente lhe negarão o seu serviço, e remedio assim dos Indios livres, como dos escravos nenhum fundamento, nem necessidade tinham para lançarem de seus conventos aos ditos religiosos, porque elles não lhes atavão as mãos, nem th'as podião atar, para que não fossem ao sortio fazer os resgates, e escravos, que quizessem, como de facto fazião muitos ecclesiasticos, e seculares, nem menos th'as atavão, e podião atar para que não fossem as aldeas, tomar e levar os Indios que lhes parecessem, como tambem fazião livremente em todas as aldeas, onde não

dos Indios, elles cedião dessa administração, deixando a ordem do governo e camara assim como desejavão. Não foi admittido este concerto offerecido pelos Padres, para os não inquietarem: porque um dos procuradores persistindo no primeiro intento, respondeu por si, e pelo povo, a quem representou a seu modo a condição do socego, que se offerecia por parte dos Padres, que não convinha deixar o que estava principiado, pelo que

residião os ditos Padres, e nas mesmas em que residião. Mas quando ainda esta residência dos Padres lhes parecesse impedimento, ou estorvo algum para as execuções de seus intentos, com tirarem os Padres das aldeas, e os mandarem para seus collegios, ficavão absolutos, livres e desembaraçadamente senhores de tudo, sem ser necessario passar ao extremo de os lançarem tambem de seus collegios, onde nenhum impedimento lhes fazião, nem podião fazer.

Do que tudo se vem acolher, e concluir evidentemente, que os moradores do Maranhão não lançarão daquelle Estado aos religiosos da Companhia por excessos alguns como elles dizem, que os ditos Padres commettessem contra o serviço de Deos e de Vossa Magestade, mas só por serem religiosos e missionarios da Companhia, que elles conhecem serem zelosissimos defensores da conversão, e liberdade dos Indios, de cujo sangue os ditos moradores vivem, e se sustentão como abaixo mais largamente se dirá. E se não digão os ditos moradores, porque tractarão tantas vezes de lançar do dito Estado aos ditos religiosos da Companhia, em tempo em que não tiñão, nem podião ter feito cousa alguma daquellas, porque neste papel os accusavão.

No anno de 1618, vierão ao Maranhão os primeiros Padres da Companhia, que forão o padre Diogo Nunes, e o Padre Manoel Gomes que tiñão vindo com o capitão-mór Alexandre de Moura, a conquista do mesmo Estado. succedeu pois, que partida outra vez a armada, alguns dos soldados dos que alli se deixarão de presidio, fugião por terra para Pernambuco, e tomando a cobiza occasião desta fugida, levantarão aos Indios Tremembés, que são os habitantes daquellas praias, que elles tiñão comido aos ditos soldados. e por esta causa lhes fizeram guerra, matarão e captivarão muitos delles, e porque aos ditos Padres lhe não pôde parecer bem uma tão grande injustiça, e de tão ruim exemplo e consequencia para a conversão daquelle gentilidade, logo no principio della, e porque assim o disserão e estranhárão os ditos Padres a Jeronymo de Albuquerque que alli tinha ficado por capitão-mór, foi tal a perseguição, que contra elles se levantou, que obrigados se embarcárão para ir dar conta a Madrid, por via de Indias de Castella, onde morreu o dito Padre Diogo Nunes; e foi esta a primeira vez, que a missão do Maranhão padeceu, e morreu ás mãos dos seus moradores, e os ditos Indios Tremembés ficarão fóra, e são ainda hoje inimigos cruéis dos Portuguezes, e tem morto infinitos delles.

No anno de 1624, chegarão ao Maranhão, o Padre Luiz Figueira e o Padre Benedicto Amodéi, e sem lhes valer o sagrado do dia em que chegarão, que foi sexta-feira maior, naquelle mesmo dia se amotinárão todos contra os ditos Padres, que erão mandados de ordem de el-rei, pelo governador Diogo de Mendonça Furtado, e depois de grandes injurias publicas que lhes fizeram, e disserão, assim os receberão por força, não como missionarios da Companhia, mas como conselheiros do novo capitão-mór que então ia Antonio Moniz Barreiros, por levar o dito capitão-mór em um capitulo de seu regimento dado pelo governador, que nas materias de maior importancia tomaria e seguiria o parecer do Padre Luiz Figueira.

No anno de 1642, depois de ter vindo a este reino, chegou segunda vez ao Estado do Maranhão, o dito padre Luiz Figueira, com provisão, e ordem de Sua Magestade, para ter a sua conta e doutrina, e administração dos Indios, e posto que não entrou na cidade do Pará, e o navio se perdeu, e elle e seus companheiros forão comidos dos barbaros, já na dita cidade estava ordido, e ordenado um motim para se alevantarem contra o dito Padre, e lhe não permittirem o exercicio da doutrina, e administração dos ditos Indios.

No anno de 1653 poucos dias depois de chegada o Padre Antonio Vieira com seus companheiros ao Maranhão, por occasião do capitulo da liberdade dos Indios, procurada pelo vigario geral Matheus de Sousa Coelho, fizeram tambem motim, arremettendo ao collegio, e bradando que fossem os Padres lançados fóra, logo em uma canoa estroncada, por não haver navio apparelhado para partir. No anno de 1655, quando segunda vez chegou ao Maranhão o dito Padre com a ultima lei e regimento de Vossa Magestade, tambem chamarão o povo e a camara no dia da festa do Corpo de Deos, por ser maior o ajunta-

elles pateavão; porque isso seria grande desdouro de sua resolução, ainda tão fresca, e se cuidaria, que a repentina mudança do que já estava assentado, nascia de alguma indecente variedade do juizo.

Intentarão segunda vez a jornada do Pará, porque lhes convinha muito o alevantamento daquella Capitania, para não ficar parcial a do Maranhão; e a esta empreza foi um ecclesiastico, que escolhêrão de commun consen-

mento, e já o motim estava começado, mas acudio a elle o governador André Vidal, mandando retirar os ecclesiasticos (alguns dos quaes naquella manhã tinham exhortado do pulpito) e reprehendendo e ameaçando os officiaes da camara como merceiros, e Vossa Magestade lhes ordenava.

Não digão logo os moradores do Maranhão, que lançarão fora os padres da Companhia por lhes não guardarem as leis de Vossa Magestade, pois elles se amotinarão sempre contra os ditos padres, e contra as ditas leis, ainda nos tempos em que nem elles as podião quebrar, nem ellas podião ser quebradas, pois se amotinarão duas vezes contra as leis na sua publicação, e tres vezes contra os padres na sua entrada, assim que os excessos que foram causa deste excesso, são os excessos da maldade, da cobiça e da tyrannia inventada dos ditos moradores, a qual sempre esteve aguardando uma boa occasião em que não houvesse quem lhe impedisse seus intentos, e aproveitou-se della tanto, que a teve.

A outra falsidade do procurador, é dizer que os padres lhe tomãrão suas cartas enviadas a Vossa Magestade, e tem obrigação de dizer e provar por meio de quem e quando, e será facil a dita prova mandando Vossa Magestade, que nomee as pessoas a quem entregãrão as cartas, que ordinariamente sendo para Vossa Magestade, ou seus conselhos, se não entregão sem recibo, e das ditas pessoas quando assim fosse, se saberia com facilidade quem tomou as ditas cartas. Mas é evidentemente impossivel que se tomassem, sendo a primeira obrigação dos mestres levarem-nas ao secretario do conselho ultramarino, a qual obrigação elles nunca faltão pela dependencia que tem do dito conselho, e sendo tantos os navios e os mestres, e não vindo as cartas do Maranhão, ainda as de menor importancia, só por uma via, senão por duas, e por tres, e vindo repetidamente a esta corte do mesmo Estado tantas pessoas ecclesiasticas e seculares, e tão confidentes dos mesmos moradores, que foram os que no motim mais os ajudarão, se vê claramente a falsidade e malicia com que quer de alguma maneira dar côr ao que não tem nenhuma; e assim como por occasião da lei da liberdade dos Indios no anno de 1633, mudarão a Martim Moreira, e a Manoel Guedes, os quaes foram tão benevolamente ouvidos de Vossa Magestade e seus ministros, porque não mandirão tambem outros procuradores sobre estes que elles chamão excessos dos padres, a malicia clara e descoberta desta resolução, e muy publica em todo o Estado, é conhecerem os moradores delle, que não tinham causa justa, nem razão ou apparencia della para Vossa Magestade lhes conceder o que pretendião, por isso se quizerão elles fazer os reis, os juizes e os executores, do que desejavão; e sobre esta mesma acção dizem que os padres da Companhia são os que tomão o dominio e jurisdicção de Vossa Magestade.

No mesmo conselho ultramarino está a prova da segunda parte desta falsidade em que diz, que as queixas dos moradores daquelle Estado (por lhe haverem tomado os papeis) não chegavão a Vossa Magestade, constando, que no anno de 1637 mandou Vossa Magestade dar vista pelo conselho ultramarino ao padre Francisco Ribeiro, procurador geral do Brasil, de um papel de capitulos de maior numero, mas de igual falsidade, os quaes capitulos continhão como delles se pôde ver estas mesmas queixas, que agora se renovão, e porque o dito procurador só com as ditas informações geraes que tinha dos procedimentos dos padres, deu sufficiente satisfação a tudo, mandou Vossa Magestade fazer justiça, não deferindo aos ditos capitulos por lhe constar da falsidade e calumnia delles, antes restabeleceu na mesma occasião suas leis e ordens em favor dos missionarios, mandando cartas ao governador em que de novo lhe recommendava a observancia das ditas leis, e regimento, e pela junta da propagação da f. mandou outrossim Sua Magestade, que algumas pessoas ecclesiasticas, que desta corte voltavão ao Maranhão, fizessem termo de em nada contrariar, nem por si, nem por seus subditos as ditas leis, sob pena de Sua Magestade mandar tirar do dito Estado aos que nesta desobediencia se achassem comprehendidos. De sorte (que é muito de notar) que estas mesmas queixas porque os moradores do Maranhão dizem expulsãrão aos religiosos da Companhia, já estavam representadas a Sua Magestade, e já no tribunal do conselho ultramarino se tinha tomado conhecimento dellas,

timento, o qual depois de se dizer uma missa ao Bom Jesus, pedindo-lhe auxilio para aquelle seu grande serviço, partio muito animado ao fazer, e na despedida recommendou com muitas razões de persistencia a continuação do começado. Teve disto noticia o capitão-mór de Tapuitapera, e fez aviso ao Pará, da embaixada que lhe mandavão do Maranhão, para se prevenir o governador do Estado com as cautelas convenientes a tão estranha

e se tinha dado vista ao procurador dos missionarios, e ouvido sua resposta, e porque Vossa Magestade julgou, que não havia fundamento nas ditas queixas, rara se deferirem a ellas, nem para o que os moradores pretendião, appellarão os ditos moradores para si mesmos, e fizeram por somma violencia o que nenhum príncipe do mundo tinha justiça para fazer. E depois de tudo isto passar na verdade, não em ausencia, senão na presença de Vossa Magestade, e do mesmo conselho ultramarino, se atreve o dito procurador não só apparecer, mas a dizer, que estas noticias não chegarão a Vossa Magestade porque os Padres lhes tomarão as cartas.

Mas tornando ao tomar das cartas, isto que falsamente impõem aos Padres da Companhia, é crime em que elles enormissimamente, e muitas vezes têm incorrido com tão pouco respeito de vassallos, como se não tiverão rei. Porque além do caso referido na resposta ao capitulo segundo, no anno de 1639, dando conta o Padre Antonio Vieira a Sua Magestade, assim por via de seu confessor, como por cartas dirigidas a sua real pessoa, e outros papeis, que começavão: Senhor, um frade do Carmo que trazia procuração dos moradores daquelle Estado, sendo o navio tomado pelos D. Carquezes, tomou elle as ditas cartas, e as abriu, e guardou, até a morte do dito confessor bispo eleito do Japão, e depois della, as remetteu ao Maranhão onde se registrarão nos livros da camara. E fazendo dellas muitos traslados, as espalharão pelas mãos de todos, interpretando-as sinistramente e amotinando com ellas o povo, e o dito procurador as trouxe a esta corte, e as apresentou ao no conselho ultramarino, ou a alguns conselheiros do dito conselho, como se não fora tribunal do mesmo rei, a quem se fez a injuria, e desacato de se tomarem, abrirem, lerem, e publicarem os papeis escriptos a sua real pessoa, e por seus ministros e de seu mandado.

Com o mesmo atrevimento, e injustiça, mandando o Padre Antonio Vieira, depois do levantamento do Maranhão, com cartas suas a Vossa Magestade, ao Padre Bento Alvares, a quem fez seu procurador, naquella occasião lhe tomirão as ditas cartas como também lhe tinham tomado outras a si mesmo escriptas a Vossa Magestade, que tinha entregues ao vigario geral Bechior da Costa Coelho, dizendo todas no subscripto a el-rei nosso senhor em sua real mão. E requerendo o dito Padre procurador enviado, que o deixassem vir na mesma caravella, em que veio o dito procurador do Maranhão, nem elle, nem os ditos moradores lh'o quizerão permittir, sem embargo de muitos protestos, que lhes fez em particular, e em publico, de palavra e por escripto, para que lhe não impediassem o recurso a Vossa Magestade como a seu rei e senhor natural, o qual recurso elles lhe impedirão sempre obstinada, e maliciosamente para que o dito seu procurador sem opposição alguma pudesse espalhar e publicar por toda esta corte, todas as falsidades, que quiz, e fazer odiosos a todos os ditos Padres e seus requerimentos.

Diz mais no sobredito capitulo em respeito dos Padres missionarios, que elles ditos moradores do Maranhão, forão os que recuperarão aquelle Estado dos Francezes, e Hollandezes, e posto que se lhe não nega o merecimento que nisto tiverão (os que o tiverão) é bem que se conheça, nem elles o podem negar, que os primeiros e principaes instrumentos de todas estas acções forão os Padres da Companhia, porque no anno de 1603, forão os Padres Francisco Pinto e o padre Luiz Figueira por ordem do governador do Brasil, Alvaro de Carvalho, fazer pazes com todos os Indios do Ceara, que naquelle tempo erão muitas nações, e todas estavam rebelladas contra os Portuguezes por algumas violencias, que lhe tinha feito um capitão de Pernambuco, Fulano Coelho, que por esta causa veio em ferros ao Lincoeiro de Lisboa onde morreu, e feitas felizmente pelos ditos padres as pazes, vierão os mesmos em demanda do Maranhão por terra, sendo elles os primeiros Portuguezes, que intentarão esta conquista: e detendo-se nas serras do Ibiapaba, doutrinando aquelles Indios, os Tapuyas matarão ao padre Francisco Pinto, o qual depois de ser sepultado com grande veneração dos Indios, forão traslados seus ossos para as aldeas do Ceara, onde Deos os illustrou com muitos milagres, que estão authenticos, e se podem ver na vida do dito Padre Francisco Pinto, escripta pelo Padre Eusebio Vierenberg, e foi a morte do

novidade; e porque os conjurados souberão deste aviso do capitão-mór Henrique Lopes, corria voz, que o mandavão vir preso, e se não sabia até aquelle tempo se o havião feito, ou se elle com alguma noticia desta resolução se havia ausentado.

Tornarão ao collegio os procuradores do povo, e arguindo aos preladados, de haverem mandado o Padre Pedro Peúrosa ao Pará, com aviso do

dito Padre tão sentida pelos Indios da Serra, sendo que ainda não erão baptisados, e tão abominada por elles á crueldade dos Tapuyas, que por esta causa se deliberarão a fazer-lhe guerra e os matarão, e extinguirão a todos sem ficar nem memoria delles, que é bom exemplo para o sentimento, que devem fazer nas injurias dos ministros da fé os principaes políticos e catholicos.

E no anno de 1613 sendo governador do Brasil Gaspar de Sousa, que então residia em Pernambuco por ordem de el-rei Felippe III, forão mandados ao Maranhão os Padres Manoel Gomes, e Diogo Nunes como fica dito, em companhia do capitão-mór Alexandre de Moura, com muitos Indios das aldeas da doutrina dos ditos Padres, para acabar a guerra, que no anno antecedente tinha começado Jeronymo de Albuquerque contra os Francezes, que erão senhores de toda a ilha do Maranhão, e terra firme, e tinham da sua parte a todo o Gentio, a maior parte dos quaes erão Tupinambás, inimigos dos Portuguezes, que obrigados de nossas armas se tinham retirado de Pernambuco, e chegando a armada a avistar o Maranhão, os primeiros dous homens della, que por ordem do dito Alexandre de Moura saltarão em terra; forão os ditos Padres com os seus Indios, e por meio da falla, que tiverão com o dito Gentio, o reduzirão todo a sujeição e amizade dos Portuguezes, com que os Francezes enganados, e desesperados, se renderão no mesmo dia, e nunca mais se atreverão a continuar a dita empreza como se tem visto até hoje, devendo-se a principal parte deste successo aos ditos Padres como confessa o dito Alexandre de Moura em sua certidão.

No anno de 1624 o Padre Luiz Figueira, e o Padre Benedicto Amodei forão ao Maranhão como fica dito, em companhia do capitão-mór Antonio Moniz Barreiros, conforme a ordem que tinha de el-rei, Diogo de Mendonça Furtado que então era governador do Brasil, desde o dito anno até o de 1642 os ditos Padres com o Padre Lopo do Couto e seu companheiro, que os vierão ajudar, se occuparão sempre com grande trabalho na cultura dos naturaes, e doutrina dos Portuguezes e seus filhos, os quaes naquello tempo estavam totalmente rudes, e sem conhecimento ainda dos principios da fé, por falta de parochos e doutrina, e em todo este tempo entre os demais religiosos, que erão de grande zelo e exemplo como é notorio, floresceu em admiravel santidade, e evidentes milagres, e espirito de prophesia, o Padre Benedicto Amodei, vulgarmente chamado o santo.

No anno de 1633 foi o dito Padre Luiz Figueira, superior daquella missão visitar todas as aldeas de Indios das Capitancias do Pará, Camutá e Gurupá, em que achou todas aquellas almas no ultimo desamparo, tendo alguns sómente o baptismo, e nome de christãos, e vivendo e morrendo todos como Gentios, sem fé e Sacramentos. Pelo que se resolveu o dito Padre a passar a Portugal, e representar o dito desamparo e miseria espiritual daquelles christãos, e Gentios, como com effeito fez por um memorial a el-rei Felippe IV, o qual por consultas dos conselhos destes reinos, mandou logo passar provisão ao dito Padre (como dellas consta) para que elle o dito Padre Luiz Figueira, e a religião da Companhia de Jesus, tomasse á sua conta e tivessem debaixo de sua administração (na mesma forma em que o fazem em todo o Estado do Brasil) a todos os Indios livres das aldeas de todo o Estado do Maranhão, e Pará, mandando-lhe dar Sua Magestade o necessario para logo fundar tres igrejas e casas em que se podessem crear, e sustentar as pessoas necessarias para as ditas aldeas, e congrua sustentação consignada nas rendas do dito Estado, para cada um dos religiosos, que na dita doutrina e administração se occupassem.

No anno de 1642 tendo confirmado a Magestade de el-rei D. João nosso senhor, todas as sobreditas provisões sobre novas consultas de seus tribunaes, partio de Lisboa o Padre Luiz Figueira (em companhia do governador Pedro de Albuquerque, com dezaseis religiosos da Companhia, os quaes tinha já começado a instruir na lingua geral dos Indios, da qual tinha composto e impresso uma arte de grammatica, e achando a cidade do Maranhão occupada com os Holandezes, se partio com o dito governador em demanda do Pará, na qual viagem dando o navio em uns baixos se perdeu, e o dito Padre Luiz Figueira com todos os seus companheiros) exceptos tres, que escaparão levados pelas correntes das aguas

que haviam feito, e de que tinham quantidade de cravo em casa de um confidente seu, e de não terem dado umas Indias de leite para criarem os filhos de uns moradores, constou logo alli ser tudo falso, porque o Padre Pedro Pedrosa appareceu diante delles, e o Padre reitor lhes offereceu de graça todo o cravo, que achassem na casa sobredita; e finalmente se averiguou que era testemunho, o que se dizia das Indias de leite, pedidas e não

em uma balsa, forão parar á ilha dos Arvarés, onde aquelles barbaros os forão matando um por um, e os comêrão a todos.

Neste mesmo anno de 1642 mostrando a experiencia, que muitos dos Portuguezes do Maranhão vivião pouco catholicamente, e se accommodavão aos costumes, e ainda aos ritos dos Hollandezes, que tinham como fica dito occupado a cidade, e que algumas mulheres Portuguezas, de effeito se casavão já com elles, e que havia pouca esperanza de a dita cidade se restaurar a obediencia de Sua Magestade, por outra via, e que já no Pará havia pareceres de aceitarem a sujeição de Hollanda; o Padre Lopo do Couto, que tinha grande autoridade com os Portuguezes, e Indios, tractou que elles mesmos se alevantassem e lançassem fora os Hollandezes, communicando este seu pensamento, e a traça, e industria que para isso tinha, ás pessoas de maior zelo, e confiança, e porque o governador do Estado, que então era Bento Maciel Parente, fôra preso, e mandado para Pernambuco pelos Hollandezes, persuadiu elle dito Padre Lopo do Couto ao capitão-mór, que tinha sido do Maranhão, Antonio Moniz Barreiros (que era seu sobrinho, pessoa nobre, e de grande fidelidade e valor) quizesse tomar por sua conta o governo desta empresa como com effeito tomou. E porque a dita empresa de nenhum modo se podia conseguir, sem o soccorro dos Indios da terra, cujas aldeas estavam todas já obedientes aos Hollandezes, o dito Antonio Moniz fallou secretamente ao principal Joacaba, Mitagaia, Henrique de Albuquerque e outros exhortando-os a que quizessem tomar as armas contra os Hollandezes, e promettendo-lhes em premio desta acção se a conseguão, que elle se obrigava a que Sua Magestade lhes mandasse tanto numero de Padres da Companhia, que podessem residir pelas suas aldeas, e ensinar seus filhos. O successo de tudo foi, que os ditos Indios com esta promessa, e persuadidos igualmente dos Padres, aceitáro a dita empresa, e forão a principal causa dos Hollandezes serem lançados fora como com effeito forão, não havendo em todo o Estado do Maranhão quem possa negar, que a restauração de todo aquelle Estado, se deve á resolução e industria do Padre Lopo do Couto, e as orações e penitencias com que o Padre Benedicto Amodei bem conhecido e venerado naquelle Estado, por sua santidade, pedia a Deos a mesma restauração, e ao espirito prophético com que antevio a felicidade do successo, promettendo-o e assegurando-o da parte do mesmo Deos, aos Portuguezes e Indios em muitas occasiões em que estavam já desesperados d'elle, e retirados da ilha do Maranhão para a terra firme, tudo o sobredito confessa em sua certidão jurada, o mesmo capitão-mór Antonio Teixeira de Mello, que por morte de Antonio Moniz succedeo no governo das armas, e acabou esta guerra, com que fica bem manifesto, quanta parte tiveram os Padres da Companhia na conquista do Maranhão, e na expulsão dos Francezes e Hollandezes.

No anno de 1648, não restando já vivo no Maranhão mais, que um Padre, foi restaurar aquella missão o Padre Manoel Moniz, com um companheiro, e tendo trabalhado nella menos de um anno, todos tres forão mortos pelos Tapuyas.

No anno seguinte de 1649, tractou o padre Antonio Vieira de ir restaurar a dita missão, mandando Sua Magestade, que se lhe renovassem as mesmas provisões, que tinha levado o padre Luiz Figueira, com a administração e doutrina de todos os Indios, mas o dito padre não aceitou sómente pelo que tocava a doutrina, renunciando a administração como tambem renunciou o officio de pai dos christãos, de que pelo conselho ultramarino se tinha passado provisão ao padre Manoel de Lima, que era um dos seus companheiros, á imitação do que se usa na India; e o motivo que o dito padre teve de não aceitar a dita administração, foi querer evitar totalmente encontros com os Portuguezes, por estar informado de quão mal se conformavão seus interesses, com justiça, e liberdade dos Indios, e para poder tractar da conversão dos Gentios, e doutrina dos christãos sem os ditos encontros, e dependencias, Sua Magestade por assim llo haver representado, mandou passar provisão nas tres Capitánias do Maranhão, Pará, e Gurupá, para que em cada uma dellas se assignalasse uma aldeia aos religiosos da Companhia, a qual ficasse livre, e isenta para o serviço das missões. Mandando outrossim Sua Magestade escrever ao padre geral da

dadas aos moradores. Vendo-se assim convencidos em sua temeridade estes conjurados, concluirão suas razões com o inculcarem canoas para os Padres sahirem, aos 20 de Março, no que elles não vierão, por serem aquellas embarcações incapazes de levarem vinte e sete religiosos, por uma costa brava, e com navegação de tantos dias. Deferirão os procuradores do povo a esta replica muito violentados; e destinárão dous barcos velhos,

Companhia, e ao provincial do Brasil, lhe mandassem religiosos praticos na lingua da terra, como com effeito mandárão por quatro vezes, e os primeiros que forão cinco, e vierão direitos a este reino, forão feitos prisioneiros pelos Inglezes, na almiranta da frota do Rio de Janeiro, que se queimou, e entre os ditos religiosos, foi um o mesmo provincial actual, que acabava, e outro, que era o lente de prima de theologia,

No anno de 1632, (não se podendo conseguir antes pelas causas, que são notorias, parto deste reino o padre Antonio Vieira, com mais doze religiosos, com nova ordem de Sua Magestade, que se pôde ver no registro della, em que lhe ordenava tomasse á sua conta todas as christandades de Indios, e conversão dos Gentios do Estado do Maranhão, deixando á sua eleição os tempos, lugares, e modos, porque se não havião de fazer as missões, e os sitios em que se havião de pôr as povoações dos Indios que se reduzissem, para que em tudo ficassem isentos, e livres das violencias, que costumavão padecer, e pelas quaes se retiravão da f, e obediencia de Sua Magestade, vivendo e morrendo nos matos com perdição de suas almas. Mandando outrossim aos governadores, capitães das fortalezas, camarcas, e mais ministros, assistissem aos ditos missionarios com tudo o que lhes fosse necessario para as ditas missões.

No principio do anno de 1633, chegou ao Maranhão o padre Antonio Vieira, com alguns de seus companheiros, havendo chegado os demais pouco antes, não sendo passados quinze dias, por occasião de se publicar na cidade de S. Luiz, uma lei sobre a liberdade dos Indios, com que Sua Magestade mandou deferir aos requerimentos, que por parte dos Indios veio fazer a esta côrte o vigario geral Matheus de Sousa Coelho, os moradores da dita cidade se ajuntárão ás portas da camara, e seguindo as vozes do procurador della, Jorge de Sampaio de Carvalho, se amotinárão contra os padres da Companhia, arremettendo ao collegio com palavras indecentes, e afrontosas, gritando, que os lança-sem fóra, e os embarcassem em canoas estroncadas para que se perdessem. E sem duvida o executário assim, se o capitão-mór que então era Balthazar de Sousa Pereira, os não obrigára a se recolherem, marchando para elles com as companhias de presidio, com uma espada, e broquel na mão. O motivo, ou pretexto, que os ditos moradores tomárão para este levantamento, foi publicarem que os padres da Companhia tinhão requerido, e diligenciado a dita lei, a qual posto que fosse muito justa, e justissima como são todas as que ha em toda a America, assim nas conquistas de Portugal, como nas de Castella, nas quaes (excepto o Maranhão) não ha provincia, cidade, nem lugar algum em que se permita por lei captiveiros de Indios, comtudo, é certo que os ditos religiosos da Companhia, não requerêrão a dita lei, nem fallavão sobre isso palavra, e totalmente foi passada, consultada, e resolvida só pelo dito vigario geral, como constará pelos ministros, e papeis do conselho ultramarino, dos quaes tambem constará como nesta occasião escreveu o padre Antonio Vieira uma carta a Sua Magestade, na qual lhe dava conta do Estado das christandades, e ser justo, e conveniente que Sua Magestade concedesse áquelles moradores os resgates dos Indios, que fosse licito, e apontava os meios com que se poderião sarar as consciencias dos que contra as leis, e justiça, os tinhão feito escravos, tudo a beneficio dos ditos moradores, como da dita carta se pôde ler, a qual carta Sua Magestade mandou consultar ao conselho ultramarino, e foi muita parte como constará da mesma consulta, para que os ditos resgates se concedessem.

No principio do mesmo anno de 1633, e no fim do antecedente, em que chegarão os primeiros Padres, se tractou logo do fim para que erão mandados, e vinhão áquellas missões, mas porque o procurador diz mais neste capitulo, que entendião os moradores do Maranhão, que na expulsão dos religiosos da Companhia, fazião tanto serviço a Vossa Magestade como fizerão na dos Hollandezes (posto que esta proposição pertencia a outro tribunal) com a maior brevidade que for possível, se representará aqui a Vossa Magestade, o que nos nove annos proximos, obrárão estes homens que tão semelhantes são aos herages Hollandezes.

Todo aquelle Estado, Senhor, se resolve em Portuguezes, em Indios seus escravos, e

em que fossem os Padres para o Brasil, que era o termo de seu desterro.

Chegarão nesta occasião duas canoas do Pará, uma com cartas do governador do Estado para o capitão-mór Balthazar Fernandes, e outra com o Padre Jodoco Peres, da Companhia, superior das missões, e mais dous religiosos. Puzerão os tres governadores em arrecadação os Indios, canoas

em Indios livres das aldeas, e em Indios Gentios, que estão pelos matos, e para melhor intelligencia se dirá em particular o serviço, que os ditos padres fizeram a cada um destes generos de gente.

O primeiro cuidado dos ditos missionarios, foi a reformation dos costumes dos Portuguezes, entre os quaes não só a malicia, senão tambem a falta da doutrina, tinha introduzido com os vícios muitos abusos; com classes e escolas do Maranhão e Pará, de que acima se disse forão imprimindo na idade tenra dos moços, a devoção, a missa de todos os dias, e a outros exercicios de piedade, principalmente do rosario de Nossa Senhora, a cujo terço acudião todas as tardes por obrigação, todos os ditos moços, e outra muita gente da cidade, e se rezava publicamente a côros com assistencia de um padre na igreja do collegio, que é da invocação de Nossa Senhora da Luz E para estabelecer a dita devoção e affeição a ella os animos de todos, além da fadainha que juntamente se cantava todos os sabbados, havia nos ditos sabbados pregação, em que se contavão exemplos do rosario, e se exhortava o povo a piedade, e confiança com a Mãe de Deos; e estes ditos sermões, e exemplos, se continuáram por espaço de mais de dous annos, até o dito exercicio estar tão fundado e esbelecido, que as pessoas principaes, e do governo, se achavão todos os dias a elle; assim mais todas as sextas-feiras de quaresma se pregavão os passos da paixão na dita nossa igreja, e se mostravão no fim os ditos passos representados com o maior apparato, e decencia do que se poderá esperar naquellas partes, e para o mesmo fim mandavão os ditos padres fazer nesta côrte com grande despeza, imagens naturaes de Christo, para todos os ditos passos da paixão, as quaes estavam ja acabadas para serem enviadas ao Maranhão, quando os padres expulsados chegarão a esta côrte, e por esta causa fiarão assim ellas, como outras muitas de Nossa Senhora, de Santos, e do presepe, mandadas todas fazer para o dito fim pelos padres, e á sua custa.

Além dos ditos sermões dos passos a que se seguia disciplina, havia assim mesmo sermão na nos a igreja todos os domingos de quaresma á tarde, e pelas manhãs assim da quaresma, como das festas, e entre anno, erão os ditos padres os que mais frequentemente pregavão na sua igreja, na matriz, na misericordia, e algumas vezes nos conventos dos outros religiosos, por não haver nelles pregadores, sendo os ditos sermões todos encaminhados ao conhecimento, e horror do peccado, e reformation das vidas, em que se experimentava muito fructo, que fôra sem duvida muito maior, se os pregadores todos se conformassem na mesma doutrina, mas os pulpitos e os confessionarios, forão no Maranhão os baluartes de que maior guerra se fez á verdade, e a Christo, e aos ditos missionarios. Com o mesmo zelo repartião os padres entre os moradores, principalmente os mais entendidos, grande quantidade de livros espirituaes, que para esse fim levãrão, e muitas cartilhas de doutrina christã, e devocionarios, não fallando em infinitas contas, medalhas, e imagens, de que sempre mandavão vir de Roma, e de Portugal grande quantidade, applicando-lhes indulgencias, e jubileus, que muitas vezes publicãrão, exhortando o povo, a se aproveitarem destes thesouros, e socorrerem com elles a seus defuntos.

Sobre tudo era grande utilidade a doutrina, que todos os domingos á tarde se fazia no collegio, por espaço de mais de uma hora, sahindo primeiro os estudantes, e meninos da escola, em procissão com suas bandeiras pelas ruas como é costume; na qual doutrina, além de se ensinarem os mysterios da fè de que havia muita necessidade, se explicavão ordinariamente pela ordem dos mandamentos da lei de Deos, e da santa Madre Igreja, os casos pertencentes aos ditos mandamentos, aos Sacramentos, e ás censuras, e outras materias de maior uso, e importancia para as consciencias, com que vinha a ser uma ligão de theologia moral, á qual acudião os poucos clérigos, que alli havia, e muitas vezes, o mesmo vigario geral, e governador, com que os seculares aprendião tudo o que lhes era necessario para suas consciencias, e salvação sua, e de suas familias, porque nas ditas doutrinas conheçião grandes ignorancias, e enganos, em que até aquelle tempo estiverão, donde resultavão novos, e mui differentes exames de suas consciencias, e se confessavão muitos geralmente, constando que só um padre, que assistia ordinariamente no Maranhão,

e cartas, que nellas vinhão, e da janella da camara lerão os procuradores do povo as do governador do Estado em voz alta, com os comentarios e gloza, que lhes dictava sua paixão. Quizerão tambem que tudo quanto tinhão obrado até alli, ficasse em noticias authenticas, para testemunho de seu acertado procedimento. Para isso grudarão algumas folhas de papel, em que lançarão um circulo grande, no meio do qual se escreverão seus decretos, e

confessou geralmente de toda a vida, mais de metade dos moradores da dita cidade, assim homens, como mulheres, e frequentarão dalli por diante os Sacramentos, havendo muitas pessoas que confessavão e commungavão na nossa igreja todos os oito dias, e vivião muito timoratamente, e de nenhum modo forão complices, nem tiverão parte no caso da expulsão dos ditos missionarios, antes os virão lançar com grande dór de suas consciencias, e corações, e com muitas lagrimas em segredo, e ainda publicas, por perderem seus Padres espirituaes, e os que guiavão suas almas pelo verdadeiro caminho da salvação.

E para que o effeito da sobredita doutrina podesse chegar a toda a parte, assim dentro da cidade aos que não acudião a ella, como pelas fazendas dos moradores mais distantes que não podião acudir, e tambem para que as pessoas de maior idade, que ignorando os principios e rudimentos da fé, se envergonhavam de os perguntar, tivessem um mestre secreto, do qual podessem aprender sem nenhum pejo, tendo os Padres ordenado um catecismo na lingua dos Indios, em que se contém em estylo breve, e muito claro tudo o que é necessario para a salvação, dispozerão o dito catecismo em tal fórma, que fosse juntamente de duas linguas, uma defronte da outra, para que os Portuguezes, e suas mulheres, e filhos, tivessem declarado na mesma lingua portugueza o mesmo que ensinavão aos Indios na sua, e deste catecismo enquanto se não imprimia (como já neste reino estava para isso) se fizerão varios traslados, que se espalhárão pelos ditos Portuguezes.

Por este meio se tirarão em grande parte os abusos, de se trabalhar aos domingos e dias santos, principalmente fóra da cidade, e de irem raramente á missa os que vivião longe della; o porque a ilha do Maranhão tem sete leguas, e não ha nella mais que uma freguezia, com a residencia dos Padres pelas aldeas, se remediou esta difficuldade com grande utilidade das almas dos Portuguezes, que mais vizinhavão com ellas, porque sem trabalho, nem despeza, acudião as igrejas das ditas aldeas, onde se lhes administravão os Sacramentos, não só na saude, mas tambem na enfermidade com o mesmo zelo, e pontualidade como se os ditos Padres fossem seus parochos, e para que lhes não faltasse o pasto da doutrina de que os moradores de fóra têm muito maior necessidade, além da doutrina, e pregação que se fazia aos Indios na sua lingua; a qual todos os ditos moradores pela maior parte entendião; se lhes pregava tambem muitas vezes em portuguez, e havia Padre tão zeloso neste particular, que todas as vezes, que estava na igreja um só Portuguez, que não entendesse a lingua, só a elle pregava, e isto que se fazia na Capitania do Maranhão, se obrava igualmente na de Tapuitapera, e na do Gurupá, e com maior commodidade na do Camutã, por estarem distantes da sua igreja quarenta leguas, sem outra igreja, nem sacerdote mais, que os missionarios daquellas aldeas, e o mesmo se fazia nas Capitancias do Pará e Gurupá.

Das ditas pregações, e de todos os sobreditos exercicios, e das praticas familiares de alguns dos ditos missionarios, a quem Deos tinha dado particular graça nellas, se seguirão dous fructos esporiaes mais publicamente conhecidos, que forão muitos odios, que se tiravão, e pazes que se fazião entre pessoas discordes, havia muitos annos assim fóra de suas casas, como dentro nellas, assim contra a lei commun da caridade christã, como contra a união, e caridade particular do matrimonio, em que se evitarão gravissimos escandalos, e na mesma fórma se deixárão com grande exemplo muitas amizades, não menos prejudiciaes, que o mesmo odio, ou casando-se muitos Portuguezes com as mesmas mulheres com quem em desservico de Deos estavam amigos, posto que diferentes em sangue, e qualidade, ou apartando-se totalmente do vicio, e regueira, que os tinha presos em sua companhia; na qual empresa ajudou tanto Deos o zelo, e doutrina dos missionarios, que no anno de 1639, tendo acabado sua vizitação o licenciado Domingos Vaz Corrêa vigario geral, veio por paschoa do Espirito Santo, dar as boas festas aos Padres, e pedindo ao superior mandasse vir todos á sua presença, depois de lhes agradecer o trabalho, e zelo com que servião naquella villa, acrescentou para consolação sua, e dos Padres, que sendo assim que na vizita passada, tinhão sido mui raros os moradores daquella cidade,

clausulas da conjuração, e motivos della, com severas deprecações, e penas contra os que obrassem, ou dissessem o contrario do que alli estava escripto; e para não ficar lugar de se poderem conhecer os cabeças, e auctores destas perturbações, assignarão todos em roda do dito circulo, satisfeitos de que não sendo conhecidos pela ordem das firmas naquelle papel, o não poderiam ser pelo que tão publicamente obravão nas ruas, e praças da cidade.

e seu contorno, que não ficassem comprehendidos, e culpados na dita vizita, na presente achára tanta emenda, e mudança nas vidas de todos, que nenhum castigára, nem apenas, porque quasi não achára culpas, tendo a lançado pelas mesmas informações, que o instrumento desta particular graça de Deos, forão as pregações, e mais exercicios espirituaes em que os ditos missionarios se empregavão, e o fructo que colhião os que se confessavão com elles. O que não será muito de admirar para quem considera os estylos da providencia de Deos, e a vocação, espirito com que muitos dos mesmos missionarios forão chamados pelo mesmo Senhor, deixando todas as commodidades da Europa, e muitos delles, maiores postos de letras, e governo da religião, e o logro e esperanças de seus talentos, vindo uns d'Allemanha, outros de Italia, outros de Portugal, e outros do Brasil, e degradarem-se para o Maranhão, só por serviço de Deos e das almas.

E estes mesmos exercicios com que trabalhavão nas povoações dos Portuguezes, exercitavão tambem com elles nas missões que fazião ao sertão, em que por irem navegando pelos rios, se não perdião os exercicios de missa, pregações, exhortações, e lição de livros devotos como podem testemunhar, não só os que forão com o Padre João de Souto-Maior á missão do Parajá, e com o Padre Francisco Velloso, Francisco Gonçalves, e o Padre Manoel Pires, ás missões do Rio das Amazonas, e com outros, ou outras muitas, mas os mesmos homens do mar, que levárão e trouxerão os ditos Padres do Maranhão, os quaes são testemunhas, de como na estreiteza dos navios, não só guardão os ditos missionarios o estylo de seus collegios, com companhia tangida a oração, e a todos os mais exercicios da comunidade, e até o de levantar, e deitar, ás suas horas, mas fóra de seus apoentos, e no convés dos ditos navios dizendo missa, e pregando todos os domingos, e dias santos, excepto algum que não dá lugar para isso a tempestade, e fazendo doutrinas, e levando livros espirituaes, e exhortando a confissão, e communhão, que muitas vezes é geral em todos os do navio, e introduzindo o uso santo do exame de consciencia todas as noites, e talvez tangendo-se a elle publicamente, e lendo-se tambem publicamente meditações para cada dia, aos de mais capacidade, as quaes causas todas, mais, ou menos fazem, e exhortão o fazer os ditos missionarios nos navios. E ainda nas canoas em que navegação, conforme a oportunidade do tempo, e do lugar, não havendo dia algum, em que além da ladainha ordinaria dos Santos, se não reze por todos em voz alta o terço do rosario a córos; e deste exemplo dos missionarios do Maranhão, e do caso milagroso do navio referido, que se salvou depois de virado, a qual mercê de Deos se attribuiu ao rosario da Santa que todos os dias nelle se rezava, e naquelle transe fizerão todos voto de rezar, se tem introduzido geralmente em todos os navios a dita devoção de rezar o terço, como tambem se introduziu nas ilhas onde os ditos missionarios depois daquelle caso, forão lançados, por que não havendo nas ilhas uso de tal devoção publica, elles o deixárão introduzido, e estabelecido primeiro na Ilha Graciosa, depois na Terreira em tres igrejas, e ultimamente na Sé de S. Miguel, d'onde se tem espalhado pelas demais, e se de passagem no mar, e na terra se fez em tão pouco tempo tanto fructo, bem se poderá ver quanto terão feito os ditos missionarios no Maranhão em tantos annos, e quanto maior farião se a terra não fóra tão fértil das espinhas, que ficarão do roubo de Adão, que são as que mais afogão a palavra de Deos.

E para que em uma palavra se diga quanto a christandade daquelles Portuguezes, se augmentou com a ida dos Padres ao Maranhão, lembrem-se os que virão uma cousa, e outra, da perfeição em que ao presente deixárão todas as cousas do culto divino, e do estado em que as achárão no anno de 1652 quando lá chegarão os primeiros missionarios. Quatorze annos havia que na cidade do Pará não havia matriz, e o lugar aonde tinha estado, que se conhecia por alguns esteiros velhos, que ainda estavam em pé, da igreja antiga, servia de o gado se recolher, e dormir alli, e tendo o Padre João de Souto-Maior estranhado esta indecencia, em um sermão de orago da mesma igreja, ao outro dia cha-

Depois de juramentados nesta fôrma, quizerão que assim mesmo se puzesse em outra escriptura a expulsão dos Padres, para constar a todo o tempo da causa porque a apprehenderão. E a esse fim lhes mudarão intimar um protesto com ceremonias judicias, cuja sustancia brevemente resumida é a seguinte: Que o povo do Maranhão os lançava fóra, não por escandalo algum em seu procedimento, e vida religiosa, nem menos por faltarem ao cuidado da salvação das almas.

mas:do se havia alguns fideis, que naquella obra o quizessem ajudar, se foi elle com seu companheiro ao lugar da dita igreja, tomando uma enxada na mão, começou a abrir o alicerce, e dar principio á igreja, que hoje está feita.

Na mesma fôrma se edificarão de novo, e se reformarão outras, e ou fosse imitação, ou immolação, em todas se poz o culto divino na limpeza, politica e ornato, que hoje tem. E porque a hora da morte é o ponto em que os operarios do evangelho colhem o que têm semeado, e cultivado em todo o tempo da vida, era muito mais particular o cuidado com que os ditos missionarios acudião aos enfermos, que estavam em perigo, applicando-lhes naquella hora todos os meios e industrias em que a religião da Companhia, como tão proprios do seu instituto, costuma instruir, e formar os que escolhem para instrumentos deste ministerio. E era tão conhecida a promptidão, e zelo com que os ditos missionarios acudião, e se empregavão nelle a qualquer hora do dia, ou da noite, assistindo os dias, e as noites inteiras, se era necessario, que rarissimo foi o Portuguez ou Portugueza, principalmente dos mais pobres e desamparados, que morressem sem religiosos da Companhia á cabeceira, depois que forão áquelle Estado. E era este exercicio tão continuo, principalmente nos mezes mais doentos do anno, que para se acudir com maior promptidão, passavão toda a noite vestidos, e apparelhados aquelles a quem pertencia este cuidado. E era tanta fé, ou confiança que os ditos Portuguezes tinham na assistencia dos ditos missionarios naquella hora, que se notou como cousa digna de grande reparo, que os tres maiores inimigos, que tinha a religião da Companhia na cidade do Maranhão, e que mais publicamente fallavão contra ella, todos tres quizerão morrer nas mãos do Padre Antonio Vieira, chamando-o com grandes instancias, não querendo que se apartasse delles um momento: mas ainda naquella hora se vio algumas vezes ser tão grande a astucia, e engano do demonio, que os mesmos que chamavão os ditos Padres para morrer nas suas mãos, senão confessavão com elles, sendo nisto muito diligente a industria dos herdeiros, por medo da restituição dos escravos. E isto é parte do que obrarão com os Portuguezes, aquelles homens a quem o procurador chama peiores que Hollandezes, ficando a outra parte para se dizer e entender melhor depois que se relatar o que os ditos padres obrarão com os Indios.

Ao remedio das almas dos Indios, como obrigação mais propria sua, e a que Sua Magestade os mandava, se applicarão os ditos missionarios com maior cuidado, e industria, e incansavel trabalho, o qual foi tanto, que o conego Manoel Teixeira, vigario da igreja do Pará, em uma certidão jurada em fôrma de carta escripta a Sua Magestade, a qual faz por descargo de sua consciencia, estando para morrer, não duvidou de affirmar e jurar, que os novos missionarios da Companhia, tinham obrado mais em quinze dias, do que todos os ecclesiasticos que tinham vindo aquelle estado em trinta e oito annos, que tantos havia se começar a conquistar. Em todas as aldeas de Indios livres da Capitania do Pará, tirando uma em que tinha estado um engenho, nem havia igreja, e outras nem cruz havia, e se passava annos em que nellas se não dizia missa, e muitos assim adultos, como innocentes, estavam baptisados, vivendo casados com uma ou muitas mulheres, e o rito gentilico, não havendo entre elles nenhum que soubesse os mysterios da fé, e rarissimo era o que em sua vida se tivesse confessado, e nenhum que na hora da morte se tivesse confessado. Finalmente vivendo e morrendo como Gentios, sem que houvesse algum, que naquella hora procurasse os Sacramentos, nem quem tivesse zelo de lh'o procurar, só no Maranhão havia mais noticia de Deos, pelas visitas, que fazião aquellas aldeas os poucos padres que lá residirão, mas essa estava mui esquecida nos Indios velhos, e nos novos não havia nenhuma. A primeira cousa que os padres fizeram para remedio destas almas, foi repartirem-se pelas ditas aldeas em differentes missões de dous em dous, um dos quaes ao menos, era pratico na lingua dos Indios, e começando pelos enfermos, que estavam em perigo, examinavão em primeiro lugar o baptismo dos adultos, fazendo para todas as aldeas livros de baptismos, que não havia, baptizando absolutamente os não baptisados,

Que a razão, motivo e principal fundamento desta resolução, era por que os Padres tinham a administração temporal dos Indios, no que experimentava aquelle povo intoleraveis apertos. Que lhes pedião, e intimavão juntamente não pretendessem jámais voltar para a terra, que de nenhum modo os queria, e de que já haviam sido lançados duas vezes, e intentado lançar outra. Que de fazerem os Padres o contrario, soubessem causarião

e condicionalmente, aquelles em quem havia duvida, porque se acháráo varios adultos, que tinham sido baptisados ou lavados com a agua do baptismo, sem totalmente se lhe haver dito, nem elles haverem entendido o que aquillo significava, ou o que recebião, sobre esta diligencia se lhes começava a ensinar a doutrina christã, não havendo quem se soubesse persignar, nem formar o signal da cruz, e todos os dias em publico, pela manhã, e á tarde rezavão os padres com elles as orações da doutrina christã, e por modo de dialogo, perguntando, e respondendo, se lhes ensinava os mysterios da fê, catechizando mais particularmente um por um, com excessivo trabalho aos mais rudés. E não era menor o trabalho, e a difficuldade em compôr, e ajustar os casamentos, que onde era necessario se tornavão a fazer *in facie ecclesie*, e para tudo isto em entrando nas aldeas, levantavão logo os padres suas igrejas, que naquelles principios conforme o uso, o pobreza dos Indios, erão cobertas e formadas de palma, mas nos altares havia todo o ornato, e decencia, e as igrejas a que por então era possível. E porque não podião os padres por serem menos em numero, assistir em todas as aldeas, escolhião dos Indios, e das Indias, aquelles em que experimentavão melhor entendimento, e memoria, e lhes ensinavão as orações principaes, e a explicação dos mysterios necessarios á salvação, e a estes deixavão em seu lugar quando se partião, com obrigação muito recommendada a todos, que todos os dias quando se recolhessem de suas lavouras acudissem á doutrina, a qual ensinava a mestra na igreja, ás Indias, e meninas; e o mestre no adro aos Indios, e meninos. E a alguns destes mestres mais capazes, se ensinava tambem a fórma do baptismo, para que o pudessem administrar em caso de extrema necessidade, quando os ditos padres se partião das aldeas, deixavão assim mesmo encommendado, e encarregado muito aos principaes, e a outros de mais zelo, e talento, que em adoecendo gravemente algum Indio, fossem logo chamar, e buscar os padres, ou á cidade, ou a outra parte onde audassem os missionarios, e assim se fazia, sendo a menor distancia por terra de cinco e seis leguas, as quaes os ditos padres caminhavão sempre a pé, salvo em caso de enfermidade, e por mar de oito e dez leguas, e muitas vezes de trinta e quarenta, e tal vez houve, que foi um padre confessar uma India do Maranhão a sessenta leguas, sendo as estalagens do caminho, os rios, as brenhas, e os matos; e ainda que desta vez achou a India já morta, não se perdeu o zelo, nem o merecimento, o qual ordinariamente se lograva com evidentes signaes de predestinação de muitas almas, que erão cisos de cada dia muitos delles com circumstancias mais que naturaes.

Tendo-se acudido aos Indios livres das aldeas, restava a maior necessidade de todas, que era a dos escravos, e outros, que com nome de escravos, ou livres, servião aos Portuguezes, estes pela maior parte erão das linguas, que lá chamão travadas, e que de nenhum modo entendem a lingua geral da terra, e por este impedimento, ou mais verdadeiramente pelo pouco zelo de seus senhores, que só o tinham de que os soubessem servir, vivião totalmente e morrião pagãos, e assim elles, como os que tinham recebido o baptismo, estavam todos amigados com as escravas de seus proprios senhores á vista delles, e para que mais livremente assim o consentissem, e ainda estimassem, tinha o demonio introduzido (e não sem prova de alguns casos) que em se casando os ditos escravos morrião, matando-se com peçonha uns aos outros, e que se não morrião, não erão depois de casados tão diligentes, e obedientes ao serviço de seus senhores, entendendo, que o amor do peccado os fazia mais sujeitos, e o mesmo interesse cego, era causa de que na hora da morte ninguem tractasse de que morressem seus escravos com os Sacramentos, pela distancia em que estavam, e ser necessario mandar os ditos enfermos as povoações dos Portuguezes, o que se não podia fazer sem novas despesas; qualquer dos quaes se tinha por muito grande, onde não havia coisa mais vil que as almas. Os corpos dos ditos Indios mortos, sem nenhuma reverencia do baptismo que tinham recebido, ou se lançavão nos rios, ou se enterravão mal cobertos nos matos, onde erão pasto dos peixes, e das feras, sendo ainda de maior horror a deshumanidade com que os mesmos corpos erão tractados quando vivos, porque sem differença de homens a mulheres os trazião totalmente nus com asco da natureza, diante os olhos seus, e de seus filhos, e isto não só nos matos, e fazendas retiradas, sendo ainda

muitos damnos no Maranhão com sua vinda, dos quaes, e das mortes que se seguissem terião a culpa toda. Que nenhuma razão das que pudessem dar em sua defesa diante de quaesquer pessoas, seria admittida sem primeiro aquelle povo ser ouvido, nem terião vigor algum, as ordens que alcançassem em seu favor como havidas subrepticiamente. E que até os 24 de Março estivessem promptos para sahirem, como se tinha decretado

muitos dentro na mesma cidade do Pará, cousa que difficulosamente se poderá crer da humanidade christã e portugueza; finalmente não só se passavão as quaresmas inteiras, e toda a vida, sem se confessarem os escravos por culpa de seus senhores, mas era tanta a negligencia dos parochos, e estava este abuso tão introduzido, que na lista, que se costuma fazer dos christãos que se desobrigavão da quaresma, somente se escrevião Portuguezes da familia, e dos escravos totalment~~e~~ se não fazia conta, como se não forão christãos, nem lhes pertencerem os preceitos da igreja. A tudo isto procurou o superior dos missionarios acudir com a maior efficacia, que lhe foi possivel, assistindo sempre nas casas da Companhia do Maranhão, e Pará, um padre prático na lingua, deputado para acudir aos escravos dos Portuguezes, como fazião catechizando-os continuamente nas nossas igrejas, e dispondo-os para o baptismo, e acudindo aos confessar, e preparar para a morte, os enfermos à casa de seus senhores; e na quaresma multiplicando-se mais padres lhes ouvirem as confissões como fazião com incansavel assistencia, desde pela manhã até a noite, e não só nos collegios, senão tambem nas aldeas onde igualmente confessavão, e desobrigavão os escravos dos Portuguezes mais vizinhos a ellas, e quando não havia numero bastante de padres para acudir no mesmo tempo a tudo, se antepunha e propunha algumas semanas, e mezes, o tempo da obrigação annual, para que o trabalho podesse alcançar a todos, sendo vós commum dos vigarios das igrejas, que são como fica dito muito poucos, e com freguezias de muitas leguas, que se não tiverão por coadjutores os religiosos da Companhia, não poderão dar boa, nem má conta a Deos das almas que têm a seu cargo, confessando ingenuamente que a não davão antes dos ditos missionarios virem aquelle Estado.

Para ensino dos ditos escravos, se introduzio na nossa igreja do Maranhão dizer-se uma missa todos os domingos e dias santos, deputadamente para os escravos e escravas na hora immediata antes de sair o sol, por ser a mais accommodada e livre, em que os ditos escravos sem fazer falta ao serviço de seus senhores, pudessem acudir à igreja como verdadeiramente acudião sempre em tanto numero, que se enchia até fora das portas, e quando a missa se acabava, já o pregador estava no pulpito, o qual começava em voz alta a se benzer, e entoar todas as orações da igreja, respondendo clausulas por clausula no mesmo tom todos os Indios e Indias, e depois das orações, se lhes ensinava da mesma maneira o dialogo do cathecismo, em que se continhão todos os mysterios da fé, e mais cousas necessarias à salvação, perguntando o padre só, e respondendo todos com elle, até que sabião responder por si. O qual cathecismo acabado, se sentavão todos a ouvir uma pregação, ou exhortação, a qual se fazia na lingua geral dos Indios, como tambem o cathecismo e orações erão compostas na mesma lingua, e a dita exhortação se accommodava sempre ao evangelho, ou mysterio daquelle dia, e a doutrina e reformação das vidas dos Indios, conforme a maior necessidade de suas almas, e vicios mais ordinarios nelles; e nas tardes de todos os domingos, assim como fica dito que sabião os estudantes, sabião tambem os Indios com sua bandeira particular diante delles, e detraz de toda a procissão os Indias, tendo cuidado os ditos missionarios, como tambem os vigarios nas estações de recomendar aos senhores dos ditos escravos, os mandassem à doutrina, a qual ia parar à igreja da matriz, e postos os Indios de uma parte, e as Indias de outra, e passeiando o padre que fazia a doutrina por meio delles, depois de rezar com todos as orações, ia perguntando e ensinando em particular a cada um, no qual exercicio se gastava quando menos uma hora, e depois della vinhão todos, assim Indios, como estudantes, na mesma forma à igreja do collegio onde então se fazia a doutrina dos Portuguezes, servindo a assistencia dos estudantes a mesma doutrina dos Indios para elles tambem sabereem naquelle lingua e a poderem ensinar aos escravos de sua casa.

E porque o fructo desta doutrina ficava só dentro da cidade, e era igual, e ainda maior a necessidade dos escravos, servem por fóra nos engenhos, e fazendas dos moradores. Depois de se lhe declarar em muitos sermões a obrigação precisa que tinham de as fazer doutrinar, se lhes derão traslados do sobredito cathecismo fazendo os padres muitas

sem a isso pôr contradição alguma, etc. Lido este protesto aos Padres, em que vinhão assignados os procuradores do povo, responderão, que nem leve pensamento tinham de tornarem ao Maranhão; e que se o apresto da sua viagem pudesse estar expedito ainda antes do tempo apontado, o estimariam muito. E dada esta resposta, assignarão os Padres, e com elles os tabelliães, que lhe forão intimar este protesto, em 18 de Março do anno de 1684.

cópias delle por sua propria mão, enquanto se não imprimia, e foi com tão grande successo, que muitos senhores dos ditos escravos não só buscavão, e pedião com instancia o dito catechismo, mas houve alguns dos mais poderosos, que tomãrão pessoas praticas na lingua, e as tinham assalariadas em suas casas, e fazendas, só para que tivessem o cuidado, e obrigação de ensinar todos os dias a dita doutrina, e cathecismo a seus escravos; e dalli por diante começou este exercicio a ser quotidiano em muitas casas. E porque nos ditos lugares remotos é tão grande a falta de sacerdotes como fica dito, além da primeira parte do catechismo, que se compunha das orações e mysterios da fé, havia nelle outra segunda parte, que constava sómente dos actos com que um homem estando em peccado, se pôde salvar ainda que não tenha cópia de confessor, os quaes actos repetidos, e multiplicados por varios modos, se punhão no dito catechismo com as advertencias necessarias para qualquer pessoa secular poder ajudar a bem morrer o seu escravo, e para o baptisar: se fosse pagão ou innocente, e finalmente para que os miseraveis escravos naquella seu desamparo, se podessem pôr em graça de Deos, se punha no dito catechismo, e se rezava sempre com elles no cabo das orações o acto de contrição.

Mas porque os damnos das almas dos escravos acima referidos, se não podião sómente remediar com o trabalho, e industria dos padres, usando o superior da missão, dos poderes que tinha do Rev. cabido e Sé vacante da Bahia, tractou este remedio com os vigarios geraes, e particulares; e consultando entre si os meios que podião ser mais effectivos e praticaveis, fizerão por duas vezes capitulos de visita, em que com penas ecclesiasticas se acudia a todos os sobreditos inconvenientes, em tal forma, que dalli por diante desde o baptismo até á sepultura tivessem os escravos, antes, e depois de serem christãos, tudo o que lhes era necessario para viverem e morrerem como taes e se salvarem. Os ditos capitulos de visita forão mandados ao cabido pelo dito superior dos missionarios, e confirmados, e mui louvados por todos os capitulares, com preceito a todos os subditos daquelle Estado, os guardassem inviolavelmente, e por não multiplicar esta escriptura, se podem ver os meios com que se acudio a estes annos nos capitulos da mesma visita do vigario geral Belchior da Costa Coelho, que se apresentão, e na certidão de Matheus de Sousa Coelho a si mesmo vigario geral em que se referem.

Disposto na fórma sobredita o remedio espiritual das almas dos Portuguezes, dos seus escravos, e dos Indios das aldeas; faltava só o fim mais principal desta missão, que era a redução e conversão dos Gentios, que vivem retirados dos Portuguezes, em distancias de muitas leguas pelos sertões e rios de todo o Estado, principalmente da Capitania do Pará, mas na execução deste remedio se experimentou a maior de todas as difficuldades, por ter aqui a fé e causa de Deos mais vivamente contra si o interesse, e poder dos homens; assim se vio em duas missões, que os padres intentarão no dito anno de 1683, uma no Maranhão, outra no Pará. No Maranhão intentarão subir pelo Rio do Itapururú, em demanda dos Indios vulgarmente chamados os Barbados; e tendo o padre Antonio Vieira, disposta a dita jornada, com o capitão-mór que então era do Maranhão, e estando determinado entre ambos o dia da partida, e andando actualmente o dito padre com seu companheiro ajuntando pelas aldeas os Indios, para os trazerem consigo, e partirem; o dito capitão-mór por trazer occupados os ditos Indios em interesses seus particulares, e particularmente em duas lavouras de tabaco, que naquelles mesmos mezes se haviam de colher, e beneficiar: na dita ausencia do padre Antonio Vieira, sem o ouvir nem lhe dar razão alguma, desfez a dita jornada, com pretexto de ter já passado o tempo conveniente, sendo certo, que se verdadeiramente era passado, foi por culpa do dito capitão-mór, o qual tendo assentado com o dito padre, e as pessoas praticas da terra, que a viagem se faria por S. João, elle a dilatou para os principios de Agosto. Perdida esta missão e o tempo, se partiu logo do Maranhão o padre Antonio Vieira, com intento de fazer outra pelo Rio das Amazonas, mas tendo noticia no Pará, que por um braço do Rio dos Tocan-

Finalmente chegou o dia da sahida dos Padres, e precedendo um bando que os tres governadores mandarão correr pela cidade, acudio ao porto onde se havião de embarcar, a gente toda, a que o bando obrigava a assistir com suas armas, ou sem ellas. E ao som do sino da Sé, que se tocou como a fogo, sahirão do collegio vinte e sete religiosos, despedindo-se primeiro de Nossa Senhora da Luz, em dia de ramos com palmas nas mãos de dous em dous; e a um delles, que por muita idade não podia andar,

tins em distancia de duzentas leguas daquella cidade, estava a nação dos Pochis, com disposição de se descer para a igreja, tractou logo de seguir esta empreza como fez, levando consigo os padres Francisco Velloso, Antonio Ribeiro, e Manoel de Sousa, todos intelligente na lingua da terra, e dous delles mui eloquentes nella. E sendo seu intento descer os ditos Indios para os pôr em suas aldêas livremente nos sitios, que lhe parecesse mais accomodados a sua liberdade, e doutrina, conforme Sua Magestade lhe tinha ordenado, por mais que mostrou a dita ordem ao capitão-mór do Pará, que então era Ignacio do Rego Barreto, se lhe requereu da parte de Deos, e de Sua Magestade, lhe não puzesse impedimento a ella, mostrando-lhe ainda em caso, que não houvesse a dita ordem para ir pregar a fé, e trazer os Gentios ao gremio da igreja, era jurisdicção meramente espiritual, e ecclesiastica, e totalmente isenta da sua. Mas o dito capitão-mór tinha tractado, e disposto que os ditos Indios se repartissem em muitas partes, e se puzessem em sitio e se entregassem as pessoas, onde, e com quem tinha contractado seus interesses e recebido já á conta delles alguma fazenda em escriptos, que é o dinheiro daquella terra, e por este modo capeadamente vinha a ser o mesmo que captivar, e render os ditos Indios, e para que assim se executasse, mandou por cabo da dita jornada, a um Gaspar Gonçalves Cardoso, com ordem secreta por escripto, que elle depois mostrou ao governador André Vidal de Negreiros, em que lhe mandava, que em tudo fizesse, o que com elle tinha disposto, e praticado sem embargo de qualquer outra ordem, ainda que fosse da letra, e signal delle dito capitão-mór e o dito cabo Gaspar Gonçalves, o executou absolutamente assim sem nenhum respeito aos ditos missionarios, nem ás ordens, que lhe mostrou o padre Antonio Vieira, assim de Sua Magestade, como do dito capitão-mór, respondendo o dito cabo, que as de el-rei não queria guardar, e as do capitão-mór não podia, entendendo isto por um regimento publico e capeado, que o capitão-mór tinha dado ao cabo em que lhe ordenava dêsse escolta aos padres missionarios, e em tudo seguisse as ordens de Sua Magestade; o que visto pelo padre Antonio Vieira, trazendo consigo o padre Francisco Velloso, voltou logo ao Pará deixando os outros dous padres em companhia dos Indios, para que no menos não faltasse remedio a suas almas. Mas chegados os ditos padres ao Pará, o que conseguirão do capitão-mór, e o que conhecerão neste caso, e no do Maranhão, foi desengano de que não podia haver conversão da gentildade, emquanto as missões não estivessem totalmente isentas do poder e interesse dos que governavão.

Outro desengano alcançarão os missionarios neste mesmo tempo, e foi, que o mesmo poder e interesse dos que governavão lhes estorvava não só o fructo, que se podia colher nas almas dos Indios das aldêas, mas quasi totalmente lhes impedia o exercicio de seus ministerios, doutrina, e administração dos Sacramentos, porque quando ião pelas aldêas, ainda que fosse na quaresma, as achavão despovoadas, porque os Indios estavam nas lavouras, e safra como dizem do tabaco, nas quaes gastavão oito, e nove mezes do anno, vivendo e morrendo totalmente como Gentios, por ser nos matos, e algumas vezes em partes mui distantes sem missa, nem dia santo, nem quaresma, nem Sacramentos, nem poderem acudir a fazer suas roças e lavouras particulares, com que elles, suas mulheres, e filhos perecião á fome e destas lastimas erão só testemunhas os velhos, e velhas, que os padres somente achavão nas aldêas, acrescentando-se a este trabalho commum dos tabacos, o de viagens, pescarias, cravo, breu, estopa, fabricas de navios, em que estavam ausentes de suas casas dous e tres annos, e talvez mandando-se as aldêas inteiras a trabalhar em engenhos, e fazendas de assucar, de que tiñão o lucro os que governavão, e os miseraveis Indios o trabalho, e a violencia (porque nenhum ia por sua vontade) e o damno de todos os seus bens temporaes, e espirituaes, sem poderem lograr, nem elles, nem seus filhos o beneficio de sacerdotes, e mestres, que Deos, e Sua Magestade lhes tinha mandado, succedendo muitas vezes, que estando os ditos missionarios com os Indios dispostos para se confessarem, e communharem, e com os catechumenos instruidos

fizerão levar em uma rêde, admirando a todos o socego de animo, que no rosto de cada um se deixava ver. Forão muitas as lagrimas da maior parte dos que alli estavam; e o mesmo affecto se viria nos ausentes, porque é certo, que os mais dos moradores do Maranhão sentião muito a saída dos Padres, e só a estimavão uns poucos amotinados, que bastarão para violentar o consentimento dos outros, temerosos de ameaços e arrebatadas resoluções.

para receberem o baptismo, e com os desposados apregoados, e aparelhados para se receberem, no meio de tudo isto chegava um sargento ou cabo de esquadra, com ordem do capitão-mór nos principaes, ameaçando-os com prisões e outros castigos, e dando-lhe muita pancada, sendo necessario (e sem o ser) para que os Indios fossem a uma parte, e as Indias a outra, e assim se executavão com lagrimas e clamores dos miseraveis, firando frustrado o trabalho dos missionarios, e o que mais é, o sangue de Christo, e a graça de seus Sacramentos.

Da violencia deste tracto se seguirão dous gravissimos damnos ao temporal do Estado, e ao espirital aos Indios, porque uns se sahão das aldeas, e se vão metter entre os escravos dos Portuguezes, vivendo e casando-se com elles, tendo por menor este captiveiro seu, e de toda a sua descendencia, que o falso nome de liberdade que tinham nas aldeas, e outros que havia mais brio, e valor, se mettão pelos matos e se voltavão para as suas terras, com que elles se perdião entre os Genticos, e com as novas que lhes levavão, os retiravão da fé, e os confirmavão na vida que tinham, e na resolução de se não queierem sujeitar nunca aos Portuguezes.

Com estas experiencias, que os padres achavão em toda a parte, e com o conhecimento de que totalmente se lhe inposibilitavão as missões aos Genticos, e que com os já christãos não podião exercitar livremente seus ministerios nem acudir a suas almas como elles havião mister, e elles erão obrigados; e tendo experimentado outrossim, que as informações que tinham mandado por escripto a Vossa Magestade, pela opposição dos interessados, não tinham a efficacia e prompto effeito, que para tão grande necessidade se requeria, estando-se perdendo infinidades de almas, sem remedio, tendo o mesmo remedio presente, se resolveu entre todos os padres, que era necessario vir a esta côrte pessoalmente o superior da missão, para informar em presença a Sua Magestade das causas porque não podião obrar, nem conseguir o para que Sua Magestade os tinha mandado; e com esta resolução se partio logo o padre Antonio Vieira, do Pará ao Maranhão, e do Maranhão a esta côrte, onde nas duas juntas acima referidas, mandou Sua Magestade considerar, depois deolveu, e ordenou tudo o que na lei e regimento mais largamente se contém, que resumido vem a consistir em tres pontos principaes, sem os quaes não pôde haver conversão. O primeiro que aos Indios Genticos se não faça guerra offensiva sem ordem de Vossa Magestade, nem se lhes faça injuria, violencia, ou molestia alguma, e sómente se possam resgatar delles os escravos, que forem legitimamente captivos, para que com este bom tracto queirão receber a fé, e se affeiçoem á vassallagem de Vossa Magestade, e a viver com os Portuguezes. O segundo, que os Indios christãos e avassallados, que vivem nas aldeas, não possam ser constrangidos a servir mais que no tempo e na fórma determinada pela lei: e que no demais vivão como livres, que são, e sejam governados nas suas aldeas pelos principaes da sua nação, e pelos parochos, que delles têm cuidado. Terceiro, que os missionarios fação as missões ao sertão com tal independencia dos que governão, que elles não possam impedir as ditas missões, antes lhe dêem todo o favor, e ajuda para ellas, e a escolta de soldados que fór necessaria quando se houverem de fazer por passos perigosos; e porque dos capitães depende o comedimento ou desordens dos soldados, que a pessoa, que os ditos governadores houverem de eleger por cabo delles seja o que o superior dos ditos missionarios julgar por idonea, e conveniente para isso.

Com estas ordens se partio o padre Antonio Vieira para o Maranhão, onde o governador André Vidal as deu logo á execução e começou a pôr em pratica, e os missionarios derão principio a fazer as missões do sertão na fórma que entendião ser necessario para terem o effeito que se pretende. Logo naquelle anno que foi o mesmo de 1633 se fez a missão dos Tupinambás mais de trezentas leguas pelo Rio dos Tocantins acima, na qual missão forão os padres Francisco Velloso, e Thomé Ribeiro, e depois de fazerem pazes no ditario com os Indios Guarajás, e com os Catingas, passarão aos ditos Tupinambás que é a

Desta sorte se embarcaram os ditos religiosos, em dous barcos arriscadissimos, a qualquer desgraça do mar, e para maior confirmação do odio, que isto obrava, os obrigaram a paga dos fretes de sua passagem, sem lhes deixarem levar consigo o que pudesse ajudar esta despeza. Assim embarcados, deixaram o Maranhão seus missionarios, alguns de vinte e mais annos de assistencia nelle, com a satisfação confessada pelos mesmos que os desterraram. Havião sahido quasi todos de diversas provincias da Compa-

gente mais nobre e bellicosa de toda aquella parte da America, e publicando-lhes a boa nova das novas leis, e ordens de Vossa Magestade (cuja pregação é mais necessaria para os persuadir, que a do evangelho) se abalarão logo para vir com os padres, mais de mil almas, e sem duvida vierão todos os que estavam no dito sitio, mas não o fizeram por um Indio da sua nação, que tinha vindo ao Pará lhes dizer que vira em uma aldeia chamada do Separará a um soldado portuguez tomar pelo braço a mulher de um Indio da mesma nação, e levar-lh'a para sua casa. Para que se veja quanto importa o bom tratamento, que se fizer aos Indios das aldeas, para que os Gentios do sertão queirão receber a f, e vassallagem de Vossa Magestade.

No fim do mesmo anno se fez a missão ou entrada dos Nheengaiabas, e fez-se mais esta, que outra por assim o desejarem os moradores do Pará, na qual entrada foram os padres João de Souto-Maior, e Salvador do Valle. E posto que concorressem para ella, todos os Indios do Maranhão e Pará, com grande tropa dos soldados portuguezes, e os cabos mais amigos, e experimentados que havia em toda aquella conquista, como o principal intento de todo este aparato de armas, era mais a guerra, que a paz, que debaixo della offerecião, e mais o captivo dos corpos, que a salvação das almas dos Indios, mostrou Deos então, que não favorecia estes intentos, e que reservava a conquista, e redução dos Nheengaiabas para outros soldados, para outras armas, e para outro genero de guerra, em que o bem e conversão das almas não fosse envolto e misturado com tantos outros interesses, como depois mostrou o effeito. Foram poucos os escravos que se fizeram, e quasi igual o numero dos nossos, que os Nheengaiabas feriram e mataram. E porque os Portuguezes ião mais prevenidos de cadeas e grilhões para os escravos, que de ataduras, e o mais necessario para as feridas, teve bem em que se empregar a caridade dos ditos padres, na qual dependêrão tudo quanto tinham, e o padre João de Souto-Maior, até a mesma camisa que levava vestida desfez em fios, e ataduras para os feridos, ficando com a roupea sobre a carne.

Neste mesmo anno, foi o padre Manoel de Sousa, com um companheiro em missão ao Rio das Amazonas, e para fundar residencia e andar sempre no mesmo rio, como fazia, andando em roda desde o Xingú até o Gurupa, e do Gurupa até os Tapajós. No mesmo tempo a missão tractou da redução dos Jarunas de que se convertêrão, e descêrão muitos com vario successo, e assim mesmo da conversão dos Nunhunas, os quaes estavam já dispostos para se descrerem no anno passado de 1661, o qual effeito como muitos outros de grande serviço de Deos se impedio, e desbaratou com a expulsão dos padres.

No principio do anno de 1666, foi o mesmo padre João de Souto-Maior, na missão dos Pacajás, por outro nome chamada, a viagem do ouro, titulo lustroso com que muitos moradores daquelle Estado enganarão muitas vezes os ministros de el-rei, ainda aos governadores, sendo o seu principal, e verdadeiro intento captivar Indios, e tirar de suas veias o ouro vermelho, que foi sempre a mina daquelle Estado; trabalharam os mineiros com morte sua, e de muitos Indios, sem mais fructo, que o desengano desta verdade; e o dito padre João de Souto-Maior, trabalhou incansavelmente assim na cura e assistencia corporal, e espirital dos enfermos, como na pregação e doutrina dos Pacajás, dos quaes reduziu a f, quatrocentos que erão os que havia naquelle sitio; e enquanto a cobiça cavava inutilmente os montes, e queimava as pedras, elle se metteu pelos matos descalço, e quasi sem vestido, por ter dispendido tudo quanto tinha com os enfermos, e reduzidos em demanda dos Gentios chamados Pirapés, aos quaes tambem reduziu a se virem para a igreja, e vassallagem de Vossa Magestade, e tornando com invencivel trabalho pelos mesmos matos, e rios ao arraial a visitar os Portuguezes, e Indios, e ministrar os Sacramentos aos que estivessem em necessidade, e juntamente a buscar os meios com que podesse tirar do sertão, e trazer consigo aos Pirapés, que tinha reduzido na volta, que outra vez fez para elles, escurregando de um penhasco, cahio de peitos sobre uma pedra aguda, de que

nhia, onde geralmente amados vivião no conhecido socego della, doixando as occupações, e lugares de seus merecimentos por virtude de letras, e perdendo para sempre a communicação daquelles, a que a natureza, e o sangue, fazia gravemente custosa a sua ausencia. E tudo isto por ir viver entre barbaros, aprendendo linguas estranhas, sem mais outro interesse, que o da salvação de suas almas, as quaes ficavão entregues agora á mes-

ficou notavelmente quebrantado, e se entende, que com lesão em alguma parte vital, por que dalli por diante foi sempre desfallecendo, continuou com tudo o seu caminho a pé, até ficar de tal maneira enfraquecido que não pôde continuar mais, e levado ás costas por alguns Indios. Chegou enfim á povoação daquelles seus novos filhos, que tinha gerado para a igreja, e entre elles, encomendando-lhe a perseverança no proposito em que estavam na fé. Acabou como verdadeiro missionario de Christo a vida.

No mesmo anno de 1636, se fez a missão da serra do Ibiapaba, que é para a parte de Ceará, cento e trinta leguas distante do Maranhão, e mettida outras trinta pela terra dentro. Partirão primeiro por mar, para esta missão, e para outra do Ceará o padre Manoel Nunes, e o padre Thomé Ribeiro, que depois de andarem muitos dias lutando com os ventos contrarios, por força delles tornarão a arribar, e tendo-se perdido a esperanza de se poder fazer por mar a dita viagem, a fizeram por terra no mesmo anno os padres Antonio Ribeiro, e Pedro Pedrosa, os quos emprehenderão o dito caminho de terra, sendo tão difficiloso, e arriscado em razão dos barbaros, que a infestão como acima fica dito, e padecendo grandes fomes por não haver outro mantimento mais, que o que se levava ás costas, e grandes difficuldades nas passagens dos rios que são muitos, e de mui arrebatada corrente, e sem embarcação para a passagem. Finalmente, andando todas as cento e trinta leguas a pé, chegaram á dita serra, fizeram pazes com os Gentios della, e tudo o mais, que acima fica referido.

No fim do mesmo anno, esteve prevenido o padre Antonio Vieira, para ir a uma missão ao Rio das Amazonas, a qual se impedio naquella occasião pelo capitão-mór do Pará, com pretexto de acudir aos que se retiravão da viagem do ouro acima dita, mas esta missão se recuperou logo no anno seguinte de 1637, e forão a ella os padres Francisco Velloso, e Manoel Pires, pelo Rio das Amazonas até ás terras dos Aroaquis, e Rio Negro, por serem estes os lugares em que os moradores esperavão maior resgate de escravos, e porque o desejo dos padres, sempre foi que os moradores tivessem muitos, para que vivessem remedidos e contentes, e sem saudades dos interesses injustos do tempo passado. fez o padre Antonio Vieira uma instrucção aos ditos missionarios, que erão os que em cuja presença se havião de fazer, e com cuja autoridade, se havia de approvar os exames dos cativos, na qual instrucção se punhão todas as duvidas, que podião occorrer sobre os casos da lei, e se resolvião pelas opiniões mais largas, e favoraveis aos moradores. de que elles ficarão com grande satisfação, e fizeram muitos traslados, e juntamente, porque quanto mais larga fosse a porta dos cativos licitos, tanto mais dos ditos escravos, entrarião na igreja, e se porião no caminho da salvação. E entrarão pela dita porta do cativo licito nesta missão seiscentos escravos, mas ainda não ficarão contentes os que só aspirão sempre a não ter porta.

Para satisfazer ao mesmo desejo, e necessidade dos moradores, se fez logo no anno de 1638, outra missão ao mesmo rio, e foi a ella com o dito padre Manoel Pires, o padre Francisco Gonçalves, que tinha acabado de ser provincial do Brasil. Durou a dita viagem quinze mezes: chegaram os padres até o Rio Negro, e por elle acima ha alguns Gentios, que nunca tinhão visto Portuguezes; fizeram-se mais de setecentos escravos, examinados na forma da lei de Vossa Magestade, como tambem os da missão passada. Mas porque nella tinha havido queixa acerca da repartição dos ditos escravos, os quos o cabo da escolta tinha repartido como melhor lhe pareceu, querendo o governador D. Pedro de Mello, e o padre Antonio Vieira acudir a esta queixa, e ao remedio do povo, ajustarão que a metade dos escravos que se fizessem, fossem para o dito povo, e que a outra metade, além da joia do governador, se repartisse com os cabos, soldados, e Indios que trabalhassem na dita jornada; e que outrosim a metade pertencente ao povo se repartisse (em rateio) por todos os lugares do Estado, conforme o numero dos seus moradores. De tudo se fez um papel, que foi approved e recebido com grande applauso pela camara do Maranhão, e com effeito as camaras de todo o Estado em razão da parte que lhe cabia mandá-lo, suas cânoas, e procuradores na execução desta equidade, que era a maior que se podia conside-

ma crueldade dos que lhes tiravão os seus Padres, em que tinham o unico amparo para viverem, e doutrina para se salvarem, o que sem elles já não poderão ter, como a experiencia o mostrará.

Fizerão-se a vela os dous barcos, a que mandarão seguir com uma canôa os do governo, para verem se com os Padres ião alguns Indios fugidos, e sabendo os missionarios, que os que vinhão na dita canôa estavam

rar, houve tambem queixas de que aos padres não pertence dizer quem teve culpa, por que nem elles tinham, nem quizerão ter parte na dita repartição. Custou esta missão a vida do padre Francisco Gonçalves, que por ser pessoa de tanta autoridade, e conhecidas virtudes, foi para toda a missão, e provincia, de grande perda e sentimento.

Neste mesmo anno de 1639, forão o padre Manoel Nunes e o padre Thomé Ribeiro, em missão pelo Rio dos Tocantins, tendo ido para o mesmo rio um anno antes, o dito padre Thomé Ribeiro, com o padre Ricardo Careu, em missão aos Carajás, e aos Poquiguáras, e porque certos Indios mais barbaros dos ditos Poquiguáras matarão alguns dos Indios christãos, que acompanhavão aos padres, resolveu o governador, que se lhe desse guerra (conforme a lei) por impedirem a prgação do evangelho: e com effeito na entrada, que se fez com esta missão, se lhe deu guerra, e forão captivos nella trezentos rebeldes, que se dividirão como escravos; e no mesmo tempo o padre Manoel Nunes, reduzio à fé, e obediencia de Vossa Magestade, mais de mil almas dos ditos Poquiguáras, que logo seu companheiro trouxe pelo rio abaixo até serem aposentados nas terras mais vizinhas ao Pará. E continuando o padre Manoel Nunes pelo rio acima, até o sitio antigo dos Tupinambás, trouxe quatrocentas almas delles; e nesta mesma missão vierão tambem os Catingas, que como acima fica dito, estavam já pacificados pelos padres, e reduzidos a nossa devoção e amizade: e todos estes como os demais de que até agora dissemos, depois de instruidos pelos padres nos mysterios da fé, se baptisarão e se fizeram christãos.

Neste mesmo anno de 1639, forão o Padre Antonio Vieira e o Padre Thomé Ribeiro, á missão dos Nheengaibas, onde fez pazes com esta nação, com a dos Mamayanás, e com a dos Aroans, e introduzio a mesma pratica com os Tocuius, e todos em suas mãos jurarão fé e vassallagem a Vossa Magestade, como mais largamente se contém nos autos publicos, e juridicos, que se remetterão a este reino, e na relação que Sua Magestade mandou imprimir. E no anno seguinte, tornando o Padre Antonio Vieira, em missão ás ditas nações dos Nheengaibas, achou, que em cumprimento do que tinham promettido, já sete aldeas havião sahido do mato, e tinham feito casas e igrejas sobre os rios.

No anno de 1660, foi o Padre Antonio Vieira em segunda missão á serra do Ibiapaba, cujo caminho fizerão tambem a pé, e com as mesmas difficuldades dos primeiros missionarios, onde acharão, que naquelles quatro annos tinham os Padres sepultado mais de quinhentos innocentes dos que elles mesmos havião baptisado, sendo mui poucos os adultos, que em todo aquelle tempo havião morto, como querendo-lhe Deos mostrar, que uma das principaes causas, porque os tinha levado alli, era para recolherem no rio tão grande numero de predestinados. Ordenou o dito Padre muitas cousas necessarias á instituição daquella nova igreja, em que junto com o nome de christandade havia muitos ritos gentilicos e hereticos, e depois de jurada publicamente por todos aquelles Indios, a obediencia á igreja romana, e vassallagem de Vossa Magestade, se partio o dito Padre Antonio Vieira, e trouxe por mar consigo ao Maranhão, quasi todos os Indios da rebellão de Pernambuco, que alli estavam retirados, sendo de grande serviço de Deos, para os da serra tirar-se-lhe a communicação dos de Pernambuco, e para o Estado do Maranhão ter os ditos pernambucanos em parte onde lhe estejam sujeitos, e não possam communicar com os Hollandezes.

Neste mesmo anno de 1660, foi o Padre Manoel de Sousa com o Padre Manoel Pires, em missão pelo Rio das Amazonas até os Aroaquis, na qual nação que dista da boca do Rio das Amazonas mais de quatrocentas leguas, edificou o dito Padre a primeira igreja, e com sua communicação, e promessas de bom tractamento, conforme a lei de Sua Magestade, e em seu nome persuadio ao maior principal dos ditos Aroaquis a que mandasse um seu irmão a viver algum tempo nas aldeas dos christãos do Pará, para que alli se informasse presencialmente de tudo, e experimentando ser assim, receberia a fé, e sujeição de Sua Magestade. Veio o dito irmão, e o que experimentou, por seus olhos em confirmação do bom tracto, que os padres lhe tinham promettido dos Portuguezes, foi ver que os mesmos Portuguezes, prendião e affrontavão os ditos Padres, e os tiravão injurio-

ainda por desobrigar, e que assim ficariao porque a quaresma era acabada, e no Maranhão não haveria quem lhes zelasse esta obrigação de christãos, desembarcando nas praias do Pereá, disserão missa, e confessarão aos ditos Indios, para que ainda no caminho deseu degredo, pudessem dar o sustento espiritual aos filhos da sua doutrina. Proseguirão depois a viagem, e um dos barcos, que trazia quinze religiosos chegou a Pernam-

samente de suas casas, e os lançavão fóra dellas, e da mesma terra em um navio. Isto vio com assombro o dito irmão do principal Gentio, e estas novas levou á sua terra, tanto em credito das promessas dos prégadores do evangelho, e do rei, em cujo nome lh'as tinham feito. Fizerão-se nesta missão ao redor de trezentos escravos com grande dôr dos moradores do Pará, que os virão passar todos para o Maranhão, por lá ser de mais valor aquella mercadoria, queixando-se de que se fizesse para a cobiça de um, o que poderia remediar a necessidade de muitos, e tudo isto pagarão os Padres da Companhia, não só com a sua expulsão do Pará, mas com a morte do mesmo Padre Manoel de Sousa, que tinha ido a esta missão, e morrer nella, e com a do Padre Paulo Luiz, que lhe substituiu no Gurupá.

Isto é, Senhor, com summa e sem circumstancias de grande edificação, que se deixa por brevidade o que os missionarios da Companhia, obrarão nestes nove annos em serviço das almas dos Gentios do sertão, dos Indios livres das aldéas, e dos escravos que vivem nas casas dos Portuguezes. E daqui se segue a segunda parte do grande serviço espiritual que fizerão ácerca das almas dos mesmos Portuguezes, impedindo os grandes peccados, de injustiça e crueldade, torpeza, e falta de religião, que os ditos Portuguezes commettião no tracto dos ditos Indios, porque não só erão peccados dos Portuguezes, as guerras injustas, os roubos, os incendios, as mortes, e os captiveiros com que tyrannisavão os Gentios do sertão, nem só erão outrosim peccados dos Portuguezes, as torpezas, os adulterios, os estupro, as forças, as violencias, os escandalos, as impiedades, com que tractavão aos Indios livres, e christãos das aldéas, tomando-lhe suas mulheres e filhas, servindo-se delles, de seus filhos, e dellas, sem lhes pagarem seu serviço, e testando delles, e deixando-os a seus herdeiros como se forão seus escravos, e mandando-os trabalhar nos tabacos, na mesma conjuncção do anno em que era o tempo de fazerem as suas lavouras, com que perecia a fé, e muitos se tornavão para o mato. Mas sobre tudo erão peccados dos Portuguezes os peccados dos seus escravos, não havendo Portuguez, que cada dia por esta via não estivesse commettendo infinitos peccados de que erão complices com os ditos seus escravos, e ainda mais culpados que elles pela maior obrigação, e maior entendimento que tinham, peccando na fé em que não instruião aos pagãos, peccando na missa, que não ouvião os já baptisados, peccando nos domingos, e dias santos, que não guardavão, peccando na doutrina, que não sabião, peccando na confissão da quaresma, peccando nos Sacramentos da hora da morte, e na sepultura christã, que lhe não davão, peccando em andarem nus, peccando em andarem emancipados, peccando em casarem dolosamente escravos com livres, peccando em casarem os já casados, por não quererem fazer as denuncias como manda a igreja, e peccando finalmente em muitos outros generos de circumstancias de peccados gravissimos, os quaes todos procurarão impedir os ditos missionarios, não só pelo meio da prégão evangelica, como religiosos da Companhia, mas por meio tambem das constituições ecclesiasticas, como pessoas que tinham em si, e sobre suas consciencias o poder, e obrigação do cabido, e por meio das leis, e regimento de Vossa Magestade, dando conta como Vossa Magestade lhe tinha ordenado, de tudo o que para o bem espiritual do dito Estado, e descargo da consciencia de Vossa Magestade fosse necessario. Estes são, Senhor, os males que impedirão, e estes são os bens, que fizerão naquello Estado em espaço de nove annos os missionarios da Companhia, estes são os que sem respeito ao acatamento de Vossa Magestade, se atreve um homem do Maranhão a chamar em sua real presença, Hollandezes, não se lembrando o dito procurador, que só porque os homens do Maranhão se não fizessem Hollandezes, se resolvêrão os ditos Padres da Companhia, a tomar sobre si o risco, e a empreza de os lançarem fóra, como Deos lançou, mediante seu zelo. Vião os ditos Padres, que já os Portuguezes se casavão, e casavão suas filhas com os Hollandezes. Vião que havia Portuguezes, que não só bebião com os Hollandezes, mas pelos calices consagrados como elles. Vião que tinham jurado por seu senhor ao principe d'Orange, o que nenhuns Portuguezes das outras conquistas fizerão: porque totalmente se não viessem fazer Hollandezes, por zelo da fé, e tomar da heresia, mais que por

bucu, aos 18 de Maio, e o outro onde vinhão doze, ficou arribado pelo Ceará, com o mastro rendido.

Não se póde crer a benevolencia e amor com que o governador de Pernambuco D. João de Sousa, e seu irmão o marquez das Minas, governador da Bahia, recebêrão aos missionarios desterrados; nem o sentimento que tiverão sabendo o que fica referido. Desejavão ver vingados tantos e tão

amor da patria, e liberdade, tractárão os ditos Padres de lançar fóra aos Hollanderes ; mas não lançárão fóra, eomtudo as demasias no beber, que delles se aprenderão, os quaes em casa do mesmo procurador como é publico, derão principio a este levantamento.

Allega mais o dito procurador, como se os merecimentos dos moradores do Maranhão, quando os tivessem, forão culpas dos ditos padres da Companhia que os ditos moradores avassallárão a Vossa Magestade innumeraveis Gentios, e será justo que neste ponto, como no passado se conheça a differença com que o tem feito os Padres da Companhia, assim no numero dos ditos avassallados, como nos effeitos, fins e modo com que o fizerão. Forão taes os meios com que os moradores do Maranhão obrárão este chamado avassallar dos Gentios, que desde o principio do mundo entrando o tempo dos Neros, e Declecianos, se não executárão em toda a Europa tantas injustiças, crueldades e tyrannias como executou a cobiça, e impiedade dos chamados conquistadores do Maranhão, nos bens, no suor, no sangue, na liberdade, nas mulheres, nos filhos, nas vidas, e sobre tudo nas almas dos miseraveis Indios; as guerras as fazião geralmente sem causa justa, nem injusta, e sem poder, nem autoridade real, que para isso tivessem, antes contra expressas leis, e prohibições, matando, roubando, captivando, e nos injustissimos captiveiros apartando os pais dos filhos, aos maridos das mulheres, assolando e queimando as aldeas inteiras, que são ordinariamente feitas de folhas de palma secca, abrazando nellas vivos, os que se não querião render para escravos, vendendo-os e deixando-os a seus herdeiros, e depois tractando-os ainda com maior crueldade como abaixo se dirá, tudo é publico e notorio, e se podem ler estampados grandes excessos destas tyrannias no livro dos sermões do Padre Frei Christovão de Lisboa, que morreu bispo cleito de Angola, e foi commissario dos seus religiosos capuchos de Santo Antonio naquelle Estado; o qual obrigado das perseguições dos ditos moradores, e dos falsos testemunhos, que levantárão a seus religiosos, os tirou das aldeas e doutrinas dos Indios, que naquelle tempo tinham a seu cargo, chegando a tanto a perseguição, que dentro no convento do Maranhão, lhe matárão á espingarda um religioso. É commun opinião dos mais intelligentes daquelles tempos, e assim o jura em sua certidão passada na hora da morte o couego Manuel Teixeira, irmão de Pedro Teixeira capitão-mór da conquista do Maranhão, que nas sobreditas occasiões destruírão os Portuguezes mais de dous milhões de Indios, sem haver da sua parte outro titulo mais, que a cobiça dos escravos com que as aldeas populosas dos Indios, que desde a ilha do Maranhão até o Rio dos Tapajós erão infinitas, quando os Padres forão áquelle Estado estavam todos reduzidos a pouquissimas aldeotas, cujos Indios estiverão já hoje de todo acabados, e extintos pelo cuidado e diligencia dos Padres se não conservavão os que já havia, e com as missões que se fizerão ao sertão, se não forão fornecendo, e augmentando as ditas aldeas em tanto crescimento como de presente estão, principalmente no Pará.

E para que conste de quanta maior utilidade, e para alcançar victorias dos Gentios, se têm sido as armas espirituas dos missionarios, que as dos soldados e conquistadores, de que o dito procurador faz tanto merecimento, é digno dese ver, que quando os missionarios chegarão no Estado do Maranhão, desde o dito Maranhão até o Ceará, que são mais de duzentas leguas, toda a terra e costa era de inimigos, de maneira que nem caminhar por terra, nem ainda sahir à praia a fazer aguada podião os navegantes sem evidente risco das vidas, como com effeito forão mortos e tomidos muitos pelos barbaros daquela costa, e sertões, sem se poder mandar, nem ainda receber de Pernambuco uma carta, e uma vez que intentárão os Portuguezes o dito caminho com poder de armas, forão obrigados a desistir da empreza pelos Tapuyas do mato, os quaes continuamente estão hoje dando assaltos, e matando gente no Rio do Itapucurú, onde é a principal força dos engenhos do Maranhão; e a cidade do Pará estava como sitiada das nações dos Nheengalbas, os quaes dominavão todos os rios até o Gurupá, assaltando matando aos que por elles

graves crimes juntos: a desobediencia ao governador do Estado do Maranhão; a falta de respeito ás leis, e ordens reaes; a expulsão dos missionarios, e o desaforo de um tão horrivel motim, em uma possessão de Portugal. Chegou o marquez governador da Bahia, a intentar pessoalmente a jornada do Maranhão, para empregar seu zelo na composição de tantos desconcertos; mas pareceu melhor dar primeiro conta a Sua Magestade, e que o fosse tambem fazer o Padre João Felippe Betendoreff, que apresentará esta lastimosa relação a Sua Magestade.

passavam, e atrevido-se a vir dar os mesmos assaltos na vizinhança da mesma cidade, e á sua vista, pela qual causa muitos dos moradores tinham desamparado suas terras, casas e fazendas, sem haver em todo o Estado poder bastante para remediar estes damnos, como se experimentou no principio do governo de André Vidal, em que sendo acommettidos os ditos Nheengaibas, com todas as forças juntas do Maranhão e Pará, não tiveram os Portuguezes da dita empresa mais, que mortes, e trabalhos, e o desengano de serem os ditos Nheengaibas como elles julgavam inconquistaveis. Este era o estado a que estavam reduzidas as terras e casas daquelle imperio e dominio, que diz o procurador sujeitáram e avassallaram os moradores do Maranhão a Vossa Magestade, querendo mostrar, quanto mais tem obrado naquelle Estado, e quanto mais uteis são, que os Padres da Companhia; mas foi Deos servido, que tanto que os Padres da Companhia tomáram estas duas empresas por sua conta, ao principio com duas folhas de papel, e depois com duas missões as conseguiram ambas, sujeitando e avassallando verdadeiramente a Vossa Magestade as ditas nações sem armas, e despesas como consta dos autos, que disso se fizerão, e serão remettidas a Vossa Magestade, franqueando a viagem do Gurupá, e Rio das Amazonas, e os caminhos e praias do Maranhão até o Ceará e Pernambuco.

Em anno de 1660 em que o Padre Antonio Vieira foi em missão á serra do Ibiapaba, que fica no sertão da dita costa, deixou ajustado e assentado com os ditos Indios, o modo com que no verão seguinte se havião de sujeitar com ajuda dos Indios do Maranhão os Tapuyas do mato, para que cessassem os assaltos e hostilidades do Rio Itapucurú, mas o levantamento do Maranhão atalhou estes e outros effeitos de grande utilidade temporal do mesmo Estado, mas bastem os exemplos referidos para que se conheça quanto mais Vossa Magestade vence com os seus missionarios, do que com os que professão outras armas.

Diz mais o dito procurador, que os Padres missionarios se levantavam naquelle Estado com a jurisdicção de Vossa Magestade, e devia tambem apontar em que cousas tomavam a dita jurisdicção. Já fica dito como o Padre Antonio Vieira denunciou a jurisdicção da administração dos Indios, que se tinha concedido por el-rei Felippe, e por el-rei D. João nosso senhor, ao Padre Luiz Figueira. Tambem renunciou a jurisdicção de pai dos christãos como ha na India, que é jurisdicção, para a qual se póde appellar do mesmo vice-rei. Tambem renunciou a jurisdicção, e poderes do cabido da Bahia logo no primeiro anno, e o conseguiu por via de Roma no ultimo. O secretario Gaspar de Faria Severim, póde certificar a largueza com que el-rei D. João que está no cêo, lhe ordenou passasse ao dito Padre as ordens que elle pedisse, e como só pedio, que os maiores lhe não impedissem as missões, e lhe dessem ajuda, e favor necessario para isso. Do sobredito se segue, que não foi grande nos ditos missionarios a ambição de jurisdicções; mas depois, que com a experiencia virão os impedimentos, que tinha a conversão, na violencia dos Portuguezes, e principalmente dos maiores, o que representáram a Vossa Magestade, não foi que desse jurisdicções aos missionarios, senão que lhes mettesse duas redeas com que podessem refrear dous generos das violencias sobreditas, que erão o impedimento total da conversão.

A primeira redea para refrear as violencias, que se fazião aos Indios Gentios do sertão, e a este fim ordenou Sua Magestade, que os missionarios tivessem um voto no exame dos escravos, e que o cabo da escolta fosse pessoa approvada por elles, e que as missões se fizessem pelos lugares, e ao tempo, que o superior da missão julgasse. Esta é a primeira jurisdicção, ou a primeira redea da qual os missionarios usáram sempre com tanta moderação, que as mais das missões forão somente feitas para utilidade do povo, por onde elle queria, e affim de resgatar escravos, como foi a do Padre Francisco Velloso, e a do Padre Francisco Gonçalves, e a do Padre Manoel de Sousa ao Rio das Amazonas, e as duas do Padre João de Souto-Maior aos Nheengaibas, e aos Pacaiás, e a do Padre Manoel

RAZÕES PORQUE OS PADRES DEVEM SER RESTITUIDOS ÀS ALDEIAS.

Havendo alguns annos, que este Estado estava sem os religiosos da Companhia de Jesus por os que nelle residião haverem mortos os Tapuyas de corso, el-rei D. João IV, informado da falta que nelle fazião os ditos religiosos, houve por bem ordenar que tornassem a continuar, como ia d'antes, e para melhor se conseguir o serviço de Deos (que era o fim para que vinhão) lhes fez mercê pela provisão da éra de

Nunc aos Poquis. E no que toca á apresentação dos cabos, sempre o superior da missão fez cortezia com ella aos governadores, exceptuando-lhe sómente alguma pessoa, ou pessoas, que de nenhum modo convinham.

A segunda redea era para refrear as violencias, que se fazião aos Indios christãos das aldeias, e a este fim ordenou outrossim Sua Magestade, que ninguem os podesse obrigar a servir mais, que seis mezes em cada um anno, e que esses seis mezes fossem alternados de dous em dous, e que se lhes pagasse duas varas de panno de algodão por cada mez, e que nas aldeias se não puzesse captaes, e que fossem governadas pelos principaes de sua nação, juntamente com os seus parochos. E desta segunda redea usarão tambem com tanta moderação os ditos missionarios, e tanto a favor dos Portuguezes, que nenhum Indio houve como fica dito, que não servisse cada anno oito e dez mezes, e muitas vezes não tendo o pagamento o alugador do Indio, lhe o davão os Padres, e o depositavão, e pagavão de sua casa, para que nem se faltasse ao remedio da pobreza, nem á observancia da lei, applicando os ditos Padres como tambem fica dito ao serviço dos moradores, não só os Indios das aldeias communes, senão tambem os da sua

Estas são as chamadas jurisdições que tinham e executavão os Padres da Companhia, e se as ditas jurisdições forão dadas aos ditos Padres por Sua Magestade como consta de suas leis, e regimento, e se forão mettidos de posse dellas juridicamente, e sem contradição alguma, e se havia nove annos que as exercitavão com repetidas ordens, e recommendações de Sua Magestade que o fizessem assim, em que tomavão os ditos religiosos a jurisdição de el-rei? toda a jurisdição secular, que ha, é de el-rei, e elle a reparte como é servido; e assim como os governadores, ouvidores, e procuradores não tomão a jurisdição de el-rei porque elle lh'a dá, assim tambem os missionarios não tomarão jurisdição real alguma, porque toda a que tinham, lhe foi uma e muitas vezes dada por Sua Magestade.

Mas o que muito doe ao procurador e aos que neste sentimento fallão por sua boca (que não são só os moradores do Maranhão) é que por meio das duas redeas sobreditas que Sua Magestade poz nas mãos dos missionarios da Companhia, ficou enfreada a cobiça, e se e-torvãrão em grande parte os dous generos de interesses illicitos, e violentissimos, que os Indios christãos das aldeias, e dos Gentios do sertão tyrannica e injustissimamente se tiravão. E este ponto é digno de se considerar com toda attenção, porque nelle consiste o fundamento e conhecimento de toda esta causa, e seus tão exorbitantes effeitos. No Estado do Maranhão, Senhor, não ha outro ouro, nem outra prata mais, que o sangue e suor dos Indios: o sangue se vende nos que captivão, e o suor se converte no tabaco, no assucar e nas mais drogas, que com os ditos Indios se lavrão, e fabricão. Com este sangue e com este suor se remedeia a necessidade dos moradores; e com este sangue e com este suor se enche, e se enriquece a cobiça insaciavel dos que lá vão governar. Ordenou Vossa Magestade, que deste sangue se desse áquelle Estado sómente o licito, que são os regates dos escravos justos, e que deste suor se lhe desse tambem o licito, que é o serviço dos Indios christãos das aldeias por seu estipendio, com obrigação de servirem sómente seis mezes cada anno. Mas como o dito sangue e suor licito não se emprega todo na necessidade dos moradores, nem basta todo, nem bastaria ainda que fosse muito mais para a cobiça dos que só isto vão buscar debaixo do titulo de ministros de Vossa Magestade, daqui se segue, que a execução das leis e regimento de Vossa Magestade, que os ditos missionarios defendem lhes parece a todos oppressão e jugo insupportavel. E como a dita justiça e leis, e os ditos miseraveis Indios assim das aldeias como do sertão, não têm outros defensores mais que unicamente os ditos missionarios da Companhia, por isso os interessados se resolvêrão a uma acção tão temeraria, e sacrilega, como lançarem fóra os ditos Padres, só officio como diz o mesmo procurador, de se reduzi-rem ao primeiro estado, que d'antes tinham,

1652, tivessem tres aldeas cada uma em cada Capitania a saber, nesta do Maranhão, na do Pará, e na do Gurupá.

Chegados os ditos religiosos na mesma era de 1652, tractarão de povoar as ditas tres Capitancias como fizerão, e todos sabem, e para conseguirem melhor a doutrina, requerêrão nesta uma aldeia, a qual lhe nomearão a da que era principal Gregorio Matagaia, cujo filho era lazaro, que occupou

o qual era uma absoluta liberdade ou tyrannia de consciencia, com que nos sertões captivavam a todos os Gentios sem differença; e nas aldeas a uns captivavam, senheando-se delles, de suas mulheres e fillos, e de outros, se servião por força, com medos, ameaças, e castigos, contra quem os miseraveis não podião ter resistencia. Nesta multiplicada e injustiça tão manifesta, e tão notoria, estavam intrusos os do governo daquelle Estado por mero abuso, cobiça, e violencia, sem haver titulo, nem regimento, nem lei que tal jurisdicção lhe dêsse, ou podesse dar, antes estando prohibido e condemnado tudo isso por todas as leis e por todos os regimentos, e porque ultimamente depois de tão considerações, e tão consultados os meios com que os sobreditos damnos se podião remediar, Vossa Magestade foi servido tomar por expediente, que os ditos missionarios para defender as injustiças que se fazião aos christãos, assistissem nas aldeas, e para impedir os que se commettião contra os Gentios, assistissem tambem nas entradas do sertão: dizem ou querem dizer os ditos interessados, que os missionarios lhe tomão as suas jurisdicções como se os ditos abusos, e injustiças forão jurisdicção ou Vossa Magestade a tivera dado a algum governador, ou os ditos missionarios que a impedião e contrariavão, a tivessem tomado, ou podessem tomar. De maneira, Senhor, que todo o ponto desta controversia, consista em uma cousa, que actualmente não ha, e só a houve antigamente, e querem os interessados, que a torne a haver, que é o interesse injusto, e tyrannico, que do sangue, e suor dos Indios se tirava. Assim que toda a queixa contra os missionarios da Companhia não é pelo que elles fazem, senão pelo que impedem, não é pelo que commettem, senão pelo que defendem, nem é pelo que elles tomem, ou tenham, senão pelo que outros querem tomar, e ter (contra as leis de Vossa Magestade) por summa iniquidade e injustiça.

Só se poderia replicar contra isto, que supposta a difficuldade e repugnancia, que na emenda dos ditos abusos se experimenta, seria maior conveniencia, e ainda prudencia dos ditos missionarios, largarem das mãos as sobreditas redeas, e trabalharem pacificamente na salvaguarda e conversão dos Indios, sem contenda, nem controversia com os Portuguezes. Mas a esta objecção, ja fica respondido neste papel no paragrapho atraz deste mesmo capitulo, onde se refere como este foi o primeiro intento do Padre Antonio Vieira, renunciando a administração dos Indios, que ao Padre Luiz Figueira estava concedida para não ter encontros com os Portuguezes. Mas depois, que a experiencia dos estylos injustos lhe ensinou o mesmo que ao dito Padre Luiz Figueira tinha ensinado, virão o conhecerão todos os ditos missionarios assim passados, como presentes, que sem se guardar justiça aos Indios nas aldeas e nos sertões, não é possível haver conversão.

A conversão e redução dos Indios do Maranhão, não só consiste em lhe darem os missionarios os mysterios da fè, e lhes darem conhecimento do verdadeiro Deos; mas depende principalmente de os segurarem, o lhes persuadirem a que os Portuguezes os não hão de captivar, nem maltratar, nem lhes hão de tomar suas mulheres, e seus fillos, nem se hão de servir delles, senão voluntariamente por seu estipendio, e finalmente que hão de viver juntos em suas aldeas como livres sem se lhes fazer força, nem violencia alguma. E quando isto se lhes cumpra, e guarde tão inteiramente como se lhes promette, ainda é grande efficaçia da graça Divina, que homens Gentios e barbaros, criados sem nenhuma lei, nem ainda a da natureza, queirão ser arrancados de suas patrias, e vir para terras estranhas a receber a fè de um Deos, e a sujeição de um rei, que não conhecerem e obrigar-se em tudo a tão differentes estylos, e preceitos de vida. Mas quando isto se não observasse assim, senão totalmente pelo contrario, e em lugar da promettida liberdade o bom tractamento, achassem os ditos Indios captiveiros, violencias, roubos, impiedades, que Gentio, que barbaro, que fosse havia de crer em tal lei ou receber o Deos de taes ministros, ou sujeitar-se ao principe de taes vassallos? e se alguma vez por engano tivessem accetado a dita sujeição, e jugo, qual havia de ser tão soffrido, que o não sacudisse logo e fugisse, e se remontasse para terras ainda mais distantes, que as suas como fazião? quando os missionarios vão a conversão dos Gentios, ou lhe hão de fallar verdade, ou não? não lhe fallar verdade, não só é cousa injusta e indigna de pregadores do evangelho,

o dito cargo, por ser esta aldêa trazida de Pernambuco pelo Padre missionario Luiz Figueira da Companhia de Jesus, que por estar muito falta de gente, se lhe mettêrão trinta e tres casaes, tudo em ordem ao cumprimento da dita provisão dada á execução pelos officiaes da camara, que aquelle anno exercião.

Com este titulo (que era a provisão do dito senhor) e com esta posse

mas ainda inutil, porque em caso, que por aquelle engano reduzissem os primeiros, serião elles os ultimos, e ainda esses se voltarião para suas terras. Mas se lhes hão de fallar verdade, como é razão que lh'a fallem, sendo o tractamento que lhe dão os Portuguezes tão violento e injusto como fica dito, não seria prégar-lhe a fê, senão o martyrio, persuadidos no tal caso a que se descessem para a igreja e vassallagem de Vossa Magestade, nem era persuadi los a que se fizessem christãos, senão a que viessem a ser tyrannizados nas mãos dos Portuguezes; importa logo, e é indubitavelmente necessario, que injustiças e violencias se não permittião, e que nas mãos dos missionarios esteja o poder negativo para que não só possam prometter aos ditos Gentios o bom tractamento, e mostrar-lhe as leis em que Vossa Magestade o ordena, mas tambem para igualmente o poder que de Vossa Magestade tem, os assegura para os defender, e para não permittir nem consentir o contrario. Mas com esta expulsão dos Padres estão os ditos interessados mui victoriosos, e ufanos, parecendo-lhes, que tem mostrado, e desenganado aos Indios que podem mais, que os Padres, que os governadores e que o rei, e ainda que o mesmo Deus, segundo os escarneos, e zombarias que têm feito das igrejas, das imagens, e das orações, dizendo que já aquillo se acabou.

Diz assim mais neste capitulo o dito procurador, que vendo-se os povos opprimidos com a tyrannia dos missionarios, e não podendo supportar mais, se resolvêrão aos lançar fora. E porque falla em oppressões, e é verdade, que se padece muitas naquelle Estado, e o dito procurador cala e occulta maliciosamente algumas causas dellas, e pôde ser, que não só elle ignore as outras, mas ainda aos mesmos ministros de Vossa Magestade não sejam presentes, referiremos aqui como pessoas tão experimentadas e praticas de todo aquelle Estados causas da oppressão, ou oppressões, que nelle se padecem, para que Vossa Magestade mande emendar as ditas causas como fôr justiça, e remediar os effectos della como pede a razão.

A primeira causa de todas as oppressões, trabalhos, e misérias que padecem os moradores do Maranhão, são os percados do dito Estado, e as injustiças e tyrannias, com que desde seu principio foi conquistado, e fundado contra todas as leis de Deus, da igreja, da razão e ainda da mesma natureza. E como os alicerces se assentãrão sobre sangue, e com sangue se foi amassando, e ligando sempre o edificio, força é, que as pedras e partes delle, que são os moradores, ainda quando mais meios tenham de sua conservação e augmento, nem se conservem, nem cresçam, antes todo o mesmo Estado se desfça, padeça e arruine.

A segunda causa, é a natureza da mesma terra do Maranhão e Pará, a qual de quarenta annos a esta parte se tem esterilizado de maneira, com a habitação dos Portuguezes, que sendo no principio muito facil o sustento, hoje é pouco, e muito difficuloso. Na ilha do Maranhão responde muito mal a terra com o pão natural daquellas partes, que é a mandioca, e no Pará por serem as terras todas alagadas, são tão poucos os lugares capazes de planta da dita mandioca, que é necessario aos moradores mudarem muitas vezes suas casas e fazendas, deixando perdidas e despovoadas as que tinham, e ir fabricar outras de novo dalli a muitas leguas com excessivo trabalho e despeza. As madeiras com a fabrica dos navios, e destruição das roças em que se derrubão, e queimão são já menos e muito distantes, as cannaes de asucar não se plantão uma só vez como no Brasil, mas quasi é necessario, que se vão replantando todos os annos. As terras capazes do tabaco tambem se vão já buscar muito longe. O comer ordinario é caça e pescado, e a caça sendo antigamente tanta, que quasi se mettia pelas casas, hoje pela continuação com que se tem batido os matos está quasi extincta. E no peixe se tem experimentado quasi o mesmo, sendo no principio infinito. E a razão de tudo é não serem as terras da America tão criadoras, como tambem o mostrou a experiencia no Brasil, para onde se carrega de Portugal tanto peixe secco, ajudando muito no Maranhão a esterilizar os mares e rios, os modos de pescar que se usão sem nenhuma providencia com que é mais o que destroem, que o que se aproveita, e se perde totalmente a criação; e como a gente cresce e o sustento diminue, é força, que se padeça muito. A este trabalho se accrescenta outro inconveniente tam-

(que foi o cumpra-se do senado, e do capitão-mór e governador). Logrão os religiosos esta aldeia alguns annos até serem expulsos deste Estado, como a todos é notorio, e mandados restituir e continuar com a doutrina e missões pela Magestade de el-rei D. Affonso VI, como consta da provisão da era de 1663.

E supposto o dito senhor foi servido mandar restituir e continuar aos

bem natural, que é os das distancias assim de uma povoação a outra, como dos freguezes à igreja, e dos moradores e casas entre si, porque muitas vezes vive um morador distante do outro oito e dez leguas, e um freguez distante da sua parochia quarenta, e uma povoação da outra povoação cento e cincoenta, que tantas leguas ha do Maranhão ao Pará, sem haver em meio mais que a chamada villa do Gurupí, que não tem trinta vizinhos com que o commercio e communicação fica mui difficiloso, e é necessario, que em reimar as canoas, que vão e vêm se occupe tanta quantidade de Indios que pudera remediar muitos pobres; e não se pôde acudir a este inconveniente de tão insupportavel trabalho, e despesa de outra sorte, porque a costa é incapaz de a navegarem barcos, ou navios em razão dos ventos, e aguas que sempre correm de uma parte, com tanto impeto, que não é possível romper, nem navegar para a outra.

A terceira causa é o estylo ou pouco governo com que se vive naquellas partes, por que excepta a cidade de S. Luiz do Maranhão onde de poucos tempos para cá se corta carne algumas vezes, em todo o Estado não ha açougue, nem ribeira, nem horta. nem tenda onde se vendão as cousas usuaes para o comer ordinario, nem ainda um arratel de assucar com se fazer na terra. E sendo, que no Pará todos os caminhos são por agua, não ha em toda a cidade um barco, ou canoa de aluguel para nenhuma passagem, de que tudo se segue, e vem a ser o estylo de viver ordinario, que para um homem ter o pão da terra, ha de ter roça, e para comer carne ha de ter caçador, e para comer peixe, pescador, e para vestir roupa lavada, lavadeira, e para ir à missa, ou a qualquer parte, canoa e remeiros. E isto é o que precisamente tem os moradores mais pobres, tendo-os de mais cabedal, costureiras, fiandeiras, rendeiras, teares, e outros instrumentos e officios de mais fabrica com que cada familia vem a ser uma republica; e os que não podem alcançar a tanto numero de escravos, ou passão miseravelmente, ou vendo-se no espelho dos demais lhes parece, que é miseravel a sua vida.

A quarta causa é o grande numero de gente, que de poucos annos a esta parte tem accrescido aquelle Estado, e o ponco ou nenhum cabedal de quasi todos os que desde seu principio o povoarão. Porque os primeiros povoadores do Estado do Maranhão, forão os soldados daquella conquista mandados de Pernambuco, aos quaes lhes vinha tambem de Pernambuco todos os annos a limitada paga com que tão mal se sustentavão, que raro chegou naquelles principios a calçar meias, e sapatos. Povôu-se tambem o Maranhão com gente das ilhas, que posto que alguns delles fossem muito nobres, os demais erão gente necessitada, e que ia buscar a novidade daquellas terras o remedio que não tinha nas proprias, onde não cabia. Tambem ajudou muito a povoar o grande numero de soldados vendidos pelos Holandezes na costa de Pernambuco, os quaes rotos e despidos, lançavão pela mesma costa abaixo, e se vinhão recolher no Maranhão, onde os que ordinariamente se deixavão ficar, erão aquelles, que menos remedio e esperança tinham em outra parte. Finalmente o resto da gente de que o Maranhão se povoa quasi todos os annos, são os degradados, que para lá se mandão do limoeiro de Lisboa, que tambem são de ordinario os que cá tem menos remedio, e valia, e como toda esta gente chega aquelle Estado sem cabedal, e logo quer viver nelle ao uso, e exemplo da terra, ainda que vivão com maior largueza do que nunca tiverão, lhes parece grande estreiteza e oppressão à sua.

A quinta causa pôde ser a multidão de religiosos e conventos notavelmente desproporcionado à limitação da terra, porque não havendo na cidade e Capitania do Pará, oitenta moradores, e não residindo de ordinario na dita cidade a quinta parte delles, ha comtudo nesta mesma chamada cidade, quatro conventos de religiosos do Carmo, das mercês, de Santo Antonio e da Companhia, e alguns delles muito grandes e numerosos, os quaes todos (excepto a Companhia) não tem renda alguma, e assim o de que se sustentão os ditos religiosos suas igrejas, e pessoas, e o que alguns embarção, e mandão para Portugal, que não é pouco, tudo sahe dos ditos moradores, que pagão as missas, officios, e enterros por mui subidos preços, e servem grandes numeros de confraria com grandes, e involuntarios gastos nas suas festas, porque sem serem perguntados se ouvem apregoar dos pulpi-

ditos religiosos, se não devia sómente entender dos seus collegios, mas de tudo aquillo que possuão e tinham antes de serem esbulhados, porque isso é o que quer dizer restituir e continuar, e a ordenação do reino no livro 4º, tit. 58, em principio o dá assim a entender com todos os direitos, porque nem uma outra cousa foi expulsarem os ditos religiosos, e tirarem-nos da posse em que estavam da dita aldêa, que força o

tos, tendo-se por discredito o faltar á assistencia das ditas eleições, com que muitos dos ditos moradores se queixão e bradão, que lhes não basta tudo o que grangeão no anno, para satisfazer aos empenhos desta forçada devoção: e como os ditos religiosos é força que seão visitados de seus prelados-môres, e que se mudem de uns conventos para outros, vem a ser um numero mui consideravel de Indios, os que se occupão cada anno em remar as canoas dos ditos religioso do Marauhão ao Pará, porque anno houve, e foi o de 1660, em que da religião das Mercês se fizerão onze viagens destas

A sexta causa, ou occasião com as guerras, e mudança da moeda, de que se seguiu darem em tantas baixas as drogas daquelle Estado, que se não tirava dellas lucro algum, e mandados a este reino se vendião por pouco mais do que era necessario para pagar fretes e direitos, subindo-se por outra parte as mercadorias que se levavão deste reino a tão excessivos preços, que nenhum cabedal era bastante para as pagar, com que todos os moradores se vêm empenhados, e antes de colherem as suas lavouras as têm já captivas para muitos annos, posto que isso tambem nasceu de outra causa, que mais abaixo se dirá.

A setima seão alguns vicios mais particulares daquelle Estado, entre os quaes tem grande lugar a ociosidade e preguiça, que como lhe chamou o sabio, é mãe da pobreza e necessidade, a qual necessidade dos moradores do Maranhão, que d'antes se costumava contentar com muito pouco na casa e no vestido, depois que foi crescendo a policia naquelle Estado, se poz a vaidade em tal extremo, principalmente no Pará, que já as mulheres não querião ve-tir seão telas e bordados; e em outras cousas se vião excessos para a limitação da terra mui semelhantes a estes. E como tudo ainda se tem por vicio mais destruidor das fazendas, o excesso e demasia com que se foi introduzindo o uso da aguardente, da qual se forão fabricando muitos engenhos ou molinetes em toda a parte, e se gasta toda com tanta pressa, que ordinariamente está comprada de antemão, e vendendo-se sempre, já não ha mais de venda: e só na cidade do Pará com ser tão pequena se tem achado por conta, que se gasta todos os annos mais de quinze mil cruzados de aguardente da terra, não entrando neste computo o que vai deste reino.

A oitava causa e que juntamente envolve muitas causas, são os interesses dos que governão, porque as rendas dos dizimos de Vossa Magestade em todo aquelle Estado, chegão a montar seis até oito mil cruzados. Os tres dos quaes toma o governador inteiramente e no melhor parado, e na mesma fórma se pagão de seus ordenados os procuradores e os officiaes da fazenda, com que vem a ficar muito pouco para as ordinarias das igrejas, vigarios, officiaes de milicia, e soldados, aos quaes se não paga, nem a quarta parte do que lhe peatece, com que é força que busquem outros modos de viver, e se sustentar, que muitas vezes são violentos, e todos vem a cahir ás costas do povo. Assim mais levão consigo os ditos governadores muitos creados, que provém nos melhores officios, e elles com confiança no poder de seu amo os servem com insolencia, dominando não só as pessoas, mas as fazendas de que se recolhem a Portugal ricos e os povos ficão despojados. Assim mesmo vendem os provimentos das Companhias, e não uma seão muitas vezes, com que não só tirão aquelle premio militar aos soldados velhos, e benemeritos, mas está com isto todo o Estado cheio de titulos, de capitães e de sargentos-môres, que para sustentar a vaidade do nome, é força que tambem busquem com oppressão alheia, o que por outra via não podem alcançar. O mandar alistar a uns por soldados, e riscar praças a outros tambem, é modo de adquirir mui usado dos que governão, com tanta oppressão dos que se captivão, como dispendio dos que se resgatão. Com o mesmo artificio, renovão culpas passadas, prendendo ou ameaçando principalmente aos mais poderosos, os quaes tanto, que contribuem o que delles se pretende, logo firão innocentes, a qual innocencia se compra de tão varios modos, quantos são os das mesmas culpas, com que os delictos ficão como d'antes, e só os delinquentes roubados, e impobrecidos. Com o mesmo poder e violencia atravessão as fazendas dos navios, que vão áquelles portos, e fazendo monopolio dellas, as vendem pelos preços que querem, fazendo com este exemplo subir excessivamente os mesmos generos, de sorte, que um quintal de ferro se vendia por 200, umas meias du

esbulho, o que só tem o remedio com serem restituídos? não só dos collegios, igrejas e missões, mas da dita aldêa, como d'antes estava.

Não obsta a dita provisão da era de 1663, em que se ordena, que nenhuma religião possa ter aldêas proprias de administração de Indios forros, porque se responde que a inercê da aldêa de que se tracta, foi feita em

seda por 10\$, e um chapéo por 6\$. E como são poucos os navios que vão áquelle Estado, vem grande parte dos ditos navios carregados por conta dos que governão, com grande abatimento dos fretes, o qual abatimento lhe fazem os mestres para remir sua vexação; mas quanto por uma parte abatem aos governadores, tanto por outra accrescentão ao povo, sobre o qual vem sempre a carregar tudo; mas a maior carga e mais sensível de todas para os moradores é divertirem-lhe os Indios, que os hazião de servir, a outros interesses particulares dos que governão, porque uns Indios lhe estão fabricando os navios, outros cortando e serrando as madeiras, outros fazendo breu pelos matos, outros tirando nos mesmos matos embira, que é certa casca de arvores de que se faz a estopa, e enxarcias e amarras; outros indo ao cravo, outros ao anbar em distancia de oitenta, cem e mais leguas, e outros finalmente ao Rio das Amazonas, Aroaquis e Rio Negro, ao resgate dos escravos, que são viagens, que de ida e volta passam de mil leguas, tudo á força de remo, occupando-se nos ditos interesses tanta quantidade de Indios, que repartida pelos moradores conforme a lei e regimento de Vossa Magestade, bastaria remediar a necessidade de todos. E posto que as ditas viagens ao resgate dos escravos seriam em grande utilidade do povo, se os ditos escravos se repartissem pelos moradores na fórma em que o propoz, e ajustou o Padre Antonio Vieira, feitas porém na fórma em que se fizerão, vinha a ser esta a maior e a mais insoffrivel de todas as oppressões, porque o dito ajustamento se não guardou, nem o voto e autoridade, que nelle tinham os officiaes da camara se lhe permittio que a exercitassem, e se vendêrão e repartirão os escravos daquella entrada, como pareceu a quem governava, e na entrada seguinte tomou todos para si, e para seus creados, vendendo-se os ditos escravos por preço de 70\$ e 80\$, sendo, que antigamente se vendião por 15\$ e 20\$, e sendo outrosim, que no dito ajustamento disposto por parecer do Padre Antonio Vieira, estava assentado, que metade de todos os escravos que se fizessem, seria para o povo, e que se lhe daria sómente pelo custo que os ditos escravos houvessem feito, que poderia sahir, quando muito a 4\$ por escravo: para que se veja se são os Padres da Companhia a causa das oppressões, que padece o Estado do Maranhão.

A nona e ultima causa, e que em parte vem a ser a forçosa, é ser todo o serviço dos moradores daquelle Estado com Indios naturaes da terra, os quaes por sua natural franqueza, e pelo ocio, descanso e liberdade em que se crião, não são capazes de aturar por muito tempo o trabalho em que os Portuguezes os fazem servir, principalmente o das canas, engenhos e tabacos, sendo muitos os que por esta causa continuamente estão morrendo; e como nas suas vidas consiste toda a riqueza e remedio daquelles moradores é mui ordinario virem a cabir em pouco tempo em grande pobreza os que se tinham por mais ricos e afazendados, porque a fazenda não consiste nas terras, que são communs, senão nos fructos da industria com que cada um as fabrica, e de que são os unicos instrumentos os braços dos Indios. Esta mesma quebra e incerteza das fazendas se experimentou, e padeceu em todas as partes do Brasil, emquanto nos principios de suas conquistas se servião sómente com Indios, até que com este desengano se resolvêrão a fabricar suas fazendas com escravos mandados vir de Angola, que é gente por sua natureza servil, dura e capaz de todo o trabalho, e que o atura e vive por muitos annos se a fome e o máo tractamento os não acaba. Nem no Estado do Maranhão, que é parte do mesmo Brasil, haverá remedio permanente de vida, emquanto não entrarem na maior força do serviço escravos de Angola, como no mesmo Estado o experimentão já aquelles, que tem alguns. E porque o Padre Antonio Vieira sempre desejou a quietação e remedio dos ditos moradores como tão importante á conversão dos Indios, e á satisfação de todos, lhes propoz muitas vezes este meio, assim no Maranhão, como no Pará, tomando por sua conta alcançar de algumas pessoas de negocio deste reino quizessem applicar alguma parte de seus cabedacs a mandarem vir de Angola os ditos escravos, e que para a facilidade do dito soccorro por alguns annos neste principio se poderia pedir e alcançar de Sua Magestade algum privilegio de não pagar, ou todos os direitos, ou parte delles, com que o serviço do Maranhão ficaria corrente, e seguro como o do Brasil, não se tirando com isto, que todos os escravos

1652, e para esta ser revogada era necessario se fizesse na de 1663 expressa e declarada menção della, porque se não entende derogada a lei nem mercê do principe, se della não fizer menção porque manda a mercê feita aos religiosos da dita aldça, e sem esta declaração está a dita provisão de 1652 em seu vigor como assim o depõe a ordenação, liv. 2º, tit. 44.

licitos, que houvesse no sertão se resgatassem como d'antes, demonstrando-lhe outrosim como agora se mostra, e representa a Vossa Magestade, que não é possível conservar-se o dito Estado com os escravos licitos delle, porque ainda que continuamente andem tropas no sertão ao resgate dos ditos escravos, os mais que se poderão fazer e chegar affectivos ao Pará e Maranhão (porque alguns morrem no caminho e outros fogem) serão quatrocentos escravos um anno por outro, e isto só nos primeiros annos, porque nos seguintes é força que sejam menos. Em todo o Estado do Maranhão haverá oitocentos Portuguezes, e repartidos quatrocentos escravos por oitocentos Portuguezes, cabe meio escravo a cada um. Donde se vê claramente a impossibilidade de se poder servir, e conservar aquelle Estado sómente com escravos Indios licitos. E porque os ditos moradores conhecem isto, e a muitos aperta muito a necessidade e a todos a cobiça, por isso se resolvêrão a lançar fóra o impedimento, que só tinham, que erão os Padres da Companhia, para livremente captivarem, e se servirem de todos, sem reparo do licito ou illicito como sempre fizerão. De sorte, Senhor, que as chamadas oppressões do Maranhão, além dos peccados que são causa de todos os castigos, são causadas pela mesma natureza da terra, pela mortalidade dos Indios, pelo pouco governo da republica, por alguns vícios dos particulares, pela multidão de seculares e ecclesiasticos sem cabedal, pela pouca observancia das leis, e cobiça dos que governão. E se o querer que se guarde justiça aos Gentios e christãos, e que se tire os impedimentos á fé, é oppressão e tyrannia, confessamos, que fizerão oppressões e tyrannias os Padres da Companhia.

Diz finalmente o dito procurador, que forão lançados os Padres sem se offenderem suas pessoas, e sem se bolir em suas fazendas, mas affirmão com tanta verdade como o mais. Porque quanto ás pessoas forão tractadas com tantas affrontas e desprezos, que parece incrível taes desaforos fossem executados por homens christãos e professores da lei de Christo. No Maranhão os tirarão á força do seu collegio, e pegando no superior delle violentamente, o suspenderão e puzerão fóra do collegio, e se isto ao superior, que faria aos subditos, levando-os pelas ruas, dizendo-lhes muitas injurias e infamias, até os metterem em uma casa onde os deixarão presos com guardas. No Pará os cercarão no seu collegio, e estando a maior parte dos religiosos doentes, lhes não permittirão entrar, nem agua, nem alguma outra cousa, e mandando uma negra para um religioso, que estava muito enfermo um frangão, lh'o tomirão e comêrão com muitas gathofas e algararras, fazendo gala das maiores tyrannias, e deshumanidades, que jámais se virão entre hereges ou Genios; emfim os lançarão fóra com muitos puxões e violencias, e os prendêrão em casas e em navios com guardas, sem os deixarem sahir, nem ainda em quinta-feira de endoenças, e sexta-feira da paixão, como fica dito. No Gurupá depois de matarem uma sentinella, estoquiarem e acutilarem a outros, os assaltirão de noite em sua casa, e estando um mortalmente doente os levirão todos a força presos para o seu corpo da guarda, que era o convento que alli ha dos religiosos do Carmo.

Quanto ás fazendas, o mais que tinhamos era os ornatos das nossas igrejas, e cousas a ellas pertencentes, e ainda a isto se atrevêrão alguns no Maranhão lançando uma porta fóra, tomirão o que quizerão; no Pará ao segndo dia depois do alevantamento, arrombarão uma parede, que era de taipa de mão, e levirão tudo o que achiarão, não escapando nem ainda as toalhas da sacristia, nem as taboas do sobrado; pelas residencias e casas das aldças foi muito maior desaforo, porque até os cadeados, fechaduras, e portas levirão, e consta, que não fizerão os Indios isto, e se isto foi feito e outras cousas mais, que deixamos como diz o procurador, e mais fallando com Vossa Magestade, que nos não bolirão nas nossas fazendas.

Mas porque todo este papel vai semeado de allusões e expressas accusações contra os interesses, utilidades e conveniencias dos religiosos da Companhia, para que a verdade tenha lugar, e fique confundida a calumnia, será justo, que a Vossa Magestade sejam presentes as ditas conveniencias, utilidades e interesses, bastava para prova delles ser o superior da dita missão o Padre Antonio Vieira, de quem podem informar nesta parte todos os

Além de que bem considerada a dita provisão de 1663, supposto se nella não derogasse a de 1652, digo que não foi tenção da Magestade o quere-lo fazer, segundo as mesmas palavras da dita provisão.

E que nenhuma religião possa ter aldeas proprias de Indios forros da administração.

A aldeia de que se tracta não é dada por administração, nem com atten-

ministros do Sr. rei D. João pai de Vossa Magestade, os quaes sabem quão grandes sommas de dinheiro fiou delle em Hollanda e Italia, dando lhe poder, e autoridade para as dispendir sem outro conselho mais, que o do seu parecer, nem outra fé mais, que a da sua palavra. Sabem tambem as grandes ajudas de custo, que não quiz aceitar, e das que aceitou, por ser forçoso a pouca parte que gastou, e como o resto dellas, tornou sempre, contra o estylo, e fóra da obrigação a restituir, e como apezar da grandeza e liberdade de Sua Magestade, de quem nunca quiz aceitar mais mercê, que as de sua graça, sendo grandes as que lhe offerencia, e mandou offerecer assim de honra, como de fazenda. Em Hollanda mandara Sua Magestade recolher ao embaixador Francisco de Sousa Coutinho, e que o Padre Antonio Vieira ficasse com os negocios com credito aberto para todas as despezas de pessoa, casa, e mesadas, de que nenhuma cousa aceitou. Em Paris lhe disse o Marquez de Niza, que conforme a ordem que tinha de Sua Magestade, lhe daria para seus livros at' vinte mil cruzados, e nem aceitou para um breviario. Tractando com Sua Magestade um negocio de importancia, está hoje vivo em Lisboa quem levou ao dito Padre um bolsão de velludo com seis mil dobruës, dizendo, que bem sabia, que elle os não havia mister, mas para que os d'esse a quem lhe parecesse. A resposta que lhe deu o dito Padre muito indignado foi, que agradecia o offercimento com o deixar ir pela escada, e não pela janella, como aquelle atrevimento mereria. Quando foi a Roma lhe embarcou um amigo no mesmo navio dez caixas de assucar fino de que não teve noticia senão em Leorne. O que fez foi pedir ao agente de Sua Magestade Antonio Rodrigues de Mattos, lhe fizesse favor mandar vender aquelle assucar, e remetter o procedido a seu dono, como com effeito se lhe remetteu. Por seus sermões não quiz nunca o dito Padre aceitar, nem a menor sombra de agradecimento por mais disfarçada que fosse, nem da impressão dos que se estamparão, quiz receber utilidade alguma, e até a esmola que Sua Magestade manda dar ao pregador da bulla da cruzada não quiz aceitar, nem ainda que se mandasse para cera ao sacristão do collegio, como quiz com grandes instancias o commissario geral,

Estes erão os interesses do dito Padre, antes de ir ao Maranhão, mas para que se não cuide que referveu esta fizeza com as calmas da linha, se dirá agora dos seus interesses depois de ir ao dito Estado; chegado á cidade de S. Luiz, achou que os Padres antigos tinham herdado um engenho, que lhes deixou o capitão-mór Antonio Moniz Barreiros, o qual sem serem citados os Padres, nem outra fórma de justiça estava tematado e vendido por ausentes, e sendo que não havia duvida em o tirarem os Padres ao comprador, e se metterem logo de posse delle, não quiz o dito Padre nem os mais, que tivessem engenho. Sendo entregues no Maranhão e Pará das aldeas, que Sua Magestade lhes mandou dar, e podendo applicar os Indios dellas a tabaco, e outras lavouras com grande utilidade, nada disto fizeram. Passados quatorze mezes de Maranhão, embarcando-se o dito Padre para este reino como fica dito, foi lançado nas ilhas com dous companheiros despidos e roubados, e posto que pessoas nobres lhe mandarão quantidade de roupa branca, e peças de panno negro para os vestidos, nenhuma cousa aceitarão como é notorio. Não no mesmo navio quarenta e duas pessoas, das quaes lançarão os pechelinques em terra trinta e nove, e entre elles, quatro religiosos do Carmo, e tomando o dito Padre dinheiro emprestado nas ditas ilhas, deu de vestir aos ditos religiosos interior, e exteriormente, tudo quanto lhes era necessario, e assim mais remediou de vestir e calçar a todos os marinheiros, o passageiros, e os sustentou a todos mais de mez e meio á sua custa em terra, e depois deu matulotagem, e passagem até Lisboa, não só a todos os sobreditos, e a um religioso Carmelita descalço da India, senão tambem a outros homens do mar roubados, que achou na Terceira e S. Miguel. E estando na mesma Ilha Terceira o dito Padre, chegou á do Faial, um fulano Peixoto, que tinha portado alli vindo do Brasil, o qual lhe mandou credito aberto para tudo o que houvesse mister, até quantia de cincoenta mil cruzados, o qual credito lhe apresentou Antonio Fernandes Pereira, e se offerceu ao cumprimento delle,

ção e motivo com que na dita provisão se ordenão as não tenha, vamos ver a provisão de 1652.

— E porque será justo que se possam valer dos Indios para seu serviço, embarcações, e entradas do sertão.

— E isto para com mais commodidade sua poderem fazer suas missões e dilatarem a fé por aquellas partes.

— De que se infere não ser aldêa de administração, e se colhe mais clara-

mas o dito Padre, nem um só real aceitou. O mesmo fez chegando a esta cõrte a varias cartas, que seus amigos com mui boa vontade lhe fizeram, sem haver pessoa nella que possa dizer, que o Padre Antonio Vieira lhe pedisse alguma hora coisa alguma, nem lh'a aceitasse. E sendo tanta a mercê que el-rei D. João lhe fazia, nem a Sua Magestade quiz pedir mandando-lhe que o fizesse até se partir de repente. Nesta mesma occasião se fez junta acima dita do governador, e procuradores, e depois de ajustado tudo, e deduzido em capitulos, disse o dito Padre Antonio Vieira, agora quero eu accrescentar um capitulo, que é só meu, e sobre que não quero se interponha outro voto: e o capitulo foi que os religiosos, que houvessem de ter á sua conta as missões, e aldêas dos Indios, não podessem lavrar com elles assucar, nem tabaco, para que não só de presente, mais de futuro se tirasse de entre os missionarios toda a especie de interesse.

Chegado segunda vez ao Maranhão o Padre Antonio Vieira, com as novas ordens de Sua Magestade, e com o cuidado dos Indios, continuou nelle, e nos ditos missionarios o mesmo desinteresse, não só não se aproveitando das utilidades de que justa e licitamente se poderão aproveitar, mas dando, e dispendendo tudo quanto tinham em serviço e utilidade dos Indios Gentios e christãos, e ainda dos mesmos Portuguezes. Que cousa mais licita, e ordinaria, que aceitarem os religiosos as esmolas, que se fazem a seus conventos, e igrejas, e até estas não quizerão os ditos Padres muitas vezes aceitar, como foi a Manoel David Souto-Maior, que mandando uma letra de quinhentos cruzados ao Padre Ricardo Cireu superior da casa do Maranhão, para as obras della, o Padre Antonio Vieira, ordenou que se lhe restituísse o dito escripto, como com effeito se lhe restituiu. E no Pará tendo o capitão Vicente de Oliveira, mandado quantidade de aguardente gratuitamente aos Padres Manoel Nunes e Thomé Ribeiro, para darem aos Indios em certa missão larga que fazião, o Padre Antonio Vieira se informou da dita quantidade, e do valor ordinario della, e ainda, que com repugnancia do dito Vicente de Oliveira, lh'a pagou toda pelo dito valor em que se montarão 104\$. O capitão-mór do Camutá Balthazar de Fontes de Mello, fez por duas vezes presente ao dito Padre, de quantidade de cravo e assucar, mas de nenhum modo lhe quiz aceitar coisa alguma, como nem ao capitão do Gurupá João de Mello da Silva. E até em presentes de pouca consideração, que parecião feitos por intuito de alguma prégão, ou outro ministerio da Companhia se usava o mesmo rigor de desinteresse, como experimentou em semelhantes occasiões Antonio Arnão, Anna Munhos, Antonio da Fonseca, Pedro da Cruz e outros. Que cousa mais licita, que receber mercês, e esmolas dos reis não pedidas, nem requeridas, nem importunadas, senão liberalmente offerecidas? Muitos annos depois de ir a segunda vez ao Maranhão o Padre Antonio Vieira, lhe mandou Sua Magestade escrever por seu confessor, que avisasse do que houvesse mister para a sua pessoa, e para a missão, porque logo o mandaria prover, respondeu o dito Padre como se pôde ver nas suas cartas, que em tempo em que todos devião dar o sangue, não era bem que elle pedisse fazenda, que depois da guerra o faria. E quem no Maranhão não aceitava aos mesmos reis, como tomaria aos pobres. Que cousa mais licita, que terem os religiosos uma igreja decente para seus ministerios, e uma roça de mandioca, sem a qual se não pôde viver naquellas partes. E que cousa mais licita e necessaria, que o acudirão á ruina da casa em que vivião, quando estava sobre pontões para cahir? e contudo nada disto fizeram os Padres como fica dito, nem ainda com os Indios da sua propria aldêa, para que os ditos Indios accudissem antes ao interesse dos moradores, que a esta utilidade ou necessidade tão precisa dos ditos Padres. Que cousa mais licita, que terem os missionarios alguma parte no resgate dos escravos, que se fazião nas mesmas jornadas onde elles ião em missão, sendo que tinham seu quinhão nos ditos escravos, não só os que ião na mesma jornada, senão todos os que ficavão, e contudo era tal a pureza do seu desinteresse, que nunca quizerão ter parte nos ditos resgates, comprando os escravos que havião mister pelos excessivos preços com que des-

mente da declaração da dita provisão, que os religiosos pagarão aos Indios seu trabalho.

Verifica-se esta razão com as palavras da mesma provisão de 1663.

Em tanto que chegarão a ser os ditos religiosos expulsos de suas igrejas e missões, ao exercício das quaes é mais conveniente que tornem a ser admitidos, visto não haver causa que obrigue

pois se vendião, como fica dito, só dous resgates mandou fazer em todo este tempo o Padre Antonio Vieira por sua conta e á sua custa, para que por elles viessem duas escravas, mas uma foi para o cego Antonio de Mendonça, e a outra para a entevada Gracia Carvalha, que erão as duas pessoas mais necessitadas que havia no Maranhão. Chegou a tanto nesta parte a demasia, ou a teima do desinteresse do Padre Antonio Vieira, que, vendo que era impossivel deixar de ter roça, tinha já mandado buscar ao Brasil escravos de Angola, que servissem e trabalhassem nella, só para que os Padres vivessem totalmente isentos do serviço de Indios, por serem os ditos Indios o interesse da terra. Que cousa mais licita, que concorrerem os Indios livres das aldêas para a fabrica, e ornato das suas igrejas, para a qual não tem ordinaria de el-rei, por elles não pagarem dizimo, e sendo de parecer o Padre Francisco Gonçalves, no tempo que governou a missão, que os Indios de duas aldêas fizessem algum tabaco a este fim, o Padre Antonio Vieira resistio fortemente a isso, e fez queixa do dito Padre a Roma como consta das mesmas cartas, que se lhe tomárão, não porque a dita lavoura de tabaco fosse illicita, ou houvesse alguma prohibição em contrario, mas só por ser materia em que se podia imaginar, que irião os Padres interessados nella. Pela mesma razão de desinteresse em cousas muito licitas, e de que não havia nenhuma obrigação, se puzerão nas ordens geraes dos missionarios, consultad as por todos, e approvadas pelo Padre geral tantas clausulas tão miudas, e tantas cautelas tão minimas em materia, não só de interesse, mas de menor sombra, ou apparencia delle como nas ditas ordens que se apresentão se pôde ver. Eos que tão acautelados erão, e tão circumspectos em não admitir cousa que de muito longe podesse parecer interesse ainda em materias tão justas, e tão justificadas, como se poderá erer, nem cuidar delles, que sendo homens de honra, ainda quando o não forão de consciencia, se houvessem de embaraçar e afrontar com interesses illicitos e injustos.

Mas, não só se não aproveitavão os ditos missionarios de interesse algum, nem licito, nem illicito, antes como diziamos, dispendião gratuita, e liberalmente com todos tudo quanto possuião. No Maranhão tinhão os Padres uma roça de mandioca, na qual fazião todos os annos quatrocentos alqueires de farinha, que são oitocentos da medida deste reino, e toda gastavão com os Indios das aldêas, e com os que continuamente vinhão do Pará, e de outras partes, os quaes não tinhão outra estalagem, nem outro hospital em que se recolher, senão na casa dos Padres da Companhia, sendo que vinhão para serviço, ou do rei, ou da republica, ou dos particulares, e a todos sustentavão por mera caridade os ditos Padres, havendo muitos dias em que as rações passavão de quarenta e cincoenta, e não poucos em que chegavão a cem. E porque alguns annos não bastarão os ditos quatrocentos alqueires de farinha, para a dita obra de caridade, compravão os Padres muito mais, e por grandes preços, só porque se não faltasse a ella. Com a mesma liberalidade provião os Padres a treze igrejas dos Indios em que havia residencia de missionarios, e a muitas outras, que sómente se visitavão, dando para todas hostias e vinho, que naquellas terras é muito caro, e custa muito a se conservar pela corrupção. E assim mais lhes davão cera branca deste reino para todas as festas, e os calices, as imagens, os sinos, os ornamentos inteiros e todo o genero de botica para suas enfermidades, e o azeite, assucar, sal e aguardente, que é o que mais frequentemente pedem e hão mister. E todas estas cousas de graça, e por amor de Deos, e na mesma fórma davão tambem de graça a algumas aldêas o ferro, que havião mister para a fabrica de suas igrejas, que valio por excessivos preços além de muitos instrumentos e ferramentas necessarias, que mandavão ir grande quantidade deste reino.

Com os Indios Gentios do sertão era muito mais o que os ditos Padres dispendião, por que como são gente muito pobre, nua e falta de todo o necessario, e que se governão mais pelos sentidos, que pelo discurso, é necessario levarem os ditos missionarios muito que repartir, e com que contentar a todos, e assim levão grande numero de machados, fouce,

a priva-los dellas, antes muitas para que seu santo zelo seja alli necessario. O que supposto não ha razão alguma para que os religiosos da Companhia de Jesus, não sejam admittidos e empossados da dita aldeã, da qual forão esbulhados por força, estando della de posse, pela provisão da Magestade do anno de 1652 a que se deu cumprimento este senado, e que não obsta a outra provisão de 1663, porque nella se não deroga antes se verifica querer o rei que se guarde neste particular a dita provisão de 1652.

facas, espelhos, pentes, vellerios, camisas de algodão, e para os maiores, chap'os e vestidos de cores alegres, sem as quaes cousas se não pôde conciliar a benevolencia daquelles barbaros tão necessaria para se deixarem levar, e persuadir ao que lhes convém. E onde os ditos Indios são mais ladinos, vem a ser estes gastos muito maiores pela differença que fazem da estimação das cousas, sendo, que todas as deste genero naquella Estado são hoje de muito preço, porque uma faca que vale em Lisboa menos de dous vintens, se vende lá por um cruzado, e um vestido que o superior da missão deu ao principal da serra do Ibiapaba chamado Tagoiabuna, lhe custou mais de 8 \$. E depois de descidos os ditos Gentios para a igreja e aldeã dos christãos por ser necessario, que os ajudem para as suas lavouras com ferramentas, e se cubrão decentemente as mulheres para poderem ir á igreja. E posto que os ditos Padres não é possível acudir a todas, sempre o fizerão a muitas, comprando para isso muitos centos de varas de panno de algodão. E para os ditos missionarios poderem aturar tão excessivos gastos com caridade tão publica, que bem a poderão conhecer os homens, se resolvêrão como verdadeiros ministros de Christo a tirar de si mesmos, e de seu sustento e vestido o que tinham por melhor empregado no soccorro dos corpos daquelles, cujas almas por meio de tantos trabalhos não buscar, e assim ao reduzirão os Padres daquellas missões a vestir panno de algodão tinto na lama, e a calçar sapatos das pelles dos animaes do mato, e a não beber vinho, e finalmente a viver em tudo quasi com a limitação, e pobreza dos mesmos Indios para ter com que os ganhar a elles para Christo, e assim se pôde ver nas listas, que do Maranhão mandavão os Padres a seu procurador, que reside nesta côrte, e nas carregações, que o dito procurador lhes mandava todos os annos, nas quaes se verá, que quasi tudo erão cousas pertencentes aos Indios e ás igrejas. Muito particularmente mandavão ir deste reino todos os annos uma botica das cousas mais necessarias naquellas partes, a qual principalmente se dispendia com os Portuguezes, dando-se a todos de graça o que podião, como também aos pobres o demais, que havia em casa. Aos presos se acudia com a mesma caridade, soccorrendo-os com esmolas, e valendo-lhes em seus trabalhos de que é boa testemunha o mesmo procurador, como um dos mais frequentes moradores daquella casa; e porque na misericordia não havia lugar em que se curassem os enfermos, exhortarão os Padres, e trabalhárão muito, para que se fizesse casa em que podessem ser curados como com effeito se fez, e a primeira cama foi a do superior da Companhia, que a mandou logo para o hospital, dormindo dalli por diante em uma taboa. E em um catarro pestilencial, que houve no anno de 1660 na dita cidade, não havendo nella como fica dito assucar de venda, avisarão os Padres aos sangradores, que mandassem os doentes busca-lo ao collegio, e depois de se gastar com elles tudo que havia em casa, se comprou uma caixa de vinte arrobas, e por que também esta se gastou com os mesmos doentes, se comprou outra para o mesmo effeito, e desta sorte se acudio aquella necessidade como a muitas outras mais miúdas e quotidianas, e não tão publicas e notorias como estas, por se remediarem em secreto, mas não foi secreto na cidade do Pará, havendo-se allegado um soccorro de farinhas, que os ditos Padres mandavão a certos Indios Poquis novamente descidos para a igreja, e não tendo com que comprar outra quantidade de farinha por terem já vendido quanto possuíão, chegarão a empunhar a custódia do Santissimo Sacramento na mão do mercador Pedro da Cruz do Andrade, só para não faltar, como não faltarão a esta obra de tanta piedade.

Agora persuada o procurador do Maranhão ao mundo, que um superior e uns religiosos tão desinteressados, que davão tudo quanto tinham e possuíão, tanto em si por acudir aos proximos, estes mesmos fizessem injusticias e tyrannias para tomar o alheio. Mas foi Deos servido, que em suas proprias mãos temos a prova da verdade. A renda daquella missão era 330\$, de que Sua Magestade lhes fez mercê, nos dizimos da Bahia, e do Rio de Janeiro, os quaes vendendo la nos mesmos assuremos em que se cobrão, e se avança nelles os direitos que não pagão. Em mais a dita missão os 30\$ de pregador de el-rei, que

DO MODO DE FAZER AS MISSÕES NO MARANHÃO (1).

Em um manuscrito antigo que possuímos, sobre o modo com que se fazião as missões do Maranhão, se lê.

Os serenissimos reis de Portugal que são grandes mestres da Ordem de

o Padre Antonio Vieira tambem applicou a ella, com este dinheiro e com algumas outras esmolas particulares, e emprestimos que tomou sobre si a provincia do Brasil, ião todos os annos empregados deste reino aos Padres do Maranhão 600\$, pouco mais ou menos, os quaes 600\$ empregados, valeni naquelle Estado 6.000 cruzados ou melhor delles avalian-do-se as cousas pelos preços correntes da terra. Donde se segue, que o que os ditos missionarios receberão deste reino em nove annos importava no Maranhão mais de 50.000 cruzados. O que os Padres acháráo no dito Estado do Maranhão quando lá chegarão, pertencente aos Padres antigos, erão os escravos da sua roça, e algumas cabeças de gado vaccum, que hoje está no mesmo Estado, e os rendimentos do engenho acima dito sobre que se concertárão em 2.500 cruzados, e tirado isto a parte, e a livreria que era do Padre Antonio Vieira, e os ornamentos das nossas igrejas, que forão mercê particular de Suas Magestades el-rei e e rainha nossa senhora. Tudo o mais com que ao presente se achavão os ditos, não valia 2.000 cruzados de que damos por testemunhas aos mesmos moradores do Maranhão, que actualmente estão entregues de tudo. Pois se os ditos Padres nestes annos mettêráo no Maranhão 30.000 cruzados, e ao presente se não acháráo mais, que com 2.000, que foi feito dos 48.000? Mas não se dirá, que os entesourárão, pois na terra não ha ouro, nem prata, nem dinheiro, nem se dirá que os embarcárão para este reino, em assucar ou tabaco como consta das carregações dos mestres, e dos livros das alfundegas; nem menos se dira outrosim, que o gastáráo com suas pessoas, pois é publico e notorio o que fica dito. Segue-se logo, que o gastáráo com os proximos, principalmente com os Indios Gentios e christãos, e que são os ditos missionarios religiosos caritativos, de grande zelo e piedade, e não tyrannos e roubadores do alheio, mas tambem este nome derão os homens a um Senhor, que deu até o sangue por amor dos mesmos homens.

Remetta o procurador esta sua tão mal composta novella, com outro testemunho, para que do principio até o fim tudo fossem falsidades: dizendo que os Padres casavão as Indias moças antes de ter idade. A verdade é, que quando os Padres chegarão ao Maranhão, e começárão a discurrir pelas aldeas, estranhavão achar casadas algumas meninas, que podião ter quando muito oito para nove annos, e perguntando a seus pais a causa porque as casavão sem ter idade, respondião que era para ver se com o titulo de casadas as podião livrar dos Portuguezes, que lhas levavão a força para suas casas, e depois de as deshonrarem e se servirem dellas, as casavão com seus escravos, de maneira que nunca mais as vião. E se os Padres estranhavão estes casamentos como os havião de fazer, e mais cessando com sua chegada as violencias exhorbitantes que os Portuguezes usavão, que é o que tanto doe ao procurador: as que os Padres casáráo, depois que forão, todas mostravão, ou ter, ou passar da idade, porque como a gente é rude e não usavão livros do baptisimo, não se podia saber ao certo, mas os Padres ião sempre sobre o seguro, seguindo o parecer dos ditos nesta materia.

Com este papel, mais verdadeiro que judicial para que tenha lugar a verdade, pareceu aos missionarios da Companhia informar a Vossa Real Magestade, e a seus ministros, do que é o Maranhão, e do que lá se faz, do que são os Portuguezes, e do que são os Indios, e do que obrárão os missionarios de Vossa Magestade depois que para lá forão. E para ser menos suspeitos, a informação, e ficar nosso procedimento mais conhecido, prostrados aos roaes pés de Vossa Magestade, pedimos se si va mandar pessoa, que com inteireza, justiça, e christandade, saiba e informe a Vossa Magestade da verdade de que dizemos neste papel. Vo-sa Magestade mandará o que fór justiça.

1) ALVARÁ QUE MANDA O DESEMBARGADOR FRANCISCO DUARTE DOS SANTOS, POR COMMISSARIO AO MARANHÃO, PARA INFORMAR SOBRE REQUERIMENTOS DOS POVOS E DOS MISSIONARIOS. 13 DE ABRIL DE 1734.

Desembargador Francisco Duarte dos Santos, que ora ides por ordem minha ao Estado do Maranhão. Eu el-rei vos envio muito saudar. Fazendo-se-me presente pelas duas petições inclusas dos moradores do Maranhão e Pará, o quanto convém que os missionarios da dito Estado não usem mais da jurisdicção temporal, que têm nos Indios, e

Christo, têm estreitíssima obrigação de mandar fazer missões nestas terras, assim para a conversão dos Gentios, a nossa santa fé, como também para a perseverança nella.

Pela experiencia de varões illustres também na santidade, e letras, da Companhia de Jesus, e pelo que aqui também se experimenta, para se

que fiquem só com a espiritual, e os governadores do mesmo Estado ponhão nas aldeas das missões cabos portuguezes brancos, casados e bem procedidos, referindo os ditos moradores que os missionarios não guardão a lei da repartição dos Indios, e que não obedecem as ordens dos generaes, negando-lhes os Indios que lhes pedem para o meu serviço, e dos meus vassallos, e que occupão os Indios das aldeas em seus interesses particulares, não pagando os meus direitos, e buscando modo de vingar-se daquelles, que lhes estranhão estes excessos, e outros, que se referem nas ditas petições: e sendo-me também presentes as representações, que com resposta me fizeram os ditos missionarios, e que igualmente vos serão entregues, e as informações que sobre a mesma materia mandou tirar nesta corte, pelas quaes se não pôde averiguar inteiramente a verdade dos factos. Sou servido ordenar-vos tireis uma exacta informação de tudo o que se refere, assim por parte das camaras, e moradores, como dos missionarios, ouvindo a uns, e outros por escripto, e de tudo me dareis conta interpondo o vosso parecer, e declarando se deve deferir-se aos requerimentos dos ditos moradores em parte ou em todo: e porque sobre este mesmo particular mando também informar ao governador do Estado, lhe communicareis para este effeito os referidos papeis.

Escripta em Lisboa occidental, a 13 de Abril de 1734.—*Rei.*

Para o desembargador *Francisco Duarte dos Santos* — *José Carvalho de Abreu*, *Alexandre Mello de Sousa Menezes*.

ALVARÁ DE 13 DE ABRIL DE 1728 SOBRE O DESCIMENTO E REPARTIÇÃO DOS INDIOS.

Senhor.—Pelo assento da junta das missões, e cópia do edital extrahido d'elle, faço presente a Vossa Magestade a nova fórma, que se deu para haver de ficar praticavel a providencia, com que Vossa Magestade quiz remediar a ultima pobreza, em que se achavão os moradores deste Estado. Vossa Magestade ordenará o que fôr servido.

Belém do Grão-Pará, 17 de Setembro de 1728.—*Alexandre de Sousa Freire.*

CARTA DE EL-REI.

D. João por graça de Deos, rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além, mar em Africa, senhor de Guiné, etc. Faço saber a vós, governador e capitão-general do Estado do Maranhão, que attendendo ao que me representarão por seu procurador os povos desse Estado, sobre os descimentos dos Indios, e repartição dos mesmos em ordem ao serviço particular dos moradores desse mesmo Estado, os quaes por causa de se não fazerem como convinha os ditos descimentos, e repartição, experimentavão grande pobreza por lhes faltar todos os meios convenientes para a fabrica dos engenhos, e cultura das suas fazendas, de cuja falta se seguia um grande detrimento a fazenda real, por consistir nos descimentos todo o seu rendimento. Sou servido por decreto da data desta, que o descimento dos Indios se hajão de fazer por autoridade publica na fórma da minha lei de 9 de Março de 1718, e de nenhum modo por pessoas particulares, e que feitos na sobredita fórma os descimentos dos taes Indios, assim os que novamente descerem, como os que já de presente vivem nas aldeas, se matriculem em livros, que para isso hade haver com toda a distincção e clareza necessaria, e que depois de serem matriculados assim os novamente descidos, como os já aldeados, possão ser repartidos pelas aldeas, engenhos e moradores desse Estado ao numero, que cada um necessitar, e não mais, a qual repartição hão de fazer um dos Bispos do Maranhão, ou Pará conforme o districto, em que se fizer a dita repartição, e não os havendo ou estando ausentes, ou legitimamente impedidos algum dos seus vigarios geraes ou governadores dos ditos bispados, o governador e capitão geral do Estado, o ouvidor geral do Maranhão ou Pará, também conforme os districtos, da dita repartição, o vereador mais velho da camara e os prelados-môres das religiões, missionarios ou quem por estes seus cargos servir, com declaração que os que os Indios, que assim se repartirem não hão de ficar para sempre additos as pessoas a quem se concederem, mas sómente pelo tempo que as mesmas pessoas que hão de

converterem os Gentios á fé, e perseverar nella, devem estar debaixo das armas portuguezas.

Por nenhum modo hade Sua Alteza que Deos guarde, mandar ou conceder que se tirem os Indios Gentios de suas terras ou sertões, contra sua vontade por força de armas, posto que seja só para se servir delles como forros, e para assim tirados, prégár-se-lhes o santo evangelho.

fazer a repartição julgarem mais conveniente, attentas as forças, idade, prestimo e capacidade dos ditos Indios, e tambem a utilidade das pessoas a quem elles se repartirem, e que em todo o tempo, que os ditos Indios estiverem servindo, além do sustento e vestido hão de vencer o estipendio, que as mesmas pessoas, a quem toca fazerem a repartição lhes taxarem, como lhes parecer razoavel. E para que a todo o tempo conste esta minha resolução, fareis com que se registre esta minha real ordem nos livros da secretaria desse governo, e mais partes competentes.

El-rei nosso senhor o mandou por Antonio Rodrigues da Costa, ao Dr. José Carvalho de Abreu, conselheiros do seu conselho ultramarino, e se passou por duas vias. Antonio de Cobellos Pereira a fez em Lisboa occidental, a 13 de Abril de 1728. — O secretario André Lopes de Lavre a fez escrever, *Antonio Rodrigues da Costa, José Carvalho de Abreu.*

ASSENTO QUE SE TOMOU EM JUNTA DE MISSÕES SOBRE DESCIMENTO DE INDIOS PARA OS MORADORES, (GOVERNO DE ALEXANDRE DE SOUSA FREIRE) 15 DE SETEMBRO DE 1728.

Aos 29 dias de mez de Junho de 1728, nesta cidade de S. Luiz do Maranhão, no palacio em que reside o governador e capitão-geral deste Estado Alexandre de Sousa Freire, onde por ordem do dito senhor forão convocados para junta o Dr. ouvidor geral Mathias da Silva e Freitas, e o muito Rev. Padre provisor e governador deste bispado o Dr. Antonio Trajano, e o muito Rev. Padre mestre visitador geral da Companhia de Jesus, Jacintho de Carvalho, e o muito Rev. Padre mestre provincial do Carmo Frei José de Santa Catharina, que por impedimento que teve, appareceu em seu lugar o muito Rev. Padre prior Frei Angelo do Monte Carmelo, e o muito Rev. Padre commendador de Nossa Senhora das Mercês, e em seu lugar veio o muito Rev. Padre presidente Frei Bernardo Carneiro, e o muito Rev. Padreguardião do convento de Santo Antonio, o qual não veio por impedimento que teve, e em seu lugar se achou o Rev. Padre mestre Frei Pedro do Espirito Santo, e o vereador mais velho do senado da camara, Miguel Rebello, a quem o dito governador e capitão geral propoz uma carta de Sua Magestade com a data do mez de Abril de 1728 sobre a providencia que o mesmo senhor manda dar a provimento dos Indios de que necessitam os moradores, e senhores de engenho deste Estado, a qual carta se refere a ontrá de 9 de Março de 1728, em que ordena o dito senhor, que achando-se nos sertões, Indios tão barbaros, que andando nós não reconheço rei, nem governador, nem vivão com modo e forma de republica, atropellão as leis da natureza, não fãõ differença de mã a filha para a sua lascivia, comendo-se uns aos outros, sendo essa gula a causa injustissima das suas guerras, que ainda fóra dellas os excita, frechando os meninos innocentes, era servido que os taes Indios se podessem obrigar por força, e medo, a descer do sertão para as aldéas, se o não quizessem fazer por vontade, por ser assim conforme á opinião dos DD., que escreverão na materia. E agora na sobredita carta do mez de Abril de 1728, concede esta mesma faculdade aos moradores e senhores de engenho deste Estado, e poderão fazer por autoridade publica os descimentos dos ditos Indios para se repartirem entre todos, conforme a necessidade de cada um para attenta a liberdade dos Indios, que se lhe arbitrem o tempo, que hão de servir os moradores, advertida a sua capacidade, forças e idade, como tambem a utilidade dos moradores, por quem se repartirem. Se resolveu por todos os nomeados na junta uniformemente, que em observancia das mencionadas ordens e cartas de Sua Magestade: que todo o morador que quizer prover-se dos Indios necessarios, fizesse uma petição ao governador e capitão geral, em que declarasse os que necessitasse para os poder descer do sertão á sua custa, e que examinando este requerimento a respeito do numero dos Indios, que nelle se pediassem pelos sobreditos adjuntos e o mesmo governador, se lhe concedesse o despacho dos Indios, que conforme a sua necessidade lhe forem julgados: e que indo um Rev. Padre missionario com

Os Índios por seu pouco juízo e barbaridade, necessitam de algum branco que os governe no temporal, além do parcho, para os ensinar nas cousas da nossa fé, que pôde ter ambos estes officios juntos.

Pelo mal que os Índios receberão no tempo passado dos brancos, os têm em tanto aborrecimento, que não se pôde esperar que deixem suas terras, e venhão debaixo do governo temporal delles, fazendo aldêas em

a escolta de soldados conveniente para resguardo de sua pessoa, podessem uns, e os mais moradores, que fizessem suas petições descer do sertão os Índios, que se lhes concedessem, precedendo primeiro os meios da suavidade possíveis para que baixasse os Índios voluntariamente, sem constrangimento algum, e no caso que se frustrassem pela resistência o descerem-nos por sua vontade. podessem os mesmos moradores trazer-los pelos meios de coacção, sem que para o fazerem houvessem mortes, excepto como Sua Magestade ordena na sua mencionada carta de 1728) em justa defensão dos mesmos moradores, a quem os taes Índios quizerem offender; e que, chegadas que sejam as canoas ao Pará, se apresentará logo os Índios ao governador, e mais adjuntos para dous fins: o 1º, para se examinar se cada morador trouxe mais cabeças das que lhe concedêrão: o 2º, para se avaliar pouco mais ou menos a idade de cada um dos Índios, para que della até a de cinquenta annos fiquem os Índios obrigados a servir aos moradores a quem tocarem pela repartição, servindo de fundamento para esta observancia por esse modo o cap. 12 do regimento e leis das missões, em que Sua Magestade ordena, que para o seu serviço se matriculem de trezo annos inclusive até cincoenta e se matricularão estes mesmos Índios em um livro, que haverá na casa da fazenda, e em outro, que terá o superior das missões, no qual se matricularão os Índios descidos pela idade, que lhe forem julgada, e com a declaração do tempo de serviço que at os cincoenta annos lhes restar: e que os mesmos moradores serão obrigados, morrendo-lhe algum Indio, a dar logo parte ao procurador dos taes Índios para que passe a examinar a realidade da morte, estando em distancia que o possa fazer: e não estando, inquirindo dos outros Índios da parte em que elle morreu, se é ou não fingida a tal morte, de cujo exame dará logo parte o mesmo procurador ao governador, e este o fará presente aos mais adjuntos em junta, para que se mande descarregar nos livros da matricula o tal Indio morto, e que esta mesma averiguação se fará com os Índios, que o morador declarar lhe fugirão. Porém que será o morador obrigado dentro deste tempo da servidão tractar estes taes Índios, como forros, e não como captivos, como Sua Magestade ordena, sustentando-os e vestindo-os, pagando-lhes o seu salario, que communmente está já estabelecido neste Estado, de duas varas de panno por mez, e que os filhos destes mesmos Índios sejam também tractados como forros, e não como captivos, doutrinando-os igualmente na doutrina christã a todos, ensinando-lhes também a lingua portugueza, e a alguns os officios mecanicos, para que nelles possam servir a republica, e que se algum Indio desses ou Indias, casarem com escravos ou escravas, que neste caso se observe o que Sua Magestade tem ordenado nas leis das missões, por um alvará com a data de 22 de Março de 1688, junto ao regimento impresso das mesmas missões, pag 17 o verso; e acabados os ditos Índios o tempo da servidão até cincoenta annos, querendo mudar-se para as aldêas ou outra parte, em que sirvão a Sua Magestade ou ao bem publico, o poderão fazer, e se antes de se lhe completar o tempo da servidão forem tractados com alguma injustiça, o farão presente a esta junta por via de seu procurador, para que justificada na mesma junta a culpa, em que tiverem cahido os seus patronos, se lhe possam tirar e distribuir por onde a junta arbitrar. Ultimamente se adverte que, como as ordens de Sua Magestade para este fim do descimento dos Índios se applica só aquelles, em cuja natureza se achão os defeitos acima mencionados, que o Rev. Padre missionario que fôr aos taes descimentos, examine antes de se fazerem, se são ou não os Índios daquelles, que Sua Magestade falla, e não o sendo, e obrigando-os por força a baixarem, incorrerá na pena (quem assim os trouxer) de se repartirem pelas aldêas a que pertencerem, conforme o districto, de donde se baixarem: e de como assim o assentãrão, fiz este termo, em que todos assignarão, e eu o secretario deste Estado o fiz e assignei, *João Antonio Freire, Alexandre de Sousa Freire, Antonio Trajano, Mathias da Silva e Freitas, Jacintho da Carvalho, Frei Angelo do Monte Carmelo, Frei Pedro do Espirito Santo, Frei Bernardo Carneiro, Miguel Rebello*. E não se continha mais no dito assento o que fiz trasladar bem e fielmente, e comigo conceitei, ao qual me reporto. Belém do Pará, 13 de Setembro de 1729. Eu João Antonio Freire, secretario do Estado a fiz escrever.

que tenham branco por seu administrador, capitão ou semelhante título.

Sómente estando os Índios que se hão de converter á fé, debaixo do governo espiritual e temporal, (como ordenou Sua Alteza), dos Padres da Companhia de Jesus, se pôde esperar que descerão dos sertões, e terras suas, tomando e perseverando na fé.

Ainda que este governo temporal dos Índios parece, que não convém a

BANDO QUE ALEXANDRE DE SOUSA FREIRE MANDOU LANÇAR EM EXECUÇÃO DO
ASSENTO SUPRA.

Alexandre de Sousa Freire, do conselho de Sua Magestade, governador e capitão-geral do Estado do Maranhão, etc. Faço saber a todos os moradores deste Estado, senhores de engenho e mais lavradores, que por quanto Sua Magestade em 13 de Abril deste presente anno de 1728, foi servido conceder a todos os sobreditos, poderem baixar Índios bravos do sertão, e que toda a pessoa que necessitar de alguns casaes delles para o seu serviço particular, e para os dos engenhos, e mais lavouras, recorram a mim com uma petição, em que declarassem não só o numero dos casaes, que lhe forem necessarios, mais a urgencia em que se acha pela extensão das mesmas lavouras, para que averiguada uma e outra materia por mim, e mais adjuntos, que o dito senhor manda, haja de lhe deferir para se servirem delles, desde treze annos inclusive, até os de cinquenta annos como forros, que são ainda dentro do tempo do serviço até a sobredita idade de cinquenta annos, e dahi por diante; como assim tambem os mesmos filhos dos taes Índios, do mesmo modo, que seus pais, ficando as taes pessoas, a quem se concederão, obrigadas a instrui-los a todos na doutrina christã, e na lingua portugueza, como tambem mandar-lhes ensinar alguns officios mecanicos para a utilidade da republica, como Sua Magestade ordena no cap. 12 do regimento e lei das missões em carta de 12 de Setembro de 1727 sustentando-os, vestindo-os e pagando-lhes cada mez, a cada um, duas varas de panno, com a condição mais, que tanto que os moradores baixassem os taes casaes, e Índios, os apresentarão para se matricular em um livro, que para este fim terá o escrivão da fazenda, rubricado e numerado por mim, e em outro, que com esta mesma formalidade terão os superiores das missões, o para que tambem no mesmo acto da matricula fique a idade de cada um, que fôr arbitrada com toda a clareza, como lhes fôr julgada, para que por este modo se fique logo sabendo o tempo que resta de serviço até a sobredita idade de cinquenta annos; e porque ordena Sua Magestade na mesma carta de 13 de Abril deste presente anno, que estes descimentos se fação por autoridade publica, indo para elles um missionario acompanhado de alguns soldados para a defensa de sua pessoa, dos quaes tambem se amparão os mesmos moradores, serão estes obrigados a fazer toda a despeza destas entradas á sua custa, visto que o mesmo senhor quer valer de modo a seus vassallos, que não só os quer remediar com os taes descimentos, mas ainda com os mesmos Índios já aldeados, com os que não têm feito gasto algum, e para os que forem novamente descidos, ordena tambem o dito senhor em carta de 9 de Março de 1728, que para se poderem baixar hão de ser das nações, em que se comen uns aos outros, e dos que não tiverem reconhecimento de lei, nem rei, nem fazem differença do mãe a filha, para pasto de sua lascivia, e frecharem os meninos innocentes para pasto de sua gula, como tambem adverte Sua Magestade, que ainda que concedo licença para baixarem os mais Índios violentados queirão ou não queirão, contudo hão de preceder primeiro todos os meios de suavidade pelos quaes haja de descer, para as povoações muito a seu gosto, para que esgotados todos os ditos meios, se passe ao depois ao da coacção, trazendo os que nisso consentem ou não consentem para ellas, sem que por este constrangimento haja mortes dos mesmos Índios, excepto quando fôr justa defensa das pessoas, que os trouxeram assim mesmos constrangidos, e nenhum morador poderá descer mais Índios, que aquellos, que lhe forem concedidos com a cominação, que baixando-os se repartirá o excesso pelas aldeas de Sua Magestade a que pertencerem, conforme os districtos donde vierem, precedendo para esta repartição as que se acharem mais diminutas de quanto, e forem mais chegados as povoações em que possam fazer maior serviço ao dito senhor, em cuja pena da dita repartição cahirão tambem os que trouxeram Índios, que não sejam daquelles, em que se fazem tão abominaveis os sobreditos vícios; e para que se evite toda a confusão, succedendo morrer alguns Índios, dos que estiverem repartidos por cada um dos moradores, será qualquer que a quem isto succeda obrigado

religiosos, porém no modo que Sua Alteza o dá, e foi já exercitado dos nossos, com fructo das almas dos Indios, não se podendo de outra maneira alcançar a conversão dos Gentios, não desdiz aos da Companhia, antes é materia de muitos padecimentos e crises, que nas missões se vem a buscar dos missionarios.

E' cousa fóra de toda a duvida, que se os Indios não fossem obrigados a servir aos brancos, nem elles, nem suas mulheres, nem meninos, nem

a dar logo parte ao procurador dos Indios, como tambem dos que lhe nascerem, para que passe o dito procurador a examinar a realidade da morte, e o nascimento, estando em distancia que o possa fazer para que haja de se descarregar, ou carregar o morto, e o nascido nos livros da matricula, e não lhe sendo possivel pelo que pertence aos mortos passar logo aos districtos, e lugares em que se acharem, por não poderem a respeito da corrupção esperar por este exame sem que se enterrem, inquirirá dos outros Indios do lugar em que tiver morrido o que já achar enterrado, se é ou não fingida, ou verdadeira a tal morte, e do que achar a este respeito, e dos novamente nascidos me dará o mesmo procurador parte, para que eu com os mais adjuntos em junta, maude dar baixa e matricular ao que fór nascido ou morto, usando desta mesma averiguação para os Indios, que o morador tambem declarar lhe são fugidos: o se algum Indio destes, ou Indias forras casarem com escravos ou escravas, se observará o que Sua Magestade tem mandado nas leis das missões, por um alvará com a data de 22 de Março de 1681, que anda junto ao regimento impresso das mesmas missões pag. 1, fl. 2, e acabando o tempo da servidão até cincoenta annos, querendo mudar-se para as aldéas, ou outra parte onde sirvão a Sua Magestade, e ao bem publico, o poderão fazer; e se antes de se lhe completar o tempo da servidão forem tractados com alguma injustiça assim por castigos demasiados, como por falta de pagamentos, me farão presentes na junta por via do seu procurador, para que justificada a sem razão e a culpa do morador pelo mesmo tribunal da junta, se possam tirar a seus patronos os mesmos Indios queixosos, e distribui-los, por onde eu com os mais adjuntos arbitrar. E porque tambem haverá muitos moradores tão pobres, que por si sós não possam mandar alguma canoa fazer estes descimentos, se juntarão tres ou quatro, ou o que bastar em para esta expedição conforme os Indios que lhe couberem em repartição: e todos juntos poderão gozar desta mesma providencia, com que Sua Magestade lhes quer valer na sua pobreza, e para os que forem tão pobres, que nem assim possam valer-se da sobre dita concessão, se lhe acudirá pelo governador e capitão geral, e mais adjuntos, examinando a sua impossibilidade, com os Indios das aldéas mencionadas, que Sua Magestade ordena se repartão com os moradores e senhores de engenho, e mais pessoas sobreditas, se fór tal o caso, que assim o permita, havendo tantos Indios aldeados, que cheguem para se distribuir por todos, ficando nas mesmas aldéas os que forem necessarios para a sua conservação, para o serviço deste governo, e do sobredito senhor. E para que chegue a noticia de todos esta ordem, e estabelecimento do que neste edital se declara, que comigo se assentou em junta, mandei fazer dous deste mesmo theor, que se registrará um delles nos livros da camara desta cidade, nos da fazenda e nos desta secretaria, fixando-se um nas portas da camara, e outro nas da alfandega desta mesma cidade.

S. Luiz do Maranhão, 23 de Julho de 1728. E eu João Antonio Freire, secretario do Estado o mandei fazer por ordem do senhor governador e capitão geral, e subscrevi *Alexandre de Sousa Freire*. E eu João Antonio Freire, secretario do Estado o fiz trasladar e comigo concertei.

Belem do Pará, 21 de Setembro de 1728 — *João Antonio Freire*.

PARECER DE JOÃO DA MAIA DA GAMA, GOVERNADOR QUE FOI DO MARANHÃO, SOBRE OS REQUERIMENTOS QUE A EL-REI APRESENTOU PAULO DA SILVA NUNES, CONTRA OS MISSIONARIOS.

Obedecendo ao preceito de Vossa Magestade, vi os dous requerimentos e mais documentos a elle juntos, e vendo os falsos fundamentos do primeiro, e ter sido a materia tantas vezes discutida, impugnada e decidida por Vossa Magestade, bastava dizer que não tinha lugar o primeiro requerimento, e por ser prejudicial ao serviço de Deus, e de Vossa Magestade; e a conservação das aldéas, e do Estado; e ao segundo na mesma forma, e que se observasse a ultima disposição de Vossa Magestade na forma da lei de 9 de Março de 1718, mas

meninas, com segura esperança, que nunca se tiraria pessoa alguma de suas aldeas, sem sua muita vontade, para servirem com seus salarios certos, em breve tempo muitos Gentios se verião convertidos á nossa santa fé, e se descerião dos sertões, e finalmente pouco a pouco elles de si mesmos buscarão aos brancos para os servir pelo desejo de se vestir, e das outras cousas necessarias; por isso se deve quanto fôr possível não aggravar-los com demasiados serviços.

entendi que esta fórma de votar era para um ministro superior, que dêsse voto decisivo, e não para mim a quem suppoz Vossa Magestade mandava informar pela experiencia dos seis annos do governo daquelle Estado, e pelo que vi, e tinha experimentado e observado, e me foi preciso por esta razão fazer uma informação extensa, e se excedi em algumas cousas os termos e obrigações de informante, foi por entender que assim convinha, e era necessario para mais cabalmente inteirar os ministros e aclarar a verdade, para que á vista della, consultem o que mais convier ao serviço de Deos, e de Vossa Magestade, que mandará o que muito fôr servido.

Lisboa occidental, 22 de Fevereiro de 1730.—*João da Maia da Gama.*

Senhor.—Foi Vossa Magestade servido mandar que eu vendo os factos, que se contém nos papeis juntos, informe com o meu parecer, e confesso que se me fôra permitido, ou licito o escusar-me, e dar-me por suspeito, o fizera por muitas razões: mas como não posso, e nas mãos do chanceller-mór dei juramento de dar a Vossa Magestade conselho fiel, e verdadeiro; quando me mandasse, como se expressa na minha carta, debaixo do mesmo juramento darei o meu parecer, como diante de Deos entender.

Antes de o fazer me pareceu citar aqui uma carta de Paulo da Silva, escripta a camara de S. Luiz do Maranhão em 1725; e outra do mesmo de 1726, escripta no segundo anno á camara seguinte, e na mesma fórma escreveu a camara do Para, e outra carta do mesmo Paulo da Silva, escripta a Clemente Palheta, e em todas estas cartas, que adi ante ajuntarei, se queixa o dito Paulo da Silva de o não acharem capaz de procurador das ditas camaras e povos, e de lhe não mandarem procuração, e se mostra tambem, de que sem ella fez todos os requerimentos, que lhe pareceu em nome dos povos, e tão absoluto, que nem a cópia dellas quiz mandar as camaras, como se vê das ditas cartas.

Tambem me pareceu citar aqui duas cartas minhas, ou contas dadas a Vossa Magestade; uma de 28 de Agosto de 1722 em resposta de uma queixa que Paulo da Silva tinha feito a Vossa Magestade contra os Padres da Companhia; e outra da mesma data, e era sobre outra queixa, que fez o procurador da camara a mesma camara, para a representarem a Vossa Magestade; talvez, como tenho por certo a diligencia do mesmo Paulo da Silva, e as minhas respostas, e as ditas queixas se acharão na secretaria do conselho ultramarino no maço de cartas e ordens respondidas nos annos de 1634 e 1635 no anno de 1722, das quaes são a cópia as que vão a fls. 8 até 22, tiradas dos meus registros, pelas quaes se prova, que Paulo da Silva antes de eu entrar a governar, já era inimigo dos Padres da Companhia, e já fazia queixas contra elles, e induzia aos demais que as fizessem antes de se fazer a si procurador dos povos, e que são quasi as mesmas, que agora repete como procurador, o qual veio fugido, uns dizem que a queixar-se de mim, e dos Padres da Companhia, outros, que chamado de Bernardo Perrira para o mesmo, e já no anno em que chegou, tinha feito um assignado contra os Padres.

Pelo que fica referido, e pelos ditos documentos que se devem ver, pôde-se inferir, que todos estes requerimentos contra os Padres da Companhia, são mais nascidos do odio a paixão do dito Paulo da Silva, e de seu patrono, e de alguns moradores seus parciaes, do que dos homens bons da republica; e com estas antecedencias, que me parecerão precisas entro a ponderar os documentos juntos, e informar a Vossa Magestade, e para não confundir, darei resposta com alguma separação aos dous requerimentos.

Vi a primeira representação, que em nome dos moradores do Estado do Maranhão, faz Paulo da Silva seu procurador, e com os oito artigos ou capitulos desordenados, affectados e infamatorios contra os missionarios, unicamente dirigidos contra os Padres da Companhia.

Vi tambem a petição com os mais documentos e certidões, com que se defende o Padre João Teixeira, como procurador geral dos missionarios da Companhia de Jesus, o que tudo vai de fls. 34 até 56, e deixo o que contém desde fls. 53 até 68 para fallar nestes documentos na resposta da segunda representação, e vi o que contém a resposta do procu-

DE QUE MANEIRA SE POSSÃO FAZER AS MISSÕES NO ESTADO DO MARANHÃO.
(EXTRAHIDO DE UM MANUSCRITO).

Parece que se possão examinar duas maneiras, para dellas escolher o que fór melhor: a primeira seja o que Sua Alteza mandou a Ignacio Coelho da Silva, procurador que foi deste Estado, com novas leis e ordens suas que se publicarão; a segunda seja a que

rador dos Padres Manoel Gonçalves da Silva, que vai de fls. 69 até 80, supposto não estejam numerados mais que até 64.

Vi por ultimo a petição e resposta do Rev. Padre visitador geral da Companhia Jacintho de Carvalho, em que pede se junte aos requerimentos de Paulo da Silva, para que melhor se manifeste a verdade.

Recorrendo a Deos e pedindo-lhe auxilio, ponderei com toda a madureza, e circumspecção o requerimento, queixas e defesa que dá o Bev. Padre visitador, e as leis de Vossa Magestade, ordens e regimentos que allega, e mais com sua defesa, pela qual sincera, christamente entendo que devo e se deve estar, e eu principalmente pelo que vi e pessoalmente observei, e experimentei em seis annos continuos daquelle governo.

E tambem porque só com trinta ou quarenta dias de assistencia no Pará me mandou Vossa Magestade informar sobre quasi as mesmas queixas, que contém os sete artigos dos que faz Paulo da Silva, aos quaes respondo com as respostas, que eu dei aos quatro pontos, que cont m as queixas, que então fizerão, que com mais ou menos largueza são as mesmas: e por evitar a repetição de o tornar a escrever, se devem ver aqui as ditas respostas e informações minhas, as quaes dei nos primeiros dias do meu governo, informandome primeiro do capitão mór José Velho, que Deos tem, homem christão, e de summa verdade, e que havia trinta para quarenta annos que se achava no Pará no serviço de Vossa Magestade, casado e capitão-mór daquella praça, e ouvi a Pedro Mendes Thomaz capitão mór, que foi tambem da mesma praça, e cidadão de prudencia, capacidade e verdade; casado, e assistente no mesmo Pará, venerado, respeitado, e tido por pai da patria, e na mesma fôrma ouvi o cidadão Amador Lourenço, tambem casado, e assistente naquella cidade havia quarenta ou cincoenta annos, e tido tambem por pai da patria, e a outros alguns; e em conversação particular ouvi tambem aos Padres sem perceberem a causa porque eu perguntava.

Com estas informações dei as respostas que ficão ditas, e vão a fls. 8 até 22 com as quaes informo tambem aos referidos artigos da accusação de Paulo da Silva.

Para comprovar mais a dita informação, e convencer o primeiro artigo, digo que eu cheguei ao Pará em 16 de Julho dia de Nossa Senhora do Carmo, e despedi os navios em 4 ou 5 de Setembro, e em execução da ordem de Vossa Magestade, para abrir o caminho do Pará para o Maranhão por terra, recomendei aos prelados da Companhia me mandassem vir de suas missões circumvizinhas setenta ou oitenta Indios, que promptamente me mandarão, e os metti a abrir o caminho, e continuei com elles perto de dous annos até o concluir, e no mesmo tempo despedi logo segundo minha lembrança, setenta ou oitenta canoas dos moradores para a colheita das drogas do sertão.

Despedi logo uma tropa de resgates de Vossa Magestade para os moradores do Maranhão e cabo Thomaz Teixeira, e com os missionarios da Companhia, e pelos superiores della disposta e determinada a dita tropa com um grande trabalho, cuidado e zelo, e quasi no mesmo tempo despedi outra tropa, e cabo Francisco de Mello Palheta a descobrir o Rio da Madeira, por seter visto descer por elle uma batêa e uma cabeça de carneiro secca, E recommendada esta disposição ao Padre João de Sampaio da mesma Companhia, que assistia na missão dos Abacaxis na entrada do dito rio, a qual tropa foi com muito trabalho até as povoações dos Castelhanos de Santa Cruz do Cuiabá, devido o seu bom successo, no zelo do dito Padre, que accommodou a desunião dos cabos, e soldados quasi levantados, e lhe assistio com farinhas e com todo o necessario, e quasi todos os Indios que passavão de oitenta ou cem, erão das missões dos Padres da Companhia e principalmente da aldeã do dito Padre João de Sampaio.

Dentro do mesmo meu primeiro anno, despedi a tropa de guerra da guarda costa, e cabo João Paes do Amaral, a descobrir os marcos que com effeito descobrio com o missionario de Santo Antonio, e com os demais dos Indios das missões dos capuchos, e com muitos da Companhia.

alguns apontão, de largarem os Padres da Companhia todas as aldeas, e tomarem tres somente em todo o Estado, e com ellas fazerem suas missões.

A primeira maneira de missões ordenada por Sua Alteza, se pôde reduzir á cinco pontos principaes, que se hão de examinar, guardando-se, porém, todas as mais cousas ordenadas pelo mesmo senhor, explicando-se e accrescentando-se o que fôr necessario nesta materia. Os pontos são os seguintes:

Pergunto agora se os Padres derão Indios para a abertura do caminho, derão para as canoas dos moradores, e para as tres tropas, como podião dar todos estes Indios, occupando não só as duas partes delles, mas também a terça como falsamente allega Paulo da Silva no primeiro artigo?

E isto sobrava com a minha sciencia experimental e certa; mas para convencer mais as falsas queixas, e corroborar mais a justificada defensão dos Padres e missionarios, digo mais, que no meu segundo anno de governo, continuárão setenta ou oitenta Indios dos Padres a abrir o caminho, e a tropa do Rio da Madeira no seu descobrimento, que gastou perto de dous annos, e demais destes assistirão com todos os Indios da sua repartição as canoas dos moradores, e se preparárão duas tropas de resgates, para o Pará a primeira, que se encarregou ao dito Padre da Companhia João de Sampaio, que por si, e só com os seus Indios fez os resgates; e a segunda com o cabo João Paes do Amaral, e missionario da Companhia.

No meu terceiro anno continuárão as tropas de resgates, e se despedio a tropa do descobrimento do Rio dos Tapajós com o cabo Estevão de Albuquerque, e missionario da Companhia com os Indios das suas aldeas do mesmo Rio dos Tapajós, e no quarto, se reforçou a mesma tropa com o capitão-mór Fernão Lobo de Sousa, e com Indios das mesmas aldeas dos Padres, a fazer a guerra e desimpedir a entrada daquelle rio, que até aquelle tempo não esteve nunca desimpedido. E se praticárão muitas nações, de que fizeram os Padres novas aldeas e ao mesmo tempo se continuárão as tropas de guerra do Rio Negro, e dos resgates com tanta felicidade e utilidade do serviço de Deos e de Vossa Magestade, e dos seus vassallos, como é notorio, as quaes tropas continuárão com os missionarios da Companhia até eu entregar o governo, e ainda nesse tempo as deixei no Rio Negro.

Com as ditas tropas, zelo, trabalho e diligencia dos Padres da Companhia, se resgatárão mais de quatro mil captivos, e chegarão a eutrar no Pará tres mil e trezentos ou setecentos escravos, que para a fazenda dos resgates importárão os direitos de 30 por cabeça, onze contos e tantos centos mil réis que se carregárão ao almoxarife ou thesoureiro dos resgates, como consta de uma certidão, que se me remetteu passada pelos officiaes da fazenda, e a não apresento já por estar junta a minha residencia, mas sendo necessaria a apresentarei com brevidade, ou chegando-me a segunda via, ou extrahida da mesma residencia. E se logo ao principio o provedor da fazenda real José da Silva e Tavora tivera posto em execução o segundo alvará de que eu não tinha noticia, em que Vossa Magestade mande se pague outros 30 por cabeça para a fazenda de Vossa Magestade, tivera rendido outros onze contos, e virião a render a Vossa Magestade os resgates feitos pelos Padres da Companhia vinte e tres ou vinte e quatro contos.

Estes são os prejuizos da fazenda de Vossa Magestade, estes os crimes dos Padres da Companhia, cuidando tanto em servir a Deos, e a Vossa Magestade, como a republica, e é tão cega a ambição e a barbara e cega paixão dos homens, que queirão convencer estas verdades, tirando o credito a uns ministros de Deos, que tanto cuidão do zelo da salvação das almas (e torno a dizer) como no serviço de Vossa Magestade, reduzido a milhares de vassallos a sua real obediencia, e almas ao gremio da igreja.

A vista do referido, digno-se Vossa Magestade e os seus grandes ministros, de ponderar como é possivel, que com todas estas expedições occupem os Padres da Companhia todos os Indios no seu serviço e nas suas grangearias?

Governei seis annos, em todos despedi as canoas dos moradores, e se embarcárão a vinte, vinte e cinco e trinta mil arrobas de cacão cada anno, e vinte, vinte e duas e vinte e oito mil arrobas de assucar, o que nunca tinha havido no Pará, e esta é a perdição do Estado, que diz Paulo da Silva. E ao mesmo tempo despedi tão continuas e repetidas tropas, e nunca me faltárão os missionarios de todas as religiões de me darem promptamente os Indios em maior ou menor numero conforme os havia, ainda que alguns da provincia

1.º Que os Padres tenham á sua conta todas as aldeas do Estado (tirando as que Sua Alteza declara), e que o governo espirital della sómente o tenham os Padres, como parochos, e o governo temporal tenham-no os principaes com os Padres, e não outra pessoa alguma.

2.º Que a repartição dos Indios do serviço seja feita pelo Bispo do Estado, pelo presidente de Santo Antonio : e por uma pessoa eleita pela camara.

da Piedade faltava com todos os que podia, e outro do Carmo, que com boas palavras enganava os cabos para o não apertarem por Indios: e unicamente um das Mercês no meu ultimo anno com a noticia de estar já nomeado o meu successor, disse a um cabo que não dava Indios, nem tinha nada com as ordens do general, que aquella aldeia era sua, e dos seus prelados, e que só ás suas ordens havia de obedecer.

Destas religiões algumas queixas me fizeram os moradores com mais alguma razão; mas contra os Padres da Companhia e contra os da provincia de Santo Antonio dos Capuchos, não têm razão; porque estes também são virtuosos, e exemplares, bem procedidos e zelosos do serviço de Deos, e de Vossa Magestade, e tinham no meu tempo bastantes religiosos justificados, e a meu entender santos, como era Frei Manoel da Paixão, que no anno passado morreu, e Frei José da Natividade, que embarcou nestes navios, e vem por terra de Galiza para cá. E Frei Joaquim, que ficou sendo commissario geral, e tem outros muitos, que com estas exemplares columnas da religião seguem a sua doutrina e exemplos, e trabalham na redução do Gentio, e tem as suas igrejas como os da Companhia com muito asseio, e os paramentos necessarios, o que se não acha em outras, como adiante direi.

Com o referido me parece tenho provado e mostrado a verdade contra os affectados capitulos de Paulo da Silva, e respondido a tudo o que contém com as referidas cartas, que acima ficão citadas, e emquanto o não pagarem direitos: respondo, que se os Srs. reis e predecessores de Vossa Magestade, e também Vossa Magestade como monarcha augusto e pio, foi servido senão de justiça, ao menos de piedade; e talvez em remuneração dos grandes serviços que a Deos, e a Vossa Magestade tinham os religiosos da Companhia; lhe fez merrê de lhe perdoar os direitos, que tem Paulo da Silva, nem os povos que allegar contra disposição e grandeza de Vossa Magestade, para quererem coarctar e impugnar a sua execução? Zelo verdadeiro e proprio de judas.

Avulta mais o caco da Companhia, por que além de terem mais missões, têm o governo e providencia dos prelados, e attendendo a evitar tentações dos missionarios para que não houvesse descaminhos, nem se appropriassem daquelles fructos pertencentes a cada missão, lh'os maneja um procurador geral, que recebe tudo o que pertence a qualquer das missões com distincção, e dá a cada um dos missionarios, ou lhes compra e manda o que é necessario para a dita missão ou para as canoas, e pagamentos dos Indios, ou para as entradas do sertão; e as ferramentas para as roças, e o que pedem para assistencia dos doentes, para os descimentos dos Indios, e para o ornato das igrejas: e se não chegam os effectos suppe com o seu credito e abonação; e se sobra, ficão como em deposito para outro anno determinadamente para aquella mesma missão, ou fique o mesmo missionario, ou vá outro succeder-lhe, porque não toca nem a um, nem a outro missionario, senão a sua residencia: porque o que acaba não traz mais, que a sua roupa, breviario e alguns livros proprios; e tudo o mais assim de canoas, ferramentas e mais trastes, ficão na mesma missão para usar dellas o que lhe vai succeder, sem que ao collegio, ou commmidade, ou prelados, lhe fique a minima utilidade, conveniencia, ou uso de effectos, que pertencão as missões e assim se dispende tudo na redução do Gentio, da salvação das almas, no augmento da aldeia e em reparar e acudir a necessidade dos enfermos, e Indios e Indias mais desamparados, e nos ornamentos das igrejas e vasos sagrados, e tomão os prelados conta de tudo nas visitas, assim aos missionarios, como ao seu provedor geral.

Os religiosos capuchos assim da provincia da Piedade, da Conceição, e de Santo Antonio remetem aos seus syndicos para os mesmos effectos, e com especial zelo e cuidado os da Conceição e Santo Antonio, que tem religiosos mui justificados, e tem as suas igrejas limpas e asiadas e bem ornadas.

O que não succede assim aos missionarios das Mercês, nem aos do Carmo, por não usarem a mesma economia, que os Padres da Companhia, e por isso as igrejas não têm ornatos, e são muito mãos e indiguos ornamentos, e só os têm mais capazes a de um Frei Jeto-

3.º Que de todos os Índios de serviço, cujo numero se saberá pelo rol que darão os parochos, feitas tres partes iguaes, uma dellas escolherão os missionarios; outra se dará para os serviços dos brancos; a terceira ficará na aldêa para serviço dos mesmos Índios.

4.º Que os Índios de serviço se repartão para servirem sómente dous mezes continuados, reservando-se as duas terceiras partes de dous em dous mezes.

nimo por estar ha muitos annos naquella missão, e os mais é uma vergonha, e a razão disto, é porque vai um missionario destes comprar a sua canôa, o seu altar portatil e tudo o mais que lhe é necessario, e faz dous ou tres mil cruzados de emprego e vai á missão a desfructua-la, utilizar-se e satisfazer o que deve, e manda as suas canôas com cacão, cravo e salsa, que poderão apanhar, e a remettem ou ao seu credor ou a algum seu amigo, e não a seu convento, que se todos os missionarios das Mercês ou os de Nossa Senhora do Carmo, que administrão dezasete missões, mandassem ao seu convento, ou a um procurador geral as dezasete canôas das suas missões, avultarião tanto, ou muito mais estes effectos, que as dos Padres da Companhia, porém como vão a pessoas diversas, não fazem tanta impressão nos invejosos animos dos moradores, como as dos Padres da Companhia.

Desta desordem destas ultimas religiões se seguem damnos ao serviço de Deos, e tambem de Vossa Magestade, e discreditado ás religiões: porque ou os prelados acaba, ou não é affecto ao missionario, ou quer por outro mais do seu seio, e assim nomea outro missionario, o qual se apparelha de tudo, e se empenha como o outro, a quem vai render, e usa dos meios de utilizar-se e ajuntar para pagar o que ficou devendo, e trazer sem cuidar na missão, nem na igreja e o que acaba, traz tudo quanto levou para ella, e por isso estão as igrejas como fica dito acima, o que não succedera, se trabalhassem para aquella missão, para aquella aldêa, e para o serviço de Deos e de Vossa Magestade, e tiverão a disposição referida, que têm os Padres da Companhia, e remetterão a um procurador geral os lucros das missões, para cada uma com distincção, e fosse tudo proprio da missão, e não do missionario.

Eu vi carta do Bispo do Pará, em que diz, vem o Padre mestre Frei Ignacio, vice provincial de Nossa Senhora do Carmo, religioso de muito zelo, e bom procedimento, a negocios da sua religião, e a propôr em capitulo ou com o provincial, a execução das mesmas disposições de que usão os Padres da Companhia, e me pareceu propôr aqui a Vossa Magestade, que é conveniente ao serviço de Deos, e de Vossa Magestade, e ainda ao credito da religião, que Vossa Magestade não sómente ajude ao dito Padre neste justo e santo intento, mas tambem que mande recommendar ao provincial, que faça pôr em execução o dito intento, e que se nomêe no Pará procurador geral das suas missões, e que a este venhão remettidas todas as canôas com as drogas do sertão que tirar qualquer missionario, e que este procurador e vice provincial fação pagar as despesas, que fizer o missionario, e que o que restar, fique proprio da missão, e não do missionario, para que o outro que lhe fôr succeder, ache a conta e mais aprestos, e faça menor empenho, para que o que sobrar, se applique á missão e a igreja, e logo estas serão melhor tractadas, e as aldêas mais bem governadas, e os Indios mais satisfeitos, e os moradores com menos razão de queixa, e que o mesmo se recommende aos prelados de Nossa Senhora das Mercês, para que se faça em tudo o serviço de Deos e de Vossa Magestade.

Emquanto ao ultimo capitulo de aprenderem os Indios a lingua portugueza e os missionarios lh'a ensinarem, pedi eu governando aquelle Estado a Vossa Magestade, que foi servido responder-me e mandar recommendar aos prelados das religiões, que depois de catechizados na f, pela lingua, lhe ensinassem a portugueza; e ao que responde o Padre visitador geral da Companhia Jacintho de Carvalho, digo, que se todos os que se reduzem, fusessem da lingua geral. Justissimo era, que só se usasse do catholicismo, mas se elles não sabem a lingua geral, tanto importa perguntar-lh'o na portugueza quem é Deos? Como na lingua geral quem é Tupana? porque tanto entendem elles a lingua portugueza, como a geral, se é differente da sua, e se os missionarios lhe hão de ensinar a lingua geral, por que lhe não hão de ensinar a portugueza, e a isto não ha mais resposta, que uma, e é forçosa, e vem a ser, que o Indio novamente descido, que não é da lingua geral, poderá ouvir e ser só ensinado do Padre a lingua portugueza um quarto de hora ou meia, ou uma cada dia, e o resto do dia e da noite passa fallando, conversando e tractando com os outros Indios, e com este continuo tracto aprendem mais facilmente a lingua geral.

5.º Que haja deposição de salario na mão de um branco, para se pagarem aos Indios seus serviços, no cabo delles.

A segunda maneira das missões seja esta que se reduz a cinco pontos.

1.º Que Sua Alteza mande dar aos Padres uma aldêa de trinta casaes no Maranhão, outra semelhante no Pará, a terceira do mesmo modo no Gurupá, largando os Padres todas as mais aldêas, assim no espiritual, como

que a portugueza, e assim parece justo, que na geral se doutrinem; mas recommendando-se aos prelados, que aos pequenos, e já aldêados, fação fallar portuguez uns com os outros, e dar-lhe alguma palmatoada, quando os ouvir fallar pela lingua, e é certo, como eu experimentei nesta viagem, que enquanto elles têm Indios ou pessoas que entendão a lingua geral, nunca querem fallar a portugueza, e com isto ainda que difuso e extenso, tenho respondido aos capitulos de Paulo da Silva, estando já respondidos pelo Padre visitador geral, e comprovado pelas certidões, que juntou o Padre mestre João Teixeira, e vão de fls. 26 até 34, e para acabar de comprovar tudo o que digo, e mostrar a falsidade da queixa de Paulo da Silva, me é preciso confessar a Vossa Magestade uma culpa, e fazer-me réo do castigo, que merecer, e assim asseguro a Vossa Magestade, que em todo o tempo do meu governo, excedi a lei da repartição em respeito da utilidade dos contractos, e da urgencia das expedições do real serviço, e assim com a minha cabeça asseguro a Vossa Magestade, que em todas as aldêas da repartição, em todos os seis annos do meu governo, não ficarão nas ditas aldêas nem a metade, que Sua Magestade manda, nem ainda a terceira nem a quarta parte dos Indios, pelos occupar todos no serviço de Vossa Magestade, e nas canoas dos moradores, e só lhe dava tempo para deixarem as suas roças plantadas, o que não usava meu antecessor, por cuja causa achei as aldêas diminutas e morrendo as familias á fome, e demais desejava agora ver-me possível mandar a secretaria do Pará tirar a maior parte das petições dos moradores, que no meu tempo foram á colheita das drogas do sertão, e ficarão enmaçadas na mesma secretaria, por eu as tornar a recolher para fazer restituir ás aldêas os Indios, que trouxeram, para que os não escondessem, e para este fim declarava no meu despacho, que todos os missionarios nas costas das petições declarassem os Indios, que dava para cada canoa, e se assignassem e me remetterssem recibos do cabo da canoa, para por elles lhe tomar conta dos Indios, e nem comtudo isso bastava para que os não furtassem, e pelas ditas petições e declarações dos Indios viria Vossa Magestade, quantos missionarios da Companhia deixarão de dar Indios as canoas dos moradores, e que aldêa da Companhia chegarão, que lhe não dêsem Indios, o acharia que a maior parte delles erão dados pelos missionarios da Companhia.

Visto os moradores ou povos, por seu procurador se queixarem dos Padres usarem de todos os Indios, e se não repartirem com os moradores, e serviço de Vossa Magestade, aquella metade dos Indios de cada aldêa, me parece, que para cessarem estas queixas, e para descargo do general, e para credito e socorro dos missionarios, sou de parecer, que Vossa Magestade mande pôr em execução o cap. 22 e 23 do regimento dos Indios, e que se fação os dous livros, que sirvão de matricular nelles todos os Indios, que podem estar capazes de servir, e que um tenha o superior das missões, e outro o general, mandando Vossa Magestade a todos os prelados, que infallivelmente mandem a lista de todos os Indios para se matricular, e porque de um anno para o outro se mudão, fogem ou se escondem muitos, seja Vossa Magestade servido mandar recommendar com efficacia a todos os prelados das religiões, que ordenem debaixo de penas graves aos seus missionarios, que mandem infallivelmente todos os annos a lista de todos os Indios, capazes de serviço, e que esta venha jurada por cada um dos ditos missionarios, e remetida aos seus prelados, os quaes as proporão infallivelmente na junta das missões por todo o mez de Julho, e que vistas e examinadas se determine na junta, na conformidade das leis de Vossa Magestade os Indios que se devem repartir, e se fará assento do que se resolver na junta, com declaração dos Indios, que cada aldêa deve dar para se repartirem, nomeando cada uma por si, e dando-se uma lista a cada um dos prelados, dos que lhes tocarem a sua administração, e a geral de todos, ao governador geral por não exceder na repartição mais do que até o tal numero, excepto para urgencia precisa do real serviço, a qual exporá na mesma junta das missões para se arbitrar na junta conforme a necessidade, e o que assim se resolver, e determinar, se executará infallivelmente em virtude da real ordem, provisão ou lei que Vossa Magestade fór servido mandar passar, e que o general faça a repartição junto

no temporal, tendo porém nas tres ditas sómente o espirital e temporal, conforme as leis, e ordens de Sua Alteza, ultimamente mandadas.

2.º Que os Padros com as tres aldeas assim dadas, possam ir aos sertões quaesquer que sejam, e descer Gentios, assim accrescentando suas tres aldeas, como fazendo outras sem limitação alguma, tanto perto ás povoações dos brancos, quanto longe dellas, até ao sertão sendo necessario, fazendo suas missões, como lhes parecer.

com um cidadão, que eleger a camara, sem entrar na repartição os ditos governadores, nem por si, nem por todos os seus creados, como se fez no primeiro anno depois que acabei, contra a disposição do regimento dos Indios, que o prohibe, e da real ordem de Vossa Magestade tambem impressa com o mesmo regimento, nem com todos os ministros por lhes ser tambem prohibido pela mesma ordem, e procederem todos contra ella até o presente, e se ainda duvidarem os moradores, do juramento dos missionarios, como todas as aldeas da repartição principal estão contiguas ao Pará, podem ir um ou dous officiaes da camara as aldeas da repartição, fazer conferir, ou examinar as listas, que tem cada uma.

Não sei, que possa haver remedio, caminho ou diligencia mais justa, nem mais certificada para evitar as queixas dos povos, como esta que aponto neste meu parecer; mas asseguro a Vossa Magestade, que nem com elle se evitarão as queixas, testemunhas e mentiras, nem a ambição dos moradores, porque só querem, que se lhes dêem todos os Indios sem ficar um só, e querem que se acabem de todo as aldeas, não só com prejuizo do Estado, mas tambem dos moradores mesmos, que não ponderão, que se lhes derem todos este anno, e o outro, que os não terão para todos os mais, cegueira da insaciavel ambição.

Resta agora a conclusão do Pede, que para cessarem tantas perturbações, devo Vossa Magestade por serviço de Deos, e seu, mandar que os ditos missionarios não usem de jurisdicção temporal, e que os governadores e capitães generaes, ponhão nas aldeas das missões, cabos portuguezes brancos, casados e bem procedidos, e que estejam nas mesmas aldeas com suas mulheres e filhos.

Para as suppostas e falsas perturbações fica exposto o remedio no meu parecer acima, e enquanto a tirar-se a administração e jurisdicção temporal aos missionarios, parece-me que tendo sido esta materia tão discutida, tão impugnada e tantas vezes resolvida em contrario por Vossa Magestade e pelos Srs. reis seus predecessores, como mostra e justifica o Rev. Padre visitador-geral nas reaes ordens, que aponta e cita, não tinha já lugar este requerimento, e muito mais por ser feito apaixonado, e por um homem queixoso e inimigo declarado dos Padres da Companhia (como fica já provado e em odio seu) e fundando a necessidade deste remedio em promessas falsas, e sendo o tal requerimento a meu entender orgulhoso e prejudicial a conservação das aldeas, e ao serviço de Deos, e de Vossa Magestade, e ainda dos mesmos povos, que executado seria a ruina de todas as aldeas, e um perigoso accidente daquellas conquistas, com o qual pôde com evidencia perigar a sua conservação sem remedio dos damnos, e que o quer applicar o procmrador, e seus apaixonados e sequezes no odio, contra a Companhia, porque se querem evitar, que os missionarios occupem os vinte e cinco Indios ou mais alguns com assistencia de um cabo, mulher e filhos, o qual hade querer que lhe dêem outros vinte e cinco, e ha de querer outras Indias para a sua mulher, e tantos Indios para os seus filhos, e forão destes, que se lhes hão de conceder, quantos dará escondidos aos seus parentes, e amigos, e quantos ha de querer metter em cada uma das canoas dos moradores? E quantos lhes venderá?

Pois é infallivel, que occupem os Indios, e Indias que se lhe determinarem, e vindo qual-quer das canoas dos moradores á sua aldeia a buscarem Indios, lh'os ha de dificultar até os vender, ou se ha de ajustar com elle, que se lhe havia de dar dous publicos. Não daria mais quatro ou seis escondidos, para trabalharem de meias para o cabo da canoa e para elle, e assim lh'os ha de dar, e hão de querer os filhos fazer o mesmo, e a mulher nesta, ou naquella canoa, ou lhe hão de pagar o trabalho ao cabo, ou ao filho, ou a mulher, e assim os hão de dar a si, ou aos seus parentes, ou as canoas do general, ou dos seus creados, ou aos que forem recommendados dos mesmos: porque os hão de querer ter favoraveis para o defenderem dos queixosos e culpas, que lhe hão de arguir; e para prova destas, e semelhantes vendas, por ser publico e notorio no Pará, e tambem sabido nesta corte por todos os regulares e seculares que de lá têm vindo, digo que provendo o general Alexan-

3.º Que nenhuma pessoa, ainda que seja o mesmo Bispo ou governador, possa entender com as ditas aldeas, ainda assim accrescentadas, ou feitas novamente, tirando ou procurando Indios, ou Indias, grandes ou pequenos, para qualquer serviço, etc., tirados os casos, que Sua Alteza devesse explicar, para não haver dissensões.

4.º Que os Padres não somente poderão servir-se dos Indios das ditas aldeas para ir aos sertões em missão, ou em outros serviços de Deos, mas tam-

bre de Sousa, a Lourenço Pereira, seu creado, e casado com uma filha bastarda, que levou consigo no posto de capitão-mór da Villa do Camutã, que tem uma aldeia para o serviço dos moradores daquella villa, e por ser descida, ou addida a dita villa pelo donatario, tirarão os seus capitães-móres quasi tomando a si a jurisdicção temporal, ainda que o missionario, que era capucho o defendia, (e eu passei ultimamente ordens para esse effeito) entrando no dito posto o tal Lourenço Pereira, vendeu totalmente o trabalho de todos os Indios da dita aldeia por quatro mil cruzados a José Borges Valerio, ouvidor geral, que foi daquella Capitania, e que ficou nella casado; os quaes pagou logo, e mandou tomar posse da dita aldeia, e dispôr de todos os Indios, e não sei com certeza se tambem das Indias, como alguns dizem; e saltando-se a todos os moradores do Camutã a que erão applicados, o os metteu José Borges Valerio nas suas canoas para irem fazer descimentos ou assaltar (o que toquei em outra resposta) e dispoz absolutamente dos Indios. E se isto sendo publico, sabido e notorio geralmente a todos, e o permite um general, e consente ao seu creado, sendo culpa grave, e havendo de dar residencia, e temer o castigo, e a falta do credito e reputação, como o não fará qualquer destes cabos das aldeas por si, ou pelos mesmos creados dos generaes, se forem ambiciosos, e se tractarem só das suas conveniencias como fizerão todos, excepto os meus, o que é publico e notorio a todos, e assento, que os ditos cabos hão de occupar por este, ou por aquelle caminho, por esta ou por aquella conveniencia a maior parte dos Indios, do que os mesmos missionarios, e muito mais estes ao serviço e canoas dos moradores, e assim não é remedio, e é damno muito mais consideravel e prejudicial.

Deixo de ponderar se as religiões assistirão as missões com essa novidade, e se haverá missionario tão prudente e tão soffrido, que em quatro dias não tenha logo duvidas, hesitações e differenças com o tal cabo.

Porque o missionario chama os rapazes, e raparigas mais adultos para a doutrina, não comparecem estes, e dizem os pais ou meirinhos da aldeia, que o cabo os occupará ou mandará a pesca, ou a caça, ou a limpar a roça, ou a buscar fructas, e chama o homem adulto para a doutrina por não saber, ou para a missa, e indô chama-lo o meirinho da aldeia, e diz que o cabo o occupou nisto ou naquillo, e como não tem a jurisdicção temporal, o não pôde mandar prender; e se quer de alguma sorte obriga-lo, encontra-o o cabo, e diz, que o occupou, ou que o mandou aqui, ou allí, e que tem ordem do general ou do capitão-mór na sua ausencia, e assim andarão pelejando todos os dias, sem se tratar do serviço de Deos, ou do de Vossa Magestade, e só de conveniencia propria.

Bem sei que dirão, que levarão ordens apertadas e regimentos, os taes cabos; mas asseguro, que nunca os hão de guardar; porque não hão de deixar de occupar todos os Indios e Indias, que poderem para a sua conveniencia, e repartirem com os validos e com os seus valedores. E assim hão de ser conservados e sem castigo, e as aldeas destruidas.

Tirada a jurisdicção temporal aos missionarios, se lhe tira quasi a jurisdicção espirital e totalmente a obediencia e respeito, que Vossa Magestade tanto recommenda nas suas leis; porque ficando só com o espirital, chama para a missa, para a doutrina, para os sacramentos, que é o que aquelles barbaros mais repugnão, zombão do missionario, não lhe obedecem, fazem chacota do seu preceito, e do seu ameaço, e dizem que lá está o cabo quem elles obedecem, que é o que os ha de castigar, e para prova do que digo, me é necessario referir aqui outro caso.

Quix o capitão-mór Manoel de Madureira, que Deos tem, fazer sociedade com o principal da aldeia do Maracanã, para mandarem ao cravo ao Rio do Gurupi, e ou este lhe dissesse, que os missionarios não querião dar os Indios, ou o capitão-mór lhe dissesse, que elle podia mandar os seus vassallos, bastou entende-lo o Indio assim, para que recuando á aldeia, mandasse e dispuzesse dos Indios, e da-los para suas negociações, e quando encontra-lo o missionario, levantou o Indio a voz, e disse que o missionario não

bom poderão servir-se delles, para seus empregos temporaes, pagando o salario que se lhes deve em ditos serviços, para assim poderem tirar os gastos que fazem nas missões, o ter gente de serviço para sustentar seus collegios e residencias, e principalmente a limpeza das igrejas.

5.º Que os Padres possam descer para onde quizerem, ou tambem ensinar e levantar igrejas em suas proprias terras, os da Ilha Grande, dentro e fora della, a saber : Nheengaibas, Mamayanazes, Aroaus, Tucujús, e os mais

tinha nada com os seus vassallos, e que alli não era mais que um seu capellão para lhe dizer missa, confesar e baptisar, e que a elle só tocava dispôr, mandar e castigar aos seus vassallos. E se poz em não obedecer ao missionario, nem os Indios, fazendo isto um bastardo na casa do Padre, que por não haver filho legitimo o fizeram principal: que não fará um capitão, ou cabo, que leva totalmente a autoridade e jurisdicção temporal, e poder sobre os Indios.

Ponderem por serviço de Deos os ministros de Vossa Magestade esta materia, e os adulterios e estupro feitos pelos taes capitães e seus filhos adjuntos e parentes, que continuamente hão de estar indo a aldeã, com este ou com aquelle pretexto, sem que o missionario possa evitar os escandalos e offensas de Deos, e o qual perigo da honestidade dos Indios, e os peccados dos machos, e se o intentar fazer, que testemunhos, que enormes falsidades se não arguirão contra elles? que perturbações da aldeã, dos Indios, do cabo e do missionario, assim publicas, como interiores na consciencia.

Deixo de expôr estas e outras materias com mindeza, mais clareza, e distincção, por me ter alargado tanto neste papel, por entender que assim é necessario, e por me achar em uma cama apertado e afflicto de dores, sem uma hora de socego; e assim não sei como irá disposta esta mal composta, mas fiel e verdadeira informação; e a vista do referido diante de Deos, e de Vossa Magestade, sou de parecer, que se conserve a jurisdicção temporal aos missionarios por convir assim ao serviço de Deos, e de Vossa Magestade. E por que com o meu parecer acima expresso se dá remedio e providencia, se evitam os suppositos damnos e clamores dos povos, ou causas que se allegão para ellas, e asseguro a Vossa Magestade, que executado o contrario, será totalmente prejudicial ao serviço de Deos, e de Vossa Magestade, e a destruição certa das aldeãs, e a ruina quasi infallivel do Estado, e perigosa a sua conservação; e movido do real serviço de Deos, e de Vossa Magestade, quizerá aqui protestar pelas consequencias. Este é o meu parecer, e Vossa Magestade mandará o que muito fór servido.

Lisboa occidental, 28 de Fevereiro de 1730. — *João da Maia da Gama,*

Senhor. — Vi o segundo requerimento dos povos do Estado do Maranhão, feito por Paulo da Silva procurador, em que pede a Vossa Magestade, que attendendo a utilidade publica, e ao serviço de Deos, e seu, seja servido mandar, que o assento que tomou em Junta o governador Bernardo Pereira de Berredo, se observe como lei, para que de uma vez se ponha fim a todos os clamores daquelle Estado.

Vi tambem o assento, que cita no Pede, e a lei de Vossa Magestade de 9 de Março de 1718, que se declara e expressa no mesmo assento, e vi a ultima resolução de Vossa Magestade de 13 de Abril de 1729, em que manda a favor dos moradores, que se possam baixar para elles com ameaça ou força Indios, como para aldeãs na forma da referida lei de 9 de Março de 1718.

Vi a exposição ou proposta do governador actual Alexandre de Sousa Freire de ns. 11 até 13.

Vi ultimamente o parecer do Padre Jacintho de Carvalho, visitador geral das missões da Companhia de Jesus, sobre a fórma que se deve observar no descimento dos Indios para as aldeãs, e moradores, conforme as cartas de Vossa Magestade de 1719 e de 1728, e as cartas juntas ao mesmo parecer, e vi o bando ou edital do Alexandre de Sousa Freire, e assento das juntas das missões sobre a execução da ultima ordem e que tudo vai de ns. 33 até 68, que é tudo o que toca e pertence ao segundo requerimento dos povos; e ponderando todos os ditos documentos com toda a attenção, madureza e circunspecção, e reverendo a Deos para os seus auxilios, direi o que entender.

Logo que cheguei a cidade de Belem do Grão-Pará no anno de 1722, traballhei quanto me foi possivel para me inteirar de tudo quanto havia no Estado, e o que se tinha obrado contra a observação das leis de Vossa Magestade, que as mandava supprimir, e a man

que se offerecerem, onde porém não se acharem parochos, que assistão com elles de morada para os doutrinar na fô catholica romana, o mesmo se diga de qualquer outro lugar, ou capitania onde achassem Indios destituidos de parochos, que assistão com elles perpetuamente, se quizerem ir a estar com os Padres, o mesmo faça qualquer outro dos Indios dos Padres, não estando tambem os Padres perpetuamente com elles.

Esta segunda maneira de missões tomarão os Padres de melhor vontade

para aquelle Estado para os pôr na sua devida observancia, e tirei todas as informações, que me foram possiveis, ouvindo geralmente os povos, e com especial attenção aos cidadãos tanto em respeito ao pas-ado, como para o remedio do futuro, ouvindo attentamente os seus pareceres, como quem desejava acertar com o meio de augmentar o Estado, e as utilidades dos moradores, sem encontrar o serviço de Deos, e de Vossa Magestade, e a execução das suas reaes leis: e ouvi tambem prelados e missionarios.

Nestas diligencias e no que dellas colhi, andei mais de quarenta dias cuidando em tudo o que tinha ouvido, visto, e observado, para poder fazer em tudo o juizo mais certo, que me fosse possivel, e ponderei a primeira lei de Vossa Magestade, que fica citada de 9 de Março de 1718, que vai a fls. 8 até 9, e o assento da junta, que Bernardo Pereira fez a 20 de Março de 1719, que é o que pede o procurador se observe como vi, e é o que vai de fls. 6 até 7, e logo conheci, que lhe faltavão disposições essenciaes para se não abusar da permissão de Vossa Magestade; e se não seguirem os captiveiros injustos, as tyrannias, excessos, mortes e perturbações, que se seguirão no anno passado com as facéis, e mal consideradas disposições do general Alexandre de Sousa Freire, excedendo elle, e os moradores a real permissão de Vossa Magestade, o que tudo eu previa com as noticias daquelles quarenta dias primeiros, que estive no Pará.

Para confirmção do que digo, e tambem para que se não entenda, que sigo só o parecer do Padre mestre Jacintho de Carvalho, me pareceu juntar a esta, uma cópia dos ultimos capitulos, e conclusão da conta geral, que dei a Vossa Magestade em 27 de Agosto de 1722, e não mandei juntar toda a dita carta por ser dilatada, e não enfiadar mais aos ministros de Vossa Magestade, e parecendo ver-se toda, ou darei a cópia, ou se achará no conselho ultramarino nas vias do anno de 1722 no numero 10 das contas, que de novo escrevi e dei, pertencentes ao Pará, e a cópia dos ultimos capitulos é o que vai de fls. 12 até 13 dos documentos que junto ao meu parecer sobre o primeiro requerimento, e sobre este segundo: os quaes peço se queirão ver e ponderar neste lugar, antes de se passar adiante; porque com o dito documento dou cabal e sufficiente resposta ao Pede deste segundo requerimento.

Tambem á vista do dito documento, se prova que sendo a ultima concessão de Vossa Magestade de 13 de Abril de 1728, justa e ponderada por ministros, letrados, doutos, zelosos e pios, assim de uma, como de outra faculdade, lhe faltou por menos noticias da malicia, ambição e cegueira dos moradores muitas circumstancias, que se devião observar e guardar inteiramente para cumprir em tudo a real disposição de Vossa Magestade, sem offensa do serviço de Deos, nem de Vossa Magestade, e com permanente utilidade dos moradores, sem as quaes circumstancias lles é prejudicial, e em desserviço de ambas as Magestades Divina, e humana, como se experimentou no anno passado, nas muitas canoas, que forão a baixar Indios, ou para melhor dizer assalta-los, e a perturbar as aldeas e missionarios, e tambem os sertões e Gentios delle.

A principal culpa attribuo (sem o minimo genero de paixão) ao general Alexandre de Sousa, por exceder em tudo as leis de Vossa Magestade, e a permissão que dava aos moradores, fazendo-se o descimento dos Indios na fórma das ditas leis ou ordens de Vossa Magestade, e por autoridade publica, que devia ser por assento, e despacho do general em junta das missões, com os mais ministros della, e não por si só, como fez, e convocando por um edital publico ou bando, para que todos occorressem a elle, despachando e dando licença a todos quantos a pedirão, querendo por uma vez destruir os Indios e aldeas, e perturbar todos os sertões, e Gentios, com os repentinos e geraes assaltos.

Não digo que este fosse o seu intento, mas que devia consultar maduramente esta materia, não com os interessados e fanfintos daquella, que elles chamavão redempção, que se consultasse e ponderasse, acharia que devia ir com mais attento cuidado, e cautela naquella materia, para se conceder aquelle primeiro anno a tres, quatro, seis, ou oito

que a primeira maneira, se os povos deste Estado com seus senhores forem mais contentes desta, que da primeira, e Sua Alteza assim ordenar, que a tomem guardando-se porém os cinco pontos como são as palavras delles, e declarando-se ainda melhor se fôr necessario, porém se quizer Sua Alteza, que os Padres tenham a primeira maneira, declarão-se que o não podem ter senão no modo que agora se explicará, que se isto não é de satisfação dos povos, fação elles que Sua Alteza ordene e mande, maneira de missões, e ficarão uns, e outros contentes.

pessoas (e ainda são muitas) e não a todos, tanto porque não havia Indios para equipar as canoas para estes descimentos, ou assaltos, como para os mais moradores, para a extracção das drogas do sertão, e tambem para observar o que estes primeiros obravam, despachando-os na junta e determinando-se-lhe districto e nações que podessem baixar, que haviam de ser somente daquellas descriptas nas leis de Vossa Magestade, com os vinhos nella expressados, e não geralmente a todos para fazerem o que fizerão.

O que tudo eu previa na referida conta, que dei a Vossa Magestade no meu primeiro anno, que é a que fica citada, e junta aos documentos de fls. 12 até 15, e para este effeito dei como regimento a todos os cabos das tropas, que em todos os rios, em que entrassem, e Indios que praticassem, soubessem se vivião à lei da natureza, se fazião differença de mãe a filha para satisfação da sua lascivia, e se se comião uns aos outros, e o mais que expressa a lei de Vossa Magestade, para que se Vossa Magestade concedesse esta faculdade no primeiro anno, como pela minha carta pedia a Vossa Magestade, para eu mandar fazer os descimentos com as declarações que nella expunho, nomeando-se na junta das missões, estas ou aquellas nações que habitão neste ou naquella rio, ou sertão, o que as tropas dos resgates, podessem baixar por força e medo destes taes Indios declarados e expressados na junta das missões, e chegados estes, se examinareem e repartirem aos moradores na mesma junta, como se vê da cópia da dita minha carta acima referida.

Assim devia proceder, e não como o fez Alexandre de Sousa, com a qual licença e talvez sem um cabo, a cuja ordem fossem todas as canoas, e com um regimento com muita clareza, e individuação da fórma com que devião proceder nos ditos descimentos, inteirando-se em todas as circumstancias da lei, ou ordem de Vossa Magestade de 9 de Março de 1728.

Por falta destas disposições e facilidade da geral concessão, entendo pelo que dizem todos, que forão quarenta ou cinquenta canoas não mais, que a buscar ou assaltar Indios por todas as partes que poderão, assaltando e amarrando ainda os que estavam praticados, e já descidos, para virem para as mesmas aldeas, matando-se alguns cabos aos Indios aldeados, que estavam baixando para as aldeas dos ditos Gentios, como o fez um cabo das canoas de José Borges Valerio, ouvidor geral que foi do Pará, com os Indios que comprou da villa do Camutá a Lourenço Pereira, creado do general, como reliro na resposta que dou do primeiro requerimento, amarrando os Indios que estavam praticados pelos Padres da Companhia, e que estavam os cabos, Indios das aldeas dos mesmos Padres para trazerem os taes Gentios para ellas, e nesta occasião matarão um meirinho e outro cabo da aldeia dos Padres, e trouxerão o Gentio amarrado, e mettido em libambos pela cidade do Pará, e os levarão para casa do dito José Borges, que os mandou para o seu engenho sem mais exame de ministro ou de junta, e se ficou com elles.

Repito só este caso, e deixo os muitos que succedêrão pelas mais canoas, que constarão a Vossa Magestade, ou por devassas ou por queixas dos prelados e missionarios, e obrigue-me a expressar este por me dizerem ser feito este descimento pelo Rio Jari, que fica um pouco dentro do Rio das Amazonas, e entra para a parte de Cayenna dos Francezes, e onde elles chegado por dentro, e donde trabalham de puzar Gentio para o seu partido, e serviço: e faz este caso mais aggravante o não haver por aquellas terras Gentio, que se romão uns aos outros; e com estes assaltos fugirem e buscarem os Francezes, e se devo ponderar muito e muito esta materia, e mandar Vossa Magestade, que desde a casa forte do Pará até o cabo do Norte se não conceda licença a particular algum para entrar a fazer descimento para aquella parte, e se recomende aos prelados da Companhia, e de Santo Antonio, e da Conceição, que empenhem todo o seu zelo em praticar e aldear todo aquelle Gentio, que houver desde a dita casa forte do Pará até ao Rio de Vicente Pinzon.

Explicão-se os cinco pontos no sentido em que os Padres podem receber a primeira maneira de missões, nas leis e ordens mandadas por Sua Alteza.

No primeiro ponto na carta escripta a Ignacio Coelho da Silva, no 1.º de Abril de 1680, diz Sua Alteza: e hei por bem que as aldeas dos Indios sejam governadas pelo seu principal, e parochio, sem se dar outro algum administrador ou capitão, nem por outro algum titulo. O sentido logo de taes palavras é:

como eu lhes tinha recommendado, tendo já os Padres de Santo Antonio formado uma aldeia com muito Gentio Aroan, e os da Conceição outra, na boca e entrada do Rio das Amazonas, com grande serviço, zelo e trabalho do Padre Frei João, que trabalhou muito a rogos meus para puxar a si os Aroans, que tinham fugido para Cayenna.

Tambem pelo Rio dos Tapajós, que eu mandei descobrir e desimpedir a entrada, e onde o incansavel zelo e trabalho do Padre da Companhia José da Gama, tinha praticado milhares de Gentios, e tinha formado novas aldeas, se não devem conceder entrarem os particulares por esta parte por se não perder a muita redução de vassallos para Vossa Magestade, e de almas para Deos: e porque as nações deste rio, se não comem uns aos outros, e só para a parte do Xingú ha a nação dos Gumes, que comem uns aos outros.

O mesmo se deve observar, e impedir pelo Rio da Madeira acima, por não serem dos descriptos da lei de Vossa Magestade; e para se não impedir a redução dos milhares de Gentios, que alli tinha praticado o Padre João de Saupaiço, e o Padre Manoel da Motta, e o mesmo Rev. Padre superior, e vice-provincial Manoel de Brito, de cujo ardentissimo zelo, diligencia e trabalho se lhe seguiu a morte: e para se não ausentarem os das nações para os Castellhanos, fugindo dos assaltos, como já tinham feito muitos, de que os Castellhanos já tinham formado muitas aldeas, como virão os soldados, e cabos da tropa, que mandei a descobrir o dito rio até chegarem as povoações dos Castellhanos na jurisdicção do governo de Santa Cruz de la Sierra.

Ainda que pareça, que excedo na minha informação, me parece expôr aqui o referido, chorar e sentir; que se haja de perder (se senão tem já perdido) a redução de tantas almas: que tanto trabalho e perigo tem custado aos Padres da Companhia, e ver tambem mallogrado o grande zelo, cuidado e continuo trabalho, que em cinco ou seis annos puz, e que tive para estas reduções, descobrimentos, e para pôr o Estado em socego, e quietação, e evitar os assaltos, captiveiros injustos, desimpedir e abrir as portas para a entrada da prégão do santo evangelho, redução das almas e serviço de Deos, e de Vossa Magestade, e utilidade dos moradores, daquelle Estado, o que tudo considerei perdido pelas noticias que tenho e se me dão.

Emquanto aos capitulos da proposta do general Alexandre de Sousa, e as cinco razões de differença com que os quer provar, e os mais capitulos que depois das cinco razões de differença se seguem, deverei eu contentar-me e responder com o parecer do Padre mestre Jacintho de Carvalho visitador geral da Companhia, que magistralmente responde e propõe a forma e condições com que se devem fazer os descimentos e executar a real ordem e permissão de Vossa Magestade; mas ainda se me offerece, que dizer assim sobre a proposta do general, como sobre o parecer do Padre visitador geral, e entendo estar obrigado a faze-lo: em summa, direi o que entender.

Pelo que toca a proposta do general, que vai de fls. 22 até 23, digo que os descimentos sendo feitos, como propõem, e não serem aldeados juntos as aldeas na forma das ordens que cita o Padre visitador, é excesso o servirem de treze até cincoenta annos, porque se ainda os aldeados não são obrigados a servir nem mais nem menos annos, e estando estabelecidos com suas mulheres e filhos para que os possam sustentar na velhice, de cincoenta annos para cima, se não julgão capazes de trabalho, e por isso se escusão; como se hão de sustentar estes descidos para casa dos moradores, de cincoenta annos para cima? e na sua velhice indo para as aldeas, e ficando os filhos trabalhando para aquelle a quem são concedidos, o que parece iniquidade; o quasi captiveiro perpetuo, pois vão os pais por inuteis, e ficão os filhos sem poderem ir ajudar a sustentar os pais; e me parece se deve ponderar esta minha reflexão pela differença do dominio particular da sujeição do morador, e os que se baixão para junto das aldeas em virtude da real provisão de 1684 e tambem a de

1.º Que os Padres sómente (e não outra pessoa alguma, nem ainda o Bispo, ou governador), tenham o governo temporal a bem do espiritual como parochos. Não se tira com isto o espiritual, que tem o Bispo sobre suas ovelhas, nem o temporal, que tem o governador sobre os vassallos de Sua Alteza, fallando do supremo governo.

2.º Que por nome de aldeas, quer Sua Alteza que sejam capazes de se poder nellas occupar um ou dous sacerdotes, com seus companheiros, e que para isso mande aos governadores, capitães-móres, fação unir os Indios, de repartição, obrigando aos principaes e aos seus subditos, a estarem em

1722. porque estes ficio aldeados perpetuamente com mulheres e filhos, ou para repartir reciprocamente o trabalho, ou para o alternarem entre si, ficando-lhe sempre tempo para as suas lavouras e serviço, e mulheres e filhos para os sustentarem em sua velhice.

Emquanto o quarto capitulo, digo que, logo que se baixarem se devem apresentar na junta para serem examinados para ver se são dos descriptos da lei de Vossa Magestade, e matricular em um ou outro livro, e se lhe deve passar mostra todos os annos.

Emquanto ao quinto capitulo, respondo com o que fica dito sobre o tempo de serviço. Emquanto ao sexto e setimo capitulo para se repartirem para o serviço dos moradores os já aldeados, digo: que tal se não pôde, nem deve observar de nenhuma sorte debaixo de qualquer pretexto, tanto porque as aldeas estão totalmente diminutas, e mal poderão dar Indios para as canoas que vão a extracção das drogas do sertão, como por ser a total destruição das aldeas e em grave prejuizo do Estado, que se acha hoje sem Indios, soldados guerreiros, como houve antes, e que erão a defesa do Estado, e sem embargo de que desejo todas as utilidades dos moradores, obrigado da minha consciencia, e do serviço de Vossa Magestade, digo, que nesta parte se deve derogar a permissão de Vossa Magestade, e que se fosse possível, nem ainda se havião de dar para as canoas, o que não approvo, mas só digo o que entendo, e que todo o cuidado de Vossa Magestade, se devia pôr em reformar as aldeas, e em as encher de Indios para se exercitarem nas armas, que estes são os que defendem o Estado, e conquistão as mais nações; e torno a dizer, que se deve pôr nesta minha todo o cuidado; e emquanto ao zelo, que se expõe no cap. 8 *dícanť paduaní*.

Emquanto ás cinco razões de differença, digo que o limite daquella idade, a que nunca hão de chegar emquanto tiverem prestimo não é favor, ficando os filhos pela falta de os poderem sustentar velhos, e é o mesmo com que se responde a segunda razão, sobre os filhos, fica dito sobre a primeira. E emquanto a terceira que se não pôde testar delles: respondo que ficão os filhos aos herdeiros sem saber se os querem ou não servir, que importa o testar, ou não testar, sem se dar providencia a conservação de sua liberdade? E ao quarto e quinto de se lhe pagar o seu salario cada mez além do seu sustento, e se forem maltratados se possam tirar e dar a outros: sou de parecer, que se se tirarem, se mudem para as aldeas, e por não ser extenso, deixo de pouderar se ha differença, e do monarcha e rei, ao vassallo e subdito, para se servir dos Indios, e se com offensa de Deos, e encargo de consciencia, pôde e deve Vossa Magestade augmentar os cabedaes aos vassallos. E pelo que toca a repartição dos Indios das aldeas, fica respondido acima.

Emquanto ao parecer do Rev. Padre visitador, que vai a fls. 55 digo que se pôde, e deve seguir o primeiro capitulo do parecer, para ir tropa com missionarios e deve ser unicamente da Companhia, e passando a outra religião seja só a de Santo Antonio dos Capuchos.

Tambem o segundo capitulo para que possam entrar, e interessar muitos em qualquer descimento. E emquanto ao terceiro, respondo ser necessario, e preciso, que se completem as condições da lei, e me parece, que devem ser nomeados pela junta, ás nações, sitios, e lugares, dos quaes se hão de descer Indios.

Emquanto a primeira razão, que dá no terceiro capitulo, parece justo, e conforme a doutrina, que allega: mas pôde-se considerar que indo aparelhada aquella tropa á custa dos vassallos para descer aquella tal nação, fica perdendo os gastos, faz muito pendor o serviço de Deos, e a doutrina que segue o dito Padre, para não ter lugar naquelle caso a execução da lei por não ser justa.

Emquanto á quarta razão, sendo de direito se deve observar para descargo do monar-

aldeas grandes, e que acerca das mais aldeas, que não são de repartição, fação tudo o que fôr licitamente possível para que estejam todos em aldeas grandes, assim para serem ensinados, melhor nas cousas da fé, como pelo que convém ao bem politico.

3.º Que os principaes devem obedecer aos parochos não sómente no espirital, mas no temporal, tambem não fazendo cousa alguma sem dar parte aos seus parochos conforme lhes ordenarem; pois não são capazes de governarem por si só.

4.º Que os Padres poderão castigar aos Indios, ainda principaes, e que os

cha, que deu a tal permissão, e dos ministros, que votarão, ou concorrerão para ella, e o mais que se aponta na dita razão, conforme a opinião dos doutores.

Enquanto á quinta de se eleger capellão, deve ser da Companhia, e da provincia de Santo Antonio, e não das mais na fórma da disposição das reaes ordens e por muitas razões, que não exponho.

Sou do mesmo parecer sobre a repartição e disposição dos annos, que hão de servir, que se fará depois de vistas e examinadas nas juntas das missões, e que por morte daquelles a quem forem concedidos, que vão para as aldeas com seus filhos, e só querendo voluntariamente ficar servindo ao herdeiro, se lhe poderão conceder por disposição da junta, sendo primeiro ouvidos nellas por si pessoalmente cada um, e por seu procurador.

Enquanto a se lhes guardarem os pactos, que com elles fizerão, digo se lhe devem guardar inviolavelmente como Vossa Magestade manda, e se deve acrescentar ao interrogatorio da residencia a real disposição, que cita o Rev. Padre, ficando obrigados os governadores a apresentarem certidão dos superiores, e da junta como os guardarão.

E tambem serão obrigados os capellães, e cabos, a mandar por certidões os pactos, que se fizerão com os ditos Indios, os quaes se resgataão nos livros das juntas das missões, e nos mesmos assentos della, em que se dispuzer dos ditos Indios para constar a todo o tempo.

E enquanto as mais condições digo, a primeira que é precisa a mostra de deus em dous annos; mas que se deve passar na junta todos os annos como já disse acima, e apontei na minha carta de 27 de Agosto de 1722.

Na mesma fórma sou de parecer da segunda e terceira condição. E enquanto a quarta de trabalharem uma semana para si, outra para aquelle a quem forão concedidos, não sou deste parecer, pela differença, que já disse de não serem aldeados e da obrigação (ainda que supposta) de os sustentarem, e me parece só terem fora dos domingos, e dias santificados um, ou dous dias na semana, ou alguns tantos cada mez, para alguma planta para elles, e sua familia, sem a qual padecerão muitas sem duvida.

Enquanto ao mais sou de parecer, que devem ser ouvidos os Indios em toda e qualquer occasião, que se queixarem: mas não me conformo com o parecer de que ouirem fóra do procurador dos Indios requera por elles, e accusa o possuidor, e que se tire a este, e concedão ao accusador, porque seria inquietar e perturbar a posse de qualquer possuidor, abrindo porta, ou caminho para qualquer inimigo seu, ou vizinho invejoso, e malicioso, entrar fogo em induzir os Indios para darem esta, ou aquella cousa, e pratica-los e darem testemunhas queixosas, ou inimigas, e desapossar aquelle que fez o descimento á sua custas; e se deve pesar muito esta materia para evitar este damno e sómente denunciando-se na junta, e consultada a materia deve aquella commetter a averiguação da queixa a pessoa neutral e desinteressada, que dê conta do que achou: e por ella mandar-se conhecer juridicamente, e ouvidos summariamente os Indios, juntamente com o seu procurador, letrado, deferir a junta passando-os para as aldeas, e não para poder de outro particular: E com isto tenho dado resposta ao que contém o parecer do Padre visitador geral, á vista do qual, e das mais ordens, e documentos juntos, darei em conclusão o meu ultimo parecer.

Tudo o que se tem exposto e allegado, para a inteira execução da real ordem a favor dos moradores, se contém em summa na minha conta referida de 27 de Agosto de 1722, que vai de ss. até dos documentos que agora junto, e dando aquella conta com quarenta ou quarenta e um dias do Pará, governei mais seis annos, cuidando sempre e observando o meio com que se podião tirar Indios para os moradores, e em todos os seis

governadores e outros maiores requeridos dos Padres a dar-lhes os castigos, que elles não poderem dar, ou em dar-lhes qualquer outro auxilio ou favor; sua vontade é que lhe dêem, e os favoreçam: este ponto de favorecerem os governadores, e os outros maiores aos Padres, assim se deve entender tambem nas mais cousas concernentes ao bem das missões, quando forem requeridos, porque sómente com tal favor e ajuda, poderão os Padres ter tal governo, e fazerem com fructo suas missões.

5º. Que este governo que Sua Alteza dá aos Padres é tal, porém que não tira, antes quer que vá a sua justiça a devassar nas aldeas uma vez cada anno

annos não achei meio mais justo, nem mais accomodado ás leis de Vossa Magestade, e utilidade dos moradores sem prejuizo do Estado como aquelles, que aponto na dita minha carta, que novamente peço se veja, e ponderem: pois me parece que não ha caminho mais seguro, e que o mais é perder o Estado, perturbar todas as aldeas, e afugentar as nações para se passarem ou para os domínios de Castella, ou de França, ou para se avizinharem mais aos Hollandezes, ou ve-los puxando para Rio Branco

Mas não quero mostrar que sou vaidoso, ou amarrado á minha opinião, querendo que só ella se siga; porém protesto diante de Deos, que não achei nem acho outro meio, ou caminho mais seguro, e muita parte dos cidadãos, e homens bons, a quem o mostrei, dizião que não querião outra cousa, e muito mais vendo, e experimentando os Indios escravos, que lhe metti só com a tropa dos resgates, que forão mais de trez mil e duzentos, só para o Pará, como consta da certidão inclusa, porém hoje com as promessas de Paulo da Silva, e disposições do general, não se contentão com cousa alguma, e será necessario ir outro, como João da Maia a trabalhar outros seis annos para pôr as cousas a caminho, e as leis em observancia, com o qual totalmente os tinha posto João da Maia, e ficarião permanentes para sempre se o rendesse outro que tivesse o mesmo zelo.

Senhor, os povos com este seu procurador, e com as suas promessas, se não contentão nem se hão de dar por satisfeitos, senão com os sertões abertos para irem todos geralmente tirar, amarrar, e assaltar Indios, ainda que seja com prejuizo seu, e ruina do Estado, como já fica exposto, e não sei fóra do dito meu parecer exposto na referida carta, que remedio se lhe possa dar, que seja licito e duravel, e me vejo embaraçado na resolução.

Mas ponderando o serviço de Deos, e de Vossa Magestade, e conservação das aldeas do Estado e dos vassallos.

Digo que Vossa Magestade não deve deferir a este segundo requerimento, para se observar por lei o assento que em junta das missões tomou Bernardo Pereira, e que Vossa Magestade tem deferido justamente com a permissão de se poderem baixar Indios por força, e medo para o serviço dos moradores, assim como tinha resolvido se podessem baixar para as aldeas na fórma da real ordem de 9 de Março de 1718 descendo os Indios que tivessem os vícios, e com as condições nellas expressas. E que só esta se observe com a fórma e condições que se aponta, e propõe o Padre visitador geral da Companhia, Jacintho de Carvalho, que vão de fs. 55 até 61, e com as declarações, que sobre ellas acima deixo apontadas, e que estes descimentos sejam determinados na junta, com os nomes das nações, sitios, e lugares, de que se hão de baixar, como tenho dito acima; e que a mesma junta determine quantos descimentos se podem fazer commodamente naquelle anno, sem vexação das aldeas ou perturbação do Gentio, e que estes que só se assentar na junta se considerão e se nomeará cabo de valor, prudencia e christandade para ir fazer estes descimentos na fórma da dita lei, e me parecia deve ser cabo de guerra dos mais capazes, que tenha honra, e tema perder o posto; ou cidadão que tenha as mesmas condições, e que perder, e que infallivelmente não vá algum sem missionario da Companhia, e em sua falta só dos capuchos de Santo Antonio, para examinares e verem se tem as condições que apontão os doutores, e expõe o Padre visitador geral, para se poderem descer, *tuta conscientia*, e salva a natural liberdade dos Indios: e que ao dito cabo se lhe dê um regimento com toda a clareza e distincção da fórma em que devem obrar, e proceder sem se apartar do parecer do missionario, que levar para o descimento dos mesmos Indios.

Para mais segurança, se os moradores quizerem estar por isso devião primeiro ir praticar os Indios, para que se quizessem descer voluntarios e aldear-se junto ás aldeas na fórma das concessões de Vossa Magestade concedendo-lhe Vossa Magestade segunda vida

para que se obtem das mesmas aldeas umas mortes que poderão succeder, e outros males prejudiciaes.

No segundo ponto diz Sua Alteza, naquella mesma carta a repartição da terceira parte dos Indios que tenho mandado se faça pelos moradores, fará o Bispo com o prelado dos capuchos de Santo Antonio do lugar em que se fizer, e uma pessoa eleita pela camara a mais capaz que houver para esta occupação, etc., declarando-se que nem esta, nem outra alguma temporal sobre os Indios pertencem ao Bispo, e lhe faço porém mercê della por ora enquanto não ordenar o contrario. Logo o sentido de taes palavras é:

ou para casa dos moradores na forma que na ultima resolução de Vossa Magestade, e parecer do Padre visitador geral se determinar na junta das missões.

E praticadas, e não querendo elles baixar por vontade, se determinará na junta, que se baixem por força, e medo sendo dos descriptos na lei de Vossa Magestade, e só nesta forma se poderão descer sem exceder o numero que se determinar na junta, se pôdem baixar naquelle anno commodamente, porque de outra sorte é confundir, abraçar, e destruir tudo.

Sem me puzar o amor proprio, torno a dizer que me parecia mais acertado, e justo usar das tropas dos resgates, como aponto na dita minha referida conta, tanto por me parecer mais seguro, como pelo acrescimo e augmento da fazenda real, pelos direitos que pagão de 600 por cabeça; tres para a fazenda do resgate de Vossa Magestade, e entradas do sertão, que ao meu tempo renderão só no Pará onze contos e duzentos e nove mil réis; e os outros tres para a fazenda de Vossa Magestade que por se não cobrarem de todos renderão só quatro contos e tantos mil réis, e se se cobrasse tudo renderião os ditos direitos no meu tempo vinte e dous para vinte e trez contos, como se pôde ver da certidão que vai a fls. 16 dos documentos que junto, o que nunca houve em tempo do governador algum além dos quintos, e escravos de guerra justa, o que não haverá tambem daqui por diante com estes descimentos particulares sem se continuarem as tropas dos resgates de terminadas, e dispostas pelos superiores da Companhia na forma do alvará de 28 de Abril de 1688, e da ultima resolução de Vossa Magestade de 23 de Março de 1723.

Este o meu parecer, que entendo ser o mais util aos moradores para socoço das suas consciencias, e o mais seguro a de Vossa Magestade, e minha, e as dos ministros, que votarem nesta materia, e a mais propria para a quietação, segurança, e augmento de Estado; e Vossa Magestade mandará o que muito fôr servido.

Lisboa occidental, 22 de Fevereiro de 1730, João da Mata da Gama.

(DOCUMENTOS IMPORTANTES DA PARTE DO PROCURADOR E DOS JESUITAS SOBRE A MESMA CONTROVÉRSIA (DESCIMENTO E REPARTIÇÃO DOS INDIOS:) CERTIDÕES PASSADAS A FAVOR DOS JESUITAS, REQUERIMENTO DOS JESUITAS, E CERTIDÃO POR ELLES PEDIDA NA CASA DA MINA SOBRE O CACÁO, CRAVO, E SALSA, POR ELLES REMETTIDA; E OS MAIS DOCUMENTOS HISTÓRICOS QUE SE SEGUEM.

Diogo Rodrigues Pereira, capitão da fortaleza do Rio Negro, por mercê de Sua Magestade que Deus guarde, &c. Certifico que os religiosos da Companhia de Jesus, que assistem nas aldeas desta capitania, se applicão com grande zelo na salvação das almas dos Indios das ditas aldeas, doutrinando-os todos os dias e administrando-lhes os Sacramentos, e não com menor cuidado, e caridade lhe assistem em suas necessidades temporaes, com dispêndio de sua pobreza no sustento e no vestido, principalmente aos orphãos e viúvas, e muito especial com os enfermos aos quaes curão suas enfermidades com suas proprias mãos, dando-lhes todos os medicamentos, e communmente o sustento proprio de enfermos, e muitas vezes as mortalhas para os defuntos, e no tempo de alguma fome suppreem com extrema caridade a todos os necessitados, sendo commum este dispêndio com os mesmos para que não falem ao exercicio da santa doutrina, na qual se camêrão com estes, e com os Gentios novamente baixados do mato, cujos descimentos fizeram sempre os sobre-ditos religiosos, e estão fazendo actualmemente á sua custa com grandes despesas de dadas, e premios, que dão aos Indios que novamente descem; além do gravissimo gaste

1º Que o Bispo sómente reparte os Indios de serviço com os mais da junta uma terça parte para dous mezes, e para os outros dous mezes a outra terça parte, que tinha ficado na aldeia, nomeando tantos Indios para tal branco ; e tantos para outro branco, e assim alternativamente até o cabo do anno, em um destes dous modos se não se achar outro melhor, servindo-se da lista que darão os parochos, conforme Sua Alteza na sua provisão.

Um é assim : os Padres antes do tempo da repartição, oito ou quinze dias darão ao Bispo, ou a qualquer dos da junta o rol dos Indios que hão

com as entradas e jornadas aos sertões no sustento. E' este em geral em todo o tempo, em quanto os ditos Indios não tem lavouras proprias, supprindo-lhe infallivelmente com as ferramentas necessarias para a cultura dellas, e o mesmo fazem nas aldeas, dando-lhe assim aos homeas, mulheres e filhos o honesto vestuario com que se cubrão da desnudez em que a natureza os cria, donde se segue por esta caridade com que tratão, aos que novamente descem, serem as aldeas da sua administração mais populosas em numero de Indios, que as dos outras districtos com grandissima utilidade da real fazenda, e de bem commum dos moradores desta Capitania na extracção dos fructos e generos do sertão sem que para este fim tão útil e agradável ao serviço de Deos, e de Vossa Magestade, que Deos guarde, tenham os ditos religiosos missionarios rendas algumas annuaes, valendo-se a sua engenhosa caridade de alguma industria com os Indios que Sua Magestade lhe dá para seu serviço e em ordem para terem todo o necessario para o sobredito fim do amor de Deos, e de proximo ; sendo sem duvida todo o lucro que adquirirem para dispendarem com os mesmos Indios, a que pagão com largueza todo o trabalho que lhe fazem ; e bem outrossim menos as despesas que fazem com o ornato das Igrejas de suas aldeas, as quaes têm muito bem asseadas e limpas com graves ornamentos de sedas ; todo o referido eu sei por presenciar e vêr no decurso de vinte annos que assisto pelos sertões, e communicações que tenho com os sobreditos Padres da Companhia de Jesus missionarios e com os Indios de suas doutrinas, e assim o affirmo pelo juramento dos santos Evangelhos, o que jurarei em juizo todas as vezes que necessario fôr, e por me ser pedida a presente a passei por mim feita e assignada e sellada com o sinete de que uso.

Nesta cidade de Santa Maria de Belem do Grão-Pará, aos 4 de Setembro de 1728. —
Diogo Rodrigues Pereira.

Reconhecida pelo tabellião publico do judicial e notas nesta cidade e seu termo.

Belem, 18 de Setembro de 1728, *José Gonçalves.*

Representada pelo Dr. Francisco de Andrada Ribeiro, ouvidor geral do crime e civil com alçada e juiz das justificações na cidade e capitania do Grão-Pará.

22 de Setembro de 1728.

Diego Pinto da Gama, capitão de infantaria nesta cidade do Pará, por Sua Magestade que Deos guarde, &c. Certifico que indo por segundo cabo da tropa de guerra que expedia o senhor de Paucas, sendo governador e capitão general deste Estado, ao sertão dos Toras, nos achámos com novecentos Indios para o serviço da tropa e quasi todos das missões que administrão os Revs. Padres da Companhia de Jesus, e em todo tempo que durou essa tropa, nos assistirão os Padres missionarios da Companhia com os Indios necessarios para a conducção dos escravos, e mais serviço da tropa ; e certifico que fui por cabo de outra tropa ao descobrimento do Rio dos Tocantins, e quasi todos os Indios que me acompanharão, forão das mesmas missões dos Revs. Padres da Companhia ; e certifico que fui por cabo e capitão commandante de outra tropa de guerra ao Rio dos Solimões e quasi todos os Indios que me acompanharão e revirão nesta tropa forão das aldeas da Companhia de Jesus, e nas mais funcções de guarda costa, e em outras muitas em que tenho ido do serviço de Sua Magestade que Deos guarde, sempre achei nas aldeas, que administrão os Revs. Padres da Companhia todos os Indios necessarios e bem praticados, e muitos mais nestas do que em todas as mais aldeas dos mais religiosos, por haverem mais Indios nellas, pelo muito cuidado que têm os missionarios da Companhia ; e fazem todos os annos descimentos para quasi todas as suas aldeas, e sei que estes descimentos se não fazem senão com muitos gastos e dispendios ; e sei que nas aldeas gastão muito os Revs. missionarios para terem os Indios contentes, e os conservarem para serviço do

de servir os primeiros dous mezes, com nomes e sobrenomes, os da junta os repartirão ; se a todos os brancos cabe algum delles, embora ; senão cabe, como isto será, repartão se os Indios a alguns brancos, sómente nos dous primeiros mezes, e nos outros seguintes a outros, de tal maneira que no fim do anno, todos tenham tido alguns Indios de serviço, havendo porém sempre primeiro respeito aos pobres, e depois aos ricos, tudo o que pertence a repartição dos dous mezes primeiros, ponha-se em papel, com os nomes e sobrenomes dos Indios, que hão de servir, e dos brancos a quem hão de servir.

bem commum e real ; e sei que aos novos vestem e sustentão emquanto não tem roças, e sempre a todos assistem nas suas enfermidades com mezinhas e sustentos, e os que não podem trabalhar tambem com vestuario, e sei por ver que todas as suas igrejas estão muito concertadas e perfeitas, com bons ornamentos de seda ; e sei tambem que para tantos e tão grandes gastos não tem os Revs. missionarios rendas algumas proprias, e só tirão algumas drogas dos sertões do cravo e cacão ; e assim tambem ouço dizer os homens que vão ás colheitas, de que nas suas feitorias ordinariamente se achão na fabrica do cacão bons Indios das aldêas dos Padres da Companhia, e que das outras aldêas são muito poucos : tudo passa na verdade e assim o affirmo pelo juramntos dos santos Evangelho, e por me ser pedida a mandei passar por mim assignado.

Belem, 22 de Setembro de 1728. — *Diogo Pinto da Gata.*

Reconhecida pelo ouvidor geral o Dr. Francisco de Andrada Ribeiro.

Miguel de Siqueira Chaves, capitão de infantaria da tropa de guerra dos Manáos pelo governador e capitão general Alexandre de Souza Freire. Certifico que por muitas vezes tenho ido aos sertões desta Capitania do Pará, em tropas e em outros serviços de Sua Magestade que Deos guarde, e na tropa dos Solimões que fui por ajudante della e tenente da casa forte do Rio Negro, e em todas as occasiões que fui, sempre passei por todas as missões que estão ao cuidado dos Revs. Padres da Companhia de Jesus, e em todas ellas vi que se celebrava o culto divino com muita perfeição, e todas as igrejas muito asseadas e com bons ornamentos e cortinados de seda muito limpos, e vi sempre doutrinar os meninos duas vezes cada dia ; e sei que todos os annos se fazem descimentos de Indios novos para a maior parte das aldêas, e que nisto põem os Revs. Padres da Companhia muito cuidado, e fazem com os Indios muitos gastos, assim nas praticas que lhe mandão fazer para os descerem do mato, como depois em os sustentarem e vestirem, acudindo-lhes com todo o cuidado as suas necessidades. E nas aldêas sei que acodem aos necessitados com mezinhas e sustento, e ainda com o vestuario aos mais pobres, por ser esta casta de gente muito pobre, e não tem outrem de quem se possam valer, mais que dos seus missionarios que com toda a caridade lhes assistem. E assim mais sei que para tantos gastos que fazem os missionarios nas suas igrejas, e com os Indios que por isso tem mais nas suas aldêas que todos os mais religiosos juntos, pelo muito que gastão com elles para os terem contentes, e para os tirarem dos matos para o serviço do bem commum ; e que para todos estes gastos não existe rendas algumas certas, e annuaes, mas somente se aproveitão da sua industria mandando-se aproveitar as drogas do sertão, de cacão e cravo, uns annos mais e outros menos, conforme a novidade. Assim mais sei que para o serviço de el-rei, sempre os Padres da Companhia derão Indios em muito maior quantidade que todos os mais missionarios juntos das outras religiões, e assim o vi na tropa dos Solimões, e assim o vi na tropa dos Manáos, assim dos resgates, como na de guerra, em que foi cabo o capitão João Paes do Amaral, que ainda hoje lá se acha. E sei por assim o ouvir dizer á maior parte dos homens que vão ao cacão, que nas suas feitorias ordinariamente se achão sós com os Indios dos Revs. Padres da Companhia de Jesus. Todo o referido passa na verdade, e assim o juro pelo juramento dos santos Evangelhos, e se necessario fôr em nenhum tempo duvido em assim jurar em qualquer juizo.

Pará, 10 de Setembro de 1728. — *Miguel de Siqueira Chaves.*

Reconhecido pelo tabellião José Gonçalves a 18 de Setembro de 1728, e pelo ouvidor Francisco de Andrade Ribeiro a 22 do mesmo mez e anno.

Domingos Portilho de Mello e Gusmão, morador e cidadão desta cidade de Belém do Grão-Pará, sargento-mór dos descimentos, e commandante do descobrimento do Rio To-

Alguns dias antes da repartição esteja o dito papel á porta da matriz por fóra; se dê um traslado delle ao Padre reitor do collegio, para elle avisar os Padres das aldeas a tempo á estarem no dia da repartição todos os Indios de serviço na cidade; e outro traslado se dê ao depositario do salario dos Indios. Cada pessoa que estiver notada para tomar Indios esteja na cidade no dia da repartição, ou tenha quem lhe tome o seu nome no dia da repartição (como no principio dos dous mezes) estejam tambem na cidade os Indios, que servirão os dous mezes antecedentes, então paguem-se, do depositario os salarios aos que trabalharão,

cantins. Certifico que os religiosos missionarios da Companhia de Jesus, assistentes nas aldeas dos Indios destas capitánias, tratão com extremado zelo da salvação e redução das almas dos ditos Indios, instruindo-os nos mysterios da nossa santa fé, e doutrinando-os repetidas vezes todos os dias; baptizando-os e administrando os mais Sacramentos com o mesmo cuidado e caridade, cuidando delles em suas necessidades com grande dispendio de sua pobreza, principalmente dos orphãos e viúvas, e muito em particular exercitão a sua caridade com os enfermos, aos quaes curão, ainda com suas proprias mãos, e lhes dão pelo amor de Deos os medicamentos necessarios, e pela maior parte sustento proprio de doentes: pelo que se pôde dizer dos ditos missionarios da Companhia, que nas aldeas dos seus districtos são pais, medicos, cirurgiões, e enfermeiros dos pobrissimos Indios; aos quaes tambem por seu fallecimento dão mortalhas, e no tempo de fomes (que são ordinarias) acodem com grande caridade aos necessitados, sendo commum este dispendio com os meninos para que assistão duas vezes no dia nas igrejas ao exercicio da doutrina christã, a qual lhe fazem indubitavelmente com frequencia, e juntamente aos Gentios novamente descidos dos matos, cujos descimentos sempre fizerão, e estão actualmente a sua custa, não com pouca despeza de premios aos Indios que novamente descem além do excessivo gasto com as jornadas e entradas aos sertões, e dando-lhes ferramentas necessarias para fazerem as suas lavours, e assim a homens como a mulheres, e a seus filhos dão vestuario com que possa apparecer cobertos honestamente, e desta liberalissima caridade com que tratão os Indios novamente descidos se segue, accrescem outros com que se fazem as aldeas da Companhia muito mais populosa, que as de outros districtos, de que resulta muito grande utilidade á real fazenda, e ao bem commum dos povos, e seus moradores, sem que para este fim tão util e tão agradavel ao serviço de Deos, e de Sua Magestade se tenham dado ou applicado ás ditas aldeas rendas algumas para ellas ou para seus missionarios, os quaes se valem de sua industria por meio dos Indios que Sua Magestade lhe concede para seu serviço, aos quaes pagão com liberalidade o seu trabalho, em ordem a terem o necessario para os sobreditos fins: e não são menos as despesas que fazem com o ornato das igrejas de suas aldeas, tudo á custa do seu suor e industria; o que tudo sei por ver e presenciar no decurso de cincoenta annos que tenho assistido e penetrado os sertões com tropas de guerra, de descobrimentos e descimentos de Indios, nos quaes assisti com os sobreditos missionarios da Companhia de Jesus, e com os Indios das suas aldeas. Todo o sobredito atesto pelo juramento dos santos Evangelhos, e estou apparelhado para assim o depor em juizo se for necessario. E por se me ter pedido a presente, a mandei passar e vai por mim assignado.

Belem do Pará, 14 de Setembro de 1728. — *Domingos Portillo de Mello e Gusmão.*

Reconhecida pelo sobredito tabellião a 18 de Setembro, e pelo dito ouvidor a 22 do mesmo mez de 1728.

Diogo Coelho de Almeida, tenente da fortaleza do Pauxis, infante de Sua Magestade que Deos guarde, a 28 annos. Certifico que os religiosos da Companhia de Jesus, que assistem nas aldeas desta capitania do Grão-Pará, se applicão com grande zelo na salvação das almas dos Indios das ditas aldeas, doutrinando-os todos os dias, e administrando-lhes todos os Sacramentos e não com menor cuidado e caridade lhes assistem em suas necessidades temporaes com dispendios da sua pobreza no sustento e no vestido principalmente dos orphãos e viúvas, e muito em especial para com os enfermos, aos quaes curão nas suas enfermidades, ainda com suas proprias mãos, dando-lhes pelo amor de Deos todas as medicinas necessarias e commummente o sustento proprio de enfermos, e muitas vezes as mortalhas para os defuntos, e no tempo de algumas fomes suppreem com extremada

entregando-se os Indios a seus principaes, ou ás pessoas que mandarão busca-los.

Tomem-se os salarios dos que vão á servir, entregando-se a cada qual os seus Indios pelo rol e lista que tem, e se fôr necessario esteja presente o procurador dos Indios, ou quem mandar em seu lugar, na casa do depositario, para ambas estas diligencias de recolher, os que trabalharão, e de entregar os que não de trabalhar,

Do mesmo modo se faça cada dous mezes, não faltando os brancos á sua obrigação de entregar os que lhe servirão, e nem os principaes das

caridade, e alimentão com favinhas, pão proprio da terra, a todos os necessitados, sendo commum este dispendio com os meninos e meninas para que não falem nas aldeas ao exercicio da santa doutrina, na qual se esmerão com estes e com os Gentios novamente baptizados dos matos cujos descimentos fizeram sempre os sobreditos religiosos, e estão actualmente fazendo para as aldeas do seu districto, de que se segue serem as aldeas da administração da Companhia muito mais populosas que as de outros districtos, com grande utilidade da real fazenda, e do bem commum dos moradores desta capitania na extracção dos fructos e generos do sertão: e estes descimentos de Indios Gentios fazem os ditos missionarios da Companhia á sua custa, não com pequenos dispendios de mimos e dadivas, sustento para o caminhar, vestido quando chegam á suas aldeas, novas dadivas para os agradarem, sustento no primeiro anno, e ferramentas para roçarem e fazerem suas lavouras, o que tudo fazem os ditos religiosos da Companhia á sua custa, sem que tenham renda alguma, nem ainda congrua sustentação, valendo-se á sua engenhosa caridade de alguma industria com os Indios que Sua Magestade para seu serviço lhes dá em ordem a terem todo o necessario para os sobreditos fins do amor de Deos e do proximo, o que tudo fazem sem recompensa alguma e pagando os seus trabalhos aos Indios que os servem. Todo o referido sei por presenciar e ver em muitas aldeas, em que tenho assistido com os ditos religiosos da Companhia por ordem dos governadores e serviço de Sua Magestade: e assim o affirmo de certa sciencia e pleno conhecimento da sobredita razão de o ter visto e presenciado, e que tudo attesto pelo juramento dos santos Evangelhos, e estou prompto para o depór em juizo, sendo necessario, de que mandei fazer a presente em que me assignei.

Santa Maria de Belem do Grão-Pará, 28 de Agosto de 1728. *Diogo Coelho de Almeida.*

Reconhecimento do tabellião José Gonçalves a 18, e do Dr. Francisco de Andrade Ribeiro de 22 de Setembro de 1728.

José Rodrigues Alves, thesoureiro que foi da tropa dos resgates desta cidade do Pará, de que foi cabo o capitão João Paes do Amaral, que ainda hoje se acha no Rio dos Matões continuando a tropa de guerra. Certifico que em ambas estas tropas, em que assisti, e nas tropas dos resgates do Maranhão, e na tropa dos resgates da villa da Vigia, e na primeira tropa em que foi por cabo o capitão Leandro, ás quaes tropas todas se unirão commosco; certifico que em todas ellas, quasi todos os Indios que as guarnecião e nellas trabalharão e remarão forão das aldeas de que são missionarios os padres da Companhia de Jesus, e julgo que só estes serão mais em dobro, tres ou quatro vezes que todos os Indios juntos de todas as mais aldeas que administram todos os mais religiosos que ha neste Estado; e assim mais certifico que tenho feito muitas viagens ao sertão em varios annos, e sempre vi e ouvi dizer a todos os homens que costumão ir colher as drogas dos sertões, que nos seus negocios e feitorias, ordinariamente se achavão sós com os Indios das aldeas dos Revs. padres da Companhia, e que erão raros todos os outros por não haver e ser mais a difficuldade dos mais missionarios em lh'os darem. E assim mais certifico que em todas as suas aldeas tem os Revms. padres da Companhia as suas igrejas muito bem concertadas, com boas cortinas e ornamentos de seda mui asseados e limpos com ambulas e alguns outros paramentos de prata, e cuidão muito em doutrinar os meninos duas e mais vezes, e os Indios que todos os annos tirão dos matos para quasi todas as aldeas, e a todos vestem e curão em suas doenças, e os sustentão em suas necessidades, que são muitas, porque de tudo necessitam e não tem outrem de que se possam valer senão dos seus Padres missionarios que os tratão como filhos, e com elles se desvelão todos e os defendem de muitas oppressões que alguns homens brancos lhes fazem, e sei que os Revs.

aldeas, a mandar os que devem servir, o mesmo se faça de dous em dous mezes.

Outro é assim : os Padres antes do fim do anno, quinze ou vinte dias dêem a lista dos Indios de serviço em duas terceiras partes : ponhão em uma parte os que hão de servir em Janeiro, e Fevereiro : na outra ponhão os que hão de servir em Março e Abril; repartão os da junta a primeira terça parte nos dous primeiros mezes, e a segunda nos outros dous, e assim de dous em dous, até o cabo do anno, fazendo a repartição de tal maneira que se todos não podem ter Indios cada dous mezes, ao menos em todo

Padres missionarios para conservarem estes Indios, fazem com elles muitos gastos e com as suas familias de mulheres e filhos por andarem ordinariamente occupados os paes e maridos no serviço real e dos moradores, que posto lhes paguem o seu salario, não pôde chegar á sua sustentação e vestuario ; e sei que os Revs. Padres gastão muito em acudirerem aos meninos orphãos e velhos, que não podem trabalhar e tambem neste seu collegio assistem e curão todos os doentes Indios que vem do sertão depois de assistirem ao serviço real e dos moradores, por não haver nesta cidade hospital nem quem lhes possa valer mais que a caridade dos Revs. Padres sem que para tantos gastos haja nas missões rendas algumas estaveis, mais do que a industria dos Revs. Padres missionarios. Etodo o referido sei assim por ter visto nos muitos annos que tenho andado pelos sertões, como tambem por assim o ouvir geralmente a todos os homens que fazem viagens, e a todos os soldados que andão no serviço real ; e tudo juro pelo juramento dos santos Evangelhos, e em qualquer tempo o jurarei em juizo sendo necessario, e se m'o perguntarem, e por estar impedido, e não poder escrever mandei fazer esta que assignei sómente com a minha firma.

Belem de Grão-Pará, aos 18 de Setembro de 1728.—*José Rodrigues Alves.*

Reconhecida pelo já dito tabellião a 18 do mesmo mez e anno.

Leandro Gemac de Albuquerque. Certifico que indo por cabo de uma tropa de Sua Magestade que Deos guarde, ao Rio Negro, e para esta me fosse necessario tirar Indios tanto cavalleiros, como remeiros, tomava porto em todas as aldeas dos Revs. Padres da Companhia de Jesus, nas quaes achei com muita promptidão remeiros e cavalleiros, estimando e honrando muito os Revs. missionarios a todos os officiaes da dita tropa, e de pois fazendo rezenda e listas, achei muito maior numero de Indios das missões da Companhia, excodendo só estes a todos os mais dos outros districtos dos mais religiosos. Tambem certifico que, partindo eu desta cidade a incorporar-me com a tropa de guerra, de que era cabo o capitão de infantaria desta praça João Paes do Amaral, a castigar e regulo insolente Guajuricaba com todos os seus alliados Manãos e Magapenas, levei a meu cargo, novo socorro, sendo capitão de infantaria com ordem do governador João da Maia da Gama para tirar todos os remeiros e cavalleiros que se achassem para o serviço real, e aportando em todas as aldeas e missões dos Revs. Padres da Companhia de Jesus, nellas achei recommendação dada a seus missionarios pelo Rev. Padre superior da Companhia que ia passando em visita, para que estivessem promptos para o real serviço, e a dita tropa e todos os Indios necessarios, o que executarão os Revs. missionarios, dando-me grande quantidade de Indios, e ainda canóas pequenas para a sua conducção e melhor expedição da tropa tambem doutrinadas e praticadas que em todo o tempo da guerra nenhum a desertou, e todos obedecião com promptidão ao que se lhe ordenava. E pelas listas achei em muitos dobros mais Indios do que todos os outros districtos, que estão ao cuidado das demais religiões, na mesma forma sei por ouvir dizer communmente neste povo e aos cabos das canoas que vão aos generos dos sertões, que só com os Indios das missões da Companhia se achão para fazerem o negocio do cacho, oravo e salsa em que consiste a maior parte do rendimento da fazenda real, em razão dos dízimos que pagão dos ditos generos. Passa na verdade todo o referido, e tudo juro pelo juramento dos santos Evangelhos. E por me ser pedida esta a mandei passar que assignei com meu proprio signal.

Belem do Pará, 14 de Setembro de 1728.—*Leandro Gemac de Albuquerque.*

Reconhecida a 18 pelo tabellião José Gonçalves, e pelo ouvidor a 28 de Setembro de 1728.

Certifico eu Antonio das Neves Pinto, morador e cidadão nesta cidade e nelle thesou.

o anno se lhes dê alguns Indios, ou por dous mezes, ou quatro, ou seis, conforme julgarem ser conveniente, e conforme as maiores necessidades os poderem repartir os da junta, guardando-se depositado o mais, posto no primeiro modo acerca dos pagamentos dos que servião, e dos que hão de servir.

Sómente advirta-se que se por alguma cousa faltar algum Indio posto na lista dos senhores da junta, então os padres fação que os principaes levem outro em seu lugar, e se não houver, os padres mesmos darão os da sua terceira parte de mui boa vontade.

reiro dos defuntos e auzentes, e nella tambem procurador dos Revs. Padres da Companhia de Jesus, e ha quatorze annos, por cuja causa tenho assaz noticia do seu modo de proceder e zelo com que se occupão na salvacão dos Indios e brancos, não perdoando a trabalho, nem gastos que com elles fazem, principalmente aos Indios de que sou testemunha de vista de muitos annos que assisti, e andei por todas as missões, principalmente um anno que estive nos Tapajós, onde derão uns garrotilhos contagiosos, de que não escapou pessoa alguma em que não desse, sendo uma aldêa populosa; mas com a ajuda de Deos, e minha industria, nem um só morreu, sendo missionario o Rev. Padre José de Souza, que se valeu da minha curiosidade, e me rogou quizesse ficar com elle um anno para lhe acudir a seus Indios, aos que assistio com o maior zelo e caridade, gastando tudo quanto em casa e fóra della tinha, de que sou testemunha, pois tudo isto me correu pela mão, neste mesmo anno, que ha dezeseis, derão os garrotilhos tambem pelas mais aldêas e morrerão sem conta em fôrma que passando eu pelos Tupinambaranas, se estavam enterrando quatro em uma cova, sendo em principio das doenças erão mortos trezentos e cincoenta e seis conforme me disse o Rev. Padre Domingos da Cruz, missionario que então era: todos estes levarão suas mortalhas de esmola, que elles nem para isso tem, e o mesmo que é nesta é em todas as demais aldêas, acudindo-lhe com as medicinas, sustento e vestido, tanto assim, que em 1721 para 1722 fez de gasto só em panno o Rev. Padre procurador João Teixeira que então era missionario da aldêa de Arucará sessenta e quatro rolos de panno em vestir os Indios e Indias, e em lhe comprar farinhas para o seu sustento, em descimentos que fez de Indios Gentios do Jary para a dita aldêa para o serviço real e do povo, e estes rolos de panno quasi todos comprados a 40\$, por minha mão, fóra muitos avelorios, facas, ferramentas e louça para contentar os Gentios já descidos, e as ferramentas para fazerem suas lavours, e tambem me consta que o Rev. Padre procurador das missões comprara a Dyonisio da Costa, novecentos e tantos mil réis em serapilheiras da melhor conta para repartir com os missionarios para mortalhas e cobertura dos Indios, e que por todos se distribuirão. Consta-me mais que raro é o anno em que senão fação descimentos para quasi todas as missões á sua custa sem despeza alguma da fazenda real, nem renda que para este effeito, nem para algum outro tenham as aldêas, nem os seus missionarios da Companhia; os quaes sómente se valem da sua industria fazendo tirar e colther das drogas e fructos do sertão e de outras cousas pelos Indios que lhe são conhecidos, aos quaes pagão seu trabalho, o que tudo vendido não basta ordinariamente para os sobreditos gastos de que se seguem estarem as mais aldêas empenhadas. Todo o referido sei de pleno conhecimento e o affirmo pelo juramento dos santos Evangelhos, e estou prompto para o jurar em juizo se fôr necessario, em fé de que mandei fazer a presente por mim assignada.

Belem do Pará, 6 de Setembro de 1728. — *Antonio das Neves Pinto.*

Reconhecido pelos mesmos, era ut supra.

Frei Antonio de Santa Maria, ex-reitor de theologia, ex-commissario provincial do Grão-Pará, secretario da provincia de Santo Antonio neste reino de Portugal, &c. Certifico pelo conhecimento que tive dos religiosos da Companhia de Jesus missionarios no Estado, do Maranhão, por tempo de seis annos que proximamente assisti no sobredito Estado serem os sobreditos religiosos muito exemplares e edificativos no procedimento, summamente empenhados na reducção dos Indios, e muito proveitosos no dito Estado tanto no serviço de Deos, como no de Sua Magestade, e bem commum de toda a república, fazendo ordinariamente grandes descimentos, trazendo muito gentilismo dos seus sertões para o gremio da igreja, em que fazem notaveis despezas e gastos, assim em

2º Que este modo de repartir, ou outro semelhante, é sómente o que Sua Alteza deve e dá ao Bispo com os mais da junta, e não já a execução, ou mandar executar aos que vão effectivamente a servir, castigando os principaes, ou os Indios, que não obedecessem; e que esta execução declara que é dos que governão as aldeas, e onde elles não podem mandar executar, que sua vontade é que sejam favorecidos dos maiores que governão, ou como governadores ou como capitães-móres, aos quaes recorrendo devem ajudar aos Padres, mandando castigar assim os que não obedecessem nas aldeas aos Padres, como aquelles brancos que, ou não rostituissem a seus tempos

candás, como em farinhas de pão, ferramenta, velorios, panno de algodão, aguardentes e mais mantimentos com outras muitas cousas mais necessarias, como vestidos, chapéos, machados, e mais premios, sem os quaes se não costumão descer Indios das suas terras: Certifico assim mais terem feito os ditos Padres algumas aldeas de novo, erigido igrejas, e todas muito asseadas e paramentadas, com ricos e preciosos ornamentos, tendo tambem os seus Indios muito bem domesticados, obedientes e doutrinados; assim para o serviço de Deos, como ao de Sua Magestade, acudindo a todo o necessario que lhes é possível, assim dos Indios e Indias crescidos, como meninos e meninas, e na doutrina assistindo-lhes em suas doenças e queixas, e ainda aos mesmos brancos das tidades e villas com remedios e boticas, que mandão ir deste reino para este effecto, no que fazem grande despesa, sem tambem faltarem com os Indios que se lhes pedem para o serviço de Sua Magestade e do povo, chegando os missionarios a ficar sem Indios, que lhes possam remar uma canda, faltando ao seu commodo para satisfazer ao povo, pois ficão sustentando a família de muitos Indios que vão servir aos seculares e de outros que os mesmos seculares levão furtivamente enganados: pagando tambem sempre aos seus remeiros e mais Indios que assistem no trabalho e bem commum das aldeas, o estipendio determinado pelas leis de Sua Magestade. Certifico assim mais padecerem os ditos religiosos como todas as mais religiões muitos opprobrios e affrontas, que muitos brancos lhes fazem por causa de procurarem os Indios, que lhe furtão das aldeas, e dellas fazem fugir com falsas e enganosas promessas, levantando-lhes tambem muitos testemunhos falsos, sem mais motivo que o de defenderem a liberdade dos Indios, com que Deos os criou, que a não serem os religiosos, a terião totalmente perdido, como têm muitos, que sem remedio sentem e chorão, no que mostrão a sua christandade e religião, observando as leis de Sua Magestade como fieis e leaes vassallos: o que tudo em fi de verdade juro e affirmo *in verbo sacerdotis*, e da mesma sorte sendo necessario o affirmar em juizo; e por me ser pedida, passei esta por mim feita e assignada.

Lisboa occidental e convento de Santo Antonio dos Capuchos, em 8 de Julho de 1729.
—Frei Antonio de Santa Maria.

O Dr. Miguel Monteiro Bravo, cavalleiro professo na ordem de Christo, do desembargo de Sua Magestade e seu desembargador na casa da supplicação, e ouvidor do crime das appellações pelo dito Senhor, &c. Certifico que indo crear o lugar de ouvidor geral do Grão-Pará, em todo o tempo que assisti naquella Capitania e mais terras daquelle Estado, tive grande conhecimento dos Revs. Padres e religiosos da Companhia de Jesus naquella conquista, e sempre observei nelles um constante zelo do serviço de Deos, e de Sua Magestade, assim no espirital, como no temporal, catechizando aos Gentios bravos para os reduzirem a nossa santa fé e gremio da igreja, doutrinando quotidianamente aos já reduzidos e adultos, instruindo-os nos mysterios necessarios para a sua salvação, e dando boa educação aos estudantes de grammatica que vão as suas classes, e nas suas missões nunca vi, nem ouvi com verdade que fossem transgressores das leis de Sua Magestade, antes muito observantes dellas, e tambem defensores, por cujo motivo são assaz odiados daquelles, por lhes estranhiarem e encontrarem fazerem escravos Gentios, que de sua natureza são livres; e como os ditos Revs. Padres são geralmente de bom procedimento, de letras e de inculpavel vida, me parece serem mui uteis á conservação e regimen daquelle Estado, e bem das almas que alli habitão: e por esta me ser pedida, o passei de minha letra e signal, e em fé de verdade tudo o que tenho dito affirmo pelo juramento do meu grão.

Lisboa occidental, 12 de Julho de 1729.—Miguel Monteiro Bravo.

O Padre prégador Frei Diogo da Trindade, religioso de Nossa Senhora das Mercês do

os Indios de serviço, ou os que os tivessem das aldeas sem licença, e semelhantes faltas, assim de brancos como de Indios, para que assim deste modo esteja mais alliada a pessoa do Bispo, e não se falte aos brancos, dando-lhes sem falta os Indios que se lhes derão dos da junta.

No terceiro ponto, manda Sua Alteza na sua provisão do 1º de Abril do anno de 1680 varias cousas pertencentes a este ponto.

Primeiramente manda que antes de tudo se conduzão ás aldeas todos os Indios livres pertencentes a ellas, se deve entender por Indios não sómente os machos, mas tambem as femeas, assim de muita como de pouca

Maranhão, ex-commendador duas vezes nos seus conventos, missionario de uma missão de sua ordem, e ex-vice-commissario de todas, &c. Certifico que assisti no Estado do Maranhão trinta e dous annos, e cheguei em Dezembro de 1728, em cujo tempo tive pleno conhecimento com os Reys. Padres da Companhia de Jesus, e tratei particularmente com os Reys. Padres José Vidigal, Manoel da Motta, Manoel dos Reis, José Lopes, Sebastião Fusco, Anibal Mazzulani, aos quaes tratei e vivi de porta a dentro com alguns bastante tempo, e fiz as suas vezes quando vão a descimentos, e pratiquei a seus aldeãos pela lingua materna, e em todo este tempo observei o incansavel zelo daquelles religiosos na conservação das almas e administração de seus officios, fazendo muitos descimentos para as suas missões, e erigindo outras de novo e augmentando a todas, com igual desvelo, sem o que, estariam já acabadas com doenças, trabalhos e viagens que actualmente fazem em tropas reaes e canoas de negocio.

E vi em quatro annos que fui missionario e vizinho dos ditos Padres, os descimentos que fizeram para suas missões do centro desses sertões, á custa de muito trabalho e gravissimas despezas, como forão os Padres Manoel dos Reis, missionario dos Tupinambas dos sertões do Magué, Andiró, Guabirú e Periquitos, o Padre Manoel da Motta missionario dos Abacaxis, que de uma só vez tirou seiscentos e vinte e quatro almas dos Araras, o Padre José Lopes, missionario dos Bocas a todo o sertão dos Jarys e Aroans, o Padre José da Gama, missionario dos Arapiuns, que do Rio Tapajós desceu e aldeou muitos Gentios, no que tudo gastão muita fazenda, e canoas, pannos de algodão, ferramentas, facas, louças, velorios, vestidos feitos e grandiosos mimos, sem os quaes se não capacitão os Indios a sair de suas terras para o gremio da igreja, e ao depois de descidos sustentão e vestem dous annos, como tambem a muitos aldeãos desamparados, e gente da doutrina, e ao Gentio Arara, vi eu quando se descêrão em 1724 dispende o Padre Manoel da Motta em tres dias quinhentas varas de panno de algodão, que são em dinheiro de la 2007, e estes gastos fazem sem ajuda da fazenda real, e sómente com adjutorio dos Indios das mesmas missões, aos quaes e a todos assistem com fervorosas doutrinas, e nas suas necessidades com grande caridade, como foi na peste geral que lá houve, que chegãrão a fazer-lhes os Padres as covas para os enterrar, e a lava-los e carrega-los ás costas.

Item, que acodem promptamente com Indios ás tropas reaes, e com o necessario que podem aos soldados dellas, como foi em 1723, na que foi ao descobrimento do reino do Perú, de que era cabo o sargento-mór Francisco de Mello Palheta, ao qual acudio o missionario dos Abacaxis com o necessario de canoas, ferramentas, aprestos e comestivel, que gratuitamente deu á gente della, e juntamente mais de duzentos Indios, e na retirada aos soldados, que vinhão doentes, com todo o sustento e caridade possivel, e não obstante, ter o dito Padre missionario em outra tropa real antecedente experimentado algumas desattenções; como foi por acharem fóra de casa em uma missão de gente nova, roubarem-lhe portas, e furtarem-lhe farinhas, e as proprias canoetas dos pescadores, e as mais cousas, que costumão soldados dissolutos, e cabos menos observantes das ordens reaes, e nem por isso fallão com o que podem a todos os que passão por suas missões.

E da mesma sorte acodem a dar Indios ás canoas dos moradores, conforme as portarias que levão dos governadores; e porque querem muitas vezes mais, se os Padres lh'os não dão, lh'os furtão e descompoem, como em 1703 um que deu com um pão no Padre Antonio Gomes, e outro que em 1725 atirou dous tiros ao Padre Manoel dos Reis, que não sei se foi com bala, ou com que intento o fazia.

Item, que as igrejas das suas missões tem com grande ornato e limpeza necessaria para uma freguezia, com côro, sinos, ornamentos da primavera e damasco de todas as cores,

idade que sejão, os quaes todos e todas deve o governador mandar recolher para suas aldêas, e conserva-los, fazendo-os tornar para as mesmas, todas as vezes que se fossem fóra, ou fossem detidos dos brancos dando-lhes os parochos noticia disto, ou os principaes, pois este supremo governo sempre o deve ter o governador, e em sua ausencia os capitães-móres, aos quaes nunca Sua Alteza lh'o fírou para dar ao Bispo a repartição sómente na forma dita, que foi a unica cousa que se lhe deu e não mais, deixando as mais cousas em seus lugares e direitos.

3.º Por Indios de serviço que manda se repartão, se devem entender

custodia, cruz, ambula e engastes de vara de pallio de prata, capas de asperges, frontais, paños de pulpito e tudo o mais em que fazem gravissimas despezas e gastos inconsideraveis. Em 1725 vi quatro imagens grandes douradas e estufadas, e com tal perfeição, que as avaliáão lá em 400\$, e estas se achão na sua missão dos Abaraxis.

E finalmente observei o grande exemplo com que vivem naquelle Estado, que cada um pôde servir de espelho a todos, os mais: e de alguns homens do povo do Pará formão queixas dos ditos Padres, e por boca e lingua dos que andão nas viagens do sertão, que regularmente é gente servil, mestiços, mamelucos e de pouco temor de Deos, que se os homens honrados e bons do Pará forão ao negocio do sertão, é de crer dirião o contrario do que lhes contão semelhantes homens: passa todo o referido na verdade, e assim o juro *in verbo sacerdotis*; e se necessario fôr direi em juizo judicialmente, e por me ser pedida a presente, a passei de minha letra e signal, em Lisboa occidental, 16 de Julho de 1729.—*Frei Diogo da Trindade*.

Frei João do Sacramento, religioso capucho da regular observancia do nosso Padre S. Francisco, e filho da immaculada Conceição da Beira e Muho. Certifico pelo grande conhecimento que tive muitos annos no Estado do Maranhão dos Reys. Padres da Companhia, missionarios no dito Estado, serem religiosos muito exemplares, zelosos do serviço de Deos, e de Sua Magestade, observantes de suas reaes leis, fazendo muitos descimentos, e como muitas vezes succede com grande risco da vida, fazendo aldêas, fabricando igrejas, propagando a fé, domesticando os Indios, doutrinando os meunios, sustentando os pobres mais necessitados, vestindo-os e ainda dando-lhes as mortallas, o que communmente succede aos missionarios não faltarem com os Indios ao serviço de Sua Magestade e moradores do dito Estado, usarem dos Indios que Sua Magestade lhe concede no serviço da aldêa, na limpeza e asseio das igrejas e sobreditos descimentos, padecerem como muitas vezes succede, descortezia e menos attenção dos brancos, queixosos dos ditos missionarios lhe não darem todos os Indios que querem, furtando-lhe uns e afluendo-lhe outros; crimes, que muitas vezes têm ficado sem castigo, por cuja razão os pobres missionarios padecem cada vez mais por falta de remedio; e por me ser esta pedida e tudo passar na verdade, sendo necessario o affirmo *in verbo sacerdotis*.

Lisboa occidental e hospicio real da Bemposta, a 7 de Julho de 1729.—*Frei João do Sacramento*.

Frei Antonio do Calvario, prégador e exprovincial da provincia de Portugal. Certifico que no tempo que assisti no Estado do Maranhão por commissario provincial do convento e missões, que a mesma provincia tem na cidade do Pará e seu sertão, tive largo conhecimento dos religiosos da Companhia de Jesus, missionarios no mesmo Estado, e me constou sempre serem muito exemplares, e edificativos, e muito proveitosos assim ao serviço de Deos, como ao de Sua Magestade, e bem commum da republica, descendo muito Gentio dos sertões para o gremio da igreja, e vassallos de Sua Magestade, á custa de muitas despezas, que nos taes descimentos se fazem como a todos consta, que sem as taes despezas se não descem das suas terras. Certifico assim mais terem feito muitas aldêas de novo, levantado muitas igrejas, e todas muito assejadas, como pessoalmente presenciei, em que tem os seus Indios muito bem domesticados e obedientes, assim para o serviço de Deos, como de Sua Magestade, assistindo-lhe nas doencas com todo o necessario, assim no espirital como no temporal, com os remedios das boticas, que tem nos seus collegios, com que tambem acodem aos moradores das villas e cidades, como tambem não faltão com os Indios que lhes pedem para o serviço de Sua Magestade, e aos moradores até se acabarem, e que dos que o dito senhor lhes concede, usão, não para sua dis-

os Indios de serviço, ou os que os tivessem das aldeas sem licença, e semelhantes faltas, assim de brancos como de Indios, para que assim deste modo esteja mais alliada a pessoa do Bispo, e não se falte aos brancos, dando-lhes sem falta os Indios que se lhes derão dos da junta.

No terceiro ponto, manda Sua Alteza na sua provisão do 1º de Abril do anno de 1680 varias cousas pertencentes a este ponto.

Primeiramente manda que antes de tudo se conduzão ás aldeas todos os Indios livres pertencentes a ellas, se deve entender por Indios não sómente os machos, mas tambem as femeas, assim de muita como de pouca

Maranhão, ex-commendador duas vezes nos seus conventos, missionario de uma missão de sua ordem, e ex-vice-commissario de todas, &c. Certifico que assisti no Estado do Maranhão trinta e dous annos, e cheguei em Dezembro de 1728, em cujo tempo tive pleno conhecimento com os Reys. Padres da Companhia de Jesus, e tratei particularmente com os Reys. Padres José Vidigal, Manoel da Motta, Manoel dos Reis, José Lopes, Sebastião Fusco, Anibal Mazzulani, aos quaes tratei e vivi de porta a dentro com alguns bastante tempo, e fiz as suas vezes quando vão a descimentos, e pratiquei a seus aldeãos pela lingua materna, e em todo este tempo observei o incansavel zelo daquelles religiosos na conservação das almas e administração de seus officios, fazendo muitos descimentos para as suas missões, e erigindo outras de novo e augmentando a todas, com igual desvelo, sem o que, estarião já acabadas com doenças, trabalhos e viagens que actualmente fazem em tropas reaes e canoas de negocio.

E vi em quatro annos que fui missionario e vizinho dos ditos Padres, os descimentos que fizeram para suas missões do centro desses sertões, á custa de muito trabalho e gravissimas despesas, como forão os Padres Manoel dos Reis, missionario dos Tupinambas dos sertões do Magué, Andiré, Guabirú e Periquitos, o Padre Manoel da Motta missionario dos Abacaxis, que de uma só vez tirou seiscentos e vinte e quatro almas dos Araras, o Padre José Lopes, missionario dos Boras a todo o sertão dos Jarys e Aroans, o Padre José da Gama, missionario dos Arapiuns, que do Rio Tapajós desceu e aldeou muitos Gentios, no que tudo gastão muita fazenda, e canoas, pannos de algodão, ferramentas, faras, louças, velorios, vestidos feitos e grandiosos mimos, sem os quaes se não capacitão os Indios a sair de suas terras para o gremio da igreja, e ao depois de descidos sustentão e vestem dous annos, como tambem a muitos aldeãos desamparados, e gente da doutrina, e ao Gentio Arara, vi eu quando se descêrão em 1724 dispende o Padre Manoel da Motta em tres dias quinhentas varas de panno de algodão, que são em dinheiro de lá 2000, e estes gastos fazem sem ajuda da fazenda real, e sómente com adjutorio dos Indios das mesmas missões, aos quaes e a todos assistem com fervorosas doutrinas, e nas suas necessidades com grande caridade, como foi na peste geral que lá houve, que chegá-rão a fazer-lhes os Padres as covas para os enterrar, e a lava-los e carrega-los ás costas.

Item, que acodem promptamente com Indios ás tropas reaes, e com o necessario que podem aos soldados dellas, como foi em 1723, na que foi ao descobrimento do reino do Perú, de que era cabo o sargento-mór Francisco de Mello Palheta, ao qual acudio o missionario dos Abacaxis com o necessario de canoas, ferramentas, aprestos e comestivel, que gratuitamente deu á gente della, e juntamente mais de duzentos Indios, e na retirada aos soldados, que vinhão doentes, com todo o sustento e caridade possivel, e não obstante, ter o dito Padre missionario em outra tropa real antecedente experimentado algumas desattenções; como foi por acharem fóra de casa em uma missão de gente nova, roubarem-lhe portas, e furtarem-lhe farinhas, e as proprias canoetas dos pescadores, e as mais cousas, que costumão soldados dissolutos, e cabos menos observantes das ordens reaes, e nem por isso faltão com o que podem a todos os que passão por suas missões.

E da mesma sorte acodem a dar Indios ás canoas dos moradores, conforme as portarias que levão dos governadores; e porque querem muitas vezes mais, se os Padres lh'os não dão, lh'os furtão e descompõem, como em 1703 um que deu com um pão no Padre Antonio Gomes, e outro que em 1725 atirou dous tiros ao Padre Manoel dos Reis, que não sei se foi com bala, ou com que intento o fazia.

Item, que as igrejas das suas missões tem com grande ornato e limpeza necessaria para uma freguezia, com côro, sinos, ornamentos da primavera e damasco de todas as cores,

idade que sejam, os quaes todos e todas deve o governador mandar recolher para suas aldeas, e conserva-los, fazendo-os tornar para as mesmas, todas as vezes que se fossem fóra, ou fossem detidos dos brancos dando-lhes os parochos noticia disto, ou os principaes, pois este supremo governo sempre o deve ter o governador, e em sua ausencia os capitães-móres, aos quaes nunca Sua Alteza lh'o tirou para dar ao Bispo a repartição sómente na forma dita, que foi a unica cousa que se lhe deu e não mais, deixando as mais cousas em seus lugares e direitos.

3.º Por Indios de serviço que manda se repartão, se devem entender

custodia, cruz, ambula e engastes de vara de pallio de prata, capas de asperges, frontais, pannos de pulpito e tudo o mais em que fazem gravissimas despezas e gastos inconsideraveis. Em 1725 vi quatro imagens grandes douradas e estufadas, e com tal perfeição, que as avaliáram lá em 400\$, e estas se achão na sua missão dos Abacaxis.

E finalmente observei o grande exemplo com que vivem naquelle Estado, que cada um pôde servir de espelho a todos, os mais: e de alguns homens do povo do Pará formão queixas dos ditos Padres, e por boca e lingua dos que andão nas viagens do sertão, que regularmente é gente servil, mestiços, mameluços e de pouco temor de Deos, que se os homens honrados e bons do Pará forão ao negocio do sertão, é de crer dirião o contrario do que lhes contão semelhantes homens: passa todo o referido na verdade, e assim o juro *in verbo sacerdotis*; e se necessario fôr direi em juizo judicialmente, e por me ser pedida a presente, a passei de minha letra e signal, em Lisboa occidental, 16 de Julho de 1729.—*Frei Diogo da Trindade*.

Frei João do Sacramento, religioso capucho da regular observancia do nosso Padre S. Francisco, e filho da immaculada Conceição da Beira e Madro. Certifico pelo grande conhecimento que tive muitos annos no Estado do Maranhão dos Reys. Padres da Companhia, missionarios no dito Estado, serem religiosos muito exemplares, zelosos do serviço de Deos, e de Sua Magestade, observantes de suas reaes leis, fazendo muitos descimentos, e como muitas vezes succede com grande risco da vida, fazendo aldeas, fabricando igrejas, propagando a fé, domesticando os Indios, doutrinando os meninos, sustentando os pobres mais necessitados, vestindo-os e ainda dando-lhes as mortallas, o que communmente succede aos missionarios não faltarem com os Indios ao serviço de Sua Magestade e moradores do dito Estado, usarem dos Indios que Sua Magestade lhe concede no serviço da aldeia, na limpeza e asseio das igrejas e sobreditos descimentos, padererem como muitas vezes succede, descortezia e menos attenção dos brancos, queixosos dos ditos missionarios lhe não darem todos os Indios que querem, furtando-lhe uns e afugentando-lhe outros; crimes, que muitas vezes têm ficado sem castigo, por cuja razão os pobres missionarios padecem cada vez mais por falta de remedio; e por me ser esta pedida e tudo passar na verdade, sendo necessario o affirmo *in verbo sacerdotis*.

Lisboa occidental e hospício real da Bemposta, a 7 de Julho de 1729.—*Frei João do Sacramento*.

Frei Antonio do Calvario, prégador e exprovincial da provincia de Portugal. Certifico que no tempo que assisti no Estado do Maranhão por commissario provincial do convento e missões, que a mesma provincia tem na cidade do Pará e seu sertão, tive largo conhecimento dos religiosos da Companhia de Jesus, missionarios no mesmo Estado, e me constou sempre serem muito exemplares, e edificativos, e muito proveitosos assim ao serviço de Deos, como ao de Sua Magestade, e bem commum da republica, descendo muito Gentio dos sertões para o gremio da igreja, e vassallos de Sua Magestade, á custa de muitas despezas, que nos taes descimentos se fazem como a todos consta, que sem as taes despezas se não descem das suas terras. Certifico assim mais terem feito muitas aldeas de novo, levantado muitas igrejas, e todas muito asseadas, como pessoalmente presenciei, em que tem os seus Indios muito bem domesticados e obedientes, assim para o serviço de Deos, como de Sua Magestade, assistindo-lhe nas doencas com todo o necessario, assim no espirital como no temporal, com os remedios das boticas, que tem nos seus collegios, com que tambem acodem aos moradores das villas e cidades, como tambem não faltão com os Indios que lhes pedem para o serviço de Sua Magestade, e aos moradores até se acabarem, e que dos que o dito senhor lhes concede, usão, não para sua dis-

sómente os machos, e não as fêmeas capazes de servirem, conforme julgarem pelas listas os seus parochos do juizo, dos quaes como se fia Sua Alteza, parece se devem fiar tambem os mais, pois os Padres não hão de faltar nisto, assim por caridade, como tambem por sua reputação sobre que vigiarão muito os superiores.

4.º Nps Índios de serviço não devem entrar os cavalheiros que deverião ser poucos, para accrescentar mais o numero das que hão de servir, como seria haver sómente o principal, sargento-mór, capitão, ajudante e meirinho, e só em caso de grande quantidade de Índios, accrescentar mais al-

posição particular, mas para o bem commum da sua aldêa, igrejas, descimentos, vestuários dos mesmos Índios. Certifico outrossim mais, o muito que paderem assim os ditos Padres, como todos os mais missionarios das outras religiões, com os brancos que lhes furtão os Índios e os fazem fugir das aldêas, levantando-lhes testemunhos falsos, sem mais motivo que observar as leis de Sua Magestade, como religiosos e leaes vassallos, o que tudo affirmo em fé da verdade, e o affirmo *in verbo sacerdotis*; e por me ser pedida, passei esta firmada de meu signal.

Convento de Santo Antonio, 14 de Julho de 1729.—Frei Antonio do Calvario.

Frei João de S. Diego, ex-leitor de theologia, qualificador do santo officio, ex-commissario provincial no Estado do Maranhão, ex-custodio, e ex-ministro provincial de Santo Antonio em Portugal, A todos que a presente virem, certifico que em oito annos que existi no Estado do Maranhão, reconheci muito bem que como os principaes dos habitadores daquellas terras o que sobre tudo anhelão e, o augmento dos seus bens temporaes, instigados pelo inimigo commum, não cessão de perseguir a quem por melhor servir a Deos, e a Sua Magestade que Deos guarde, de alguma maneira se lhe oppõe aos seus desordenados intentos; e como a estes da parte de Deos a obstão, como devem os religiosos missionarios; em diversos tempos aquelles povos delles injustamente se tem queixado especialmente dos Revs. Padres da Companhia, que já lançarão fóra daquelle Estado; mas el-rei nosso Senhor reconhecendo a sua innocencia e justiça, os tornou mais honrosamente lá a repór. E estando eu lá se queixarão, de que os missionarios com detrimento da fazenda real se detinham nos exames dos escravos apresentados pelas tropas; mas o nosso Sr. rei D. Pedro, que santa gloria haja, bem informado de que os taes exames se devem fazer em tribunal superior, mandou que todos os assim apresentados outra vez fossem examinados na Junta das missões; onde eu assistindo sempre vi que muito poucos foram julgados por escravos: requerêrão que, como assim os religiosos descião dos sertões Índios para as suas missões, e delles se ajudavão e servião, os seculares os podessem descer para suas casas; mas o dito senhor bastantemente informado dos dolos, com que furtivamente muitos tinham trazido não só dos sertões, mas ainda das missões, emquanto eu lá estive nunca lh'o concedeu. Requerêrão, e algumas vezes alcançarão dos governadores irem cabos a missões violentamente buscar Índios, não só para o serviço de el-rei nosso senhor e dos seus ministros que lá estão, mas tambem para lhe irem aos sertões buscar cravo, salsa, cacão e outras drogas, em que gastão mais de seis, sete e oito mezes, ficando lá muitos mortos e outros como mortos; os que tornão vêm descontentes por mal satisfeitos e por maltratados para maior detrimento dos seus religiosos missionarios que servindo-as nas suas missões tão piamente, mas com exemplares boas obras do que com doutrinaes palavras; nas suas doenças os curão por suas proprias mãos, elles dão os medicamentos levados deste reino; os sustentão e vestem com suas mulheres, e filhos nas suas maiores necessidades: os aplacão e passiflão nas suas discussões e desordens, e catholicamente os doutrinão com tanta pena e trabalho dos mesmos missionarios que tantas vezes lhes tem custado as suas proprias vidas, e outras muitas vezes foram affrontados e infamados falsamente pelos mesmos Índios barbaros, e por muitos cabos que nas missões em poucos dias, muitas vezes já fizeram estragos abominaveis, ainda quando os missionarios, não só hospedão com a mais religiosa caridade e passiflão mansidão, mas ainda quando os contentão com lhes chamarem, procurarem e entregarem quantos Índios elles querem, ficando talvez as missões ou os missionarios sem os Índios necessarios para lhe remarem uma canôa. Sendo pois taes os trabalhos dos missionarios no Estado do Maranhão, e sendo nelle os Padres da Companhia exercitados só do puro amor de Deos, por

guns outros, as quaes dignidades, porém, antes de as fazer, o governador ou capitão-mór tenham primeiro informações das pessoas que hão de prover, por meio de seus parochos, e tambem muito mais do prelado dos parochos que o approve, e para assim obriga-los a executar mais facilmente suas ordens, e não faltarem aos serviços dos brancos a seus tempos.

5.º Se deve guardar pontualmente o que Sua Alteza manda nas tres partes dos Indios de tal maneira, que na aldea fique uma dellas, a outra no serviço dos brancos, a terceira para as missões dos Padres, e esta seja delles

parece que os conservão nas taes missões, como lá conservou sempre e ainda agora conserva muitos nossos missionarios ha mais de trinta annos, sem a isso os obrigar já prelado algum: pelo que tudo certifico e juro sendo necessario *in verbo sacerdotis*, que estando eu no Estado do Maranhão, sempre entendi que os Revs. Padres da Companhia de Jesus erão lá dos mais exemplares missionarios, e uteis e necesarios para o serviço de Deos, de el-rei nosso senhor, e dos mesmos povos daquelle Estado.

Convento de Santo Antonio da Convalescença á Cruz de Pedra, em 14 de Julho de 1729.

— *Frei João de S. Diogo.*

Muito Rev. Padre Prior. Diz o Padre João Teixeira da Companhia de Jesus, procurador-geral da vice-provincia do Maranhão, que por bem de sua justiça lhe é necessario uma certidão do Rev. Padre Dr. José da Annuniação, do procedimento dos religiosos da Companhia do dito Estado, assim prelados como missionarios, se são ou não exemplares se dão ou não Indios para todo o serviço de Sua Magestade que Deos guarde, aos moradores do dito Estado, se fazem descimentos, se tratão com zelo do augmento da fé catholica, e do serviço real, dos gastos que fazem nos descimentos, igrejas, aldeas, gente novamente descida, e se observão ou não as leis de Sua Magestade.

Portanto pede a V. P. Revm. lhe faça mercê mandar ao dito religioso passe o que souber na verdade, debaixo do preceito de obediencia, em modo que faça fé.

Passe do que souber na verdade. Carmo de Setubal, 13 de Julho de 1729. — *Frei Bernardino de Senna prior.*

Em cumprimento do despacho acima, certifico eu José da Annuniação, religioso de Nossa Senhora do Carmo, que no tempo em que assisti no Estado do Maranhão, vi que os religiosos da Companhia de Jesus erão mui uteis áquelle povo, pelo grande zelo e fervoroso cuidado com que exerritão todos os actos de caridade, assistindo juntamente aos enfermos pobres, e ainda aos ricos com medicamentos da sua botica. Certifico tambem, que no tempo que fui missionario na missão no Rio das Amazonas, tive bastante noticia do procedimento dos ditos religiosos, e quão incansaveis erão em descer nações de Gentios para o gremio da igreja de que tem feito muitas aldeas, e nellas tratão os Indios com muito zelo e amor de Deos, instruindo-os na vida politica e christã, e juntamente obedecendo as ordens de Sua Magestade que Deos guarde, em repartir os Indios pelos moradores que conhecem os hão de tratar bem, e lhes hão de pagar seu trabalho, e os occuparão em serviço que seja do agrado de Deos, e de Sua Magestade que Deos guarde. Passo o referido na verdade e juro *in verbo sacerdotis*.

Convento de Setubal, 13 de Julho de 1729. — *Frei José da Annuniação.*

Sr. Provedor da casa da India. Diz o Padre João Teixeira da Companhia de Jesus, procurador geral das missões e collegios do Maranhão, ser-lhe necessario para bem de sua justiça uma certidão da casa da India, que conste do que este anno passado mandarão a este reino, assim o collegio como as mais casas da Companhia de Jesus, de cravo, cacão e salsa que costumão mandar, para do seu producto lhe irem os provimentos necesarios para os ditos collegios e mais casas da mesma Companhia. Portanto, peço a V. S. seja servido se lhe passe a dita certidão em modo que faça fé.

O provedor e officiaes da casa da India e Mina. Fazemos saber aos que a presente certidão virem que revendo o livro que contém toda a carga da não *Nossa Senhora da Boa Hora*, da qual era capitão Francisco Xavier dos Santos, que no anno de 1728 veio do Estado do Maranhão e Pará de fl. 1 até fl. 103, em que consta dos generos daquelle Estado pertencentes a esta dita casa, carregados na dita não a fl. 16 do dito livro consta carregar o Padre José de Sousa com a marca seguinte (†) vinte e duas saccas com oitenta e sete arrobes, e vinte e dous arrateis, e trinta e cinco paneiros de cravo, e dez paneiros

escolhida, como ordena a sua provisão. E os superiores terão cuidado de igualmente dar bons Indios de serviço aos brancos, não tirando para as suas missões todos os melhores, mas conforme as necessidades precisamente escolherá o que fôr justo e muito necessario, no que convém se fiem delles como se fia Sua Alteza.

No quarto ponto, sobre aquellas palavras da carta já citada outras vezes que dizem: o salario de dous mezes, que sómente hão de servir continuados.

de salsa, e quatro paneiros de farinha. Declaro que as vinte e duas saccas são de cacão, e tudo a entregar ao Padre João Teixeira da Companhia de Jesus.

E assim mais a fl. 80 do dito livro consta carregar o Padre José de Sousa uma sacca com tres arrobas e dezaseis arrateis de cacão, e tres paneiros de cravo, e uma canôa de banhos, tudo com a dita marca a entregar ao Padre João Teixeira.

E revendo o livro da carga da náu de *Nossa Senhora da Conceição e Santa'Anna* que no dito anno veio do dito Estado, de que era capitão Antonio Rodrigues Chaves nelle a fl. 8 consta carregar o Padre José Lopes da Companhia de Jesus, com a marca seguinte (1) vinte e sete saccas com cem arrobas e vinte e nove libras de cacão, e trinta e cinco paneiros com trinta e cinco arrobas de cravo, e dez paneiros com dez arrobas de salsa, e dous fechos com dezaseis arrobas de assucar, e tres paneiros com farinha, tudo a entregar ao Padre João Teixeira, procurador geral do Maranhão.

E assim mais a fl. 52 do dito livro consta carregar o Padre José Lopes com a dita marca, dez saccas com trinta e sete arrobas e dezanove libras de cacão, e quinze paneiros com quinze arrobas de cravo, a entregar tudo ao Padre João Teixeira, procurador geral.

E para constar o referido passamos a presente, reportando-nos ao dito livro.

Lisboa occidental, 13 de Julho de 1729.— *Francisco de Almada, José Vicente da Costa.*

CARTAS DE PAULO DA SILVA NUNES, Á CAMARA DO PARÁ.

Meus Senhores.— A incuria de não buscarem os Srs. republicos na cidade do Pará, o remedio de que carecem nas vexações e violencias que faz a esses povos, a malicia da ambição particular esforçou mais o zelo e empenho com que sempre desejei o augmento e socego desse Estado, porque fui preso e opprimido dos poderosos para com mais ancia me lançar aos mares neste anno passado furtivamente, e com os documentos que pude adquirir, prostrado nos pés de Sua Magestade lhe fiz presente as ruínas que ameaçavam esse Estado, e a providencia de que necessitava instantemente; e satisfeito o dito senhor de me ouvir, me ordenou lhe expendesse por escripto tudo o que convinha ao augmento e conservação dessas conquistas, o que fiz em uma proposta bem considerada que offereri nas suas reaes mãos, e recebeu com tão benignas demonstrações, que me dão grande esperanza do remedio de que carecemos ha tantos annos, e quicá por sinistros e apaixonadas informações o não gozamos; e como tudo o que represento na proposta são verdades certas e infalliveis, podem todos os moradores desse Estado, porque em nome de todos fiz a dita proposta ter a confiança de para o anno lhe ir redempção, para cujo effeito me demoro nesta côrte, ainda que sem procuração, nem outro concurso da camara do Pará, a quem noticiei o meu embarque e intento delle; porém como o meu zelo foi mais poderoso que o com que obrão indevidamente, proseguí a viagem, do que agora dou a V.mces. parte, não para pedir, mas para dar noticia de que fico na côrte com a mesma ancia com que vim a ella, solicitando a resolução do bem que se implora, que a não ser de tanta ponderação, poderia determinar-se para ir nesta conjunção; mas confio em Deos se completará tudo para o anno, em que pretendo restituir-me á minha casa, que bem sei tera padecido as inclemencias que costumão fazer-se nesse Estado, a quem melhor procede: intentando enviar a V. mces. a cópia da proposta sobredita, achei ser mais util não a remetter em razoes equivalentes, porém asseguro a V.mces. que a conferi com pessoas desta côrte de quem esse Estado todo tem no tempo presente a maior dependencia, a qual a approvou e conveio em tudo nella expendido, sobre que já tenho fallado a Sua Magestade quatro vezes, sahindo em todas mui consolado, e com mais certas esperanças de remedio, de quo já quero ser instrumento para nesse Estado viverem todos com mais gosto para o socego.

1.º Quer Sua Alteza que os das aldeas de repartição não sirvão senão dous mezes continuados, e outros dous estejam em suas aldeas, e depois tornem a servir outros dous mezes, renovando de dous em dous mezes sempre.

2.º Que se os brancos querem Indios por mais tempo, como para cravo, cacão e outros serviços, dá licença aos moradores todos de os tirar das outras aldeas, que não são de repartição dos dous mezes, mas com as condições seguintes:

Para servir a Vossa Magestade só sacrificio uma boa vontade, que desculpa o pouco prestimo que em mim ha. Deos guarde a Vmces.

Em seguida se lê pela mesma letra: A letra desta cópia é de Manoel da Silva de Castro, escrivoão que era da camara naquelle tempo, que poderá reconhecer o secretario de Vossa Magestade e do seu conselho; e eu asseguro e affirmo pelo habito de Christo de que sou professo ser a letra do dito, em fé do que me assigno.—*João da Maia da Gama.*

SEGUNDA CARTA Á MESMA CAMARA.

Meus Senhores,—Supposto que já o anno passado avisei aos senhores desse senado, que lastimando-me de ver padecer todos os povos desse Estado, pelo pouco zelo de muitos republicos delle o deixarem caminhar para o seu ultimo precipicio, me passei a esta côrte sem mais dependencias, que as do remedio de que necessitão agora mais que nunca instantemente para a sua paz, para o seu augmento espirital e temporal, e do desses Indios para o acrescimo das rendas reaes e conservação do mesmo Estado, a cujo fim dei-xei minha casa, mulher, quatro filhos e mais familia, exposta a todo o desamparo, fazendo-me o meu zelo mais attendivel ao bem publico que ao particular della. Agora me parece tambem dar a Vmces. parte do que tenho obrado em seu beneficio, com mais alguma individuação, ainda que não com a que desejo.

Logo que cheguei a esta côrte me prostrei aos pés de Sua Magestade, e lhe representei a summa necessidade e consternação em que se achão esses povos, as causas della, e os meios mais idoneos para atalhar a grande ruina que ameaça esse Estado: tudo em uma proposta que offereci nas suas reaes mãos, e recebeu com boa attenção por lhe assegurar que era a mais util e importante que desde os principios desse Estado, tinha vindo a sua presença sacrificando-lhe a minha vida pelas verdades della em quatorze vezes que lhe tenho fallado

Na dita proposta peço a concessão dos Indios indomitos desses sertões como forros; porém livre e geral conferida nos senados das camaras dessa cidade e da do Pará, como cabeças desse Estado, sem mais dependencia nem sujeição que aos mesmos senados, ouvidores geraes e governadores, além de outra providencia que tambem implora mui precisa para obviar as violencias que actualmente se padecem nesse Estado: tudo dirigido em tal forma, que sinto muito não poder dar a Vmces. a cópia della; porém asseguro a Vmces, que se os despachos corresponderem aos solidos e justificados fundamentos, em que estabeleci a dita proposta como o espero pelo bem assombrado que está, que hão de ter todos esses povos a redempção porque gemem e suspirão ha tantos annos, e se lhes frustra por incuria dos Srs. magistrados desse Estado, e lh'a não procurarem como devião; porque assim como movido somente do meu zelo e conluido do desamparo desses povos tive a fortuna de me ouvir Sua Magestade com boa attenção e de me receber a dita proposta com tão benignas demonstrações, que sempre que lhe fallo, venho dos seus pés muito consolado, a mesma fortuna conseguirá qualquer pessoa que ou tomasse o meu expediente, ou viesse enviado por algumas dessas republicas; porque só quando estas com maduro conselho e união buscão os meios mais idoneos para os acertos, quando assim se lhes furtão, ficão mais desculpaveis as queixas contra a fortuna, e o ruim astro predominante, posto que a sciencia sempre vence a má influencia, e a fortuna se facilita mais a quem a busca por meios competentes, que com projectos desmedidos e inconstantes, de que muitos se queixão a alguns ministros destes conselhos, dizendo não menos que esse Estado parece estar ainda por conquistar. Ora por serviço de Deos, e de Sua Magestade, e do bem commum desses moradores, peço a Vmces. queirão applicar o seu zelo e sciencia para que este nó gordio se desate desta vez.

PRIMEIRA CONDIÇÃO.

Desde o natal do Nosso Senhor até o de S. João, possão os brancos tirar Indios para se servirem ainda seis mezes continuados, desde o natal de S. João até ao de Nosso Senhor, sómente poderão tirar Indios dos que descansarão, não indo fóra a servir os seis mezes passados para se servirem delles sómente dous mezes continuados.

O mesmo serviço peço aos seculares da camara do Pará fação aos povos daquella Capitania, visto que os que servião no anno que eu me embarquei para esta cidade se houverão tão tímidos ou faltos de zelo, que dando-lhe eu parte da razão porque vinha a esta côrte, e dos requerimentos que havia de fazer a Sua Magestade pelo seu conselho de Estado, por onde correm, que pôde com elles mais a lisonja que tributarão ao governador, do que a obrigação dos seus officios, succedendo ainda o mesmo no anno seguinte, porque ainda avisando os do que nesta côrte tinha obrado em seu beneficio, forão logo presenciar tudo ao governador seu adverso, levando-lhe a minha propria carta, o que só senti pelo mal delineado della, e pela desigual correspondencia que comigo usavão; por que quando quizer sem denegar-me (o que lhes não desmerece o meu zelo) sempre devião attender ao bem publico e á sua obrigação, satisfazendo só a esta com me escreverem duas regras do aviso que fazião ao seu procurador que cá tem João de Sousa de Azevedo para me restabelecer os poderes da procuração com que aqui se acha (bem empregada) e que do dinheiro que cá tinha ou tive, porque já o tem convertido em substancia me dêsem 5000 que não recebi nem hei de receber: porque com subsidio tão relevante, mal podia reparar os empenhos que tenho feito com a minha pessoa e dependencias dos requerimentos que a cada passo se offercem sem advertirem tambem, que ainda os justos requerimentos necessitão de luzes que os encaminhem, porque ás cegas não se dá passo sem perigo, e toda a demora que tiverem estes despachos deixo á discreta consideração de V. mces., affirmando-lhe sómente que quem como eu deixou a sua casa, mulher, quatro filhos e mais familia exposta a todo o desamparo pelo bem desses povos, e por elle tem gasto o que pôde e mais do que deve, ainda gastára muito mais se o tivera com todo o gosto, e a mesma que já tenho sacrificado muitas vezes a Sua Magestade, pelo remedio desses pobres vassallos não tendo até agora recebido mais premio que o de duas contas feiissimas que esse bom governo deu ao conselho ultramarino contra mim, a que não derão os ministros nenhum assenso por conhecerem as paixões com que em tudo obra, e terem já visto a limpeza do meu procedimento que tambem fiz presente a Sua Magestade e o desse governador.

Com o secretario de Estado tenho tido duas conferencias particulares sobre a dita proposta que veio para a sua mão depois de muitos mezes que a offereci a Sua Magestade pelo dito senhor a ter mandado ver por muitos ministros de supposição e sua confiança, por eu assim lh'o requerer, antes que a mandasse a seus conselhos e tribunaes, e mostrando eu ao secretario de Estado todas as cartas que tive este anno dessa cidade e da do Pará, me pediu dellas um transumpto que lhe dei, sem os nomes das pessoas, as quaes erão, nem dizer cousa que podesse prejudicar-lhes; porque se satisfez muito de as ver conformes com a proposta, e reparando algumas fallarem em pretos, e em eu nelles não tratar na dita proposta lhe dei razões tão efficazes que m'as admittio e conveio nellas, por não serem os pretos os mais precisos para o remedio desses povos no tempo presente, e só sim mui convenientes os Indios, e para não confundir o requerimento destes com aquelles, que sempre depois tem lugar; e assim escreveu logo o dito secretario em nome de Sua Magestade ao conselho ultramarino que todos os papeis que nelle estiverem do requerimento desses povos, subissem logo, logo para o secretario do Estado e bem assim a devassa geral que nesse Estado tirou o desembargador Francisco da Gama Pinto por eu assim o requerer para mais vir no conhecimento da necessidade desses povos, ficando tudo em termos de se fazer junta de Estado para se tomar a resolução que parecer mais conveniente, a qual ha de assistir o Sr. Bernardo Pereira de Berredo de quem espero um grande voto a favor desses povos pelo grande zelo e amor com que o acho em todas as suas dependencias, o que tudo devem Vmces. e esses povos agradecer-lhe muito, e ainda espero que para o anno lhe darão muito mais.

SEGUNDA CONDIÇÃO.

Que os ditos Índios não se tirarão das aldeas, senão pela propria vontade delles, e de seus principaes, que lh'os hão de dar.

TERCEIRA CONDIÇÃO.

Que das aldeas ditas, estando nellas os seus parochos de residencia não os tirarão senão com beneplacito dos mesinos parochos que os governão, com os principaes, e estes tambem são dirigidos e ensinados

Tenho dado a Vms. a noticia que por hora só posso, e supposto que a minha necessidade tambem me roga peça a Vms. se lembrem della, só procuro occasião de servir e dar gosto a Vms. para o que me acharão não só nesta cõrte, mas em toda a parte sempre com grande vontade.

Deos guarde a Vms. muitos annos. Lisboa, 31 de Março de 1726. — Srs. officiaes da camara da cidade de S. Luiz do Maranhão. De Vms. o mais fiel e zeloso creado, *Paulo da Silva Nunes.*

Meu amigo e Senhor. — Com summa alegria recebo a carta de Vm. pelo seguro que me dá de que logra e a sua familia a saude perfeita que sempre lhe desejo. Fico com a mesma resistindo nesta cõrte ao trabalho excessivo com que solicito os despachos dos requerimentos que offereci nas mãos de Sua Magestade, supposto que já disse a Vm. o anno passado que lastimando do pouco zelo com que muitos senhores dos da governança das republicas desse Estado o deixavão correr a redea solta para o seu ultimo precipicio, me fez passar para esta cidade e para em parte suavisar a Vm. e a todos esses povos o fatal estrago que ou cause o contagio das bexigas que sinto infinito, lhe quero dar com mais alguma individuação conta do mais que tenho obrado.

Logo que cheguei a esta cõrte fui aos pés de Sua Magestade e lhe fiz presente a necessidade e consternação em que se achão esses povos: as causas della, e os meios mais idoneos para atalhar a grande ruina que ameaça o augmento e conservação desse Estado, tudo em uma proposta, que recebeu com boa attenção, por lhe eu assegurar que desde os principios desse Estado ate agora não tinha vindo a sua presença proposta mais util nem mais importante, a qual cópia não enviei a esses senhores por assim ser conveniente e bastar dizer-lhe com a mesma segurança que agora faço, que eu não havia requerer senão o mais util a esses povos, que é a administração dos Índios como forros, porém livre e geral conferida nos senados das camaras dessa cidade e de S. Luiz do Maranhão como cabeça desse Estado. Além de outra providencia tambem muito precisa para se atalharem as vexações que actualmemente se experimentão nessa conquista, e devendo esses senhores confiar de mim esta verdade para usarem comigo a correspondencia que, lhe não desmerece o meu zelo, dando delle parte aos Srs. camaristas, que servião no anno que me embarquei para esta cõrte, me acharão indigno da incumbencia de ser seu procurador, e avisando aos senhores da camara seguinte do que aqui tinha obrado, me acharão tambem com a mesma insufficiencia descartando-se com uma carta que me escreverão para por ella receber nesta cidade, de João de Sousa de Azevedo o substabelecimento da procuração com que cá se acha, e do dinheiro que aqui tem (ou tinha) me havia de dar 500 com condição porém de os gastar em beneficio dos requerimentos dessa republica. Muito tinha eu agora que dizer neste caso; mas só quizera perguntar a esses senhores que despezas inuteis lhe tenho feito nesta cõrte ou fóra della do seu dinheiro, quando até agora me mantenho nesta cõrte e assisto aos requerimentos que offereci em beneficio desses povos com o meu proprio e mais do que posso sem nenhum concurso seu, nem desses senhores mais que tão somente o subsidio dos sobreditos 500, que quicá por me achar já empenhado, e me serem precisos para com elles fazer uns mimos a umas pessoas, de quem me vali, não só para orarem ao secretario do Estado pelos ditos requerimentos como orão, mas por me haverem introduzido com elle; o que era muito conveniente por eu haver recorrido a el-rei pelo seu conselho de Estado, e não pelo de ultramar pedindo a João de Sousa mimos d'esse muito antes da festa do natal, para nella fazer os mimos, me não deu um só real, dizendo-me o não tinha como lá verão esses senhores pela cópia da carta que me foi preciso escrever-lhe, e pela resposta que me mandou que tudo envio. E sendo o dinheiro muito preciso agora mais que nunca para não faltar á correspondencia que devia ás ditas pessoas, como

em tudo dos mesmos parochos, para o que lhes convém, sendo elles tão fracos de juizo.

Nas aldeas porém, onde não residem os parochos, bastará tira-los com beneplacito do principal, somente por vontade dos mesmos Indios, sem escandalisa-los.

QUARTA CONDIÇÃO.

(Que acerca do salario de taes Indios, se guarde pontualmente o seguinte:

não lhe tenho faltado em outras festas, fiz novo empenho não me tendo até agora achado mais que com as muitas despesas e passadas, tanto assim que pedindo a João de Sousa logo que aqui cheguei me informasse de todos os termos em que estão todos os requerimentos que tinham vindo dessa cidade, disse-me elle testemunha nada do conteúdo, dando-me só noticia da certidão que lhe veio da cidade do Porto, dando-lhe eu parte da razão porque vinha desse Estado a esta corte, e mostrando-lhe a proposta sobredita e pedindo-lhe me ajudasse em certas diligencias que lhe a pontei, de nada tratou mais do que entendeu lhe estava melhor, ficando-lhe o pezar de lhe haver dado parte do que até agora tenho obrado, e de que sendo amigo de seu irmão José de Sousa de Azevedo, não poder deixar de fazer este aviso a Vm. como faço á camara, dando-lhe disto uma satisfação em razão de amizade.

Tenho dado a Vm. a conta do que posso por agora, e não a que desejo do que tenho obrado, assegurando a Vm. como a esses senhores, que se os despachos corresponderem como espero aos solidos e justificados requerimentos que tenho feito, que ha de esse Estado ter o remedio, porque os povos gemem e suspirão ha tantos annos, e se lhe frustra por inclemencia de quem o governa e a essas republicas, porque assim como eu tomei a resolução de vir fazer a Sua Magestade a mais fiel representação, sacrificando-lhe a minha vida pela verdade della, fôra aceita com tão boa attenção como agora, sobre a qual tenho faltado ao dito senhor mais de dez vezes, vindo em todas de seus pés sempre muito consolado como ainda o fico pelos bem assombrados que estão os nossos requerimentos, e já em vespas de se lhe deferir para esta monção, e quando nella não vá a resolução creia Vm. que é por causa de não haver cera com que allumie, que se eu a tivera não reparara em a gastar, como até agora fiz, além das passadas, em que não reparava; por que quem deixou sua casa, e familia pelo bem commum desse Estado, pelo mesmo a gastara, que para meu animo não era nada, a que não attendem esses senhores, queixando-se então da sua fortuna.

Eu bem conheço que ha outros ruins, mas tambem não ignoro que a sabedoria vence toda a má influencia, e só no caso que esses senhores buscassem os meios mais idoneos para o seu remedio com maduro conselho e sem a variedade que costumão, quando se lhes frustrasse, então teria mais lugar a sua queixa; e se fizerem reflexão nestas e outras muitas razões, acharão que não têm nenhuma para se queixarem mais que de si proprios, e eu da sua desigual correspondencia, porém o que mais é de sentir é faltar-me a saude, e a graça de Deos, porque só d'elle espero o melhor premio.

Peço a Vm. queira dizer a esse senhores que se as cartas que escreverem a Sua Magestade, as não hão de mandar ao procurador que aqui tiverem para saber o como ha de entrar nos requerimentos, que escusem manda-las e tudo o mais que fôr á bem dessa republica, porque accusando nas cartas que me fizerão, outras que mandavão para el-rei, lendo-a eu ao secretario de Estado, e pedindo-me as ditas cartas accusadas, como as não tinha, as andei mendigando por toda esta cidade, até que apenas fui descobrir uma na mão do Sr. Bernardo Pereira que lh'a fui levar. E finalmente em razão se diz nesta cidade que esse Estado ainda está por conquistar; mas Deos o melhore e para o anno se tiver vida direi a Vm. e a esses senhores a quem hão de dizer a sua redempção, que entendendo não sera a que agora entendem; e não digo mais porque não posso até seu tempo.

Eu na duvida que os despachos não sahirão senão nas vespas da partida dos navios desta cidade para essa, me é preciso ficar ainda este anno nesta corte, por esta razão e pela de não me poder preparar em dous ou tres dias, ou tambem no caso que não saião os despachos, ou não sejam deferidos em tudo o que requeiro; porque tudo é muito preciso á paz desses povos, ao seu augmento no temporal e espirital, e a conservação desse

No quinto ponto das palavras seguintes da carta que assim dizem: e a nenhuma pessoa de qualquer qualidade e condição que seja, se mandarão entregar os Indios que lho couberem na repartição sem depositarem, por si, ou seu procurador, o salario dos mezes que sómente hão de servir, para o que a camara elegerá um depositario abonado, e de confiança, e se lançarão as addições em livro rubricado pelo ouvidor geral que será juiz de todas as duvidas.

1.º Que se deve sem duvida depositar de qualquer pessoa, que seja, o salario antes de se lhe entregar o Indio.

Estado Peço a Vm. queira consolar a minha familia, segurando-lhe que para o anno me recolho sem duvida para minha casa, e veja Vm. se nesta cidade o posso servir, porque nella e em toda a parte me ha de achar certo, e na mesma fórma ao Sr. Antonio da Costa e Fonseca e o Sr. capitão João Caetano, a quem offereço a mesma vontade, e envio lembranças muito saudosas com o mesmo gosto com que Vm. m'as dá suas.

Fiz entrega da carta que Vm. me remetteu, e as que trouxe para o Padre Frei Bento, sem embargo de que tinha dado a primeira via no seu hospício para lhe remetterem, como soube de um seu irmão e de sua mãe que morão aos Passarinhos, lhe entreguei todas as vias, por saber era seu procurador o mesmo irmão, ao qual perguntei pela resposta e me disse a não tivera ainda de Roma, donde as mandara ao dito seu irmão; e por esta causa as não dei agora a quem Vm. me ordenava.

Deos guarde a Vm. muitos annos. Lisboa, 23 de Marco de 1726.—Sr. Clemente Sueiro Palheta, de Vm. muito amigo e captivo. *Paulo da Silva Nunes.*

P. S. Parece-me dizer a Vm. o muito que deve e todos esses povos ao Sr. Bernardo Pereira de Berredo; porque na verdade o tenho achado com grande zelo e amor, e para o anno direi a Vm. com mais largueza a obrigação em que lhe está todo esse Estado,

CARTA DE BERNARDO PEREIRA DE BERREDO AO SENADO DO PARÁ.

Recebo a carta de Vms., e posso assegurar-lhes que este favor que me continúa esse senado na repetição de sua memoria, será sempre bem merecido.

Tenho empregado todos os bons officios para o remedio desso Estado, porém são tantos os negocios do reino, que sendo-lhe a decisão deste tão importante, lhe não chegou ainda a sua hora, comtudo muitos passos se tem adiantado com a boa agencia de Paulo da Silva, que asseguro a Vm. é o melhor procurador que cá podião ter, e assim me parece que Vms. o devem ajudar. Agora trabalha-se em uma grande junta, e como supponho me chamavão a ella espero então mostrar melhor a esses povos o amor que lhes tenho, e se no particular serviço de cada um de Vms. tiver tambem prestimo experimentarão a mesma vontade.

Deos guarde a Vms. muitos annos. Lisboa, 6 de Abril de 1726.—Srs. officiaes do Senado da camara de Belém do Pará.—*Bernardo Pereira de Berredo.*

COPIA DA RESPOSTA QUE DEI AS QUEIXAS DE PAULO DA SILVA.

Senhor.—Duas queixas fazem Luisa Freire Teixeira, Antonio Freire de Vilhena e Paulo da Silva: uma contra o ouvidor geral que foi desta Capitania Francisco G. da Fonseca, por lhe não deferir com justiça e o mais que consta de seus requerimentos, o contra os Padres da Companhia por lhe recolherem no seu collegio o matador Simão da Cunha de Sá.

E como a primeira de se lhe não deferir com justiça aos seus requerimentos era materia que constava de autos, me pareceu mandar ao Dr. ouvidor geral que vendo-os me informasse com o que delle constava, como se vê da portaria e resposta della, que vai pela primeira via, pela qual consta que o ministro obrou com justiça e que não concorreu para a fuga, nem faltou com os despachos á parte queixosa, e que esta materia vai averiguada na residencia do dito ministro.

Emquanto a segunda, feita contra os Padres da Companhia, digo que é verdade que recolherão o tal matador, fugido da cadeia Simão da Cunha de Sá, o que não podião escu-

2.º Que este salario se pague aos Indios no modo dito no segundo ponto; ou outro semelhante que melhor se julgasse, porém sempre depois dos dous mezes, e antes de irem para suas aldéas, se porém não fosse avisado ter fugido do trabalho.

3.º Mande tambem que o dito salario perderá o Indio, todas as vezes que fugir do branco sem justa causa, que será julgada do procurador dos Indios e depositario, e havendo duvida, do ouvidor-geral, ainda que lhe ficassem tres dias para o fim dos dous mezes.

4.º Que os brancos que tirarem Indios das aldéas, que não são de reparti-

sar pelo seu Estado, e por ser permitido a todo o que se vale da igreja; mas é falso o dizerem que o levarão para suas fazendas e menos verdade de que se servem de criminosos, e que os passam a Cayenna, terra de França, como fizeram a Miguel Dourado, o que tal não houve, nem em tempo algum mandarão embarcação a Cayenna, nem para aquella parte, e com a mesma falsidade vão accumulando crimes aos Padres contra toda a verdade, pois nem têm culpa, nem forão causa em tempo algum da diminuição da infantaria, e algum soldado que pedem para assistir com elles nas aldéas para os ajudarem, assistirão sempre com licença de meus antecessores, e alguns com ordem de Vossa Magestade, como nesta presente occasião tenho dito e em outras: e emquanto ás negociações que importão em cincoenta ou sessenta mil cruzados, é tão falso como tudo o mais, nem de suas negociações para tirarem alguns fructos se segue prejuizo á fazenda de Vossa Magestade, porque se colhem estes fructos, pagão com elles o que comprão para as missões, e aquelles a quem dão os ditos generos os embarção e pagão os direitos a Vossa Magestade, e só o que elles embarção é livre, como as mais religiões.

Tambem não acho noticia alguma de que os Padres no seu collegio vendão fazendas, nem o mais que dizem, sendo tudo nascido da maldade de Paulo da Silva, inimigo dos Padres, inquieto e revoltoso, e como sobre estas e semelhantes queixas dou resposta a outra que fez o senado da camara, nella direi o mais e aqui só informo que é tanto tudo contra a verdade todo o requerimento, que as partes só pretendirão que o dito matador Simão da Cunha, sabbise dessa praça, e tanto que sabio e passou para o Brasil ficou tudo sorregado nem o curavão, nem fizeram mais requerimento nesta materia e é o que nella acho com verdade, Vossa Magestade mandará o que fór servido.

Belém do Pará 28 de Agosto de 1722.—*João da Mata da Gama.*

RESPOSTA QUE DEI AS QUEIXAS DO PROCURADOR DA CAMARA EM 1722, QUE SÃO AS MESMAS QUE FEZ PAULO DA SILVA.

O requerimento da camara e do procurador della, feito por paixão particular, e induzido para isto, como estou informado, se deduz a quatro pontos: o primeiro refere a lei de Vossa Magestade; o segundo contém a inobservancia della acerca dos missionarios; terceiro, que os missionarios se fazem senhores absolutos dos Indios, e os não querem dar aos moradores; o quarto, e ultimo que os negocios dos missionarios servem em prejuizo da fazenda real.

Para responder ao primeiro, mandei procurar na secretaria deste Estado a lei que cita esta ordem de Vossa Magestade e o requerimento da camara e de seu procurador que sendo feito em 18 de Julho de 1720, e dizendo que Vossa Magestade foi servido ordenar por carta sua varias vezes, e principalmente o anno passado, que os ministros não fizessem negocios alguns, de via ser a ordem de 1719, nem deste anno se acha a tal ordem, nem nos antecedentes, e para eu proceder em tudo como devo, entendendo que seria ordem especial vinda á camara, mandei ao procurador della que me apresentasse a dita ordem, ou traslado della, e têm andado todos e tes oito ou dez dias sem que appareça, dizendo por ultimo que a tal ordem veio em 1707, e querendo pegar-se a um bando que deitou o Sr. de Pancas para não irem algodões para fora e com o mesmo secretario de Estado, que esta escreve, e com o seu antecessor fizeram todas as diligencias na secretaria, e nos livros se não achou mais que este bando, de que não quizerão usar, que de cór lhe passou um escripto por uma certidão de que se publicara um bando sobre a dita prohibição.

Nestes termos ficou a certeza que allegarão fal o como o fizeram quasi em tudo, e pelo contrario do que allegão acerca da dita lei se acha um capitulo do regimento e lei dos

ção, e não tiverem consigo parochos que residam nellas, darão logo o pagamento, ou depois aos Indios, conforme o concerto que fizerem, e assim do tempo ao qual hão de servir, como da quantidade do salario de seu serviço diante do seu principal.

5.º Que nas mesmas aldêas fóra da repartição onde estiverem parochos, os brancos pagarão aos Indios de taes aldêas sómente o que se costuma pagar aos das aldêas da repartição, fazendo-os capazes para isso os seus parochos, por quanto poderem, e que tambem se depositará o salario em uma

Indios, e é do n. 16 em que Vossa Magestade manda dar vinte e cinco Indios aos missionarios para o exercicio das suas aldêas, os quaes entendido podem occupar licitamente ao que lhe convier, e não mais porque faltarão ao serviço dos moradores e da aldêa,

Os missionarios têm unicamente 35\$ de congrua que se não pagão ha muitos annos nesse reino, de que todas as religiões se queixão, e sendo assim, com que hão de os missionarios comprar canoas e acudir as igrejas, faze-las e repara-las, comprar ornamentos acudir aos Indios doentes e pobres, cobrir com alguma roupa as mulheres para virem com decencia a igreja, fazer entradas nos sertões, e fazer descimentos, pagar remeiros, levar farinhas para os sustentar e para os que trouxerem, se não aproveitando-se dos mesmos Indios, que lhe são concedidos para o seu ministerio, mandando apanhar cravo, cacão ou outra droga com que possam supprir as ditas despesas?

Enquanto ao comprarem machados, facas e os mais generos tudo lhe é necessario para as aldêas e para os descimentos e redução dos Gentios, e se com um machado, uma foice, um masso de missanga e outras drogas podem comprar uma e muitas almas para Deos, porque não hão de ter os missionarios essas drogas para com ellas descerem e reduzirem como tem descido milhares de almas para as aldêas, que tudo se tem consumido.

Enquanto ao segundo sobre a inobediencia dos missionarios ácerca da dita lei, respondendo que não havendo a dita lei como no principio mostro, não se pôde dizer que a não observão, e só acho que os missionarios em virtude do cap. 16 se valem dos vinte e cinco Indios, que por elle lhe são concedidos, e que por elles mandão tirar cravo, cacão, ou outro qualquer trabalho de que tirem alguns effeitos para comprarem os generos de que necessitam para as referidas despesas tão precisas como uteis ao serviço de Deos e de Vossa Magestade.

Achei porém que unicamente o Padre João Lopes e o Padre João Teixeira se serviram de mais Indios do que os vinte e cinco que lhe são concedidos, e mandarão mais algumas canoas com licença de meus antecessores Christovão da Costa Freire e Bernardo Pereira para os ditos Padres se ajudarem e supprirem as grandes despesas que fazião nos descimentos que fizeram todos os annos para a aldêa de Arucurá e para os Bócas; e se meus antecessores podião conceder licença para tres e quatro canoas a qualquer morador, por que a não darião aos Padres para tão santo fim; e ainda quando da occupação destes Indios se não seguia prejuizo ao povo mas utilidade por lhe baixarem mais gente para os servir, e nunca occuparão os cem e cento e cincoenta como se refere na dita queixa.

Enquanto ao atravessar fazendas é falso, porque communmente as offerecem a todos, e muito mais aos Padres conferendo o bom pagamento e certo que lhe costumão fazer, mas isto é peccado da inveja e não zelo do bem commum, pretendendo cada um destes que se lhe dêm todos os Indios das aldêas para o seu serviço particular, e que ninguém mais use delles, e este é o motivo do terceiro ponto da sua queixa, que os missionarios se fazem senhores absolutos dos Indios sem os quererem dar aos moradores, e oxalá que podesse assim ser que não estariam as aldêas despovoadas e destruidas, e as crianças morrendo á fome, se lhe não supprira a caridade dos missionarios, faltando-lhes a assistencia dos pais e das mães occupados no serviço dos moradores e contra o regimento, leis e ordens de Vossa Magestade demorados por muitos annos fóra das aldêas no dito serviço e ainda tirando-os das mesmas aldêas e vendendo-os muitas vezes.

Enquanto ao quarto e ultimo de que prejudica á fazenda de Vossa Magestade o negocio dos missionarios em tirarem cravo e cacão, satisfiz já na outra informação, sobre outra queixa de Paulo da Silva dizendo que os Padres como consta da outra e desta queixa comprão alguma carregação ou os generos dellas que lhes são necessarios e pagão com as

A primeira, é que Sua Alteza ordene que havendo grande falta de Indios de repartição, como agora é, e sendo necessarios Indios para outros serviços, quaes são os dos dizimos, serviços da igreja, fortalezas e de mandar canoas algures, se tirem das aldeas que não são de repartição principalmente dos mais pertos, reservando-se tambem se fôr necessario para estes fins ditos, advertindo porém de não lhes tirar o tempo de seus roçados; aqui no Pará se poderá escolher para isso a dos Bócas.

A segunda, que os Indios officiaes mecanicos, como carapinas, tornei-

capaz de executar as ordens que levar com observancia da mesma lei, e nesta fórma concede Vossa Magestade a todos o que cada um pedia particularmente para si, ficando Vossa Magestade seguro na consciencia, e executando-se na sua lei, e evitados os assaltos, tyrminias e injustiças dos captiveiros, porque vindo estes Indios e sendo examinados na junta das missões, os que forem captivos se repartem pelos interessados, e os que não forem legitimos captivos, e estavam presos e forão resgatados se podem dar de condição para servirem os annos que bastem para supprir o custo que fizerão, e depois de acabados continuarem debaixo da mesma administração, se quizerem voluntariamente, havendo sempre o registro e livros de matricula que acima digo, e as mesmas tropas podem levar a licença e permissão da referida ordem de Vossa Magestade de 9 de Março de 1718 para baixarem por força ou medo aquelles racionaes brutos, que estragão as leis da natureza declarando-se-lhe no regimento que levar o cabo por assento da junta das missões com nomeação positiva as nações que barbaramente se comem uns aos outros e não fazem differença de mãe a filha; porque só estas oprimidas na ordem de Vossa Magestade, e ao depois declaradas por seus nomes na junta das missões serão unicamente as que as mesmas tropas de resgates possam hixar por força. Estes se poderão tambem repartir para o serviço dos moradores que fizerem a despeza, principalmente para os senhores de engenho e lavradores, para viverem debaixo da sua administração, pagando-lhe e não usando mal delles, e trazendo-os todos os annos a passar mostra na presença da junta das missões, onde apresentarão certidão dos que morrerem ou dos que fugirem na fórma que lhe fôr possível, declarando-se-lhes que se usarem mal dos forros lhe hão de ser tirados e castigados asperamente, e para que não haja mais assaltos nem captiveiros injustos, é necessario que Vossa Magestade imponha pena de morte e confiscação d' bens a todo aqu'elle que da publicação e concessão de Vossa Magestade por diante fôr ao sertão assaltar ou fazer captivos, e que os que concorrerem para isso serão presos, e degradados, e perderão os privilegios de cidadãos e os mais que tiverem em si e em seus filhos.

Bem sei, Senhor, que esta minha exposição parecerá larga e enfiadonha pela má composição della, mas assim despidida é cheia de verdade e zelo, e feita à pressa entre o labyrintho e confusão em que me acho pelas muitas materias em que lido para dar execução e responder ás ordens de Vossa Magestade; mas entendendo que os dous meios que aponto para emenda do passado e para remedio do futuro, são os unicos e mais ajustados ás leis, ordens e disposições de Vossa Magestade, e nesta, como em todas as mais sendo vistos e melhor ponderadas pelo zelo, letras e talentos dos grandes ministros de Vossa Magestade que determinará e mandará o que muito fôr servido.

Belém do Pará, 27 de Agosto de 1722.—*João da Maia da Gama*.

Diz Jeronymo Vaz Vieira, procurador de João da Maia da Gama, governador e capitão general que foi deste Estado, que para bem de sua justiça lhe é necessario uma certidão dos livros da fazenda real e dos resgates de quantas peças se resgatário e vierão a esta cidade do Pará para se repartirem pelos moradores desde o anno de 1722 até o de 1728, que foi o tempo do seu governo, e de quanto rendêrão os direitos de todas as peças e cravas resgatadas na fórma que Sua Magestade manda assignar para a fazenda real como para a applicação que Sua Magestade faz dos taes direitos para os descimentos e fornecimentos das aldeas; portanto peço a Vm. Sr. provedor da fazenda real seja servido mandar que o escrivão dos contos lhe passe por duas vias uma certidão authentica de tudo o que na verdade constar.

Despacho.—P. do que constar dos livros e inventarios que se fizerão das ditas peças.

Belém do Pará, 19 de Agosto de 1720.—*Vasconcellos*

Alexandre Camello Azevedo, escrivão dos contos nesta Capitania-mór do Grão-Pará. Certifico aos que a presente certidão virem que revendo os livros que servirão de receita

ros, canoieiros e outros, não sejam obrigados a servir a pessoas fóra de suas aldeas, e sómente poderão ser obrigados em cousas, ou serviços reaes, ou de igrejas; mas, sómente tenham direito de não serem occupados nos tempos de seus roçados, e nos tempos que são necessarios para suas aldeas, pois como são pouquissimos agora, e se forem muitas se devem fazer por industria dos parochos; declare Sua Alteza, que estas assim feitas por industria dos parochos, não se tirem senão com beneplacito dos mesmos parochos nos tempos convenientes, que não fação falta a suas aldeas, e a von-

aos thesoureiros da fazenda real dos resgates, Antonio Teixeira Lisboa e Balthazar do Rêgo Barbosa, e os das receitas do almoxarife que foi da fazenda real Domingos Serrão de Castro e as listas e termos das entregas das peças escravas de resgates que se resgataram desde o anno de 1722 até 28 de Agosto de 1728 e chegarão a esta cidade do Pará, vindas das tropas de resgates, que expedio João da Maia da Gama, sendo governador e capitão general do Estado do Maranhão, de que pagarão direitos as pessoas a quem se repartirão e pertencião as ditas peças achei o seguinte da tropa de que foi cabo o capitão de Infantaria João Paes do Amaral, chegarão a esta cidade cento e setenta peças, que se repartirão em camara, as quaes pagarão de direito á fazendas de resgates 510\$ a razão de 3\$ cada peça; e destas pagarão a fazenda real 69\$ de direitos de vinte peças. Da tropa de que foi cabo o capitão Leandro Gemaque de Albuquerque, chegarão a esta cidade setenta e duas peças, que também se repartirão em camara, de que pagarão direitos as pessoas com quem se repartirão 216\$ á fazenda dos resgates e outra tanta quantia á fazenda real. Chegarão mais a esta cidade tres mil e vinte e tres peças de pessoas particulares resgatadas nas duas tropas acima declaradas, e nas tropas da cidade de S. Luiz do Maranhão na da villa da Vigia e outras escoltas mais, que pagarão os direitos á fazenda dos resgates 9:39\$ e a fazenda real 4:008\$, por só destas pagarem a fazenda real de direito mil e quinhentas e trinta e seis pessoas. Vierão mais a esta cidade trinta e uma peças de resgate, as quaes se venderão em praça, e importarão os direitos dellas para as fazendas dos resgates 83\$ e o preço por que forão rematados 1:321\$, que se carregarão ao thesoureiro dos resgates, donde se mostra haver-se carregado em receita dos ditos thesoureiros dos resgates os direitos de tres mil duzentas e noventa e seis peças, que tantas forão as que chegarão a esta cidade, que importarão em 9:880\$ e assim mais a importancia das trinta e uma peças, que se venderão por 1:321\$ que acima se declara, que junto faz tudo a somma de 11:309\$, e é o que locou á fazenda dos resgates. Ao almoxarife que foi da fazenda real Domingos Serrão de Castro lhe forão carregados os direitos de mil seiscentas e vinte e oito peças, que importarão para a fazenda real 4:884\$, como tudo se mostra dos livros e mais papeis acima declarados, por onde passei a presente certidão, aos quaes me reporto em tudo e por tudo nelles contido.

Nesta cidade de Belem do Grão-Pará, aos 24 do mez de Setembro de 1729.—*Alexandre Camille de Azevedo.*

REPRESENTAÇÃO DOS MORADORES DO ESTADO DO MARANHÃO.

Senhor,—Representão a Vossa Magestade os moradores do Estado do Maranhão, por seu procurador, que sendo servido o serenissimo rei o Sr. D. Pedro, que Deos tem em gloria, pai de Vossa Magestade, conferir a administração dos Indios forros das aldeas, ou missões do dito Estado, aos prelados-môres das religiões que ha nelle, dando-lhes a jurisdição temporal e politica do governo economico das ditas aldeas, ordenando também que os mesmos Indios se dividissem em tres partes; uma para o serviço da aldeia ou missão, outra para os moradores extrahirem dos sertões as drogas de cacão, saba, cravo, em cujos direitos consiste uma grande parte das rendas reaes, tanto naquelle Estado, como nas alfindegas deste reino; e a outra parte, para subsistir na mesma aldeia, para esta se conservar e não destruir, e para acudir em qualquer incidente ao serviço real na falta dos outros: os ditos prelados e os missionarios seus subditos, cumprem tão mal a sua obrigação, neste encargo, que se lhes conferio, como é publico, e notorio naquelle Estado, e já nesta côrte de que resultão gravissimos damnos, ao bem commum espirital e temporal dos Indios, e brancos, e á fazenda real de Vossa Magestade, que Vossa Magestade deve acudir por serviço de Deos e seu.

ta de dos mesmos parochos; e finalmente quo não sirvão mais que os seis mezes com os mais Indios, em diversos tempos, ou só no inverno.

A terceira, que sómente aos que governão as aldeas, pertence dar para serviços de grandes necessidades unicamente mulheres, meninos, ou meninas, e não a outras pessoas, porque só elles sabem os que se podem, e devem dar; e que das mulheres se dêm, ainda que sejão para o serviço de dous mezes sómente as desobrigadas, cuja ausencia não faz damno a suas roças, e criações, e cabedaszinhos ao juizo dos parochos.

Porquanto os ditos missionarios e seus prelados, usão da dita administração temporal tão despoliticamente, que se aproveitão dos Indios das missões, não só da primeira parte, mas também da segunda e terceira para as suas negociações particulares de tal sorte, que mandando os governadores e capitães generaes daquelle Estado, buscar Indios às aldeas, para as expedições do serviço real, umas vezes lh'os não dão os missionarios, e outras muito menos dos que lhe podem, e da mesma sorte aos moradores, por terem lh'os fora das aldeas, e mettidos nos matos em partes occultas, d'onde os mandão ao negocio do cravo, cacão e salsa dos sertões, e para outras fabricas e lavouras, que têm nas missões, e junto dellas, e nas fazendas dos seus conventos, e collegios.

Isto se verifica que sendo os moradores da Capitania do Pará, pouco mais de oitocentos, não chegão a tirar estes cada anno dos sertões, cinco mil arrobas das ditas drogas, e os missionarios, sendo sómente quarenta e tantos, colhem mais de trinta mil arrobas; tendo cada arroba de cravo e salsa naquelle Estado, o preço certo de 3\$400 rs., e a de cacão de 3 7600 rs.; pagando esta de direitos 400 rs. e aquellas 600 rs. aos rendeiros, que tomão as rendas reais no dito Estado; e como nelle lhes não pagão os missionarios os ditos direitos das drogas de cravo, salsa e cacão, que colhem dos sertões, nem das muitas mil arrobas, que embarcão para este reino; especialmente dos missionarios da Companhia, por não do seu procurador das missões, também Padre da Companhia, debaixo da marca do seu collegio, nem também na casa da India, e mais alfandegas desta cõrte, como dellas constará, nem também pagão dizimos a Vossa Magestade, como pagão os moradores, das grandes lavouras e fabricas, que os ditos Padres têm nas fazendas dos seus conventos, collegios e nas missões junto dellas. Esta é a causa, e a razão, porque as rendas reais naquelle Estado estão tão diminutas, ha cento e quatorze annos, que apenas chegão para o pagamento dos filhos da folha, achando-se as fazendas dos conventos e collegio do dito Estado, tão opulentos de cabedacs pelos muitos Indios trabalhadores, que mandão para ellas das missões, em prejuizo do bem commum, para que não attendem.

Não havendo meios que não descubraõ os missionarios, principalmente os da Companhia para augmentar mais os seus interesses particulares, porque além do grande numero das mil arrobas de cravo, salsa e cacão, e de outras drogas, que embarcão para este reino, onde não pagão direito algum, nem naquelle Estado, como também das feitorias de asucar, de madeira, de canoas de 100^l, 200^l e 300^l cada uma; de farinha de pão, de breus, estopas, de peives, de carnes, salgados, de tartarugas, de manteigas, de mel, de baunilhas, de rede de algodão, que lavrão nas missões, de cascos de tartarugas, e outras fabricas at' de algodão, que lavrão nas missões, e dão a fiar às Indias dellas por tarefa, com ameaças de castigo se lhes faltarem, em tecer o fio em grande numero de rolos de panno; tudo com os Indios das missões, e para vender aos moradores.

Pasando muito mais adiante; a sua ambição, porque do procedido destas fabricas lhe resultão mui crescidas ganancias, como das mais negociações que fazem, para o que mandãoir deste reino muitas partidas de fazendas, comprando outras muito maiores naquelle Estado aos commissarios que vão desta cõrte, pondo-as a vender publica e notoriamente naquellas cidades, villas e aldeas, e nas mesmas missões; e o que mais é, nos mesmos collegios, parecendo estes, e as missões do dito Estado, mais casas de tratos e contractos ou alfandegas de commercios, do que seminarios, ou oratorios espirituaes, como é publico, naquelle Estado, e escandaloso. E porque os moradores lhes volão este máo exercicio, pelo máo exemplo que dão, lhes têm os missionarios, e os seus prelados tão grande aversão, que não surgão em buscar modos de vingança para aquelles, que lh'os estranhão, accumulando-lhe muitas vezes crimes phantasticos, para que castigando-os os governadores, e outros miuistros de Vossa Magestade, os deixem viver mais livremente; do que se

Que as mulheres que hão de dar de mamar, não estejam mais que dous annos fóra da aldea, quando seja necessario, assim para a criança que mama, e que as outras mulheres de serviço não sirvão senão dous mezes continuados, e em casos de grandes necessidades sómente a juizo dos parochos, um anno, e não mais.

Que dos meninos e meninas se dêem sómente os orphãos e orphãs, o não os que têm pai ou mãe, salvo se o mesmo pai ou mãe de sua vontade os largassem; mas que não passem um anno, o estarem fóra de

segue além dos damnos referidos, outros muito mais perniciosos ao bem espirital e temporal dos Indios, e brancos, os quaes não expendem os supplicantes por não parecerem apaixonados, sepultando-os com o zelo de catholicos na modestia do silencio; e tambem em attenção á real pessoa de Vossa Magestade, por mais que a magoa os verifique, pois só sendo muito precisos os mostrarião claros, como os são naquelle Estado, de que o procurador dos supplicantes tem largas instrucções e experiencias infalliveis.

Mas entendem os supplicantes, que não será necessario mais clareza para a real comprehensão de Vossa Magestade, e como monarcha tão catholico, e amante dos seus vassallos, mandar por serviço de Deos e seu, que os ditos prelados e missionarios não usem mais da administração temporal dos Indios das missões, pelos grandes inconvenientes que se seguem; e só liquem com a jurisdicção espirital, que d'antes tinham: porque como os governadores, e capitães generaes naquelle Estado, não têm jurisdicção coactiva, para conhecer os procedimentos dos missionarios, nem dos seus prelados para os castigar; por mais que Vossa Magestade lhe encarregue no seu regimento, a conservação e augmento do dito Estado, o não poderão obter como nunca puderão os seus antecessores, ha cento e quatorze annos; por terem a jurisdicção coactiva nesta parte, que é a mais essencial para este fim, o que conhecendo os missionarios, faz com que obrem tão livremente, como se refere.

Esquecendo se do augmento espirital dos Indios das missões, de sorte que d'venda ensinar-lhes a lingua portugueza, e alguns a ler para perceberem com mais clareza a doutrina evangelica, e se fazerem mais trabalhos e melhores vassallos de Vossa Magestade, os conservão só com a lingua, a que chamão geral naquelle Estado, que differem um pouco da bruta linguagem, com que sahiam dos sertões, e o que os imitam tambem os moradores, que não podem obriga-los a aprender a lingua portugueza, sem especial ordem de Vossa Magestade; porque sem ella lhes fugirão para as missões, donde os missionarios os conservão sem quererem restitui-los a seus amos, cuja desordem não podem remediar os governadores, nem os mais ministros de Vossa Magestade, pela ampla jurisdicção, que têm os missionarios, e os seus prelados, não só nos Indios das missões, mas tambem nos dos moradores.

E por não serem os supplicantes mais difusos, e incluem esta representação, assegurando a Vossa Magestade como leaes vassallos, que enquanto Vossa Magestade não transferir toda a jurisdicção temporal, que tem os ditos missionarios, e seus prelados, no governadores, e capitães-generaes, de quem liasse o augmento e conservação do dito Estado, nunca nullo haverá socorro, nem augmento; porque, como os missionarios, nem os seus prelados, dão residencia a Vossa Magestade dos seus procedimentos, como a dão os governadores, e mais ministros seculares; obrão estes no serviço de Deos, e de Vossa Magestade, com mais zelo ou por amor do premio, ou por temor do castigo, a que não atendeu os missionarios, nem os seus prelados, e por isso obrão tão livremente.

E para cessarem tantas perturbações, deve Vossa Magestade por serviço de Deos e seu, mandar que os ditos missionarios, nem os seus prelados, usem mais da jurisdicção que têm dos Indios, quanto ao temporal, e que fique n só com a espirital que tinham d'antes, e que ensinem aos Indios das missões a lingua portugueza, como tambem aos moradores, aos que têm livres ou escravos, pelos bens temporais, que resultão aos Indios, e ás repúblicas daquelle Estado, de a sabrem dentro em cinco annos: que os governadores e capitães-generaes, ponhão nas aldeas das missões cabos portuguezes, brancos casados, e bem procedidos, para que estejam nas mesmas aldeas, com seus filhos, e mulheres, o assistão aos Indios nas suas doenças, applicando-lhes alguns soccorros medicinaes, por não haver quem l'os applique, morrem muitos ao de-amparo; e para que tambem cumprão as or-

suas aldeas, porque sentem muito os Indios, ver fóra de suas casas, as mulheres, meninos, e meninas.

A quarta, que assim como se assegurou o salario dos Indios de repartição, assim tambem se assegure, o das mulheres, meninos e meninas. Um meio para isto, póde ser o seguinte :

A's mulheres que servirão dous mezes. se dê logo antecipadamente o seu pagamento de dous mezes. A's que servirão um anno, se dê logo a metade do seu salario, como são doze varas de panno, e as que servirão

dens e regimento, que lhe fôr dado, com comminação do premio e castigo, que merecerem, o que se não póde executar com os missionarios, nem com os seus prelados; e por esta razão obrão os excessos já referidos, e outros muitos, que necessitam de remedio prompto e effcaz, para que não passem a mais. Vossa Magestade mandará o que fôr servido, que os supplicantes fazem o que devem, como bons vassallos. — *Paulo da Silva Nunes.*

Despacho.— Veja-se no conselho ultramarino e consulte-se o que parecer com effeito.

Lisboa occidental, 12 de Abril de 1729. Assignada por Sua Magestade que Deus guarde.

Senhor.—Os povos do Estado do Maranhão representão humildemente a Vossa Magestade, por seu procurador, que attendendo Vossa Magestade á repetição dos seus clamores, no lastimoso estado a que os tinha reduzido a falta de servo; foi servido resolver por carta de 9 de Março de 1728, que ainda coactivamente se podessem fazer descimentos de Indios forros, para fornecimento das aldeas, com a tão catholica, como generosa intenção, de que dellas sejam socorridos abundantemente, todos os moradores daquellas conquistas, para a fabrica de suas lavouras, de que tambem resultão os direitos á fazenda de Vossa Magestade: porém o governador Bernardo Pereira de Berredo, vendo que deste modo continuarião os mesmos clamores, porque ainda que houvesse abundancia de Indios nas ditas aldeas, nunca chegarião para a repartição do serviço particular dos moradores, por serem todos necessarios para a extracção das drogas do sertão, e serviço real, e das missões, convocou uma junta em que se resolveu, que sem escrupulo podia livremente Vossa Magestade estender a mesma concessão, permitindo, que os laes descimentos se podessem tambem fazer para a administração dos moradores, com as clausulas e limitações, que assegurem bem a liberdade dos mesmos Indios, como se mostra claramente de todo o conteúdo do assento, que se tomou na dita junta; o qual sendo presente a Vossa Magestade, foi servido mandar passar novo decreto, para acudir á necessidade daquelles povos, em resolução de 13 de Abril de 1728: mas querendo da-lo á execução o novo governador Alexandre de Sousa Freire, achou para elle tantas duvidas, que para explicar, se vio obrigado a formar outra junta, de que resultou o novo assento: cuja cópia põe o dito procurador na real comprehensão de Vossa Magestade, com as novas representações, de que estas providencias não são ainda aquellas, que bastão para o remedio daquelles moradores: porque é sem duvida, que não farão cessar as continuas perturbações, em que os costumão pôr os missionarios das aldeas, e o que só o podem conseguir na justissima pratica do assento, que se tomou em junta das missões, que convocou Bernardo Pereira de Berredo, que com todos os mais papeis de que faz menção o dito procurador, offerece elle, na presença de Vossa Magestade, que attendendo a autoridade publica e serviço de Deus e seu, seja servido mandar que o dito assento, que tomou em junta o dito governador Bernardo Pereira de Berredo, se observe como lei, para que de uma vez se ponha fim a todos os clamores daquelle Estado.

Despacho.—Veja-se no conselho ultramarino, e com effeito me consulte o que parecer.

Lisboa occidental, 12 de Abril de 1729. Assignada por Sua Magestade que Deus guarde.

COPIA DO TERMO QUE SE FEZ EM JUNTA DAS MISSÕES NO ESTADO DO MARANHÃO, SOBRE A FORMA DOS DESCIMENTOS DOS INDIOS DAQUELLES SERTÕES PARA OS ENGENHOS E MAIS FAZENDAS DOS MORADORES DO DITO ESTADO.

Aos 20 dias do mez de Março de 1719, nesta cidade de Belem do Grão-Pará, convocou em seu regencial palacio, o governador e capitão general deste Estado do Maranhão, Bernardo Pereira de Berredo, uma junta de missões a que assistirão, o Dr. Francisco

dous annos, se dê logo vinte e quatro varas de panno, metade do seu pagamento, para que se sirvão delle no tempo, que estiverem na casa do branco, no cabo de um ou de dous annos, áquellas se dêm outras doze varas de panno, e á estas outras vinte e quatro.

Aos meninos, que se dão para um anno, e ás meninas, vestirá o branco, e a alimentará, e no cabo do anno, aos meninos se darão tres varas de panno, e ás meninas quatro, e os brancos terão obrigação de restituir na aldêa as sobreditas pessoas, acabado o tempo de seus serviços, fazendo constar ao seu parochó o salario, que se lhes deu.

Galvão da Fonseca, ouvidor geral desta Capitania; o superior da Companhia de Jesus Manoel de Seixas; o Padre Vigário provincial do Carmo Frei João Coelho; o Padre commissario da provincia de Santo Antonio, Frei Paulino da Madre de Deos; o Padre vice-commissario da religião mercenaria, Frei João Pacheco; o Padre commissario da provincia da Piedade, Frei Francisco de Portel; e o Padre mestre Frei Victorianno Pimentel, religioso carmelita; todos deputados do dito tribunal, a que só faltou por ausente, o Padre commissario da provincia capucha da Conceição; e que apresentando-lhes o dito governador e capitão general, a carta que Vossa Magestade, que Deus guarde, foi servido expedir pelo conselho ultramarino, em 9 de Março de 1718, em que declara a fórma com que se podem fazer os descimentos de Indios para as aldêas, e ordena, que seudo Tapuyas bravos, andando nus, não reconhecendo rei nem governo, e não vivendo com modo, e fórma de republica, atropellando as leis da natureza, sem fazerem differença de mãe a filha, para satisfação da sua lascivia, comendo-se uns aos outros, sendo esta gula a causa injustíssima das suas guerras, e ainda fôra dellas, o que os excita a frerharem os meninos innocentes, se possam obrigar por força e medo, a que desçam do sertão para as aldêas, a se o não quizerem fazer por vontade, em contemplação do que propoz o dito governador e capitão general a dita junta, que entrava no governo deste Estado, com grande zelo, como a todos era notorio, de servir bem e zelosamente a Sua Magestade; e a sua principal auctia, era augmentar-lhe as rendas e direitos da sua real fazenda, ainda os particulares interesses de toda a republica; e que como achava dezanove engenhos de fazer assucar, tão desservidos da gente necessaria para a sua fabrica, que só em cinco ou seis mediamamente se fazia, propunha em ordem a lhes acudir, e fazer moer mui importantes tarefas, e ainda além destas promover nos menos favorecidos de cabedaeas, outras utilissimas lavouras de anil e tabacos, de que podem resultar mui consideraveis lucros á fazenda real, e aos moradores deste Estado; se poderão descer para outros engenhos, e fazendas, os já descriptos e mencionados Indios, como Sua Magestade os mandava descer para as aldêas, sem perda e prejuizo de sua liberdade; e respondendo cada qual dos deputados por seu turno, e discutindo entre si este ponto, afim de soccegar cada um o seu escrúpulo, assentando por indubitavel principio, em que se não pôde viver neste Estado sem Indios, e que os aldeãos por mais que sejão, nunca podem chegar pelos muitos, que são necessarios para a colheita do cravo e cacão, tropa de guerra, assim nesta Capitania, como na do Maranhão, guarnição das fortalezas e mais serviço real, em ambas as partes, em razão de que não podem bem servir aos moradores, e attendendo a que estes, para se remediarem, e viverem os obriga muitas vezes sua mesma necessidade, a fazer nos sertões frequentes desatinos, e deploraáveis insolencias, que se não podem nem poderão jámais cohibir, por mais que os governadores, e ministros se empenhem em o fazer. Para ver pois, se por este caminho se acha remedio a tanto damno e desconcerto; uniformemente votarão todos, que se os já descriptos e mencionados Indios, se podem descer para as aldêas com algum medo e força, se desçam na mesma fórma para os engenhos e fazendas dos moradores; porque ali estando sempre de assento e restrictos a um só lugar com suas mulheres e filhas, sempre a par de si, pôde ser que estejam menos violentados, que nas aldêas, onde o mais do tempo andão sempre volantes, expostos a soffrerem diversos genios e tratamentos, que faz mais rigorosos a duvida de se tornar a servir com elles, e se nas aldêas os obrigão actualmente a servir a todos independentes da sua vontade; só pela applicação que delles faz o governo ou missionario, não parece repugnante á liberdade, que sirvão a um particular, tendo elles servidão, por nunca aspirarem a melhor estado, possessão de bens ou trato politico, mórmente quando esse a quem hão de servir

A quinta, que Sua Alteza encomende muito ao governador, que dê um procurador aos Indios, favorecendo-os muito em todas as cousas concernentes ao bem delles, para que os defenda dos aggravos e injustiças principalmente, que se lhes faça gozar das mercês, que Sua Alteza lhes faz, em suas leis e ordens; e que este procurador seja eleito d'entre delles mesmos, com approvação dos Padres, um para cada cidade do Estado.

Que feitos ajuntar os principaes das aldeas, assim de perto, como de longe, quanto commodamente poder ser, lhes manifeste o governador as ordens de Sua Alteza, principalmente que o governo delles está nos mes-

lhes ha de dar bom trato, pagar seu estipendio, como aos aldeãos, tendo-os sempre na estimação de libertos, reconhecendo, que o seu serviço não é nascido de dominio, que tinha nelles, mas originado da applicação, que delles se faz, por ordem de Sua Magestade; e para os Indios terem pleno conhecimento de sua liberdade, e descidos que forem, ou à custa da fazenda real, ou dos moradores, que voluntariamente offererem fazer essa despesa à sua custa, sem que dahi lhes provenha algum juz no serviço destes Indios; antes de se applicarem por disposição do general ou da junta das missões, sera eleito nellas um procurador geral, secular ou ecclesiastico, qual melhor parecer, e mais conveniente fôr, ao bem dos mesmos Indios, o qual tenha um livro, em que os matriculem todos os seus nomes e divisas, e tenha cuidado e obrigação de os visitar todos os annos, não só para saber do seu bom trato e pagamento, mas também dos que nascêrão, para darem entrada no livro da matricula, e dos que fallecêrão, para se lhes dar baixa, e de tudo o que acabar dar informação aos prelados das religiões, de cujos districtos forão descidos, para como seus protectores, que sempre ficarão sendo, lhes procurem por intervenção do general, ou da mesma junta, o remedio mais util a qualquer incidente, que se entender, que repugna à sua liberdade, ou para se mandar, ou para se applicarem a quem não use mal desta real concessão; e para melhor se evitar a confusão destes Indios libertos, e alguns, que os moradores possuem legitimos escravos, serão estes registrados nos livros da fazenda, assim como aquellas, no sobredito livro da matricula; impondo-se pena capital, e confiscação de bens a toda a pessoa, que vender ou comprar, ou alienar por qualquer titulo ou principio Indio ou India que não sejam legitimos escravos de guerra ou resgate, e se não achar registrados nos ditos livros da fazenda; e fallecendo as pessoas, que se tiver feito esta real concessão, não ficarão seus herdeiros por direito de successão gozando esta mercê; mas o general, ou a junta, fará nova applicação dos taes Indios, attendendo à capacidade e agencia dos successores, e vontade dos mesmos Indios, que sempre serão entregues por termo, que se lançará no livro da matricula, em que se obrigarão a todas as condições aqui declaradas; como também a dar-lhes todo o pasto espiritual n'os engenhos, onde sempre ha grande numero de pessoas por meio dos capellães, que sempre devem ter nas fazendas pela forma que são obrigados a suas proprias familias, ficando uns e outros, sendo freguezes dos parochos ordinarios, e só para zelar a sua liberdade, estarão sempre debaixo da protecção dos prelados das religiões, de cujos districtos forem descidos; e de como assim o disserão e votárão, se mandou fazer este termo, que todos assignarão. E eu Antonio Rodrigues Chaves, secretario de Estado o escrevi. — *Bernardo Pereira de Berredo, Francisco Galvão da Fonseca, Manoel de Seixas*, superior das missões da Companhia de Jesus; *Frei João Coelho*, Vigario provincial; *Frei Paulino da Madre de Deus*, commissario de Santo Antonio; *Frei João Pacheco*, vice-commissario; *Frei Francisco do Portel*, commissario da Piedade; *Frei Victorianno Pimentel*.

CÓPIA DA LEI DE SUA Magestade, DE 9 DE MARÇO DE 1718, SOBRE OS DESCIMENTOS DE INDIOS DOS SERTÕES, PARA AS MISSÕES DO MARANHÃO.

§ 1.º Por uma ordem de Sua Magestade de 9 de Março de 1718, a requerimento de Christovão da Costa Freire, e por informação do Padre Ignacio Ferreira da Companhia de Jesus, foi mandado, que se os Tapuyas fossem tão barbaros, que vivessem abstrahidos e separados da politica racional, e frechando-se uns aos outros, para mantimento da sua gula, sem fazerem differença de mãe a filha, para o pasto da sua lascivia, se podessem estes taes Indios descer do sertão, ainda que violentados, por não quizerem fazer volun-

mos principaes, mas porque não tem todo o juizo necessario para isto, que Sua Alteza lhes dá os Padres, para que por elles se governem obedecendo em tudo, que os Padres lhes disserem, e que delles recobão os paternaes castigos, que são necessarios, e que as mesmas praticas inande fazer pelo procurador dos Indios nas aldeas, e sertões, em companhia dos Padres, uma ou mais vezes conforme os Padres julgarem ser necessario.

Que tendo noticia de pessoas brancas irem pelas aldeas, e fazer praticas differentes das ditas, ou de outro modo ruins, de irem tirar das aldeas In-

tarios; indo um missionario acompanhado de alguns soldados para defensa de sua pessoa a fazer os ditos descimentos. Agora foi servido novamente expedir um decreto, por onde ordena se fação estes mesmos descimentos por aquelle modo com a differença ou dictamento, de que assim como naquella primeira ordem mandava baixar os Indios para as aldeas; por esta concede a faculdade de que se tragão não só para ellas, mas para se repartirem pelos moradores, senhores de engenho, lavradores de canna, e roças; e que esta repartição se faça pelo Bispo, ou governador do Bispado, ou ouvidor geral, vereador mais velho da camara, e os prelados mais superiores das religiões, ou governadores e capitão general do Estado. Advertindo, que na tal repartição manda arbitrar o tempo da servidão dos Indios, para que se distinguão dos que são escravos, que no serviço de seus senhores ficio para sempre; como tambem manda, que se attenda igualmente a utilidade dos moradores, por que se repartirem.

§ 2.º E como é razão que com maior pontualidadé, todos os que tivemos a fortuna de ser vassallos do sobredito senhor, observem as suas reaes leis e ordens; devo eu, como governador e capitão general do Estado, ser o primeiro, que as mande praticar na forma seguinte, quando os mesmos adjuntos, que o dito senhor manda ouvir, lhes pareça o mesmo, por não ficar frustrado o beneficio, com que realmente piedoso, attende á comodidade de todos os seus vassallos, que tem neste Estado.

§ 3.º Toda a pessoa, que necessitar de Indios para o seu serviço, e para as lavouras, devem de me fazer uma petição, em que declare os Indios, ou casas delles, de que necessita, e averiguada por mim e demais adjuntos, que o dito senhor mande, para votar nesta materia, se têm ou não necessidade de todos os Indios, que pede, lhes concederei licença para descirem os Indios, que lhes forem necessarios, na forma das ordens sobreditas do mesmo senhor; e como tambem ordena no cap. 12 do regimento, e leis das missões deste Estado, que os Indios entrem a servir de idade de treze annos inclusive, até á de cincoenta annos, este será o tempo prefixo, que se dará aos ditos moradores, por quem os ditos Indios se repartirem em que se possam servir delles; advertindo tambem, que os filhos nascidos destes mesmos Indios, hão de ser forros, assim e do mesmo modo, o que são seus pais, depois da mencionada idade de cincoenta annos, para irem depois della assistir á parte donde quizerem, ficando os taes moradores obrigados a doutrina-los, e ensinar-lhes a lingua portugueza, como tambem alguns officios mecanicos, e em que possam servir de utilidade a republica, como Sua Magestade tem ordenado ao governador em carta.

§ 4.º E logo que os moradores baixarem os Indios, assim por elles repartidos os apresentarão na casa da fazenda real, para serem matriculados em um livro, que para isso terá o escrivão della, e será rubricado por mim e por todos os meus successores; como tambem em outro livro, que tambem terão os superiores das missões; com o que me parece tem cumprido com as ordens de Sua Magestade, que Deos guarde.

§ 5.º Porque indo buscar-se nesta forma os Indios ao sertão, executa-se o descimento por autoridade publica, repartindo-se pelos moradores, arbitrado o tempo, que os hão de servir, e attende-se á utilidade dos mesmos moradores, que é o que Sua Magestade intenta nesta ultima ordem, e tem tambem os mesmos por quem se repartem por este modo os Indios, até á idade de cincoenta annos, tempo de os instruirem na doutrina christã, na lingua portugueza, e na pratica dos officios mecanicos, em que sirvão a republica; que é o que se não conseguiria, se em menos tempo de obrigados, supposta a ociosidade natural desta gente, ficassem livres para vagarem por onde lhes parecesse, mas serão obrigados os moradores a sustenta-los e a vesti-los, pagando-lhes por esse modo o seu trabalho, visto que os hão de servir como forros, e não como escravos.

§ 6.º E porque a real piedade de Sua Magestade, se não satisfaz em dar só esta provi-

dios ou Indias, meninos ou meninas, ou fazer outra cousa prejudicial ou molesta, em qualquer modo que seja, castigue os que achar culpados, principalmente sendo requerido dos Padres de alguma cousa para o bem das aldeas, que não deixe de ouvi-los, e fazerem o que lhe propuzerem, para o serviço de Deos, e de Sua Alteza.

A sexta, que declare Sua Alteza aquellas palavras da provisão que diz : a ultima das tres partes (dos Indios de serviço) se applicará aos missionarios, para a conducção dos novos Indios, que hão de procurar descer para

dencia, aos seus vassallos, ordena tambem na sobredita e ultima ordem, que não só dos Indios notadamente descidos, mas dos aldeados, se repartão pelos moradores e senhores de engenho e lavradores attenta as demais circumstancias e condições já mencionadas.

§ 7.º E porque tambem haverá muitos moradores tão pobres, que por si só, não possam mandar e preparar uma canoa, para fazer estes descimentos, se ajustarão tres ou quatro, ou os que bastarem para esta expedição, e conforme se repartir por cada um o numero de Indios ou casacs, que se lhes arbitrarem; poderão todos juntos gozar da mesma providencia, que Sua Magestade os remedeia na sua indigencia, e pobreza; e para os que forem tão pobres, que nem assim possam valer-se da sobredita concessão, se lhe acudirá pelo governador e capitão general, e mais adjuntos, com os Indios das aldeas já mencionadas, que Sua Magestade ordena, que se repartão, como tambem pelos senhores de engenhos, lavradores e mais vassallos seus, se fór tal o caso, que assim o permita; e se houver tantos aldeados, que cheguem para se distribuirem por estas repartições, fiquem nellas os que forem necessarios para o serviço do dito governo, e dito senhor.

§ 8.º Poderá dizer algum destes senhores adjuntos, levado do zelo de se não offender na mais leve parte a liberdade dos Indios, fundado na real piedade, com que Sua Magestade os manda tratar como forros, e o tempo arbitrado da idade de treze annos, até á de cinquenta annos, sendo muito o tempo de servidão, que não têm differença de captivos; mas eu, que não só na pontualidade de obedecer as leis de Sua Magestade, nesta parte, e ás de Deos, não quero ceder aos mais escrupulosos, como com o favor do Cão espero mostrar em todo o tempo do meu governo: respondo a esta duvida dizendo, que ha grandissima differença em muitas circumstancias dos Indios captivos, a estes obrigados ao serviço dos moradores, até á idade de cinquenta annos. A primeira é ter limite a sua servidão na sobredita idade, que é, o que se não acha em nenhum dos escravos. A segunda, é que seus filhos são forros, o que não têm os captivos. A terceira, é que se não pôde testar delles, assim como se faz dos que não são livres. A quarta, é que se lhe paga o seu salario cada mez, além do seu sustento, que é o que deixa de se fazer certo com os não alforriados. A quinta, é que se os tratão com sevicias e lhes não pagão, requerendo-o, e justificando-o, a junta e o general os podem tirar aos moradores por quem estão repartidos, e da-los a outros, que os tratem melhor, que é o que se não pratica com os que estão em captiveiro.

§ 9.º Com as quaes cinco razões de differença, tão verdadeiras e manifestas, me parece que ainda a servidão dos Indios até á idade de cinquenta annos, se distinguem tão grandemente de escravos, que nenhum escrupulo pôde ficar da falta da differença, que ha entre uns e outros; se e que o zelo não vem debaixo de outro pretexto, que o do mesmo escrupulo.

§ 10. Poderá ser que digão tambem, que o arbitramento sobredito declarado nas leis de el-rei para o serviço dos Indios, não se pôde applicar com tanta largueza ao serviço dos particulares, porque o serviço de el-rei é publico, e o de qualquer morador, não tem tão grande esphera: ao que respondo que é tão publico o serviço do dito senhor, como o que fazem os mesmos Indios aos moradores; e primeira razão é a que sempre se julgou no verdadeiro, de se compôr o bem publico do bem dos particulares, e eu agora o manifesto.

§ 11. Porque se todos os moradores e senhores de engenho nesta Capitania, porque lhes não faça conveniencia descerem os Indios, para se servirem delles, por menos tempo, do que já tenho arbitrado, fundado nas ordens de el-rei, como todos os seus vassallos ficão pobres, consequentemente o bem communi de que são partes integrantes os bens particulares, ficarão perecendo igualmente com elles; e a que, mais deve attender-se, é aos direitos de Sua Magestade, em grande parte diminutos; que é o que não se experimen-

os ditos, ou novas aldeas; declare logo, que o sentido dellas, que não somente os Padres, se servirão daquella terceira parte para irem pelos sertões ou pelas aldeas, assim vizinhas como longe; para o serviço de Deos, e das almas, mas porque nestas missões são necessarios grandes gastos; para os quaes devem ter Indios do serviço para se remediarem, entendendo que com a dita terceira parte fação os Padres o que lhes fôr necessario, tanto que tractem de augmentar as aldeas perto das povoações dos brancos, e fazer outras novas assim nos mesmos lugares, como longe, occupando-se

tará; se os Indios continuarem no serviço dos moradores; e se haverá de experimentar se lhes diminuir o tempo da servidão; que ainda que torne a responder-se, se remediara esta falta; refazendo-se de operarios; por outros novos descendentes; sem encontrar com a suspensão que ha de haver no serviço das fazendas, enquanto por cinco ou seis annos; os Indios novamente descidos se não fizerem habéis; e praticos nas culturas das lavouras; e em todo este tempo ficarão ellas sem o mesmo rendimento que d'antes tinham, enquanto nellas se conservão os mesmos Indios já disciplinados neste exercicio.

§ 12. E como tambem a parte para que estes Indios hajão de sahir do serviço dos moradores, não é outra mais, que para as das aldeas; e dellas manda Sua Magestade, que tambem se repartão os mesmos Indios aldeãos pelos moradores, se pela pobreza e falta, em que ficão; requerendo por este principio ao mesmo general, e a junta que para esta repartição destina, lhe mandem dar das mesmas aldeas dos Indios, de que necessitarem se lhe hão de dar, porque assim o ordena o dito senhor; e não ha outro para se lhes repartir, senão os mesmos que se lhe tirão para as aldeas, para que se lhes ha de fazer este circulo com os Indios, tirando-os para ellas dos moradores; e outra vez dos moradores para ellas, especialmente quando daqui se ha de seguir certamente a confusão de que os que d'antes estavam com uns, se repartão com os outros, quicã com grande prejuizo dos mesmos Indios, e dos mesmos moradores; uns e outros já costumados a servir-se com os seus servos, e assistir aos seus patronos.

§ 13. Demais, que os Indios assistentes nas aldeas sendo forros, muitas vezes degenerão em ser captivos, porque como esta tal gente é tão lasciva, e succede muito de seucaminhar-se com algumas escravas das fazendas particulares dos Reys. Padres missionarios; e elles como administradores das aldeas, e como mais zeladores de evitar os peccados da impecabilia, os casão com as suas escravas, que estão nas suas fazendas; não só elles o ficão sendo, mas tambem todos os filhos que d'elles procedem, e demais a mais, insensivelmente diminuida de gente a tal aldeia, em que quotidianamente isto succede; e eis aqui o em que vem a parar o zelo do bem publico.

§ 14. Poderá haver mais outra duvida em quem fôr descer os Indios de menos idade que de treze annos, o que assim se lhes prolongue até a de cincoenta annos a sua servidão; mas a isto respondo, que dando-se a concessão aos moradores para descerem os taes Indios, será com a clausula de que todos os que descerem, que não representarem a idade de treze annos, se mandassem para as aldeas, como tambem todos os mais que descerem, excedendo o numero dos que se lhes concederem; e com estas providencias e razões ponderadas, me parece se occorrem e soltão as duvidas, a que se pôde oppor a real piedade, com que Sua Magestade attende a remediar a pobreza de seus vassallos, ordenando nesta ultima ordem, que o arbitramento do tempo, porque se lhe concede o serviço dos Indios, não só se attenda a capacidade d'elles, mas a utilidade dos moradores, por quem se distribuem.

PAPEL QUE O PADRE JACINTHO DE CARVALHO, VISITADOR GERAL DAS MISSÕES DO MARANHÃO, APRESENTOU A EL-REI PARA SE JUNTAR AOS DOUS REQUERIMENTOS DO PROCURADOR PAULO DA SILVA NUNES. DATADO DO COLLEGIO DE SANTO ANTÃO, 16 DE DEZEMBRO DE 1720;

Diz Jacintho de Carvalho da Companhia de Jesus, visitador geral das missões do Maranhão, que elle vindo proximoamente a esta corte, teve noticia que um Paulo da Silva, como procurador das camaras do Maranhão e Pará, fizera a Vossa Magestade dous requerimentos, um para que se tirasse o governo temporal das aldeas aos missionarios, e se transferisse a portuguezes seculares, outro para que se executasse como leito assento das juntas das missões que se fizessem na cidade do Pará, sendo governador Bernardi Pereira de Berredo; e porque nestes requeri-

na conversão dos Gentios, e na cultura dos já christãos, pagando porém o salario aos Indios, que se occuparem em suas proprias lavouras, ou outros quaesquer seus proprios serviços; não já aquellos que os mesmos Indios tomãe persuadidos dos Padres para a conversão dos seus parentes, por sua livre vontade, como por exemplo quando vão em um sertão, onde elles levão os Padres a praticar, ou descer Gentios, etc., porque neste caso se houvessem os Padres de pagar os remeiros ou cavalleiros, comprar as farinhaes, pagar as canoas e as mais cousas necessarias, seriam gas-

mentos se contém muitas cousas falsas contra os procedimentos dos missionarios, e são de grave prejuizo assim ao serviço de Deus, como o de Vossa Magestade, o qual se declara no papel junto que apresenta, portanto peço a Vossa Magestade seja servido que o dito papel se ajunte aos ditos requerimentos de Paulo da Silva, para que melhor se manifeste a verdade e se resolva o que fór mais justo e conveniente ao serviço de Deus, e de Vossa Magestade.

Remetida ao desembargador Diogo da Fonseca Pinto, para ver este requerimento com os mais papeis que tem em seu poder.

Lisboa occidental, 19 de Dezembro de 1729.

PRIMEIRO REQUERIMENTO DO PROCURADOR DAS CAMARAS DO MARANHÃO E PARÁ.

Intenta o procurador das ditas camaras alcançar de Sua Magestade com este seu primeiro requerimento, que os Padres missionarios, não tenham jurisdicção ou governo algum politico nas aldeas que administram, mas que toda a jurisdicção temporal, e governo politico, se transfira a cabos portuguezes casados, que assistão nas aldeas com seus filhos e mulheres, os quaes sejam postos pelos governadores.

Tem sido este requerimento muitas vezes disputado, assim no Brasil, como no Maranhão, e por uma e outra parte se tem representado a Sua Magestade todos os convenientes e inconvenientes, que ha assim em terem ou não terem os missionarios governo politico nas aldeas, como em assistirem ou não assistirem com o dito governo portuguez, seculares nas mesmas aldeas, e depois de muitas consultas dos homens mais doutos, e mais peritos e zelosos do serviço de Deus, e de Vossa Magestade; sempre se resolveu que não estivessem portuguezes nas aldeas por cabos, mas que estas fossem sómente governadas pelos principaes dellas com os seus missionarios.

No Brasil administrãosempre os Padres da Companhia os Indios no espirital e temporal, por concessão dos Srs. reis deste reino, e principalmente por um alvará passado pelo Sr. D. Sebastião, no anno de 1570, que depois no anno de 1587, confirmou e ampliou el-rei D. Felipe, se mandou que para serem trazidos os Indios do sertão, fossem sempre dous ou tres Padres da Companhia, e para serem repartidos para o serviço dos moradores, e assistissem a isso o governador, ouvidor geral e os mesmos Padres, no anno de 1596 se passou outro alvará em que se concede o mesmo governo aos missionarios.

No anno de 1633, expulsãrão os officiaes da camara de S. Paulo aos Padres da Companhia, de algumas aldeas que estes tinham no seu districto, por quererem elles mesmos terem a administração temporal daquelles Indios; mas sendo o caso examinado, forão castigados os officiaes da camara com privação de seus officios e aos Padres se restituirão as aldeas com estas palavras:

Hei por bem que os ditos Padres continuem na posse que têm da administração das aldeas de que se tracta, e se necessario fór, lhes confirmo e dou de novo a dita administração, para que a tenham e usem della como ate agora a tem feito.

No anno de 1644, puzerão os officiaes da camara do Rio de Janeiro, homens brancos nas aldeas, para que elles tivessem a administração temporal dos Indios, e vendo isso os Padres, largãrão as aldeas todas, e os officiaes da camara mandãrão a Lisboa um procurador com ordem a desculpar o que tinham feito. Mas sendo o Sr. rei D. João IV, informado da verdade, mandou que os Padres tornassem para as aldeas escrevendo ao provincial estas palavras:

Me pareceu encomendar-vos muito como por esta faço, queirais ordenar que os referidos religiosos tornem para as aldeas que têm na dita Capitania, porquanto havendo de correr com a administração dellas pessoas particulares, será a total ruina do Gentio, e se virão a perder de todo e destruir.

A primeira vez que no Maranhão se tractou desta materia do governo das aldeas, foi no anno de 1649, em que o vigario geral do dito Estado Mathheus de Sousa Coelho veio a esta corte, e tractava neste mesmo tempo o veneravel Padre Antonio Vieira, que então era pregador actual do Sr. rei D. João IV, de ir para o Maranhão restaurar aquella missão onde já em diversos tempos tinham ido alguns Padres da Companhia da provincia do Brasil, e representando o dito vigario geral a Sua Magestade por parte dos Indios, as violencias com que os governadores e moradores tiravão os Indios e Indias das aldeas para seus serviços, deixando-as despovoadas e as miserias e tyrannias que as pobres Indias padecião.

tos sem fim; basta então que os Padres gastem, o que fór necessario; como são necessarios os minios de ferramentas, que hão de dar aos principaes do sertão, os vestidos, avellorios, e outras cousas que não podem escusar, para os quaes gastos, podem mandar alguns Indios ao cravo, que por isso concede Sua Alteza a terceira parte dos Indios de serviço, aos missionarios, como se tem dito, e a estes sim, devem pagar os Padres o salario de irem elles ao cravo.

A setima, é que se ordene de quem propriamente pertencer este ponto,

Depois de consultada esta representação do dito vigario geral, no conselho ultramarino, conformando-se el-rei com o conselho na disposição do governo das aldeas, mandou no cap. 44 do regimento dos governadores, que no anno de 1650 se passou a André Vidal de Negreiros, que ia por governador e capitão general do Estado, que os Indios de todas as aldeas, fossem administrados pelos religiosos da Companhia.

Ao mesmo serviço e meu, convem o que tenho resolvido, que os Indios de todas as aldeas assim das Capitaniae que me pertencem, como das dos donatarios sejam administrados por parochos regulares de uma só religião, e que esta seja a Companhia de Jesus, pela muita experiencia que se tem do seu zelo, muita applicação e industria para a conversão das almas, e pelo muito que estão acertos aos Indios.

No anno de 1653, chegou o Padre Antonio Vieira ao Maranhão, com alguns de seus companheiros, e porque o dito vigario geral não somente representou por parte dos Indios as injustiças que os portuguezos lhes fazião no governo das aldeas, mas tambem as que com elles usavão em os captivar, passou Sua Magestade uma lei em que prohibia todo e qualquer captivo dos Indios, e mandou que todos fossem tidos e havidos por livres. Em razão desta lei e do referido capitulo do regimento, se amotinãrão os moradores do Maranhão, contra o Padre Vieira e mais Padres, e acommettendo ás casas em que estavão com palavras indecorosas, e affrontosas, claniavão, que os lançassem fóra e os embarcassem em canoas estropeadas para que se perdessem, e sem duvida o executarião se o capitão-móralthazar de Sousa Pereira, com as companhias do presidio os não obrigasse a se recolherem.

Escreveu logo o Padre Vieira a Sua Magestade, dando-lhe conta da recepção que tivera no Maranhão, e juntamente lhe propoz ser conveniente e justo, conceder-lhes aquelles moradores para resgate dos Indios que licitamente fossem escravos, e que do governo das aldeas determinasse Sua Magestade o que fosse mais conveniente ao serviço de Deos e seu. Com esta informação, e com as mais que teve dos moradores, mandou passar no mesmo anno a lei, em que concede poderem-se fazer escravos os Indios em certos casos, e sobre os Indios das aldeas diz no fim da dita lei:

Hei outrossim por bem, que nenhum governador ou ministro que tiver o supremo lugar nas ditas Capitaniae, possa mandar lavrar tabaco por sua ordem, nem por interposta pessoa, nem outro qualquer fructo da terra, nem o mandem para nenhuma parte, nem occupem ou repartição Indios, nem ponhão capitães nas aldeas, antes os deixem governar pelos principaes da sua nação, que os repartão pelos portuguezes voluntariamente, pelo salario costumado.

Não ficarão contentes os moradores com esta determinação real, na consideração de que só tendo capitães nas aldeas poderião usar livremente dos Indios, como até naquello tempo fizerão, tratando-os como escravos, pois nenhum salario lhe pagavão fundando-se em que Deos os criava para os servirem; como, tambem porque a determinação de certos casos em que só poderião fazer dos Indios escravos, lhes tirava a liberdade de poderem captivar a todos: replicarão a Sua Magestade, mandando seus procuradores a esta corte. Veio tambem o Padre Antonio Vieira, por não ter observancia alguma a dita lei de 1653, representar a Sua Magestade os impedimentos, que encontravão a dita lei dos Indios aldeados, e a conversão e redução dos Gentios que vivião nos matos: porque puzerão os procuradores tudo o que puderão escogitar a seu favor, e favorece-os o Padre Vieira, no que era justo e licito, e oppoz-se ao que era injusto e iniquo. Finalmente depois de varias juntas, que sobre esta materia se fizerão, conformando-se Sua Magestade com as resoluções que nella se tomãrão, mandou passar a lei de 1655, na qual se prohibia se podesse fazer guerra offensiva aos Indios sem licença firmada de sua mão, e concedia poderem-se resgatar os Indios que fossem escravos, cuja escravidão se havia de julgar pelos missionarios, e conhece a dita lei, com as mesmas palavras da lei antecedente de 1653, dizendo:

Hei por bem outrossim, que nenhum governador, ou ministro, que tiver o supremo lugar nas Capitaniae do dito Estado, possa mandar lavrar tabaco por sua ordem, nem por interposta pessoa, nem outro fructo algum da terra, nem occupem, nem repartição Indios, nem ponhão capitães nas aldeas, antes os deixem governar pelos parochos, o principaes da sua nação.

A diversidade que ha nesta lei de 1655, e a de 1653, é que na de 1653 mandava Sua Magestade de que as aldeas fossem governadas pelos principaes, e nesta que os governassem os Padres com os principaes. Esteve tão fóra de mandar Sua Magestade pôr capitães nas aldeas, como

que não se baptisem os Gentios se não estiverem juntos em aldeias grandes, para com elles poderem assistir seus parochos, e senão quando só estiverem com elles os parochos com esperança, que se não partirão para os matos, ou não serão vagabundos, como são agora os Nheengaibas, e só quando esperão os seus parochos, que obedecerão á lei de Deos, deixando-se governar delles, como convém no espiritual e temporal de seus maiores, feitas primeiro as experiencias delles, como catechumenos.

Por isso parece, que para salvarem as suas almas, os devem primeiro

requerirão os procuradores, que os torna a prohibir; e porque muitos principaes são incapazes do governo, quer que os parochos governem as aldeias com elles; chegou esta lei ao Maranhão, e com ella o Padre Antonio Vieira, e juntamente os procuradores das camaras, e publicando-se, se ajuntou o povo na praça, e já o motim estava começado, e com effeito lançarão fora do Estado os Padres, se não acudisse o governador André Vidal de Negreiros, que com reprehensões, e ameaças de castigos se não quizessem cumprir o que Sua Magestade ordenava, os fez aquietar; com o viço, que com este governador não conseguirão seus intentos dissimulá-los até, que no governo de Pedro de Mello, que tudo sabia, e tudo disfarçava, e ainda que ao depois se viu bem arrependido, e mal assegurado, lançarão ao Padre Vieira, com os mais Padres fora do Estado no anno de 1662, depois de os terem presos, e tratados com as maiores injurias e afrontas, que entre christãos se pode ver.

Restituídos ao Maranhão os religiosos, que tinham sido expulsos, se passou a lei de 1662, na qual se declarou que não tinha havido causa para que fossem privados das suas igrejas e mil-ões antes muitas para que seu santo zelo fosse desegado. Nesta lei attendendo-se ás repetidas queixas, e motins daquelles moradores se tira toda a jurisdicção espiritual aos missionarios sobre o governo das aldeias, mas é de advertir que não consentem antes prohibem que se ponhão cabos portuguezes para governar as aldeias, que é o que requerião os moradores, e manda que estas fossem governadas somente pelos seus principaes.

Os religiosos da Companhia, como os de outra qualquer religião, não tenham jurisdicção alguma temporal sobre o governo dos Indios, os quaes no temporal poderão ser governados pelos seus principaes que houver em cada aldeia.

Nesta forma se governarão, ou não governarão as aldeias por espaço de vinte e sete annos por quaes se reduzirão a um miseravel estado, porque como os pobres principaes são Indios, por sua natureza pusillanimos, os portuguezes tiravão os homens, e mulheres, que querião, ou por força ou por vontade, e os levavão para suas casas e fazendas, onde ou ficavão para sempre, ou os traspassavão e vendião aos portuguezes, como se fossem seus escravos. Não se finalmente despovoando de todo as aldeias, e já os missionarios não tinham com quem exercitar nellas os seus ministerios, porque nem podião impedir que os portuguezes os não levassem, nem podião deixar outros dos matos, porque privados de toda a jurisdicção temporal não tinham Indios que os acompanhassem, nem meios com que os podessem baixar, e ainda que os baixassem era o mesmo virem para as aldeias que serem logo levados dos portuguezes, e vendidos, ou tratados como escravos.

Passou neste tempo a governar aquelle Estado Ignacio Coelho da Silva, em quem o zelo do serviço de Deos era igual ao de Sua Magestade, este juntamente com o primeiro Bispo daquelle Estado D. Gregorio dos Anjos, representarão ao serenissimo rei D. Pedro, que então como principe governava estes reinos, pelo serenissimo rei D. Alfonso, as violencias e excessos que obravão aquelles moradores com os Indios, e o lastimoso estado em que estavam as aldeias, querendo Sua Alteza pôr fim ao injusto captivo dos miseraveis Indios, e impedir as injusticias que lhes fazião, mandou passar uma lei no anno de 1680, em que prohibio, que nenhum Indio se podesse fazer escravo, antes que todos fossem fides e havidos por forros e livres, e logo no mesmo anno mandou passar uma lei em que dava forma á repartição dos Indios das aldeias, e meios para se descerem outros dos matos, e a Ignacio Coelho da Silva entre outras cartas, que no mesmo anno lhe enviou, dizia em uma.

Havendo mandado ver com toda a attenção o que se me representou aqui por vossa parte e do Bispo do Estado; hei por bem que as aldeias dos Indios sejam governadas pelo seu principal e parcho, sem se dar outro algum administrador ou capitão, esta mesma carta mandeis registrar.

Com estas determinações se começou o tumultuar o povo do Maranhão, para lançar os Padres fora, e não executarão então os seus intentos por medo que concebêrão ao governador Ignacio Coelho da Silva, cujo valor e resolução tinham já bem conhecido; até que succedendo-lhe no governo Francisco de Sa e Menezes, acharão nelle capacidade para sem impedimento executar o que tanto desejavão.

Tomarão por motivo de seu motim um contracto que se introduzio por estanco no Maranhão negarão a obediencia ao governador, e lançarão aos Padres fora do seu collegio e missões; não porque attendessem que os Padres haviam concorrido para o tal estanco, mas por

dispôr a viver como homens, na obediencia de algum seu maior, e depois como homens christãos, para se salvarem na vida, que ha de ser eterna; persuadindo-se os missionarios, que nestes Indios do Brasil, grande e proporcionado a seus trabalhos, será aquelle louvor, que alcançarão com ajuntar assim deste modo muitos Gentios, baptizando-os, e assistindo com elles, e não já baptisar muitos, e deixa-los depois ao desamparo, como muitos estão agora, por estarem espalhados em aldeotas, roças, e em lugares, que só como canoínlhas se podem penetrar, por não haver quem os ajunte, ou ajude aos que querem ajuntar, quando poderião ajuda-los.

que julgáreo ser aquella occasião opportuna para se livrarem daquelles inimigos do povo, e dos seus augmentos temporaes como elles dizião.

Embarcáreo os Padres em dous barcos, que mandáreo para o Brasil; um delles foi tomado na costa pelos piratas, e outro chegou depois de muitos trabalhos a Pernambuco d'onde veio a esta corte o Padre João Felipe, a dar conta a Sua Magestade o Sr. rei D. Pedro, o qual movido das informações que lhe dava o dito Padre, e das que já lhe tinha mandado Francisco de Sá e Menezes, se resolveu a enviar áquelle Estado a Gomes Freire de Andrade, com um desembargador para conhecer as causas daquelle motim, e com poder para castigar os principaes culpados, como com effeito se castigáreo.

Vendo pois el-rei D. Pedro, que não tinham sido bastantes as leis e ordens que tinha mandado passar em 1680, quando por ellas entendia haver dado remedio a tudo o que pertencia ao bem assim espirital, como temporal dos Indios, e Portuguezes, e que todos ficarião satisfeitos, sendo novamente informado de tudo o que pertencia a esta materia, mandando considerar todas as cartas, e informações do dito Gomes Freire de Andrade, e as do dito desembargador, por ministros de toda a supposição, intieira e letras, conformando-se com os seus pareceres, foi servido mandar restituir aos Padres aquelle Estado do Maranhão, e juntamente mandou passar o regimento das missões que anda impresso, no qual se os moradores do Maranhão quizessem somente o que é licito e justo, tinham quanto podião desejar. E' pois o primeiro capitulo deste regimento o seguinte:

Os Padres da Companhia terão o governo não só espirital, que antes tinham, mas o politico e temporal das aldeas, de sua administração, e o mesmo terão os Padres de Santo Antonio, nas que lhe pertencem administrar.

Depois desta lei, não sei se os moradores do Estado do Maranhão tornass'em a repetir requereimentos sobre o governo das aldeas ainda que nunca lhes pôde parecer bem, que os missionarios os governassem, mas vendo tantas leis e ordens, vendo que não havia causa nova que propôr que não estivesse já bem ponderada, nas juntas e conselhos, parecião-lhes sem fructos novos requereimentos; sei somente, que os moradores da villa da Vigia, pretendêreo no anno de 1718, que o missionario se não intromettesse no governo temporal de uma aldeia, que Sua Magestade foi servido conceder-lhe para serviço da mesma villa; mas sendo Sua Magestade informado pelo superior das missões da Companhia, resolveu em carta de 12 de Outubro de 1719, para o governador do Estado que anda impressa com o regimento das missões a pag. 60, e infallivelmente se guardassem as leis que tinha mandado áquelle Estado, e que a repartição dos Indios se fizesse por intervenção do missionario.

Sei tambem que Sua Magestade tem mandado varias vezes, que o regimento das missões em que ultimamente se concedeu o governo temporal das aldeas aos missionarios se não alterem, antes se observem inviolavelmente. Em carta de 17 de Fevereiro de 1691, para o governador do Estado, que anda impressa a pags. 51 diz assim.

Me pareceu ordenar-vos como por esta o faço, fazeis inviolavelmente observar a dita lei sobre os resgates, como tambem o regimento das missões, sem que em nenhum caso se possa ahí fazer alteração ou interpretação na dita lei e regimentos.

Na carta de 6 de Dezembro de 1705, tambem impressa a pag. 52, diz.

A repartição dos Indios se fará guardando-se as leis e regimento que nesta materia ha, e se não poder lo alterar.

Na carta do 1º de Fevereiro de 1701, tambem impressa a pags. 65, diz ahí fallando dos missionarios.

Lhes encomendo o grande cuidado que devem ter da boa administração dos Indios das aldeas, guardando-se sobre tudo o regimento sem outra interpretação do que se acha escripto nelle, e das declarações que sobre elle mandei fazer.

Na carta de 11 de Abril de 1702, tambem impressa a pags. 72 depois de outras ordens, diz.

Fazeis guardar inviolavelmente o regimento das missões que achareis registrado.

Desta sorte persistirão os serenissimos reis de Portugal em que nas aldeas assim do Estado do Brasil, como do Estado do Maranhão não houvessem cabos portuguezes que governassem os Indios, mas que os missionarios tivessem nellas, uma e outra jurisdicção temporal, e espiri-

A oitava, é que se ordene se faça em cada aldêa onde assiste parochio, uma casa de hospede, onde se dê todo o necessario aos que vierem para as aldêas, aos contractos, havendo-o por seus pagamentos; pondo-se penas, aos que forem pelos ranchos e roças, dos Indios, e para isso o principal com seu meirinho provejão de tudo, encaminhando-os para isso seus parochos.

Compóradas entre si as duas maneiras do missões, se conclue qual dellas, ou qual outra se haja de eleger.

A primeira maneira de missões, é mui conforme á disposição de Sua

ritual, sem deferirem jámais aos repetidos requerimentos que sobre este governo tem feito por carta, e por seus procuradores os moradores destes dous Estados, d'onde não se pode duvidar que sendo tão grande a repugnancia que sempre tinham os moradores do Maranhão de que os missionarios tivessem o governo temporal dos Indios, que chegarão a obrar os excessos de os lançarem duas vezes do Estado, e a perder a obediencia aos governadores que não cessando de requerer, e representar razões para que se ponthão capitães portuguezes nas aldêas, e que sendo tantas as consultas e juntas, de homens doutos e peritos, que sobre esta materia se tem feito em tão diversos tempos, e por tão diversos reis, que sendo tantas e tão varias informações de governadores e ministros; resolveu-se sempre, que não estivessem cabos portuguezes nas aldêas: não se poderá duvidar que são muito relevantes as razões que ha para se não concederem os taes cabos. E posto que poderá ponderar muitas, porci sómente as que representou o desembargador Antonio Nabo Peçanha, informando ao serenissimo rei D. Pedro, sobre semelhante requerimento que os officiaes da camara do Rio de Janeiro fizerão, para que se tirasse aos Padres da Companhia a administração temporal dos Indios, diz elle no fim da sua informação.

Por mais que os officiaes da camara digão, me pareceu não poder haver melhor fórma para a dita administração e conservação dos Indios, que esta; porque ainda assim tendo os Indios os Padres que procurão e zelão liberdade, se não pôde evitar, que muitos moradores os tenham como captivos, contra a attenção real do Vossa Alteza, e pondo-lhes capitães que lhes administrem como se aponta pelos officiaes da camara, será faze-los escravos do dito capitão e seus parentes, e total destruição das aldêas e desastrada prostituição da Indias, a cuja lasciva têm sua propensão estes moradores, e além de que nunca as novidades trazem bons effeitos, e ordinariamente as determinações dos antigos se achão serem as mais convenientes.

Em poucas palavras disse este doutissimo desembargador tudo, e insistindo no que diz, podia-se perguntar qual é o intento principal dos serenissimos reis de Portugal na conquista do Estado do Maranhão. O procurador Paulo da Silva diz, que é augmentar as rendas reais e as fazendas dos portuguezes; nestes dous pontos é que põem a maior força das suas razões, mas o serenissimo rei D. Pedro assigna outro muito diverso, e no alvará de 1688 sobre o captiveiro dos Indios, no qual diz:

Eu el-rei faço saber aos que este alvará virem, que sendo meu principal intento nas dominios de todas as minhas conquistas, a conservação dellas, pelo augmento da fé, e liberdado dos Indios, procurando e concorrendo com todos os meios de os trazer ao gremio da Igreja.

E na provisão de 2 de Abril de 1680, diz.

E porque o meu principal intento é dilatar a prégção do santo evangelho, e procurar trazer ao gremio da Igreja aquella dilatada gentilidade, de cuja conversão Deos Nosso Senhor encarregou aos serenissimos reis deste reino cujo zelo, desejo, devo imitar.

De sorte que toda a intenção, e causa final que moveu aos serenissimos reis de Portugal nas suas conquistas, é a conversão dos Gentios, e o augmento da fé, e esta é a sua principal obrigação por ser este o titulo com que as possuem como diz o serenissimo rei o Sr. D. João IV, no paragrapho 57 do regimento dos governadores do Estado do Maranhão.

E como cousa de tanta obrigação minha, vos torno a encommendar o favor e amparo que haveis de dar as missões para préggar o santo evangelho, por ser este o titulo com que possuo as conquistas, e a causa mais principal que moveu aos serenissimos reis meus progenitores, a mandarem fazer os descobrimentos dellas, entendendo que havendo quem encontre as disposições das ditas missões será castigado com demonstrações particulares.

Imitirão os serenissimos reis D. João IV e D. Pedro II, aos serenissimos reis D. Manoel e D. João III, do qual diz o Padre Lucena na vida de S. Francisco Xavier, liv. 2. pag. 83.

Ao dito serenissimo rei de quem nos conta por historias de muita certeza, que lhe era continuo o escrupulo e quasi tormento aquella obrigação que dissemos, e sabia que tinha pelas bullas apostolicas a promulgação do evangelho, serviço, e conservação do dito culto divino, nas partes da conquista. Donde procedia não negar nunca cousa que lhe pedissem para bem da christandade, sem nenhum respeito a gastos e despezas, e acudir com ordens, mandados, cartas, e provisões reais, a tudo o que lhe representavão em favor da fé, e favor dos christãos.

Supposto pois, ser esta a primeira obrigação e o fim mais principal, que se intenta, deveo-

Alteza, na sua provisão em ordem a terem os brancos Índios de serviço em tanto maior numero, quanto mais se accrescentarem em aldeas de repartição.

A segunda, é totalmente contraria á dita disposição, porque nem um só Indio poderão os brancos tirar das aldeas dos Padres.

A primeira é cheia de inquietações para os Padres, que sempre crescerão mais, se os maiores, principalmente o general do Estado não se oppuzer com sua protecção, e autoridade.

se eleger os meios, que mais conduzem para se conseguir, e devem-se reprovar os que os encontram, antes devem ser castigados os que propõem e procurão se ponhão meios contrarios. De maneira, que ainda que se representem meios infalliveis de se augmentar grandemente a fazenda real, de crescerem as povoações dos portuguezes em riquezas, sendo estes meios contrarios ao fim, não se devem admittir, se não quizer variar de intenções e fins. E entendendo que persistindo naquella conversão e redução dos Índios não hade Deos lhes faltar em accrescentar a fazenda real, e concorrendo os moradores do Maranhão para o mesmo fim, também não lhes ha de faltar em augmentar as riquezas, por ser sentença da eterna verdade « Querite ergo primum regnum dei et justitiam ejus, et hæc omnia adjicientur vo bis. Math. cap. 6, n. 33.

É assaz vê-se isto confirmado no Brasil e no Maranhão. No Brasil se começaram a haver riquezas depois que deixarão de opprimir os Índios, e cessarão de os captivar. E em S. Paulo e Rio de Janeiro, só depois que pararão em andar em carreiras pelos sertões buscando Índios para os captivarem, é que com as suas minas se tem enriquecido a si, a Portugal e a toda a Europa. No Maranhão como não tem cessado as injustiças, tyrannias, e as violencias que se fazem aos Índios, antes só se cuida em perturbar as leis que defendem sua liberdade, e só se escogirão novos modos de os opprimir; por isso sempre foi pobre, é pobre, e será enquanto perseverar com esta sua perseguição. Os meios pois, mais proporcionados para reduzir estes Índios do Estado do Maranhão, são os que aponta o serenissimo rei D. Pedro II, na carta impressa de 3 de Fevereiro de 1701, pag. 69, onde diz:

Um dos fundamentos principaes e mais essencial para se deverem augmentar e conservar os Índios, é serem tratados pelos missionarios com suavidade, prudencia e arte, guardando-lhe infallivelmente as prerogativas de seus postos, e as estimações que couberem na sua pessoa, e procedendo no castigo das suas culpas, com a suavidade e caridade que ellas permittirem, para que o temor e o rigor os não obriguem a desamparar as ditas aldeas, e sejam occasião de não quererem vir outros para ellas.

Hão de os capitães e cabos portuguezes governar os Índios com mais suavidade, com mais amor, e hão de lhe acudir com mais caridade nas suas doenças, nas suas operações, nas suas necessidades, que os religiosos da Companhia, entre os mesmos moradores do Maranhão é commun dizer quando se acha algum que acuda pelos Índios, os tratem com amor e benevolencia, que o tal é como os Padres da Companhia: como podem ser tratados com amor, caridade e suavidade daquelles que são seus maiores inimigos que mais cruelmente os tyrannisão e opprimem? daquelles que injustamente lhes assaltão as aldeas, matando uns, ferindo outros e captivando os que não se podem defender, daquelles que entrando ainda nas aldeas que tem missionarios, lhe tomão o que achão contra a sua vontade, sem lhe pagarem, e se algumas vezes os mais escrupulosos lhe pagão, é dando-lhes um pelo que vale dez e vinte, e se os arguem que a tal cousa tem maior valor, respondem estes mais escrupulosos, que assim é nas mãos dos brancos, mas que sendo dos Índios, não tem mais valor; sendo a verdadeira razão não terem os Índios valor para defenderem o que é seu, dos portuguezes que os roubão. Que contendas não houve entre os religiosos da Companhia, e aquelles moradores, para que pagassem aos Índios livres o seu trabalho, querendo-se servir delles como se fossem seus escravos, até que finalmente introduzirão que lhes dêssem ao menos duas varas de algodão pelo serviço de um mez?

Hão de os capitães e cabos portuguezes, conservar e augmentar tanto as aldeas, como os religiosos? Quando os mesmos moradores confessão que se não fossem os Padres, já não haveria aldeia de Índios. Hão de ter mais zelo da conservação e augmento dos Índios os seculares pobres que pretendem pôr cabos das aldeas que os religiosos que por amor dos mesmos Índios, por servirem a Deos, e a Sua Magestade se desterrarão de Portugal, onde lhes não faltavão todas as commodidades para viverem muito melhor, que no Estado do Maranhão? Um cabo portuguez com sua mulher e filhos em uma aldeia que Índios não tomaria para seu serviço, e quantas não levaria quando se sahisse das aldeas? Quantos Índios, Indias, rapazes e moças não mandaria para seus parentes e amigos para ficarem para sempre nas fazendas de quem mais lhe dêsse: do que fazem de passagem, se pôde colligir o que farião de assistencia.

Hão de os cabos e capitães portuguezes defender e acudir melhor pela liberdade e privilegio dos Índios que os religiosos da Companhia? Quando os Portuguezes não procurão outra

A segunda fica mui livre disto, pois não poderão os brancos pretender Índio algum de serviço, que é a fonte de todas as bulhas.

A primeira dá aos Padres poucos Índios de serviço, pois a maior parte de sua terceira parte se hade empregar no serviço das missões.

A segunda lhes dá quantos Índios lhe sobejarem ao serviço das missões, que serão muitas por não haverem de servir senão a elles, com seus salarios.

A primeira tem alguma difficuldade para se fazerem muitas conversões,

cousa mais, que o reduzi-los a um perpetuo captiveiro, como se póde ver de tantas leis, que para aquelle Estado se tem passado, sem todas terem sido bastantes para impedir a injustiça com que persevera em o captivar. quando os Padres da Companhia têm padecido e vão padecendo tantas perseguições, tantos falsos testemunhos, tantas injurias por esta causa, sendo voz commum naquello Estado que se os Padres não defendessem, e acudissem pelos Índios, seriam adorados e venerados. Mas porque os Padres mais estimão a honra de Deos na conversão das almas, e o zelo de que se evitem peccados e offensas suas; por isso o procurador Paulo da Silva com alguns de seus correspondentes, lhe imputão taes cousas que não parecendo o que não parecião, se concordassem com elles.

Finalmente para se poderem pôr cabos portuguezes que as aldeas governem, se deve attender muito á repugnancia, e contradicção que ha nos Índios, nascida das vexações que delles padecem, e por esta causa no alvará impresso, pag. 17, se manda que não vão os brancos ás aldeas, nem assistão nellas mais de tres dias.

Se houverem de assistir nellas para as governarem, será mais justificada a sua queixa; por que estes Índios, quando se aldearão e se sujeitão voluntariamente a Sua Magestade, foi com a condição que se lhes havia de guardar o que el-rei dispunha nas suas leis, a seu favor, e o que estava disposto nas taes leis (como tenho mostrado) e que só os principaes com os seus missionarios, governarão as aldeas, e é certo que não querendo elles o contrario, como certamente não querem, se lhes deve conservar este governo, como se manda no regulamento impresso.

De pouca força é esta razão para com os moradores do Estado do Maranhão, porque como os Índios miseraveis, não têm força para se defenderem, e as queixas nunca são attendidas, por isso nunca se lhes guardou, nem guarda pacto, sendo de utilidade sua que com elles se celebrasse, contudo entendo que não deixará de fazer peso a quem desapaixonadamente o ponderar.

Esta administração ou governo temporal dos missionarios nas aldeas, tantas vezes confirmado em tantas leis, como ficão referidas, intenta agora novamente perturbar Paulo da Silva, como procurador daquellas camaras, propondo varias razões, que se reduzem aos pontos seguintes:

- 1.º Porque os missionarios não guardão a lei da repartição.
- 2.º Porque não obedecem ás ordens dos governadores, negando os Índios que se mandão dar para o serviço de el-rei e dos moradores.
- 3.º Porque ambiciosamente occupão todos os Índios das aldeas, em seus interesses particulares hucando todos os meios para os augmentar.
- 4.º Porque tirando mais drogas do sertão que todos os moradores por terem os governos dos Índios, não pagão direitos, por cuja causa estão mui diminutas as rendas reais.
- 5.º Porque dos moradores lhes estranharem estes seus excessos buscão modo de vingança para aquelles que lho estranhão, accumulando-lhe crimes phantasticos para serem castigados.
- 6.º Porque os missionarios não podem ser castigados dos governadores, por cuja causa obrão livremente como querem.
- 7.º Porque esquecendo-se do augmento espirital, não ensinão a lingua portugueza aos Índios.

Excepto este ultimo de não ensinarem a lingua portugueza aos Índios, todos os mais e ainda outros mais enormes derão os procuradores daquelle Estado contra os Padres, quando primeiramente os lançarão fóra, sendo superior o Padre Antonio Vieira, que por espaço de dez annos, governou aquella missão; depois por varias vezes tornarão a repetir as mesmas queixas, por cartas e por seus procuradores em ordem a alcançar que se tirasse todo o governo e administração temporal dos Padres, e se puzessem cabos portuguezes nas aldeas. Mas examinadas todas as suas queixas, se achou sempre serem cheias de falsidades, e que a causa de seus requerimentos não erão culpas que tirassem commettido os Padres, mas somente o desejo que tinham de se verem livres delles para impunemente captivarem e tratarem como captivos os Índios: como na verdade não achão razão buscão, falsidades para conseguirem os seus intentos.

E' este o costume dos perversos e malignos já muito tempo usado para perseguirem aos innocentes a quem aborretem; e para confirmação, poderá trazer-se que diz Tertuliano em

para a nossa santa fé, por causa do necessario serviço de seis mezes para os brancos, como ordena Sua Alteza.

A segunda, os convidará a se pôrem em aldêas com os Padres, visto que ficarão livres dos serviços delles, que tanto aborrecem, e só servirão aos Padres, que os não hão de molestar nisto, mas só serão munidos da necessidade de grangear a sua vontade, para se vestirem, e roçarem.

Se nem uma, nem outra maneira das ditas, não satisfazem aos povos, busquem elles outra melhor, que seja tambem de satisfação aos Padres, que sempre se accommodarão ao que for justo.

apologia contra gentes, queixando-se que os christãos erãõ falsamente accusados dos Gentios, que matavão os meninos, e os sacrificavão, querendo com este titulo encobrir o odio, que tinham, por serem christãos. E o que refere Tacito, liv. 10, cap. 5º — de Nero — que buscou falsas testemunhas para que jurassem, e accusassem, os christãos que elles tinham deitado fogo a Roma, para que com este titulo de incendiarios, e revoltosos, cohonestar a perseguição que lhes moveu: e o que se conta de S. Athanasio, a quem os Bispos Arrianos, pelo odio que lhe tinham por defender a fé catholica, accusarão falsamente de nigromantico, de deshonesto, e traidor. Mas deixados estes e outros muitos exemplos, sem sahir do Maranhão, é digno de se saber o que estes moradores usãrão com o Padre Antonio Vieira. Forão muitas as falsidades e infamias que falsamente disserão, e lhe levantãrão, até jurarem em devassa, como elle era traidor a esta corôa, e que queria entregar o Estado do Maranhão aos Hollandezes, e tinha trato com elles para isso, e de facto o mandarão preso, como traidor, e o remetterão á casa da supplicação desta côrte, ou a quiesquer outras justicas onde o navio aportasse. Gente, que se atreve a levantar, jurar taes falsidades, e executar taes maldades contra um homem conhecido, e venerado em todo o mundo, não só por principe dos pregadores, mas por muito santo, e observante das regras do seu instituto, e o mais zeloso da corôa de Portugal.

Caso negado porém que fosse verdade tudo o que diz o procurador Paulo da Silva, devia mostrar que os cabos portuguezes nas aldêas, havião de ser menos ambiciosos, que os religiosos, que havião de occupar menos Indios nos seus serviços e interesses, que havião de ser mais bem procedidos; e que havião de ser mais zelosos no serviço de Deos, de el-rei nosso senhor, e dos Indios, isto nunca o poderá mostrar, nem (conforme entendo) se fará crível a ninguém: pretender logo Paulo da Silva, que se tire o governo temporal aos missionarios, é querer que o governo temporal das aldêas, vá de mal a prior, e se de dous males se deve eleger o menor, ninguém duvidará, que erradamente procede o dito procurador, com o seu requerimento.

Quantas falsidades envolvão as razões que allega, claramente se mostrão, e se convencem das certidões que apontou a sua resposta, o procurador das missões da Companhia; mas para que estas mais claramente se manifestem, e se entendão, tratarei cada ponto por si.

PRIMEIRO PONTO.

Grandes queixas fôrma o procurador Paulo da Silva, neste primeiro ponto, de não guardarem os missionarios, a lei da repartição dos Indios das aldêas, em tres partes, e todos os missionarios se queixão com mais verdade, e mais razão, que nem a lei da repartição dos Indios em duas partes lhes consentem observar a lei, que mandava repartir os Indios em tres partes, uma para que assistissem sempre na aldêa, para tratar das suas roças e lavouras, outra para que servissem aos moradores, e a terceira se applicaria aos missionarios: era a lei do 1º de Abril de 1690, a qual se revogou pelo capitulo do regimento impresso á pags. 8 que diz:

Esta repartição se não fará em tres partes, como se mandava fazer pela dita lei, mas antes se fará em duas partes, ficando uma nas aldêas, e a outra indo ao serviço, etc.

E como se vê, até das leis, quiz o procurador Paulo da Silva, usar com falsidade para os missionarios observarem esta lei, devião só os missionarios repartir os Indios, e ninguém deveria levar ou tirar Indio das aldêas, que não fosse dado pelos missionarios, como determinão as mesmas leis.

Sempre fareis castigar com as penas que o mesmo regimento dispõe, aos moradores desse Estado, que tirarem publicamente Indios das aldêas, quando os missionarios os não quizerem dar, ou se os tratarem com desprezo, porque neste caso devem recorrer a vós, que o participareis ao presidente, ou superior das missões, na junta dellas, para se lhe applicar o remedio, e me dareis conta de como se procedeu nella.

Mas se os missionarios não repartem Indios, e sem consentimento seu, os levão ou por força, ou por vontade, como hão os missionarios observar a lei da repartição. Têm os missionarios a jurisdicção de repartir os Indios, porque só a elles lh'a dá el-rei, mas o exercicio desta jurisdicção tomão para si os governadores, e os moradores. Os governadores tirão Indios das aldêas, ou para serviço de el-rei, ou para seus negocios, deve-se exceptuar João da Maia da Gama,

Advertindo também que ha de ser tal, que por uma parte seja de proveito aos seus interesses, e ao remedio de suas necessidades; e por outra seja tal, que possa convular aos Gentios, para se descerem de seus sertões, ou para admittir aos brancos em suas terras, convertendo-se á fé, e vivendo com elles na mesma fé, escolhida logo uma maneira de fazerem-se as missões, que seja de commun consentimento dos povos, com seu general, e com seu pastor, e também que seja tal, que os Padres conforme o seu instituto a julguem accomodada á conversão dos Gentios, para a nossa santa fé, faça-se appovar de Sua Alteza, porque então haverá entre todos

que coma nunca tratou, nem negociou, nunca também occupou um Indio que fosse, em serviço de sua conveniencia; seja pois o serviço seu, ou de el-rei, a fórma com que tirão os Indios das aldeas é mandar um official de guerra, acompanhado de soldados, com ordem do thesor seguinte: Ordno ao alferes, ou sargento, ou ajudante, N. que vá á aldeá de Mortigura, e della traga vinte Indios, por serem necessarios ao serviço de el-rei, fazendo esta minha ordem presente aos missionarios.

Ha de se advertir que ou os Indios, sejam para o serviço de el-rei, ou já para ir ao sertão nas suas canoas, á colheita de cravo, cacão, ou de outro qualquer serviço, sempre a ordem leva o titulo de serviço de el-rei. Com esta ordem, que juntamente é ordem para fazerem quanto quizerem, entram os cabos e soldados nas aldeas, a dão a ler aos missionarios; feita esta diligencia ou cerimonia, vão pelas casas dos Indios, como se entrassem por uma praça conquistada por assalto; não se podem referir as deshonestidades que obrão, os furtos que fazem, as ameaças, e muitas vezes as pancadas com que molestoão aos pobres Indios e Indias; e porque o alivio das suas queixas é ultimamente o missionario, se este com o zelo que deve, reprehende o cabo e soldados, não é explicavel, ou para melhor dizer, não é crível entre homens christãos, as injurias que lhe dizem, as descortezias que lhe fazem, e as blasfemias e mentiras, que depois contra elles referem. E porque João da Maia, foi o unico que castigou estes desafetos, e atrocidades, com algumas prisões, e o que fez tratar com mais algum respeito os missionarios, por isso foi aborrecido e detestado, como se fosse um tyranno; o máo costume em que estavam com outros governadores, lhe fazião parecer tyrannia, o que era justiça.

Mas no que pertence ao levar dos Indios, os levão se os achão, ou por força em grilhões, ou por vontade, ainda que sejam dos vinte e cinco destinados para o serviço dos missionarios; e levando-os seja da sorte que fôr, estão bem os missionarios, porque o governador tem os Indios que queria, os demais não se faz caso. por mais queixas que os missionarios fação, se os não achão, ou porque já todos têm sahido das aldeas, para o serviço dos governadores, e moradores, ou porque alguns poucos que ficarão, se escondem, voltão então ao missionario, ou principal, para que lhe dêm uns tantos Indios que trazem na ordem.

O que pôde fazer um missionario, ou um pobre principal, se a aldeá já está sem Indios, por que os têm levado, ou se ficou algum, se tem escondido?

Mostra o missionario, o rol dos Indios, nomea as pessoas que os levirão, e se tem algum escondido, diz que não sabe delle, e que o podem buscar. Nada do que diz o missionario é crido, e o fructo que colhe da sua humidade, são maiores descortezias, e injurias; o pobre principal paga com o levarem preso diante do governador, para que dê razão de si, e por mais razões que dê, nunca escapa de ficar preso no corpo da guarda, por algumas semanas; voltão-se algumas vezes os soldados contra as mulheres dos Indios, e postas a coures, e tormentos, as obrigão a confessar aonde está o marido escondido, ou se é certo que já foi, ou não ao serviço dos brancos. Mas sobretudo, o que é para pasmar, é que ainda que todos os Indios, já tenham sahido das aldeas, sempre a culpa para o governador, de os soldados não levarem, e do missionario não querer obedecer as suas ordens.

Em casos particulares se exporia isto melhor, que geralmente tenho dito, mas porque estes são infinitos, referirei somente o que obrou o governador actual Alexandre de Sousa Freire, logo na entrada do seu governo, e o que obrarão os seus soldados. Tanto que chegou ao Maranhão, tratou de mandar ao sertão do Rio Pinaré, em descobrimento de umas fingidas minas, donde lhe tinham persuadido, que os Padres da Companhia tirarão muita quantidade de ouro; ajuntou canoas, tirou todos os Indios das aldeas de S. José, e do Itapucurú, sem deixar pessoas nelle que fosse capaz de trabalho. Não faltou quem lhe dissesse que melhor era reservar aquella expedição para outro tempo, por serem aquelles mezes os de Julho, e Agosto, em que os Indios fazião as suas roças, e lavouras, e que estando fóra das aldeas, ficarão suas mulheres e filhos, padecendo grandes necessidades; e os Indios voltando cahirão nas mesmas, por falta das roças, de que depende todo o seu sustento.

Mas como Alexandre de Sousa, só attendia ao ouro, não dava attenção ao que, por parte dos Indios, lhe representavão. Nomea por cabo da escolta do descobrimento desejado, mas mal fundado, e nunca conseguido, que é impossível, que o ente da razão exista na realidade, a um fulano Pataxo Mameluco, e de procelimento semelhante as misturas de seu sangue. Pas-

paz, e se fará o serviço de Deos, e de Sua Alteza; e quando ainda nisto não convenhão, faça-se o que Sua Alteza ordenar, a quem sempre, como bons, e obedientes vassallos devemos obedecer.

PETIÇÃO DO PADRE PEDRO PEDROSA À JUNTA DE REPARTIÇÃO DOS INDIOS, EM NOME DOS MISSIONARIOS E DOS MESMOS INDIOS, SOBRE A DITA REPARTIÇÃO.

Illm. Sr. e mais deputados da junta da repartição. — Julgou Sua Alteza que Deos guarde, com os senhores do seu conselho, que as calamidades

seu-lhe patente de capitão, e no dia da partida se embarcou também o governador, e o foi despedir, e acompanhar até fora das fortalezas.

Antes de partirem, lhe fez um regimento, e nelle lhe ordenava que fosse à aldea do Pinare, ou Maracá, e tirasse della todos os Indios que lhe fossem necessários. Tive noticia d' este capitulo do seu regimento, e apresentei-lhe o capitulo do regimento de Sua Magestade, impresso p. 9. em que Sua Magestade tinha deputado aquella aldea para o serviço do collegio, e uma carta de el-rei n. 550 senhor de 4 de Fevereiro de 1721 em que ordena aos governadores, que observem inviolavelmente o privilegio, que tem o collegio, sobre os Indios desta aldea, e que nunca se tirem Indios della, salvo por necessidade publica, que seja inevitavel, regulando-se sempre em tal forma, que se não tirem com violencia; ouvida a minha representação, me respondeu: diria ao cabo, não usasse daquelle capitulo do seu regimento, mas supponho que lhe mandou, que inviolavelmente observasse, porque o dito cabo, apressando-se uma vez a duas leguas distante da aldea, mandando soldados armados de noite, a dar-lhe assalto, com ordem que trouxessem quantos Indios achassem; os Indios senando os soldados, e vendo que desembarcavão armados, e lhes entravão pelas casas, fagirão para os matos, e só prenderão dez ou doze, que acharão mais desconfiados, ou mais entregues ao somno. De iverão-se ahi os soldados tres dias, discorrendo pelas roças, roubarão as farinhas que acharão, e a criação das gallinhas que encontrarão, e como não podassem prender mais algum Indio, por se terem escondidos, se vierão com os dez, ou doze presos ao cabo.

Continuou esta a sua viagem pelo Rio Pinare acima, encontrando uma e mais com Indios, perguntou-lhes d'onde vinhão, e para onde vão? Responderão que vinhão da aldea onde assistão os Padres Manoel de Abreu, e Caetano Ferreira, que vão buscar vinho e hostias para as missas, e outras cousas, porque em todo aquelle anno lhe não tinha ido provimento algum, e para acreditar o seu dizer lhe mostrarão as cartas dos Padres: o que obteve o cabo, foi tomar-lhes as cartas, deixar a canoa dos missionarios desamparada na correnteza do rio, obrigar os Indios a se passar para as suas canoas, e irem servindo na escolla, sem compaixão da necessidade em que punhão os missionarios, assim de vinho e hostias, como de outras cousas necessarias.

Chegou depois de quinze dias de jornada à aldea onde estavam por missionarios os ditos Padres Manoel de Abreu, e Caetano Ferreira, e sem fazer caso algum dos missionarios, se foi aquartelando com os soldados, e mais gente que o acompanhava, pelas casas dos Indios, devendo-se primeiro apresentar aos missionarios, conforme a lei impressa:

Nel outrosim por bem de acrescentar que todas aquellas pessoas que forem às aldeas, com licença dos governadores, se apresentarão logo que chegarem a ellas, perante os missionarios que as tiverem a seu cargo.

Forão muitos os dias que aqui se deteve, e forão tantas as desonestidades, que não são para se escreverem: não erão menores as queixas, com que os pobres Indios na aldea, tão desobedecidos com os seus missionarios: uns se queixavão que lhe haviam tomado as mulheres, das filhas não era grande o sentimento; outros que lhe haviam tomado o unico pan de fôrtaha que tinham, para seu sustento; e outros, que lhe tinham tomado o seu cão de caça, a sua rede em que dormia, e as suas gallinhas que tinha criado. E porque um repugnou em ir ao matão encher uma piroleira de copaiba, lhe custou caro, porque depois de obrigar um soldado que o mandava encher a dita piroleira de copaiba, depois vindo com ella e pedindo-lhe a paga de seu trabalho, lhe pagou o atrevimento, com lhe quebrar um braço com um pão.

Fez também o cabo desfazer as roças dos miseraveis Indios, para lhes não faze mais que comerem, do que algumas fructas das arvores dos matos. E porque soubo, que os Padres tinham alguma farinha em casa, mandou-lhes dizer, que lhes mandasse as farinhas que tinham, porque lhe erão necessarias, para o sustento da escolla. Responderão os Padres, que não podião dar a farinha, que lhes era necessaria para o seu sustento, e com que podiem por algum tempo remediar a necessidade, em que tinham posto a aldea, mandando desfazer as roças dos Indios.

Foi grande a furia que concebeu com esta resposta: mandar pegar em armas a todos os soldados, marcha para a casa dos Padres, e foi esta a ultima visita que lhes fez: a caça; tanto que os avistou, com uma arrogancia brava, lhes mandou que abrissem todas as portas da casa, para

e misérias deste Estado se podião remediar, por meio das novas leis, e provisões, que foi servido mandar passar, em favor dos Indios naturaes, assentando, como cousa certa, que por meio de bom trato, e justiça que lhe manda fazer, haverão muitos que se queirão descer, para de mais perto ajudarem aos Portuguezes, assim em suas lavouras ordinarias, como em plantar as novas drogas, e colher as que a natureza produzio pelos sertões. A este fim (depois do da salvação de innumeraveis almas) encommenda aos Padres missionarios da Companhia de Jesus, penetrem os sertões, e fação todas as diligencias para descerem o maior numero de Indios, que

que da parte de el-rei vinha tomar-lhes as farinhas que nellas tivessem. Enfim, foi necessario aos Padres, para não ouvirem as injurias com que se desbocavão, e nem experimentarem as violencias que ameaçava, houverão de entrar em pactos com elle, dizendo-lhe que daria a parte da farinha que tinham; e para os persuadir, que não era tanta a farinha, como imaginavão, foi preciso franquearem as portas, para que dessem vista de tudo o que havia; deixou de referir os Indios que prendêrão, os que atormentarão, para que lhes descobrissem as minas d'onde tiravão o ouro os Padres; e tudo o mais, que obrou esta escolta, sem utilidade alguma, por não ser mais diffuso com esta historia.

Isto que fazem os soldados, fazem todos os moradores, e fez muitas vezes o procurador Paulo da Silva, do qual poderá referir ainda maiores proezas, do que as que fazem soldados, de sorte que a licença que dá o governador, aos moradores para irem às aldeas, e tirarem Indios para as suas canoas, com a condição de apresentarem aquella sua licença aos missionarios; e somente para que os missionarios vejam o que lhes fazem nas aldeas: esta é toda a jurisdicção e governo temporal, que actualmente exercitão os missionarios, e sobretudo queixam-se o procurador Paulo da Silva, que os missionarios não guardão a lei da repartição dos Indios e tem razão, porque como não têm poder para sustentar a jurisdicção que el-rei lhes dá, nem ha quem castigue os transgressores das leis, não somente não guardão a dita lei, mas é impossivel guarda-la.

SEGUNDO PONTO.

Sobre este ponto digo o mesmo, que sobre o primeiro, e respondo que os missionarios não guardão as ordens dos governadores; porque nem os governadores, nem os moradores, guardão as ordens de el-rei: não dão os missionarios Indios, porque os tomão, ou por força, ou por vontade. Dirão que os tomão, porque ainda que peção, roguem, e instem ao missionario, que lhes dê, elle os não quer dar, e como l'hos não quer dar, como devia fazer, lhes não fica outro remedio mais, que usar do seu poder. Mas se isto assim é, porque não fazem os moradores o que el-rei manda na carta acima citada, recorrendo aos governadores, e os governadores participando ao superior das missões, para que lhes applique o remedio, e dando conta de como se procedeu nelle?

Porque razão não guardão os governadores o que el-rei manda na carta impressa no 1º de Fevereiro de 1701?

Levarão os sargentos, ou ajudantes as vossas ordens por escripto, l'has apresentarão aos missionarios, e elles as satisfarão tambem por escripto, dizendo os Indios que mandão, ou porque deixão de os mandar: se os mandarem têm satisfeito, e se os não mandarem vereis se têm razão ou deixão de ater, e medareis conta, participando primeiro ao presidente, ou superior das missões a dita resposta, para que lhe possa estranhar o seu procedimento, caso de o merecer, ordenando-lhe que mande os Indios sem replica ou demora; e quando succeda occasião de guerra, ou tão necessario a meu serviço, que não possa caber no tempo della este meio, os dareis da vossa jurisdicção, mandando buscar os Indios que vos forem necessarios, ainda que repugnem dar os missionarios.... Não sendo assim, nem havendo este prejuizo, guardareis a ordem referida, pois com ella se dá remedio para emendar qualquer inadvertencia dos missionarios.

Se os governadores, e moradores, usassem deste meio, é certo que o não podião ter mais effez, para os remedios das suas queixas; porque não dando os missionarios os Indios, nem obrigando-os o superior, admoestado pelo governador, se o governador desse conta a Sua Magestade, é sem duvida que Sua Magestade mandaria examinar se erão verdadeiras, ou falsas as razões que os missionarios, tinham para não mandarem os Indios; achando-se serem falsas ou mandaria tirar os taes missionarios das aldeas, ou procederia contra elles como melhor lhe parecesse que fosse servido. Mas sendo este remedio tão facil e tão effez, porque razão desde que o Maranhão principiou, até ao tempo presente, se não usou de tal remedio? porque razão nem os governadores se queixão até agora a el-rei, nem os moradores se queixão aos governadores que em tal, ou tal occasião particular, não quiz tal, ou tal missionario dar os Indios que se mandavão dar? porque razão se não guardar a ordem, que Sua Magestade manda, sem serem quidos os missionarios, fazem os governadores executar as suas ordens com injuria

lhes fôr possível. E por quanto elles estão promptos para dar cumprimento ao que Sua Alteza lhes ordena, e estão certificados pela larga experiencia de muitos annos, que se senão reduzir a praxe e bom trato que Sua Alteza manda dar aos Indios, com a perfeita observancia de suas reaes ordens, os muitos trabalhos, riscos e gastos dos ditos missionarios ficirão totalmente frustrados, e sem effeito; mas antes elles tidos e havidos dos Indios por enganadores, que com pretexto da fé, e bom trato, que em nome de Sua Alteza lhes assegurarão, machinão sua ruina.

gravissima, assim dos Indios, como dos missionarios? Não podem dizer, que as occasiões, em que mandão tirar Indios, são taes sempre, que não cabem no tempo dellas este meio, nem sei que razões darão: as que eu posso dar, são as seguintes:

A primeira razão de tudo, é porque os governadores têm por diminuição da sua jurisdicção, mostrar alguma tal ou qual dependencia dos missionarios, para execução das suas ordens, como se fosse discredito da sua autoridade, ouvir primeiro a razão ou sem razão, e obedecer a seu rei. Os governadores do Maranhão, em tudo se querem mostrar absolutos, e como têm o poder das armas, tudo obrão absolutamente. Nada valem leis contra o poder. A segunda razão, é porque a que havião de dar os missionarios, não accomoda, nem aos governadores nem aos moradores. Necessariamente havião de dizer que os não mandavão quando os não mandassem; porque S. S., antes de dar licença aos moradores, tinha mandado buscar tantos Indios, com ordem, que dizia, erão para serviço de el-rei, os quaes distribuir, por vinte e tantas canoas suas, que tinha mandado a colheita do cravo, e cacão, e que depois mandara buscar tantos, para irem em escoltas de guerra, que tinham mandado fazer, e que ultimamente vierão, taes e quaes canoas de moradores, e não se contentando com os Indios que os principaes lhe repartião, tinham levado todos quantos acharão, a uns por força presos em grilhões, outros com enganos, e outros embebedando-os, e mettendo-os bebados nas canoas, e que taes Indios, havia um anno, e taes dous annos, e outros mais, que havião sahido da aldeia, com fulano e sicrano, tinham voltado, porque os tinham servido nas suas roças e fazendas, e nellas tinham já casado na sua aldeia, estando a sua primeira mulher viva. E finalmente diziao os missionarios, que mandando el-rei que as aldeas, se repartão em duas partes, e que uma parte assista sempre na aldeia, na aldeia se não achava mais que mulheres e crianças.

Nenhuma destas razões servem, nem aos governadores, nem aos moradores, e sendo isto assim, me assombra fazer o procurador uma queixa tão geral dos Padres, a que em geral se responde que os Padres não cumprem com as ordens dos governadores, porque nem os governadores cumprem com as ordens de el-rei; não dão Indios a uns que levão licença, para se lhe darem, porque ja outros quando estes chegam, têm levado os que lhe derão, e mais os que tomirão.

Desta segunda razão se deve exceptuar João da Maia da Gama, que em todo o tempo do seu governo, nem contractou, nem negociou, nem adquirio cousa alguma fóra do soldo que Sua Magestade lhe mandara dar, e por isso nunca mandou tirar Indios para serviço seu particular.

TERCEIRO PONTO.

Tudo o que o procurador Paulo da Silva diz sobre este ponto, são falsidades. A verdade é esta: têm os missionarios em cada uma das residencias, vinte e cinco Indios, deputados para seu serviço, conforme o capitulo do regimento.

Para cada uma das residencias que os ditos Padres tiverem em distancia de trinta leguas, das ditas cidades de S. Luiz do Maranhão, e Belem do Pará, lhe deputara vinte e cinco Indios por serem necessarios ao exercicio das suas missões.

Estes vinte e cinco Indios, são todos os Indios que occupão os missionarios, e não acharem estes, os Portuguezes que vão tirar Indios, é todo o seu sentimento, e ordinariamente não os achão; porque os missionarios ensinados da experiencia de lh'os terem levado tantas vezes, ou em grilhões, ou enganados, quando chega o tempo de irem os moradores á colheita do cravo, e cacão, se anticipão em mandar os seus vinte e cinco, de sorte que quando chegam os moradores, já os taes vinte e cinco Indios estão fóra das aldeas, tirando nos matos, ou cravo, ou cacão, ou salsa. Nem basta esta anticipação, é tambem necessario, que os missionarios paguem a algum homem branco, para ir com os ditos vinte e cinco Indios, so alim de que os defenda de outros Portuguezes, para que encontrando-os, os não passem da canoa do missionario para as suas, como muitas vezes têm feito.

Não nego que tres missionarios da Companhia, mandirão por dous ou tres annos, mais alguns Indios sobre os seus vinte e cinco, á colheita do cacão; mas forão tirados das missões, e castigados, conforme se entendia a sua culpa merecia. Se destes quer o procurador Paulo da Silva fazer extenção para todos, faz muito mal, porque tres não são todos; e se sabe mais de alguns

Com todo o devido respeito supplicão a V. S. que pela parte que lhe toca, não permita se falte a observancia das ditas leis, como pór vezes tem publicamente dito e protestado, e muito em particular os da repartição da terceira parte dos Indios de serviço, que por sua grande importancia, o Sr. principe que Deos guarde, especialmente commetteu á pessoa de V. S., esperando do grande zelo, e autoridade de V. S. destrerraria as grandes oppressões e damnos, que padecião actualmente os Indios, como é notorio. Senhor, a dita lei ordena, que os missionarios apresentem a

em particular, porque o não nomea? nomeado elle, attenda se depois de examinada a verdade, se executa o mesmo castigo ou não: se vir que se executa, pôde saber que fallou verdade; se vir que se não executa, pode-se desenganar que fallou falso.

Estes serviços em que os missionarios occupão os vinte e cinco Indios, que lhe são deputados, chama o dito procurador ambição, interesses particulares, negociações, fabricas, de que lhe resulta mui crescidas ganancias, e destes tratos ou contractos como elle diz, se escandalisão mui gravemente, affirmando que até os mesmos collegios, são alfandegas; por nelles se venderem os effectos das ditas ganancias. Mas sim representa o que é virtude com taes apparencias, quando se julga ser vicio, o escandalo é farizaeo e bem refinado. Não nego que os missionarios mandão colher cacão, cravo, salsa, parrilha, confesso que onde não ha estas drogas, fazem suas roças de farinha, mandão salgar peixe e carne dos matos, e tudo o mais que o dito procurador quizer: mas isto fazem ou mandão fazer sem occupar mais que os vin e e cinco que lhes são deputados, e não todos os Indios das aldeas, como elle diz, e sem serem necessarios ameaços, ou castigos: porque os mesmos Indios, andão rogando aos missionarios, que os tomem no dito numero dos vinte e cinco, só por se livrarem de ir servir aos Portuguezes, pelo melhor trato e paga que têm dos seus missionarios, do que têm dos Portuguezes.

Agora para conhecer se estes serviços em que os missionarios occupão os Indios, é virtude ou vicio, se deve tambem saber o que fazem, ou em que gastão os missionarios as ganancias destes serviços, que o dito procurador, pinta tão crescidas. Se disser que as mandão a seus parentes, ou que ficam nos collegios, ou que as consomem em regalos, tudo e qualquer cousa destas, e falsidade. Ajuntar riquezas para dar a parentes, não se consente na Companhia, os collegios dão para as missões, e não recebem das missões: os missionarios andão vestidos de panno de algodão tinto na lama: seu comer é carne dos matos e peixe dos rios que lhe maão os Indios, o seu pão é de farinha de pão; vinho, não têm mais que o necessario para as missas; a sua cama uma rede, e estes são todos os seus regalos. O em que gastão estas ganancias, é com as igrejas, e com os mesmos Indios das aldeas: com as igrejas, porque estas não têm outra cousa mais, do que aquillo que os missionarios nellas põem, e não pôde deixar de ser vergonha para os Portuguezes, que hajão de estar as igrejas das aldeas dos Indios, mais ornadas, do que estão as suas das cidades: com melhores imagens estufadas, e com melhores vestimentas de seda, e melhores e mais finos damascos.

Exceptuo agora a Sé do Pará, pelas grandes riquezas que para lá mandou a magnificencia de ei-rei nosso senhor.

Gastão com os Indios, porque aos seus vinte e cinco pagão muito mais avantajadamente, do que costumão pagar os Portuguezes, e a todos os mais Indios e Indias, estão soccorrendo em suas doencas com as medicinas, que comprão nas suas necessidades, com o vestido aos que não têm, com a mortalha aos que se enterrão; com os machados e fouceas para roçarem, aos que carecem desta ferramenta, e com tudo mais do que padecem falta: porque estes pobres miseraveis não têm outro a quem recorrer mais, do que aos seus missionarios, e porque nelles achão entranhas de pais, por isso fazem nelles tanta confiança, e os amão tanto, por mais que alguns Portuguezes com praticas diabolicas, os procurão apartar da sua obediencia, sujeição, e amizade.

O em que fazem os missionarios maiores gastos, é com os Indios, que hixão dos matos para as aldeas: porque primeiramente para os moverem a deixar aquellas brenhas, onde se crião sem sujeição de ninguém, e se reduzirem a vir viver nas aldeas, onde sabem que hão de ser obrigados a servirem aos Portuguezes, dos quaes hão de padecer muitas vexações, e necessario mandá-lhes dadivas, e promessas de outras maiores, para o tempo adiante se baixarem para as aldeas; para que attrahidos ao que se lhe representa aos olhos, se resolvão o vir viver onde possam ser doutrinados na fé, que só pelos ouvidos entra; nem ha outro meio para suave e voluntariamente reduzir estes barbaros.

Para virem dos matos e sertões, é necessario terem os missionarios candas em que os conduzir; é necessario pagar o trabalho dos remeiros que os vão buscar, é necessario ter farinhas para o seu sustento; é necessario ter machados e fouceas para fazerem suas roças; e porque assim homens, como mulheres, não têm mais vestido, que o do estado da innocencia, para que appareçam ao menos na igreja, com alguma tal ou qual decencia; é necessario ter panno para dar aos homens, com que fação seus calções, e as mulheres com que fação suas saias.

lista dos Índios, que se hão de repartir, e por conseguinte prohibe a repartição de quaesquer outros, que elles não alistarem. Fizerão elles a lista com toda exacção possível, como a V. S. consta, contra a asseveração de quem por defectiva a quiz calumniar, mas constando ella só dos Índios de serviço, na fôrma da lei: contra ella se lhe ajuntarão as Índias para se repartirem juntamente com os rapazes, e raparigas, sendo certo que Sua Alteza não falla mais que em Índios de serviço: termos, que excluem mulheres e meninos, como se deixa de ver, ou quando menos se não pôde negar ser

Todas estas cousas são precisamente necessarias, além de outras muitas que ainda que menos necessarias, ha contudo necessidade dellas.

E d'onde ha de vir tudo isto aos missionarios, se não tiverem industria de occuparem os seus vinte e cinco Índios, em serviço d'onde possa resultar alguma ganancia, para se permutar por estas cousas referidas?

Conhece muito bem o dito procurador Paulo da Silva, conhecem e sabem todos os moradores d'aquelle Estado, que nisto gastão os missionarios da Companhia o que adquirem com o trabalho dos ditos vinte e cinco Índios, e não deixão nem podem deixar de confessar, que estes gastos são muito convenientes ao serviço de el-rei, e dos mesmos moradores; nem também poderão deixar de confessar que são muito virtuosos; porque são ordenados não só a bem temporal dos pobres miseraveis Índios, mas a salvação de suas almas; pois se não fizessem estes gastos, nem sabião dos matos voluntariamente, nem perseverarião as aldeas, e consequentemente, nem serião instruidos, e doutrinados na fé, nem se lhes poderia administrar os Sacramentos, sem os quaes ninguem se pôde salvar.

Eis aqui os interesses particulares, e está toda a ambição dos missionarios; de que tanto se escandalisa o dito procurador: os interesses são de ter muitos merecimentos para com Deos, a ambição é toda de ganhar almas para maior gloria e honra do mesmo Deos.

Não têm duvida que quando os Portuguezes vêm aos missionarios fazer estes gastos, e dispêndios, se edificão, e os louvão muito; mas quando vêm aos Índios mandados pelo missionario a taes ou taes serviços: e quando vêm os effectos ou ganancias dos taes serviços que se permutão; aqui esquecidos de que os edificava, se escandalisão gravemente, alli crão santos; aqui são uns mercadores, tratadores, e nada têm de religiosos.

Eu confesso que se os missionarios, tivessem quem lhes fizesse estes gastos, que farião muito mal escandalisar aos Portuguezes; mas se os Portuguezes, sabem que nem elles, nem ninguem dá nada aos missionarios, senão por paga, ou permutação de outras cousas; se sabem que este é o consumo das suas agencias e ganancias, de que se escandalisão.

Todas as cousas se hão de regular pelo fim, como prova Valase in axiomat. jur. litt. P. n. 157 et litt. T. n. 144. Colher cacão, cravo, salsa parrilha, que são bens de quem primeiro os colhe, e mandar salgar carnes e peixes, que não são de nenhum senhor, mandar cultivar terras e o mais que aponta o dito procurador, que maldade tem, que injuria se faz a pessoa alguma? São cousas estas que por fim se ha de julgar a sua bondade, ou maldade, por serem de sua natureza indifferentes: pois se o fim é bom, santo, e louvado, e estes são os meios de alcançar aquelle fim, nem o tal fim supposta a condição destes Índios rusticos e barbaros, se pôde regularmente alcançar sem estes meios, porque razão não hão de participar da bondade e virtude de seu fim? Parece por em dizer o dito procurador, que os taes meios são negociações, e poderá acrescentar que o negociar é prohibido pelo direito canonico, e por varias bullas pontificias; d'onde ainda que os taes meios de sua natureza sejam differentes, pela prohibição são illicitos, e não se deve de usar de meios illicitos em razão de qualquer fim, ainda que seja bom.

Ao que respondo em primeiro lugar, que estes taes meios de que se trata, não são negociações illicitas, ou prohibidas, porque mais são industrias, e agencias dos missionarios, que negociações; o que pôde colligir do que decidio a congregação do concilio apud. Tras. de regis... partonatum indiarum tom. 2, cap. 75. n. 60 e n. 69, que o mesmo que diz Less. lib. 2, cap. 21 dab. 2. « Adverte posse clericos comparare rem aliquam, est sit materia, ex qua aliam concipiunt, quam vendant, quia ibi non est negotiatio... Similiter possunt agros proprios colere, ut fructus vendant, Capides, vel metalla ex suis fundis cadere, vel cruere, sive muttunt in aliam Speciem, sive nom. greges in suis agris alere, ut ex fortu, lacte, lamna, pecuniam, concipient, aut ipsa animalia adulta, et sapinata, vendant.

Donde se estas cousas não são negociações, também não se pôde dizer negociações, mandarem os missionarios colher cravo, cacão, matar carne, e peixe, plantar mandioca e algodão etc. Não importa que estas taes cousas que decidio a congregação, e diz Lessio não serem negociações, sejam ou devam ser para o não serem dos proprios campos, quintas e terras dos ecclesiasticos, e as terras que os missionarios fazem cultivar para roças, as arvores donde tirão o cacão, cravo, etc., não são suas; porque contra isso está que as taes terras e fructos, assim como carnes e peixes, Sunt primi occupantis, et primi capientis, pelo que são as taes terras, e arvores dos missionarios, pelo dito titulo, primi occupantis, e capientis; e assim são verdadeiramente

muito provavel se não entendem as taes mulheres, e meninos, como mostrarei sendo necessario.

Requero a V. S. em nome dos principaes, e dos Padres missionarios, que na fórma da lei tem a seu cargo as aldeas da repartição, seja servido mandar suspender a repartição de mulheres, e meninos, enquanto se resolve a duvida proposta, a qual com as razões por uma e outra parte se offerecem, deve ser remetida ao Dr. Thomé de Almeida de Oliveira, ouvidor-geral deste Estado, assim por ser justiça maior, e professor das leis, como pela

suas Saltem dominio, utili uzus fructus. Igitur (diz Tras citadon 31) quoad presentem disputationem observandum est ecclesiasticis propriam tantum negotiationem esse prohibitam non vero, in propriam, sive non propriam negotiationem, quae vere, et proprie industria, et artificia dici potest et debet.

Além disto, a necessidade que têm os missionarios de usar destas industrias, ainda que forão verdadeiras negociações, como não têm nada de indecorosas, porque mandarem os missionarios os seus Indios aos matos, tirar cravo, etc., ou ao mar matar peixe, não tem indecencia alguma, pois isso usavão os mesmos governadores, e ainda os bispos, sem lhes ser notado de indecente ao seu estado pela tal necessidade. ficavão as ditas negociações licitas, porque como tem Tras. citado n. 31 com o commun dos doutores. « Limitari solet praedicta communi sententia et traditio quando negotio exercetur pro necessitate sub venienda non animo, et aviditate cumulandi. »

Dizem contudo isto, que estas que elles chamão negociações, e nós industrias, são proprias de seculares, e não de religiosos. que se não devem divertir com estas cousas temporaes das espirituaes, e que por isso não podem deixar de se escandalisar. Quereem mudar os institutos, as religiões pretendendo que só abracem a vida contemplativa, sendo a vida contemplativa e activa do instituto da Companhia. Respondo que estas industrias, ou negociações, como de sua natureza são indifferentes, são como se tomão. Se se tomarem em ordem a juntar riquezas, são proprias de seculares, e se se tomarem com os meios conducentes, para a salvação das almas, e conversão dos Gentios, são muito proprias dos religiosos da Companhia; porque como diz Sour. tom. 4, de religion tract. 1, lib. 1, cap. 6, n. 2. Principale munus hejus religionis est. Spiritualem salutem et perfectionem proximorum procurare et ad illum omnibus congruentibus mediis uti.

O principal instituto é tratar da salvação das almas; e para isto pôde e deve usar de todos os meios congruentes, se estas agencias temporaes são as mais congruentes para a redução daquelles Gentios, porque não serão proprias dos religiosos da Companhia? Indecente cousa é o religioso vestir habitos seculares, e é muito proprio dos religiosos da Companhia, vestirem-se á ingleza para entrar em Inglaterra; a chineza para se introduzirem na China; porque este é o meio mais facil, e congruente para naquelles reinos tratar da salvação das almas. Indecente cousa é um religioso estar em uma casa de jogo, baralhando cartas, e fazia-o S. Francisco Xavier, para converter um peccador. Não improprio do fim, antes é muito proprio o que conduz para elle: é tal o fim da salvação das almas, que ainda alguns meios, que sendo ordenados para elle, seriam viciosos, ordenados a elle, ficão virtuosos e santos.

O certo é que todo o escandalo, e murmurações dos moradores do Pará contra os religiosos, nasce da inveja. Vêm que as canoas dos missionarios, chegam ordinariamente mais succedidas e mais carregadas que as suas, e disto se entristecem: desta tristeza que propriamente é inveja, nascem as suas filhas, odio, e murmurações. E é bem que se saiba, que a causa de virem bem succedidas, não é outra mais, que os mesmos Indios; não por serem mais em numero, que antes são menos, porque rara é a canoa de moradores, que não leve trinta e mais Indios; e as dos missionarios, levão sómente os seus vinte e cinco, que lhe são deputados; mas porque os Indios dos missionarios são contentes e voluntarios, e sobre tudo trabalham com gosto e vontade, por saberem, que tudo o que fazem é para elles, e para a sua aldeia: os Indios que levão os moradores ordinariamente, vão forçados, trabalham com enfado e repugancia, por experimentarem mau trato, e não terem ganancia alguma.

QUARTO PONTO.

É falso tirarem os missionarios do sertão, mais drogas, que todos os moradores, o que claramente se manifesta da resposta do procurador das missões, e das certidões que sobre este ponto junta. Emquanto aos direitos, é certo, que os Padres, os não pagão nas alfandegas de Sua Magestade, pelo privilegio que liberalmente lhes concedeu, o que muito sentem os moradores do Maranhão e Pará, não pela diminuição, que haja nos direitos reais, mas por não poderem elles gozar do mesmo privilegio: donde se vê, que esta sua queixa não nasce de serem mais zelosos da fazenda real, de que os mesmos reis, mas que nasce unicamente da inveja; as rendas reais, nem na alfandega do Pará, nem na casa da Índia, se diminuirão nos annos, em que governou aquelle Estado, João da Maia da Gama, antes na casa da Índia cres-

especial commissão, que tem de Sua Alteza, para decidir as duvidas, que se offerecerem na materia da repartição, qual é a presente.

Outrosim representão os sobreditos a V. S., que os Indios, que vivem dos Bocas para cima, não devem entrar na repartição, assim por não estarem ainda alistados pelos missionarios, como por não serem da repartição de que falla a lei, sendo certo, que jámais repartidor algum os repartio, nem teve sobre elles jurisdicção alguma, além de que não estão ainda aldêados, nem assistidos dos missionarios na fórmula que se requer, para se lhes impôr carga tão pesada, como a da repartição, e sobre tudo porque

cêrão muito mais, do que erão antecedentemente; porque vinhão os navios mais carregados, e em cinco annos, se não perdeu navio algum. Nestes dous annos proximos, não duvido que se tenham diminuido os direitos, porque se tem perdido alguns navios, e os que têm chegado têm trazido pouca carga. A razão de trazerem mais carga nos cinco annos do governo de João da Maia, é porque como elle impedia, e castigava os captiveiros injustos dos Indios, todas as canoas que vão ao sertão, não tratavão de outra cousa mais, que da colheita das suas drogas, cravo, cacão, e salsa, e como vinhão carregadas, carregarão os navios de tal sorte, que muitas vezes ficou carga em terra. No ultimo anno do seu governo, como foi noticia estar eleito outro governador que entendião não teria o zelo da observancia das leis, e da liberdade dos Indios, como João da Maia, e não se enganarão; as canoas que forão ao sertão, tratarão mais de captivar Indios, do que colher drogas. Chegou Alexandre de Sousa Freire, e concedeu-lhes toda a liberdade de consciencia, partirão as canoas para o sertão, e como de caminhar, só apanhãrão algum cacão que achãrão maduro, lançando o verde abaixo, e ainda as mesmas arvores; e passarão a tratar de fazer escravos, e sendo assim, como na verdade é, não é maravilha se acharem diminutos os direitos reaes, na alfandega do Pará, e da casa da India. A causa de se não terem perdido navios, enquanto governou João da Maia, e com medo delle se absterem os moradores de captivar Indios, e perderem-se logo navios, depois que entrãrão a renovar o costume de captivar os ditos Indios, parece que Deos o quiz manifestar que não era outra mais, que a injustiça destes captiveiros.

QUINTO PONTO.

A queixa que o procurador Paulo da Silva faz neste ponto, entendo que é só contra mim. Foi o caso: chegou João da Maia ao Maranhão, acompanhado do desembargador Francisco da Gama Pinto, que Sua Magestade mandou áquelle Estado, a tirar residencia de Bernardo Pereira de Berredo, e juntamente a divulgar as injustiças, e captiveiros que aquelles moradores fazião aos Indios. Do Maranhão passarão ao Pará, d'onde se achava o dito procurador Paulo da Silva; o qual começou a praticar, que o dito desembargador tirava aquella devassa á requerimento meu, para destruição de todo aquelle povo, não cessava de andar de um Clemente Palheta, para casa de um Antonio de Sousa Sotiro, ajuntou-se por companheiro de um Manoel de Oliveira Pantoja, homem orgulhoso, desinquieto e perturbador, e por tal, o mandou já Sua Magestade exterminar daquella terra, governando Christovão da Costa Freire. Em uma e outra casa, erão já grandes os ajuntamentos, e no mesmo tempo começãrão sahír papéis que se lançãvãr pelas ruas de noite, em os quaes se admoestava a todos os moradores, que lançassem fóra os Padres. Via-se já isto em termos de haver motim. Por pessoas confidntes, soube o que se tratava, e que de tudo era causa, e origem, o dito Paulo da Silva: manifestei isto a João da Maia, para que lhe puzesse o remedio antes que se formasse alguma conjuração, e passasse o caso mais adiante. Informou-se da verdade, e achou que Paulo da Silva, era o cabecça e autor de tudo, e logo o mandou prender em uma fortaleza.

Preso Paulo da Silva, logo se destizerão aquelles ajuntamentos, cessarão os pasquins, e satyras, e ficou tudo socegado. Mas como Paulo da Silva, se temesse ainda de algum castigo maior, e por outra parte considerasse que com João da Maia, não poderia cobrar acção conducente ao seu genio, e má vontade, fugio para esta corte, onde tanto que chegou, fazendo-se procurador daquelles povos, entrou a fazer requerimentos a Sua Magestade contra os missionarios, especialmente da Companhia. Escreveu aos camaristas do Maranhão, e Pará, para que lhe mandassem procuração, affirmando que não viera a esta corte, senão por zelo e bem de todos, e que já tinha principiado requerimentos de grande utilidade, para os pobres do Maranhão. Repugnãrão os camaristas de uma e outra camara do Maranhão, e Pará, mandar-lhe procuração por tres razões. A primeira, por lhe conhecerem o genio, ser desinquieto, e como no Pará sem nunca entrar na camara, e sendo somente um homem particular do povo, não cessava em desinquietar os officiaes que servião na camara, com requerimentos de pouca ou nenhuma utilidade, e que mais servião de perturbação, que de proveito algum, entendião o mesmo faria nesta corte. A segunda, porque como elle lhes não mandou dizer com ind-

assim o declarou Sua Alteza por carta, ao governador do Estado o Sr. Pero Cesar de Menezes, que Deos haja, e se ajuntará, sendo necessario.

Donde se vê a grande injustiça, que se faz aos ditos Indios, em os obrigar ao mais rigoroso da nossa amizade, no mesmo tempo em que Sua Alteza ordena, se lhe fação os maiores favores, para por este meio attrahilos á sua salvação, á qual totalmente se opõe o jugo da sobredita repartição, que não póde deixar de occasionar a perda de innumeraveis ovelhas, que Deos encommendou ao zelo de V.S. que por ellas ha de responder ao Supremo Pastor. Não pretendemos comtudo eximir totalmente as Indias, e

ção os requerimentos que fazia, temia-se que fossem taes, que ao depois se lhe houvesse de imputar culpa, se lhe mandassem procuração. A terceira, porque tinham por menos credito seu, ser nesta corte Paulo da Silva, seu procurador, e esta razão, é que maior peso lhes fazia, porquanto tinha sido barbeiro de Christovão da Costa Freire, e por desinquietação, mal visto delle, e posto que se casasse com uma filha de um cidadão pobre, elle nunca tinha entrado no numero dos cidadãos, nem servido na camara, e quando nesta corte se não podia sustentar, e tratar nobremente, julgavão por grande desdouro seu, ter tal homem por procurador nesta corte. Cinco annos andou o dito Paulo da Silva, neste requerimento, sem nunca poder alcançar procuração dos camaristas, nem do Maranhão, nem do Pará, até que finalmente chegou Alexandre de Sousa Freire, a quem empenhou por meio de Bernardo Pereira de Berredo, até alcançar a dita procuração, como com effeito conseguiu. Estes são os crimes phantasticos, que diz o dito Paulo da Silva, accumulão os missionarios e seus prelados, aos moradores por lhes estranharem os seus excessos, que outros eu os não sei, nem tão pouco ouvi dizer, que algum morador que se queixasse, fosse castigado, por crimes falsos, que os missionarios e seus prelados lhe imputassem.

SEXTO PONTO.

Os missionarios ainda que não podem ser castigados dos governadores, podem fazer queixa a Sua Magestade, que os mandará castigar por seus prelados, sendo a queixa verdadeira, e racional, e assim não podem obrar livremente os missionarios, por falta de quem os castigue. Melhor dissera o dito procurador Paulo da Silva, que os missionarios obrão livremente; por que como não temem o seu castigo, não querem ser seus feitores nem bombiros, que é o que muito sentem os governadores, e esta é toda a sede que têm, de que se ponhão seculares brancos por cabos nas aldeas, para terem em cada aldeia um feitor, e bombeiro; e como até agora não puderão alcançar isto, chegou a tal excesso Alexandre de Sousa Freire, que por não poder pôr cabos nas aldeas, buscou uns frades da religião de Nossa Senhora do Carmo, em quem achou capacidade, para lhe fazerem o mesmo, que lhe fazião os Portuguezes seculares, e pediu ao seu provincial, os mandasse para taes e taes missões, e tirasse dellas os religiosos que lá estavam; e porque o seu provincial os não quiz mandar, pelos não julgar capazes da occupação de missionarios, mandou uma ordem ao dito Padre provincial, para que logo mandasse taes e taes religiosos, que lhe tinha nomcado para as missões, de tal e tal parte; e por esta causa proxima chegou a esta corte, o dito Padre provincial, a queixar-se a Sua Magestade, de Alexandre de Sousa, lhe perturbar o governo de sua religião, e de lhe mandar ordens da mesma sorte, que as mandaria a um official de guerra seu subdito.

SETIMO PONTO.

Queixa-se neste ponto o procurador Paulo da Silva, que os missionarios esquecidos do bem espirital dos Indios, que lhes não ensinão a lingua portugueza: (melhor diria se podesse dizer com verdade) que os missionarios esquecidos do bem espirital dos Indios, lhe não aprendião a sua lingua, mas queixar-se que se esquecem do bem espirital, porque lhes não ensinão a lingua portugueza, confesso que não penetro a razão desta queixa; somente se quer dizer, que os Padres se esquecem do bem espirital dos Indios porque lhes não ensinão a doutrina christã, como fazem os poucos brancos do Pará, que lhe ensinão, e ainda alguns certos missionarios, de sorte que fallando uns e outros com os Indios, pela sua lingua, lhes ensinão as orações e doutrina pelo portuguez que elles não sabem, nem entendem; e isto é muito louvado entre todos, principalmente entre os que não sabem a lingua dos Indios, e como assim os que a não sabem, como ainda os que a sabem, nenhum delles sabem as orações pela lingua dos Indios, posto que as podião saber e ensinar pelo cathecismo que a Companhia tem feito imprimir, estranhão assim os governadores, como os moradores, que os Padres os não ensinão pela lingua portugueza, pelos não quererem ensinar a fallar portuguez: como se fôra a mesmo, saber ajudar á missa em latim, que saber fallar e entender latim.

Por que mais é, e o que mais estranhão, é não quererem os religiosos da Companhia baptisar

Culumis, dos Bocas de servirem aos Portuguezes, dizemos, e requeremos, se não deve fazer como repartição, assim por os não obrigar a lei de Sua Alteza, como pelas mais razões allegadas, e outras muitas que se poderão ajuntar; mas que se deve assentar algum outro modo conveniente, para que possam servir com a devida moderação que evite os inconvenientes, que se podem seguir, de os obrigarmos ao que não podemos, nem elles têm obrigação de fazer. E para que o deduzido neste papel, faça mais peso aos Srs. adjuntos de V. S. protesta o Padre visitador, e os mais acima nomeados, por todos os desserviços de Deos, e de Sua Alteza, e por quaesquer outros damnos, e inconvenientes, que se

alguns Indios dos portuguezes, e sabendo muito bem as orações e doutrina pelo portuguez, se lhe perguntão que cousa é baptismo, quem é Deos, quem é Nosso Senhor Jesus Christo, não sabem responder, mas se os religiosos da Companhia os não baptisão não faltão outros sacerdotes, que intrepidamente, e sem escrúpulo os baptisão.

O maior cuidado dos religiosos da Companhia é, aprender a lingua dos Indios com quem hão de tratar, e a quem hão de ensinar os mysterios da nossa santa fé, e pouco ou nenhum cuidado põem já hoje em lhes ensinar a lingua portugueza. A razão de estudarem com todo o cuidado a lingua dos Indios, é porque esta é a sua primeira obrigação, para haverem de os ensinar e confessar. « Quanto peres. (diz o Padre Jose da Costa, de procuranda Indorum salute lib. 6, cap. 13) disideretur lingua Indorum peritio, hoc maxime loco apparet cum nec pœni tunciam crimina agnosceret, nec salutanter providere, nise lingua, ministerio possit. » Ensinao os Indios, sem os Indios entenderem o que se lhes ensina, que cousa é senão estarem ensinando papagaios a fallar: que cousa é senão como diz S. Paulo, estar fallando ao vento. « Ita et vos per linguam nisi manifestum sermonem de deritis quæ modo sciatur quod dicitur? eritis enim in aere loquentes. Ad Corinth. 1^a, cap. 14, n. 9. » Por isso Christo não mandou prégar os apóstolos ás gentes, senão depois de lhes dar o dom de linguas, e por este dom dava S. Paulo muitas graças a Deos, porque sem elle nenhum fructo nas almas colheria do seu zelo, e dos seus trabalhos. « Gratias ago Deo meo quod omnium vestrum lingua loquor. Ibi n. 18, e de quanta obrigação seja nos missionarios saber a lingua dos Indios, se pôde ver em Frei João Baptista in advert. Confest. Indos apud Solorz. de Indior. guber. no lib. 3^o, cap. 15, n. 82, onde diz. Tam suscipiens doctrinas sine hac peritia lingue Indorum, quæ non nominantes, moraliter peccare, nec absolvi posse, vel super hac obligatione, nec à Papa dispensari quia pertine ad jus divinum, et naturale in damnum animarum. »

A razão de já hoje não pôrem nenhum cuidado os missionarios em ensinar a lingua portugueza aos Indios, é por alcançarem por experiencia, ser este seu trabalho inutil. Os moradores nascidos no Pará, sabem primeiro fallar a lingua dos Indios, do que a portugueza; por que como não bebem, nem se crião com outro leite mais, que com o das Indias, com o leite bebem tambem a lingua, nem fallão outra, senão depois de andar alguns annos na escola e tratarem com os Portuguezes, que vão de Portugal, e com esta communicação, os Portuguezes nascidos no Pará, aprendem a fallar portuguez, e os que vão do reino, aprendem a fallar a lingua dos Indios. As mulheres é que ficão com maior ignorancia, porque nunca sabem fallar senão um portuguez tosco, e é necessario haver nas igrejas confessores peritos na lingua, para as poder confessar, de sorte que ellas se possam explicar, e o confessor entender. Sendo isto assim, é tambem certo, que os Indios das aldeas, mais tratão com os Portuguezes, do que com os missionarios; porque com os missionarios quando muito, só chegão estar dous mezes no anno, que é os mezes de Agosto e Setembro; donde ainda que os missionarios lhes ensinem algumas palavras da lingua portugueza, nestes dous mezes, como os Portuguezes nos dez mezes seguintes, não fallam com elles, senão pela sua propria lingua dos Indios, quando voltão para as aldeas, já se não lembrão, nem das palavras que os Padres lhes tinham ensinado; pelo que a ordem que requer o dito procurador Paulo da Silva, para os missionarios, se deve muito especialmente mandar passar, para os moradores do Pará, mandar-lhes que nem entre si, nem com os Indios fallam, senão pela lingua portugueza, com que não poderá ter effeito, sem que primeiro se prohiba, que os filhos, e filhas dos Portuguezes, não sejam criados por Indias da terra, no que se faria muito serviço a Deos, e a republica, e se evitarão os muitos vícios, e más inclinações, com que ficão por toda a vida, com esta má criação.

Finalmente diz o procurador Paulo da Silva, que além dos damnos referidos por elle, por terem os missionarios o governo temporal, se seguem outros muito mais perniciosos, ao bem temporal, e espirital dos Indios, e brancos, os quaes não expende por não parecer apaixonado, sepultando-os com o zelo de catholico, na modestia do silencio; e tambem pela attenção a real pessoa de Sua Magestade, pois só sendo muito preciso, os mostraria claros, como são naquello Estado, de que elle procurador, tem largas instrucções e experiencias infallíveis.

Com essas palavras quer significar, ainda mais do que diz, e se o seu intento é comprehen-

seguirem de se não attender, e defira a esta sua proposta, e protesto, o qual fazem presente a V. S., como já fizerão ao Sr. governador e capitão-general, que com repetidos despachos nos remetteu á junta da repartição.

Protestão finalmente, que elles ditos missionarios, desistem de duas entradas ao sertão, que proximamente se dispunhão fazer, em ordem a conduzir a gente que fosse possível, para esta Capitania, emquanto se não tirarem os inconvenientes acima.

Deos guarde a pessoa de V. S. Collegio de Santo Alexandre, 27 de Dezembro de 1680. Humilde capellão de V. S., *Pedro Pedrosa*.

der com ellas aos religiosos da Companhia, não lhe dou resposta mais, que as duas cartas seguintes, que como não são de tantos annos, dellas se póde ver o zelo de catholico, a sem paixão, a modestia, a experiencia infalivel do dito procurador Paulo da Silva. Advirto contudo que eu não affirmo, nem defendo, que na Companhia não haja, ou não possa haver culpas, mas assevero com toda a verdade, que a Companhia não consente em si culpados, e que na averiguação das culpas, procede com toda a exacção, e prudencia, na fórma do seu instituto, e conhecida a verdade, não têm respeito a pessoa alguma, por maiores dotes, letras, e talentos que tenha, e actualmente se contão no Maranhão, mais de vinte despedidos.

ALVARA'.

D. João por graça de Deos, rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar e Africa, senhor de Guiné etc. Faço saber a vós, João da Maia da Gama, governador e capitão-general do Estado do Maranhão, que se vio o que me representastes, em carta de 6 de Agosto deste presente anno, de que pela lista inclusa, me seria presente o miseravel estado, em que se achão as aldeas do Maranhão, que pertencem ao meu real serviço, e dos moradores daquella Capitania, onde não ha outras mais, que estas, administradas pelos Padres da Companhia, de cujo zelo e procedimento, me daries conta em carta separada, e nas que derdes geraes sobre as missões das religiões, que as administrão, mas que nestes é sem duvida que tem religiosos de grande procedimento, de letras, e capacidade, e por cuidarem na conservação das ditas aldeas, e requererem algum descanso para os Indios, são totalmente odiados dos moradores, por fatalidade do tempo, e dissimulação do castigo, pois devendo estes religiosos serem em tudo venerados, pelo seu procedimento, e conhecido zelo da salvação das almas, e do meu serviço, são incupavelmente aborrecidos, por não consentirem o captivoiro dos miseraveis Indios; e que a aldeia de S. José, a que estão reduzidas as cinzas de cinco aldeas, populosas, é a que dá os pilotos para os navios virem do Maranhão, para o Pará, e Indios para as tropas; e para a condução dos contractadores da carne, para o trabalho das fortificações, e para os moradores tambem, não lhes ficando tempo para as roças: que a do Itapicuru dá pescadores, para os officiaes e soldados do dito forte, e para serviço delle, estando na fronteira do inimigo Tapuya, e ainda della se tirão alguns para as frotas, e para o meu real serviço, e tambem para o forte do Iguará, e que sendo hoje vinte e dous, não poderão acudir ao trabalho das suas roças, e que a do Icatú, tem outros tantos pouco mais ou menos; foi concedida por mim para os moradores, os quaes se queixão do estado em que se acha, e que vindo proximamente o Padre Motta da Companhia de Jesus, da missão dos Tocantins, com vinte e oito pessoas baixadas de novo, e dirigidas do dito Padre para se aldearem e catechizarem, as mandarei para essa ultima aldeia do Icatú do Maranhão, para onde ireis mandando os que poderdes, para acudir ao serviço daquelles moradores, que vos representarão a sua necessidade e ordens minhas, e que continuareis esta diligencia, com os que vierem da tropa dos resgates. Me pareceu dizer-vos, que espero do vosso zelo, e cuidado, ponhaes o maior, em que estas aldeas se provejam dos Indios necessarios, que se fizerem no resgate da tropa, como prometteis, para que os moradores, que assistem nestes districtos, tenham quem os sirva, e acuda ao mais que for necessario, para se manterem nelles, pois sem os ditos Indios, não podem subsistir, como a experiencia tem mostrado.

El-rei nosso senhor o mandou por João Telles da Silva, e o Dr. José Gomes de Azevedo, conselheiros do seu conselho ultramarino, e se passou por duas vias. Antonio de Cobellos Pereira, a fez em Lisboa occidental, a 10 de Novembro de 1722.

OUTRO ALVARA'.

D. João por graça de Deos, rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar e Africa, senhor de Guiné, etc. Faço saber a vós, João da Maia da Gama, governador e capitão-general do Estado do Maranhão, que se vio o que me representastes de 28 de Agosto deste presente

PROTESTO QUE FAZ O PADRE PEDRO PEDROSA DA COMPANHIA DE JESUS, VISITADOR DAS MISSÕES DESTE ESTADO, EM SEU NOME, E DOS PRINCIPAES DAS ALDEAS, E PADRES MISSIONARIOS, QUE NA FORMA DAS LEIS DE SUA ALTEZA AS TEM A SEU CARGO.

Na melhor fórma e via que em direito requer, representão e requerem os supraditos a V. S., Sr. governador e capitão-general deste Estado, que tendo elles apresentado ha tres mezes, ou tempo que na verdade se achar na junta da repartição, a lista dos Indios de serviço, não obstante não

anno, das aldeas que administram os Padres da Companhia de Jesus, assim na Capitania de S. Luiz do Maranhão, como do Pará, e o grande fructo que fazem nellas, sendo o seu procedimento tão louvavel que em tudo mostram serem verdadeiros filhos de Santo Ignacio, e uns verdadeiros imitadores do grande e veneravel missionario S. Francisco Xavier, sendo tal o seu cuidado de apartar de si alguns em que ha qualquer nota, ainda que não seja publica, que logo lhe despem a roupela; estando os claustros dos ditos religiosos, cheios de Padres de grande virtude, espirito, e zelo, e que agora morrerá o Padre Domingos da Cruz, de uma vida justificada, e que alguns dos expulsos da Companhia, logo mostram o que são, e que vos vieis obrigado a representar-me, que ahi se achava nessa cidade do Pará, um destes, chamado Padre Manoel de Carvalho, primo pelo que se diz, do capitão-mór Manoel de Madureira Lobo, assistente em sua casa, vivendo nella e fóra della escandalosamente; trazendo em sua companhia uma mulher meretriz, diabolica, o qual clérigo tinha envolvido ao dito capitão-mór com a Companhia de Jesus, e se entendeis ainda que o não tenhaes averiguado, que delle sahirão uns pasquins que incitavão alevntamento do povo, contra os Padres da Companhia, de que não ha certeza alguma, e assim o declaraveis, porque só tinheis achado motivos para a suspeita, mas esta não é necessaria, bastão os primeiros motivos que expondes, e do muito que elle facilita às entradas do sertão, contra as minhas leis e ordens, e que proxivamente chegará uma canda sua, em que vierão Indios assaltados, de que linheis mandado conhecer pelos cabos que nella tinhão vindo, e não pelo que toca ao Padre, e que diz, que o povo não pôde viver sem escravos; e tem capacitado tanto isto ao capitão-mór, que o achaveis peor, que nenhum do povo, nesta opinião, mui contraria ao serviço de Deos, e meu, por cujo respeito devieis mandar pegar no dito Padre para o mandar para estas partes.

Me pareceu dizer-vos, que se recebeu a vossa carta, e que fica muito presente na minha lembrança, o zelo com que os religiosos da Companhia de Jesus, se hão na administração das aldeas, que são da sua missão, e que isto é mui proprio de quem elles são, e do seu instituto, procurarem ardentemente a salvação das almas que pastoreão, ajustando-se em tudo a obrigação de verdadeiros religiosos, accrescentando-se muito no serviço de Deos, e meu; e no que respeita ao Padre Manoel de Carvalho, sou servido ordenar-vos, que vos informeis mui exactamente do procedimento deste clérigo, e achando constantemente que elle é perturbador da paz e socego dos meus vassallos, e que de sua assistencia, podem nascer algumas sedições, e com sua doutrina, discordias taes, que se sigão disso algumas consequências prejudiciaes, que o remettais na primeira embarcação que houver, dando-me conta de tudo o que averiguastes acerca de suas acções e vida.

El-rei nosso senhor o mandou por João Telles da Silva, e Antonio Rodrigues da Costa, conselheiros do seu conselho ultramarino, se passou por duas vias. Antonio de Cobellos Pereira, a fez em Lisboa occidental, a 23 de Novembro de 1722.

SEGUNDO REQUERIMENTO DO PROCURADOR DAS CAMARAS DO MARANHÃO E PARÁ.

Com nenhum meio do que a providencia dos Srs. reis tem determinado para o Estado do Maranhão, se tem satisfeito e socegado os seus moradores, porque conio por uma parte todo o seu intento, é poderem usar livremente dos Indios como melhor lhes parecer; e por outra, não possam deixar de se considerar sujeitos às leis de Sua Magestade, que ainda que as não observão, vêm-se comtudo obrigados a que algum governador mais zeloso lh'as faça observar, não cessão de arbitrar meios com que possam acudir as taes leis, de sorte que tendo leis, possam viver como isentos de toda a lei natural, divina, e humana; o que bem se manifesta dos regimentos que fazem para alcançar provisões, injustas e iniquas, contra todo o direito; e o certo é, que só desta sorte poderão estar contentes, mas não sei ainda se quietos.

Depois que os Srs. reis D. João IV, e D. Pedro II, lhes prohibirão só nos casos expressos nas suas leis, como as condições que nellas se apontão, se podessem os Indios fazer escravos, considerando os ditos moradores, de que sorte poderão fazer escravos a todos, sem que pelas ditas leis podessem ser castigados; pedirão se lhes concedesse facul-

estarem ainda muitos delles recolhidos ás suas aldeas, lhes chegou á noticia que á dita lista dos Indios, se accrescentou igualmente a das Indias, para tambem se repartirem, e por quanto alistar as Indias, e reparti-las, é contra a mente da lei de Sua Alteza que Deos guarde, como consta das razões do papel adjunto que offerecem: requerem a V. S. como a loco-tenente de Sua Alteza, e executor primario de suas leis, não permitta sejam violadas, assim, pelo respeito e obediencia que lhes é servido, como tambem pelos grandes inconvenientes que da tal repartição das Indias Culumis, e Cunha-

dade para descerem Indios forros dos sertões, e os servirem como forros nas suas fazendas. Liberalmente se lhes concedeu esta licença, pela lei de 1684 que fica junta ao parecer que dei na junta das missões que se fez no Maranhão, por occasião da carta de Sua Magestade de 1728 que vai copiada no regimento do procurador Paulo da Silva; mas como a tal licença se lhes concedeu com as condições, sem as quaes se lhe não podia licitamente conceder, porque por ellas se obviará todo o captiveiro dos Indios que se descem, nunca até o tempo presente usáram da licença. E a causa principal (como a elles mesmos ouvi dizer, de não usarem da tal licença, era a condição de que os Indios se havião de descer voluntariamente, e que havião de levar aos tags descimentos, um religioso da Companhia, ou de Santo Antonio. E esta é a condição mais dura, que se lhes representa, por entenderem que levando taes religiosos, ficão impedidas as guerras, as violencias, injustiças com que só julgão podem descer os Indios do sertão: e na verdade só desta sorte é que podem descer quantos Indios querem; porque como os Indios estão nas suas terras, senhores absolutos, se lhes faz muito arduo privarem-se da sua liberdade, para virem servir aos Portuguezes, e só a poder de muitas dadas, como com elles costumão usar os missionarios, é que voluntariamente se descem.

Ultimamente achando boa occasião, para por este modo de violencia descerem os Indios na permissão que concedeu Sua Magestade, na carta de 1718, para que destas nações em que se achassem as condições que nellas se declarão, se podessem trazer por força para as aldeas. Entráram requerimentos que lhes fosse tambem concedido, trazer as mesmas nações, por força para as suas fazendas. Sobre isto fez Bernardo Pereira de Berredo, junta de missões, em que todos os adjuntos votáram, que assim como se podia descer por força para as aldeas, tambem de justiça se poderião descer para as fazendas dos moradores.

Não se tratou porém nesta junta, das condições mais principaes, como se devia fazer este descimento por força; porque o presidente da junta, que era o mesmo Bernardo Pereira de Berredo, e é o mesmo que dictou o assento da junta, engrandecendo nelle o grande zelo com que entrava naquelle governo, lhe não servia tratar dellas, para que se não manifestasse qual era o seu zelo.

Este assento mandou o dito Bernardo Pereira de Berredo, para que Sua Magestade, á vista delle, fosse servido conceder a dita licença, a qual se deferio, até que Paulo da Silva, com repetidas instancias, alcançou a carta para o governador do Estado do Maranhão, Alexandre de Sousa Freire, de 1728. Sendo o mesmo Alexandre de Sousa Freire, o que trabalhou muito mais neste requerimento, que o mesmo Paulo da Silva. Com esta carta, entrou o dito Alexandre de Sousa Freire no Maranhão, publicando, que levava ordem de Sua Magestade para abrir os sertões, e conceder faculdade a todos os que quizessem ir aos sertões buscar Indios, para seu serviço; foi a nova recebida com grande applauso, e com luminarias, mas lida a carta de Sua Magestade, em que manda que os descimentos se fação só por autoridade publica, na forma da lei de 1718; e de nenhum modo, por pessoas particulares, e que os Indios que se repartissem, não havião de ficar para sempre additos ás pessoas a quem se concedessem, toda alegria se mudou em desprazer, e mais que todos ficou descontente Alexandre de Sousa.

Para se consolar a si, entrou a interpretar aquella ordem, não conforme ao sentido das palavras, nem a intenção de Sua Magestade, mas conforme lhe dictava o seu desejo, dizendo, que para estes descimentos serem por autoridade publica, bastava que elle concedesse licença ás pessoas que o quizessem fazer, e para cumprimento da ordem, de não ficarem additos os Indios para sempre ás pessoas a quem se repartissem, bastava que os taes Indios, antes de treze annos, nem depois dos cincoenta fossem obrigados a servir, que é o mesmo que dizer que não serão obrigados a servir, antes de poderem servir,

tais, de necessidade se hão de seguir ao bem commum da republica; sendo certo e indubitavel o escandalo, que os Indios recebem, de lhes repartirem suas mulheres e filhos.

Pelo que ficará impossivel aos missionarios conduzirem outros Indios de novo para a vizinhança, e serviço dos Portuguezes, como Sua Alteza quer, e o encomenda, porque mal lhes poderão persuadir e assegurar o bom tracto, á vista da experiencia em contrario, e mais havendo de ser os Indios da repartição, os instrumentos mais ordinarios das entradas ao

nem depois que não podessem servir, para salvar a liberdade destes Indios assigna, cinco differenças que ficão havendo entre elles, e os que são escravos, mas esquece-se da differença essencial da liberdade *Quæ est naturalis facultas ejus, quod de se, ac rebus suis quisque facere, velit l. tib. 4º ff de statu hom § et libertas inst. dejur.. persona. lib. 1. t. 22 pag 4, cum aliis apud Solorz. 42, t. 1º, cap. 1º, n 17, etc*

Com serem as taes interpretações taes quaes, por si se estão manifestando, com ellas começou a praticar a dita carta, e a conceder licença a quem lh'as pedia, e mandou lançar o bando que traz copiado com o seu requerimento Paulo da Silva, o qual bando tomou primeiro, por assento de uma junta de missões que fez. não obstante haver quem o contradisse na dita junta. Comtudo, diz ainda o dito Paulo da Silva, que são bastantes estas providencias, para o remedio daquelles moradores; e o que mais é para admirar, é afirmar que sem duvida não farão cessar as continuas perturbações em que os costumão pôr os missionarios das aldéas: eu não sei que mais podesse desejar para sua ambição de reduzir todos os Indios a captiveiro, mas temesse ainda que chegando algum Indio a cincoenta annos, se queira ir para alguma aldéa, viver como forro; e isto na verdade ha de ser grande perturbação, porque é sem duvida, que um morador o hade ir buscar, dizendo que o descêra, e o missionario ha de dizer que já passa dos cincoenta annos, que já não está obrigado a servir, que pôde estar onde quizer. Eis ahi tudo perturbado.

Por amor destas perturbações, como tão zeloso da paz, e quietação publica, requer o dito Paulo da Silva, que nem o que ordena Sua Magestade, na carta de 1728, nem as interpretações de Alexandre de Sousa, se pratiquem, mas que só o assento das juntas das missões, que fez Bernardo Pereira de Berredo se observassem por lei; e não vejo, nem alcanço outra razão deste seu requerimento, senão porque a carta de Sua Magestade manda que os Indios que se repartirem, não hão de ficar para sempre additos ás pessoas a quem se concederem, mas sómente pelo tempo que as mesmas pessoas, que hão de fazer a repartição julgarem mais conveniente, attendendo ás forças, idade, prestimo e capacidade dos ditos Indios: e o bando de Alexandre de Sousa, determinou este tempo desde a idade de tr:ze annos, até cincoenta, no que assim a carta de Sua Magestade, como o dito bando de Alexandre de Sousa, se oppoe ao assento da junta das missões, que fez Bernardo Pereira de Berredo, no qual se não determina tempo, e desta sorte, como os Indios ficão sem direito para poderem passar-se para as aldéas em tempo algum; ficão os moradores livres de que os missionarios tenham occasião de acudir por elles, e deste modo ficão fóra de perturbações, e de todo o cuidado de que haja algum Indio de vir a gozar da sua liberdade: por isso acha mais conveniente o dito Paulo da Silva, e sem duvida, segundo seu intento assim é, que se observe por lei, o dito assento da junta das missões que fez Bernardo Pereira de Berredo, e de nenhuma sorte, a carta de Sua Magestade; nem o bando de Alexandre de Sousa Freire.

Sobre estes descimentos, não tenho mais que dizer, senão que da sorte que os querem praticar, são injusto, e proprios de tyrannos sem fé: o que intentão praticar, é o que usão nas guerras que se fazem aos Indios naquella Estado. Propõe o governador que tal e tal nação matou tantos Portuguezes, que é nossa inimiga, e que tem commettido estas e aquellas injurias; manda devassar pelo ouvidor geral, tirão-se testemunhas, e depois entrão os prelados a votar, e sendo os seus votos de que justamente se lhes pôde fazer guerra, despêde o governador um cabo, com soldados, e Indios das aldéas, a fazer a dita guerra: os que menos padecem nesta guerra são os culpados; porque estes como se temem, fogem ordinariamente para o centro dos matos, e de tal sorte se escondem, que são muito poucos os que se podem captivar: mas porque dos Indios captivos destas tropas, se hão de tirar os gastos que fazem, e além disso, joia para o cabo e officiaes da mesma tropa, para o general, para o capitão-mór, para o ouvidor, as nações

sertão, e porquanto os missionarios se dispõem actualmente a fazer duas entradas, uma depois da festa do natal, outra depois da paschoa, das quaes têm probabilidade haverem de descer o numero da gente que permittir a penuria de mantimentos, e canôas em que ao presente estão as aldêas; as quaes entradas se oppõem ao máo trato, e escandalo que da sobredita repartição das Indias, se segue aos Indios; protestão os missionarios desistirem, como de facto desistem das taes entradas, emquanto se não tirarem os impedimentos sobreditos, e assim o representam a V. S., e aos senhores

mais proximas, que como innocentes não temião tal raio, são as que pagão os gastos, e as que servem de jóias, porque as trazem captivas, as repartem, e as vendem como escravas legitimas.

Isto fez o capitão-mór João de Barros Guerra, indo fazer guerra aos Torazes, que captivou mais de duas mil pessoas das nações circumvizinhas. O mesmo fez o capitão Diogo Pinto da Gaia, indo por cabo de uma tropa de guerra que mandou Bernardo Pereira de Berredo, indo em pessoa a fazer guerra aos barbados, que por não poder captivar um só, antes ser obrigado com a tropa a fugir vergonhosamente; tendo por desdouro apparecer no Maranhão sem presa alguma, captivou uma aldêa de Indios de nação Gajajara, que nunca offendeu a Portuguezes, depois de os pobres Indios receberem a tropa na sua aldêa, e a sustentarem tres dias com farinhas e o mais que tinham.

Isto mesmo está actualmente fazendo Belchior Mendes, mandado por Alexandre de Sousa, por cabo de outra tropa de guerra, depois de ter escalado as aldêas, levando dellas até os proprios pescadores e caçadores, que sustentavão os missionarios, e tratar aos mesmos missionarios, com notaveis desprezos, e injurias, sendo alguns dos taes missionarios, religiosos de muitas letras e doutoridade, e elle um mameluco que era; que primeiro foi escravo, e é forro por seu pai o forrar; mas *Tamquam purgamento hujus mandi facti sumus omnium purissima usque ad-huc Ad corinth. c. 4* E isto é o que querem fazer todos os moradores daquelle Estado, e o estão já fazendo com as licenças que lhe tem concedido Alexandre de Sousa, sem esperar resolução alguma de Sua Magestade.

As nações de que falla a carta de Sua Magestade de 1718, que se podem descer por força, são muito poucas, e são as mais temidas dos Portuguezes pela sua ferocidade, nem se rendem sem muitas mortes, dos que os acommettem, e os Portuguezes não querem, escravos á custa de suas vidas: concedida a licença para descerem estas nações por força, quem ha de experimentar esta força, são as nações, em que não ha as qualidades daquellas, as que estiverem aldeadas, as que são mansas e pacificas, as que não são christãs, por não haver numero de missionarios bastantes, que com ellas assista; mas para que digo do futuro, o que já de presente está succedendo. Entre os mais a quem Alexandre de Sousa Freire, concedeu licença, para irem descer os Indios para suas fazendas, foi um Antonio Furtado de Mendonça, chegou ao Rio Orubú, onde assiste o missionario de Nossa Senhora das Mercês, tinha este praticado algumas nações dos matos, para se descerem, e aldearem junto d'elle sobre o rio; chegou o dito Antonio Furtado em occasião, que um principal com seus vassallos assim homens, como mulheres, vinhão sahindo do mato bem de cuidados do que lhes havia de succeder, deu o parabem a sua fortuna, avançou a elles, como lobo, a ovelhas, prendeu quasi todos, e os trouxe para a sua fazenda. Queixou-se o missionario ao governador Alexandre de Sousa, e havendo-se com compaixão, fez entregar somente dez ou doze pessoas, para serem levadas á sua aldêa, e restituídos a sua liberdade, ficando as mais em poder do dito Antonio Furtado, como captivas.

Isto mesmo me affirmarão em geral, que fazem todos os que levãõ semelhantes licenças, de Alexandre de Sousa Freire: religiosos que proxinamente chegarão daquelle Estado.

Se Bernardo Pereira de Berredo, confessa no assento que fez na junta das missões, que os moradores daquelle Estado, fazem nos sertões, frequentes desatinos, e deploraveis insolencias, que se não podem nem poderão nunca cohibir, por mais que os governadores e ministros se empenhem em favor, (ainda que João da Maia mostrou ser esta asseveração falsa; porque no tempo do seu governo, cohibio os desatinos e insolencias, que no tempo do dito Bernardo Pereira seu antecessor se fazião, e fazem agora no tempo de Alexandre de Sousa Freire, seu successor, e mostrou claramente que a razão de se não cohibirem, era entrarem os governadores interessados nos taes desatinos e insolencias.) Se fazião estes

da junta; e a seu tempo o representarão também a Sua Alteza, supplicando-lhe seja servido desobriga-los destes encargos.

Outrosim representão a V. S. não permitta que os Indios que não estão ainda aldeados, nem jámais forão repartidos pelos Srs. juizes do senado, se mettão na repartição, ao menos até se não aldearem, e serem assistidos dos missionarios, aos quaes pertence darem os vós dos que hão de servir, como dispõe as leis de Sua Alteza, as quaes de nenhum modo se podem accommodar aos Indios não aldeados, e distantes desta Capitania.

desatinos e insolencias com nenhuma lagrimas, bastante deploraveis, em tempo em que as leis lhes estavam fechando as portas; quando podião temer castigo, que farão com ellas abertas, sem temor de castigo algum. Se isto assim não é, saiba-se porque razão não querem levar Padre da Companhia a estes descimentos, e saber-se-ha que não é outra senão por que vendo que nem por força, nem por vontade, hão de poder descer as nações de que Sua Magestade falla, se querem aproveitar da mansidão das outras nações, que Sua Magestade não quer, nem é razão, antes summa injustiça, que se lhes faça por força, e como os Padres da Companhia não hão de consentir isto, antes hão de clamar e defender quanto poderem as taes nações; por isso lhes não serve, por isso repugnão, por isso Bernardo Pereira passou em silencio esta condição, de que aos taes descimentos havia de ir Padre da Companhia, por isso Alexandre de Sousa, tem concedido tantas licenças para se fazerem estes descimentos, sem irem Padres da Companhia; porque se fossem, não faria Antonio Furtado de Mendonça, o que fez, nem os mais terião obrado semelhantemente, donde se manifesta a razão porque os Srs. reis de Portugal nas concessões, que têm feito de descimento de Indios, puzerão sempre esta por primeira condição, assim na provisão de 1684, como em outras licenças que Sua Magestade tem concedido a particulares, como consta da carta de 9 de Fevereiro de 1722, cuja cópia é a seguinte:

D. João por graça de Deos, rei de Portugal, dos Algarves, d'aquem, d'além, mar e Africa, senhor de Guiné, etc. Faço saber a vós, superior das missões da Companhia de Jesus do Maranhão, que eu fui servido permittir a varias pessoas desse Estado, possão fazer descimentos de Indios do sertão delles, com a condição, de que irá a esta diligencia um missionario, o qual será religioso da Companhia, que vós nomeares, por se entender que do zelo, com que procurão o bem destes Indios, evitarão a que os taes descimentos sejam injustos. Nesta consideração, me pareceu ordenar-vos, deis parte sempre ao governador desse Estado, dos ditos descimentos, a que mandardes os vossos religiosos, e do que se obrou nelles, dando-me também a mesma conta, para me ser presente o que se executou em negocio tão importante ao serviço de Deos, e meu.

El-rei nosso senhor a mandou por João Telles da Silva, e Antonio Rodrigues da Costa, conselheiro do seu conselho ultramarino, e se passou por duas vias. Dionysio Cardoso Pereira a fez em Lisboa occidental, a 9 de Fevereiro de 1722.

Nestes descimentos por força, tem especial razão esta ordem de Sua Magestade, porque delles e sem duvida, ainda quando se fizessem como se devião fazer, que hão de resultar guerras, em que não póde deixar de haver mortes de innocentes, e seguirem-se outros danos, que consigo traz a guerra, e deve-se considerar se é bem que se deixe a justiça de uma guerra, ao juizo de uns homens, que não levão mais que a vontade de trazer Indios: se postos quinhentas ou seiscentas leguas distantes do Pará, sem medo, nem receio de que algum dê conta do mal que fizerem, hão de estar examinando se tal e tal nação, tem os vícios e qualidades, que se devem achar nas nações que Sua Magestade concede, se podem descer por força, quando o estudo dos que vão ao sertão, não é outro mais que buscar traças e modo, de como sem damno seu, possão metter Indios nas canoas para trazerem.

Pessoa posso nomear no Pará, que alcançou licença para descer setenta casaes de Indios para o seu engenho, e porque a licença não fazia menção de que iria com religiosos da Companhia, nem determinava condições que houvessem de observar, foi sem elle, chegou ao Rio Negro, avançou a uma aldéa, matou uns, e prendeu outros, com que carregou as canoas que levava; morrerão-lhe muitos no caminho, mais á fome por falta de farinha, e por oppressão dos troncos em que os trazia presos, que de doenças; e muitos ainda vivos, mas já desesperados de viverem, se lançavão ao mar, para que os que podião viver, ficassem mais largos, e podessem comer a farinha que estes havião de gastar.

Nem parece razão, que no mesmo tempo em que Sua Alteza dispõe attrahi-los com favores, e mercês que lhes manda fazer, se lhes haja de praticar o maior rigor de nossa amizade, o qual é, e foi sempre obriga-los a servir, sendo forros por preço de doze réis e meio por dia.

Não pretendemos com estas razões impugnar de todo, o servirem algumas Indias das aldeas da repartição, assim por ser contra as leis, como pelas mais razões allegadas, e outros inconvenientes, que por si se deixão ver, porque se não entrão na repartição dos Indios Aroans, aldeados, e assisti-

Parece isto tyrannia, impiedade e crueldade inaudita, mas affirmo com toda a verdade, como religioso e sacerdote que sou, que isto mesmo succede todos os annos, em quasi todas as canoas dos que vão captivar Indios.

Chegou ao Pará, levou os que escapáráo para o seu engenho, mas por pouco tempo; porque dentro de seis nizes, os vendeu todos por escravos, dizendo que os Indios morrião e não o dinheiro. Eis aqui a necessidade de gentes para trabalhar nas fazendas e engenhos que se representam a Sua Magestade. Foi invejado o bom successo de muitos, e forão muitas as petições que enviáráo a Sua Magestade, pedindo-lhe semelhante faculdade; mas como lhe forão as licenças com a condição, de que os ditos Indios que se descessem, se havião de descer voluntariamente, e que a estes descimentos, havião de ir Padres da Companhia; não houve nenhum que quizesse usar de tal licença, dizendo todos que desta sorte, era ir fazer gastos sem fructo; porque os que se quizessem descer voluntariamente ou serião muito poucos ou nenhuns.

Além de ser necessario, para que estes descimentos sejam justos, que vão a elles religiosos de letras, virtude e experiencia: é tambem necessario, que nos ditos descimentos, e no serviço e conservação dos Indios, se mande observar as condições, que puz no meu parecer, que dei a Alexandre de Sousa Freire, e fica junto a resposta que deu o procurador das missões da Companhia, as quaes são todas tiradas das mesmas leis, que se tem passado para o Maranhão, e a maior parte destas condições, e ainda mais algumas para que o serviço dos Indios seja justo, e licito assim socroz. de Gubern. Ind. lib. 1, cap. 1, n. A 2, o qual conclue: *Quoniam omnes superiores leges, et cantiones ad unguem Servare in tanta hominum rerum provinciarum que de veritate, et perversitate, magis tractarum, que astantia difficile est. illis autem non servatis, Indorum ad prædita servitia coactio non in justum tantum verum tyrandum quoque, aut rapinam redolere videtur; merito video plures doctos, pios et graves viros in ea consulenda, aut exprobanda habere pariter, et horrere.*

A mais que todos, causa horror estas condições Alexandre de Sousa Freire, e assim desviando-se do que é justiça, ou injustiça, me respondeu que se não devia attender a estas condições, porque querer attender a ellas, é querer que se frustre o favor que el-rei faz aos seus vassallos, de poderem ir ao sertão descer Indios para o seu serviço, é querer que se diminua, e não se augmentem os direitos reaes, e querer que os moradores sempre vivão em pobreza. Os augmentos dos direitos reaes, e a necessidade dos moradores, é todo o fundamento de quantas injustiças se fazem aos Indios, e de quantos requerimentos se põe diante de Sua Magestade; mas é certo que Sua Magestade não quer rendas com injustiça, e a pobreza e necessidade dos moradores, bem se podião responder como S. Gregorio lib. 4, regist. epist 33 *idcirco fortasse tanta expensæ ni hac terra minus ad utilitatem proficiunt quia eum peccati aliqua admistione leguntur.*

Este papel mais verdadeiro, que judicial, me pareceu poder se ajuntar á resposta, que deu o procurador das missões da Companhia de Jesus, para que com as informações, que nelle dou, possa melhor ter lugar a verdade, e para que esta possa ser menos suspeitosa, se pôde mandar informar sobre o que digo, a João da Maia da Gama, ou ao Illm. Bispo do Grão Pará.

Collegio de Santo Antão, 16 de Dezembro de 1729. — Jacintho de Carvalho.

VISTA QUE SE MANDA DAR AO PADRE JOÃO TEIXEIRA, DOS DOUS REQUERIMENTOS DOS POVOS DO MARANHÃO.

Das duas petições juntas dos moradores do Estado do Maranhão, que Sua Magestade manda ver, e consultar se com effeito pede o Padre João Teixeira, procurador geral dos

dos dos Rev. Padres Capuchos; e os Bocas assistidos dos Revs. Padres Mercenários, passa de doze annos, e outros que se não dizem, vivendo todos estes, mais vizinhos á cidade do Pará, que os dos sertões, não parece razão, nem igualmente que estes experimentem os rigores de que aquelles, com tão dilatada assistencia, e doutrina, se reputão incapazes.

Protestão ultimamente não entenderem que as razões d'este papel são em damno da republica, cujos augmentos elles muito devêras desejão, e

missionarios do Maranhão vista, e será conveniente ouvi-lo, commettendo esta diligencia ao ministro que o conselheiro nomear, e depois responderei.

Haja vista o procurador da corôa. Lisboa occidental, 21 de Maio de 1729.

Manda el-rei nosso senhor que o Dr. Diego da Fonseca Pinto, vendo as duas petições, juntas dos moradores do Estado do Maranhão, e a petição do Padre João Teixeira, procurador geral dos missionarios do Maranhão, o que achar neste particular, informe com, e seu parecer.

Lisboa occidental, 27 de Maio de 1729.

Haja vista o Padre João Teixeira procurador geral dos missionarios do Maranhão, que responderá em termo de tres dias. Lisboa occidental, 11 de Junho de 1729. — *Pinto*.

Notifiquei ao Padre procurador geral dos missionarios do Estado do Maranhão, o Padre João Teixeira, para responder a este requerimento dentro do termo de tres dias, e me mandou a procuração. Lisboa occidental, 18 de Junho de 1729. — *João Velho*.

João Teixeira da Companhia de Jesus, procurador geral da vice-provincia do Maranhão, por esta por mim feita e assignada, e sellada com o sello do meu cargo, faço meu em tudo bastante procurador ao Sr. Dr. Manoel Gonçalves da Silva, para por sua via, se me dar vista na forma que manda Sua Magestade, de um requerimento que fizerão os moradores do Estado do Maranhão, para o que lhe dou todos os meus poderes, e direito necessario, e os mesmos concedo ao Sr. Felix Carlos de Sousa.

Lisboa, 18 de Junho de 1729. — *João Teixeira*.

A queixa que Paulo da Silva Nunes introduzio a Sua Magestade, em nome dos moradores do Estado do Maranhão, contra os missionarios e prelados do dito Estado, fl.... é menos justificada e affectada, e machinada, pela paixão e odio, com que o dito Paulo da Silva, ha muitos annos a esta parte, anda induzindo e persuadindo áquelles moradores, a fazerem semelhante queixa tantas vezes repetida, e reprehendida por Sua Magestade; bem informado pelos seus governadores, e ministros, do louvavel procedimento e catholico zelo dos ditos missionarios, e seus prelados, como mostrão os regimentos e leis das missões appensas a fl....

Ibi. Porém, mostrando a experiencia, que não tem sido bastante esta lei, para se conseguir o intento della, por ter a malicia inventado e descoberto novos modos, para se não observar o disposto nella, e passando a tal excesso, ousadia, e ambição dos moradores do dito Estado, que com injustos, pretextos lançarão delles os Padres da Companhia de Jesus, missionarios do dito Estado, pelo que e por outros respeito os mandei castigar como a sua culpa merecia, ordenando juntamente, que os ditos Padres tornassem para o dito Estado, na maneira em que nelle residão; e sendo novamente informado pelo governador Gomes Freire de Andrade, de tudo, que pertencia a esta materia, com todo o zelo, e verdade, como delle fui sempre, mandando considerar as suas cartas e informações, por ministros de toda a supposição, inteireza e letras, fui servido resolver o seguinte:

Os Padres da Companhia terão o governo, não só no espirital que d'antes tinham, mas o politico e temporal das aldeas de sua administração, e o mesmo terão os Padres de Santo Antonio, nas que lhe pertucem administrar, com declaração que neste governo observarão as minhas leis e ordens.

Sendo todo o empenho dos supplicantes, pela voz do dito Paulo da Silva, que o governo temporal e politico das aldeas, se tire aos Padres da Companhia, e mais prelados das missões, a quem foi concedido, não por graça especial, mas por conveniencia da conservação e augmento daquelle Estado, e propagação da fé de Christo, nos seus sertões e aldeas, como tem mostrado a experiencia, e o que Sua Magestade decretou por lei, com informações e pareceres de tantos ministros doutos, e de tanta inteireza: pretendem agora os supplicantes que se derogue para outra vez usarem da mesma malicia, excessos, e ambições, que já são castigadas, e desão motivo á constituição do dito regimento e lei.

Nem parece razão, que no mesmo tempo em que Sua Alteza dispõe atrainh-los com favores, e mercês que lhes manda fazer, se lhes haja de praticar o maior rigor de nossa amizade, o qual é, e foi sempre obriga-los a servir, sendo forros por preço de doze réis e meio por dia.

Não pretendemos com estas razões impugnar de todo, o servirem algumas Indias das aldeas da repartição, assim por ser contra as leis, como pelas mais razões allegadas, e outros inconvenientes, que por si se deixão ver, porque se não entrão na repartição dos Indios Aroans, aldeados, e assisti-

Parece isto tyrannia, impiedade e crueldade inaudita, mas affirmo com toda a verdade, como religioso e sacerdote que sou, que isto mesmo succede todos os annos, em quasi todas as canoas dos que vão captivar Indios.

Chegou ao Pará, levou os que escapáram para o seu engenho, mas por pouco tempo; porque dentro de seis mezes, os vendeu todos por escravos, dizendo que os Indios morrião e não o dinheiro. Eis aqui a necessidade de gentes para trabalhar nas fazendas e engenhos que se representam a Sua Magestade. Foi invejado o bom successo de muitos, e forão muitas as petições que enviáram a Sua Magestade, pedindo-lhe semelhante faculdade; mas como lhe forão as licenças com a condição, de que os ditos Indios que se descessem, se havião de descer voluntariamente, e que a estes descimentos, havião de ir Padres da Companhia; não houve nenhum que quizesse usar de tal licença, dizendo todos que desta sorte, era ir fazer gastos sem fructo; porque os que se quizessem descer voluntariamente ou serião muito poucos ou nenhuns.

Além de ser necessario, para que estes descimentos sejam justos, que vão a elles religiosos de letras, virtude e experiencia: é tambem necessario, que nos ditos descimentos, e no serviço e conservação dos Indios, se mande observar as condições, que puz no meu parecer, que dei a Alexandre de Sousa Freire, e fica junto a resposta que deu o procurador das missões da Companhia, as quaes são todas tiradas das mesmas leis, que se tem passado para o Maranhão, e a maior parte destas condições, e ainda mais algumas para que o serviço dos Indios seja justo, e licito assim socroz. de Gubern. Ind. lib. 1, cap. 1, n. A 2, o qual conclue: *Quoniam omnes superiores leges, et cantiones ad unguem Servare in tanta hominum rerum provinciarum que de veritate, et perversitate, magis tractarum, que astantia difficile est. illis autem non servatis, Indorum ad predicta servitia coactio non in justum tantum verum tyrandum quoque, aut rapinam redolere videtur; merito video plures doctos, pios et graves viros in ea consulenda, aut exprobanda haerere pariter, et horrere.*

A mais que todos, causa horror estas condições Alexandre de Sousa Freire, e assim desviando-se do que é justiça, ou injustiça, me respondeu que se não devia attender a estas condições, porque querer attender a ellas, é querer que se frustre o favor que el-rei faz aos seus vassallos, de poderem ir ao sertão descer Indios para o seu serviço, é querer que se diminua, e não se augmentem os direitos reais, e querer que os moradores sempre vivão em pobreza. Os augmentos dos direitos reais, e a necessidade dos moradores, é todo o fundamento de quantas injustiças se fazem aos Indios, e de quantos requerimentos se põe diante de Sua Magestade; mas é certo que Sua Magestade não quer rendas com injustiça, e a pobreza e necessidade dos moradores, bem se podi responder como S. Gregorio lib. 4, regist. epist. 33 id circo fortasse tanta expensæ ni hac terra minus ad utilitatem proficiunt quia eum peccati aliqua admistione leguntur.

Este papel mais verdadeiro, que judicial, me pareceu poder se ajuntar á resposta, que deu o procurador das missões da Companhia de Jesus, para que com as informações, que nelle dou, possa melhor ter lugar a verdade, e para que esta possa ser menos suspeitosa, se pôde mandar informar sobre o que digo, a João da Maia da Gama, ou ao Illm. Bispo do Grão Pará.

Collegio de Santo Antão, 16 de Dezembro de 1729.—Jacintho de Carvalho.

VISTA QUE SE MANDA DAR AO PADRE JOÃO TEIXEIRA, DOS DOUS REQUERIMENTOS DOS POVOS DO MARANHÃO.

Das duas petições juntas dos moradores do Estado do Maranhão, que Sua Magestade manda ver, e consultar se com effeito pede o Padre João Teixeira, procurador geral dos

dos dos Rev. Padres Capuchos; e os Bocas assistidos dos Revs. Padres Mercenários, passa de doze annos, e outros que se não dizem, vivendo todos estes, mais vizinhos á cidade do Pará, que os dos sertões, não parece razão, nem igualmente que estes experimentem os rigores de que aquelles, com tão dilatada assistencia, e doutrina, se reputão incapazes.

Protestão ultimamente não entenderem que as razões deste papel são em damno da republica, cujos augmentos elles muito devéras desejão, e

missionarios do Maranhão vista, e será conveniente ouvi-lo, commettendo esta diligencia ao ministro que o conselheiro nomear, e depois responderei.

Haja vista o procurador da corôa. Lisboa occidental, 21 de Maio de 1729.

Manda el-rei nosso senhor que o Dr. Diego da Fonseca Pinto, vendo as duas petições, juntas dos moradores do Estado do Maranhão, e a petição do Padre João Teixeira, procurador geral dos missionarios do Maranhão, o que achar neste particular, informe com, e seu parecer.

Lisboa occidental, 27 de Maio de 1729.

Haja vista o Padre João Teixeira procurador geral dos missionarios do Maranhão, que responderá em termo de tres dias. Lisboa occidental, 11 de Junho de 1729. — *Pinto*.

Notifiquei ao Padre procurador geral dos missionarios do Estado do Maranhão, o Padre João Teixeira, para responder a este requerimento dentro do termo de tres dias, e me mandou a procuração. Lisboa occidental, 18 de Junho de 1729. — *João Velho*.

João Teixeira da Companhia de Jesus, procurador geral da vice-provincia do Maranhão, por esta por mim feita e assignada, e sellada com o sello do meu cargo, faço meu em tudo bastante procurador ao Sr. Dr. Manoel Gonçalves da Silva, para por sua via, se me dar vista na forma que manda Sua Magestade, de um requerimento que fizeram os moradores do Estado do Maranhão, para o que lhe dou todos os meus poderes, e direito necessario, e os mesmos concedo ao Sr. Felix Carlos de Sousa.

Lisboa, 18 de Junho de 1729. — *João Teixeira*.

A queixa que Paulo da Silva Nunes introduziu a Sua Magestade, em nome dos moradores do Estado do Maranhão, contra os missionarios e prelados do dito Estado, fl.... é me nos justificada e affectada, e machinada, pela paixão e odio, com que o dito Paulo da Silva, ha muitos annos a esta parte, anda induzindo e persuadindo áquelles moradores, a fazerem semelhante queixa tantas vezes repetida, e reprehendida por Sua Magestade; bem informado pelos seus governadores, e ministros, do louvavel procedimento e catholico zelo dos ditos missionarios, e seus prelados, como mostrão os regimentos e leis das missões appensas a fl....

Ihi. Porém, mostrando a experiencia, que não tem sido bastante esta lei, para se conseguir o intento della; por ter a malicia inventado e descoberto novos modos, para se não observar o disposto nella, e passando a tal excesso, ousadia, e ambição dos moradores do dito Estado, que com injustos, pretextos lançarão delles os Padres da Companhia de Jesus, missionarios do dito Estado, pelo que e por outros respeito os mandei castigar como a sua culpa merecia, ordenando juntamente, que os ditos Padres tornassem para o dito Estado, na maneira em que nelle residião; e sendo novamente informado pelo governador Gomes Freire de Andrade, de tudo, que pertencia a esta materia, com todo o zelo, e verdade, como delle fizei sempre, mandando considerar as suas cartas e informações, por ministros de toda a supposição, inteireza e letras, fui servido resolver o seguinte:

Os Padres da Companhia terão o governo, não só no espirital que d'antes tinham, mas o politico e temporal das aldeas de sua administração, e o mesmo terão os Padres de Santo Antonio, nas que lhe pertucem administrar, com declaração que neste governo observarão as minhas leis e ordens.

Sendo todo o empenho dos supplicantes, pela voz do dito Paulo da Silva, que o governo temporal e politico das aldeas, se tire aos Padres da Companhia, e mais prelados das missões, a quem foi concedido, não por graça especial, mas por conveniencia da conservação e augmento daquelle Estado, e propagação da fé de Christo, nos seus sertões e aldeas, como tem mostrado a experiencia, e o que Sua Magestade decretou por lei, com informações e pareceres de tantos ministros doutos, e de tanta inteireza; pretendem agora os supplicantes que se derogue para outra vez usarem da mesma malicia, excessos, e ambições, que já foram castigadas, e dento motivo á constituição do dito regimento e lei.

Diz o Padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus, superior e visitador geral das missões deste Estado, que estando os mais religiosos da Companhia embarcados na não *Sacramento*, e notificados para nellas passarem ao reino, o juiz do povo, o notificou hontem, para fazer a mesma jornada, e viagem na caravella em que o tem detido; e posto que elle esteja prestes e não repugna fazer a dita viagem, representa a V. S. que em haver de ser na dita caravella conforme a dita notificação, se lhe faz não só notoria violencia, mas muitas violencias.

1.ª Porque sendo elle Padre Antonio Vieira, superior dos ditos religio-

simo de que gozão, confirmado por Sua Magestade no anno de 1711, de que se não segue prejuizo ao rendeiro da fazenda real, que já arrendão os direitos com a dita isenção, os quaes sempre se pagão pelos compradores dos generos que se vendem na terra, porque recebem esse encargo nos preços com que se lhes largão: pois valendo cada arroba de cravo e salsa 600 rs. se lhes vende a razão de 8400 rs., em que levão de maioria os 600 rs. que pagão de direitos; e valendo o cacão a 4\$ arroba, se lhe vende por 33600 rs. em que vai a maioria de 400 rs. que satisfazem aos direitos reais, e pela certidão da casa da India a fl.... se mostra não serem tão excessivas as remessas que os Padres fazem, nem as suas colheitas como os supplicantes encarecem, pondo-as em trinta mil arrobas cada anno, constando pela dita certidão, despacharem o anno passado, sómente trezentas e oitenta e tres arrobas e vinte e quatro libras dos ditos generos, com que se verificão, e legalisão as outras certidões, como se vê a fl.... e a fl....

E todas as fazendas de que os supplicantes fazem menção nas ditas queixas, se reduzem a um eugenho, que um bemfeitor deixou por sua morte ao collegio do Pará, que costuma lavar cincoenta e duas arrobas de assucar branco, e vinte e quatro arrobas e vinte e tres libras de mascavado, como mostra a certidão jurada a fl.... e sendo esta a maior fazenda, bem se infere, qual será a qualidade e o rendimento das outras; em que a receita, não dará a despeza da fabrica ou cultura.

Na terceira queixa dizem os supplicantes, não haver meio que não descubra os missionarios, principalmente os da Companhia, para augmentar os seus interesses particulares, porque além do numero de tantas mil arrobas que embarção para este reino, têm feitorias de assucar, madeiras, canoas, farinhas de pão, e outros generos, que refere nesta queixa: e quando assim fóra, é bem notorio que os collegios e missões daquelle Estado, não têm os rendimentos necessarios para a sua sustentação e conservação, e que com as mesmas missões fazem grande despeza para o serviço de Deos, e de Sua Magestade, e que esta necessariamente se ha de ajudar do trabalho dos seus escravos, e dos Indios livres, que o dito senhor lhes concede nas ditas leis appensas a fl.... *in fine* a quem pagão os seus jornaes e mantimentos; e para esse effeito, os occupão em alguma das ditas feitorias, e na colheita de algum cravo, salsa, e cacão, que tudo dispendem com os mesmos Indios, a fabrica e fundações das igrejas, e aldeas, como tudo melhor consta das certidões ex fl.... até fl....

E o panno que mandão fiar pelas Indias, não é com ameaças de castigo, nem por ambição ou interesse proprio, como os supplicantes supõem, senão para não viverem ociosas na fórma que recommenda o regimento appenso, e para se vestirem e cobrirem, e não irem aos templos e doutrinas descompostas, que é o meio que já lhe inventou o veneravel Padre Antonio Vieira, da Companhia de Jesus

E isto mesmo se responde á quarta queixa, em que os supplicantes dizem que os Padres comprão muitas partidas de fazendas, que costumão vender publicamente nas cidades, villas e aldeas daquelle Estado, o que nunca praticarão; e quando assim fóra, lhes era lícito o commercio para sua congrua sustentação, e dos Indios, e seus descimentos, e missões, e fabrica, e fundações das aldeas, e igrejas, e satisfazem ás obrigações do dito regimento appenso, pois não têm rendas para tantas despezas.

Nem naquelle Estado ha dinheiro em moeda corrente, senão o commercio da permutação dos generos, e quem os não tem, e grangea, padece necessidades, como é notorio; pois ainda os mesmos pagamentos dos jornaes, se não podem fazer senão em generos, que é a moeda daquelle Estado, e este uso, e costume da terra, converte o odio dos supplicantes em negociação publica, por se lhes impedir pelo modo possivel, o captivo, e venda dos

sos da Companhia, é contra toda a razão, boa ordem, decóro, e governo, da religião, que o superior seja apartado dos subditos, e os subditos do superior, além de o privarem a elle, e a seu confessor e companheiro, da consolação da missa, que não podem ter na caravella.

2.^a Porque obrigão a fazer novas e grandes despezas, sendo muitas e excessivas as que tem feito os ditos religiosos, depois da expulsão do seu collegio.

3.^a Porque a dita náó, vai em direitura a Portugal, e a caravella ás ilhas, com o que será necessario fazer nova viagem, novas dilações, e novas des-

Índios livres, e se pugnar pela observancia da lei de Sua Magestade, como nellas se ordena

E por este mesmo motivo dizem os supplicantes, que os Padres em vingança de lhes notarem o exercicio do dito commercio, lhes accumulão crimes phantasticos, para serem castigados. E na verdade, que se os supplicantes experimentassem os castigos que merecem, por não observarem as ditas leis, nunca os seus absurdos chegarão a tanto excesso, nem a sua temeridade teria ousadia para na presença do seu monarcha, se atreverem a macular o procedimento de tantas religiões, que por seus institutos, e observancias, se defendem, attribuindo os supplicantes a soltura com que vivem sómente, o bom regimen daquelle Estado, constando das mesmas leis appensas, a tenacidade de suas culpas, por que têm sido castigados sem emenda. *Quia qui semel est malus, semper presumitur malus in eodem genere mali.*

E não é para estranhar o que em silencio sentem os supplicantes nestas queixas, do procedimento dos ditos Padres, sendo notorio que os seus prelados lhes não dissimulão culpas, nem os consentem na religião, onde sómente se conservão os que são bons religiosos e perfeitos observantes; razão porque tanto se fia delles Sua Magestade nas ditas leis appensas, que já ficão transcriptas e apontadas, no principio desta resposta, e no decurso della.

Na sexta queixa concluem os supplicantes com o intento da sua liberdade, para se fazerem senhores absolutos dos Índios, e extinguirem o grande fructo que ha tantos annos tem resultado das ditas missões, assim ao bom espirital, como temporal; e dizem que para aquelle Estado ter augmento e socego, deve tirar-se o governo temporal da administração dos Índios, aos ditos supplicados, deixando-lhes sómente o espirital. E já fica mostrado que esse governo, que além de ser util ao augmento e conservação do scrvicio de Deos, e de Sua Magestade, era concedido por causa honorosa e remuneratoria, que o dito senhor não costuma derogar; principalmente quando o regimento e leis appensas forão fundadas, em ter mostrado a experiencia, não ser bastante para a conservação do dito Estado, que os Padres tivessem sómente o governo espirital, mas que era preciso terem tambem o temporal dos ditos Índios, que se lhes sujeitão com mais facilidade, pela sua brandura e religião, premios, dadivas e caridade com que os favorecem, e amor com que os tratão, e instruem na doutrina christã, e na vida racional e politica; como mostrou a experiencia, quando se fundarão as ditas leis, que não são muito antigas; pois nmas são reformadas por Sua Magestade que Deos guarde, e outras por seu pai o Sr. D. Pedro de gloriosa memoria.

E pelas mesmas leis, e noticias vulgares, consta que sendo ao principio tão poucas as aldêas, e tão poucos os Índios daquelle Estado, e da mesma sorte os seus descimentos e conversões; achão-se hoje tão multiplicadas em numero, à custa das vidas, zelos, e despezas dos missionarios, como mostrão as mesmas leis vulgares e as attestações de fl... até fl... com que notoriamente se convence a malicia, e odio dos supplicantes, e de quem os move a fazerem semelhantes queixas, uns para ficarem com maior liberdade, e outros para serem absolutos em suas jurisdições, de que não usão com os culpados, por se unirem talvez com elles para a dissimulação das desordens.

Na setima queixa continuão os supplicantes a sua aversão contra a verdade notoria, que os Padres se esquecem do augmento espirital dos Índios, não lhes ensinando a doutrina na lingua portugueza, nem escrever na mesma lingua, com que davão occasião a fugirem dos moradores, (que os não podião ensinar) para as missões, de donde lhes não erão restituídos, pelo poder dos missionarios: e nesta mesma queixa se

pezas, e expôr-se a novos riscos, além de que, a dita não está para partir nestas aguas, o que a caravella não pôde fazer, por lhe faltar parte da carga, aguada, mantimentos, calafeto e outras muitas cousas necessarias.

4.^a Porque a dita chamada Caravella, é um barco sardineiro de Setubal, muito pequeno, sem agasalho, nem commodidade alguma para a passagem e decencia do dito Padre, que se acha carregado de annos, e de seus ordinarios achaques e enfermidades; a qual incommodidade, e aperto, se accrescenta mais com a forçosa companhia dos religiosos que hão de ir com'elle.

5.^a Porque o dito barco é muito velho, roto e mal aparelhado de gente

conhece o odio dos supplicantes, pois o accidental da lingua vulgar não pôde ser motivo da supposta desordem; mas antes a variedade das linguas, já foi confusão, à soberba, dos edificadores da torre de Babel, assim como agora o pôde ser, a machina do edificio destas mal fundadas queixas, que os supplicantes formão, por tantas e tão diversas, linguas

Já o veneravel Padre Antonio Vieira, experimentou nas suas missões, a difficuldade que havia, em os Indios tomarem a lingua portugueza, pela sua grande rudez, em fórma que se algum apprendia algumas palavras com grande trabalho, era por instincto natural como papagaio, sem intelligencia alguma; e por se sentirem opprimidos com o ensino da dita lingua, fugião outra vez, para os matos, os que já estavam aldeados, e os do sertão, já se não querião descer das suas terras, pelo que experimentão dobrado trabalho os missionarios, em aprenderem a sua lingua, para os ensinarem, e instruirem na sua lingua vulgar, que não é tão bruta, como os supplicantes dizem, pois todas as nações a entendem, e usão como entre os Europeos a latina.

É contra a verdade, dizerem os supplicantes, que pelos ditos Indios não serem versados na lingua portugueza, fogem para as missões, e que os Padres lh'os não restituem; porque os seus superiores têm ordenado, que assim que os missionarios souberem que nas suas aldeas se acha algum Indio dos moradores, o remettão logo ás suas casas, o que assim se observa inviolavelmente, e castigão, e reprehendem os Indios aldeanos, que em suas casas occultão algum Indio de qualquer morador: sendo aliás os Padres benignos, e benevolos com elles no seu tratamento e educação.

Por estas fabulosas queixas, concluem os supplicantes, na oitava e nona de sua supplica, que o governo temporal seja abdicado dos Padres, e se transfira nos governadores; e isto é porque nelles experimentão a dissimulação da transgressão das ditas leis, por não terem talvez pleno conhecimento das desordens e disturbios, que os supplicantes usão com os ditos Indios, que como ficão em aldeas tão distantes, se não tiverem quem zele a sua liberdade, e bom tratamento, tornarão a experimentar os mesmos excessos e vexações que padecião, quando nas leis appensas se concedeu aos ditos Padres o governo, e este é o que convém aos Indios, para viverem com os Padres nas mesmas aldeas, tratando delles como filhos, aliás, tornarão os Indios a experimentar os frequentes desatinos, e deploraveis insolencias, que nunca se poderão cohibir, por mais, que os governadores e ministros, se empenhassem em o fazer, como são palavras formaes do assento, que tomou a junta das missões em 20 de Maio de 1719, que os supplicantes ajuntarão a este processo a fl....

E se antes de se commetter aos Padres o governo temporal, se experimentava que os que já estavam aldeados, se tornavão outra vez para os matos, e os que vivião no sertão; não se querião descer, pelas tyrannias e vexações, que experimentavão nos brancos, e por isso se lhes prohibio assistirem, e morarem nas aldeas com os Indios, sob as penas estabelecidas no regimento appenso a fl.... Se agora se tirar aos Padres o dito governo, e se introduzirem brancos com suas familias nas aldeas, como os supplicantes pretendem, virão a cahir na mesma desordem, e captiveiro de insolencias, que as leis tanto quizerão evitar; pois ninguem tanto como os Padres, pela sua brandura, e religião, tratou nunca os Indios com caridade e amor, que elles experimentão, assim no tempo da saude, como de suas enfermidades, e faltando-lhes este amparo pio e religioso, que elles com facilidade abração, é impossivel a sua conservação e augmento, como se tem experimentado.

E como os supplicantes attribuem as suas maliciosas queixas, a conservação e augmento das aldeas daquelle Estado, não pôde haver meio mais salutar e efficaz para a dita conservação e augmento, do que fazerem observar, e executar as leis, e regimento appenso,

é não experimentado no mar, porque para esta viagem se tem mudado de latino em redondo; e por tudo isto incapaz de ir buscar as barras, e as costas, no meio do inverno, a qual incapacidade é tão notoria á todos, que indó na dita não *Sacramento*, perto de cincoenta passageiros, e muitos delles muito pobres; nem um houve que se quizesse aventurar na dita caravella.

Pelo que tudo se mostra, que o intento das pessoas que fazem esta separação de navio, ou é para que elle Padre Antonio Vieira padeça no mar, contra toda a piedade christã, ou para que não possa chegar á Portugal,

em que se dá remedio a toda a desordem, assim causada pelos moradores, como pelos Padres missionarios; os quaes ainda que sejam livres da coacção dos governadores, estão sujeitos aos seus prelados e ministros da Junta das missões, a quem pelas mesmas leis, a fl... se recommenda que em todas as monções, antes de partirem os navios para este reino, tomem conta se os missionarios, cumprem com as suas obrigações, para Sua Magestade dar o remedio conveniente, a cujas ordeus estão sempre sujeitos os ditos missionarios.

E nesta fórma deve Vm. informar a Sua Magestade, sobre estas escandalosas queixas, para mandar o que fór servido.

E no que toca ao segundo requerimento a fl... para que se observe o assento a fl... já está determinado pelas leis fl... a que replicou o governador actual, com a resposta fl... que é impraticavel em muitas partes, a respeito da fórma dos descimentos dos Indios, o que deu melhor resposta o Padre Jacintho de Carvalho, visitador-geral das missões da Companhia de Jesus, que se achão no tribunal, e deve juntar-se, de que vai a cópia a fl...

Esta é a que se deve seguir, por ser voto de um Padre de tantas letras, e virtudes, e experiencia de mais de trinta e cinco annos de assistencia no dito Estado do Maranhão, Pará, e suas missões.

E sómente se responderá com brevidade a pretensão com que o dito governador quer estender a servidão dos Indios, até a idade de cincoenta annos; parecendo-lhe que ha grande differença em muitas circumstancias dos Indios captivos, aos que são obrigados ao serviço dos moradores até a dita idade de cincoenta annos que refere a fl...

E diz que a primeira é ter limite a sua servidão na sobredita idade de cincoenta annos, o que se não acha nos escravos.

E se esta materia é tão escrupulosa, como se considerou na lei fl... quem poderá duvidar que a dita servidão de cincoenta annos, vale o mesmo que uma escravidão perpetua; porque se conforme ao direito, uma vida se reputa por dez annos, com maior razão a servidão de cincoenta annos, se deve reputar por escravidão de toda a vida; pois é a idade em que os Indios já ficam decrepitos, e cheios de achaques, e incapazes de poderem pelo seu trabalho sustentar-se na liberdade *quia ipsa senectus est morbus*, e a morte civil de tantos annos de servidão, obra o mesmo effeito que a natural. *Ex text. in Leg. actione 63 § publicatione fl pro socio § Solr. Just. de societ. et senectutes opera nulla sunt. L. Arboribus 13 § de illo fl. de usu-fructu.*

A segunda differença que o dito governador considera, é que seus filhos são forros, o que não têm os captivos; e nisto mesmo vem a conceder ser escravidão perpetua, a sua servidão de cincoenta annos; porque tambem os filhos dos escravos são livres quando são havidos de ventre livre. Esta razão naturalmente é tão frivola, como apaixonada, e interessada, nos abusos que se dissimulão aos moradores.

E da mesma cathgoria é a terceira differença, em que o governador diz que se não pôde testar dos ditos Indios, assim como se faz dos escravos; porque se o dito governador os pretende reduzir a servidão de cincoenta annos, ficando por este modo escravos durante á dita idade, vale o mesmo que serem hereditarios, e poder-se testar delles de filhos para pelos, enquanto dura a dita idade, assim como se pratica nos prazos, que não são perpetuos, e se concedem ad tempos que tambem é especie de servidão; assim como o é a locação das obras por dez annos, porque por ella se transfere o dominio util, e se reputa perpetua locação que induz servidão, que se não pôde impor ao homem livre. *Ex. text. in L. Consul 71 § Titlo centum o 2º de condit et demonstr.*

E da mesma sariuha, é a quarta differença, em que o dito governador diz que estes

senão depois de muito tempo, como os officiaes da camara do Pará mandam advertir, e pedir aos do Maranhão.

E porque elle dito Padre Antonio Vieira, é missionario do summo Pontifice, ao qual deve dar conta da sua missão, e do estado destas christianidades, para que não falte o remedio espirital a tantas almas, que sem elle communmente se estão perdendo; e sobretudo porque elle Padre Antonio Vieira, tem negocios e noticias de grandissima importancia que communicar a Sua Magestade, de qué pende a conservação das mesinas pessoas reaes, as quaes noticias se perdêrão com a morte de el-rei D.

Indios se lhes paga salario, e sustento, o que se não pratica com os que são escravos; por que esta razão não conclue a liberdade dos Indios, na servidão de cincoenta annos, em que o sustento é preciso, e o salario devido pela lei, e não lhe dá liberdade, nem os tira da escravidão.

Nem tambem a quinta differença, em que diz, que pelos serviços se podem tirar aos moradores; é attendivel porque com a mesma causa se podem tambem tirar os escravos a seus senhores. Conforme o direito, e não havendo sevicias, ou não podendo-se provar, sempre os Indios vêm a ficar na escravidão de cincoenta annos, contra o direito natural, e lei de Sua Magestade.

Ultimamente diz o dito governador a fl. ... *in fine*, que pôde haver outra duvida em quem fór descer os Indios da menoridade de treze annos, e que assim se lhe prolonga a servidão até aos cincoenta annos. A isto se responde, que dando-se faculdade aos moradores para descerem os taes Indios, será com a clausula de que todos os que descerem de menoridade de treze annos, se mandarão para as aldeas, como tambem os mais que excederem ao numero concedido.

Mas esta resposta, não pôde fazer licita a escravidão da idade de treze annos, até os cincoenta, nem o apartamento dos Indios seus filhos; porque sendo pupilos e infantis, necessitam de criação, ao menos de sua mãe, e repugna tambem ao direito natural, e das gentes, que os filhos em tão tenra idade se tirem a seus pais, sem necessidade precisa, para o effeito de seus pais ficarem em uma servidão tão prolongada, a que resiste o direito, e as leis de Sua Magestade.

E a respeito do mais que diz o dito governador, está muito bem respondido pelo dito Padre visitador-geral Jacintho de Carvalho ex fl. ... Com quem deve tambem Vm. informar a Sua Magestade, sobre esta segunda supplica dos moradores, e resposta do dito governador, que não tem mais fundamento, que a sua paixão, no que Vm. obrará, com a rectidão que costuma, e pede o negocio de tanto peso, em uma supplica que se encontra com todas as leis appensas, que não ha muitos annos forão feitas com tantas informações, conselhos, e pareceres de pessoas doutas, como dellas consta, e não deve alterar-se, nem admittir-se novidade, que sempre são odiosas, e perniciosas. *In lei penult. ff de decret. ab ord. faciend. cap. Consuetudin 9 de Consuetudin.*—Manoel Gonçalves da Silva.

REPRESENTAÇÃO DO PADRE JACINTHO DE CARVALHO, CONTRA AS MEDIDAS ADOPTADAS POR ALEXANDRE DE SOUSA FREIRE, Á CERCA DOS DESCIMENTOS.

Senhor. — Representa a Vossa Magestade Jacintho de Carvalho, visitador-geral das missões da Companhia de Jesus do Estado do Maranhão, que chegando a esta cidade do S. Luiz do Maranhão, o governador e capitão general, Alexandre de Sousa Freire, se divulgou farta entre estes moradores, que o dito governador e capitão-general, tinha alcançado faculdade de Vossa Magestade, que constava de uma carta que comsigo trazia, para conceder liberdade a todos os moradores deste Estado, para irem buscar Indios aos sertões, e os trazerem por força para o serviço de suas casas e fazendas, e passado alguns dias convocou o dito governador e capitão-general, junta das missões, onde leu a carta de Vossa Magestade, cuja cópia é a que aqui vai junta, e como na dita carta se não continha tão ampla faculdade como se tinha divulgado; propoz o dito general varias explicações e circumstancias com que a dita carta se devia executar, as quaes todos abraçárão, e approvárão; nem ainda que entendessem o contrario, se atreverião a contraria-las, dizendo primeiro que todos, o dito general, á que se devia fazer e obrar assim pelo respeito que se

João IV, que está em gloria, e sendo Sua Magestade advertido disso, na occasião das guerras presentes, mandou ordem ao dito Padre Antonio Vieira, cuja primeira via communicou a V. S., para que de Pernambuco, ou em direitura por onde lhe parecesse mais segura, passasse ao reino, a levar-lhes, o que elle vinha fazer quando a primeira vez veio do Pará, onde lhe não pareceu todo conveniente embarcar-se, pela ruim viagem que fazem ordinariamente os navios que sahem daquelle porto; e por todas as ditas razões, e cada uma dellas, principalmente por esta ultima, convém, e é necessario, não só ao serviço de Deos, o remedio das almas, senão

tem a dignidade de governador, e capitão-general, como por temor de não cair no seu desagrado, e consequentemente na sua indignação, como com outros governadores se tem varias vezes experimentado; propuz ao dito governador o meu parecer que é o mesmo que vai aqui junto, mas como fosse visto com desagrado, e pouco attendido, me foi necessario assignar o assento que tomáráo os mais ministros, para evitar alguma grave perseguição á minha religião, que sem duvida se lhe originaria, se se divulgasse que só eu na dita junta pugnava o parecer de todos, em detrimento de terem maior abundancia de Indios para se servirem, e desta perseguição, me certificava o terem já lançado fóra deste Estado os religiosos da Companhia, injustamente, por semelhantes causas de acudirem pela liberdade dos Indios, e augmento das missões, contra as injusticias, e violências que obravão os moradores deste Estado, o que tudo represento humildemente a Vossa Magestade, por dous motivos: o 1º, para que conste a Vossa Magestade, que eu, quasi violentado, e quasi por força, assignei com os demais ministros da junta das missões, o assento que se fez; o 2º, para manifestar a Vossa Magestade para descargo da minha consciencia, que algumas explicações que no dito assento se puzerão, não podem deixar de ser injustas, assim por serem contra a mente de Vossa Magestade, como pelos irremediaveis que dellas se seguem de assaltos, violências injustas, mortes de innocentes, e captivos injustos. A primeira é, que determinando Vossa Magestade na dita carta, que os descimentos se não fação por pessoas particulares, o que se determinou na dita junta, foi que todos os que quizessem descer Indios, ou por força, ou por vontade, farião petição ao dito general, e este lhe despacharia, concedendo-lhe licença, e lhes nomearia, ou mandaria deputar missionario para ir com elles, e posto que se declarou no assento da junta, que os Indios que se poderião descer por força, devião ser sómente aquelles, que se declarão na carta de Vossa Magestade de 1718. Como se não declarou de que religião devia ser o tal missionario, fica no seu arbitrio eleger o missionario daquelle religião, que costuma discernir pouco o licito do illicito, ou materia de liberdade. O captivo dos Indios, assim como logo se viu, que fazendo petição para ir descer por força um destes moradores, aos Indios que habitão entre o Rio Pinaré e o Rio Miary, affirmando que havia nelles todos os vícios que na carta de Vossa Magestade de 1718, se declarão, o que me consta ser falso, pedio juntamente que o missionario que havia de levar consigo, havia de ser da religião d' Nossa Senhora das Mercês, o que se lhe concedeu, e isto é o mesmo que conceder-lhe a faculdade para trazerem presos, não os Indios bravos, e ferozes, mas os mansos, e pacíficos, como poderá mostrar com mil exemplos, e sera desinquietar com guerras todas as nações, com que vivemos em paz, e quietação, donde resultará gravissimo prejuizo, a extensão da nossa santa fé, e dominio de Vossa Magestade. A segunda explicação que o dito general deu a carta de Vossa Magestade, foi que os Indios que se repartissem, haviam de servir as pessoas a quem se repartissem, desde a idade de treze até cincoenta annos, ficando seus filhos, e descendentes sempre additos as pessoas a quem se repartissem, para as servirem desde a idade de treze até cincoenta annos, a elles e seus herdeiros, o que é claramente contra o que Vossa Magestade manda, e é querer fazer estes pobres e miseraveis Indios adscripticios, e quasi escravos. Na maior parte do que digo no meu parecer, não quiz assentir o dito general, e consequentemente nem os mais, e como tudo o que digo no dito parecer a Vossa Magestade, já tem determinado em varios tempos, e de se não observar o que nelle proponho, se seguirão graves encargos de consciencia, varias oppressões, e violências aos Indios innocentes, e impedimentos irremediaveis á conversão dos Gentios, e muitos damnos aos Indios já aldeados, e missionados, o que affirmo pela experiencia de trinta e cinco annos, que tenho vivido neste Estado, a maior

ainda ao bem, e conservação da corôa, que elle dito Padre Antonio Vieira, tenha passagem para o reino na embarcação mais breve, e mais segura, que se achie neste porto, que é a dita não *Sacramento*.

Pelo que, e por outrosim, chegou á poticia delle Padre Antonio Vieira, que perguntando V. S. em camara, se o povo obedecia a V. S., e respondendo o juiz, e procurador della que sim, replicára V. S. contra sua vontade aos Padres da Companhia, e em quererem metter nella a Antonio Vieira, e que esta fôra a causa porque o dito povo não querendo desobede-

parte delles, sendo missionario entre Indios; portanto peço e rogo a Vossa Magestade, com toda a humilhação, queira ser servido mandar ver, e conferir o dito meu parecer que vai junto, a esta minha representação.

PARECER DO PROCURADOR DA CORÔA.

Pelo que se mostra da carta inclusa do governador, e do que se expõe nesta do visitador das Missões, parece estar muito mal interpretada a ordem de Sua Magestade, porque dizendo que os descimentos dos Indios, se havião de fazer por autoridade publica, na forma da lei de 9 de Março de 1718, e de nenhum modo por pessoas particulares, se não podia permittir essa licença a qualquer pessoa particular por uma simple petição, mas a que escolhesse o governador das propostas dadas pelo superior das missões, sendo na ida e volta acompanhado por um missionario, e este ha de ser daquelles a quem pertence o districto do lugar a que se vai para fazer o descimento, e o governador contraveio nesta parte a ordem do dito senhor; pois para descer Indios que pertencem ao districto do Maranhão, den um religioso da ordem de Nossa Senhora das Mercês. Tambem está mal interpretada a lei em quanto se diz, hãão de servir os moradores de treze até trinta annos, tendo Sua Magestade determinado que os occupados no real serviço, não estejam fora da aldeia por mais de seis mezes, e assim deve Sua Magestade mandar ponderar na Junta das missões, as razões que aponta o Padre visitador-geral da Companhia nesta carta, e explicar-se ao governador, o como deve praticar a ordem de Sua Magestade. — Do procurador da corôa a rubrica.

PARECER DO PADRE JACINTHO DE CARVALHO, VISITADOR GERAL DAS MISSÕES DA COMPANHIA DE JESUS, SOBRE A FORMA QUE SE DEVE OBSERVAR NO DESCIMENTO DOS INDIOS PARA FORNECIMENTO DAS ALDEIAS, E PARA O SERVIÇO DOS MORADORES NAS SUAS FAZENDAS CONFORME AS CARTAS DE SUA Magestade de 1718, E DESTE PRESENTE ANNO DE 1728.

O descimento dos Indios se não pôde fazer por pessoas particulares, por assim o determinar Sua Magestade na carta deste anno, e só deve ser feito por missionarios, indo aos sertões acompanhados de soldados, como se determina na carta de 1718, não se prohibe, porém que aquellas pessoas que quizerem gente para as suas fazendas, e concorrerem para os gastos dos lacs descimentos, possam acompanhar os missionarios, assim para melhor ajudarem a praticar os Tapuyas, como por esperar que na viagem tratarão melhor dos seus commodos e alimentos, pelo que interesseão no bom trato delles.

E porque a fazenda real se não acha com dinheiro sufficiente para poder dispende nestes descimentos, parece-me ser conveniente que todas e qualquer pessoas, possam entrar interessadas nestas tropas, concorrendo para o gasto dellas, para que a respeito do seu concurso, se lhe repartão os Tapuyas que se descerem.

Chegados os missionarios aos sertões, poderão descer os Tapuyas dos dous modos que se determino na carta de 1718. O 1º, trazendo-os voluntariamente, persuadindo-os com as maiores conveniencias que lhe resultão de estarem em companhia dos Portuguezes, assim em ordem aos bens temporais, como aos eternos; o 2º, obrigando-os por força a que se desçam, neste modo porém, se não poderá usar senão concorrendo com todas as condições seguintes:

1.ª Que os Tapuyas que se hão de obrigar a se descerem por força, não tenham forma de republica, nem reconhecão maioral que os governe, e vivão como brutos, estropejando

per a desgostar a V. S., continuára em metter a elle na dita caravella, e lhe pontificar que vá nella.

Pede a V. S. haja por bem, que ao Rev. Padre Antonio Vieira, se dê lugar na dita *não Sacramento*, com os outros religiosos da Companhia, e que V. S. o declare assim por seu despacho, para que o povo o tenha entendido, e não insista no cumprimento da dita notificação; pois é uma cousa muito alheia da caridade christã, que havendo lugar na dita *não*, para cincoenta passageiros, e nove delles ciganos, o não haja para o Padre Antonio Vieira, religioso sacerdote, e prelado de sua religião, prégador

as leis da natureza, sem fazerem differença de mãe a filha; e se comão uns aos outros, fazendo por esta causa guerras injustas, e matando os innocentes.

2.^a Que se não faça esta força de tal sorte que haja mortes, senão quando fosse necessario em justa defensão, no caso que os Tapuyas vendo-se presos, quizessem acommetter os obrigando-os a defender ao missionario, ou a gente que consigo levar, uma e outra condição se exprime na carta de 1718,

3.^a E' que se não possam obrigar no caso que queirão largar, e apartar-se dos vicios que ficam referidos, e mostrem que estão dispostos a receber nossa santa fé, aceitando missionarios que os governem e doutrinem, porque achando-se com esta disposição, só se poderão persuadir não querendo voluntariamente descer-se para as fazendas dos brancos, que desçam para outras aldeas, ou para outra parte onde commodamente se lhes possa assistir com a doutrina evangelica. Esta condição além de ser de direito natural, porque cessando os fins, cessão os meios, e se a causa motiva de os poder obrigar á se descercm, é aparta-los dos ditos vícios, cessando os taes vícios, deve cessar a coacção, para que se desçam; é tambem do paragrapho penultimo do regimento, e leis das missões onde se diz:

E succedendo que indo os Padres missionarios praticar os Gentios dos sertões, os achem dispostos a seguir, e abraçar a lei do Nosso Redemptor nas mesmas onde vivem, sem quererem ir para outras, neste caso aceitarão os ditos Padres os taes Gentios no gremio da igreja, procurando persuadi-los a que desçam, e sómente para aquella parte do mesmo sertão em que elles mais commodamente lhes possam assistir com a doutrina evangelica, e bem espirital de suas almas, faze: do contudo que se unão em aldeas, ou se ajuntem em freguezias, nos districtos das re idencias que os Padres fabricarem de novo, na forma que dispõe no capitulo antecedente, porque a justiça não permite que estes homens sejam obrigados a deixarem todo e por todo, as terras que habitao, quando não repugnão a ser christãos, e a conveniencia pede que as aldeas se dilatam pelos sertões, para que deste modo se possam penetrar mais facilmente, e se tire a utilidade que delles se pretende.

4.^a E' que primeiro que se venha a esta coacção, e obrigação, deve ser primeiro admoestados os Tapuyas, pacifica e sufficientemente, para que deixem os taes vícios, e vão como homens racionais, e só persistindo nos taes vícios depois de admoestados, é que se lhe poderá fazer força. Esta condição posto que se não exprima em nenhuma das cartas de Sua Magestade, é contudo tão necessaria, que sem ella, será a tal coacção e obrigação injusta, como se mostra do que diz Solorzano de *Indiar. jure*, tom. 1.^o, liv. 2.^o, cap. 13, n. 52 e cap. 16 a p. 5.^o.

E ai da que para descer estes Tapuyas por força, se attenda tambem a utilidade dos portuguezes, e augmento da fazenda real: esta utilidade se deve attender e considerar como resultancia, e não como motivo que por si só seria injusto e iniquo. Pois não sendo estes Tapuyas vassallos de el-rei, e sendo isentos da sua jurisdicção, como diz o mesmo senhor na carta de 1718, seria injustiça obriga-los a deixar as suas terras, e a sua liberdade, e todas as suas conveniencias, só por este motivo, porque é certo que *jus non patitur alterum cum alterius facturi locupletare et in alio facere quod in nobis fieri nollemus*.

Donde esta obrigação e coacção dos Tapuyas, so se póde cohonestar, considerada como meio do fim de os reduzir a virem a vida de homens racionais, e conseguido, ou cessado este fim donde emanava toda a honestidade tra força e coacção, como meio de intentar a tal força e coacção, só pela utilidade dos portuguezes, e fazenda real, seria iniquidade e injustiça. Donde tambem di-se Cossiodoro, liv. 12. Variar. Epist. 13 *Ultra omnes crudelitates est diviti fieri vel de exiguitate mendicii*.

de el-rei, e tão aceito a Sua Magestade como é notorio; sendo certo que se o dito Padre, fôra um negro de el-rei, ou um animal destes matos que se lhe mandava, o havião metter no navio mais seguro.

Assim o espera da christandade e obrigação de V. S., e que pois V. S. está em lugar de Sua Magestade, obre V. S. neste caso, o que Sua Magestade havia de ordenar se fôra presente. E não protesta pelos damnos espirituos e temporaes das sobreditas christandades, nem pelos da sua vida e pessoa, nem pelos da sua religião, e bem della, nem pelos que se podem seguir ao reino, e ás mesmas pessoas reaes, cuja Magestade offende

5.^a E' que para este descimento, será eleito um religioso capaz de virtude e intelligencia dos sertões, e nações dos Indios, porque não sendo missionario desta qualidade, sera a tropa que fôr aos taes descimentos, mais tropa de assaltos, furios, e mil injurias, do que tropa de justos descimentos, e posto que Sua Magestade em todas as concessões que tem feito a alguns moradores, sempre as concedeu com a declaração e condição necessaria que os descimentos se havião de fazer por um religioso da Companhia que determinasse o seu prelado: sou de parecer, que o tal missionario possa ser de Santo Antonio, como Sua Magestade já determinou em outra carta de 2 de Setembro de 1681, onde diz:

Satisfeitas inteiramente estas circumstancias, pedirá aos prelados da Companhia de Santo Antonio, um religioso capaz, de virtude, e intelligencia, de ir ao sertão baixar os Indios, e dará licença aos ditos moradores, ou ao dito morador, para que vão com elles.

Dos outros religiosos não tem Sua Magestade até ao presente, fiado semelhantes de cimentos.

Feitos os descimentos nesta forma, e guardadas todas estas condições e circumstancias, trazendo-se ao Pará, ou ao Maranhão, se deve os Tapuyas repartir por aquellas pessoas que concorrêrão para os gastos da tropa, por aquelles a quem se entender que são mais necessarios para lavouras, e outros serviços que resultão em bem publico, e pelas que estiverem mais necessitadas como determina Sua Magestade.

Os ditos Indios assim repartidos, não quer Sua Magestade que fiquem sempre addi os as pessoas a quem se repartirem, mas, sómente por aquelle tempo que determinarem as pessoas que fizerem a repartição, a qual determinação de tempo, se não deve fazer a tes dos Tapuyas se descerem, senão depois delles descidos, como se colhe da mesma carta, pois manda que se attenda as forças, idade, prestimo, e capacidade dos ditos Indios, a qual attenção se não pôde ter senão depois de se verem, e não antes de serem vistos, nem descidos, donde também se colhe, que por morte das pessoas a quem se repartirem, não podem ter os seus herdeiros direito algum aos taes Indios, nem os taes Indios podem entrar em testamento ou partilhas, porque de outra sorte seriam da mesma condição que os escravos, ou seriam prescriptos contra as leis do reino. Pelo que, acabado o tempo que lhes foi determinado para servirem as pessoas a quem se repartirão, devem ser governados como os mais Indios forros e livres das aldeas, pelo regimento, e leis das missões.

Nesta repartição se devem observar os pactos que tiverem feito os missionarios, com os que voluntariamente se descerem, por assim ser de direito natural, divino, e também humano, por el-rei o mandar no paragrapho penultimo do regimento, e lei das missões onde diz:

E tanto para com as aldeas que descerem para servirem aos moradores, como para aquelles que sem esta condição quizerem descer, se observarão inviolavelmente os pactos que com elles se fizerem, por ser assim conforme a fé publica, fund da no direito natural, civil, e das gentes, e se os governadores contravierem a estes pactos, depois de feitos e celebrados pelos Padres missionarios, com os ditos Indios (o que não espero me darei por muito mal servido delles, e será reputada esta culpa por uma das maiores de sua residencia. Estes pactos devem mandar os missionarios que fizerem os descimentos por certidões as pessoas que hão de fazer a repartição dos Indios.

As pessoas a quem se repartirem, devem ser obrigadas a guardar as condições seguintes, quando não sejam obrigadas a guardar todas as que se contém na provisão de 9 de Setembro de 1681, como era bem. A 1.^a, que para se evitar o perigo de vender os forros como escravos (o que é muito usual nos moradores deste Estado), farão mostra dos Indios que lhe forão repartidos de dois em dois annos, ou de tres em tres annos, a juiza das

tanto quem lhe procura os meios da ruína, como quem lhe impede os da conservação; porque para a christandade de V. S. que sempre mostrou a todas as cousas sagradas, entre as quaes tem o primeiro lugar os sacerdotes, não são necessários requerimentos nem protestos: e assim o confia o Padre Antonio Vieira do Sr. D. Pedro de Mello, no que Deus receberá grande serviço, e a religião da Companhia particular favor, e elle a mercê que merere a V. S.

missões, ou as pessoas que ella determinar, acrescentando-se nos livros da matricula os que tiverem nascido, e fazendo-se averiguação, se os que disserem que morrerão, se são verdadeiramente e mortos.

A 2ª, devem ser obrigados além do sustento ordinario, a pagar todos os mezes, o serviço dos Indios na forma que se paga aos Indios das aldeas, e está determinado pela junta das missões, com approvação de Sua Magestade.

A 3ª, serão obrigados a ensinar ou fazer ensinar todos os dias a doutrina christã aos innocentes, e aos adultos que a não souberem, e procurarão que ouçam missa todos os domingos e dias santos, e que não morrão sem confissão, para o que seria conveniente que o Illm. Dispo. puzesse curas encomendados naquellas partes e rios, que estão mais povoados, para que podessem recorrer a elles.

A 4ª, deve ser reciproca a obrigação dos ditos Indios, tanto para elles, como para as pessoas a quem se repartirem, de maneira que uma semana trabalhem e sirvão no que for necessario as pessoas a quem se repartirão, e outra semana ou ao menos alguns dias da outra semana, trabalhem, e sirvão no que fór necessario em suas casas, e em suas lavouras necessarias as suas familias, como está declarado na dita provisão de 1684.

E porque não se observando todas as ditas condições, se não poderão escusar os moradores a quem forem repartidos de serem tyrannos, se deve conceder faculdade aos Indios que não se lhes observando as ditas condições, possam requerer a junta das missões que os tire do poder daquella pessoa a quem forão repartidos, e justificada summariamente, e sem estrepito judicial á sua queixa, se lhes deferirá. E porquanto muitas vezes os pobres e miseraveis Indios se não atrevem a se queixarem, ou por pusillanimes, ou por temerem maiores castigos, me parecia justo se concedesse faculdade para que qualquer pessoa possa accusar a junta das missões, o que não observar as sobreditas condições; e justificada summariamente a sua accusação, se tirem os Indios do accusado, e se dêem ao accusador pelo tempo que se determinar.

PROVISÃO DE 2 DE SETEMBRO DE 1784, REGISTRADA NO LIVRO DA JUNTA DO CONSELHO ULTAMARINO A FOLS. 377.

Eu el-rei faço saber aos que esta minha provisão virem, que tendo consideração a estarem as aldeas dos Indios do Estado do Maranhão muito diminutas, e serem poucas, e haver nellas muito poucos Indios, e não bastarem para o serviço dos moradores, nem serem os necessarios para as entradas no sertão, e por esta causa se pôde temer não sómente a falta do commercio que consiste na industria dos mesmos Indios, mas que continuando-se a omissão de baixarem á novas aldeas, se venha a perder de todo a sua comunicação, sendo principio desta causa a difficuldade com que os ditos Indios se repartem, porquanto entendendo que os moradores baixando-os, não interessão o seu trabalho, e ficam dependentes na distribuição que se lhes difficulta, e não se expõem aos riscos do sertão para braxar, nem concorrerem, para este effeito com cabedaes, e se deixão ir captivando da miseria, e esta mesma causa ameaçar grande perigo, por serem os Indios e as suas aldeas as fortalezas mais seguras, e a defesa mais propria daquelle Estado, e faltando elles, ficarão expostas as mesmas povoações a qualquer invasão dos inimigos, e querendo prover de remedio, de um e outro damno. Hei por bem conceder administrações particulares de aldeas livres de Gentios na forma seguinte:

Que se possam unir os moradores ou muitos ou poucos, e se possa admittir um só morador, os quaes muitos ou poucos, sendo unidos fação sociedade e companhia para a despezas, e o qual sendo um só, tenha cabedal para ella, e ajustarão a quantidade de Indios que hão mister, conforme o seu trato, e suas fazendas, e feito o ajuste, que farão presente ao governador, examinará se as ditas pessoas e os cabedaes que offercem, são capazes

TRASLADO AUTHENTICO DO REGIMENTO DO POVO DO PARÁ AO GOVERNADOR
IGNACIO DO REGO BARRETO, CONTRA OS PADRES EM 1654.

Dizem o Padre superior e mais religiosos da Companhia de Jesus deste Estado do Grão-Pará, que á sua noticia veio um requerimento que o povo desta cidade de Belem fez ao capitão-mór e governador, Ignacio do Rego Barreto, e por quanto o traslado delle lhes é necessario para sua justiça.

de baixarem, e sustentarem os ditos Indios, e sendo assim lhe fará assignalar a parte onde hajão de situar as aldeas, de modo que não fiquem juntas aos taes moradores, ou a tal morador, mas de ponta as suas fazendas afastadas dellas, distancia de meia legua, com termo e districto de terras, medido e limitado para as roças e fabricas dos taes Indios das aldeas, dentro dos quaes os ditos moradores, nem seus familiares subditos, ou outra alguma pessoa, as não poderão fazer, e o mesmo governador lhes fará prevenir roças capazes de sustentarem os taes Indios, enquanto depois de baixados não possão por suas mãos fazer outras para seu alimento, e satisfeitas inteiramente estas circumstancias, pedirá aos prelados da Companhia, e Santo Antonio, um religioso capaz de virtude, e intelligencia, de ir ao sertão baixar os Indios, e dará licença aos ditos moradores, ou ao dito morador, para que vão com elles á dita missão na forma costumada. e este religioso tanto que chegar á vista das aldeas que intentar reduzir-lhes, irá fallar com alguns dos ditos praticos e naturaes, e procurará de os persuadir sem outra industria mais, que a da virtude que delle se confia, seguindo em tudo as mesmas leis, querendo baixar as aldeas, e conseguida a sua resolução, trarão os Indios com todo o bom agazalho e tratamento, aos sitios destinados, e postos nelles, se dividirá o seu governo politico, e espirital, na forma seguinte:

Quanto ao espirital, ficarão sujeitos ao mesmo religioso que os conduzir assim, e da maneira que o são as mais aldeas livres do Estado, e os ditos moradores serão obrigados a fazer-lhes logo sem alguma demora, uma ermida, ou igreja capaz, onde se lhes diga missa, e se lhes administrem os Sacramentos com a decencia devida; e quanto ao temporal, ficarão igualmente livres de que o são tambem as ditas aldeas, sem alteração alguma nesta parte do que dispõe as minhas leis, porém a sua distribuição será differente, e se regulará conforme os cabedaes com que cada um dos moradores tiver entrado para a dita missão, e fabrica das ditas aldeas, distribuindo-se neste respeito o necessario de um, ou muitos Indios, sem que o arbitrio possa ter outro meio, e sendo o governador o que ha de fazer a dita repartição, e decidir as duvidas que houverem, e se moverem sobre esta materia entre os ditos moradores, tomando sempre informação do dito Padre, e feita a distribuição do necessario, será reciproca a obrigação no serviço dos ditos Indios, tanto para elles, como para os ditos moradores, de maneira, que uma semana servirão e trabalharão no que fór necessario aos seus administradores, e outra semana trabalharão e servirão no que fór necessario nas suas aldeas, e receberão por seu trabalho, e serão obrigados a lhes dar por elle os ditos moradores em cada um mez, o mesmo salario que vencerem por estylo os mais Indios livres, com tal declaração que não serão obrigados a ir trabalhar sem lhe ser pago primeiro, e no tempo das monções do sertão, irão os taes Indios com os ditos moradores, porém elles não poderão levar mais que a metade dos que forem da sua lotação, para que sempre fique uma parte nas aldeas, para conservação dellas, e antes que partão, depositarão os taes moradores a metade do pagamento, conforme o tempo que lá houverem de andar, na mão do religioso, por cada uma das aldeas, e a outra lhe pagarão logo que forem tornados á ellas, e quando alguns dos moradores lido queirão ir ao sertão, poderão usar dos Indios de sua repartição, observando a mesma regra das semanas, uma para elles, e outra para os Indios, e com a mesma forma de pagamento como fica referido, e ao governador do dito Estado, encarrego muito a observancia, e cumprido effeito deste pagamento, comminando logo e mandando executar os moradores que o remissarem, fazer a pena do duplo. E hei outrossim por bem declarar, que esta repartição não comprehende igualmente os Indios orphãos, ou viúvas, sujeitas aos pais ou aos maridos, porque para o bem espirital das almas, e para o temporal das aldeas, é justo que se conservem nellas sem outra obrigação que a da natureza, pela geração dos pais, e da igreja pelo matrimonio, em que em dous casos somente se póde permittir que algumas Indias saião das ditas aldeas: o 1º, indo ou vindo em companhia

Podem a Vm. lles mande passar um traslado authenticco do dito requerimento, em fórma que faça fô, e receberão mercê. Passe do que constar, na fórma de seu requerimento.

Belem, 2 de Fevereiro de 1634.—*Coelho Gasco.*

REQUERIMENTO QUE FAZ O POVO DESTA CIDADE DE BELEM, CAPITANIA DO PARÁ, AO CAPITÃO-MÓR E GOVERNADOR DELLA, IGNACIO DO REGO BARRETO.

A razão do nosso requerimento, Senhor capitão-mór e governador Ignacio do Rego Barreto, é que depois que Sua Magestade mandou por seu regimento; passado a V. S. que todos os Indios escravos fossem forros; e postos em sua liberdade; que este povo pela camara requereu a V. S. sobrestivesse a execução, até informar a Sua Magestade, no que V. S. conheo, por lhe parecer que acertava no serviço do dito senhor, pelas razões que a Sua Magestade serão enviadas, e depois que vierão os Revs. Padres da Companhia, fizerão vir e participarão aos ditos Indios que não são escravos, nem o podião ser, senão sendo forçados pelos brancos; com que se criou entre os Indios forros; e escravos; para com os brancos; tão grãde aborrecimento e odio; que tratirão em levantarem se, e matar todos os portuguezes; dizendo os forros; que se não houvessem escravos, que os por-

de seus pais ou maridos, parentes ou affins, occupando-se e trabalhando naquelles ministerios que forem de sua arte, ou possibilidade, com a expressa condição de não pernoitarem fóra das aldeas, porque o trabalho encaminhado por este meio, se livrão do ocio, e se ajudão a viver, e a seus filhos, pais e maridos, e com a segurança que se acautela, se livrão doutrosim do perigo da honestidade que deve ser o principal cuidado, e a primeira attenção nesta materia; o 2º, tudo a criar de leite nas casas dos moradores que as houverem mister, com tres condições: a 1ª, com licença e approvação do dito religioso; a 2ª, de as tornarem para a aldeia, depois de acabada a criação; a 3ª, de lhe pagarem o seu trabalho conforme o estylo que se observar na terra; e no tocante aos casamentos de Indios com negras, ou negros com Indias, por ser noticia constante que os senhores os persuadem, para trazerem a seu serviço mais escravos, seguindo-se desta perseguição, e deste effeito, os inconvenientes de se provocarem as aldeas com grave e irremediavel danno da liberdade, por ser o mesmo que ficar para sempre um Indio, ou uma India da aldeia, para ficarem captivos, em poder daquelles que os mandão, e têm por seus escravos, e é considerada esta materia: Hei por bem, e mandando, que constando da diligencia, e persuasão dos ditos senhores, siquem os escravos livres, vivendo com os unis Indios nas aldeas como é direito, e para se não entender que não bastara esta pena na supposição que requer prova da culpa, a qual será muito difficil de se declarar, tanto pela malicia; como porque a liberdade é captiva da pobreza. Hei outrosim por bem, que em um e outro caso haja persuasão, e sem ella não possam os Indios, e Indias sahirem das aldeas, e que para o fim do matrimonio, lhes depute o Bispo dia certo em que se possam ajuntar como tambem é de direito. Pelo que mando ao meu governador e capitão-general do Estado do Maranhão, e mais ministros e pessoas a quem pertencer, cumprião e fação cumprir esta provisão como nella se contém sem duvida alguma, e se registrará nos livros a que tocar, e publicará nas partes necessarias, para que a todo o tempo se tenha noticia do que por ella ordeno, e não passará pela chancellaria; e valerá como carta, sem embargo da ordenação do liv. 7º, n. 39 e 40 em contrario. e se passou por duas vias. Manoel Pinheiro da Fonseca, a fez em 2 de Dezembro do 1621. O secretario, André Lopes de Lavre.—*Rei.*

Provisão porque Vossa Magestade lra por bem conceder administrações de aldeas livres dos Gentios, aos moradores do Estado do Maranhão, pela maneira e condição que me se declarão, a qual não passará pela chancellaria e vai por duas vias.

tuguezes havião de comer, e fazer fazendas, só com os forros, e os escravos disserão, que já o não sendo os tinhão por escravos, e que facilmente os podião matar a todos, e como vemos que o vão dando á execução, como fizerão os forros em Cumpãa na aldêa de Mororoipe, matando toda a gente della, derão nos pesqueiros, nos pescadores, e Joannez no Cumpãa, os escravos de Manoel da Costa Jaború, o matarão cruelissimamente, e a outro portuguez seu camarada tapanhuna, o lhe esfolarão a cara; e ora estando o capitão Antonio de Chaves no seu engenho, comnetterão mata-lo, e aos mais brancos. e com elles mortos passar á casa do capitão Domingos Maciel, que se não fôra sua boa diligencia, serião todos mortos desastrada, e cruelmente, delles trazem o cabeça a entregar a V.S. para que nelle se faça castigo exemplar; e como o ouvidor geral não tem jurisdicção para sentenciar á morte, e convém muito atalhar-se a tão desastrado attentado pela reputação, e honra portugueza, e risco de tantas vidas, lhe requeremos muitas vezes da parte de Sua Magestade, que faça logo exemplar castigo que soe, e atemorise, aliás protestamos por todas as ruínas, mortes e mais successos que devem proseguir-se, por que da dilacção, póde nascer matarem-se todos os portuguezes, e perder-se esta Capitania, que fará encargo a V. S.: pelo que assim requeremos e assignamos, no Pará 27 de Janeiro de 1654. O capitão Antonio de Chaves, João do Porto, Sebastião Pestana de Vasconcellos, João Pessoa de Andrade, Guilherme Brum, Henrique Vetequem, Domingos da Costa, Bernardo Ribeiro Serrão, Luiz da Costa, Antonio Dias Madeira, Domingos da Silva, Antonio Marques de Mello, Francisco Lopes de Avelar, Diogo de Araujo Lisboa, Diogo Fragoso Souto-Maior, Pedro Alvares, Diogo de Brito Caldeira, Leonardo de Barros de Araujo, Domingos Maciel Aranha, Antonio Chameira da França, Geraldo Pereira, Braz da Silveira e Thomaz Guilherme. O qual traslado de requerimento, e tudo o mais aqui contido, e declarado, Antonio Coelho e Carvalho, tabellião publico do judicial e notas, nesta cidade de Belem, Capitania-mór do Pará e seu termo aqui trasladei, bem e fielmente, sem cousa que duvida faça do proprio que tornei ao Rev. Padre João de Souto-Maior, de como o recebeu e assignou aqui, e com elle este dito traslado concertei, conferi, subscrevi e assignei de meus signaes publicos e razos, aos 2 dias de Janeiro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1654. Em testemunho de verdade, signal publico, gratis, *Antonio Coelho e Carvalho*. Concertado e conferido com o proprio, por mim tabellião, *Antonio Coelho e Carvalho, João de Souto-Maior*.

CERTIDÃO PASSADA POR ANTONIO PINTO DA GAIA, CAPITÃO-MÓR DA CIDADE DE BELEM DO GRÃO-PARÁ, A 6 DE FEVEREIRO DE 1671, SOBRE CERTO DESCIMENTO DE INDIOS DO RIO DOS TOCANTINS.

Antonio Pinto da Gaia, cavalleiro professo da Ordem de Christo, capitão-mór desta cidade de Belem, Capitania-mór do Grão-Pará, e suas annexas, por Sua Alteza quo Deos guarde, etc. Certifico que do Rio dos Tocantins

baixarão oito Aruaqueres que vierão a esta cidade, á pedir que fossem baixar a seus parentes, que ficavão nos matos, e mandando-os praticar, disserão que vinhão fugindo dos homens de S. Paulo, e era um lote de gente que tinha chegado junto aos Guarajús, que muitos lotes vinhão fugindo, e que se havião apartado e divididos. Dei conta disto ao governador geral do Estado, que mandou se fossem baixar, e mandei aprestar quatro canôas, em que enviei ao ajudante Francisco Mendes de Siqueira por cabo, com trinta Indios, que forão os que de presente se acharão, com os aprestos necessarios, enxós, ferros de canôas, para se lá fazerem as que fossem necessarias, e com os mesmos oito Indios, que tinham vindo, entravão dous principaes, e chegarão á parte donde tinham deixado seus filhos e parentes; gastarão um mez de viagem, e não acharão um só vivo da gente que tinham deixado, porque todos forão comidos por um lote de gente que vinhão tambem fugindo dos homens de S. Paulo: mas achou-se quantidade de Aruaqueres, parentes destes mesmos que ião, que praticarão seus parentes, que constavão de cento e vinte e nove, que o cabo trouxe consigo, e assim mais, indo o cabo adiante, achou um lote de Tupinambás, gente toda do lingua geral, que constava de noventa e nove, que o cabo praticou, e com suas boas praticas nos trouxe consigo, que veio a trazer duzentos e vinte oito: e tendo noticia que estava muito mais gente naquelles arredores, mandou chamar os principaes, e os praticou, e todos se querião baixar, se o cabo tivesse conveniencia para os poder trazer, e achou que estavam alli mais de duas mil e tantas almas, que havin cinco annos que tinham partido de suas terras, e não se sustentavão mais que em carnes uns dos outros, por passarem por campinas que não tinham fructas, o vinhão dando guerra uns aos outros, e o dito cabo os praticou que se deixassem estar, que dentro em tantas luas, os irião baixar, a que o senado da camara e eu, com grande zelo do serviço de Sua Alteza, ficámos aprestando canôas, e gente para ir baixar a quantos se poder trazer para o gremio da igreja, e serviço de Sua Alteza, que este é o maior que se pôde fazer ao dito senhor, o que tudo juro pelo juramento dos santos Evangelhos, sendo o referido na verdade, e por me ser pedido, a mandei passar que assignei, e sellei com o sinete do minhas armas.

Nesta cidade de Belem do Grão-Pará, aos 6 de Fevereiro de 1671. —
Antonio Pinto da Guia.

BREVE NARRAÇÃO DO QUE TEM SUCCEDDO NA MISSÃO DOS GAMELLAS, DESDE O ANNO DE 1751 ATÉ 1753. EXTRAÍDO DE UM MANUSCRITO AUTHENTICO QUE POSSUIMOS.

Ainda que parecerá a alguém alheio da modestia, e humildade religiosa, que eu seja o escriptor do que tem succedido na missão dos Gamellas, em que por força hei de escrever as proprias emprezas, que só aos Gentios foi concedido, como ao grande Cesar, que em uma mão, empunhava a espada para debellar os inimigos, e em outra, a penna para escrever as suas celebradas façanhas: contudo julgo me não censu-

parão, quando souberem, que eu só obrigado da obediencia, é que peguei na penna para sinceramente narrar o que me succedeu, quando queria domar, e metter em paz, a barbara e feroz nação dos Indios Gamellas. No que affirmo, que o que escrevo é verdade, pura, e sincera, e sem a affectação das phrases de Livio, o que tudo na verdade passei, como na seguinte narração declaro.

Aos 15 de Agosto do anno de 1751, sendo governador do Estado do Maranhão, o Sr. D. Luiz de Vasconcellos, e general de ambos os Estados o Sr. D. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, tão zelosos e desejosos de todo o bom successo desta empreza, quanto as minhas palavras não podem explicar, de tal sorte, que se dignou o Sr. governador, de me vir despedir á praia do collegio da cidade do Maranhão, d'onde me fiz á vela no dia acima dito, e aos 18 do mesmo mez cheguei ao engenho do Sr. Victoriano Pinheiro de Meirelles.

Aqui descarreguei a canôa, e deixando-a por muito grande, para a dilatada viagem, que intentava, tomei duas mais maneiras, e parti para cima no dia de S. Bartholomeu. Naveguei dez dias pelo Rio Miarim acima, padecendo muitas calamidades de infinita praga de mosquitos, muitas calmas, e dormir ao sereno. Disse missa no domingo em um iguarapé, no qual levantei uma cruz, e dei-lhe o nome de iguarapé de S. João, por ser em dia da degolação de S. João Baptista.

Em todos os dez dias, que naveguei pelo rio acima, não encontrei paragem, que me levasse os olhos, para a situação de alguma aldêa, pois as beiradas dos rios são indignas, por ordinario muito baixas, que alaga no inverno, cheias de ipoeiras, cercadas de pequenos lagos, e com infinita praga de mosquitos, sem nunca melhorar.

Todos são desconçolados. Os soldados não havia quem os tivesse mão, já dizendo, que estavam no reino de Aeroá com tão poucas armas, já affirmando, que os tinham enganado, pois nunca lhe disserão que seria a viagem tão dilatada: era-me necessario exhorta-los com toda a força de razões, e rhetorica mais conveniente para os conter, e animar.

Chegámos finalmente ao pé da primeira povoação dos Gamellas: aqui me arranchei, que não quiz tomar aldêa alguma determinadamente, em razão das suas parcialidades: pois tomando alguma, os das outras não querião vir. Mandeí mensageiros com toda a presteza: vierão logo dous principaes, com parte da sua gente, e o filho de outro principal; porque o pai estava doente, muitos trazião suas mulheres, e estas suas crianças do peito. Farião o numero todos estes, que me vierão visitar, entre pequenos e grandes, de seiscentos. Presentearão-me com bolos, batatas, amendoins, etc., e de mim orão recompensados, com facas, anzões, avellorios, etc.

Era dia de Nossa Senhora da Luz, e como os das ultimas aldêas não chegassem, que são as mais populosas, acabada a misso, mandei praticar aos que presentes estavão, se querião ser christãos, amigos dos brancos, e vassallos de Sua Magestade? Como dissessem que sim, fiz com que assim o promettessem na fórma e cerimonia do nosso juramento, o que fizerão os dous principaes nas minhas mãos, estando revestido nas vesti-

duras sacerdotaes. Acabada esta cerimonia, nos encaminhamos todos para o rio, aqui mandei, que os soldados tirassem as balas das espingardas e as deitassem ao rio, e depois disparassem as armas, embocadas para o mesmo rio, e os principaes quebrassem suas frechas, e atirassem com ellas ao rio, em signal do amor e amizade, que uns aos outros se promet-tião, o que tudo fizeram entre muitas vozes, e festivos vivas a Deos, e a Sua Magestade.

Fez esta cerimonia tanta mudança, e alteração naquelles barbaros, que um principal voltando para cima, fez no meio do terreiro, uma fervorosa pratica dos seus, com todas as expressões que lhe dita a sua barbaridade, exhortando a todos os seus, á nossa amizade; pois já tinham com quem matar, e comer ao seu inimigo o Aeroá, que é todo o seu ponto, e com que me quebrão continuadamente a cabeça, que me causa isto summas angustias, pois se os desenganar, teño algum levante, e para os entreter, não o consente o seu fervor.

Como não achei em todos os dez dias, que naveguei pelo rio acima, paragem, que me contentasse melhor, que o arraial velho dos Mineiros, distante da povoação do Mirim tres dias, e livre das cachoeiras, que passei, pois até alli póde navegar qualquer canôa, me determinei mudar para elle. Mandeí praticar os Gamellas, e respondêrão que sim, que virião para baixo; assim mandei, que fossem desfazer suas rocinhas, e viessem. Partirão ao parecer, contentes para as suas aldêas.

Estando já a partir para baixo, me sobreveio nova detença; porque chegarão os das aldêas mais longe, e mais populosas, mandei-lhes fazer a mesma pratica, ao que tudo respondêrão, que sim, mas com algum sentimento, por eu não ir viver com elles nas suas terras, gosto a que não pude satisfazer, por ser muito pela terra dentro, e muito distante da villa do Mirim.

Parti finalmente para o arraial velho dos Mineiros: aqui tenho fundado uma aldêa, e se irão fundando outras, nas paragens que se julgarem convenientes; porque o numero destas gentes, e suas parcialidades, se não podem accommodar em uma, nem duas, nem tres aldêas.

Por espaço de mais de um anno, vinhão de todas as aldêas muitos, a buscar aquillo de que carecião, principalmente ferramentas, mas tornavão logo para as suas terras, sem se despedirem, assim como na primeira occasião fez um principal, que por sua livre vontade se veio metter na canôa com sua mulher, não obstante mandar em muitas vezes pratica-lo, que fosse primeiro a sua terra, para trazer consigo toda a sua gente, e ao depois sem mais, nem menos, uma madrugada nos deixou elle, e sua mulher, porque esta gente é de incrível inconstancia.

Depois que neste arraial velho dos Mineiros, por outro nome o arraial da Piedade, constitui meu pobre domicilio, com casa e igreja, principiei a ser um ludibrio da fortuna, não havendo mal, que me não acompanhasse até as portas da morte, as quaes se em alguma occasião de minha desmarcada afflicção se me abrissem, entraria por ellas com summo gosto; pois passando aqui alguns dias com paz, e socego, esperando peius Ta-

puyas para os aldêar neste sitio, como elles tinham ajustado comigo, virão dez delles, dando por noticia, que em seu seguimento virião os mais, e ficavão preparando suas ubás, e mantimento para trazerem.

Passados alguns dias, fugirão todos dez, e levirão consigo um rapaz de sua propria nação, chamado Manoel, que já sabia alguma coisa da nossa lingua, por ter andado sempre comigo, e ter estado algum tempo no Maranhão, e Miarim. Este rapaz foi o diabo encarnado, que se foi metter entre o Gentio; principiou a espalhar que os brancos estavam levantados, e preparando-se para os ir matar e amarrar, e que já tinham esartejado ao seu parente Gaspar, que nos servia de lingua, e tinham posto sua cabeça á borda de um rio, atravessado em um páo.

Alterou-se o Gentio, como era justo com semelhante nova; tractarão de fabricar muitos arcos e frechas: algumas aldêas mais pequenas dosampararão os sitios em que estavam, e se incorporarão com outras maiores, e nunca mais desceu algum para onde nós estavamos.

Eu bem comprehendí, que esta sua tardança, e nem se quer vinha algum pedir ferramenta, coisa que tanto estimão, era causada de alguma desconfiança do Gentio; mas como não tinha azas, não podia voar. Esperava por algum soccorro do Maranhão, de farinha, ou dinheiro, para a comprar, mas os Srs. ministros da fazenda real, nem farinha, nem dinheiro, nem coisa alguma das que ficirão de dar, davão, tomando muitos pretextos para não cumprir as repetidas ordens de Sua Magestade que Deus guarde, as do Sr. general, e a sua mesma palavra, no que tudo eu fiado, me tinha mettido ao golfo, e me via agora com a agua pela barba, sem haver quem me acudisse.

Comtudo, no meio desta falta, meditava comigo ter de partir para os Tapuyas com alguns soldados, a saber da sua tardança: porém os soldados me atroavão os ouvidos requerendo muda, e para remate de tudo, cabiamos quasi todos doentes, e eu com olles de agudas febres, que degenerarão em maleitas muito desesperadas.

Aqui em parte, principiei a ceder á fortuna, e visto não ter nestes desertos modos, nem remedio com que curar tantos doentes, determinei mandallos para o Maranhão, e fui com elles até o engenho do Sr. Victoriano Pinheiro de Meirelles, onde já se achava o Padre Pedro Maria Tedald, meu companheiro de partida para a mesma cidade. Deixei quatro soldados, e alguns Indios no arraial da Piedade para guarda da casa. Despedi os doentes para o Maranhão, e querendo eu voltar para cima, de tal sorte me acommettêrão as febres maleitas diarias, que me não foi possivel, o não tive mais remedio, que ficar-me curando em casa do Sr. Victoriano Pinheiro Meirelles.

Chegada a canôa do Maranhão, que tinha ido levar os soldados doentes, e visto não poder eu ainda seguir para cima, por cada vez a minha doença ir a peor, pedi ao capitão-mór José de Meirelles Maciel Parente, que me fizesse o favor de ir com aquelles Indios para o meu sitio da Piedade, ordenando-lhe duas cousas, a primeira, que assim que chegasse, despachasse mensageiros para a terra dos Tapuyas, a saber a causa de sua tardança,

que eu até aqui ignorava, mas me causava grandes cuidados; a segunda, que com os Índios domesticos que restassem, fizesse a roça, que era tão necessaria para o sustento do futuro anno.

Partio o dito capitão-mór para cima, e ainda bem não tinha passado as primeiras povoações, quando admirou, e presenciou um horrendo espectáculo, por todas as suas circumstancias, mais que natural. Vio vir pelo rio abaixo, um redomoinho muito veloz, que tendo seu principio na agua, se levantava mais alto, do que as mais elevadas arvores; o capitão-mór, lembrando-se de uma reliquia de Santo Lenho que trazia ao peito, e expondo-a para aquella parte do redomoinho horrendo, proferio estas santas palavras — *Ecce crucem Domini fugite partes adversæ* — ainda bem não tinha acabado de proferir as santas palavras, quando o redomoinho, que estava já muito perto da canôa, e tinha levantado no rio taes ondas, que aião soco-brando, de repente voltou para a outra parte do rio, e ali junto ao mato se desfez, lançando de si um tão pestilento cheiro de enxofre, que deixou ao capitão-mór, e aos Indios, que comsigo levava, quasi fóra de si.

Chegando o sobredito capitão-mór ao arraial da Piedade, tractou de pôr em execução as minhas ordens: despedio logo os mensageiros, para a aldeia dos Gentios, os quaes forão recebidos em tom de guerra, com arcos e frechas nas mãos; porém tanto que virão, que o lingua era aquelle, mesino Gaspar, que o mentiroso rapaz tinha dito, que nós tinhamos morto e esquartejado, com a sua pratica e presença, se desvanecerão todas as más presumpções, e vierão logo muitos a visitar o capitão-mór no arraial da Piedade, e um principal desceu ao engenho do Sr. Victoriano Pinheiro para me ver, e me trouxe dous rapazes, que não passarião de nove annos, os quaes depois do ter o dito principal partido para a sua terra, forão de tal sorte accommettidos de saudades dos seus, que não obstante a sua teura idade, fugirão sem agua, nem fogo, nem algum genero de sustento, passarão o rio a nado duas vezes, e chegarão ás suas terras depois de oito dias de caminho. Quando os pequenos são tão destros nas fugidas, sem algum genero de viatico, que farão os grandes? quem os poderá conter?

Ao pôr em execução a minha segunda ordem de fazerem roça, é que o capitão-mór sentio a maior difficuldade com os Indios domesticos, os quaes se pozerão em total resistencia, chegando a proferir, que, se os não mandassem para a sua terra, havião de deitar fogo á casa, e finalmente se forão para baixo, deixando só dous com o capitão-mór. Quando os vi, e considerei o desamparo em que tinham deixado a minha casa, em terra deserta e infestada, e sobretudo a consideravel perda, que me davão, em me deixarem sem roça, que daqui a total ruina não ia nada. Não sei, como não perdi de todo a paciencia, e á poucas razões de enfado, que com elles tive, me sobrevierão os frios de maleitas, que havia oito dias me tinham deixado, apartei-me delles, para a obviar maior mal, e elles se forão para o Maracú. Como o desamparo em que me tinha ficado a casa, e o capitão-mór, era muito consideravel, escrevi ao capitão guarda-mór Jacintho de Sampaio, pedindo-lhe negros, para me levarem para cima; mandou-m'os com pontualidade, e caridade christã. Parti para cima com evidente perigo de

minha vida e saúde, só acompanhado de consideração, que com uma desamparada morto, finalisava tantos males, e tantas desgraças sem numero.

Chegado ao arraial da Piedade, tornei a recalir das maleitas, mas assim como estava, pedi ao capitão-mór José de Meirellos, que partisse para as aldeas dos Tapuyas, a buscar alguns refens; porque eu determinava, se Deos me desse saúde, ir ao Maranhão, e os queria levar comigo. Fiz a sua jornada com mais dous soldados, dos quatro que ainda tinham; um Indio, e o lingua Gaspar. Foi nella bem succedido, trouxe os refens desejados, e com elles já livre de maleitas; porém mal convescido, parti para o Maranhão, a buscar algum soccorro de mantimentos, e desfazer muitas falsas novas, que de mim, e dos Gamellas, lá se tinham espalhado.

Do Maranhão algum soccorro trouxe de farinha, ainda que não tanto, quanto era necessaria, mas a carestia do anno não permittia mais. Quando cheguei ao arraial da Piedade, achei aqui muita gente de uma aldeia chamada Piuburi, os quaes notavelmente me perseguirão por toda a casta de ferramenta, e como não podia contentar a todos lhes disse, que daria aquelles, que quizessem ficar aqui de todo. Ajustarão-se sete casaes, e ficarão. Fazião por todos, entre mulheres e filhos, o numero de vinte e dous, os quaes fizeram suas casas, com animo de não tornarem para a sua terra: os mais se foram contentes com algumas dadas, e promettendo que para o verão futuro havião de vir todos.

Os sete casaes, que ficarão comigo no sitio da Piedade, se conservarão em paz até o 1º de Fevereiro do seguinte anno de 1752, dia em que baptizei uma criança, que estava quasi *in extremis*, e lhe puz o nome de Ignacio, para render este obsequio ao meu Santo Patriarcha, a quem justamente, e a cujo nome, erão devidas as primicias desta nova christandade. Porém não deixou o commum inimigo de fazer declarada guerra, a uns tão felizes principios; porque neste mesmo dia, tentou a um Indio de semblante carregado, e genio feroz, para que me matasse.

Principiou este o seu insulto, entrando-me em casa com um pão na mão, pedindo-me que lhe desse um machado, para encavar naquelle pão. Eu lhe tinha dado havia poucos dias um, e por isso repugnei, perguntando-lhe, que tinha feito ao que eu lhe tinha dado? Respondeu que o dera a um seu parente; repliquei-lhe que eu lh'o dera para elle se aproveitar d'elle, e não para o dar. Affirmou ao lingua, que lhe estava dizendo isto, com vozes e semblante irado; pois se n'ó não dereis, vos hei de matar, e mandou buscar o arco e frechas por um seu filho; e no entanto, levantou o pão que trazia na mão para me dar com elle na cabeça; cujo golpe evitei do melhor modo que pude, e saltando para o terreiro, chamei por tres pretos que tinha alugado, da bandeira de Jacintho de Sampaio, e lhe mandei que pegando nas espingardas, vissem se podião tirar das mãos daquelle Tapuya o arco, e as frechas, e que aos pés d'elle lhe quebrassem tudo.

Não tiveram os pretos animo, para semelhante accção, mas como tomirão as armas de fogo, e o lingua Antonio Felipe, já tinha levado molas, e

queria atirar ao Tapuya, se eu lhe não fosse á mão. Intimidou-se o Tapuya, pois é notavel o medo que têm das armas de fogo, e assim largando o pão, arcs e frechas, se poz no terreiro encostado a um pão, com cara de reprobó, onde esteve por bastante tempo, até que se ausentou.

Os mais Tapuyas tanto que souberão e presenciarão em parte o caso, principiãrão a dar suas desculpas, pedindo-me que os não matasse, ao que respondi, que eu os não queria matar, antes pelo seu bem espiritual e temporal, ó que estava com elles nas suas terras, e da parte daquelle seu nacional, ora que tinha principiado o tumulto e ameaças de mortes. Ficãrão alguma cousa socegados com a minha pratica, mas, não obstante ella, pela uma hora depois de meio dia fugirão todos. Mandeí logo atraz delles o lingua Gaspar, da sua nação, para que visse se os podião seduzir, a que tornassem, promettendo-lhes toda a segurança. Já não pôde alcançar senão uma mulher, a qual respondeu, que não tornava; porque cá os queriamos matar, e não se puderão seguir mais por causa de uma grande chuva e trovoadas.

Não sei explicar os cuidados e afflicções, que me causãrão este caso; por que além de me ter visto já com a morte diante dos olhos, me atormentava o não saber que fizesse. Vinha-me ao pensamento embarcar as cousas, e ir-me de todo para o Maranhão; mas ao mesmo tempo me cortava o coração, o comprehender que então se perdia tudo, e se acabava de um golpe, o negocio de tantas almas, no qual eu já tinha padecido tanto, o feito tantos dispendios.

Essa noite depois da fugida, para me acautelar de alguma traição; mandei preparar bem as armas, e dispuz sentinellas dobradas, e a mais rigorosa sentinella fui eu proprio; pois toda a noite não dormi, com cuidados e sobresaltos.

Pela manhã celebrei por esta tenção, para que Deos fosse servido inspirar-me o que eu havia de fazer neste negocio, que tanto pertencia ao mesmo Deos. Depois da missa senti uma especial emoção, que me dictava, que mandasse logo o lingua Gaspar, á aldêa destes Tapuyas, a fallar com o principal, para obviar algum fogo, e falsos rumores; que os fugidos lá fossem semear, e dizer-lhe, que para firmeza da paz, se a queria com os brancos, mandasse em refens, um rapaz e uma rapariga, o se não queria a paz me deixassem ir são e salvo para o Maranhão.

Puz em effeito esta resolução, mandei o lingua Gaspar, com um Indio de Acará, que unicamente se achava comigo, os quaes ao cabo de seto dias me apparecêrão com alguns Gueallas, entre os quaes vinhiã um abalissão, que já tinha ido muitas vezes á povoação do Marim; este me disse que me deixasse estar, pois elles me não havião de matar. O lingua, nem trouxe refens algum, nem recado capaz; porque quiliã é rapaz ainda de pouca distincção, e seu parente. Até esta desgraça sempre me acompanhou da não ter lingua capaz. Todos rapazes, de quem os Tapuyas fazem zombaria; e quem quizer domar nações bárbaras, ha de trazer consigo linguas de respeito, que saibão intimar as praticas com fervor e fructo.

Com esta tal qual segurança me deixei ficar neste sitio, esperando sem-

pre em Deos, que melhoraria as cousas, cuja esperança se me avivava por um portentoso caso, que tinha succedido com uma Tapuya poucos dias antes de seu levante e fugida. Costumava esta vir frequentemente a igreja ver celebrar missa, e rezar a Nossa Senhora, mas levada da curiosidade, do que da percepção que na igreja se celebrava. Até que um dia, movida de interna inspiração, como se crê, pegou em um filho de poucos mezes, que trazia, e alimentava a seus peitos, e pondo-o no altar aos pés de Nossa Senhora da Piedade, disse pela sua lingua, que alli lhe entregava aquella criança para seu filho.

A' vista de uma acção tão superior, pegamos no menino e baptisamos, entregando-lhe'o, e dizendo-lhe que estava baptisado, e por consequente filho de Deos, com o nome de José. Passados quatro dias, entrou o menino a enfermar com mortal doença, ao oitavo dia, deu sua bemdita alma ao Creador, a qual foi gozar da companhia de sua Bemditissima Maria Santissima, que com entranhas de Piedade, tomou tanto a sua conta este seu pequeno filho, que fez com que logo fosse arrebatado deste valle de lagrimas para a Celeste Patria. — *Ne malitia mutaret intellectum ejus.* — Oh quanto vale um offerecimento feito a Deos, com sincero e puro coração, que até o que fez esta Gentia, conciliou tanto a graça, e beneficios do Creador.

Passado o transe acima referido, fiquei na minha solidão, e até entrarem as aguas não pude mandar senão uma vez os linguas a terra, e aldêas dos Tapuyas, cuja diligencia fazia todas as vezes, que me era possivel, para firmar o commercio, e baptisarem os linguas, ou os que ião em sua companhia, alguma criança que estivesse *in extremis*, como com effeito se baptisarão este anno sete, que estão logrando a vista de Deos.

Entradas com força as aguas, parti para o Maranhão a dar conta destes successos, e a requerer com efficacia ao Sr. governador, que mandasse edificar um forte acima das aldêas destes Tapuyas, mudando para lá os soldados, que junto ás povoações do Miarim se conservão em uma palhoça, que tem o nome de forte, e aonde os soldados comem escusadamente o soldo de el-rei, sem fazerem mais que vadiarem pelas fazendas alheias, fazendo cousas indignas, *et piarum aurium* offensivas.

Fui, requeri, propuz com toda a efficacia assim de palavras, como de lagrimas, representando o desamparo, em que me achava, e quantas almas reinidas com o sangue de Jesus Christo se perdião, e como todas as cousas ião cada vez a peor, e o pouco remedio que eu lhe podia pôr, pela total falta de meios, e nenhuma providencias que se davão, esquecendo-se todos do bem commum, e do particular, pois além do mal que se seguia de se perderem as almas, se punhão em evidente perigo as fazendas de gado do Miarim, que seriam um almoço para o Gentio, se este se desenfreadasse, e com as armas o quizesse conquistar.

A tudo se me respondeu com palavras de compaixão; mas, se recorria para as obras, tudo erão difficuldades. O forte não se podia fazer sem ordem de Sua Magestade; os Indios para fazerem roça e casa, não os haviam; só me offerecião uma escolta de soldados, nua e crua. Respondi que

esta me não servia; porque eu não tinha com que me sustentar a mim, quanto mais a uma escolta de soldados: e mais que os soldados do Maranhão, por serem sem disciplina e ordem, não são capazes de estarem em aldeas para defesa dos missionarios, e a sua ordem, nem de conterem Tapuyas em paz, antes tomá-los e todo o Maranhão, que o Gentio se levantasse, para então ver, se pelo meio de guerra podião adquirir alguns escravos, que é o peccado original do Maranhão. Postos nas aldeas, querem Indios que os sirvão, e os Gamellas se não accommodão a isso, nem todo o Gentio novo; querem boas casas, e bastante comer. E ainda tendo tudo isto, como estão com o sentido na aguardente, e mancebas do Maranhão, procurão mil modos para se irem embora, já fingindo-se doentes, já requerendo muda, e quando vão para o Maranhão tudo é improperar os missionarios, só affirm de que enfadados não queirão mais nada com elles, como eu verdadeiramente não queria, e só requeria a mudança do forte para cima das aldeas, aonde elles vivessem debaixo da jurisdicção do seu cabo.

Por mais que propuz por escripto, e por palavra, patenteando o quanto era util ao descimento dos Gamellas, e de todo o Miirim, pois á sombra do forte, podião os moradores ir subindo pelo rio, edificando engenhos, e fazendo outras lavouras, de que resultaria muita utilidade aos mesmos moradores, e a fazenda real, pelos abundantes dizimos, que se lho aggregarião. Nunca pude colher fructo, nem receber outra resposta, senão, que isso não se podia fazer sem ordem de Sua Magestade. Despedi-me do Sr. governador dizendo, que os evidentes perigos não esperavão ordens, e que eu me ia embora só com a certeza, de que estava desamparado de Deus, e dos homens. De Deus por seus altos juizos; e porque talvez, não estarião os Gamellas ainda dispostos, para receber a prôgação do Evangelho; e dos homens, porque se fazião surdos ás minhas vozes, e me não soccorrião com outra cousa, senão com boas palavras.

Parti finalmente em Abril de 1752, para o sitio da Piedade, e dali fui continuando quando podia, em mandar ás aldeas dos Tapuyas, os linguas para os catechisarem; que descessem o viessem, para onde eu estava. Nestas demandas me achou o muito Rev. Padre provincial Manoel Ferreira, quando veio a 4 de Julho do sobredito anno a visitar estas missões, e como neste sitio, não achou Tapuyas, se determinou ir aos portos de suas aldeas, a esperar pelos que eu tinha mandado chamar, para lá fallar com elles. Foi, e teve suas conferencias com dous principaes, um da aldeia Grande, e outro da Pequena, que mais perto se achavão, e vierão aos portos. Ao da aldeia Pequena disse, que viesse para baixo roçar em uma paragem ao pé donde eu me achava, chamada Santa Cruz; como o dito principal já tinha ajustado comigo, e ao principal da aldeia Grande, prometteu, que lhe mandaria missionario para a sua aldeia, e se despedio para o Maranhão.

Fiquei cuidando em como havia de descer as duas aldeas, que tinham ajustado comigo o seu descimento. E quando estava com estes maiores cuidados, recebi uma carta do Sr. governador do Maranhão, na qual me ordenava, que dêsse Indios dos Gamellas, linguas e guias da mesma na-

ção para se incorporarem com a bandeira de Jacintho de Sampaio, ao qual mandava, que fosse dar guerra ao Aeroá inimigo do Gamella.

Muito me alterou esta resolução; pois me servia de impedimento para o descimento que intentava, e por me parecer, que no Maranhão não havia ordem de Sua Magestade, para se fazer guerra offensiva ao Gentio, inimigo dos Gamellas, porque ainda que se referião a uma ordem que havia, para se fazer guerra offensiva ao Aeroá, este Gentio inimigo dos Gamellas não era Aeroá senão no nome, que na realidade erão uns parentes dos Gamellas, delles rebellados, de sua mesma nação, lingua e costumes, e o Aeroá sentenciado quer fosse Aeroá Miry, quer Acorá Acú, era Gentio do sertão e Minas. Mas, como eu não era juiz nesta causa, e as despezas da fazenda real, já estavam feitas; Jacintho de Sampaio, cabo da tropa preparado, lavei as mãos neste negocio: dei a Jacintho de Sampaio os linguas, e todos os Tapuyas que elle pudesse aggregar pelas aldeas para que, em nenhum tempo se queixasse de mim.

Partio deste sitio da Piedade, Jacintho de Sampaio, com a sua bandeira, para as aldeas dos Tapuyas, e deixando a sua bagagem no porto da aldeia Grande dos Gamellas, marchou a tropa a buscar o inimigo. Para principio da desgraça, succedeu adoecer o cabo da bandeira, Jacintho de Sampaio, e ficou na aldeia Grande dos Gamellas, commettendo a empreza ao capitão mór, Francisco de Almeida, e Marcellino José, sobrinho do dito cabo, e ao ajudante João Pereira Bravidão.

No fim de tres dias, chegarão á terra do Aeroá, e de noite despedirão um Gamella a espiar, este trouxe por novas, que a aldeia dos inimigos estava queimada, e o inimigo se tinha mudado; ao outro dia pela manhã, partio a tropa, e chegando á aldeia queimada, se dividirão em pareceres. O capitão-mór Francisco de Almeida era de voto, que aqui se emboscassem, esperando por algum, que viesse em busca de mantimentos, dos munitos que ainda tinham deixado. Os outros forão de parecer, que seguissem para diante, nisto é que ajustarão, e a poucos passos, encontrarão com uns Tapuyas, que vinhão buscar mandioca, estes assim que virão os Gamellas, lhes perguntarão, que querião por aquellas terras? E como não recebessem resposta, nem á primeira, nem á segunda pergunta, desconfiados fugirão. Forão tres Gamellas em seu seguimento, com alguns soldados da bandeira, e Marcellino José deu um tiro em um Tapuya, o qual tiro foi causa de se não fazerem presas: porque o inimigo que estava, bem perto na sua nova aldeia, logo que ouviu o tiro, se alvoroçou e fugio, pondo-se de emboscada.

Forão seguindo depois do tiro os tres Gamellas e dous soldados da bandeira, chamados Antonio Pereira e Domingos Telles, e depois de terem subido uma ladeira, ao descêrem para o plano, derão de repente com a aldeia nova dos Tapuyas, ali situada, da qual ainda estavam fugindo as mulheres e crianças, e os Tapuyas já estavam de emboscada, e logo que virão os cinco inimigos, principiarão do mato, a atirar muitas frechas, que ainda uma dellas, deu bem perto dos olhos do soldado Domingos Telles. Os dous soldados, com alguns mais da tropa, que vão chegando, derão

alguns tiros, e matarão um homem, com algumas mulheres, e crianças. Chegou finalmente a tropa, a tempo que já todos os Tapuyas tinham fugido, e não os quizerão seguir, como os Gamellas lhes dizião; mas queimando a aldeia, se retirarão com toda a pressa para a bagagem, levando quatro presas; dous rapazes, uma criança de peito, e uma velha.

Postos na bagagem, se resolveu Jacintho de Sampaio, a descer pelo Miariun, com tenção de subir pelo Rio Guajeú, para dar em outra aldeia. Executou esta resolução, com peor fortuna; porque subindo pelo Rio Guajeú, deixado o rio, entrou pela terra dentro, com o intento de os acometter pelas costas, estando elles descuidados, e esperando que viessem pelo rio acima. Ao entrar pela terra dentro, andou muitos dias passando lagos e fazendo pontes, até que se lhe acabáram de todo os mantimentos, os quaes acabados, voltou para traz, e se recolheu com toda a tropa para o seu arraial de S. José.

Eis o fim que teve esta empreza, nem podia ter outro, pois era fundada na ambição de presas, sem por mim ser requerida, ou por meus superiores, que como tínhamos a nosso cargo as missões dos Gamellas, emquanto por elles não requeressemos guerra contra seus inimigos, pelos meios ordinarios, me parece, se não devia esta dispôr como se dispoz.

No tempo em que a tropa andou por fóra, passei muitas calamidades, no sitio de Nossa Senhora da Piedade. A 8 do mez de Agosto, despedi delle, a quatro Indios, que comigo tinha, tres do Maracú, e um do Acarará, por me requererem fortemente a sua muda, e me ameaçarem com a fugida, se os não mandasse. Forão em uma canoinha pertencente a estas missões, na qual esperava, que logo se me mandasse a outra muda: porém nestas esperanças se passarão o mez de Agosto, Setembro, Outubro, até 24 de Novembro, dia em que aqui chegou o Padre missionario Francisco Ribeiro, que vinha para a aldeia Grande dos Gamellas.

Só a Deos é manifesto, o que padeci neste desamparo. Dons rapazes unicamente tinha em minha companhia, pois até um homem branco, que comigo assistia, indo em uma occasião caçar ao mato, permittio Deos, que nelle se perdesse, e por mais diligencias que se fizerão, não appareceu, senão dahi a cinco semanas, mais feito estatua da morte, que homem vivente. Dos dous rapazes, um delles adoeceu, e me foi preciso para meu sustento, ir muitos dias, com um canoço ao rio, a pescar algumas piranhas, e muitas semanas passei sem comer cousa que padecesse morte, por não ter quem m'o buscasse. Depois que o rapaz convalesceu, indo com elle uma occasião, para baixo a me confessar, tornou elle a adoecer, e então estas sagradas mãos, que pela bondade de Deos—*nullis meis meritis*—nascêrão para a sobrepeliz e estola, se condemnarão ao remo, até me pôr em casa.

Nem se descuidava neste tempo, o commum inimigo de me atropellar, com fortissimas tentações, até me querer levar ao precipicio de uma morte violenta, representando-me o total desamparo de Indios, em que me achava, e que nunca seria soccorrido, e o alvoroço em que andavão estes matos entre Gamellas e Coroados, uns capitães inimigos, e outros pouco amigos, e que a escapar eu das garras de uns, viria infallivelmente a ser

despojo de outros, sendo despedaçado, e comido por elles, e que á vista disto, não tinha que fazer jámais com o mundo. Augmentava todas estas tentações, com me trazer á memoria, que eu tinha consumido a maior parte do que me tinha dado a fazenda real sem fructo, como dizião todas as cartas, que me vinhão do Maranhão, e que assim já não havia de ter cara para outra vez lá apparecer, e passeiar, diante dos ministros da fazenda real. Com estas e semelhantes suggestões me atormentava, muito e muito nesta solidão.

Todas estas tentações, fazia eu muito para repellir com repetir, amindadamente aquellas palavras — *In te Domine sperari, non confundar in æternum* — Oh que terrivel é a solidão, cheia de cuidados! por isso com muita razão, diz o texto — *Væ soli*; — porque ainda que nella haja mais lugar de levantar o pensamento a Deos, tambem por outra parte, tem o demonio, mais occasiões de tentar, sem o tentado, se poder valer dos Padres espirituaes e confessores.

Desesperado já totalmente de todo o soccorro, ajuntei dous rapazes dos Gamellas, que no Miarim, se achavão por casa dos brancos, e com um dos dous que comigo conservava, e o homem branco João Bernardo, já convescido da sua perdição, se fez uma entrada aos matos, para catechizar aquellas duas aldêas, que comigo tinham ajustado, descerem este verão. Fez-se a entrada e pratica com grande felicidade: porque uma aldêa chamada Piuburi, logo se poz a caminho, e a outra cujo principal, e parto da sua gente tinham encontrado a tropa de Jacintho de Sampaio, e vinha já de partida para este sitio, em razão da guerra que se ia dar ao Coroado, tornou para traz, agora não pôde vir; porque o principal estava doente, nem ainda chegou, e para o seguinte verão é que a espero.

Nestas diligencias me achou o Padre missionario Francisco Ribeiro, que vinha para a aldêa Grande dos Gamellas. Chegou a esta missão de Nossa Senhora da Piedade a 24 de Novembro de 1752, dia de Santo Estanislão Koska de nossa Companhia. Vinha tambem com muito ruins principios, por vir falto de farinhas, com só cinco Indios, e sem lingua capaz, e de resolução, que é o que me tem faltado, e faltava agora a elle; porque sem lingua capaz pouco ou nada se pôde obrar — *Quomodo autem audient sine prædicante?* — Esteve nesta aldêa da Piedade tres dias, esperando que acabasse de chegar o meu descimento da gente do Piuburi, para lhe dar algum Gamella abalisado, que podosso com efficacia praticar os da aldêa Grande. Chegando o descimento, lhe dei um Indio, chamado Imputú, homem já ancião, e de autoridade e resolução entre elles. Com este partio para cima, e eu fiquei accommodando a gente do descimento.

Foi esta aldêa uma das mais rebeldes ao principio, e della era o Indio, que o anno passado me quiz matar, mas como tinha já algumas primicias no céu, que por ella oravão, por isso foi a primeira que se reduziu a descer. Desta aldêa era aquella India, já referida, que offereceu seu filho, a Nossa Senhora, e a Mãe de Deos foi servida recebe-lo, e alcançar-lhe de seu Bento Filho, graça para logo depois do baptismo, ir gozar da eterna bemaventurança.

Desta aldeia também era um rapaz de quatorze annos pouco mais ou menos, que em Agosto passado morreu com grandes signaes de predestinação. Andava este rapaz em companhia do capitão-mór José de Meirelles Maciel Parente, e por ser de boa índole, lhe queria muito o dito capitão-mór, e lhe tinha posto o seu mesmo nome de José: succedeu enfermar este, mortalmente, e proximo já á morte não podia descansar, nem socegar, pedindo uma e muitas vezes, que o baptisassem: baptisou-o o dito capitão-mór, e assim que lhe cumprio os desejos, abraçado com o Santo Christo, principiou a proferir amiudadamente, pela sua lingua estas palavras — *Moçumo-tom*.—que querem dizer pelo nosso idioma: meu pai vamos, e com ellas na boca, espirou com uma bemaventurada morte. Com estas docuras celestiaes, é que Jesus Christo, costuma a consolar aos operarios que trabalham na sua vinha, a qual por ser tão agreste, se os não tivesse, fazia desfallecer totalmente os operarios na sua cultura.

Quando depois de accommodar o descimento, meditava mandar alguns mensageiros á aldeia Grande dos Gamellas, a saber novas do Padre missionario Francisco Ribeiro, me tirou este trabalho a presteza com que aqui chegou de volta, o dito Padre missionario, lastimando suas desgraças, pois os Tapuyas, não fazião mais que importuna-lo por ferramentas e farinhas como é seu costume, sem lhe darem ou procurarem cousa alguma. E vendo quanto impossivel era, a sua conservação, determinava partir para o Maranhão, a informar desta verdade, e tomar o expediente, que lá melhor se julgasse, e com effeito partio desta missão para a cidade a 4 de Janeiro de 1753, onde se achava depois de tantos trabalhos sem fructo.

A causa de vir este religioso padecer tantas calamidades, foi uma rigorosa critica, que contra mim se levantou no Maranhão, e condemnando-me todos por eu não querer ir viver no centro com os Tapuyas, dizendo que eu aqui gastava, o que a fazenda real tinha dado sem fructo algum, e sem descer Gamellas, nem viver com elles, que era o unico fim para que so tinha feito a despeza, e ninguem podia calar, ou encobrir os continuos clamores dos Srs. ministros da fazenda real, que nesta parte se mostravão muito zelosos.

Respondia eu a tudo isto, que tinha penetrado bem os costumes dos Gamellas, que estes nem sustento têm para si por mais de seis mezes no anno, no qual tempo passão só com coco e palmito, e alguma pouca de caça. Desta sorte, que havia de fazer o religioso missionario, distante do rio, sem se poder valer do pescado, e sem modo com que mandar ao povoado comprar algum alqueire de farinha, para seu sustento. Dos Gamellas não havia que esperar, porque antes continuamente estão perseguindo os missionarios, sem o deixarem descansar, nem rezar com importunações pedindo-lhe que comer, e nada querem fazer, do que se lhes manda, sem haver quem os possa obrigar; porque elles não reconhecem principal, nem guardão obediencia a pessoa alguma do mundo. Os seus chamados principaes não são mais que uns abalisados praticantes, cujas praticas, se elles querem executar, executão, e senão ficão-se no seu livre alvedrio. E o religioso missionario, que entre elles vive, é mais seu servo para os

soffrer, que superior para os mandar; pois é só entre tantos barbaros, e por conseguinte, não têm com que fazer executar as suas ordens.

Mas, que um triste religioso mettido no centro com estas racionaes feras, que por lá cá aquella pallia desconfião, e se armão para o matar, e se entre elles houvesse algum levante, como se poderia tão brevemente valer da canôa para a fugida, ou para algum aviso de soccorro, não teria mais remedio, que miseravelmente perecer ás suas mãos, e alguém que tivesse em sua companhia, tendo por sepultura seus inhumanos ventres. Porém, quando não fosse por este modo de levante, poderia ser por doença, a que estão expostos todos os mortaes, e então não teria outra medicina, nem consolação, senão morrer, e morrer sem confissão, principalmente no tempo do inverno, no qual alagão os caminhos de tal sorte, que nem elles barbaros podem vir ao povoado.

Sendo isto tudo certo, como na verdade é, o unico expediente, que se devia tomar, era fazerem-se-lhe roças á beira do rio, nas paragens, que se julgassem convenientes, e obriga-los a descer para ali; para o que não seria necessario muita violencia, antes elles espontaneamente havião de buscar o novo e farto sitio, assim como busca qualquer animal o bom pasto.

Todas estas minhas razões julgavão os criticos, por mera especulação, persistindo sempre tenazes no seu systema, que fossem os missionarios para o centro. E, ficando eu sempre qual outro Cassandra, que fallava verdades, e cousas — *Nunquam credita Teucris* — Emlim, veio o bom Padre Francisco Ribeiro, e de seus trabalhos e gastos, não se tirou outro fructo, senão fazer-me os ditos verdadeiros; como se eu fosse tão louco, que sentindo utilidade, e modo de viver entre os Gamellas no centro, havia de escolher voluntariamente uma penosa e desamparada solidão.

O que mais se me offerece relatar é, que até o presente estou vivendo neste sitio de Nossa Senhora da Piedade com esta aldêa que desci, com muitas impertinencias e amofinações. Das outras aldêas que restão, que são ainda quatro ou cinco, vein de quando em quando alguns buscar ferramentas de que muito necessitão, e sempre os soccorro do melhor modo que posso, praticando-os que fação suas aldêas á beira do rio; para serem providos de Padres missionarios, e do mais que carecerem com melhor promptidão, do que o são no centro.

Resta por ora, para complemento desta narração, brevemente descrever os costumes desta gentilidade. Habitão estes Tapuyas em um centro de mato, que está no meio de dous rios Guajê e Miarim, e os vai acompanhando até suas cabeceiras, as quaes se terminão no sertão, em uns dilatados e famosos campos, com pouca distancia das cabeceiras de um rio ás cabeceiras do outro. São estes dous rios, pelas beiradas muito baixas, e quasi incapazes de povoações, por alagarem em muita parte, e pelos muitos lagos, e ipoeiras que têm: e tambem pela muita praga do toda a casta de mosquitos, que de noite e de dia, importunão de tal sorte, que se fazem as habitações quasi insoffríveis. Só são boas as ditas beiradas para cannas de assucar, pelo que podia haver nos ditos rios muitos e famosos engentros reaes, pois durão os cannavesacs tendo bom tracto, dez, quinze, e vinte annos.

Neste centro, que é terra alta e boa para toda a casta de lavouras, é que habitão estes Gamellas, Gentio sem fé, nem lei, nem rei. A nenhuma divindade adoram, nem reconhecem superior na terra, nem no céu. Os chamados principaes, são alguns mais alentados e abalisados, que os praticão para as guerras e caçadas; porém se elles não querem fazer o que o praticante lhes diz, elle os não pôde obrigar, nem elles se quietem sujeitar a governo algum. Andão de todo despidos, tanto mulhetes, como homens, e só se compõe o seu ornato em se tingirem de orucú, que é fructo que dá com abundancia nas suas terras, e entre elles dê muita estimacão. Crião largos cabellos, e os homens logo desde pequenos, furão o beíço de baixo, e nelle encaixão umas rodellas de páo, que fechando o beíço, lhe vem a cobrir o de cima, e chega quasi a dar no nariz.

Dizem que usão destas Gamellas (que daqui veio á nação, o nome de Gamellas) para se fazerem formidaveis a seus inimigos, batendo com ellas nos dentes quando guerreão. O seu sustento é alguma caça, e uns bolos que fazem de mandioca, mas como não têm providencia alguma em guardarem, quando isto tempo do inverno as mandiocas estão verdes, se sustentão para o conducto, do coco, e palmito das palmeiras bravas. São muito dados ao cantar, e dançar com o seu barbafo modo, de tal sorte, que misto gastão muita parte da tarde e noite, e findão ao amanhecer, cuja musica acabada, preparão os arcos e frechas, e vão caçar um dia por outro. As caças e todo o mais sustento, cozem em umas covas que fazem debaixo do chão, cercadas de folhas, e cobertas com terra e pedras, e desta sorte de cozinhar usa quasi todo o Gentio, a que chamão Miaribú. Nas guerras, comem a seus inimigos, são pobrissimos por extremo, donde nasce fazerem muita estimacão de quem tem muito que lhes dar, principalmente ferramentas para fazerem suas roças. Usão só de uma mulhet, e quando della se enfadão, largão com facilidade, e pegão em outra. Antão-se muito entre si, de tal sorte, que poucas ou nenhuma são as contendas, que os aldeanos têm entre si; deste modo de trato ou amor, tem resultado muitas vezes, quando algum morre, enterrarem-se com elle vivos, mulhet e filhos, por não poderem soffrer o rigor do *Matarão* (que este é o nome que dão na sua lingua ás saudades). Enterrão-se sentados, e na sua cova, lhes deitão todas aquellas pobres alfaías, de que em vida possuem. Não usão de genero algum de bebida; que é o unico bem que têm.

CARTA DO PADRE BARTHOLOMEU RODRIGUES, AO PROVINCIAL JACINTHO DE CARVALHO, DATADA DE GOAICURPÁ DOS TUPINAMBARANAS A 2 DE MAIO DE 1714 (1).

M. P. Jacintho de Carvalho. Aqui tive uma carta de V. Revm., em que me pedia algumas noticias do Gentio que ha por estas partes; e alguns casos

(1) CARTA DO PADRE ANTONIO PEREIRA, AO REV. PADRE PROCURADOR GERAL FRANCISCO DE MATTOS.

Esta serve para explicar e declarar o que contém os papeis, que com ella vão, sobre o que tem passado entre nós, e o Sr. Bispo, acrescentando demais o que elles não cont m,

de edificação. Quanto ao primeiro, como V. Revm. tem estado por estas missões das Amazonas, pouco poderei dizer que V. Revm. não saiba; mas para obedecer, e satisfazer a vontade de V. Revm. farei uma simples nomenclatura das nações que ha, de que tenho noticia, começando do Rio da Madeira até este de Mariabão; assim por me parecer que esta noticia é a que principalmente se requer neste ponto, como também, porque outra noticia mais diffusa de suas qualidades, costumes, e politica, requer mais vagar.

Da boca do Rio da Madeira, até as terras dos Guarajús, se gastão tres mezes. E' povoado este rio tanto da parte do Norte, como da parte do Sul, pelas nações seguintes: correndo para cima pela parte do Norte, habitão este sertão os Oantas, Guajaris, Purupurús, Guareces, Capanás, Jãobens, o Pamas; de todas estas nações, as mais populosas são os Purupurús, Jãobens, e Pamas; segue-se a das Cavaripunás, cuja multidão denotão as muitas, e mui populosas aldeas, que debaixo deste nome, occupão grande parte deste sertão. Por ultimo, habita uma e outra parte do Rio da Madeira, a grandiosa nação dos Guarajús; daqui para cima se não sabe de mais Gêtio, não é porque o não haja; porque assim como até aqui tudo é povoado de Gêtio, será verosimil que o seja também para cima, pois que ninguem tem passado daqui, que possa dar relação d'elle.

Voltando para baixo pela parte do Sul, a primeira depois dos Guara-

e o que este servo de Deos, principe da igreja, e legado de Sua Santidade, (que este é o titulo que elle me disse, que lhe havião de dar no pulpito os prégadores, tomando-lhe venia) tem dito e feito contra nós. E saiba V. Revm., que com muita pena minha o escrevo; desejando antes, que fôra um singular panegyrico seu; mas não tem dado este primeiro Bispo do Estado, que assim se assigna, materia para isso.

Partio do Maranhão para o Pará este homem, já muito nosso opposto, e já inimigo declarado, pois em uma pratica que lá fez, na dominga grande do Sacramento, disse as parvoíces ou absurdos, que já escrevi a V. Revm., e também escreverião do Maranhão. E logo que chegou a esta barra, mandando-o visitar o governador, rompeu também em muitas palavradas contra as leis de Sua Alteza, que foi toda a pedra de escandalo, contra nos, tomando por motivo desta adversidade, o ter-the o Padre verificador escripto uma carta queixosa, por elle não querer dar ordens ao Padre Antonio da Cunha, e Antonio Gonçalves, e também porque o Padre verificador mostrou a algumas pessoas no Maranhão, a summa da lei, e provisão de Sua Alteza, que de lá lhe tinha mandado o Padre Antonio Vieira, e estes dous são sempre os pontos, em que topão todas as occasiões, que diz que lhe damos, para desmerecermos a sua graça.

Chegando aqui lhe não faltei um atomo, nem os mais Padres, que aqui estavam com a cortezia, e ainda com alguns presentes, que pôde dar á nossa pobreza; das visitas gostou tão pouco, que indo o Padre Aloizio a visita-lo, por ter chegado do Gurupá, o recebeu com bem má cara, e depois de lhe ter o Padre perguntado como estava, o mandou logo embora dizendo-lhe, estava esperando pelo Sr. governador, e assim que entrou começou a desbrochar, e a dizer que não sabia, que lhe querião estes Padres da Companhia, e de que servião as suas visitas, etc.

Tendo feito aqui a sua entrada, que elle quiz que fosse tanto ou mais solemne, que a do Maranhão, tendo por isso controversias com os camaristas, logo lhe fui no outro dia apresentar por papel a todos os Padres, pedindo-lhe nelle licença para poder confesar, e prégur neste seu bispado. Não quiz conceder licença, e disse, que devia vir cada um dos Padres com sua patente particular, e o seu Frade era o mais empenhado nisto, e me dizia que era do Concilio Tridentino; ao que repondi, que tal não havia no Concilio; que só mandava que se apresentassem, e que se o Sr. Bispo os queria examinar todos, virião á sua presença, pois para isso lhe dava naquella papel o nome de todos.

jús, é a nação dos Camateris, depois a dos Pamas, que também habitão desta handa: segue-se a dos Abacaxis antigos Chichirínins, Jaguaretas, a dos Porerus, Curupús, e dos Manis. Occupão estas nações, o espaço de dous mezes de viagem, donde se poderá inferir o quanto são populosas. Entra aqui o Rio Ipitiá, povoador todo da nação Arara tão numerosa, que igualão os que tem penetrado o seu sertão, ás folhas do mato em que habitão. Depois os Toras ou Teratoraris, que são em tanta multidão, que as mais nações lhe chamão o Formigueiro, com estas também habitão os Jaraguaris, e Aroaxias. Vão seguindo as nações dos Mocas, e dos Muras. Aqui entrava a nação Unicore, Terari, Anhangatinunga, Aripuana o Irori; mas como destas nações haja poucos no mato, não faço dellas menção: pelo Rio Pociçari, que também chamão dos Aripuanas, que se incorpora com o da Madeira, habita a nação Jacareguá, e as duas vastíssimas nações do Cujés, e Tituans. Este é o Gentio de que tenho noticia, que habita os dilatados sertões do Rio da Madeira.

São habitadores do Rio de Canumá os Guaipinas, os Meraguas, Pexunas e Carapayanas. Os principaes destas duas ultimas, estando eu este anno na aldea de Canumá, me vierão fallar em ordem a seu descimento, como eu lá estava de visita, não pude mais fazer que hospeda-los bem, e manda-los contentes com alguns minos que lhe fiz, e com promessa de que se lhe daria todo o adjutorio, para se lhe cumprirem os bons desejos que mostravão.

Concedeu emfim licença por um anno, com restricção ao Padre Antonio da Cunha, com o qual tem notavel ojerisa porque elle foi um dos que lhe levarão a carta, que o Padre verificador lhe mandou no Maranhão, e lhe disse, fazendo elle algumas queixas, que tinha contra alguns Padres em Portugal: que pelo particular, não havia de perder o commum, e por isso o poz como um trapo, como elle costuma em lhe chegando a colera, que se vê nelle extremada.

Depois de passados dous mezes, suspendeu por uma Pastoral a todos, tanto regulares, como clérigos: e logo no outro dia seguinte, lhe fomos levar a sua licença, e nos r. metteu ao Vigario geral, e tudo se foi dali em diante tratando pelos papois, que com esta vão.

Esta pastoral fez este homem só contra nós, cuidando que só com ella nos havia de tirar das aldeas de que estavamos de posse tantos annos, antes que elle viesse, e nas que houvesse de novo, não faz conta de approvar-nos para ellas; e isto sem mais causa, que a da pena, que tem, por cuidar, que temos nellas um thesouro, pois chegou a dizer ao governador, que tudo dava Sua Alteza aos Padres da Companhia, e a sua igreja havia de ficar sem nada; que nem se quer lhe poderia dar o dizimo dos quarenta mil cruzados, que dava aos Padres da Companhia, sendo que de tudo que tem ajuntado, que dizem, é somma consideravel, não sei se a esta igreja do Pará, e a do Maranhão, se dá cousa alguma, e o que mais se murmura, é que nem as esmolas dá; e assim é summamente notado de cobiçoso, amiçissimo de ajuntar, e de que lhe dêem, chegando a dizer na mesma igreja, em que estava chrismando, que em lugar da vela que trazião, podião trazer um pão, ou canudo de cravo.

Nenhum caso tem feito da carta de Sua Alteza, em que prohibe, que nem o governador, nem o Bispo se possam servir dos Indios, mais que daquelles que lhe forem dados na repartição, e o faz tanto pelo contrario, que á todas tem mandado buscar Indios para mandar ao cravo, aos Nheengaibas e Bócas, mandou um clérigo que espantou lá um capitão, e poz muitas penas de excommunição, e para que tivesse Indios, suspendeu ás verbaes que para lá tinha passado, dizendo, que primeiro queria mandar tirar os seus.

Tambem foi aqui publico, que mandou praticar, e pôr pena de excommunição a estes Nheengaibas, que não crêm nos Padres, nem os admittissem como seus parochos; de tudo se saberá com certeza, quando lá fór o Padre João Felippe, que esta para ir, se elle não impedir; e não duvido que assim seja, pois quando logo aqui chegou, vindo-a

No sertão do Rio Guarinamá, não sei se haja mais que a nação dos Maraguás: no Rio dos Magués, divididos pelos rios que entram neste, são: dos Comandis, Sapopés, e dos Ubucóaras, se achão as nações seguintes: Neutús, Aitoariá, Anenguat, Opiptiá, Moguiriá, Aigobiriá, Sapopés, Periquitos, Pençoariá, Moçoariá, Apanariá, Soariraná, Monçau, Paramoriá, Sorridiriá, Ubucóaras, Sapium.

E' povoado o sertão do Rio dos Andirás das nações: Unaniá, Guaranaguá, Abuatoriá, Vipitiá, Riatoi, Acaicaniá, Pyrapeiguat, Abucoat, Jacaraot, Pyragpat, Pyritiá, Avueteriá, Vemâtré.

No sertão do Rio Mariacôa, por outro nome Rio dos Acoriatos, se contão os seguintes: Mariarô, Abucacaniá, Moricirú, Janhangoá, Sacorimatiá, Iixingoaniá, Motriutré, Arixaroi, Muraá, Mateupú, Ociporiá, Içuaivá. Pelo Rio Guamurú, que é braço deste, se entra nas terras do Gentio Maniqueira, e Abiariá. Estas são as nações, de que tenho noticia, que habitão os dilatados sertões dos rios acima referidos, não contando aqui as quatro aldeas já domesticadas, situadas nas enseadas dos Rios Canumá, Guarinamá, Andirás, e Acoriatos. *Omnes hac gentes petunt panem, et cum multi necessarii sint, qui frangenteis, non sufficit unus ita miseræ hac animæ. quot pereunt, fame pereunt.*

Quanto ao segundo requisito, direi primeiro brevemente os descimentos que tenho feito, depois que estou nesta missão dos Tupipambaranas;

ver os principaes destas aldeas aqui vizinhas, os mandou praticar a cada um em particular, dizendo-lhes (como um d'elles me veio aqui logo contar, bem escandalizado, e sentido, que se havia de ir para o mato, sem embargo de que se tinha creado entre os brancos) que não acreditassem o que os Padres lhes dissessem; porque estas leis, e ordens de Sua Alteza, as tinha procurado o Padre Antonio Vieira, só para terem os Padres muitos Indios, para lhe tirarem cravo e cacão, sem lhes pagarem; e que isto não havia de durar, senão enquanto elle não escrevia a Sua Alteza, e o avisava das mentiras, e enganos que lá tinha feito, pelas quaes o havia de fazer lá ficar muito envergonhado, e que elle era somente o seu parochy, que os Padres não havião de lá ir baptisar, nem casar, senão os que elle quizesse, etc.

Aos brancos, e ainda mais ao mesmo governador tem contado historias, que induzem a motim, e outras ridiculas, que indução nosso discredito; porque diz que somos viageiros, contando historias, de seus mesmos parentescos em que o co. firm.; e d'elle aprendeu o provedor a ter tal confiança, que me escreveu o que V. Reym. verá na sua carta. Diante de mim chegou a contar ao governador, que andando tres novicos nossos em peregrinação no Alentejo, e indo a uma parte onde os Loyos têm convento, no qual então estava elle, sendo corista, os agasalhára o seu reitor com muita caridade, regalando-os no refeitório, e que depois os recolhêrão na sua livraria, e elle com outros coristas se puzêrão por um buraco a vigiar o que fazião os novicos; os quaes estando no publico muy modestos e compostos, logo que se virão sós, começaram a murmurar dos Loyos, dizendo, que bella vida se leva; como se regalão, e logo deitáráo as roupetinhas fóra, e se puzêrão a jogar o Quadem vão; e escandalizado elle, fóra dar parte ao seu reitor, do que elles tihão murmurado, o qual veio, e lhes fez abrir a porta, e os reprehendeu severamente, dizendo, que o havia escrever a seus superiores, mandando-os embora.

Vejo V. Reym. o que se pô de esperar de um Bispo, que em minha presença conta tal falidade? Diante de nós mesmos se pôe a dizer mal de nós: já um Padre estrangeiro á sua casa, diz-lhe o diabo dos portuguezes; de mim disse ao Padre Aloizio, que os meus sorrisos erão muy falsos; mais que muito, e por formaes palavras, me chegou a dizer, que eu era o maior velhaco de todos; uma vez rindo-se, outra assaz gastado. Vai um Padre portuguez diz-lhe o mesmo dos estrangeiros, esquecendo dos seus nomes; e a

depois descerei a alguns casos particulares, que me têm passado pelas mãos.

O primeiro descimento que fiz para esta aldêa, foi parte da nação dos Arerretús; o segundo foi parte dos Comandis, e Ubucoáras, sendo que este mais propriamente se pôde dizer que foi de V. Revm. do que meu, que posto vierão depois de V. Revm. ter sahido da missão dos Andirazes, foi porque V. Revm. os tinha mandado buscar, cabendo-me a mim só o trabalho de os accomodar e doutrinar; o terceiro foi de dous principaes Andirazes com seus vassallos, que habitavão as cabeceiras do Rio Mariacoã; o quarto foi dos poucos Japocuitabijáras, que havia nos Maguês; posto que isto mais se pôde chamar mudança, que descimento; o quinto foi a nação Poraioania; o sexto a nação Capiurematia, ambos deste Rio dos Acoriatos; o setimo toda a nação Mojoaria, com parte da nação Monçaú e Ubucoára do Rio dos Maguês. Por ultimo os Sapapés, cujo descimento ainda se continúa.

Para a aldêa dos Andirás tenho descido parte da nação Amoriat, e parte da nação Acaioaniá. Suavisa grandemente os trabalhos que se padecem nestes descimentos, a consolação que resulta da consideração das muitas almas que se ganhão para o céo, que aliás sem duvida se perderião; e juntamente o ver a promptidão com que as crianças desta gente nova, e ainda algumas de maioridade assistem a doutrina, em que brevemente

cada passo nos está dizendo, que elle conhece os Padres da Companhia, como as suas mãos, e que bem sabe os seus costumes e ceremonias.

Por estes engenhos, que agora foi visitar, levando por seu pedinte a um Frade capucho, o qual quando se queria partir do engenho, perguntava ao senhor delle: quanto dá Vm. ao Sr. Bispo, que quer saber o que Vm. lhe dá? e dizendo o senhor do engenho; tanto: replicava; e para o seu escrivão, quanto? e parece que este servia de missionario para dispôr os Indios dos engenhos, que todos chrisinou, sem nenhuma instrucção. nem preparação, e disposição para este Sacramento, porque o Frade não sabe lingua: e só aos tres primeiros engenhos levou o coadjutor desta matriz, e logo o largou, declarando-o por excommungado, e absolvendo-o; porque baptisou uma criança pertencente à mesma matriz, e com expressa licença do vigario, mas sem lhe pedir a elle primeiro licença, veja V. Revm. que letras? Por estes engenhos, disse em um, que rogassem a Deus pela vida, porque se viesse outro de nosso parecer, as suas filhas havião de casar com os Indios. E esta é a mais abominavel nova, que se pôde dizer a estes homens, que apenas crêm, logo rompem em pragas, e maldições contra nós.

Em outro, disse que os Padres que estavão no Gurupá, estavão excommungados pelo Concilio Tridentino, e que lá se haviesssem elles. E no fim, quando lhe levamos o breve dos nossos privilegios indicos, e o livro dos privilegios da Ordem de Christo, em que estão os seus privilegios, e lhe mostramos, como a Sua Alteza tocava o provimento das igrejas, etc., nem elle, nem o seu vigario geral, nem o da matriz, nem outro clérigo, que tinha por adjuntos, responderão palavra em contrario, e ficarão pasmados; e só disse elle para o vigario geral, estas palavras: enganou-os vosso pai; ao que o vigario geral não respondeu palavra, ficando só assustado. Com que entendemos além de outros indícios vehementes, que este vigario geral é o que o induz a puxar tanto por estes pontos da jurisdição; e bem claramente o tem mostrado em outras occasiões, dizendo que é muito nosso amigo, mas que está obrigado em consciencia a defender a jurisdição do Sr. Bispo. E eu tenho meus juizos, que o que lhe faz ser tão zeloso desta jurisdição, é que como tem pai desembargador, e ouço dizer que é ainda parente do Bispo, corteção, deve ter suas esperanças de ser tambem aqui Bispo. Se fosse possivel tirar-lhe esta tenção, ou tentação não seria máo, porque é certo que não será menor perseguidor nosso, se é verdade o que se cuida: se bem que não vejo nelle tanta cobiça.

instruídos, se fazem capazes de receber o santo baptismo, sendo criados no mato tão á sua vontade. Tem me succedido por varias vezes, praticar a alguns moribundos para os baptisar, e não se podendo elle explicar, os mesmos seus parentes ainda pagãos, lhe estavam suggerindo o que haviam de responder. Outros, perguntando-lhes se querião ser baptisados, respondião com estas palavras: que para isso vierão das suas terras. Indo ha poucos tempos a visitar a aldêa dos Andirazes, achei onze innocentes da gente nova, e perguntando a seus pais se querião que lhe baptisasse seus filhos, respondeu um por todos, que se não quizessem que seus filhos se baptisassem, m'os não trarião a minha presença. Não ha duvida que todas estas cousas são o acipipi com que se temperão os inconsideraveis trabalhos que com esta gente nova se padecem.

Não só tem Deos Nosso Senhor mostrado sua bondade, e misericórdia em os ter tirado das brenhas, onde como fêras vivião totalmente esquecidos de sua salvação, submergididos nas trevas da ignorancia, e captivos de suas paixões, a que como escravos servião, tendo só em razão os dictames de seu depravado appetite; mas, ainda em casos mais particulares, em que resplandecem os singulares favores da Divina Providencia.

Um principal Andirás, por nome Samatiãda, e no baptismo Paschoal, destes novamente descidos, teve a dita de acabar o curso de sua carreira logo que recebeu o santo baptismo. Outro da mesma nação por nome Ape-

Nenhum caso faz, antes quanto é possível, por todos os caminhos que pôde encontrar, quer fazer crêr aos Indios, que não somos parochos, que nada representamos, e que nos não dêem credito, nem nos estimem, e nisto tem já prevalecido muito, porque muitos Indios das aldêas aqui vizinhas, nos desestimão grandemente, vendo que os não defendemos, nem valemos, do que se lhes faz, e que elle é o que manda as ordens ás aldêas, como lhes parece; e assim querendo nós mudar alguns covis de Indios, que estavam separados de seus legitimos principaes, e em lugares onde lhes não podiamos acudir com os Sacramentos, como elles tinham nisto repugnancia, se vierão valer delle, e não do governador, a quem como Sua Alteza ordena, tinhamos dado conta. E elle os patrocinou, dizendo-lhes, que se não mudassem, porque os Padres não podião mudar, nem unir igrejas sem sua licença; e assim ficarão zombando de nós; porque o Sr. governador diz que Sua Alteza lhe tira tudo o que toca aos Indios, e assim se não quer pôr em pleitos com o Bispo; e porque elle vio que nós lhe infringiamos este seu fundamento, dizendo-lhe nos papeis das controversias, que aquelles lugares não tinham igrejas, mandou um clérigo, que na sustancia é verdadeiro Frade Bernardo, por ser despedido desta religião por incorrigivel, e louco; e a peor loucura é a que elle toma por suas mãos com a aguardente; e deste se servio, e mandou, como digo, a um destes lugares, ou covis, para que alli puzesse cruz, e fizesse igreja, para assim ter pé, de que nós a não poderemos mudar. E o clérigo executou ás avessas, porque de cruz, e igrejas nada fez, e só ameaçou que havia de tirar o principal, que governava a aldêa, porque tinha poder do Sr. Bispo para isso. E dali se passou a uma aldêa dos Tpinambás, que está junto da nossa roça, e pediu ao principal, que lhe desse Indios para mandar nas canoas do Sr. Bispo ao cravo, e por que o principal poz suas difficuldades, fez meirinho a um soldado homiziado, e fugitivo, que ia nas ditas canoas, e apanhou cinco Indios e uma India, e os metteu nellas, o forão para o Cactê a tirar cravo; além dos que ião já de Mortigura, e dos Nheengaihas, e além dos que mandou tirar no Maracanã, que é uma aldêa dedicada ás salinas de Sua Alteza. E fazendo-lhe cargo disto o governador zombou, dizendo, que tomara elle que trouxessem muito cravo, que emquanto o pão vai e vem, folgão as roças.

Como é Bispo se persuade que Sua Alteza lhe não pôde fazer cousa alguma; e quando (em uma junta, que fez o governador para pôr em praxe as leis de Sua Alteza) se quiz mostrar mui soberano, dizendo, que Sua Alteza lhe não podia tirar a sua jurisdição,

moalo, e no baptismo Francisco, dous dias depois de baptisado, deu a alma a seu Creador; querendo Deos Nosso Senhor mostrar, pagando-lhe na mesma moeda, como lhe agradava o zelo com que este Indio procurava que nenhum dos seus morresse sem baptismo; pois logo que algum adoecia innocente ou adulto, quer fosse de dia, quer de noite, chovesse, ou fizesse calma, estivesse são, ou doente, elle em pessoa me avisava incontinentemente, para que lhe não faltasse com os Sacramentos.

Uma India tambem nova (que foi a que mais trabalho me deu) estando gravemente enferma, sendo instruida nos mysterios de nossa santa fé, posto que os confessava, e cria; contudo no tocante ao baptismo, de nenhuma sorte vinha em o accitar; mostrando-lhe eu que sem o baptismo era impossivel salvar-se, e perguntando-lhe (já depois de cansado) qual era a razão porque tanto repugnava o unico remedio de sua alma! descobrio a soberba com que o demonio a enganava dizendo: não quero ser baptisada; porque logo meus parentes hão de dizer que já estive tão doente, que com medo me deixei baptisar. Entendo eu que aqui já obrava pouco a brandura que com ella tinha usado, a reprehendi asperamente da pouca estimação que fazia dos remedios que Christo Senhor Nosso deixára no mundo á custa de seu precioso sangue, para nossa salvação; representando-lhe juntamente as penas do inferno, que por sua soberbia, voluntariamente se entregava, desprezando os auxilios que Deos naquella occasião lhe offerencia. E assim advertindo-lhe que considerasse bem o que fazia, me despedi della, deixando avisado aos que lhe assistião, que se naquella

se lhe disse que Sua Alteza sentiria de que se guardassem as suas leis, como elle mandava (era sobre nós e sobre as igrejas dos Indios) respondeu: que me ha de fazer o principe. martyrisar-me por defender a minha Jurisdicção, isso é o que quero? Porém eu não me pude ter, que logo alli não dissesse ao provedor que ficava junto a mim, que aquillo não parecia bem em uma junta: porque Sua Alteza não era tyrauno, sendo muito catholico, e que senão dizia aquillo publicamente de um principe; e o provedor logo lh'o foi metter no bico, e por esta e outras semelhantes, assim o provedor como elle, dizem que sou muito tingido, porque vêm que em tudo o que toca a estes pontos de leis, lhes encontro os seus despropósitos; mas não no que toca a seu respeito e veneração, sem embargo de que elle o não mereça pelos indignos termos com que nos tem tratado, e falla de nós em ausencia, e ainda alguma vez em presença; no que verdadeiramente é Frade nosso inimigo, fallando da Companhia com escarneos, e zombarias, ainda diante do mesmo governador, que ás vezes se envergonha; como uma vez, que lhe disse, que nos dissera, que não fossemos mentirosos, e não andassemos com mentiras. Porém elle verdadeiramente foi o que naquella hora a disse, porque tal me não tinha dito a mim, e ao Padre João Felipe, que eramos os que tínhamos fallado com elle naquella occasião.

Agora ouço dizer que tem mandado tomar uma informação, ou tem feito um auto contra o Padre João Maria, para mandar a Sua Alteza, porque se lhe veio queixar o principal de Mortigura, onde o Padre está, que elle dera com um pão na igreja em uns Indios. Foi a causa de toda esta poeira, que fazendo o Padre doutrina em domingo gordo este anno, avisou aos Indios que os seus folguedos fossem com moderação naquelles dias, e que os fizessem fóra da porta, e adro da igreja. Porém acabada a missa, fizeram dous ribeirinhos tão pouco caso do que se lhes tinha dito, que tomando a porta da igreja, se puzeram a esperar as Indias, que sabião da missa, e alli na mesma porta as estavam enfarinhando com summa dissolução e gritaria, e até os Indios se puzeram a estranhar aquillo, e a dizer, se aquillo era o que tínhão ouvido na doutrina do Padre? Elles porém fizeram disso pouco caso, e foi continuando a bulha de tal sorte, que se levantou o Padre de junto do altar-mór, onde estava dando graças, e pegou em uma vara que alli achou, e foi á porta da igreja,

noite entrasse em agonias de morte, me avisassem. Pela manhã levantando-me a fui logo visitar, e achei totalmente mudada, instrui-a novamente, e não só não repugnou, como também com muita paz, quietação, e alegria pediu o santo baptismo, o depois de recebido pouco tempo, pagou o tributo que todos devemos á natureza.

Não fallo em um principal da nação Moyoariá, que foi a causa de se descer toda a sua nação, este depois de vencidos muitos obstaculos que o demónio poz a este descimento, se applicou tão devéras a doutrina, que não reparava em se metter no meio dos Conomins, a rezar como criança as orações, e responder ao cathecismo, em que brevemente ficou sufficientemente instruido; pedia instantemente o baptismo, e como para o receber com a devida disposição, era necessario largar duas amigas que tinha, por não poder casar com nenhuma, por impedimento que havia entre ambas, logo sem repugnancia largou uma e outra; e assim disposto e baptisado, se casou com outra *in facie ecclesiae* com quem vive sem nota alguma. Este posto que se lhe não tenha visto o fim, cômto como a morte segue o rumo da vida, como diz S. Bern. *Mors umbra vitae*, não poderá deixar de ser bom o fim, quando os principios são tão louvaveis.

Com desejo de converter a um principal do Rio Guamarú, me resolvi a ir a suas terras, e posto que por então não teve effeito aquelle descimento, não ficou cômto frustrado o trabalho, que naquella jornada de tres semanas padeci: por quanto achei ahi um Indio baptisado, gravemente enfermo; que confessado e recebido a Extrema Unção, deu a alma a Deos.

e deu naquelles dous insolentes algumas varadas; e um delles esteve tão fora de se sair, que xodo a investir com o Padre, dizendo, que não se havia de ir dalli, e outras liberdades.

O Padre então disse ao principal, que o mandasse metter no tronco, e elle zombou disso; e afinal, vindo depois a esta cidade, parece que fez queixa ao Sr. Bispo, que ouço dizer a ter mandado tomar pelo seu escrivão, para remetter a Sua Alteza, e só lhe faltara mandar a aldêa inquirir testemunhas. Porém se nós nesta materia houve-semos de formar queixa, havia de ser contra o Sr. governador, que devendo mandar castigar o Indio que se atrevia a zombar do Padre, e tentando o mesmo Padre ao dito governador para isso, se deixou de fôta, dizendo que se não mettia com as aldêas, pois Sua Alteza tinha dado ao Sr. Bispo o governo temporal dellas, e disto não ha quem o tire, sendo que é homem que bastantemente entende, e conhece a razão e o direito; mas nesta materia é grande o sentimento que tem tido de Sua Alteza commetter cousa temporal ao Bispo; e o Bispo tendo-se-lhe dado só o temporal, que tocava á repartição, se faz senhor de tudo, e de tudo (e assim leva muito mal, que sejamos nós os que governemos as aldêas com o principal), e deu mais occasião para o governador se tirar disto; porque fazendo-lhe uma queixa de que em uma aldêa se destruição as roças com estillarem os Indios aguardente de bejû, e que mandasse vir presos os que tivessem alambiques, depois de lh'os quebrarem, e fez como lh'o pedi. Porém o vigario geral me veio logo aqui dizer, que eu devia fazer esta queixa ao Sr. Bispo, que a elle tocava o governo das aldêas; e eu lhe respondi que não sabia que o Sr. Bispo tivesse outro governo, ou jurisdição temporal nas aldêas; mais, que a de repartir, conforme a provisão de Sua Alteza, os Indios, que nellas houvesse de serviço. Mas, que se o Sr. Bispo julgava que tinha outra, eu a não encontrava, que lá se houvesse com o Sr. governador, e o governador sabendo disto como está sentido, se não quiz mais metter, e tudo o que faz no governo das aldêas é superficialmente.

E o Sr. Bispo está tão intruso nisto, que deu aqui uma ordem a um principal do Guará, cuja aldêa está obrigada ou addida a servir aos soldados daquella fortaleza, que o principal fosse a descer os seus parentes, e que estivesse onde melhor lhe parecesse (ou coust semelhante) e que ninguém entendesse com elle, e cuida, que o mandou com pena

Tendo noticia que pelo Rio Oainocá vivia uma porção de gente, detor- minei manda-la buscar, e depois de ter partido o embaixador, que para este effeito tinha despachado, me resolvi a segui-lo. Achei trinta pessoas que todas trouxe comigo; entre estes, achei uma criança nascida de poucos dias, e no seguinte dia reparando nella, vi que não podia viver muito, e assim foi; porque baptizando-a logo que a vi, não muito depois vóou sua alma ao céu. Aqui entendi que o impulso, que tive de fazer esta viagem, de que estava bem descuidado, foi de Deos dirigida a salvação desta alma. Dei por bem empregado o trabalho que nesta jornada padeci, tanto por mar, como por terra, passando grandes calmas, por campinas descobertas que atravessei, molestias por igapos, e matos serrados que penetrei, por serem os meios da felicidade desta innocente alma, que sem duvida pereceria.

A visita que fiz a Canumá e Abacaxis, tambem não foi sem fructo: por que enquanto alli estive, (não fallando nos mais, que recebendo os Sacramentos fallecerão) uma India em Canumá que, parecia só esperar que eu chegasse; havia muito tempo que esta India estava gravemente enferma, logo que eu cheguei, recebendo com a devida disposição os Sacramentos da Penitencia, Eucharistia, e Extrema Unção, passou desta para outra vida; outra nos Abacaxis, estando já nos ultimos paroxysmos, os primeiros passos que dei, forão da canoa a sua casa, confessou-se como permittio o estado em que a achei, levei-lhe logo a Extrema Unção, a qual recebendo deu a alma a Deos.

de excommunhão (em que é facilimo por qualquer cousa) o governador a vio, trasladou, e não sei se a mandará lá.

Para que V. Revm. acabe de ver o quanto este homem aborrece a Companhia, e o quanto se lhe tem mettido no coração, os dictames dos nossos inimigos, que aqui, e no Maranhão só por amor dos Indios nos perseguem; veja o que disse es es dias aqui ao Procurador da camara. Fez este homem um requerimento aos officiaes della, para que nos pedissem e requeressem, que tivessemos aqui classe de latim; e ainda, segundo eu entendi de alguns, a querião de maiores estudos (de tudo irá trasladado), e fallando elle com o procurador da camara, sobre este requerimento que tinha feito, lhe disse: collegios para estudos? oscusada cousa: e de que servem esses estudos, e esses collegios? todos quantos se criarem nelles, e todos quantos tomarem os Padres da Companhia, hão de ser contra você: não hão de servir esses collegios mais, que para crear inimigos da terra; não o vêm no Padre Antonio Pereira, que é o maior inimigo que aqui tem, um mentiroso, e embrulhador? Veja V. Revm. como falla publicamente este homem? o mesmo procurador o eputou ao Sr. governador diante de seis ou sete pessoas, que o acompanhavão em uma rua; e o mesmo governador me disse: sendo que eu a este Bispo não tenho dado uma minima occasião de offensa, e elle sem embargo disso, me disse que eu era o maior velhaco de todos; sempre me rendeu grandes finezas, e que era grande afeiçãoado á Companhia, que amava muito a todos. Mas se nós havemos de crêr com obras, veja V. Revm. se bem concordão com as palavras.

Prégou aqui nesta matriz um sermão em quarta-feira de cinza, e ao mesmo tempo em que elle mostrava que chorava, brotava o auditorio em gorgalhadas, que era cousa indignissima, e a maior parte do sermão foi uma invectiva sobre os pobres theos, de que muito gostarão os antigos moradores, e não fta tambem farguio aos prégadores, sendo que até agora não tenho ouvido nenhuma mais ridiculo sermão. Nello disse que não prohibia a ninguém a prégar no seu collegio, e isto dizia, porque lhe tinham dito que nos não prégravamos as tardes, por elle nos ter suspensos, como ainda até agora nos tem, e como na verdade por isso o não fizemos; e disse a alguns homens, que logo me vierão

No fim desta narração, terá lugar o ultimo caso, que agora ha poucos dias me succedeu nesta aldêa dos Tupinambaranas. A 24 de Março, uma India nova, de nação Monçaú, chegando-lhe os annuncios de parto, se ausentou de casa, e voltando sem a criança, posto que reparassem os de casa, não me derão parte do successo, passada uma grande chuva que neste meio tempo veio, mandei chamar o meirinho para uma diligencia de pouca importancia, mas de muita nesta occasião, para ter um meio de se saber o que tinha succedido: como este era da mesma casa, em chegando, me disse o que se passára. Perguntei a India pelo filho, respondeu-me que, por nascer morto o enterrára no mato: não me fiando eu no seu dito, mandei desenterrar a criança, que se achou sepultada ao pé de uma arvore bastante longe da aldêa, vendo eu que ainda vivia, a baptisei. Aqui se me offerece outro caso que passo a referir por ter seu principio. Um menino que estava presente, vendo este successo, rompeu nestas palavras: tambem a mulher do principal dos Sapopês, disse que em parindo, havia de enterrar seu filho. Como esta tal estava na roça, mandei a toda á pressa busca-la, e poucos dias depois de estar na aldêa pario, vendo eu no segundo dia a criança mal disposta a baptisei, e no seguinte a levou Deos para si. Esta sem duvida, se não succedesse o primeiro caso, se perdia; porque posto que a mãe o não matasse como dizião, como elle não viveu mais que tres dias, não se me havia de dar parte em tão breve tempo, tanto por ser gente nova, como por falta de canôa, e a roça ser longe, e da banda d'além do rio. Vamos outra vez ao primeiro caso, como esta no

aqui dizer, que podíamos prégar; que eu bem sabia que o Sr. Bispo m'o não podia prohibir o prégar no meu collegio, porém que o não queria fazer, porque quem mandou ameaçar com censuras aos Indios do Camutá, para que não obedecessem ao Padre João Carlos, que era o seu parcho provido por Sua Alteza, e approvado pelo ordinario que então era, tambem poderia pôr excommunhão nesta cidade, para que ninguem viesse ao collegio a ouvir prégação: e é certo que se tivéssemos prégado, a havia de pôr, pois nos ameaça com *Pastoral*, só pelo testemunho, que nos levanta, dizendo, que não obedecemos a quem tinha posto, sendo uma méra falsidade, pois desde o primeiro dia, que publicou a *Pastoral*, não prégamos mais nesta cidade, regeitando alguns sermões, que nos pedião, e dando por escusa que não podia, pois o Sr. Bispo nos tinha suspensos, e só no dia de S. Francisco Xavier houve no collegio prégação, e depois disto, a fez o Padre João Felippe; por que elle, e eu estavamos excluidos da *Pastoral*, e nos tinha dito, que podíamos prégar e confessar, como fizemos, enquanto não soubemos que elle tinha mandado ao Camutá excommunhar aos Indios, e ao Padre que não fosse, ou não estivesse na aldêa, e os Indios o não tivessem por parcho. O traslado desta sua ordem irá tambem, e nella se verá melhor o que mandava.

Tem dito a Antonio de Albuquerque, que é um filho do governador que aqui foi, do mesmo nome, que ha de escrever ao Pontífice sobre as nossas missões: *missiones PP. societatis non sunt, missiones, sunt ambitiones*. E tambem lhe ha de dizer, que tendo em outro tempo os Papas prohibido, que houvesse *cor episcopos*, agora o são aqui os Padres da Companhia. Veja V. Revm com que verdade ha de este homem escrever isto? Vejam as nossas propostas, e as suas respostas, e dellas cuido eu, que está clara a falsidade destas calumnias.

Eu não mando os originaes destas suas cartas, e respostas, que todas nos ficarão na mão, porque parece, que se devem sempre aqui guardar: e estou em duvida, se hei de fazer authenticar os traslados, para algum tabellião, se bem que, como não andamos com pleitos, nem os queremos ter com elle, parece escusado. Mas como lá deve constar aos ministros a quem tocar, o que tem se passado, me inclino a fazer justifica-los e authenticá-los:

seguinte dia ainda viesse supprir as ceremonias da igreja, tornei a perguntar a mãe: porque enterrára sua filha! me respondeu como da primeira vez, porque nasceu morta. Fosse o que fosse, hoje são 2 de Maio, ainda ella está viva, e bem disposta.

Estes são os casos, que por hora me occorrem dos varios que me têm succedido. Ajuntarei aqui tambem os seguintes: que posto me não succedessem a mim, contudo são dignos de memoria.

Ao Padre Lourenço Homem, ouvi dizer que sendo missionario nos Abacaxis, mandára desenterrar uma criança que sua mãe tinha enterrada no mato, e achando-a viva a baptisára, a qual pouco depois falleceu.

Conta o irmão Domingos Francisco, que estando na aldêa de Canumã, ausente o Padre missionario, indo por acaso a uma roça, viu uma India com uma criança nos braços espirando, logo que a India o viu, se escondeu pelo mato, gastou-se tempo consideravel em se buscar: finalmente achou-se, baptizou a criança, que durou poucas horas. Em outra occasião, na mesma aldêa, tendo noticia que uma India estava fechada em casa, para que lhe não baptisassem o tilho que estava para morrer: bateu á porta da dita India, e como lhe não quizessem abrir, a abriu á força, achou a criança, baptizou-a, e antes de chegar a casa o irmão, subio a alma daquelle innocente ao céu.

Em todos estes casos bem se vê como Deos Nosso Senhor por sua infinita bondade, e misericordia, com especiaes favores por meio de instrumentos fracos, soccorre nos maiores apertos a seus predestinados.

os nossos, cujas originaes nos ficarão sempre, juro a V. Revm., que são os proprios sem mudança alguma, senão do mesmo modo, que se lhe mandarão, e assim o hei de jurar diante do tabellião, que os conferir, e authenticar.

Casou aqui o Padre Antonio Vieira, sendo visitador ou superior da missão, a um principal da aldêa do Maracanã chamado D. Lopo de Souza, com uma India, com a qual tinha elle contrabido affuidade em primeiro grão, por haver tido, ou tratado com uma sua irmã, e não sabendo o Padre do tal impedimento, vendo que elle estava amigado com esta, os obrigou a que casassem, se é que os obrigou, conforme diz ella: e accrescenta que ella não queria casar com elle, porque sabia do tal impedimento, e o dissera ao Padre, porém que o Padre lhe puzára pelas orelhas, e lhe dissera que havia de casar, porque elle tinha poder para o remedio, e ao desventurado diz o mesmo. Porém isto é tão falso, que o Padre Vieira quando soube do tal impedimento, que elle não quiz que se dissesse, e o prohibio, e ameaçando que havia de matar a quem o dissesse ao Padre, e depois indo a esta aldêa o Padre Velloso, que Deos tem, veio de noite, e muito as escondidas uma India a dizer-lhe tudo isto, pedindo-lhe que por nenhum modo a descobrisse, porque lhe havia de custar a vida, mas que se informasse, como de si, por toda a aldêa, que todos o sabião, e era publico o tal impedimento; e assim o fez o Padre, e achou ser verdade. (Isto me disse ainda agora aqui um Padre que o ouviu, ao mesmo Padre Velloso) sabendo como digo, o Padre Antonio Vieira do tal impedimento, os mandou separar, e não obedecendo a nada, o degradou para o Gurupá, tendo-o aqui alguns dias preso em um cubiculo; e quando foi no motim, se restituiu elle á sua aldêa, e a sua amigada mulher, que viverão até agora como casados, e sempre houve clérigos, e Frades, que o confessarão, e commungarão, negando-lhe os nos-os sempre isto, e dizendo-lhe, que estava em má consciencia, de que sempre zomhou. Porém pedindo-me aqui que lhe mandasse um Padre á sua aldêa a quaresma passada, porque um Frade que lá fora a desobriga-la, não acabára de confessa-los, e só confessou alguns, porque lhe podia expi, lhe mandei o Padre João Felippe, o qual me disse logo, que a elle não havia de confessar, nem a sua putativa mulher, e como eu vi nelle alguns signaes de que queria se

Com isto me parece (*sime non fallit imago*) ter respondido aos dous pontos principais da carta de V. Revm. se fór alguma coisa forte, de que V. Revm. possa lançar mão, *Bonis avibus*, e se nada achar digno da sua penna, não se perdem mais que estas duas folhas de papel que o trabalho que tive em as escrever não o dou por perdido, antes muito bem ganho: por nascer de uma vontade pura de servir, e obedecer a V. Revm., e ficando só comigo a pena de não poder servir a V. Revm. em tudo que pedia, alliviado porém na recommendação de seus Santissimos Sacramentos. Goairurupá dos Tupinambaranas, 2 de Maio 1714.

De V. Revm. muito servo, e amigo em Christo, *Bartholomeu Rodrigues*.

ILLUSTRE MORTE QUE PADECEU O VENERAVEL PADRE JOÃO DE VILLAR DA NOSSA COMPANHIA, DEPOIS DE SUA RELIGIOSA E SANTA VIDA NO ESTADO DO MARANHÃO (EXTRAÍDO DE UM MANUSCRIPTO.)

Quão gloriosamente consumasse o Padre João de Villar, o curso de sua vida, morto pelos Indios do Maranhão, não se póde conhecer melhor, do que sabendo primeiro o quanto trabalhou, e padeceu para reduzi-los a Christo. Portanto, primeiro que refira o que os Indios tyranna e barbaramente lhe fizeram, direi o que elle cheio de caridade, e zelo da salvação das suas almas, por elles fez, e obrou.

Tanto que este operario evangelico chegou a esta vinha, vio-se logo pelle um abraçado, e incendido desejo de procurar por todos os meios a

guir a doutrina dos Padres, lhe disse que viesse, que já era muito velho, e que Deus lhe tinha esperado tanto, pelo que tratasse de largar a que não era, nem podia ser sua mulher, pois sem isso nem se podia salvar, nem o Padre confessa-lo.

Prometteu logo aqui no collegio de fazer promptamente tudo, e indo lá o Padre o separou, pondo elle, e a tal mulher em casa apartada, prometendo publicamente na igreja, de que nunca mais a teria por mulher, e se confessarão ambos com grande signal de contrição. Mas o demonio não aquietou, e apenas sahio dalli o Padre, quando logo forão um branco, e um Frade do Carmo, e segundo o que succedeu, lhe metterão na cabeça, que o Padre lhe fizera aquillo por odio, e que se fosse queixar ao Sr. Bispo, e fazendo-lhe assim a boca doce, para terem delle remeiros, que lhe faltavam, o metterão na cadeia, e levarão para o Maranhão a queixar-se ao Sr. Bispo do Padre. Mas no caminho soube que já era partido para cá, e se voltou para a aldeia, e tornou a metter em casa a prohibida mulher. Passado cousa de um mez, veio a esta cidade, e logo fez uma petição ao Sr. Bispo, cheia de falsidades e mentiras, como lh'a ensinarão os nossos inimigos, contra o Padre Antonio Vieira, dizendo nella, que o tinha casado, sem embargo de que elle, e a tal mulher lhe tinham confessado o impedimento, e que visto estar sempre em boa fé, o conservasse nella. Acaso indo nós com um papel dos nossos ao Bispo, me mostrou a dita petição, e me disse, que elle a havia de mandar ao Nuncio, para que se supbesse a que o Padre Antonio Vieira cá tinha feito, e para que elle o dispensasse. Lh'a petição, e lendo-me della, lhe disse, que nem uma só palavra tinha que não fossem mentiras, e assim não merecia o tal Indio dispensa, antes mais severamente castigado, porque elle nunca estivera em boa fé; e lhe disse o que já tenho aqui escripto.

Porém isto nada aproveitou, porque este homem nenhum caso faz de nós, em tudo o que quida, que vede em nosso discredito, estija a. O meu Indio se voltou para a aldeia, e foi viver com a sua amiga; passados alguns mezes voltou a esta cidade com a dita amiga: eu sabendo, que o Sr. Bispo o estimava muito, e lhe fazia grandes cortezias, deixando-o estar com a tal (a causa dizem por fora, e é publico, que era porque lhe fazia canoas para

salvação dos Indios, offerendo-se com admiravel deliberação a todos os perigos, e trabalhos que fossem necesarios vencer-se, para conseguir este fim. Foi mandado para o Rio Itapucurú distante da cidade de S. Luiz para a parte do Brasil, pouco mais de vinte leguas, e desemboca em uma grande bahia chamada de S. José, em razão da igreja que nella se vê levantada sobre um monte da ilha do Maranhão, dedicada a este glorioso santo, pelo Padre Antonio Vieira insigne apostolo, e restaurador da conquista espiritual deste immenso Estado. Ha na entrada deste rio uma fortaleza, e duas povoações, uma de portuguezes, e outra de Indios christãos, e um engenho de assucar, que pelos muitos escravos que tem, bem se póde contar por terceira povoação. Pouco mais de doze leguas da boca deste rio para o nascente, fica na mesma terra firme uma villa de portuguezes que se chama de Icatú, e junto della uma aldêa de Indios christãos. Por todos estes lugares andava o Padre Villar, incessantemente sem descansar em nenhum, prégando, e fazendo todos os dias muitas vezes a doutrina christã, administrando os Sacramentos, e exercitando todos os ministerios do parochio, porque um que tinham os portuguezes, quasi sempre estava ausente na cidade de S. Luiz.

Andando todo enlevado nestes santos exercicios, com rara edificação dos portuguezes, e admiração dos Indios, e não menos consolação sua, lhe derão noticia da nação de Indios chamada Guanarês; é esta nação de todas as que se tem descoberto na America, a mais barbara e feroz: vive adiante das matas que estão sobre o Rio Itapucurú, por aquelles campos mais

o cravo) disse aqui no collegio ao vigario geral diante do Sr. governador, que o Indio era já muito velho, e que o Sr. Bispo havia de dar contas a Deos de elle ir para o inferno, pois o deixava viver com sua manceba, e dava mais credito ás mentiras de um Indio, do que ao que lhe dizião os religiosos da Companhia, em materias tão gravissimas; que nós desencarregavamos sobre o Sr. Bispo, a consciencia; e o Sr. governador, quando me ouviu fallar com esta resolução me ajudou, com que o vigario geral lhe foi dizer isto, e elle então os mandou separar, deixando ficar nesta cidade a amiga. Mas secretamente mandou tirar testemunhas, com que verificasse todas as mentiras da petição, prometendo ao desventurado Indio, que lhe havia mandar vir dispensação, e o seu promotor da justiça, que tirou a tal inquirição secreta, lhe disse que devia dar vista aos Padres da Companhia para dizerem a verdade. Mas elle com a boca cheia nos chama mentirosos, e não mandou dar, e assim deve mandar ao Nuncio esta informação, e petição; se o Padre Antonio Vieira for vivo, como espero em Deos, não será necessario nada disto que digo a V. Revm., elle dirá tudo melhor. O que importa é, que só saiba que vai ao Nuncio a tal inquirição, e se lhe diga a verdade, porque se o dispen a pela tal inquirição, a dispensação é nulla, pois são falsissimas as premissas, e o Indio é indiguissimo della; além de que para esta dispensação é pessimo exemplo, para que os Indios não reparem a se casar com semelhantes impedimentos, pois o contrahem muitos, e assim viverão com o exemplo deste, cuidando que vivem bem.

Dos papéis que com esta vão, verá V. Revm. o como este homem nos encontra em tudo quanto póde, e se não tivesse algum medo do principe, já não havíamos de estar nas aldêas. Elle vai aqui ordenando alguns mascarados, com titulo de que são linguas, e o fim é, para os pôr em algumas aldêas, além do que tenho dito.

Nós temos lhe dado os pontos em que ajustámos: quando lhe mostramos os nossos privilegios, e os da Ordem de Christo, para que nos concordassemes conditionalmente em quanto de Lisboa, e de Roma senão resolvesse tudo, e havendo já quasi tres mezes, não araba de responder se quer, ou não, estar por elles. E eu agora lhe fiz uma petição, para que nos desse resposta: e rendendo-me elle grandes finezas, de que queria mostrar a

como feras, do que como gente humana: não trazem consigo mais que os seus arcos, e frechas, servindo-lhe de cama a mesma terra onde lhes anofitece. Não admittião praticos, nem querião pazes com os portuguezes, tendo-os por inimigos das suas vidas, e liberdades, e da mesma sorte tinhão por inimigos a qualquer nação que não fosse da sua lingua. Determinou logo o Padre Villar, como bem fundado, e radicado naquella perfeita caridade que aparta dos corações todo o temor, de expôr a sua vida a qualquer risco, para converter estes lobos em ovelhas, e reduzi-los ao rebanho de Christo. Atravessou aquellas matas sem caminho, e sem agua, recebendo por especiaes favores de Deos, todas as faltas do necessario que experimentava. Sahindo aos campos, não permittio Deos em cujas poderosas mãos estavam os corações dos homens, que aquelles barbaros levados da sua natural ferocidade o matassem, ou offendessem. Saudou-os com palavras cheias de affabilidade, e usou de todas as demonstrações de benevolencia, como quem sabia que este era o melhor exordio para conciliar o affecto destas gentes: estranhou-lhes o modo de vida tão alheio de creaturas racionais, exhortou-os a viverem em povoações, propoz-lhe a religião catholica que devião abraçar, e com cujos preceitos se devião conformar. Resplandeceu tanto a graça Divina nas suas palavras, que a poucas praticas, se principiárão a mover, e resolvidos finalmente, a abraçar a religião catholica, e obedecer ao Padre Villar como a seu mestre, despedindo-se daquelles campos, e do modo de vida em que se tinhão criado, vierão fazer suas casas sobre o Rio Itapucurú, e começárão a roçar mato para planta da

Companhia que lhe dava tudo, e muito mais do que pediamos, respondeu com vista ao seu promotor da justiça, cousa que até agora nunca fez, e o promotor deu a resposta que V. Revm. verá, a qual se fez em sua mesma casa, e não como o promotor queria, é toda falsissima como V. Revm. verá do que eu disse sobre ella. E como se vio implicado, e vê a barafunda que tem feito, e o como nos tem tratado até agora, me torna a dizer, que eu hei de levar a victoria, e que a mim bade conceder o que não quiz ao Padre-verilicador, que o scandalizou, e que o passado, passado, e se não falle nesta minha petição ou proposta, para não haver mais dilações, e que assim lhe fizesse outra de novo, mettendo e repetindo nella, os pontos que lhe tinhamos proposto para ajustamento, e que só queria eu na tal petição que o lisongeasse, e confessasse que elle nos ama, e a Companhia. Eu *pro bono pacis me fez secut parvulos*, e tornei a fazer a tal petição, repetindo nella os pontos, e dizendo-lhe as lisonjas que lhe podia dizer, sem encontrar a verdade; e mandei ao seu vigario-geral para que lh' mostrasse, e visse se estava assim bem, ou se era necessario emendar alguma cousa.

Elle como vio esta minha franqueza, cuidou que me colhia, e fez uma fôrma, como lhe pareceu, e m'a mandou pelo vigario geral, o qual me escreveu com ella, dizendo-me, que lhe parecia, que a tal petição, ou proposta, como a formára o Sr. Bispo, era muito justa, e nada nociva para nós, e que não reparasse eu em palavrinhas, e esperava, que eu havia de levar a victoria, etc. Li a petição, e mostrando-a ao Sr. governador, que veio a qui nesse tempo, logo reparou (do mesmo modo que nós tinhamos reparado) na peçonha que ella trazia.

Queria este servo de Deos, e principe da igreja, que nós confessassemos, que elle tinha posto a Pastoral, com que nos suspendeu, só com o fim de suspendernos capeadamente, começando a visitar, ou com o titulo de visita. Esta era uma bella verdade, para não dizer mentira; porque elle poz a Pastoral, em 18 ou 20 de Outubro do anno passado, e a visita se começou nesta cidade a 2 de Março deste anno, para a qual publicou jubileu, e poz pena de excommunição reservada a elle, para que todos os fleguezes desta matriz, estivessem presentes na tal igreja neste dia. Veja V. Revm. que

mandioca, que é o pão da America, e a cultivar a terra, para terem o mais mantimento necessario, como usão ter as mais nações, que não são tão barbaras como esta. O Padre Villar, vendo a sua mudança, e que não podia ser senão, mudança da mão de Deos, baptisou primeiro os innocentes, e tratou de explicar e ensinar a doutrina christã aos adultos, o que fez por espaço de trez mezes.

Neste tempo, consta, que nunca se sentio a sua falta em todas as mais povoações que lhe estavam encomendadas, andando de umas para outras, sem que nenhuma o desejasse presente, que o não livesse consigo, ainda que necessariamente com muito trabalho seu, e grande soffrimento de incommodidades. Estava já para introduzir ao gremio da igreja pelas portas do baptismo aos seus catechumenos, e tinha elegido o dia para com toda a solemnidade celebrar este Sacramento, quando se levantou entre elles um rumor que todos havião de morrer de peste naquella lugar; sem duvida que foi o demonio o autor, vendo que perdia tantas almas de que estava senhor; prevaleceu tambem uma vehemente suspeita, e não sem probabilidade, que os portuguezes os querião captivar, e fazer seus escravos: movidos de uma e outra cousa, sahirão de noite de suas casas em silencio, e mettendo-se por aquellas matas desertas, não tornárão a apparecer, se não quando sahirão para matar tão aleivosa e atrozmente ao Padre Villar, como logo direi.

Achando-se o Padre Villar sem colher o fructo que esperava, offereceu

boa excommunhão, quando na igreja não cabe nem a terça parte da gente, que ha; e destas tem elle posto bastante no Maranhão.

Queria que confessassemos, que tendo chegado aqui de visita, logo puzera a Pastoral; elle chegou aqui em 16 de Julho, fez a entrada em 4 de Agosto, e publicou a Pastoral em Outubro, como já disse: e Veja V. Rev. como foi bem chegado aqui?

Queria que confessassemos contra toda a verdade, que na junta a que tinhamos assistido, só mostrarmos os titulos e fundamentos, com que tinhamos as igrejas dos Indios, e que se assentara, que mostraríamos os privilegios depois, e vistos se farião os pontos, em que nós concordassemos. E nós a primeira cousa que mostramos na junta, foi o livro dos nossos privilegios indios, e o livro dos da Ordem de Christo, e logo a Frei Manoel Rodrigues, o das questões regulares, etc., e elle picava-lhe esta verdade, que tinha negado ao seu promotor, na resposta que deu á vista, que lhe mandou dar, a qual elle mesmo compoz, como já disse.

Queria que nós confessassemos, que elle por muitas vezes nos tinha significado o muito amor que tributava á Companhia, e ella por muitas, nos tinha significado bem indignos della, e que mostravão que lhe tinhamo bem odio, e aos seculares, e ao mesmo governador, com muito mais liberdade, como se vê do que já fica escripto. E tudo isso queria que confessassemos para capear, e coartar o que nos tem feito; e da carta, que elle escreveu em Janeiro, toda cheia de offensas, ou de nomes affrontosos, se vê o como nos queria, e o que elle nos ordenou, que mostrassemos os privilegios; respondemos que logo os levaríamos, como levamos, e agora o queria negar, que nós mesmos o confessassemos, para assim dizer lá, que se não acabava de concordar connosco, porque não mostravamos os privilegios.

Eu pedi em segredo ao vigario da matriz, e ao mesmo promotor, certidão em como tinhamos mostrado os breves, e privilegios na junta; mas elles a não quizerão dar, por que têm grande medo delle, e por mais que lhe prometto segredo, me respondem, que é impossivel, uma vez que forem ao reino estas certidões, elle deixar de saber, e dizem que os ha de consumir.

Respondi ao vigario geral, e lhe disse que logo tivera feito o proposto na forma que o Sr. Bispo a tinha ordenado, e formado, senão achara nella alguns pontos que to-

a Deos os seus trabalhos, conformando-se com sua Divina vontade, que não tinha determinado ser elle o instrumento para que aquella nação se aggre-gasse ao numero dos fleis. Desejava passar a outras terras, e buscar outras nações para lucrar almas para Christo, e conhecendo os superiores que só as dilatadas provincias que rega o Rio das Amazonas, erão theatro suficiente para exercitar o seu zelo, e espraiair o seu fervor: o mandarão passar ao Pará, e dahi para a missão de Arucará, onde achou lançados os fundamentos para a redução das dilatadas provincias que correm desde o Rio Iri, pelo Cabo do Norte até o Rio de Vicente Pinzon, estava a seára madura, e começou a colher o fructo com inexplicavel consolação de seu espirito; parecia que não cabia dentro de si, vendo o desejo e ancia com que aquellas nações, como servos feridos, sahião do centro daquellas immensas brenhas, a buscarem as fontes dos Sacramentos, deixando as aldeas e terras onde se tinhão criado, atravessando com tanto perigo, o mar das Amazonas, que muitos antes de chegarem a se lavarem com a água do baptismo, ficarão afogados no profundo daquellas aguas: forão muitos os adultos que depois de instruidos, e baptisados immediatamente passarão da terra para o céu, e muito mais os innocentes, que recebendo o baptismo forão logo gozar a graça de Deos. Mil e duzentas crianças de idade de cinco até doze annos, frequentavão todos os dias em Arucará a igreja, onde de manhã e á tarde lhes ensinava a doutrina christã. Cada dia se ia augmentando mais, e mais o numero dos fleis, mas Deos Nosso Senhor que

talmente se encontravão a sincera narração, que devíamos fazer sempre ao Sr. Bispo, e que se nisto podesse haver meio in'o apontasse, e eu logo aceitaria.

Velo aqui, e por mais que estivemos em uma manhã de terça-feira da semana santa, vendo o como se fazia, jámais se quiz accomodar a nada, e nos disse ultimamente, que nos aproveitassemos da occasião, que era boa, porque o Sr. Bispo estava de bom humor, não era muito firme, e podia variar, e nos queria conceder os pontos do ajustamento. Respondi-lhe, que se tinha essa vontade, e o fazia pelo amor que tinha á Companhia, não devia querer que nós confessassemos cousas que não parecião, nem era com aquella sinceridade, que professavamos. Eu fui quarta-feira pedir-lhe licença para que os Padres Manoel Nunes, e Antonio da Cunha, podessem confessar em quinta-feira maior, pois ainda estavão suspensos, como estão os n'ais, deu licença enquanto nos não ajustavamos. E veja V. Revm. como elle entendeu levantar a suspensão nas palavras, que disse do pulpito quarta-feira de cinza? e no fim dava a entender ao povo, que a tinha tirado só para nos fazer odiar com elle, que se os não confessavamos, é porque não queriamos; e agora se vê que era porque elle nós tinha suspensos (tirado eu e o Padre João Felippe) como ainda o estão todos os mais, tirados agora estes dous Padres, que se elle não entendera, que nos tinha suspensos, e que quarta-feira de cinza entendera tirar-nos a suspensão, isto mesmo havia de dizer-me quando lhe pedi a licença para os dous Padres. Porém nesta licença não entendeu, nem quer que se entenda para estes Padres poderem administrar os Sacramentos aos Indios, e assim ficão, e ficarão inhabéis para assistirem nas aldeas, e do mesmo modo o Padre Jeronymo Pereira, que todos três estão no Pará. E como não forão ainda approvados para isto, não podem ajudar-nos, ainda que saibão a lingua, como já vão sabendo; e é um grande detrimento, porque sendo nós poucos, e tendo tanto a que acudir, necessariamente havemos de faltar. Esta deve ser uma razão, que lá se ha de dar, se nos fizerem cargo de que não fazemos missões; que pelo que eu aquí tenho colhido, este ha de ser o maior crime que lá havemos de ter, como direi na carta do Sr. governador.

Passou por esta igreja o Sr. Bispo em quinta-feira maior pela manhã, indo para Santo Antonip dos Capuchos, onde foi sagrar os santos Oleos, porque se retirou da matriz por

nesta vida lhe queria dar menos consolações, e provar, como ouro escolhido no fogo de muitos trabalhos e tribulações, ordenou que os superiores o mandassem depois de dous annos para o Maranhão, entregando aquella missão ao Padre Thomaz Carneiro, digno successor seu, o qual veio a morrer nella gloriosamente por acudir aos enfermos, e moribundos, feridos de um pestilento contagio, que durou por tempo de quatro mezes, com grande mortandade de pessoas de todo o genero, sem terem outro medico tanto dos corpos, como das almas, mais que o Padre Carneiro, que como bom pastor, deu a sua vida para curar, e salvar as suas ovelhas, feito victima da caridade.

Chegado o Padre Villar ao Maranhão, se lhe offereceu logo occasião para empregar a sua vida na redução, e conversão de novos Gentios. Entrarão na cidade uns Indios chamados Anaparús, com quem os Portuguezes tinham tido guerra, mas havia annos, que nem elles finhão desafiado aos Portuguezes, nem os Portuguezes a elles, vivendo uns e outros como em suspensão de armas, contendesse cada qual das nações dentro do seu districto, os Portuguezes na ilha do Maranhão, e os Anaparús, no seu rio tambem chamado Anapurú, pouco distante da fortaleza do Ceará. Agora movidos das praticas de um Portuguez que passava de Pernambuco para o Maranhão, pedião pazes, e promettião como embaixadores da sua nação, amizade perpetua, e inviolavel. Querendo voltar para a sua terra, intentou o governador e capitão general do Estado, mandar com elles um clérigo, ou padre, para os reduzir á fé catholica, assim como elle os tinha reduzido

uma historia que teve em domingo de Ramos, com os irmãos do Sacramento, e me disse que queria confessar-se, e o fez na sacristia; foi isto a maior monstruosidade que se vio, porque desde o Natal, que veio a sacristia sómente na primeira oitava, nunca mais poz pé no collegio, e antes o não tinha posto mais, que a primeira visita que fez pela igreja; os seus confessores ordinarios são os Frades do Carmo. Por isso o governador, quando logo soube disto, fez grande galhofa, dizendo-me que elle devia vir tapar-me a boca, ao que não respondi cousa alguma.

Foi como digo, para Santo Antonio, e indo eu e o Padre João Felipe, a dar-lhe as boas festas em sabbado santo ao dito convento, nos disse o porteiro, que elle tinha dado ordem de não receber recado algum, ainda que viesse o principe; e um quarto antes tinha fallado, e admittido visita de um morador desta cidade, e do commendador dos merces rios; logo na primeira oitava foi em pessoa ao navio, e a outra embarcação, que partia juntamente com elle. Uns dizem que foi lá dizer missa, e outros, que foi bruzer o navio, e outros o seu cravo, para que vá a salvamento; queira Deos que assim seja; e nós ficámos com a porta impedida, sem lhe poder fallar, e ver se quer fazer este ajustamento; se não for feito, saiba V. Revm. que receio, que depois de ter partido o navio, nos torne a molestar, e perseguir; e se elle disser por papel, que não quer que estejamos nas aldeas, já está, e temos resollvido de logo nos sahirmos, e lá se havenha Sua Alteza com elle. Lá vão todos estes papéis, e verá V. Revm. e os Padres, se temos ou não razão, e se lhe podemos ceder mais do que o que nelles queríamos ceder; peço a V. Revm. o consulte com os superiores, ou com quem V. Revm. julgar, e nos avise o que devemos fazer. Eu tambem faço aviso a N. R. P. em summa de tudo o que tem se passado com este Bispo, e lhe peço que veja, e nos ordene o que havemos fazer; e não é possivel mandar a Roma toda esta papelada; e se parecer que se deve mandar, lá o faça V. Revm.

Finalmente, estando um dia antes para partir os navios, nos significou que queria que lhe fizessemos a proposta dizendo-nos, que estava esperando por ella, que não escreveria a Lisboa; e logo que soubemos desta sua vontade, a fiz, dando elle a resposta na hora que estava partindo os navios. Lá a verá V. Revm., e della colherá, qual é o seu

a não sómente guardarem a paz que pedião, como também a servirem a el-rei nosso senhor em tudo o que lhes fosse mandado. Não soffreu ozelo do Padre Villar que a conversão, e doutrina destes Indios se encomendasse a frades, ou clérigos; offereceu-se a ir com elles, e efficaçmente pediu que se lho concedesse a conquista espiritual daquella nação. Alcançou o que desejava, e sem nenhum outro da Companhia, partio com os Anapurús, caminhando a pé mais de cento e sessenta leguas de areas, padecendo de dia o calor intensissimo do sol, e de noite dormindo sobre a arêa, exposto á chuva, e mais inclemencias do ar, chegados ao Rio Anapurú, quando o Padre Villar se considerava na terra da promissão, se vio em um deserto desamparado daquelles barbaros, que sem observancia da fé promettida, nem lealdade humana, o deixárão de noite, e se mettêrão pelas brenhas, donde nunca mais sahirão, nem tornárão a apparecer, posto que os esteve esperando alguns dias. Todas as nações da America têm muito de barbaras, mas nenhuma mais que as que habitão as praias, campos, e brenhas, que correm do Maranhão para o Brasil, ha entre ellas, e as que habitão o terreno das Amazonas tanta differença, como vai dos Europeos aos Africanos. Não ha gentes mais cheias de enganos e fingimentos que estas, com a ferocidade de animo, trazem junto uma dissimulação tal, que aos mais entendidos parece sinceridade, o que é refinada malicia; persuadem com tanta apparencia de verdade, que quem não tem repetidas experiencias, parece que não póde julgar o contrario, senão depois que miseravelmente se acha cahido nas rédes de seus enganos, e falsidades.

animo. Vai os papéis de tudo quanto tem se passado, e vão authenticados do modo que póde ser, e o que mais me moveu, foi esta sua resposta, para os fazer authenticos.

E' certo, e sem questão pelo que tenho colhido, que o vigario geral é a causa, que move tudo isto, e creio que é por conselho de seu pai, que de Portugal lhe dá, e sugger, que se consprie na jurisdicção. Eu não posso mais, e nem tive tempo para rever estas cartas, e assim vão taes e quaes; melhor é que assim seja, para que só as veja V. Revm. e os Padres Antonio Vieira, e José Soares.

Pego os santos sacrilleios de V. Revm., em que muito me encomendo.

Collegio do Pará, 12 de Abril de 1681.

N. B. Vai com esta um escripto ou verbal, para irem servir aos Indios, que nunca servirão, e destes saiba V. Revm. que forão varios

Servo em o senhor, de V. Revm. Antonio Pereira.

Certifico eu o Padre João Tavares da Companhia de Jesus, que assistindo eu e o Rev. Padre Gabriel Malagrida, e outros Padres, que já me não lembra quem elles erão, ao ajuste de pazes, que com os Portuguezes fazia o principal da nação Cahicabi João Acuti, Tapuya já ladino, e que fallava bem portuguez, e lingua geral, na presença do ouvidor e capitão-mór, propoz este ao dito principal, que se havia aldear e ter missionario; que havia de ser amigo dos brancos, e os ajudar na guerra, contra seus inimigos. A tudo respondeu o dito principal que sim, (estava o tabellião presente). E desandou o dito principal repentinamente, e prorompeu nestas palavras: — Escreve lá (as disse em portuguez) Cahicabi não ha de remar canoa: Cahicabi não ha de carregar pão: escreve. E se isentou de ser obrigado a servir; e o dizia com coragem: porque já tinha andado na campanha, por tempo de dous annos, e estado no Maranhão muitos mezes, e visto o tratamento dos Indios. O referido juro *in verbo sacerdotis*. E vejo que disto passou certidão o Rev. Padre Gabriel Malagrida, Anindyba, 23 de Junho de 1739. — O Padre João Tavares.

Segue-se o reconhecimento do tabellião. Este documento é original.

Senhor. — O principal intento do governador e capitão-general do Estado do Maranhão Alexandre de Sousa Freire nesta carta, é persuadir com varias maximas politicas, ce

Vendo-se o Padre Villar só, tornou a voltar pelas mesmas praias, e areaes desertos para o Maranhão, sem outro fructo mais que o merecimento de seus trabalhos, de que se lhe originou uma terrivel postema, com que teve mais que soffrer e padecer, admirando todos a paciencia nas dôres, com que augmentava o seu merecimento. Não tinha ainda bem convalidado, quando partio para o Miary, a tentar a redução de outros Gentios, que vivem por aquelles campos, e são semelhantes aos Guanáres, e Anapurús, como confinantes umas com outras; mas o fructo foi o mesmo, accrescentando o merecimento com novos trabalhos. Isto e outras muitas cousas que deixo parte pela brevidade, parte por não as poder saber, em razão da distancia dos lugares, o que obrou o Padre Villar, para converter estes barbaros.

Mas quantas cousas meditasse, e quantos maiores trabalhos desejasse padecer para conseguir este fim, se manifestava nas suas palavras. Com nenhuma praticas se alegrava, e recreava tanto, como naquellas em que se tratava da conversão destes Gentios. Ouvia-se muitas vezes dizer suspirando ao céu, oh se os Portuguezes cessassem de fazer tantos impedimentos com as suas injustiças, e tyrannias, a conversão destes pobres, e miseraveis Indios! Oh se todos tratassem com o cuidado que é justo de os trazer ao conhecimento da verdadeira fé, e guiar pelo caminho da salvação eterna! Oh se Deos mandasse a esta vinha muitos operarios, cheios de caridade e zelo da sua maior honra e gloria, já não haveria Gentio, todos neste Estado seriam catholicos. Ah Deos, ah meu Senhor Jesus Christo, e

que está cheio de Savedra, Guarão, e outros autores politicos, ainda que não sei se trazidas muito a proposito ao que intenta, pela disparidade dos casos, em que notavelmente se vêem diversas circumstancias, a que se tire aos missionarios todo o poder temporal das aldeas; mas como todos estes conceitos, reduzidos a razões, sejam as mesmas, ainda que por diverso estylo, com que o procurador das camaras do Maranhão e Pará, Paulo da Silva, fez a Vossa Magestade, ao mesmo requerimento, respondi largamente, cuja resposta, pôde Vossa Magestade ser servido mandar ajuntar a esta carta.

O que me parece digno de reparo e consideração é, fazer o dito governador esta jurisdicção dos missionarios tão ampla, e absoluta, que com ella os põe em risco de fidelidade. Isso parece que quer dizer nas palavras seguintes:

« Pergunte-se a si mesmo o príncipe o que é, e logo saberá o que participa; examine a quem favorece, e logo encontrará com a maior desigualdade: como poderá pois initial-o na fé de correspondencia, quem lhe não é proporcionado no sangue. »

Das quaes palavras juntamente se infere que tal jurisdicção é tão alta, e sublime, que só de quem se animar com sangue real se pôde fiar. Nem parece menos digno de consideração fazer esta jurisdicção tal, que communicada aos missionarios, flet a Vossa Magestade sendo prodigo da sua grandeza; isso parece que quer dizer as seguintes palavras:

« Bem pôde a grandeza caber na confiança, que se fizer de qualquer vassallo; mas se nella pudera dividir-se algum vicio, este seria o da prodigalidade. »

Uma jurisdicção tal, que por não ser governo triennial, faz excessos a jurisdicção dos grandes monarchas e reis, que tem havido no mundo. Isso parece que quer dizer as seguintes palavras:

« Pois se nem as testas coroadas, e os maiores emporios do mundo, se tem eximido de caduquezes, como ha de haver alguém a quem os mesmos reis permitão na jurisdicção perpetuidades? O que é mais ha de acabar, e o que é menos ha de existir. »

Emfim uma jurisdicção que não pode ser maior, por exceder a dos governadores: este é o ultimo ponto onde sobe e levanta dizendo:

« Como pôde competir a jurisdicção limitada do lugar de quem a occupa, com a que

não morrestes vós por estas almas? *Evangelizare pauperibus misite me*, affirmastes, se entendia de vós mesmo esta escriptura. *Pauperes evangelisantur*, foi o testemunho que destes, de seres o verdadeiro Filho de Deos feito homem; como as turbas humildes erão as vossas praticas, a estas erão os vossos ordinarios sermões: porque logo se ha de attender menos a salvação destes Indios por serem a mesma pobreza, a mesma ignorancia, sem arte ou sciencia alguma! Antes por isso os deve antepôr as nações politicas, que abundão de riquezas, quem mais vos quizer imitar, e parecer-se convosco. Oh ditoso, e bemaventurado de mim, se morrer entre estas nações, ou se fôr morto por ellas, andando occupado em as tirar de seus erros, e pôr no caminho da verdade. *Sufficit discipulo ut sit sicut magister ejus*.

Isto dizia aos nossos muitas vezes, nas recreações ordinarias, sobre isso erão as suas praticas, e isto mesmo repetia aos seculares quando com elles fallava, e aos noviços, no tempo que foi seu mestre, com um affecto, que se estava vendo sahir-lhe do intimo de seu coração, exhortava todos os dias a procurarem ter um zelo intensissimo da salvação dos Gentios, como cousa tão propria, e especial do instituto da Companhia; mandava-lhes muitas vezes fazer novenas a diversos santos, e offerecer-lhe varios generos de mortificações, para que alcançassem de Deos Nosso Senhor a sua conversão, e todos os dias lhe ordenava fizessem fervorosas orações pela mesma intenção. Todas as vezes que fallava nas innumeraveis nações, que por mais de mil e duzentas leguas habitão as terras das Amazonas,

não tem limite? Como conciliára respeito a que representa no caracter a Magestade, se durando-lhe tão pouco, como de um triennio já desde o berço, lhe esperão brevissimo tempo na duração, ao mesmo passo, que outro maior privilegio lh'a contrasta invariavel.»

Fazendo pois tão ampla e absoluta esta jurisdicção, parece ainda mais digno de se reparar e considerar, como pôde mandar ao Padre João Ribeiro, a ordem que remetto...» como se a mandasse a um soldado seu subdito? Como pôde na villa de Caeté mandar tirar da aldêa, em que estava por missionario o Padre Bento Cruz, Indios, Indias, rapazes e raparigas, independentemente do missionario? Como pôde passar ordem a todos quantos forão ao sertão, para que por força tirassem Indios das aldêas quaesquer que fo sem, ou que achassem, quando os missionarios lh'os não quizessem dar? Como pôde escrever ao superior das missões, em carta de 21 de Setembro de 1728, intimando-lhe, que conhecesse, que o poder do governador, comprehendia todos os estados das pessoas? Finalmente como se atreveu a obrar, mandar, conceder, e consentir taes cousas, como se referem no papel, cujo traslado vai junto, que me enviou do Pará pessoa digna de todo o credito.

Se quer cabos nas aldêas contra quem proceda, quando mereção nos repetidos exames, que pôde fazer-lhe, para que assim faça o temor, o que a falta delle não faz: porque não procedeu contra Belchior Mendes, por mais que os prelados de todas as religiões, lhe representarão em junta das missões as insolencias, injustiças, e tyrannias que tinha obrado, pedindo-lhe com a maior efficacia que puderão; o mandasse vir do sertão, para que não acabasse de destruir de todo, e em tudo as missões? Porque não procedeu contra Antonio Furtado de Mendonça, por captivar aos pobres Indios, que vinhão do mato descendo para a aldêa do Urubú? Porque não fez pôr em liberdade aos taes Indios, como lhe requerêrão os mesmos prelados das religiões? Como não procedeu contra os cabos da canoa de José Borges Valerio, por captivarem uns Indios da aldêa de Arucará, e matarem outros? Finalmente para não repetir o que está representado a Vossa Magestade e como não procedeu contra todos os que fizeram as maiores injustiças aos Indios, os maiores descautos aos missionarios, que nunca se virão naquelle Estado.

ponderava com tão vivo sentimento, o desamparo que padecião de operarios, estando com tão boa disposição para todas serem catholicas, que claramente se via quão incendiado estava em desejos de levar todas as almas para Deos. O principio ordinario das suas praticas tanto com os nossos, como com os seculares, erão aquellas palavras de Christo, *Levate oculos vestros et videte regiones, quia albae sunt jam ad messem*: e concluia dizendo: *messis quidem multa, operari autem pauci, rogate ergo dominum messis, ut mittat operarios in messem suam*. Mas ainda que desejasse tanto no seu coração o salvar todas as nações, de nenhuma fallava com tão especial affecto, como da dos Guanarés, sem duvida por serem os primeiros Gentios com quem tratou, se é que o seu espirito não descobria outros motivos mais elevados. Estes como mais amados tinha sempre no coração, e nas palavras a sua conversão, dizia, havia de ser o descanso da sua velhice; e assim não é de maravilhar que alguns mezes antes de sua morte, tivesse escripto a N. Rev. Padre Miguel Angelo Tamborino, para que lhe concedesse licença para entrar pelas matas, e campos do Itapicurú, e Meary, a tratar da sua redução sem impedimento dos superiores immediatos. Parece que lhe prognosticava o animo que por meio da crueldade e ferocidade destes, é que havia de passar da terra ao Céu, a gozar o premio de seus trabalhos; o modo que isto succedeo, referirei mais largamente.

Vierão alguns destes Tapuyas, que assim se chama esta casta de Indios, a aldêa do Itapicurú, perguntando anciosamente onde vivia, em que parte ou lugar estava o Padre João de Villar, que elles desejosos de serem catho-

O poder e jurisdição que tem os missionarios nas aldêas, é o que Vossa Magestade foi servido declarar aos superiores das missões, em carta de 26 de Fevereiro de 1693, cuja cópia vai junta a esta, da qual carta se deixa ver, que não é o poder, nem a jurisdição, que os missionarios têm nas aldêas o que motiva ao governador e capitão-general Alexandre de Sousa Freire, requerer a Vossa Magestade, que se tire este poder e jurisdição aos missionarios. Outro muito diverso se colhe ser o motivo de requerer, que governe as aldêas, cabos seculares postos por elle, o qual motivo é sem duvida o mesmo que obrigou a passar uma ordem ao padre vigario provincial do Carmo, para que mandasse por missionario de uma aldêa onde se colhe muito cacão, ao Padre Frei José de Paiva, o que obteve, não obstante repugnar e contradizer o dito Padre vigario provincial; e então se entendeu, que os prelados das religiões lhe erão sujeitos, não percebo como agora faz aos missionarios, sendo subditos tão independentes, e absolutos no seu poder, e jurisdição.

A certidão que ajunta, donde deduz o seu requerimento, é suspeitosa, porque consta da certidão que acompanha, que os soldados juraram a força, e com medo, obrigados do capitão da fortaleza dos Pauis Ignacio Leal, inimigo conhecido e declarado do Padre José da Gama, e de todos os missionarios. Tenho a carta do superior das missões da Companhia, em que me diz ir visitar as aldêas, e havia de examinar a verdade deste caso; se achar o dito Padre culpado, é sem duvida que não ficará sem o castigo, que merecer. Mas dado que seja certo o que se refere na dita certidão dos soldados, por um missionario não ter a rara paciencia que tiverão os mais em um anno, em que a todos se perdeu o respeito, e se lhe fizerão tantas injurias, e affrontas, não parece justo pôr-se em requerimento, que se privem todos do que lhes está concedido. Vossa Magestade mandará o que fôr servido.

Collegio de Santo Antão, 15 de Fevereiro de 1730.

N. B. Este documento é sem duvida uma cópia.

Depois que parti desta cidade com o muito Rev. Padre mestre João Tavares, que ia em minha companhia ao Iguará, a ajustar com o Gentio Cahicahi pazes, para com este ir dar guerra ao da nação Aranhy, como tinha ficado com o Sr. general, o principal Tapu-

licos, o vinhão buscar para ser seu mestre, pois o tinha sido já antigamente por algum tempo. Accrescentarão, para que todos conhecessem que esta sua resolução era firme, promettião de não sómente guardar uma paz perpetua, e inviolavel com os Portuguezes, mas de os ajudar com todas as forças na guerra que querião fazer aos barbados seus vizinhos. Deu facilmente credito a tudo o que dizião o Padre Gonçalo Pereira, que era o missionario que então se achava naquella aldêa. Respondeu-lhes que a todos havia de causar excessivo contentamento esta sua deliberação, e muito especial o Padre João de Villar, que elle assistia no collegio do Maranhão, que os levaria a cidade onde lhe fallarião, e representarião o que intentavão, que se tinhão algum temor de ir com elle, lhes daria daquella aldêa outros tantos Indios para ficarem em poder dos seus, enquanto elles não voltassem. Não ha necessidade de semelhantes cautelas, respondêrão os Guanarés, mostrando apparencias de muita alegria, onde não ha que temer, vamos, que pelo Padre João de Villar, iremos a qualquer parte por mais distante que seja. Dizendo isto, sem darem nenhuma mostras da sua perfidia, se embarcárão oito com o Padre Gonçalo Pereira para o Maranhão.

Chegados á cidade, foi grande a alegria, que todos tiveram de ver aos inopinados embaixadores, mas quanto fosse a do Padre João de Villar, não a posso sufficientemente explicar: parece que sahia fóra de si, não cessava de abraçar aos seus Guanarés, tanto se unia com elles, que todos vião que aquelles mais que o seu corpo, erão as pessoas da sua alma. Não parava desinquieto com o gosto de os ver; engrandecia já com os olhos banhados

curá da dita nação Cahicahi, indo este em minha companhia com dous Tapuyas dos seus, pelo Rio Mony acima, assim que chegámos aos primeiros campos, me pediu o dito principal, que quera saltar em terra, e levar consigo os dous Tapuyas, dizendo-me, que ia participar á sua gente a nossa ida, para que estivesse de accordo, e não recebesse algum sobresalto com a chegada da tropa; o que lhe concedi com o pretexto de que os dous não havião de ir, como com effeito não forão sem embargo de instar bastantemente para os levar em sua companhia, e nella levou a um Indio Miguel, o que assim dispuz com o parecer do Rev. Padre mestre, e continuando a viagem pelo dito rio, logo que passámos a Tapêra chamada de Francisco dos Santos, vimos claramente estar patente todo o Gentio de guerra á margem do rio armado, empenhado, com acções e indícios de nos dar guerra; ao que depois de ser noticiado pelo dito principal Tapcurá, e para os accommodar saí em terra, junto com o dito Rev. Padre, e lhe propuzemos ao que iam, e lhe demos alli alguns anzões, milho e farinha; e nesta occasião fugirão da canoa os dous Tapuyas que nella havião ficado, e em remuneração delles, pedimos dous, que nos derão receiosamente, persuadidos de nossos rogos, e estando já nós embarcados para seguirmos viagem, proferio em altas vozes, em fórma de irritado, o principal da mesma nação Quiriquirijá varias razões, que não entendemos, nas quaes o atalhou a India Thereza com outras varias, e mais asperas no que mostravão, e perguntando á dita India o que elle dizia, me respondeu que nada, perguntando-lhe porque se agastava, se elle não dizia nada, me não respondeu palavra; e passado tudo isto me pediu um dos dous Tapuyas refens, por cuja causa lhe deixei em sua companhia um soldado, para que não desconfiassem; e chegados que fomos a dita casa forte de Iguaçu, ao sablado á noite, que se contárão 19 de Agosto, pela segunda-feira da semana seguinte, vierão á dita casa forte quatro Tapuyas, e perguntando-lhe eu pelo mais Gentio, me disserão que no outro dia terça-feira havião de vir, e que elles vinhão buscar facas e machados para si, e para levarem aos mais, e o dito Rev. Padre mestre lhe deu algumas facas e anzões, e a estes mandei praticar para que dissessem aos outros, que viessem todos no dito dia de terça-feira, para irmos dar guerra ao dito Gentio Aranhy, e que trouxessem o seu mulherio

em lagrimas, e as mãos levantadas ao céu, a clemencia Divina pela providencia que tiuha da salvação daquelles barbaros, e exhortava a todos que fizessem o mesmo; já pedia lhe dessem os parabens—*congratulamini mihi* (dizia, que sem dar um passo fóra de casa) *inveni oves meas quæ perierant*—Oh piedade, oh misericordia infinita, oh bondade immensa de Deos. *Qui Vielæ omnes homines salvos fieri et.... agnitionem veritatis venire*, e indo com toda a pressa, se lançou de joelhos aos pés do reitor dizendo-lhe alviçaras, meu Padre reitor, veja que premio me hade dar pelas novas tão alegres que lhe trago. Não temos já necessidade de andar buscando Tapuyas pelos matos, porque elles movidos da graça daquelle Pai das misericordias, e Deos de toda a consolação, a quem agora podemos dizer como David — *Homines et jumenta salvabis Domine* — livremente nos vêm buscar a nós para os fazermos christãos. Temos os Guanáres em casa, aqui estão, não duvide V. Revm., por mim vierão perguntando, a mim me buscão, a mim me querem, a mim se entregão para que os guie, e metta pelas portas do céu. Quem me detém, eis-me aqui prompto e expedito, nenhum mais do que eu, porque só eu posso fazer pouca falta no collegio: sirva-se V. Revm. pelo sangue que Jesus Christo derramou por estas almas, de me conceder licença para logo ir com elles. Quem se não havia de mover á vista de tão fervorosa pretensão, principalmente consideradas as circumstancias, pelas quaes evidentemente parecia que elle era o escolhido de Deos?

Alcançada a licença, se despedio para sempre do collegio, ficando todos

e rapazia para ficarem na casa forte; e ao dito dia consignado pelo o principal Quiri, quirijá com tres Tapuyas, e sete mulheres em companhia, e mandando-lhe perguntar pela gente, respondeu, que vinhão atraz caçados, que na quarta-feira seguinte havião de vir todos, e me pediu, que lhe desse armas, machados e facas para irem repartir com os seus filhos, ao que respondi, que quando viessem com toda a sua gente arrancar-se junto á dita casa forte, que então lhe daria o que pedião, e que tiraria a gente necessaria para a guerra, que a mais ficaria com o mulherio, junto com o dito Padre aldeados; praticado todo o sobredito nesta fórma, tornou a repetir no peditório das armas, e feramentas, e no dito dia de quarta-feira de manhã, vierão cem Tapuyas de guerra pouco mais ou menos, e indo eu recebe-los ao campo, não quizerão vir em minha companhia mais que dez, ou doze, e os mais se dividirão, e espalharão pelo mato, e serra, occultando-se á nossa vista; e passado isto veio o Tapacurá á dita casa forte com o mulherio e rapazia, que se acha nesta cidade, ao qual perguntei pelo mais mulherio, por lhe ter visto muito mais em outra occasião; repetio que não tinha mais, e perguntando-lhe eu como havíamos de tirar de tão pouca gente o refens dos rapazes, e raparigas, que havião de vir para esta cidade, me não respondeu á pergunta, e só me disse que contentas e aquellas mulheres, e rapazes com alguma cousa, que no dia seguinte de quinta-feira viria o mais mulherio e rapazia; e instando eu com elle a respeito do dito refens, me tornou a dizer, que premiasse aquellas, que no dia de quinta-feira virião as outras; e persuadiu-me eu pelo dito refens, me respondeu apaixonadamente que la ver se seus pais os querião dar, e sahindo pela porta fóra da dita casa forte fallando, se calou por um breve espaço, e chegando ao canto della, repetio a fallar em altas vozes, ás quaes se levantou o dito mulherio com grande impeto para sahirem pela porta fóra, e como entre elle estavam alguns Tapuyas de guerra, que se ião precipitando da dita casa forte abaixo, me foi preciso manda-la rreçar com a infantaria, o que se fez sem os offender em cousa alguma, ao que se seguiu tocar bozina, o mais Gentio de guerra, que se achava em campo, batendo a sua frecharia, por cuja causa os mandei praticar por um Tapuya velho, que tinha ficado na dita casa forte, para que viessem, que eu não pretendia aggrava-los, nem offende-los

cheios de saudades suas, e muito mais confundidos e admirados, de verem as ardentes chammas de apostolica caridade, que de si lançava aquelle coração tão amante de Deos, e dos proximos. Partio com os seus Guanarés para a aldêa de Indios christãos do Itapucurú, onde chegarão aos 24 de Agosto, dia de S. Bartholomeu. Aqui começarão alguns a praticar mal dos intentos dos Guanarés : dizião que, o que os tinha movido não era desejo ou vontade alguma que tivessem de serem christãos, mas que era a falta de facas, machados, e outras cousas, que sómente podião haver dos Portuguezes, que o fim desta sua conversão havia de ser depois de estarem providos, deixarem o Padre Villar, e metterem-se pelas brenhas, como já antigamente tinham feito. Accrescentavão outros, que se o deixassem vivo, seria grande mercê, porque vião indícios que os animos dos Guanarés erão de inimigos, que tudo o que dizião erão mentiras, e puros fingimentos ; que não havia que fiar em tal gente, que o Padre Villar se expunha a manifesto perigo de o matarem, que obrava imprudentemente em se entregar ao poder de uma nação tão perfida, e em que já se tinham experimentado tantas trações. Nem tanto desprezava o Padre Villar estes ditos, que não confessas a que havia causa sufficiente para suspeitar, que os Guanarés urdião alguma tração ; mas incendiado de um desejo incrível da gloria Divina, e de augmentar a fé catholica, lançando fóra de si todo o temor, dizia que estas suspeitas podião ser certas, e podião ser falsas, porque não havia fundamento bastante para discernir com certeza as intenções dos Guanarés, que ainda que elles por sua natureza erão perfidos,

em cousa alguma, e vindo elles logo promptamente lhes disse, que alli estavam suas mulheres e filhos, que, o que tinha eu usado no particular, de lhe impedir a saída, que ententário da dita casa forte, fóra por desconfiar de suas acções, e neste mesmo lhes disse, que fossem buscar a mais gente, a qual ficarão certos de me trazer na dita quinta-feira, ao que faltarão, porque no dito dia não vierão senão uns sete ou oito, dando por desculpa, que estavam muito longe, que não puderão chegar, e depois de praticados novamente para que fossem chamar os mais, se forão com esta condição, levando um delles o barrete do dito Rev Padre mestre ; e no dia seguinte da sexta-feira vierão, e só sahirão ao campo, onde forão vistos, trazendo um delles o dito barrete, com o qual atirou e virou para traz, mostrando que se ia embora, e indo o Indio Miguel husear o dito barrete, largou das frechas e arcsos que trazia na mão, e pegou em uma machadinha, e com ella voltou para o dito Indio Miguel dirigidamente a mata-lo, como indicarão suas acções, o que impedi, mandando soldados a acudir-lhe, e que juntamente se dessem guerra ao dito Gentio, visto termos alcançado delle vir fundado em uma méra tração ; e assim que eu levantei a voz, mandando aos soldados, que investissem ; ao mesmo tempo levantou a sua o dito Padre mestre, dizendo tambem aos soldados que avançassem, que aquella era a occasião, pois elles mesmos tinham dado principio a guerra ; depois disto supposto, veio o Revm. Padre mestre João Tavares, chegando-se, e dando-me um abraço dizendo-me, que era muito meu amigo, ao que lhe respondi, que muito mais era eu de Sua Revm. e pedindo-lhe eu perdão, talvez de alguma verdura, por ser de menoridade, ao que me respondeu : que eu tinha obrado tudo com muito zelo, tanto do serviço de Deos, como no de Sua Magestade, que Deos guarde ; tudo isto é o que na realidade se passou nesta funcção, o provarei se necessario fór.

S. Luiz, 3 de Setembro de 1720. — *José Arnau Villala.*

Com mais lagrimas que letras, me apresento aos reaes pés de Vossa Magestade, a orar e preorar pela justiça da nação Cabicahí, como seja gente que não tem bora para queixar-se, nem advogado, ou juiz que absolva, tendo tantos, que contra a justiça, contra o direito, e contra a consciencia, os condemnem.

Deos pela sua, era infinitamente misericordioso, e que mais fundamento tinha na misericórdia de Deos para entender, que elle os chamaria com a sua Graça para lhes dar a vida eterna, do que tinha na sua perfidia para cuidar que elles aleivosamente o querião matar. Que deixando de ir com elles no caso que as suspeitas que havia, fossem falsas, se ficarião aquellas almas perdendo por falta de animo, e caridade sua, que se fossem certas com toda alegria do seu coração offerecia a Deos a sua vida, para evitar o perigo que podia haver de se perderem aquellas almas por covardia sua. Além de que, dizia, posso eu ser tão ditoso, que me hajão de matar ?

Assim animado, tão generosamente se embarcou, em uma pequena canôa, com os oito Guanarés, e para o acompanhar se embarcáão também com elle o Padre Gonçalo Pereira missionario do Itapicurú, o irmão Antonio Gonçalves coadjutor temporal, o capitão Francisco Soares Pinto, Portuguez singular amigo de todos os da Companhia, e affectuosissimo venerador do Padre João de Villar: juntamente alguns neophytes daquella aldeã, que puderão ter lugar na canôa. Forão pelo rio acima, até que chegarão aos 27 de Setembro a um lugar, onde o estavam esperando uma innumeravel multidão de Guanarés; sahirão á terra, e era para admirar a festa e alegria mutua do Padre Villar, e dos barbaros, passou-se o tempo em abraços, em saudações, em receber e dar alguns presentes, não se fizeram esperar mostras de mais benevolencia, e humanidade; até que se fizeram horas de jantar. Os Guanarés vendo que os nossos querião comer, se retiráão para o bosque, significando que os querião deixar comer sem os mo-

Em Agosto de 1720, chegou a este Maranhão um Tapuya da nação Cahicahi, chamado Tapacurá com mais tres, que acompanhavão, enviado pelo seu Quiriquirijú, a tratar de pazes com os Portuguezes, offerecendo-se a nos ajudar na guerra contra o demais Tapuya nosso inimigo, e pedindo missionario para se aldear.

Foi grande o nosso alvoroço, na consideração das maiores conveniencias; que até o presente se nos offerecerão para o Estado com esta alliança, para a promulgação do Evangelho, e para o unico e total meio de se conquistarem, ou por violencia, ou por brandura, as muitas e poderosas nações, que com suas hostilidades não permittem o augmento do Estado, cercado, e possuido nos melhores terrenos dos mais fortes inimigos. E a nação Cahicahi, que agora se nos alliava, seria a menor atalaia, e o mais infallivel principio de bom laço de todas as nossas tropas; pois estas por falta de quem as guie não produzem assinal das vezes ou'ro effeito mais, que gastos á fazenda real, orgulho ao inimigo; vendo-se só buscado, e nunca vencido de nossas armas.

Unidos porém nós com o Cahicahi, nação que conhecemos a mais destreza nas armas, e ao quem nasce, e se cria entre ellas, pois continuamente traz guerra com impias nações; e ao presente se acha só em campo contra todo o demais Gentio, e muito mais, por saber o demais Gentio que elle Cahicahi procura nossa amizade; não só ficava certo e infallivel sempre o bom successo das nossas tropas, ajudadas da valentia do braço desta nação; como também em nos dar guias, que nos introduzissem as tropas dentro das aldeas, roças, e comedias do mais Gentio, ficava sempre moralmente certo o bom logro da conquista. Assim que com o interesse desta tão importante conveniencia, se resolveu em junta das missões, o assento que se fez na dita junta, para se remetter, a Vossa Magestade, o que constará: e nella fui eu eleito missionario, para em companhia de uma tropa de cento e tantos homens ir ajustar, e concluir as ditas pazes.

Logo no Maranhão assentou o governador e capitão-general Bernardo Pereira de Berredo, com o embaixador Tapacurá; que de parte a parte nos esqueceriamos das offensas passadas.

Deixou o embaixador douts referens neste collegio; prometteu mandar dez tapazes tam-

leataram. Depois de jantar armárão as redes em uma tenda feita de páos; e coberta com os ramos das arvores para defensa do sol, deitárão-se a dormir; pouco descansou o Padre Villar, como que se só estivesse com o cuidado de que vindo logo o Senhor, o achasse vigilante; ao tempo em que os outros dormião, esteve rezando o officio Divino. Acabada a reza, quando todos já estavão acordados, virão sahir do bosque a multidão de Guanarés armados, uns com páos tostados, outros com arcos e frechas; armas todas que antes tinhão escondido; logo o Padre Villar, e os seus companheiros entenderão ao que vinhão, e que o primeiro recebimento fôra só para explorar a gente, e armas que levavão, então conhecendo que não havia de que temer, e que o lugar era accommodado para executar-se a sua maldade, e pôrem-se a salvamento sem risco de poderem receber damno, vinhão resolvidos aos matarem.

Brevissimamente correndo e levantando alaridos ao modo barbaro que costumão nas guerras, estiverão sobre os nossos que não esperavão tal visita, e hospedagem. O primeiro que experimentou a sua deshumanidade foi o Padre João de Villar, que recebendo a pancada de um páo, com que a ferocidade cruel de um barbaro lhe atirou á cabeça, cahio morto em terra, subindo a sua ditosa alma a viver eternamente gloriosa no Céu. Os mais seus companheiros, parte forão mortos, parte escapárão com muitas feridas, e outros, ou porque puderão fugir, ou porque tiveram animo e destreza para se defenderem, matando alguns inimigos sahirão sãos e salvos. O capitão Francisco Soares Pinto, foi entre os que se livráão,

beu em refens, dar gente sua para a guerra contra o Aranki, e mais inimigos nossos; ablear-se comigo, o que tudo assentado, partimos desta cidade aos 10 de Agosto. sabbado, e chegamos ás terras dos Cahicahis a 17. tamhem sabbado.

Neste dia nos receberam o Tapuya com grande contentamento, chamando-me para terra, beijando-me todos a mão, e presentando-me a mim, e ao cabo, junto como seu mulhierio, velhos e meninos, em uma campina sobre o rio, indicios todos de amizade. Não fiquei logo com elles por ter ordem do general, que o não fizesse, senão depois delles marche rem com a tropa para a guerra do Aranki; e assim tomados delles ali outros dous refens, e dando-lhe nós um soldado, seguimos viagem até á casa forte do Iguará.

Ao dia 19. segunda-feira, fui visitado do principat Quiriquirijú, o qual assentou comigo de mandar o seu mulhierio á minha presença, logo no dia seguinte terça-feira, e vir elle traz com a mais gente. Na terça-feira 20 do mez. chegou o seu embaixador diante do mulhierio, e m'o entregou, não só debaixo das armas, mas dentro da casa forte; e voltando o dito embaixador a buscar os rapazes para delles tirar eu dez, e mandarem refens para o Maranhão, o cabo da tropa diabolicamente mandou a sentinella da porta da casa forte (como o ouvio o Padre Ignacio Xavier meu companheiro) que não deixasse sahir mulher alguma para fóra, e querendo uma sahir, a acalantar um filhinho, coberto de sarja, e cego de ambos os olhos, que chorava importunamente, a sentinella lhe impedio o passo á dita mulher.

Então a mulher suspeitosa da verdadeira traição, levantou a voz e disse: vocês me prendem? a esta voz se seguiu um lastimoso pranto de todas as demais, e ao pranto logo o cerco da nossa infantaria, e ao cerco logo fugirão todos os homens de guerra, que estavão contractando pelas tendas dos soldados, e os que vinhão chegando, voltárão para traz, ficando só no campo principal Quiriquirijú, botando o cão abaixo como ajustador de tão execranda alevosia, com mais tres que o ajudavão a queixar-se, e assim poz o imprudente, ou impio cabo o mais lamentavel obex, que dizer se pôde, e do que dará estreitissimas contas a Deos, de todos os nossos bons intentos; e o que mais é para sentir a nunca

o que recebeu mais enormes e cruéis feridas. O Padre Gonçalo Pereira, recebeu duas frechadas, das quaes uma lhe penetrou o peito tão profundamente, que com grande difficuldade se pôde curar. O irmão Antonio Gonçalves foi dos primeiros que sem ser offendido se recolheu á canôa, que foi o refugio de todos os que se livrarão com a vida, entregando-a a corrente do rio, que brevissimamente os poz em distancia, onde a frecharia dos barbaros lhes não podia fazer damno. Alguns dos neophyts da aldeã de Itapicurú ficarão captivos, e não se sabe o que com elles usarião a des-humanidade dos Guanarés.

A causa porque obrarão tão infame traição, não se pôde averiguar com certeza, pois esta só delles se poderá saber, se algum dia se captivarem alguns na guerra que se lhes manda fazer. O que com mais probabilidade se discorre, é que os Tapuyas Barbados, se valêrão dos Guanarés, com quem estão confederados, para suas espias; e que com o pretexto de se quere-rem fazer christãos, os mandarão investigar e conhecer as determinações, e apostos que os Portuguezes tinham para a guerra, que sabião lhes querião fazer. No lugar onde os estavam esperando que é onde fizeram as referidas mortes, estavam com os Gnanarés tambem grande numero de Barbados, e logo que se certificarão dos oito embaixadores, e juntamente do Padre Villar, que imaginava que estas duas nações estavam inimigas, e cuidava que toda aquella multidão erão sómente Guanarés, que os Portuguezes estavam para sair a campanha antes de um mez, e que accitando a offerta que lhes mandarão fazer de os ajudarem naquella guerra, tratarão de se

se fiar o gentilismo destes sertões, nem de Portuguezes, nem de missionarios, pois ficarão persuadidos que eu fui a negaça, e não se enganão; ficando de hoje em diante odiavel a pregação evangelica; nem haverá missionario que se atreva a viver entre elles mais do que eu, que estou apostado a dar a vida entre elles, inda, se me consentirem meus superiores, a dar-lhes satisfação de mim, e do meu principe, que não emcorre para semelhantes aleivosias. Estas são as guerras do Marañhão, e por isso, por mais que o principe cuide em seus augmentos, D os os não prospera, antes castiga.

Esta, Senhor, é a verdade lisa e sincera de um Jesuita, que não pretende mais que o serviço de Deus, e do seu rei, que hei de confessar no dia de juizo diante de Vossa Magestade, e de todo o Universo; e não necessario do mentir, nem tenho interesse para o fazer, e por nenhum o faria, como faz o cabo, e os que o seguem, narrando falsidades a montes, e com prejuizo proprio, como largamente mostro á junta de missões, sem ter eu outro meio para provar, que a minha boa opinião, em que vivo; e tendo os seculares vias juridicas, nas quaes jurão as falsidades, que eu presumo, pois nem se quer me quiz dar vista o governador da devassa, que mandou tirar, tendo eu parte nella como se verá; na qual jurarão os mesmos que eu dei por suspeitos; entre elles crão Manoel da Silva; um Sant-Iago, a quem ao presente apolcou o governador, e me di-se que era homem de vinho; um Manoel Ferreira, o qual ainda que foi o lingua, é insensato, e falla quanto quer; um Manoel Gomes, todos Mamelucos, que encostados ao cabo da sua raça tambem Mameluco, interessados todos a captivar o Tapuya, por quatro réis que nisto tem; e porque suspeitarão, que o capitão João Saraiva antigo soldado, e cabo, que foi muitas vezes, juraria em favor do Tapuya (pois soube o governador, que elle João Saraiva dissera, que tudo que eu narrava era verdade) por isso mesmo o não chamarão para jurar. Donde o caso que a minha informação para a liberdade deste Tapuya, requero a Vossa Magestade por parte destes miseraveis, como missionario seu, que seja Vossa Magestade servido mandar, que o cabo, junto comigo, e com o meu companheiro, e o Padre capelão da tropa, com o cirurgião della e o capitão João Saraiva, demos uma informação concorde, e por ella sentencie o ouvidor geral, letrado, com o Bispo, ou como Vossa Magestade

expedir brevissimamente, se resolvêrão a serem elles os primeiros que rompessem em hostilidades, e a ser o Padre João de Villar o primeiro a quem dessem a morte, para que ficassem entendendo os Portuguezes, que quando assim usavão de tal arrojo com quem lhes queria tanto bem, o que farião aos mais Portuguezes que lhes intentavão fazer mal. O que se pôde ter por certo é, que para estes barbaros Tapuyas confinantes do Brasil, obrarem qualquer maldade, basta um leve antojo, que se lhes represente na fantasia; são os animos pela sua crueldade, e deshumanidade inclinados a homicídios. Tem-se experimentado que em quanto se não domesticarem com o poder das armas, todo o trabalho se perde sem fruto com elles.

Passados tres dias, chegarão ao lugar da traição os soldados da fortaleza do Itapicuri, em busca dos corpos mortos. Contão estes algumas cousas que virão, por milagrosas. Acharão o cadaver do Padre João de Villar, lançando sangue como vivo, sem principio de corrupção alguma, estando os demais corpos mortos tão corruptos, que se não atreverão a tirá-los donde estavam. Quem conhece o clima desta terra, e sabe quão facilmente se corrompem as cousas, não poderá deixar de ter por maravilha, esta incorrupção do Padre João de Villar. Não são necessárias aqui vinte e quatro horas, bastão doze para qualquer cousa morta apartar de si os viventes. Tinham os Tapuyas despido o cadaver, e nũ o tinham lançado no rio, os soldados o acharão em cima d'agua com os peitos virados para baixo, e com as mãos sobre elles em forma de cruz, e da corda affirmão, que vião sahir uma luz, com um resplendor mui maravilhoso. Obser-

fôr servido mandar, mas tudo depois de sahir o actual governador; porque coimo este argue o contrario do parecer da junta, sempre lhe parecerá mal o ser vencido: maxime percebendo os da junta não sei que animo no governador, como Vossa Magestade pôde mandar informar dos deputados.

Reputa-se aqui o Tapuya de corso, como Turco. Já lhe disse a differença que vai do Turco, inimigo da fé da nação, e rebellado, ao Tapuya inimigo só da nação, senhor das suas terras, e para quem os reis de Portugal olhão mais como para filhos perdidos, a quem convidão para a sua casa, e para a de Deos, que como para Turcos. Fundo-me assim da razão, como do que ouvi dizer da patente do governador D. Alvaro da Silveira, que governou a cidade do Rio de Janeiro, na qual o soberano, pio, e inclito rei D. Pedro, pai de Vossa Magestade, que Deos tenha na gloria, descarregava sua consciencia no seu governador, ao que toca se á defesa da liberdade, e vexações dos Indios, com palavras ponderosas, constituindo a elle D. Alvaro da Silveira tutor dos Indios. Isto em terra onde não ha demandas de Indios, pois basta ser Indio, para ser já forro: nem se manda ao Indio, que prove a alforria, que são para prova ineptos, mandasse a quem o pretende captivar, que lhe prove o captivo; quanto mais qu'ererá Sua Magestade, quanto é herdeiro, se não excede da pirdade de tal pai, que neste Maranhão, onde os captivões injustos, os assaltos e vexações dos Indios são tão frequentes, sejam os governadores os pais, os tutores destes miseraveis.

O mais que proponho para serviço de Deos, e de Vossa Magestade mando em carta separada á junta de missões, para não ser mais molesto na real presença de Vossa Magestade, como também os requerimentos necessarios, os proponho a mesma junta; e nesta só requero a Vossa Magestade seja servido mandar, logo que eu ou outro qualquer missionario da Companhia pedir, se lhe entregue o Tapuya de que faço menção, onde o missionario o pedir, e para ali se lhe conduza a custa da fazenda real, a qual se deve dispendir como em serviço real na fundação da aldêa, que se faz para serviço de Vossa Magestade.

Item. Que de nenhum modo se intromettão os governadores, nem o povo, em querer

varão também que junto do cadaver, estavam algumas aves as mais alvas que nunca tinham visto, assentadas umas sobre as arvores, e outras voando a roda, sem se apartarem daquelle lugar. Duas são as cousas, que eu entendo não poder estar sem milagre. A primeira é que ha neste rio uma casta de peixes, a que em razão dos dentes com que cortão, não só as linhas com que os querem pescar, como também os anzós, chamão *Piranhas*, que vale o mesmo que tesouras, são voracissimas, nem ha peixe, ou animal que lhe seja semelhante na sua voracidade: são tantos neste rio que, quem por ignorancia ou descuido metteu a mão na agua, e logo advertio em a tirar, é com algum, ou alguns dedos, ou pedaços de carne de menos. A um Tapuya morto no conflicto que lançarão no rio, foi tanta a immensidade destes peixes, que se ajuntou sobre elle, que em menos espaço de tempo do que o de quatro ou cinco minutos, o virão inteiramente comido delles. Sendo isto assim, o corpo do Padre João de Villar estava intacto, sem em parte alguma ter mais feridas, do que as que havia recebido dos Guanáres. A segunda cousa, é que sendo tão precipitada a corrente deste rio, que arrebatadamente leva consigo qualquer páo ou cousa que nelle cahe, o corpo do Padre João de Villar estava immovel naquella lugar onde o tinham lançado os Guanáres, sem haver impedimento algum que o detivesse naquella corrente. Assim quiz Deos honrar a este seu servo, fazendo que os peixes contra a sua natural voracidade, se mostrassem humanos, quando os homens se tinham mostrado fêras, e que as aguas contra a sua corrente detivessem immovel o corpo, que não permittião descançar na terra.

governar os missionarios, os quaes têm seus superiores para com elles consultarem, como, quando, onde, e com que circumstancias hão de fundar suas missões.

Ultimamente parecia-me que, caso este Tapuya fosse captivo, que Sua Magestade o mandasse aldear, e dar satisfação á nação, isentando-o de outro qualquer serviço, e só usar delle na guerra, visto serem nella tão peritos e valentes.

Maranhão, 12 de Novembro de 1720.—De Vossa Magestade, *Vassallo Fidelissimo*.

CARTA DO PADRE PROVINCIAL JOSÉ VIDIGAL A EL-REI, QUEIXANDO-SE DO GOVERNADOR JOSÉ DA SERRA: (DE 27 DE AGOSTO DE 1734.)

Senhor. — Aos p's de Vossa Magestade, e debaixo da sua real protecção ponho a minha pessoa, os missionarios de Jesus Christo, e de Vossa Magestade, e toda a nossa Companhia deste Estado contra o seu declarado inimigo José da Serra, general do Estado. Tenho com indícios vehementes, e ainda com provas legaes, que posso dar (não estando elle no lugar) que faça tumultuar este povo contra mim, e contra a Companhia.

Teino que com informações suas falsissimas, queira descompor-me e á nossa Companhia diante de Vossa Magestade. Peço humildemente a real protecção, e peço com a rectissima justiça de Vossa Magestade, ser ouvido antes de condemnado: porquanto se tenho delinquido, é pugnando pela observancia das justissimas leis municipaes dos miseraveis Indios, e pela sua liberdade, que á cara descoberta impugna o general, chegando a proferir publicamente, que todos os Indios são escravos, concedendo, contra o meu parecer, infinitas e liberaes provisões aos moradores deste Estado, e ainda aos seus creados, para escalarem os sertões, e manietarem os miseraveis Indios, por natureza livres, em desserviço de Deos, e de Vossa Magestade.

Deos guarde a real pessoa de Vossa Magestade, como havemos mister. Parã, 27 de Agosto de 1734 —O vice-provincial da Companhia de Jesus, *José Vidigal*.

N. B. Esta carta parece ser original.

Mettido o corpo na canôa, o trouxerão para a aldêa do Itapicurú, e o enterrarão na mesma igreja que elle tinha antigamente edificado, junto do altar mór. Chegadas as novas da sua morte á cidade do Maranhão, não se péde facilmente explicar quão grande fosse o sentimento geral de todos. Fez-se-lhe o officio de defuntos, com toda a solemnidade na nossa igreja, que cantarão os religiosos do Carmo, e das Mercês, veio assistir o Bispo, com todo o clero ; o senado da camara, com todos os ministros de justiça ; o capitão-mór da praça com todos os officiaes de guerra, e soldados ; não houve neste dia Portuguez na cidade, que não concorresse á nossa igreja. Aqui era muito para louvar a Deos, ouvir a cada um manifestar o conceito que tinha deste bom Padre. Dizão que não podião deixar de venerar por santo depois de morto, aquelle, em cuja vida nunca alguém tinha notado cousa alguma, que não fosse muito justa, e conforme as regras, e instituto da Companhia ; que pelas suas orações tinha Deos suspendido o castigo que merecião por seus peccados ; que o tinham por verdadeiro martyre, porque vendo o grande risco em que expunha a sua vida, desprezou todo o perigo, só para plantar e dilatar nossa santa fê, dizendo que mais estimava a morte por esta causa, do que a vida. Trazia a memoria, e engrandecião com muitos louvores, a caridade universal que tinha com todos, acudindo aos enfermos com as medicinas espirituaes, e juntamente com as corporaes, defendendo as causas dos presos como seu procurador, sendo o refugio dos escravos em seus trabalhos, e afflicções como se fosse seu pai, e o remedio dos pobres necessitados ; lembravão o anno, em quo

REPRESENTAÇÃO QUE FEZ A COMPANHIA DE JESUS DO ESTADO DO MARANHÃO A EL-REI,
PELAS VEXAÇÕES E DESORDENS QUE PADECEM NO MESMO ESTADO.

Senhor.—Representão humildemente a Vossa Magestade, os religiosos missionarios da Companhia de Jesus do Estado do Maranhão, que elles se achão impossibilitados para servirem a Deos, e a Vossa Magestade na redução dos Gentios, e doutrina dos Indios christãos, por causa do governador actual Alexandre de Sousa Freire não observar, nem fazer observar as leis, ordens e disposições de Vossa Magestade, e proceder contra o que nellas se manda : porquanto, ordenando-se no regimento das missões impresso pag. 11, que as mulheres Indias não possão entrar em repartição, excepto na occasião em que as fazem farinhas, na qual se mandão dar algumas, que chamão farinheiras, e tambem excepto na occasião em que alguns moradores necess. em de amas de leite, para criarem seus filhos, correndo a repartição de taes Indias por conta dos prelados da Companhia : o dito governador logo que chegou ao Maranhão, deferio a innumeraveis requerimentos de todas as pessoas, que para serviços particulares de suas casas, das aldêas de S. José do Itapicurú, o que causou grande perturbação nas ditas aldêas, pelos excessivos desgostos, que se originarão das ordens, que o dito governador passava, vindo os maridos levarem as mulheres contra a sua vontade; as mães as suas filhas, sendo algumas vezes os executores de taes ordens sargentos e soldados, sendo levadas as mães dellas, mais por fins deshonestos, do que em razão das necessidades ; que falsamente representavão. As mesmas ordens passou em Tapuytaperá, e na villa de Caeté, mandando que os principaes dessem aos moradores as Indias, que pedião nas suas petições.

No dito regimento pag. 8, se ordena que a aldêa do Pinaré, ou como communmente se chama do Maracá, fosse deputada para serviço dos Padres do collegio do Maranhão, e tendo Vossa Magestade mandado ao governador do Estado em carta de 12 de Outubro de 1719, que em todo o caso fizesse conservar os Padres do dito collegio, na posse em que estavam de elles só se servirem dos Indios da dita aldêa, havendo-lhe esse particular por muito recommendado ; como tambem havendo ordenado ao mesmo governador do Estado,

faltando farinha na cidade, a mandava buscar no Pará; e a estava dando pelas suas mãos á porta do collegio aos que lh'a vinhão pedir, com que livrou a muitos de morrerem á fome, não sómente escravos, como também Portuguezes. O Illm. Sr. Bispo D. Frei José Delgarse, affirmava publicamente que não tinha duvida alguma de que a alma do Padre João de Villar, tanto pelas suas muitas virtudes, como pelo sangue que derramára para estender a fé, tinha logo que se apartou do corpo, subido ao Céu, a gozar da vista clara de Deos. O governador e capitão-general do Estado, dizia, que não tinha visto varão tão santo, dotado de tão admiravel..... que menos abalo e sentimento lhe causarão as novas que tinha tido da morte de sua mãe, que as novas que lhe derão da morte do Padre João de Villar. Publicavão alguns que podia tanto com elles, a santidade do Padre João de Villar tão bem conhecida, tanto pelas muitas acções virtuosas que exercitava, como pelas suas praticas em que sempre trazia muitos conselhos, e admoestações para a salvação, que quando o vião chegar perto delles, se compungião logo interior e exteriormente, se compunhão com toda a honestidade. Trovão de Deos lhe chamavão outros, pela summa efficacia de razões, e torrente de palavras com que atemorizava os peccados, e movia os affectos; e na verdade foi tão excellente prégador apostolico, que me vejo forçado a deter-me alguma cousa mais neste genero de louvor. No tempo que chegou de Portugal, sendo ainda theologo do segundo anno, começou a prégar nas igrejas, e fazer doutrinas pelas ruas publicas, com tanto applauso e fructo, que dizião todos que depois do Padre

em carta de 5 de Fevereiro de 1721, que inviolavelmente observasse o privilegio que têm os Padres sobre os Indios da dita aldéa, e que della se não tirassem Indios, salvo pela necessidade publica da expedição de guerra, ou quando houvesse outra, que fosse inevitavel, regulando-se em tal forma, que se não tirem com violencia, nem em tanta quantidade, que prejudique a aldéa: o dito governador no regimento que passou ao cabo da tropa, que mandou ao Pinaré em descobrimento do ouro, lhe ordenou que tirasse quantos Indios lhe fosse necessario da dita aldéa, como com effeito tirou, usando de violencias, assaltando as casas, e roças dos Indios, sem respeito ao Padre que assistia na dita aldéa. Passou também ordem ao principal da dita aldéa para dar uns Indios ao capitão Francisco de Almeida, que com effeito se derão, para evitar mais violencias.

Para cada uma das residencias, om que assistem os missionarios, se ordena no dito regimento, hajão deputados vinte e cinco Indios para serviço dos ditos missionarios, pag. 9: encontrou o cabo da tropa acima dito, quinze ou deza-eis Indios em uma canôa, que vinhão á cidade do Maranhão, mandados pelos Padres missionarios da aldéa do sertão do Pinaré buscar vinho para as missas, farinha para hostias e outras cousas necessarias para seu provimento, e violentamente os fez passar para as canôas que levava, deixando a canôa dos missionarios desamparada, exposta a se perder, de que resultou ficarem os ditos missionarios padecendo muitas necessidades, principalmente vendo-se impossibilitados de dizer missa todos os dias, por falta de vinho e hostias, o que tudo approvou o dito governador, estranhando muito a queixa que se lhe fez do procedimento do dito cabo: affirmando que, só quando o dito cabo infringisse as ordens do regimento que lhe tinha passado, o castigaria.

No alvará impresso que junto se verá, ordena que a guerra offensiva seja justificada legalmente, antes de se fazer, sendo a primeira prova os pareceres por escripto dos superiores, e prelados da Companhia, e outrosim do ouvidor geral, sem os quaes de nenhum modo se possa fazer. O dito governador no dito regimento que passou ao dito cabo da tropa Moncel da Silva Pataxo, lhe concedeu faculdade e autoridade para fazer guerras offen-

Antonio Vieira, não tinha ido prégador semelhante ao Maranhão. A voz era muito clara e poderosa; o engenho em descobrir, propôr e amplificar razões era grande, a disposição era tanta, que tudo o que dizia parecia lhe vinha nascendo, e cabindo naturalmente; e sobre tudo era fecundissimo de palavras. Quando persuadia o arrependimento das culpas, e emenda das vidas, que a este ponto é que encaminhava sempre os seus discursos, de tal sorte temperava a voz, e os mesmos olhos e rosto, assim accommodava as sentenças e palavras, que sempre causava grandes emoções nos auditórios, e aos mais duros e inveterados peccadores, fazia mudar de vida e costumes. A brevidade que sigo me não permite descer a innumeráveis casos particulares, em que uns deixarão as occasiões proximas, outros mudarão a vida de escandalosa em edificativa, outros deixando inimizades e odios, perdoadando injurias, se fizeram amigos. Seria infinito se quizesse referir singularmente o muito de seus sermões.

Este costume de prégar e fazer doutrinas aos Portuguezes com que entrou neste Estado, observou inviolavelmente em todo o espaço de sua vida. Nunca deixou de exercitar muito a miudo este officio, assim no tempo que foi missionario dos Indios, como no tempo de quatro annos que ensinou latim, depois de professo de quatro votos, como no que foi mestre de noviços, e sendo reitor do collegio do Maranhão, e depois governando todas as missões, era mais frequente em prégar e ensinar a doutrina, para com o seu exemplo mostrar aos nossos á fazerem o mesmo. Não podia deixar ao applauso com que era ouvido de todos, de se oppôr á

siva, sem mais pareceres que os de um simples sacerdote que levou consigo, e de um secular, a quem o mesmo governador passou patente de auditor da gente de guerra da dita tropa.

Em carta de 20 de Fevereiro de 1706, registrada no livro do registro da camara de Cacté á fl. 57, declara e ordena Vossa Magestade, que as aldeas dos donatarios estejam sujeitas ao mesmo regimento e leis das outras aldeas, e mandando juntamente Vossa Magestade em carta do 1º de Fevereiro de 1701, impressa a pag. 63, que das aldeas se não tirem Indios, quando os missionarios os não quizerem dar, o dito governador passou ordens para o capitão-mór da villa do Cacté, mandando-lhe dar Indios e Indias e alguns rapazes da doutrina, para servirem a alguns moradores da dita villa, independentemente do missionario; como tambem consentio e approvou, que um seu creado chamado Lourenço Pereira, casado com uma sua filha bastarda, que levou em sua companhia, a quem fez capitão-mór da villa do Camutá, vendesse o serviço dos Indios e Indias da aldeia da dita Capitania por sete mil cruzados, d'onde procedeu que o comprador tirou todos os Indios da dita aldeia, sem deixar nella nem os vinte e cinco, deputados no regimento das missões, para o serviço do missionario, que é religioso da Piedade, ficando o dito missionario em tal desamparo, que sendo-lhe necessario vir á cidade, lhe foi preciso andar pedindo a alguns moradores seus amigos, lhes emprestassem os seus escravos, para lhe remarem a canoa.

Igualmente consentio, que outro seu creado, a quem poz por capitão-mór da fortaleza do Gurupá, governasse e dispuzesse por autoridade propria dos Indios de uma aldeia anexa á dita fortaleza sem respeito nenhum ao missionario da dita aldeia, chegando a tal excesso, que mandou praticar os Indios que não fossem assistir a doutrina, que o missionario fazia pela semana, e que se algum fosse, os havia mandar metter em ferros; e sendo este e outros excessos representados pelo commissario da Piedade, a cuja administração está a dita aldeia, lhe respondeu o dito governador, que não era bem molestar os Indios com tantas doutrinas, que bastava só que as fizessem aos domingos.

O dito capitão-mór se gloria publicamente, que vindo da dita fortaleza, lhe dissera seu

inveja. Não faltarão alguns que censuravão publicamente por imprudencia, a liberdade com que reprehendia os vícios. Um religioso de outra ordem, prégando em um convento, onde achava-se o Padre Villar presente, o nomeou do púlpito, chamando-lhe hypocrita, judas, fingido, e outros nomes de grande injuria: o que o Padre Villar ouviu com tal constancia, que olhando todos para elle, parecia que ouvia ao prégador com animo tão quieto, como se não fallasse com elle, e continuando em outros sermões com as mesmas injurias, nunca se ouviu dizer que o Padre Villar dissesse palavra deste religioso, que não fosse de muito louvor seu: o que lhe concillou maior credito com os seculares, chamando-lhe homem verdadeiramente santo, e que mostrava com o exemplo, o mesmo que exhortava aos outros com palavras.

Além das virtudes notorias a todos os seculares, pelas quaes era tão venerado delles, teve outras que exercitava dentro de casa, com que todos os nossos grandemente se edificavão. Era muito dado a oração, ordinariamente se levantava pela meia noite, e algumas vezes pouco depois, e todo o tempo até se acabar a oração da comunidade, gastava parte em oração vocal, parte mental, o qual costume guardou sempre inviolavelmente até a morte. O gosto e consolação com que tratava das cousas espirituaes, se manifestava bem na abundancia de lagrimas que derramava. Quando dizia missa, e quando praticava aos novicos, brotavão muitas vezes com tanto impeto, que não podia proseguir para diante, o que enternecia tanto aos que estavam presentes, que era admiração ver como a todos lhes

amo, que tratasse de fazer e ajuntar muitos escravos, muito cacão, e que se não importasse com queixas de Frades, nem de Padres.

No mesmo regimento das missões impresso, pag. 8, ordena Vossa Magestade, que os Indios das aldeas se repartão em duas partes: uma, para ficar nas aldeas, e outra para ir ao serviço; e sendo esta divisão de tanta importancia tanto para o bem espiritual, como temporal das aldeas, o dito governador logo que chegou ao Maranhão, mandou tirar os Indios que havia nas aldeas, capazes de servirem, para irem ao descobrimento de novas minas, que se fingirão haver sem fundamento algum nos sertões do Pinaré, sem deixar ficar nas aldeas da dita Capitania mais, que algumas Indias, que a poder de lagrimas alcançarão do dito governador dispensa, para não serem levadas á casa dos moradores, e desta sorte deixou despovoadas as aldeas, de maneira, que nos mezes de Julho, Agosto e Setembro, tempo em que naquellas terras costumão fazer as roças, não houve Indio capaz de roçar, por cuja causa em as ditas aldeas padecido grandes fomes, sem terem mais sustento, que algumas fructas dos matos.

No Pará, concedeu aos cabos das canoas que ião para o sertão á colheita do cravo, cacão e mais drogas, e aos que forão por autoridade propria, contra as leis de Vossa Magestade a fazer escravos, que sem intervenção dos missionarios podessem tirar e levar das aldeas os Indios que quizessem. A mesma ordem deu ao cabo da tropa Melchior Mendes, contra o que Vossa Magestade ordena na carta impressa de 1701 á pag. 63, na qual lhe manda que sempre faça castigar com as penas que o mesmo regimento dispõe, aos moradores daquelle Estado, que por acção propria, tirarem publica ou secretamente os Indios das aldeas, quando os missionarios os não quizerem dar, porque neste caso recorrão a elle, que participará ao superior das missões, para lhe dar remedio. E na mesma carta ordena Vossa Magestade, que nem os mesmos governadores possam mandar tirar Indios das aldeas, ainda quando os missionarios os não queirão dar, sem primeiro participar ao superior das missões, a respos a do missionario, para que lhe possa estranhar o seu procedimento, caso o merecerem, e ordenar lhe, que mandem os Indios sem replica, ou demora.

estavam correndo as lagrimas dos olhos. Andava sempre em presença de Deos, nunca fazia cousa nenhuma por pequena que fosse, que não dirigisse á sua maior honra e gloria; e dizia imaginando aos outros, pelo que em si experimentava, que não havia cousa mais facil, do que em qualquer parte, e em quaesquer occupações, ter o entendimento sempre em Deos. Daqui nascia aquella uniformidade de modestia, com que movia a piedade, aos que o vião; daqui a gravidade sem affectação que todos admiravão nas suas acções, daqui a suavidade e elegancia com que em todas as conversações, ou com os nossos, ou com os seculares, misturava sempre praticas de Deos, daqui procedia a singular prudencia, e madureza com que tratava os negocios de tal sorte, que nunca se vio tratar cousa que não fosse muito conforme a razão: em governar e dirigir as almas pelo caminho da virtude, teve raro modo e destreza. No tempo que governou, era tão observante das nossas regras, como o affirmão os que viverão com elle, que nunca lhe virão quebrar, mesmo na mais minima cousa, e que o observarão com curiosidade; da mesma sorte desejava que assim fossem todos os seus subditos. Houverão alguns que o notarão de aspero, e mais rigoroso do que era justo, porém estes mais arguião a liberdade, com que impunemente se querião haver na observancia religiosa, do que detrahião ao bom reitor. Era vigilantissimo em aproveitar o tempo, e por isso inimigo da ociosidade, ninguém o via fóra do cubiculo, senão quando assim era necessario, e muito menos sahir de casa, senão quando era convenientemente ao serviço de Deos, ou alguma obrigação, a que não era bem fallar;

De se não observarem estas ordens, aconteceu este anno, que depois dos missionarios terem dado quantos Indios haviam capazes de servir, exhaustos já as aldeas, começaram a sentir os desaforos dos cabos das canoas, roubando, assaltando, amarrando tudo o que achavão, não ficou velho, não ficou rapaz, que não levassem os que servião aos missionarios em lhe pescarem o paixe, de que se sustentão, erão os primeiros; a nenhum Indio lhe valeu privilegio, ou fosse capitão, ou ajudante, ou official, sacristão da igreja, ou sangrador da aldeia; até os mesmos Indios doentes tiravão das redes, e os fazião ir para as canoas, arrastando-os, quando não podião ir a pé. Os Indios novos que proximo tinham os missionarios tirado das brenhas, não lhes valia a ordem do regimento, pag. 13. Que não possam ser obrigados a servir por tempo de dous annos, porque os levavão amarrados, ficando as mulheres em continuos prantos, clamando contra os missionarios pelos haverem tirado das suas brenhas, para os fazerem escravos dos brancos; e sobre tudo isto, descompondo, e ultrajando aos mesmos missionarios com palavras affrontosas e injurias.

Nas declarações do dito regimento das missões, que forão approvadas por Vossa Magestade, pelo alvará de 22 de Março de 1688, impresso a pags. 17 e 18, se ordena que não possam ir ao sertão soldados que actualmente estejam servindo, mamelucos, negros, nem homens do mar, por costumarem esta casta de gente fazer todas as insolencias de roubos, mortes, forças e outras extorsões, que obrigão aos Indios fugirem para os matos, e ainda tomarem armas contra nós.

A toda esta casta de gente concedeu o governador licença, para irem ao sertão, não houve negro, mameluco, cafús criminoso, nem pessoa alguma, que quizesse ir ao sertão, a quem não concedesse licença; por cuja causa se virão neste anno nas aldeas e no sertão as maiores insolencias, injustiças, tyrannias, iniquidades e desaforos, que jámais se tiveram desde que entrarão os Portuguezes naquella Estado. A um Indio da aldeia de Aracará, por ser menos diligente em colher cacão, lhe lançarão uma corda ao pescoço, com a qual o amarrarão a uma arvore, e fazeo-lhe lançar a lingua fóra, lh'a metterão nos fechos de uma espingarda, e não bastando isto para castigo da sua pouca diligencia,

abstém-se conversações escusadas, e por isso aos seculares que o visitavam, trazia logo praticas de Deos, porque dizia: que não era bem que lhe viessem perder totalmente o tempo. Na obediencia era promptissimo, costumava dizer os superiores, que o mesmo era dizer alguma cousa, ou insinuava ao Padre João, que estar logo feita. De varios modos mortificava o corpo, todos os bens que tinha, e de que estava bem provido erão cilícios, disciplinas, e outros instrumentos de mortificação, o que tudo nelle se conhecia que não era para méra ostentação. O que mais entre as muitas virtudes admirava a todos era, a sua muita humildade, e nem apparencias de presumpção, nunca se virão nelle, nenhum signal de menos estimacão dos outros, as palavras de desprezo que dizia de si mesmo, estava se conhecendo sahir-lhe do coração; que sentia o mesmo que dizia, com tudo o que havia de fazer, ou mandar fazer, ainda em cousas minimas sempre consultava a outros, com cujo parecer facilmente se conformava, ainda que entendesse o contrario. Com estas virtudes é que o Padre João de Villar se apparelhcou em vida para a morte, sendo a todos na vida e na morte, um singular exemplar de observancia religiosa, e fervor apostolico. Morreu aos 27 de Setembro de 1719, de idade de cincoenta e sete annos, de Companhia trinta e sete, era natural de Pancas, entrou no noviciado de Lisboa, aos 31 de Março de 1683, estudou no collegio de Evora, donde foi para o Maranhão no anno de 1688. No mesmo dia em que morreu, se tinha confessado, e dito missa, acabando como victima, depois de offerecer como sacerdote, o sacrificio incruento do corpo e sangue de Nosso Senhor Jesus Christo.

entrarão a açouta-lo com tanta deshumanidade, que nos açoutes acabou o pobre Indio a vida.

Na aldêa de Aricurd não achando já os Indios, prendêrão com cordas a um menino innocente de cinco ou seis annos, para que descobrisse se sabia de alguns Indios que estivessem escondidos; e como o menino não podia dizer o que não sabia, entrãrão em ameaças de gravissimos castigos, e como nada lhe aproveitasse, cheios de crueldade e tyrannia, maior que a de Herodes, com os fechos de uma espingarda, taes tormentos derão ao pobre innocente, que quasi ficou morto.

Nas praias do Marajá se achou um Indio quasi espirando, e perguntado quem o trouxera áquelle lugar, respondeu que como adoecesse, e não podesse remar na canôa, os brancos que vinhão nella o lançarão ao mar, d'onde Deos o livrara, porque só milagrosamente lhe parecia poder haver chegado áquelle praia. Outro Indio de outra aldêa do Xingú, se achou na mesma praia mortalmente, traspassado de uma espada, não sabe porque causa.

Um cabo de uma canôa de um creado do dito governador, que foi capitão-mór da fortaleza do Gurupá, chegando a aldêa dos Tupinambitanas, e não achando nella Indio algum, os foi buscar pelas roças; encontrou no lago umas Indias, inquirio dellas se haviam alguns Indios por alguma parte, e como lhe responderem que já os tinham levado todos, e não lhe agradasse esta resposta, as maltratou com muita severidade; as pobres Indias para se verem livres do castigo tão mal merecido, lhe descobrirão que so em uma roça estava um Indio, dos que proximaemente se haviam descido dos matos; servirão de guia; foi preso e amarrado o Indio, e porque a mulher se queixou, lhe deu muita pancada.

Na aldêa de Arucurá, vindo o meirinho da dita aldêa os desatinos que os Portuguezes não obrando, pediu licença ao missionario para se retirar com uma pouca de gente nova, que havia poucos mezes, tinha trazido do sertão do Jary; concedeu o Padre a licença que pedia, mas servio-lhe de pouca utilidade; porque se encontrou perto das ilhas do Gurupá com um Braz de Barros, da Villa do Camata em canôa do Dr. José Borges Valerio; acompanhavão-no outros brancos, e como elle mesmo disse que levava ordem do dito

« Muito Rev. Padre provincial Caetano Ferreira: Satisfazendo a regra dos missionarios da nossa Companhia, a vontade e ordem expressa de Vossa Revma., relatarei por alto, e summariamente a minha derrota, desde o principio de Novembro do anno passado, até aos 6 de Junho deste anno de 1745. Tenho sempre ido dando exercicios do nosso santo Padre, que são as armas, de que até agora me tenho valido, tanto por andar ainda por partes em que a missão a tão pouco tempo andou, quanto por não ter sacerdotes que me possam assistir á confissão de numerozo concurso de missão, e parece-me temerario cuidar eu com tanta carestia de ministros sacerdotes, pois apenas ha um parochio, e quando muito, algum clérigo volante, que só attende aos seus contractos mercantis, em que anda ou vai passando, dar vasão ás confissões, sem ao menos um companheiro fixo. E isto é o que mais sinto, vendo as numerosas tropas penitentes, e nem se quer um par de sacerdotes sacrificados a essa occupação. E que importaria levantar numerosas caças, faltando quem as mate, e logre no ultimo tiro a fortuna dos passos, para que ainda por via de exercicios, me dilato nos mesmos, e em cada bollada de exercicios, quinze ou vinte dias na mesma paragem. Indo os primeiros oito dias com aquella tesidão que pede semelhante materia. E no restante, indo mais a larga, para me ficar mais tempo para o despacho das confissões; por um dia poderá Vossa Revm. regular os mais, avaliando o que nelles faço, nos primeiros oito ou nove, e outro dia no restante, e por esta verá Vossa Revm. toda á téla; pois o tempo sempre vai medido. Logo ao romper do dia, depois de todos visita-

doutor, e muito recommendada para que aprisionassem qualquer gente indiana, que achasse: pareceu-lhe boa a occasião para executar o que se lhe tinha ordenado; quiz prender o dito meirinho com a gente que levava, mas como o meirinho não se quiz entregar, se poz em defenza, mas custou-lhe a vida, e a mais dous Indios novos que alli ficaram mortos á tiro; a demais gente ficou captiva, sem lhe valerem ás mulheres os seus clamores, de que erão vassallas de el-rei, nem os filhos o dizerem que já erão baptisados, nem aos mais Indios novos clamarem, que erão assistentes em Arucará, que tinham sabido dos matos para servirem a el-rei, e aos Portuguezes.

A' sobredita aldêa chegou um Miguel Duarte, cabo de uma das canôas do capitão-mór de Gurupá, creado do governador, e com elle outros mais, derão busca nas casas, e como não achassem mais que um doente deitado na sua rede, pegarão nelle, e o levirão para a canôa; acudio o Padre pedindo-lhe de joelhos, que pelo amor de Deos deixassem aquelle pobre Indio, que era christão, que estava mais para morrer, do que para trabalhar; nenhuma compaixão causou no coração do dito Miguel Duarte, nem a enfermidade do Indio, nem a humildade do dito Padre; despedio o Padre descompondo-o com palavras injuriosas, e levou o Indio para a canôa; aqui lhe fez varias promessas, das quaes nenhuma depois cumprio, se lhes descobrissem onde estavam alguns Indios; nimbustou-lhe, que em uma roça estavam uns novos, que ha pouco se tinham descido do Rio Magué; chegou á roça, mas os Indios puderão fugir, e foi só apanhado um enfermo e um velho, que levirão para a canôa a fazer companhia ao outro, que tinha sido descobridor da tal roça.

Quasi com a mesma compaixão se houve na mesma aldêa um José Leitão, que por ter ja atirado á espingarda em um missionario, e nem por isso ter sido castigado, não é crível a arrogancia, com que entrava nas aldêas, e pouco respeito e descomposições, com que tratava os missionarios; já agora por cabo de um canôa do secretario de Estado, encontrou no lago da dita aldêa, seis Indias em duas cunhinas, mettu-as em um tronco, tirou os fechos das espingardas, e anegando-as que lhes havia de metter os dedos nelles, as

rem á bellissima imagem da Senhora, e o Santissimo que alli se acha no Sacrario, se lê meia hora de lição espiritual : logo uma hora de oração, que para mim é vocal, e para os assistentes mental, e por fim o quarto de exame sobre o que se meditou, de sorte, que alli vão consumidas uma hora e trez quartos, segue-se á missa depois de um pouco de allivio da cabeça. Antes de jantar se levão duas horas, uma de exame pratico, isto é *circa mores*, que vai por via da pratica, e em materias mui *praticas*, e são as de maior proveito, e por fim, um pouco de lição espiritual conducente a segunda hora de oração, que se faz como a da manhã, para desta sorte saberem ter oração, em que por meios dos exercicios, ficão destros. A' tarde lá mais inclinante para a noite, se segue outras duas horas : os primeiros trez quartos em exame pratico, um quarto de lição conducente á meditação, e logo trez quartos de oração como acima digo, para mim vocal, e para elles mental ; porque assim sahem destros em meditar : o ultimo quarto que sempre passa, se expõem o Santissimo, cantando o bemdicto da missão, se faz o colloquio, dá-se com o Santissimo a benção etc. Passado algum allivio para á cabeça, pelas sete horas da noite, se canta o terço da Senhora diante della, que dá fim : proponho á meditação, eahi me alargo em abri-la; porque sempre então chegão gentes, que não são de exercicios ; porque occupadas em trabalhos, e serve-lhe pela minha experiencia muito melhor, que um bem caldeado sermão. Porque as meditações ou materias dos exercicios, são só da primeira semana, guiando-me pelas regras do nosso santo Padre e instituto. Um quarto de exame geral para tam-

havia de atormentar cruelmente, se lhe não confessassem e descobrissem o lugar onde houvessem alguns Indios.

Clamavão as Indias que não podião dizer o que não sabião, mas que o levarião pelas roças, e nellas viria se os achava: accitou a condição, e andando de roça em roça roubando o que achava, como só em uma achassem um pobre aleijado, vendo que lhe não servia, a deixou cheio de bofetadas, e deixarão finalmente as Indias, depois de lhe roubarem o pouco que trazião nas suas canôinhas, por paga do serviço que lhes tinham feito.

Não se referem outros innum raveis casos, por evitar a demasiada extensão deste papel, parecendo sufficiente o que fica dito, para se entender o mais, que se não diz ; e por isso se deixa de nomear os que chegarão a lançar os trancados aos pescoços dos missionarios ; os que lhe puzerão as pistoles aos peitos, os que até das igrejas, chegarão a tirar os Indios, levando-as presos para as canôas, e os que fizerão desaforos tão sem vergonha, nem pejo, que só entre brutos se farião. Ficando finalmente os missionarios sós nas aldeas, sem official algum, sem sacristão, sem sangrador, nem barbeiro, e sem quem lhes fosse caçar, nem pescar para se poderem sustentar, vendo-se obrigados a passar de pescadores de almas, a pescadores de peixes, acompanhados de algumas crianças, que por incapazes do serviço tinham ficado nas aldeas ; vendo-se obrigados a fazerem o officio de cavadores, abrindo as covas, quando morria alguma India para a enterrarem, com as outras Indias ; vendo-se obrigados a pegarem em um remo ajudados das ditas crianças, para passarem em uma canoinha a outras aldeas da sua administração, ou para se irem confessar com outro missionario.

De todo o sobredito, que fica representado, não pretendem, nem requerem os ditos missionarios castigo algum, nem que por sua causa se faça mal a alguém, por saberem ser proprio do seu instituto soffrerem, e padecerem todo o genero de affrontas e injurias, e todos os trabalhos e perseguições, e que por isso devem dar muitas graças a Deos, por lhes dar esta occasião de se parecerem com Christo Nosso Senhor, e com seus apostolos ; mas porque tudo o que os Portuguezes têm obrado este anno, resulta em damno das almas; desserviço de Deos, da fã catholica, de Vossa Magestade e do mesmo Estado, facilmente

bem ficar. E o certo é, que tudo isto pega ; os tempos que ficão entre meio têm apostillas por livros expirituaes, alguns bocados, e o mais em tratar das suas confissões. Eis aqui, por este dia podem-se saber os primeiros oito, pois sempre vai o mesmo, no restante do que chamo, vai mais a larga, e que vai com enganos santos levão exercicios : pois de manhã tem oração já por si, emfim, sempre já em exames practicos, que prosigo, já em lição espiritual, já em oração, que vai entremeada umas vezes para mim vocal, e para elles mental ; outras para mim e para elles mental : exposição do Santo Terço, propôr de meditação para outro dia, lada'nha, exame geral por um quarto : vão-se as quatro horas honradamente. Donde posto que digo, o restante depois dos primeiros oito dias, são sempre exercicios com certos enganos santos, já condindo-me desta sorte, já daquella, conforme Deos me ajuda : elles se contentão, e eu muito mais pelo que experimentão de melhoramento nas suas almas. Por aqui se pôde ver toda a tela dos meus ministerios: é um mixto de missão e exercicios que eu lhe acho muita conta, sem se enfadarem : elevão-se da formosura da Senhora, da assistencia do Santissimo, e andão á porfia, dando-se por bem afortunados o terem a boa sorte que sejão na sua casa, a que concorrem os vizinhos assistindo-lhe aos que vêm com todo o necessario pois sempre ainda que sejão vizinhos são de vinte, e trinta leguas muitas vezes ; e sem duvida me dá muita e muita consolação ver o quanto conceito tem feito deste modo da missão, e desconso-la-me muito anlar tão de vagar, porém não lhe uso cousas delicadas ; por que a experiencia me tem ensi-

se não poderá conservar sem aldéas de Indios, e como todo o sobredito tenham representado ao governador e capitão-general do Estado, e este lhe não tenha dado remedio algum, por ser a causa e origem pelas licenças, e liberdade, que concedeu contra as leis de Vossa Magestade, e mostra continuar na mesma fôrma, em todo o tempo do seu governo, ficando desta sorte inuteis para o exercicio dos seus ministerios, para fazerem fructo algum nos Indios já reduzidos, nem possam reduzir outros dos matos, que é o fim para que forão de Portugal aquellas terras, e o fim unico pelo qual Vossa Magestade os mandou: portanto, pedem a Vossa Magestade, que na consideração do que fica referido e ponderada a impossibilidade, em que ficão, de exercitarem os seus ministerios em razão de se não observarem as leis de Vossa Magestade, e de o governador mandar ordens, e conceder licenças contra ellas, seja servido determinar delles missionarios, o que fôr de maior serviço de Deos, e de Vossa Magestade, em qualquer parte dos seus dominios para onde estão promptissimos a ir, como quem não quer outra coisa mais, que o que fôr serviço de Deos, e de Vossa Magestade, conformando-se em tudo com o que fôr do seu real agrado.

CÓPIA DE UMA CARTA QUE O PROVEDOR FELIX GOMES DE FIGUEIREDO, ESCRVEU A EL-REI, CONTRA A COMPANHIA.

A requerimento do procurador da corôa e fazenda desta Capitania, mandei notificar aos capitães dos navios, e contractadores dos dizimos reais ; a estes, para que não consentissem despagos das religiões, que devião pagar dizimo neste Estado: como são os Revs. Padres da Companhia, Carmo, e Mercês, sem que primeiro pagassem o dizimo do que quizessem embarcar ; e aquelles para que não consentissem que as ditas religiões mettessem a bordo nenhum dos ditos generos, sem que primeiro lhes constasse tinham satisfeito aos contractadores dos dizimos o que deversem pagar, do que quizessem metter a bordo.

No mesmo dia desta determinação, me veio fallar o Rev. Padre procurador da Companhia de Jesus, e este me apresentou um despacho de certa quantia de cacão, a qual

nado que as cousas claras e conforme me occorrem são, as que mais fructos fazem, assim que o emprego do tempo nenhum se me vai em estudo mais que em semear, colher, e segar sem esperar pausas nem dispendio de tempo, antes ser necessario não o occupar em alguma outra cousa. Nestes poucos mezes se tem dado nove para dez boladas de exercicios, pelo modo seguinte: vou pelas contas das freguezias, porque como mais distantes, nunca tiverão estas levas espirituaes; poucas pela distancia, e haverem sempre de ficar, para não entregar ao desamparo as suas casas, e fazendas, tem ouvido as missões do grande Padre missionario Malagrida, e dous nossos de Pernambuco, não lhes sei os nomes, e da missão do Sr. Bispo. Assim que eu vou andando atraz de tantos segadores, ajuntando como Ruth as espigas pela minha pobreza, ineptidão, e desamparo de companheiro, não ato molhos, ajunto espigas. E o ponto é que todos os querem, e me desatinão para os seus cantos.

Neste modo de exercicios, o menor fructo é o de confissões, ainda geraes, pelo que vejo e experimento mais á reforma de vida, ficarem com a oração mental, terço cantado ou resado á côros nas suas casas, quando são poucos para o cantarem a côro: porque, por um aranzel reduzido a brevissimos pontos conducentes as obrigações de christãos, e pais de familias lhes ficão os fechos de uma vida ajustada para si, e para suas familias, de ensinarem a doutrina, segundo a penuria que ha de sacerdotes. Este papelinho, se tira cada um com toda a solemnidade, diante de um Menino Jesus que trago, lendo as mil maravilhas, e ornado com o

já tinha passado pelos contractadores e rendeiros dos dizimos: e estes declarão nelle, que sómente tinham manifestado, e não pago o dizimo, pela provisão que tinham de Vossa Magestade, que sendo visto por mim, e ex-vi do requerimento, que me tinha feito o procurador da real fazenda, lhe deferi, me apresentassem a provisão ou alvará que tinham de Vossa Magestade, em que os isentassem de pagar o dizimo dos generos que embarcassem deste Estado para o reino, de cujo referimento se alterou o Padre procurador que, o que se pagava neste Estado, erão direitos, e não dizimos, e que a provisão que tinham era para não pagarem direitos, a qual lhe devia valer para não pagarem estes direitos, a que querião chamar dizimos, e que se com effeito fossem dizimos, e não direitos, estarião obrigados os carregadores a restituição, como os outros mais dizimos, porém que como erão direitos estavam livres daquella restituição.

Confesso, Senhor, que muito me perturbou ouvir as forças com que o Rev. Padre queria fazer bom o seu augmento, ao qual sómente respondi, que como os carregadores achavão aquella opinião da sua parte padereria tanto o contracto e rendeiros dos dizimos de Vossa Magestade, pois assim como davão exemplo aos moradores desta terra para não pagarem dizimo, do que nas suas fazendas fabricão, por elles ditos religiosos os não quererem pagar das muitas fazendas que em nesta Capitania, razão porque a renda dos dizimos da terra não passa de render 6000\$, sendo esta que em algum tempo avultava mais que nenhuma outra, assim ia tambem ja succedendo com o dizimo do cacão, cravo, e salsa, pois como a facilidade daquella opinião se embarcava muito cacão para o reino, sem pagar dizimo, como succeden o anno passado, pois me constou entrar na casa da India muito perto de ate mil arrobas, algumas das que se tinham despachado, e que se elles ditos Padres conseguissem de Vossa Magestade tão ampla mercê, viria a ficar o seu real cont. acto e renda dos dizimos em tal diminuição, que não haveria quem quizesse lançar nelle, sem que fosse com abatemento de cincoenta ou sessenta mil cruzados: a esta resposta quiz ainda o Rev. religioso instar, e me obrigou a dizer-lhe, que Vossa Magestade me tinha mandado para cuidar na arrecadação de sua real fazenda, e administrar justiça, e dar a cada um o que fosse seu; e assim não era justo, que se tirasse a Vossa

seu ourosinho, diante do Santissimo, como fazia na Madre de Deos, e da Virgem Senhora, que me acompanhava nos exercicios, que vai por ella entrando nos corações de cada um visivel, e palpavel fervor *circumdata varietate magestate et decore*. Isto se faz com toda a solemnidade, em remate de tudo, e no dia da communhão geral de tarde, depois de ter exposto o Santissimo, no triduo da renovação.

O concurso de cada uma destas boladas de exercicios mixtos, com missão, nunca podia numerar ao certo; porque ainda que me queria restringir a trinta até quarenta por me não fazerem demasiado pezo as confissões especialmente quando não tenho quem me ajude, nunca me acho só com o numero premeditado, e sempre são de mais na maior parte delles. E quer esteja dando exercicios, quer vá de viagem, sempre para mim é o mesmo no que pertence ao expedir confissões: rarissima e contada tem sido a noite em que não tenha tido destas importunações santas: e ainda que me queira negar, quando é fóra das occasiões de exercicios pelo temor de que talvez não venhão apparelhados, já pela fama divulgada dos exercicios e missionarios, apparecem confissões geraes, e particulares, que muito me deixão satisfeito.

Até aos 6 de Junho que acima digo, em que rematei a ultima bolada de exercicios (por que o que dali vai até os 15 de Julho em que me acho, forão para umas cem leguas de viagem, que vim fazendo até estes Pastos Bons) terão tomado exercicios umas quinhentas pessoas, com pouca differença de todos os estados, e sexo: além de outras que vinhão pelo meio,

Magestade o que justamente se lhe devia, e que a mim se me não dava nada delles, nem de outra alguma pessoa, pois para ser pobre não necessitava de ninguém, e que me não enfadava deo ser, e me contentava com o que tinha, e Vossa Magestade me dava, e assim que se tivessem justiça, lhe havia deferir.

Com esta resposta se foi embora o dito religioso, deixando-me com effeito magoadado, e considerando na opinião tão errada, que estes religiosos seguem, pois olhão mais para a sua conveniencia propria, do que para a sua consciencia; pois não sómente estão usurpando a Vossa Magestade o que tão justamente se lhes deve, mas tambem concorrendo para que os outros sigão a sua mesma opinião; a qual elles seguem conforme, para o que lhes faz conta; pois nas causas dos dizimos, porque lhe servia para allegarem, que a sentença preferida ha dezoito annos a esta parte estava nulla, pela carencia de jurisdicção, por serem bens espirituaes; e como virão que esta allegação não foi recebida, por que entendi, que este juizo da fazenda de Vossa Magestade, era juizo competente para se tomar conhecimento de semelhantes causas, e mandei continuar as causas seus termos, e em virtude delles, é que o procurador da fazenda e corôa de Vossa Magestade, fez o requerimento de que acima faço menção, e se virão obrigados a dar satisfação delle, em tal caso já lhe teve conta o contrario, do que então querião, para acharem a seu favor a provisão, que dizião ter de Vossa Magestade, para não pagarem direitos, e assim já não erão bens espirituaes.

Depois de alguns dias me trouxerão um requerimento, que fizeram ao governador e capitão-general do Estado, no qual se queixavão ao dito governador, dizendo, que o provedor lhe queria fazer violencia, obrigand-o a pagar direitos ou dizimos, não sendo elles ditos religiosos obrigados a pagarem os taes direitos, o que mostravão por uma doação, que lhe fez o Sr. rei D. Sebastião, na qual lhe dá livre, todos os direitos que houvessem do que embarcassem em todas as alfandegas e casas de despachos, e o dito requerimento vinha despachado pelo dito governador, mandando que, fazendo o Rev. reitor do collegio da Companhia, termo de se obrigar em apresentar ordem de Vossa Magestade, para que os absolve de pagarem dizimos, ou direitos nos primeiros navios, que viessem dessa ci-

e confins, sempre participarão, e varias vezes admirou o fructo que sempre colherão. Não posso saber o numero de confissões, fallando só da minha parte, e só das necessarias geraes, arbitro em mais de trezentas, sem fallar das outras ordinarias, tambem geraes, e não são necessarias nas que ouvirão outras; porque em algumas holadas tive companheiro sacerdote, ainda que fosse um ou dois. Se eu tivesse cem ouvidos, todos terião em que se occupar, e não conteria a cem, mas a millhões. Nas que digo geraes necessarias de toda a vida, para se calarem peccados, estando aquartelados no mais fundo do coração, estes bellos hospedes apostados a não darent as mãos, nem ainda a missão ordinaria. A volta dos que tomarão exercicios como assignados, entrarão outros muitos que vem a expedir as suas confissões, e se bem preparados a esperar muito tempo, mas tambem tho aproveita o irem desconsolados, não podendo jámais esperar, e ficando eu ainda mais por ver que algumas vezes as fructas estavam maduras.

Fizerão-se varios casamentos; rivalidarão se e derão-se algumas dispensas publicas, recorrendo ainda a epiqueia: por em mim se acharem todos os poderes legaes ordinarios, como extraordinarios; umas terceiras dispensas publicas, duas acerca da validação dos matrimonios e outra dellas separadas publicamente, e a terceira bem difficilissima, mas

dade para este Estado, se deitassem embatear os taes religiosos todos os generos, que mandassem para o reino, na fórma que até o presente se praticava, em cumprimento do qual, mandei fazer termo, na fórma do despacho do dito general, e somente accrescentei que a tal obrigação fosse de apresentar ordem de Vossa Magestade, em que mandasse, não fossem obrigados a pagar dizimos, aliás pagarem tudo o que importasse, o que agora devião satisfazer, para o que obrigarião uma de suas fazendas, e que deste termo se não poderia seguir prejuizo algum a execução das causas, que se achavão pendentes neste juizo, sobre a mesma materia dos dizimos, a cujo mandato meu, fizêão nova replicação ao dito governador, dizendo nella, que eu continuava em lhe fazer violencia, e tambem não dava cumprimento ao seu despacho, a qual replica, tornou a mandar o governador se executasse o seu despacho, sem que este podesse servir de exemplo para se não executarem as sentenças, que sobre aquella materia se tinhão dado; e como o que tinha alterado era em os obrigar a hypothecarem fazenda a dita obrigação, mandei fazer o dito termo na fórma dos ditos despachos, sem que obrigassem fazenda alguma, cujo requerimento e despacho remetto por cópia, para Vossa Magestade ver.

Exm. Sr. — Offerece a V. Ex. José Vidigal da Companhia de Jesus, vice-provincial neste Estado, este papel apologetico, ou contrariedade ao libello infamatorio, que deste Estado se mandou pôr na presença de Sua Magestade pelo seu conselho ultramarino, contra a Companhia desta vice-provincia, pelo que V. Ex., como christianissimo e recatissimo, se digne dizer por attestação, ou na fórma que for servido, o que sente na materia.

Despacho. Informe o procurador-mór da fazenda. Belem 21 de Setembro de 1733.

Exm. Sr. — Quando estive no Maranhão servindo de provedor da fazenda daquelle Capitania, soube que o governador João da Maia da Gama, havia dado de sesmaria as referidas terras aos Indios Tremembés, e que dellas se havia feito demarcação, dentro da qual ficarão os referidos intrusos, e a estes mandou lançar fora o dito governador, o qual se não effectuou, pelas razões apontadas na apologia junta. Acabou João da Maia da Gama, entrou a governar o seu successor, juntamente com elle os aureos e embaracos de João Pestana de Tavora, que arditosamente fez suspender a execução de tantas ordens, quantas vierão para a expulsão daquelles homens, que mais com o poder de regulo, do que com observancia das leis, querião conservar o que não era seu.

Neste debate andou todo o tempo que assisti naquelle lugar o Rev. Padre João Travares, primeiro missionario daquelles Indios, e a quem pelos haver aldeado, desejava conservar livres das oppresses daquelles regulo, e não havendo dia, em que aquelle

pesava mais á mancebia de tantos annos publica, sem se poder desfazer como dizia; e só por essa via ficou remediada essa necessidade.

Pelos doces cordeis deste modo de missionar, já nestas, já naquellas destrezas proprias de semelhantes occupaões, se tem extinguido varias mancebias; deixando trez e quatro etc., vencendo o fervor dos enfermos, bem amargosas e difficultosas purgas para sua saude eterna. Não me é licito individuar todas; mas sou testemunha destes doces cambios, e ro-cambios, e não raros como no dia de S. João, que se vê uma vez ao anno. No que pertence a inimizades, vez houve em que *simul* com certa mancebia publica, e outros mais desarranjos bem melindrosos, se evitarão se bem me lembra, quatro ou cinco mortes já forjadas e a pique, por certas diabruras que muito se não podem explicar individualmente. O que vi, foi certamente ter Deos guiado por aquella vinda o meu caminho de exercicios, que o não lhe armar a Divina Providencia este reparo, sem duvida se executarião: nem eu mesmo lhe pude descobrir outro furo: tudo pôrém se compoz com todos os complices, tyrannos occultos de uns para os outros, por se acharem na occasião, e virem fazer suas confissões geraes comigo. Pouco fumo e breve chama apparecia fóra (verdade é, que o que

religioso, não fizesse diligencia para effectuar o seu intento, nunca o pôde conseguir, por que achou sempre fechados os ouvidos do governador Alexandre de Sousa Freire, para attender aos seus justificados requerimentos, e agora pelo que contém este papel, vejo que ainda dura a mesma contenda, que não ha menos de sete para oito annos que teve principio.

E' para admirar o que estes religiosos têm passado, por conta da referida terra, pelo que lhe tem arguido de ambiciosos, afeando-lhe a possessão della pelos dizimos, que deixão de pagar; mas perguntára eu aos caquadrónistas destas miudezas, quaes dizimos serão maiores: se os que poderião render estas quatro leguas de terra, que possuem estes Indios, se os que se pagão das muitas, de que compoem os muitos districtos das aldeas altas, que se communicão com as minas, as ribeiras de Itapicurú: os campos de Miarim e os dilatadissimos de Iguará, a quem os Revs. Padres têm desinfestado do Gentio, que as invadião, pondo-os com a doutrina evangelica, socegados e quietos, de sorte que se achão hoje todos povoadissimos de fazendas de gados, que dão muitos dizimos a el-rei, aldeando juntamente os Cabicabis, introduzindo missionarios nas aldeas dos Barbados, cuja nação era o horror daquelles sertões, estando hoje tão domesticos os ditos Indios, que servem, ha já mais de dous annos, aos moradores do Miarim; de sorte que compensados os dizimos que nas mencionadas terras pagão a Sua Magestade, com os que deixão de pagar as quatro leguas da Tototy, não vão meos que a differença dos fructos, que podem dar quatro leguas, aos que dão em gados mais de cem, que os Revs. Padres fizerão produzir com o seu fervor espirital, fazendo que se podessem fabricar as terras, onde não podia chegar ninguem, pela bardaridade, que as pousava; e assim por estas razões, como pela infinitas obrigações que têm os moradores deste Estado á Companhia, me parece escandaloso o procedimento que têm de se queizarem a Sua Magestade com as suas proposições fantasticas, mais merecedoras de castigo, para quem as representa, do que de attenção para se fazer caso dellas; e concluo em dizer a V. Ex., que são os Revs. Padres em toda a parte do mundo, o mimo das côrtes, e veneração do universo, e que só neste Estado se lhe quer eclipsar o luzido e incomparavel procedimento com que souberão e sabem edificar as religiões mais perfeitas, e empregar-se no zelo de Deos, e bem destes novos, e se fazem digno: de que Sua Magestade attenda muito ao seu merecimento.

Batem do Pará, 23 de Setembro de 1733.

E tu lo o mais julgo se r veridico, quanto coutem a apologia junta, dia, era, ut supra. —
Mathias da Costa e Sousa.

se publicava, era de máo humor) ficando quasi tudo em minas occulto, resolvido á rebentar. Nem eu sabia, posto que fui avisado do que em *parva seintila* apparecia de fóra desta andada mais do que depuzerão arrependidos. Outras mais inimizades se compuzerão, e entre estas uma a que ao tempo dos exercicios não se encontrára, já tinham contractado aos executores assassinos a quantia, para a execução de uma morte. Deixo outras que por communs não podem fazer mais vulto que ordinario.

Mas de consolação foi para mim á confissão, e volta para Deos, de um desgraçado que por digno de maior attenção, e não trivial, me deixou as especies mais vivas, e tambem me ficou servindo de ensino a ter ainda maior veneração do que a ordinaria christã e religiosa, principalmente aos Sacramentos e Sacramentaes. Em muitos annos teve este desgraçado pacto expresso com o diabo, a quem servia por via como familiar, debaixo de uma prenda como bolsa viva, que immediatamente tinha recebido da mão do mesmo diabo. Uma vida toda devassissima, ao principio de sua vida se tinha achado este em certas oppressões, e procurava a boa sorte que por outros termos gentilmente se chama a fortuna, por via de um mestraço que fallava com o diabo os *ad os vero* tambem este desgraçado á ser admittido a seu familiar. Deu-lhe este mestraço as regras de tudo o que havia de fazer, para ser admittido á boa sorte e fortuna, em que lugar havia de invocar o diabo: como lhe havia de fallar, e pedir a sua boa sorte, ficar seu amigo, e familiar. Por boa sorte, entendia este miseravel lograr valentias, bens e satisfações de luxuria, ouvidas as regras do mestraço só, e sem outra companhia, se foi o discipulo, desejoso e pacto com o diabo á tal paragem como o enviava seu mestre, fez invocação pelo diabo: logo se lhe fizerão contradicções não só um, mas muitos, e se travou uma desaforada briga entre o novo pretendente e os demonios, que era o enaio para as valentias. Achou-se logo em uma grandissima mesa, chamada a da boa sorte, cujos assistentes ainda que mui galhardos, erão os demonios lhe perguntarão os do banquete, se queria ser seu amigo para tambem o sentarem á mesa naquella abundantissimo banquete de iguarias ao seu parecer exquisitissimas, e delicadas: respondeu que sim... só o novo candidato guiado pelas regras que lhe tinha dado o seu mestre, que só o aprecaou e dirigio, mas não o acompanhou. Entre as mais cousas lhe mandou o mestre, que levasse um pedaço de pão; mas que visse bem que quando fosse á comer, não deixasse pegar nelle, porque se lh'o tirassem o arrebatarião os demonios, e o tratarião muito mal, que não se mettesse muito nas iguarias, e que fosse sempre comendo do seu pão. Perguntou-lhe o presidente da mesa que os buscava, se queria ser seu amigo: respondeu intrepidamente que sim, que buscava a boa sorte, e queria ser seu amigo. Disse-lhe o demonio que lhe daria tudo ao tom de sua vontade, com tanto que lhe havia dar a alma, e outras condições, que lhe apontaria por tantos annos. Intrepido respondeu que sim, a troco da boa sorte: replicou-lhe o maioral da mesa, que visse lá o não enganasse? respondeu o candidato, que de nenhum modo, só para ter a boa sorte. Poz-lhe por condição

o demonio que havia de renegar da fé : respondeu que sim, que havia de renegar daquelle mão *Homem*, daquelle má *Mulher*, que veneravão aquelles homens que entravão nas igrejas : por este desdem diabolico, dava a entender a Jesus Christo, e a Virgem Santissima. Foi aceitando as diabolicas condigões, que não havia de usar naquelles tantos annos daquelle *massa branca*, que os que tinham corda na cabeça mostravão. Não se atrevia o diabo a nomear a Jesus, e Maria, e ao Santissimo Sacramento, a tudo avançou o desgraçado, que não havia de adorar a essa *massa branca*, nem havia bater nos peitos, que se não havia de confessar de sorte alguma por tantos annos. Passava dos Sacramentos aos Sacramentaes, com agua benta, etc., que a não havia de botar na cabeça, senão no chão, que se não havia de tocar com ella, que não havia de ouvir missa, embora fosse á igreja, não estou certo, se era que tambem nesse tempo não havia de estar de joelhos, que assim teria a boa sorte dos seus amigos, que erão felicidades quantas pedisse a seu gosto, para o que lhe daria uma prenda para tudo o que por ella pedisse tudo teria. Ao que não avançará uma alma deixada de Deos, e na nossa natureza corrupta !.... A tudo respondeu que sim, só não estou certo, porque como não lancei logo á lembrança para toda a tela, não posso dizer se quando lhe forão condicionando por filho de má *Mulher*, se tambem deu por de ávante, cuidou dissera que sim, ainda que sem intenção, dentro no que pertencia á Nossa Senhora, no mais a foi apostatar da fé *in integrum*.

Assim proseguia o regente da mesa, visto querer ser nosso amigo, sentar-se-lhe á mesa da boa sorte comoosco. Sentou-se á mesa *in specie* de exquisitos manjares, e dos bellos banqueteantes *in specie*, fidalgos e senhores mui honrados, começou cada um a comer das viandas, e o novo admitido tambem comeu, mas sempre com o cuidado no pão que levava, que não faltou muito (como elle dizia), que lhe não arrebatassem das mãos. Tendo-se chegado para o fim do banquete que era a mesa da boa sorte, como me explicára o arrependido penitente, reparou que se ia virando toda a scena, e que os convidados roíão cada um em seu osso de defunto, e elle porém com o seu pedaço de pão na mão. Nestas andadas, adorou ao demonio : posto que me dizia, nunca deixou de reconhecer em Deos a divindade que só cuida, a esta ultima desgraça não chegou o seu diabolico coração. Disserrão-lhe os demonios :

E entre elles o maioral, que escolhesse a sua boa sorte, de entre as que viessem no pacto da boa sorte. Foi trazida logo uma enorme taça na *grandeza*, á maneira de uma grande facha de engano, cheia de bolsas formosissimas, e de mil variedades. Indo pôr a mão o moel amigo do diabo já graduado doutor na sua familiaridade; eis que se trocãõ todas as bolsas em pintos, mas saltando tão ligeiros, que lhe custou muito ao graduado doutor a ferrar um que logo se trocou em bolsa, que teve por annos, que expressamente fallou com o diabo. Era esta bolsa como viva, pedia-lhe e trazia-lhe logo uma porção de ouro em pó, e logo que pedia o que he era necessario, achava-se de repente na mão, ainda com folheas e grãos, segundo a sua medida, e isto para cada dia. Queria entrar este

desgraçado, como com effeito entrava, na sustentação da sua luxuria, e carnalidades em casa de qualquer mulher má, ainda que esta nunca o conhecesse: e ainda que estivesse com mancebo, já este se levantava do lado da manceba, e sem dizer nada, se ia embora, dava lugar, e ficava só o familiar desgraçado do diabo senhor da presa, sem ella repugnar á cousa, e não se terem fallado antes para isso, como se fôsse sua manceba propria de tantos e tantos annos, e que muito o amasse. Com isto da sua bolsa como viva, fez maravilhas, e querendo-me eu certificar e individuar, disse-me o já arrependido penitente, que por varias vezes se forão embora do lado das mancebas, apenas elle entrava sem achar impedimento em portas ou fechaduras, nem alguém o sentir mais que, o que se ia embora, fazer-lhe venia, e deixa-lo, etc., porque a volta do pacto com a sua bolsa que parecia oraculo vivo, lhe tinha dito o diabo que lograria as mulheres que quizesse. Não passou a individuar das santas e honradas, que destas nada havia, assim foi sempre, e era a sua vida estagadissima.

Outra occasião, creio ser esta a primeira vez que chamando pelo diabo no meio de um campo, este lhe appareceu cavalheiro, vestido ricamente de têla, mas afogueada: outra vez no meio de outro campo, e em terras remotadissimas, uma mulher com quem offendeu a Deos, sem mais repugnancia, que entregar-se-lhe, e sendo mui descampado, a poucos passos não a vio mais, depois cuido já ter assomado a bolsa, mas nunca confessado. Quebrou depois de annos, e antes de ter acabado o numero que lhe tinha posto o diabo, algumas das condições infernaes aceitas, e por annos executadas, mas sempre proseguio em maldades, e até estes pontos sem se descobrir na confissão. Agora já era impotente ha annos, e ainda tinha umas seis mancebas entre casadas, e solteiras, as quaes lhe ião á casa, e actualmente usava até os pontos dos exercicios de todas as enormidades que se podem excogitar, menos a sua impotencia. Não é crível explicar os excessos vellhissimos, em todas as maldades e doutorasso.... Querem lo seguir nova carreira nas ultimas portas da vida tão diabolica, com o seu arrepenimento e conhecimento das suas maldades e diabruras, veja que bello anjo aos pés de um confessor: menos o seu arrependimento que a este bello presente o fazia suave, e que não dera por bem empregadas todas as suas fadigas, só por este bem afortunadissimo tiro.

Passou aquelles annos de sua viva familiaridade, sem se confessar de nenhuma sorte, e ao diante repetir sacrilegios tantas quantas erão as confissões, e communhões. Admiravel infinitamente, e infinitamente adoravel a paciencia de um Deos: nunca se tinha atrevido a vomitar o veneno esta serpente de mil roscas e milhões de voltas; não cuido que fazia conta menos que ouvindo os exercicios mixtos de missão, forão estes a brecha mina, e caminho occulto para reduzir a este miseravel a graça, donde esteve toda a sua fortuna em se abrir a ella.

Não mereceu esta fortuna outro mais desgraçado amancebado, a quem o torcido de uma destas boladas de exercicios, em que estava, antes de se chegar o fim da funcção, experimentou o evidente castigo, e lhe servio quanto ao que se pôde conjecturar, de estar agora condemnado pela desas-

trada morte com que rematou a vida. Achava-se este homem nos exercicios, quando ao terceiro dia se vai delles para casa, que era dahi a duas leguas, em uma fazenda onde havia annos estava ao quarto. Com elle foi outro seu companheiro, que tambem junto com elle lucrava na mesma fazenda. Disserão-lhe alguns dos que estavam assistindo a este morto de missão, Sr. Fulano, porque se vai sem primeiro se confessar? respondeu que não fazia tenção de se confessar. Foi tambem com elle outro seu companheiro, mas dizem, e como na verdade era, para voltar logo: sobre o cavallo em que este segundo houvera de voltar, altercão questões chegando á casa, pois eu governo, mas você não governa, etc., e fica morto desastradamente no meio do terreiro, o que se tinha ido dos exercicios sem tenção de voltar, nem se confessar, porque o companheiro depois de lhe ter dado no que morreu com um pão na cabeça, dizem que foi pelo morto arremetter com uma faca, o acabou; dando-lhe com um machado nos peitos sem mais confissão, nem acto de christão, e isto na manhã do dia seguinte, á tarde em que se foi. Ficava a manceba do morto em exercicios, e era uma mulher casada, que havia annos estava ausente de seu marido, em casa do morto publicamente, e tinha ido para exercicios á buscar o remedio de sua alma, com resolução de se tirar do fundo das suas misérias e escandalos. Agora com a morte desastrada do mancebo que tinha diante dos olhos, acabou os exercicios, e a perecer com a sua má vida. O matador tambem ficou perdido, e se foi fugindo: verdugos uns para os outros, porque tambem dizem que vivião de *communias* vezes com a *socia*. O certo é, que aqui apartou a mão de Deos a esta miseravel, tomando por sua conta desfazer *in puncto* um castello de escandalos, e esse de annos. A ida dos exercicios destes dous miseraveis lhe servio de tantos infortunios, para que deixar estas conductas que Deos manda, e despreza-las não fazendo caso, costuma Deos castigar, e sahir a espera pelo seu credito.

De grande consolação foi para mim a volta de outro que parecia tinha nascido para embrulhadas, com varias inimizades, e se me figurava um touro, que nos exercicios veio a ficar um mansinho cordeiro, procurando sahir logo de todos os embarços, além de revogar logo uma morte, para a qual tinha já despachado á semana seguinte, archeiros para a executar em pessoa bem grave, e com os exercicios ficou tudo revogado, e a consorte por ser casada, não necessitava de menos; davão-se ambos os parabens, e á Virgem Senhora pela sua boa fortuna, pois á sua viuda aos exercicios foi bem acaso, enquanto a sua tenção.

Entre outros, me lembra agora da volta de certo miseravel que, carregava a manceba desastradissimamente por terras alheias, e dando no fundo dos exercicios, a impoz indo elle para um morte, e ella para outro, depois de cada um fazer a sua confissão, deixando-me a consolação deste doce encontro. Tem isto de bem os exercicios para estes cantos que é muito melhor, que nas missões; porque além de a elles assistirem pessoas, que nunca forão, nem ainda á missão, vêm as mãos ambas as presas, tanto em odios communmente, como em mancebias, deixando umas como certe-

zas do seu melhoramento, o que não succede em missões, porque além de não irem por ordem, além dos trafegos, raras vezes se ajuntão; porque se vem um dos enfermos não chega outro, ou lá vai a dar muitas vezes á mão de quem o não sabe dirigir. Só o que me desconsola grandemente é ser arma que corre muito de vagar, e em parte também não faz aquella perspectiva de missão, e estrondo porque me acho só, e as vezes soçolrado, e o maior o não posso declarar, por ir a darem via de Sigillos, a quem nesta parte é tão escrupuloso: é verdade que do estrondo e perspectiva pouco se me dá, excepto no que pertence ao proseguir os ministerios de missão. V. Revm. saiba que o fructo é abundante, e por esta parte ainda que o não possa individuar, muito me consola, os pontos ora sujeitos, ora ajudassem, porque como ando pelos cantos, e longe das matrizes ainda algum sacerdote que apparece lá está perto da igreja, e não se chega para os cantos onde vão os exercicios, acudiindo as partes mais desamparadas.

São incriveis as experiencias que me tem feito fazer este meu modo de exercicios, e grandemente admiraveis em materia de pejo, e calar peccados: aquartelando o demonio e tão fortalecido, que só os exercicios e esses bem avaliados, bem posso certificar que nem missões, nem outro algum ardil tantos podia desaquartelar: dizendo muitas pessoas, e sendo assim como em via, que só esta chave abria o fundo inacessivel a outra qualquer chave. Não é crível este ponto, nem eu o posso encarcerer. Deixo as compridas paginas, que pudera escrever, e não tenho tempo. Grandes sem duvida são as forças desta desastrada paixão, e bem pouco entendida ainda dos confessores veteranos: pois sendo este um ponto que eu trouxe sempre diante dos olhos buscando regras, geitos, etc., cada vez para mim se abre maior fonte. Não basta uma só pergunta, nem se dêem por satisfeitos os ministros de Deos, em que lho digão que não é a primeira, segunda e terceira vez, e muito mais sobre o serem mil. Referirei entre muitos o que me tem succedido: succedeu que em uma funcção, ouvi em uma confissão e pelas circumstancias depois de vadiar em destes fundos me occorreu pedir licença para que se o complice se acertasse a vir confessar poder usar desta sciencia. Deu-se libentissima, antes também se me pediu essa esmola, e parece que o Divino Espirito Santo me suggerio. Quando chega o segundo, e era um certo homem, faz uma confissão geral e necessaria de toda a vida, diz cobras e lagartos, mas não chega a todo o fundo; usei de toda a brandura e destreza, sem querer usar da licença e petição. Até que me foi necessario dizer-lhe a licença que tinha, e só então se abrirão todos os fundos, agradecendo-me a esmola que lhe tinha feito. E não ficavão estes fundos por não advertir nem esquecer. De sorte que muitas e muitas vezes é necessario no fim de tudo dizer que se accuse de vinte, trinta e mais mentiras, e fazer que se tenha dôr destes peccados. E' verdade que estas desgraças é quando não têm chegado verdadeiramente a penetrar os fios deste modo da missão.

Como trago cofre, acompanha sempre os exercicios o Santissimo que muito e muito afervora, dando-se todos os parabens de os terem na sua

casa, feita por aquelles dias igreja de cidade, e vendo-o exposto um dia por outro por algum espaço, assim como nos nossos dias da renovação nos collegios, fazendo uns bellissima perspectiva a Virgem Senhora que me acompanha, e o Santissimo; dando-se mil parabens, e afervorando-se todos. Querendo, que o Santissimo seja alumiado com azeite doce, posto que tem outra materia, dando-se nesta por mais satisfeita a sua devoção, por ser tão raro o azeite doce nestas alturas e custar tanto. Parece que a Virgem Senhora quer consigo a bellissima companhia de Christo Sacramentado; porque não tendo eu turibulo, nem ter meios para o comprar, indo com meu escrupulo expondo-o com aquella maior veneração, que me era possivel por ser esta a alma viva dos exercicios, e para variedade espiritual, entrelando-se com oração mental, vocal e cultos ao Santissimo e a Senhora, derão a Nossa Senhora um cavallo de fama. E ainda que o davão a Senhora, era para servir a minha montaria, para andar com ella applico logo para ajuda de um turibulozinho. Tendo-se-me dado como esta tarde, e a amanhã de manhã appareceu o cavallo no mais alto pico de uma serra talhada, havia-se de voltar para traz, e era necessario para elle ir buscar os caminhos por onde não sei, porque antes tinha subido; pois erão uns cafundos, e quebrados quasi inacessiveis, nem jámais lá forão pastar, nem ainda bois, quanto mais cavallos. Subirão a volta-lo para traz, nem pelos talhados da serra que por ali ha, de nenhuma sorte podia subir pessoa vivente, mas forão buscar os desastrados caminhos por onde o bruto tinha subido: quando o bom do cavallo em vez de voltar para traz começa a ir para diante, e atira consigo do talhado da serra abaixo, de mais altura de sessenta covados de talhado: dando em baixo sobre calhãos desordenados, quebrando pelo meio arvores, que entre os calhãos estavam arruinadas, tudo o-sadura da mesma serra e pico talhado, á vista de muita gente, e quando todos julgavão que lá se tinha feito em mil pedaços o cavallo, o vêm ir correndo de entre toda essa ossada, para um campo, sem ter ao menos uma levissima arranhadura ao menos das arvores, que fez em pedaços. Uma cousa é conta-la, outra é ver a altura, sem quebrar, nem offender pé, nem uiso. Vierão-me chamar, quando ainda estava expedindo penitentes dos exercicios: Padre, milagre de Nossa Senhora, que não quiz que o seu cavallo morresse, ella como seu, tra-lo mui bem forrado. Fizerão experiencia a ver se por dentro ao menos tinha rendido, nada lhe acharão nem de lesão, nem ainda um cabello tirado. Logo se passou para effeito do que eu o tinha applicado, e já o turibulozinho de prata anda comigo, e com a Senhora, servindo aos seus ministerios, e ao Santissimo.

Muita e mais consolação tenho quando venho de passagem, se chegão a mim pessoas que já tomárão os exercicios nas funcões dos outros annos, e acho ainda estarem tão vivos, e intactos os propósitos que fizerão pelos seus papelinhos, como se fosse na primeira semana delles acabados, lendo-os para lhe não esquecerem cada oito dias sem nunca falhar: pois esta diligencia é um ponto do papelinho. E quem dará por mal empregada fadiga tão fructuosa, chegando pessoas embora que... a continuar oração mental como qualquer mais observante Jesuita

e a viverem como anjos em carne. Um destes bastaria para uma pessoa dar por bem empregados os trabalhos de muitos annos. Fica nas casas onde dou exercicios communmente, o cantar-se o terço, e nas casas dos que vêm assistir pelo modo do tempo dos exercicios e missões, e se por acaso em um fallá, pega em tantos.

E quem não dará por bem empregados os seus passos, achar-se com tantos despojos : sirva de exemplo que a individual-os um por um é impossivel, achar-me em uma destas funcções com uma alma de quarenta e mais annos toda a vida solteira, mas a trez e a quatro mancebos indo sobrepondo umas as outras, o peccar não era cada noite uma, duas ou trez, erão dez, quinze, vinte e mais, fazendo os mais desapietados excessos, e sem nunca confessar. Sirva a este de companheiro ainda que nunca de manceba para elle, outra nos mesmos exercicios, que passava de setenta annos, primeira meretriz, ou a primeira má mulher occulta, logo meretriz com os maiores e mais execrandos excessos, passou a casamento, e nunca os botou para fóra : não havia conta no seu peccar, nem tinha numero, nem modo, nem medida, dando taes signaes para se explicar, que ficava eu admirado e incredulo até onde podião chegar tantas forças, até estes pontos em que fazia uma confissão geral necessaria, confessando só quando muito, o que poderia haver em uma pessoa ordinaria, não demasiadamente affecta a carnalidade : querendo passar nos tribunaes da confissão por peccadora ordinaria, ficando todo o de mais por tantos annos, quanto os de sua vida, perdendo em mui tenra idade a graça, de sorte que ao primeiro abrir de olhos, a razão foi a primeira a abril-os para a culpa e desgraça (antes não sei se primeiro para me explicar) sem nunca mais ver a graça até aquelles pontos, em que Deos lhe abriu a alma, e franqueou auxilios opportunos e efficazes : seriam sós estes dous nessa unica bolada, ainda que lhe ajuntasse mais meia duzia, ainda destes já me ficavão mais, e não é exageração, grande numero ficão. A messe é fecunda, faltão soga lores: eu como V. Revm. sabe, sou um pouco atado, e não affavel e raivoso, contudo todos andão as punhadas, que farião se eu tivesse as propriedades que tanto acompanhão entre os nossos, e as poderão empregar tão proveitosamente ! Esta para mim, é das maiores admirações, ser eu tão grosseiro e azedo, sem mais alinhio nas praticas, que o que me vem naturalmente, e gostarem dos meus desalinhos, e achar eu fazerem fructo, tanto assim, que muitas e muitas vezes me envergonho, olhando para o que digo, sem saber o que hei de dizer, quando trato do bom exito da causa de Deos, e o que seria se as causas fossem movidas por outras telas, onde se ajuntasse a boa e forçosa persuasiva, com o efficaz e delectavel alinhado, mas eu para isto ainda quando o intentasse, não tenho tempo, porque então quem hade assistir ao confissionario, e mais occupações, se eu me puzer com delineações, assim que vou fallando de Deos muitas e muitas vezes sabe Deos com que vergonha : porque não acho fundo em mim, de argumentos forçosos, tirados a ponta da lança do estudo das escripturas, e santos padres, vou-lhe com estas cousas carissimas, e desalinhadas, e verdade, que lhe grito, e não me succede mal : supponho que pelas orações

de V. Revm. e de alguns justos. Como Deos vê que não ha cosinheiros que melhor tempere a panella, dá-lhe da sua mão todo o tempero, para o gosto. E se V. Revm. gostar destas relações, mande-me quem mais vá fazendo, pois não me é possível podel-as fazer, porque para andar com a penna na mão indo por partes, não tenho tempo; encommenda-las á memoria, logo esquece umas por outras, e ainda esta breve, que agora faço aos tran-ses, me tem tirado umas boas confissões. Pelo que de V. Revm. espero o cumprimento, como o vou a esperar as alturas, que V. Revm. na sua carta do anno passado me prometter. Bem vejo a regra do missionario, que me obriga a dar relação a V. Revm., e aos meus superiores, mas tam-bem Deos vê o quanto seja necessario o tempo, além de que não sei se sou enfadonho a quem dezejo todo o allivio. Não seja V. Revm. escasso para este seu filho que no dar gosto a todos deseja ser muito liberal. Ouça V. Revm. os mudos requerimentos de tantos extremamente necessitados, que podem pelo que está nas mãos de V. Revm. e estão morrendo á fome; sem haver quem lhe reparta um par de mígalhas, para enganar se quer a sua fome, e necessidade. Lance-me a sua benção, que peço e espero.

Pastos Bons, 16 de Julho de 1745.

De V. Revm. subdito o mais indigno, *Manoel da Silva*.

O PADRE JOSÉ DE ANCHIETA APOSTOLO DO BRASIL.

Simão de Vasconcellos, sciente dos innumerados serviços do vene-ravel Padre José de Anchieta, da Companhia de Jesus prestados a huma-nidade, não quiz que ficassem em olvido, os memora em um livro que escreveu com o titulo de *Vida do Veneravel Padre José de Anchieta*, da Companhia de Jesus, thaumaturgo do novo mundo, na provincia do Brasil, impresso em Lisboa, na officina de João da Costa, no anno 1672, com 680 paginas de grande formato, onde vem mencio-nadas as particularidades da vida apostolica do celebre José de Anchieta, e nós deixaríamos incompleto este nosso trabalho, se não reservassemos um lugar de honra para o apostolo do Brasil, e pelo que seguindo a um compilador do chronista Simão de Vasconcellos, e tendo nós o escripto deste sob as vistas, referiremos que:

« Na ilha de Tenerife, uma das que os antigos chamáião Fortunadas, e os modernos chamão Canarias, nasceu o Padre José de Anchieta no anno de 1553. Seu pai que uns dizem ser da Biscia, outro dos arredores de Coimbra, era descendente da illustre casa dos Anchietas, em Guipuscoa, enlaçada com a antiquissima casa dos Loyolas. Sua mãi foi natural da Grã-Canaria, a principal das doze ilhas deste nome. Foi educado no santo amor, e temor de Deos; e logo que soube ler e escrever, seus pais o man-dárão a Coimbra aprender a lingua latina, bellas-artes e philosophia, em que sahio em breve consummado. Passeiando (ainda não tinha dezasete

annos) pelas margens do Mondego, sentio no seu coração o ineffável gemido do Espirito Santo, que lhe diz, que deveria consagrar-se por um voto de perpetua virgindade. Correu logo á cathedral, prostrou-se na presença da imagem da Mãe de Deos, e fez o expressado voto da virtude da pureza, que sempre guardou: e para segurar mais a sua promessa, deu um adeus ao mundo, entrando na Companhia de Jesus. Tres annos passou pelas experiencias, e exercicios das virtudes as mais arduas nesta Ordem, que então começava.

Havia pouco que se tinha descoberto ao longo dos abysmos das aguas do oceano o novo mundo, terra immensa, coberta de gentilismo, e selvagens. José, abraçado em desejos de plantar o Evangelho entre gentes tão barbaças, roga para isso ao seu provincial; alcançado a licença, partio com outros companheiros para o Brasil em Maio de 1553, não tendo ainda vinte annos de idade: aportou na Bahia de Todos os Santos em Julho do mesmo anno; e logo, depois que se regulou a casa da Bahia, e se poz em fórma de collegio, partio para a Capitania de S. Vicente, hoje de S. Paulo, onde, depois de um horrivel naufragio, chegou em 24 de Setembro. Nos campos de Piratininga fundou o Padre Manoel da Nobrega um collegio para a educação dos Indios: foi mandado para elle o Padre José. Abrio em pequena casa feita de barro e palha classe de ler, e grammatica latina para instrução dos Indios, mamelucos e brancos. Foi aqui onde, pela communicação que teve, com os seus mesmos discipulos, aprendeu a lingua brasilica, e com tanta perfeição, que a reduzio a preceitos, de que formou uma arte, e vocabulario, o melhor desse tempo.

Como o seu principal cuidado era a conversão das almas, vendo que os povos usavão de cantilenas profanas, e lascivas, como era excellente poeta, voltou-a em metro pio, suave, doce, e engraçado com aproveitamento geral. Na boca dos meninos, a quem ensinava, poz estas cantigas, que tão entoar a seus pais, juntamente com a doutrina christã, e ao mesmo tempo lhes contavão muitas virtudes dos Padres, principalmente do seu mestre o Padre Anchieta: descião estes das suas aldêas, lugares do sertão, á ver quem tanto bem lhes trazia: onvião ao Padre Anchieta, ficavão pasmados, deixavão os antigos prejuizos, e erros grosseiros, e recebião o baptismo. Por este meio, e outros de grande fadiga, entravão cada dia na igreja milhares de Gentios. Os fructos de tão grande seára começavão a ser perturbados pelos Tamoios, povos crueis, perfidos e ingratos do Nhiteró, a que hoje chamamos Rio de Janeiro, distante de S. Vicente quarenta e quatro leguas. Estes povos desgostosos dos Portuguezes por volubildade, derão entrada em suas terras aos Francezes commandados pelo celebre Villagailon: fiados na sua protecção inquietavão a costa e ao sertão, dando assaltos e fazendo gravissimos damnos aos Portuguezes e a todos os seus aliados.

Foi necessario rebater força com força. D. João III mandou a esta expedição, Mem de Sá, homem de grande coração, zelo e prudencia, cujas façanhas, e talento publicou o nosso Anchieta em um livro que delle con-

poz (1). De S. Vicente conseguiu Sá, por intercessão de Anchieta, socorro de gente e canoas, por meio do qual Sá abateu o orgulho francez, e enfrentou a crueldade Tamoianna. Como o odio custa muito a desarraigar do coração, uma vez que nelle fez o seu assento, os Tamoias juntando-se aos Tupis, derão de improviso sobre a villa de Piratininga. Os gritos, assobios, o bater de pés, e arcos erão tão fortes, que parecia que o mundo vinha abaixo, e os montes se desmantelavão : animou Anchieta os moradores da villa: correrão estes sem susto sobre os inimigos, levando por divisa as bandeiras da igreja: desbaratarão aos contrarios; matarão, ferirão e apresionarão milhares, sem perigar um só dos de Piratininga. Respirou Piratininga, mas a Capitania de S. Vicente ficou exposta aos insultos dos barbaros Tamoios, que andavão em corso captivando, e matando a quantos pillhavão para se nutrirem, e cevarem da carne humana, o que entre elles era costume feroz e brutal. O Padre Anchieta, junto com o seu provincial o Padre Nobrega, conhecendo que pela força das armas, cada vez se irritava mais o coração destes brutos, animados do Espirito do Senhor, e do bem das almas, partirão para os Tamoias a fazer pazes com elles, a destruir os seus erros, ou a morrer pela fé. Depois de muitos trabalhos e perigos, conseguirão a paz desejada, fundarão igrejas, arrancarão antigos e perversos costumes, plantarão a virtude, instruirão moços e velhos, e os fizeram entrar na religião de Jesus Christo.

Dado tão bom principio, partio Nobrega para S. Vicente, ficando José no Rio de Janeiro entre os Indios Tamoias, que não consentirão que se retirassem ambos os legados da paz, menos que soubessem da sua confirmação. No meio desta Babilonia corrompida, desta terra bravia, entre homens feras, mulheres deshonestas e nuas, levou José uma vida de anjo; sempre casto, sempre penitente, sempre contemplativo. Soffreu perseguições cruéis, de que escapou por auxilio do céo, e pela intercessão da Virgem Nossa Senhora, a quem tomou por especial advogada, e a quem fez voto de escrever a vida em verso, o que executou com a maior elegancia, doçura e estylo o mais culto, como se vê no famoso poema latino, que neste tempo compoz, sem o socorro de livros, nem papel; em que o escrevesse, e só ajudado da graça Divina (2).

Cinco annos passou José neste pesado desterro, praticando acções de perfeita caridade, catechizando e baptizando Gentios, e até fazendo-os passar pelos milagres que fazia em utilidades delles, e pelos futuros que lhes annunciava.

Chegando de S. Vicente a noticia da rectificação da paz, José foi cha-

(1) O livro tem por titulo : *De Rebus Gestis Mem. de Sá.*

(2) Este Poema começa : *Eloquar ? an sileam Sanctissima Mater Jesu ?* Foi escripto na areia, passeando pela praia. Cada dia escrevia uma porção de versos, que entregava á memoria, e assim o continuou até acabar : quando voltou a S. Vicente, como o trazia bem seguro na lembrança, então foi que o passou a papel, tal qual fôra escripto na prata, sem nada mudar; contendo aliás mais de quatro mil versos : todo elle é tão bello, e suave, que n. quem o pôde ler sem lagrimas, e emoção de espirito.

mado a Piratininga ; e embarcando em uma fraca canôa, correu o povo á praia; forão geraes os suspiros e lamentos dos barbaros Tamoias por se ausentar o seu pai e bemfeitor. A pouca distancia da praia bramia o vento, alterou-se o mar, as ondas acoutarão a barca, ella cheia d'agua ia a afundir-se em um momento : José pediu soccorro á Virgem; tudo de repente acalmou, e chegou livre de perigo á casa de Piratininga, onde foi recebido nos braços e no coração do Padre Nobrega, e dos outros irmãos, e do povo da villa, que sandosos voltarão em lagrimas de alegria as muitas que chorarão na sua ausencia.

De novo se revoltou o Rio de Janeiro : Estacio de Sá, sobrinho de Mem de Sá, foi mandado a abater o orgulho Tamoiauno; José vai na armada, e pelos seus conselhos fez Estacio prodigios de valor. Voltou José a S. Vicente, e de lá foi mandado á Bahia a ordenar-se de sacerdote, e que de caminho visitasse a casa, e aldeas do Espirito Santo, que as regulasse o melhor que pudesse : tão grande cargo, dado antes de ser sacerdote, bem mostrou o grande conceito, que se farnava da sua santidade. Chegando á Bahia, o governador com elle se informou do estado do Rio de Janeiro : ouvindo-o, seguiu o seu voto, como oraculo do céu. Pedio-lhe que se ordenasse com brevidade, pois o queria levar na sua companhia, porque só assim julgava ir seguro. Ordenou-se e partio para o Rio com Mem de Sá, em bem equipada frota. Chegãrão com a felicidade que o governador suppunha : descêrão em terra, offerecêrão batalhas pelos conselhos de José, e alcançãrão victoria completa. Derão a Deos as graças, edificãrão-se fortalezas, que tirãrão as esperanças ao inimigo, e José edificou tambem casa de collegio, baluarte de santidade para dertruir erros, e plantar virtudes: bem o mostrou logo na conversão de João Bolès, Francez, herege calvinista, versado nas linguas orientaes, astuto e habil propagador da sua impia seita. Fallou José a este soberbo, abateu-lhe o seu orgulho, e convencido, o moveu a receber o baptismo, e o ajudou a entrar no céu com admiração de todos.

José de Anchieta foi pois tudo para todos: as necessidades da sua ordem exigião os seus desvelos: por isso eleito reitor do collegio de S. Vicente, e das casas a elle annexas, cujo cargo exerceu por seis annos com tanta accitação, e gosto universal, com tantos trabalhos, e fadigas apostolicas, que era respeitado de christãos e Gentios, como pai, e venerado como santo. As suas virtudes e os seus muitos merecimentos fizerão echo na Italia. O geral que então governava toda a ordem, Everardo Mercurianno, propoz para ser eleito pelos seus capitulares, um provincial para as casas do Brasil, por ter o antecedente completo o tempo. Todos com unanimidade escolhêrão a José de Anchieta. Quando esta escolha se intimou a Anchieta na casa da Bahia, onde tinha vindo de S. Vicente, ficou perturbado e quasi fóra de si: prostrou-se aos pés dos seus irmãos, e confessou com singeleza ser indigno de emprego tão grande ; banhado em lagrimas pediu as suas orações, e aceitou por não ter outro remedio, senão obedecer.

Conhecendo a difficuldade, que havia em governar homens, porque

todos têm as inclinações tão variaveis como as naturezas, meditou e conseguiu o conquistar as vontades dos subditos sem violencia. Era elle o primeiro em todas as obrigações ainda as mais humildes: austero só consigo, com os outros doce, e suave. Nada mandava com imperio; só obrigado da muita necessidade, pedia e rogava sempre. A obrigação lhe impoz o dever de visitar as casas da sua obediencia. Logo no primeiro anno do seu provincialado, depois de ter feito a visita de Pernambuco, partio a visitar o Rio de Janeiro, tendo todo o cuidado nas suas viagens da provisão dos seus companheiros: para a sua pessoa além do breviario, e dos papeis importantes da visita, de nenhuma outra coisa curava. O camarote que escolheu nas embarcações, foi o dos pobres doentes, e necessitados, a quem acudia assim aos corpos, como as almas: o seu curto somno era encostado ao bordo, ou á caixa de algum marinheiro: vigiava quasi sempre; as suas vigílias erão entetidas quasi sempre na contemplação daquelle, que formou o céu, as estrellas e os mares: muitas vezes foi visto arrebatado e fóra dos sentidos. O seu sustento, algum pedaço de biscoito, ou peixe salgado. Todos os dias ensinava a doutrina, fazendo em alguns dos pontos que mais lhe parecia, reflexões com muito proveito. Nas tormentas era intrepido, animava e trabalhava como pratico marinheiro, e fazia pasmur os mais habéis pilotos.

Feita a visita do Rio, onde renovou os antigos prodigios de santidade, dando a saude a enfermos de molestias perigosas, e enrahecidas, proseguio a sua derrota para a sua amada Capitania de S. Vicente, berço primeiro das suas virtudes, e theatro das suas maravilhas. Foi esta terra de novo abençoada pelos exemplos e instrucções santas, que nella deixou, e pelos prodigios com que o céu confirmou a sua virtude: completa a visita, despedido dos seus e do povo com lagrimas geraes, voltou ao Rio de Janeiro; chegou defronte da barra ao escurecer da noite: a entrada é horriavel, estreita, cercada de penedias, e ilhas em que quebrão os mares; o vento soprava com valentia, as ondas cavadas descobrião abyssos; a serração negra, os marinheiros em confusão e espanto, sem poder amarrar, esperavão o ser despedaçados em algum cachopo: só José não desmaiou. Junto do mastro grande fez breve oração; animou a gente, e mandou commetter a barra. Obedecêrão, e em pouco surgirão dentro sem perigo. Todos se recolhêrão alegres, esperando o dia. José ficou no antigo lugar junto ao mastro, a noite era de chuva pesada, mas José appareceu sem um só fio molhado. São immensos os prodigios desta, e semelhante ordem. O mar, o vento, as chuvas, os elementos obedecião á sua voz: os annuaes ferozes, cobras, serpentes, tigres, touros, e os ridiculos monos ião, vinhão, paravão ao seu mando: as aves lhe fazião cortejo, e occasiões houve em que forão vistas algumas pousar nos seus hombros quando prérgava: de tudo isto forão testemunhas os povos immensos das diversas nações barbaras onde missionou.

O peso dos negocios continuos do seu officio ião-lhe debilitando as forças do corpo, cansado de trabalhos de mar, e terra, e dos grandes rigores da penitencia. Oito annos havia, que era provincial com satisfação

e contentamento de todos : mas julgando, pela fraqueza em que se via, não poder com emprego tão activo, partio para a Bahia, casa principal da sua residencia, e rogo ao visitador o alliviasse do cargo, com que já não podia. Condescendeu o visitador, a pesar seu, a tão justo requerimento. José cheio de alegria, por se ver em lugar mais humilde, foi mudado para o Rio de Janeiro ; mudando de officio, não muda de costumes; lutando de continuo com as suas enfermidades, com que havia annos era atacado, jámais faltou as obrigações do seu instituto, e aos actos de caridade : a força do espirito venceu a fraqueza do corpo ; e tanto que neste tempo elle accrescentou rigores a rigores, dispondo-se com actos mais heroicos para a hora derradeira, que sempre trazia ante os olhos. Pouco tempo esteve no Rio de Janeiro ; porque pouco depois foi mandado para a Capitania do Espirito Santo, que muito precisava da sua presença. Fez a sua residencia em uma das suas aldêas, chamada Reritigba, situação amena e deliciosa, por ter ares benignos, terreno fertil, campos alegres, matas abundantes de copalbas, almecegas, salsafrazes, balsamos, que perpetuamente recendem; estas riquezas não erão as que Jo é buscava : procurava almas necessitadas sem conta, que por aquellas brenhas habitavão: nellas punha todo o seu cuidado, apezar das poucas forças, que tinha. Assim mesmo, já velho e cansado, se entranhou mais de sete vezes pelas brenhas a chamar almas para Deos, donde foi rogado a ir á Bahia para assistir a congregação provincial, que neste tempo se fez : foi; e feita a eleição, não segundo o costume de hoje, mas segundo a exacta determinação dos canones, voltou aos seus amados Indios de Reritigba, e os consolou com a sua presença, e com o pasto da sã doutrina. Gostosissimo andava o santo velho neste laborioso officio, quando recebeu recado do superior, que importava que S. Rev. viesse á villa. A disposição era do céo, o céo lh'a tinha revelado. Vamos, disse elle, sem lhe dizerem o para que ; vamos a ser superior da casa do Espirito Santo : aceito que assim o ordena a obediencia.

O espirito lhe deu forças e traças, para sustentar o peso dos trabalhos, com que o corpo debilitado e enfermo muito gemia. Estavão annexas ao seu cargo as aldêas de Reritigba, Guarapari, S. João e Reis Magos ; a todos acudia com a sua presença : não o intimidava nem a longitude, nem o fragoso dos caminhos : andava sempre a pé, só para o fim consentio, por poucas vezes, o uso da rede (costume do Brasil :) apezar dos seus achaques, não afrouxava o rigor das austeras penitencias, das disciplinas continuas, dos asperos cilícios e abstinencias. Não usava de lenções nem de manta ; dormia vestido qual soldado, que está á lerta á primeira necessidade : seu cubiculo era pobríssimo: não tinha nem arca, nem escriptorio, nem alguma alfaia á excepção dos instrumentos dos seus rigores. Quando o prelado é santo, não é de admirar que os subditos o seião. Elias formou Eliseos semelhantes a si, e José formou tambem discipulos ignaes na fé, no zelo e em todas as virtudes. O Padre Almeida, varão prodigioso em obras e palavras, discipulo de José, é entre outros muitos o maior testemunho da verdade. Abalado já o corpo, proximo á ruína, não só com a

força de tempo, mas com os achaques e enfermidades continuas, a que só podia resistir o grande espirito de José, depoz o tropel dos negocios do seu officio, e se retirou á sua amada aldeia de Beritigba: foi lá esperar a morte, porque tanto suspirava. Sabia muito bem o dia, e a hora, em que o Filho do Homem lhe havia tomar contas: elle a revelou a muitas pessoas, e com todas as circumstancias. Vierão chegando os correios e mensageiros da morte: cahio e fermo com dores e accidentes tão fortes, que o deixavão como fóra de si: abraçado com a imagem de Christo, por quem como Paulo suspirava saudoso pelo céo, olhava com fastio a terra, tudo della lhe parecia cisco, sonhos e enganos. Pedio os Sacramentos que recebeu com a maior devoção e ternura; deu sabias instruções aos filhos e discipulos que lhe assistirão; e com os sagrados nomes de Jesus e Maria na boca deu o ultimo suspiro em domingo 9 de Junho de 1597, com quarenta e quatro annos de assistencia no Brasil, quarenta e sete de religião e sessenta e quatro de idade.

A esta noticia os Indios levantarão suspiros e vozes, e atroarão os montes com lastimosos prantos. Homens, mulheres, meninos, desampararão as casas, corrêrão a beijar-lhe as mãos e os pés, e a despedir-se do seu bemfeitor; queixavão-se ao céo tristemente, e parece que com elle querião tambem morrer; levárão o seu corpo á villa que distava quinze leguas: pelo caminho se repetirão muitos milagres semelhantes aos que fizera em vida. Aquí o povo lançando lagrimas de viva dôr, clamava em altas vozes, que morrêra o seu apostolo e o seu missionario santo. Suas reliquias passadas alguns annos, forão trasladadas para o collegio da Bahia, onde são respeitadas e veneradas como as de um fiel servo, e amigo de Deos.

Além do poema de que já fallamos, e do livro *Rebus Gestis Mem de Sá*, escreveu muitas cartas devotas e instructivas, das quaes algumas andão juntas ao livro, que da sua vida compoz o Padre Simão de Vasconcellos. O mesmo Padre Simão diz, que elle servira no tom. 1.^o da Chronica, que da provincia fizera, dos manuscriptos que tinha em seu poder, das vidas dos Padres, que morrêrão em opinião de santidade, escriptos pelo veneravel José de Anchieta.

E' quanto sabemos ter elle escripto: algumas pessoas depois nos attestarão ter elle uma composição de Historia Natural, que foi impressa por ordem da Academia Real das Sciencias.

O seu retrato foi copiado fielmente do que vem no principio do livro da vida de José de Anchieta, do dito Padre Simão de Vasconcellos, que é bem assemelhado á pintura que delle faz no fim, onde diz: « Que foi de estatura mediocre, diminuto de carnes, côr trigueira, olhos em parte azula-dos, testa larga, nariz comprido, barba rara, mas no semblante inteiro, alegre e amavel. »

Por decreto do santo Padre Urbano VIII, se formárão no Brasil desde o anno de 1620 processos para beatificação do veneravel Padre Anchieta, que párao na Curia Romana, e já merecêrão algumas sentenças.

Escreverão a sua vida o Padre Vasconcellos em portuguez, folio impressa em 1672; o Padre Sebastião o Beretario, em latim, impressa em

Leão de França em 1617, que foi traduzida em hespanhol pelo Padre Estevão Paternina ; e o Padre Felippe Alegambe na sua bibliotheca.

Como os nossos biographos não fação menção das obras deste veneravel Padre, daremos aqui, accrescentado o que traz a bibliotheca do Padre Alegambe.

- 1 *Ars Grammaticæ Linguae Brasilicæ.*
- 2 *Dictionary ejusdem Linguae.*
- 3 *Doctrina Christiana, pleniorque Cathecismus eadem lingua explicatus.*
- 4 *Dialogus de Religionis scitu dignis.*
- 5 *Institutio ad interrogandos intra confessionem pœnitentes.*
- 6 *Sintagma monitorum ad prœparandos moribundos.*
- 7 *Cantiones Sacræ Linguis Latina, Lusitanica, Hispanica, et Brasilica.*
- 8 *Drama ad extirpanda Brasilicæ vitia.*
- 9 *Poema de Beate Virginis vita : usque ad bis mille et octingenta disticha excurrit.* Impressos na Chronica do Brasil, e na vida do mesmo veneravel, pelo Padre Simão de Vasconcellos.
- 10 *Brasilica Societates historia, et Vitæ clericorum Patrum, qui in Brasilia vixerunt.*
- 11 *De Rebus gestis Mem de Sá* Accusa esta obra o Padre Vasconcellos.
- 12 *Uma Dissertação Latina, á maneira de carta sobre as produções naturaes do Brasil.* Sahio impressa pela Real Academia das Sciencias, e notada pelo Dr. Diogo Ordonhes em 17...

MISSÃO DO PADRE FERNÃO CARDIM.

Neste com o favor Divino darei conta a V. Revm. da nossa viagem e missão a esta provincia do Brasil, e determino contar todo principal que nos tem succedido, não sómente na viagem, mas tambem em todo o tempo da visita, para que V. Revm. tenha maior conhecimento das cousas desta provincia, e para maior consolação minha, porque em tudo desejo communicar-me com V. Revm. e mais Padres e irmãos desta provincia.

Recebendo o Padre Chritovão de Gouvêa, patente de nosso Padre geral, Claudio Aquaviva, para visitar esta provincia, lhe foi da-lo por companheiro o Padre Fernão Cardim, ministro do collegio de Evora, e o irmão Barnabé Tello: juntos em Lisboa no principio de Outubro de 1582, residimos ahi cinco mezes pela detença que fez o Sr. governador Manoel Telles Barreto: em todo este tempo se aparelhava matalotagem, e se negociarão muitas cousas, ás quaes tinha ido o Padre Rodrigo de Freitas. O Padre visitador tratou por vezes com alguns prelados e letrados casos de muita importancia sobre os cativeiros, baptismo e casamentos dos Indios e escravos de Guiné, de cujas resoluções se seguiu grande fructo e augmento da christandade, depois que chegámos ao Brasil. Tambem fallou algumas vezes com el-rei, o qual com muitas liberalidades lhe fez esmola de quinhentos cruzados para os Padres que residem nas aldêas dos Indios, e deu uma pro-

visão para se darem ornamentos a todas as igrejas que os nossos têm nesta provincia, para frontaes e vestimentas de damasco com o mais aparelho para os altares, o que tudo importaria em mais de dous mil cruzados, e por sua grande benignidade e zelo que tem da christandade, e protecção da companhia, deu ao Padre cartas em seu favor, e dos Indios, para todas as capitaes e camaras das cidades e villas, encomendando-lhes muito o Padre e o augmento de nossa santa fé, e que com elle tratassem particularmente todas as cousas pertencentes, não sómente ao serviço de Deos, mas tambem ao governo da terra, e conservação deste seu Estado.

Chegado o tempo da partida, nos embarcámos com o Sr. governador na não Chagas S. Francisco, em companhia de uma grande frota. Vemos bem accomodados em uma camera grande, e bem providos do necessario. A 5 de Março de 1583, levámos anchora, e com bom tempo, em nove dias arribámos á Ilha da Madeira, onde fomos recebidos do Padre Rodrigues, reitor, e dos mais Padres e irmãos, com grande alegria e caridade. O governador sahindo em terra, se agasalhou no collegio, e foi bem servido, etc. O Padre visitou aquelle collegio como V. Revm. tinha ordenado, declarou-lhe as novas regras, e com praticas e colloquios familiares ficaram todos mui consolados: foi por vezes visitado do Sr. Bispo e mais principaes da terra. Passados dez dias, nos fizemos á vella aos 24 de Março, vespera de Nossa Senhora da Anunciação, e com tal guia e estrella do mar, cursando as brizas, que são os nordestes geraes daquella paragem, nem tomando o Cabo Verde, em breve nos achámos em quatro grãos da equinocial, onde por cinco ou seis dias tivemos grandes calmarias, trovoadas, e choveiros tão excessivos, medonhos, e tão fortes ventos, que era cousa de espanto, ao meio dia ficavamos como em noite mui escura. Neste tempo (pelas grandes calinas, faltas de bons mantimentos, e abundancia de pescado que se tomava e comia, por não ser muito sadio) adoececerão muitos de umas febres tão colericas e agudas, que em breve tempo os punhão em manifesto perigo de vida. Erão estes doentes de nós ajudados em suas necessidades, os quaes com confissões, praticas, lições das vidas de santos, e animados de dia, e de noite, e no temporal ajudados com medicinas, e outros mimos de doentes, conforme as suas necessidades, e nossa pobreza e possibilidades: com elles houve não pequena materia de merecimento, e não pequena consolação, porque com as diligencias que se lhe faziam, foi Nosso Senhor servido que só um morresse, excepto outro que cahio ao mar, sem lhe podermos ser bons.

Os nossos tambem participarão desta visitação das mãos de Deos, o primeiro que cahio foi o Padre visitador, das mesmas febres tão agudas, e rijas, que nos parecia que não escapava daquella, foi sangrado trez vezes, enxaropado e purgado, provido de todas as gallinhas, alcaparras, perrexil, chicorias, e alfices verdes, cousas doces, e outros mimos necessarios, que parecia estarmos no collegio de Coimbra; e tudo se deve a caridade do Sr. Sebastião Gonçalves, que com grande amor mais que de pai, e mãe, provê a todos que se embarcáo para estas partes; o segundo foi o Padre Rodrigo de Freitas, que adoeccendo das mesmas febres, chegou a grande

fraqueza, da qual com tres sangrias, e uma purga se convaleceu: os mais companheiros tivemos saude, nem nos pesou para os curar, e servir: graças ao Senhor com tudo. Todo o tempo de viagem exercitámos nossos misteres com os da não, confessando, prégando, pondo em paz os discordes, impedindo juramentos e outras offensas de Deos, que em semelhantes viagens se commettem todos os dias, á noite havia ladainhas e miserere em canto de orgão, a menção da gloriosa Ressurreição se celebrou com muitos foguetes, arvores, e rodas de fogo, disparando algumas peças de artiharia, depois houve procissão pela não, e prégção. O governador, com todos os seus, tratarão sempre o Padre com grande respeito e reverencia, algumas vezes o convidava a jantar, o que o Padre visitador lhe accitou algumas vezes: toda a viagem se confessou comigo, e algumas vezes na Bahia; mas como chegarão os Frades Bentos, logo se confessou com elles.

Passada a equinocial entrarão os ventos geraes, com que arribámos á Bahia de Todos os Santos, a 9 de Março de 1583, gastámos na viagem com os dez dias de detença na Ilha da Madeira, sessenta e seis dias: os Padres visitador, e Rodrigo de Freitas, dous ou tres dias antes da chegada, tornarão a recair gravemente, e tanto que demos fundo, veio á não o Padre Gregorio Serrão reitor, e outros Padres: sahimos logo em terra na praia; á porta da nossa cerca, nos esperavão quasi os mais Padres e irmãos, que nos levarão ao collegio com grande alvoroço, e contentamento: estava um cubiculo enramado e bem concertado, para o Padre visitador. no qual foi curado com grande caridade, não faltando medico, e muitos e diligentes enfermeiros, e os mais minus de todas as conservas, e curas necessarias para a sua saude, e com suar cada dia tres ou quatro camisas nunca faltavão. Dahi a tres ou quatro dias; adoeceu o irmão Barnabé Tello, esteve muito ao cabo, foi sangrado sete vezes, e purgado: tinha grande fastio, e com vinho se lhe foi: e pela bondade de Deos, e grande diligencia, que com elles se teve, todos recuperarão a saude desejada, e a Deus com orações de todos pedida.

Convalescido o Padre, começou visitar o collegio, lendo-se primeiro a patente na primeira pratica; nella, e em outras muitas que fez, e mais colloquios familiares, consolou muito a todos. Ouvio as confissões geraes, renovarão-se os votos com devoção, e alegria; distribuiu a todos muitas reliquias, Agnus Dei, relicarios, imagens, e contas bentas, derão-se a todos regras novas, e se puzerão em execução as que ainda a não tinham, com que todos ficarão em maior luz, renovando-se no espirito de nosso instituto. Era materia de grande consolação, ver a alegria com que todos declaravão suas consciencias ao Padre, o fervor das penitencias, com outros exercicios de virtude, e humildade.

Quando o Padre visitou as classes, foi recebido dos estudantes, com grande alegria e festa; estava todo o pateo enramado, as classes bem armadas com guadamias, paineis, e varias sedas. O Padre Manoel de Barros, lente de curso, teve uma eloquente oração, e os estudantes duos em prosa e verso, recitarão-se alguns epigrammas, houve boa musica de vozes, cravo, e descantes: o Padre visitador lhes mandou dar a todos Agnus Dei,

patos, farinhas e outras cousas, conforme a sua caridade e possibilidade. Os Ilhéos dista da Bahia trinta leguas : é capitania do senhorio, de Francisco Giraldes, é villa intitulada de S. Jorge : terá cincoenta vizinhos, com seu vigario : tem tres engenhos de assucar, é terra abastada de manutimentos, criações de vacas, porcos, gallinhas e algodões, não tem aldêas de Indios, estão muito apartados dos Guaimurés, e com elles em continua guerra: não se estendem pelo sertão a dentro mais de meia até uma legua, e pela costa, de cada parte, duas ou tres leguas.

Os nossos têm aqui casa, onde residem de ordinario seis : tem quatro cubiculos de sobrado bem accommodados, igreja e officinas, está situada em lugar alto sobre o mar, tem sua cerca aprasivel, com coqueiros, laranjeiras, e outras arvores de espinhos e fructas da terra : as arvores de espinhos são nesta terra tantas, que os matos estão cheios de laranjeiras e limoeiros de toda a sorte, e por mais que cortão não ha desinça-los.

Acabada a visita dos Ilhéos, tornamos a partir aos 21 de Setembro, dia do glorioso apostolo S. Matheus : ao dia seguinte nos deitou o tempo em Porto Seguro, e ainda que erão arribadas, tudo cahia em proveito, por que visitava o Padre de caminho estas casas, e o tempo contrario dava lugar para tudo : fomos recebidos de um irmão com muita caridade : porque os outros tres estavam na aldêa de S. Matheus com o Sr. administrador, que tinham ido á festa. Partimos logo para a mesma aldêa visitar aquelles Indios, passamos um rio caudal mui formoso e grande : caminhamos uma legua a pé, em romaria a uma Nossa Senhora da Ajuda, que antigamente fundou um Padre nosso; e a mesma igreja foi da Companhia : e cavando junto della o Padre Vicente Rodrigues irmão do Padre Jorge Rijo—que é um santo velho, que foi dos primeiros que vierão com o Padre Manoel da Nobrega, elle só é vivo—cavando como digo, junto da igreja, rebentou uma fonte d'agua, que sahe debaixo do altar da Senhora, e faz muitos milagres, ainda agora, tem um retabulo da Annunciação de maravilhosa pintura, e devotissima : o Padre que edificou a casa que é um velho de setenta annos, vai lá todos os sabbados a pé dizer missa, e pregar a quasi toda a gente da villa, que alli costuma ir os sabbados em romaria, e para sua consolação lhe deu o Padre licença que se enterrasse naquella igreja quem fallecesse: e bem creio que recolherá a Virgem um tal devoto, e receberá sua alma no céu, pois a tem tão bem servido. Chegamos á aldêa, que dista cinco leguas da villa, por caminho de uma alegre praia : foi o Padre recebido dos Indios com uma dança mui graciosa de meninos todos empennados, com seus diademas na cabeça, e outros atavios das mesmas pennas, que os fazia muito lustrosos, e fazião suas mudanças e invenções mui graciosas : dalli tornámos á villa, e vindo encalmados por uma praia, eis que desce de um alto monte uma India vestida como ellas costumão, com uma porcelana da India, cheia de queijadinhos de assucar, com um grande pucaro de agua fria dizendo: que aquillo mandava seu senhor ao Padre provincial José, tomando o Padre visitador e en a salva, e o mais, dissemos desse ao Padre José, que vinha a traz com as abas na cinta, descalço, bem cansado : é este Padre um santo de grande exem-

plo e oração, cheio de toda a perfeição, desprezador de si e do mundo ; uma forte columna desta provincia, e tem feito grande christandade e conservado grande exemplo: de ordinario anda a pé, nem ha retira-lo de andar sendo muito enfermo. Emfim, sua vida é *verè apostolica*.

Depois que o Padre visitou a casa, ouvindo as confissões geraes com muita consolação de todos, e deixando os avisos necessarios, partimos para outra aldêa de Santo André, dahi cinco leguas : está situada junto de um rio caudal, e da villa Santa Cruz, que foi o primeiro porto que tomou Pedro Alvares Cabral no anno de 1500, indo para a India : e por ser bom o porto, lhe chamou Porto Seguro. Primeiro dia do anno préguei na matriz da villa : houve muitas confissões e communhões, com extraordinaria consolação do povo por haver dias que não ouvião missa, por estar seu vigario suspenso : dos moradores portuguezes e Indios, fomos bem agasalhados, com grandes signaes de amor e abundancia do necessario.

A Capitania de Porto Seguro é do duque de Aveiro : dista da Bahia sessenta leguas, a villa está situada entre dous rios caudales, em um monte alto, mas tão chão e largo que pudera ter uma grande cidade : a barra é perigosa, toda cheia de arrecifes, terá quarenta visinhos com seu vigario: na Misericordia tem um crucifixo de estatura de um homem, o mais bem acabado, proporcionado e devoto que vi, e não sei como á tal terra veio tão rica cousa. A gente é pobre, por estar a terra já gastada, e estão apertados dos Guaimurés : as vacas lhe morrem por causa de certa herva, de que ha cópia, e comendo-a, logo arrebetão : tem um engenho de assucar, foi fertil de algodão e farinhas, mas tambem estas duas cousas lhe vão já faltando, pelo que se despovoa a terra

Aqui temos casa em que residem de ordinario quatro : tem igreja bem accommodada, e ornada ; o sitio é mui largo com uma formosa cerca de todas as arvores de espinhos, coqueiros e outras da terra, hortaliça, etc. toda a casa é aprasivel por estar edificada sobre o mar. Os Padres têm a seu cargo duas aldêas de Indios, que terão mais de duzentas pessoas ; e visitão outras cinco ou seis aldêas, com muito perigo dos Guaimurés.

Junto a Porto Seguro quatro leguas, está a villa chamada Santa Cruz, situada sobre um formoso rio, terá quarenta visinhos com seu vigario: é algum tanto mais abastada, que Porto Seguro. De Santa Cruz partimos a 2 de Outubro, com um camboeiro que em um dia e noite nos deitou sessenta leguas, e tornando a calmar, correimos com nordeste franco toda a tarde para a Bahia, já determinados de não ir naquellas monções, que se ião acabando, a Pernambuco e tambem porque se chegára o tempo da congregação, que se havia de começar a 8 de Dezembro.

Chegados á Bahia, vendo o Padre visitador que todo aquelle anno e o seguinte, até Junho, não podiamos ir a Pernambuco, começaram a tratar muito mais de proposito dos negocios de toda a provincia ; tomando mais noticia das pessoas della, e das mais cousas que nella occorrem. Occupou-se muito tempo com os Padres Ignacio Tolosa, e Padres Quiricio Caxa, Luiz da Fonseca, e outros Padres supplentes e theologos, e concluir algumas duvidas de

casos de consciencia; e fez fazer um compendio das principaes duvidas que por cá occorrem, principalmente nos casamentos e baptismos dos Indios, e escravos de Guiné, de que se seguiu grande fructo, e os Padres ficarão com maior luz para se poderem haver em semelhantes casos, fez tambem compilar os privilegios da Companhia, declarando os que estavam mal entendidos, e fez que os confesores tivessem a parte distincta dos que lhe pertencem, para que entendessem os poderes que têm, e de tudo se seguiu muito fructo: gloria ao Senhor.

Chegado o tempo da congregação, se começou a 8 de Dezembro, estando presentes o Padre provincial com os professos de quatro votos que estavam no collegio, que erão sómente quatro, e o superior dos Ilhéos, com o Padre Antonio Gomes, procurador da provincia, porque aos mais não chegarão as cartas a tempo, nem puderão vir por falta das monções e embarcações: foi eleito o Padre Antonio Gomes por procurador. No tempo da congregação se recolheu o Padre visitador em Nossa Senhora da Escada; ermida do collegio, que dista duas leguas da cidade. Acabada a congregação por ordem do Padre visitador, foi como reitor do collegio do Rio de Janeiro o Padre Ignacio de Tolosa, com tres Padres e alguns irmãos: forão bem accomodados em nosso navio. Tambem deu profissão de quatro votos ao Padre Luiz da Fonseca, compañheiro do Padre provincial, e quatro Padres coadjutores espirituaes, e tres irmãos temporaes, entre os quaes entrou o irmão Barnabé Tello. Eu fiquei uns quinze dias com o cuidado dos noviços do Padre Tolosa, enquanto não vinha de uma missão o Padre Vicente Gonçalves, que lhe havia de succeder: tivemos pelo Natal um devoto presepe na povoação, onde algumas vezes nos ajuntavamos com boa e devota musica, o irmão Barnabé nos alegrava com seu birimbão. Dia de Jesus, precedendo as confissões geraes, que quasi todos fizemos com o Padre visitador, se renovarão os votos: prégou em nossa igreja o Sr. Bispo: tinha o Padre visitador já neste tempo aviado de sua parte, o Padre Antonio Gomes, de todos os papeis, cartas e avisos necessarios, para tratar em Roma com Portugal: pelo que determinou visitar a segunda vez as aldêas dos Indios mais de vagar.

Aos 3 de Janeiro partimos o Padre visitador, Padre provincial e outros Padres e irmãos; fomos aquella noite agasalhados em casa de um sacerdote devoto da Companhia que depois entrou nella: fomos servidos de varias iguarias com todo o bom serviço de porcelana da India e prata, e o mesmo sacerdote servia a mesa com grande diligencia e caridade: todo o dia seguinte estivemos em sua casa, e á tarde nos levou a um rio caudal que estava perto, mui alegre e fresco, e para que a agua, ainda que era fria e boa, não fizesse mal, mandou levar varias cousas doces tão bem feitas, que parecião da Ilha da Madeira: ao dia seguinte depois da missa nos acompanhou até a aldêa, e no camiulho da cachoeira de outro formoso rio, nos deu um jantar com o mesmo concerto e limpeza, acompanhado de varias iguarias de aves, e caças; enquanto comemos, os Indios pescarão alguns peixes, são tão destros, que em chegando a um rio suados, logo se deitão a nadar e lavar; tirão das linhas, tomão peixes, fazem fogo,

eise põem a assar, e comer; e tudo com tanta presteza, que é cousa de espanto. Também os flautistas nos alegrarão, que alli vierão receber o Padre, junto da aldeia do Espirito Santo nos esperavão os Padres que della têm cuidado, debaixo de uma fresca ramada, que tinha uma fonte portatil, que por fazer calma, além da boa graça, refrescava o lugar; debaixo da ramada se representou pelos Indios um dialogo pastoril em lingua brasílica, portugueza e castelhana, e tem elles muita graça em fallar linguas peregrinas, maximé a castelhana: houve boa musica de vozes, flautas, danças, e dalli em prôcissão fomos até á igreja, com varias invenções; e feita a oração, lhe deitou o Padre visitador sua benção, com que elles cuidão que ficao santificados, pelo muito que estimão uma benção do Abare-guacú.

Dia dos Reis, renovarão os votos alguns irmãos, o Padre visitador antes da missa, revestido em capa de asperges de damasco branco, com diacono e subdiacono vestidos do mesmo damasco, baptisou alguns trinta adultos; em todo o tempo do baptismo houve boa musica, e motetes, e de quando em quando se tocavão as flautas: depois disse missa solenne com diacono e subdiacono, officiada em canto de órgão pelos Indios, com suas flautas, cravo e descante: cantou na missa um mancebo estudante alguns psalmos o motetes, com extraordinaria devoção.

O Padre na mesma missa, casou alguns, em lei da graça, precedendo na mesma missa os balthos, deu a communhão a cento e oitenta Indios e Indias, dos quaes vinte e quatro, por ser a primeira vez, commungarão á primeira mesa com capellas de flores na cabeça: depois da communhão lhe deitou o Padre ao pescoço algumas veronicas, e *nominas* com Agnus Dei de varias sedas, com seus cordões e fitas, de que todos ficarão mui consolados. Um destes era um grande principal por nome Mem do Sá que havia vinte annos que era christão, foi tanta a consolação que teve de ter commungado, que não cabia de alegria: todo o dia trouxe a capella na cabeça, e a guardou, dizendo, que a havia de ter guardada até morrer, para se lembrar da mercê que Nosso Senhor lhe fizera em o chegar a poder commungar. E' muito para ver e louvar Nosso Senhor, a grande devoção e fervor que se acha nestes Indios, quando hão de commungar: porque os homens quasi todos se disciplinão á noite antes, por espaço de um miserere, precedendo ladainha, e sua exhortação espiritual na lingua, dão em si cruelmente; nem tem necessidade de esperar pela noite, por que muitos por sua devoção, acabando-se de confessar ainda que seja do dia, se disciplinão na igreja, diante de todos, e quasi todos têm disciplina, que sabem fazer muito boas.

As mulheres por sua devoção, jejuão dous ou tres dias antes, e todos ao commungar têm muita devoção, e chorão alguns muitas lagrimas, confessão-se de cousas mui iniudas, e ao dia da communhão se tornão a reconciliar, por levissima que seja a materia da absolvição. Se lhe dizem que não é nada, que vão commungar, respondem: pai, como hei de commungar sem me absolveres. No meio da missa houve prégação na lingua, e depois prégação solenne com danças, e outras invenções, o Padre visi-

tador levava o Santissimo Sacramento em uma custodia de prata, debaixo do pallio, e as varas levavão alguns principaes, com muito attento proposito, e vão tão devotos ou pasmados, que é para ver. Tive grande consolação em confessar muitos ludios e Indias, por interprete, são candidissimos, e vivem com muito menos peccados que os portuguezes, dava-lhes sua penitencia leve, porque não são capazes de mais, e depois da absolvição lhe dizia na lingua, (*xé rair tupá toçó de hirumano*) — filho, Deus vá contigo

Acabada a festa espirital, lhe mandou o Padre visitador fazer outra corporal, dando um jantar a tollos os da aldêa, debaixo de uma grande ramada; os hemens comião a uma parte, e as mulheres a outra, no jantar se gastou uma vacca, alguns porcos mansos e do mato, com outras caças, muitos legumes, fructas e vinhos feitos de varias fructas, a seu modo. Em quanto comião, lhe tangião tambores e gaitas. A festa para elles foi grande, pelo que determinarão á tarde alegrar o Padre, jogando as laranjadas, fazendo motins, e serviços de guerra a seu modo, e á portugueza, quando estes fazem estes motins, andão muito juntos em um corpo como magote com seus arcos na mão, e molhos de frechas levantados, alguns se pintão, e empenhão de varias cores, as mulheres os acompanhão, e os mais delles nús, e juntos andão correndo toda a povoação, dando grandes urros e juntamente vão bailando, e cantando ao som de um cabaço cheio de pedrinhas (como os pandeirinhos dos meninos em Portugal), vão tão serenos, e por tal compasso, que não errão ponto com os pés, e calcão o chão de maneira que fazem tremer a terra: audão tão inflammados em braveza, e mostram tanta ferocidade, que é cousa medonha e espantosa; as mulheres e meninos tambeem os ajudão nestes bailes e cantos: fazem seus trocados e mudanças com tantos gatimanhos e tregeitos que é cousa ridicula; de ordinario não se bolem de um lugar mas estando quedos em roda, fazem o mesmo com o corpo, mãos e pés, não se lhe entende o que cantão, mas disserão-me os Padres que cantavão em trova quantas façanhas e mortes tinhão feito seus antepassados, arremedão passaros, cobras e outros animaes, tudo trovado por comparações, para se incitarem a pelejar. Estas trovas fazem de repente, e as mulheres são insignes trovadoras. Tambem quando fazem este motim, tirão um e um a terreiro, e ambos se ensaião até que algum causa, e logo lhe vem outro acudir, algumas vezes procurão de vir a braços e amarrar o contrario, e tudo isto fazem para se embravecer, enfim por milagre tenho, domar-se gente tão fêra, mas tudo póde um zeloso e humilde, cheio de amor de Deus, e das almas, etc.

Moravão os Indios antes da sua conversão, em aldêas, em umas *ocas* ou casas mui compridas, de duzentos, trezentos, ou quatrocentos palmos, e cincoenta em largo, pouco mais ou menos, fundadas sobre grandes esteios de madeiras, com as paredes de palha ou de taipa de mão, cobertas de pindoba que é certo genero de palma que veda bem a agua, e dura tres ou quatro annos. cada casa destas tem dous ou tres buracos sem portas nem fecho, dentro nellas vive logo cem ou duzentas pessoas, cada casal em seu rancho, sem repartimento nenhum, e morão em uma e outra parte, fi-

cando grande largura pelo meio, e todos ficão como em communidade, e entrando na casa se vê quanto nella está, porque estão todos á vista uns dos outros, sem repartimento nem divisão : e como a gente é muita, costumão ter fogo de dia e de noite, verão e inverno, porque o fogo é sua roupa, e elles são mui coitados sem fogo : parece a casa um inferno ou labyrintho, uns cantão, outros chorão, outros comem, outros fazem farinhas e vinhos, etc., e toda a casa arde em fogos ; porém é tanta a conformidade entre elles, que em todo o anno não ha uma peleja, e não tendo nada fechado não ha furtos ; se fôra outra qualquer nação, não puerião viver da maneira que vivem, sem muitos queixumes, desgostos, e ainda mortes, o que se não acha entre elles. Este costume das casas guardão tambem agora depois de christãos. Em cada *oca* destas ha sempre um principal que tem alguma maneira de obrar, (ainda que haja outros mais ou menos). Este os exhorta a fazerem suas *ocas*, e mais serviços, etc. excita-os á guerra : e lhe têm em tudo respeito, faz-lhe estas exhortações por modo de prégacão, começa de madrugada deitado na rede por espaço de meia hora, em amanhecendo se levanta e corre toda a aldêa continuando sua prégacão, a qual faz em voz alta, mui pausada, repetindo muitas vezes as palavras. Entre estes seus principaes ou prégadores, ha alguns velhos antigos de grande nome e autoridade entre elles, que têm fama por todo o sertão trezentas, quatrocentas leguas e mais. Estimão tanto um bom lingua que lhe chamão o senhor da falla. Em sua mão tem a morte e a vida, e os levará por onde quizer sem contradição. Quando querem experimentar um, e saber se é grande lingua, ajuntão-se muitos para ver se o podem cançar fallando toda a noite em peso com elle, e ás vezes dous, tres dias, sem se enfadarem.

Estes principaes, quando o Padre visitador chegava, prégavão a seu modo dos trabalhos que o Padre padecera no caminho, passando as ondas do mar, e vindo de tão longe, exposto a tantos perigos para os consolar, incitando a todos que se alegrassem com tanto bem, e lhe trouxessem suas cousas, dos principaes foi visitado muitas vezes, vindo todos juntos, *per modum universi* com suas varas de meirinhos nos mãos, que estimão em muito, porque depois de christãos se dão estas varas aos principaes, para honra, e se parecerem com os brancos, esta é toda a sua honra secular.

E' cousa não sómente nova, mas de grande espanto, ver o modo que têm em agasalhar os hospedes, os quaes agasalhão chorando por um modo estranho, e a cousa passa desta maneira. Entrando-lhe algum amigo, parente ou parenta pela porta, se é homem, logo se vai deitar em sua rede sem fallar palavra, as parentas tambem sem fallar, o cercão deitando-lhe os cabellos sobre o ro-to, e os braços ao pescoço, lhe tocão com a mão em alguma parte do seu corpo, como joelhos, hombro, pescoço, etc., estando deste modo tendo-no meio cercado, começão de lhe fazer a festa que é a maior e de maior honra que lhe podem fazer, chorão todos com lagrimas a seus pés, correndo-lhe em fio, como se lhe morrêra o marido, mãi ou pai, e juntamente dizem em trova de repente todos os trabalhos que no caminho poderia padecer tal hospede, e o que ellas padecêrão em

sua ausencia, nada se lhe entende mais que uns gemidos mui sentidos, e se o hospede é algum principal, tambem lhe conta os trabalhos que padecceu, e se é mulher chora da mesma maneira que as que a recebem. Neste tempo do triste ou alegre recebimento, a maior injuria que lhe podem fazer é dizer-lhe que se calem, ou que basta com estes choros : não havia quem se ouvisse nas aldeas quando chegámtos, acabada a festa e recebimento, limpão as lagrimas com as mãos e cabellos, ficando tão alegres e serenas como que se nunca chorarão, e depois se saudão com o seu *creiúpe* e comem, etc.

Para os mortos tem outro choro e tom particular, os quaes chorão dias e noites inteiras com abundancia de lagrimas, mas tornando á festa dos hospedes, quando chegavamos ou se fazia alguma festa, se punhão a chorar, dizendo em trova muitas lastimas, de como seus parentes e antepassados não ouvirão os Padres nem sua doutrina.

Os pais não tem cousa que mais ame que os filhos, e quem a seus filhos faz algum bem, tem dos pais quanto quer, as mãis os trazem em uns pedaços de redes, a que chamão *typoya*, de ordinario os trazem ás costas ou na ilharga escarranchados, e com elles andão por onde quer que vão, com elles ás costas trabalham, por calmas, chuvas e frio, nenhum genero de castigo têm para os filhos, nem ha pai nem mãi que em toda a vida castigue nem toque em filho, tanto os trazem nos olhos, em pequenos são obedientissimos a seus pais e mãis, e todos muito amaveis e apraziveis : têm muitos jogos a seu modo, que fazem com muito mais festa e alegria que os meninos portuguezes, nestes jogos arremedão varios passaros, cobras e outros animaes, etc., os jogos são mui graciosos e desenfadiços, nem ha entre elles desavença, nem queixumes, pelejas, nem se ouvem pulhas ou nomes ruins e deshonestos, todos trazem seus arcos e frechas, e não lhe escapa passarinho, nem peixe na agua, que não frechem, pescão bem a linhas, e são pacientissimos em esperar, donde vem em hoimens a ser grandes pescadores e caçadores, nem ha mato, nem rio que não saibão, e revolvão, e por serem grandes nadadores não temem agua, nem ondas, nem mares, ha Indio que com uma braga ou grillhões nos pés nada duas ou tres leguas, andando caminho, suados, se botão aos rios, os hoimens, mulheres, e meninos, em levantando se vão lavar e nadar aos rios, por mais frio que faça, as mulheres nadão e remão como homens, e quando parem, algumas se vão lavar aos rios.

Tornando á viagem, partimos da aldêa do Espirito Santo para a de Santo Antonio, passámos alguns rios caudaes em jangadas, fomos jantar em um fazenda do collegio, onde um irmão além de outras muitas cousas tinha muito leite, requeijões e natas que fazião esquecer do Alemtejo. Comemos debaixo de um cajueiro muito fresco, carregado de cajús que são como peros repinaldos ou camoezes, são uns amarellos, outros vermelhos, tem sua castanha no olho, que nasce primeiro que o pero, da qual procede o pero, é fructa gostosa, boa para o tempo de calma, e toda se desfaz em sumo, o qual põe nodoas em roupa de linho ou algodão que nunca se tira. Das castunhas se faz maçapães, e outras cousas

doces, como de amendoas, as castanhas são melhores que as de Portugal, a arvore é fresca, parece-se com os castanheiros, perde a folha de todo, cousa rara no Brasil, porque todo o anno as arvores estão tão verdes e frescas como as de Portugal na primavera.

Aquella noite fomos ter á casa de um homem rico que esperava o Padre visitador, é nesta Bahia o segundo em riquezas, por ter sete ou oito leguas de terra por costa, na qual se acha o melhor ambar que por cá ha, e só em um anno collheu oito mil cruzados d'elle, sem lhe custar nada, tem tanto gado que lhe não sabe o numero, e só do bravo e perdido, sustentou as armadas de el-rei. Agasalhou o Padre em sua casa armada de guadanicis com uma rica cama, deu-nos sempre de comer, aves, perús, manjar branco, etc., elle mesmo desbarretado servia á mesa, e nos ajudava á missa em sua capella, a mais formosa que ha no Brasil, feita toda de estuque e tintim de obra maravilhosa de molduras, laçarias, e cornijas, é de abobada sextavada com tres portas, e tem-na mui bem provida de ornamentos. Nesta e outras ermidas me lembrava de V. Revm., e de todos dessa provincia.

D aqui partimos para a aldêa, atravessando pelo sertão, caminhamos toda a tarde por uns mangabaes que se parecem alguma cousa com maceiras de anafega, dão umas mangabas amarellas do tamanho e feição de alborque, com muitas pintas pardas que lhe dão muita graça; não tem caroço, mas umas pevides mui brandas que tambem se comem, a fructa é de maravilhoso gosto, tão leve e sadia que, por mais que uma pessoa coma, não se-farta, sorvem se como sorvas, não amadurecem na arvore, só caindo amadurecem no chão, ou pondo-as em madureiros: dão no anno duas camadas, a primeira se diz de botão, e dá flôr, mas o mesmo botão é a fructa. Estas são as melhores e maiores, e vêm pelo Natal, a segunda camada é de flôr alva como neve, da propria maneira que a de jasmim, assim na feição, tamanho e cheiro. Estas arvores dão nos campos, e com se queimarem cada anno as mais dellas, dão no mesmo anno fructo; de quando em quando nos ajudavamos dellas para passar aquelles matos. Aquella noite nos agasalhou um feitor do mesmo homem que acima fallei, a quem elle tinha mandado recado: fomos providos de todo o necessario com toda a limpeza de porcelanas e prata, com grande caridade.

Ao dia seguinte ás 10 horas pouco mais ou menos, chegámos á aldêa do Santo Antonio: dos Indios fomos recebidos com muitas festas a seu modo, que deixo por brevidade, e ao domingo seguinte baptizou o Padre visitador antes da missa, sessenta adultos, vestido de pontifical, com grande alegria, festa, e consolação de todos. Na missa, que foi de canto de órgão, casou a muitos em lei de graça, e deu a communhão a oitenta, e tudo se fez com as mesmas festas e musica que na aldêa do Espirito Santo. A tarde lhe mandou dar o Padre um bom jantar em que se gastou uma vacca, muitos porcos do mato, que elles mesmos trazião mortos, e os deitavão aos pés do Padre (têm estes porcos o umbigo nas costas, e em algumas cousas differem dos de Portugal) havia mesa em que por banda cabia com pessoas: os Indios á tarde para fazerem festa ao Padre, jogarão as laranjadas,

fizerão seus motins de guerra, e forão a um rio do noite dar tingui, barbasco ao peixe, e ficando bem providos trouxerão tantos ao Padre, que encherão duas mui grandes gamellas, ~~que~~ era uma formosura de ver. Ao dia seguinte levou o Padre visitador todos os Padres e irmãos, a um rio caudal que estava perto de casa, onde cêamos: ião connosco alguns sessenta meninos visinhos como costumão: pelo caminho fizeram grande festa ao Padre, umas vezes o cercavão, outras o captivavão, outras arremedavão passaros muito ao natural: no rio fizeram muitos jogos ainda mais graciosos, e têm elles na agua muita graça em qualquer coisa que fazem. Estas cousas de ordinario fazião de si mesmos, que não é tão pouco em brâzis e meninos achar-se habilidade para saberem festejar e agasalhar o Payguacú.

Desta aldêa fomos á de S. João, dalli sete leguas, tornando a dar volta para o mar, é caminho de grandes campos e desertos, antes da aldêa uma legua vierão os Indios principaes, os quaes revessando-se levarão o Padre em uma rede, e pelo caminho ser já breve, a cada passo se revessavão para que não ficasse algum delles sem levar o Padre, e não cabião de contentes, tendo aquillo por grande honra e favor, fomos recebidos com muitas festas, e ao domingo seguinte baptisou o Padre trinta adultos, casou na missa outros tantos em lei de graça, e deu a communhão a cento e vinte; houve missa cantada, prégão com muita solemnidade, e depois das festas espirituaes, tiverão outro jantar como os passados, e toda a tarde gastarão em suas festas.

Enquanto aqui estivemos, fomos bem servidos de aves, rolas, e faisões que tem tres titelas uma sobre a outra, é carne gostosa semelhante a de perdiz mas mais sadia.

Em todas estas tres aldêas ha escola de ler e escrever, onde os Padres ensinão os meninos Indios; e alguns mais habeis tambem ensinão a contar, cantar e tanger; tudo tomão bem e ha já muitos que tocam flautas, violas, cravo, e officião missas em canto de órgão, coisa que os pais estimão muito. Estes meninos fallão portuguez, cantão a doutrina pelas ruas, e encomendão as almas do purgatorio.

Nas mesmas aldêas ha confrarias do Santissimo Sacramento, de Nossa Senhora, e dos defuntos; os mordomos são os principaes, e mais virtuosos, tem sua mesa na igreja com seu paño, e elles trazem suas opas de baeta, ou outro paño vermelho, branco e azul, servem de visitar os enfermos, ajudar a enterrar os mortos, e ás missas, levando a seus tempos os cirios acesos, o que fazem com modesta devoção e muito a ponto, dão esmolas para as confrarias, as quaes têm bem providas de cera, e os altares ornados com frontaes de varias sedas; em suas festas enramão as igrejas com muita diligencia e fervor, e certo que consola ver esta nova christandade.

Todos os das aldêas, grandes e pequenos ouvem missa muito cedo, cada dia antes de irem a seus serviços, e antes ou depois da missa lhes ensinão as orações em portuguez e na lingua, e á tarde são instruidos no dialogo da fé, confissão e communhão. Alguns, assim homens, como mulheres, mais ladiuos, rezão o rosário de Nossa Senhora, confessão-se

Amiúdo, honrão-se muito de chegarem a communhar, e para isso fazem extremos, até deixar seusinhos a que são muito dados, e é a obra mais heroica que podem fazer, quando os incitão a commetter algum peccado de vingança, ou deshonestidade, etc. respondem que são de communhão, que não hão de fazer tal cousa; empregão-se entre elles os que communhão no exemplo da boa vida, modestia e continuação das doutrinas, têm extraordinario amor, credito e respeito aos padres, e nada fazem sem seu conselho. E assim pedem licença para qualquer cousa por pequena que seja, como se fossem noviços. E até aos do sertão dali duzentas, trezentas e mais leguas, chega a fama dos padres e igrejas, e se não fossem os estorvos, todo o sertão se viria para as igrejas, porque os que trazem os Portuguezes, todos vêm com promessa e titulo que os porão nas igrejas dos padres, mas em chegando ao mar, nada se lhes cumpre.

Tres festas celebrão estes Indios com grande alegria, applauso e gosto particular, a primeira é as fogueiras de S. João, porque suas aldêas ardem em fogos, e para saltarem as fogueiras não os estorva a roupa; ainda que algumas vezes chamusquem o couro. A segunda é a festa dos Ramos, por que é cousa para ver, as palmas, flores e boninas que buscão, a festa com que os tem nas mãos ao officio, e procurão que lhe caia agua benta nos ramos. A terceira que todos mais festejão, é dia de Cinza, e folgão que lhe ponhão grande cruz na testa, e se acontere o padre não ir ás aldêas, para não ficarem sem cinza, elles a dão uns aos outros, como acontereceu a uma velha que, faltando o Padre, convocou toda a aldêa á igreja, e lhe deu a cinza, dizendo que assim fazião os Abarês, Padres, e que não havião de ficar em tal solemnidade sem cinza.

Visitadas as aldêas, determinou o Padre ver algumas fazendas e engenhos dos portuguezes, visitando os senhores dellas, por alguns lhe terem pedido, e outros porque os não tinha ainda visto, e era necessario conciliar os animos de alguns com a Companhia, por não estarem muito benevolos. Partimos de S. João para o mar, era para ver neste caminho a multidão, variedade das flores das arvores, umas amarellas, outras vermelhas, outras roxas, com outras muitas varias côres misturadas, que era cousa para louvar o Creator. Vi neste caminho uma arvore carregada de ninhos do passarinhos, pendente de seus fios do comprimento de uma vara de medir ou mais, que ficavão todos no ar com as bocas para baixo, tudo isto fazem os passaros para não ficar frustrado seu trabalho, usão daquella industria que lhe ensinou quem os criou, por se não fiarem das cobras, que lhe comem os ovos e filhos.

Folgára de saber descrever a formosura de toda esta Bahia, e reconca-vo, as enseadas e esteiros que o mar bota tres, quatro leguas pela terra dentro, os muito frescos e grandes rios caudaes que a terra deita ao mar, todos cheios de muita fartura de pescados, lagostins, polvos, ostras de muitas castas, carangueijos e outros mariscos; sempre fizemos caminho por mar em um barco da casa bem equipado, e quasi não ficou rio, nem esteiro que não vissemos, com as mais e maiores fazendas e engenhos, que são muito para ver. Grandes forão as horas e agasalhados que todos

fizerão ao Padre visitador, procurando cada um de se esmerar; não sómente nas mostras de amor, grande respeito e reverencia, que no tratamento e conversação lhe mostravão, mas muito mais nos grandes pastos das ignarias, da limpeza e concerto do serviço, nas ricas camas e leitos de seda (que o padre não aceitava, porque trazia uma rede, que serve de cama, e cousa costumada na terra) os que menos fazião e não se têmão por muito devotos da Companhia, fazião mais agasalhos do que costumão fazer em Portugal os nossos muitos amigos e intrinsecos; cousa que não sómente nos edificava, mas também espantava vêr o muito credito que por cá se tem á Companhia. O Padre Quiricio Caxa, e eu prégamos algumas vezes nas ermidas, que quasi todos os senhores de engenhos têm em suas fazendas, e alguns sustentão capellão á sua custa, dando-lhe quarenta ou cinquenta mil réis cada anno, e de comer á sua mesa. As capellas têm bem concertadas, e providas de bons ornamentos, não sómente os dias da prégão, mas também em outros nos importunavão que dissessemos missa cedo, para exercitarem sua caridade, em nos fazer almoçar ovos reaes, e outros mimos que nesta terra fazem muito bons, nem faltava vinho de Portugal, confessavamos os Portuguezes, ouvindo confissões geraes, e outras de muito serviço de Nosso Senhor. Os dias de prégão e festa, de ordinario havia muitas confissões e communhões, e por todos chegarião a duzentas, fóra as que fazia um padre, lingua dos escravos de Guiné, e de Indios da terra, prégando-lhes e ensinando-lhes a doutrina, casando-os, baptizando-os, e em tudo se colheu copioso fructo, com grande edificação de todos, nem se contentavão estes senhores de agasalhar o Padre, mas também lhe davão bogios, papagaios, e outros bichos e aves que têmão em estima, e lhe mandavão depois a casa muitas e varias conservas, com cartas de muito amor, e quando vinhão á cidade, o visitavão amindando os devidos agradecimentos pela consolação e visita que o Padre lhes fizera.

Os engenhos deste reconejo são trinta e seis; quasi todos vimos, com outras muitas fazendas dignas de ver-se, de uma cousa me maravilhei nesta jornada, e foi a grande facilidade que têm em agasalhar os hospedes, porque a qualquer hora da noite ou dia que chegávamos, em brevissimo espaço nos davão de comer a cinco da Companhia (fóra os moços) todas as variedades de carnes, gallinhas, perús, patos, leitões, cabritos, e tudo têm de sua criação, todo o genero de pescado, e mariscos de toda a sorte, dos quaes sempre têm a casa cheia, por terem deputados certos escravos pescadores para isso, e de tudo têm a casa tão cheia, que na fartura parecem uns condes, e gastão muito. Tornando aos engenhos, cada um delles é uma machina e fabrica incrível, uns são de agua rasteiros, outros de agua copeiros, os quaes movem mais e com menos gasto, outros não são de agua, mas movem com hois, e chamão-se trapiches, estes têm muito maior fabrica e gasto, ainda que moem menos, moem todo o tempo do anno, o que não tem os de agua, porque ás vezes lhe falta. Em cada um delles de ordinario ha seis, oito e mais fogos de brancos, e ao menos sessenta escravos, que se requerem para o serviço ordinario, mas os mais

altes têm cem e duzentos escravos de Guiné, e da terra. Os trapiches receberem sessenta bois, os quaes moem de doze em doze revesados, comece-se de ordinario a tarefa á meia noite, e acaba-se ao dia seguinte ás 3 e quatro horas depois do meio dia. Em cada tarefa se gasta uma barcada de lenha que tem doze carradas, e deita sessenta e setenta fôrmas de assucar branco, mascavado, mascavinho; cada fôrma tem pouco mais ou menos meia arruba, ainda que em Pernambuco se usão já grandes de arrobas. O serviço é insolfrível, sempre os serventes andão correndo, e por isso orrem muitos escravos, que é o que os endivida, sobre tudo este gasto: a necessidade cada engenho de feitor, carpenteiro, ferreiro, mestre de assucar com outros officiaes que servem de o purificar; os mestres de assucar são dos senhores de engenhos, porque em sua mão está o rendimento, ter o empenho e fama, pelo que são tratados com muitos mimos, e os senhores lhe dão mesa, e 100\$, e a outros mais cada anno. Ainda que estes gastos são mui grandes, os rendimentos não são menores, antes ni avantajados, porque um engenho lavra no anno quatro ou cinco mil arrobas, que pelo menos valem em Pernambuco cinco mil cruzados, postas no reino por conta dos mesmos senhores dos engenhos (que não pagão direitos por dez annos, do assucar que mandão por sua conta, e estes dez acabados não pagão mais que meios direitos) valem tres em do- ro. Os encargos de consciencia são muitos, os peccados que se commet- tem nelles, não tem conta; quasi todos andão amancebados por causa das muitas occasiões; bem cheio de peccados vai esse doce, porque tanto zom: grande é a paciencia de Deus, que tanto soffre.

Gastámos nesta missão, Janeiro e parte de Fevereiro, e á segunda-feira depois do primeiro domingo da quaresma chegámos a casa, não sómente creiados, mas tambem mui consolados com o fructo que se colheu, logo distribuirão as prégações, o padre Quiricio Caxa nos domingos pela manhã em nossa igreja; o padre Manoel de Castro á tarde, estes dous padres e o padre Manoel de Barros, são os melhores prégadores que ha nesta provincia: eu préguei aos domingos pela manhã na Sé, onde se achava a maior parte da cidade, das prégações de todos se seguiu grande fructo, seja Nosso Senhor contudo louvado.

Muitas missões se fizeram por ordem do padre visitador, nestes dous annos, pelos engenhos e fazendas dos Portuguezes; nellas se colheu copioso fructo e se baptisarão mais de tres mil almas, casarão-se muitos em lei do Senhor, tirando-os de amancebamentos, eusinando-lhes a doutrina, pondo em discordes em paz, e se fizeram outros muitos serviços a Nossa Senhor. Quando os nossos padres vão a essas missões, são mui bem recebidos dos senhores, bem providos do necessario, com grande amor e caridade.

Tornando á quaresma, em nossa casa tivemos um devoto e rico sepulchro. A paixão foi tambem devota que concorreu toda a terra, os officios divinos se fizeram em casa com devoção. Sexta-feira santa ao desencerrar o Senhor, certos marcebos vierão á nossa igreja, trazião uma veronica do Christo mui devota, em panno de linho pintado, dous delles a tinhão, e juntamente com outros dous que se disciplinavão, fazendo seus trocados e

mudanças. Como a dança se fazia ao som dos crueis açoutes, mostrando a veronica ensanguentada, não havia quem contivesse as lagrimas com tal espectáculo, pelo que foi notavel a devoção que houve na gente.

O padre visitador teve as endoenças na aldêa do Espirito Santo, onde os Indios tiverão um formoso e bem acabado sepulchro, com as columnas, cornijas, e frontespicios de obra de papel, assentada sobre madeira, tão delicada e de tão maravilhosa feitura, que não havia mais que pedir por haver alli um irmão insigne em cortar, e para sepulchros tem grande mão e graça particular. Tiverão mandato em portuguez, por haver muitos brancos que alli se acháram e paixão na lingua, que causou muita devoção e lagrimas nos Indios. A procissão foi devotissima, com muitos fachos e fogos, disciplinando-se a maior parte dos Indios, que dão em si cruelmente, e têm isto não sómente por virtude, mas também por valentia, tirarem sangue de si e serem Abaeté, valentes. Leváram na procissão muitas bandeiras que um irmão, bom pintor, lhe fez para aquelle dia, em panno, de boas tintas, e devotas. Um principal velho levava um devoto crucifixo debaixo do pallio; o padre visitador lhe fez todos os officios que se officiáram a vozes com seus bradados. Ao dia da Resureição, se fez uma procissão em ruas de arvoredo muito frescas, com muitos fogos, danças e outras festas: commungáram quasi todos os da communhão, que são perto de duzentas pessoas. Esquecia-me dizer que os lavatorios cheirosos, e pós de murtinhos, com que se curão estes Indios, quando se disciplinão são; irem-se logo metter e lavar no mar ou rios, e com isto sarão e não morrem.

Aos 3 de Maio, dia da invenção da Cruz, houve jubileo plenario em nossa casa, missa de canto de órgão, officiada pelos Indios e outros cantores da Sé, com flautas e outros instrumentos musicos: preguei-lhe da cruz, por ter aqui uma reliquia do Santo Lenho, em uma cruz de prata dourada, que foi de umas freiras da Alemanha, a qual a imperatriz deu para este collegio, com licença do summo pontifice. Commungáram mais de trezentas pessoas, e tudo se fez com muita festa e devoção.

Tinha o Padre visitador dado ordem para se fazer um relicario para todas as reliquias que estavam mal accommodadas: estava já neste tempo acabado: é grande, tem dezaseis armarios com suas portas de vidraças, e no meio um grande, para a imagem de Nossa Senhora de S. Lucas: os armarios são todos forrados de setim carmesim, as portas da banda de dentro são forradas de seda de varias cores, damasco, velludo, setim, etc, a madeira é de pão de cheiro de jacarandá, e outras madeiras de preço, e varias côres, era tal a obra, que se avaliou sómente das mãos, em cem cruzados: fe-lo um irmão da casa, insigne official.

Está assentado na capella dos irmãos, que é uma casa grande nova, de pedra e cal, bem guarnecida, forrada de cedro. Ao dia da Cruz á tarde, se fez uma celebre trasladação da igreja para a dita capella: foi o padre visitador á igreja, com sua capa de asperges, e outros dous padres com capas: os mais que erão por todos dezoito, revestidos em alvas e sobrepelizes: levava o Padre debaixo do pallio o Santo Lenho, seis Padres as

varas, dons a imagem de Nossa Senhora, que tambem ficava debaixo do pallio : tres, as tres cabeças das onze mil Virgens, e outras reliquias, os mais levavão suas velas de cera branca nas mãos, e seguia-se a cruz de prata, e turibulo. Começando a procissão entrar pela sacristia, a gente arrombou a grade, e entrando os homens sómente, acompanhárão as reliquias, porque não soffrião bem participarmos sem elles de tamanha alegria e consolação, a capella e corredores estavam mui bem ornadas de varias sedas, alcáfitas, guadaniéis, palmas com outros ramos frescos. Na procissão houve boa musica de vozes, flautas e orgãos : em alguns passos estavam certos estudantes, com seus descantes, e cravos, a que dizião psalmos, e alguns motetes, e tambem recitárão epigrammas às santas reliquias. Com esta solemnidade e devoção, chegámos á capella onde houve completas sollemnes, foi tanta a devoção dos cidadãos, que se não fartavão de vir muitas vezes visitar as reliquias, e os estudantes continuarão muitos dias, gastando muitas horas em oração, rezando seus rosarios. Os padres e irmãos têm nesta capella muita devoção e oração continua, e assim as reliquias, como os painéis da paixão, de que está cercada a capella o pedem. Algumas pessoas de fóra fizerão varias esmolas, um frontal, vestimenta e sobreco de velludo verde, uma caixa de prata em que está a reliquia de S. Christovão, outros derão algumas sedas e botijas de azeite para a alampada ; as mulheres já que não gozavão da festa, por sor dentro de casa, mostrarão a muita devoção que têm ás santas Virgens, em darem os melhores espelhos que tinham para vidraças, e alguns delles tinham mais de um palmo em quadro. E o padre visitador nesta parte fez mais fructo com seu relicario em tirar os espelhos, que os prégadores com as prêgações.

Chegadas outra vez as monções do Sul, no fim de Junho, partimos para Pernambuco, padre visitador, padre Rodrigo de Freitas, com outros padres e irmãos, que por todos eramos quatorze ; não foi o padre provincial, porque ficava muito mal na Bahia. Ao segundo dia com vento contrario, arribámos ao morro de S. Paulo, barra de Tinharé, doze leguas da Bahia, onde estivemos onze dias, sem fazer tempo para continuarmos a viagem. Aqui estivemos dia de S. João Baptista, S. Pedro e S. Paulo, nos quaes diziamos missa em um tejupaba de palha ; os irmãos, passageiros e marinheiros, commungárão nestas festas : passamos estes dias com boa musica, que alguns irmãos de boas fallas fazião frequentemente ao som de uma suave flauta, que de noite nos consolavão, e de madrugada nos despertavão, com devotos e saudosos psalmos e cantigas. Pelo navio ser de casa e andarmos bem accommodados, sempre fomos no mar providos de todo o necessario, assim na saude, como nas enfermidades, tão bem como em casa. E nestes dias o fomos de varios pescados com que sempre se fartava o navio, algumas vez s iamos gastar as tardes com boa musica e praticas espirituaes, sobre um fresco rio á vista do mar : e pelo lugar ser solitário, causava não pequena devoção: de quando em quando pescavamos para aliviar as molestias que consigo traz uma arribada. Aqui nos visitou um Padre nosso que residia no Camamú, com um Lou

refresco de uma vitella, porco, gallinhas, patos, e outras aves e fructas, com muita caridade.

Daqui partimos a 2 de Julho, e aos 14 do mesmo, dia de S. Boaventura, perto do meio dia, deitamos ferro no arrecife de Pernambuco, que dista da villa uma boa legua. Logo vierão dous irmãos com rede e cavallos, em que seguimos, e no collegio fomos recebidos do Padre Luiz da Graça, reitor, e dos mais padres e irmãos, com extraordinaria alegria e caridade. Ao dia seguinte se festejou dentro de casa como cá é costume, o martyrio do Padre Ignacio de Azevedo e seus companheiros, com uma oração em verso no refeitório, outra em lingua de Angola, que fez um irmão de quatorze annos, com tanta graça, que a todos nos alegrou, e tornando-a em portuguez com tanta devoção, que não havia quem contivesse as lagrimas. No tempo do repouso, que estava bem enramado o chão, juncado de mangleirões, se explicarão alguns enigmas e derão premios. A tarde fomos merendar á horta, que têm muito grande, e dentro della um jardim fechado com muitas hervas cheirosas, e duas ruas de pilares de tijolo com parreiras, e uma fructa que chamão maracujá, sadia, gostosa, e refresca muito o sangue em tempo de calma, tem ponta de azedo; é fructa estimada. Tem um grande romeiral de que colhem carros de romãs, figueiras de Portugal, e outras fructas da terra. E tantos melões, que não ha esgotallos, com muitos pepinos e outras boas commodidades. Tambem tem um poço, fonte e tanque, ainda que não é necessario para as laranjeiras, porque o céu as rega: o jardim é o melhor e mais alegre que vi no Brasil, e se estivera em Portugal tambem se pndera chamar jardim.

Logo á quarta-feira fizerão os irmãos estudantes um recebimento ao padre visitador dentro em casa: no tempo do repouso recitão-so uma oração em prosa, outra em verso, outra em portuguez, outra na lingua brasílica, com muitos epigrammas. Acabada a festa lhe fez o Padre outra, distribuindo por todos relicarios, Agnus-Dei, contas bentas, reliquias, imagens, etc. Tambem se leu a patente, e todos derão a obra ao padre, tomando-lhe a benção.

Foi o Padre mui frequentemente visitado do Sr. Bispo, ouvidor-geral e outros principaes da terra, e lhe mandarão muitas vitellas, porcos, perús, gallinhas e outras cousas, como conservas, etc.; e pessoa houve, que da primeira vez mandou mais de dez cruzados em carnes, farinhas de trigo de Portugal, um quarto de vinho, etc.: e não contente com isto o levirão ás suas fazendas algumas vezes, que são maiores e mais ricas que as da Bahia; e nestas lhe fizerão grandes honras e agasalhos, com tão grandes gastos que não saberei contar; porque deixando á parte os grandes banquetes de extraordinarias iguarias, o agasalhavão em leitos de damascos carmesim, fraçados de ouro, e ricas colchas da India: mas o Padre usava da sua rede como costumava. Mandavão de ordinario cavallos para seis dos nossos com seus feitores que nos acompanhassem todo o caminho, e elles mesmos em pessoa vinhão receber o Padre em caminho duas, tres leguas, dando-nos pelo caminho muitos jantares, almoços e merendas, com grande abundancia e mostras de muito amor, e respeito á

Companhia. Costumão elles a primeira vez que deitão a moer os engenhos a benze-los, e neste dia fazem grande festa, convidando uns aos outros. O Padre, a sua petição, lhes benzeu alguns, cousa que muito estimarão. Vimos grande parte de sessenta e seis engenhos que ha em Peruambuco, com outras fazendas muito para ver. Não fallo na frescura dos arvoredos, nem nos muitos e grandes rios caudaes, porque é cousa ordinaria o commum no Brasil.

Trazia o Padre visitador cartas de el-rei para o capitão e camara. Fizerão grandes offerecimentos para tudo o que o Padre quizesse e ordenasse, para bem da christandade e governo da terra.

Os estudantes de humanidades, que são filhos dos principaes da terra, indo o Padre á sua classe, o recebêrão com um breve dialogo, boa musica, tangendo e dançando mui bem; porque se presão os pais de saberem elles esta arte. O mestre fez uma oração em latim. O Padre lhe distribuiu contas, reliquias, etc.

No fim de Julho, se celebra no collegio a trasladação de uma cabeça das onze mil Virgens, que os Padres alli têm mui bem concertada, em uma torre de prata: houve missa solenne, préguei-lhe das Virgens com grande concurso de toda a terra, por haver jubileo, a que commungou muita gente. O mesmo fiz na matriz dia da Assumpção de Nossa Senhora, a petição dos mordomos, que são os principaes da terra, e alguns delles senhores de engenhos de quatro e mais mil crusados de seu. Seis delles todos vestidos de velludo e damasco de varias côres, o acompanhãrão até o pulpito, e não é muito achar-se esta policia em Pernambuco, pois é Olinda da Nova Lusitania.

Além do grande fructo, que se colheu das missões que o Padre fez a varias partes onde o padre Luiz da Graã e eu pregavamos algumas vezes, confessando muitos portuguezes e mulheres fidalgas de dom, que não faltão nesta terra. Dia havia em que commungavão algumas trinta pessoas, fóra o grande fructo que um Padre lingua fazia com os Indios e escravos de Guiné. Ordenou o Padre que andassem quatro Padres em missões uns quinze dias: fez-se grande fructo, baptisárão-se muitos Indios e escravos de Guiné, e muitos se casárão em lei de graça, e ouvirão grande cópia de confissões, de que se seguiu grande edificação para toda a terra.

No anno de 1583 houve tão grande secca e esterilidade nesta provincia (cousa rara e desacostumada, porque é terra de continuas chuvas) que os engenhos d'agua não moerão muito tempo, e as fazendas de cannavenes e mandioca se seccárão, por onde houve grande fome, principalmente no sertão de Pernambuco, pelo que descêrão do sertão apertados pela fome soccorrendo-se aos brancos quatro ou cinco mil Indios; porém passado aquelle trabalho da fome, os que puderão se tornárão ao sertão, excepto os que ficarão em casa dos brancos ou por sua vontade ou não. Também ficou um principal chamado Mitaguaya, de grande nome entre os Indios do sertão, por ser bom lingua, e fallador. Este com intento e desejo de ser christão entregou um seu filho ao Padre Luiz da Graã, o qual em breve tempo soube fallar portuguez, ajudar a missa e aprendeu a ler,

escrever e contar. Tanto que o padre visitador chegou a Pernambuco, logo o sobredito Mitaguaya visitou por vezes o Padre, vestido de damasco com passamanes de ouro, e sua espada na cinta, pedindo-lhe com grande instancia quizesse ir á sua aldêa e dar-lhe Padres, que se queria baptisar com todos os seus. Dando-lhe o padre boas esperanças que os visitaria, fizeram-lhe caminhos por matos e serras altissimas mais de uma legua. Quando lá fomos nos vierão receber quasi duas leguas da aldêa, e para agasalho do Padre fizeram uma casa nova, mas por ser em paragem de grande perigo por causa dos contrarios, o Padre Luiz da Graã era de parecer que não ficassemos alli aquella noite; mas o padre visitador para lhe agradecer a caridade da casa nova, e os não desconsolar, antes animar, dormio alli aquella noite. Elles nos derão a cear de sua pobreza, peixinhos de moque assados, balatas, cará, mangará e outras fructas da terra, e o Padre os convidou com cousas de Portugal. De noite tiveram seu solenne e gracioso conselho defronte da nossa casa, tendo uma grande fogueira no meio como é costume, e juntos os velhos principaes e grandes linguas, se assentarão assim nús em uns pedaços de pão, e alli com tolo siso e maduro conselho tratãrão certos pontos sobre a sua estada naquella sitio, vendo a difficuldade dos matos, a commodidade do rio que tinham perto, a conjunção boa que tinham para se fazer christãos, com outras cousas que tratavão com muita graça e gravidade, e resolvêrão *uno ore* que se fizesse tudo o que o Padre ordenasse para bem de sua estada naquella terra, e poderem receber nossa boa fé, e assim como o determinãrão o cumprirão, porque estando differentes nos pareceres, o sobredito Mitaguaya com outro grande principal se ajuntãrão por parecer do padre, em um sitio que o Padre lhe assignalou, e logo se passarão para elle fundãrão a aldêa, e têm já feita a igreja. Para isto foi destinado um padre lingua, com outro para companheiro, e dando ordem para que se acabasse a igreja com diligencia, lhes comecãrão á ensinar as cousas da fé. São mais de oitocentas almas as que se querem baptisar, e espera-se que desça grande multidão de Gentios com a fama desta igreja.

Da visita se seguiu grande consolação nos de casa, com as muitas praticas, avisos espirituaes, exhortações das regras, que o padre fez em quanto alli os conversou. Deu profissão de quatro votos aos padres Leonardo Arminio, italiano, e do padre Pero de Toledo, hespanhol, que fôra sete annos reitor do collegio do Rio de Janeiro, ambos bons letrados; e de coadjutores formados espirituaes a dous padres, a festa se fez no dia de S. Jeronymo, prégou o padre Luiz da Graã, tem muito bom pulpito, e boas cousas, e graça em as propor, assim nesta, como nas mais cousas, é mui aceito e amado de todos da terra. Dia da Assumpção de Nossa Senhora, ordenou o Sr. Bispo sete irmãos de missa, dando-lhe todas as ordens em nossa igreja.

Não posso deixar de dizer nesta, as qualidades de Pernambuco, que dista da equinoctial para o Sul oito grãos, e cem leguas da Bahia, que lhe fica ao Sul. Tem uma formosa igreja matriz de trez naves, com muitas capellas ao redor, acabada ficará uma boa obra, tem seu vigario com

dous outros clérigos, fóra outros muitos que estão nas fazendas dos portuguezes, que elles sustentão á sua custa, dando-lhe mesa todo o anno, e dez a quarenta mil réis de ordenado, fóra outras vantagens.

Tem mais de dous mil vizinhos, entre villa e termo, com muita escravatura de Guiné, que serão perto de dous mil escravos ; os Indios da terra são já poucos. A terra é toda muito chã, o serviço das fazendas é por terra, e em carros : a fertilidade dos cannavies não se pôde contar ; tem sessenta e seis engenhos, que cada um, é uma boa povoação ; lavrão-se alguns annos duzentas mil arrobas de assucar, e os engenhos não podem esgotar a canna, porque em um anno se faz dezvez para moer, e por esta causa a não podem vencer, pelo que moem canna de tres e quatro annos, e a virem cada anno quarenta navios ou mais, a Pernambuco, não podem levar todo o assucar : é terra de muitas criações de vaccas, porcos, galinhas etc.

A gente da terra é honrada, ha homens muito grossos de 40, 50, e 80 mil cruzados de seu, alguns devem muito pelas grandes perdas que têm com a escravatura de Guiné, que lhe morrem muitos, e pelas demasias e grandes gastos que têm em seu tratamento. Vestem-se com suas mulheres e filhos, de toda a sorte de velludos, damascos e outras sedas, e nisto têm grandes excessos. as mulheres são muito senhoras, e não muito devotas. Tambem frequentão as missas, prégações, confissões etc. os homens são tão briosos, que comprão giuetes de duzentos e trezentos cruzados, e alguns têm tres, quatro cavallos de preço. São mui dados a festas ; casando uma moça honrada com um Viannez, que são os principaes da terra, os parentes e amigos se vestirão uns de velludo carmesim, outros de verde, e outros de damasco e sedas de varias côres, e os guiões e sellas dos cavallos, erão das mesmas sedas de que ião vestidos.

Naquelle dia correrão touros, jogarão cannas, pato, argolinha, e vierão dar vista ao collegio para os ver o padre visitador ; e por esta festa se pôde julgar o que farão nas mais, que são communs e ordinarias. São sobre tudo dados a banquetes, em que de ordinario andão comendo um dia, dez ou doze senhores de engenhos juntos, e revesando-se desta maneira, gastão quanto têm, e de ordinario bebem cada anno dez mil cruzados de vinhos de Portugal : e alguns annos beberão oitenta mil cruzados dados em rol. Em fim, em Pernambuco se acha mais vaidade que em Lisboa, os Viannezes são senhores de Pernambuco, e quando se faz algum ruido contra algum Viannez, dizem em lugar de aqui d'el-rei, aqui de Viana etc.

A villa está bem situada, em lugar eminente, de grande vista para o mar, e para terra ; tem boa casaria de pedra e cal, tijolo e telha : temos aqui collegio onde residem vinte e um dos nossos ; sustentão-se bem, ainda que tudo vale dobrado do que em Portugal ; o edificio é velho, mal acomodado, a igreja pequena. Os padres têm uma lição de casos, outra de latim, e escola de lêr e escrever, prégação, confissão, e com os Indios e negros de Guiné, se faz muito fructo ; dos portuguezes são mais amados, e todos lhes têm grande respeito. Nesta terra estão bem empregados, e por seu meio faz Nosso Senhor muito, louvado seja elle por tal lo.

Acabada a visita de Pernambuco onde estivemos tres mezes, e chegadas as monções dos nordestes, aos 16 de Outubro, partimos para a Bahia nove padres, e tres irrinãos, acompanhando-nos o padre Luiz da Grã reitor, com alguns padres do collegio, até a barra, que é uma legua : houve muitas lagrimas e saudades na despedida, e não se podião apartar do padre visitador, tão consolados e edificados os deixava, e com estas saudades se tornarão cantando pela praia as ladainhas, psalmos e outras cantigas devotas. Estava já neste tempo o nosso navio fóra da barra, e pelo o tempo ser algum tanto contrario para sahir, andámos até alta noite a bordejar, não podendo tomar o navio, e quando já o tomamos, foi inutil, porque cahio o padre Rodrigo de Freitas ao mar, entre o navio e a barra, donde o tirámos meio afogado, mas foi Nosso Senhor servido que não chegasse o desastre a mais : aquella noite levámos a anchora, e com um vento galerno, no dia 20 chegámos á Bahia.

Ao dia seguinte, por ser dia das onze mil Virgens, houve no collegio grande festa da dita confraria, que os estudantes têm a seu cargo : disse missa nova cantada um padre com diacono, e sobdiacono. Os padrinhos forão o padre Luiz da Fonseca reitor, e eu, com nossas capas de asperges ; a missa foi officiada com boa capella dos Indios com suas flautas, e de alguns cantores da Sé com órgão, cravo e descantantes, e ella acabada, se ordenou a procissão dos estudantes, onde levámos debaixo do pallio tres cabeças das onze mil Virgens, e as varas levavão os vereadores da cidade, e os sobrinhos do Sr. governador. Sahio na procissão nua não a vella por terra, muito formosa, toda embandeirada, cheia de estudantes, e dentro nella hia as onze mil Virgens ricamente vestidas, celebrando seu triumpho : de algumas janellas fallarão a cidade, e collegio, e uns anjos todos mui ricamente vestidos ; da não se dispararão alguns tiros de arcabuzes, e no dia antecedente houve muitas invenções de fogos, na procissão houve danças, e outras invenções devotas, e curiosas. A' tarde se celebrou o martyrio dentro da mesina não, desceu uma nuvem do Céu, e os mesmos anjos lhe fizerão um devoto enterramento, a obra foi devota e alegre, concorreu toda a cidade, por haver jubileo, e prégação, houve muitas confissões, commungarão perto de quinhentas pessoas, e assim enjoados como vinhamos, confessámos toda a manhã : Nosso Senhor seja com tudo louvado.

Tres semanas nos detivemos na Bahia, pelo o padre visitador chegar mal disposto de umas mordeduras de carrapatos (que são uns do tamanho de piolhos de gallinha e outros maiores) dos quaes foi em Pernambuco, sangrado duas vezes, e se lhe encheu o corpo todo de postemas. Neste tempo foi admittido na companhia, um sacerdote já homem, com perto de trinta annos, que á dias nella tinha vivido ; e havendo um anno que o padre visitador o dilatava, não querendo aceitar sua fazenda, nunca quiz entrar sem fazer primeiro a doação publica ao collegio de toda a sua fazenda, escravatura, terras, vacas, e movel, que valeria tudo mais de oito mil cruzados ; e não quiz aceitar ser provisor e adaião da Sé, que o Sr. bispo lhe mandou que aceitasse sob pena de excommunhão.

A 14 de Novembro partimos para as partes do Sul, oito padres e quatro irmãos, naquella tarde e dia seguinte, navegámos sessenta leguas com bom tempo, e logo nos deu tal vento pela prôa, que as tornámos a demandar quasi todas. E tornando Nosso Senhor a continuar com sua misericordia, nos favoreceu de maneira que aos 21, tomámos a capital do Espirito Santo, que dista cento e vinte leguas da Bahia : fomos recebidos dos padres com muita caridade, e do Sr. administrador, que estava na nossa cerca esperando o padre visitador, com grande alvoroço e alegria, e logo mandou dous perús, e os da terra mandarão vitellas, porcos, vacas e outras muitas cousas, conforme a possibilidade e caridade de cada um : logo aos 23, se celebrou em casa a festa de Santa Catharina, disse missa nova um dos padres que vinha de Pernambuco, filho do governador do Paraguay, o qual sendo o unico, e herdeiro daquella governança, fugio ao pai, e entrou na Companhia : o Sr. administrador foi seu padrinho, e fez officiar a missa pelos de sua capella, e os Indios tambem ajudarão com suas flautas ; toda a manhã houve muitas confissões, communhões, e prégação.

Em quanto aqui estivemos, forão os nossos muito ajudados com a visita e exhortações do padre visitador : fizeram com elle suas confissões geraes, o padre lhes fez praticas, com ellas e mais avisos espirituaes ficarão em extremo consolados.

Têm os padres nesta capital, tres leguas da villa, duas aldêas de Indios a seu cargo, em que residem os nossos, que terão tres mil almas espirituaes, fóra outras aldêas que estão ao longo da costa, as quaes visitão algumas vezes, que terão algumas duas mil pessoas entre pagãos e christãos. Vespera da Conceição da Senhora, por ser orago da aldêa mais principal, foi o padre visitador fazer-lhe a festa ; os Indios tambem lhe fizeram a sua, porque duas leguas da aldêa, em um rio mui largo e formoso (por ser o caminho por agua) vierão alguns Indios Murubixába, e seus principaes com muitos outros, em vinte canoas mui bem equipadas e algumas pintadas, enramadas e embandeiradas, com seus tambores, pifanos e flautas, providos de mui formosos arcos e frechas muito galantes, e fazião a modo de guerra naval, muitas cilladas no rio, arrebatando poucos e poucos com grande gritaria, e perpassando pela canôa do padre, lhe davão o *ereiupe*, fingindo que o cercavão e captivavão : neste tempo um menino perpassando em uma canôa pelo padre visitador, lhe disse em sua lingua : *pay, marápe guarinime nande popeçoari?* entempo de guerra e cerco como estás desarmado ! e meteu-lhe um arco e frechas na mão.

O padre assim armado, e elles dando seus alaridos e urros, tocando seus tambores, flautas e pifanos, levarão o padre até a aldêa, com algumas danças que tinham prestes. Ao dia da Virgem, disse o Sr. administrador missa cantada, com sua capella, e o padre visitador pela manhã cedo antes da missa, baptizou sessenta e tres adultos, no qual tempo houve boa musica de vozes e flautas, e na missa casou trinta e seis em lei de graça, e deu a communhão a trinta e sete.

Por haver jubileo, concorreu toda a terra, e toda a manhã confessámos

homens e mulheres portuguezes : houve muitas communhões, e tudo se fez com consolação dos moradores Indios e nossa. Acabada a missa, houve procissão solenne pela aldêa, com dança dos Indios a seu modo, e á portugueza, e alguns mancebos honrados tambem festejarão o dia, dançando na procissão, e representarão um breve dialogo devoto, sobre cada palavra da Ave Maria, e esta obra dizem que compoz o padre Alvaro Lobo, e até ao Brasil chegam suas obras e caridade.

Era para ver os novos christãos, e christãs sairem de suas ócas como colonias, acompanhados de seus parentes e amigos, com sua bandeira adiante e tamboril, depois do baptismo e casamentos tornarem assim acompanhados para suas casas. E as Indias quando se vestem, vão tão modestas, serenas, direitas e pasmadas, que parecem estatuas encostadas a seus pagens, e a cada passo lhe caem os pantufos, porque não têm de costume,

Ao dia seguinte fomos a aldêa de S. João, dahi meia legua embarcado por um rio acima, mui fresco e gracioso, de tantos bosques e arvoredos que se não via a terra, e escassamente o Céu : os meninos da aldêa tinham feito algumas ciladas no rio, as quaes fazião a nado, arrebatando de certos passos com grande gritaria e urros, e fazião outros jogos e festas na agua a seu modo muito graciosos, umas vezes tendo a canôa, outras vezes mergulhando por baixo, e saindo em terra, todos com as mãos levantadas dizião : louvado seja Jesus, e vinhão tomar a benção do padre, os principaes davão seu *ereiupe*, prégando da vinda do padre com grande fervor: chegámos á igreja, acompanhados dos Indios, meninos, e mulheres com suas palmas nas mãos, e outros ramalhetes de flores, que tudo representava ao vivo o recebimento do dia de Ramos. Porém neste tempo ainda que os Indios fazem a festa, tudo é pasmar maxime as mulheres do Payguaçu. Acabado o recebimento, houve outra festa de laranjadas, e não lhe faltão lara-jas, nem outras fructas semelhantes com que as fação. Logo começáráo com suas dadivas, e são tão liberaes, que lhes parece que não fazem nada senão dando logo quanto tem : e é grande injuria para elles não se lhe aceitar, e quando o dão não dizem nada, mas pondo perús, gallinhas, leitões, papagaios, tuins reaes, etc. aos pés do padre se tornão logo.

Ao dia seguinte baptizou o padre visitador trinta e tres adultos, e casou na missa outros tantos em lei de graça, e tudo se fez com as mesmas festas. Estavão estes Indios em seu sitio mal accommodados, e a igreja ia cahindo : fez o padre que se mudassem á outra parte, o que fizeram com grande consolação sua.

Ha nesta terra mais Gentio para converter que em nenhuma outra capitania : deu o padre visitador ordem, com que fossem dous padres dahi a vinte oito leguas á petição dos Indios, que querião ser christãos : espera-se grande fructo desta missão, que descerrão logo quatro ou cinco mil almas, e ficarã a porta aberta para descer grande multidão de Gentios. para o qual effeito o governador desta terra, Vasco Fernandes Coutinho (filho daquelle Vasco Fernandes Coutinho, que fez as maravilhas em Ma-

laca, detendo o elephante que trazia a espada na tromba (deu grandes provisões sobre graves penas que ninguém os fosse saltar ao caminho, deu-lhe tres leguas de terra que os Indios pedião, e perdão geral de algumas mortes de brancos, e alevantamentos que tinham antigamente feito, e quando foi ao assignar da provisão, não a quiz ler, nem vio o que dizia ; antes vindo-a sellar á nossa casa, disse que tudo que o padre visitador puzesse, havia por bem, e que pedisse tudo quanto quizesse em favor dos Indios, que elle o aprovaria logo.

Os Portuguezes tem muita escravatura destes Indios christãos : tem elles uma confraria dos Reis em nossa igreja, e por ser antes do Natal, quizerão dar vista ao padre visitador de suas festas. Vierão um domingo com seus alardos á portugueza, e a seu modo, com muitas danças, folias, bem vestidos, e o rei e a rainha ricamente ataviados, com outros principaes e confrades da dita confraria : fizeram no terreiro da nossa igreja seus caracões, abrindo e ferhando com graça, por serem mui ligeiros, e os vestidos não carregavão muito a alguns, porque os não tinham. O padre lhe mandou fazer uma prégacão na lingua, de como vinha a consolal-os, e trazer-lhes padre para os doutrinarem, e do grande amor com que Sua Magestade lh'os encommendava ; ficarão consolados e animados, e muito mais com os relicarios que o padre deitou ao pescoço do rei, rainha, e outros principaes. Os Portuguezes recebem o padre nesta terra com tantas honras e mostras de amor, que não ha mais que pedir. O Sr. governador e mais principaes da terra o visitarão muitas vezes, e porque o padre lhe trazia carta de el-rei, e aos mais da camara e governo da villa, fizeram quanto o padre lhe pedio para bem da christandade : e não contentes com as dadas passadas, levando o padre ás suas fazendas, lhe derão muitos banquetes de muitas, exquisitas e varias iguarias. E em um delles, depois de sermos seis da Companhia, bem servidos, tirando as toalhas de cima, começou o segundo, e este acabado o terceiro, tudo com tanta ordem, limpeza, concerto e gosto, que nos espantava, e emquanto comemos, não fazião senão mandar como as esquipadas com varias iguarias ao padre, que ficarão em casa, e por ser o caminho por agua e breve, tudo chegava a tempo. Este é o respeito que por cá se tem ao padre e aos mais da Companhia. Nosso Senhor lhe pague.

Na barra deste porto, está uma ermida de Nossa Senhora, chamada da Pena, e certo que representa a Senhora da Pena de Cintra, por estar fundada sobre uma altissima rocha de grande vista para o mar, e para a terra : a capella é de abobada pequena, mas de obra graciosa e bem acabada. Aqui fomos em romaria dia de S. André, e todos dissemos missa com muita consolação, e V. Revm. foi bem encommendado á Senhora com toda essa provincia, o que tambem faziamos nas romarias, e continuamente em nossos sacrificios, e eu sou o que ganho pela muita consolação que tenho com tal lembrança, e pois a devo a V. Revm. e aos mais padres, e irmãos dessa provincia por tantas vias. Este dia nos agasalhou o Sr. governador com muita caridade.

Esta Capitania do Espirito Santo, é rica de gado e algodões, tem seis

engenhos de assucar, e muitas madeiras de cedros e páos de balsamo, que são arvores altissimas, picão-se primeiro, e deitão um oleo suavissimo de que fazem rosarios, e é o unico remedio para feridas. A villa é de Nossa Senhora da Victoria, terá mais de cento e cincoenta vizinhos, com sou vigario. Está mal situada, em uma ilha cercada de grandes montes e serras, e se não fôra um rio muito formoso que lhe corre junto, ainda seria mais triste do que é, porque mais pouca vista terá que a do rio.

Os padres têm uma casa bem acommodada, com sete cubiculos, e uma igreja nova e capaz : a cerca é cheia de muitas laranjeiras, limeiras doces, cidreiras, acajús, e outras fructas da terra, com todo o genero de hortaga de Portugal. Vivem os nossos de esmolas, e são muito bem providos, e o collegio do Rio, os ajuda com as cousas de Portugal, como tambem faz as duas casas de Piratininga e S. Vicente, por serem a elle annexas, e entrarem no numero das cincoenta que têm dote.

Do Espirito Santo partimos para o Rio de Janeiro, que dista dahi oitenta leguas. Dous ou tres dias tivemos bom tempo, e logo nos deu um temporal tão forte, que foi necessario ficarmos em arvore secca quasi dous dias, com muito perigo, por estarmos sobre uns baixos dos Goitacazes, mui perigosos, e não muito longe da costa : alli estivemos a Deos misericordia, e cada um se encommendava a Nossa Senhora quanto podia, por vermos perto a morte. Deste perigo nos livrou Deos por sua bondade ; e aos 20, véspera de S. Thomé, arribámos ao Rio, fomos recebidos do padre Ignacio Tolosa, reitor, e mais padres, e do Sr. governador, que manco de um pé, com os principaes da terra, veio logo á praia, com muita alegria, e os da fortaleza tambem a mostrarão com a salva de sua artilharia.

Neste collegio tivemos o Natal com um presepe muito devoto, que fazia esquecer os de Portugal. Tambem cá Nosso Senhor dá as mesmas consolações, e vantagens. O irmão Barnabé Telo fez a lapa, e ás noites nos alegrava com seu birimbão.

Trouxemos no navio uma reliquia do glorioso S. Sebastião, engastada em um braço de prata. Esta ficou no navio para a festejarem os moradores, e estudantes como desejavão, por ser esta cidade do seu nome, e ser elle o padroeiro e protector. Uma das oitavas á tarde se fez uma celebre festa; o Sr. governador com os mais portuguezes, fizeram um lustroso alardo de arcabuzaria, e assim juntos com seus tambores, pífanos e bandeiras, forão á praia : o padre visitador com o mesmo governador e os principaes da terra, e alguns padres, nos embarcámos em uma grande barca bem embandeirada e enramada ; nella se armou um altar, e alcatifou a tolda com um pallio por cima, acudirão algumas vinte canoas bem esquipadas, algumas dellas pintadas, outras empennadas, e os remos de varias côres.

Entre ellas vinha Martim Affonso, commendador de Christo, Indio antigo Abaeté e moçacára, grande cavalleiro, e valente, que ajudou muito aos portuguezes na tomada deste Rio. Houve no mar grande festa de escaramuça naval, tambores, pífanos, e flautas, com grande gritaria dos

Índios, e os portuguezes da terra, com sua arcabuzaria, e tambem os da fortaleza dispararão algumas peças de artilharia grossa : com esta festa andamos barlaventeando um pouco á vela, e a santa reliquia ia no altar dentro de uma rica charola, com grande apparatus de velas acesas, musica de canto e orgão etc. Desembarcando, viemos em procissão até a Misericordia, que está junto da praia, com a reliquia debaixo do pallio : as varas levavão os da camara, cidadãos principaes, antigos, e conquistadores daquela terra.

Estava um theatro á porta da Misericordia, com uma tolda de uma vela, e a santa reliquia se poz sobre um rico altar, em quanto se representou um devoto dialogo do martyrio do santo, com choros e varias figuras muito ricamente vestidas : e foi assetado um moro atado a um pão, causou este espectáculo muitas lagrimas de devoção e alegria a toda a cidade, por representar muito ao vivo o martyrio do Santo, não faltou mulher que não viesse á festa : acabado o dialogo, por ser a nossa igreja pequena, lhe préguei no mesmo theatro dos milagres e mercês, que tinham recebido deste glorioso martyr na tomada deste Rio, a qual acabada, deu o padre visitador a beijar a reliquia a todo o povo, e depois continuámos com a procissão e dança até nossa igreja ; era para ver uma dança de meninos Índios, o mais velho seria de oito annos, todos musinhos, pintados de certas côres apasiveis, com seus cascaveis nos pés, braços, pernas, cinta e cabeça, com varias invenções de diademas de pennas, collares e braceletes : parece-me que se os vissem nesse reino, andarião todo o dia atraz delles : foi a mais apasivel dança que destes meninos cá vi ; chegados á igreja, foi a santa reliquia collocada no sacrario, para consolação dos moradores, que assim o pedirão.

Tem os padres duas aldeas de Índios, uma dellas de S. Lourenço, uma legua da cidade por mar, e a outra de S. Barnabé, sete leguas tambem por mar, terão ambas tres mil Índios christãos. Foi o padre visitador á de S. Lourenço, aonde residem os padres, e dia dos Reis lhe disse missa cantada, officiada pelos Índios em canto de orgão com suas flautas : casou alguns em lei de graça, e deu a communhão a outros. Eu baptisei dous adultos sómente, por serem os mais todos christãos.

Esta Capitania do Rio, dista da equinocial 23 grãos para o sul, e da Bahia 130 leguas, é muito sadia, de muitos bons ares e aguas, no verão tem boas calmas algumas vezes, e no inverno mui bons frios ; mas em geral é temperada : o inverno se parece com a primavera de Portugal, tem uns dias formosissimos, tão apasiveis e salutiferos que parece estão os corpos bebendo vida : é terra mui fragosa, e muito mais que a Serra da Estrella ; tudo são serranias e rochedos espantosos, e tem alguns penedos tão altos, que com tres tiros de frecha, não chega um homem ao chão, e ficão todas as frechas pregadas na pedra, por causa da grande altura ; desta serra descem muitos rios caudaes que de quatro e sete leguas se vê alvejar por entre matos que vão ás nuvens, e do pé de algumas destas serras até acima ha uma grande jornada : são todas estas serras cheias de muitas e grandes madeiras de cedro, de que se fazem canoas tão largas, de um só

páo, que cabe uma pipa atravessada; e de comprimento, que levão dez, doze remeiros por banda, e carregão cem quintaes de qualquer cousa, e outras muito mais. Ha muitos páos de sandalo branco, aquila e noz moscada e outros páos reaes muito para vêr. Agora se descobrio um páo que tinge de amarello, como o brazil de vermelho, é páo de preço: é abundante de gados, porcos e outras criações: dão nellas marmellos, figos, romeiras, e também trigo se o semeão; a um grão respondem oitocentos e mais, e cada grão dá dez a sessenta espigas, dos quaes umas estão maduras, outras verdes, outras nascem; também se dão rosas, cravos vermelhos, cebolas cecem, arvores de espinhos, todo o genero de hortaliça de Portugal, as cannas também se dão bem, e tem tres emgenhos de assucar, enfim é terra muy farta.

A cidade está situada em um monte de boa vista para o mar, e dentro da barra tem uma bahia que bem parece que a pintou o Supremo Pintor e Architecto do mundo Deos Nosso Senhor, e assim é cousa formosissima, e a mais aprasivel que ha em todo o Brasil, nem lhe chega a vista do Mondego e Tejo: é tão capaz, que terá vinte leguas em roda, cheia pelo meio de muitas ilhas frescas, de grandes arvoredos, e não impedem a vista umas ás outras, que é o que lhe dá graça; tem a barra meia legua da cidade, e no meio della uma lage de sessenta braças de comprido, e bem larga que a divide pelo meio, e por ambas as partes tem canal bastante para náos da India; nesta lage manda el-rei fazer a fortaleza, e ficará cousa inexpugnavel, nem se lhe poderá esconder um barco, a cidade tem 150 vizinhos com seu vigario, e muita escravatura da terra.

Os padres tem aqui o melhor sitio da cidade; tem grande vista com toda esta enseada defronte das janellas; tem começado o edificio novo, e tem já treze cubiculos de pedra e cal que não dão vantagem aos de Coimbra, antes a levão na boa vista; são forrados de cedro, a igreja é pequena, de taipa velha; agora se começa a nova de pedra e cal, todavia tem bons ornamentos, com uma custodia de prata dourada para as endoenças, uma cabeça das onze mil Virgens, o braço de S. Sebastião com outras reliquias, uma imagem da Senhora de S. Lucas. A cerca é cousa formosa, tem muito mais laranjeiras que as duas cercas de Evora, com um tanque e fonte: mas não se bebe della por ser a agua saloba; muitos marmeleiros, romeiras, limeiras, limoeiros, e outras fructas da terra. Também tem uma vinha que dá boas nvas, os melões se dão no refeitório quasi meio anno, e são finos: nem faltão couves mercianas bem duras, alfaces, rabãos, e outros generos de hortaliça de Portugal em abundancia: o refeitório é bem provido do necessario, a vacca na qualidade e gordura se parece com a de Entre-Douro e Minho: o pescado é vario e muito, e são para ver as pescarias da sexta-feira, e quando se compra, vale o arratel a quatro réis, e se é peixe sem escama, a real e meio, e com um tostão se farta toda a casa, e residem nella de ordinario vinte e oito padres e irmãos, fóra a gente, que é muita, e para todos ha. Duvidava eu qual era melhor provido, se o refeitório de Coimbra, se este, e não me sei determinar: quanto ao espirital, se parece na observancia, bom concerto e ordem com qual-

quer dos bem ordenados de Portugal: estes padres velhos são a mesma edificação e desprezo do mundo, esta fructa colhêrão cá por estes matos sem praticas, nem conferencias, são um espelho de toda a virtude, e muito temos que andar, os que de lá viemos, se tivermos de chegar a tanta perfeição da solida e verdadeira virtude da Companhia.

Nas oitavas do Natal, ouviu o padre visitador as confissões geraes, e renovarão-se os votos dia de Jesus, e aquelle dia préguei na nossa igreja, houve muitas confissões e communhões por causa da festa e jubileo. Por se irem acabando as monções dos nordestes, quiz o padre visitar primeiro a casa de S. Vicente, e Piratininga, para na volta estar neste collegio com vagar: dahi partimos depois dos Reis para S. Vicente que dista daqui quarenta leguas, e é a derradeira Capitania: fizemos o caminho á vista de terra, é toda cheia de ilhas mui formosas, cheias de passaros e pescado. Chegámos em seis dias, por termos sempre calmaria á barra do rio denominada da *Buriquioca*, cova dos bugios, e pelo nome corrupto *Bertioga*, onde está a nomeada fortaleza para que antigamente degradavão os malleitores: a fortaleza é cousa formosa, parece-se ao longe com a de Belém, e tem outra mais pequena defronte, e ambas se ajudavão uma á outra no tempo das guerras. Daqui á villa de Santos são quatro leguas; sabendo o padre Pedro Soares superior daquela casa, veio pelo rio duas leguas com outro padre, e chegou á villa ja de noite: o capitão com os principaes da terra, estavam esperando o padre visitador na praia, e o levárão até á igreja matriz, por não haver alli outra, a qual tinham bem allumiada, concertada e enramada, e dahi o levárão á casa; depois mandárão a cêa de diversas aves, com muitos dores. Ao dia seguinte, depois de jantar, partimos para S. Vicente, e caminhando tres leguas por um grande e formoso rio, cheio de uns passaros vermelhos que chamão *Guará*, dos formosos desta terra, os quaes são como pegas: os bicos são de um bom palmo, e na ponta revoltos, e tem mui compridas pernas: nascem estes passaros pretos, depois se fazem pardos, depois brancos, quarto loco, ficão de um encarnado gracioso, quinto loco, ficão vermelhos mais que grãa, e nestes formosissima côr permanecem. Vivem junto da agua salgada, e nella se crião e sustentão. Chegámos de noite á casa de S. Vicente, fomos recebidos dos padres, e mais da terra, com grande caridade. Dia do martyr S. Sebastião, que tambem era domingo do Sacramento, e havia festa na matriz, lhe préguei: concorreu toda a terra a ouvir o companheiro do visitador, o padre reinol: houve muitas confissões e communhões, assim na nossa casa, como na matriz.

Descerãõ os padres de Piratininga, que o padre visitador se achassu naquella casa aos 25 de Janeiro, dia da conversão de S. Paulo, por ser orago da nossa igreja: partimos em uma segunda feira, e caminhámos duas leguas por agua, e uma por terra, e fomos dormir em um tejupaba ao pé de uma serra ao longo de um formoso rio, que descia com grande impeto de uma serra tão alta, que ao dia seguinte caminhámos ate o meio dia, chegando ao cume bem cansados: o caminho é tao ingrato, que ás vezes iamõs ajudandõ com as mãos. Chegando ao *Paraná* pig-

caba, lugar donde se vê o mar, descobrimos o mar largo quanto podíamos alcançar com a vista, e uma enseada de mangaes e braços de rios de comprimento de oito leguas, e duas e tres de largo, cousa muito para ver, e parecia um panno de armar: em toda esta terra enche a maré, e ficando vazia, fica cheia de ostras, carangueijos, mexilhões, briguigões e outras castas de mariscos: aquelle dia fomos dormir junto a um rio, e todo o caminho é cheio de tejucos, o peor que tenho visto, e sempre iamós subindo e descendo serras altissimas, e passando rios caudaes de agua frigidissima.

Ao terceiro dia, navegámos todo o dia por um rio, deitados em uma canoa de casca de arvore, na qual além do facto, levava vinte pessoas: iamós voando a remos, e da borda da canoa até a agua, havia meio palmo, e ainda que não houvesse perigo de darmos á costa, não deixava de haver um, não pequeno, que era de dar nos páos, e ás vezes dando a canoa com grande impeto, ficava atravessada, era necessario muita cautela: porém a navegação é graciosa, pela a embarcação o ser, e o rio muito alegre, cheio de muitas flores e fructas, de que iamós tocando, quando a corrente nos deixava: chegando a Peaçaba, lugar onde se desembarcão, demos logo em uns campos cheios de mentrastos. Aquella noite nos agasalhou um devoto, com gallinhas, leitões, muitas uvas, figos de Portugal, camarinhas brancas e pretas, e umas fructas amarellas, do tamanho e feição de corejas, mas não tem os pés compridos. No dia seguinte vierão os principaes da villa tres leguas, receber o padre: todo o caminho forão escaramuçando e correndo seus ginetes, que os têm bons, e os campos são formosissimos, e assim acompanhados com alguns vinte a cavallo, e nós também, chegámos a uma cruz, que está situada sobre a villa, onde estava prestes um altar, debaixo de uma fresca ramada, e todo mais caminho feito um jardim de ramos: dalli levou o padre visitador uma cruz de prata dourada, com o Santo Lenho e outras reliquias, que deu áquella casa, e eu levava uma grande reliquia dos santos Thebanos: fomos em procissão até a igreja, com uma dança de homens de espadas, e outra dos meninos da escola; todos ião dizendo seus ditos ás santas reliquias; chegando á igreja demos a beijar as reliquias ao povo; no dia seguinte disse o padre visitador missa, com diacono e subdiacono, officiada em canto de órgão, pelos mancebos da terra. Houve jubileo plenario, confessou-se e commungou muita gente: préguei-lhe da conversão do apostolo. E em tudo se viu grande alegria e consolação no povo, e muito mais dos nossos, que com grande amor, no meio daquelle sertão e cabo do mundo, nos recebêrão e agasalhiarão com extraordinaria alegria, e caridade.

Em Piratininga esteve o padre visitador quasi todo o mez de Fevereiro, consolando e animando os nossos, ouviu as confissões geraes, foi visitado dos principaes da terra, muitas vezes foi á uma aldêa de Nossa Senhora da Conceição dos Pinheiros. Os Indios o recebêrão com muita festa, como costumão, mandando de sua pobreza. Também foi á outra aldêa dali a duas leguas: parte do caminho fomos navegando por uns campos, por

ter o rio espraído muito, e ás vezes ficávamos em secco. Nesta aldêa baptisou o padre trinta adultos, e casou em lei de graça outros tantos : no fim de Fevereiro partio para S. Vicente, onde estove quasi todo o mez do Março, e eu fiquei em Piratininga até ao segundo domingo da quaresma, prégando e confessando, e quando parti para S. Vicente, erão tantas as lagrimas das mulheres e homens, que me confundião : mandárão-me galinhas para a matolotagem, caixas de marmelada, e outras cousas : acompanhando-me alguns a cavallo á tres leguas até o rio, e derão cavalgaduras para os companheiros. Nosso Senhor lhes pague tanta caridade e amor.

Piratininga é villa da invocação da conversão de S. Paulo, está do mar para o sertão dentro doze leguas, é terra muito sadia, ha nella grandes frios, geadas, e boas calmas, é cheia de velhos mais que centenários, por que em quatro juntos e vivos, se acharão quinhentos annos. Vestem-se de burel, e pellot-s pardos e azues, de pertinas compridas, como antigamente se vestião. Vão aos domingos á igreja, com roupões ou bernêos de cacheira sem capa. A villa está situada em bom sitio, ao longo de um rio caudal, terá cento e vinte vizinhos, com muita escravatura da terra, não tem cura, nem outros sacerdotes, senão os da companhia, aos quaes têm grande amor e respeito, e por nenhum modo querem aceitar cura : os padres os casão, baptisão, lhe dizem as missas cantadas, fazem as procissões, e ministão todos os Sacramentos, e tudo por sua caridade : não tem outra igreja na villa senão a nossa.

Os moradores sustentão seis ou sete dos nossos, com suas esmolas, com grande abundancia. é terra de grandes campos, e muito semelhante ao sitio de Evora, na Boa Graça, e Campinas, que trazem cheias de vacas, que é formosura ver-se. Tem muitas vinhas, e fazem vinho, e o bebem antes de ferver de todo: nunca vi em Portugal tantas uvas juntas, como vi nestas vinhas : tem grandes ligueiras de toda a sorte de ligos, berjaçotes, bebaras, e outras castas, muitos marmeleiros que dão quatro camadas, uma apoz outra, e ha homem que colhe doze mil marmelos, de que fazem muitas marmeladas : tem muitas rosas de Alexandria, e por não haverem de outras, fazem dellas assucar rosado, para remedio, e das mesmas cosidas deitando-lhe a primeira agua fóra, fazem o dito assucar rosado para comer, e fica soffrivel : dá trigo e cevada nos campos, um homem semeou uma quarta de cevada, e colheu sessenta alqueires : é terra fertilissima, e muito abastada, quem tem sal é rico, porque as criações não faltão : têm grande falta de vestidos, porque não vão os navios a S. Vicente, senão tarde, e poucos : ha muitos pinheiros, as pinhas são maiores, não tão biendas como as de Portugal : e os pinhões são tambem maiores, mas muito mais leves e sadios, sem nenhum extremo de quentura e frialdade, e é tanta a abundancia, que grande parte dos Índios do sertão, se sustentão com pinhões : dão pelos matos a amoras de silva, pretas e brancas, e pelos campos, beldroegas, almeirões bravos e mentrastos, não fallo nos fetos, que são muitos, e de altura de uma lança, se os deixão crescer. Em fim, esta terra parece um novo Portugal.

Os padres têm uma casa bem accommodada, com um corredor, e oito cubiculos de taipa, guarnecida de certo barro branco, e officinas bem arranjadas. Uma cerca grande com muitos marmelos, figos, laranjeiras, e outras arvores de espinho, roseiras, cravos vermelhos, cebolas, cecem, ervilhas, borragens, e outros legumes da terra, e de Portugal. A igreja é pequena, tem bons ornamentos, e fica muito rica com o Santo Lenho, e outras reliquias que lhe deu o padre visitador.

O padre em S. Vicente visitou os padres, consolando muito a todos, e foi dahi a dez leguas pela praia, a uma Nossa Senhora da Conceição, que está na villa de Itanhaem: tambem visitou o forte que deixou Diogo Flores, com cem soldados, e do alcaide e capitão foi visitado muitas vezes, e lhe concedeu um padre que os fosse confessar, por ser quaresma.

S. Vicente é capitania, tem quatro villas, a primeira é S. Vicente, villa de Nossa Senhora da Assumpção: está situada em lugar baixo, melancolica e soturno, em uma ilha de duas leguas de comprido. Esta foi a primeira villa e povoação de portuguezes que houve no Brasil; foi rica, agora é pobre, por se lhe fechar o porto de mar e a antiga barra, por onde entrou com sua frota Martin Affonso de Sousa, e tambem por estarem as terras gastas, e faltarem Indios que as cultivem, se vai despovoando: terá oitenta visinhos, com seu vigario.

Aqui têm os padres uma casa onde residem de ordinario seis da companhia, o sitio é mal asombrado, sem vista, ainda que muito sadio, tem boa cerca, com varias fructas de Portugal e da terra, e uma fonte de muito boa agua. Estão como eremitas, por toda a semana não haver gente, e aos domingos pouca.

A segunda é a villa de Santos, situada na mesma ilha, é perto do mar; tem duas barras, na principal está o forte que deixou Diogo Flores, e a outra é a barra da Bertioga, que dista desta villa quatro leguas por um rio tão formoso, que podem navegar navios de alto bordo: terá a villa de Santos oitenta visinhos, com seu vigario. A terceira é a villa de Nossa Senhora do Itanhaem, que é a derradeira povoação da costa, que terá cinquenta visinhos, não tem vigario. Os padres os visitão, consolão e ajudão no que podem, ministrando-lhe os Sacramentos por sua caridade. A quarta é a villa de Piratininga, que está doze leguas pelo sertão a dentro, terá cento e vinte visinhos ou mais.

No fim de Março já despedidos de S. Vicente, viemos para Santos, onde nos esperava já o nosso navio aparelhado: préguei na matriz, dia de Nossa Senhora da Annunciação: houve muitas confissões e comunhões, os desta villa pedirão ao padre que lhes mudasse a casa de S. Vicente para alli, o que o padre lhes concedeu: logo derão um sitio bom ao longo do mar, e a cadeia publica, e umas casas novas, que tudo valerão cem cruzados, e começão o edificio com suas e-molas.

De Santos partimos acompanhando-nos o capitão, o qual nunca se apartava do padre visitador, servindo-o com tanto respeito e amor, que me espantava. estivemos dois ou tres dias na barra da Bertioga, esperando tempo, servidos de muitos e varios peixes, chegámos ao Rio de Janeiro

sabado de *dominica in passione*, onde tivemos as endoenças ; préguei o mandato, e outro padre a paixão, fez-se um sepulchro devoto e bem acabado, com muita cera branca.

Tendo o padre visitado o collegio do Rio, e assentado de invernar alli aquelle anno, recebeu cartas de como nosso padre geral mandava doze a esta provincia, e que estavam para partir de Lisboa ; para os agasalhar e receber, partio para a Bahia com seus companheiros, padre provincial, padre Ignacio Tolosa, e alguns irmãos ; gastámos na viagem trinta e dous dias, e quiz Nosso Senhor mortificar-nos, e dar a entender quão trabalhosa era a navegação desta costa, porque até então todas as viagens que o padre visitador fez, forão mui bem assombradas e mar bonançoso, mas esta como era a derradeira, foi tal, tão contrarios os ventos, e taes as tempestades, que vindo embocar na Bahia e estando á vista de terra, nos deu tão forte tempo, que estivemos perdidos, uma noite com o navio meio alagado, o traquete desapparellado, e nós confessados, nos preparamo-nos para morrer, e se daquella fossemos, lá ia a maior parte da provincia, não em numero, mas em qualidade. Eu não o havia por mercê, porque já me offerecia que me deitassem ás ondas, como Jonathas, mas queria acabar juntamente com os padres visitador, provincial, Ignacio Tolosa, e outros irmãos de boas habilidades e virtudes, para ajudarem a esta provincia, certamente que isto me desconsolava. Porém foi Nosso Senhor servido consolar a dita provincia, concedendo-lhe de novo os sobreditos.

Chegados á Bahia, nos achámos sem os padres, que não foi pequena mortificação, e eu em extremo me consolei em saber que o padre Lourenço Cardim, com tanto animo acabára por obra em tão gloriosa empreza : tive-lhe grande inveja, pois vai diante de mim, e em tudo me levou a vantagem. Immediatamente mandou o padre visitador um recado ao padre Luiz da Grã, que viesse a este collegio, e foi em tão boa conjunção, que aos 13 de Outubro chegou aqui. O padre visitador com os mais padres, que para esse fim aqui ajuntou, estão dando remate a ultima resolução a visita e negocios desta provincia.

Isto é o que se me offereceu da nossa viagem e missão, para dar conta a V. Revm. Resta pedir os santos sacrificios e orações dos mais padres e irmãos desta provincia. Deste collegio da Bahia a 16 de Outubro de 1585.

Continuarei nesta o que succedeu depois da visita que escrevi á Vossa Rev. em 16 de Outubro de 1585, que foi o seguinte. Logo que o padre visitador teve aqui na Bahia juntos os reitores dos collegios, e outros padres professos e antigos, attendeu dar a ultima mão á visita desta provincia, na qual ordenou cousas muito necessarias ao bom mienço dos collegios e residencias, aldêas dos Indios, missões, assentando algumas cousas : a da visita para todos poderem observar com grande gloria divina, bom procedimento da Companhia, e bem da conversão, a observancia religiosa, a mandou a nosso padre geral, e lhe veio toda approvada, sem lhe tirar cousa alguma, e assim se pratica até agora com notavel fructo ; e ainda que depois se ventilarão sobre ella algumas duvidas, sempre nosso padre a sustentou, avisando a todos por suas cartas secretamente, que se

guardasse assim como estava, o que se faz com boa satisfação, e assim mesmo approvou outra visita particular do collegio da Bahia, de que se não seguiu menos fructo.

Depois disto teve o padre visitador carta de nosso padre geral, em que lhe dizia que havia de ir para Portugal, e eu havia de ser companheiro do padre provincial, Marçal Belliarte; porém se não partisse para esse reino até a chegada do padre Marçal Belliarte, dahi a um mez, ou pouco mais, recebeu outra do nosso padre, pela qual lhe ordenava que me encarregasse deste collegio da Bahia. Veja V. Revm. como eu ficarei, com um peso tão superior ás minhas forças, mas suprirão, como espero da caridade de Vossa Revm., seus santos sacrificios, em que muito me encommendo. etc.

Algumas cousas fez o padre dignas de memoria, e muito acceitas aos deste collegio: a primeira foi um poço de noventa palmos de alto, e sessenta em roda, todo empedrado, de boa agua, que deu muito allivio a este collegio, que por estar em um monte alto, carecia de agua sufficiente para as officinas; e tambem fez um eirado sobre columnas de pedra, aberto por todas as partes, e fica eminente ao mar, e vãos que estão no porto que servem de repousos: e é toda a recreação deste collegio, porque delle vêm entrar as náos, descobrem boa parte do mar largo, e ficámos senhores de todo este reconcavo, que é um excellente, aprazivel e desabafada vista: fez uma quinta, e nella umas casas com capella, refeitório, cozinha, um sala com suas varandas, e um formoso terreiro com uma fonte que lança mais de uma manilha de agua, muito sadia para beber, mandou plantar arvores de espinho e outras fructas, que tudo faz uma boa quinta, que se póde comparar com as boas de Portugal.

Como o mar andava infestado de francezes e inglezes, se deteve o padre Marçal Belliarte com seus companheiros nessa provincia, até 7 de Maio de 1537, em que chegarão a Pernambuco, onde se deliverrão até 20 de Janeiro de 1588, que entrarão nesta Bahia, e forão recebidos dos nossos, com consolação e alegria, principalmente do padre visitador, que desejava descarregar-se do trabalho que exercitava havia tanto tempo; porém succedeu o contrario, porque o padre Marçal Belliarte lhe deu uma carta de nosso padre geral, na qual lhe mandava que lhe desse companheiros e consultores, e fizesse reitores dos collegios e superiores nas residencias, e depois de bem informado o padre provincial, haven o bons commodos de embarcação, partisse para este reino: logo succedeu não haver embarcações commodas no porto, e foi necessario esperar uma não bem artilhada, de um André Nunes, vizinho do Porto: determinando o padre de nella partir, forão tantas as novas que correrão dos muitos inglezes e francezes que coalhavão o mar, e da armada do Sr. D. Antonio, que poz em consideração a partida, e como o padre aqui não tinha superior, me mandou que a tratasse com todos os padres deste collegio, os quaes derão por escripto seus pareceres, e ainda que a maior parte se inclinava a não partirem pelas razões apontadas, todavia como a não era boa, com o parecer do Bispo e outros Srs. desta cidade, se fez á vela no principio de Março de 1589, e andando no mar tres ou quatro

dias, sem se poderem enmarar mais que dezoito até vinte leguas, foi tão grande a tormenta, e tempestade desfeita, que tomou a não de luva, e abriu uma agua tão grande que se virão de todo perdidos, e tornarão a arribar á Bahia : os padres, o Sr. Bispo e outras pessoas de conta, concordarão com elle, que se não fosse por então, e assim esteve neste collegio com muita consolação nossa até 20 de Maio em que partio para Pernambuco em uma não do Porto sem artilharia.

Em Pernambuco esteve até á vespera de S. Pedro e S. Paulo, e tomados os pareceres do padre Luiz da Grãa, reitor e mais padres por escripto, embarcou-se, dizendo ao padre Luiz da Grãa, que lhe parecia que havia de ser tomado dos francezes, o que ouvindo o padre Luiz da Grãa, pela efficacia com que o padre lhe disse, lhe tornou a rogar com outros padres que não partisse : respondeu-lhe o padre, que já S. Rev. com os mais tinham assentado, e elle aceitado aquella obediencia como da mão de Deos, e que já estava offerecido a tudo o que Deos d'elle ordenasse etc. e assim embarrando-se, vespera de S. Pedro e S. Paulo, e no dia seguinte, com o terral da manhã se fizerão á vella para este reino: tiverão sempre prospera viagem até a altura de Portugal, em que forão tomados uma manhã por um brelote francez. sem haver resistencia, por ser a não desarmada, sem nenhuma defesa, a 6 de Setembro.

E po-to que V. Revm. lá terá plena informação das particularidades que nella acontecerão, não deixarei de apontar alguns mais principaes, assim como me relatou o mesmo padre por sua carta, e o padre Francisco Soares seu companheiro. Logo que na não entrãrão sete ou oito francezes, o padre foi ter com o capitão e lhe disse, que lhe daria algumas cousas que trazia no seu escriptorio, que lhe pedia por mercê, que lhe deixasse alguns papeis que nelle tinha, pois lhe não servião ; foi com isso contente o capitão, e o padre mandou vir o escriptorio, e lhe deu, que era uma peça de estima, de madeira de varias côres, em obra bem acabada, por um irmão nosso, e ensigne carpenteiro e marceneiro, juntamente alguns rosarios de cheiro, pelo que lhe deixou todos os papeis, e lhe deu para os metter um barril do mesmo padre, que já outro francez tinha pilhado, e o capitão lhe prometeu de lhe satisfazer. Nove dias os trouxerão os francezes consigo, nos quaes padecerão muita sêde, fome frio, e mão agasalho, com que ao padre deu um catarro rijo com febre, que o maltrahou muito, e poz em risco de vida, mas esta tinham elles tão arriscada, que cada dia esperavão pela morte, a que estavão offerecidos. Andando com elles appareceu uma formosa não ingleza aqui, de todo cuidarão não escapar, mas livrou-nos Nosso Senhor, porque se contentou o Inglez em perguntar, « que leva a não » e respondendo-lhe os Francezes que barchão, passou ; mas não passou a furia dos Francezes, que vendo ir pela agua uns papeis, que por serem de segredo o padre os mandou lançar ao mar, e como elles são desconfiados, cuidarão que ia alli alguma traição ou cartas para el-rei, e que por isso os lançáram ao mar ; saltou a furia nelles, e o capitão com outros, tomãrão as achas de fogo, e derão em cada um dos nossos, ao irmão Barnabé Tello pelo rosto, ao padre Francisco

Soares pelas costas, e ao outro padre por uma coxã, estas são boas picolas sem *post pasto*; mas não faltou este para o padre visitador, porque não satisfeito, um delles achou uma tijella de fogo, e lhe arremessou á cabeça com tanta força, que lhe maltratou um olho; acudio logo outro Francez, e de um rollo que tinha tomado aos padres, lhe fez uma pasta e lhe poz nelle. Veja V. Revm. que caridade esta não esperada, de gente que lhe tinham tomado até as vestes; e porque o padre sem ellas por causa do muito frio e catarro padecia muito, rogarão ao capitão que lhe desse um manto para se abrigar, por causa do muito frio: mas pouco lhe durou, porque indo o padre para cima tomar ar, e aquecer-se um pouco ao sol, quando tornou, se achou sem o manto, que nunca mais appareceu. Outra grande tribulação espiritual padecerão, e foi desta maneira: lançou o padre Francisco Soares uns poucos de papeis do padre, pelo botoque de uma pipa de agua salgada, para que lhos não vissem os Francezes, e lhe tornassem a dar mais pancadas. Eis que o capitão manda fundear a não, e vasar a pipa, os padres que estavam temerosos, receiando que em sahindo os papeis rotos, os Francezes se indignassem contra elles, e os matassem, estando já para sair os papeis, subitamente o capitão e mais Francezes se levantarão, e forão para a tolda de cima, deixando a pipa que se acabasse de vasar a agua, e assim ficarão livres e desassombrados deste perigo; mas não de outro em que um Francez tentou ao padre visitador, porque dando-lhe em sexta feira um pouco de toucinho, o padre o lançou fóra, e o Francez desejoso que o comesse, lhe mettia por força na boca; e porque o padre o lançava fóra, instava o Francez com uma faca na mão, que lhe queria metter pelo rosto e olhos, apertando que comesse, porém vencido da constancia do padre, desistio de seu máo intento. Em outro perigo se virão não menor que o passado, e foi que achando um Francez uma faca grande, e uma moeda de prata junto dos padres, entrou nelle a imaginação que tinham alli aquella faca, para com ella lhe fazerem traição, e os matarem; porém respondendo os padres com humildade, que não sabião quem alli puzera a faca, se derão por satisfeitos; e chegando já junto da Rochella, encontrarão um brachote pequeno sem coberta, com tres pescadores bretões, que sahindo de Bordéos, onde forão vender pescados, com tormenta andarão desgarrados por esse mar quasi de todo perdidos, lançarão os Francezes sua lancha fóra, e tomarão os pobres pescadores, e derão-lhe muitas pancadas, tomarão-lhe o dinheiro, e o mais que trazião. Nesta embarcação lançarão os padres com alguns marinheiros e passageiros; mas primeiro tornarão a buscar os nossos, e abrirão o bahu dos papeis, e sacudirão todos, folha por folha, a ver se achavão algum dinheiro, mas não o achando, tornarão a metter os papeis no bahu e os derão aos padres. Não queria o capitão largar o padre visitador, reservando-o para resgate, em troco de alguns parentes seus que forão tomados dos Hespanhóes; sabendo isto Manoel Alvares, capitão da não portugueza, lhe pediu que o largasse, que lhe não darião nada por elle, que era muito doente, e lhe morreria sem alcançar o que pretendia. Um João Alvares, mestre da não portugueza, irmão do dito capitão Manoel Alvares, que

estava muito ferido de uma arcabuzada pelo rosto, e uma cutilada pela cabeça, pediu também ao capitão Francez que deixasse ir com elle, e com os mais o padre, porque de outra maneira, sem falta morreria : assim o largou, e deixou embarcar. Estavão da costa setenta até oitenta leguas, com uma fraca vela esfarrapada, e dous remos, com um barril de cerveja bem negra, e uma porção de biscoito pouco alvo e quasi podre : veja V. Revm. que deshumanidade esta, parece que os deixavão para morrer nesse mar, pois os largarão em tão boa embarcação, e com tal matatagem, começarão sua perigosa e venturosa viagem ; acudio-lhes Nosso Senhor com um bom vento galerno, que em dous dias e meio os levou á Biscaia, porto de Santo André. Sultarão em terra muito desfigurados de fome, rotos, maltratados de frio, e tão lastimosos, que as vendedeiras pelas ruas offerecião aos padres das maçãs e fructas que vendião : ião elles tão desfallecidos que nada lhe aceitarão, por estarem mais para morrer, do que para comer. A esta tão urgente necessidade lhes acudio Nosso Senhor com sua misericordia, por meio de um abbade de bago, izempto administrador ecclesiastico, irmão de nosso padre Dessa, que era como bispo naquella terra ; esto sabendo que erão da Companhia, e forão roubados, os mandou agasalhar em uma estalagem aquelle sabbado, 15 de Setembro, e lhes mandou dar um prato de meudos, pão, vinho e maçãs com que de alguma maneira se relizerão, e mostrando-lhe o padre a patente, como os reconheceu de tolo por da Companhia, os levou para sua casa, e metteu em uma camara, onde os regalou com abundancia, pondo-os á sua mesa por espaço de cinco ou seis dias, nos quaes se relizerão de roupa, e tornarão em cavalgaduras até Burgos ; de Burgos a Valhadoli, e dali até Bragança. Passarão no caminho muitos frios e incommodidades, com que acabáráo de aperfeiçoar sua viagem, e Nosso Senhor terá lembrança de lhe dar os premios destes trabalhos em sua gloria.

Quoniam beatus vir qui suffert tentationem : qui cum probatus fuerit accipiet coronam vitæ. etc.

Bahia, 1 de Maio de 1590. De V. Revm. filho indigno em Christo Nosso Senhor.—*Fernão Cardim.*

DOCUMENTOS SOBRE A EXPULSÃO DOS JESUITAS DO RIO DE JANEIRO, E DE OUTROS LUGARES.

N. 24.—Ilm. e Exm. Sr. Pela frota que saio deste porto, no dia 6 de Agosto, disse a V. Ex. as causas que me obrigavão a ficar em inação no cumprimento das ordens, que me erão decretadas na carta que V. Ex. firmou, em 19 de Maio de 1758, pois pendendo quasi todas da presença do desembargador José Mascarenhas Pacheco Coelho de Mello, depois de restabelecido este ministro, ainda se conserva na cidade da Bahia, e sem elle as produzir, estava detida a execução, e pelo que me avisou, me capacitou que não se determinava com brevidade fazer viagem, pois se prevenia para a continuação de umas academias, em que fazia a primeira figura.

Pelas cartas do Rev. bispo desta diocese, e do governador interino,

José Antonio Freire de Andrada, e o que já referi na frota, será V. Ex. certo do que se obrou antes de me recolher a esta capital. Ao presente se achão as aldeas de Tabagy e S. Barnabé já com curas, e se lhe vai dando as mais providencias, sendo certo que nenhuma repugnancia houve até o presente, da parte dos padres da Companhia, na entrega das ditas aldeas, pertencentes ao collegio desta Capitania, e a não haver faltado o dito desembargador, tudo seria em boa ordem.

No ultimo de Outubro, entrarão nesta barra as duas náos, commandadas por João da Costa de Brito, e João da Costa de Atayde: abrindo a via do cartas que me pertencião, fui logo fallar ao Rev. bispo, porque a grave molestia que padece, lhe não permitta sair de sua camara, e como eu não abri, nem li as cartas que viuhão para José Antonio Freire, ignorei a prevenção que V. Ex. lhe mandava, sobre expedir primeiro as embarcações á Bahia e Pernambuco, e tendo toda a applicação, ao que se me mandava, tratei de bloqueiar o collegio desta cidade, e o quiz fazer sem demora; mas, parecendo ao bispo o dia de Todos os Santos improprio, ficou para a noite de 2 do mez; certo que não servindo de embarço ao brigadeiro Vicente da Silva da Fonseca, a grande chuva que cahia na dita noite, marchou com 100 soldados, e quando amanheceu, estavam tomadas as avenidas, e tudo nos termos de entrar o ministro a fazer o sequestro na fórma determinada. Os padres receberam o golpe, e executarão tudo quanto se lhe mandou, com um inteiro silencio e obediencia. Nomeei para ministro desta diligencia em tudo o que toca do collegio a dentro, e averiguação de papeis, o desembargador Agostinho Felix dos Santos Capello, pela sua capacidade, integridade e zelo; como é muito importante e laboriosa a sua repartição, vai continuando nella até ao presente, como deve. Findo o seu trabalho, se cumprirá tudo, como Sua Magestade decretou, e o farei remetter com a maior clareza. Para o sequestro das fazendas visinhas á cidade, como são os dous engenhos de assucar, e fazenda de S. Christovão, o exame de todos os foros (é grande e importante o numero, tanto na cidade, como nos seus contornos) nomeei o desembargador Manoel da Fonseca Brandão, espero que elle desempenhe a parte que lhe toca, pois é cheio de honra, integridade e intelligencia.

Para ir sequestrar a grande fazenda de Santa Cruz, o que fez e continúa no inventario de tudo, nomeei o desembargador procurador da corôa Domingos Nunes Vieira.

De todas as fazendas se recolherão logo os padres á reclusão do collegio, e só faltão os que residem nas dos Campos dos Goytacazes, e é causa a distancia em que se achão: a esta diligencia mandei o desembargador João Cardoso de Azevedo (é muito capaz) e as repetidas de que S. Magestade o tem mandado encarregar nestas Capitánias, e de que tem dado conta com inteira satisfação, me animarão a incumbir-lhe esta, em que espero continuará as provas da sua capacidade e zelo.

Para as fazendas de Santo Antonio de Sá, e á chamada do Saco, foi (tem concluido a sua diligencia) o ouvidor do civil Gonçalo José de Brito Barres. Para a villa de Santos, e cidade de S. Paulo, fez viagem o desem-

bargador Custodio da Silva Salazar, levando as ordens de que remetto as copias, e para o governador as em que lhe previno embarcar logo as passagens a S. Paulo, e que fizesse sem dilação jornada a aquella cidade, a auxiliar o ouvidor, tudo na fórma que expressão os documentos juntos; os quaes na mesma substancia levárão os mais ministros.

Na villa de Parnaguá se achava o intendente geral, João Tayares do Abreu, sindicando o ouvidor que acabou naquella comarca: expedi-lho as mesmas ordens, porém chega a esta cidade sem as haver recebido, e fica a partir outro desembargador a cumprir as mesmas, que será o juiz da corôa, Serafim dos Anjos.

Como Sua Magestade manda que se faça sequestro em todos os collegios, e fazendas do districto desta Relação, e a Capitania do Espirito Santo, pelo que pertence ao ecclesiastico, e justiça secular, é deste bispo e tribunal; posto, pelo que pertence ás tropas, seja dependente do governo geral, sempre mandei áquella Capitania o desembargador João Pedro de Sousa, ouvidor do crime com iguaes instruções, e em cumprimento dellas, espero se recolhão neste collegio to los os padres desta intentada nova provincia, e já se achão reclusos cento e vinte tantos.

Nesta fórma estão dadas todas as providencias, e parece-me ser em tudo conforme ás ordens que recobo, sem que em alguma parte dellas haja falta de actividade e exacção, ou se tenha particular attenção. E como o Rev. bispo publicou duas Pastoraes tão doudas e proprias, como elle a V. Ex. remette, não encontro nem sombra que pelo ecclesiastico, nem secular haja a menor falta ou intento, que o de dar inteiro cumprimento ao que o Papa, e Sua Magestade tem determinado.

E' certo que sabendo os padres que em mais ou menos tempo havia de chegar a tormenta, puzerão o seu thesouro em salvamento, pelo que se lhes não encontrou mais dinheiro (elles dizem ser quasi todo alheio) que 4:173⁰220 rs. de que se vão sustentando como se me decretou.

Em toda esta capitania se conserva uma tal harmonia entre as tropas e as justiças, que parece mais irmandade que distinctas profissões: e os ministros tratão aos officiaes de guerra com tão reciproca attenção, e toda a mais nobresa e povo, com tal urbanidade, que sou obrigado a pedir a V. Vx. o ponha na real presença, affirmando que nesta cidade não faz peso algum, nem ainda um negro da familia dos ministros, e que nesta occasião (com grãde satisfação o repito) estão tão unidos estes corpos, que é difficil expressal-o; deste bem nasce uma paz, e uma tranquillidade completa.

Persuado-me que o bispo de S. Paulo, obrará com o mesmo zelo e acerto, que o desta diocese, mas havendo de que fazer-lhe lembrança, será com aquelle modo e civilidade devida.

Não foi necessario aos prelados das outras religiões mais que tocar-lhe a tecla, elles estimão ver abatida a elevação com que os padres da companhia havião conseguido violenta superioridade em todo o congresso litterario.

O mais que agora posso remetter é um calculo, na-la improprio com

a clareza possível da importância e rendimento deste collegio ; mas como as ordeus não permitem mais arrendamento que o de um anno, goralmente ouço dizer que nem engenho, nem fazenda de gados, se attreverá pessoa alguma arrendar pelo dito tempo : faremos a diligencia, e em quanto Sua Magestade o não determina, se administrará as fazendas não havendo lançadores ; mas o atraso em uma tal renda hade ser muito importante, e se precisa de providencia com a brevidade possível.

Finalmente Exm. Sr., espero que em tudo se hão de cumprir as reaes ordens de Sua Magestade, para no que se obra nos fazermos merecedores da sua real approvação.

Deos guarde a V. Ex., Rio de Janeiro 7 de Dezembro de 1759.—Ilm. e Exm. Sr. Thomé Joaquim da Costa Côrte Real—*conde de Bobadella*.

Cópia.—Em observancia das ordens que recebo de Sua Magestade, expedidas em carta de 21 de Julho de 1759, firmada de sua real mão, ordeno a Vm. que desocupando-se de todo e qualquer emrego, em que seja occupado nesta relação, passe sem demora, e com a maior brevidade á villa de Santos, e logo que Vm. entre naquella porto, fará passar sem demora á mão do coronel governador daquella praça, a bolsa e cartas de que vai entregue, para que o dito lles dê quanto antes o destino que llo recommendo ; e sem a menor perda de tempo, desembarcará Vm. com a guarda que leva, e passará ao collegio dos padres da companhia da dita villa, e pondo-o em apertado cerco, seguindo-se o que vai declarado na memoria junta, e alli com o estêrivão que Vm. o elegerá dos que servem nesta cidade, e fôr de boa letra, se metterá em rigoroso sequestro tudo o que no dito collegio fôr achado, fazendo exactissimo inventario de todos os bens, assim moveis, como de raiz, rendas ordinarias e pensões, escravos e gados do mesmo ; feito este sequestro averiguará Vm. quaes são os bens pertencentes á sua dotação e fundação, quaes os que depois se aggregarão contra a disposição das ordenações liv. 2.^o tit. 16 e 18, declarando os rendimentos certos e incertos de cada um dos bens pertencentes ao dito collegio. Feito este exactissimo sequestro no referido collegio, como tambem nas demais casas e fazendas que houverem no distrito dessa villa, pertencentes á mesma companhia, fará Vm. embarcar debaixo de segura guarda, todos os padres sacerdotes, ou leigos que houver nesse collegio, como nas demais casas e fazendas delle, na fragata em que Vm. se transporta a essa villa, e sem dilação a re expedirá a esta cidade. Sendo na referida fôrma completa esta diligencia naquella villa, subirá Vm. a cidade de S. Paulo, e marchando ao collegio daquella cidade, que já o achará bloqueado como ordeno ao governador da praça de Santos, continuará Vm. no sequestro e inventario a que já haverá dado principio o ouvidor da comarca, e na fôrma que acima vai declarado o continuará, e em todas as mais fazendas e propriedades que tenham os ditos padres naquella cidade ou comarca, pondo particularissimo cuidado em que sejam reclusos todos os ditos padres, assim os dos collegios, como os das suas fazendas, e igualmente os que residem nas aldêas de Indios, em fôrma que não fique algum occulto naquelle vastissimo continente. Do lando

junto, mando ao governador uma cópia para que o faça publicar, tanto na praça de Santos, como na cidade de S. Paulo, para que sejam scientes todos os seus habitantes do que Sua Magestade é servido mandar, a respeito dos referidos padres. De todos os papeis que Vm. achar, tanto nos ditos collegios como nas demais fazendas pertencentes aos mesmos, fará Vm. um exactissimo inventario, do qual me fará entrega quando se restitua a esta cidade. As sobreditas fazendas as fará Vm. arrendar por tempo de um anno, a pessoa ou pessoas que as queirão tomar, e quando as não haja, elegerá Vm. um depositario a cujo cargo se entreguem cada uma dellas com todas as clarezas necessarias; e para que não fiquem em abandono as igrejas, tanto as dos collegios, como as que houverem as fazendas dos ditos padres, porá Vm. em cada uma dellas, um sacerdote do habito de S. Pedro, approvedo pelo Exm. e Revm. bispo daquella diocese, com o encargo de cuidar assim das ditas igrejas, como de administrar os Sacramentos as pessoas que houverem nas referidas fazendas pertencentes á mesma companhia, arbitrando Vm. a cada um capellão a congrua de 100\$000 por anno, pagos pela fazenda real. Em quanto a sacerdotes para as aldêas, dará o dito Exm. bispo providencia como Sua Magestade tem determinado, e pelo que respeita a mettê-las em regularidade, pertence ao Dr. ouvidor da comarca, a quem o mesmo senhor tem encarregado esta diligencia. Espero que concluindo Vm. a de que vai encarregado, se restitua a esta cidade com os padres do collegio de S. Paulo, e de suas respectivas fazendas e aldêas, trazendo-os debaixo de segura guarda, para cujo transporte já será outra vez no porto daquella villa a mesma fragata, em que agora deve Vm. passar á referida praça de Santos. Fico persuadido, que em tudo se haverá Vm. com tanto acerto, que eu tenha o gosto de o pôr na presença de Sua Magestade, como o grande zelo e actividade, com que Vm. se emprega no seu real serviço. Deos guarde a Vm., palacio a 12 de Novembro de 1759.—*Conde de Bobadella*.—Sr. Dr. desembargador Custodio da Silva Salazar.

Copia.—Em cumprimento das reaes ordens de Sua Magestade, passa a essa praça o Dr. desembargador Custodio da Silva Salazar, com a importantissima diligencia e muito recommendada pelo mesmo Sr. de metter em rigoroso sequestro todos os bens pertencentes aos padres da Companhia, tanto os do collegio e mais fazendas, que tenham nessa villa, como na cidade de S. Paulo, para onde tambem deve marchar; e porque a primeira diligencia do mesmo instante, em que desembarque, deve ser a de bloquear-se o collegio dessa villa, e pôr os seus padres em apertada reclusão, na fórma que o declara a memoria junta, digo ao dito ministro diante esta carta a V. S., para que não só das tropas pagas, mas das auxiliares e milicianas dessa praça, faça V. S. apromptar o numero de gente que for bastante; tanto para o referido bloqueio, como para outras quaesquer diligencias, que se hajão de fazer a este respeito; e V. S. logo que tenha determinado, e posto o cerco ao dito collegio, mandará publicar o bando junto, e pôr uma guarda no Cubatão, e nas mais partes, que V. S. entender proprias, a fim de que não suba pessoa de qualidade alguma para

S. Paulo, enquanto nessa villa se trata desta importantissima diligencia; e como esta embarcação deve voltar quanto antes a esta cidade, com os padres que houverem nesse collegio, e nas fazendas do districto dessa villa, para tornar com a mesma brevidade a esse porto a reconduzir o ministro e os padres que houverem no collegio de S. Paulo, e nas fazendas e aldeas daquella comarca; V. S. determinará se remetta a bordo o preciso mantimento, tanto para os ditos padres, como para a tropa, debaixo de cuja guarda elles devem embarcar, e vir a esta cidade. Disposto o referido com a possivel brevidade, marchará V. S. por serviço de Sua Magestade, á cidade de S. Paulo, e fazendo entrega da bolsa ao Exm. Revm. bispo daquella diocese, como tambem da carta junta ao ouvidor daquella comarca, mandará V. S. cercar na fórma do de Santos, o collegio daquella cidade, e publicar o mesmo bando, para que seja constante o que S. Magestade é servido mandar proceder com os referidos padres, e como ao dito ouvidor ordeno vá sequestrando e inventariando todos os bens, assim os do collegio da dita cidade, como os das fazendas e propriedades pertencentes ao mesmo, para que o referido desembargador ache adiantado este trabalho, e continue na fórma que lhe é decretado; V. S. fará apromptar todo e qualquer auxilio pelo dito ouvidor pedido, a bem desta importantissima diligencia, na qual espero se empregará V. S. de fórma que eu tenha o gosto de pôr na presença de Sua Magestade, o zelo, e disvelo, com que V. S. dá cumprimento ás suas reaes ordens.

Deos guarde a V. S., Rio de Janeiro 12 de Novembro de 1759. — *Conde de Bobadella*. — Sr. Alexandre Luiz de Sousa e Menezes.

Copia. — Como em observancia das reaes ordens de Sua Magestade, passa á villa de Santos o Dr. desembargador Custodio da Silva Salazar, na diligencia de metter em rigoroso sequestro todos os bens pertencentes aos padres da Companhia, e pôr a estes em reclusão, tanto os que forem residentes no collegio da referida villa, como os das demais fazendas pertencentes ao mesmo, para serem remettidos debaixo de segura guarda ao collegio desta cidade, e a mesma diligencia a deve praticar no collegio e mais fazendas que tem os ditos padres nessa cidade e comarca; ordeno a Vm. que enquanto se demora o dito ministro na praça de Santos, pelo referido fim, e logo que chegue o governador da dita villa a essa cidade, por via do qual remetto a Vm. esta, passe sem dilação acompanhado da guarda, que por Vm. for pedida ao mesmo governador, ao collegio dos padres da Companhia dessa cidade, e posto em apertado bloqueio, entrará Vm. com um escrivão, que for de sua eleição, e de boa letra, irá sequestrando, e tomando em inventario todos os bens, assim moveis, como de raiz, rendas ordinarias, e pensões, escravos e gados do mesmo, fazendo igual diligencia em todas as fazendas e casas que houver na comarca dessa cidade, pertencentes á mesma Companhia, para que, logo que a essa cidade chegue o mencionado ministro, ache adiantado este trabalho. E como juntamente devem vir remettidos, com os do collegio e mais fazendas, os padres que assistem nas aldeas dos Indios, nas quaes o Exm. e Revm. bispo dessa diocese, na fórma das mesmas reaes ordens, que lhe

serão dirigidas, mandará pôr clérigos, que curem do governo espiritual dos mesmos Indios: nestes termos se faz preciso passe Vm. sem demora ás ditas mesmas aldêas, e examinará todas as terras pertencentes ás ditas; como tambem o numero de familias de cada uma dellas, remettendo-me instrumento com a maior exacção e clareza, por onde conste o referido. E enquanto não dou as providencias que Sua Magestade determina para se crearem as mesmas aldêas em villas e lugares, Vm. fará manter os Indios dellas em igual liberdade á em que vivem os mais vassallos do mesmo Senhor, regulando-se no entanto, o mais que lhe fôr possível, com o disposto no directorio e leis impressas, que juntas incluo. Espero que com a brevidade possível, me remetta Vm. o documento na fórma pedida, para que eu possa cumprir com o que Sua Magestade é servido mandar-me, e eu terei o gosto de pôr na presença do mesmo Senhor o zelo, actividade, e acerto, com que Vm. so sabe empregar no seu real serviço.

Deos guarde a Vm. Rio de Janeiro, 12 de Novembro de 1759.—*Conde de Bobadella*.—Sr. Dr. ouvidor geral, João de Sousa Filgueira.

P. D. Vm. poderá partir á diligencia das aldêas emahi chegando o Dr. desembargador Custodio da Silva Salazar.

N. 22.—Illm. e Exm. Sr. No dia 5 de manhã firmei a carta, em que resumo quanto se ha obrado sobre a reclusão dos padres da Companhia deste collegio, e sequestro das fazendas a elle pertencentes, com a relação que um procurador secular me deu do rendimento do mesmo collegio, segundo o tempo em que administrou as ditas cobranças. E este papel é o mais conforme e bem indagado, que até agora pude haver.

Pela uma hora da tarde do dito dia 5, entrou nesta barra a fragata chamada dos padres, e nella o visitador geral (certo fóra de tempo e com anticipação ao uso dos antecedentes annos). E conhecendo eu a embarcação antes de dar fundo, e de chegar a ella pessoa alguma, lhe mandei metter um alferes com uma esquadra, e ordem de não deixar tratar com os padros, nem de permittir embarcação a seu bordo. A este escaler seguiu outro com o desembargador Agostinho Felix dos Santos Capello, e os officiaes de seu cargo, levando ordem de fazer sequestro na dita fragata, e na carga que nella encontrasse, e havendo padres os conduzisse debaixo de guardas ao collegio, onde estava o brigadeiro Vicente da Fonseca Silva, para com elle desembargador os entregarem ao reitor, declarando-lhe seriam ao diante incluídos nas revistas, que se praticão em observancia do directorio, quo as expressa.

Encontrão-se 16 padres, sendo o primeiro o visitador geral, o secretario, o novo reitor do collegio de Paranaguá, e outros; entre elles um inglez, que era piloto da mesma fragata; por estrangeiro o mando entregar ao capitão de mar e guerra João da Costa de Brito na fórma das ordens.

Quanto foi reconhecido do particular uso dos padres, se lhes entregou, sendo primeiro registado pelo brigadeiro e ministro, e o mais que se vai encontrando, o mandei depositar na alfandega para se averiguar a quem pertence; pois esta praça costumava carregar na mesma fragata algumas

encorramendas, e outras serão pertencentes aos collegios. A intermissão dos dous dias santos 8 e 9, nos priva fazer passagem á alfandega do resto que se encontra; e tambem me priva o ir nesta occasião inteira lista de tudo o que se acha, e das pessoas a quem pertence.

Aos padres lhe fez admiração o que com elles se obrava, dizendo que na Bahia se lhes não havia dado outra mortificação, que fazer-se-lhe exhibir relação de todas as fazendas e rendimentos, com prohibição de não entrarem mais no palacio do vice-rei.

Posto que a fragata foi expedida do porto da Bahia, pareceu-me se devia pôr em sequestro, pois é navio que ha muito serve, não só de transportar padres, mas de trazer alguns generos, que lhe erão convenientes com desfalque do rendimento da alfandega.

Do succedido em Santos e S. Paulo não tenho ainda noticia; mas brevemente espero a recluta dos padres de Santos, e em seu seguimento os de S. Paulo; e todos os que vierem, unirei a 139, que estão já reclusos.

Da capitania do Espirito Santo não posso ainda ter noticia. Aqui corre a de que o conselheiro Barberino, mandára que daquelle collegio se lhe remetteste á Bahia todas as claresas do seu rendimento. Já disse a V. Exm. que por entender ser da minha obrigação, havia mandado um desembargador aquella diligencia, pois conforme as ordens, devo entender que porque aquella villa é da jurisdicção do tribunal da relação desta cidade, não podia omitir o que mandei executar.

Igualmente mandei ao ouvidor da mesma comarca entendesse nas aldeas. Nem será grande o erro neste caso, posto os ministros da Bahia entendão metti a foice em seara alheia; porque em tão delicada materia, não é inutil todo o cuidado. E assim é certo que serão mais inteiras as diligencias, que as que se pôdem fazer na Bahia por informação.

Sobre o rendimento destas grandes fazendas, desejo o mais breve que fór possível, positiva informação.

Porque o mettel-as em mão de administradores não será mais que convidar com o furto a ladrões. Em tudo cumprirei as ordens que me fôrem decretadas.

Deos guarde a V. Ex. Rio 8 de Dezembro de 1759.—Ilm. e Exm. Sr. Thomé Joaquim da Costa Côrte Real—*conde de Bobadella*.

Cópia n. 1.—Ilm. e Exm. Sr. Em 8 de Outubro recebi uma carta de V. Ex. com data do 1º de Setembro, na qual V. Ex. me fazia resposta ás que eu havia escripto da Forquilha do Ybiculy, e a 28 do mesmo mez de Outubro, recebi outra com data de 5, em resposta das ultimas que eu havia escripto a V. Ex. no Rio Pardo a 8 de Agosto.

Pela primeira tive o contentamento de ver que V. Ex. approvava o que eu até aquelle tempo havia obrado na diligencia da 1ª partida que V. Ex. me havia mandado; e pela 2ª o incomparavel gosto de me ver premiado com a satisfação e honradas expressões com que V. Ex. igualmente approva a conclusão da mesma diligencia, e por tão espeziaes mercês beijo a V. Ex. a mão, e lhe rendo as devidas graças.

Agraço da mesma sorte a V. Ex. os desejos que me expressa de que eu me recolha a essa cidade, dando-me os motivos que o embarção para assim o não ordenar : asseguro a V. Ex. com a mais pura verdade, que em nenhum tempo poderão a commodidade, ou os interesses, antepôr-se na minha consideração ás utilidades do serviço de Sua Magestade, que preferirei sempre até á propria vida, e neste supposto, disponha V. Ex. da minha obediencia o que fôr servido, porque ainda que ella seja de justiça, é toda sujeita aos preceitos de V. Ex. tambem o será sempre por vontade propria, e não é tão pequeno o desvanecimento que me acompanha na consideração de eu poder ser util ao serviço, e de estar occupando um tão grande lugar, como o de substituto de V. Ex. para deixar de estar alegre e satisfeito : o que eu sinto é, que V. Ex. tenha passado pela mortificação e cuidado que lhe ha occasionado a demora dos avisos da nossa corte, nas promettidas náos : Deos permitta que ellas tenham chegado, e que tragão as boas noticias que desejamos, da perfeita saude da Sua Magestade, e de toda a real familia, porque com este bem se nos suavisarão todos os trabalhos.

O marquez de Val de Lirios, me remetteu juntas as quatro cartas de que remetto copias, debaixo dos ns. 1, 2, 3, e 4. Na de n. 1, continua os argumentos a respeito da demarcação do Ybicuy, instando pela distancia das 35 leguas, que se afastão no plano das côrtes, as cabeceiras do Rio Negro, das do Rio da Serra, o que me parece convenci com a minha resposta n. 5. Na do n. 2 approva o meu dictame a respeito do erro dos 6' de Santa Tecla, de que já dei conta a V. Ex. e me faz os elogios que V. Ex. verá da mesma carta, os quaes são uma grande prova, para mostrar a nossa sinceridade e boa fé, a qual respondi com a de n. 6. Pela de n. 3 se vê manular o dito marquez a D. Alonso Pacheco a esta povoação, a formar um duplicado do plano da contenda, e a fazer outro, de todo o terreno que tocou a 1ª partida, os quaes se concluirão em cincoenta e tres dias, que aqui o hospedei no meu quartel : este ultimo plano foi preciso arrumal-o de novo, por acharmos errado o que havia feito o coronel Blasco, desde Castilhos até Santa Tecla, por não haver attendido nelle nem as latitudes, nem as variações da agulha, circumstancias as mais essenciaes nos planos geographicos, e da minha resposta a esta carta, será a V. Ex. presento o que lhe respondo (na copia n. 7) sobre o querer o dito marquez que se puzessem os povos no plano do terreno da contenda; e tanto o duplicado, como o outro plano de toda esta demarcação, remetterei a V. Ex. em vinco o primeiro assignado pelos officiaes da partida hespanhola. Na que vai no n. 4 me pedia o marquez noticias de V. Ex. o me as dava, da 2ª partida á que dei resposta com a copia n. 8, que foi a tempo que havia recebido as ultimas de V. Ex.

Com a chegada das respostas do dito marquez e Sr. D. Pedro de Cevallos, recebi do primeiro a carta que consta da copia n. 9, em que sem responder as minhas ultimas razões, me diz será do agrado dos nossos soberanos não accumular mais papeis sobre a questão do Ybicuy, para não servirem de confusão a sua conclusão : não sei se isto será por não ter

já para onde sahir, nem razões com que destruir tanta evidencia, e da minha resposta n. 10, se vê que convenho com elle neste particular.

Pelo Rio Grande, na fórma que V. Ex. o manda, passarão a essa cidade o capitão Manoel Vieira Leão, o tenente Alexandre Cardoso de Menezes, o sargento do regimento novo Pedro da Silva, e dous soldados ; ficando nesta fortaleza o alferes do regimento de artilharia, Theodoro José Bofellio, e o sargento de n. do mesmo, Alexandre de Faria. Eu pedi ao provedor que mandasse pagar a cada um dos que vão, tres mezes de soldo, dos nove que se lhes deve, para se poderem preparar para a viagem, fundado em que V. Ex. havia mandado praticar o mesmo, com os officiaes e soldados que daqui sairão : perdoe V. Ex. se obrei mal.

Estimarei que V. Ex. dê tudo por bem feito, e que me continue a especial honra das suas ordens , pois não desejo que viva ociosa a minha propria obediencia.

Deos guarde a pessoa de V. Ex. muitos annos. Rio Pardo 20 de Novembro de 1758.—Ilm. e Exm. Sr. conde de Bobadella—*José Custodio de Sá e Faria.*

P. S. Remetto as cartas que tenho recebido do brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim, para V. Ex. Os officiaes saem daqui no dia 22 para o Rio Grande.

Copia n. 1— Mui Señor mio. El dia 25 de Julio llego a este pueblo el comisario D. Juan de Echevarria con la partida de su cargo, de cuja mano recebi la carta de Vm. con data de 4 de aquel mez, escrita en la Horqueta del Ybicuy, en ella procura Vm. satisfacer a las ultimas razones, con que corrobore en mi carta de 22 de Junio el concepto de que la linea de demarcacion debo prolongar-se hasta las cabeceras del Ybicuy mini, y aora por no duplicar las mismas razones, que se han expuesto en todos los papeles que se han formado en este asunto, solo pido a Vm. que haga una diligencia sobre la mesa en que trabaga, para que reconosca quanto motivo hay para la duda y defensa, que se ha hecho por mi parte sobre la demarcacion propuesta.

Esta se reduce a que Vm. mida con el compaz en el mapa que se remitió de Lisboa al Señor conde de Bobadella, para su gobierno la linea colorada que corre desde la ultima cabecera del Rio Negro, hasta aquella en que termina del Ybicuy, y poniendo Vm. la abertura que haia tenido el compaz sobre la graduacion del mismo mapa, hallara que comprende el espacio de mas de grado y medio o 35 leguas. Es cierto que solo hay la distancia desde la ultima cabecera del Rio Negro, hasta el Ybicuy riapi del mapa del padre Thaden Enis, que Vm. me remetio poco mas de tres leguas, y por el plano que ha levantado la partida de D. Juan de Echevarria, de que Vm. ha sido testigo, solo se puede contar por pasos el terreno que media entre una y otra cabecera : con que esta demostrado, que los ministros plenipotenciarios, que ajustaron la linea divisoria, determinaron por cabecera principal del Ybicuy, no las primeras aguas que forman este rio, sino la que dista por el mesmo mapa del Sr. conde, 35 leguas desde la ultima del Rio Negro.

Esta demonstracion en virtud de la qual se viene a parar con la linea que se ha propuesto por mi parte al Ybicuy, mini manifestado en el mismo mapa, en que no se hace mencion, ni se ve el Ybicuy guasu, convence lo primero, que esta es la mente de los dos monarcas contratantes, y ño lo segundo, que siendo precisamente sacada del mapa, que nos comunicaron, y conforme al tratado y instrucciones esta distante de que las pretenciones de los padres, ni los documentos que pueden mostrar haian influido en esta defenza, arguyendo-se todo lo contrario del mismo hecho, pues sabiendo ellos por el epigrafe o contexto del art. 4.º del tratado, que el Ybicuy mini era el que formava la linea divisoria se empenaron en persuadir al señor conde, como Vm. me lo expresa en su carta de 14 de Abril, que la linea divisoria devia correr por el Ybicuy guasu, demostrado en el mapa del padre Thadeu, con lo que lograron el intento de que se suscitase la question y demora que ha ofrecido esta demarcacion, que yo pretendi cortar, acomodando-me a todas las propuestas del señor conde, y asi esta misma conducta mia los ponía lexos de persuadir-se a que otras ideas que vertiesen hiciesen imprecision en mi, ni alterasen la buena fe, con que he procedido en todo.

Para que deba correr la linea por el Ybicuy mini, anadi en mi citada carta por una fuerte rason de congruencia, que la hara mas visible la sierra, que le acompaña; pero Vm. encuentra en ella misma la incomodidad, que padeceran los vasallos de S. M. F., hallando se separados unos de otros con esta misma sierra, que solo oy concede dos pasos que estos se serraban con la linea se corriese por aquel rio. No juzgo que en aquel caso tuviese S. M. F. mucho que gastar en abrir otras comunicaciones: sus vasallos saben hacer en estos paizes estas diligencias a su costa. Asi lo pratico el maestro de campo Christoval Perera, buscando passo a las misiones, y siendo paiz perteneciente a su monarca, con quanta maior aplicacion haran esta diligencia, y así se venceran las dificultades que no encuentro tan considerables, como Vm. las propone.

Ultimamente Sr. D. Joze Custodio, yo cedere gustosamente a todas las razones de Vm. con tal de que camine la linea desde la cabecera del Piray guasu, o Rio Negro por el espacio de 35 leguas, hasta el termino donde alcancen, y así que dará terminada esta question, sin que sea necesario que la resuelvan nuestros soberanos, y de este modo procederemos conforme a la mente dellos, y haveremos cumplido exactamente con sus encargos.

Yo me empleare con la mas segura voluntad, en los que sean del agrado de Vm., a cuya obediencia me repito, deseando, que Dios guarde su vida muchos años. S. Nicolas y Septiembre 11 de 1759. Bajo las manos de Vm., su mas afecto servidor.—*El marquez de Val de Lirios*.—Sr. D. Joze Custodio de Sa y Faria.

Copia n. 2.—Mui señor mio. Quando llego a este pueblo D. Juan de Echevarria, recebi de su mano la carta de Vm. de 3 de Julio, en que se sirve manifestar-me las razones que tuvo para no convenir con el en la privada, y amigable composicion para emendar el ierro hallado de 6' de la-

titude, y las que le movieron a executar-lo publicamente en virtud de la carta, que a este efecto escribi a Vm. con fecha de 23 de Junio.

He tenido mucho que celebrar la buena disposicion del animo de Vm. y que haciendo-se cargo de que el principal objecto del servicio de nuestros amos es evacuar dificultades, y caminar de acuerdo al fin, se haia hallando a superar essa, que a un que de poca entidad, era bastante para que no se llegassen a firmar los planos, si Vm. con la mucha inteligencia que tiene en la geographia, e con su buena politica no huviesi sabido considerar quanto importa finalizar esta obra. Persuado-me, que el señor conde de Bobadella sabrá estimar la fedelidad y acierto, con que Vm. ha sabido, servir a S. M. F., a cuya soberana noticia es natural, que lo haga presente y me alegrare mucho sea Vm. remunerado, como lo merece, asi por este servicio, como por el que ya hizo en la demarcacion de la 3.^a partida: lo que no dudo de la magnanimidad con que S. M. F. acostumbra a hacer gracias a los vasallos, que distinguidamente le sirven. Y repitiendo mi afecto a la disposicion de Vm. para todo lo que sea de su maior complacencia, ruego a Nuestro Señor guarde su vida muchos años, como deseo.

San Nicolas y Septiembre 11 de 1759. Bejo las manos de Vm., su mas afecto servidor—*El marquez de Val de Lirios*.—Sr. D. Joze Custodio de Sa y Faria.

Copia n. 3.—Mui señor mio. Por mano de D. Juan de Echevarria, recibí la carta de Vm. de 4 de Julio, en que se sirve dar-me noticia de que el dia que se firmaron los planos se celebró con universal alegria de las personas de ambas naciones. Y asi como yo reconozco el espíritu de union que Vm. ha tenido en su conducta, y la rectitud de su animo a acabar la obra en los terminos que haviamos convenido, debo persuadir-me que terá bien comprendido lo mismo, respecto de los otros, no solo por la celebridad que se hizo a su conclusion, sino porque las diligencias, que praticaron tuvieron el fin, que se deseaba.

Y habiendo-me manifestado D. Alonso Pacheco, de parte de Vm. si gustava que se pusiesen en el mapa que se hade remitir a las das cortes estos pueblos, me pareció mui conveniente para mas clara comprecion, y lo embio ahora, (restablecido ya de una indisposicion que ha padecido, de que ha estado sangrado) no solo a este fin, sino a trabajar un duplicado del mapa grande, para que entre los dos salga con el primor, que sabe executar-lo la fecunda habilidad de Vm., a cuya disposicion me repito con toda voluntad, e ruego a Nuestro Señor le guarde muchos años, como deseo. San Nicolas y Septiembre 11 de 1759.—Bejo las manos de Vm., su mas afecto servidor—*El marques de Val de Lirios*.—Sr. D. Joze Custodio de Sa y Faria.

Copia n. 4.—Mui señor mio. Con motivo de haver vuelto en una balta unos Indios enfermos de la 2.^a partida, tuvos estos dias pasados carta de D. Francisco de Argüedas, de la boca del rio guasu con fecha de 16 de Agosto, en que me cuenta, que caminan con salud, unida y prosperamente. Y habiendo-me embiado unas cartas de su companero, las remito a Vm. a fin que se sirva dirigirla que toca al Sr. conde de Bobadella, de cuya salud no

tengo noticia alguna, y estimare mucho me haga Vm. el favor de comunicar me las que tuviese, acompañadas de las ordenes de Vm., que executare con mucho gusto, y entretanto ruego a Nuestro Señor guarde su vida muchos años como deseo. San Nicolas y Septiembre 11 de 1759.— Bejo las manos de Vm., su mas afecto servidor—*El marquez de Val de Lirios*.— Sr. D. Joze Custodio de Sa y Faria.

Copia n. 5.—Exm. Sr. Mui senhor meu. Por mão do tenente de fragata D. Alonso Pacheco, que chegou a esta povoação no dia 21 de Setembro, recebi a carta que V. Ex. me despachou, datada de 11 do mesmo, em resposta da que eu havia escripto a V. Ex. da Forquilha do Ybicuy, na qual vejo que toda se reduz a que V. Ex. cederá gostoso a todas as minhas razões, contando que caminhe a linha desde a cabeceira do Pirahy guasu, ou Rio Negro, pelo espaço de 33 leguas, até ao termo onde alcancem no terreno, da mesma sorte que se achão no mappa das côrtes, e que nesta conformidade ficaria terminada esta questão, sem ser preciso a resolução dos nossos augustos soberanos.

Se o mappa das côrtes estivesse certo nas suas latitudes, nenhuma duvida se me offerrecia a fazer a mediação que V. Ex. propõe; porém não está este mappa em estado de por elle se averiguarem as distancias, porque as suas latitudes se afastão inteiramente da verdade: V. Ex. não ignora, como tão sciente na geographia, que as distancias dos pontos geographicos se medem pelos intervallos dos parallellos, e dos meridianos, isto é, por latitudes e longitudes, e se estas são falsas, como podem ser as distancias verdadeiras? Que as do mappa das côrtes são falsas, creio firmemente, que V. Ex. o não duvida, e já D. Francisco Milhau as apontou no papel em que respondeu ao do coronel D. Miguel Angelo de Blasco, e sem embargo desta infallivel certeza, quiz eu averiguar agora, se as latitudes do terreno que se contende, estarião boas no dito mappa, ou correspondentes aos seus semelhantes lugares no terreno, e examinando-as achei, que a principal origem do Rio Negro está collocada no dito mappa em 31° 55', devendo estar em 31° 17', como se vê do plano da 1.^a partida, e não é tão pequena a differença, que não seja de 38' ou 12 leguas e 2/3, que esta origem está mais ao sul no mappa das côrtes.

Passci a examinar o braço por onde entra a linha vermelha, que achei em 30° 52', o qual mais se proporciona a ser o Taquarembó, que está em 31° 9' do que o Rio da Serra, como V. Ex. quer, do qual se acha a sua principal origem em 29° 28', tendo de differença do que vem no mappa das côrtes com a linha vermelha 1° 24', que são perto de 30 leguas, e á vista deste exame, parece-me, que V. Ex. não instará na tal mediação de leguas, pois conheço os defeitos das observações no dito mappa.

No principio da minha resposta ao papel de D. Francisco de Arguedas, mostro que circumstancias se devem abandonar no mappa das côrtes, e quaes as que se devem seguir, que em summa vem a ser, que este mappa só se lhe deve dar credito no que respeita á configuração, sem attenção alguma ás gradações, e se as distancias delle devem ser attendidas, por

que não pretendem o commissario da 3.ª partida D. Manoel Antonio de Flores (que já se achava approvada por V. Ex.) que o Rio Jauru deixasse de ser aquelle que se demarcou: porque vindo no mappa a boca daquelle rio, na latitude de 14°, a achamos em 16° 24', ficando 50 leguas mais ao sul, do que se vê no dito mappa, e igualmente a boca do Rio Corrientes, que estando no mappa na latitude de 21° e 30', veio a ficar a linha pelo Rio Ypane, que se acha na latitude de 23° e 38', isto é, 46 leguas mais ao sul do que se vê no mappa; porém é certo, que a grande intelligencia, sciencia e capacidade daquelle official, não podia pretender outra coisa, que o que se executou; pois conhecia com evidencia, que as distancias daquelle mappa não devião ser attendidas por causa dos erros, das observações, e este mesmo juizo esperei eu, que V. Ex. forme, para não compararmos as falsas distancias do mappa das côrtes, com as verdadeiras do terreno, e me comprometto, que cedendo V. Ex. ás mais razões que tenho exposto nas minhas antevedentes, cederá com mais razão nesta, da distancia que certamente não nos pôde fazer força pelo que fica dito, e V. Ex. scientificamente conheceu.

Que no plano das côrtes vem o Rio Ybicuy guasu, é sem questão de duvida, o que além de se conhecer da configuração dos braços do Ybicuy, tenho eu a prova incontestavel em uma carta, que V. Ex. escreveu ao Sr. conde de Bobadella a 9 de Abril do anno passado, na qual V. Ex. se explica pelas palavras seguintes:

« En el de la demarcacion no hallo situado el Monte Grande, ni el rio, que con nombre de Ybicuy pasa por el: solo veo el ramo, que sacando su origen cerca del terreno de S. Tecla forma una C. »

Mas que rio é este, que tira a sua origem do terreno de S. Tecla? é o Ybicuy guasu: logo o Ybicuy guasu, vem notado no mappa das côrtes, e por um ramo destes é que entra a linha divisoria, e não pelo da serra, que V. Ex. diz não achava no dito mappa.

Que os padres disserão a verdade ao Sr. conde de Bobadella, sobre por que rio se devia produzir a linha divisoria, se confirma com as propriedades que o Rio Ybicuy guasu tem no terreno para preferir a qualquer outro: com o plano do padre Thadeo Enis, em tudo conforme ao mesmo terreno, e com o mappa das côrtes que concorda na sua configuração com o mesmo rio do terreno, como repetidas vezes tenho demonstrado, e jamais podião suppôr olhando para o art. 4º que este se conformava com o Rio da Serra, que de nenhuma sorte se podia adaptar aquelle artigo. pois não é crível que considerassem as principaes origens de um rio, no braço mais pequeno; porém depois de nos declararem a verdade, e considerarem que a demora desta demarcação podia ser util aos seus interesses, publicarão que o Rio da Serra era por onde devia caminhar a linha, e o soberão tambem introduzir com rodeios, que chegasse á noticia de V. Ex. que com effeito lograrão o fim; porém hoje bem conhece V. Ex. a facilidade da nova introdução.

Quanto a poder S. M. Fidelissima mandar abrir novo passo na serra do Monte Grande, para os seus vassallos transitarem as aldêas, duvido que se possa

executar com a facilidade que V. Ex. suppõe pela asperesa da serra ; pois hem sabe V. Ex. que os Indios que abrirão o primeiro caminho do passo de S. Lucas, devião escolher o melhor sítio para o fazerem, e comtudo era elle tal, que para o descer lhes era preciso apearem-se dos cavallos, e que para poder passar o trem do exercito, foi preciso um grande trabalho para abrir novo caminho proximo ao velho, e a maior parte das carretas forão tiradas por um cabrestante ; e além de que possa por algum sitio descobrir-se novo caminho, o que muito duvido, comtudo não me parece da sincera intenção de Sua Magestade Catholica, o permittir fazamos este trabalho duvidoso, embaraçando-nos as serventias publicas daquelle propriedade que nos cede, as quaes já existião quando se firmou o tratado, e sendo indispensavel a communicação do terreno que nos fica abaixo da serra com o de cima.

Desejo que V. Ex. me dê occasiões em que exercito a minha rendida obediencia no seu serviço, para o que estará sempre prompta a minha vontade. A pessoa de V. Ex. guarde Deos muitos annos. Fortaleza de J. M. J. do Rio Pardo, 12 de Outubro de 1759— *José Custodio de Sá e Faria*—Exm. Sr. marquez de Val de Lirios.

Copia n. 6.— Ex. Sr. mui senhor meu. Vou agradecer a V. Ex. as honradas expressões com que V. Ex. me trata na sua carta de 11 de Setembro, que recebi por mão do tenente do fragata D. Alonso Pacheco, sobre a conclusão da diligencia da primeira partida, pelas quaes beijo a V. Ex. a mão, e lhe rendo as mais expressivas graças, pois serão o maior abonador na presença do Sr. conde de Bobadella, de que eu tive a fortuna de acertar no que obrei naquella diligencia, e que inteiramente cumpri com as suas ordens, vendo que V. Ex. approva a minha conducta, e conheço a sinceridade e boa fé, com que o mesmo senhor nas suas instrucções me ordenou obras, e com um testemunho tão autentico, e de tanta excepção, estou certo que Sua Magestade Fidelissima, se capacitará dos grandes desejos que tenho de acertar no seu real serviço, distincto premio para um fiel vassallo.

Em toda a occasião me achará V. Ex. com prompta vontade para lhe dar gosto, assim eu tenha a fortuna de V. Ex. dar exercicio á minha rendida obediencia.

A pessoa de V. Ex. guarde Deos muitos annos. Fortaleza de J. M. J. do Rio Pardo, 12 de Outubro de 1759. Beijo as mãos de V. Ex. seu mais seguro e fiel venerador—*José Custodio de Sá e Faria*—Exm. Sr. marquez de Val de Lirios.

Copia n. 7.—Exm. Sr. mui senhor meu. Por mão do tenente de fragata D. Alonso Pacheco, recebi a carta de V. Ex. de 11 de Setembro, na qual V. Ex. me diz que o mandava a esta povoação, para que trabalhássemos em duplicado do mappa da demarcação, cuja obra logo pozemos em execução, e como o primeiro plano de Castilhos, até Santa Tecla tinha algumas variações, o emendámos e corregimos, e para que ficasse inteiramente completo, o ampliámos com todas as noticias fidedignas que se

poderão adquirir, com o que fica mui circumstanciado, e creio irá a gosto de V. Ex.

Quanto a pormos os povos nos planos do terreno questionado, me parece mais proprio deixal-os ficar como estavam, não só por cumprir-mos com as instrucções que mandão fazer plano separado do terreno em que houver duvida; mas para não perdermos o trabalho dos que estão feitos, de que já mandei copia ao Sr. conde de Bobadella; porém para satisfazer o que V. Ex. quer, assentei com o dito official, de fazermos outro plano em ponto menor, que comprehenda tudo o terreno desde Castilhos, até aos Povos, o qual ainda será mais proprio para o fim de Sua Magestade resolverem o que forem servidos, pelo qual verão todo o terreno já demarcado, aquelle sobre que assenta a duvida, e o que confina com elle até aos Povos.

Estimarei que V. Ex. approve este dictame, ou que me ordene o que fôr mais do seu gosto, que para tudo estará prompta a minha obediencia.

A pessoa de V. Ex. guarde Deos muitos annos. Fortaleza de J. M. J. do Rio Pardo... de Outubro de 1759. Beijo as mãos de V. Ex. seu mais seguro e fiel venerador—*José Custodio de Sá e Faria*—Ex. Sr. marquez de Val de Lirios.

Copia n. 8.—Exm. Sr. mui senhor meu. Recebi as cartas que V. Ex. me remetteu, do brigadeiro José Fernandes Pinto, e na primeira occasião remetterei a que vinha para o Sr. conde de Bobadella. O dito Sr. se acha com saude, pois no dia 9 deste mez recebi carta sua, e como ainda não tinha a certeza de se haver recolhido a partida, remetteu ao coronel de dragões Thomaz Luiz Osorio uma carta para V. Ex., que elle na presente occasião remette, onde creio que dará a V. Ex. a tristissima noticia de ficar no mez de Abril em grande perigo, a preciosa vida de Sua Magestade Catholica: Deos permitta se ache o dito senhor restabelecido, ainda que estamos com o susto, pelas noticias que aqui correm, vindas de S. Borja, que assegurão haver fallecido o dito senhor, em 12 de Maio, segundo o affirmára uma não ingleza, a outra que sahio de Cadiz com negros em Dezembro, e havia ancorado em Montevideo, da qual V. Ex. já a esta hora terá cartas, porque se esperava chasque com brevidade. Sinto que V. Ex. tenha este sensibilissimo pezar, do qual justissimamente nos toca uma grande parte.

Fico como devo para servir, e dar gosto a V. Ex. a quem peço repetidas ordens do seu serviço. A pessoa de V. Ex. guarde Deos muitos annos. Fortaleza de J. M. J. do Rio Pardo, 12 de Outubro de 1759. Beijo as mãos de V. Ex. seu mais seguro e fiel venerador—*José Custodio de Sá e Faria*.—Ex. Sr. marquez de Val de Lirios.

Copia n. 9.—Mui señor mio. En respuesta de la carta de Vm. de 11 deste mez, debo dizer que no concediendo Vm. la fuerza que tiene el estar prolongada la linea 35 leguas de terreno, sin atencion a graduaciones desde las cabeceras del Rio Negro hasta un rio, donde descarga el Toropi, me parece será del agrado de nuestros soberanos, el que no acomulemos mas papeles, porque todas las razones, que podemos llegar por una y

otra parte, estan ya expuestas ; y el volvera repetir-las aun que sea con novedad, y mas claridad, no evitara la confusion, ni dexaran de hacer mas gravoso el examen de la question.

Me parece mui bien lo que Vm. se sirve manifestar-me en otra carta de la misma fecha, acerca de los planos que D. Alonso Pacheco ha bido a trabajar de acuerdo con Vm. y asi Vms. lo pueden executar.

Remitto al coronel D. Thomaz Luiz Osorio, respuesta a la carta que me ha embiado del Sr. conde, y quedo mui dolorido de la noticia, que asi su Ex. como Vin. me comunican de la enfermedad del rei mi amo : y como los padres han devulgado que ha muerto a principios de Maio, hede de ver a Vin. me haga el favor de comunicar-me las primeras noticias que lleguen ali le Europa sobre este punto, que me tiene con muchísimo cuidado.

Quedo para servir a Vm. con verdadeiro afecto y ruego a N. S. guarde su vida muchos años como deseo. San Nicolas y Outubro 22 de 1759. Bejo las manos de Vm. su mas afecto servidor. — *El marquez de Val de Lirios*. — Sr. D. Jose Custodio de Sa y Faria.

Copia n. 10. — Exm. Sr. Mui senhor meu. Em 10 do corrente, recebo a carta de V. Ex. de 22 do passado, pela qual vejo que V. Ex. deseja não annullar mais papeis sobre a questão da demarcação do Ybicuy, por estar já dito quanto se podia a este respeito ; o que me parece mui proprio, para que não venhão a servir de embaraço a multiplicidade de razões para a sua resolução.

Estimo que V. Ex. approvasse o meu dictamen a respeito dos planos ; e nesta occasião sao deste Povo o tenente D. Alonso Pacheco, que leva o duplica lo do terreno da contenda, e outro plano grande de toda a demarcação da primeira partida, já firmados, e outros dous semelhantes para V. Ex. me fazer a mercê de mandar firmar pelos officiaes da mesma partida, que são os que me toção.

A carta que V. Ex. remetteu ao coronel Thomaz Luiz Osorio, fica entregue, e não omittirei diligencia alguma que se possa conduzir a livrar a V. Ex. do justissimo cuidado em que se acha, communicando-lhe sem demora as noticias que alcançar a respeito da saude e vida de Sua Magestade Catholica.

Em toda a occasião me achará V. Ex. com a mais prompta vontade para o servir, e lhe dar gosto.

Deos guarde a pessoa de V. Ex. muitos annos como desejo. Fortaleza de J. M. J. do Rio Pardo, 12 de Novembro de 1759. Beijo as mãos de V. Ex. seu mais affecto seguro venerador. — *José Custodio de Sá e Faria*. Exm. Sr. marquez de Val de Lirios.

Copia. — Exm. Sr. Mui señor mio. Ante ayer por la tarde, recebi la carta de V. Ex. de 22 d'Agosto, donde veo se hallaba ya con noticia de haver-me yo restituido a este Pueblo, y de que havia salido la primeira partida a executar su trabajo. El partido, en que convino D. Jose Custodio, fue en testificar, que el plano, que formasen los cosmografos por parte del rei mi amo, se havia hecho a vista sua, y asi se executo en la mejor amistad,

haviendo se retirado todos en el mez de Julio, y hallando-se aora D. Alonso Pacheco, en el Rio Pardo trabajando en compañía de dicho D. Jose Custodio, así el plano de toda la demarcacion de la primera partida, como uno separado, que contiene solo el terreno questionado segun está prevenido en el art. 31 de nuestras instrucciones para mas facil manejo sobre el examen de la disputa.

De la segunda partida me persuado que ya tendra V. Ex. noticia por haver despachado yo en una ocasion al Rio Pardo un mapa y un pliego que me imbio para V. Ex. D. Jose Fernandes Pinto Alpoim, y posteriormente unas cartas sueltas que no dexarian de incluir alguna para V. Ex. las ultimas noticias, que tengo de ella son, que haviendo hecho diligencia por medio de un destacamento para descubrir las cabeceras del Pepiri, no se pudo conseguir, y que haviendo quedado D. Francisco Milhau, con un compañero para repelir-la por el rio que descarga en el Yguasú, con cuías cabeceras se deben atar las de aquel havian determinado proseguir su viage, hasta el termino que tienen en el Parana, pero que esperaban de qualquier modo que fuese absolver su trabajo en todo este año.

Ya puede V. Ex. coniderar si me ha dexado penetrado de pena la noticia, que V. Ex. se sirve participar-me, de que el-rei mi amo se hallase tan agravado por el mes de Abril; porque verdaderamente si Dios nos lo quitase perderia la nacion un rei de los demas recto corazon que ha poseido el trono. Los padres hacer creer que murio en diez de Maio, y que ya tenian dias la noticia. Yo espero que V. Ex. no se escusará de communicar-me la primera que venga da Europa, sobre este particular, mientras yo incomiendo a Dios em mis pobres oraciones, segun mi obligacion y agradecimiento su salud y vida, para que le dexé acabar de justificar la bondad de su causa, juntamente con S. M. F. cuiá mejoría debo celebrar y celebro intimamente como tan importante oy en el mundo.

Y repitiendo-me a la disposicion de V. Ex. para todo lo que sea de su agrado, ruego a Nuestro Señor le guarde muchos años como deseo. San Nicolas y Octubre 22 de 1759. Exm. Sr., bejo las manos de V. Ex. su mas afecto seguro vendrador y amante—*El marquez de Val de Lirios*.—Exm. Sr. conde de Bobadella.

Copia.—Exm. Sr. Mui señor mio. Por la carta de V. Ex. de 22 de Agosto, a que di respuesta a 22 de Octubre, tuve la dolorosa noticia de quedar por el mez de Abril mui arriesgada la vida del rei mi amo, por la grave prolija enfermedad que meses antes havia empezado a padecer; y por la que recibo aora con fecha de 5 de Noviembre, me comunica V. Ex. la que se condujo en dos navios que a principios de aquel mez entraron en esse puerto, de haver falecido el dia 10 de Agosto haviendo producido este sensible golpe la maior afliccion en la familia de S. M. F., pues se suspendio el despacho, y se tomo el luto en la córte.

Tambien me dice V. Ex. que por las cartas antecodentes escritas por el ministerio, sabia V. Ex. haver pasado mezes sin que se pudiese adelantar un paso en la conclusion del tratado, pues el no dár alivio la grave dolencia del rei mi amo, hacia estancar las determinaciones, y entendia

V. Ex. que estas se hallaran mas detenidas en quanto as dependencias de mi córte no permitiesen la expedicion de nuevos poderes, y que así quisiera saber V. Ex. de mi si continuo mi residencia de esta parte, o donde debiera accorrir quando llegen a V. Ex. las nuevas ordenes, como tambien pedir-me, que las claridades que faltan para la conclusion de la 2.^a partida vain tales, que no nos recrescan embarazos en el cumplimiento de lo que nos fuere decretado.

Ya exprese a V. Ex. en mi citada carta el vivo sentimiento que me produjo la noticia del trabajoso estado en que quedaban la salud y vida de mi amo; y aun que tenia provenido el animo a llevar el golpe que agora recibo, ha causado todo el efecto, que pudiera haver hecho, no estando esperando. En tanto dolor solo tengo el alivio de considerar-le reina en mejor esphera, como el consuelo de que su sucesor el Sr. D. Carlos, llenando ampliamente el trono con sus virtudes no nos deixara conocer su falta.

La experiencia que tiene en reinar, y su acividad en el gobierno me persuaden, que havra puesto en movimiento la conclusion de nuestras ordenes, que con acuerdo de la córte de Lisboa deben reglar-se para la de este negocio, e así deberan ser despachadas, como se disponia en vida del-rei mi amo, y llegaran a un mismo tiempo. De este modo faltara na inacion que V. Ex. conjetura, pues haviendo celebrado su predecesor el tratado por si, y en nombre de todos sus sucesores, dispondra con un nuevo poder que podra recaer en otro, si merecen consideracion mis suplicas, para que tenga su devido cumplimiento, o refrendará el mesmo, en cuya virtud estoi obrando, y debo continuar hasta nueva orden, que reciba, que creo no tarde; y entretanto no me parece, que V. Ex. podra dudar que todo va en la conformidad, qui pide la distancia y la naturaleza del negocio, que es comun a los sucesores de ambas monarchias y segun las ordenes dadas.

En virtud de estas mismas puede concluir la 2.^a partida su trabajo, que contemplo este ya finalisando-se, como el que este de vuelta en todo este mez, o a principios del que viene, en este Pueblo, y de este modo no jusgo se recrescan embarazos; y si V. Ex. los prevee debo advertirme los con mas claridad, en fuerza de lo que se nos tiene mandado, para que queden facilitados, y no impidan la execucion de nuestras ordenes, cuyo esclarecimiento pido a V. Ex. me comunique quanto antes. E entretanto residire en este mismo Pueblo, para prover á la vuelta de la partida del brigadier D. Jose Fernandes Pinto Alpoim; y si en este tiempo me vienen algunos avisos de la córte, se los participare a V. Ex. con puntualidad.

Comunique-me V. Ex. ordenes, en que me sirve, y las noticias de su importante salud, la que deseo a V. Ex. mui cumplida, como el que Dios guarde su vida muchos años. San Nicolas y Diciembre 6 de 1759.—Exm. Sr., bejo las manos de V. Ex. su mas seguro venerador—*El marquez de Val de Livros*. Exm. Sr. conde de Bobadella.

Illm. e Exm. Sr.—Em carta datada de 7 de Dezembro do anno proximo passado, que dirigi á presença de V. Ex. pela mão de guerra *Nossa*

Senhora das Brotas, commandante João da Costa de Brito, que se fez de vela deste porto no dia 19 do sobredito mez e anno, expuz o estado em que ficava até áquelle tempo a diligencia, de que Sua Magestade foi servido encarregar-me em carta firmada de sua real mão, em 21 de Julho de 1759, na expulsão dos padres da Companhia.

Dei conta de que ficava o collegio desta cidade bloqueiado, e no mesmo reclusos os padres que nelle residião, guardando-se neste apertado cerco, quanto Sua Magestade nelle foi servido mandar-me que observasse. Declarei individualmente os ministros, por quem reparti e encarreguei a commissão de inventariar e sequestrar com rigido exame todos os bens pertencentes aos ditos padres, tanto aos do collegio desta cidade, engenhos e fazendas, que elles possuem no districto da mesma, como no collegio e fazendas, que têm na de S. Paulo, villa de Santos, Paranaguá, Campos dos Goytacazes, e capitania do Espirito Santo, expondo o fundamento que tive para mandar áquelle villa a sobredita diligencia, e que em tudo havia dado as providencias, que me parecerão mui conformes ás reaes ordens, que me forão dirigidas, afim de tudo se executar na fórma por Sua Magestade declarada.

Disposta a diligencia, e cada um dos ministros trabalhando na sua respectiva commissão, como expuz na citada carta, cuja segunda via agora remetto, entrou nesta barra no dia 24 do mez de Janeiro do anno presente, felizmente a náó de guerra de que é commandante Gaspar Pinheiro da Camara, e por elle recebi a carta firmada da real mão, em Villa Rica á 4 de Novembro do dito anno, na qual S. Magestade foi servido declarar-me que pelos justos e indispensaveis motivos presentes, na collecção que juntamente me era dirigida, se achava obrigada a sua religiosissima piedade ceder á urgencia da sua indefectivel justiça, para fazer expulsar, como tem sido de todas as provincias de seus reinos, os regulares da Companhia denominada de Jesus; e porque na conformidade da lei de 3 de Setembro do anno de 1759 se devião praticar os mesmos procedimentos com os sobreditos regulares, que vivem no territorio destas capitancias, para que a sua expulsão se fizesse com a mesma tranquillidade e silencio com que se executou neste reino, foi o mesmo senhor servido declarar-me o seguinte:

Que sendo eu instruido do conteudo na dita real ordem, convocando á minha presença o chanceller, com os desembargadores desta relação, e aquelles officiaes de guerra que fossem da minha confiança, fizesse por elles reduzir a uma só habitação e morada, e á mais estreita e apertada reclusão os ditos regulares, que nesta cidade e seu districto residissem, privand-os de toda e qualquer communicação. Que no seguinte dia ao desta reclusão, fizesse ao mesmo tempo entregar ao bispo desta diocese, as cartas firmadas da sua real mão, no maço que lhe vinha dirigido, e que nesta relação fizesse distribuir pelos ministros della, os exemplares da sobredita collecção, que vinhão destinados para o referido effeito, como tambem ao senado da camara, o maço de collecções que lhe havia dirigido. Que formadas as tropas da guaruição desta praça, mandasse publicar na

testa dellas, as duas leis ultimamente promulgadas, assim para a total expulsão dos mesmos regulares, como para serem repostas e guardadas nos archivos das camaras, as collecções dos documentos que devem perpetuar os horrorosos factos que derão indispensaveis e funestos motivos ás demonstrações do seu justo, real, e supremo poder. Que no caso de se achar a fragata dos sobreditos padres neste porto, ao tempo que eu recebesse a real ordem, a fizesse logo sequestrar no estado em que fosse encontrada, e sem permittir se extraísse della cousa alguma, a mandasse passar sem perda de tempo, á ordem do marquez de Lavradio, vice-rei e capitão general deste Estado. Que ao mesmo tempo em que chegasse a este porto a referida não de guerra, pela qual me era dirigida esta real ordem, a fizesse fabricar e prover de todo o necessario, para voltar a esse reino, com a maior brevidade possivel, fazendo embarcar nella (o que seria de noite para evitar escandalo) todos os sobreditos regulares, que se achassem reclusos, para immediatamente seguirem viagem a esse porto. E ultimamente tivesse eu especial cuidado em fazer dirigir ao juizo da inconfidencia desse reino, com toda exacção e brevidade, os inventarios dos sequestros que se houverem feito, ou fizerem aos sobreditos regulares expulsos, e as sommas que os bens vendidos e sequestrados houverem produzido, e forem produzindo: não permittindo que parem nos cofres desta cidade e seu districto, que em quanto não houver navios de guerra, ou incorporados nas frotas, ou fóra dellas, para transportarem os sobreditos cabedacs; deduzindo-se sempre delles, o que necessario fôr para satisfação das obrigações do Culto Divino, e disposições testamentarias. Que as igrejas, collegios, e noviciados que forem casas puramente religiosas, e immediatamente dedicadas ao Culto Divino, e exercicios espirituaes, serão entregues á administração do bispo diocesano, ou quem seu cargo servir, o que porém não se estenderá ás residencias e casas de grangearia, que impropria e abusivamente chamão missões.

Tenho a felicidade, que quando recebi esta real ordem, e vi nella o que Sua Magestade era servido encarregar a meu cuidado, fosse a tempo, em que esta importantissima diligencia se achava nos termos que hei referido, e só tinha de executar promptamente a publicação das duas leis, e a real entrega dos maços de collecções dirigidas ao bispo, relação, e camara desta cidade, e fazer expedir a fragata (pois era confiscada da mesma sorte que Sua Magestade é servido declarar-me, como já dei conta) á cidade da Bahia, encarregando o seu commando ao capitão de mar e guerra José Roben Vandrec, e fazer reparar e prover esta não do preciso para o transporte dos mencionados regulares a essa côrte.

Da lista junta, consta o numero de padres que residião neste collegio, e nas fazendas que elles possuíão no districto desta cidade; os que tinham os collegios de S. Paulo, e Santos, o suas respectivas fazendas; os que residião nos campos de s Goytacazes, e capitania do Espirito Santo, que todos segundo a real ordem, forão recolhidos ao collegio desta cidade, onde se conservão em apertada reclusão, até ao ponto de serem trasladados para bordo da não, debaixo de segura guarda. Da mesma lista, consta os que

deixarão a roupeta, por dimissórias do bispo desta diocese, e os que vão remettidos na fórma da real ordem. Só restão dous, que hão de vir do Paranaguá, e dous que andão nas partes do Rio Grande, os quaes logo que cheguem serão reclusos, como o tem sido os demais, e os farei remetter pela mão de guerra, de que é commandante o capitão de mar e guerra João da Costa de Atayde, que fica neste porto concertando-se; além destes quatro padres, fica um não professo, quasi espirando no hospital, onde o mandei recolher.

Os inventarios dos sequestros feitos no collegio desta cidade, e fazendas, que no districto da mesma pertencião aos referidos padres, e os da capitania do Espirito Santo, vão remettidos na fórma da real ordem, ao juizo da inconfidencia, e só faltão os dos Campos dos Goytacazes, Paranaguá, Santos, e S. Paulo, que pela sobredita mão de João da Costa de Atayde serão remettidos.

Como Sua Magestade foi servido ordenar-me em carta firmada de sua real mão, de 21 de Julho de 1759, que destinasse para alimento de cada um dos referidos padres 300 rs. cada dia, e vendo eu que a mão para o transporte dos ditos, vinha sem o preciso provimento para a sustentação dos mesmos padres nesta viagem, regulando-me pela sobredita quantia, e fazendo calculo ao numero dos padres que embarcarião, e para o tempo de 4 mezes, mandei entregar ao capitão de mar e guerra, do dinheiro pertencente á mesma companhia 4:320~~7~~000 para o preciso sustento dos ditos padres. E' certo que elles depois de serem na esperança de que infallivelmente havião de soffrer este bem merecido golpe, não cuidarão senão em destructar as fazendas, sem mais attenderem ao augmento, nem á conservação dellas, pelo que todas se achão deterioradas, e ainda os mesmos canaviaes dos engenhos perdidos, por não tratarem do seu replante, de sorte que promettem mui limitada safra este anno, e por consequencia não poderá ser o lucro correspondente ao que elles percebirão, quando trabalhavão aquellas fazendas na posse em que dellas estavam.

Já puz na presença de V. Ex., que como as reaes ordens não permitem que se estenda o arrendamento das ditas fazendas por mais de um anno, é voz geral não haverá pessoa alguma, que se anime pelo referido tempo a arrendal-as. Protesto, porém a V. Ex., que a diligencia se continúa, e em quanto (como hei pedido) Sua Magestade não for servido determinar nesta parte, se irão administrando as referidas fazendas, e em tudo terão seu devido cumprimento as reaes ordens, para nos fazermos capazes da real approvação do mesmo senhor.

Já disse a V. Ex. o estado, em que ficavão as aldéas de S. Barnabé, e Tabagy, do contorno desta cidade, com seus curas, postos pelo bispo desta diocese, e que em tudo se daria as providencias, a fim de inteiramente se cumprir quanto Sua Magestade ora servido mandar a respeito das mesmas aldéas.

Ao chanceller desta relação a quem ultimamente o mesmo senhor é servido mandar encarregar-se desta diligencia, fiz passar todos os papeis de inquirição, que o ouvidor da comarca de S. Paulo, por ordem minha,

como já fiz a V. Ex. sciente, tirou de todas as aldeas que os padres da Companhia possuíam no continente daquelle cidade. Pelos ditos papeis consta, que são aquellas aldeas impropriamente assim chamadas, pois os seus principios serão fazendas compostas de alguns escravos e Indios administrados daquelles primeiros Paulistas, e por suas mortes deixados á Companhia. E como o bispo daquelle cidade, e o ouvidor da comarca da mesma estão discordes, entendo que nesta occasião encaminhão á presença de Sua Magestade suas representações respectivas ás intendencias sobre as mesmas aldeas.

Do conselheiro Manoel Estevão de Almolda de Vasconcellos Barbarino, que se acha na cidade da Bahia, tive a carta cuja copia remetto. Eu ainda não respondi a este ministro, e o farei dizendo, tenho já dado conta a Sua Magestade com os fundamentos de que me vali, para mandar ao ministro desta relação á capitania do Espirito Santo.

Asseguro a V. Ex., que todo e qualquer auxilio, que pelo chancelier me fôr pedido, para o inteiro cumprimento das ordens de Sua Magestade, o prestarei com aquella promptidão que devo.

Deus guarde a V. Ex., Rio de Janeiro, 13 de Março de 1760.—Ilm. e Exm. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado.—*Conde de Bobadella.*

DA LISTA A QUE SE REFERE O PRECEDENTE OFFICIO CONSTA EM RESUMO, QUE O NUMERO DOS PADRES QUE EXISTIÃO NA CAPITANIA, ERA DE 199, REPARTIDOS PELO MODO SEGUINTE :

Padres assistentes no <i>Collegio</i> no dia 3 de Novembro de 1759.	97
Padres que vierão no dito dia do <i>Engenho Velho</i> , remettidos pelo desembargador Manoel da Fonseca Brandão	3
Padres que vierão no dia 4 do dito mez do <i>Engenho Novo</i> remettidos pelo dito desembargador	3
Padres remettidos pelo dito ministro em 4 do dito mez, de <i>S. Christovão</i>	4
Padre que veio neste dia dos <i>Campos Novos</i>	1
Padres que vierão de <i>Santa Cruz</i> no dia 6, 9 e 11 de Novembro	6
Padres vindos no dito dia 11, remettidos da fazenda de <i>Macacú</i> pelo desembargador Gonçalo José de Brito Barros	2
Padres vindos da aldeia de <i>Itaguay</i> , no dia 20 do mez de Novembro.	2
Padres remettidos da <i>Aldeia de S. Barnabé</i> , pelo ouvidor da comarca.	2
Padres vindos na fragata que chegou da <i>Bahia</i> , em 5 de Dezembro de 1759	10
Padres vindos dos <i>Campos Novos</i> em 7 de Dezembro, remettidos pelo desembargador João Cardoso de Azevedo	3
Padres vindos da villa de <i>Santos</i> em 9 de Dezembro, remettidos pelo desembargador Custodio da Silva Araujo Salazar	11
Padres vindos de <i>Macahé</i> em 15 de Dezembro, remettidos pelo desembargador João Cardoso de Azevedo.	2

Transporte.	152
Padres vindos dos <i>Campos dos Goytacazes</i> , em 1 de Janeiro de 1760, remettidos pelo dito desembargador	2
Padres vindos da <i>Capitania do Espirito Santo</i> no dia 24 de Janeiro, trazidos pelo desembargador João Pedro de Sousa Sequeira Ferraz	17
Padres que vierão de <i>S. Paulo</i> no dia 2 de Fevereiro, remettidos pelo desembargador Salazar.	23
Padres vindos de <i>Paranaguá</i> em 12 de Março, remettidos pelo desembargador Seraphim dos Anjos	5

199

« Os padres que vão nesta náó, são os que constão do recibo junto do capitão de mar e guerra Gaspar Pinheiro da Camara, e os mais são os não professos, que deixarão a roupeta com demissoria do Exm. e Rvm. bispo desta diocese, Jeronymo de Mattos. »

Recebi a bordo desta náó, 199 padres da Companhia denominada de Jesus, por ordem do Illm. Exm. Sr. conde de Bobadella, general destas Capitánias, para os transportar ao porto da cidade de Lisboa, como Sua Magestade manda, a bordo da náó *Nossa Senhora do Livramento e S. José*, fundeada no porto do Rio de Janeiro, aos 14 de Março de 1760.— Gaspar Pinheiro da Camara Maciel.

Illm. e Exm. Sr.—Com a feliz entrada da esquadra do Porto a esta barra, recebermos a estimadissima noticia de que Suas Magestades se conservavão com perfeita saude, e que igual felicidade contava toda a real familia: com este apreciavel seguro, nos felicitámos, e a Deos rendemos as graças, rogando-lhe pela continuação de tanto bem.

Nestas Capitánias, depois que deste porto fez vela em 16 de Março a náó de guerra, de que era commandante Gaspar Pinheiro da Camara com a carga de 199 padres dos da denominada Companhia de Jesus, não ha occorrido cousa que altere a inteira paz, em que se conservão. Dos ditos padres restão dous para serem remettidos, um ainda não é chegado, e o outro se acha na fortaleza da Ilha das Cobras, os quaes irão, tardando a frota, no primeiro navio que será o Corsario, de que é commandante João da Costa de Atayde.

No dia 20 do-corrente mez, entrôu nesta barra um navio de guerra francez, chamado *Renomé*, que fez vela da costa de Coromandel em Março, e tão mal apparelhado, como constará do exame, que segundo as ordens de Sua Magestade se lhe fez, e será remettido na primeira occasião. Desembarrarão 6 officiaes, e entre elles é o primeiro o brigadeiro Mr. de Laly: eu trabalho por mandal-os á Bahia, para que por aquella via, ou pela frota de Pernambuco se transportem a essa côrte: e como a ella se resolve passar o conde de Soulanges, official da mariinha de el-rei christianissimo, por elle será V. Ex. sciente do seu destino. Dos successos da Asia guardão elles aqui um inteiro silencio, do qual inferimos, que a fortuna lhes tem sido contraria. O navio depois de reparado, trabalho em que agora entra, fará viagem outra vez á Ilha de Bourbon.

Nos documentos que remetti a V. Ex. accusados na minha carta de 8 de Março do presente anno, e foi remettida na não de guerra, de que é commandante Gaspar Pinheiro da Camara, ia em n. 4 a copia da ultima carta, que recebi do general D. Pedro de Cevallos, com data de 31 de Outubro do anno passado, em que responde aos cargos que lhe fiz, na que lhe escrevi em 25 de Agosto do mesmo anno; expedida a dita não, ao dito general fiz a resposta junta, depois da qual, não ha até ao presente occorrido cousa de novo. A 2ª partida de que foi primeiro commissario, o brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim se acha felizmente concluida; o dito brigadeiro com a tropa do seu cominando, chegou ao Povo de S. Nicolão, donde escreveu a carta da copia n. 2, eu o supponho já no Rio Pardo, onde encontrará ordem minha, para se recolher com os officiaes e soldados que o acompanharão no seu destino a esta cidade. Naquelle fortaleza conservo ao tenente-coronel José Custodio, para o caso de se offerecer alguma nova duvida ao marquez, sobre a debatida quostão do Ybicuy, por haver aquelle official trabalhado, e feito particular estudo sobre o terreno da disputa. O coronel D. Miguel Angelo de Blasco, tambem o conservo para o trabalho do mappa geral, a que ha dado principio, e além destes o coronel de dragões com alguma tropa, em ordem a ter coberta aquella parte; o provedor da fazenda real com seus officiaes, e algumas pessoas da minha familia, com alguns generos da minha equipagem, e tudo em ordem a que de todo não desconfiem o general e marquez. O crescido numero de Indios, que vivem naquelle paiz, debaixo da nossa hospitalidade, continuam gostosos e satisfeitos no nosso trato: elles cuidão em ir trabalhando, e eu em os remediar, como posso.

Anciosos apotecemos a chegada da frota desta repartição a esta porto, Deus a felicite na sua viagem, para que por ella tenhamos as felizes noticias que desejamos, e entre ellas ser-me-ha summaente agradavel, a da que a estimadissima saude de V. Ex. se conserva na vigorosa disposição que eu lhe desejo.

Deus guarde a V. Ex. Rio de Janeiro, 1 de Julho de 1760—Ilm. e Exm. Sr. conde de Oeiras—*conde de Bobadella*.

Copia—Exm. Sr. Mui senhor meu. A carta de V. Ex. de 31 do mez de Outubro do anno que findou, a recebi em Janeiro do presente. Faz viagem para o Rio Grande, uma embarcação, e para dar resposta a V. Ex. exponho primeiramente o seu conteúdo etc. etc.

Para dar a ver se a minha exquesita politica, se adiantou a reparar as gravissimas queixas que V. Ex. diz ter na minha demora nesta cidade, eu se é injustiça que V. Ex. me faz, á fórma que conceptua, será bastante fazer patente o que as raes ordens dos nossos soberanos, nos decretarão, e o que estipulárão no tratado da divisão, e se eu a não infringi, fica-mo V. Ex. devedor á minha sinceridade. Mandão os altos contratan'tos nos seus plenos poderes, que eu e o Sr. marquez de Val de Lirios, tratemos e concluamos o tratado da divisão da America Meridional; o que encontrando-se duvidas invenciveis, occorramos com ellas ás nossas respectivas côrtes. Neste estado nos achámos, depois da ultima conferencia, e espe-

ravamos com pouca demora as mais claras e positivas ordens ; mas os raros acontecimentos na côrte de Lisboa, e a morte do Sr. rei D. Fernando VI, junto á distancia em que está Sua Magestade Catholica, o Sr. D. Carlos III, e a falta dos plenos poderes, deu a mais forte e justa causa, á larga demora ; e se sem estas precisas determinações, e poderes, devemos obrar, V. Ex. dirá se é a minha politica quem machinou estes successos e atrasos, e se infrinjo o tratado de divisão, não estando no Rio Pardo, e demorando-me no Rio de Janeiro, onde tanta falta fazião as minhas precisas e promptas providencias.

E se as queixas de V. Ex. são na parte que nos toca, como generaes e confinantes, isto é, ao que nos obriga o cap. 25 do mesmo tratado, e tenho a felicidade de em quanto foi preciso o auxilio, o dei tal, que alcancei a estimadissima mercê, e honra de el-rei meu amo, e Sua Magestade Catholica se declararem bem servidos, fazendo-o assim expressar pelas suas secretarias de Estado. O dito capitulo explica-se nas seguintes palavras « mas pelo que toca ao interior da America Meridional, será indifinita esta obrigação, e em qualquer caso de invasão, ou sublevação, cada uma das corôas ajudará e socorrerá a outra, até se reporem as cousas em estado pacifico. » Quanto nos é mandado pelas armas, se acha concluido, e indisputavel se colhe que para o auxilio, nada ha em que eu sirva dessa parte, e pela da divisão tudo está suspenso, por tão justos e innegaveis motivos, e me parece que são patentes as injustas queixas que V. Ex. fórma da minha demora nesta capital, e que tendo eu tão justificada e tão patente a causa della, fosse tão forte o pensar de V. Ex. que assentou que eu me vali de fingidos pretextos, para me defender, e desculpar da sua injusta queixa.

Na minha carta se não vê a affirmativa de se levantarem tropas em Buenos-Ayres, e só o termo de *que se dizia*, e esta é a mesma palavra da conta do governador da Colonia : nella me não diz, se o brigadeiro D. Thomaz Ilson, marchava de Montevidéo, ou de outra parte, sim que ia em marcha para a parte de Chuuy, sendo certo que em Montevidéo se poderia saber o seu destino, ignorando-o ou occultando-se-lhe ao dito governador mórmente quando V. Ex. chegou a presumir, ou o governador de Montevidéo a capacitar-se tanto, que os Minuanos estavam á minha ordem, e que com auxilio, ou sciencia dos officiaes portuguezes farião um tal attentado. Aos Minuanos já terá chegado a noticia de V. Ex. de que sobre os Portuguezes cairão os seus roubos, e as mortes que houve de uma e outra parte : e ainda que os ditos Minuanos estivessem em boa harmonia com a tropa portugueza, como esta tinha dado tantas provas contra os mesmos Indios, e ás mais nações sublevadas, foi sobrada ligeireza a do governador de Montevidéo em acreditar um embuste sem o menor fundamento.

E' certo Exm. Sr. que o governador da Colonia acreditou sem verdadeiro exame, o aperto que expoz se lhe fazia, restringindo-se-lhe alguma parte, mas não se lhe denegou toda : eu tenho escripto largamente a este governador, affirmando-lhe quanto é contrario a boa harmonia, que os nossos soberanos nos mandão observar, darem-se contas, em que se não

encontre nem uma diminuta parte contra a verdade : se na sua resposta houver alguma expressão convincente, a exporei a V. Ex. pois o meu maior cuidado é a inteira harmonia em todas as partes dependentes d'este, e desse governo.

Confesso a V. Ex., que é bem extravagante a asseveração da minha secreta na Colonia: naquella praça não se cuida senão em reparar ruínas, para que ao tempo das reciprocas entregas, ellas sejam tão reedificadas, que se veja que não decaio a praça, do estado em que era no anno de 1750, por assim ser estipulado, tanto na entrega da referida praça, como na dos povos cedidos. E no que toca a petrechos de guerra, e polvora, nada se tem innovado no annual áquelle presidio, e só algumas mais reclutas e precisas com razão, depois que se destruiu o convenio, mandando o tenente Rei ao official portuguez, que estava em Buenos-Ayres, se recolhesse á sua praça.

Os Portuguezes entrão tão poucos hoje nos campos, como o dirá a grossa guarda do tenente-coronel Wal : assim que eu não sei porque parte se vai aos Povos enganar, e trazer os Indios, nem o cuidado que se tem com os que residem no Rio Pardo é outra a causa, que embaracar os continuos roubos que fazem, e com que se ausentão, levando os melhores cavallos dos vizinhos, e das Estancias.

Para calcular o numero de gado, que se diz haver-se extrahido das Estancias vizinhas ao Rio Jacuy, para sustento das tropas, peço a V. Ex. faça memoria de que na ultima conferencia lhe vierão dar parte, que vinhão os portuguezes em marcha, com 22,000 cabeças, e que averiguada exactamente a verdade, na presença de V. Ex. e minha, acharão-se 4,000, por aquelle algarismo, não duvido se possão contar exorbitantes as extracções de gados, que fazem os portuguezes. V. Ex. omitta por agora esta memoria, e eu a do que me foi permitido e estipulado na ilha de Martin Garcia.

Ultimamente refere V. Ex. por infracção ou cargo, a minha jornada a esta Capital, os preparativos da Colonia, taes como a fantastica mina, o que se convencerá, pois é ponto innegavel reclutas, para que aquelle regimento seja completo, e em estado de marchar ao tempo da evacuação da praça, sendo certo que se não acha nella mais que o corpo, que sempre a guarneceu.

Pouco acrescentarão nas embarcações feitas no Rio Pardo, pois ha sómente a differença de uma de menos. Formou-se a que estava no estaleiro, quando residamos no Jacuy, e se acha neste porto para fazer viagem ao de Pernambuco : depois um barco pequeno para poder entrar no porto do Rio Grande, igual aos que andão no actual transporte ; e o terceiro, estão ainda as arvores em pé, e só trabalhado na cabeça que inventou tal novella.

Se os cargos que V. Ex. me faz, fossem justos, e com fundamento, seria eu responsavel ; mas vendo V. Ex. o que hei referido, mereça-lho o persuadir-se, que vindo das nossas côrtes terminantes ordens, não será a

minha demora quem a traga ao complemento do tratado, pois só desejo, que possamos obrar sem embaraço, duvida, ou questão.

Fico á obediencia de V. Ex. com o maior desejo de ter exercicio no seu serviço.

Deos guarde a V. Ex. Rio de Janeiro 9 de Março de 1760.

Cópia n. 2.—Ilm. e Exm. Sr. Subimos pelo Paraná, em busca da marca que deixou a 1.^a partida, e a não achámos, ou porque o tempo a arruinou, ou os barbaros a destruíram; e depois de subirmos acima do lugar, onde dizião estava 5 1/2 leguas em canoas, e um barco, se nos difficultou a navegação pelas immensas correntes do rio, e rodomoinhos successivos e formidaveis, e nestes termos determinámos mandar uma partida, que fosse pôr os pés sobre o salto, como fez; donde voltou com a configuração do rio, feita pelo cabo de esquadra de Santos, Francisco Lopes, que além da sua intelligencia, o adestramos e provemos de papel, lapis, e bussola, etc.

E feitas as observações necessarias nos voltámos, e nos vimos perdidos em uns rodomoinhos, principalmente em um, onde nos foi necessario a mim e ao Veiga, pegar nos remos, e remar com todo o vigor, para nos safarmos delle, de que nos custou muito, e nos entrou agua pela prôa do barco, e em quanto iamos a esta diligencia, mandámos ao geographo de Hespanha D. Francisco Milhan, que subisse pelo Rio de Santo Antonio, tudo quanto desse a sua navegação, e não a dando, fizesse picada, e fosse em busca da marca, que tínhamos deixado no Pipiri, e das suas cabeceiras.

Arabada a nossa diligencia do Paraná, voltámos para o Yguassu, e subimos o salto porterra, e nos embarcámos com os viveres que poderemos levar em dezasseis canoas, trez grandes, e treze pequenas, e navegámos com ellas pelo rio acima com muito trabalho, e entre elles, o de se aligar em uma corrente rapidissima a canoa de Arguedas, e logo que ouvi uma grande gritaria, voltei por ir adiante, salvei-o, e ao seu negro com bem risco meu, que tinham escapado pegados a um pão, e escaparão o piloto e remeiros, por serem grandes nadadores.

Leva este rio tão rapidissimas correntes, que é impossivel vencer-as a remos, e só dá navegação estando baixo como o achámos, a poder de varação. Finalmente com mil trabalhos, chegámos ao Rio de Santo Antonio, e o navegámos 7 leguas, onde fizemos ranchos de palma, a esperar noticia de Milhan, que depois de ter gasto quasi 2 mezes na diligencia de buscar a marca sobredita, se foi pelo rumo que levava, encravar em uma toldaria de Tupis, Indios que comem carne humana, depois de se lhe abrir uma canoa que fez no mato, para descer pelo Rio Pipiri abaixo; e como a gente que levava era pouca, e se nos difficultava o soccorrel-o, ainda com viveres, o mandámos retirar, e que Pacheco fosse das cabeceiras do Rio de Santo Antonio levantar o seu plano até á sua boca, que estão com curta differença desviada, meio quarto de legua das do Pipiri. Os Tupis nos frechárão dos Paraguays, com duas frechas cada um, atravessadas de peito á espadua, e de lado a lado, dos quaes morreu um, e escapou o outro, com as frechas mettidas seis dias, pela cura do cirurgião hespanhol.

Não encareço a V. Ex. o trabalho que tivemos em mandar viveres para este geographo hespanhol, em quanto buscava as ditas cabeceiras; porque os soldados e Indios, que os levavão uma vez, se recolhião estropeados e alguns deploraveis; porém foi Deos servido, que conseguissemos esta diligencia sem perigo de nenhum Portuguez; e como se alagárão seis canoas de viveres, que forão com Pacheco para municiar a sua gente mez e meio, quando foi com Milhau, tirando o plano do Yguasú até a boca do Rio de Santo Antonio, donde o mandámos voltar, para ir connosco ao Paraná, me foi preciso refazer esta perca de novo, e ainda pelas diarias que estavam succedendo, mandando por duas vezes o meu barco ao Povo de Corpus, a buscar mantimentos, e ainda que a ultima já nos topou de volta para o dito Povo, me servirão, e tem servido para sustentar a gente que trouxe, e como não era já toda precisa, a mando para o Rio Pardo, e me fico só com seis, soldados; porque a sustental-os com bolachas, não me chegão para cada um, quatro vintens por dia, e se nos venderem as vaccas a quatro, seis e dez pesos cada uma, como ouço dizer o quer fazer o Sr. Cavallos, será o gasto enorme; e mando pedir os cavallos e carros para me transportar, que os que mando vão em bestas dos mascates, e tres carretas que me deu o marquez até ao alto da serra, onde estarão as nossas, por aviso que fez um mascate, acabado que seja o plano e diario, que vai llevar, pela sorna costumada dos Hespanhiões; e não molesto a V. Ex. com as noticias miuhas, porque no dito diario terá V. Ex. tempo de as mandar ler e avaliar o nosso trabalho.

Resolvi-me a pagar o gasto que tenho feito aos padres, não só dos barcos, como tambem dos mantimentos, o que já fiz em Corpus, S. Xavier e outros, por me fazerem mais barato, e não metterem em conta muitas cousas, para o que lhe punha o dinheiro á vista, e o não querião deixar passar; porém estou em uma grande contenda com um procurador, que quer os pesos a oito reaes, e eu os quero a nove, por não perder a fazenda real tanto como se paga por cá; e assim me resolvo a mandar buscar a quantia ao Rio Pardo, em reaes, e meios reaes, e dar-lhe por cada peso oito, e me ficar com os pesos duros; e como mandei pedir este dinheiro ao folha, antes de tomar esta resolução, e lhe recommendava que me mandasse em reaes, e os não tinha, os foi pedir ao Sr. Cavallos, que lhe respondeu que mandaria chamar o intendente, para saber delle se os havia, e dallí a pouco mandou dizer ao folha que a thesouraria não tinha; e isto sem fallar com o intendente, nem saber por politica disso, ao mesmo tempo que tem 25,000 pesos em miudos, e eu só lhe pedia 3,600, para me safar de todas as dividas da minha jornada, e de algum pagamento da tropa, e dinheiro aos officiaes para se vestirem, que todos vierão nós e descalços, sem entrar nella conta a das vaccas do xarque, que não sei quanto será, pois ainda não tenho a conta.

O Sr. marquez me tem feito, e faz muito agasalho, e tenho achado tudo de que necessito promptissimo, e reconheço nelle o quanto sento, que houvesse V. Ex. desconfiado delle, e não sabe a que attribua, e me disse que eternamente hade ser amigo de V. Ex., que o venera summamente,

e se desfaz, e todos os que estão com elle com elogios de V. Ex., e não falta pezar de se ter suscitado a duvida de S. Catharina, e refere Arguedas, que se houvesse moído, se não chegaria áquelles termos, e se comporia: isto é o que não entendi.

Logo que chegar ao Rio Pardo, darei a V. Ex. parte da minha chegada, e a conta de todos os meus passos, e executarei as ordens de V. Ex.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos. S. Nicoláo, 16 de Fevereiro de 1760. De V. Ex. subdito fidelissimo—*José Fernandes Pinto Alpoim*

Illm. e Exm. Sr.—Em carta firmada da mão real, a 6 de Junho do anno proximo passado, foi Sua Magestade servido participar-me o grande prazer da celebração do matrimonio da princeza do Brasil nossa senhora, com o serenissimo Sr. infante D. Pedro, para que o festeje com todas as demonstrações de alegria. Logo que recebi esta noticia de inexplicavel jubilo, cheio o meu espirito de gloria, a fiz presente ao senado desta cidade, e a todas as camaras das cidades e villas destas Capitánias, para que festejassem tão felicissimos desposorios, no que todos se mostrarão deligentes, como são obrigados principalmente os moradores desta cidade, nos ricos e alegres festejos em que entrarão, dando claras evidentes demonstrações do seu grande contentamento. O Revm. bispo desta diocese, fez um solenne *Triduo* na cathedral; illuminou-se por tres noites toda a cidade, com raras e vistosas fórmas; houverão touros, e cavalladas por seis dias; cada um dos officios se mostrou empenhado em dar a sua dança, com emulação de querer cada um portar-se com o melhor luzimento; fizerão-se operas publicas, por tres noites: os commissarios desta praça, empenharão-se em fazer um estado de China, e o executarão com magnificencia, houverão publicas e vistosas farças de mascaras; e por ultimo um grande jardim de fogo artificial.

Asseguro a V. Ex. que todos inteiramente applaudimos tão felecissima noticia, como fieis vassallus, o que V. Ex. porá na real presença de Sua Magestade.

Deus guarde a V. Ex. Rio de Janeiro, 10 de Fevereiro de 1761—Illm. e Exm. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado.—*Conde de Bobadella*.

Illm. e Ex. Sr.—Apparecendo na cadêa de Villa Rica, em Janeiro do anno proximo passado, um sedicioso papel a favor dos padres denominados da Companhia de Jesus, e contra as reaes ordens de Sua Magestade, e resoluções do seu ministerio, sem se saber seu autor, não obstante as diligencias em que entrou por meio de uma devassa o juiz ordinario, que então servia, Luiz Henriques de Freitas, e considerando eu o quanto se fazia indispensavel a continuação das mais exactas averiguações, até se encontrar a origem de tão abominavel papel, propuz esta importantissima matéria em relação, e nella com uniformidade se converteu, devia expedir-se um ministro da mesma, a proceder nova devassa, valendo-se para instrução, da que havia tirado o referido juiz ordinario. E nomeando a mesa do desembargo do paço, ao desembargador Agostinho Felix Santos Capello, para a sobredita importantissima diligencia, marchou com as ordens necessarias, e que constão nos documentos juntos, á Villa Rica.

Sendo nella, e com o Dr. José Antonio Pinto Donas Botto, juiz de fóra da cidade de Marianna, por mim nomeado escrivão para a referida devassa, procedeu a ella, e achou pelas testemunhas que jurarão, serem culpados o padre Francisco da Costa, autor do papel, o conego Francisco Xavier da Silva, Manoel de Paiva e Silva, e o negro Virissimo Angola: e todos fez prender o dito desembargador, e com segurança, os remetteu á cadeia desta relação, em cujo tribunal se assentou, com o parecer de todos os ministros, que vista a qualidade do caso, a prova que delle resulta, tanto da presente devassa, como dos mais autos a ella apensos, fossem remetidos os réos de clarados com os proprios autos ao juizo da inconfidencia, onde privativamente tocava o referido caso.

Achando o dito desembargador Agostinho Felix Santos Capello, que a primeira devassa tirada pelo juiz ordinario, Luiz Henriques, era com erros de prevaricação e falsidade, pois com affectada negligencia, dolo e malicia havia deixado de inquirir as testemunhas, não permitindo se escrevesse o que outras quizerão depôr contra o padre Francisco da Costa, geralmente informado por autor do referido sedicioso papel, e dando-me parte deste procedimento, mandei que puzesse em suspensão o dito juiz ordinario, e formando-lhe auto na fórma do estylo, o remetteste com os mais culpados a esta relação: assim o cumprio o referido ministro, e vai aos autos tambem apenso, o em que se procedeu contra o dito juiz, e este juntamente remettido com os mais réos. Forão sequestrados os bens dos referidos padres Francisco da Costa, e o conego Francisco Xaxier, como se vê do ultimo auto apenso, e todos por accordão em relação vão remettidos na presente frota, ao juizo da inconfidencia. V. Ex. assim o porá na real presença de Sua Magestade, que mandará o que fôr servido.

Deos guarde a V. Ex. Rio de Janeiro 16 de Fevereiro de 1761—Ihm. e Ex. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado.—*Conde de Bobadella.*

Ihm. e Exm. Sr.—Pela copia junta da conta que me entregou o Dr. desembargador Agostinho Feliz Santos Capello, verá V. Ex., que abatidas as precisas despesas, importa a remessa de tudo o que se vendeu, achou e produzirão as fazendas do collegio desta cidade, 30:325~~7~~328 rs. de cuja quantia vai conhecimento dos cofres da Capitania da presente frota, pelo juizo da inconfidencia, na fórma das reaes ordens, além de uma letra passada pelo capitão Antonio Lopes da Costa de 237 couros cortidos, que arrematou a 1~~7~~240 rs. cada um, e importa 293~~7~~880 rs.

Na conta geral que apresenta o referido ministro, em que vão annexas as dos mais que forão fazer o sequestro nas differentes fazendas pertencentes a este collegio, me parece se mostra com formalidade e individuação, os effectos que se recebêrão, e perante mim se arrematárão, e a precisa despeza que era necessaria para custeamento deste largo confisco, a qual sem duvida é maior que a que os padres fazião, por forrarem entre si muitos dos gastos, que agora são indispensaveis, e ser a economia nelles o maior estudo a que se applicavão.

Pelo mesmo juizo da inconfidencia, vão nesta frota os inventarios dos collegios de Santos e S. Paulo, de cujos depositos se não faz agora re-

messa por não haver chegado embarcação com os depositarios respectivos. Na primeira occisão irá; e também a do rendimento da Capitania do Espirito Santo, que pela mesma causa ainda não recebi conta do ouvidor daquela comarca. Faltta ainda o inventario de Paranaguá, que se não pôde apromptar nos poucos dias que restão desta frota, pelo grande ataque de uma paralyisia, que ao presente padece o dezembargador juiz da corôa Serafim dos Anjos, ministro daquelle sequestro. Tudo irá na primeira não que se offerecer, posto que não será por ora de grande entidade a falta destes sequestros da Capitania e Paranaguá, por estarem ainda em principio estes collegios, e ser pouco o seu rendimento.

Em todas estas importantes dependencias, continuarei com o cuidado e exacção que devo ao real serviço.

Deos guarde a V. Ex. 10 de Março de 1761.—Ilhm. e Exm. Sr. conde de Oeiras.—*Conde de Bobadella.*

COPIA DA CONTA QUE DEU AO EXM. CONDE E GENERAL, O DEZEMBARGADOR AGOSTINHO FELIX SANTOS CAPELLO, ASSIGNADA PELO SEU ESCRIVÃO.

Rendimento do Collegio, e suas fazendas.

Pelos bens que se vendêrão do Collegio, e dinheiro que se achou em varias parcellas.	12:204 ⁰ 540
Rendeu a fazenda de Santa Cruz	5:434 ⁰ 114
Rendeu a fazenda dos Campos	11:900 ⁰ 060
Rendeu a fazenda de Macahé.	382 ⁰ 260
Rendeu a fazenda dos Camps Novos.	330 ⁰ 000
	<hr/>
	30:250 ⁰ 974
Importarão as despesas que se fizerão por mandados passados em virtude das portarias de S. Ex.	13:206 ⁰ 352
Fica liquido rendimento do Collegio por esta repartição.	17:044 ⁰ 622
Achou-se na fragata quando veio da Bahia, em dinheiro e fumo, que se vendeu.	160 ⁰ 310
Rendimento do Collegio da Capitania, que se arrecadou por esta repartição	3:314 ⁰ 900
Do Collegio de Angola.	250 ⁰ 610
Do Collegio do Fayal	408 ⁰ 000
Do Collegio de Paranaguá	128 ⁰ 000
	<hr/>
	21:315 ⁰ 442
Remessa que faz o dezembargador Manoel da Fonseca Brandão, que pertence ao Collegio desta cidade	8:615 ⁰ 320
Remessa do dezembargador Gonçalo José de Brito Barros, pertencente ao mesmo Collegio.	394 ⁰ 560
	<hr/>
	30:325 ⁰ 328

Remette-se mais por letra segura, passada pelo capitão Antonio Lopes da Costa, e abonada por Manoel da Silva Braga desta cidade, producto dos couros curtidos, que arrenatou o dito capitão, que vierão da fazenda de Santa Cruz, e é a quantia que deve accrescer ao rendimento do Collegio desta cidade 293\$880
Importa a remessa em dinheiro o letra acima. 30:619\$208

Antonio Machado Freire—Luiz Antonio da Silva Bravo, secretario deste expediente.

Breve que o santo Padre Benedicto XIV, expedio em 20 de Dezembro de 1741, aos arcebispos, e bispos, do Estado do Brasil; clamando contra a escravidão dos Indios, e violencias que lhes fazião, prohibindo-as de baixo de excommunhão, latae sententiae : e excitando a eximia piedade de el-rei D. João V, de feliz recordação, para cohibir pelos seus ministros, e officiaes, aquellas extorsões.

D. frei Miguel de Bulhões, da ordem dos prégadores, por mercê de Deos, e da santa sêla apostolica, bispo do Grão-Pará, do conselho de Sua Magestade Fidelissima, etc. ; fazemos saber, que informado o santissimo padre Benedicto XIV, que felizmente governa a igreja de Deos, das impiedades e injustiças com que erão tratados os Indios, pelos habitantes das Indias occidentaes e meridionaes, os quaes até esquecidos das proprias leis da humanidade, não só maltratavão os ditos Indios com atrozes injurias, mas até lhes chegavão a tirar a liberdade, reduzindo-os injustamente ás rigorosas condições do captiveiro, de que se tinha seguido o lastimoso effeito de abominarem os mesmos Indios a conversão, para a nossa santa fé : para remediar tão perniciosas desordens ao bem commum da salvação daquellas ovelhas, que pela sua mesma barbaridade e ignorancia se fazião mais attentiveis ás suas paternaes providencias, expedio aos prelados diocesanos do Brasil e mais conquistas, sujeitas aos dominios do nosso augusto monarcha, a bulla e constituição, que é do teor seguinte :

Aos veneraveis irmãos arcebispos, e bispos do Brasil, e dos outros dominios, que o nosso carissimo em Christo filho João, rei de Portugal, e dos Algarves, possui nas Indias occidentaes, e na America.

BENEDICTO PAPA XIV.

Veneraveis irmãos, saude e benção apóstolica.

« A immensa caridade do principe dos pastores Jesus Christo, que veio ao mundo, e se entregou a si mesmo pela redempção do genero humano, para que os homens alcançassem a vida eterna ; nos obriga a que, fazendo

no mundo as suas vezes, posto que destituídos de mercedimentos, nos inflamemos naquella ardentissima caridade, que é a todas superior, para procurarmos com todo o desvelo, pôr a nossa vida, não só pelos fieis christãos, mas ainda por todos os homens em geral.

« E supposto que em razão da suprema administração da igreja catholica, commettida ás nossas debéis forças, nos vejamos obrigados a governar desde Roma, pelo costume e instituto dos nossos predecessores, esta santa séde apostolica, á qual concorre de todas as partes do mundo, cada dia com maior frequencia, a republica christã a buscar opportunos e saudaveis remedios nos seus negocios, e espirituaes necessidades; e posto que por isso não possamos visitar pessoalmente essas distantes e apartadas regiões, para nellas applicarmos todo o immediato trabalho do nosso apostolico ministerio, e sacrificar a propria vida (como desejamos pela salvação das almas remidas com o precioso sangue de Jesus Christo: contudo, porque não é conforme á nossa intenção, que nenhuma das nações, que estão debaixo do Céu, experimente a falta da influencia, da benignidade e da providencia apostolica: daqui vem, veneraveis irmãos, (a quem a mesma séde apostolica unio a si para cooperar na cultura da vinha do Senhor), que gostosamente vos chamámos para ajudardes em parte o nosso cuidado e vigilancia pontificia, a fim de que juntamente com ella possais mais, e mais satisfazer a este grande encargo, e merecer com mais facilidade, a corôa que o Céu destinou aos que legitimamente combatem pela causa de Deus.

« Bem notorio vos é, quaes e quantos tenham sido os trabalhos, e quaes e quantas as despesas, que tem applicado e feito, com animo alegre e constante, não só os pontifices romanos, nossos predecessores, mas tambem os principes catholicos mais benemeritos da religião christã, para que os homens que vivião nas trevas da ignorancia, e repousavão debaixo da sombra da morte, fossem atraídos ao conhecimento da verdade eterna, pelos operarios evangelicos; ora com as prégações, ora com os exemplos, ora com os premios, ora com as dadivas, ora com os beneficios, ora com os soccorros, ora com os conselhos, para fazerem resplandecer entre elles a luz da crença orthodoxa.

« Da mesma sorte vos é bem manifesto, com quantas dadivas, com quantos beneficios, com quantos privilegios, com quantas prerogativas, se procurou sempre successivamente alliciar os infieis, para que abraçassem a religião christã, e para que permanecendo nella com boas obras de piedade, consigão a salvação eterna.

« Por isso não podemos ouvir, sem dôr gravissima do nosso paternal animo, que depois de tantas admoestações da apostolica providencia dos romanos pontifices, nossos predecessores, e depois da publicação das constituições, em que ordenarão que se devião soccorrer os infieis, no melhor modo: prohibindo debaixo de severissimas penas, e censuras ecclesiasticas que se lhes fizessem injurias, que se lhes dessem açoites, que fossem mettidos em carcerees, que os sujeitassem á escravidão, e que se lhes machinasse, ou fosse dada a morte: tudo referido não obstante, se achão

ainda agora (principalmente nessas regiões do Brasil) homens, que fazendo profissão da fé catholica, vivem tão inteiramente esquecidos da caridade infusa pelo Espirito Santo nos nossos corações, e sentidos, que reduzem a captivoiro; vendem como escravos, e privão de todos os seus bens, não só aos miseraveis Indios, que ainda não allumou a luz do Evangelho; mas até os mesmos que já se achão baptisados, e habitão nos sertões do mesmo Brasil, e nas terras occidentaes, meridionaes, e outras daquella continente; atrevendo-se a tratá-los com uma deshumanidade tal, que apartando-os de virem buscar a fé de Christo, os fazem antes endurecer no odio que contra ella concebem por aquelles motivos.

« Procurando nós pois, sollicitamente, quanto com o Senhor podemos, occorrer a estas tão deploraveis ruínas; antes de tudo excitámos a exímia piedade, e nunca assaz comprehendido zelo da propagação da fé catholica, que resplandecem no nosso carissimo em Christo filho João, rei preclarissimo de Portugal, e dos Algarves: o qual pela filial reverencia, que nos professa, e a esta santa séde apostolica, nos seguiu logo, sem a menor dilacção, que ordenaria a todos, e a cada um dos ministros, e officinaes dos seus dominios, que castigassem com as gravissimas penas, estabelecidas pelas suas leis, todos os que fossem comprehendidos na culpa de excederem com os referidos Indios, a mansidão e a caridade que prescrevem os dictames, e os preceitos evangelicos. Sobre o que por esta vos rogamos, e exhortámos no Senhor, que de nenhuma sorte permittaes que a respeito de tão importante materia, falte em vós alguma parte daquella vigilancia e cuidado que são inseparaveis do vosso ministerio, com grave detrimento das vossas pessoas e dignidades; mas que antes, mundo os vossos desvelos com as diligencias dos ministros regios, deis a cada um delles as mais evidentes provas, de que os ecclesiasticos, pastores de almas, abraçados com o fogo da caridade sacerdotal, se inflammão ainda mais do que os mesmos ministros seculares, no zelo de soccorrerem os Indios, e de os conduzirem ao gremio da igreja catholica. Além do que nós de autoridade apostolica pelo teor das presentes letras, renovámos e confirmámos o breve de Paulo III, de feliz memoria, nosso predecessor, expedido a D. João de Taveira, cardeal da santa igreja romana, e archbispo de Toledo, na data de 28 de Maio de 1537, como tambem o de Urbano VIII, de feliz recordação, tambem no so predecessor, dirigido ao collegio geral, que então era nos reinos de Portugal e dos Algarves, na data de 22 de Abril de 1639. E insistindo nos mesmos decretos de Paulo e Urbano, nossos antecessores, para reprimir a ousadia, e a impia temeridade daquelles que devendo attrahir com todos os officios da caridade, e mansidão christã os sobreditos Indios para receberem a fé de Christo, os apartão della pela deshumanidade com que os tratão: vos ordenámos e mandámos a vós, e a vossos successores, que cada um de per si, ou pelos seus ministros, assistindo como soccorro de uma efficaç protecção a todos os Indios habitantes das provincias do Paraguay, do Brasil, das margens do Rio da Prata, e de quaesquer outros lugares e terras das Indias Occidentaes e Meridionaes; mandeis affixar edictos publicos, pelos quaes apertadamente prohiba, do

baixo da pena de excommunhão *latae sententiae* (da qual os transgressores poderão ser absolutos senão por nós, e pelos romanos pontífices, que nos succederem, salvo se for no artigo da morte, dando primeiro uma competente satisfação) que alguma pessoa, ou seja secular ou ecclesiastica, de qualquer estado, ou sexo, grão, condição e dignidade, posto que della se devesse fazer especial e expressa menção; ou seja de qualquer ordem ou congregação, ou ainda da Companhia de Jesus, ou de qualquer outra religião, instituto de mendicantes, ou não mendicantes, de monaças, ou de quaesquer ordens militares, e ainda da dos cavalleiros do hospital de S. João de Jerusalem, se atreva, nem attente daqui em diante fazer escravos nos referidos Indios, vendel-os, compral-os, trocal-os, ou dal-os, separal-os de suas mulhières, e filhos, despojal-os dos seus bens e fazendas, leval-os para outras terras, transportal-os, ou por qualquer modo prival-os a sua liberdade, o retel-os em escravidão; nem tão pouco dar consellho, auxilio, favor, e ajuda aos que isto fizerem, debaixo de qualquer côr ou pretexto que seja; nem prégarem ou ensinarem que os referidos factos são licitos, nem cooperarem para elles por qualquer modo ou maneira; declarando vós os transgressores e rebeldes, que vos não obedecerem aos ditos respeito, por incursos na mesma pena de excommunhão *latae sententiae*; e cohibindo-os com todas as outras censuras, e penas ecclesiasticas, e pelos meios mais proprios e efficazes de feito e de direito, sem que sejam admittidos a appellarem destes procedimentos.

« No caso de não obedecerem ainda, guardada contudo a ordem do processo, lhes aggravareis as penas e as censuras, uma e muitas vezes, invocando em vosso soccorro, se necessario for, o auxilio do braço secular: porque para todo o sobredito, desde a eminencia do solio pontificio, vos damos e concedemos a cada um de vós, e dos vossos successores, toda a plena e ampla facultade. E isto, não obstante as constituições de uma dieta ordenada por Bonifacio VIII, de feliz memoria; a do concilio geral das duas dietas, e quaesquer outras geraes, ou especiaes constituições, e disposições apostolicas, estabelecidas em quaesquer concilios universaes, provinciaes ou synodales: não obstante quaesquer leis municipaes, de quaesquer lugares sagrados, ou profanos, e quaesquer estatutos e costumes, ainda roborados com juramento e confirmação apostolica, ou qualquer outra solemnidade: e sem embargo dos privilegios, indultos e letras apostolicas, que em contrario se tenham concedido, innovado e confirmado, as quaes todas, com as mais que obstarem, derogamos em geral, e em especial, por esta vez sómente, e para o referido effeito, ainda que dellas e do que nellas se contém, se devesse fazer expressa, especial especifica e individual menção, e que fosse necessario trasladal-as pelas suas proprias palavras, e não por outras clausulas que dissessem o mesmo, ou se requeresse para isso alguma extraordinaria forma e solemnidade, que se houvesse de guardar, porque havemos por expresso nas presentes letras o conteúdo nellas, ficando aliás sempre em seu vigor. E queremos que os traslados e transumpos destas letras, ainda impressos, que forem subscriptos por algum notario publico, e sellados com o sello de alguma pes-

soa constituida em dignidade ecclesiastica, valhão, e tenham fé e credito em juizo e fóra delle, como se fossem os proprios originacs. E vós, veneraveis irmãos, empregados na guarda e custodia dos vossos rebanhos, procurai diligentemente desempenhar com aquella diligencia, zelo e applicação, que deveis ás obrigações do vosso ministerio, lembrando-vos continuamente da conta que ao eterno Juiz e Principe dos pastores, Jesus Christo, haveis de dar das suas ovelhas, e da que Elle vos ha de tão estreitamente pedir: porque assim esperamos que cada um de vós, porá todas as forças das suas laboriosas fadigas, para que nesta tão excellentu obra de caridade, não falte em alguma cousa o beneficio do vosso ministerio. E entretanto, veneraveis irmãos, vos lançamos amantissimamente para o bom successo desta commissão a apostolica benção, com uma abundante copia das celestiaes graças. Dado em Roma, junto á Santa Maria Maior, debaixo do anel do pescador, no dia 20 de Dezembro do anno de 1741, e segundo do nosso pontificado.—*D. Cardeal Passionei.* »

E para que esta constituição tenha a sua devida observancia, a mandámos publicar, ordenando que, depois de publicada, se affixe em alguma das partes interiores da nossa cathedral: prohibindo com pena de excomunição maior, a nós reservada, que nenhuma pessoa de qualquer genero, ou qualidade que seja, se atreva a rasgar-a, ou extrahil-a da dita parte, sem especial licença nossa. Dada nesta cidade de Belém do Grão-Pará, sob nosso signal e sello das nossas armas, e passada pela chancelaria, aos 29 de Maio de 1757. E eu Manoel Ferreira Leonardo, secretario de S. Ex. a escrevi.—*Fr. M., bispo do Pará.*

Lei de 6 de Junho de 1755, pela qual o rei fidelissimo, felizmente reinante (no mesmo espirito da bulla pontificia acima indicada) excitou a observancia della, e de todas as mais bullas pontificias, e leis regias, que tinham precedido; para restituir aos Indios do Grão-Pará, e Maranhão a liberdade de suas pessoas, bens, e commercio.

D. José por graça do Deos, rei de Portugal e dos Algarves, daquem, e dalém mar em Africa, senhor do Guiné, e da conquista, navegação, e commercio de Etiopia, Arabia, Persia, e da India, etc. Foça saber aos que esta lei virem, que mandando examinar pelas pessoas do meu conselho, e por outros ministros doutos, e zelosos do serviço de Deos, o meu, e do bem commum dos meus vassallos, que me pareceu consultar as verdadeiras causas com que desde o descobrimento do Grão-Pará, e Maranhão até agora, não só se não tem multiplicado, e civilisado os Indios daquelle Estado; desterrando-se delle a barbaridade, e o gentilismo, e propagando-se a doutrina christã, e o numero dos fieis allumiados da luz do Evangelho; mas antes pelo contrario, todos quantos Indios se deseêrão dos sertões para as aldeas, em lugar de propagarem, e prosperarem nellas de sorte, que as suas commodidades e fortunas servissem de estímulo aos que vivem dispersos pelos matos, para virem buscar nas povoações pelo meio das feli-

ciudades temporaes, o maior fim da bemaventurança eterna, unindo-se ao gremio da Santa Madre Igreja ; se tem visto muito diversamente, que havendo descido muitos millhões de Indios, se forão sempre extinguindo de modo, que é muito pequeno o numero das povoações, e dos moradores dellas ; vivendo ainda esses poucos em tão grande miseria, que em vez de convidarem, e animarem os outros Indios barbaros a que os imitem, lhes servem de escandalo para se internarem nas suas habitações silvestres, com lamentavel prejuizo da salvação das suas almas, e grave damno do mesmo Estado, não tendo os habitantes delle quem os sirva, e ajude para virem na cultura das terras, os muitos e preciosos fructos em que ellas abundão : foi assentado por todos os votos, que a causa que tem produzido tão perniciosos effeitos consistio, e consiste ainda, em se não haverem sustentado efficaçmente os ditos Indios na liberdade, que a seu favor foi declarada pelos summos Pontifices, e pelos senhores reis meus predecessores, observando-se no seu genuino sentido, as leis por elles promulgadas sobre esta materia, nos annos de 1570, 1587, 1595, 1609, 1611, 1647, 1655 : cavillando-se sempre pela cobiça dos interesses particulares, as disposições desta leis, até que sobre este claro conhecimento, e sobre a experiencia do que havia passado a respeito dellas, estabelereu el-rei meu senhor e avô, no 1º de Abril de 1680 (para de uma vez obviar a tão perniciosas fraudes) a lei cujo teor é o seguinte :

LEI DO 1º DE ABRIL DE 1680.

« D. Pedro principe de Portugal, e dos Algarves como regente, e successor destes reinos etc. Faço saber aos que esta lei virem, que sendo informado el-rei meu senhor e pai, que Deos tem, dos injustos captiveiros, a que os moradores do Estado do Maranhão, por meios illicitos reduzião os Indios delle, e dos graves damnos, excessos, e offensas de Deos, que para este fim se commettião, fez uma lei nesta cidade do Lisboa, em 9 de Abril de 1655, em que prohibio os ditos captiveiros, exceptuando quatro casos, em que de direito erão justos, e licitos a saber : quando fossem tomados em justa guerra, que os portuguezes lho movessem, intervindo as circumstancias na dita lei declaradas, ou quando impedissem a prégação Evangelica, ou quando estivessem presos á corda para serem comidos, ou quando fossem rendidos por outros Indios, que os houvessem tomado em guerra justa, examinando-se a justiça della na forma ordenada na dita lei. E por não haver sido efficaç este remedio, nem o de outras leis antecedentes do anno de 1570, 1587, 1595, 1652, 1653, com que o dito senhor rei meu pai, e outros reis seus predecessores, procurarão atallar este damno, antes se haver continuado até o presente, com grave escandalo, e excessos contra o serviço de Deos, e meu ; impedindo-se por esta causa a conversão daquella gentildade, e que desejo promover, e adiantar o que deve ser, e é o meu primeiro cuidado, tendo mostrado a experiencia, que supposto sejam licitos os captiveiros, por justas razões de

direito, nos casos exceptuados na dita ultima lei de 1655, e nas anteriores com tudo que são de maior ponderação, as razões que ha em contrario para os prohibir em todo o caso, serrando a porta aos pretextos, simulações, e delos com que á malicia, abusando dos casos em que os captiveiros são justos, introduz os injustos, enlaçando-se as consciencias, não sómente em privar da liberdade aquelles a quem a communicou a natureza, e que por direito natural, e positivo, são verdadeiramente livres; mas tambem nos meios illicitos de que usão para este fim: desejando reparar tão graves damnos, e inconvenientes, principalmente facilitar a conversão daquelles gentios, e pelo que convém ao bom governo, tranquillidade, e conservação daquelle Estado, com parecer dos do meu conselho, ponderada esta materia com a madureza, que pedia a importancia della; e examinando-se as leis antigas, e as que especialmente sobre este particular se estabelecerão para o Estado do Brasil, onde por muitos annos se experimentarão os mesmos damnos e inconvenientes, que ainda hoje durão, e se sentem no do Maranhão: houve por bem mandar fazer esta lei, conformando-me com a antiga de 30 de Junho de 1609, e com a provisão que nella se refere, de 5 de Julho de 1605, passadas para todo o Estado do Brasil.

« E renovando a sua disposição ordeno, e mando, que daqui em diante se não possa captivar Indio algum do dito Estado em nenhum caso, nem ainda nos exceptuados nas ditas leis, que hei por derogadas, como se dellas e das suas palavras fizera expressa, e declarada mensão, ficando no mais em seu vigor: e succedendo que alguma pessoa de qualquer condição, e qualidade que seja, captive, e mande captivar algum Indio, publica ou secretamente por qualquer titulo, ou pretexto que seja, o ouvidor geral do dito Estado o prenda, e tenha a bom recado, sem neste caso conceder homenagem, alvará de fiança, ou fies carcereiros, e com os autos que formar, o remetta a este reino, entregue ao capitão, ou mestre do primeiro navio que para elle vier, para nesta cidade o entregar no limoeiro della, e me dar conta para o mandar castigar como me parecer. E tanto que o dito ouvidor geral lhe constar do dito captiveiro, porá logo em sua liberdade o dito Indio, ou Indios, mandando-os para qualquer das aldêas dos Indios catholicos, e livres que elle quizer. E para me ser mais facilmente presente se esta lei se observa inteiramente, mando que o bispo, e governador daquelle Estado, e os prelados das religiões delle, e os parochos das aldêas de Indios, me dêem conta pelo conselho ultramarino, e junta das missões dos transgressores, que houver da dita lei, e de tudo o que nesta materia tiverem noticia, e fôr conveniente para a sua observancia. E succedendo mover-se a guerra defensiva, ou offensiva a alguma nação dos Indios do dito Estado, nos casos e termos em que por minhas leis, e ordens é permitido; os Indios que na tal guerra forem tomados, ficarão sómente prisioneiros como ficão as pessoas que se tomão nas guerras de Europa, e sómente o governador os repartirá como lhe parecer mais conveniente ao bem e segurança do Estado, pondo-os nas aldêas dos Indios livres catholicos, onde se possão reduzir a fé, e servir o mesmo Estado, e

conservarem-se na sua liberdade, e com o bom tratamento que por ordens repetidas está mandado, e de novo mando, e encommendo que se lhes dê em tudo, sendo severamente castigado quem lhes fizer qualquer vexação, e com maior rigor os que lha fizerem no tempo em que delles se servirem, por se lhes darem na repartição.

Pelo que mando aos governadores e capitães môres, officiaes da camara e mais ministros do Estado do Maranhão, de qualquer qualidade, e condição que sejam, a todos em geral, e a cada um em particular, cumprão e guardem esta lei, que se registrará nas camaras do dito Estado ; e por ella hei por derogadas, não sómente as sobreditas leis, como acima fica referido, mas todas as mais, e quaesquer regimentos e ordens, que haja em contrario, ao disposto nesta que somente quero que valha, tenha força e vigor como nella se contém, sem embargo de não ser passada pela chancellaria, e das ordenações e regimentos em contrario. Lisboa 1º de Abril de 1680.—*Principe.* »

E porque o tempo foi cada dia fazendo mais notorias, e mais demonstrativas as justissimas causas em que se estabeleceu esta lei, para restituir aos Indios a sua antiga e natural liberdade, fechando a porta ás impiedades, e as malicias com que debaixo do pretexto dos casos em que antes o depois della, se permittio o captiveiro, se fazião escravos os referidos Indios, sem mais razão, que a cubiça, e a força dos que os captivão, e a rusticidade, e fraqueza dos chamados captivos : sou servido, com o parecer das mesmas pessoas, e ministros, derogar e annullar, como por esta derogo, e annullo todas as leis, regimentos, resoluções, e ordens que desde o descobrimento das sobreditas Capitánias do Grão-Pará, e Maranhão até o presente dia, permitirão ainda em certos casos particulares a escravidão dos referidos Indios, e no mais em que esta lei forem contrarias, para nesta parte sómente ficarem derogadas, e cassadas, como se da substancia de cada uma dellas fizesse aqui expressa e especial mensão, sem embargo da ordenação do livro 2º, tit. 44 em contrario : renovando, e excitando a inteira e inviolavel observancia da sobredita lei acima trasladada, e isto com as ampliações, declarações, e restrições que ao diante se seguem.

Por obviar mais efficazmente as calamidades que se tem seguido da escravidão, e para cortar de uma vez todas as raizes, e apparencias della : ordeno que nos Indios, que ao tempo da publicação desta, se acharem dados em repartição, ou ainda por administração, se observem as disposições do alvará de 10 de Novembro de 1647, cujo teor é seguinte :

LEI DE 10 DE NOVEMBRO DE 1647.

« Eu el-rei faço saber aos que este alvará virem, que tendo consideração ao grande prejuizo que se segue ao serviço de Deos, e meu, e ao augmento do Estado do Maranhão, do se darem por administração os Gentios e Indios daquelle Estado, por quanto os portuguezes a quem se dão estas administrações, usão tão mal dellas, que os Indios que estão debaixo das

mesmas administrações, em breves dias de serviço, ou morrem a pura fome, e excessivo trabalho, ou fogem pela terra dentro, onde a poucas jornadas perecem, tendo por esta causa perecido, e acabado innumeravel Gentio no Maranhão, Pará, e em outras partes do Estado do Brasil: pelo que hei por bem mandar declarar por lei (como por esta faço), e como o declararão já os senhores reis deste reino, e os summos pontífices, que os Gentios são livres, e que não haja administradores, nem administração, havendo por nullas, e de nenhum effeito todas as que estiverem dadas, de modo que não haja memoria dellas, e que os Indios possuão livremente servir e trabalhar com quem bem lhes estiver, e melhor lhes pagar seu trabalho.

« Pelo que mando ao governador do dito Estado do Maranhão, e a todos os mais ministros delle, de justiça, guerra, e fazenda, a todos em geral e a cada um em particular, e aos officiaes das camaras do mesmo Estado, que nesta conformidade cumprão e guardem este alvará, fazendo publicar em todas as capitancias, villas, e cidades, que os Indios são livres; não consentindo outrosim, que haja administradores, nem administração, havendo por nullas, e de nenhum effeito todas as que tiverem dadas na fórma que acima se refere; porque assim o hei por bem. E este quero que valha como carta, sem embargo da ordenação do liv. 2º, tit. 40 em contrario. Manoel Antunes o fez em Lisboa, a 10 de Novembro de 1647, e este vai por duas vias—*Rei.* »

Declarando-se por editaes postos nos lugares publicos das cidades de Belem do Grão-Pará, e de S. Luiz do Maranhão, que os sobreditos Indios como livres, e isentos de toda a escravidão, pôdem dispôr das suas pessoas, e bens, como melhor lhes parecer, sem outra sujeição temporal, que não seja a que devem ter ás minhas leis, para á sombra dellas viverem na paz, e união christã, e na sociedade civil, em que mediante a Divina graça procuro manter os povos, que Deos me confiou, nos quaes ficarão incorporados os referidos Indios sem distincção, ou excepção alguma, para gozarem de todas as horas, privilegios, e liberdades de que os meus vassallos gosão actualmente, conforme as suas respectivas graduções, e cabbadaes.

O que tudo se estenderá tambem aos Indios que estiverem possuidos como escravos, observando-se a respeito delles inviolavelmente o § 9, da lei de 10 de Setembro de 1611, cujo teor é o seguinte :

« E porquanto sou informado, que em tempo de alguns governadores passados daquelle Estado, se captivarão muitos Gentios contra a fórma das leis de el-rei meu senhor e pai, e do Sr. rei D. Sebastião meu primo, que Deos tem, e principalmente nas terras de Jaguaribe: hei por bem, o mando, que assim os ditos Gentios, como outros quaesquer que até á publicação desta lei, forem captivos, sejam todos livres, e postos em sua liberdade, e se tirem do poder de quaesquer pessoas, em cujo poder estiverem, sem replica nem dilação, nem serem ouvidos com embargos, nem acção alguma, de qualquer qualidade e materia que sejam, e sem se lhes admittir appellação nem aggravo, posto que alleguem estarem delles de posse,

é que os comprarão, e por sentenças lles forão julgados por captivos : por quanto por esta declaro as ditas vendas, e sentenças por nullas ; ficando resguardada sua justiça aos compradores, contra os que lhos venderão, e dos ditos Gentios se farão tambem as aldêas que forem necessarias, e assim nellas, como nas mais que já houver, e estão domesticas, se terá a mesma ordem e governo, que por esta se ordena haja nas mais que de novo se fizerem. »

Desta geral disposição, exceptuo sómente os oriundos de pretas escravas, os quaes serão conservados no dominio dos seus actuaes senhores, em quanto eu não der outra providencia sobre esta materia.

Porém para que com o pretexto dos sobreditos descendentes de pretas escravas, se não retenção ainda no captiveiro os Indios que são livres : estabeleço que o beneficio dos editaes acima ordenados, se estenda a todos os que se acharem reputados por Indios, ou que taes parecerem, para que todos estes sejam havidos por livres, sem a dependencia de mais prova do que a plenissima que a seu favor resulta da presumpção de direito Divino, natural, e positivo, que está pela liberdade, em quanto por outras provas tambem plenissimas, e taes que sejam bastantes para illidirem a dita presumpção, conforme a direito, se não mostrar que effectivamente são escravos na sobredita fôrma : incumbindo sempre o encargo da prova aos que requerem contra a liberdade ainda sendo réos.

O que nos casos occurrentes, se julgará breve sumariamente, e de plano pela verdade sabida em uma só instancia. Para ella serão preparados os autos pelos ouvidores goraes nas suas respectivas jurisdicções, e os proporão em junta a que assistirão o prelado diocesano, ou o ministro que elle deputar no seu lugar para este effeito, o governador, os quatro prelados maiores das missões da Companhia de Jesus, de Nossa Senhora do Monte do Carmo, dos religiosos Capuchos da provincia de Santo Antonio, e de Nossa Senhora das Mercês, o dito ouvidor geral, o juiz de fôra, e o procurador dos Indios : vencendo-se pela pluralidade de votos contra a liberdade, e bastando a favor della, que sejam iguaes os mesmos votos : os quaes em nenhum caso se poderão dar, sem que estejam presentes os vogaes acima referidos, ou as pessoas que seus lugares servirem, a menos que se não escusem, sendo advertidos para o referido acto, com recado por escripto, porque escusando-se algum, ou alguns delles, por se acharem impedidos, se autoará a escusa, e se expedirá sempre a causa com os que estiverem prêsenes, comtanto que haja sempre tres votos conformes, para se vencer a decisão. E das sentenças proferidas na sobredita fôrma, não poderá haver appellação suspensiva que retarde a sua execução, nem outro algum recurso que não seja devolutivo, interpondo-se para o tribunal da mesa da consciencia e ordens, onde estas causas serão sentenciadas na sobredita fôrma, com preferencia a quaesquer outras, como convém para o serviço de Deos, e meu, em uma materia tão grave, e delicada, que envolve em si os bens espirituaes, e temporaes daquelle Estado.

E para que os moradores delle possam achar quem lles faça as suas obras, e lles cultive as suas terras, ainda dentro nellas, sem a dependen-

cia de mandarem vir obreiros, e trabalhadores de fóra, e os Indios naturaes do paiz possam tambem achar a sua conveniencia, em se applicarem ás referidas obras e serviços : fazendo assim uns aos outros aquelles reciprocos interesses em que consistem o estabelecimento, o augmento, a multiplicação, e a prosperidade de todos os povos civilizados e polidos, nos quaes sempre cresce o numero dos operarios á proporção das lavouras, e das manufacturas que nelles se cultivão : hei por bem, que logo que esta se publicar na cidade de Belem do Grão-Pará, o governador e capitão-general daquelle Estado, ou quem seu cargo servir, convocando a junta os ministros letrados daquelle capital, e ouvindo o governador, e ministros da cidade de S. Luiz do Maranhão, com accordo das duas respectivas camaras, estabeleça aos sobreditos Indios, os jornaes competentes para se alimentarem, e vestirem, segundo as suas differentes profissões, conformando-se com o que a este respeito se pratica nesses reinos, e nos mais da Europa, em quanto os preços communs do mesmo Estado, puderem permittir-o, e servindo para este effeito de regras os exemplos seguintes : primeiro exemplo, se em Lisboa custa o sustento de um homem de trabalho um tostão, e é por isso de dous tostões o jornal de um trabalhador, a esta imitação se deve taxar a cada Indio de serviço por jornal, o dobro do que lhe é preciso para o diario sustento, regulado pelos preços da terra: segundo exemplo, se um artifice ganha em Lisboa tres tostões por dia, e um trabalhador somente dous tostões, a esta imitação se taxará aos artifices do referido Estado, a metade mais do jornal que se houver arbitrado aos trabalhadores.

Todos os referidos jornaes serão pagos por ferias nos sabados de cada semana, cobrando-se assim nas quintas em que houverem sido taxados, ou em pannos, ou em ferramenta, ou em dinheiro, como melhor parecer aos que os ganharem; procedendo-se por elles verbal, e executivamente, como já foi declarado por alvará de 12 de Novembro de 1647, e observando-se as sobreditas taxas, sem embargo do dito alvará, do cap. 48, do antigo regimento, dos outras alvarás de 29 de Setembro de 1648, e 12 de Julho de 1656; e de todas as mais disposições, e taxa até agora estabelecidas, as quaes todas hei tambem nesta parte por derogadas como se dellas fizesse especial menção, não obstante a ordenação do liv. 2.º tit. 44, e as disposições de direito a ella semelhantes.

Porque não bastaria para se restabelecer, e adiantar o referido Estado, que os Indios fossem restituídos á liberdade das suas pessoas na sobredita fórma, se com ella se lhes não restituísse tambem o livre uso dos seus bens, que até agora se lhes impedio com manifesta violencia: ordeno, que a este respeito se execute logo a disposição do § 4º do alvará do 1º de Abril de 1680: cujo teor é o seguinte:

« E para que os ditos gentios, que assim descerem, e os mais que ha de presente, melhor se conservem nas aldeas: hei por bem, que sejam senhores de suas fazendas, como o são no sertão, sem lhes poderem ser tomadas, nem sobre ellas se lhe fazer molestia. E o governador com parecer dos ditos religiosos, assignará aos que descerem do sertão, lugares con-

venientes para nelles lavrarem, e cultivarem, e não poderão ser mudados dos ditos lugares contra sua vontade, nem serão obrigados a pagar foro, ou tributo algum das ditas terras, ainda que estejam dadas em sesmarias a pessoas particulares, porque na concessão destas, se reserva sempre o prejuizo de terceiro, e muito mais se entende, e quero se entenda ser reservado o prejuizo, e direito dos Indios, primarios, e naturaes senhores dellas.

Em observancia de cuja disposição, que hei por bem renovar, e mandar executar inviolavelmente, sem maior dilação daquella, que até agora houve em tão importante negocio, o mesmo governador e capitão general, ou quem no seu lugar estiver, fazendo erigir em villas, as aldeas que tiverem o competente numero de Indios, e as mais pequenas em lugares, e repartir pelos mesmos Indios as terras adjacentes ás suas respectivas aldeas, praticará nestas fundações, e repartições, (em quanto fôr possível) a policia que ordenei para a fundação da *Villa Nova de S. José do Rio Negro*: sustentando-se os Indios, a cujo favor se fizerem as ditas demarcações, no inteiro dominio, e pacifica posse das terras, que se lhes adjudicarem, para gozarem dellas per si, e todos seus herdeiros: sendo castigados os que, abusando da sua imbecillidade, os perturbarem nellas, e na sua cultura, com toda a severidade que as leis permittirem.

E porque sendo o meu principal intento dilatar a prégacao do Santo Evangelho, e procurar trazer ao gremio da igreja, aquelle numero pagão, e muitas das nações daquelles gentios estão em partes mui remotas, vivendo nas trévas da ignorancia, e difficulosamente se persuadirão a descer para as povoações que até agora se achão estal elecidas, para que ainda no interior dos sertões, lhes não falte o pasto espirital: hei por bem que nelles sejam aldeados na sobredita fórma: levantando-se igrejas, e convocando-se missionarios, que instruaõ os ditos Indios na fé, e os conservem nella.

E havendo mostrado a experiencia de tantos annos, que este meu primeiro fim se não conseguirá nunca, se não fôr pelo proprio, e efficaz meio de se civilisarem estes Indios: sendo ao mesmo passo exhortados, e animados a cultivarem as terras: para que, aproveitando-se dos frutos, e drogas, que ellas produzem, e commutando-as com os habitantes dos lugares maritimos, pela facilidade que para isso lhes dão os rios, possam na frequencia desta communicação deixar seus barbaros costumes, com o que, além da utilidade espirital, e temporal dos sobreditos Indios silvestres, crescerá o commercio daquelle Estado, com grande conveniencia dos moradores delle: tendo entre outras, as de por este modo se servirem os ditos moradores, dos Indios mais remotos, para conseguirem os frutos, e as drogas do sertão, sem o trabalho, e despeza das navegações, que até agora fazião para transportarem os referidos generos agrestes, e incultos, de partes mui distantes: e de que assim conservarão os outros Indios vizinhos das aldeas dentro nellas, valendo-se delles para o serviço das suas lavouras, e obras, sem se consumirem nas viagens do sertão, como até agora

succedia: hei outro sim por bem, que o sobredito governador e capitão general, e os que lhes succedorem, applichem tambem um exacto cuidado na instrucção civil dos referidos Indios que forem aldeados nos sertões, fazendo-lhes conservar as liberdades das suas pessoas, bens, e commercio: e não permittindo que este lhes seja interrompido, ou usurpado debaixo de qualquer titulo, ou pretexto por mais especioso que seja: e recomen- dando aos missionarios, e ordenando aos ministros seculares, que lhes dêem contas das violencias que se fizerem aos ditos respeito, para se proce- der logo contra os que as houverem feito, com o prompto castigo que requer a gravidade da materia.

Pelo que mando aos capitães generaes, governadores, ministros, e offi- ciales de guerra, e das camaras do Estado do Grão-Pará e Maranhão, do qualquer qualidade, e condição que sejam, a todos em geral, e a cada um em particular, cumprão, e guardem esta lei, que se registrará nas camaras do dito Estado, e por ella hei por derogadas, não sómente as leis acima indicadas, e referidas, mas tambem todas as mais, e quaesquer regimen- tos, e ordens, que haja em contrario ao disposto nesta, que sómenté quero que valha, e tenha força, e vigor como nella se contém, sem em- bargo de não ser passada pela chancellaria, e das ordenações do liv. 2.^o tit. 39, 40, 44, e regimento em contrario. Lisboa, 6 de Julho de 1755—*Rei.*—Sebastião José de Carvalho e Mello.

Lei porque Vossa Magestade ha por bem restituir aos Indios do Grão Pará, e Maranhão, a liberdade das suas pessnas, bens, e commercio, na fórma que nella se declara. Para Vossa Magestade ver.—*Manoel Gomes de Almeida*, a fez.

Lei de 7 de Junho do mesmo anno de 1745, porque o mesmo monarcha fi- delissimo excitou tambem a inviolavel observancia da outra lei de 12 de Setembro de 1653, que havia estabelecido, que os mesmos Indios do Grão-Pará, e Maranhão, fossem governados no temporal, pelos generaes e ministros daquelle Estado, e pelos seus principaes, ou chefes nacionaes, com inhibição do governo temporal aos regulares, missionarios, que a não podião exercer conforme o direito commun, e conforme as suas constituições religiosas.

Eu el-rei, faço saber aos que este alvará com força de lei virem, que havendo restituído aos Indios do Grão-Pará, e Maranhão, a liberdade das suas pessoas, bens, e commercio, por uma lei da mesma data deste, a qual nem se poderia reduzir á sua devída execução, nem os Indios á completa liberdade, de que dependem os grandes bens espirituaes e poli- ticos que constituirão as causas finaes da dita lei, se no mesmo tempo se não estabelecesse para reger os sobreditos Indios, uma fórma de governo temporal, que sendo certa e invariavel, se accommodasse aos seus costumes

quanto possível fosse, no que é licito e honesto : porque assim serão mais facilmente attrahidos a receber a fé, e a se metterem no gremio da igreja : tendo consideração ao referido, a que sendo prohibido por direito canonico, a todos os ecclesiasticos, como ministros de Deos, e da sua igreja, misturarem-se no governo secular, que como tal é inteiramente alheio das obrigações do sacerdocio, e a que ligando esta prohibição muito mais urgentemente os parochos das missões de todas as ordens religiosas, e contendo muito maior aperto, para inhibirem assim os religiosos da Companhia de Jesus, que por força de voto são incapazes de exercitarem no foro externo, até a mesma jurisdição ecclesiastica, como os religiosos capuchos, cuja indispensavel humildade se faz incompativel com o imperio da jurisdição civil e criminal, nem Deos se poderia servir, de que as referidas prohibições expressas nos sagrados canones, e constituições apostolicas de que sou protector nos meus reinos, e dominios, para sustentar a sua observancia, a não tivessem por mais tempo, depois de me haver sido presente todo o sobredito, nem aquelle Estado pôde até agora, nem poderia nunca, ainda naturalmente prosperar, entre uma tão desusada e impraticavel confusão de jurisdições tão incompativeis, como o são a espiritual e temporal, seguindo-se de tudo a falta de administração da justiça, sem a qual não ha povo que possa subsistir. Sou servido com o parecer das pessoas do meu conselho, e outros ministros doutos, e zelosos do serviço de Deos, e meu, que me pareceu ouvir nesta materia derogar e cassar o cap. 1.^o do regimento dado para o referido Estado, em 21 de Dezembro de 1686, e todos os mais capitulos, leis, resoluções e ordens, quaesquer que ellas sejam, que directa ou indirectamente forem contrarias ás sobreditas disposições canonicas e constituições apostolicas, e que contra o nellas disposto, e neste ordenado, permittirão aos missionarios ingerirem-se no governo temporal, de que são incapazes : abolindo as sobreditas leis, resoluções e ordens, e havendo-as por derogadas, e de nenhum effeito, como se de todas e cada uma dellas fizesse aqui especial menção, sem embargo da ordenação do livro 2.^o tit. 44, em contrario : e renovando para ter a sua inteira, e inviolavel observancia á lei estabelecida sobre esta materia, em 12 de Setembro de 1663, em quanto ordena o seguinte :

« Eu el-rei, faço saber aos que esta minha provisão em fôrma de lei virem, que por se haverem movido grandes duvidas entre os moradores do Maranhão, e os religiosos da Companhia, sobre a fôrma em que administravão os Indios daquelle Estado, em ordem á provisão que se passou em seu favor no anno de 1655, das quaes resultarão os tumultos e excessos passados, originado tudo das grandes vexações que padecião, por se não praticar a lei, que se tinha passado no anno de 1653, tanto que chegarão a ser expulsos os ditos religiosos de suas igrejas e missões, ao exercicio das quaes é muito conveniente que tornem a ser admittidos, visto não haver causa que obrigue a privar-os dellas, antes muitas para que seu santo zelo seja alli necessario : e desejando eu atalhar a tão grandes inconvenientes, e que meus vassallos logrem toda a paz e quietação que é justo : hei por

bem de declarar, que assim os ditos religiosos da Companhia, como os de outra qualquer religião, não tenham jurisdição alguma temporal sobre o governo dos Índios, e que a espiritual a tenham também os mais religiosos que assistem e residem naquella Estado, por ser justo que todos sejam obreiros da vinha do Senhor, e que o prelado ordinario, como os das religiões, possam escolher os religiosos dellas que mais sufficientes lhe parecerem, e encommendar-lhes as parochias, e a cura das almas do Gentio daquellas aldeas, os quaes poderão ser removidos todas as vezes que parecer conveniente, e que nenhuma religião possa ter aldeas proprias de Índios forros de administração: os quaes no temporal poderão ser governados pelos seus principaes que houver em cada aldeia: e quando haja queixas delles, causadas dos mesmos Índios, os poderão fazer aos meus governadores, ministros e justicas daquella Estado, como o fazem os mais vassallos delle. »

A qual disposição sou servido renovar, e restituir á sua inteira e inviolavel observancia na sobredita fórma, ordenando que nas villas, sejam preferidos para juizes ordinarios, vereadores, e officiaes de justiça, os Índios naturaes dellas, e dos seus respectivos districtos, enquanto os houver idoneos para os referidos cargos; e que as aldeas independentes das ditas villas, sejam governadas pelos seus respectivos principaes, tendo estes por subalternos, os sargentos-móres, capitães, alferes, e meirinhos das suas nações, que forão instituidos para os governarem: recorrendo as partes, que se considerarem aggravadas, aos mesmos governadores e ministros de justiça, para lha administrarem na conformidade das minhas leis e ordens expedidas para aquelle Estado.

Pelo que mando aos capitães-generaes, governadores, ministros e officiaes de guerra, e das camaras do Estado do Grão-Pará e Maranhão, de qualquer qualidade e condição que sejam, a todos em geral, e a cada um em particular, cumprão e guardem esta lei, que se registrará nas camaras do dito Estado, e por ella hei por derogadas todas as leis, regimentos e ordens que haja em contrario, ao disposto nesta, que sómente quero que valha e tenha força e vigor, como nella se contém, sem embargo de não ser passada pela chancellaria, e das ordenações do liv. 2.º, tit. 39, 40, 44, e regimentos em contrario. Lisboa, 7 de Junho de 1755.—*Rei.*—Sebastião José de Carvalho e Mello.

Alvará com força de lei, porque Vossa Magestade ha por bem renovar a inteira, e inviolavel observancia da lei de 12 de Setembro de 1653, em quanto nella se estabeleceu, que os Índios do Grão-Pará, e Maranhão, sejam governados no temporal, pelos governadores, ministros, e pelos seus principaes, e justicas seculares, com inhibição das administrações dos regulares, derogando todas as leis, regimentos, ordens, e disposições contrarias. Para Vossa Magestade ver.—*Antonio José Galvão* o fez.

Relação abreviada da republica, que os religiosos Jesuitas das provincias de Portugal, e Hespanha, estabelecêrão nos dominios ultramarinos das duas monarchias; e da guerra que nelles tem movido, e sustentado contra os exercitos hespanhóes e portuguezes, formada pelos registros das secretarias dos dous respectivos principaes commissarios, e plenipotenciarios, e por outros documentos autenticos. Foi compilada na secretaria de Estado, no mez de Setembro de 1757, pelos originaes que nella se achão existentes.

PRIMEIRO PONTO.

Usurpação da liberdade dos Indios.

Refere *Puffendorf*, no direito da natureza, o das gentes *lib 3. cap. 2º § 8º in fine*, que a arrogancia dos Gregos, se havia atrevido a crer contra o direito natural, que só elles erão livres; e as outras nações, que reputavão barbaras, erão escravas por sua natureza. E' isto que aquelle escriptor protestante condemna em uma nação infiel, que não teve conhecimento do verdadeiro Deos, é o mesmo, que os religiosos da Companhia de Jesus estão affirmando, e praticando a tantos annos, debaixo do mesmo pretexto de barbaridade contra os Indios de ambas as Americcas.

Ao mesmo tempo, em que é verdade constante serem os mesmos Indios livres por sua natureza, conforme o direito natural, e Divino, como com muitos textos, e doutores, prova *Solorzano de Jure Indiarum, tom. 1º liv. 3º, cap. 7º, n. 3, 33, e n. 53.*

Assim os tem declarado os summos pontífices Alexandre VI, Paulo III, e Clemente VIII; como refere o mesmo *Solorzano ibidem n. 34, 54, e 55.* E é expresso na elegante bulla, que o summo pontífice reinante expedio em 20 de Dezembro de 1741.

Assim o determinarão tambem os senhores reis deste reino, em observancia das referidas bullas, em leis tão repetidas, como forão una do anno de 1570, outra do anno de 1587, outra do anno de 1595, outra do anno de 1609, outra do anno de 1611, outra do anno de 1647, outra do anno de 1655, e outra do anno de 1680; confirmadas no preambulo da que el-rei nosso senhor estabeleceu sobre esta materia, em 6 de Junho de 1755.

As dos senhores reis catholicos do Hespanha, forão igualmente pias, e frequentes com o mesmo motivo, desde a primeira instrucção dada a Christovão Colombo, como refere o mesmo *Solorzano, tom. 1º, liv. 3º, cap. 6º, n. 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, e cap. 7, n. 55, 56, 57, 58 e 59.*

Contra todos aquelles direitos natural, e Divino, e contra todas estas constituições apostolicas, e leis regias, prevaleceu porém sempre até agora a cubiça dos ditos religiosos Jesuitas para sustentarem a escravidão dos Indios com os máos fins, que agora se acabarão de manifestar tão lastimosamente.

SEGUNDO PONTO.

Usurpação da propriedade dos bens dos mesmos Índios.

A propriedade dos bens, é de direito natural e das gentes. *Puffendorf no direito da natureza, e das gentes, tom. 1º, lib. 4º, cap. 4º, per totum*, bem explicado no § 14.

Sendo este direito de propriedade o que pertence aos Índios, incontavelmente nas terras das suas habitações, como naturaes, primarios, e anteriores habitantes, e occupantes dellas antes de serem conquistadas; como também são primeiros principios infalliveis, que exorna o dito *Puffendorf* no mesmo tom. 1º, lib. 4º, cap. 6º, *serè per totum*. Em cujos solidos principios se estabelecêrão as leis dos senhores reis de Portugal, e Hespanha.

As de Hespanha é certo que prohibirão, que aos mesmos Índios se tirassem as terras, que possuíão no tempo da sua infidelidade, ou antes da conquista: que fossem as terras gravadas com tributos como refere *Solorzano na politica Indiana, lib. 2º, cap. 19, pag. 90, col. 1ª, in fine*, e no tom. 2º, de *Jure Indiarum, lib. 2º, cap. 1º, n. 27*. E que os ditos Índios fossem mudados por força, das terras das suas naturalidades, para outras remotas, como se vê do mesmo *Solorzano de Jure Indiarum, dict., tom. 2º lib. 1º, cap. 5º, n. 61, 62, e cap. 14, n. 88, e 89*.

As leis de Portugal forão identicas aos ditos respeito, como se vê das que ficão indicadas na reflexão, sobre o art. 1º sendo a este respeito expressissimo o § 4º do alvará do 1º de Abril de 1680, transcripto e excitado para a sua pontual observancia, na referida lei de 6 de Junho de 1755.

Assim o decidirão também as bullas dos summos Pontífices, que ficão referidas na reflexão sobre o mesmo art. 1º e é indubitavel: porque sendo o primeiro effeito da liberdade das pessoas o dominio dos bens, não podião os Índios ser privados dos seus bens, contra suas vontades, sendo nas suas pessoas livres, por todos os direitos.

TERCEIRO PONTO.

Usurpação da perpetua cura das parochias dos mesmos Índios.

A prohibição que têm os religiosos Jesuitas, em quanto regulares, para obterem beneficios curados, prova com muitos textos, e doutores, *Solorzano de Jure Indiarum, tom. 2º, lib. 3ª, cap. 16, n. 1, 33, 36, 38, 39, 40, e 41*. O mesmo doutor prova *ibidem* n. 2, e *ex. n. 7, usque ad n. 11, inclusive*, que por isso foi necessario, que os senhores reis de ambos os reinos, impetrassem dos summos Pontífices Leão X, Adriano VI, Paulo III, Clemente VII, e São Pio V, as dispensas necessarias para administrarem como parochos, os Sacramentos aos Índios, sómente em quanto não houvesse a copia necessaria de clérigos seculares; sendo neste mesmo

identico sentido accitas, e executadas as bullas daquelles santos Padres, pelos decretos dos senhores reis de Portugal, e pelas sedulas dos senhores reis de Hespanha, como largamente prova o mesmo *Solorzano tom. 2º lib. 3º cap. 16, e n. 7, usque ad n. 11.*

Donde resulta, que sendo precario e interino o exercicio dos ditos religiosos, para servirem de parochos, somente em quanto não houvesse clérigos : logo que estes forem apparecendo, devem os parochos regulares recolher-se aos seus claustros, por um innegavel principio de consciencia, e por muitos outros de politica, pelas muitas e convincentes razões que pondera o mesmo *Solorzano ubi proximè suprà ex n. 27, usque ad n. 44, e na Politica Indiana liv. 4º, cap. 16, per totum* : onde se vê o grande poder, e ainda maior artificio com que os ditos religiosos se conservarão até agora naquellas parochias contra as leis Divinas e humanas, para nellas em vez de procurarem o serviço de Deos, sublevarem, e rebellarem os Indios contra os seus reis, e senhores naturaes, que é o que ainda não sabia *Solorzano*, nem se acreditou no tempo em que elle escrevia, nem ainda muitos annos depois, em quanto se não vio desde as evidencias que hoje se achão manifestas pela notoriedade publica.

QUARTO PONTO.

Usurpação do governo temporal dos mesmos Indios.

Aos parochos regulares das missões de qualquer religião que sejam, está apertadamente prohibido intrometter-se no governo temporal, ou politico das missões, de que são parochos. Assim é expressa na bulla *Sacrosanti apostolatus* de Alexandre VII, que é a bulla 46, na ordem do bullario Romano, mandada observar por Clemente IX, na outra bulla *in excelsa*, que é a do numero 38, no mesmo bullario : sendo ambas conformes ao direito canonico, o qual geralmente prohibe a todos os ecclesiasticos, que se intromettão nos governos seculares, como é texto expresso no *cap. sed nec. 4º de Clerici vel monachi* : prohibição que tem maior força nos padres da Companhia, os quaes por votos, são incapazes de exercitar ainda a mesma jurisdicção ecclesiastica no fóro externo, como refere *Sanchez in decalogum lib. 6, cap. 18, n. 28.*

Em consequencia do que o governo dos seus principaes, e caciques, é o mais conveniente, mais accommodado ao seu genio, e mais conforme á razão, aos costumes, e ás leis e ordens regias, como largamente refere o mesmo *Solorzano de Jure Indiarum tom. 2º lib. 1º cap. 26, ferè per totum, e signanter n. 11, n. 18, e n. 38.*

E quanto aos magistrados superiores, para os quaes se devem interpor os recursos, se póde ver o mesmo *Solorzano dict. tom. 2º lib. 4º cap. 2º* e quanto aos emolumentos dos ditos magistrados, é tambem admiravel o arbitrio do mesmo *Solorzano dict. tom. 2º lib. 1º cap. 18, cum seqq.*

Sem que obste o subterfugio a que sempre recorrêrão estes padres ; persuadindo que os Indios são insensatos, e incapazes de governo politico,

porque é convencido pela razão, pela autoridade, e pela experiencia, vendo-se o que sobre este ponto diz *Bachorio no § 2º institut de jure personarum*, negando a possibilidade de haver semelhantes nações de homens insensatos. No mesmo assenta com *Plinio*, e outros, o referido *Solorzano dict. tom. 2º lib. 1º cap. 24, n. 14*, attestando da boa indole, e capacidade dos mesmos Indios até para o governo, no mesmo *tom, 2º lib 1º cap. 26, n. 18, e tom. 1º lib. 2º cap. 8, n. 57, e tom. 2º lib. 1º cap. 25. u. 27, e 80.*

QUINTO PONTO.

Usurpação do commercio terrestre, e marítimo dos mesmos Indios.

A prohibição fortissima de negociar, ou de fazer commercio, comprehendendo a todos os ecclesiasticos pelos *textos in cap. 2º e in cap. secundum instituta 6, ne Clerici, vel monachi*. Aperta porém muito mais aos missionarios, pela especial prohibição do cap. 10 do Evangelho de São Matheus, e pela que debaixo da pena de excommunição *lata sententia* estabeleceu Urbano VIII, pela bulla *ex debito* § 8, que é a do n. 126, na ordem do bullario Romano. *Solorzano de Jure Indiarum tom. 2º lib. 3º cap. 18, n. 23, e 24.* O que tudo se acha modernissimamente prohibidos e instaurado pela bulla *apostolica servitutis*, do santo padre Benedicto XIV, ora presidente na universal igreja de Deos, que é a do n. 13, na ordem do seu bullario.

Sendo certo que esta prohibição, exceptuando a venda das cousas superfluas, e a compra das necessarias, comprehende todas as mais negociações, e ainda as que provêm das mesmas obras de mãos, quando não são muito decentes aos clérigos, e aos religiosos: como com a uniforme tradição dos doutores refere *Gonzalles Telles ad textum in dict. cap. secundum instituta 6, ne Clerici, vel monachi n. 6, e 7.* E é ordenação expressa no *lib. 4º tit. 16.*

E sendo ainda mais certo, que o mandar buscar drogas aos sertões, pelos Indios, para depois as mandarem vender, o mandarem salgar carnes, e peixes, para o mesmo fim; o mandarem salgar e accumular couros para tambem venderem, e as mais negociações desta natureza que estão fazendo; não são vendas de cousas superfluas, nem compras de cousas necessarias, nem artificios de mãos, mas antes são verdadeiras e rigorosas negociações, as unicas que se fazem naquelles paizes; e aquellas que como taes negociações, e tratos mercantis, se achão expressamente prohibidas pelas leis deste reino, até aos mesmos governadores, e ministros seculares, como é expresso na *ord. do liv. 4º tit. 15*, e nos dous alvarás de 27 de Fevereiro de 1673, e 31 de Março de 1680, na lei de 29 de Agosto de 1720, e no outro alvará de 27 de Março de 1721,

Sem que obstem os outros subterfugios com que os mesmos religiosos tem procurado pallidar as tremendas censuras em que se achão incursos, e ha muitos annos endurecidos como negociantes.

Pois que tendo pretendido fazer crer que negoção, e fazem o comer-

ção para os bons fins ; de descerem os Índios, de construirem, e ornarem as igrejas, de vestirem as Indias, para que vão decentes á igreja, e de acudirerem a todas nas suas enfermidades : já se vê que nada disto é attendível, porque os mesmos padres não podião fazer uma cousa tão má, como era transgredirem todas as constituições apostolicas, e leis regias, com o escandalo de fazerem na figura de missionarios, o que é prohibido até aos governadores, e ministros seculares, nem ainda para que deste grande mal se seguissem os bens que mal tem procurado persuadir contra a verdade publica, e notoria a todo o mundo que está vendo, que os Índios andão nus, sem alimento, ou reparo, e que os padres por aquelles illicitos meios, só accumulão thesouros, para enriquecer-se, exaurindo os povos, e não sómente os Índios.

Accresce serem affectadas todas as necessidades, que os padres supõem.

E' affectada a primeira, no gasto do descimento dos Índios do sertão para as aldêias : porque por muitas leis regias, e especialmente pela de 28 de Abril de 1688, se acha ordenado que aquellas despezas se fação, como sempre se fizerão, a custa da fazenda real. Da piedade dos senhores reis catholicos foi tambem estabelecido o mesmo, desde as primeiras ordens expedidas a Christovão Colombo, e aos mais descobridores, que a elle se seguirão.

E' affectada a segunda necessidade, porque pelas mesmas leis deste reino se acha estabelecido, que se construão ermidas aos Índios, logo que são descidos : e quando se achão aldêados, pertence a construcção, e fabrica das igrejas a Suas Magestades que tem mandado construir, e estão fabricando grande numero dellas : sendo que quando faltasse a fazenda real, terião aquella obrigação os mesmos Índios parochianos, como é conclusão certa, que exorna *Gonzalles Telles ad textum in cap. 1.º de ecclesijs ædificandis n. 7*, como com effeito farião os referidos Índios, se os ditos religiosos pela escravidão, pelo trabalho a que os sujeitão, e pela usurpação da agricultura, e do commercio, que lhes monopolisão, os não impossibilitassem, para enthesourarem toda a substancia daquelles infelizes racionais.

E' affectada a terceira necessidade de vestirem as Indias : porque ao tempo do descimento, se vestem á custa da fazenda real, depois d'elle se vestem com uma minima parte do sallario, que merecem pelo trabalho, a que os ditos religiosos as obrigão como escravas suas. Donde resulta, que não só lhe não dão de vestir, mas que antes lhe usurpão os meios de se repararem com o seu trabalho pessoal, das injurias do tempo.

E é affectada em fim a ultima necessidade, de acudirerem a todos os Índios nas suas enfermidades : porque a toda a America é notorio, que os ditos Índios, assim no estado de sãos, como no de doentes, vivem do que fabricão pelas suas mãos, no unico dia, que os mesmos religiosos lhe dão livre cada semana, para fabricarem o seu proprio sustento, que no Brasil, e no Maranhão, é o domingo reservado a Deos, por direito divino.

Sendo, que ainda no caso de taes necessidades existirem, e de não serem affectadas, e forçadas tyranicamente pelos mesmos religiosos, que dellas

querem tomar pretexto, para se sustentarem naquellas violências: em nada isso podia escusar-os; porque essas necessidades sempre serão alheas, ou das igrejas, ou dos Indios, e não proprias delles missionarios, como era necessario que fossem, para lhes ser licitos negociarem nos seus devidos termos, que refere *Barb. de Jure Ecclesiastic. lib. 1º cap. 40 n. 119*.

E ainda essa necessidade propria, que não tem, nem poderiam ter, na piedade, com que os senhores reis de ambos os reinos tem concorrido, e estão concorrendo para os sustentarem com competentes congruas, seria só para que negociassem, até adquirirem o que indispensavelmente lhes fosse preciso, e não para o mais, que estão praticando, como é resolução certa, e reconhecida até pelos seus proprios doutores, segundo o que neste ponto decide *Molin. de Justit. e Jure disp. 349 n. 11*. Não se podendo estender nunca o tal commercio, para accumularem os immensos thesouros, que todo o mundo sabe que têm transportado, e estão actualmente transportando de ambas as Americas.

Ao tempo em que se negociava sobre a execução do tratado de limites das conquistas, celebrado a 16 de Janeiro de 1750, se romperão na còrte de Lisboa (da qual passarão á de Madrid) as informações de que os religiosos Jesuitas se tinham feito de muitos annos a esta parte, de tal sorte poderosos na America Hespanhola, e Portuguesa, que seria necessario romper com elles uma guerra difficil, para a referida execução ter o seu devido effeito.

Toda a certeza daquelles certos, e permanentes factos não bastou, para que os mesmos religiosos se não atrevessem a procurar encobril-os aos dous respectivos monarchas; suggerindo em ambas as còrtes por si, e pelos seus fautores, differentes prejuizos, e impossibilidades, tendentes a invalidar o tratado, e trabalhando ao mesmo tempo em Madrid e Lisboa, por alienar com o mesmo fim as ditas còrtes, da boa intelligencia em que se conservarão sempre; para que a execução do mesmo tratado não descobrisse os seus vastissimos, e perniciosissimos projectos que já na maior parte tinham posto por obra.

Prevalecendo porém contra todos aquelles reprovados artificios, a religiosissima boa fé dos dous respectivos monarchas, logo que os seus exercitos chegarão aos lugares visinhos das demarcações, se foi manifestando pelos factos, tão estranha como notoriamente, assim da parte do sul, ou dos rios Paraguay, e Uruguay, como da parte do norte, ou dos rios Negro, e da Madeira, o mesmo que os padres havião inutilmente procurado encobrir aos olhos do mundo.

Nos sertões dos referidos rios Uruguay, e Paraguay, se achou estabelecida uma poderosa republica, a qual só nas margens e territorios daquelles dous rios, tinha fundado não menos de trinta e uma grandes povoações, habitadas de quasi cem mil almas, e tão ricas, e opulentas em fructos, e cabednes para os ditos padres, como pobres, e infelizes para os desgraçados Indios, que nellas fechavão como escravos.

Para assim o conseguirem, debaixo do santo pretexto da conversão das

almas, depois de se valerem de muitos, muito artificiosos e muito plausíveis meios directos, e obliquos, estabelecerão antes de tudo como fundamentos essenciaes daquella clandestina usurpação, as maximas seguintes:

Por uma parte prohibirão (e tiverão arte para nunca se lhes embaraçar) que naquelles sertões, entrassem, não só bispos, governadores, ou quaesquer outros ministros, e officiaes ecclesiasticos, ou seculares, mas nem ainda os mesmos particulares hespanhões; fazendo sempre de um impenetravel segredo, tudo o que se passava dentro nos taes sertões, cujo governo e interesses da republica, que nelles se occultava, erão só revelados aos religiosos da sua profissão, que se fazião necessarios para se sustentar aquella grande machina.

Por outra parte, prohibirão tambem (com fraude ainda mais estranha) que na mesma republica, e dos limites della para dentro, se usasse do idioma hespanhol, permittindo sómente o uso da lingua que elles denominão *Guarany*, : para assim impossibilitarem toda a communicação entre os Indios, e os Hespanhões, e conservarem occulto ao conhecimento dos segundos, o que passavão os primeiros naquelles miseraveis sertões.

Por outra parte, catechizando os Indios a seu modo, e imprimindo na innocencia de todos, como um dos mais inviolaveis principios da religião christã, a que os aggregavão, a illimitada e cega obediencia a todos os preceitos dos seus respectivos missionarios, sendo tão duros e intoleraveis como logo direi, conseguirão conservar por tantos annos aquelles infelizes racionais na mais extraordinaria ignorancia, e no mais duro, e insoffrivel captiveiro que se vio até agora.

Pois que ignorando os miseraveis Indios, que havia na terra poder que fosse superior ao poder dos padres, crião que estes erão soberanos despoticos dos seus corpos, e almas: ignorando que tinham rei a quem obedecer, crião que no mundo não havia vassallagem, mas que tudo nelle era escravidão, e ignorando em fim, que havia leis que não fossem as da vontade dos seus *santos padres* (assim os denominão) tinham por certo, e infallivel que tudo o que elles lhes mandavão, era indispensavel para logo obedecerem, sem a menor hesitação.

Mediante este absoluto monopolio de corpos, e de almas, estabelecerão entre os Indios, axiomas tão oppostos á sociedade civil, e caridade christã, como são os que vou referir.

Primeiramente lhes fizeram crêr, que todos os homens brancos seculares erão gentes sem lei, e sem religião, que adoravão o ouro como Deos, e trazião o demonio no corpo; sendo inimigos necessarios não só dos Indios, como das sagradas imagens que elles veneravão de sorte, que se uma vez entrassem naquelle territorio, o porião a ferro e a fogo, destruindo primeiro os altares, e sacrificando depois mulheres, e meninos.

Consequentemente estabelecerão por principios geraes entre os mesmos Indios, o odio implacavel contra os brancos seculares, a anciosa diligencia em os buscar para os destruir, e as barbaridades de os matarem sem quar-

tel, onde os encontrassem, e de lhes tirarem as cabeças para não reviverem, porque de outra sorte lhe fazião crêr que tornarião á vida, por arte diabolica.

Ao mesmo tempo os forão exercitando nas armas, e no manejo dellas, introduzindo-lhes peças de artilharia, com polvora e bala, e engenheiros disfarçados, com a mesma roupeta, que lhes formassem campos, e lhes fortificassem os passos mais difficeis, da mesma sorte que se pratica nas guerras de Europa, resultando de todas estas perniciosissimas prevenções as consequências de uma guerra promovida, e sustentada pelos mesmos padres contra dous monarchas, com os successos que vou substanciar.

Quando as tropas dos mesmos dous monarchas, se achavão no anno de 1752, nos termos de marcharem, ao fim de se fazerem as mutuas entregas das aldêas da margem oriental do Rio Uruguay, e da colonia do Santissimo Sacramento, surprenderão os padres a boa fé das duas côrtes, pedindo nellas a suspensão necessaria, para os Indios das referidas aldêas colherem os seus fructos, que estavam pendentes, e se transmigrarem mais commodamente ás outras habitações que lhes havião prevenido. E conseguindo da religiosissima piedade dos respectivos monarchas, a dilação pedida, mostrarão logo os factos subseqüentes, que debaixo daquelles pretextos havião procurado os padres ganhar tempo para melhor se armarem, e mais enlurecerem os Indios na rebellião em que os havião creado, e de que ultimamente procuravão servir-se, para se conservarem na usurpação daquelles territorios, e dos seus habitantes.

Logo que cessarão aquelles pretextos, e que os commissarios das duas côrtes intentarão avançar-se no paiz, suppondo-o de boa fé, para fazerem as mutuas entregas, descubrirão taes, e tão fortes opposições, que toda a consumada prudencia do general Gomes Freire de Andrade, se não pôde já dispensar de se explicar, escrevendo ao marquez de Val de Lirios, em 24 de Março de 1753, nas palavras seguintes :

« V. Ex. com as cartas que recebe, e com os avisos ou chegada do padre Altamirano, entendo acabará de persuadir-se, que os padres da Companhia são os sublevados. Se lhes não tirarem das aldêas, os seus *santos padres* (como elles os denominão) não experimentaremos mais do que rebelliões, insolencias, e despresos..... isto que nos fazia horror, depois da experiencia da campanha o temos já por indubitavel.»

Ao tempo que Gomes Freire escrevia nesse sentido, se achava a rebellião já formalmente declarada, desde o mez de Fevereiro proximo precedente : tendo-se sublevado todos os povos daquela parte, de sorte que havendo chegado alguns officiaes militares ao posto de Santa Tecla, para fazerem as demarcações, na consideração de que acharião tudo de paz, e achando que os Indios lhes impelião a passagem, quando no dia 28 de Fevereiro lhe comminarão a indignação do seu soberano, responderão :

« Que el-rei estava muito longe, e que elles só conhecião o seu *benedito padre*, obrigando em fim os destacamentos que seguião dos ditos commissarios, a se retirarem á Colonia, e a Montevidéu.

Sobre aquelle manifesto desengano, deliberarão nos mezes de Setembro

Outubro, e nas mais que decorrerão até o fim daquelle anno de 1753, e principios do seguinte, nas conferencias de Castillos, e de Martim Garcia, os dous principaes commissarios Gomes Freire de Andrade, e o marquez de Val de Lirios, marcharem com dous exercitos, a evacuar aquelle territorio pela força das armas, como com effeito executarão pouco tempo depois daquellas conferencias.

E assim veio logo a manifestar-se tanto mais necessario, que em quanto os ditos exercitos se preparavão a marchar, forão os Indios em grande numero atacar duas vezes a fortaleza que os Portuguezes têm sobre o Rio Pardo, levando quatro peças de artilharia, para beterem a dita fortaleza.

Sendo porém rechaçados, e desfeitos pela guarnição della, fazendo esta cincuenta prisioneiros, avisarão o commandante da mesma fortaleza, e Gomes Freire de Andrade, nas datas de 20 de Abril, e de 21 de Junho de 1754, que quando forão perguntados os mesmos Indios sobre os motivos das crueldades que tinham praticado, assim naquelles ataques, como depois de se acharem feitos prisioneiros, responderão estas formaes palavras :

« Os Indios prisioneiros declararão, que os padres vierão em sua companhia até o Rio Pardo, e que nelle ficarão da outra banda. Dizem que são das quatro aldeas de S. Luiz, S. Miguel, S. Lourenço, e S. João. Um delles diz que na aldea de S. Miguel, ainda ha quinze peças.

« Perguntando-se-lhe a razão com que em matando algum Portuguez lhe cortão logo a cabeça, disserão que os seus beatos padres lhes assegura-vão, que os Portuguezes posto se lhe dessem muitas feridas, muitos delles resuscitavão, e que o mais seguro era cortar-lhes a cabeça. »

O general portuguez sahindo do Rio Grande de S. Pedro, em 28 de Julho daquelle anno, e chegando no dia 30 de Julho á fortaleza do Rio Pardo, logo que passou, se lhe começaram a apresentar os Indios rebeldes em um grande numero, para o incommodarem na marcha. Nella foi porém continuando sempre com o inimigo á vista, e as armas na mão até que escreveu o mesmo general por palavras formaes :

« No dia 7 (de Setembro) chegando ao principal posto, que o dito Jacuy tem, e que não dá vão, os encontrei nella fortificados com duas trincheiras.... mandei lhe fallar, e me declararão o que consta do termo n. 1, etc.

Sendo em substancia :

« Respondêrão que alli se achava o seu mestre de campo chamado Andres, o qual tinha ordem dos seus superiores, para não consentirem que sem licença sua, pudessem os Portuguezes passar adiante.

Assim se passou em guerra viva até o dia 16 de Novembro do mesmo anno de 1754, em que o dito general foi forçado a convir com os Indios, de uma tregoa até nova determinação de Sua Magestade Catholica : sendo entretanto prohibido ao general portuguez adiantar-se no terreno, e aos Indios infestarem o que o mesmo general havia occupado, passando-se actos nesta conformidade.

O exercito hespanhol, que marchava ao mesmo tempo pela outra parte de *Santa Tecla*, foi igualmente obrigado a retirar-se para as margens do

Rio da Prata, em razão de achar também por aquella parte sublevadas as povoações dos Indios, com forças muito superiores ás suas ; e de haverem os mesmos Indios, esterelizado a campanha de tudo o necessario para a subsistencia das tropas , com dissiplina militar, que certamente não cabia na sua ignorancia.

Chegando as informações destes estranhos factos ás respectivas côrtes, se expedirão pela de Madrid, ao marquez de Val de Lirios, as ordens que elle referio a Gomes Freire de Andrade, em carta de 9 de Fevereiro de 1756, nas palavras seguintes :

« En la carta de officio, que escribo a V. Ex. verá que Su Magestad ha descubierto, y asegurado-se de que los Jesuitas de esta provincia son la causa total de la rebeldia de los Indios. Y a mas de las providencias que digo en ella haber tomado, dispidiendo a su confessor, y mandando que se embien mil hombres : me ha escrito una carta (propria de un soberano) para que yó exhorte al provincial hechando-lhe en cara el delito de infidelidad ; y diciendolo-le, que si luego nó entrega los pueblos pacíficamente sin que se derrame una gota de sangre : tendrá Su Magestad esta prueba mas relevante : procederá contra el y los de mas padres por todas las leyes de los derechos canonico, y civil ; los tratará como reos de leza Magestad, y los hará responsables a Dios de todas las vidas innocentes, que se sacrificassen etc. »

A côrte de Lisboa mandou instruir na mesma conformidade a Gomes Freire de Andrade, ordenando-lhe Sua Magestade Fidelissima, que na conformidade do que se havia estipulado no tratado de limites, auxiliasse com todo o vigor possivel ao general hespanhol, para reduzir a sujeição aquella escandalosa rebeldia.

Quando chegarão as referidas ordens, já tinham concordado novamente os dous respectivos generaes, juntarem-se os seus exercitos em Santo Antonio o Velho, para entrarem por Santa Tecla, a sujeitar os povos rebellados. E com effeito, se havia feito a junção dos ditos dous exercitos, no dia 16 de Janeiro do anno proximo passado de 1756.

Sahindo daquelle porto de Santo Antonio, continuarão os dous generaes a sua marcha no 1º de Fevereiro proximo seguinte, a tempo em que se notou que faltava uma partida de desasseis soldados castelhanos, que se haviam avançado a descobrir o campo. Cuidando-se que havia desertado, se soube porém logo, que havendo topado outra partida mais numerosa de Indios, que parecêrão de paz ; e convidando-os estes com bandeira branca para os refrescarem, apenas os virão apeados, quando os assassinâo cruelmente, despojando-os depois de mortos, de tudo o que levavam.

Proseguindo os mesmos dous exercitos unidos a referida marcha, sempre incommodados pelos rebeldes, até o dia 10 daquelle mez de Fevereiro, os foram nelle achar intrincheirados, e fortificados em uma colina, que lhes dava vantagem. Nella foram porém atacados, e desfeitos depois de um renhido combate, deixando no campo da batalha mil e duzentos mor-

tos, diferentes peças de artilharia, e outros despojos de armas, e bandeiras.

Aquelle grande estrago, fez com que os Indios se não atrevessem a tentar outra batalha até o dia 22 de Março, em que os exercitos acamparão na entrada de uma altissima montanha quasi inaccessible.

Logo porém que pretendêrão montal-a, para passarem aos povos que estavam visinhos, acharão outra trincheira formada com regularidade, para defender aquelle passo, e guarnecida com algumas peças de artilharia, e com outro grande numero de Indios armados.

Sendo estes porém batidos nos seus intrincheiramentos pela artilharia de campanha dos dous exercitos, e logo atacados nos flancos pelas tropas regulares, com todo o vigor, forão desalojados, e postos em fuga, deixando livre o referido monte. Nello foi comtudo necessario, que os exercitos fizessem alto, para abrirem caminho até o dia 3 de Maio do referido anno.

Logo que o exercito tornou a continuar a sua marcha, descobrio sobre ella outro grosso de mais de tres mil Indios, que travarão diferentes escaramuças com as guardas e corpos avançados, perdendo sempre gente até o dia 10 do sobredito mez.

Nello se avançavão os exercitos para passar o Rio Churieby, quando tornárão a encontrar na passagem, os rebeldes fortificados. Sendo porém atacados com o mesmo vigor, forão outra vez derrotados com perda, concluindo o general Gomes Freire a relação do successo deste dia, nas palavras seguintes :

« A planta bem dá a ver a defesa como estava propria. E se ella é feita por Indios, devemos persuadir-nos, que em lugar da doutrina, se lhes tem ensinado a architectura militar. »

Chegando em fim ao povo de S. Miguel os dous exercitos, no dia 16 do referido mez de Maio, acharão nelle (com horror da religião, e da humanidade) o que Gomes Freire referio á corte de Lisboa, em carta de 26 de Junho do mesmo anno de 1756, nas palavras seguintes :

« Os dias 13 e 14 estiverão muito mais chuvosos, mas não foi bastante a apagar o fogo em que já viamos arder aquelle povo ; no dia 16 que a elle chegámos, se mandou a mestrança acudir ao incendio, que tendo já devorado as casas estimaveis, prendia com força na sacristia, conseguio-se livrar o templo que certo é magnifico, mas não se pôde indultar dos desacatos que os rebeldes já nelle havião feito, tanto a algumas imagens, como na barberidade com que reduzirão a pequenas partes o mesmo sacrario, do qual soubemos, que os padres havião já retirados os sagrados vasos ; e sendo o templo tão magnifico, como mostrará a planta de que agora vai o plano, e o prospecto, se não podia entrar nelle, sem enternecer-se o coração, pasmado os olhos nos insultos que vião.

« Nesta noite determinou o general, fosse surpreender-se o povo de São Lourenço, que está distante duas leguas ; commandou esta acção o governador de Montevideo, e o destacamento de quatro peças pequenas de artilharia, e oitocentos homens, seiscentos Castelhanos, e duzentos Portugue-

zes, o destes, commandante o tenente-coronel de dragões, José Ignacio de Almeida : felizmente ao raiar do dia, entrarão ao Povo sem serem sentidos, onde encontrarão ainda bastantes famílias, e tres padres, o cura que é o padre Francisco Xavier Lamp, e o coadjutor, o celebre padre Thaden (certo espirito muito activo) e um leigo : tudo cedeu logo, e os dous primeiros padres forão remettidos ao exercito, donde o general mandou para o Povo o primeiro, e me pediu quizesse hospedar na minha tenda o segundo, onde se conservou até chegarmos ao Povo de São João, e nelle a deixei na companhia do general, que depois de alguns dias, me assegurou lhe permittira passar a outra parte do Uruguay, e é certo que o governador de Montevideo achou no seu cubiculo papeis que davão a ver muito esta revolução. O padre Lourenço Bakla, que se diz era uma das cabeças mais tenazes, e que mais animava os Indios á defensa, se havia retirado para os montes, com os de São Miguel, de que era cura.

Os padres hoje, como no primeiro dia, sentem perder, e os Indios vivem a estes em uma obediencia tão cega, que ao presente em este Povo estou vendo mandar o padre cura aos Indios, que se lancem por terra, e sem mais prisão que o respeito, levão 25 açoutes, e levantando-se vão dar-lhe as graças, e beijar-lhe a mão. Estas pobrissimas famílias vivem na mais rigida obediencia, e em maior escravidão que os negros dos mineiros. »

Estabelecendo o mesmo general portuguez, o seu quartel no dito Povo de S. Miguel, e o hespanhol no outro Povo de S. João, se acabarão de manifestar pela residencia que as tropas fizerão nas referidas aldeas, todas as idéas dos padres que as administravão : achando-se recopilados os enganos com que sublevarão os Indios, e com que os sustentão na rebellião a que os provocarão, por tres papeis que nos seus mesmos originaes vierão á mão, de quem os fez traduzir fielmente da lingua guarany, em que forão escriptos, na lingua portugueza, em que se achavão no fim deste compendio.

Consistem os ditos papeis em uma instrucção, que os chefes das aldeas sublevadas derão aos seus respectivos capitães, quando os mandarão incorporar no exercito da rebellião, e em duas cartas para elle escriptas, no mez de Fevereiro do mesmo anno de 1756, pelos referidos chefes da sedição : radicando mais com estes sacrilegos e sediciosos papeis nos corações dos miseraveis Indios, os enganos com que os havião educado, e o odio implacavel contra todos os Portuguezes, e Hespanhóes, sem se reparar nos meios e nos modos, com tanto que se conseguissem tão detestaveis fins.

Depois que os dous respectivos generaes entrarão nas sete aldeas da margem oriental do Uruguay, pela força das armas, não podendo os padres que nellas dominavão, negar-lhe a força da obediencia a que os constrangêrão ; acharão ainda assim outros meios e modos de a invalidar com dolo temerario.

Quando se devia esperar, que vendo-se rendidos, se lembrassem de que desde os principios, havião representado que o tempo da demora que pedirão, fôra com os declarados motivos de transmigrarem os Indios para

os sertões da parte occidental do Rio Uruguay, e de lhes fazerem nelles os seus povos estabelecimentos para se desculparem, ao menos fingindo que os haviam feito, o praticarão muito pelo contrario, do que em taes circumstancias se podia crer.

Pois que obstinando-se ainda na ousadia, e na rebellião, se atreveo o Povô de S. Nicoláo nos fins do anno proximo precedente de 1756. a sublevar-se novamente, surprehendendo e apresando uma cavallhada que ia para o exercito do general hespanhol: mandou este um grosso de trezentos soldados de cavallaria, castigar aquelles rebeldes. Achou-os, porém tão atrevidos, que obrigarão o commandante do dito destacamento a um choque, no qual lhe matarão ainda um capitão, e alguns soldados.

Passou ainda a ousadia a outro excesso tanto maior, e tanto mais reprehensivel, que esquecendo-se de tudo o que tinha passado, fizerão refugiar os Indios, que escaparão do referido choque, nos bosques desta parte oriental do Rio Uruguay, e lhes forão aggregando tantos outros, que no mez de Maio deste presente anno, se achavão já mais de quatorze mil Indios internados naquelles sertões para onde os tinham dirigido de todas as aldêas: obrigando assim os dous respectivos monarchas, a continuarem ainda a guerra em que se achão, para os debellar.

Na outra parte do norte da America portugueza, e hespanhola, ou dos Rio Negro, e da Madeira, não forão os referidos padres ao dito respeito nada mais moderados, em quanto as suas forças lhe permitirão, que pudessem exceder as leis ecclesiasticas e regias.

Achando-se a côrte de Lisboa apartada pelas simulações dos mesmos padres, de toda a informação daquelles vastos projectos de conquista, que elles por tantos annos palcárão, com o sagrado véo do zelo da propagação do Evangelho, e da dilatação da fé catholica, lhes não foi difficil obterem della differentes privilegios, e conseguirem muitas mais tolerancias, com que nos estados do Grão-Pará, e Maranhão, accumulando abusos a abusos, vierão a fazer-se absolutos senhores do governo espirital, e temporal dos Indios, pondo-os no mais rigido captiveiro, a título de zelarem a sua liberdade; e usurpando-lhes não só todas as terras e fructos, que dellas extrahião, mas tambem até o proprio trabalho corporal, de sorte que nem tempo lhe permitião para lavrarem o pouco a que se reduz o seu miserabilissimo sustento, nem lhes ministravão a pouca e insignificante roupa que bastaria para cobrirem a desnudez, com que estes infelizes racionais se expunhão indecentissimamente aos olhos do povo.

Para sustentarem um tão deshumano, e intoleravel despotismo, estabelecerão as mesmas maximas que haviam praticado na outra parte do sul, prohibindo todo o ingresso dos Portuguezes nas aldêas dos Indios, que os seus religiosos administravão, debaixo do pretexto de que os seculares, irião perverter a innocencia dos costumes dos referidos Indios: e defendendo nas mesmas aldêas o uso da lingua portugueza, para melhor segurarem que não houvesse communicação entre os referidos Indios, e os brancos vassallos de Sua Magestade Fidelissima.

Por estes e muitos outros meios da mesma natureza, que ficão referidos,

se arrogarão os ditos religiosos á impia usurpação da liberdade daquelles miseraveis racionais, sem que se embaraçassem das censuras fulminadas nas bullas dos santissimos padres Paulo III, e Urbano VIII, e menos das muitas leis que forão promulgadas, no reinado de el-rei D. Sebastião, e em todos os mais que seguirão para defenderem a escravidão dos Indios.

Daquella usurpação da liberdade dos Indios, passarão á da agricultura, e do commercio daquelles dous Estados, contra a outra resistencia do direito canonico, e das tremendas constituições apostolicas, estabelecidas contra os regulares, e muito mais contra os missionarios negociantes. Ultimamente absorvêrão em si todo o referido commercio, apropriando-se com uma absoluta violencia, não só o de todos os generos de negocio, mas até o dos mantimentos da primeira necessidade da vida humana, com muitos monopolios tambem reprovados do direito natural e divino.

As muitas e successivas queixas, que vierão em necessarias consequencias daquellas extorsões, clamarão tanto e tão incessantemente, desde a extrema miseria, a que os mesmos religiosos tinham reduzido aquelles povos, privando-os dos obreiros, e consequentemente da agricultura, e do commercio, que não obstante, que sempre houvessem conseguido os ditos padres desviar-os do throno dos monarchas de Portugal, soando contudo nelle o anno de 1741, desde a imminencia do solio pontificio, aos ouvidos de um principe tão zeloso da religião, como o foi el-rei D. João V, de gloriosa memoria, assegurou logo aquelle fidelissimo rei, ao santissimo padre Benedicto XIV, ora presidente na universal igreja de Deos, que cooperaria para a liberdade dos Indios (causa essencial de todas as misérias espirituaes e temporaes daquelles povos) com toda a efficacia do seu ardentissimo e exemplarissimo zelo da propagação da fé catholica, e do bem commum dos seus vassallos.

Sobre esta concordata, se expedio a verdadeiramente apostolica, e tremenda bulla de 20 de Dezembro do mesmo anno de 1741, com a exabundancia de providencia pontificia, que se manifesta da sua contextura.

Na conformidade della, fez o mesmo monarcha expedir para aquelles Estados, as mais urgentes e apertadas ordens, para nelles se executar em tudo e por tudo a decisão de Sua Santidade. Na-la bastou porém, porque quando o notorio e exemplar zelo do bispo actual do Grão-Pará, D. Fr. Miguel de Bulhões, digno filho da sagrada ordem dos prégadores, depois de haverem feito muitas diligencias prévias, tratou de executar a mesma bulla, se concitou contra elle uma sublevação, que impedio por então o effeito daquella providencia apostolica, porque ao mesmo prelado não pareceo participar á côrte de Lisboa, uma tão estranha desordem em tempo, no qual a noticia de um tão escandaloso facto, temeu que alterasse a tranquillidade do animo do dito monarcha, que já se achava com a grave enfermidade, de que veio a fallecer em 31 de Julho de 1750.

Este era o estado em que os ditos religiosos se achavão no Grão-Pará, e Maranhão, quando el-rei fidelissimo felizmente reinante, ordenou ao governador e capitão-general das mesmas capitánias, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, por despachos de 30 de Abril de 1753, em que o no-

meu seu principal commissario e plenipotenciario, para as conferencias da demarcação dos limites daquelle parte, que passasse logo a prevenir na fronteira do *Rio Negro*, os alojamentos e os viveres que erão necessarios para alli hospedar os commissarios de Sua Magestade Catholica, e se proceder com elles ás demarcações, na fórma do tratado de limites.

Porque já então era bem notorio na corte de Lisboa, que os referidos padres se tinham feito absolutos senhores da liberdade, do trabalho, e da communicação dos Indios, sem os quaes nada se podia fazer em termos competentes, e que tambem se tinham arrogado a agricultura, e o commercio: mandou Sua Magestade Fidelissima escrever nos termos mais urgentes, ao vice-provincial da companhia do Grão-Pará, e Maranhão, que pela sua parte contribuisse com todos os Indios de serviço, e com o mais que nelle estivesse, para que o dito seu principal commissario e plenipotenciario, se transportasse prompta e decorosamente ao lugar das conferencias.

As execuções que áquellas ordens regias derão os ditos religiosos, forão: uma, sublevarem os Indios das visinhanças daquelle lugar destinado para as conferencias, fazendo-os desertar delle pelas induções dos padres, *Antonio José*, portuguez, e *Roque Hunderfund*, allemão, que anticipadamente havião com o dito máo fim, feito estabelecer naquellas partes: outra, ir semelhantemente outro padre da Companhia por nome *Manoel dos Santos*, sobrinho do vice-provincial, estabelecer-se na margem do *Rio Javary*, e declarar nella a guerra aos religiosos de Nossa Senhora do Monte do Carmo, que exemplarmente estavam regendo as missões daquelle parte, para nella fazer uma geral perturbação, que arruinasse todo o paiz, e o fizesse inhabitavel: outra, sublevarem os Indios na mesma capital do Grão-Pará, de sorte que desertassem das obras do serviço de Sua Magestade, que se ostavão fazendo, para a expedição do *Rio Negro*: outra, insultarem por todo o interior do Estado, os ministros e officiaes de Sua Magestade Fidelissima, ameaçando-os com o poder da religião da Companhia no reino, e com sublevações naquelle Estado, para não observarem as leis e ordens de que erão executores, e allegando para assim o persuadirem, que naquelle Estado o havião assim praticado sempre os seus antecessores: e a outra, em fim, despovoarem as aldeas do caminho do *Rio Negro*, e extinguirem o pão, e mantimentos dellas, e de muitas outras, para que na falta de remeios e de viveres, perecessem as tropas que devião passar ao lugar das conferencias, e dellas ás fronteiras onde se devião fazer as demarcações dos limites dos dominios dos dous monarchas contractantes.

A certeza destes estranhos factos confirmados uniformemente pelas cartas do bispo, do governador, e dos ministros, e officiaes daquelle Estado, e pelos actos e papeis autenticos que as acompanhárão, era digna de muito mais severas demonstrações. Prevalecendo porém ainda a clemencia de el-rei fidelissimo, e esperando aquelle piissimo monarcha, que esta mesma axabundancia da sua real benignidade, servisse de confusão, e de emenda aos ditos religiosos: se reduzio ainda a mandar advertir seriamente o vice-provincial do Grão-Pará, sobre os referidos absurdos, para os

cohibir ; a mandar sair daquelle Estado, por carta firmada da sua real mão, em 3 de Março de 1755 os padres Antonio José, Roque Hunderland, Theodoro da Cruz, e Manoel Gonzaga, que nelle tinham dado os maiores escandalos ; e a mandar por outra carta regia da mesma data, restituir os religiosos de Nossa Senhora do Monte do Carmo, á inteira administração das aldeas do Rio Javary, da qual o sobrinho do vice-provincial da Companhia os tinha pretendido expulsar pela força das armas, com universal escândalo de todos aquelles povos.

Em quanto isto se passava em Lisboa, havendo o dito principal commissario de Sua Magestade Fidelissima, superado as difficuldades, e as dilações que fizeram necessarias as desordens, que se lhe oppozerão para o embarcarem : veio contudo a sair da capital do Grão-Pará para o *Rio-Negro*, no dia 2 de Outubro de 1754.

No discurso da viagem, achou sempre coherentemente da parte dos ditos religiosos as mesmas machinações, e os outros maiores absurdos, que constão do diario autentico da mesma viagem. Do qual se transcreverão aqui alguns lugares, para darem uma idéa clara do que passou naquella trabalhosa navegação ; assim pelo que pertence aos Indios de serviço, como aos mantimentos para a expedição se sustentar.

Pelo que toca aos referidos Indios, se explica aquelle diario na maneira seguinte :

« No dia 10 de Outubro, seguimos do dito rio, pelas 6 horas da manhã, a buscar a aldeia de Guaricu, onde chegámos pelas 11 horas, e a achámos deserta, sendo das mais populosas do sertão ; pois não estava nella mais do que o padre Martinho Seluvari, que é companheiro do padre missionario, tres Indios velhos, alguns rapazes, e poucas Indias, mulheres de alguns remeiros, que vinhão na tropa.

« Para se porem promptos seis Indios para esquipação de algumas canoas, que não mal remadas, foi preciso um excessivo trabalho, e valer-se S. Ex. de alguma força, mandando soldados pelas roças, e pelos matos, onde todos estavam mettidos, e os poucos que apparecerão, confessarão que toda a gente tinha fugido por pratica, e inducção que o padre lhes tinha feito.

« No dia 11 pela uma hora e meia, chegámos á aldeia de Arucarã, onde achámos o padre missionario Manoel Ribeiro, com pouco mais gente que na passada : e sendo-nos precisos alguns Indios para remarem as canoas, que não faltas delles, foi necessario mandal-os buscar pelas roças.

« A 26 pela manhã, passando revista aos Indios das canoas, se achou terem desertado na noite antecedente trinta e seis, sendo todos das aldeas que administram os religiosos da Companhia.

« Junto á fortaleza do Rio Tapajós, está uma populosa aldeia da administração dos religiosos da Companhia, de que é missionario o padre Joaquim de Carvalho, e tambem a achámos com pouca gente ; de sorte, que sendo precisos Indios por fugirem aqui dezoito, foi necessario á S. Ex. mandal-os buscar ás aldeas do Cumarú, a Bobari, do mesmo rio. »

Em fim, por este modo diz o mesmo diario, que fizeram desertar da-

quella expedição, até o numero de 165 Indios; de modo que aquelle principal commissario, referindo o que na sua viagem havia passado ao dito respeito, concluiu em carta de 6 de Julho de 1755, tratando de uma das aldêas desertas, em que achára a gente fugida para o mato, nestas formaes palavras:

« Desta aldêa passei a Arucarâ, que será pouco mais de tres leguas de distancia; e achei com pouca differença, quasi na mesma fórma, e esta é uma regra geral de todas as aldêas, por não estar repetindo.

E pelo que pertence aos mantimentos, que Sua Magestade Fidelissima havia ordenado, bastará para dar uma idéa do que passou ao dito respeito, transcrever da carta que o bispo do Grão-Pará dirigio á côrte de Lisboa, em 24 de Julho do mesmo anno de 1755 (governando aquella capital, na ausencia do general) as palavras seguintes:

« Chegou nelles (missionarios) a tanto excesso a falta de obediencia e caridade nesta materia, que em todas as aldêas do Rio Tapajós, só ellas sufficientes para prover todo o arraial do Rio Negro, houve recommen-
dação expressa dos padres missionarios, para que não fabricassem roças de farinha, nem de outro qualquer legume, dizendo claramente aos Indios, que na occasião da maior necessidade, lhes darião licença para irem buscar o seu sustento pelos matos.

« Este mesmo excesso de caridade, praticarão os ditos missionarios quasi em todas as suas aldêas; já empregando os Indios nas suas conveniencias particulares, de que necessariamente havia de resultar, o não fabricarem farinhas; já ordenando-lhes positivamente, que as não vendessem aos brancos, como succedeu na aldêa de Arucarâ da administração da Companhia: achavão-se nesta aldêa alguns soldados da guarnição do Macapá, com a diligencia de comprarem fariuhas, e assistindo á missa em dia do Espirito Santo presenciáráo, que o missionario della, chamado o padre Manoel Ribeiro, assentado naquelle lugar, em que se costumão explicar os sagrados dogmas da fé, e se deve persuadir a pratica das virtudes, ordenava aos seus Indios (fallando-lhes na sua lingua) que de nenhum modo vendessem farinha aos ditos soldados, nem soccorressem a villa do Macapá, com comminação, de que obrando o contrario, lhes darião um exemplar castigo. »

Ao mesmo tempo se descobrio, que os sobreditos religiosos, com outro crime atroz de lesa-magestade, não só se tinham arrogado a autoridade de fazerem tratados com as nações barbaras daquelles sertões dos dominios da corôa, de Portugal, sem intervenção do capitão-general e ministros de Sua Magestade Fidelissima, mas tambem que deste abominavel absurdo passáráo ao outro ainda mais abominavel, de estipularem por condições dos mesmos tractados o dominio supremo e serviço dos Indios, exclusivos da corôa e dos vassallos de Sua Magestade; a repugnancia e odio á communicação e sujeição dos brancos seculares, e o desprezo das ordens do governador, e das pessoas dos moradores do Estado, como evidentemente constou do tractado, que o padre David Fay, missionario da aldêa de S. Francisco Xavier de Acamá, havia feito no mez de Agosto do mesmo anno

de 1753, com os Índios Amanajós, no qual se achão escriptos os artigos seguintes :

« Art. 3º Se querem ser filhos dos padres, sujeitando-se ao governo delles, obedecendo-lhes, ficando os padres morabixavas (isto é seus capitães-generaes), que hão de tratar delles como de seus fillos? Responderão que querem ser filhos dos padres.

« Art. 5º Se querem tratar tambem dos seus padres como bons fillos? Responderão que querem fazer grande roça para os padres.

« Art. 8º Se querem ser obedientes ao morabixava goaçu dos brancos, (isto é o capitão-general do Estado) querendo ir para o trabalho quando os quizerem mandar? Responderão geralmente, que por nenhum modo quereim nada com os brancos.

« Art. 9º Se fôr alguma cousa extraordinaria, v. g. inimigo, e que quando os Goajajáras (isto é brancos) der em ir, se os Amanajós os querem ajudar? Responderão que querem fazer boa camaradagem, e que hão de ajudar os Goajajáras, porém que isso devem fazer elles. »

De sorte que o capitão-general, e brancos do Estado, ficavão nestas convenções ignaes em tudo com os Índios, e os padres como capitães-generaes ecclesiasticos superiores a todos: manifestando se que destas condições, com que contratão com os Índios, é que tomão os referidos padres pretextos para alienarem os mesmos Índios, da sujeição e serviço real, e da sociedade civil dos brancos seculares.

Tirando Sua Magestade Fidelissima das claras noções de todos estes factos, a decisiva consequencia de que as deploraveis enfermidades do corpo daquelle Estado, sendo tão inveteradas e extremas, se não podia já curar sem remedios maiores, applicados com toda a efficacia: mandou avisar por uma parte ao bispo do Grão-Pará D. Fr. Miguel de Bulhões, que sem perder mais tempo em tão meritoria obra, publicasse logo a bulla pontificia de 20 de Dezembro de 1741, que havia declaralo livres, todos os referidos Índios, e condemnado com pena de excommunição *lata sententia* os que praticassem, defendessem, ensinassem, ou prégassem o contrario: estabeleceu juntamente por outra parte, as duas santas leis promulgadas nos dias 6 e 7 de Junho do anno de 1756, excitando a favor da mesma liberdade, e do bem commum dos Índios, todas as leis e ordens de seus augustos predecessores; e pela outra parte em fim determinou ao mesmo tempo ao governador e capitão-general daquelle Estado, que tudo fizesse executar tão efficaç, e tão exactamente como Sua Santidade, e Sua Magestade, em causa commum havião ordenado.

Achando aquellas ordens regias, o dito capitão-general ausente da cidade do Grão-Pará, no lugar destinado para as conferencias, teve o bispo que governava a mesma capital, por necessario suspender ainda a execução dellas, até á chegada do governador proprietario: em razão de que os referidos padres desde que virão superadas as difficuldades da expedição do Rio Negro, que antes tinham por superiores a toda a providencia, havião passado a servir-se de outros meios violentos, que o dito prelado achou que fazião aquella sua circumspecção precisa.

O primeiro dos referidos meios, foi o de procurar incitar os officiaes daquellas tropas, para se sublevarem contra o seu general, como elle tinha avisado, em 7 de Julho de 1755, fazendo a relação dos factos, que assim o tinham demonstrado, e concluindo nas palavras seguintes :

« Continuando o dito padre Aloix Antonio a mesma idéa, se metteu com uns poucos de officiaes, e debaixo do virtuoso pretexto, de que lhe queria dar os exercicios de Santo Ignacio, os poz no Collegio a sua devoção, dizendo naquelle tempo aos engenheiros, que todos os provimentos que Sua Magestade tinha mandado, para se servir a mesa que aqui (isto é no arraial do Rio Negro) mandou prover á custa da sua real fazenda, lhes pertencião a elles, e na mesma fórma se lhes devião distribuir os cobres que servem na cozinha ; e que se assim se não executasse, era um roubo que se fazia a cada um delles.

« Depois passou o dito padre e outros seus socios, a persuadir a esta gente, que eu sahira do Pará sem ordem de Sua Magestade, e por um acto voluntario os vinha metter entre estes matos, nos quaes, além de infinitos incommodos que nelles havião de padecer, havião ultimamente acabar á fome : e isto sem mais objecto que, porque eu queria quando as demarcações estavão desmanchadas, e se não havião nunca fazer. »

O que constou de outras differentes cartas, em que se contém a narração de muitos outros factos, e machinações ordenadas ao mesmo máo fim, de concitar a sedições as tropas.

O segundo meio foi, o de haverem já passado os mesmos religiosos Jesuitas das machinações artificiosas ao uso das armas : procurando sustentar-se naquelles sertões, pela via da força, de accordo com os seus religiosos hespanhóes que se achão estabelecidos naquella fronteira do norte. De modo que indo fundar-se no mez de Janeiro de 1756, a villa de Bortia a nova, na aldêa antes chamada do Trocano, se achou nella o padre *Anselmo Eckart* allemão, que havia chegado poucos mezes antes como missionario, armado com duas peças de artilharia, e unido com outro padre tambem allemão, chamado *Antonio Meisterburgo*. Ambos praticarão naquelle territorio desordens, e absolutismos, que necessitão de uma diffusa relação para se referirem, e que fizerão verosimil a suspeita, de que em vez de religiosos, poderião ser dous disfarçados engenheiros.

Nestas urgentes circumstancias, e na necessidade em que o governador e capitão-general daquelle Estado, se achou de vir á capital buscar o remedio de algumas queixas que padecia, descen á cidade do Pará, para nella animar com a sua presença, a publicação da pastoral do bispo, para a execução da bulla pontificia, de 20 de Dezembro de 1741, e das duas leis regias de 6 e 7 de Junho do anno proximo passado de 1756.

Ambas as referidas publicações se fizerão effectivamente com as costumadas solemnidades, nos dias 28 de Janeiro, 28 e 29 de Maio deste presente anno de 1757, com grande contentamento dos moradores da referida capital, que pelas providencias pontificias, e regias, virão cessar naquelles tres dias, as calamidades que por tantos annos havião affligido todo aquelle Estado.

Não cessarão porém contudo ainda os effeitos das machinações sediciosas que deixo acima referidas. Não podendo estas obrar na honra, e na fidelidade dos officiaes das tropas, obrarão contudo de sorte nos soldados de menos obrigações, e de reprovado procedimento, que logo que o governador e capitão-general se apartou do arraial do Rio Negro, desertarão d'elle, não menos que 120 dos referidos soldados, roubando os armazens reaes, não só de munições de guerra, mas de muitos dos generos que nelles havia, saqueando ao mesmo tempo algumas casas de particulares, e passando com todos estes roubos para as missões dos dominios de el-rei catholico, na capitania de Omaguas, onde ficavão até as ultimas noticias que chegarão ao Pará, na data de 18 de Junho proximo precedente, em que se termina esta relação, por não haver posteriores á data do referido dia.

Copia das Instrucções que os padres que governão os Indios, lhe derão quando marcharão para o exercito, escriptas na lingua Guarany, e della traduzidas fielmente na mesma forma, em que fôrão achadas aos referidos Indios.

« Em primeiro lugar, todos os dias quando acordámos devemos manifestar que somos filhos de Deos Nosso Senhor, e da Virgem Santissima Nossa Senhora. De todo o nosso coração, nos havemos de entregar a Nosso Senhor, á Virgem Santissima, a São Miguel, aos Santos Anjos, e todos os Santos da côrte Celestial; fazendo orações para que ouvindo-as, consigamos que attendão as nossas misérias, accredoras de toda a lastima, e nos livrem de espirituaes e temporaes damnos; e tambem havemos de conservar o santo costume de rezar o Santissimo Rosario a Nossa Senhora, devoção que tanto lhe agrada, e com a qual conseguiremos que nos veja com aquella misericordia, que nossas misérias necessitam, e assim alcançaremos com a sua Santissima protecção, ver-nos livres de tanto mal, como nos ameaça.

« Logo que se nos oppoñião aquellas gentes, que nos aborrecem, havemos de invocar todos juntos, a protecção de Nossa Senhora a Virgem Santissima, a de S. Miguel, de S. José, e de todos os Santos, nos nossos povos. E sendo fervorosas nossas supplicas, nos hão de attender: e os que nos aborrecem quando nos pretendão fallar, havemos de escusar sua conversação, fugindo muito da dos Castelhanos, e muito mais dos Portuguezes. Por estes Portuguezes, se nos trazem á casa todos os presentes prejuizos: lembrai-vos que nos tempos passados, matarão a vossos defuntos avós. Matarão mais milhares delles por todas as partes sem reservar as innocentes creaturas, e tambem fizeram zombaria, e inofa das santas imagens dos Santos, que adornavão os altares dedicados a Deos Nosso Senhor. Isto mesmo que então passou, querem fazel-o agora connosco, e por isso quanto mais empenho fação, não nos hemos de entregar a elles.

« Se acaso nos quizerem fallar, hão de ser ciuco Castelhanos nada mais. Não sejam Portuguezes, porque se vicssem alguns delles, não

lhes ha de ir bom, não queremos a vinda de Gomes Freire, porque elle e os seus, são os que por obra do demonio nos tem tanto aborrecimento. Este Gomes Freire é o autor de tanto disturbio, e o que obra tão mal, enganando a seu e nosso bom rei: por cujo motivo não o queremos receber. Deos Nosso Senhor foi quem nos deu estas terras, e elle anda machinando para nos empobrecer, tomando-as; para o que nos levanta muitos falsos testemunhos, e tambem os beinditos dos padres, de quem diz que nos deixão morrer sem os Santos Sacramentos. Por estas cousas julgamos que a vinda dos ditos, não é para o serviço de Deos: nós em nada temos faltado ao serviço do nosso bom rei; sempre que nos ha occupado, com toda a vontade, havemos cumprido seus mandados: comprovão isto as repetidas vezes que de sua ordem temos exposto as nossas vidas, e derramado nosso sangue, nos sitios que na colonia portugueza se tem feito; e isto somente por cumprir a sua vontade, sem manifestarmos senão grande gosto em que se cumprão os seus mandados, do que são boas testemunhas o Sr. governador D. Bruno, e outro governador que lhe succedeu. E quando o nosso bom rei nos necessitou no Paraguay, fomos lá, e muitos que fizeram tão assignalados serviços assim na colonia, como no Paraguay, se achão hoje entre estes soldados. Nosso bom rei sempre nos ha olhado com carinho, em attenção a nossos serviços, porque temos cumprido seus mandados. E com tudo isto nos dizeis que deixemos nossas terras, nossas lavouras, nossas estancias, e em fim todo o terreno inteiro. Esta ordem não é de Deos, senão do demonio. Nosso rei sempre anda pelo caminho de Deos, e não do demonio: isto é o que sempre ouvimos? nosso rei ainda que miseraveis, e desgraçados vassallos seus, sempre nos tem tido amor como a laes: nunca o nosso bom rei tem querido tyrannisar-nos, nem prejudicar-nos, attendendo a nossa desgraça; sabendo estas cousas, não havemos de crêr que o nosso bom rei mande que uns infelizes sejam prejudicados nas suas fazendas, e desterrados, sem haver mais motivo, que servir-os sempre quando se tem offerecido. E assim não o creremos nunca quando diga: *vós outros Indios, dai vossas terras, e quanto tendes aos Portuguezes*, não o creremos nunca; não ha de ser. Se acaso as querem comprar com o seu sangue, nós outros todos os Indios assim as havemos de comprar; vinte povos nós temos ajuntado, para sahir-lhes ao encontro; e com grandissima alegria nos entregaremos a morte, antes do que entregar as nossas terras. Porque não dá este nosso rei aos Portuguezes *Buenos-Ayres, Santa Fé, Corrientes, e Paraguay*? Só ha de recahir esta ordem sobre os pobres Indios, a quem manda que deixem as suas casas, suas igrejas, e em fim quanto têm, e Deos lhe ha dado? nos dias passados criamos que vós outros vinheis da parte do nosso bom rei, e assim nos acutelamos para o que haviamos de fazer. Não queremos ir aonde vós estais, porque não temos confiança de vós outros; e isto tem nascido de que haveis despresado as nossas razões. Não queremos dar estas terras, ainda que vós tenhais dito que as queremos dar: quando porém quizerem fallar com nosco, venhão cinco Castelhanos, que se lhes não fará nada: o padre, que é o dos In-

dios, e sabe a sua lingua, ha de ser o que sirva de interprete, e então se fará tudo, porque deste modo se farão as cousas como Deos manda, e por que se não irão as cousas por onde o diabo quizer. E não quereremos andar e viver por onde vós quereis que andemos, e vivamos. Não nunca pisamos vossas terras para matar-vos e empobrecer-vos, como fazem os iudeus, e vós o praticaes agora, e vindes a empobrecer-nos como se ignorásseis o que Deos manda, e o que o nosso bom rei tem ordenado a respeito de nós. O mesmo provão os outros documentos que adiante se seguem.

Copia da carta que o povo ou antes o cura da aldéa de S. Francisco Xavier escreveu em 5 de Fevereiro de 1756, ao chamado corregedor, que capitaneava a gente da mesma aldéa, no exercito da rebellião, escripta na lingua guarany, e della traduzida fielmente na lingua portugueza.

« Corregedor José Tiarayu, Deos Nosso Senhor, e a Virgem Santissima sem mancha, e nosso padre S. Miguel, te sirvão de companhia, e de todos os soldados visinhos deste povo. O nosso padre cura recebeu a tua carta no dia 5 de Fevereiro, nesta estancia de S. Xavier, fica inteirado, de que todos estais bons: o padre todos os dias diz aqui missa diante da Santissima Imagem de Nossa Senhora do Loreto, para que interceda por vós, e vos dê acerto em tudo, e vos livre de todo o mal, e tambem a Deos Padre Eterno e bom: o bom do padre Thadeo, e o bom do padre Miguel, tambem fazem o mesmo, celebrão todos os dias missas, e as applicão por vós, e todos os padres dos outros povos, estão com seus filhos rezando continuamente, para que Deos vos dê acerto. Por amor de Deos vos peço que tenhais união entre vós os do povo, e juntamente constancia nos perigos e soffrimentos pelo que podeis experimentar; invocai continuamente o doce nome de Maria Santissima, do nosso padre S. Miguel, e de S. José, pedindo-lhes que vos ajudem em vossas emprezas, e vos allumiem para ellas, e vos tirem de todo o mal e perigo. Se assim o fizerem, nada é para Deos o ajudar-vos, e a Virgem Santissima, e todos os anjos da corte celestial: serão vossos companheiros.

« Desejámos saber, de que povo distante do nosso anda gente perto de vós, assim o avisai; ignorámos tambem que governador vem com os Hespanhóes, se é o de Buenos-Ayres, ou o de Montevideo, ou os dous juntos: e tambem que caminho trazem as carretas dos Castelhanos, e se estas tem chegado a Santo Antonio; e os Portuguezes que caminho trazem, e se estão incorporados com os Castelhanos, avisai-nos de tudo: se os ditos vos mandarem alguma carta, despachai-a immediatamente ao padre cura.

« Por amor de Deos vos pedimos, que vos não deixeis enganar dessas gentes que vos aborrecem; se por ventura lhe escreveres alguma carta, manifestai-lhe o grande sentimento que da sua vinda tendes, e fazei-lhe conhecer o pouco medo que vos causão, e a multidão que somos, e que quando esta multidão vossa não fôra tanta, não os temerjamos, por termos em nossa companhia a Santissima Virgem, e os santos nossos defensores.

Se colheres algum, perguntai-lhe bem tudo o que faz ao acaso : o que me mandastes pedir para artilheiro, agora chega do Povo, e promptamente vol-o despacharei, e vos envio uma bandeira com o retrato de Nossa Senhora : no nosso Povo não ha novidade alguma que vos participe ; tendo grande confiança nas orações de todos os do Povo, e em especial das creaturas innocentes, pois todos se empregão em encommendar-vos a Deos. Nosso padre cura vos envia muitas memorias a todos, e vos encarrega que rezeis mui a miúdo a Maria Santissima, e ao nosso padre S. Miguel, e tambem diz, se vos faltar alguma cousa, que escrevais immediatamente ao padre cura, e que todos os dias participeis o que houver de novo, isto sem falta ; todos os povos estão desejando saber por instantes, os vossos acontecimentos, nosso padre, o padre Thadeo, e o bom padre Miguel, vos envião muitas saudades a todos ; recebei as mesmas saudades de todos nós, tanto dos que em S. Xavier residimos, como dos que no povo estãmos, Deos Nosso Senhor, a Virgem Santissima, e nosso padre S. Miguel, sejam vossos companheiros, amen. Povosinho de S. Xavier, 5 de Fevereiro de 1756—mordomo, *Valentim Barrigua*.

Copia da carta sediciosa e fraudulenta, que se fingio ser escripta pelos caciques das aldeas rebeldes, ao governador de Buenos-Ayres : sendo que é incerosimil, que se mandasse ao dito governador, e que o mais natural é que se compoz debaixo daquelle pretexto, para se espalhar entre os Indios, ao fim de lhe fazer criveis os enganos que nella se contém. escripta na lingua guarany, e della traduzida fielmente na lingua portugueza.

« Sr. governador. Este nosso escripto o mando a vossas mãos, para que nos digais por ultimo o que haile ser de nós, e só para que vos accordeis bem do que haveis de fazer. Vêde como o anno passado veio a esta nossa terra o padre commissario inquietar-nos, para que saiamos dos nossos povos, e das nossas terras, dizendo que isto era vontade do nosso rei ; e demais disto vós tambem nos mandastes uma carta mui rigorosa, para que destruíssemos com fogo todos os povos, todas as chacaras, o nossa igreja, que é tão linda, e que nos haviéis de matar ; tambem dizeis na carta, (que por isso o perguntãmos) que isto é tambem vontade do nosso rei, e se esta fosse a sua vontade, e se assim o mandasse, todos nós outros em o amor de Deos morreremos diante do Santissimo Sacramento. Deixai, não toqueis na igreja que é de Deos, porque ainda os intieis assim o fazem ; e é esta a vontade do nosso rei, que tomeis, e arruineis tudo o que é nosso ! Esta é a vontade de Deos, e segundo os seus santos mandamentos ? Isto que temos, só é do nosso trabalho pessoal, nem o nosso rei nos tem dado cousa alguma ; e pois porque razão todo o Hespanhol nos aborrece tanto pelo bem que estamos ; nosso rei sabe tambem que estas terras nol-as deu Deos, e a nossos avós, e por isso só as possuimos em amor de Deos ; o padre Roque Gonçalves se humilhou ; todos nós outros desde os tempos passados, sempre temos obedecido aos reis de Hespanha até ao

presente; e sendo isto assim, como creremos o que dizeis, julgando nós que isto nunca pôde ser a vontade do nosso rei? E ainda com isto nos humilhamos a ouvir a ultima vontade do nosso rei; os nossos papeis já forão aonde elle está, para que veja a verdade; tambem ha pouco recebemos seus papeis, se é que forão certos, não se assemelhavão á tua carta; o bom desejo do nosso rei, sabemos bem o que ha de fazer, vendo lá os nossos papeis, e sabendo o nosso bom procedimento; vós tambem já haveis visto nossos papeis, e vos dizemos nelles a summa verdade; aqui não haveis de achar para nós terras, quanto mais para os nossos animaes; não somos nós só os dos sete povos, e sim doze mais que se perderão, quando nos queirais tirar estas terras, Sr. governador, senão quizeres ouvir estas nossas razões, todos nós nos pomos nas mãos de Deos, porque é quem faz todas as cousas, Elle é o que sabe nosso erro. Ao nosso rei não lhe havemos faltado em nada, e por isso temos nelle confiança, elle é o que nos ha de ajudar, por isso mesmo havemos de mandar nossas cartas a todas as terras, e que saibão ainda os infieis esta nossa triste vida, e que se espantem destes vossos feitos; tambem vai ao nosso rei, que saiba o santo padre esta nossa vida, que não ha quem a veja; em vós outros já não ha confiança; isto é o mais certo diante de Deos, que é quem tudo sabe e tudo vê; elle vos dê vida, e a nós tambem, para que vos lembreis bem de nós. Naquelle anno de 1742 a 11 do mez de Maio, chegou uma carta do nosso bom rei e senhor, preparou-se de repente uma lanchina mui brilhante, o mastro grande era de prata; quando chegou á margem do rio, poz na ponta um papel, e ao deital-o em terra firme derão um tiro de espingarda, e se voltou para nós correndo; e tornando esta embarcação para traz como quem ia fugindo, se perdeu logo de vista dos que a vião; isto é o que é certo, e foi no tempo do governador D. Domingos Ortei de Roxas: tambem se ouviu dizer, que foi uma embarcação levando a el-rei quatro mil patacas de prata que lhe dêrão de esmola: deste modo diz quem o sabe, que é o padre Pedro Arnal na sua carta: no mez de Setembro do anno de 1752, chegou o padre commissario, chamado Luiz Altamirano, de Buenos-Ayres ao povo de S. Thomé; estando alli inquietou os povos para que se mudassem, e isto não se effectuou: foi só a Buenos-Ayres, e depois que lá chegou, mandou outra vez ao padre Alfonso Fernandes, padre Roque Ballester, e padre Agostinho: este padre tornou a chegar a S. Thomé no anno de 1753, a 13 do mez de Agosto, cuidou entrar nestes povos, e o atalhão os soldados, não lhe derão caminho, e foi só ao povo da Candelaria: depois pretendeu vir ao povo da Conceição em um dia de festa, que se dizia misso, e os soldados o tornarão a embaraçar, e o mandarão outra vez; depois disto mandou ao padre Romão de Toledo, cura de Santa Maria Maior, uma carta muito má, e a entregou a um capitão de Santa Maria, chamado Luiz Etuairahi, e a passou ás mãos dos de S. Nicoláo, e a deu nas mãos dos padres Carlos, e Simão Santos, a 7 de Setembro, aquelle mão papel que tratava, de que se expulsasse os padres! Então forão trinta soldados de S. Luiz, ao povo de S. Nicoláo, e a 8 de Setembro, por fim de tudo, na igreja, em presença de todos, tomárão os ditos papeis das mãos do

padre Carlos, e os queimárão na praça; isto é o que tem feito os de S. Luiz: Este é o modo com que quizerão impedir a missa do bom padre; quizerão quebrar o sacrario, e-o atallárão; por isto não entrão nestes povos, e quem quiz fazer isto foi o regedor chamado Miguel Yabattí.— Mestre de campo, Miguel Chepa, secretario Ermeregildo Curupi, e os casiques, a D. João Cumandiyu, Juliao Ocuca. Isto é o que se tem feito—servidor, Primo Flaseira de S. Miguel. »

Copia da convenção celebrada entre Gomes Freire de Andrada, e os Caciques, para a suspensão de armas.

A los 14 dias del mez de Noviembre de 1754, en este campo del Rio Jacui, en donde está campado el Illm. y Exm. Señor Gomes Freire de Andrada governador, y capitan general de la capitanía del Rio de Enéro, y Minas generales con las tropas de S. M. F. para auxiliar las de S. M. C. a fin de evacuar los siete pueblos de la margen Oriental del Uruguay que se ceden a nuestra corona en virtud del tratado de limites de las conquistas, venieron a la presencia del dicho Exm. Señor general, D. Francisco Antonio cacique del Pueblo de S. Angel, D. Christoval Acatú y D. Bartolo Candiú, Cassiques del Pueblo de S. Luis y D. Francisco Guacú, corregidor que acabó en dicho Pueblo de S. Luis, e por ellos fué dicho le permittesse el dicho Señor que ellos se retirassen a sus Pueblos en paz sin hazerles daño, ni tan poco seguirles, ni aprisionarlos, y a sus mugeres, y hijos, pues ellos nó querian guerra con los Portuguezes; y respondiendole el dicho Señor general, y mas oficiales abaxo firmados, que ellos se hallavan en este exercito por orden de sua soberano, aguardando, que la cavallada, y boyada del exercito de que es general el Señor D. Joseph de Andonague, fuesse en estado de volver a seguir el camino, que por falta de pastos fué obligado a retroceder, y que en teniendo orden del dicho Señor general, como mandante, que era de todo, se avanzarían, por lo que nó determinavan retirarse, antes si fortificarse en el passo en que estaban: lo que oydo por los dichos caciques y de mas Indios, que presentes estaban, pedieron por Dios les concediesse tiempo, para su recurso, y aguardaven, que S. M. C. mas bien informado de su miserable estado, y vida aplicasse su real piedad con tal remedio, que servisse de alivio a su miseria, y que caso S. M. C. y su general, nó oyessen sus ruegos; y se metiessen outra vez en campaña, quedavan ciertos que los Portuguezes los seguian en cumplimiento de las reales ordens de su soberano, lo que oydo por el dicho Señor general; respondió nó determinava perder un passo, de lo en que se hallava su exercito, pero queriendo tener con ellos la piedad, que le rogavan, le permitia de treguas el tiempo, que mediase hasta que el exercito de S. M. C. nuevamente marchasse a la campaña siendo con las clausulas següintes: « que se retirarian luego los caciques con los oficiales y soldados a sus pueblos, y el exercito portuguez sin hazerles daño, ó hostilidade alguna passaria el Rio Pardo, conservandose de una parte, y otra en entera páz hasta determinacion de los dós soberanos,

Fidelissimo, y Catholico, ó bien hasta que el exercito hespañol salga á campaña, porque en saliendo, el exercito portuguez precisamente ha de seguir las ordens del general de Buenos-Ayres, y para que se nó sucite duda alguna, se declara es la division interina del Rio de Viamam por el Cuayba arriba hasta adonde le entra el Jacuhy, que es este el que nos allamos campados, siguiendole hasta su nascimiento por el braço que corre de sudoeste. A lo que en esta division de rios queda a la parte del norte nó passará ganado, ó Indio alguno, e siendo encontrados se poderá tomar el ganado por perdido, y castigar los Indios que fueren hallados, y de la parte de sul nó passará Portuguez, y siendo hallado alguno será castigado por los caciques, y de mas justicias de dichos pueblos en la misma forma, excepto los que fueren mandados con cartas de una, ó otra parte, porque estos seran tratados con toda fidelidad: e de como assi lo prometieron executar tanto el dicho Exm. Señor general por su parte, como los referidos caciques por la suya lo firmaron todos, y juraron a los Santos Evangelios en que pusieron sus manos derechas en mano del Rev. padre Thomás Clarke, y yó Manoel da Silva Neves secretario de la expedicion que lo escrevi. — *Gomes Freire de Andrade* — *D. Martin Joseph de Echaure* — *D. Miguel Angelo de Blasco* — *Francisco Antonio Cardoso de Meneses e Sousa* — *Thomas Luiz Osorio* — *D. Christoval Acatú* — *Bartholomeo Candy* — *Francisco Antonio* — *Fabian Nagudeu* — *Santiago Pindo*.

Instrucção que Sua Magestade Fidelissima mandou expedir em 8 de Outubro de 1757, a Francisco de Almada de Mendonça, seu ministro na curia de Roma, sobre as desordens que os religiosos Jesuitas tinham feito neste reino, e no Brasil: para as representar ao santissimo padre Benedicto XIV, com a relação abreviada dos insultos que os mesmos religiosos haviam feito no norte, e no sul da America Portuguez.

Ha muito tempo que V. S. se acha no claro conhecimento das sediciosas intrigas que os padres Jesuitas da companhia de Portugal, tem machinado nesta, nessa, e em todas as côrtes da Europa, em prejuizo do serviço do el-rei nosso senhor, e do socego publico deste reino, e suas conquistas, inventando, escrevendo, e suggerindo maliciosamente infellicidades, e desordens, que nunca existirão, para assim imprimirer ao longe na credulidade do publico, tudo o que podia dar uma sinistra idéa do religiosissimo, regularissimo, felicissimo governo de Sua Magestade, e das inexplicaveis vantagens que elle tem accumulado, com gloria immortal do mesmo senhor, aos vassallos de Portugal, e de todos os seus dominios, que assim o estão continuamente apregoando com infinitas bençãos, e innumeraveis orações, pela conservação da vida, e da prosperidade do seu augusto bem-feitor.

Não forão porém até agora participadas a V. S. as verdadeiras causas daquelles abominaveis effectos, porque a incomparavel clemencia de Sua Magestade, e a piissima devoção, que o mesmo senhor professa sempre

aos gloriosos Santo Ignacio de Loyola, S. Francisco Xavier, e S. Francisco de Borja, suspenderão não só a sua indefectível justiça, mas até a natural defesa dos seus expilados e afflictos vassallos, em quanto pôde caber na sua real esperança, que conseguiria a emenda de tantas e tão extraordinarias desordens, sem prostituir os filhos de uma tão santa, e veneravel mãe, como a religião da Companhia.

Os detestaveis excessos que V. S. verá na pura, e fiel narração que ajuntarei a esta carta debaixo do n. 1, (isto é agora a *relação abreviada* n. 4.) e a incorrigível obstinação que elles manifestão, havendo porém já passado além do desengano da emenda, não puderão ultimamente dispensar a autoridade regia, e a indefectível protecção que Sua Magestade deve aos povos que Deos lhe confiou, de applicarem os ultimos remedios a males tão extremos, como os que constão da mesma relação.

Havendo-se nella omittido os muitos e mui aggravantes escandalos, que se não podião referir sem maior indecencia e pejo, de quem os escrevesse e ouvisse; e deduzindo-se sómente aquelles que a sua publicidade tem feito mais notorios, e que se não podem tergiversar, e reduzir a duvida, se não negando o que se está vendo, como physicamente certo, pela evidencia de factos permanentes que são incontestaveis de sua natureza: ainda assim é grande o desprazer que Sua Magestade tem, do muito que se verá sobre a absoluta corrupção destas provincias de Portugal, e do Brasil.

Nellas achará V. S. concluido com physica certeza, que cessou ha muitos annos, na pratica de seus religiosos, a obediencia ás bullas, e ordens pontificias, a observancia das leis mais impreteriveis para a conservação da paz publica destes reinos, e seus dominios: a fidelidade aos seus augustos monarchas, e a pia instrucção de seus vassallos: havendo-se sacrificado todas estas obrigações chistãs, religiosas, naturaes, e politicas, a uma cega, insolita, e interminavel ambição de governos politicos, e temporaes: de aquisições, e conquistas de fazendas alheias, e até de usurpações de Estados; não se reparando naquellas abominaveis transgressões em todas as vezes que se vio, que ellas podião ser meios para estes fins tão reprehensiveis, como alheios do santo instituto, de que os mesmos religiosos mostram um esquecimento tão absoluto, como escandaloso.

Chegou emfim a tão lastimosos e deploraveis termos a extrema corrupção, e a infelicidade dos filhos desta santa religião, no reino de Portugal, e muito mais nos seus dominios ultramarinos, que nelles são poucos os jesuitas, que não pareçam antes ou mercadores, ou soldados, ou regulos, mais que religiosos.

E como toda a demora que houvesse em obviar a tão grandes desordens teria a consequencia de as fazer irremediaveis: foi Sua Magestade necessitado a occorrer a este perigo dos seus vassallos, e dominios, e á total ruina das mesmas provincias religiosas, com o que podia caber no governo temporal do mesmo senhor, antes que de todo se perdessem por falta de remedio.

E sendo os mais fortes apoios da ousadia, que os mesmos padres tem manifestado, assim na Europa, como na America, os confessionarios desta

côrte, e a entrada dos ditos religiosos neste paço; mandou el-rei nosso senhor, por uma parte, recolher ás respectivas casas das suas filiações, todos os confessores das pessoas reaes, que erão jesuitas; nomeando Sua Magestade para seu confessor, o provincial actual dos capuchos de Santa Maria da Arrabida, Fr. Antonio de Santa Anna; conservando-se no confessorario da rainha nossa senhora, o ex-vigario geral dos religiosos Agostinhos descalços, Fr. Antonio da Annunciação, que já tinha exercicio nelle, e promovendo para o da princeza nossa senhora, e das senhoras infantas, ao provincial tambem actual da religião dos Carmelitas calçados, Fr. José Pereira de Santa Anna: o serenissimo Sr. infante D. Pedro escolheu o mesmo confessor de el-rei nosso senhor: o serenissimo Sr. infante D. Antonio a Fr. Antonio de Santa Maria dos Anjos Melgaço, ex-provincial dos religiosos Franciscanos da provincia de Portugal: o serenissimo Sr. infante D. Manoel, a Fr. Valerio do Sacramento, religioso capucho da provincia de Santo Antonio.

Mandou o mesmo senhor por outra parte, prohibir ao provincial da Companhia, e mais religiosos da sua filiação, o ingresso no paço, até segunda ordem de Sua Magestade, ou até constar ao dito senhor, que os taes religiosos vivem como são obrigados pelo seu santo instituto. E tem Sua Magestade ordenado por outra parte, que para este justo, e necessario fim, se applicquem todos os meios que cabem no seu real poder, e na protecção com que deve concorrer, para fazer observar como inviolaveis nos seus reinos e dominios, os sagrados canones, e as constituições apostolicas, que defendem aos regulares, e muito mais aos religiosos da Companhia, e aos missionarios, a ingerencia nos negocios seculares, o manejo do commercio, e a usura dos cambios mercantis; fundando-se tambem nas concordatas com a Sé apostolica, que se achão estabelecidas como leis consuetudinarias deste reino.

Porém como tudo isto se reduzia á temporalidade, e não cabia no poder de Sua Magestade o remedio das ruinas espirituaes, que deixo referidas, necessitando estas do prompto e efficaz remedio, que só podia emanar do summo pontifice, vigario de Christo Senhor Nosso na terra: fazendo V. S. presente ao santissimo padre, assim a fiel narração, que deixo referida, como o conteudo nesta carta: supplicará no mesmo tempo á Sua Santidade, que se sirva de dar sobre esta importante materia, taes e tão efficazes providencias, que os abusos, excessos, e transgressões que se tem feito, e continuão nas referidas provincias, cessem de uma vez, ficando ambas reduzidas á sua santa e primitiva observancia, e fazendo Sua Santidade renascer nellas, os exemplos dignos de louvor, e de imitação, que ha tantos annos se achão sepultados debaixo dos horrores de tão grandes, tão geraes, e tão publicos escandalos.

Os que mais haviam ferido os habitantes dos dominios de Sua Magestade na America, se espera que venhão a cessar em grande parte pela execução da bulla pontificia, de 20 de Dezembro de 1741, inserta na pastoral do bispo do Grão-Pará, que vai incluída nesta carta, debaixo do n. 2, (agora n. 1 desta collecção), e das duas leis de Sua Magestade, que

tambem vão debaixo do n. 3 e 4, (agora n. 2 e 3) as quaes o mesmo senhor tem mandado publicar em todo o Brasil por modo effectivo; abolindo assim de uma vez, o abuso de se não executarem naquelle contingente decisões pontificias, ou resoluções regias, de que os mesmos religiosos recebessem desprazer; e o que mais é, sem que houvesse quem se atrevesse a informar de um tão prejudicial, e indecoroso abuso: e isto porque no mesmo contingente, prevalecerão sempre para o sustentar, as ameaças que os taes religiosos espalhavam industriosamente, para fazerem rejeitar o poder da sua religião, e dos seus padres, que andavam no paço: os quaes verdadeiramente se descobrio nestes ultimos tempos, que com sinistros artificios, arruinarão infelizmente diversos governadores e ministros zelosos do serviço de Deos, e de Sua Magestade, sem outra culpa que não fosse a de haverem representado verdades, que aos mesmos padres não servião, e que fazendo-se incríveis ao tempo que se representarão, vierão depois da guerra do Paraguay, e das desordens e sublevações do Maranhão, a demonstrar-se por factos manifestos e taes, como os que constão da sobredita relação que leva o n. 1 (agora n. 4), e muitos outros de que se podião compôr grossos volumes.

Sobre o que tudo ordena Sua Magestade, que V. S. pedindo e obtendo do santissimo padre, uma audiencia particular e secretissima, o informe plenamente de tudo o que deixo referido. E o mesmo senhor espera que na paternal e apostolica providencia de Sua Santidade, não falte a menor parte do que fazem preciso tão notorias urgencias, para que uma religião, que tem feito tantos serviços á igreja de Deos, não acabe nestes reinos, e seus dominios, pela corrupção dos costumes dos seus religiosos, e pelo geral escândalo que elles tem causado com tão successivos, e estranhos absurdos.

Sendo os que se contém na simples e fiel narração, que acompanha esta carta, fundados em factos permanentes, que se achão notorios, não só a tres exercitos, mas tambem a toda America portugueza, e hespanhola: e sendo deriyados das mesmas fontes limpas, onde tiverão a origem primigira, sem mistura de tradição suspeita, que deixe lugar á menor duvida: tem Sua Magestade, por certo, que Sua Santidade não hesitará um só momento, sobre a necessidade que os mesmos absurdos constituem, de serem restituídos estes religiosos aos exercícios do seu espirital, e santo instituto, e de serem apartados de toda a ingerencia nos negocios politicos; e nos interesses temporaes e mercantis; para que livres da corrupção da cobicia do governo das côrtes, da aquisição de fazendas, dos interesses do commercio, das usurpas dos cambios, e dos mais bens da terra, sirvão a Deos, e aproveitem ao proximo, como verdadeiros imitadores das heroicas virtudes dos grandes e gloriozos Santo Ignacio, S. Francisco Xavier, e S. Francisco de Borja, que resplandecendo como brilhantes tochas, não só na sua religião, mas em toda a igreja catholica, nos deixarão nella tão illustres exemplos.

Principalmente, quando em fim se considera com a madura, e séria reflexão que o caso merece; que tendo escandalizado tanto os cavalheiros

templários, que pelas suas culpas forão extintos com os severos castigos que constão da historia ; ainda assim se não lê nella, que se atrevessem, (como se tem atrevido os referidos padres) a resistir positivamente a papas, e a reis ; invalidando com prepotencia, umas vezes directa, e outras indirectas, as bullas pontificias, e leis regias : que ousassem ao mesmo tempo estabelecer republicas de vassallos, por elles rebellados aos seus reis ; e senhores naturaes, dentro nos dominios dos mesmos reis ; cujos vassallos rebellavão, para com mão armada se opporem a tudo o que podia ser interesse dos mesmos reis, e jòvos por elles governados : e que emfim aspirassem á usurpação de reinos, e imperios inteiros, como tambem tinham projectado estes religiosos, e virião a conseguir em breves annos, se não se houvesse descoberto o seu ambicioso e clandestino plano.

Pois que pelas colonias de Indios rebeldes, e ferozes, que havião estabelecido, e ião á toda a força estabelecendo com quasi successivo progresso, desde o Maranhão até o Uruguay ; animando clandestinamente o grosso commercio, e a fertil povoação daquellas numerosissimas colonias, pelos collegios, casas professas, e residencias, que conservão nas duas côrtes, e terras grandes dos lugares maritimos, de ambos os reinos e seus dominios ; tinhão quasi fechadas as duas Americas portugueza, e hespanhola, com um cordão tão forte, que dentro do espaço de dez annos, seria indissolavel o nó, que com elle pertendião apertar os referidos religiosos ; não havendo forças em toda a Europa, que fossem bastantes para os expugnar de tão vastos sertões, defendidos por homens no numero quasi infinitos, cuja lingua e costumes, só os mesmos religiosos podião entender e praticar : accrescendo o odio implacavel, em que os educavão e endurecião irreconciliavelmente contra todos os brancos seculares. Deos guarde a V. S., Belém, 8 de Outubro de 1757.—D. Luiz da Cunha.—Sr. Francisco de Almada de Mendonça.

Instrucção dirigida na data de 10 de Fevereiro de 1758, ao mesmo Francisco de Almada de Mendonça, ministro de Sua Magestade Fidelissima na curia de Roma ; informando-o das desordens que até aquelle tempo havião accumulado os religiosos da Companhia de Jesus, aos muitos absurdos em que se tinhão precipitado nos dominios ultramarinos desta monarchia, quando Sua Magestade se vio obrigado a informar o santissimo padre Benedicto XIV, dos insultos dos ditos religiosos, pela outra carta instructiva de 8 de Outubro de 1757.

Sendo as desordens, e os insultos, que os religiosos Jesuitas tem accumulado no Maranhão, desde os principios do reinado de Sua Magestade, com o máo fim de impossibilitarem a execução do tratado de limites das conquistas, e as sublevações que tambem fizerão, e intentarão com o mesmo objecto nas aldeas de Paraguay, e Uruguay, dentro deste reino, e até dentro do mesmo paço ; motivos urgentissimos para o mesmo senhor fazer com os ditos religiosos, as ultimas demonstrações do seu justo, e real poder, de que os soberanos se não costumão, nem devem dispensar

poder, sabindo daquella confusão incontestavel o premeditado imperio jesuitico.

Por outra parte, depois de haverem sido desconcertadas aquellas intrigas, e castigados os instrumentos dellas : publicando-se a companhia da agricultura das vinhas do Alto Douro, se promoveu na cidade do Porto, como a segunda do reino, a sedição que se havia desarmado na cidade de Lisboa, trabalhando naquella cidade os referidos padres para malquistarem el-rei nosso senhor, e o seu feliz governo, e fiel ministerio, com aquelles vassallos, pela repetição de todas as imputações e imposturas que espalhavão no reino, e fóra d'elle ; fazendo passar á credulidade dos pequenos, e pusilanimos, a insigne falsidade, de que os *vinhos da dita companhia, não erão capazes do sacrificio da missa*, extraindo do seu archivo, para passar ao conhecimento dos mal intencionados, e peor instruidos, a relação do motim que houvera na dita cidade no anno de 1661, com as vozes de que tendo principiado por mulheres, e rapazes, ficara como ficou sem castigo : animando com as referidas suggestões, alguns outros ecclesiasticos, em cuja leveza acharão capacidade para as opprimirem ; vindo a conseguir que se declarasse na mesma cidade do Porto, o horroroso motim de 23 de FEVEREIRO do anno proximo passado, em que litteralmente se copiou o outro motim do anno de 1661, sem a menor differença : e obrigado em fim a real clemencia do mesmo senhor, ao extremo desprazer de castigar os habitantes daquella cidade, posto que com brandura maior da que podia permittir-lhe a indispensavel necessidade, de não deixar sem castigo, um tão pernicioso exemplo, e de dar ao escandalo de seus fieis vassallos, a satisfação que da sua natureza requeria um insulto tão desusado entre elles.

Por outra parte, não havendo cousa que bastasse para desenganar, e conter o temerario orgulho dos referidos padres, quando devião naturalmente contristar-se, e encher-se de confusão, e arrependimento ao tempo em que virão aquella desgraçada cidade opprimida de tropas, e os seus habitantes gemendo nos ferros, e grillhões, que lhes havia forjado a malicia com que elles religiosos, por tantos modos haviam concorrido para aquella necessaria calamidade, o fizeram tanto pelo contrario, como foi constante por factos innegaveis.

Nestas escabrosissimas, e urgentissimas circumstancias, tomou el-rei nosso senhor a necessaria resolução de mandar sabir do paço os confessores, para tambem desarmar os ditos religiosos da força que lhes davão os confessionarios de Suas Magestades, e da real familia, para atropellarem os ministros, e os cidadãos, com o medo que lhes fazia o grande poder, e o apparatuso valimento, que ostentavão aos olhos do mundo, e os perniciosos effeitos de se não executar por muitos annos alguma ordem regia, de que aos mesmos religiosos se podesse seguir o menor desprazer.

E o que deste procedimento resultou, sendo tão moderado a respeito dos motivos que o fizeram necessario foi, tornarem os mesmos religiosos a machucar novas imposturas, e a adiffundir, e divulgar novas suggestões tão falsas como forão, que os seus procedimentos no Maranhão, e Uru-

*guay, tinham sido justos e regulados, que elles religiosos erão perseguidos, por sustentarem neste reino a fé, querendo-se nelle abolir o ministerio do santo officio (do qual todo o mundo sabe, que os ditos padres é que são os mais declarados inimigos, com o mesmo motivo de não poderem governar aquelle tribunal) que el-rei nosso senhor queria estabelecer em Portugal, a liberdade de consciencia, que se intentava casar a princeza nossa senhora, com um principe de outra profissão, que o motim do Porto fóra justo, e fóra uma cousa insignificante, em que só entrarão mulheres, e rapazes: que enfim fóra injusto o castigo que se deu áquelles suble-
vados etc.*

Vendo pois Sua Magestade, que todos estes novos motivos acrescião para fazer indispensavel a necessidade de desabusar os seus vassallos de tão perniciosas, e sacrilegas calumnias, pelo adequado meio de desmascarar os referidos religiosos, fazendo conhecer ao publico aquella parte das justissimas causas do seu procedimento, que a decencia podia permittir, que sahisse a ver a luz do mundo: mandou estampar, e divulgar os dous papeis, de que V. S. receberá alguns exemplares, para a sua cabal instrucção.

Um dos ditos papeis contém um simples extracto das cartas de Gomes Freire de Andrade, Francisco Xavier de Mendonça, e do bispo do Pará, tirado com grande concisão, e com igual modestia, dos originaes autenticos, que se achão nesta secretaria de Estado: que só contém os factos publicos e notorios, que tem sido, e são presentes a todos os moradores do Brasil, e a todos os deste reino, que tem correspondencias naquelle Estado.

O outro papel contém a copia da sentença original, que se proferio na alcaida do Porto, sobre um processo de quatro mil folhas de papel; no qual faria uma grande e enorme figura, o governo dos ditos religiosos neste reino, se a summa piedade de Sua Magestade, não houvesse desde o principio mandado separar o que fosse pertencente aos ecclesiasticos.

E' certo que os referidos dous papeis, e os incontestaveis factos, que nelles se referem, acabarão de fazer conhecer as caballas, e as malicias dos mesmos religiosos, a todo este reino, convencendo todas as imposturas que elles havião publicado: é porém igualmente certo, que depois que se desenganarão, de que lles não foi possivel illudirem Portugal, trabalharão agora mais anciosamente fóra delle, nos paizes estrangeiros, não só para diffundirem a peste das mesmas calumnias por elles machinadas, mas para negarem e desfigurarem temerariamente as sedicções, e os insultos que concitirão no Paraguay, e Maranhão: animando-se a negar o que é de notoriedade publica, e o que virão, e estão vendo tres exercitos, e todo o Brasil: o que é o mesmo que negar, que haja na Europa, as cidades de Lisboa, de Madrid, e de Londres, na presença das pessoas que nellas não estiverão até agora, e é o mesmo engano com que negarão, e conseguirão fazer incriveis na corte de Madrid, os insultos da mesma natureza com que opprimirão na Asia ao archebispo de Manilha D. Felipe Pardo, na America ao bispo de Paraguay, D. Bernardino de Cardenas,

e ao de la Puebla de los Angeles D. João de Palafoz e Mendonça : e fazer também igualmente incríveis na cõrte de Lisboa, as repetidas queixas dos povos, e dos prelados do Brasil, de sorte que umas dellas nunca poderão chegar á presença do Sr. rei D. João V, e as outras que lhe forão presentes, tendo baixado ha vinte annos com decretos para se consultarem, se achá-rão por fallimento daquelle monarchia, nos mesmos termos, em que tinham baixado, sem que ás suas reaes ordens se houvesse dado a menor execução

Tanto era nesta cõrte o poder dos referidos padres ! Tanto o que a sua influencia nos negocios excedia até o respeito de um tão grande rei ! E tanto o prejuizo que se seguiu ás duas monarchias, de se não haverem crido as representações daquelles veneraveis prelados, e as queixas daquelles opprimidos povos em tempo opportuno, antes que os ditos religiosos creassem na Asia, e na America, as forças que hoje tão temerariamente os animão.

Todas estas noções manda Sua Magestade participar á V. S., para que dellas faça um conveniente uso, em tempos e lugares opportunos, para desabular as pessoas a quem procurarem illudir com os seus enganos, os sobreditos religiosos.

Deos guarde a V. S. Salvaterra de Magos, 10 de Fevereiro de 1758—
D. Luiz da Cunha—Sr. Francisco de Almada de Mendonça.

Breve do 1º de Abril de 1758, pelo qual o santo padre Benedicto XIV, sobre as instancias de el-rei fidelissimo, contidas nas duas cartas acima indicadas, constituiu o eminentissimo e Revm. cardeal Saldanha, visitador e reformador geral da Companhia de Jesus, nestes reinos de Portugal e dos Algarves, e todos os seus dominios; e traducção do mesmo breve na lingua portugueza.

BENEDICTO PAPA XIV.

Amado filho nosso. Saude, e benção apostolica. Achando-nos constituidos por disposição divina, ainda que sem bastantes merecimentos, na eminencia da suprema dignidade ; entre a multidão de cuidados que na nossa avançada idade, e rendida saude nos opprimem ; entendemos que para cumprirmos com a obrigação do pastoral officio a nós encarregado, deviamos applicar um muito especial disvello, em dar taes providencias que, sendo auxiliadas pelo favor divino, possão perpetuar na tranquillidade da paz, e do socego, e na observancia da vida regular, e da disciplina ecclesiastica as provincias religiosas, e as pessoas que nellas vivem dedicadas ao serviço de Deos ; evitando pela applicação da nossa diligencia, e autoridade apostolica, tudo o que pôde obrar-se em contrario, segundo nos parecer que mais saudavelmente pôde convir em o Senhor ; depois de havermos bem considerado as qualidades das pessoas, a natureza dos negocios, e a oportunidade dos lugares. E como por parte do nosso carissimo em Christo filho José, rei fidelissimo de Portugal e dos Al-

garves nos foi representado, que na provincia ou provincias dos clérigos regulares da Companhia de Jesus, assim de Portugal e dos Algarves, como das Indias orientaes, e occidentaes, sujeitas ao mesmo rei, se tinham manifestado, e ião crescendo as grandes desordens, e abusos de que quasi todas as potencias e nações da Europa se achão informadas, pelo pequeno livro estampado que a nós, e aos nossos veneraveis irmãos cardeaes da santa igreja romana fôra offerecido : e que com estas cousas desejava muito o mesmo rei, que nós pela nossa benignidade, e providencia apostolica, nos dignassemos de fazer cessar promptissimamente os escandalos das referidas desordens, e abusos, para que não crescessem mais pelo tempo futuro : nós que com paternaes affectos, contemplámos a sobredita Companhia, julgamos que a respeito della nenhuma outra cousa seria neste negocio mais propria e decente, do que segundo o louvavel instituto e costume dos pontífices romanos nossos predecessores, deputarmos e nomearmos um dos cardeaes da mesma santa igreja romana, o qual sendo previa e plenissimamente instruido de todos, e cada um dos sobreditos factos, depois de os haver cuidadosamente considerado, nos referisse e declarasse o que a respeito delles achasse conveniente, para que nós, com madura ponderação determinassemos, o que opportuna e saudavelmente se houvesse de estabelecer. Pelo que de nosso motu proprio, certa sciencia, madura deliberação, e pleno poder apostolico, pelo teor das presentes letras, confiando muito em o Senhor, na vossa singular fidelidade, e prudencia, integreza, dextriedade, vigilancia, e zelo da religião, vos constituimos e deputamos visitador apostolico, e reformador dos ditos clérigos regulares da Companhia de Jesus existentes assim nos ditos reinos, como nos dominios e provincias das duas Indias, sujeitas ao sobredito rei : commettendo á vossa circumspecção todas as sobreditas provincias, para que com a assistencia de uma, ou mais pessoas, constituídas em dignidade ecclesiastica, ou sejam clérigos seculares, ou sejam religiosos de qualquer instituto, ou ordem approvada pela Sé apostolica, (que para o mesmo effeito serão por vós, e ao vosso arbitrio eleitas, com as qualidades de boa vida e instrução dos estatutos, e costumes regulares), visiteis e reformeis por uma vez, e por autoridade nossa a provincia, ou provincias da sobredita Companhia de Jesus, existentes nos reinos, dominios e regiões das sobreditas Indias sujeitas ao mesmo rei, com as igrejas, casas professas, e de noviciado, collegios, hospícios, missões, e quaesquer outros lugares, debaixo do qualquer nome que sejam conhecidos, com tanto que sejam dependentes da sobredita Companhia, e que a ella toquem : e isto ainda que sejam isentos, ou munidos com qualquer privilegio e indulto, como tambem os superiores, reitores, administradores, religiosos, e todas as mais pessoas existentes nos sobreditos lugares, de qualquer dignidade, superioridade, estado, e condição que sejam : inquirindo solicitamente delles, *tan in capite, quam in membris*, assim junta, como separadamente, sobre o estado das mesmas pessoas, e da sua vida, costumes, ritos, disciplina, e modo de viver ; e sobre a observancia das doutrinas evangelicas, e dos santos padres, concilios geraes, decretos dos sagrados canones, instituto regular

da dita companhia, e determinação das constituições apostolicas, principalmente da de Urbano VIII, de feliz recordação, nosso predecessor, expedida a 22 de Fevereiro de 1633, que principia: *ex debito pastoralis officii*, e das nossas letras expedidas em semelhante forma de breve, a 20 de Dezembro de 1741, principiando *immensa pastorum principis*: que assim como o pedirem a occasião, a qualidade dos negocios, e a necessidade da observancia das constituições da dita companhia, emendeis, renoveis e revogueis, conforme a prudencia de que o Senhor vos doutou, tudo o que achareis, que necessita de mudança, correccção, emenda, renovação, revogação, e inteiro estabelecimento: que de novo ordeneis o que julgareis justo, e confirmeis o que houverdes assim ordenado, sendo conforme aos sagrados canones, e decretos do concilio tridentino: removendo todos e quaesquer abusos, artas e estatutos, restituindo e reintegrando por modos legitimos, e conformes ás constituições da dita sociedade, a disciplina ecclesiastica e regular; e com preferencia o culto divino; a obediencia a esta santa sêde, e a observancia das sobreditas constituições apostolicas, no que achardes que forão excedidas. Se achardes que quaesquer dos sobreditos tem delinquido em alguma cousa, os cohibireis e castigareis conforme as disposições canônicas; e os reduzireis, não obstante a sua isenção ao devido e honesto modo de vida, e estado que são conformes aos sagrados canones, e disposições do concilio: fazendo observar tudo o que estabelecerdes e ordenardes ao dito respeito, sem dilação ou appellação, que de alguma sorte possam impedir a execução do que houverdes determinado. Julgando conforme a prudencia que o Senhor vos repartio, que é necessario remover quaesquer reitores, e prelados dos collegios e casas, ou quaesquer outros superiores, dos seus respectivos officios, os amovereis logo, e depois de amovidos, podereis mudar assim estes, como quaesquer outros religiosos da dita sociedade, de uns para outros conventos, e de uns para outros collegios; constrangendo e compellindo os desobedientes, e rebeldes com censuras e penas ecclesiasticas, suspensão *à divinis*, e todos os mais remedios de feito, e de direito, que vos parecerem opportunos: porque para todo o referido, e para o mais que for concernente à dita visita, e reforma, que necessario fôr, e de qualquer sorte se julgar opportuno para fazerdes, ordenardes e executardes, pela nossa dita autoridade o contendo nestas letras, vos damos e concedemos plena, livre e ampla faculdade e autoridade. No caso em que succeda achar-vos impedido por alguma legitima causa, para que por vós mesmo, não possais fazer a referida visita nos lugares de fóra da cidade de Lisboa, vos concedemos igual faculdade, para deputardes no vosso lugar quaesquer outras pessoas ecclesiasticas, que vos parecerem idoneas: subdelegando nellas os mesmos poderes em todo, ou em parte, e limitando-lhes ainda depois de concedidos, para que no vosso lugar fação a dita visita e reforma, assina nas provincias do reino, como nas do ultramar.

Se contudo achardes na referida visita, alguns factos mais graves, nol-os participareis breve e diligente, e particularmente em carta a nós dirigida e fechada, debaixo do vosso sello, informando-nos com toda a

abertura, de tudo o que julgardes conveniente, a respeito das materias do que nos dareis conta: porque á vista dos factos e das circumstancias do tempo, nos consultaremos, orando com as lagrimas nos olhos, e pedindo a Deos em altas vozes, que nos inspire, para que determinemos com madura deliberação, o que sobre isso havemos de ordenar. Portanto, mandámos a todos, e cada um dos superiores, prelados, religiosos, e quaesquer outras pessoas da provincia, ou provincias, casas, collegios, e quaesquer outros lugares pertencentes á sociedade de Jesus nos ditos reinos, domínios, e provincias, ainda das duas Indias sujeitas ao mesmo rei José, na sobredita fórma, que debaixo da pena de excommunhão *late sententiæ*, a nós, e aos romanos pontífices, nossos successores reservada, excepto no artigo da morte, de suspensão *á divinis*, da privação de seus officios, e das mais penas em que incorrêrão *ipso facto*, ao nosso arbitrio, que em tudo o referido, e em cada uma das cousas, que nestas letras se achão declaradas, obedeção promptamente, e se sujeitem não só as vossas ordens, mas igualmente ás das pessoas, que por vós forem deputadas na sobredita fórma: que recebam humildemente, e procurem executar com toda a efficacia, as saudaveis admoestações, e mandados que lhes forem expedidos por vós, e pelos sobreditos vossos subdelegados. E não o cumprindo assim, as sentenças e penas que por vós forem legitimamente proferidas, e estabelecidas contra os desobedientes, serão por nós rebatidas, e as faremos com o favor de Deos, observar inviolavelmente até que tenham satisfação condigna.

E determinámos que as presentes letras sejam para sempre validas, firmes, e efficazes, para surtirem os seus plenarios e inteiros effeitos, e para suffragarem plenissimamente a vossa jurisdicção, e de todas as pessoas, que por virtude dellas deputardes, e constituirdes, e para serem inviolavelmente observadas por todos aquelles a quem pertencer: julgando-se e definindo-se assim na sobredita fórma por quaesquer juizes ordinarios, e delegados, ou ainda auditores do sacro palacio, e nuncios da séde apostolica, aos quaes todos, e a cada um delles tirámos toda a faculdade, e autoridade de julgar, e interpretar de outro modo: ficando aliás nullo, e de nenhum effeito, tudo o que contra o referido se attentar por qualquer delles, sciante ou ignorantemente: e tudo não obstante quaesquer constituições e disposições apostolicas, concilios universaes, provinciaes, synodaes, geraes ou especiaes, e estatutos da sobredita Companhia, e das casas, collegios, e outros lugares regulares della, ainda firmados com juramento, confirmação apostolica, ou qualquer outra firmeza, costumes, privilegios, indultos, e letras apostolicas, por qualquer modo concedidas, confirmadas e innovadas a favor dos sobreditos superiores, e pessoas referidas, debaixo de quenesquer teores, e fórmas, e com quaesquer clausulas, ainda derogatorias de derogatorias, e outras mais efficazes, e efficacissimas, insolitas, e irritantes, e outros decretos geraes, ou especiaes ainda de motu proprio, ou consistorialmente, que sejam em contrario do referido, ainda que de todos, e cada um delles para sua sufficiente derogação, se haja de fazer especial, especifica, expressa e individua menção de todos seus teores, e não

por clausulas geraes, que importem o mesmo, ou outra qualquer expressão, ou alguma outra exquisita fórma que para isto se haja de guardar, havendo os mesmos teores por expressos, plena e sufficientemente, e por *insertos de verbo adverbum* nas presentes letras : porque ficando elles aliás em seu vigor, os derogámos especial, e expressamente por esta vez sómente, para o effeito da execução de todo o referido, sem embargo de tudo que houver em contrario. Dado em Roma, em Santa Maria Maior, debaixo do anel do pescador, a 1 de Abril de 1758, e 18º de nesso pontificado.—*D. cardinal Passionci.*

Mandamento do mesmo eminentissimo e Reem. cardinal, visitador e reformador geral, expedido em 15 de Maio do mesmo anno de 1758, para suspender o escandaloso commercio, que o governo dos sobreditos regulares da Companhia denominada de Jesus, estão publicamente fazendo nos referidos reinos, e seus dominios.

Nós D. Francisco cardinal Saldanha, visitador e reformador geral apostolico da religião da companhia de Jesus, nestes reinos de Portugal, dos Algarves, e seus dominios, etc. etc. etc. A todos os que a presente virem, ou della tiverem noticia, saude, e paz em Jesus Christo Nosso Senhor. Desde a fundação da igreja catholica, foi prohibido a todas as pessoas dedicadas ao sacerdocio, macularem o seu santo ministerio com a ingerencia nos negocios seculares. Assim o estabeleceu o mesmo Redemptor do genero humano pelo seu Evangelho, assim o annunciou aos ecclesiasticos pelo apostolo das gentes : e assim foi por isso declarado no primeiro concilio da igreja, em quanto ordenou que fossem privados das suas respectivas dignidades, e exercicios, os bispos, os presbiteros, e os diaconos, que se implicassem nos negocios profanos : fundando-se em todas estas disposições de direito divino, a prohibição positiva de direito canonico, e as penas por elle fulminadas, contra os transgressores daquellas leis santissimas.

Sendo ellas tão urgentes para os ecclesiasticos se absterem dos ministerios seculares, ainda que sejam tão decentes, como são os de procuradores das villas, e cidades ; são muito mais austeras para se apartarem os que se dedicarão a Deos, da sordida cubica das negociações mercantis, tão estranhas da igreja, e do seu santo ministerio, como o mesmo sagrado Redemptor nos advertio, lançando fóra do templo, os numularios, e negociantes que achou nelle vendendo e comprando ; arrojando-lhes por terra as mesas e cadeiras em que se assentavão, e o dinheiro com que fazião o commercio, e passando até a flagelal-os e reprehende-los com a severissima increpação, de que fazião a casa de seu Eterno Pai, contadoria de negocio, e espelunca de ladrões a casa de Deos, destinada para a oração.

Por isso clamarão os sagrados canones, desde a primitiva igreja, contra o abuso daquelles ecclesiasticos, que sem pejo da lição evangelica, e sem temor de Deos, solicitávão estes indecorosos interesses mercantis, cuja reprovada torpeza, consiste na disposição das mesmas leis sagradas,

em comprarem em um tempo por menos, para vender por mais em outro tempo, mandando as mesmas constituições canonicas fugir, como de peste, do ecclesiastico negociante, que de pobre se fez rico, e de humilde, arrogante, por tão illicito meio ; e fulminando o rigor das censuras ecclesiasticas contra os clerigos, e religiosos que forem negociantes, ou rendeiros.

Proibição, que sendo commun a todos os ecclesiasticos, adstringe muito mais apertadamente aos religiosos que são missionarios, e que como taes missionarios, devem ter por unico patrimonio a pobreza apostolica, e por unico objecto, o fervoroso zelo de alumiar com a luz do Evangelho aquelles, que descancão na sombra da morte, habitando nas trevas da ignorancia do verdadeiro Deos, e esperarem da infinita Providencia, que mediante a caridade dos fieis, lhes não falem os necessarios meios para se alimentarem, e vestirem.

Com todos estes justissimos, e urgentissimos motivos, se não pôde pois dispensar o apostolico zelo do santissimo padre Urbano VIII, de cohibir os religiosos das missões ultramarinas, que já no tempo do seu feliz pontificado, havião dado nesta escrupulosissima materia, o escandalo que o mesmo santissimo padre procurou efficazmente obviar, pela builla expedida a 22 de Fevereiro de 1633, que principia : *ex debito pastoralis officii*. Ordenando nella, *ibi* « que por quanto, pelos sagrados canones, decretos dos concilios, e constituições apostolicas, se prohibe apertadamente assim a todos os religiosos, como aos mais ecclesiasticos, principalmente de ordens sacras, a ingerencia nos negocios seculares, e nas negociações mercantis : e é muito indecoroso, indecente, e prejudicial, que as pessoas dedicadas ao culto divino, especialmente aquellas que são destinadas para a prégação do sacrosanto Evangelho, se applicuem ás ditas negociações mercantis, e se intromettão nestes negocios : nós insistindo nas disposições dos ditos canones, decretos, e constituições pontificias, prohibimos por autoridade apostolica, e pelo teor das presentes letras, a todos os religiosos de qualquer ordem, e instituto que sejam, assim dos mendicantes como dos não mendicantes, e tambem da Companhia de Jesus, e a cada um delles em particular, assim aos que assistem nos ditos lugares (isto é no Japão, China, e Ilhas adjacentes, e nas regiões, provincias, e reinos da India oriental) como aos que pelo tempo adiante, assistirem naquellas regiões, todo o exercicio e negocio mercantil, de qualquer modo, que por elles succeda fazer-se ou por si, ou por outrem, ou debaixo do nome de cada um dos ditos religiosos em particular, ou da sua communidade em geral, directa, ou indirectamente, e debaixo de qualquer outra causa, côr, ou pretexto : e isto com as penas de excommunição, *late sententiæ*, em que incorrerão pelo mesmo facto, de privação de voz activa, e passiva, de todos e quaesquer officios, grãos, e dignidades que tiver, e de que cumulativamente percão as mercadorias, e os lucros que houverem feito, os quaes serão inteiramente destinados pelos superiores das religiões onde se acharem os taes delinquentes, para o uso das missões, que tem, ou tiverem para o futuro, as sobreditas religiões nas Indias orientaes, e se não poderão converter para outros usos, ou para diferentes ministerios.

E mandamos apertadamente aos referidos superiores,debaixo das mesmas penas, que vigiem sobre esta materia, e procedão contra os transgressores, com todo o rigor das penas acima comminadas ; sem que contudo fique livre aos ditos superiores, a faculdade para perdoarem, ou darem alguma parte destas mercadorias, ou lucros, por minima que seja, aos referidos transgressores. E havendo (o que Deos não permitta) algumas controversias entre os religiosos das ditas provincias, e regiões orientaes, os bispos dos lugares, como delegados da séde apostolica as decidão, e determinem, como lhes parecer justo etc. »

E porque muitos dos sobreditos religiosos, e outras pessoas ecclesiasticas, esquecidas das suas obrigações, e da obediencia que devião ás constituições apostolicas, continuarão ainda em fazer negociações, e tratos mercantis, debaixo de varias côres, pretextos, e subterfugios, com deploravel damno das suas almas, pernicioso exemplo, e geral escandalo dos fieis ; occorren a estas lamentaveis transgressões, o summo pontifice Clemente IX, pela outra bula expedida a 17 de Junho de 1669, que principia *solicitando pastoralis officii*, excitando, confirmando, e ampliando nella a outra bulla acima transcripta nestas formaes palavras : « Portanto de nosso motu proprio, certa sciencia, madura deliberação, e pleno poder apostolico, pelo teor das presentes prohibimos, e defendemos muito apertadamente a todas, e a cada uma das pessoas ecclesiasticas, assim clérigos seculares, como regulares, de qualquer estado, gráo, condição, e qualidade ; e de qualquer ordem, congregação, e instituto, assim de mendicantes, e não mendicantes, como da sociedade de Jesus, e a cada um delles, que pelo tempo adiante forem mandados ás ilhas, provincias, e reinos das Indias orientaes, e principalmente aos que forem para a provincia da Companhia de Jesus, chamada do Japão, e para as partes assim meridionaes, como septentrionaes da America ; ou sejam dirigidos pela séde apostolica, ou pela congregação dos nossos veneraveis irmãos cardeaes da santa igreja Romana, propostos para os negocios da propagação da fé, ou pelos seus respectivos superiores, debaixo do nome de missionarios, ou de outro qualquer titulo, ou que naquellas partes assistirem, de qualquer maneira que seja : que debaixo da pena de excommunição *latæ sententiæ*, de privação não só de voz activa, e passiva, mas de qualquer officios, dignidades, e grãos, que tenham ; de inhabilidade para serem promovidos a outros ; de perdimento das mercadorias que lhes forem achadas ; dos lucros que nellas houverem feito, e das mais penas que reservámos ao nosso arbitrio, ao dos romanos Pontifices nossos successores, e ao da sobredita congregação de *propaganda fide*, de nenhum modo fação commercios, e negociações seculares, e mercantis, debaixo de qualquer pretexto, titulo, côr, intelligencia, causa, occasião, e modo, nem ainda por uma vez sómente, ou seja por si, ou pelos seus constituidos, ou por outras pessoas, que para isso lhes dêem auxilio : e que directamente, ou indirectamente, por qualquer modo, e maneira que seja, possam ingerirse, ou misturar-se nas sobreditas negociações, e commercios, assim no seu proprio nome, como no das suas respectivas religiões, ou congrega-

ções, ainda que seja a da Companhia de Jesus. Succedendo porém pelo contrario : de agora para então applicámos pelas presentes letras, todas as mercadorias, e os lucros provenientes das negociações que com ellas se houverem feito, e fizerem, ao uso, e beneficio dos pobres das enfermarias dos hospitaes, dos seminarios ecclesiasticos, e das missões, excluindo-se deste uso, e beneficio aquellas religiões, congregações, e sociedades, ainda que seja a de Jesus; e as outras de qualquer instituto, cujos religiosos houverem delinquido contra a dita prohibição, para se converter tudo em beneficio das outras comunidades a esta constituição obedientes : sendo as ditas mercadorias, e os lucros dellas consignadas aos respectivos ordinarios, ou aos seus vigarios geraes, e provisoros, ou aos vigarios, e pro-vigarios apostolicos ; aos quaes todos gravámos muito apertadamente as suas consciencias, para que distribua as referidas mercadorias, e os lucros dellas, nos sobreditos usos, e não em outras diversas applicações. E sendo nós informados, de que aquelles religiosos que têm delinquido contra as referidas prohibições, se atreverão a desculpar-se com o pretexto da necessidade das suas missões : determinámos, e declaramos, que esta escusa não possa de algum modo releva-los em geral, ou em particular. Nas mesmas censuras, e penas, declaramos também incursos, e mandámos que fiquem incorrendo todos os prelados locais, provinciaes, e geraes das referidas ordens, congregações, e sociedades, ainda a de Jesus, que não cohibirem, e castigarem os seus respectivos subditos transgressores desta constituição, ainda que contra ella hajão delinquido por uma unica vez sómente ; e que das sentenças de excommunição proferidas neste caso, não possa algum dos ditos transgressores ser absoluto, senão no artigo da morte, restituindo primeiro as ditas condemnações pecuniarias, etc. E prohibimos, que contra estas letras se possa julgar, ou attentar por quaesquer juizes, ordinarios, delegados, auditores do sacro palacio, clérigos da camara apostolica, thesoureiros geraes, commissarios, e quaesquer outros officiaes, e ministros, posto que seja o mesmo cardinal Camerlengo, ou o seu vigario, legados *à latere*, nuncios apostolicos, e quaesquer outros de qualquer preeminencia, e autoridade : porque a todos havemos por suspensa a jurisdicção, para em qualquer causa, ou instancia, julgarem o contrario do contido nesta : tirando-lhes também toda a faculdade de a interpretar, e ficando irrito, e nullo, tudo o que por qualquer modo, ou maneira que seja, succeder attentar-se contra as presentes letras etc.»

Ainda estas amplissimas, e urgentissimas prohibições, não bastarão, para que ao solio do santissimo padre Benedicto XIV. nosso senhor, ora presidente na universal igreja de Deos, não chegassem as clamorosas queixas que derão justissimos motivos á outra bulla, expedida pelo mesmo santissimo padre, no dia 23 de Fevereiro de 1741, dizendo nella thi : « De nosso motu proprio, certa sciencia, madura deliberação, e pleno poder apostolico, renovámos, approvámos, e confirmámos todas, e cada uma das constituições decretadas pelos romanos pontifices, nossos predecessores, contra os respectivos ecclesiasticos illicitos negociantes, com

todas, e cada uma das penas contra elles estabelecidas : havendo cada uma das ditas constituições, por insertas nestas presentes letras de *verbo ad verbum*, sem omissão de alguma das suas clausulas ; ajuntando a todas, e a cada uma dellas, esta nova força da nossa corroboração apostolica para a sua inviolavel observancia : estendendo as mesmas constituições assim approvadas, confirmadas, renovadas, e corroboradas, com todas, e cada uma das penas nellas contidas ; a todos os ecclesiasticos illicitos negociantes, e aos que illicitamente negociarem, debaixo do nome de alguma pessoa leiga : da mesma sorte que se os ditos ecclesiasticos exercitassem no seu proprio nome as ditas negociações illicitas etc. Pelas mesmas presentes letras, para sempre firmes, e valiosas, ordenámos, e declarámos igualmente do mesmo motu proprio, e pleno poder, acima referidos, que se alguma negociação illicita ás pessoas ecclesiasticas, posto que não seja por ellas instituidas, mas sim principiada por pessoa leiga, se lhes devolver, ou por direito de herança, ou por qualquer outro titulo, ou seja á sua propria pessoa, ou á sua communidade, e ou lhes aconteça precipua, ou indistinctamente commixta com outros bens, ou com outros coherdeiros, ou socios seculares, e a dita negociação haja de ser proseguida, ou pelos mesmos ecclesiasticos, no seu proprio nome, ou por outras pessoas que tenham os seus poderes, ou ainda nos nomes dos seus coherdeiros, ou socios : seja obrigado o ecclesiastico que se achar nestes casos, a apartar-se da referida negociação immediatamente etc. »

Havendo sido tão manifesto, e pungente, o escandalo que tem dado nestes reinos, e seus dominios, os ecclesiasticos illicitos negociantes, que até a mesma lei patria em auxilio, e socorro dos sagrados canones, e constituições apostolicas, deu a providencia de mandar sequestrar pelos magistrados seculares, as mercadorias com que negociassem semelhantes pessoas, addidas á igreja, para serem remettidas aos seus juizes ordinarios com os autos, que dellas se fizessem.

E porquanto fomos com certeza informados, não sem gravissima dôr do nosso coração, de que nos collegios, noviciados, casas, residencias, e outros lugares das provincias, e vice-provincias da religião da Companhia de Jesus, nestes reinos e seus dominios, a nós commettidas para as reformarmos, e reduzirmos á devida observancia das suas obrigações, em tudo o que couber nas nossas debeis forças : se achão ainda alguns religiosos tão esquecidos das sobreditas disposições divinas, e constituições apostolicas, e tão obstinadamente endurecidos na transgressão dellas, que sem temor de Deos, e sem pejo do mundo, em grave prejuizo de suas almas, e com geral escandalo dos fieis, uns imitando os numularios, e negociantes que Christo Senhor Nosso lançou fóra do templo, reprehendidos, e flagellados, estão dentro nas proprias casas das suas habitações religiosas, e como taes dedicadas a Deos, não só aceitando e expedindo letras de dinheiro a cambio, como se pratica nos bancos, e casas de commercio, mas tambem vendendo mercadorias, transfretadas da Asia, da America, e Africa, para negociarem nellas ; como se os ditos collegios, casas, noviciados, residencias, e mais lugares, fossem armazens

de negocio, e as habitações delles, lojas de mercadores : outros, imitando tambem os negociantes ecclesiasticos, de quem ~~de~~ agrados canones, e os santos padres, mandão fugir como de peste, quando ~~passão~~ ^{passão} de pobres a fazerem-se ricos ; e de humildes, arrogantes com os cabedaes, que pelo commercio accumulão : se tem visto estabelecidos em armazens, situados nos lugares maritimos das cidades destes reinos, e seus dominios, onde a maior vizinhança dos portos faz mais frequente o commercio : vendendo nos mesmos armazens, generos e fazendas ao povo, como quaesquer dos mercadores publicos, habitantes nos referidos lugares : e outros enfim (obrando sem exemplo) nos dominios ultramarinos destes reinos, chegam á mais deploravel corrupção, de mandarem buscar drogas ao sertão, para depois as fazerem vender, de mandarem salgar carnes e peixes, para o mesmo fim ; de mandarem tambem salgar e accumular couros para negociarem ; e até a terem dentro nas proprias casas das suas residencias, tendas de generos molhados, ou de fazendas comestiveis, açougues, e outras officinas sortidissimas, ainda a respeito dos mesmos seculares da classe dos plebeos.

Em consideração de tudo o referido, pela autoridade apostolica, a nós commettida ; unindo-nos ás ditas disposições divinas, e canonicas, e bullas pontificias, e muito especialmente á commissão que temos de Sua Santidade, mandámos em virtude da santa obediencia, e debaixo da comminação, de declarámos a excommunião maior *ipso facto*, e as mais que se achão expressas em todas e cada uma das bullas acima trasladadas, aos reverendos provinciaes, vice-provinciaes, prepositos, reitores, e mais prelados locaes, e seus respectivos subditos da dita religião da Companhia de Jesus nestes reinos, e seus dominios ; a todos os sobreditos em geral, e a cada um delles no seu particular, que na mesma hora, em que esta lres fôr apresentada, ou seja manuscrita ou impressa, indo por nós assignada, subscripta pelo nosso illustrissimo e Revm. secretario, e adjunto, e sellada com o sello grande das nossas armas ; lendo-a em plena communidade, convocada a som de campá, e fazendo-a registrar nos livros das respectivas casas onde fôr dirigida ; logo em seu cumprimento, fação cessar as sobreditas transgressões, e escandalos, com todas e todos os que forem a ellas e a elles semelhantes, sem que para as palliarem, negociando de qualquer modo que seja, se possam valer de qualquer pretexto, titulo, cõr, intelligencia, causa, occasião ou modo, nem ainda por uma vez sómente : e posto que alguns dos ditos pretextos sejam, ou o da necessidade das suas respectivas igrejas, ou o de negociarem por interpostas pessoas, ou o de interpretarem as referidas constituições apostolicas, em sentido diverso do que se contém na sua litteral disposição, ou o de que necessitam de tempo para concluir os negocios, em que se achão actualmte implicados : porque todos os referidos effugios, estão já reprovados pelas mesmas constituições apostolicas, acima indicadas, para sortirem o seu devido effeito, e se darem por nós á sua plenaria execução, pelo que pertence aos ditos reverendos prelados, e religiosos da Companhia de Jesus, nossos subditos.

Aos quaes declarámos pelas presentes letras, que todas e cada uma das sobreditas negociações, posto que sejam licitas aos seculares, são torpes e illicitas a respeito dos ecclesiasticos: porque a prohibição que estes tem para commerciar, comprehende todas as negociações, que não sejam a compra das cousas necessarias, e a venda das superfluas; estendendo-se ainda a dita prohibição até ás mesmas negociações, que provém das obras das proprias mãos, quando não são muito decentes aos religiosos, sendo ainda muito mais illicitas, e mais torpes as ditas negociações, a respeito dos religiosos missionarios, que como taes missionarios, são ligados pelas disposições divinas, e constituições apostolicas, com os mais fortes vinculos, que por isso adstringem tambem indispensavelmente a nossa consciencia, na commissão de que nos achámos encarregados para não permittirmos a menor relaxação aos ditos respeito.

Pelo que tudo mandámos outrossim em virtude de santa obediencia, e debaixo da mesma comminação, de declararmos todas, e cada uma das penas estabelecidas pelas mesmas constituições apostolicas acima subtauciasdas, que no termo peremptorio, e preciso dos primeiros tres dias, que continúa, e repartidamente se seguirem na fórma de direito canonico, á intimação que desta lhes fôr feita, fação, e venhão declarar perante nós, nesta cidade de Lisboa, e fóra della, perante os nossos competentes subdelegados, as negociações de cambios de dinheiro, de transfretamentos de mercadorias, ou sejam secas, das que servem ao uso, e ornato das pessoas, das mesas e das casas, ou sejam molhadas, das que servem para o alimento, e sustentação da vida humana, em que presentemente se achão interessados os cabedaes, effeitos, e mercadorias, que em razão das mesmas negociações tem actualmente em ser, e as accões que pelos titulos dellas pertencem á cada uma das respectivas casas religiosas, assim nestes reinos, e seus dominios, como fóra delles: exhibindo ao mesmo tempo na nossa presença, e na dos nossos ditos subdelegados, todos os livros, cadernos, e papeis, pertencentes ás mesmas negociações, que se acharem na jurisdicção, e no poder de todos, e cada um dos sobreditos prelados, e seus subditos, e a razão que houve para passarem para as mãos, onde se acharem aquelles, que não couber na possibilidade, que sejam exhibidos: para que plenamente instruidos de todo o referido, possámos dar sobre as ditas negociações, cabedaes e effeitos dellas provenientes, as providencias do serviço de Deos, que forem mais conformes ás determinações da santa séde apostolica, e ao bem espirital da reforma a nós commettida por Sua Santidade.

Dada na nossa residencia da Junqueira, aos 15 de Maio de 1758.

E eu Estevão Luiz de Magalhães, do conselho de Sua Magestade, secretario e adjunto desta reforma o fiz escrever, e subscrevi e assignei.

Francisco Cardeal Saldanha.

Edital que o eminentissimo e Rerm. cardeal Manoel, publicou a 7 de Junho do mesmo anno de 1758, para suspender os mesmos regulares dos exercicios de confessar, e prégar no seu patriarchado; como praticarão todos os outros prelados destes reinos.

Por justos motivos que nos são presentes, e muito do serviço de Deos, e do publico, havemos por suspensos do exercicio de confessar, e prégar em todo o nosso patriarchado aos padres da Companhia de Jesus, por ora em quanto não ordenámos o contrario. E para que chegue á noticia de todos, mandámos passar o presente edital, que será fixado nas partes publicas desta cidade, e patriarchado. Dado no palacio de nossa residencia, sob nosso signal, e spilo aos 7 de Junho de 1758.—*J. Cardeal Patriarcha de Lisboa.*

Memorial que foi apresentado em 31 de Julho do mesmo anno de 1758, ao Santo padre Clemente XIII, pelo geral da Companhia, para revogar o breve da reforma, e parecer ou voto, que sobre o mesmo memorial, se interpoz na congregação, que o mesmo santo padre convocou para se considerar o referido memorial.

O geral da Companhia de Jesus, prostrado aos pés de Vossa Santidade, representa mui humildemente a extrema dôr, e sentimento, que experimenta a sua religião, pelas vozes espalhadas em Portugal; pois attribuindo delictos gravissimos aos religiosos, que vivem nos dominios de Sua Magestade Fidelissima; se obteve um breve de Benedicto XIV, de santa memoria, pelo qual nomeou reformador, e visitador com amplissimas faculdades o Sr. cardeal Saldanha; o qual breve não só se publicou pela impressão em Portugal, mas tambem na Italia. Em virtude do mesmo breve, o eminentissimo visitador publicou um edicto, pelo qual declarava universalmente aquelles religiosos réos de negociação. Além disto o Sr. patriarcha, não obstante a constituição *superna etc.*, de Clemente X, que impede aos bispos a faculdade de prohibir a toda uma communidade religiosa, sem consulta da santa séde, a faculdade de confessar: suspendeu de prégar, e confessar, a todos os religiosos da Companhia existentes não só na cidade de Lisboa, mas em todo o patriarchado, não lhes intimando a elles mesmos a dita suspensão, mas fazendo affixar improvisamente o edicto nas igrejas de Lisboa; do quo tudo tem o geral em seu poder, autenticos documentos.

Os religiosos de Portugal soffrem estas execuções, que lhes são muito molestas, com a humildade, e submissão, que devem. Elles estão bem persuadidos da recta intenção de Sua Magestade Fidelissima, de seus ministros, e daquelles eminentissimos cardeaes: mas contudo isto temem; que estes estejam artificiosamente preoccupados por pessoas malevolas; porque se não persuadem que sejam réos de tão atrozes delictos, especialmente não tendo sido reconvindos em juizo, nem tido lugar de produzirem as suas defezas e desculpas.

E quando finalmente sejam réos dos suppostos atrozes delictos, esperão que um crime tão grave não seja commum a todos, nem á maior parte, ainda que todos se vejam comprehendidos em uma mesma pena. E ultimamente quando fossem culpados, desde o primeiro até o ultimo, todos os religiosos assistentes nos estados de Sua Magestade Fidelissima, (o que se não póde suppor) supplicão serem attendidos benignamente, com especialidade aquelles, que em todas as outras partes do mundo empenhão suas fadigas, conforme a sua tenue possibilidade, em promover a honra de Deos, e a salvação dos proximos.

A toda a religião se estende o discredito, e o damno : ella aborrece os delictos que se attribuem aos padres de Portugal, e singularmente tudo aquillo que possa offender os superiores, tanto ecclesiasticos, como seculares ; e assim deseja e procura quanto lhe é possivel, ver-se livre daquellas faltas a que está sujeita a condição humana, e especialmente a multidão.

Certamente os superiores da religião, como consta dos registros das cartas escriptas, e recebidas, sempre tem insistido sobre a mais exacta, e regular observancia, assim de todas as outras provincias, como da de Portugal : e havendo tido noticia de outros defeitos, não tem chegado a saber os delictos que se imputão áquelles religiosos : e assim não tem sido previamente admoestados, e requeridos, para que lhe puzessem remedio.

E depois que tiverão noticia de que aquelles padres tinham incorrido em offensa de Sua Magestade Fidelissima, tem experimentado uma extrema dôr, tem supplicado se lhe dê uma noticia particular, assim dos delictos, como dos réos, offerecendo a Sua Magestade, que darião a estes as penas merecidas, e que tambem enviarião ainda que fosse de paizes estrangeiros, as mais aptas e acreditadas pessoas da religião por visitantes, para tirarem os abusos que se tivessem introduzido. Porém as humil-des supplicas, e offerecimentos dos superiores, não tem sido dignos de serem attendidos.

De mais,acresce um grande temor de que esta visita, em vez de ser util para a reforma, occasiono disturbios inuteis, o que especialmente se teme nos paizes ultramarinos, para os quaes o eminentissimo Sr. Saldanha está obrigado, e tem faculdade de delegar. Tem-se tomado a confiança em tudo o que o dito eminentissimo obra por si ; mas parece que se póde com razão temer que nas delegações se encontrem pessoas pouco inteiradas dos institutos regulares,ou não bem intencionadas,das quaes se poderá occasionar um grande damno.

Portanto o geral da Companhia de Jesus por si, e em nome de toda a religião, com humil-des e efficazes supplicas,implora a autoridade de Vossa Santidade, afim de que se digne dar providencia com aquelles meios, que o seu alto entendimento lhe suggerir, para a indemnidade daquelles que estão innocentes, para que possam justificar suas acções, e para a justa e util emenda daquelles que forem réos, e principalmente para o credito de toda a religião, para que esta não fique inutil a promover o serviço de Deos, e a salvação das almas ; a servir a santa séde, e imitar o santo zelo

de Vossa Santidade, por quem assim o geral, como toda a religião pedi-
rão a Deos, o encha de todas as bênçãos celestiaes por uma larga serie de
annos, para adiantamento, e prosperidade da igreja universal.

*Parecer que deu a congregação, sobre o conteudo no memorial antece-
cedente, tendo-lhe sido remettido por Sua Santidade, para que o
examinasse.*

Para tratar com fundamento, o negocio respectivo aos padres Jesuitas
que vivem nos dominios de el-rei de Portugal, é necessario pôr em claro
a verdade do facto. Os Jesuitas forão accusados por muitos principios a
esta santa séde, pelas queixas de el-rei de Portugal. O papa Benedicto XIV,
admittio a denuncia, e não podendo por si mesmo entender nesta causa,
a commetteu ao eminentissimo cardeal Saldanha, pessoa douta, e maior
de toda a excepção, assim por sua dignidade, a mais proxima ao papa,
como pela maior facilidade para averiguar as materias, e informar-se
dellas, *pela sua imparcialidade, achando-se desapaixonado, e sem empe-
nho por alguma das partes*, como por ser este eminentissimo homem
summamente exacto, cheio de verdadeiro zelo ecclesiastico, de devida sub-
missão á cabeça da igreja catholica, como se lê no informe do Sr. nuncio.

O referido senhor cardeal, logo que recebeu o breve que o declarava
visitador da companhia de Jesus, elegeu por secretario da visita, ao mon-
senhor Magalhães, um dos prelados daquella igreja patriarchal, pessoa de
credito, e litteratura, legista, e canonista, como escreve o mesmo Sr.
nuncio.

Foi intimado o breve juridicamente aos padres Jesuitas, e se formou
auto desta intimação. O provincial, e se crê tambem que o procurador
da India, passarão a ver o Sr. cardeal, e o reconhecerão por visitador.
Depois de algum tempo o Sr. cardeal publicou o edicto, em que declarou
os padres da companhia, réos de negociação, e mercancia, o que se indi-
vidua com toda a especificação.

Contra este edicto se dirige o memorial, que se deve examinar ao pre-
sente, e contém duas partes : uma de desculpa, e outra de supplica. As
desculpas se lhes deve dar aquella fé, e pezo que se dá a semelhantes me-
moriaes de réos, sabendo-se muito bem a grande difficuldade que padecem
os homens, em se confessarem delinquentes, e mais não se desculpando
no fôro da consciencia, principalmente quando as desculpas que se alle-
gão, são a um soberano, *que não tem formado processo, nem este se acha
em alguma cousa instruido*. Se um delinquente condemnado, no governo de
Roma, recorre ao papa, ainda que se trate de um delicto commettido á
sua vista, não obstante isso o remette ao seu juiz. E não se pôde, nem
se deve proceder de outro modo, sem se inverter o curso da justiça, e
desairar ao juiz, fazendo-o parecer ignorante, ou pouco fiel : o mesmo
pontualmente se deve dizer no presente caso, quando nelle se quizesse
metter a mão, antes de estar terminado o juizo, e dar ouvidos as desculpas
do memorial que se examina. E ainda urgo mais esta razão, porque no

citado memorial, não são réos os que fallão; senão os seus superiores que confessão que ignorão o facto:

Pôr as mãos ao presente tempo nesta visita (dado a penas o primeiro passo nella) seria uma grande injuria ao cardeal visitador, e se converteria em discredito, desdouro da santa séde, que lhe deu a faculdade executiva dos seus decretos, e isto *absque dilatione, quæ executionem quoquo modo impediat*. Se isto succedêra, não se acharia quem quizesse executar semelhantes commissões.

Vindo a segunda parte do memorial, que contém as supplicas, pede primeiro, que não sejam castigados os innocentes: o segundo, que se atenda a util, e justa emenda dos delinquentes: o terceiro, que se salve o credito de toda a religião. Aos dous primeiros pontos, isto é a impunidade dos innocentes, e a emenda dos culpados, está provido *ipso jure*, e com o juiz incorrupto, e illustrado, a quem esta causa se achia commettida. O que se podia duvidar é, se o juiz querendo observar o rigor das leis canonicas, e civis, as quaes se obriga, poderá contentar-se com a util emenda, sem ficar obrigado a proceder contra os delinquentes, applicando-lhes a util, justa, e devida pena? quanto ao terceiro ponto, de se attender pelo credito da companhia, isto ficará nas mãos dos ditos religiosos, especialmente dos prelados, os quaes se concortem com toda a sinceridade a esta reforma, recuperarão o credito que neste tempo tem perdido entre os judiciosos, como se observa de tantos centos de livros: porém se absolutamente o impedem, ou retardão, será possível enganar alguns poucos, porém não ao publico, e assim se desacreditará mais que nunca, a religião da companhia.

Pelo que respeita ao edicto que suspende a faculdade de prégar, e confessar aos Jesuitas, ignorando-se os motivos desta suspensão: pede toda a prudencia que se perguntem ao Sr. nuncio, e ao novo patriarcha, que averiguarão com novas diligencias a verdade, ou verosimilidade. E se entre tanto se quizer conjecturar a verdadeira causa, se poderá dizer que, havendo-se pelo decreto do cardeal visitador, publicado autenticamente o universal, e certo commercio que exercitavão aquelles padres, com o que manifestavão não fazer caso dos preceitos divinos, nem das doutrinas dos santos padres, dos canones, concilios, nem bullas pontificas: julgaria o Sr. patriarcha, não poder fiar as almas dos fieis, de quem *non consulebat animæ suæ*, e de quem se podia dizer: *medice cura te ipsum*.

Finalmente o parecer mais sã seria, remetter esta causa, e os supplicantes com o seu memorial ao cardeal visitador, para não inverter o curso da justiça: e não desairar um cardeal tão digno, depois do primeiro decreto. Além de que não ha fundamento algum para dar um passo tão irregular, e tão pouco decoroso á santa séde.

Estes são os motivos de consciencia, conveniencia, e justiça, deixando os politicos que podião empenhar esta corte, com a de Portugal, a qual não se sabe, se pacificamente permittiria transportar-se para cá um juizo começado no seu reino com autoridade pontificia, e com accordo, e instancia sua.

Omitte-se a instancia, que o citado memorial faz para serem ouvidos; porque tendo o cardinal visitador procedido tão regularmente, *parece impossível se não tenham ouvido aquelles padres*: porém se querem dizer outra cousa, é preciso que a produzão para ante quem se ache informado com as noticias do facto.

Tambem é vão o temor, de que o cardinal visitador delegue em pessoas não bem intencionadas, ou ignorantes dos estatutos regulares: porque isso se chama pôr excepção ao juiz, e testemunhas antes de se saber quem elles sejam.

Edital regio, publicado no dia 13 de Dezembro do mesmo anno de 1758, em que forão presos os principaes réos do sacrilego insulto commettido em 3 de Setembro do mesmo anno, na sacra real pessoa de Sua Magestade Fidelissima, para se acabarem de descobrir os réos daquelle horroroso attentado, que ainda se achassem occultos.

Porquanto, sendo exemplarissima a religião, com que os vassallos da minha corôa, cultivando sempre como inviolaveis, e como sacrosantos, o respeito, o amor, e a fidelidade a seus reis, e naturaes senhores, fizerão com que os Portuguezes em todos os seculos se distinguissem, e assignalassen entre as mais nações da Europa no escrupuloso, e delicado desempenho destas impreteriveis obrigações: e porque não obstante me haverem dado os meus fieis vassallos, por uma experiencia successivamente continuada, desde os principios do meu governo até agora, as mais estimaveis, e concludentes provas do seu geral reconhecimento, aos muitos e grandes beneficios que têm recebido da minha paternal, e infatigavel providencia: houve ainda assim infelizmente, entre os naturaes destes reinos, alguns particulares, que barbaramente esquecidos daquelles antigos, e nunca excedidos exemplos, e daquelles honrosos e indispensaveis vinculos de gratidão, e de fidelidade, sem que reprimissem a sua atrocissima cubiça, nem a formosura daquellas bem cultivadas virtudes, nem a torpeza dos enormissimos delictos em que ião precipitar-se, nem o incomportavel peso da restituição, em que ficarião as suas depravadas consciencias, á utilidade publica destes reinos, e á honra commum de todos os vassallos delles, que não podia deixar de padecer a mais sensível quebra, enquanto delles se não separassem os réos de um tão horroroso attentado: se atrevêrão a machinar entre si, com diabolicos intentos uma conjuração tão sacrilega, e tão abominavel, que depois de haver procurado suggerir, e espalhar clandestina e maliciosamente (por modo que se fingia mysterioso, para com elle abusar da sinceridade das pessoas de animo mais pio, em quem podião fazer mais impressão aquellas suggestões) que a minha real vida não podia ser de grande duração, ousando até limitar o prazo della ao mez de Setembro proximo precedente. Depois de haver a mesma conjuração preparado os animos com aquellas malignas predições, passou á maior temeridade, de as verificar pelo horroroso insulto, com que no dia 3 do referido mez de Setembro proximo passado, pelas 11 horas da noite, ao tempo

fizerão summarios aos réos José Mascarenhas, que foi duque de Aveiro; D. Leonor de Tavora, que foi marquez de este titulo; Francisco de Assis de Tavora, que foi marquez do mesmo titulo, Luiz Bernardo de Tavora, que foi marquez do dito titulo, D. Jeronymo de Atayde, que foi conde de Atouguia; José Maria de Tavora, ajudante que foi das ordens do marquez seu pai; Braz José Romeiro, cabo de esquadra da companhia do réo Luiz Bernardo de Tavora; Antonio Alvares Ferreira; José Policarpio de Azevedo; Manoel Alvares Ferreira, guarda roupa do réo José Mascarenhas; e João Mignel, moço de acompanhar do mesmo réo José Mascarenhas; e mais depoimentos, e papeis juntos, allegações, artigos e defezas pelos mesmos réos offerecidas, etc., etc., etc.

E como plenamente se mostra provado pelas confissões da maior parte dos mesmos réos, e por muitas testemunhas de vista, e facto proprio, que com ellas concordão, que o réo José Mascarenhas havia concebido uma temeraria, sacrilega e implacavel ira, contra a augusta e sacratissima pessoa de el-rei nosso senhor, por haver Sua Magestade desarmado com as suas reaes providencias, e justissimas ordens, as machinações com que o mesmo réo tinha procurado artificiosa e temerariamente, não só arrogar-se no actual felicissimo governo destes reinos, toda a perniciosa influencia, que no mesmo governo havia tido nos ultimos annos do reinado proximo precedente, mediante a autoridade de seu tio Fr. Gaspar da Encarnação, e não só que se julgassem inherentes aos bens regios, e patrimonias da casa de Aveiro, as importantes commendas que tinham andado em vidas, nos administradores da mesma casa, e em que (por militarem nellas as mesmas regras dos beneficios ecclesiasticos) não podia o dito réo pretender algum direito, sem o fundar no titulo pessoal de que absolutamente carecia; mas tambem por lhe haver o dito senhor da mesma sorte impedido a celebração do matrimonio, que accelerada e cubitosamente havia ajustado entre seu filho, o marquez de Gouvêa, e D. Margarida de Lorena, irmã immediata do duque do Cadaval, D. Nuno Caetano de Mello, com o verosimil objecto de confundir pelo meio daquelle matrimonio, como accessorio da sua propria casa, a illustrissima casa do Cadaval, cujo actual administrador, menor, e sujeito ainda ao perigo das bexigas (tão funestas para a sua familia) além de se achar no estado do celibato, procurava elle réo embaraçar no mesmo tempo, que passasse ao estado do matrimonio, suscitando-lhe e fomentando-lhe pleitos, e execuções, que pozessem as rendas do mesmo duque menor, em um tal embaraço, que nellas não houvessem os meios necessarios para se fazerem as despesas do casamento, com que o mesmo duque do Cadaval devia procurar a continuação da sua illustrissima e dignissima casa.

Mostra-se mais, que o mesmo réo D. José Mascarenhas, sendo diabolicamente concitado por aquelles malignos espiritos de soberba, ambição, cubica, e ira implacavel contra a augustissima e beneficentissima pessoa de Sua Magestade, passou logo a abrir o caminho aos outros absurdos, em que depois se deslisou pelas diligencias de aliciar e attrahir a si todas as pessoas, que sabia que se achavão, ou justamente separadas do real

agrado do mesmo senhor, os iniquamente descontentes do felicissimo governo de Sua Magestade. Procurando alienar-as ainda mais com os perniciosissimos exemplos da sua sacrilega detracção, e do seu odio ao real serviço, fugindo infamemente delle: chegando a proferir a blasphemia, de que para elle réo, era o mesmo mandarem-no ir ao paço, do que cortarem-lhe as pernas: e chegando o seu temerario desaccordo a lisongear-se, e ouvir com approvação e consentimento, que já não tinha para onde subir, senão para o throno, sendo rei.

Mostra-se mais, que o sobredito réo proseguindo este infernal e execrando systema de odio e sedição infames; ao mesmo tempo em que entre elles e os religiosos Jesuitas, havia a implacavel aversão e declarada guerra, que por todo o tempo do ministerio do dito seu tio, Fr. Gaspar da Encarnação fez em toda esta còrte e reino, um tão geral e estrondoso escandalo, e em que depois do fallecimento do dito Fr. Gaspar, havia continuado notoriamente a mesma implacavel aversão entre elle réo, e os sobreditos religiosos Jesuitas: logo que estes forão despedidos dos confessionarios de Suas Magestades, e Altezas, e que geralmente lhes foi prohibido o ingresso no paço, com os justissimos e urgentissimos motivos das machinações que tinham feito, para alienarem da amizade e união de Sua Magestade, algumas còrtes estrangeiras; e das formaes rebelliões, e declaradas guerras, com que haviam inquietado o mesmo senhor no Uruguay, e no Maranhão; devendo o réo nestes termos, em razão do seu officio e vassallagem, fugir dos ditos religiosos da Companhia, como de homens empestados; o fez tanto pelo contrario, que artificioza e diligentemente, com uma reconciliação repentina, e incompativel com a sua inflexivel soberba, tratou de se unir e familiarisar com os mesmos religiosos: visitando-os em todas as suas casas com frequencia: recebendo-os da mesma sorte na sua propria casa: tendo com elles muito largas sessões: prevenindo os seus familiares domesticos para lhe darem recado, logo que chegassem os taes religiosos: e recommendando um inviolavel, cauteloso e insolito segredo, sobre as reciprocas visitas, que passavão entre elles, e os sobreditos religiosos Jesuitas.

Mostra-se mais, que os execrandos effeitos daquella reconciliação (tão incompativel com a soberba delle réo, como com a conhecida arrogancia, e vingativo espirito dos ditos religiosos) forão: um, o colligarem-se todos os sobreditos, e declararem-se por inimigos da angustissima pessoa de Sua Magestade, e do seu felicissimo e gloriosissimo governo: outro, passarem com aquella confederação até o horroroso excesso de se assentar entre todos elles de commum accordo nas conferencias, que com o mesmo réo se tiverão em Santo Antão, em S. Roque, e na sua propria casa, que o unico meio que havia para se effectuar a mudança do governo do reino, que fazia o commum, ambicioso e detestavel objecto dos mesmos confederados, era o de se machinar a morte de el-rei nosso senhor: continuando todos a tratar em causa commum sobre este sacrilego, e infame projecto: promettendo os mesmos religiosos, indemnidade ao dito réo na execução daquella infernal parricidio, com a reflexão de que tudo se havia de compor, logo que acabasse a preciosissima e gloriosissima vida de Sua

Magestade: opinando os mesmos religiosos, que não peccaria, nem levemente, quem fosse parricida do mesmo senhor: e sustentando-se todos estes machiavelicos, detestaveis, e ferozes enganos, *piarum aurium* offensivos nos repetidos conventiculos, que entre os ditos religiosos, e o mesmo réo, e outros seus socios no mesmo delicto, se tiverão sobre esta infame e abominavel conjuração.

Mostra-se mais, que proseguindo o réo, e os sobreditos religiosos, a mesma confederação detestavel, e infernal conjuração, e obrando todos de *communi accordo*; passárão a metter nellas a marquezia D. Leonor de Tavora, apezar de toda a natural e antiga aversão, que sempre tinha havido entre a dita marquezia, e o mesmo réo, assim pela opposição dos genios, como pela contrariedade dos interesses: pois que, não obstante que sempre houvera entre a dita marquezia, e o réo, uma declarada competencia, sobre qual se havia de exceder na ambição, e no orgulho; não obstante a pungentissima inveja, com que a mesma marquezia se affligia, de ver a casa do sobredito réo exaltada, sobre a de Tavora em honra, e fazenda: e não obstante haver o mesmo réo feito ainda muito mais picante aquelle odio, com o muito que forcejou, na ausencia do marquez Francisco de Assis de Tavora no Estado da India, para no tempo della o privar dos prazos de margaride, e bens livres da sua casa: apezar de tudo o referido, de tal sorte obrou por uma parte a malicia dos ditos religiosos Jesuitas, e pela outra a malicia do réo: que effectivamente conseguirão metter a dita marquezia na sua infame confederação.

Mostra-se mais, em confirmação do referido que entrando a dita marquezia na referida confederação; assim ella, como os ditos religiosos Jesuitas, tratárão de persuadir a todas as pessoas do seu conhecimento, o amizade, que Gabriel Malagrida, religioso da mesma filiação, era homem penitente, e santo; fazendo a dita marquezia, como fez, exercicios espirituaes, guiada pela direcção do dito religioso, mostrando que seguia inteiramente os seus dictames e conselhos, e causando com estas ostentações de crença do dito Gabriel Malagrida, e de sujeição ao seu espirito, damnos tão graves, e tão perniciosos como forão: 1º fazer esta ré, a sua casa uma quotidiana assembléa de improperios e calumnias, para concitar aversão, e odio contra a real pessoa de Sua Magestade, e seu felicissimo governo: 2º ser a conversação ordinaria da mesma casa, uma continua pratica de traições e machinações contra a real pessoa do mesmo senhor, assentando-se nellas em que seria muito util, que o mesmo senhor deixasse de viver; e fazendo-se sobre este abominavel principio na casa da mesma marquezia, muitos dos ajustes e confederações, para se commetter, e sustentar o saerilego insulto da noite de 3 de Setembro do anno proximo passado: 3º confederar-se a mesma marquezia por aquella conformidade de sentimentos detestaveis com o duque de Aveiro, achando-se com elle nos outros ajustes e machinações, que se fizerão em casa do mesmo duque, para se privar el-rei nosso senhor da sua preciosissima, e gloriosissima vida, afim de que assim cessasse o feliz governo do mesmo senhor: 4º confederar-se tambem a dita marquezia, além do referido Ga-

briel Malagrida, seu continuo e absoluto director, com os Jesuitas João de Mattos, João Alexandre, e outros: 5º constituir-se a mesma marquezia uma das tres principaes cabeças desta barbara e horrivel conjuração, para a propagar; procurando com a sua autoridade, e artificio, pelos meios acima declarados, e outros, metter na mesma conjuração, todas as pessoas, que lhe foi possivel illudir: 6º enfim, associar-se a mesma ré immediatamente, com os perfidos e sacrilegos executores do execrando insulto da noite de 3 de Setembro do anno proximo passado, contribuindo, com dezeseis moedas para parte do premio, que se deu aos infames e detestaveis monstros, que naquella infaustissima noite dispararão os sacrilegos tiros, que lizerão os enormissimos estragos, que todos deplorámos.

Mostra-se mais, que proseguindo a mesma marquezia aquelle abominavel plano, e tendo-se arrogado a diapotica direcção de todas as acções do marquez Francisco de Assis de Tavora, seu marido: de seus filhos, e filhas, genro, cunhados, e outras pessoas: abusando infamemente daquella autoridade com que a todos dirigia, para os perverter: foi a que arrebatada por um espirito de luciferina soberba de dominar, e da hydropica cubica de adquirir, associando-se a estes fins com o duque de Aveiro, e com os ditos religiosos Jesuitas, como fica mostrado, illaqueou impia, e deshumanamente na mesma confederação, e no horrivel insulto da noite de 3 de Setembro do anno proximo passado, os seus ditos marido, filhos, genro, cunhados, e amigos, como se verá logo, servindo-se para instrumento desta infernal obra, não só da opinião, que fingia ter da chamada santidade do sobredito Gabriel Malagrida, como tambem das cartas que elle frequentemente lhe escrevia, para persuadir a todos os seus parentes, a que fossem tomar exercicios a Setubal com elle Malagrida.

Mostra-se mais, que em consequencia daquelles diabolicos antecedentes o primeiro dos sequazes, que miseravelmente se precipitou na infamia da dita conjuração, foi o marquez Francisco de Assis de Tavora, sendo arrastado a cair no mesmo precipicio, pelas persuasões da dita marquezia sua mulher, do duque de Aveiro seu cunhado, e dos ditos religiosos jesuitas: de sorte que, chegou a fazer a sua casa uma infame officina de confederações, trações, e machinações, contra a alta reputação, e preciosissima vida de Sua Magestade, achando-se tambem com os mesmos abominaveis fins, nas perniciosas praticas, e confederações, que se tiveram e fizeram em casa do duque de Aveiro, para se mudar o governo do Sua Magestade, e se privar o mesmo senhor da sua preciosissima vida: de sorte que chegou a levar ao mesmo duque doze moedas, ou cinquenta e sete mil e seiscentos réis, que lhe couberão pela sua quota parte no vilissimo premio que se deu aos dous assassinos ao diante declarados, antes de commetterem o insulto de 3 de Setembro do anno proximo passado: de sorte que, logo ao tempo do mesmo insulto, pela publica voz, e fama, e pela opinião, e sciencia certa dos familiares de ambas as casas, e dos socios do sobredito insulto, foi reputado, e declarado o dito marquez Francisco de Assis por um dos co-réos daquelle execrando delicto: pro-

vando-se sobretudo especificamente, que para elle concorreu, e que nelle se achou em uma das emboscadas, que infamemente se armarão naquella funestissima noite de 3 de Setembro do anno proximo passado, para que se el-rei nosso senhor escapasse de umas, fosse cahir nas outras : de sorte que depois do referido delicto, na mesma noite delle foi visto, quando se recolhia das ditas emboscadas, na terra que fica por detraz do jardim do mesmo duque de Aveiro, praticando com os outros co-réos sobre o mesmo delicto, que todos acabavão de auxiliar : e de sorte que tambem se achou na junta dos parentes, ou antes conciliabulo, que na manhã proxima seguinte ao insulto de 3 de Setembro, se teve em casa do mesmo duque de Aveiro, increpando nelle uns aos assassinos, porque não havião executado o golpe com todo o seu perniciosissimo effeito, e jactando-se outros, de que o haverião assim executado, se el-rei nosso senhor houvesse passado pelas emboscadas, onde elles se achavão de mão posta para o esperarem.

Mostra-se mais, que o segundo dos sequazes, que a dita marquiza D. Leonor de Tavora, o duque de Aveiro, e os ditos religiosos com elles confederados, metterão na mesma infame conjuração, illudindo-o pelas opiniões dos ditos religiosos, pelo espirito de Gabriel Malagrida, e pelas calumnias contra a augustissima pessoa de Sua Magestade, e contra o felicissimo e gloriosissimo governo do mesmo senhor, foi o marquez Luiz Bernardo de Tavora : provando-se contra este réo, que concorria em casa do duque de Aveiro quasi todos os dias, ou era por elle visitado : que por isso se achou presente ás perniciosissimas praticas de calumnias sacrilegas, e de conjurações infames, que se tiverão em casa dos marquezes seus pais, e do duque de Aveiro : que com effeito entrou na sobredita confederação, offerecendo armas, e cavallos, para se commetter o sacrilego insulto : que dous dias antes de elle ser commettido, havia mandado com cautelosa prevenção, dous cavallos apparelhados, e cobertos com telizes para a cavallrice do duque de Aveiro : que depois de haver estado, contra o seu costume, na tarde do mesmo dia de 3 de Setembro proximo precedente ao mesmo insulto, de que se trata, recatado, e fechado com o marquez seu pai, com José Maria de Tavora seu irmão, e outros, tratando sobre o mesmo insulto, se achou com effeito nas emboscadas, que naquella funestissima noite de 3 de Setembro do anno proximo passado se armarão contra a augustissima, e preciosissima vida de Sua Magestade, para que se escapasse de umas, não pudesse deixar de perecer nas outras, que se achavão postadas entre as duas quintas : e que em fim na manhã proxima seguinte ao dito insulto da noite de 3 de Setembro proximo passado, se achou tambem na junta de parentes, ou antes conciliabulo, que se teve em casa dos duques de Aveiro, increpando nella alguns dos circumstantes aos assassinos, que dispararão os sacrilegos tiros, com o pretexto de não terem estes produzido todo o seu detestavel effeito : e lisonjeando-se outros, de que o mesmo abominavel delicto se teria consumado, se a carruagem de el-rei nosso senhor houvesse passado pelo lugar, onde a esperavão os que fazião esta barbara, e sacrilega jactancia.

Mostra-se mais, que o terceiro dos sequazes, que os mesmos tres sedi-

ciosos, e detestaveis chefes mettêrão nesta infame conjuração, e precipitarão neste sacrilego, e barbaro delicto, foi o conde de Atouguia D. Jeronymo de Atayde, genro dos sobreditos marquezes Francisco de Assis, e D. Leonor de Tavora : o qual se prova que quasi todas as noites concorria com a condessa sua mulher nas sediciosas, e abominaveis praticas, que se tinham em casa dos marquezes seus sogros : prova-se que nas mesmas praticas, foi pervertido pela dita sua sogra, até ao ponto de seguir em tudo, e por tudo os abominaveis dictames da dita marqueira sua sogra, e as detestaveis doutrinas dos religiosos Jesuitas, inspiradas por Gabriel Malagrida, João de Mattos, e João Alexandre : e de cobrar uma grande aversão á real pessoa, e ao feliz governo de el-rei nosso senhor : prova-se que por isso concorreu com oito moedas, para o indignissimo premio dos assassinos que dispararão os sacrilegos tiros, e que entrara com os Jesuitas Malagrida, João de Mattos, João Alexandre, nesta conjuração : provando-se finalmente, que este réo foi socio nas esperas que se fizeram a Sua Magestade, na mesma infaustissima noite de 3 de Setembro do anno proximo passado ; e que por isso a condessa sua mulher se achou na fátua, e desordenada junta, ou assembléa de parentes, que na manhã proxima seguinte ao insulto, se teve na fórma acima declarada nas casas do duque de Aveiro, sitas no lugar de Belem.

Mostra-se mais, que o quarto sequaz que os sobreditos tres chefes, ou cabeças, illaquearão nesta conjuração pelos modos, que ficão relatados, foi José Maria de Tavora, ajudante das ordens do marquez de Tavora seu pai : pois que se prova, que sendo este moço, e verde official, pervertido pela marqueira sua mãe, nas perniciosissimas praticas que em sua casa tinha, como fica mostrado, não só entrou na confederação dos outros socios deste horrivel delicto, dando-se por descontente, e aggravado do governo de Sua Magestade, mas tambem que se achou nas insidiosas, e sacrilegas emboscadas que na dita infaustissima noite de 3 de Setembro do anno proximo passado, se armarão contra a preciosissima vida do dito senhor : que da mesma sorte concorreu com os outros socios do delicto, no conciliabulo, que fizeram na mesma noite delle depois de commettido, quando se congregarão na terra que fica ao norte do jardim do duque de Aveiro, junto á pranchada que dá serventia ás suas obras : e que em fim se achou tambem no outro conciliabulo chamado junta, ou assembléa, que na manhã proxima seguinte ao insulto se teve nas casas do duque de Aveiro, sendo este réo o que alli (referindo-se ao facto milagroso de se ter salvado a preciosissima vida de Sua Magestade) proferio as barbaras, e ferozes palavras : *cá pelo homem não havia de escapar.*

Mostra-se mais, que o quinto sequaz que os sobreditos tres chefes, ou cabeças desta infame conjuração metterão nella, e no sacrilego insulto que della se seguiu, foi Braz José Romeiro : constando pela sua propria confissão, que desde o anno de 1749 vivera sempre com os marquezes de Tavora Francisco de Assis, e D. Leonor de Tavora, com os quaes foi naquelle anno para a India, e com os quaes voltou da mesma India : passando de casa destes para a de seu filho, o marquez Luiz Bernardo de

Tavora, e sendo cabo de esquadra da sua companhia, comprador da sua casa, e grande valido seu : por cujas qualidades se manifesta da sua mesma confissão, que o dito marquez Luiz Bernardo de Tavora, não só lhe havia confiado o que na tarde proxima precedente á noite do insulto havia passado com seu pai, e irmão, nos conventiculos que com elle fizeram, mas tambem que os ditos marquezes de Tavora pai, e filho o encarregarão, pedindo-lhe segredo de guiar os tres cavallos, que na noite do insulto mandarão apparellhar, armar, e dirigir ás terras onde foi commetido o mesmo insulto ; provando-se sobre todo o referido, que este réo com effeito se achou nas sacrilegas emboscadas, que na noite em que se commetteu aquelle execrando delicto, se armarão para esperarem a Sua Magestade, sendo em uma dellas o socio, que esteve na companhia do marquez Francisco de Assis de Tavora: e constando, que tambem se achou no conciliabulo que os socios das ditas emboscadas forão fazer depois que sahirão dellas, na terra que fica ao norte do jardim do duque de Aveiro.

Mostra-se mais, que o sexto, e sétimo sequazes que o chefe desta conjuração José Mascarenhas (antes duque de Aveiro) metteu nella, forão os réos Antonio Alvares Ferreira, guarda-roupa que tinha sido do mesmo José Mascarenhas, e José Policarpio de Azevedo, cunhado do mesmo Antonio Alvares. Provando-se plenamente que o dito José Mascarenhas, encarregou ao seu actual guarda-roupa Manoel Alvares, de mandar chamar o dito seu irmão Antonio Alvares : que este com effeito viera fallar ao dito José Mascarenhas : que o mesmo José Mascarenhas, fallando-lhe em uma barraca, que está por detraz do jardim das suas casas de Belem, lhe participára em grande segredo o mandato para esperar a carruagem que conduzia Sua Magestade da quinta do Meio, para a quinta de Cima, onde está o seu real palacio, e de atirar em companhia delle José Mascarenhas, com duas armas de fogo curtas, contra a dita carruagem : que mudando depois aquelle parecer, assentarão ambos, em que elle Antonio Alvares fallasse ao dito José Policarpio, que era seu cunhado, para que o associasse no execrando crime de que se trata : que com effeito assim succedêra de sorte, que ambos ficarão praticando com elle José Mascarenhas sobre as disposições, para se commetter o mesmo detestavel delicto : que com effeito forão ambos os ditos réos repetidas vezes a pé, e a cavallo em companhia delle José Mascarenhas, para lhes dar a conhecer a dita carruagem : que para o dito effeito lhes mandára comprar dous cavallos desconhecidos, como effectivamente comprou o réo Antonio Alvares, um delles a Luiz da Horta, morador no pateo do Soccorro, por quatro moedas, outro a um cigano chamado Manoel Scares, morador em Marvilla, por quatro moedas e meia : que tambem lhes mandára o dito José Mascarenhas comprar armas desconhecidas, as quaes o sobredito réo Antonio Alvares não comprára, servindo-se com o dito seu cunhado, de uma caravina sua, de outra emprestada, e de duas pistolas que pedira a um estrangeiro, debaixo do pretexto de as experimentar, morador em casa do conde de União, e que logo depois do insulto, lhas havia tornado a res-

tituir : que estas forão as armas que os ditos Antonio Alvares, e José Policarpio havião disparado contra a carruagem que conduzia Sua Magestade, na mesma funestissima noite de 3 de Setembro do anno proximo passado em que se commetteu o insulto : que o premio que por elle recebêrão estes dous ferocissimos réos do dito mandante José Mascarenhas, forão quarenta moedas ; desesseis por uma vez, quatro por outra, e vinte por outra : que logo que descarregarão as ditas armas sobre o espaldar da carruagem, que transportava o dito senhor, vierão elle Antonio Alvares, e o dito seu cunhado correndo pelas terras, até se metterem na calçada, que vai por fóra da quinta do Meio, da qual sahindo pela travessa do Guarda-mór da Saude, se retirarão logo para a cidade de Lisboa : e que enfim vindo o réo Antonio Alvares Ferreira dous dias depois a casa do sobredito réo mandante, por haver sido por elle chamado, o increpára muito, dizendo-lhe *que os tiros não havião prestado*, proferindo (com o dedo na boca, e muito desafogado) as palavras *calurda, que nem o diabo o pôde saber, se tu o não disseres*, e recommendando-lhe, *que não vendesse logo os cavalloos, por se não suspeitar*. De sorte, que estes horrorosissimos réos Antonio Alvares Ferreira, e seu cunhado José Policarpio de Azevedo, forão indubitavelmente os dous ferocissimos monstros que dispararão os tiros, de que a real pessoa de Sua Magestade recebeu os sacrilegos golpes que a honra, a fidelidade, e o amor filial dos vassallos destes reinos, deplorão com infinitas lagrimas.

Mostra-se mais, que o oitavo sequaz que o mesmo chefe José Mascarenhas metteu nesta conjuração, foi o réo Manoel Alvares Ferreira, o qual mandou chamar, e chamou repetidas vezes o sacrilego assassino Antonio Alvares Ferreira seu irmão : o qual ministrou ao mesmo José Mascarenhas os capotes, e cabelleiras, com que se disfarçou na noite do insulto : o qual guardou em profundo silencio até o tempo em que foi preso o claro conhecimento, que o dito seu irmão Antonio Alvares lhe havia dado tres ou quatro dias depois do insulto da noite de 3 de Setembro do anno proximo passado, do mandato que recebêra do dito José Mascarenhas, para o mesmo insulto, e da sacrilega execução que lhe havia dado : e o qual em fim foi o que na quinta de Azeitão commetteu a resistencia com que tirou a espada da cinta ao escrivão Luiz Antonio de Loiro, quando honrada, e resolutamente suspendeu o sobredito José Mascarenhas na fugida que intentou fazer.

Mostra-se mais, que o nono sequaz que os referidos chefes mettêrão nesta conjuração, foi João Miguel, creado de acompanhar, e grande confidente do sobredito réo José Mascarenhas, o qual constando pela nome de João, que na dita noite de 3 de Setembro do anno proximo passado, foi um dos socios do insulto de que se trata, veio depois a declarar seu mesmo amo, que este réo João Miguel, era o João, que com elle se achava associado debaixo do arco, donde o mesmo José Mascarenhas disparou o tiro, que errou fogo contra o boleeiro.

Mostra-se mais, que com todas as confederações, sociedades, e auxilios que ficão relatados, dispuzerão, e executarão os sobreditos tres chefes

ou cabeças desta conjuração, e seus socios acima declarados, o horrorosissimo insulto da referida noite de 3 de Setembro do anno proximo passado, com uma total premeditação, cruesa, e ferocidade, que sendo o mesmo insulto de incomparavel atrocidade, e escandalo, pela sua substancia, ainda se fez muito mais aggravante, e muito mais escandaloso, e pungente, pelo modo com que foi perpetrado na maneira seguinte :

Mostra-se mais, que depois de se haver estabelecido pelos dous chefes desta infame conjuração José Mascarenhas, e D. Leonor de Tavora, uma surdidissima collecta, em que contribuirão os outros socios acima declarados, para se prefazer a insignificante quantia de cento e noventa e dous mil reis, que se derão em premio aos dous barbaros e ferozes assassinos Antonio Alvares Ferreira, e José Policarpio : depois de haver o réo Luiz Bernardo de Tavora, mandado dous dias antes do insulto os dous cavallos preparados e armados, que para elle se commetter havia posto de prevenção na cavalharica do réo Francisco de Assis de Tavora, tambem mandado para a mesma cavalharica do réo, José Mascarenhas os outros tres cavallos, que para ella dirigirão na noite do insulto o cabo de esquadra Braz José Roneiro, e o boleiro Antonio José : depois de haver o mesmo José Mascarenhas mandado na mesma noite preparar tambem, e postar nas terras que ficam por de traz da barraca do seu secretario Antonio José de Mattos, os outros cavallos do seu proprio serviço, chamados *Serra*, e *Guarda mór*, com as duas facas chamadas *Pálhava* e *Coimbra* : depois que com os sobreditos nove cavallos, que com os dous dos infames, e ferozes executores, Antonio Alvares, e José Policarpio, prefizerão o numero de onze cavallos, e outros tantos socios do delicto, que a elle serão montados : se postarão todos divididos em diferentes partidas, ou emboscadas, no pequeno espaço da terra que medeia entre a extremidade septentrional das casas da quinta chamada *a do Meio*, e a outra extremidade meridional da quinta chamada *a de Cima*, por onde el-rei nosso senhor costuma recolher-se, quando sahe particularmente, como succedeo na noite do horrorosissimo insulto, de que se trata nestes autos, para que escapando das primeiras ditas esperas, perecesse nas outras que a ellas se seguião, a preciosissima vida de Sua Magestade.

Mostra-se mais, que havendo o mesmo senhor dobrado a esquina da dita extremidade septentrional das referidas casas da quinta do Meio, logo immediatamente sahira do arco, que no dito lugar se achava o sobredito chefe da conjuração José Mascarenhas ; o qual associado com o seu criado e confidente João Miguel, e o outro dos réos deste delicto, desfechou contra o cocheiro Custodio da Costa, que conduzia Sua Magestade, um tiro de baramarte, ou caravina, o qual errando fogo, e avisando o dito cocheiro, com a pancada que deu, e lume que ferio, o obrigou a que sem declarar a Sua Magestade, o que havia visto, e ouvido, apressasse os machos de tal sorte, que elle cocheiro pudesse escapar aos mais tiros, que temeu, por ter visto desfechar aquelle que errou fogo, com o intento de o matarem, sendo o erro deste tiro disparado contra o dito cocheiro, o primeiro milagre com que a Divina Omnipotencia soccorreo naquella funestissima

noite a todos estes reinos, com a preservação da preciosíssima vida de Sua Magestade, que seria impossível que podesse escapar, se havendo cabido morto o dito cocheiro, daquelle infame tiro, ficasse sacrificado o mesmo senhor nas mãos dos horribéis monstros, que se achavão armados, contra a sua augustíssima e preciosíssima vida, em tantas, e tão proximas emboscadas.

Mostra-se mais, que em razão dos accelerados passos, com que o sobre-dito cocheiro procurou salvar-se dos referidos tiros que vio contra si ameaçados, não puderão os dous ferocissimos executores, Antonio Alvares, e José Policarpio, que se achavão postados na espera, que proximalmente se seguia, junto ao boqueirão do muro novo, que alli se levantou ultimamente, descarregar com tanta facilidade como pretendião, os infames tiros sobre o espaldar da carruagem, que transportava o dito senhor, escolhendo o lugar para os dispararem. Pelo que seguindo a galope a dita carruagem, descarregarão como lhe foi possível, sobre o mesmo espaldar della, os dous sacrilegos e execrandos tiros, que depois de haverem feito na mesma carruagem, e nos vestidos que ornvão o mesmo senhor, todos os estragos e ruínas, que se manifestão dos mesmos autos do corpo de delicto, passarão a fazer na augustíssima, e sacratíssima pessoa de Sua Magestade, as gravíssimas e perigosíssima feridas e dilacerações, que desde o hombro e braço direito, até o cotovelo pela parte de fóra, e de dentro do mesmo braço fizerão, além das ditas feridas, e dilacerações, uma consideravel perda de substancia, com grandes cavidades, e diferentes golpes, dos quaes chegarão seis a offender o peito, sabindo de todos grande numero de grossa munição. O que bem manifestou por uma parte, a ferocidade com que a dita grossa munição se preferio ás balas, para assim se segurar com mais certeza, o funestissimo objecto daquelle barbaro, e sacrilego insulto. E pela outra parte, que este foi o segundo decisivo milagre, que a Divina Omnipotencia obrou naquella infaustíssima noite, em commum beneficio destes reinos, e todos os seus dominios; pois não cabe na ordem dos successos, nem se póde reduzir de nenhuma sorte, á eventualidade dos acasos, que no pequeno espaço de uma carruagem, entrassem duas cargas de grossa munição, disparadas por semelhantes armas, sem destruirem total, e absolutamente, as pessoas que fossem na dita carruagem. Vendo-se por isso com evidendia clara, que só a Mão Omnipotente, podia ter forças em tão funesto accidente, para desviar os mesmos sacrilegos tiros, de sorte que um só offendesse de raspão á parte exterior do dito hombro e braço; e que o outro passasse por entre o mesmo braço, e o lado direito do corpo, offendendo as exterioridades, sem que tocasse parte alguma que fosse principal.

Mostra-se mais, que a este segundo milagre, se accumulou outro terceiro, igual ou ainda maior: pois que, servindo-se Deos Nosso Senhor naquella tão critica conjunctura, do heroico valor, e da constantissima serenidade, que tão distinctamente brilhão, entre as regias e augustíssimas virtudes de Sua Magestade, para preservar em beneficio incomparavel nosso, a sua preciosíssima, e beneficentíssima vida; servindo-se, digno,

Deos Nosso Senhor destas reaes virtudes, como de instrumentos da sua Divina Omnipotencia, para nos manifestar os seus prodigios; não só padeceu Sua Magestade, na sua real pessoa, aquelles inopinados, e dolorosissimos estragos, sem proferir uma só palavra, que soasse a queixa; mas ponderando logo, naquelle funestissimo momento com illuminado, e constante accordo, que todos os passos que adiantasse para o seu real palacio, o porião em maior distancia do cirurgião-mór do reino, que vive na Junqueira, e que a grande perda do seu regio sangue, que estava fazendo, não podia dar-lhe tempo para as tres demoras, que faria em passar ao palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em se mandar d'elle á Junqueira, para se chamar o cirurgião-mór do reino, e em vir este da Junqueira ao dito palacio; tomou Sua Magestade a prodigiosa resolução de mandar logo retroceder a carruagem, para passar immediatamente do lugar em que se achava, á casa do dito cirurgião-mor do reino: onde não permitindo, que se lhe descobrissem as feridas, sem dar ao Supremo Senhor, as graças pelo Sacramento da Penitencia, aos pés de um ministro evangelico, com quem se confessou, pelo incomparavel beneficio que lhe havia feito, em lhe salvar a vida de tão grande perigo; passou com o mesmo silencio, serenidade, e constancia a soffrer o trabalho da cura; cujo acerto tomou tambem a Divina Omnipotencia, por outro instrumento para felicitar-nos, com a conservação da preciosissima, e beneficentissima vida de el-rei nosso senhor: sendo o heroico silencio de Sua Magestade no tempo do insulto, e a sua illuminada resolução, com que retrocedeu depois daquelle ferino attentado, os que constituirão este terceiro milagre da Omnipotencia Divina; porque assim evitou Sua Magestade os outros perigos, de que não poderia escapar, seguindo o caminho por onde se costumava recolher ao seu palacio, quando no tal caminho havia de ser precisamente encontrado pelas differentes emboscadas dos outros malvados socios do delicto, réos deste nefando e horrivel insulto, que no mesmo caminho estavam de mão posta armados, para esperarem ao dito senhor, no caso (que succedeu) de se haver salvado da crueldade das primeiras duas das ditas emboscadas.

Mostra-se mais, que os sobreditos réos associados para aquelle detestavel, e enormissimo delicto, se achavão nelle tão cruel, e tão barbaramente endurecidos, e desamparados dos auxilios da divina graça, que depois de se haverem retirado pelas differentes veredas, e desvios que constão destes autos: por uma parte ajuntando-se logo outra vez ainda na mesma noite, depois das sobreditas retiradas, no caminho que passa pela extremidade septentrional do jardim do réo José Mascarenhas, em vez de darem signaes de que tinham os corações rotos de dôr, na consideração do enormissimo e perniciosissimo mal que pouco antes tinham feito, muito pelo contrario se jactarão, e gloriarão d'elle uns com os outros: habendo o réo José Mascarenhas então duque de Aveiro, em umas pedras com a caravina, ou bacamarte, que lhe tinham errado fogo contra o dito cocheiro Custodio da Costa, dizendo com ira, e enfadado contra a mesma caravina, as infernaes palavras: *valhão-te os diabos, que quando eu te quero*

não me serves, fallando o réo Francisco de Assis, então marquez de Tavora, com duvida sobre o haver Sua Magestade perecido nos sacrilegos tiros que se haviam disparado : tornando o mesmo réo José Mascarenhas a proferir as outras palavras infernaes , *não importa, que se não morreu, morrerá* : replicando a estas palavras outro dos ditos socios, e aggressores, com a blasfemia da ameaça : *o ponto é elle sahir*, e perguntando o outro réo José Maria de Tavora com grande desenfado, pelo socio João Miguel porque ainda alli não havia chegado : e pela outra parte, tornando logo a congregar-se em casa do sobredito réo José Mascarenhas, na manhã proxima seguinte ao sobredito execrando insulto, em uma assembléa ou conciliabulo de parentes, continuarão nella por effeito da mesma inflexivel cruesa, barbara desesperação, e lastimoso desamparo dos auxilios de Deos, em accusarem uns, os assassinos Antonio Alvares, e José Policarpo, por que não haviam applicado os tiros de sorte que, consummassem todo o seu perniciosissimo intento, em se jactarem outros de que haverião consumado o mesmo execrando intento, se el-rei nosso senhor houvesse passado pelas emboscadas, onde elles se achavão de mão posta para o esperar, e em cevarem outros a sua ferocidade com a reflexão de que Sua Magestade não haveria escapado com vida, se houvesse proseguido o caminho por onde ordinariamente se costumava recolher; assim como tinha retrocedido pela calçada da Ajuda, para o sitio da Junqueira.

Mostra-se mais, que ainda quando houvessem faltado como costumão faltar em semelhantes casos, todas as exuberantes e concludentes provas acima referidas, que nestes autos verificão com outro evidente milagre, a torpe existencia desta horrenda conjuração, e as culpas de cada um dos réos, por ella confederados; bastarião as presumpções de direito, que condemnão os chefes, ou cabeças da mesma conjuração, para serem por ellas castigados com todas as penas de direito, e com as mais que Sua Magestade fosse servido permittir : pois que sendo cada uma das mesmas presumpções de direito, reputada por verdade omnimoda, e por prova plenissima e liquidissima, que desobriga de outra qualquer prova, e que grava aquelle que a tem contra si, com o encargo de fazer outras provas contrarias, que sejam tão efficazes, e fortes que concluão : não é uma só, mas muitas as presumpções de direito que contra si tem os mesmos chefes desta conjuração, principalmente o réo José Mascarenhas, que foi duque de Aveiro, e os pervertidos religiosos da sagrada Companhia de Jesus.

Mostra-se mais, em confirmação do referido, que presumido o direito que aquelle que foi máo uma vez, o será sempre em outras maldades do mesmo genero da que tem commettido, não foi uma só, mas antes foram muitas as iniquidades que estes dous chefes machinárão contra a augusta pessoa, e contra o felicissimo governo da el-rei nosso senhor, por uma serie de factos continuada desde os principios do felicissimo reinado de Sua Magestade.

Mostra-se mais, pelo que pertence aos ditos religiosos Jesuitas, que vendo estes que a superioridade das luzes, e o incomparavel discernimento do dito senhor, os privava de todas as esperanças de conservarem nesta côrte

o despotismo, que nos negocios della se tinham arrogado : vendo que sem aquelle seu absoluto despotismo não poderião de nenhuma sorte cobrir as usurpações, que tinham feito na Africa, America, e Asia portugueza, e muito menos paliar a declarada guerra que tinham accendido com uma formal rebelião no norte, e no sul do Estado do Brasil : machinarão as mais calumniosas, e detestaveis suggestões e intrigas, contra a alta reputação de Sua Magestade, e contra o socego publico destes reinos, para assim alienarem do mesmo senhor, os nacionaes e estrangeiros, havendo repetidas vezes tentado differentes projectos execrandos, para excitarem sedições dentro na mesma corte, e reino, e concitarem contra o mesmo reino e vassallos d'elle o flagello da guerra : concluindo-se por tudo o referido, que havendo commettido os sobreditos religiosos, todas aquellas iniquidades contra el-rei nosso senhor, e contra o seu reino, se achão por isso nos proprios termos da sobredita regra e presumpção de direito, que della se tiraria sempre quando o mais falta-se, para se entender que elles depois furão os que machinarão o insulto de que se trata, em quanto não mostrassem que outros forão os réos d'elle por modo concludente.

Mostra-se mais, em maior confirmação de tudo o referido, que não presumindo o direito que um grande delicto se commetta, sem um grande interesse : presumindo por isso, que o que no mesmo delicto tem o interesse, foi aquelle que commetteu o tal delicto em quanto se não justifica evidentemente, que outro foi o autor d'elle : e tendo os sobreditos religiosos todos os grandes interesses que ficão relatados, e que manifestarão pelos seus proprios factos nesta conjuração, em fazerem cessar com a preciosissima vida de el-rei nosso senhor, o felicissimo governo de Sua Magestade : esta só presumpção de direito bastaria tambem para se haver por liquidissima prova, conforme a direito, de que os taes religiosos forão os réos deste execrando delicto, principalmente quando se considera que só a sua ambição de conquistarem os dominios deste reino, poderia ter alguma porporção, e paridade com o insulto infaustamente commettido na referida noite de 3 de Setembro do anno proximo precedente.

Mostra-se mais ainda em maior confirmação das provas, que nestes autos se achão contra os ditos religiosos, e das que tambem contra elles resultão das presumpções de direito acima ponderadas, que todas as referidas provas se fazem de força invencivel, quando se considera que ao mesmo passo, em que el-rei nosso senhor foi desconcertando, e desarmando aquellas machinações dos ditos religiosos, despedindo os confessores regios daquelle profissão, e prohibindo a todos os outros religiosos della, o ingresso no paço : se vio por uma parte, que quando á vista de tantos desenganos, devião humilhar-se, o fizerão tanto pelo contrario, que publica e descobertamente forão crescendo em arrogancia, e soberba : jactando-se publicamente de que quanto mais o paço os desviava, mais a nobreza se lhes unia, ameaçando com igual publicidade castigos de Deos contra o mesmo paço, e suggerindo por si, e pelos seus sequazes, até os fins do mez de Agosto proximo passado, que a preciosissima vida de Sua Magestade, havia de ser breve, avisando-o assim em repetidos correios, a differentes

paizes da Europa, chegando a explicar que o mez de Setembro proximo passado, havia de ser o termo da mesma angustissima e preciosissima vida, e escrevendo Gabriel Malagrida a differentes pessoas desta côrte os ditos funestissimos prognosticos em tom de prophcia: e se vio pela outra parte contradictoria, e repentinamente, que sendo presos os réos desta horriavel conjuração, na madrugada do dia 13 de Dezembro proximo precedente: logo no correio immediatamente seguinte de 19 do referido mez de Dezembro, escrevendo para Roma o provincial João Henriques, e outros dos seus religiosos, os quaes antes só escrevião as ditas arrogancias, soberbas, e prophcias de castigos, e mortes: usarão no dito correio de 19 de Dezembro dos termos mais submissos e humilhantes, para avisarem, que se tinham preso os marquezes de Tavora, o de Alorna, o conde da Atouguia, Manoel de Tavora, o duque de Aveiro, e outros, pelo insulto de 3 de Setembro proximo passado: que tinham guardas militares as casas da sua religião, que os padres de Roma os encomendas e a Deos, como muito necessitavão: que não podião contrastar o que temião: que toda a communitade ficava muito afflicta, recorrendo aos exercicios do padre Malagrida, que o mundo os implicava no referido insulto de 3 de Setembro, e os sentenciava a prisões, exterminios, e total expulsão da côrte, e do reino: que ficavão nas maiores angustias, e na ultima calamidade, cheios de sustos e receios, sem algum allivio, nem esperanças nelle etc. Resultando da combinação destes dous contradictorios termos, de escrever assim na substancia, como no modo antes do referido insulto, e depois d'elle, não menos do que uma clara demonstração, para se concluir que antes do mesmo insulto se fiavão na conjuração que abortou aquelle horrendo attentado, e na esperança de que elle produzisse o seu perniciosissimo effeito, para fallarem e escreverem com tanta soberba temporal, e com tanta arrogancia espiritual, em tom de prophcias funestas, e sacrilegas: e que depois das prisões de 13 de Dezembro proximo passado, vendo-se descobertos, os que com elles se tinham conjurado, perdidos, e em termos de serem castigados, cahio necessariamente toda aquella chimérica machina de soberba, e de arrogancia, no necessario desfallecimento que traz consigo a convicção da culpa, e a falta dos meios para a encobrir, e para sustentar o fingimento com que é commettida.

Mostra-se mais, pelo que pertence ao outro chefe, ou cabeça da mesma conjuração D. José Mascarenhas, antes duque de Aveiro, que tambem se acharia debaixo da mesma disposição para ser condemnado pela plena prova que constituem as sobreditas presumpções de direito, ainda que nada mais houvesse: pois que quanto á primeira das ditas presumpções que diz respeito á maldade e costumes do mesmo réo, é notorio, que antes do fallecimento do Sr. rei D. João V, que Deos chamou á sua santa gloria, no mesmo tempo em que falleceu aquelle angustissimo monarcha, logo depois de elle ser fallecido, e desde então até agora, urdio as innumeraveis intrigas e caballas, de que encheu a côrte de el-rei nosso senhor para surprender, e bloquear as resoluções de Sua Magestade, assim nos tribunaes, como no gabinete, por ministros, e pessoas da facção de seu

tio Fr. Gaspar da Encarnação, e da propria sacção do mesmo réo : de sorte que, nem a verdade pudesse chegar á real presença do dito senhor, nem tomar-se nella resolução, que não fosse obrepticia, sobrepticia, e fundada em informações falsas, e capciosas : pois que quanto a segunda das ditas presumpções que consiste nas grandes causas, e nos grandes interesses, para commetter este execrando delicto, já fica mostrado que são manifestas, e de infallivel certeza nestes autos : e pois que enfim, pelo que pertence á confirmação que se tira para se crêr como certo pelos proprios factos deste réo, que elle foi o que commetteu o execrando insulto do que se trata, basta reflectir-se, em que antes, e depois delle, praticou o mesmo que praticarão os ditos religiosos Jesuitas : sendo certo por uma parte, que antes do sobredito insulto era a sua soberba, e a sua arrogancia taes, e tão geralmente escandalosas como é manifesto : e sendo igualmente certo, que depois que o mesmo execrando insulto não produziu o horribilissimo effeito a que foi ordenado, e que el-rei nosso senhor se foi restabelecendo, toda aquella soberba, e toda aquella arrogancia, cahirão no mais desacordado desalento com que o dito réo, não tendo já constancia, para apparecer na côrte, fugio della confuso, e medroso, a refugiar-se na quinta de Azeitão, onde foi preso, procurando primeiro salvar-se com a fugida, e depois com uma desatinada resistencia.

Mostra-se mais enfim, que o mesmo milita a respeito de D. Leonor de Tavora, antes marqueza deste titulo, e terceira cabeça desta conjuração infame : sendo notorio por uma parte, o seu espirito de soberba luciferina, de ambição insaciavel, e de orgulho o mais ousado, e intrepido que até agora se viu em alguma pessoa do seu sexo ; para a incitarem a se arrojar aos maiores insultos, e em especial ao de que se trata, sendo igualmente notorio que concitada por aquellas cegas e ardentissimas paixões, se atreveu a representar com seu marido a el-rei nosso senhor, que o fizesse duque, ao mesmo tempo em que todos os seus insignificantes serviços havião sido despachados no anno de 1749, em que partio para o Estado da India, e em que não havia exemplo nas chancellarias deste reino, de que alguém fosse despachado com titulo de duque, por serviços ainda tão relevantes, como os dos muitos, e grandes heróes, que illustrarão a historia portugueza com os seus assignalados feitos : sendo igualmente notorio, que ambos os sobreditos réos, sem reparo nem pejo, perseguirão incessante o secretario de Estado dos negocios do reino por aquelle despacho, que não cabendo na graça regulada, pedião e postulavão altiva, e cessantemente, como uma divida de justiça : sendo igualmente certo, que o mesmo secretario de Estado foi constrangido, para moderar aquellas ardentes instancias, e as successivas recriminações que dellas resultavão, a fazer comprehender aos mesmos réos civil, e decorosamente, que a sua pretensão não tinha exemplo que a apadrinhasse : e sendo enfim este necessario desengano, o que contribuiu involuntariamente a paixão, e o interesse com que a sobredita marqueza D. Leonor se foi reconciliar com o duque de Aveiro, e se declarou por um dos chefes da barbara conjuração por elle intentada, para gaulhar com o favor do

mesmo duque, depois das ruínas da magestade, e da monarchia, aquelle titulo de duque, com que tambem a incitava a ardentissima inveja de igualar no mesmo titulo ao dito seu cunhado: e sendo emfim igualmente notorio, que toda aquella soberba, ambição, e orgulho praticado até á funestissima época do execrando insulto de 3 de Setembro do anno proximo precedente, cahirão desanimados depois do mesmo insulto em uma confusão, e desfallecimento manifesto.

O que tudo visto, e o mais dos autos, com a resolução que o dito senhor foi servido tomar em consulta desta junta, ampliando a jurisdicção, e alçada della, para que possa estender as penas merecidas por estes infames, e sacrilegos réos, em fórma que possam ter a possivel proporção com as suas execrandas, e escandalosissimas culpas.

Condemnãõ ao réo José Mascarenhas, que já se acha desnaturalisado, exautorado das honras, e privilegios de portuguez, de vassallo, e criado, degradado da ordem de Santiago de que foi commendador, e relaxado a esta junta, e justiça secular que nella se administra: a que como um das tres cabeças, ou chefes principaes desta infame conjuração, e do abominavel insulto que della se seguiu, seja levado com baraço, e pregão á praça do caes do lugar de Belem, e que nella em um cadafalso alto, que será levantado de sorte, que o seu castigo seja visto de todo o povo, a quem tanto tem offendido o escandalo do seu horrorosissimo delicto, depois de ser rompido vivo, quebrando-se-lhe as oito canas das pernas, e dos braços, seja exposto em uma roda, para satisfação dos presentes, e futuros vassallos deste reino: e a que depois de feita esta execução, seja queimado vivo o mesmo réo, com o dito cadafalso em que fôr justicado, até que tudo pelo fogo seja reduzido a cinzas, e a pó, que serão lançados no mar, para que delle, e da sua memoria não haja mais noticia. E posto que como réo dos abominaveis crimes de rebelião, sedição, alta traição, e parricidio, se acha já condemnado pelo tribunal das ordens em confiscação, e perdimento de todos os seus bens para o fisco, e camara real, como se tem praticado nos casos em que se commetteu crime de lesa magestade de primeira cabeça: contudo attendendo-se a ser este caso tão inopinado, tão insolito, e tão estranhamente horroroso, e incogitado pelas leis que nem ellas derão para elle providencia, nem nelle se póde achar castigo que tenha proporção com a sua desmedida torpeza: pelo que com este motivo se supplicou ao dito senhor em consulta desta junta, com enjo parecer foi Sua Magestade servido conformar-se, ampla jurisdicção de estabelecer todas as penas que se vencessom pela pluralidade de votos, além das que pelas leis, e disposições de direito estão determinadas: e considerando-se que a mais conforme a direito, é a de escurecer, e desterrar por todos os modos da lembrança, o nome, e a recordação de tão enormes delinquentes: condemnãõ outrossim ao mesmo réo, não só nas penas de direito commum, para serem derribadas, e picadas todas as suas armas, e escudos em quaesquer lugares em que se acharem postos, as casas, e edificios materiaes da sua habitação demolidos e arrasados de sorte, que delles não fique signal, sendo reduzidos a campos, e salgados,

mas que também todas as casas formaes, ou vinculos por elle administrados; naquellas partes em que houverem sido constituídos em bens da corôa, ou que houverem sahido della por qualquer modo, maneira, ou titulo que fosse, como por exemplo o forão os bens declarados nas doações da casa de Aveiro, e os mais semelhantes, sejam confiscados, e perdidos desde logo com effectiva reversão, e incorporação na mesma corôa donde sairão, sem embargo da ordenação *liv. 5.º tit. 6.º § 15*, e de qualquer outras disposições de direito, e clausulas das instituições e doações, por mais exuberantes, e irritantes que sejam: consultando-se ao dito senhor esta decisão com a supplica de mandar cassar, averbar, e trancar na torre do Tombo, e nas mais partes onde pertencer os sobreditos titulos, para que como cassados, e annullados se não possam mais extrahir copias delles, nem serem admittidas em juizo, ou fóra delle, as que já se acharem extrahidas em mãos particulares, nas quaes não terão fé, ou credito algum, para se poderem allegar, produzir, ou attender em algum auditorio, ou juizo, mas antes logo que forem apparecendo, serão sequestradas e remettidas ao procurador da corôa, para serem laceradas, e rotas, como nullas, para como taes não poderem em caso algum produzir effeito, ou prestar impedimento. O mesmo mandão que se observe pelo que pertence aos prazos de qualquer natureza que sejam, com a providencia estabelecida sobre a venda delles, em beneficio dos direitos senhorios pela ordenação do *liv. 5.º tit. 1.º § 1.º* Pelo que pertence porêm aos outros morgados constituídos com bens patrimoniaes dos instituidores, que os fundarão: declarão que se deve observar em beneficio dos que nelles houverem de succeder, o que se acha determinado pela ordenação do *liv. 5.º tit. 6.º § 13*.

Nas mesmas penas, condemnão ao réo Francisco de Assis de Tavora, também cabeça da mesma conjuração, persuadido pela ré sua mulher, e igualmente desnaturalizado, exautorado, e relaxado pelo tribunal das ordens a esta junta, e justiça secular, que nella se administra. E ponderando e com a seriedade, e circumspecção que erão indispensaveis neste caso, que não só o dito réo, e a ré sua mulher se fizerão cabeças pessoas desta nefanda conjuração, traição, e parricidio, mas que também fizerão estes enormissimos delictos, communs á sua familia, conseguindo associar nelles a maior parte da mesma familia, e jactando-se com fatua e petulante vaidade, de que a união della lhe bastaria para se manterem naquellas horrorosissimas atrocidades: mandão, que nenhuma pessoa, de qualquer estado, ou condição que seja, possa da publicação desta em diante, usar do appellido de *Tavora*; sob pena de perdimento de todos os seus bens para o fisco, e camara real, e desnaturalisação destes reinos, e senhorios de Portugal, e perdimento de todos os privilegios que lhe pertencerem como naturaes delles.

Aos dons ferozes monstros Antonio Alvares Ferreira, e José Policarpio de Azevedo, que dispararão os sacrilegos tiros, de que a suprema magestade de el-rei nosso senhor recebeu a offensa; condemnão a que com barão, e pregão sejam levados á mesma praça, e que sendo nella levan-

tados em dous postes altos, se lhes ponha fogo, que vivos os consumma, até se reduzirem seus corpos a cinza, e a pó, que serão lançados no mar, na sobredita fórma: e isto além das mais penas de confiscação de todos os seus bens para o fisco, e camara real, demolição e arrasamento das casas em que moravão, sendo proprias, em cujo caso serão também salgadas. E porque o réo José Policarpio se acha ausente, o hão por banido, e mandão ás justças de Sua Magestade, que appellidem contra elle toda a terra para ser preso, ou para que cada um o possa matar, não sendo seu inimigo: e no caso em que seja apresentado preso nos dominios deste reino ao desembargador do paço, Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira, juiz da inconfidencia, mandará gratificar, á vista a pessoa, ou pessoas que o apresentarem, com o premio de dez mil cruzados, ou de vinte mil cruzados sendo apprehendido em paiz estrangeiro, além das despezas que na jornada fizer.

Aos réos Luiz Bernardo de Tavora, D. Jeronymo de Atayde, José Maria de Tavora, Braz José Romeiro, João Miguel, e Manoel Alvares; condemnão, a que com barão e pregão, sejão levados ao cadafalso, que for erigido para estas execuções; no qual, depois de haver sido estrangulados, e de se lhes haverem successivamente rompido as canas dos braços, e das pernas, serão também rodados, e os seus corpos feitos por fogo em pó, e lançados no mar, na sobredita fórma. E os condemnão outrosim em confiscação e perdimento de todos os seus bens para o fisco, e camara real, e ainda os que forem de vinculos, constituirlos com bens da corôa, na fórma acima declarada, ou ainda de prazos, além da infamia, em que hão por incursos seus filhos, e netos, e de lhes serem demolidas, arrazadas, e salgadas as casas das suas habitações, sendo proprias, e de se derrubarem, e picarem todas as armas, e escudos daquelles que as houverem tido até agora.

E a ré D. Leonor de Tavora, mulher do réo Francisco de Assis de Tavora, por algumas justas considerações (relevando-a das maiores penas, que por suas culpas merecia) a condemnão sómente, a que com barão e pregão, seja levada ao mesmo cadafalso, e que nelle morra morte natural, para sempre, sendo-lhe separada a cabeça do corpo; o qual depois será feito pelo fogo em pó, e lançado no mar, também na sobredita fórma: condemnão outrosim, a mesma ré, em confiscação de todos os seus bens para o fisco, e camara real, comprehendendo-se nesta confiscação, os de vinculos, que forem constituídos de bens da corôa, e os prazos com todas as mais penas, que ficão estabelecidas para a extinção da memoria dos réos José Mascarenhas, e Francisco de Assis de Tavora. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em junta de 12 de Janeiro de 1739.

Representação que fez o juiz do povo, e casa dos vinte e quatro, em observancia do decreto de 9 de Dezembro de 1738, e sentença que sobre ella se proferio por ordem de Sua Magestade Fidelissima.

Senhor.—Como os procuradores dos mestres, são obrigados a nos darem parte dos negocios graves, que se lhes propuzerem na mesa da

bundos, e alheios de toda a sociedade civil, sejam declarados, e denunciados, remettendo-se logo copias, com o teor desta sentença, ao senado da camara da mesma cidade de Lisboa, para a participar á casa dos vinte e quatro, e se registrar nos livros do mesmo senado, e casa, e nas mais partes que necessario fôr, para se fazer esta publica, e notoria, não só ao povo da dita cidade de Lisboa, mas tambem a todos os habitantes destes reinos, e seus dominios. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em junta de 13 de Janeiro de 1759.

Com as rubricas dos secretarios de Estado que presidirão.—*Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira, João Marques Bacalhão, Ignacio Ferreira Souto, João Pacheco Pereira, Manoel Ferreira Lima, José Antonio de Oliveira Machado.*

RELAÇÃO DAS PESSOAS QUE FORÃO DESNATURALISADAS POR ESTA SENTENÇA.

José Mascarenhas, que havia sido duque de Aveiro.—Francisco de Assis, que havia sido marquez de Tavora.—Leonor Thomazia, que havia sido marquez de Tavora.—Luiz Bernardo, que havia sido marquez de Tavora.—José Maria, que havia sido ajudante de ordens de seu pai, Francisco de Assis, em quanto foi general.—Jeronymo de Atayde, que havia sido conde de Atoguia.—Antonio Alvares Ferreira, guarda roupa que tinha sido do dito José Mascarenhas.—José Policarpio de Azevedo, cunhado, e socio do mesmo Antonio Alvares.—Manoel Alvares Ferreira, guarda-roupa do dito José Mascarenhas.—Braz José Romeiro, cabo de esquadra, que foi da companhia do dito Luiz Bernardo.—João Miguel, criado de acompanhar do dito José Mascarenhas.

AVISO.

Sua Magestade manda remetter ao senado da camara, a sentença da copia inclusa, e a relação nella inserta, para que se registre nos livros do mesmo senado, e se participe á casa dos vinte e quatro, para ser tambem registrada nos livros della, e se denunciar ao povo, na fórma das reaes ordens, e da mesma sentença proferida em observancia dellas: mandando o mesmo senado copias do referido ás camaras de todas as cabeças de comarcas do reino, para que a participem ás outras camaras de sua respectiva jurisdicção. Deus guarde a Vossa Mercê, paço de Belém, 17 de Janeiro de 1779.—*Sebastião José de Carvalho e Mello.*

Carta regia expedida em 19 de Janeiro de 1759, aos dous chancelleres das relações de Lisboa, e Porto para a reclusão das pessoas, e sequestro dos bens dos regulares da Companhia denominada de Jesus, que havião machinado, persuadido e incitado, a conjuração que abortou aquelle execrando delicto.

Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira, do meu conselho, chanceller da casa da supplicação, que nella servis de regedor, amigo. Eu el-rei vos en-

vio muito sandar. As perniciosissimas machinações, com que os religiosos de que se compõe o governo da sociedade de Jesus, nestes reinos e seus domínios, havião nelles concitado, e rompido as escandalosas sedições, revoluções, e declaradas guerras, que hoje são manifestas a toda a Europa, derão justo e indispensavel motivo aos officios, que mandei passar pelo meu ministro na curia de Roma; para que dêsse ao santo padro Benedicto XIV, então presidente na universal igreja de Deos, um sumario, e substancial conhecimento daquelles atrozes absurdos, pelo meio do pequeno volume que mandei estampar, com o titulo de *Relação abreviada da republica que os religiosos jesuitas, das provincias de Portugal e Hespanha, estabelecerão nos domínios ultramarinos das duas monarchias, etc.*, assim de que ordenando, como ordenou o mesmo santo padre, pelo seu apostolico breve, expedido ao cardeal patriarcha eleito, no 1º de Abril do anno proximo precedente, a reforma dos sobreditos religiosos, se occorresse por aquelle benigno, e adequado meio de suavidade, ao progresso daquellas grandes desordens, e á tranquillidade publica dos meus vassallos e domínios; com a emenda dos mesmos religiosos, sem passar contra elles, para os reprimir ás extremidades, que a minha religiosissima clemencia, me inclinou sempre a suspender no que possivel fosse. Aquella minha benigna moderação produziu, porém effeitos tão estranhos, e oppostos ao que della devia esperar-se; que animando-se, e endurecendo-se cada dia mais á vista della os sobreditos religiosos, depois de haverem com arrogancia, e temeridade nunca vistas, nem intentadas, pretendido maliciosamente confundir, contra a notoriedade publica, e manifesta verdade dos insultos, que forão substanciados na dita relação; persuadindo clandestina, e artificiosamente não só nos paizes estrangeiros da Europa, mas até dentro nestes mesmos reinos, que taes machinações, e taes guerras não tinham excitado, como se as não houvessem presenciado, e estivessem presenciando tres exercitos, e todas as Americas portugueza e hespanhola: passarão destes excessos aos outros ainda mais temerarios e infames, de pretenderem alienar os meus leaes vassallos, do amor e da fidelidade á minha real pessoa e governo, em que sempre se distinguirão os Portuguezes, entre as mais nações civilisadas; abusando com este horroroso fim os ditos religiosos, dos ministerios sagrados, para communicarem e diffundirem, pelo meio delles, o venenoso contagio das suas sacrilegas calumnias contra mim, e contra o meu governo: até virem a formar dentro na minha mesma corte, a abominavel conjuração de que o governo dos mesmos religiosos, se constituiu um dos tres chefes, ou cabeças, com as detestaveis circumstancias que achei expressas no exemplar que será com esta, ao qual indo assignado por Sebastião José de Carvalho e Mello, do meu conselho, e secretario de Estado dos negocios do reino, dareis tanto credito como á mesma original sentença, que em 12 do corrente mez de Janeiro. se proferio na junta da inconfidencia, contra os réos do barbaro e execrando desacato, que na noite de 3 de Setembro do anno proximo passado, se tinha commettido contra a minha real pessoa; comprehendendo-se os sobreditos religiosos,

entre os mesmos réus, dos crimes de lesa-magestade da primeira cabeça, rebellião, alta traição, e parricídio. E porque a grave necessidade publica (conforme a direito, equiparada com a necessidade particular extrema) em que depois de tantas, e tão successivas, e custosas experiencias, me constituiu aquelle nunca visto, nem esperado attentado, de fazer uso do poder que Deos poz nas minhas reaes mãos, para sustentar, e defender a minha real pessoa e governo, e o socego publico dos meus fieis vassallos, contra os insultos da incorrigivel temeridade e façanhosa ousadia dos mesmos religiosos, me não póde já dispensar por algum modo, da applicação dos ultimos remedios; conformando-me com o que os senhores reis meus religiosissimos predecessores, e outros principes, e Estados da Europa, igualmente catholicos, e pios, praticarão nos casos semelhantes, de crimes de lesa-magestade da primeira cabeça, e de rebellião, e alta traição, commettidos por pessoas ecclesiasticas, ainda constituidas em grandes dignidades, e em termos muito menos escandalosos, e urgentes do que estes de que se trata: sou servido ordenar-vos (não por via de jurisdicção, mas sim, e tão sómente de indispensavel economia, e de natural e precisa defeza da minha real pessoa e governo, e do socego publico dos meus reinos e vassallos) que em quanto recorro á séde apostolica, logo que receberes esta, faças pôr em sequestro geral, todos os bens moveis e de raiz, rendas ordinarias, e pensões que os sobreditos religiosos possuirem, ou cobrarem nas provincias do territorio da mesma casa de supplicação, cujo governo está á vosso cargo: nomeando os dezebargadores della que necessario forem, e vos parecerem mais idoneos, para que desoccupando-se do exercicio da mesma casa, partão immediatamente a sequestrar em cada uma das comarcas do mesmo territorio, os sobreditos bens moveis, e de raiz, rendas ordinarias, e pensões: formando de tudo um inventario, com a distincção dos bens que forem pertencentes á dotação, e fundação de cada uma das ditas casas religiosas, e dos que depois se lhes aggregarão contra a disposição das ordenações, do liv. 2º, tit. 16, e 18: declarando os rendimentos certos, e incertos de cada um dos bens pertencentes a cada uma das ditas casas religiosas: fazendo pôr os mesmos rendimentos em cofre de tres chaves, das quaes tenham uma, os depositarios que forem eleitos, pelos ditos ministros; outra, os corregedores das comarcas, ou quem seu cargo servir; e a terceira os escrivães da correição: guardando-se dentro nos mesmos cofres, os livros da receita e despeza que se farão sempre á boca delles: arrendando-se todos os ditos bens, logo em praça publica, a quem por elles mais der, por tempo de um anno, ou na presença dos mesmos ministros, em quanto se acharem presentes nos lugares em que fizerem os sequestros, ou depois que delles se ausentarem, nas casas da vossa residência, onde os fareis pôr a pregão, para se arrematarem, a quem mais der, os que forem de mais consideravel importancia, ou por pregões, nos lugares onde forem sitios, aquelles que forem de tão pouco valor, que racionavelmente vos pareça, que não haverá quem faça as despesas do caminho, para as vir arrematar na vossa presença. Logo que se houverem feito, e consummado os sobreditos sequestros, arre-

matações, e arrecadações na referida conformidade, me dareis conta pela secretaria de Estado dos negocios do reino, do que houveres obrado aos ditos respeito, com as copias dos autos que se tiverem formado em bom, e intelligivel caracter, e com uma relação geral e especifica dos rendimentos annuaes de todos, e cada uma das ditas casas religiosas, e da somma das suas respectivas importancias, porque não é da minha real, e pia intenção que se falte, nem ao culto divino nas igrejas, nem ao cumprimento das missas, e legados, que tendo trato successivo pelas ultimas vontades dos testadores, que os houverem ordenado, não devem suspender-se: hei por bem, que dos sobreditos cofres, se possam tirar por mandados vossos, as quantias de dinheiro, que necessarias forem para os guizamentos das missas, celebração dos officios divinos, e cumprimento dos sobreditos suffragios nas concurrentes importancias. O mesmo hei outrosim por bem, que se pratique para sustento dos religiosos, que mando por ora recolher na maneira abaixo declarada, dando-se para o alimento de cada um delles, um tostão cada dia. Porque além das exuberantes provas em que se fundou a sobredita sentença da junta da inconfidencia, a respeito dos erros theologicos, moraes, e politicos, que os ditos religiosos procurarão diffundir, com tão perniciosos e detestaveis effeitos, tive certa informação, de que agora pretendião, com mais anxiosas diligencias, contaminar as provincias com as mesmas falsas e abominaveis doutrinas, a que na côrte lhes cortou o progresso, a reclusão em que nella se achão já os ditos religiosos: sou servido outrosim, que ao mesmo tempo em que se forem fazendo os referidos sequestros nas residencias, e fazendas particulares, em que se achão leigos, ou coadjutores espirituaes dispersos, os ministros que fizerem as ditas diligencias, os fação transportar (depois de lhes haverem apprehendido todos os papeis que lhes forem achado-) em segura custodia, e pelo caminho mais breve, e direito ás casas principaes das cidades, e villas notaveis, que lhes ficarão mais visinhas, onde ficarão reclusos, com os outros religiosos nas mesmas casas das ditas terras grandes, e villas notaveis, com expressa prohibição de sairem dellas, e de communicarem com os meus vassallos seculares; pondo-lhes guardas militares á vista, que lhes fação exactamente observar a dita reclusão, e separação, em quanto eu não mandar o contrario, e não der outra providencia sobre esta materia. Para tudo o que fôr a ella concernente, vos mando assistir com o auxilio militar de que necessitareis, ordenando aos generaes, e pessoas encarregadas do governo das armas das mesmas provincias, e desta côrte, que sem limitação alguma, vos auxiliem todas as vezes que assim lho requereres no meu real nome, mandando marchar o numero de tropas que por vós, e pelos ministros por vós constituídos, lhe forem apontadas, assim para os lugares onde se devem bloquear, e segurar as casas principaes dos sobreditos religiosos, e a reclusão que nellas deve ser por elles inviolavelmente observada como se está observando nesta côrte. E considerando eu, que a gravidade da materia, e as urgencias que fazem as bases destas minhas reaes ordens, recommendão por si mesmas toda a promptidão, e efficacia na execução

das diligencias de que por ella vos encarrego, julguei desnecessarias todas as expressões para ao dito respeito excitar a fidelidade, o zelo, e o acerto com que vos empregaes no meu real serviço. Escripta neste palacio de Nossa Senhora da Ajuda, aos 19 de Janeiro de 1759.—*Rei.*

CARTA REGIA.

Francisco José da Serra Craesbeck de Carvalho, chanceller, a cujo cargo está o governo da relação, e casa do porto. Eu el-rei vos envio muito saudar. As perniciosissimas machinações com que os religiosos de que se compõe o governo da sociedade de Jesus nestes reinos, e seus dominios, havião nelles concitado e rompido as escandalosas sedições, revoluções, e declaradas guerras que hoje são manifestas a toda a Europa, derão justo e indispensavel motivo aos officios que mandei passar pelo meu ministro na curia de Roma, para que dêsse ao santo padre Benedicto XIV, então presidente na universal igreja de Deos, um summario, e substancial conhecimento daquelles atrozes absurdos, pelo meio do pequeno volume que mandei estampar com o título de *Relação abreviada da república, que os religiosos Jesuitas das provincias de Portugal, e Hespanha, estabelecêrão nos dominios ultramarinos das duas monarchias etc.*, afim de que ordenando, como ordenou o mesmo santo padre, pelo seu apostolico breve, expedido ao cardeal patriarcha eleito no 1º de Abril do anno proximo precedente, a reforma dos sobreditos religiosos; se occorresse por aquelle benigno e adquado meio de suavidade, ao progresso daquellas grandes desordens, e á tranquillidade publica dos meus vassallos, e dominios, com a emenda dos mesmos religiosos, sem passar contra elles para os reprimir ás extremidades que a minha religiosissima clemencia me inclinou sempre a suspender no que possivel fosse. Aquella minha benigna moderação produzio porém effeitos tão estranhos, e oppostos ao que della devia esperar-se, que animando-se, e endurecendo-se cada dia mais á vista della os sobreditos religiosos: depois de haverem com arrogancia e temeridade nunca vistas nem intentadas, pretendido maliciosamente confundir contra a notoriiedade publica, a manifesta verdade dos insultos que forão substanciados na dita relação, persuadindo clandestina e artificioamente não só nos paizes estrangeiros da Europa, como até dentro nestes mesmos reinos, que taes machinações, e taes guerras não tinhão excitado, como se as não houvessem presenciado, e estivessem presenciando tres exercitos, e todas as Americas portugueza, e hespanhola; passarão destes excessos aos outros ainda mais temerarios, e infames, de pretendem alienar os meus leaes vassallos do amor, e da fidelidade á minha real pessoa, e governo, em que sempre se distinguirão os portuguezes entre as mais nações civilisadas, abusando com este horroroso fim os ditos religiosos dos ministerios sagrados, para communicarem e diffundirem pelo meio delles o venenoso contagio das suas sacrilegas calumnias contra mim, e contra o meu governo, até virem a formar dentro na minha mesma corte, a abominavel conjuração de que o governo dos mesmos religiosos

se constituiu um dos tres chefes, ou cabeças, com as detestaveis circumstancias que achareis expressas no exemplar que será com esta, ao qual indo assignado por Sebastião José de Carvalho e Mello, do meu conselho, e secretario de Estado dos negocios do reino, dareis tanto credito como á mesma original sentença que em 12 do corrente mez de Janeiro se proferio na junta da inconfidencia, contra os réos do barbaro, e execrando desatato que na noite de 3 de Setembro do anno proximo passado, se tinha commettido contra a minha real pessoa, comprehendendo-se os sobreditos religiosos entre os mesmos réos dos crimes de lesa magestade da primeira cabeça, rebellião, alta traição, e parricidio. E porque a grave necessidade publica (conforme a direito, equiparada com a necessidade particular extrema) em que depois de tantas e tão successivas e custosas experiencias, me constituiu aquelle nunca visto, nem esperado attentado de fazer uso do poder que Deos poz nas minhas reaes mãos, para sustentar e defender a minha real pessoa, e governo, e o socego publico dos meus fieis vassallos, contra os insultos da incorrigivel temeridade, e façanhosa ousadia dos mesmos religiosos, me não pôde já dispensar por algum modo, da applicação dos ultimos remedios : conformando-me com o que os senhores reis meus religiosissimos predecessores, e outros principes, e Estados da Europa igualmente catholicos, e pios, praticarão nos casos semelhantes de crimes de lesa magestade da primeira cabeça, de rebellião, e alta traição, commettidos por pessoas ecclesiasticas, ainda constituidas em grandes dignidades; e em termos muito menos escandalosos, e urgentes, do que estes de que se trata : sou servido ordenar-vos (não por via de jurisdicção, mas sim, e tão sómente de indispensavel economia, de natural e precisa defesa da minha real pessoa, e governo, e do socego publico dos meus reinos e vassallos) que em quanto recorro a sede apostolica, logo que receberes esta, faças pôr em sequestro geral todos os bens moveis, e de raiz, rendas, ordinarias, e pensões que os sobreditos religiosos possuirem, ou cobrarem nas tres provincias do territorio desta relação, e cisa, nomeando os desembargadores della que necesarios forem, e vos parecerem mais idoneos, para que desoccupando-se do exercicio da mesma casa, partão immediatamente a sequestrar em cada uma das comarcas do mesmo territorio, os sobreditos bens moveis, e de raiz, rendas, ordinarias, e pensões : formando de tudo um inventario com a distincção dos bens que forem pertencentes á dotação, e fundação de cada uma das ditas casas religiosas, e dos que depois se lhes aggregarão contra a disposição das ordenações do liv 2º tit. 16 e 18, declarando os rendimentos certos e incertos de cada um dos bens pertencentes a cada uma das ditas casas religiosas, fazendo pôr os mesmos rendimentos em cofre de tres chaves, das quaes tenham uma, os depositarios que forem eleitos pelos ditos ministros, outra, os corregedores das comarcas, ou quem seu cargo servir, a terceira, os escrivães da correição, guardando-se dentro nos mesmos cofres os livros da receita, e despeza que se farão sempre á boca delles, arrendando-se todos os ditos bens logo em praça publica a quem por elles mais der, por tempo de um anno, ou na presença dos mesmos

ministros, em quanto se acharem presentes nos lugares em que fizerem os sequestros, ou depois que delles se ausentarem para essa cidade, nas casas da vossa residencia, onde os fareis pôr a pregão, para se arrematarem a quem mais der, os que forem de mais consideravel importancia, ou por pregões, nos lugares onde forem sitios aquelles que forem de tão pouco valor que racionavelmente vos perea que não haverá quem faça as despesas do caminho, para os vir arrematar na vossa presença. Logo que se houverem feito, e consummado os sobreditos sequestros, arrematações, e arrecadações na referida conformidade, me dareis conta pela secretaria de Estado dos negocios do reino, do que houveres obrado aos ditos respeito, com as copias dos autos que se tiverem formado em bom, e intelligivel caracter, e com uma relação geral e especifica dos rendimentos annuaes de todas, e cada uma das ditas casas religiosas, e da somma das suas respectivas importancias. Porque não é da minha real e pia intenção, que se falte nem ao culto divino nas igrejas, nem ao cumprimento das missas, e legados, que tendo trato successivo pelas ultimas vontades dos testadores que os houverem ordenado, não devem suspender-se: hei por bem que dos sobreditos cofres se possam tirar por mandados vossos, as quantias de dinheiro que necessarias forem, para os guisamentos das missas, celebração dos officios divinos, e cumprimento dos sobreditos suffragios nas concurrentes importancias. O mesmo hei outrosim por bem, que se pratique para o sustento dos religiosos que mando por ora recolher na maneira abaixo declarada, dando-se para o alimento de cada um delles, um tostão cada dia. Porque além das exuberantes provas em que se fundou a sobredita sentença da junta da inconfidencia, a respeito dos erros theologicos, moraes, e politicos, que os ditos religiosos procurarão diffundir com tão perniciosos, e detestaveis effeitos, tive certa informação de que agora pretendião com mais anciosas diligencias, contaminar as provincias com as mesmas falsas, e abominaveis doutrinas, a que na corte lhes cortou o progresso, a reclusão em que nella se achão já os ditos religiosos: sou servido outrosim, que ao mesmo tempo em que se forem fazendo os referidos sequestros nas residencias, e fazendas particulares em que se achão leigos, ou coadjutores espirituaes dispersos, os ministros que fizerem as ditas diligencias, os fação transportar (depois de lhes haverem apprehendido todos os papeis que lhes forem achados) em segura custodia, e pelo caminho mais breve, e direito ás casas principaes das cidades, e villas notaveis que lhes ficarem mais visinhas, onde ficarão reclusos com os outros religiosos nas mesmas casas das ditas terras grandes, e villas notaveis, com expressa prohibição de sairem dellas, e de communicarem com os meus vassallos seculares, pondo-se lhes guardas militares á vista, que lhes fação exactamente observar a dita reclusão, e separação, enquanto eu não mandar o contrario, e não der outra providencia sobre esta materia. Para tudo o que fôr a ella concernente vos mando assistir com o auxilio militar de que necessitareis; ordenando aos generaes, e pessoas encarregadas do governo das armas das mesmas provincias, e desse partido, que sem limitação alguma vos auxiliem todas as vezes que assim lho

requereres no meu real nome, mandando marchar o numero de tropas que por vós lhe forem apontadas, assim para os lugares onde se devem fazer os sequestros, como para as terras grandes onde se devem bloquear e segurar as casas principaes dos sobreditos religiosos, e a reclusão que nelas deve ser por elles inviolavelmente observada, como se está observando nesta cõrte. E considerando eu, que a gravidade da materia, e as urgencias que fazem as bases destas minhas reaes ordens, recommendão por si mesmas toda a promptidão, e efficacia na execução das diligencias de que por ellas vos encarrego, julguei desnecessarias todas as expressões, para ao dito respeito excitar a fidelidade, o zelo, e o acerto com que vos empregaes no meu real serviço. Escripta neste palacio de Nossa Senhora da Ajuda, aos 19 de Janeiro de 1759—Rei.

CARTA REGIA.

Muito reverendo em Christo Padre, arcebispo primaz de Braga, meu mui amado e prezado irinão. Eu el-rei vos envio muito saudar, como aquelle de cujo virtuoso accrescentamento muito me prazeria. Pelos dous exemplares que serão com esta assignados por Sebastião José de Carvalho e Mello do meu conselho, e secretario de Estado dos negocios do reino, para terem a mesma fé, e credito do que os originaes donde se extrahirão, sereis informado da sentença que em 12 do corrente mez de Janeiro se proferio na junta da inconfidencia, contra os réos do barbaro, e sacrilego desacato que na noite de 3 de Setembro do anno proximo passado, se tinha commettido contra a minha real pessoa, e das temporalidades que mandei executar pelo Dr. Francisco José da Serra Craesbeck de Carvalho, chanceller, a cujo cargo está o governo da relação, e casa do porto, para cohibir em parte, os religiosos da Companhia de Jesus, cujo relaxado governo, se fez não só co-réo, mas chefe principal dos atrocissimos crimes de lesa magestade da primeira cabera, alta traição, e parricidio, que se julgarão pela sobredita sentença; abusando os ditos religiosos dos ministerios sagrados, para corromperem as consciencias dos delinquentes que forão justica-los por aquelles atrocissimos crimes: servindo-se para este abominavel fim dos execrandos meios, que para o conseguir havião repetidas vezes applicado em outros casos semelhantes; quaes forão, os de feminarem, e persuadirem com o referido abuso dos ministerios sagrados o mesmo pestilencial veneno dos machiavellicos enganos, e das ante-evangelicas doutrinas, que como hereticaes, impias, sediciosas, e destructivas da caridade christã, da sociedade civil, e do socego publico dos Estados, havião sido condemnadas, anathematisadas, e proscriptas da igreja de Deos, principalmente pelos summos pontífices Alexandre VII, e Innocencio XI: suggerindo, o fazendo praticar os mesmos religiosos entre muitos outros dos sobreditos erros, como taes reprovados pela séde apostolica, especialmente os que vão substanciados no papel que tambem receberéis com esta. E porque se fez manifesto, não só pela evidencia das provas em que se fundou á sobredita sentença, mas tambem por outros

factos que á minha real presença chegarão confirmados com igual certeza, que os sobreditos religiosos se propuzeram por objecto principal das suas clandestinas machinações iscarem, e infectarem com a peste de tão perniciosas doutrinas, não só a côrte, como tambem as provincias do reino, sorprendendo nellas a pia credulidade dos fieis, para os alienarem com suggestões imperceptiveis, e sinistras das suas primeiras, e principaes obrigações da caridade com o proximo, e da sujeição ao throno em quanto christãos, e em quanto vassallos : me pareceu que sem maior dilação devia participar-vos tudo o referido, para que sendo informado do venenoso pasto, que a malignidade tem pretendido dar ás vossas ovelhas, o possaes fazer arrancar pelo vosso pastoral officio, de sorte que ellas em vez de tão mortifera peçonha, sejam só apascentadas util, e saudavelmente nos campos que cultivarem os mais zelosos, e exemplares obreiros da vinha do Senhor. Escripta neste palacio de Nossa Senhora da Ajuda, aos 19 de Janeiro de 1759.—*Rei.*

Carta regia dirigida em 20 de Abril do mesmo anno de 1759, ao santo padre Clemente XIII, pela filial veneração de el-rei fidelissimo, sobre o ultimo estado da sociedade denominada de Jesus, nestes reinos de Portugal e seus dominios, sobre as resoluções que Sua Magestade havia tomado a respeito della até o dito dia 20 de Abril deste presente anno de 1759, em que foi escripta a referida carta, e sobre a justiça com que Sua Magestade esperava que em um tão extraordinario, e horroroso caso, lhes não faltasse a apostolica, e paternal cooperação de Sua Santidade.

Muito santo em Christo Padre, e muito bemaventurado senhor. O vosso devoto, e obediente filho D. José por graça de Deos, rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem, e d'além mar, em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação, e commercio da Etiopia, Arabia, Persia, e da India etc. Com toda a humildade envia a beijar seus santos pés : muito santo em Christo Padre, e muito bemaventurado senhor : a dedução, e os papeis nella enunciados, que devem acompanhar esta carta, sendo postos na presença de Vossa Santidade, por Francisco de Almada de Mendonça, meu ministro plenipotenciario, como lhe encargo, farão ver demonstrativamente a Vossa Santidade, a piissima contemplação com que por muitos annos successivos, unindo as bullas, e decisões pontificias, as minhas leis e determinações regias, e recorrendo repetidas vezes á santa séde apostolica, para obrar sempre com ella em obsequiosissimo accordo, em quanto as circumstancias puderão permittir-o : procurei exaurir todos os meios possiveis, para fazer cessar as perniciosas, e aggravantes hostilidades com que o governo dos religiosos da sociedade denominada de Jesus, fôra enchendo os meus reinos, dominios e os vassallos delles, dos mais inauditos, e mais intoleraveis escandalos. Não bastou contudo ainda todo o claro conhecimento que delles tive, para que eu deixasse de procurar anciosamente todos os referidos modos de conservar nos meus rei-

nos e dominios, uma religião que nelles foi sempre tão protegida pelos meus augustos predecessores, e pela minha real piedade. Esta porém não produziu nunca outro effeito, que não fosse o de animar, e endurecer cada dia mais o orgulho dos ditos religiosos, até virem a precipitar-se no ultimo absurdo a que póde chegar a miseria humana. Tal foi o de persuadirem com as suas doutrinas, e de promoverem com os seus conselhos, e promessas, o horroroso insulto que na noite de 3 de Setembro do anno proximo passado se commetteu contra a minha real pessoa : causando a todos os Estados, e povos destes reinos, o geral espanto com que em altas, e incessantes vozes estão clamando contra os infractores, e sugiladores da sua exemplarissima lealdade, e pedindo efficaz segurança contra os seus execrandos projectos, e com digna satisfação, contra os seus detestaveis delictos. Ainda neste, o mais urgente aperto, a que chegou algum monarcha dentro na sua côrte, tenho praticado com Vossa Santidade, a mais delicada attenção que podia caber na minha filial contemplação ; exprimindo para tranquillisar os meus fieis vassallos, nos papeis que me foi preciso fazer publicar, que havia suspendido o ultimo supplicio dos réos daquelle horroroso delicto, que ainda não forão executados, em obsequio de Vossa Santidade. Sendo porém a incorrigibilidade do governo dos ditos religiosos tão notoria, como o foi que nelles (com differença de todas as outras ordens regulares) está a corrupção, que produz tão detestaveis defeitos no governo, e no commum delles, que inteiramente se tem apartado dos seus santos institutos, e dos exemplos do seu bemaventurado patriarcha, para seguir maximas offensivas de toda a sociedade civil, e união christã, quando nas outras religiões, se algum erro ha, sómente se acha no particular, vendo-se sempre resplandecer no commum dellas, a observancia regular : e não sendo neste caso os soberanos superiores á sua soberania, para deixarem expostos a perturbações e ruínas, ainda menos graves do que as referidas, os Estados e os povos que Deos lhes confiou : não pude deixar de apartar do corpo dos meus fieis, e louvaveis vassallos, uma congregação que tantas, tão custosas, e decisivas experiencias tem mostrado incompativel com a paz e tranquillidade publica, em que deve manter, pelos direitos divino, e natural, os vassallos que Deos commetteu a minha protecção : mandando sahir sem maior dilação os sobreditos religiosos destes reinos, onde os Srs. reis meus predecessores, lhes permitirão a entrada, para edificarem, e não para destruirerem : e esperando de Vossa Santidade, que lançando a sua paternal benção, sobre esta minha indispensavel determinação, ouça a reverente supplica que por parte do meu procurador da corôa, lhe fôr apresentada, para que pelo meio da apostolica benevolencia de Vossa Santidade, cesse todo o conflicto de jurisdicções em um ponto tão delicado, e tão essencial para a igreja de Deos, que só por um continuo milagre poderia subsistir, sem que a defendessem os principes soberanos, conservando-se na consistencia que é necessaria para a sustentarem, e que é tão indispensavel para a conservação das monarchias que não poderão durar, desde que os homens perversos, até o ponto em que o forão os réos

de tão execrandos delictos, conhecessem que havia Estado, no qual podião achar immunnidade para delinquirem tão atrozmente com essa segurança. Muito santo em Christo Padre, e muito bemaventurado senhor. Deos Nosso Senhor conserve a pessoa de Vossa Santidade por largos annos em seu santo serviço. Escripta em Belem, a 20 de Abril de 1759, muito obdiente filho de Vossa Santidade —*Rei*, com guarda—*D. Luiz da Cunha*.

Carta que o mesmo monarcha fidelissimo, dirigio no dia 6 do referido mez de Setembro, ao mesmo eminentissimo, e Revm. Cardeal Patriarcha, para encarregar a administração tanto das igrejas, como dos edificios, das casas professas, collegios, e noviciado dos sobreditos regulares expulsos, que se achavão no territorio do mesmo patriarchado ás pessoas ecclesiasticas que lhes parecesse nomear para os ditos effeitos.

Illustrissimo e Reverendissimo em Christo Padre Cardeal Patriarcha, meu como irmão muito amado. Eu D. José por graça de Deos, rei de Portugal, e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação, e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, etc. Vos envio muito saudar como aquelle que muito amo, e preso. Pela carta firmada pela minha real mão, que vos dirigi no dia 3 do corrente mez, vos seria presente a indispensavel necessidade da conservação da minha real pessoa, do socego publico dos meus reinos, e da tranquillidade dos meus fieis vassallos, que me moveu para tomar a decisiva resolução, com que mandei expulsar, exterminar, e desnaturalisar dos meus reinos, e dominios a *sociedade* denominada de *Jesus*. E porque a mesma religiosa piedade, com que não pude deixar de ordenar sem maior dilação, aquelle justo e necessario procedimento, me não permittio, nem que a custodia e arrecadação de cousas tão sagradas, como as alfaías pertencentes ás *igrejas, á casa professa de S. Roque, aos collegios de Santo Antão, Paraizo, e Santarém, e ao noviciado da Cotovia, que devem ser evacuados*; sejam entregues nas mãos de pessoas seculares; nem que nas mesmas *igrejas* sejam por um só dia interrompidos, o culto de Deos Nosso Senhor, e os louvores dos gloriosos santos, cujas imagens se achão collocadas nas mesmas *igrejas*; nem que eu, ainda em um caso tão horroroso e insolito, e de tão indispensavel urgencia para se extinguir nos meus reinos e dominios, a referida *sociedade*, dispozesse das sobreditas *igrejas, e edificios*, que forão da referida casa professa, collegios, e noviciado, consistindo tudo em bens, immediatamente dedicados ao culto divino: me pareceu significar-vos em consequencia de todo o referido, que será muito do serviço de Deos, e do meu real agrado, que nomeeis as pessoas que vos parecer mais idoneas, para se encarregarem das mesmas *igrejas, e edificios*; recebendo por inventario todos os ornamentos, e alfaías dos altares e sacristias das mesmas *igrejas*; e encarregando-se da conservação dos edificios a ellas contiguos; para tudo guardarem com um exacto cuidado, emquanto recorro ao papa, afim de que Sua Santidade haja de

determinar as pias applicações, que se hão de fazer das mesmas igrejas, alfaias, e edificios, com louvor de Deos Nosso Senhor, e dos seus santos, e sem prejuizo da conservação, e paz publica destes reinos, e seus dominios, que as deploraveis experiencias de quasi dous seculos mostrarão notoria e evidentemente, que erão incompativeis com a sociedade dos sobreditos religiosos expulsos. Illm. e Revm., em Christo, Padre Cardeal, Patriarca, meu como irmão, muito amado: Nosso Senhor haja a vossa pessoa em sua santa guarda. Escripta no palacio de Nossa Senhora da Ajuda, aos 6 de Setembro de 1759.—*Rei.*

Lei dada em 3 de Setembro do mesmo anno, para a proscricção, desnaturalisação, e expulsão dos sobreditos regulares, nestes reinos, e seus dominios.

D. José por graça de Deos rei de Portugal, e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação, e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India etc. Faço saber, que havendo sido infatigaveis a constantissima benignidade, e a religiosissima clemencia, com que desde o tempo em que as opperações que se praticarão para a execução do tratado de limites das conquistas, sobre as informações e provas mais puras e autenticas, e sobre a evidencia dos factos mais notorios, não menos do que a tres exercitos, procurei applicar todos os meios quanto a prudencia, e a moderação podião suggerir, para que o governo dos regulares da companhia denominada de Jesus, das provincias destes reinos, e seus dominios, se apartasse do temerario, e façanhoso projecto, com que havia intentado, e clandestinamente groseguido a usurpação de todo o Estado do Brasil, com um tão artificioso, e tão violento progresso, que, não sendo prompta, e efficazmente atalhado, se faria dentro no espaço de menos de dez annos inaccessible, e insuperavel a todas as forças da Europa unidas: havendo (em ordem a um fim de tão indispensavel necessidade) exaurido todos os meios que podião caber na união das supremas jurisdicções pontificia, e regia; por uma parte reduzindo os sobreditos regulares á observancia do seu santo instituto, por um proprio e natural effeito da reforma á minha instancia ordenada pelo santo padre Benedicto XIV, de feliz recordação, e pela outra parte, apartando-os da ingerencia nos negocios temporaes, como erão, a administração secular das aldeas, e o dominio das pessoas, bens, e commercio dos Índios daquelle continente, por outro igualmente proprio, e natural effeito das saudaveis leis que estabeleci, e excitei a estes urgentissimos respeito, havendo por todos estes modos, procurado que os sobreditos regulares, livres da contagiosa corrupção com que os tinha contaminado a hydropica sede dos governos profanos, das aquisições de terras, e Estados, e dos interesses mercantis, servissem a Deos, e aproveitassem ao proximo, como bons, e verdadeiros religiosos, e ministros da igreja de Deos; antes que pela total depravação dos seus costumes, viesse a acabar necessa-

riamente nos mesmos reinos, e seus dominios, uma sociedade que nelles entrára dando exemplos, e que havia sempre sido tão distinctamente protegida pelos Srs. reis meus gloriosissimos predecessores, e pela minha real e successiva piedade : e havendo todas as minhas sobreditas diligencias ordenadas á conservação da mesma sociedade, sido por ella contestadas, e invalidados os seus pios, e naturaes effeitos por tantos, tão estranhos, e tão inauditos attentados, como forão por exemplo, o com que á vista, e face de todo o universo, declararão e proseguirão contra mim, nos meus mesmos dominios ultramarinos, a dura e aleivosa guerra que tem causado um tão geral escandalo, o com que dentro no meu mesmo reino, suscitarão tambem contra mim as sedições intestinas com que armarão para a ultima ruina da minha real pessoa os meus mesmos vassallos, em quem acharão disposições para os corromperem, até os precipitarem no horroroso insulto perpetrado na noite de 3 de Setembro do anno proximo precedente, com abominação nunca imaginada entre os portuguezes, e o com que depois que errarão o fim daquelle execrando golpe contra a minha real vida, que a Divina Providencia preservou com tantos, e tão decisivos milagres, passarão a attentar contra a minha fama, a cara descoberta, machinando, e diffundindo por toda a Europa, em causa commum com os seus socios das outras regiões, os infames aggregados de disformes, e manifestas imposturas, que contra os mesmos regulares tem retornado a universal, e prudente indignação da mesma Europa : nesta urgente, e indispensavel necessidade de sustentar a minha real reputação, em que consiste a alma vivificante de toda a monarchia que a Divina Providencia me devolveu, para conservar indemne, e illesa, a autoridade que é inseparavel da sua independente soberania : de manter a paz publica dos meus reinos, e dominios, e de conservar a tranquillidade e interesses dos meus fieis, e louvaveis vassallos ; fazendo cessar nelles tantos e tão extraordinarios escandalos, protegendo-os, e defendendo-os contra as intoleraveis lesões de todos os sobreditos insultos, e de todas as funestas consequencias, que a impunidade delles não poderia deixar de trazer a poz de si : depois de ter ouvido os pareceres de muitos ministros doutos, religiosos, e cheios de zelo da honra de Deos, e do meu real serviço, decoro, e do bem commum dos meus reinos, e vassallos, que houve por bem consultar, e com os quaes fui servido conformar-me : declaro os sobreditos regulares na referida fórma corrompidos, deploravelmente alienados do seu santo instituto, e manifestamente indispostos com tantos e tão abominaveis, tão inveterados e tão incorregiveis vicios, para voltarem á observancia delle, por notorios rebeldes, traidores, adversarios, e aggressores que tem sido, e são actualmente contra a minha real pessoa, e Estados, contra a paz publica dos meus reinos, e dominios, e contra o bem commum dos meus fieis vassallos : ordenando que como taes sejam tidos, havidos, e reputados : e os hei desde logo em effeito desta presente lei, por desnaturalizados, proscriptos, e exterminados : mandando que effectivamente sejam expulsos de todos os meus reinos, e dominios, para nelles mais não poderem entrar : e estabelecendo debaixo de pena de morte na-

tural, e irremissivel, de confiscação de todos os bens para o meu fisco, e camara real, que nenhuma pessoa de qualquer estado, e condição que seja, dê nos mesmos reinos, e dominios, entrada aos sobreditos regulares, ou qualquer delles, ou que com elles junta, ou separadamente tenha qualquer correspondencia verbal, ou por escripto, ainda que hajão sahido da referida sociedade, e que sejam recebidos, ou professos em quaesquer outras provincias, de fóra dos meus reinos, e dominios, a menos que as pessoas que os admittirem, ou praticarem, não tenham para isso immediata e especial licença minha. Attendendo porém a que aquella deploravel corrupção dos ditos regulares (com differença de todas as outras ordens religiosas, cujos communs se conservarão sempre em louvavel, e exemplar observancia) se acha infelizmente no corpo que constitue o governo, e o commum da sobredita sociedade: e havendo respeito a ser muito verosimil que nella possa haver alguns particulares individuos daquelles que ainda não haviam sido admittidos a profissão solemne, os quaes sejam innocentes, por não terem ainda feito as provas necessarias, para se lhes confiarem os horriveis segredos de tão abominaveis conjurações, e infames delictos: nesta consideração não obstantes os direitos communs da guerra, e da represalia universalmente recebidos, e quotidianamente observados na praxe de todas as nações civilisadas; segundo os quaes direitos, todos os individuos da sobredita sociedade, sem excepção de algum delles, se achão sujeitos aos mesmos procedimentos, pelos insultos contra mim, e contra os meus reinos, e vassallos, commettidos pelo seu perverso governo: comtudo reflectindo a minha benignissima clemencia, na grande afflicção que hão de sentir aquelles dos referidos *particulares*, que havendo ignorado as machinações dos seus superiores, se virem proscriptos, e expulsos, como partes daquelle corpo infecto, e corrupto: permitto que todos aquelles dos ditos *particulares* que houverem nascidos nestes reinos, e seus dominios, ainda não solemnemente professos, os quaes apresentarem demissorias do Cardeal patriarcha visitador, e reformador geral da mesma sociedade, para que lhes relaxe os votos simplices que nella houverem feito, possam ficar conservados nos mesmos reinos, e seus dominios, como vassallos delles, não tendo aliás culpa pessoal provada, que os inhabilite. E para que esta minha lei tenha toda a sua cumprida, e inviolavel observancia, e se não possa nunca relaxar pelo lapso do tempo em commum prejuizo, uma tão memoravel e necessaria disposição: estebeleço que as transgressões della fiquem sendo casos de devassa, para dellas inquerirem presentemente todos os ministros civis, e criminaes, nas suas diversas jurisdicções: conservando sempre abertas as mesmas devassas, a que agora procederem, sem limitação de tempo, e sem determinado numero de testemunas; perguntando depois de seis em seis mezes pelo menos, o numero de dez testemunhas, e dando conta de assim o haverem observado, e do que resultar das suas inquirições, ao ministro juiz da inconfidencia, sem que aos sobreditos magistrados se possam dar por correntes as suas residencias, em quanto não apresentarem certidão do referido juiz da inconfidencia.

E esta se cumprirá como nella se contém. Pelo que mando á mesa do desembargo do paço, regedor da casa da supplicação, ou quem seu cargo servir, conselheiros da minha real fazenda, e dos meus dominios ultramarinos, mesa da consciencia, e ordens, senado da camara, junta do commercio destes reinos, e seus dominios, junta do deposito publico, capitães generaes, governadores, desembargadores, corregedores, juizes, e mais officiaes de justiça, e guerra, a quem o conhecimento desta pertencer, que a cumprão e guardem, e fação cumprir, e guardar tão inteiramente, como nella se contém, sem duvida ou embargo algum, e não obstante quaesquer leis, regimentos, alvarás, disposições, ou estylos contrarios que todas, e todos hei por derogados, como se delles fizesse individual e expressa menção, para este effeito sómente, ficando aliás sempre em seu vigor. E ao Dr. Manoel Gomes de Carvalho, desembargador do paço, do meu conselho, e chanceller-mór destes meus reinos, mando que a faça publicar na chancellaria, e que della se remettão copias a todos os tribunaes, cabeças de commarcas, e villas destes reinos; registrando-se em todos os lugares onde se costumão registrar semelhantes leis: e mandando-se o original para a torre do Tombo. Dada no palacio de Nossa Senhora da Ajuda, aos 3 de Setembro de 1759—*Rei*.

FRANCISCO I, CARDEAL PATRIARCHA DE LISBOA.

Sendo el-rei meu senhor servido expulsar de todos os seus reinos, e dominios, por justos e necessarios motivos, os clérigos regulares da Companhia de Jesus, nos participou esta noticia por carta assignada de seu proprio punho, cujo teor é o seguinte:

Illustrissimo e Revm. em Christo Padre, Cardeal Patriarca de Lisboa, reformador geral da Companhia de Jesus nestes reinos, e seus dominios, meu como irmão muito amado. Eu D. José por graça de Deos, rei de Portugal, e dos Algarves, d'aquem, e d'além mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação, e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, etc. Vos envio muito saudar, como aquelle que muito amo e prezo. Por haver considerado, que ainda em um caso tão horroso, tão insolito, e tão urgente, como o que constituiu a decisão da sentença que a *junta de inconfidencia* proferio nesta côrte, em 12 de Janeiro deste presente anno, não podia haver attenção, que fosse demasiada a respeito do pai commum, da parte de um filho, que como eu teve sempre por inviolaveis principios, a veneração, e a defesa da autoridade da cabeça visivel da igreja catholica: mandei suspender com os regulares da mesma Companhia, comprehendidos naquelle infame, e escandaloso attentado, não só as demonstrações, a que como rei (que no temporal não deve reconhecer, nem reconhece na terra superior) me achava necessitado, assim pelos direitos divino, natural, e das gentes, como pelos exemplos dos monarchas mais pios da Europa, e dos senhores reis meus religiosissimos predecessores, mas tambem ordenei, que ao mesmo tempo

fossem sobstados, até aquelles mesmos procedimentos de que se não devem dispensar, nem ainda os mesmos particulares, que são pais de familias, para expulsarem fóra das suas casas, todos aquelles que perturbão o socego, e economia dos moradores della. Em effeito desta minha obsequiosa condescendencia, e filial veneração, dirigi ao *santissimo padre Clemente XIII*, ora presidente na universal igreja de Deos, a *carta* firmada pela minha real mão, em 20 de Abril proximo precedente, e a *deducção e papeis*, que forão com esta, para informar o santissimo padre ao dito respeito, emquanto aquelle urgentissimo negocio se achava *reintegrado*. Depois de se haverem expedido para Roma aquellas minhas condescendentes informações, accrescêrão ainda no meu conhecimento, os mais fortes motivos que podião concorrer, para que eu (não só como monarcha, duas vezes responsavel a Deos, pelo decoro da magestade que de mim confiou: e pela conservação da paz publica, em que devo manter os meus reinos, mas tambem como pai, e como indefectivel protector dos meus fieis vassallos) antepozesse á toda, e qualquer outra contemplação, a das indispensaveis urgencias que tão apertadamente me instavão para effectivamente cohibir tantas atrocidades inauditas, e nunca até agora esperadas, quantas forão, e são ainda hoje as machinações temerarias, e as sacrilegas calumnias, que desde o referido mez de Abril até agora se forão accumulando contra a minha real autoridade na curia de Roma, e em outras muitas cidades de Italia pelos ditos *regulares da Companhia*, com tal desenvoltura, como até pelos *papeis publicos* tem sido manifesto em todas as côrtes da Europa. Nada bastou comtudo, para que eu permitisse que fosse alterada a suspensão dos justos, e necessarios procedimentos que tinha ordenado, emquanto não soube com inteira certeza, que as minhas sobreditas informações havião effectivamente chegado á presença de Sua Santidade; e que nella se tinha consummado pelo conhecimento do *Santissimo Padre* o meu exuberante e reverente obsequio. Agora porém, que pela certeza de haver cumprido com aquella minha filial e reverente attenção na presença de Sua Santidade, tem cessado o justo motivo da dita suspensão, se faz indispensavel que eu não dilate por mais tempo a indefectivel defeza, com que devo sustentar o meu real decoro, a autoridade da minha corôa, e a segurança dos meus reinos e vassallos, contra as intoleraveis lesões que lhes tem inferido, e cada vez procurão inferir com mais façanhosa ousadia em causa commum os ditos regulares. Quando os das provincias destes reinos se achavão mais redundantes dos beneficios, e das honras que tinham recebido, e estavam profusamente recebendo da munificencia dos senhores reis, meus gloriosissimos predecessores, e da minha real benignidade; se achavão arbitros da educação dos meus vassallos, se achavão directores geraes das suas consciencias, e se achavão mais chegados ao meu regio throno, do que quaesquer outros religiosos; então é que machinárão as clandestinas e violentas usurpações que tinham feito no norte, e no sul do Brasil, não só dos meus dominios, mas tambem da liberdade, e da honra, e fazenda dos habitantes delles. Quando virão que as ditas usurpações, não podião deixar de

ser descobertas pela execução do *tratado de limites*, passarão logo (para invalidal-o, e se manterem a si nas mesmas usurpações) a animar contra a minha real pessoa, e governo alguns principes soberanos, com quem eu sempre havia conservado a mais cordial intelligencia, e a mais fina, e sincera amizade. Quando estes reciprocos affectos desconcertarão aquelle iniquissimo projecto de discordia externa, passarão os mesmos regulares a declarar-me nos meus mesmos dominios ultramarinos a dura, e aleivosa guerra, que tem cheio de escandalo, e de horror a todo o universo. Quando souberão que havião sido em grande parte derrotados os exercitos, e os tumultos de Indios enganados, que na America tinham sublevado com rebellião, e superstição abominaveis, passarão a suscitar dentro no meu mesmo reino, sedições intestinas, e armarem por ellas contra inim os meus mesmos vassallos, em quem acharão disposições para os corromperem, até os precipitarem no horroroso absurdo, com que na noite de 3 de Setembro do anno proximo passado, attentarão contra a minha real pessoa, com infidelidade, e infamia nunca imaginadas entre os Portuguezes. Quando finalmente errarão aquelle abominavel golpe contra a minha real vida, que a Divina Providencia preservou com tantos e tão decisivos milagres; não lhes restando á outra barbaridade, a que a cegueira da sua cruel e insaciavel cubiça pudesse recorrer; passarão a attentar contra a minha alta reputação á cara descoberta; machinando, e diffundindo os jesuitas romanos, e os seus adherentes; e fazendo espalhar por toda a Italia, para fazerem odioso o meu real nome, os infames aggregados de disformes e manifestas imposturas, que contra os mesmos perniciosos regulares tem retorquido a universal indignação de toda a Europa: vendo o crime descarado na presença da justiça, fallar tão livre e sacrilegamente: vendo a calumnia sem pejo, e sem achar a menor verosimilidade para disfarçar as suas imposturas, blasphemando contra as verdades mais autenticamente publicas e notorias: vendo o respeito devido ás potencias soberanas barbaramente violado, sem accordo e sem medida, por uns homens que tiverão, e devem ter por instituto, e por unica força a santa humildade: e vendo finalmente, assim excedidos pelos jesuitas romanos todos os execrandos attentados dos jesuitas portuguezes; pois que havendo estes conspirado contra os meus Estados, e contra a minha real vida, passarão aquelles a attentar tão disformemente contra a minha real reputação, em que consiste a alma vivificante de toda a monarchia, que a mesma Divina Providencia me devolveo, para conservar indemne e illesa a autoridade, que é inseparavel da sua soberania. Nestas indispensaveis circumstancias, tenho pois determinado, que os sobreditos regulares corrompidos, deploravelmente alienados do seu santo instituto, e manifestamente indispostos por tantos, tão abominaveis, e tão inveterados vicios, para voltarem á observancia delle, como notorios rebeldes, traidores, adversarios, e aggressores que tem sido, e são actualmente da minha real pessoa e Estados, e da paz publica, e bem commum dos meus fieis vassallos, sejam prompta e effectivamente exterminados, desnaturalisados, proscriptos e expulsos de todos os meus reinos, e dominios, para nelles mais não po-

derem entrar : ordenando que debaixo da pena de morte natural, e irre-missivel, nenhuma pessoa, de qualquer estado e condição que seja, lhes dê entrada nos mesmos reinos e Dominios, ou com elles tenha qualquer correspondencia, ou communicação verbal, ou por escripto; ainda que aos mesmos reinos, e dominios venhão em habitos diversos, e que hajão passado a qualquer outra ordem religiosa, a menos que para isso não tenham immediata e especial licença minha, os que assim os admittirem ou praticarem. O que me pareceu participar-vos, não só para que como re-formador e superior delegado dos sobreditos regulares, pelo breve apostolico de vossa commissão, fiqueis na intelligencia da religiosissima observancia que tenho praticado com a santa séde apostolica, em tudo o que podia dizer respeito á sua autoridade : mas tambem para que como prelado diocesano possais exhortar os vossos subditos do estado ecclesiastico, afim de que como bons, e leaes vassallos, hajão de dar exemplos de fidelidade, e de zelo aos seculares, para a melhor e mais exacta observancia da minha sobredita real, e indispensavelmente necessaria determinação e providencia, que com ella tenho dado até agora (pelo que pertence á temporalidade) ao socego publico dos meus reinos, e dominios, e ao repouso commum dos meus leaes vassallos: porque porém aquella deploravel corrupção dos ditos regulares (com differença de todas as outras ordens religiosas, cujo commum se conservou sempre em louvavel, e exemplar observancia) se acha no corpo que constitue o governo, e o commum da sobredita sociedade : sendo verosimil que nella possa haver alguns particulares individuos daquelles que ainda não haviam sido admittidos á profissão solemne, os quaes sejam innocentes por não terem ainda feito as provas necessarias, para se lhes confiarem os horriveis segredos de tão abominaveis conjurações, e infames delictos : nesta consideração, não obstante os direitos communs da guerra, e da represalia, universalmente recebidos, e quotidianamente observados na praxe de todas as nações civilizadas, que vivem mais religiosamente, direitos segundo os quaes todos os individuos da sobredita sociedade, sem excepção de alguns delles, se achão sujeitos aos mesmos procedimentos, pelos insultos contra mim, e contra os meus fieis vassallos, commetidos pelo seu pervertido governo : comtudo reflectindo a minha benignissima clemencia na grande afflicção, que hão de sentir aquelles referidos *particulares*, que havendo ignorado as machinações dos seus superiores, se virem proscriptos, como partes daquelle corpo infecto, e corrupto : hei por bem permittir, que todos aquelles dos ditos *particulares* ainda não solemneamente professos, que a vós houverem recorrido, para lhes relaxares os votos simplicis, e que apresentarem demissorias vossas, possam ficar conservados nestes reinos, e seus dominios, como vassallos delles, não tendo aliás culpa pessoal provada que os inhabilite. Illm. e Revm. em Christo Padre, Cardeal Patriarcha de Lisboa, e reformador geral da companhia de Jesus nestes reinos, e seus dominios, meu como irmão muito amado : Nosso Senhor haja a vossa pessoa em sua santa guarda. Escripta no palacio de Nossa Senhora da Ajuda, aos 3 de Setembro de 1759.—Rei.

E como por nosso pastoral officio, nos insta a indispensavel obrigação de dirigir aos nossos subditos por todos os caminhos mais seguros para a sua salvação, lhes advertimos, que por direito natural, por direito divino, e direito das gentes, devem amar a seu soberano, respeitar os seus decretos, e obedecer a todas as suas leis. Bem nos mostra esta infallivel verdade o apostolo S. Paulo, que sendo escolhido para prégador das verdades catholicas, efficazmente persuadia aos seus ouvintes, que aquelles que resistião as leis do seu soberano, offendião gravemente a Magestade Divina : porque o poder dos monarchas, não era senão de Deos, e que tudo quanto elles determinavão, vinha ordenado pela sua Altissima Providencia, e os que erradamente não obedecião ás suas leis, concorrião infelizmente para a sua eterna condemnação.

O Espirito Santo manda aos reis que ouçam, e que entendão, porque o seu poder lhes é concedido pelo Senhor. Pela Divina Autoridade, é que governão os soberanos : são legitimos legisladores, mandão, e determinão o que é justo. Por todos os modos nos persuade o Altissimo, quanto deve ser respeitavel o poder, e autoridade dos soberanos, propondo-nos como exemplo mais efficaz, e mais poderoso, a obediencia dos mesmos irracionais ; porque sem esta ordem, se faria impossivel a conservação das suas distinctas especies.

Mandou Deos a Samuel, que ouvisse o seu povo em tudo o que lhe dissesse ; porque não era Samuel o offendido, era o mesmo Deos, a quem se encaminhavão todas as offensas. Não só como catholicos (como tantas vezes nos persuadem os santos Padres) estão os subditos obrigados a respeitar, e obedecer aos seus monarchas, como também por utilidade publica, porque será impossivel a paz, e o socego das monarchias, sem a providencia, e autoridade de seus reis.

E ainda que esperámos que todos os nossos subditos (tendo a incomparavel felicidade de serem vassallos de um monarcha o mais pio, e o mais justo) devem sentir, e se hão de scandalisar, que a sociedade dos Jesuitas afastada do seu santo instituto, e esquecida até das necessarias obrigações da humanidade, conspirasse não só contra a sagrada pessoa do seu monarcha, e contra os seus dominios, mas ainda com escandalosa obstinação pretender offender-lhe a sua reputação, e seu real respeito : exhortámos a todos os nossos subditos seculares, e mandámos a todos os ecclesiasticos, que não tenham communicação alguma com os ditos religiosos desnaturalizados, nem verbal, nem por escripto, para que se não perturbe outra vez a paz, e socego publico, que todos devemos procurar effectivamente, não só como verdadeiros catholicos, mas também como fieis vassallos.

E já que a commissão que nos fez o santissimo padre Benedicto XIV, de gloriosa memoria, foi tão infeliz, e tão inutil, que em lugar de produzir nestes religiosos uma verdadeira humildade, e uma justa observancia do seu santo instituto, os fez esquecer das suas precisas e catholicas obrigações, rogámos aos nossos subditos nos ajudem a pedir a Deos queira

dar as luzes necessarias a estes infelizes, para que conhecendo os seus indisculpaveis, e lastimosos erros, busquem outra vez o verdadeiro caminho por onde os guie sempre o seu Santo Patriarcha, com as suas admiraveis e perfeitas obras, e com as suas mais seguras e catholicas doutrinas. E para que esta venha á noticia de todos, mandámos que seja publicada nas igrejas de todo o nosso patriarchado, e fixada nos lugares costumados. Dada no palacio da nossa residencia, sob nosso signal, e sello. Junqueira 5 de Outubro de 1759.—*F. Cardeal Patriarcha.*

MISSÕES DO CASTELLO NA CAPITAL DO IMPERIO DO BRASIL, PELOS BARBADINHOS
OU CAPUCHOS ITALIANOS.

Continuamente denuncião os jornaes da capital do imperio, os tristes e lamentaveis acontecimentos, que se tem dado, e continuão a dar nas colonias do Mucury, Matto-Grosso, e outros lugares do vastissimo continente do Brasil, praticados pelos selvagens, nos pacificos moradores daquellas paragens, semque o governo, para a coacção, tenha empregado convenientemente os meios, que a civilisação aconselha a um governo solícito, pelo bem da humanidade, á chamar os filhos da ignorancia, ao gremio da sociedade civil, e protegê-los, fazendo como o governo portuguez fazia nos tempos coloniaes, soar a palavra benefica, civilisadora, e mais que muito pacifica do Evangelho, no centro das florestas do Brasil. Para este fim despende o Estado sommas avultadas, com a *catechese e civilisação* dos Indios, e com a manutenção dos Barbadinhos italianos, que sem duvida são convidadas para este fim; e no entanto, em vez de seguirem para o interior das matas, entende o governo aproveitá-los nos grandes povoados, á propagarem doutrinas ultramontanas, favorecendo-os com todos os commodos possiveis a sua *divina missão*, para se conservarem em nome do Céu, embutindo doutrinas erroneas na imaginação dos crentes fanaticos, e mesmo a moral anti-social, retrograda, no coração das credulas mães de familias, que tem a debilidade de os ir ouvir, em sua linguagem desfigurada e má, cheia de trocadilhos, com a qual as vezes proferem palavras obscenas ou inconvenientes (1).

Perguntámos nós aos directores dos negocios do Estado, haverá necessidade na capital do imperio, ou nos povoados catholicos, de

(1) Contarão-nos pessoas sisudas, que em uma dessas humilias, prégadas no Castello por um Barbadinho, estando quasi promiscuamente confundidos os sexos, ao apparecer no pulpito o capucho, antes de dixer ao que vinha, falla ao auditorio: assim não está hom. saias para cima, e calças para baixo; que assim é que eu gosta. Por causa desses trocadilhos, não seria mais conveniente que o capucho prégesse na sua lingua, ou então aprendesse para não offender a decencia II...

Barbadinhos italianos, para ensinar doutrinas que são aprendidas no berço? Entendemos que não; por ser outra a sua missão, que é militar, onde se necessita da luz da razão, e conhecimento da fé, que o selvagem ignora. Os Barbadinhos são necessários no interior, (sabendo bem a linguagem do povo brasileiro, e a do Índio do paiz) onde a civilização não está diffundida; são necessários no meio das florestas, á chamar com a palavra benefica e civilisadora do Evangelho, o incola brasileiro ao gremio de outra sociedade mais philantropica, que a em que vive, inspirando-lhe os verdadeiros sentimentos da moral christã, e o conhecimento do Deos Omnipotente, á Quem devemos o ser e a existencia que temos. O Qual vê do alto dos Céos, as boas acções para as premiar, como as desgraçadas e más, a lhes proporcionar o merecido castigo, e correccão, na razão da gravidade dos delictos, commettidos contra a vida, honra, e propriedade dos nossos semelhantes. Chamar os homens ao cumprimento dos seus deveres, e promover a paz, e concordia, e animar os homens ao trabalho, é o que recommendou o Filho Santissimo do Eterno, e não a pratica de doutrinas ultramontanas, no centro das capitães, ás mãis de familias, para levadas do terror que lhe infunde um frade, suppol-o enviado do Céu, e autorizado por Deos, a ameaçal-as com penas eternas, como se Deos não fosse o Pai Commum das misericordias, e o verdadeiro juiz da consciencia do homem. No entanto o eretico Barbadinho, cheio de maldades, dando a Deos paixões humanas, ou antes as paixões de que é susceptivel um capucho, afronta aos Céos com as injurias e blasphemias, que cá da terra vomita contra Deos. Em lugar de brandamente chamar o homem para o caminho do bem, e animal-o com a misericordia divina, e em recompensa das acções meritorias, que pratica na peregrinação desta existencia terrestre, eil-o armando o Braço sempre bemfazejo do Altissimo, com instrumentos usados no tribunal do santo officio!!!

O Barbadinho italiano tem consciencia do que diz no meio de um auditorio civilisado, que constantemente o escarnece e descrê! Em lugar de afeiar os crimes e os vicios que se praticão, e indicar os remedios que a moral do Evangelho ensina, por ignorancia e pobreza de idéas, passa a vociferar em nome de Deos, a fim de conseguir o fanatismo, elemento estúpido em que funda o seu poderio anti-social.

As vantagens das sociedades bem constituidas, são reprovadas por elles, e por isso é que se conspirão contra a liberdade, e pretendem por meio do terror das chammas de um fogo que se não extingue, desharmonisar as familias, e os povos tranquillos, em suas relações sociaes.

No entanto, o governo brasileiro, não cuida como lhe cumpre dos interesses geraes, empregando a sua solicitude á evitar os clamores dos habitantes do Mucury, do Matto-Grosso e outras localidades, consentindo os Barbadinhos missionarios entre uma população civilisada, enquanto que milhares de almas perdem-se á falta da luz evangelica. Os Barbadinhos entre nós, além dos commodos e vantagens que tem, morão em boa casa, situada em bellissimo e saudavel local, e para se lhe proporcionar mais largueza á *santa vida* que levão, concedeu-se-lhes, sem custo, o melhor

logradouro publico, e permissão para se o amurar á custa dos cofres do Estado, com cuja obra se gastou para mais de cinco contos de réis, a privar os habitantes desta capital, do benefico refrigerio que tinham nas tardes, manhãs, e mesmo noites calmosas, para se dar aos Barbadinhos italianos ! Estes factos expressivos não devem passar desapercibidos na historia do paiz, para que saiba o governo, que assim como o censurámos por estes e outros factos, com o rigor da opinião, o louvaremos se convertesse a morada dos Barbadinhos, e logradouro publico, a elles dado, em habitações salubres, para as dar de graça ás familias pobres dos benemeritos do Estado, que andão abandonadas pelas estalagens de aluguel, insalubres e pessimias.

Devermos andar a par do progresso da intelligencia, e já lá vão esses tempos de tristissima recordação, em que, em nome da Cruz, se commetterão horrores, que a penna recusa memorar-os: esses tempos de vandalico cynismo, e crueza catholica, não voltarão mais, porque a bibliotheca da civilisação, onde se bebe a instrucção geral, filha do progresso, que repelle o despotismo e a hypocrisia, está espalhada por todo o mundo.

O *Diario do Rio de Janeiro* de terça feira 18 de Fevereiro n. 49, movido pelos sentimentos de humanidade fazendo conhecer o desprezo em que são tidos os Indios quer pacificos, e quer não, noticia que foi dirigida a Sua Magestade Imperial uma representação em nome dos Indios da Aldéa da Escada, em Pernambuco, na qual se pede providencia contra o modo anormal e arbitrario com que se procede contra esses Indios.

Por diversas vezes tem elles se queixado ao director, e ao presidente respectivo, mas nenhuma providencia tem sido dada.

Cada vez mais crescem as perseguições, e toda a ordem de aggressões contra elles.

As suas propriedades continuão a ser roubadas, quando não são demolidas por ordem de qualquer potentado ; as suas liberdades continuão a ser atacadas constantemente á caprichos mal entendidos, e improprios, de quem quer que seja.

A tudo isto, a todos os actos arbitrarios e criminosos não tem prestado a menor attenção o proprio director, nem autoridade alguma tem tomado em consideração o procedimento revoltante que se tem tido com esses Indios, que vivem em familia e em terras proprias, conforme nos consta.

E falla-se de colonisação de estrangeiro, para o paiz, quando o governo não cura das necessidades dos proprios nacionaes, e nem se importa que sejam victimas de toda oppressão dos potentados, e do deleixo da autoridade !

Não sabemos o que mais admirar, se o rancor inqualificavel dos oppressores, ou se a prudencia evangelica dos Indios.

APPENSO A COROGRAPHIA

Sem os fundamentos da verdadeira critica, fui agredido no seio do Instituto Historico Geographico Brasileiro, por um de seus membros, que de empregado subalterno de uma repartição de provincia, passou a ser chefe do archivo da secretaria de Estado dos negocios do imperio !! A origem dessa aggressão foi a que expuz ao publico, respondendo ao parecer do Sr. general Bellegarde como se vio no *Diario do Rio de Janeiro* de 14 de Outubro do anno passado (1861) nestes termos :

Instituto Historico.

Passaudo os olhos pelo *Jornal do Commercio* de 7 do corrente, deparei no lugar da Gazetilha, com o resumo dos trabalhos do Instituto Historico, e com o parecer do Sr. conselheiro Bellegarde a respeito da descripção da bandeira republicana de Pernambuco, do anno de 1824, bem como reparei a impressão que lhe causou o meu juizo feito ao governo de Luiz do Rego Barreto, desde 1817 a 1821, e pelo que chama a attenção do Instituto para a biographia do meu velho amigo, Dr. Manoel Joaquim de Menezes, que escrevi e divulguei.

Deixaria eu passar sem reflexão, o parecer do Sr. conselheiro Bellegarde, se não descobrisse nelle, alguma sem razão no modo de ver do Sr. conselheiro, tomando a configuração do escudo da bandeira, que descrevi, pelo plano do centro, onde se nota o *esquartelado*, palavra empregada em armaria, para determinar a divisão do campo do escudo em quatro partes, á se põem ás côres e emblemas, como por exemplo : em uma parte, aguias, leões ; em outra, flores de lis, castellos, etc. etc.—*scutum quadrifariam divisum, ou quadripartitum transversis, vel directe, vel decussatim lineis*; —e mais a confusão do adjectivo *esquartelado*, com o termo *quadrado* !!!

Embora tivesse tido o trabalho de mandar copiar a bandeira de 1824, supponho, pelo que li, que o Sr. conselheiro Bellegarde, não prestou toda a sua attenção no que informou ao Instituto Historico, para satisfazer á impertinencia do Sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva ; porque se assim não fosse, repararia, que o verbo *esquartelar* indica em armaria, que o campo do escudo é dividido em quatro partes, e nunca que o escudo seja *quadrado*...

Existindo o dezenho da bandeira da revolução do Equador, no archivo da secretaria do imperio, entendi fazer-lhe a descripção para divulgá-la,

em tempo opportuno, em presença do original ; e então, congregando-me ao Sr. Joaquim Norberto, e ao Sr. tenente-coronel J. Fulgencio Carlos de Castro, cavalleiro illustrado e mui circumspecto, copiámos descriptivamente o dezenho da bandeira, com a attenção, que um tal objecto nos merecia : e é para lamentar que o Sr. Joaquim Norberto, que era presente, e dava a sua opinião, deixasse passar sem observação, o que com muito interesse copiavamos, para depois mostrar-se tão zeloso em presença do Instituto Historico !...

Sahindo desse impertinente assumpto, chama o Sr. conselheiro Bellegarde a attenção do Instituto, para o juizo que fiz a respeito do governo de Luiz do Rego Barreto, e do seu secretario F. J. de S. Soares de Andréas, e dando um grande salto, entendeu ligar, ou fazer dependente as arbitrariedades do governo de Luiz do Rego, nos compromettidos e não compromettidos da revolução de 6 de Março de 1817 em Pernambuco, com os acontecimentos que quasi quatro annos depois deu-se em 24 de Agosto de 1820 na cidade do Porto, attribuindo o despotismo do secretario de Luiz do Rego, o não adherir elle, ao que chamava *insurreição militar*.

Deixando de parte o anacronismo historico, direi ao Sr. conselheiro que depois da revolução de 6 de Março de 1817, só um homem em Portugal ruminava a idéa de reforma, que apenas communicava a um ou outro amigo intimo, e que, não sahindo do seu limitado circulo, não podia transpirar a mais de duas mil leguas. Não tendo nesse tempo o secretario Francisco José de Souza Soares de Andréas, a menor communicação com os protagonistas da revolução do Porto, e nem feitos valiosos, que o recommendassem aos revolucionarios, achei superfluo a ligação das idéas do secretario de Luiz do Rego, e as arbitrariedades praticadas em Pernambuco, com o que pretendia o *Synedrrio* na cidade do Porto.

O genio de qualquer individuo propenso ao despotismo, não exclue alguma outra qualidade recommendavel, e por isso não serei eu injusto com Soares de Andréas, nem com qualquer outro funcionario publico, quando tratar delles, como farei com Andréas no Pará, em Santa Catharina, no Rio-Grande do Sul, em Minas e na Bahia. Seja lá quem fôr, tenha a posição social que tiver, sendo funcionario da nação, hei de censurar-lhe os defeitos, assim como encomiar-lhe as virtudes, porque o homem publico não pertence a familia, e nem aos amigos, e sim ao dominio da historia, e esta, para ser considerada, deve ser conscienciosa e imparcial.

Para mostrar ao Sr. conselheiro que foi mal cabida a desculpa que deu, ao que se passou em Pernambuco, lhe contarei, que a revolução do Porto de 24 de Agosto de 1820, não foi uma *insurreição militar*, e sim uma revolução de toda a nação em Portugal. Trazendo a revolução uma origem puramente politica, alimentou-se nos motivos que trouxeram a familia real portugueza para o Brasil em 1807, onde fundou um novo imperio, com uma administração e erario separados, e tudo o mais a formar uma nova monarchia, constituindo Portugal (antiga metropole) colonia do Brasil.

Os Portuguezes europêos, acostumados ás vantagens e gozos, que alli

tinhão, vivião resentidos da sua orphandade, mórmente pelo peso do jugo que se tornava odioso, e mesmo porque tudo que pretendião, era necessario vir buscar ao Rio de Janeiro, com grandes despezas, e sacrificios.

O exercito portuguez, governado por um chefe estrangeiro, as divisões e brigadas na maior parte commandadas por officiaes inglezes, o thesouro nacional enfraquecido, pelas enormes despezas, chegando mesmo a se tirar delle, todo o numerario para se pagar a divisão, que se achava em Montevidéo, preludiava uma inevitavel tormenta politica.

Estas causas tão ponderosas, despertarão os partidarios da reforma da administração do estado, que se havia creado em 1800, no reino, por occasião da enfermidade nervosa do principe regente : esse partido, que vivia amortecido, despertou-se em 1808, quando apresentou a Junot um projecto de constituição para Portugal, semelhante ao do grão ducado de Varsovia. Este partido, centralisado em Lisboa, espalhou-se por todo o reino, transformado em sociedades secretas, e mais se augmentou, quando o exercito portuguez voltou em 1814 triumphante da França.

Muitos officiaes portuguezes e inglezes, tinhão entrado nas officinas maçonicas de França, e no exercito portuguez havião officinas denominadas — *volantes* — ; e como o marechal Bresford, não fazia caso da maçonaria, esta cresceu, dando lugar aos officiaes da divisão portugueza entrarem nas officinas existentes em Lisboa.

Quando estes movimentos se davão na antiga capital do reino, chegou de França Gomes Freire de Andrada, onde se tinha feito reconhecer grão-mestre da maçonaria, denominada dos cavalleiros da cruz ; e cercando-se dos descontentes da actualidade de então, entrou em opposição ao general estrangeiro ; e Gomes Freire, sendo envolvido em uma conspiração contra o governo, foi enforcado em 1817, com mais onze dos seus co-religiosarios.

A morte affrontosa desses benemeritos, não amedrontou os maçons, porque o Dr. Manoel Fernandes Thomaz, desembargador da relação do Porto, no mesmo anno de 1817, tendo estreitas relações de amizade com o Dr. José Ferreira Borges, e com José da Silva Carvalho, o primeiro, advogado na cidade do Porto, e o segundo, secretario da companhia dos vinhos, tomavão por objecto de suas conversações ordinarias, a situação critica de Portugal. A ausencia do rei, e a nenhuma esperança de regresso ; uma regencia fraca e sem prestigio, um general estrangeiro governando a seu arbitrio o exercito portuguez, tornava-se impossivel em Portugal, e prenunciava uma inevitavel revolução.

Sendo usual entre elles, a conversação neste sentido, teve o seu devido effeito a idéa da revolução, em uma das noites de Janeiro de 1818, estando reunidos Fernandes Thomaz, Ferreira Borges, Silva Carvalho, João Ferreira Vianna, negociante do Porto, e amigo intimo de Ferreira Borges.

Fernandes Thomaz, insistindo no seu pensamento favorito, convidou-os a puxar o carro da revolução, e, entrando em combinações, fundarão uma sociedade secreta denominada *Synedrio*, tendo por fim observar a opinião publica, e a marcha dos acontecimentos, vigiar as noticias vindas da Hes-

panha, e reunirem-se no dia 22 de cada mez em um jantar na Foz, onde se daria parte do occorrido no mez findo, e do que conviria fazer-se no futuro.

Os estatutos do *Synedrio* impunhão não só a maior fidelidade entre os socios, como o segredo mais inviolavel do que se passava, não se communicando a extranhos, o que entre elles occorresse. Ahi se compartilhou a idéa de um movimento anarchico, ou de uma revolução, conduzindo-se-a em proveito do paiz, e guardando-se fidelidade á dynastia da casa de Bragança.

O *Synedrio*, que no seu começo foi uma associação em pequeno numero, cresceu muito, em modo, que de 1818 á 1819, pôde dominar o reino.

A' cidade do Porto chegou a noticia, que a Galliza se tinha sublevado, e proclamado a constituição de Cadiz, e o *Synedrio*, que até alli se tinha conservado silencioso e acutelado, aproveitou o ensejo, e appareceu no theatro da aggressão. O *Synedrio* contava entre os seus membros proeminentes Duarte Lessa, José Pereira de Meuezes, Francisco Gomes da Silva, José Maria Lopes Carneiro, José Gonçalves dos Santos e Silva, e João da Cunha Souto-Maior; e este ultimo, tendo intima relação de amizade com Antonio da Silveira Pinto da Fonseca, seu parente, e fidalgo da provincia de Traz os Montes, que dispunha absolutamente da vontade, e pessoa do coronel Cabreira, cominandante de artilharia da cidade do Porto, que sem lhe fallar no *Synedrio*, o persuadio a adherir a revolução, memorando-lhe as causas e o estado a que o reino estava reduzido, Silveira conveio em tudo, e garantio não só a sua vontade, como a de todos os seus parentes e amigos, e bem o apoio e serviços do coronel Cabreira.

Não havendo mais tempo á perder, o *Synedrio* descobrio-se, e Fernandes Thomaz á frente dos movimentos trouxe a revolução para a rua, no dia 24 de Agosto de 1820 na cidade do Porto, em Coimbra a 4 de Setembro, em Braga a 5, em Lisboa na tarde do dia 15 do mesmo mez, chegando a noticia ao Rio de Janeiro no dia 12 de Novembro de 1820, sendo portador das noticias da revolução de Portugal o brigade *Providencia*, procedente de Lisboa.

O segredo, que os membros do *Synedrio* guardavão em tudo, me autorisa á dizer ao Sr. conselheiro Bellegarde, que não foi feliz no que informou ao Instituto Historico, que Luiz do Rego sympathisava com os elementos da revolução, porque foi devida a opposição, que á ella fazia, o tiro, que levou na ponte da Boa-Vista, em Pernambuco. Luiz do Rego com quem sympathisava era com o principe, e sendo doutrinado nos principios da realza absoluta, não adheria a nenhuma refórma, que não partissem do throno. Consultem-se aos muitos contemporaneos, que ainda restão, testemunhas presencias dos acontecimentos dessa época medonha, ou aos documentos da revolução de Pernambuco, e se obterá a certeza de que eu não me afastei do caminho da verdade, e nem fiz imputações falsas a ninguem.

Quanto a ascendencia de Rodrigo da Fonseca Magalhães, saiba o Sr. conselheiro, que em menino foi elle protegido de Luiz do Rego, pela affei-

ção que lhe tomou, mandou-o para os estudos primarios, e depois para Coimbra, onde se formou, creio que pelos annos de 1819 á 1820 ; e procurando neste ultimo anno a seu protector em Pernambuco, alli se conservou, até que Luiz do Rego se retirou em 1821 para Portugal, e onde depois casou-se com uma filha do seu protector. Donde colijo, pela marcha dos acontecimentos, que a influencia de Rodrigo da Fonseca Magalhães, foi em Pernambuco de mui curta duração, ou mesmo nulla ; e que, o que se deu nos annos anteriores, foi filho dos subalternos de Luiz do Rego.

Refutado o parecer do Sr. conselheiro Bellegarde em todas as suas partes, eu aconselharei ao Sr. Joaquim Norberto que, em lugar de occupar a attenção do Instituto Historico, com ninharias de nenhum alcance, proponha a essa corporação nomear commissões á rever as muitas obras estrangeiras, que dizem do Brasil e dos Brasileiros innumeras sandices, fazendo traduzir os pareceres das suas commissões nas linguas onde essas banalidades e falsidades forão escriptas, afim de que se conheção as injustiças, que a inveja produz : outrosim, que se nomeem commissões para reverem os compendios de historia patria, que andão nos collegios, á serem correctos dos erros de que abundão. Deste modo fará um grande serviço ao paiz, e á mocidade estudiosa, limpando-lhe os seus livros elementares das falsidades que contém.

Dr. Mello Moraes.

Rio de Janeiro, 13 de Outubro de 1861.

Persuadindo-me, que ficasse ahi a malevolencia do Sr. J. Norberto enganei-me, porque despeitado, aproveitando-se da instrução que lhe ministrarão, fez uma confrontação (não em presença dos manuscritos) entre a minha obra já a muito impressa, e a Chronica do jesuita José de Moraes, que acabava de ser publicada ; e em uma das ultimas sessões do Instituto Historico Geographico do Brasil, leu esse inutil trabalho que fez, unicamente para desprezar-me no seio do Instituto ; e tendo eu noticia do que se havia passado, e bem de ter o Instituto mandado imprimir o *Echo* alheio, na sua *Revista trimensal*, entendi desassombrar as prevenções, fazendo publicar no *Correio Mercantil* de 17 de Janeiro n. 17, e no *Diario do Rio de Janeiro* do dia 18 do mesmo mez n. 18, as minhas observações, a respeito da injusta aggressão, para que os homens imparciaes do Instituto Historico, nos julgasse com a calma, que convém ter-se, em aggressões sem fundamento. A resposta que dei, foi a seguinte :

Instituto Historico.

« . . . Elle enviou a sua obra ao ministro do interior, e este ao Instituto. Os commissarios nomeados para darem o seu parecer, concluirão que a obra não era digna da attenção da academia. . .

« Tão importante descoberta (fallando da electricidade) foi quasi *sem* exame condemnada ao esquecimento. As corporações *sabias*, têm isto de *mão*, que se esquecem algumas vezes de que *são instituidas para dar*

conselhos, e não para proferir sentenças, tanto mais irrevogáveis, quanto maior é a sua nomeada. Que immensas descobertas não têm sido assim desprezadas ! Nós poderíamos citar disso numerosos exemplos. Como um homem, muitas vezes desconhecido, poderá lutar contra uma autoridade tal como a do Instituto ? ! (palavras do conego Januario da Cunha Barbosa, fundador do Instituto Historico, na sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, no anno de 1837.) »

Communicou-me um illustrado membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, que na ultima sessão ordinaria, e tambem pelo que se vio no relatorio do Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro, que o Sr. Joaquim Norberto, em desforra, ao que publiquei no *Diario do Rio* do dia 14 de Outubro, respondendo á sua *impertinencia*, por si, ou em commissão leu, como que *triumphante*, um parecer a respeito do 3º volume da minha *Corographia historica*, em que diz, que eu, não só plagiei (1) o chronista *José de Moraes*, como mesmo estropei o que achei no mesino autor, produzindo á laia de truão em scena, alguma hilaridade, me deu tanto nojo, que se respondo antecipadamente é para explicar ao Sr. Dr. Fernandes Pinheiro, os motivos que tive, em alterar o que achei nos manuscritos ineditos dos jesuitas, que agora se achão no archivo do Instituto Historico.

O juizo sobre qualquer trabalho meu, favoravel ou não, feito pelo Sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, não tem na minha estimação a menor importancia ; porque, não sendo autoridade de reconhecido saber, e sim um curioso das letras, não se lhe póde dar o criterio que pretende. O que é, o Sr. Joaquim Norberto deve-o ao ser exclusivamente membro do Instituto Historico, e nada mais, que o metamorphoseou de empregado subalterno de uma repartição provincial, em chefe do archivo de secretaria de estado. A giba que carrega, como litterato, é tão pequena a meus olhos, que não val a pena demorar-me, e por isso fique com ella. Não obstante fruir com *immenso trabalho*, o pingue ordenado de cinco *contos* sem *horror*, que tem, pelo lugar não esperado, quiz metter-se a taralhão comigo, e buscar celebridade, onde sem duvida alguma achará motivos para arrepende-se.

Tendo eu a independencia necessaria, posso dizer as verdades e documental-as, sem os receios de uma demissão, ou indisponibilidade activa e inactiva, e nem dos tribunaes, porque quem falla com documentos falla seguro.

Ainda o Sr. Joaquim Norberto era empregado na provincia, já eu no ministerio do Sr. conselheiro Pedreira, e em seguida no do venerando Sr. marquez de Olinda, pesquisava nos archivos, o que me convinha

(1) O Sr. Joaquim Norberto dá por seu o alheio, como aconteceu com a biographia de D. Maria Quitéria, que é quasi toda extrahida da obra ingleza de *Miss Graham*, que por não saber a lingua ingleza, mendigou a quem a traduzisse. O Sr. Joaquim Norberto nada escreve sem ter uma porção de autores adiante de si, e quem assim pratica não está autorisado para fallar de pessoa alguma.

para meu trabalho, chegando mesmo a ter empregados meus no archivo publico, por mais de dous mezes, copiando documentos (1).

Permanecia no archivo da secretaria do imperio, muito antes de ser propriedade feudal do Sr. Joaquim Noberto, uma porção de volumes manuscritos, vindos de Portugal, contendo cartas regias, e muitos documentos sobre a *Companhia de Jesus no Brasil*, de que me utilizei, em proveito do publico, e com os quaes, e mais outros, que eu possuia, confeccionei o 3º e 4º tomos da *Corographia*, que já estão impressos.

Lendo as chronicas manuscriptas, achei algumas tão mal redigidas, que me foi necessario, guardando o sentido, fazer suppressões e redegir de novo, e outras em tal estado, á se não poder ler, como, por exemplo, a chronica do padre *João Felipe Betendorf*, que, para poder-se tirar o proveito desejado, tem necessidade, desde a primeira á ultima pagina, de ser redigida de novo, e estou muito persuadido que, se o Sr. Joaquim Norberto tivesse lido os manuscriptos, como me aconteceu, deixaria de ser impertinente, e não se dar em espectaculo no Instituto, maçando os seus membros com a leitura daquillo de que foi écho de outro, que lhe inspirou a idéa.

Servindo-me da chronica do jesuita José de Moraes, citei o seu nome em mais de um lugar, e, estando o leitor prevenido, entendi na pagina cem, empregar a expressão *continúa* o padre *José de Moraes*, etc., sem me lembrar, que teria de responder ao Sr. Joaquim Noberto, por não citar o nome do jesuita em cada linha.

Como já fiz ver, servindo-me de manuscriptos mal copiados, mal redigidos, e com citações latinas amontoadas, convinha supprimir o superfluo, conservando o essencial, que é a verdade historica; e nesse caso, não receiei da fidelidade do meu improbo trabalho, e altamente dispendioso.

Não me lembrei que plagiava, porque quem cita uma vez o nome da fonte donde extrahê, não póde ser considerado de plagiario, e, se o Sr. Joaquim Norberto, apesar de ser membro do Instituto Historico, tivesse conhecimento de tudo, o que se tem escripto sobre o Brasil, havia de se recordar (para se não expôr), que o padre Santa Maria, transcreve periodos inteiros no *Santuario Mariano*, e não menciona a *Chronica da Companhia* do padre Simão de Vasconcellos, donde extrahio; que o padre Ayres do Casal, com tantos creditos, e que mereceu o titulo de pai da geographia brasileira, copia periodos inteiros das *Memorias do bispo do Pará*, sem mencionar donde extrahio; que Monsenhor Pizarro serve-se das *Memorias* manuscriptas, que ora possui o Instituto Historico, e nem toca nellas etc., e nem por isso ninguem os tem censurado, porque os homens estudiosos não são embirantes, e sabem, que as verdades historicas não se

(1) Se me não falha a memoria, se me disse alli, que eu era a quarta pessoa, que examinava documentos desde que o archivo publico se estabeleceu, sendo tres estrangeiros, e eu o unico Brasileiro.

inventão, e podem ser reproduzidas livremente, ficando reservado ao leitor circunspecto e grave, saber se são exactas ; porém o Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva, cuidando ter feito uma grande descoberta, imaginou dar-me um quinão, como a gralha, vestido com o fardamento alheio, sem comprehender o alcance do beneficio que, a seu pezar, me fez, pois que, entendendo abocanhar-me, concorreu com a inspiração que lhe ministrarão para que o Instituto Historico lavrasse a sentença do merecimento da minha obra, que é — o de ser verdadeira no que expõe. O que admiro em tudo isso é, que o Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva, sendo verzejador, não tivesse em memoria o prudente conselho do poeta, que vem a ser :

« Cada um para seu fim busca o seu meio,
« Quem não sabe do officio não o trate »

Como já disse, depois que restitui os manuscriptos da nação, á secretaria do imperio, foi que o Sr. bacharel Candido Mendes pediu a *Chronica do padre José de Moraes*, e a fez imprimir, e foi tambem depois que lhe inspirarão a idéa, e estar publicada a *Chronica do padre Moraes*, que o Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva, com *pasmosa rapidez*, e com a *erudição alheia*, apresentou em desforra o parecer que leu no Instituto Historico, pois estou certo, que se lhe não inspirassem, e o manuscripto não estivesse impresso o Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva não se animaria, com *pasmosa rapidez* á folhear os manuscriptos dos Jesuitas, e vir em pleno Instituto mostrar a erudição que não possui, como a seu tempo mostrarei. Elogia-me que eu te elogiarei, que passaremos por sabios onde nada se escreve e nada se faz.

Note-se que vou imprimindo a minha *Corographia* com o meu dinheiro, sem importunar a pessoa alguma com subscrições, nem mesmo tenho pedido o favor da imprensa para a recomendar á consideração da sociedade, gastando com cada volume para mais de 2:000\$, sem fallar na gratificação que dou aos copistas, e na compra de manuscriptos, que tenho havido, alguns a peso de ouro. Unicamente por utilidade dos meus compatriotas, vou sacrificando o meu tempo, e o meu dinheiro, sem aspirações, e nem interesse de qualidade algum, porque ainda não fiz valer os meos serviços á patria, e nem aos meus semelhantes, para obter dinheiro das administrações provinciaes, e nem empregos do Estado, pois, o que tenho feito é voluntario, e sem pensamentos interesseiros. Bom ou máo, eu vou produzindo em proveito do paiz, sem pesar sequer de leve aos cofres da nação, enquanto que o Instituto Historico, com 5:000\$ que annualmente lhe consigna o orçamento geral, além do mais que percebe, a não serem as actas e discursos, apenas faz apparecer uma ou outra memoria sobre um ponto especial da historia do Brasil.

Disse que o Sr. J. Norberto de Souza e Silva não fallou por si, porque a idéa lhe veio de longe, sendo triste écho de voz estranha, pois que na sua repartição feudal não tem tempo de compulsar todos os documentos, por lhe não permittir o *immenso trabalho que ha nella*, que chega muitas vezes a *exceder além da hora marcada no regulamento* ; e quando lhe *sobra* depois

da hora alguns momentos de folga, os emprega em tomar apontamentos chronologicos para as folhinhas, e escrever com autores adiante dos olhos, bellos versos de força e cadencia dos que correm por ali impressos, sob a denominação do *Dirceo de Marília*, e *Cantos Epicos*, que delles me occuparei de espaço pelos jornaes, á medida que fôr respondendo ás novas e officiosas aggressões do Sr. Joaquim Norberto, sempre com a mesma força, porém sem horror, ou em appenso, a minha *Chorographia Historica*, onde fallarei das suas produções poeticas, para lhe fazer sentir de perto que— o Sr. Joaquim Norberto não tem sufficiencia litteraria para se arvorar em sensor, porque assim como arrebatá a alma a leitura dos vãos de uma imaginação brilhantes, facunda, causa realmente nausea a leitura de versos indigestos e estropiados, como os que forão o objecto de risotas e galhofas de alguns moços estudiosos, durante a viagem de instrucção da corveta *Bahiana*.

O Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva, no Instituto Historico, é uma *personagem de vulto*, quer pelos seus trabalhos historicos, e quer como poeta de *cothurno* de *bens altos*, muito particularmente pelo cuidado que toma na alimentação das traças, e do copim, em propor o recolhimento do mundo inteiro para o archivo; e estou vendo, que breve proprõe, para que se officie ao governo, á mandar vir a lua, á ser recolhida no archivo do Instituto Historico, e dalli transportada para as *Cabanas Romanticas*, á casar-se com o sol.

Ao terminar o presente communicado, direi ao Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva, que a nojenta aggressão que me fez no seio do Instituto Historico, me dispoz a acompanhá-lo, sem o perder mais de vista, até o cançar, e collocá-lo na sua verdadeira posição, no templo das musas, desde a biblioteca publica, até a secretaria do imperio; desde os *Cantos Epicos*, até o *Dirceo de Marília*, para tambem lhe dizer com um delles:

Tenho minhas
Ovelhinhas
Na maior estimação;
Se não tens em mim *bens altos*
Tens um firme coração. (1)

(*Dirceo de Marília* lyra 1.^a)

Dr. Mello Moraes.

Rio de Janeiro, 1862.

(1) Ao ler a primeira pagina prégada nessa *bandurra* veio-me á memoria uns versos attribuidos ao poeta pedreiro Jacinto José Murta Patatiba, muito conhecido na Bahia pela *cadencia* de seus versos:

Quando eu era pequenino
Comia milho na mão,
Agora sou gallo velho
Bato com o bico no chão

(Extrahido do sacco de *Januario Garcia* na colleção do poeta Horror.)

Quando esperava ser refutada a minha argumentação nos termos em que a civilidade, e sciencia costumão apparecer, li com pasmo em todos os jornaes da capital do imperio, a mais infame, torpe e nojenta descompostura, chegando a torpeza da aggressão, a trazer a luz da publicidade as nihilidades, da minha vida privada, que a ninguem pertence (1).

Bem que não militasse no mesmo terreno do meu officioso aggressor, como sabia ser elle homem sem nascimento, sem estudos academicos, e sim um curioso das letras, porque segundo me consta, não escreve cousa alguma sem ter adiante dos olhos uma porção de livros abertos, respondi aquillo á que devia responder, sem tocar na sua vida privada, até que um alto e respeitavel funcçionario publico, me dirigio a carta seguinte :

Illm. Sr. Dr.—Chegou a occasião de pedir um favor á V. S., e por ser o primeiro, confio em que m'o fará.

Tenho lido os artigos que V. S. e o Norberto, tem publicado sobre questões litterarias, e como ellas descerao ao terreno da personalidade, que é sempre máo entre pessoas, principalmente de boa sociedade, rogo a V. S., a ser possivel (o que creio) de dar por acabadas as questões, assegurando-lhe, que outro tanto fará o Norberto.

Conto com a bondade de V. S., e sou como sempre

Amigo, criado, e obrigado.

21 de Janeiro de 1862.—

* * * *

Como o illustre cavalheiro que me dirigio a carta, é pessca a quem não podia faltar, signifiquei-lhe a minha intenção do modo seguinte :

Rio de Janeiro, 21 de Janeiro de 1862.

Illustrissimo e Exm. Sr. Dr. * * * *

O que me pedirá V. Ex. que eu lhe não sirva! o artigo de amanhã já está na imprensa, e por isso irremediavelmente sahirá, porém largarei a penna de ora em diante, só para mostrar a V. Ex. o quanto póde a vontade de V. Ex. na minha estima. Permitta-me, que no jornal de depois de amanhã, dê uma satisfação ao publico, sem mencionar o

(1) A impressão dolorosa, que me causou a leitura desse pasquim inqualificavel, me fez escrever uma resposta tão virulenta, que a não ser a prudente reflexão do meu illustrado amigo o Exm. Sr. desembargador Manoel Eliziario de Castro Meneses, sem duvida a mandaria para a imprensa, e me sujeitaria a todas as suas consequencias.

Para que em todo o tempo o curioso das letras, possa apreciar o merecimento do meu detractor, e o conceito em que se deve tel-o, como poeta, e o soberano desprezo em que o tenho como litterato, é remettel-o á leitura das suas obras *Dirceo de Marília*, e *Cantos Epicos*, e outras produções sendo entre ellas a tragedia *Clitemnestra* e *Januario Garcia* donde lhe veio o titulo de *Poeta Horror* etc.

nome de V. Ex., motivando a razão, por que deixo o campo da discussão. Desejava mostrar ao Sr. J. Norberto, que elle não é homem, para discutir comigo, e pretendia reduzi-lo á sua verdadeira posição. V. Ex. pede, tudo está acabado. Sou com toda a amizade, e respeito

De V. Ex. amigo, etc.

Dr. Mello Moraes.

A minha despedida, foi a que se segue:

Aos homens illustrados e imparciaes.

Era o meu firme proposito, a minha idéa suprema no *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro, onde encetei, e proseguí na minha defeza, tirar dente por dente á vibora, que tão traiçoeiramente me picou no talão do sapato, e que não contente com essa torpeza, buscou enroscar-se em mim, para esquadrinhar-me os mysterios da vida intima, occulta, privada, que só á justiça Divina compete saber, para julgar, á fazer por inqualificavel maldade, que o coração vertesse sangue das feridas, que m'as abrio sem compaixão.

Um poder mais forte, que os meus caprichos, veio tirar-me a penna da mão dizendo-me, em face: « *Chegou o momento de pedir um favor a V. S.; por ser o primeiro, confio que m'o fará...* »

A dôr, por mais vehemente que seja, tambem tem religião, e só se apura, quando o sacrificio é grande. O sacrificio que faço em deixar a discussão, bem que com um phantasma, é muito grande, e por isso aceite o illustre cavalleiro, á quem devo attenções, o sacrificio da minha desistencia.

Depois de fallar particularmente de mim, como cidadão, com documentos não emprestados, (1) e não pedidos, porém voluntariamente man-

(1) O leitor desculpará que transcreva tão sómente do estrangeiro, sem fallar dos naturaes, estes documentos:

Señor.—Ha comision central de la Sociedad Filantrópica ha tenido la satisfacion de saber, por conducto del Sôr consul general de la republica en ese Imperio, el Sôr D. Gabriel Perez, la humanitaria impresion que os ha causado el lamentable estado á que su vió reducida esta capital en consecuencia de la epidemia que nos ha arrebatado muchas vidas preciosas, pero que hoy parece declinar notablemente, merced á la DIVINA PROVIDENCIA.

Y es tanto el interés benéfico que habeis tenido, Sôr Dr., por la salud de la poblacion de Montevideo, que enviaes generosamente á la Sociedad Filantrópica, por el paquete « Italia » dos cajones de tratados y medicinas homeopáticas, para curar la fiebre amarilla y el cólera mórbus.

Al anunciar al respetable y sabio Sôr Dr. Mello Moraes, el recibo de las espresadas medicinas, como ya lo participamos al Sôr Perez, cumple á la comision central manifestavos en nombre de la humanidad doliente, y en el suyo propio, el sumo aprecio y

dados, e com muito prazer recebidos, pretendia seguir em meu caminho, com a analyse circunstanciada de um livro de poesias do Sr.

gratitud con que ha acepiado vuestra generoso donacion, y de la que havá el uso que sea conveniente.

El país que posee hombres tan distinguidos como vós, Sör Dr. debe enorgulecerse, y al Brasil, vuestra patria, cábele felizmente esta dicha. Aceptad pues nuestra humilde y profunda simpatia, y contad, Sör, con que la Sociedad Filantrópica siempre se hará un honor en contávos en el número de sus miembros mais honorables e distinguidos.

Ha comision central ruega al Cielo por la salud del Sör Dr. Mello Moraes, y le ofrece su consideracion muy distinguida y respetuosa.

El Presidente.—L. Lezarca. *El Secretario.*—Ezequiel de Perez.

Al Sör Doctor D. Alejandro José de Mello Moraes.—*Presidente perpetuo del Instituto Homopatico del Brasil etc.*

O meu nome foi saudado com sincero apreço e amizade em um país estrangeiro por homens de bem que em dia de festa se congregarão para commemorações de solemnidades importantes ; suas palavras são as que se seguem :

HH. . mios—« Apesar de haberse brindado, como de orden, por el Ilust. . H. . Gabriel Perez, Sob. . Gr. . Comend. . Fund. . voy á decir algunas palabras en justo homeuage hácia este distinguido y Resp. . H. .

« La masoner. . en este Vall. . en medio de la desgraciada época por que hemos atravezado, ha venido á poner en transparencia á la faz del mundo entero, la altura á que ha llegado en la Repúb. . Orien. . del Uruguay. ¡ ¡ ay! del desgraciado repercutió como una chispa eléctrica en el corazon de los mason. . y estos sin hacerle esperar yolaron presurosos á su lecho para prestarle socorro y proteccion, llenando la mision sublime de los hijos de la V. . L. .

« La abnegacion mas completa, los esfuerzos mais heroicos se han hecho em medio del terrible flagelo que diezmo esta poblacion,

« La Com. . Cent. . representante de todas las LL. . de este Vall. . ha ultrapasado las esperanzas que las LL. . tuvieron á su formacion, y los servicios que han prestado los miemb. . que la componen son dignos del mayor encomio y de la gratitud de todos sus HH. .

« Y bien HH. . ¿ á quien se deben todos estos brillantes resultados ? ¿ á quien se debe que la mason. . en este Or. . haya llegado á la altura en que hoy se encuentra ? ¿ á quien se debe que en este dia solemne se encuentren reunidos este respetable número de HH. . dando una prueba palpitante del progreso de nuestra sublime institucion ?

« Al virtuoso, modesto, infatigable obrero Ilust. . H. . Gabriel Perez, Sob. . Gr. . Fund. . se HH. . mios,— á él— El solo con su constante anhelo por el bien de la humanidad, restableció la mason. . de este Or. . de la que fué fundador en otro tiempo, y marcó una nueva era en bien de la humanidad y mejoramiento de la sociedad. Todos los brillantes resultados que hoy tocamos, son debidos á la buena semilla que supo desparramar, y que hoy tiene la grata satisfaccion de recibir los óptimos frutos debidos á su constancia en esa obra de regeneracion del humano linage. Toda la gratitud y las bendiciones de los desgraciados hácia los que fueron sus protectores, y de las victimas arrancadas á las garras de la muerte, de la que no hubieran podido librarse sin los auxilios prestados por los mason. . son obra suya, y las preces que elevan al Dios del Universo van á posar sobre la cabeza de ese infatigable apóstol de la humanidad.

« En este dia solsticial en el Or. . de Rio Janeiro, donde se encuentra en desempeño de su comision oficial, estoy cierto que su pensamiento está encarnado en nosotros, contando com que sus HH. . en este Vall. . no dejarán de solemnizar debidamente la

Joaquim Norberto de Souza e Silva, intitulado *Dircéo de Marília, etc.*,

fiesta del día, y tal vez en este mismo instante eleva sus votos al Gr.º. A.º. D.º. U.º. por la felicidad de sus hijos y HH.º. Pido se me acompañe à hacer una triple batería en su honor deseándole salud y prosperidad.

« Pero antes permitidme algunas palabras mas en honor de otro digno é Ilust.º. H.º.

« Se ha hablado antes sobre los servicios recomendables prestados por algunos dignos mason.º. bleu HH.º. míos, hay un H.º. que aunque de un Or.º. extranjero se ha hecho acreedor al amor, respeto y consideracion de todos los mason.º. del Univ.º. y de este Or.º. en particular; este digno mas.º. es el Ilust.º. H.º. Mello Moraes. Notorios son los importantes servicios prestados por este Ilust.º. H.º. con sus actos filantrópicos hacia los desgraciados que sufrian en esta Capital en medio del terrible azote de la epidemia, ha probado de un modo espléndido que la humanidad tiene en él un campeón decidido, para el cual nada importan nacionalidades, sino que comprendiendo debidamente sus deberes de mas.º. vuela presuroso al auxilio de los que sufren en cualquier parte en que se hallen y donde si personalmente no se encuentra, envía valiosos contingentes para mejorar su situacion, como lo ha hecho con los de este Vall.º. Corazon noble, altamente mason.º. recibid las bendiciones de la humanidad.—El Gr.º. Or.º. del Brasil, al que tantos titulos de respeto y simpatia nos ligan, debe vangloriarse de contar en su seno un obrero tan distinguido como el Ilust.º. H.º. Dr. Mello Moraes y vangloriarse tambien de la página brillante que este Ilust.º. H.º. ha agregado á los grandiosos antecedentes con que cuenta la sublime institucion mason.º. en el G.º. O.º. del Rio de Janeiro—Honor y gratitud à este digno H.º. Yo os invito á saludarlo con una triple batería, como justo testimonio de nuestro aprecio deseándole que el G.º. A.º. D.º. U.º. conserve su importante vida para bien del orden y de la humanidad entera. »

Mis QQer.º. HH.º.—« Los lazos prof.º. que me ligan á nuestro H.º. Gr.º. Com.º. Fund.º. Gabriel Perez, me imponen el deber, muy grato à my corazon, de hacer à su nombre, esta manifestacion pública de la mas íntima gratitud por las benevolas y fraternales espresiones vertidas en su honor por los QQ.º. IIII.º. Madera y Vaillant y por el brindis propuesto à su salud que vosotros todos habeis tan favorablemente acogido.

« No es esta HH.º. míos, la primera vez que en mi calidad de hijo, he debido haceros oír mi voz siempre débil, siempre insuficiente, para espresar todo mi reconocimiento por el recuerdo qui en circunstancias análogas habeis dedicado à mi padre.

Cuando despues de la larga suspencion de nuestros trab.º. trason.º. producida por causas conocidas de todos, fué preciso volver à plantear en nuestro Vall.º. con una base sólida y duradera, nuestra sagr.º. instituc.º., cuando era preciso infundir en el corazon de los nuevos y numerosos adeptos sus santos y morales principios, nuestro H.º. Gabriel Perez vino espresamente à este Vall.º., traído por su fervor y su amor à la ins.º. tit.º. y prestó su débil contingente de abnegacion y trab.º. como buen obrero pulió su piedra y la unió à la obra comun.º. en esto IIII.º. míos, no hize mas que cumplir con su deber como mas.º.—Cuando el acontecimiento desgraciado de la epidemia que oprimió esta capital, ha venido à someter à una dura prueba à nuestra naciente mas.º. y que ella, alzándose como un solo individuo à la voz de la humanidad doliente, ha correspondido como debia, à esa prueba convirtiendo sus sagrados principios en hechos prácticos, nuestro H.º. Gabriel Perez apezar de la larga distancia que lo separaba de nosotros, não ha podido ser sordo à la voz lastimera del desgraciado que sufría y empleando los medios à su alcance para segundar nuestros esfuerzos, para ayudarnos à cumplir nuestra sagr.º. mision, remitió tambien su débil contingente y en este caso, HH.º. míos, no ha hecho mas que cumplir igualmente con su deber como mas.º.

« Nuestro quer.º. H.º. Madera, llevado indudablemente de la afeccion y particular aprecio con que favorece à nuestro H.º. Gabriel Perez, pretende concederle todo el mérito de tan acabada obra, pero yo me permito hacerle presente que si bien nuestro

etc. (1), e passar aos *Cantos Epicos*, e posso com segurança affir-

H.º Gabriel Perez ha tenido la fortuna y el honor de ocupar en esa obra un puesto principal y de atender à sus deberes con una dedicacion y perseverancia que yo mismo H.º mios, no puedo dejar de reconocerle, todos sus esfuerzos, todos sus trab.º habrian sido infructuosos, habrian fracasado completamente si no hubiera tenido la cooperacion franca y decidida de numerosos HH.º, dotados igualmente de fê, de abnegacion y de constancia, sin cuyo poderoso concurso nada habia hecho nuestro H.º Gabriel Perez. Ese honor pues corresponde tambien à esos HH.º muchos de los cuales presiden hoy dignamente nuestra Ord.º en este Or.º.

« En cuanto à nuestro quer.º H.º Vaillant solamente le recordaré que en esas mismas palabras, à que ha hecho referencia, pronunciadas por el H.º Gabriel Perez en el seno de la Resp.º Log.º LES AMIS DE LA PATRIE, se encuentra bien espresado su sentimiento fraternal de admiracion y respeto hãcia una Log.º que à despecho de la época mas calamitosa por que ha pasado este paiz, sostuvo siempre firmes sus column.º y flameante su estandarte.

« Perdonad HH.º mios, si tambien agradezco à nuestro H.º Madera à nombre del Ilust.º y Resp.º H.º Dr. Alejandro José de Mello Moraes, su fino y oportuno recuerdo. El Ilust.º H.º Mello Moraes nos ha dado indudablemente una prueba inequivoca de los sentimientos altamente humanitarios y mason.º que lo distinguen. Dos eran los deberes que en estas circunstancias estaban impuestos à aquel digno H.º. En el ejercicio de su noble profesion de médico, debia no olvidarse que habian infelices enfermos à quienes su ciencia podia ser provechosa y llenó ese deber enviando gran cantidad de valiosos medicamentos adecuados à la terrible enfermedad que nos agobiaba como mas.º debia tener presente que la epidemia habia de producir desgracias y miserias, y llenó tambien ese deber de una manera digna, enviando à la Comis.º Cent.º para venderse y destinar su producto al socorro de los necesitados, cantidad de obras científicas, fruto de su fecunda imaginacion y de su reconocido talento. Yo me persuado que merezco su aprobacion é interpreto sus nobles sentimientos, abrogandome en este momento el derecho de agradecerlos el brindis y bateria, con tanta justicia, ejecutados en su honor. »

(1) Annunciando a imprensa uma nova edição, das inimitaveis lyras do famoso poeta desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, pelo Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva, mandei immediatamente por curiosidade, ao mercado os meus 6\$ em busca do livro, bem que não esperava achar um trabalho critico, luminoso e digno do immortal Dirceo, eis-me novamente abarbadado com o Dirceo de Marilia, pelo Sr. Norberto, com algumas mudanças para peior :

Se não tens em mim bens altos
por
Se não tens em mim riqueza
Tens um firme coração.
Mas não corres sem riqueza
&c., &c., &c.

E' necessario ser-se muito audaz, e não ter-se criterio algum, e nem conhecimento do seu merito para se antepor, ou mesmo emparelhar as lyras de Gonzaga, com o tal Dirceo de Marilia do Sr. Norberto, que realmente é um escarro de poesia, que nem o cozinheiro de Gonzaga lhe quereria a paternidade. Desesperado pelo logro, atirei com os 2 volumes pelos ares, ficando-me, o pezar de ter dispendido sem fructo, seduzido pelos elogios que talvez fossem de lavra propria, das gazetas diarias !!!

O Sr. Joaquim Norberto dando-nos um retrato do desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, mostrou não entender o inimitavel poeta, porque Dirceo na lyra 3.ª da segunda parte se desreve claramente :

Já, já me vai, Marilia, branquejando
Louro cabelo, que circula a testa ;
Este mesmo, que alveja, vai cahindo,
E pouco já me resta.

mar, que cada dez linhas dessa brochura, ou antes quaderno, me darião materia para um capitulo, até chegar aos *paineis de palacio* (os cortejões do primeiro imperador) nas *festas do Cruzeiro*; e dahi aos *Guararapes*, onde o *famoso poeta e digno de estima*, sem mais nem menos, põe o augusto e illustrado viajante, á dormir e a sonhar, poucos momentos depois de chegar a Pernambuco, em modo que mesmo dormindo, percorre a heroica provincia, até á hora em que novamente se embarca

As faces vão perdendo as vivas côres,
E vão-se sobre os ossos enrugando,
Vai fugindo a viveza dos meus olhos;
Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergão;
As forças dos meus membros já se gastão;
Vou a dar pela casa uns curtos passos,
Pestão-me os pés, e arrastão.

Se algum dia me vires desta sorte,
Vê que assim me não poz a mão dos annos:
Os trabalhos, Marília, os sentimentos,
Fazem os mesmos damnos.

Mal te vir, me dará em poucos dias
A minha mocidade o doce gosto;
Verás burnir-se a pelle, o corpo encher-se,
Voltar a côr ao rosto.

No calmoso verão as plantas seccão;
Na primavera, que os mortaes encanta,
Apenas cae do Céu o fresco orvalho,
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece;
Mas logo que a doença faz seu termo,
Torna, Marília, a ser quem d'antes era,
O definhado enfermo.

Suppõe-me qual doente, ou qual a planta,
No meio da desgraça, que me altera:
Eu tambem te supponho qual saude,
Ou qual a Primavera.

Se dgo esses teus meigos, vivos olhos
Aos mesmos Astros luz, e vida ás flores,
Que effeito não farão em quem por elles
Sempre morreu de amores?

O desembargador Gonzaga já tinha, quando foi preso, pelo que elle mesmo disse no interrogatorio, para mais de 40 annos, achava-se calvo, de feições enrugadas, olhos amortecidos, e completamente mudado o seu todo, pelos trabalhos e enfermidades; emquanto que, o Sr. Norberto apresenta-nos um rapazola, no carcere, de cabelleira a Magdalena, com camiza de babados, peito amostra, manga arregaçada, de capote e botas de canhão, tendo ao lado um moringue e uma tigelinha de barro quando o poeta diz, que é provido de varios manjares, que na turalmente devião vir em louça fina, atenta a sua posição social, e curada educação!!

O desembargador Gonzaga na Ilha das Cobras escreveu as lyras 21, 22, e 23 &c., e bastavão ellas e o mais do processo, para se dar ao publico uma copia, mais ou menos approximada do inimitavel poeta.

para regressar dalli! . . O que se admira em todo esse tempo, é que o illustrado monarcha que, com tanto gosto e interesse de ver e saber, emprehendeu uma viagem, tivesse em Pernambuco um somno tão pesado, que o não acordassem o *bronze brama*, e a vozeria da molecagem, as *legiões de anjos* sobre elle, nem as caricias e affagos das *duas tapuias*, e mesmo as histórias, que em sonhos lhe contárão, chegando o barulho a tal ponto, de bater com o corpo nas estrellas! Que somno!!

Nem o *bronze aereo*, nem a promessa de ser futuro rei dos pretos do engenho dos campos dos Guararapes, e nem de ter por *diadema a austral corda*, fizeram com que o augusto e bemfazejo monarcha despertasse do somno!! O illustrado monarcha, que foi incansavel em ver e examinar tudo com os seus proprios olhos, perdeu todo o vigor da mocidade, e cahio no *aureo leito*, que lhe armou o *bravo tigre-tomba*, onde levou *dormindo e sonhando*, e com os olhos bem *cerrados*, para não ver a provincia, até pouco antes de se erguer da cama, para se embarcar.

Todo o meu trabalho fica inutilisado, porque é força ceder a quem me pedio. Não fallarei mais sobre esta questão; e a respeito do Sr. J. Norberto direi, como disse Jesus Christo pregado na cruz: « *Pater, demitte illis: non enim sciunt quid faciunt.* »

Dr. Mello Moracs.

FIM.

RACIIFICAÇÃO.

Revendo os documentos que tenho, sobre a revolução de Portugal de 24 de Agosto na cidade do Porto, e 15 de Setembro de 1820, em Lisboa, declaro que a noticia da revolução chegou ao Rio de Janeiro nodia 12 de Outubro, e não em Novembro, como por *en-*
se imprimio.

INDICE

DA

COROGRAPHIA HISTORICA, CHRONOGRAPHICA, GENEALOGICA, NOBILIARIA, E POLITICA

DO

IMPERIO DO BRASIL.

TOMO IV.

	PAGE.
Annuaire do padre Antonio Vieira	5
Collegio da Bahia	10
Collegio do Rio de Janeiro	98
Missão do Rio dos Patos	104
Missão da capitania do Espirito Santo	110
Missão dos Mares Verdes	114
Collegio da capitania de Pernambuco	116
Despedida do Padre Antonio Vieira	122
Noticia do Governo temporal dos Indios do Maranhão, e das leis e razões porque os reis o commettêrão aos missionarios, e em que consiste o dito governo chamado temporal que exercitão os missionarios sobre os Indios &c., &c.	122
Protesto e notificação aos padres para sahirem do Estado do Maranhão, documentos manuscriptos	186
Informação a Sua Magestade sobre o succedido no Maranhão em Fevereiro de 1684	199
Razões porque os padres devem ser restituídos às aldeas	242
Do modo de fazer as missões no Maranhão	253
De que maneira se possão fazer as missões no Estado do Maranhão (extrahido de um manuscripto)	260
Primeira condição	268
Segunda e terceira condições.	269
Quarta condição.	290
Petição do padre Pedro Pedrosa á junta de repartição dos Indios, em nome dos missionarios e dos mesmos Indios sobre a dita repartição	315
Protesto que faz o padre Pedro Pedrosa da Companhia de Jesus visitador das missões deste Estado, em seu nome, e dos principaes das aldeas e padres missionarios &c., &c.	325
Petição do padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus ao governador do Maranhão D. Pedro de Mello	333
Traslado authentico do regimento do povo do Pará ao governador Ignacio do Rego Barreto contra os padres em 1654	344
Requerimento que faz o povo desta cidade de Bethlem, capitania do Pará ao capitão-mór e governador della Ignacio do Rego Barreto	345
Certidão passada por Antonio Pinto da Gaia, capitão-mór da cidade de Bethlem do Grão-Pará, a 6 de Fevereiro de 1671, sobre certo descimento de Indios, do Rio dos Tocantins	346
Breve narração do que tem succedido na missão dos Gamellas, desde o anno de 1751 até 1753, extrahido de um manuscripto authentico que possuimos	347

Carta do Padre Bartholomeu Rodrigues, ao provincial Jacintho de Carvalho, datada de Goicurpá dos Tupinambaras a 2 de Maio de 1714	361
Illustre morte que padeceu o veneravel padre João de Villar, da nossa companhia, depois da sua religiosa e santa vida, no estado do Maranhão (extrahido de um manuscripto)	372
O padre José Anchieta apostolo do Brasil.	410
Missão do Padre Fernão Cardim	417
Documentos sobre a expulsão dos Jesuitas do Rio de Janeiro e de outros lugares. Da lista a que se refere o precedente officio, consta em resumo que o numero dos padres que existião na capitania erão de 199 repartidos do modo seguinte . .	479
Copia da conta que deu ao Exm. conde e general, desembargador Agostinho Felix Santos Campello assignada pelo seu escrivão	488
Breve que o santo Padre Benedicto XIV, expedio em 20 de Dezembro de 1741, aos arcebispos, e bispos, do Estado do Brazil, clamando contra a escravidão dos Indios, e violencias que lhes fazião, prohibindo-as debaixo de excommunição, late sententiæ: e excitando a eximia piedade de el-rei D. João V, de feliz recordação, para cohibir pelos seus ministros, e officiaes, aquellas extorsões. Aos veneraveis irmãos arcebispos, e bispos do Brasil, e dos outros dominios, que o nosso carissimo em Christo filho João, rei de Portugal, e dos Algarves, posue nas Indias occidentaes, e na America.	489
Lei de 6 de Junho de 1755, pela qual el-rei fidelissimo, felizmente reinante (no mesmo espirito da bulla pontificia acima indicada) excitou a observancia della, e de todas as mais bullas pontificias, e leis regias, que tinham precedido; para restituir aos Indios do Grão-Pará, e Maranhão a liberdade de suas pessoas, bens, e commercio	493
Lei do 1.º de Abril de 1680.	494
Lei de 10 de Novembro de 1647.	496
Lei de 7 de Junho do mesmo anno de 1745, porque o mesmo monarcha fidelissimo excitou tambem a inviolavel observancia da outra lei de 12 de Setembro de 1683, que havia estabelecido, que os mesmos Indios do Grão-Pará, e Maranhão, fossem governados no temporal, pelos generaes e ministros daquelle Estado, e pelos seus principaes, ou chefes nacionaes, com inhibição do governo temporal aos regulares, missionarios, que a não podião exercitar conforme o direito commum, e conforme as suas constituições religiosas	501
Relação abreviada da republica, que os religiosos Jesuitas das provincias de Portugal, e Hespanha, estabelecerão nos dominios ultramarinos das duas monarchias; e da guerra que nelles tem movido, e sustentado contra os exercitos hespanhóes e portuguezes, formada pelos registros das secretarias dos dous respectivos principaes commissarios, e plenipotenciarios, e por outros documentos authenticos. Foi compilada na secretaria de Estado, no mez de Setembro de 1757, pelos originaes que nella se achão existentes.—primeiro ponto—Usurpação da liberdade dos Indios	504
Segundo ponto.—Usurpação da propriedade dos bens dos mesmos Indios. . .	505
Terceiro ponto.—Usurpação da perpetua cura das parochias dos mesmos Indios. . .	505
Quarto ponto.—Usurpação do governo temporal dos mesmos Indios.	506
Quinto ponto.—Usurpação do commercio terrestre, e maritimo dos mesmos Indios. . .	507
Copia das Instrucções que os padres que governão os Indios, lhe derão quando marcharão para o exercito, escriptas na lingua Guarany, e delle traduzidas fielmente na mesma fórma, em que forão achadas aos referidos Indios	523
Copia da carta que o povo ou antes o cura da aldêa de S. Francisco Xavier escreveu em 5 de Fevereiro de 1756, ao chamado corregedor, que capitaneava a gente da mesma aldêa, no exercito da rebellião, escripta na lingua Guarany, e della traduzida fielmente na lingua portugueza.	525
Copia da carta sediciosa e fraudulenta, que se fingio ser escripta pelos caciques das aldêas rebeldes, ao governador de Buenos-Ayres: sendo que é inverosimil, que se mandasse ao dito governador, e que o mais nutural é que se compoz debaixo daquelle pretexto, para se espalhar entre os Indios, ao fim de lhe fazer criveis os enganos que nella se contém, escripta na lingua Guarany, e della traduzida fielmente na lingua portugueza	526
Copia da convenção celebrada entre Gomes Freire de Andrada, e os caciques, para a suspensão de armas	528
Instrucção que Sua Magestade Fidelissima mandou expedir em 8 de Outubro de 1757, a Francisco de Almada Mendonça, seu ministro na curia de Roma, sobre	

as desordens que os religiosos Jesuitas tinham feito neste reino, e no Brasil : para as representar ao santissimo padre Benedicto XIV, com a relação abreviada dos insultos que os mesmos religiosos haviam feito no norte, e no sul da America portugueza	529
Instrução dirigida na data de 10 de Fevereiro de 1758, ao mesmo Francisco de Almada de Mendonça, ministro de Sua Magestade Fidelissima na curia de Roma ; informando-o das desordens que at aquelle tempo haviam accumulado os religiosos da Companhia de Jesus, aos muitos absurdos em que se tinham precipitado nos dominios ultramarinos desta monarchia, quando Sua Magestade se vio obrigado a informar o santissimo padre Benedicto XIV, dos insultos dos ditos religiosos, pela outra carta instructiva de 8 de Outubro de 1757.	533
Breve do 1.º de Abril de 1758, pelo qual o santo padre Benedicto XIV, sobre as instancias de el-rei fidelissimo, conteudas nas duas cartas acima indicadas, constituo o eminentissimo e Revm. cardeal Saldanha, visitador e reformador geral da Companhia de Jesus, nestes reinos de Portugal, e dos Algarves, e todos os seus dominios ; e traducção do mesmo breve na lingua portugueza.	538
Mandamento do mesmo eminentissimo e Revm. cardeal, visitador e reformador geral, expedido em 15 de Maio do mesmo anno de 1758, para suspender o escandaloso commercio, que o governo dos sobreditos regulares da Companhia denominada de Jesus, estavam publicamente fazendo nos referidos reinos, e seus dominios	542
Edital que o eminentissimo e Revm. cardeal Manoel, publicou a 7 de Junho do mesmo anno de 1758, para suspender os mesmos regulares dos exercicios de confessar, e pregar no seu patriarchado ; como praticarão todos os outros prelados destes reinos.	549
Memorial que foi apresentado em 31 de Julho do mesmo anno de 1758 ao santo padre Clemente XIII, pelo geral da Companhia, para revogar o breve da reforma, e parecer ou voto, que sobre o mesmo memorial, se interpoz na congregação, que o mesmo santo padre convocou para se considerar o referido memorial.	549
Parecer que deu a congregação, sobre o conteudo no memorial antecedente, tendo-lhe sido remetido por Sua Santidade, para que o examinasse	551
Edital regio, publicado no dia 13 de Dezembro do mesmo anno de 1758, em que forão presos os principaes réos do sacrilego insulto commettido em 3 de Setembro do mesmo anno, na sacra real pessoa de Sua Magestade Fidelissima, para se acabarem de descobrir os réos daquelle horroroso attentado, que ainda se achassem occultos	553
Sentenças que em 12 de Janeiro do presente anno de 1759, proferio a suprema junta de inconfidencia, contra os réos do mesmo sacrilego attentado : deferindo na primeira, a justa e zelosa representação do povo de Lisboa, em que requereu que os réos de tão nunca imaginado, e horroroso crime, fossem primeiramente exautorados da honra, e da naturalidade de vassallos deste reino ; e passando na segunda, a julgar a causa nos seus mercimentos.	555
Representação que fez o juiz do povo, e casa dos vinte e quatro, em observancia do decreto de 9 de Dezembro de 1758, e sentença que sobre ella se proferio por ordem de Sua Magestade Fidelissima.	573
Sentença.	575
Relação das pessoas que forão desnaturalizadas por esta sentença.	576
Aviso.	576
Carta regia expedida em 19 de Janeiro de 1759, aos dous chancelleres das relações de Lisbon, e Porto para a reclusão das pessoas, e sequestro dos bens dos regulares da Companhia denominada de Jesus, que haviam machinado, persuadido, e incitado, a conjuração que abortou aquelle execrando delicto	576
Carta regia	580
Carta regia	583
Carta regia dirigida em 20 de Abril do mesmo anno de 1759, ao santo padre Clemente XIII, pela filial veneração de el-rei fidelissimo, sobre o ultimo estado da sociedade denominada de Jesus, nestes reinos de Portugal e seus dominios, sobre as resoluções que Sua Magestade havia tomado a respeito della &c. &c.	584
Carta que o mesmo monarcha fidelissimo, dirigio no dia 6 do referido mez de Setembro, ao mesmo eminentissimo, e Revm Cardeal Patriarcha, para encarregar a administração tanto das igrejas, como dos edificios, &c	586

Lei dada em 3 de Setembro do mesmo anno, para a proscriptão, desnaturalisa- ção, e expulsão dos sobreditos regulares, nestes reinos, e seus domínios. . .	587
Francisco I, Cardeal Patriarcha de Lisboa.	590
Missões do Castello na capital do Imperio do Brasil, pelos Barbadinhos ou capu- chos Italianos.	599
Appendice Chorographia.	609
Instituto Historico.	603
Aos homens illustrados e imparciaes	609

Stanford University Libraries



3 6105 010 310 444

STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES
STANFORD AUXILIARY LIBRARY
STANFORD, CALIFORNIA 94305-6004
(415) 723-9201

All books may be recalled after 7 days

DATE DUE

JUN 05 2004
JUN 21 2004

